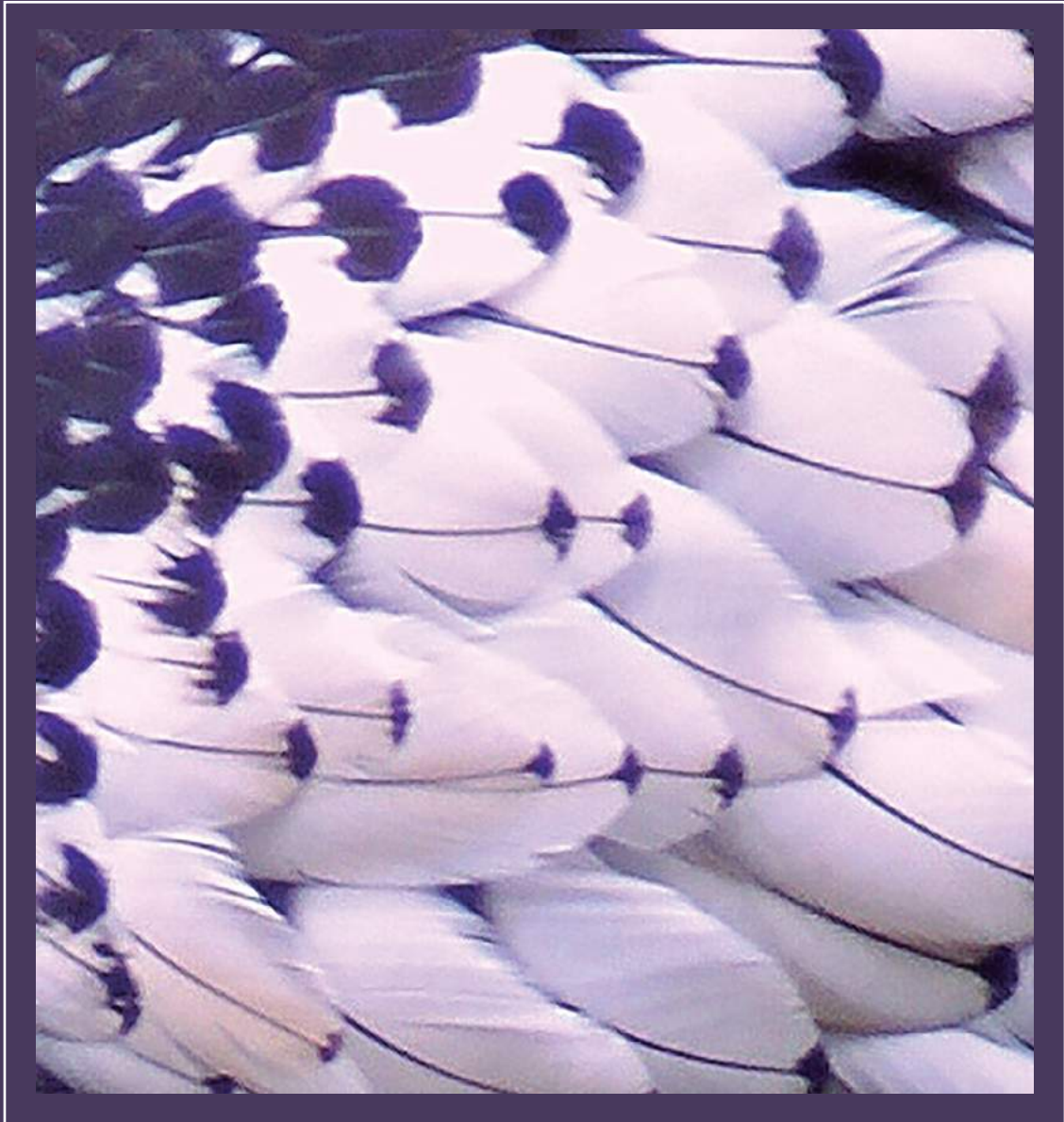


INSTITUTO CHICO MENDES
DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE



LIVRO VERMELHO

DA FAUNA BRASILEIRA AMEAÇADA DE EXTINÇÃO

VOLUME III – AVES

2018

Presidente da República

Michel Temer

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE

Ministro

Edson Duarte

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Presidente

Paulo Henrique Marostegan e Carneiro

Diretor de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade

Marcelo Marcelino de Oliveira



AVES



Coordenadora Geral de Estratégias para Conservação

Rosana Junqueira Subirá

Coordenadora do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres– CEMAVE

Priscilla Prudente do Amaral

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade
Coordenação Geral de Estratégias para Conservação

LIVRO VERMELHO

DA FAUNA BRASILEIRA AMEAÇADA DE EXTINÇÃO

VOLUME III – AVES

ICMBio
Brasília
2018

**Coordenadora Geral de Estratégias
para Conservação**

Rosana Junqueira Subirá

Equipe executora

**Coordenação de Avaliação do Estado de
Conservação da Biodiversidade**

Rosana Junqueira Subirá

Amanda Galvão

Carlos Eduardo Guidorizzi de Carvalho

Drielle dos Santos Martins

Estevão Carino Fernandes de Souza

Julia Borges Feliciano de Lima

Juliana Bosi de Almeida

Leonardo Gonçalves Tedeschi

Marina Palhares de Almeida

Mônica Brick Peres

Ugo Eichler Vercilo

Projeto Gráfico

Amanda Galvão

Rosana Junqueira Subirá

Wagner Ramirez

Ângela Ester Magalhães Duarte

Bruno Freitas de Paiva

Foto capa

Lucas Leite

Equipe de elaboração desta publicação

Rosana Junqueira Subirá

Amanda Galvão

Carlos Eduardo Guidorizzi de Carvalho

Ana Hermínia Simões de Bello Soares

Drielle dos Santos Martins

Fernanda Aléssio Oliveto

Gabriela Leonhardt

Lara Gomes Cortês

Mayra Pimenta

Omolabake Alhambra Silva Arimoro

Tamilis Rocha Silva

Tiago Castro Silva

Verônica de Novaes e Silva

L788 Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III – Aves / -- 1. ed.
-- Brasília, DF : ICMBio/MMA, 2018.
7 v. : il.

Conteúdo: v.1. Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção (impresso);
v.2. Mamíferos - v.3. Aves - v.4. Répteis - v.5. Anfíbios - v.6. Peixes - v.7.
Invertebrados (Pencard).

1. Fauna em extinção - Brasil. 2. Animais silvestres - Brasil. 3. Espécies ameaçadas.
4. monitoramento da fauna. 5. Biodiversidade 6. Conservação ambiental. I. Instituto
Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. II. Título.

CDU: 330.524:504.74.052(81)
CDD: 333.95420981

Coordenadores de Táxon

Amazônia

Alexandre Luis Padovan Aleixo (MPEG)

Mário Cohn-Haft (INPA)

Sérgio Henrique Borges (FVA)

Caatinga

Caio Graco Machado (UEFS)

Helder Farias Pereira de Araujo (UFPB)

Cerrado e Pantanal

Miguel Ângelo Marini (UnB)

Mata Atlântica e aves de ampla distribuição

Luís Fábio Silveira (MZUSP)

Aves limícolas

Wallace Rodrigues Telino Júnior (UFRPE)

Aves marinhas

Leandro Bugoni (FURG)

Equipe CEMAVE

Priscilla Prudente do Amaral - Ponto Focal

Andrei Langeloh Roos - Ponto Focal

Andressa Barbara Scabin

Danielle Custódio Leal

Fernanda Pinto Marques

Laís Cristina Álvares Rodrigues de Assis

Manuella Andrade de Souza

Murilo Sérgio Arantes

Suylane Barbalho de Lima Silva

Especialistas participantes do processo de avaliação

Adrian Eisen Rupp – FURB
Alan Loures-Ribeiro – UFPB
Alessandro Pacheco Nunes – UFMS
Alexander Charles Lees – MPEG e MMU
Alexandre Luis Padovan Aleixo – MPEG
Alexandre Venson Grose – UFPR e UNIVILLE
Anamaria Achtschin Ferreira – UEG
André Cordeiro De Luca – autônomo
Andrei Langeloh Roos – ICMBio/CEMAVE
Andrew Whittaker – MPEG
Antonio Augusto Ferreira Rodrigues – UFMA
Antonio Eduardo Araújo Barbosa – ICMBio/CEMAVE
Antonio Emanuel B. Alves de Souza – ICMBio/CEMAVE
Áureo Banhos dos Santos – UFES
Bruno Jackson Melo de Almeida – Fundação Mamíferos Aquáticos
Caio Azevedo Marques – UESC
Caio Graco Machado – UEFS
Caio José Carlos – UFRGS
Camile Lugarini - ICMBio/CEMAVE
Carlos Ernesto Candia Gallardo – USP
Carlos Martínez Ruiz – UFMA
Christian Borges Andretti – INPA
Ciro Ginez Albano – autônomo
Dalci Mauricio Miranda de Oliveira – UFMT
Dante Renato Corrêa Buzzetti – Centro de Estudos Ornitológicos
Diego Luna Quevedo – Manomet Center for Conservation Sciences, EUA
Edson Varga Lopes – UFOPA
Elivan Arantes de Sousa – ICMBio
Erich de Freitas Mariano – UFCEG
Fabio Schunck – IB-USP/MZUSP
Fernando Costa Straube – Hori Consultoria Ambiental
Flávia Torres Presti – UNESP
Francisco N. Sagot-Martin – Grupo Ornitológico Potiguar
Giovanni Nachtigall Maurício – UFPEL
Gislaine Maria Silveira Disconzi – Wetlands International
Glayson Ariel Bencke – FZB/RS
Guilherme Renzo Rocha Brito – MN/UFRJ
Gustavo Bernardino Malacco da Silva – ANGA
Guy Kirwan - Field Museum of Natural History
Helder Farias Pereira de Araujo – UFPB
Iubatã Paula de Faria – UFMS
João Batista de Pinho – UFMT
João Luiz X. do Nascimento – ICMBio/CEMAVE
Jorge Luiz do Nascimento – ICMBio
Juan Manuel Ruiz-Esparza Aguilar – UFS
Juliana Bosi de Almeida – SAVE Brasil
Kleber Gomes de Oliveira – ICMBio
Leandro Bugoni – FURG

Lemuel Olívio Leite – UNIMONTES
Lucas Aguiar Carrara de Melo – Aves Gerais Monitoramento Ambiental
Luciene Carrara Paula Faria – Aves Gerais Monitoramento Ambiental
Luciano Moreira Lima – MZUSP
Luciano Nicolás Naka – UFPE
Luís Fábio Silveira – MZUSP
Luiz Augusto Macedo Mestre – UFPR
Márcia Gonçalves Rodrigues – ICMBio
Márcio Amorim Efe – UFAL
Márcio Repenning – PUCRS
Marcos Maldonado Coelho – USP
Marcos Pérsio Dantas Santos – UFPA
Maria Catarina Cavalcanti Cabral - Ibama
Marina Somenzari – ICMBio/CEMAVE
Mario Cohn-Haft – INPA
Mauro Guimarães Diniz - Ibama
Miguel Ângelo Marini – UnB
Neiva Maria Robaldo Guedes – Projeto Arara-azul
Nuno Rodrigues da Silva – ICMBio
Patrícia Pereira Serafini – ICMBio/CEMAVE
Paula Fernanda Albonette de Nóbrega – UFMG
Paulo de Tarso Zuquim Antas – PTZA Consultoria em Meio Ambiente
Pedro Cerqueira Lima – UFBA
Rachel Maria de Lyra Neves – UFRPE
Rafael Alves dos Santos e Santos – UFBA
Rafael Antunes Dias – UFPel
Roberta Costa Rodrigues – UFPE
Rochely S. Morandini – USP
Romina do Socorro da Silva Batista - INPA
Romulo Ribon – UFV
Rudi Ricardo Laps – UFMS
Santos D'Angelo Neto – UNIMONTES
Sérgio Henrique Borges – FVA
Severino Mendes de Azevedo Júnior – UFPE
Sidnei de Melo Dantas – MPEG
Sônia Aline Roda – SAR Ambiental
Tatiana Pongiluppi Souza – SAVE Brasil
Thiago Filadelfo Miranda – UnB
Thiago Orsi Laranjeiras – ICMBio
Tiago Augusto Lima Cardoso – UFCG
Tibério C. T. Burlamaqui - MPEG
Túlio Dornas – UNITINS
Victor Gonçalves de Castro – UFT
Vitor de Queiroz Piacentini – MZUSP
Wallace Rodrigues Telino Júnior – UFRPE
Weber Andrade de Girão e Silva – Aquasis



Como citar a obra:

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2018. **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Brasília: ICMBio. 4162 p.

Como citar o Volume III:

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2018. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves. *In*: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. (Org.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Brasília: ICMBio. 709p.

Como citar cada espécie:

Autor(es). 2018. **Nome completo da espécie**. *In*: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. (Org.). Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves. Brasília: ICMBio. p. xx-xx.

Exemplo:

Mestre, L.A.M. 2018. ***Tinamus tao* Temminck, 1815**. *In*: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. (Org.). Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves. Brasília: ICMBio. p. 18-20.



Lista de siglas

ACAP	<i>Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels</i>
AMPA	Associação Amigos do Peixe-boi
ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
ANGÁ	Associação para Gestão Socioambiental do Triângulo Mineiro,
APA	Área de Proteção Ambiental
APP	Área de Preservação Permanente
AQUASIS	Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos
ARIE	Área de Relevante Interesse Ecológico
ASASG	<i>Anteater, Sloth & Armadillo Specialist Group</i> - Grupo de especialistas em Tamanduás, Preguiças e Tatus
ASPE	Área de Proteção Especial
AVIDEPA	Associação Vila-velhense de Proteção Ambiental
AVP	Análise de Viabilidade Populacional
CAIPORA	Cooperativa para Conservação da Natureza
CASIB	Criadouro de Animais Silvestres da Itaipu Binacional
CBRO	Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos
CBSG	<i>Conservation Breeding Specialist Group</i>
CCTEP	Comitê Científico, Técnico e Econômico das Pescas da União Europeia
CDB	Convenção sobre Diversidade Biológica
CEBIMar	Centro de Biologia Marinha
CECAT	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade do Cerrado e Caatinga
CECO	Centro de Estudo Ecológicos e Educação Ambiental
CEF	Centro de Ensino Fundamental
CEMAVE	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres
CEMIG	Companhia de Energia Elétrica de Minas Gerais
CENAP	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros
CENA-USP	Centro de Energia Nuclear na Agricultura da USP
CEPAM	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Amazônica
CEPAN	Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste
CEPEC	Centro de Estudos de Pesquisas do Cacau
CEPLAC	Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira
CEPSUL	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Sudeste e Sul
CEPTA	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Peixes Continentais
CESP	Companhia Energética de São Paulo
CETAS	Centro de Triagem de Animais Silvestres
CGPEG	Coordenação Geral de Petróleo e Gás (IBAMA)
CI	<i>Conservation International</i>
CIB	Comissão Internacional da Baleia
CIGS	Centro de Instrução de Guerra na Selva
CIT	Convenção Interamericana para a Proteção e Conservação das Tartarugas Marinhas
CITES	Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção
CHUNB	Coleção Herpetológica da Universidade de Brasília
CMA	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos



CMS	Convenção sobre Espécies Migratórias
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNUC	Cadastro Nacional de Unidades de Conservação
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco
CONABIO	Comissão Nacional de Biodiversidade
CONICET	<i>Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Argentina)</i>
COP	Conferência das Partes
CPB	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros
CPC	Centro de Pesquisa Canguçu
CPPMA	Centro de Preservação e Pesquisa de Mamíferos Aquáticos
CPRJ	Centro de Primatologia do Rio de Janeiro
CPUE	Captura por Unidade de Esforço
CRAX	Sociedade de Pesquisa da Fauna Silvestre
CTTMAR	Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar
DAEE	Departamento de Águas e Energia Elétrica (São Paulo)
DEPAVE	Divisão Técnica de Medicina Veterinária e Manejo da Fauna Silvestre (São Paulo)
DIBIO	Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade (ICMBio)
DZUP	Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná
ECO	Organização para Conservação do Meio Ambiente
EOA	Centro de Ecologia e Conservação Animal
ECOMAR	Grupo de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ESALQ	Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz
ESEC	Estação Ecológica
FAO	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FLONA	Floresta Nacional
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FMA	Fundação Mamíferos Aquáticos
FMA	<i>Franciscana Management Areas</i>
FNMA	Fundo Nacional do Meio Ambiente
FPZSP	Fundação Parque Zoológico de São Paulo
FSA	Centro Universitário Fundação Santo André
FUNBIO	Fundo Brasileiro para a Biodiversidade
FURB	Universidade Regional de Blumenau
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
FVA	Fundação Vitória Amazônica
FZB	Fundação Zoobotânica
GBIF	<i>Global Biodiversity Information Facility</i>
GEF	Fundo Mundial para o Ambiente
GEMARS	Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul
GEP/UNIVALI	Grupo de Estudos Pesqueiros (UNIVALI)
GIZ	<i>Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit</i> - Sociedade Alemã de Cooperação Internacional
IB-USP	Instituto de Biociências da USP
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBDF	Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
ICCAT	Comissão Internacional para Conservação do Atum no Atlântico



IDCR	<i>International Development Research Center</i>
IDSMM	Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
IECOS	Instituto Ecos do Brasil
IEPA	Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá
IEPAGRO	Instituto de Estudos e Pesquisas Agroambientais e Organizações Sustentáveis
IESB	Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia
IF Farroupilha	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha
IF/SP	Instituto Florestal de São Paulo
IFAM	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
IFMA	Instituto Federal do Maranhão
IFPB	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
IFRS	Instituto Federal do Rio Grande do Sul
ILACVN	Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza
IMA	Instituto Mamíferos Aquáticos
IN	Instrução Normativa
INCA	Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEA	Instituto Estadual do Ambiente (Rio de Janeiro)
INEO	Instituto Neotropical de Pesquisas Ambientais
INI	Instrução Normativa Interministerial
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
Instituto Sustentar	Instituto Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Sustentabilidade
IOP	Instituto Onça-Pintada
IOUSP	Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo
IP/SP	Instituto de Pesca de São Paulo
IPAM	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia
IPÊ	Instituto de Pesquisas Ecológicas
IPeC	Instituto de Pesquisas Cananea
IPEMA	Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPJBRJ	Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro
IPPampa	Instituto Pró-Pampa
IRV	Instituto Resgatando o Verde
IUCN	<i>International Union for Conservation of Nature</i>
LABAQUAC	Laboratório de Aqüicultura Marinha
LABCEAS	Laboratório de Biodiversidade, Conservação e Ecologia de Animais Silvestres
LIRP	Laboratório de Ictiologia de Ribeirão Preto
LMM	Laboratório de Mamíferos Aquáticos
LRG	Livro de Registro Genealógico
MBML	Museu de Biologia Professor Mello Leitão
MCT	Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
MHNCI	Museu de História Natural Capão da Imbuia
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MMU	<i>Manchester Metropolitan University</i>
MN/UFRJ	Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
MN	Monumento Natural
MPA	Ministério da Pesca e Aquicultura
MPEG	Museu Paraense Emílio Goeldi
MTSG	<i>Marine Turtle Specialist Group</i> - Grupo de Especialistas em Tartarugas Marinhas



MZUFBA	Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia
MZUSP	Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo
NEMA	Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental
NEMU	Núcleo de Extensão Macacos Urbanos
NGeo	Núcleo de Geoprocessamento
NMFS	<i>National Marine Fisheries Service</i> (EUA)
NRM	<i>Natuhistoriska rocksmuseet</i> - Museu Sueco de História Natural
NUPEC	Núcleo de Pesquisa e Estudo em Chondrichthyes
NUPECCE	Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos
NUPELIA	Núcleo de Pesquisas em Limnologia Ictiologia e Aquicultura
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAN	Operação Amazônia Nativa
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PAN	Plano de Ação Nacional
PARNA	Parque Nacional
PCCB	Projeto Cetáceos da Costa Branca
PCH	Pequena Central Hidrelétrica
PE	Parque Estadual
PELD	Pesquisas Ecológicas de Longa Duração
PETAR	Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira
PHVA	<i>Population and Habitat Viability Assessment</i> - Avaliação da Viabilidade das Populações e Habitat
PM	Parque Municipal
PMDBBS	Programa de Monitoramento do Desmatamento dos Biomas Brasileiros por Satélite
PMSP	Prefeitura Municipal de São Paulo
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PREPS	Programa Nacional de Rastreamento de Embarcações Pesqueiras por Satélite
PRIM	Plano de Redução de Impactos à Biodiversidade
PROBIO	Projeto de Conservação e Uso Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira
Pró-Carnívoros	Instituto para a Conservação dos Carnívoros Neotropicais
PRODES	Projeto de Monitoramento do Desflorestamento na Amazônia Legal
PSG	<i>Primate Specialist Group</i> - Grupo Especialista em Primatas
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PZBGV	Parque Zoobotânico Getúlio Vargas
RAN	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios
REBIO	Reserva Biológica
RDS	Reserva de Desenvolvimento Sustentável
REFAU	Reserva de Fauna
REMANE	Rede de Encalhes de Mamíferos Aquáticos do Nordeste
RESEX	Reserva Extrativista
REVIS	Refúgio da Vida Silvestre
REVIZEE	Programa de Avaliação do Potencial Sustentável de Recursos Vivos na Zona Econômica Exclusiva
RL	Reserva Legal
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural
SACC	<i>South American Classification Committee</i>
SAVE BRASIL	Sociedade para Conservação das Aves do Brasil
SBO	Sociedade Brasileira de Ornitologia
SCRFA	<i>Science and Conservation of Fish Aggregation</i>



SCRS	Comitê Permanente de Pesquisa e Estatística (ICCAT)
SEAP	Secretaria Especial da Aquicultura e Pesca
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SBEEL	Sociedade Brasileira de Estudos de Elasmobrânquios
SEMA Caravelas	Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Caravelas, BA
SEMA	Secretaria Estadual de Meio Ambiente
SEMARH/SE	Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos de Sergipe
SMRU	<i>Sea Mammal Research Unit</i>
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SEPROR/AM	Secretaria de Estado da Produção Rural (Amazonas)
SES-DF	Secretaria de Estado de Saúde Pública do Distrito Federal
SIESPE	Sistema Integrado de Estatística Pesqueira (Santa Catarina)
SIGEEL	Sistema de Informações Georreferenciada do Setor Elétrico
SISBio	Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (ICMBio)
SISBIOTA	Sistema Nacional de Pesquisa em Biodiversidade
SITAMAR	Banco de dados TAMAR
SMS	<i>Smithsonian Marine Station</i>
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
SSC	<i>Species Survival Commission</i> - Comissão para Sobrevivência das Espécies
SUDEPE	Superintendência de Desenvolvimento da Pesca
SUNY-ESF	<i>State University of New York - College of Environmental Science and Forestry</i>
SVMA	Secretaria do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo
SVS	Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde
TAMAR	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Tartarugas Marinhas e da Biodiversidade Marinha do Leste
TED	<i>Turtle Excluder Device</i> - Dispositivo Excludor de Tartarugas
TI	Terra Indígena
TNC	<i>The Nature Conservancy</i>
TSG	<i>Tapir Specialist Group</i> - Grupo Especialista em Antas
UC	Unidade de Conservação
UCB	Universidade Católica de Brasília
UCSAL	Universidade Católica de Salvador
UEA	Universidade Estadual do Amazonas
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFAC	Universidade Federal do Acre



UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UHE	Usina Hidrelétrica
UICN	União Internacional para a Conservação da Natureza
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UnB	Universidade de Brasília
UNCLOS	<i>United Nations Convention on the Law of the Sea</i>
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-Oeste
UniCeub	Centro Universitário de Brasília
UNICRUZ	Universidade de Cruz Alta



UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas
Unifap	Universidade Federal do Amapá
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNIMONTES	Universidade Estadual de Montes Claros
UNINORTE	Centro Universitário do Norte
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNIP	Universidade Paulista
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
UNIPAR	Universidade Paranaense
UNIR	Fundação Universidade Federal de Rondônia
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNISA	Universidade de Santo Amaro
UNISANTA	Universidade Santa Cecília
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNITAU	Universidade de Taubaté
UNIVALI	Universidade do Vale do Itajaí
UNIVATES	Universidade do Vale do Taquari
UNIVILLE	Universidade da Região de Joinville
UNITINS	Universidade Estadual do Tocantins
UNMdP	Universidad Nacional de Mar del Plata (Argentina)
UNOCHAPECÓ	Universidade Comunitária da Região de Chapecó
UPF	Universidade de Passo Fundo
URCA	Universidade Regional do Cariri
USC	Universidade do Sagrado Coração
USP	Universidade de São Paulo
USPRP	Universidade de São Paulo, Campus Ribeirão Preto
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
UTP	Universidade Tuiuti do Paraná
WCS	<i>Wildlife Conservation Society</i>
WWF	<i>World Wide Fund For Nature</i> - Fundo Mundial para a Natureza
ZEE	Zona Econômica Exclusiva
ZOOFIT	Zoológico do Tapajós



Aves

As aves são o segundo grupo de vertebrados mais diverso no Brasil, perdendo apenas para os peixes, com um total de 1.903 espécies reconhecidas até 2014^{946a}. São encontradas em todos os biomas brasileiros e no ambiente marinho-costeiro, sendo a Amazônia o bioma com maior número de espécies.

O processo de avaliação do estado de conservação das aves brasileiras, coordenado pelo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (CEMAVE), foi realizado entre os anos de 2011 a 2014 e assumiu como lista de aves brasileiras aquela publicada, em 2014, pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos^{946a}. Este processo contou com o trabalho de nove coordenadores de táxon e 86 especialistas da comunidade científica que se reuniram em nove oficinas de avaliação. Esse trabalho levou à categorização de 1.979 táxons (incluindo subespécies e duas espécies avaliadas mas ainda não formalmente descritas que, portanto, não constam na portaria MMA n° 444/2014).

Como resultado, a avaliação diagnosticou 236 (11,9%) táxons ameaçados de extinção (Tabela I).

Tabela I. Número de espécies de aves em cada categoria.

Categoria	Espécies
Extinta (EX)	3 (0,15%)
Regionalmente Extinta (RE)	3 (0,15%)
Extinta na Natureza (EW)	1 (0,05%)
Criticamente em Perigo (CR)	42 (2,12%)
Em Perigo (EN)	72* (3,59%)
Vulnerável (VU)	121* (6,07%)
Total ameaçadas	236 (11,9%)
Quase Ameaçada (NT)	65 (3,28%)
Dados Insuficientes (DD)	35 (1,77%)
Menos Preocupante (LC)	1.525 (77,06%)
Não Aplicável (NA)	112 (5,66%)
TOTAL	1.979

*inclui uma espécie não descrita.

Três táxons foram considerados extintos em território brasileiro: o maçarico-esquimó (*Numenius borealis*), o peito-vermelho-grande (*Sturnella defilippii*), e a arara-azul-pequena (*Anodorhynchus glaucus*) e três táxons endêmicos do Brasil foram considerados extintos globalmente: o gritador-do-nordeste (*Cichlocolaptes mazarbarnetti*); o limpa-folha-do-nordeste (*Philydor novaesi*) e o caburé-de-pernambuco (*Glaucidium mooreorum*).

Em comparação à lista da fauna ameaçada anterior (IN 03/2003), houve um incremento de 100 táxons e a retirada de 23. Três subespécies (*Dendrocincla fuliginosa trumaii*, *Cercomacra laeta sabinoi*, e *Pyrrhura lepida coerulescens*) foram consideradas inválidas pelos especialistas, e não foram avaliadas. Dos outros vinte, a maioria foi excluída devido à obtenção de novas informações. Apenas duas espécies de aves que saíram da lista tiveram uma mudança genuína em sua situação de conservação: a arara-azul-grande, *Anodorhynchus hyacinthinus*, beneficiada por ações de conservação, especialmente na região do Pantanal, e o albatroz-de-sobrancelha, *Thalassarche melanophris*, beneficiado por acordos internacionais relacionados à atividade pesqueira. Duas espécies que eram avaliadas como Extintas (EX) na lista passada, o maçarico-esquimó, *Numenius borealis*, e a arara-azul-pequena, *Anodorhynchus glaucus*, foram categorizadas como Regionalmente Extintas (RE), uma vez que só estão extintas em território nacional, enquanto o limpa-folha-do-nordeste, *Philydor novaesi*, antes classificado como Criticamente em Perigo (CR), foi considerado Extinto (EX).

Dos 234 táxons oficialmente considerados ameaçados, 160 (68,4%) são endêmicos do Brasil. O



bioma com maior número de táxons ameaçados é a Mata Atlântica (120), seguido pela Amazônia (65). Em seguida, vêm o Cerrado e a Caatinga (34 táxons cada), o Pampa (16) e o Pantanal (13). Outros vinte táxons ameaçados de aves são marinhos.

As principais ameaças às aves brasileiras apontadas durante o processo de avaliação foram o desmatamento e a fragmentação de *habitat* oriundos de atividades antrópicas, especialmente aquelas relacionadas às atividades agropecuárias e a expansão urbana (Figura 1). Outras ameaças relevantes são as queimadas e a captura de animais, seja para consumo ou para o comércio ilegal para servirem como animais de estimação.

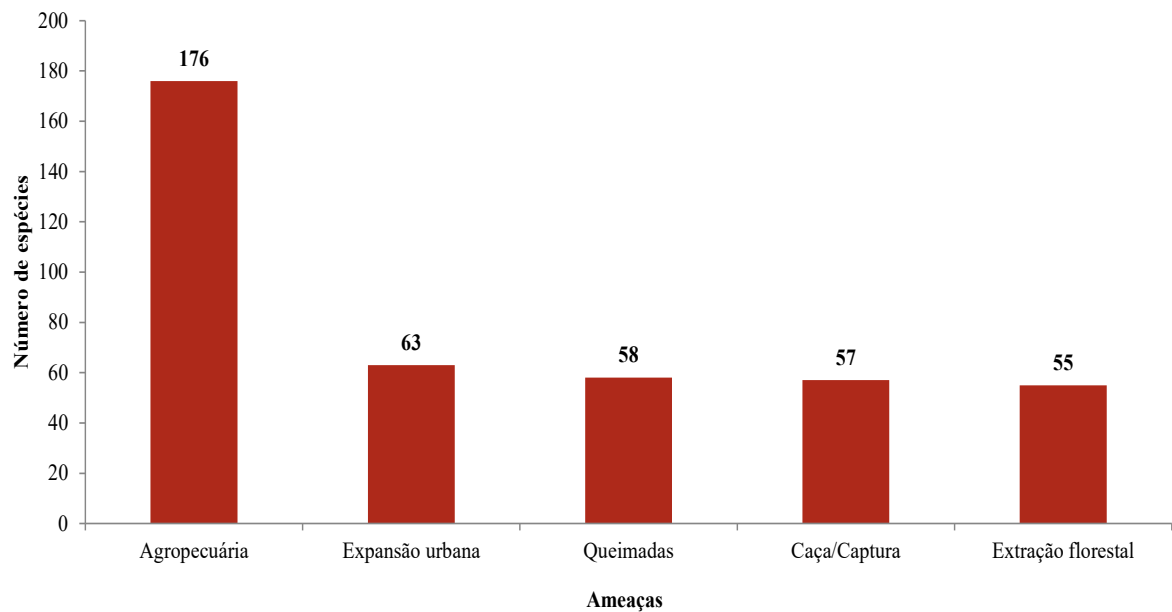


Figura 1. Principais vetores de ameaças às aves no Brasil.



Tinamus tao Temminck, 1815

Luiz Augusto Macedo Mestre

Ordem: Tinamiformes

Família: Tinamidae

Nome comum: azulona

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2cd+3cd

Justificativa

Tinamus tao distribui-se pela Amazônia a sul do rio Amazonas e, esparsamente, no norte da América do Sul. É uma espécie sensível a distúrbios florestais, ocorrendo preferencialmente em florestas primárias e sendo menos frequente em locais impactados; é possivelmente sensível ao aumento de clareiras, de florestas secundárias e do efeito de borda. Parte de sua área de ocorrência é sobreposta às áreas de desmatamento mais intenso no bioma Amazônico. É intensamente pressionada pela caça, o que acentua consideravelmente a redução populacional da espécie. Seu tempo geracional é longo. As perdas populacionais em três gerações passadas, baseadas em perda de *habitat*, podem ser consideradas maiores que 30% e as perdas em três gerações futuras estão entre 29 e 36%. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Por estas razões, *T. tao* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelos critérios A2cd+3cd.

Outras avaliações

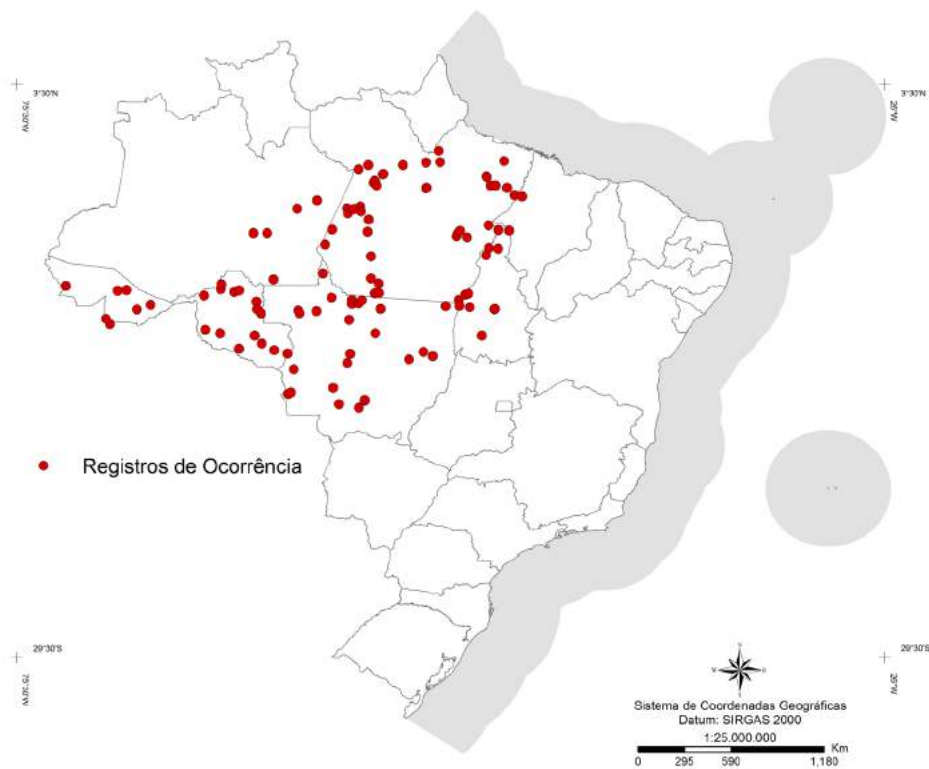
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁴³	VU A3c

Notas taxonômicas

Quatro subespécies reconhecidas³²⁶, duas com ocorrência no Brasil⁵²⁸: *T. t. kleei* e *T. t. tao*.

Distribuição geográfica

Ocorre no centro-sul da Amazônia brasileira, nordeste da Bolívia (rio Tuichi, La Paz)⁹³⁸, leste da Amazônia peruana e florestas de altitude na região andina da Colômbia e Equador. A azulona também ocorre em pontos esparsos ao norte da Venezuela e Guiana⁶³⁷. No Brasil, esta espécie ocorre principalmente em florestas amazônicas de terra firme no sul do baixo Amazonas e nos estados do Acre, Mato Grosso, Rondônia, sul do Pará, até a margem direita do rio Madeira^{637,1095}. No entanto, *T. tao* não está restrito à Bacia Amazônica podendo ocorrer também no Cerrado do Brasil Central e na bacia do Alto Paraguai, como observado por Magalhães⁷⁷¹ na Fazenda Igara, município de Cáceres (Alto Paraguai) e em Tangará da Serra (bacia do rio Juru, afluente da margem direita do Alto Paraguai).



História natural

Ocupa principalmente florestas preservadas de terra firme na Amazônia meridional; ocorre também em florestas inundáveis, florestas de galeria e cerradão^{674,1097}. Tem hábitos generalistas, alimentando-se principalmente de frutos, mas consome também sementes, insetos e pequenos vertebrados^{326,899}. A maioria dos registros é de indivíduos solitários ou casais caminhando em áreas com sub-bosque aberto¹⁰⁹⁷. O tempo geracional da espécie é estimado em 6,8 anos¹⁴⁴. É uma espécie sensível a distúrbios florestais, ocorrendo preferencialmente em florestas primárias e sendo menos frequente em locais impactados; é possivelmente sensível ao aumento de clareiras, de florestas secundárias e do efeito de borda (oficina de avaliação).

População

A espécie foi pouco estudada e ainda não se tem uma estimativa precisa do número de indivíduos ou de populações em sua grande distribuição. No entanto, observações em campo e características ecológicas da espécie apontam que possivelmente existam mais que 10.000 indivíduos na natureza, apesar de serem descritos como incomuns e de sua população tender ao declínio¹²⁰⁵. Terborgh *et al.*¹²⁴⁰ estimam um casal a cada 200 ha em uma localidade de Cocha Cachu, Peru. As perdas populacionais em três gerações passadas, baseadas em perda de *habitat*, podem ser consideradas maiores que 30% (oficina de avaliação) e as perdas futuras (três gerações) estão entre 29 e 36%¹³⁷.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Tinamus tao é sensível a perturbação e perda de *habitat*. É pressionada pela caça, sendo rapidamente extinta localmente e em fragmentos florestais^{674,936}. Parte de sua área de ocorrência é sobreposta às áreas de desmatamento mais intenso no bioma Amazônico (oficina de avaliação).



Ações de conservação

Existentes

Tinamus tao está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

Necessárias

É necessário promover a preservação de grandes áreas íntegras de floresta de terra firme na Amazônia Ocidental Sul, sendo estas localidades impactadas num passado recente; também há previsão de implantação de grandes obras de programas de desenvolvimento do governo federal para estas áreas. Importante incluir a espécie como alvo de trabalhos de educação ambiental em áreas de entorno e no interior de unidades de conservação em sua área de ocorrência, devido à grande procura como caça.

Presença em unidades de conservação

Acre: ESEC do Rio Acre²⁶, RESEX Chico Mendes⁸⁰⁸, PARNA da Serra do Divisor (Aleixo & Poletto, dados não publicados);

Amazonas: FLONA de Pau-Rosa⁴⁰¹;

Amazonas/Pará: PARNA da Amazônia⁸⁹⁹;

Amazonas/Rondônia: PARNA Mapinguari⁸⁸⁴;

Amazonas/Mato Grosso: PARNA do Juruena;

Pará: APA do Tapajós (Dantas *et al.* dados não publicados), FLONA Altamira (Aleixo & Poletto, dados não publicados), FLONA de Carajás^{25,910}, FLONA de Caxiuanã¹²⁵⁷, FLONA de Tapajós⁵⁵⁸, FLONA do Amanã⁶¹³, FLONA do Trairão⁹¹¹, PARNA do Jamanxim (Aleixo & Poletto, dados não publicados), REBIO Nascentes da Serra do Cachimbo¹⁰⁶⁴, RESEX Tapajós Arapiuns (Aleixo *et al.* dados não publicados), REBIO do Tapirapé^{60a};

Rondônia: FLONA do Jamari⁴⁸¹, PARNA da Serra da Cutia^{60a}, REBIO do Guaporé^{60a}, REBIO do Jaru¹²⁰⁶;

Maranhão: REBIO do Gurupi⁷¹⁵;

Mato Grosso: ESEC da Serra das Araras¹²⁹¹.

Pesquisas

Existentes

Tinamus tao foi pouco enfocada em estudos específicos, sendo que a maioria dos trabalhos publicados relatam observações em listas de espécies e algumas características ecológicas observadas aleatoriamente
26,320,481,558,699,806,808,910,911,1206,1313.

Necessárias

São necessários estudos ecológicos ou demográficos específicos, incluindo estudos populacionais, comparações locais de densidade e registros da preferência por *micro-habitat*. Novos estudos também devem focar hábitos reprodutivos e alimentares desta espécie para compreender sua biologia e propor medidas mais concretas para sua conservação.



Crypturellus noctivagus noctivagus (Wied, 1820)

Suylane Barbalho de Lima Silva, Danielle Custódio Leal & Fernanda Pinto Marques

Ordem: Tinamiformes

Família: Tinamidae

Nome comum: jaó-do-sul



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Crypturellus noctivagus noctivagus ocorre da Bahia ao Rio Grande do Sul. Suspeita-se que haja declínio populacional de ao menos 10% em 21 anos (três gerações), devido à pressão de caça e à perda de *habitat*, uma vez que o táxon é restrito a matas de baixada em bom estado de conservação. Sua população é severamente fragmentada e estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros. Assim, *C. n. noctivagus* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelo critério C1.

Outras avaliações

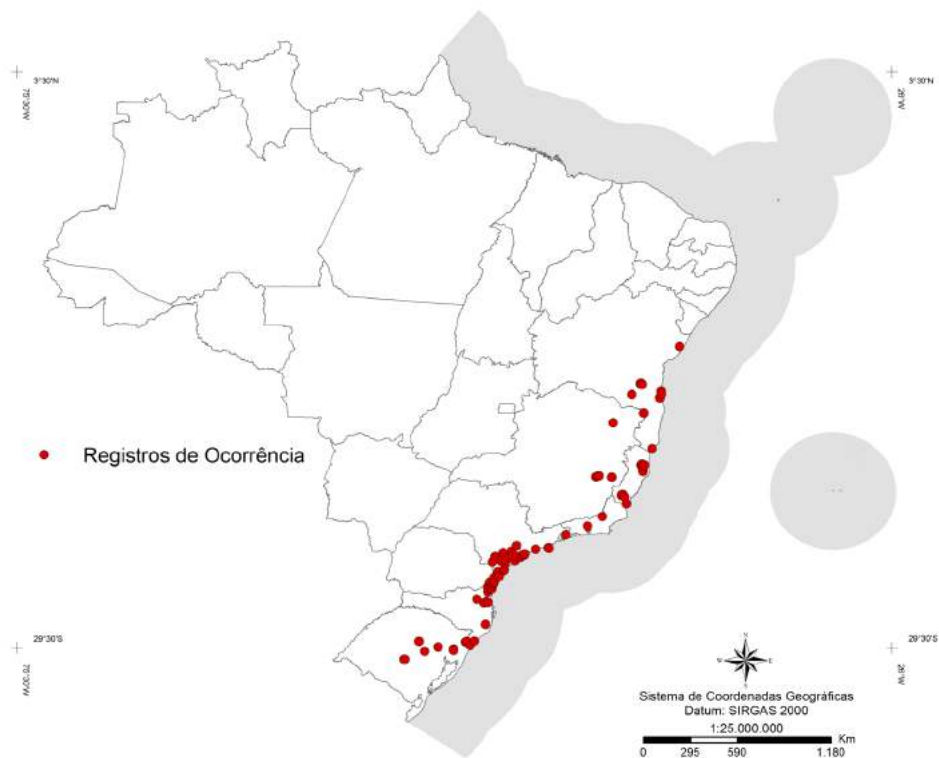
Avaliação nacional anterior ^{814,945}	VU A4cd; B1ab(i); D2
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais: EN
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Duas subespécies são reconhecidas para *Crypturellus noctivagus*; entretanto, revisões taxonômicas recentes^{1246a} indicam que as duas subespécies de *C. noctivagus* devem ser reconhecidas como espécies plenas graças às diferenças de plumagem, presença de dimorfismo sexual em apenas um dos táxons e coloração das partes nuas e dos ovos distinta.

Distribuição geográfica

É endêmico do Brasil, ocorrendo da Bahia ao Rio Grande do Sul³²⁶. A maior parte da população encontra-se no grande bloco de mata preservada da Serra do Mar (oficina de avaliação).



História natural

Habita florestas tropicais e matas de galeria. Alimenta-se de sementes, matéria vegetal e insetos; forrageia no solo³²⁶. O tempo geracional de *C. n. noctivagus* é estimado em sete anos¹⁴⁴.

População

Foi comum no passado, mas atualmente é rara e local³²⁶, havendo extinções pontuais, como no litoral da Bahia, no interior do Paraná (oficina de avaliação) e no Rio Grande do Sul, onde os registros foram ausentes de 1970 a 1995 (G.A. Bencke, com. pess., 2014). A população é considerada severamente fragmentada e com pouca capacidade de dispersão (oficina de avaliação).

Tendo em vista que a subespécie se distribui por uma área amplamente amostrada por diversos pesquisadores e que sua detecção é razoavelmente fácil devido à vocalização típica e frequente, é seguro dizer que a população total não é maior que 10.000 indivíduos maduros. Suspeita-se que haja declínio populacional de ao menos 10% em 21 anos (três gerações), devido à pressão de caça e perda de *habitat*, uma vez que o táxon é restrito a matas de baixada em bom estado de conservação e que estas vêm sofrendo degradação massiva no litoral do Brasil (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças são a perda de *habitat* e a caça³²⁶.

Ações de conservação

Existentes

Crypturellus noctivagus noctivagus está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e também inserida no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Ameaçadas e de Importância Socioeconômica do Ecossistema Manguezal^{629a}.



Presença em unidades de conservação

Pernambuco: PARNA do Catimbau¹¹⁸⁹;

Bahia: REBIO de Una^{60a};

Minas Gerais: PE do Rio Doce¹¹⁷, ESEC de Acauã¹²⁶³;

Espírito Santo: FLONA de Pacotuba⁶²⁶, REBIO de Sooretama⁹⁴⁵;

Rio de Janeiro: APA de Petrópolis³⁹⁷, ESEC de Tamoios³⁹²;

São Paulo: APA de Cananeia-Iguapé-Peruíbe¹¹⁷, ESEC Jureia-Itatins⁹⁴⁵, PE da Ilha do Cardoso⁹⁴⁵, PE da Serra do Mar⁹⁴⁵, PE Intervalos⁹⁴⁵, PE Carlos Botelho⁹⁴⁵;

Paraná: APA de Guaraqueçaba^{60a}, APA Estadual de Guaratuba⁹⁴⁵, PARNA do Superagui⁹⁴⁵;

Santa Catarina: Parque Municipal Morro do Baú⁹⁴⁵, REBIO Estadual do Sassafrás⁹⁴⁵, RPPN Volta Velha⁹⁴⁵.

Crypturellus noctivagus zabele (Spix, 1825)

Luís Fábio Silveira, Marcos Pérsio Dantas Santos & Weber Andrade de Girão e Silva

Ordem: Tinamiformes

Família: Tinamidae



Nomes comuns: zabelê, zabelé, jaó

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4cd

Justificativa

Crypturellus noctivagus zabele é endêmico do Brasil, ocorrendo principalmente na Caatinga. A perda da vegetação original deste bioma está estimada em mais de 45%, sendo este valor ainda maior para a caatinga arbórea/florestal, *habitat* ocupado por este táxon. No São Francisco, a área de remanescentes da mata seca é de apenas 4,9%. Portanto, baseando-se na redução de sua área de ocupação, extensão de ocorrência e qualidade do *habitat*, considerou-se que em 21 anos (três gerações envolvendo passado e futuro) o declínio suspeitado no tamanho da população é maior que 30%. Adicionalmente, o táxon é uma ave cinegética altamente procurada por caçadores. Assim, *C. n. zabele* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelos critérios A4cd.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	NT
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

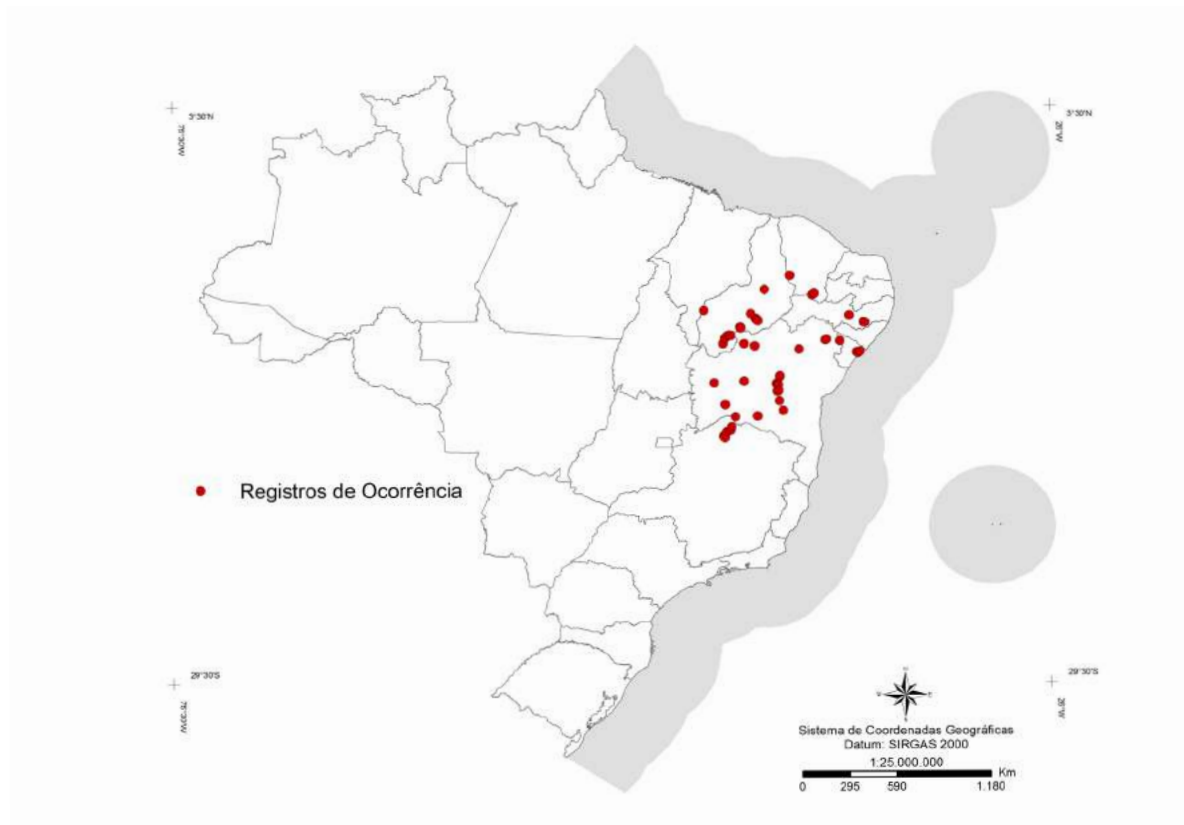


Notas taxonômicas

Duas subespécies são reconhecidas para *Crypturellus noctivagus*; entretanto, revisões taxonômicas recentes^{1246a} indicam que as duas subespécies de *C. noctivagus* devem ser reconhecidas como espécies plenas graças às diferenças de plumagem, presença de dimorfismo sexual em apenas um dos táxons e coloração das partes nuas e dos ovos distinta.

Distribuição geográfica

Considerando que o limite norte de *C. n. noctivagus* ainda não está definido e que é possível haver uma área de contato entre as duas subespécies, foram considerados para esta avaliação apenas os pontos de registro documentados. *Crypturellus n. zabele* é endêmico do Brasil, ocorrendo principalmente na Caatinga (oficina de avaliação).



História natural

Habita matas secas e abertas; na Bahia, penetra em matas úmidas. Vive no solo e alimenta-se de sementes, brotos, outros materiais vegetais e insetos, especialmente besouros e formigas. Reproduz-se durante a estação chuvosa, sendo o macho responsável pela incubação e cuidado com a prole^{326,1095}. O tempo geracional da espécie é estimado em 6,8 anos²³⁴.

População

Tamanho populacional desconhecido; relativamente comum nas áreas mais preservadas do PARNA da Serra das Confusões e do PARNA da Capivara, no Piauí.

A perda da vegetação original da Caatinga está estimada em mais de 45%, sendo este valor ainda maior para a caatinga arbórea/florestal. No São Francisco, a área de remanescentes da mata seca é de 4,9%. Portanto, baseando-se na redução de sua área de ocupação, extensão da ocorrência e/ou qualidade do *habitat*, considerou-se que, em 21 anos (três gerações, envolvendo passado e futuro), o declínio suspeitado no tamanho da população é maior que 30% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

A maior ameaça ao táxon é a destruição dos fragmentos mais bem conservados da Caatinga. Também é pressionado pela caça, tanto esportiva quanto de subsistência, largamente praticada nos estados da região Nordeste.

Ações de conservação

Existentes

Embora *C. n. zabele* ocorra em cativeiro¹⁰⁹⁵, existem poucos exemplares puros disponíveis, sendo alguns deles híbridos com a forma nominal, o que compromete eventuais programas de reprodução em cativeiro. Além disso, o sucesso reprodutivo em cativeiro é baixo³²⁶.

Crypturellus noctivagus zabele está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga, cujos objetivos são: reduzir a perda e alteração de *habitat*, a pressão de caça e o tráfico e manter ou incrementar as populações das espécies-alvo, ao longo de sua distribuição⁶³⁰.

Necessárias

A caça deve ser reprimida, especialmente a esportiva, atualmente a mais praticada no nordeste brasileiro. Recomenda-se a captura de exemplares na natureza para reprodução em cativeiro com vistas à projetos de reintrodução em áreas onde o táxon foi extinto. Também é necessária a criação de novas áreas protegidas em sua distribuição.

Presença em unidades de conservação

Piauí: PARNA Serra das Confusões¹¹²⁰, PARNA da Serra da Capivara⁸⁷²;

Ceará: APA Chapada do Araripe (obs. pess. dos autores), FLONA do Araripe-Apodi⁸⁴⁵;

Paraíba: REBIO Guaribas³⁹;

Pernambuco: PARNA do Catimbau¹¹⁸⁹;

Bahia: ESEC Raso da Catarina⁵⁹⁸, PARNA da Chapada Diamantina¹¹⁷, PARNA de Boa Nova (Luiz *et al.*, dados não publicados), FLONA Contendas do Sincorá⁴⁸⁴;

Minas Gerais: ESEC de Acauã¹²⁶³, PARNA Cavernas do Peruaçu⁶⁷², PE da Mata Seca⁴².

Pesquisas

Recomenda-se que sejam feitos censos periódicos nas unidades de conservação.



Nothura minor (Spix, 1825)

Fernanda Pinto Marques, Suylane Barbalho de Lima Silva & Andressa Bárbara Scabin

Ordem: Tinamiformes

Família: Tinamidae

Nome comum: codorna-mineira



Foto: Renato Soares

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Nothura minor ocorre no Paraguai e nas regiões Centro-oeste e sudeste do Brasil, ocorrendo em campos naturais do Cerrado, *habitat* altamente ameaçado. Atualmente, a população está praticamente restrita a unidades de conservação, havendo forte fragmentação populacional. A área de ocupação da espécie foi calculada em 200 km². Embora ocorra principalmente em áreas protegidas, estas ainda sofrem com incêndios descontrolados, resultando em redução de área de ocupação e perda de qualidade de *habitat*. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Assim, *N. minor* foi avaliada como Em Perigo (EN), segundo o critério B2ab(ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ¹¹²³	VU A2ce+4c
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,441}	Minas Gerais: EN São Paulo: Ameaçada
Avaliação global ²⁶⁴	VU C2a(i)

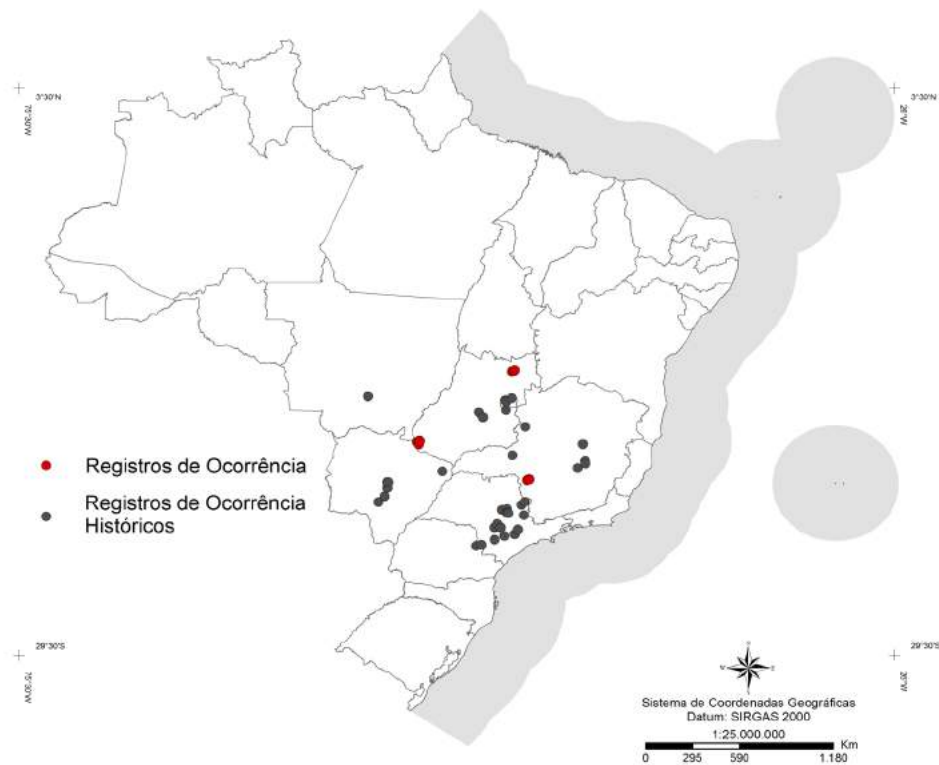
Outros nomes aplicados ao táxon

Nothura schreineri Miranda-Ribeiro, 1938.

Distribuição geográfica

Ocorre nas regiões Centro-oeste e sudeste do Brasil⁵²⁸ e no Paraguai⁹⁹. Na maioria dos locais de ocorrência no Brasil, há apenas registros históricos, de modo que existem somente três populações remanescentes conhecidas: PARNA da Serra da Canastra, PARNA de Emas e PARNA da Chapada dos Veadeiros (oficina de avaliação).

Considerando o *habitat* disponível à espécie nestas três unidades de conservação, a área de ocupação (AOO) atual de *N. minor* foi calculada em 200 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita campos e áreas arbustivas da zona tropical, cerrado denso e áreas mais abertas³²⁶, preferindo campo limpo e campo sujo¹¹²³. É sedentária. Há registro de predação pela coruja-buraqueira, *Athene cunicularia*³²⁶.

População

A espécie é considerada rara, no geral³²⁶. Atualmente, a população está praticamente restrita a três unidades de conservação sem conexão entre si, havendo forte fragmentação populacional (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais causas de declínio da espécie foram a perda e transformação de *habitat*, principalmente pelo cultivo de *Pinus* spp., *Eucalyptus* spp., cana-de-açúcar e soja³²⁶. Embora atualmente ocorra apenas em áreas protegidas, estas ainda sofrem com incêndios descontrolados, resultando em redução de área de ocupação e perda de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Nothura minor está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal cujos objetivos são: diminuir a perda e iniciar a recuperação de *habitat*, produzindo conhecimento sobre as espécies do PAN⁶³¹.

Presença em unidades de conservação

Distrito Federal: ESEC de Águas Emendadas⁷⁴⁸, PARNA de Brasília⁸⁶⁶;

Goiás: PARNA da Chapada dos Veadeiros¹¹²³, PARNA das Emas¹¹²³;

Mato Grosso: PARNA da Chapada dos Guimarães⁷⁴⁴;

Minas Gerais: PARNA da Serra da Canastra¹¹²³, PARNA da Serra do Cipó¹¹⁷, APA Carste da Lagoa



Santa¹¹²³, APA do Morro da Pedreira¹²⁹²;
São Paulo: ESEC de Itirapina¹²⁹³;
Paraná: PE do Cerrado¹²¹⁴.

Taoniscus nanus (Temminck, 1815)

Luis Fábio Silveira

Ordem: Tinamiformes

Família: Tinamidae

Nome comum: inhambu-carapé

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Taoniscus nanus distribui-se no nordeste da Argentina e localmente no centro-leste, sudeste e sul do Brasil, ocorrendo em campos naturais do bioma Cerrado, *habitat* altamente ameaçado. Atualmente, sua distribuição está praticamente restrita a unidades de conservação, havendo forte fragmentação populacional. A área de ocupação da espécie foi calculada em 196 km². Embora ocorra principalmente em áreas protegidas, estas ainda sofrem com incêndios descontrolados, resultando em redução de área de ocupação e perda de qualidade de *habitat*. Assim, *T. nanus* foi categorizada como Em Perigo (EN) segundo o critério B2ab(ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1124}	VU A2c
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,441,443a}	Minas Gerais: EN São Paulo: Ameaçada Paraná: RE
Avaliação global ²³⁵	VU A2c+3c+4c

Distribuição geográfica

Ocorre no nordeste da Argentina e centro-leste, sudeste e sul do Brasil^{528,1095}. Está praticamente restrita a unidades de conservação (oficina de avaliação).

A área de ocupação (AOO) de *T. nanus* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com



quadrículas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência atual da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 196 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita cerrado e campo sujo¹⁰⁹⁵. É onívora. No Brasil, reproduz em setembro e outubro. É sedentária. Há registro de predação por *Chrysocyon brachyurus*, *Geranoaetus albicaudatus* e *Falco femoralis*³²⁶. Restringe-se a ambientes preservados¹²⁴⁸.

População

Seu status populacional é indeterminado. Pode estar extinta no nordeste da Argentina³²⁶ e em boa parte de sua distribuição original¹¹²⁴. Devido à perda e degradação ambiental, há fragmentação severa da população (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A espécie é ameaçada pela perda e transformação de *habitat*, principalmente pelo cultivo de *Pinus* spp., *Eucalyptus* spp., cana-de-açúcar e soja, como também pelas queimadas, que além de modificar o ambiente, atraem predadores³²⁶. A intensa urbanização no Distrito Federal, parece ter causado efeitos negativos nas populações de *T. nanus*, contribuindo para sua escassez regional⁴⁴⁸.

Embora ocorra principalmente em áreas protegidas, estas ainda sofrem com incêndios descontrolados, resultando em redução de área de ocupação e perda de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Taoniscus nanus está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal cujos objetivos são: diminuir a perda e iniciar a recuperação de *habitat*, produzindo conhecimento sobre as espécies do PAN⁶³¹.

A espécie já foi criada com sucesso em cativeiro, e a criação e manejo *ex situ* podem ser muito



relevantes para se criar uma população-arca para, no futuro, auxiliar em projetos de recuperação e reintrodução.

Presença em unidades de conservação

Tocantins: PE do Jalapão¹¹⁸⁴, ESEC Serra Geral do Tocantins¹¹⁸⁴;

Distrito Federal: ESEC Águas Emendadas⁴⁴⁸, PARNA de Brasília⁸⁶⁶, APA da Bacia do Gama e Cabeça de Veado⁴⁴⁸;

Goiás: PARNA da Chapada dos Veadeiros¹¹²⁴, PARNA das Emas¹¹²⁴;

Mato Grosso do Sul: PARNA da Serra da Bodoquena⁷⁴⁸;

Minas Gerais: PARNA da Serra da Canastra^{818,1124};

São Paulo: PE de Itapetininga¹¹²⁴;

Paraná: PE do Cerrado¹²¹⁴.

Pesquisas

Pesquisas que estimem o tamanho populacional e a densidade da espécie em seus *habitat* são importantes para subsidiar futuras avaliações.

Mergus octosetaceus Vieillot, 1817

Luís Fábio Silveira, Flávia Ribeiro & Livia Lins

Ordem: Anseriformes

Família: Anatidae

Nome comum: pato-mergulhão



Foto: Sávio Freire Bruno

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(i)

Justificativa

Mergus octosetaceus ocorria no nordeste da Argentina e Paraguai, além do centro, sudeste e sul do Brasil. A população total brasileira é estimada em menos de 250 indivíduos maduros, sendo que na região da Serra da Canastra reside sua maior população conhecida, com cerca de 140 indivíduos. A espécie parece estar extinta ou funcionalmente extinta na Argentina e no Paraguai. Há declínio populacional continuado devido à perda e alteração de *habitat*, especialmente causadas pelo desmatamento, poluição das águas dos rios, instalação de empreendimentos hidrelétricos e turismo desordenado. Sendo assim, *M. octosetaceus* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR), pelo critério C2a(i).



Outras avaliações

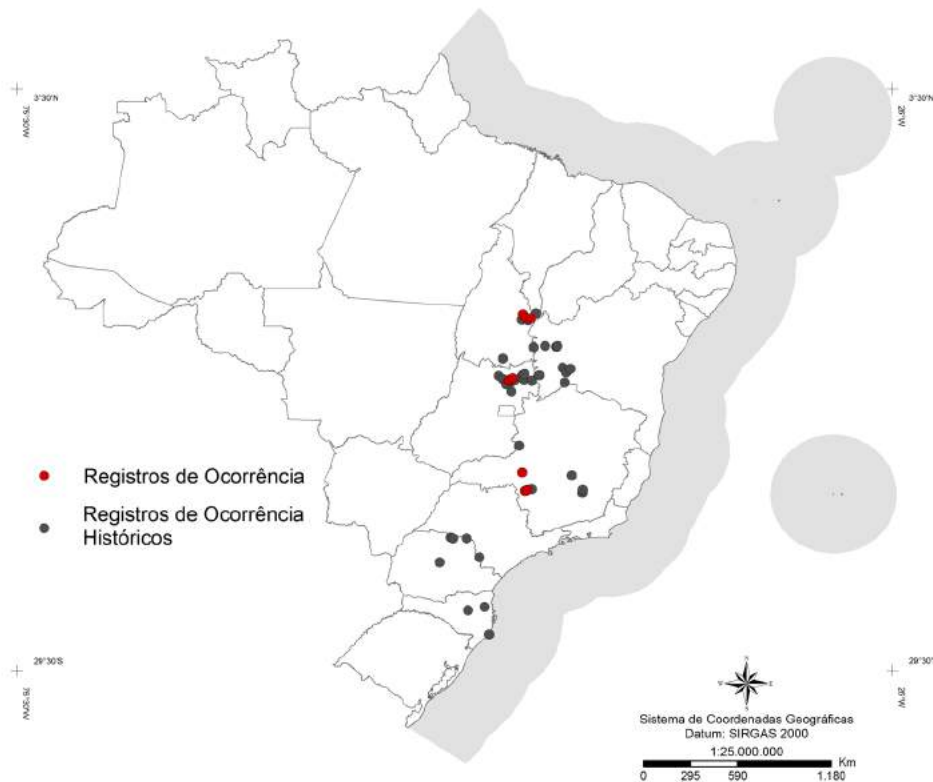
Avaliação nacional anterior ^{814,1125}	CR C2a(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,441,443a}	Minas Gerais: CR São Paulo: Ameaçada Paraná: CR
Avaliação global ²⁶⁵	CR C2a(i)

Distribuição geográfica

Ocorria no nordeste da Argentina e centro, sudeste e sul do Brasil⁵²⁸. Possuía registros para o Paraguai, porém, atualmente, acredita-se que esteja extinta nesse país¹¹²⁵.

No Brasil, suas populações são isoladas, com registros mais recentes apenas nos estados de Minas Gerais, Goiás e Tocantins. Um indivíduo isolado foi fotografado recentemente em São Paulo. Atualmente considerada extinta em Santa Catarina e no Rio de Janeiro. No Paraná e na Bahia, levantamentos recentes não registraram a espécie⁹⁴.

O registro no PE do Jalapão ampliou a distribuição conhecida desta espécie³⁰². No PARNA das Emas, existe um registro de 1990³⁰³, mas acredita-se que seja erro de identificação, devendo ser desconsiderado até que evidências mais consistentes sejam obtidas.



História natural

Habita rios com correnteza³³⁴, protegidos ou não por vegetação ciliar, em áreas de Cerrado, sendo notória sua forte dependência com o rio e suas margens para sobrevivência e reprodução⁹⁵. Sua dieta é composta por peixes, moluscos e insetos (adultos e larvas)³³⁴. É essencialmente sedentário, mas possui registros de deslocamentos em pequena escala³³⁴. É altamente territorial e monogâmico¹¹²⁵; o território de cada casal chega a ocupar entre 10 e 12 km de rio¹¹⁶³.

Seu período reprodutivo inicia-se em maio. Seus ninhos são feitos em fendas nas rochas, ocos de árvores e cavidades em terra. A fêmea coloca até oito ovos. Os filhotes, nidífugos, abandonam o ninho e são cuidados pelos pais por cerca de seis meses¹¹²⁵.



É uma espécie sensível à presença humana e altamente exigente em relação à qualidade de *habitat*¹¹²⁵, necessitando de águas não poluídas e afastando-se dos locais com visitação intensa, conforme observado em pontos do PARNA da Serra da Canastra e do PE do Jalapão⁶³⁵.

População

População pequena, pouco conhecida, geograficamente dispersa e rara em todos os locais de ocorrência³³⁴. Ocorre em baixíssimas densidades¹¹⁶³. Segundo a BirdLife International¹⁴⁴, a população global estimada em 1992 era de 250 indivíduos. A espécie possui tamanho populacional reduzido e em declínio contínuo.

No PARNA da Chapada dos Veadeiros, Goiás, foram observados cinco casais em outubro de 1986 e janeiro de 1987¹³⁰³. Censos feitos entre 2009 e 2011 no rio Preto e seus tributários, no interior deste PARNA, indicaram a presença de pelo menos 15 indivíduos, com uma concentração de 8 espécimes em outubro de 2010 (P.T.Z. Antas, com. pess., 2013).

No PARNA da Serra da Canastra, em Minas Gerais, está a maior população encontrada no Brasil⁶⁸³: 29 indivíduos, sendo 13 filhotes (observados entre julho de 2001 a julho de 2002). Adicionando registros de outros observadores e da população local, a área estudada sustenta aproximadamente 47 indivíduos (28 adultos e 19 jovens)⁶⁸³. Durante 130 dias de campo neste PARNA, foram encontrados 35 indivíduos, com seis pares distintos, entre os anos de 1996 e 2000¹¹¹². Estudos conduzidos em 2001 e 2002 resultaram na confirmação de pelo menos 24 diferentes territórios, ampliando a população conhecida e indicando o potencial deste número ser ainda maior^{683a}. Entre 2004 e 2006, foi amostrado cerca de 250 quilômetros de transectos em 49 diferentes cursos d'água, com o registro de 46 novos indivíduos^{735a}. Atualmente, a população da Serra da Canastra é a maior conhecida, com cerca de 140 indivíduos (dados não publicados Instituto Terra Brasilis).

Censos nos rios da bacia do alto Tocantins, entre 2007 e 2009 (230 km de cursos d'água), indicaram que entre São João da Aliança e o rio São Félix havia pelo menos 29 patos-mergulhão⁵⁶.

No rio Novo, PE do Jalapão, em Tocantins, foram registrados oito indivíduos em maio de 2002³⁰² e quatro casais (em 60 km deste rio) em 2007/2008⁹⁴.

Dois pequenas populações foram encontradas no final do século passado: uma no rio Tibagi, Paraná^{54,921} e outra no sudoeste do estado da Bahia (três ou quatro indivíduos⁹²¹). Entretanto, levantamentos recentes nestes dois estados não registraram a espécie⁹⁴.

Embora os casais observados no Jalapão tenham tido ninhadas de 5 a 8 filhotes, esse sucesso reprodutivo não se manifesta na população residente local⁹⁴, uma vez que não foi observado aumento populacional.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças à espécie são a destruição e degradação do *habitat*, com destaque às mudanças hidrológicas^{303,1112}. As atividades que mais impactam o ambiente do pato-mergulhão são o turismo desordenado e empreendimentos hidrelétricos¹¹¹². As alterações nos cursos dos rios causam impactos mais significativos e irreversíveis⁹⁴.

A criação de gado interfere na preservação de florestas ripárias e os esgotos domésticos⁶⁸³, juntamente com defensivos e fertilizantes utilizados na agricultura, poluem as águas, alterando suas propriedades físico-químicas e, conseqüentemente, sua produtividade.

A região do Jalapão vem sendo pressionada pela supressão irregular de matas e vegetação ciliar e pelo turismo desordenado nas margens dos rios, incluindo prática de *rafting*, que pode interferir na postura, incubação e desenvolvimento dos filhotes⁹⁵. A situação é agravada pelo fato dos animais se reproduzirem no período coincidente com as atividades turísticas nos rios, havendo a possibilidade de desaparecimento desta espécie em um futuro próximo, caso nenhuma medida de conservação seja adotada⁶³⁵.



Ações de conservação

Existentes

O Programa Pato-mergulhão, do Instituto Terra Brasilis, desenvolvido no PARNA da Serra da Canastra, Minas Gerais, desenvolve ações de pesquisa biológica (como o monitoramento de ninhos e indivíduos e a implementação de ninhos artificiais), sensibilização e educação ambiental da comunidade local, recuperação de *habitat*, sustentabilidade rural e apoio a políticas públicas. Além disso, existem esforços sendo desenvolvidos na região do PARNA da Chapada dos Veadeiros e na região de Patrocínio.

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação do Pato Mergulhão^{578,627a} cujos objetivos são assegurar permanentemente a manutenção das populações e da distribuição geográfica, promover o aumento do efetivo populacional e do número de populações, bem como propiciar a expansão da distribuição geográfica da espécie na sua área de ocorrência original.

Além das iniciativas de conservação *in situ*, recentemente foi iniciado um programa de conservação *ex situ*, com 12 aves mantidas em cativeiro (oriundas da Serra da Canastra, Patrocínio e Jalapão), inicialmente no Criadouro Científico e Cultural Poços de Caldas, em Minas Gerais, com o plantel atualmente concentrado no Zoológico Paraíso das Aves, em Itatiba, São Paulo, onde já ocorreu a primeira reprodução em cativeiro no mundo. Este é o grupo inicial para que pesquisas sobre a manutenção e reprodução desta espécie sejam conduzidas, tanto para se criar uma população de segurança quanto para subsidiar futuros programas de revigoramento e reintrodução.

Necessárias

Barbosa & Almeida⁹⁴ sugerem que são necessários esforços urgentes para proteção do *Mergus octosetaceus* no Jalapão, incluindo criação de novas unidades de conservação de proteção integral e proibição da instalação de empreendimentos hidrelétricos nos rios ocupados pela espécie. Além disso, aporte financeiro e de pessoal são importantes para a realização de novos levantamentos e estudos que incluam monitoramento por marcação e radiotelemetria. Segundo o Instituto Ecos do Brasil - IECOS⁶³⁵, é de fundamental importância que haja revisão do planejamento das atividades turísticas, especificamente na região do rio Novo, buscando garantir o sucesso reprodutivo da espécie.

Presença em unidades de conservação

Tocantins: ESEC Serra Geral do Tocantins⁵⁷⁸, PE do Jalapão⁹⁷⁷;

Goiás: PARNA da Chapada dos Veadeiros^{303,1303}, RPPN Campo Alegre¹¹²⁵, RPPN Capetinga (Funatura, dados não publicados), RPPN Serra do Tombador (Funatura, dados não publicados);

Minas Gerais: PARNA Serra da Canastra⁵⁷⁸, RPPN Cerradão (Instituto Terra Brasilis, dados não publicados).

Pesquisas

O Instituto Terra Brasilis desenvolve, desde 2001, na região do PARNA da Serra da Canastra¹¹²⁵ ações de pesquisa biológica, que incluem levantamentos da distribuição da espécie, identificação e monitoramento de ninhos e indivíduos, marcação das aves, análise de diferentes parâmetros reprodutivos, dentre outros. O plantel em cativeiro mantido no Zoológico Paraíso das Aves vem sendo objeto de estudos sobre o manejo, comportamento e, principalmente, reprodução em cativeiro. A UFMG desenvolve importantes pesquisas sobre a genética da espécie.



Penelope superciliaris alagoensis Nardelli, 1993

Fernanda Pinto Marques, Danielle Custódio Leal & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

Nomes comuns: jacupemba, jacu-de-alagoas



Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(i)

Justificativa

Penelope superciliaris alagoensis é endêmica do Centro de Endemismo Pernambuco. Há poucos registros atuais. Há declínio populacional continuado devido à caça e perda de *habitat*. Suspeita-se que a população atual seja menor que 250 indivíduos adultos, sendo que há menos de 50 deles em cada subpopulação. Assim, *P. s. alagoensis* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR), pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1126}	EN B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

A descrição de *P. s. alagoensis* é cercada de problemas, pois teve como base o estudo de exemplares de cativeiro sem procedência determinada e que não foram depositados em museus. O destino destas aves é desconhecido e é impossível realizar qualquer comparação cuidadosa com as outras formas deste complexo sem o exame deste material ou sem a coleta de mais exemplares. Não são conhecidos os outros exemplares do complexo *P. superciliaris* que o autor da descrição usou para comparar com *P. s. alagoensis*. O único material referido a esta raça é uma prancha colorida, seguida de descrição e diagnose. Em 2001, foram encontrados dois exemplares cativos, sem procedência, no estado de Alagoas, e que poderiam ser referidos a essa forma¹¹²⁶. Apenas recentemente foram realizados estudos mais detalhados sobre a validade deste táxon, que deve ser elevado à espécie plena.

Distribuição geográfica

Endêmica do Centro de Endemismo Pernambuco, com registros do Rio Grande do Norte a Alagoas. Há poucos registros atuais (oficina de avaliação). Atualmente, o local mais provável de se encontrar *P. s. alagoensis*, em Alagoas, é na restinga do Francês (M.A. Efe, com. pess., 2013).



História natural

Ocorrem em florestas bem conservadas ou em avançado estado de regeneração. Não são conhecidos detalhes sobre a biologia do táxon¹¹²⁶.

População

Ocorre em baixa densidade, inclusive nas unidades de conservação para as quais há registro do táxon¹¹²⁶. Há declínio populacional continuado devido à caça e perda de *habitat*. As áreas ocupadas por *P. s. alagoensis* são muito exploradas por ornitólogos e observadores de aves, sendo possível estimar, com certa segurança, que a população atual seja menor que 250 indivíduos adultos, com menos de 50 deles em cada subpopulação (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

O táxon é seriamente ameaçado pela caça e pela perda de *habitat* (oficina de avaliação). Mais de 95% do *habitat* onde este táxon poderia ocorrer já desapareceu¹¹²⁶.

Ações de conservação

Existentes

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Recomenda-se a proteção efetiva das localidades onde o táxon foi registrado. Sugere-se também a captura de algumas aves para iniciar um programa de reprodução em cativeiro, com vistas à reintrodução nos fragmentos onde este táxon desapareceu¹¹²⁶.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas⁵⁶⁹;

Pernambuco: RPPN Frei Caneca¹¹²⁶;

Alagoas: ESEC de Murici¹¹²⁶.



Pesquisas

Pesquisas que enfoquem a distribuição e aspectos da história natural são fundamentais para a conservação desta espécie.

Penelope pileata Wagler, 1830

Luís Fábio Silveira

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

Nome comum: jacupiranga



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3cd

Justificativa

Penelope pileata é endêmica do Brasil, distribuindo-se a sul do rio Madeira, em sua margem direita, até o Maranhão. Ocupa sobretudo matas primárias. Sua distribuição sobrepõe-se a uma área sob intensa pressão antrópica, sendo as principais ameaças a alteração e perda de *habitat* e a caça, uma vez que a espécie é alvo preferencial de caçadores. Suas populações têm se reduzido em velocidade alarmante e, a despeito de sua grande extensão de ocorrência, as populações atingiram níveis críticos. Além disso, projeções baseadas em modelagem de perda de *habitat* estimam uma perda populacional futura maior que 30% em três gerações (17,1 anos). Por estas razões, *P. pileata* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelo critério A3cd.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²³⁶	VU A3c

Outros nomes aplicados ao táxon

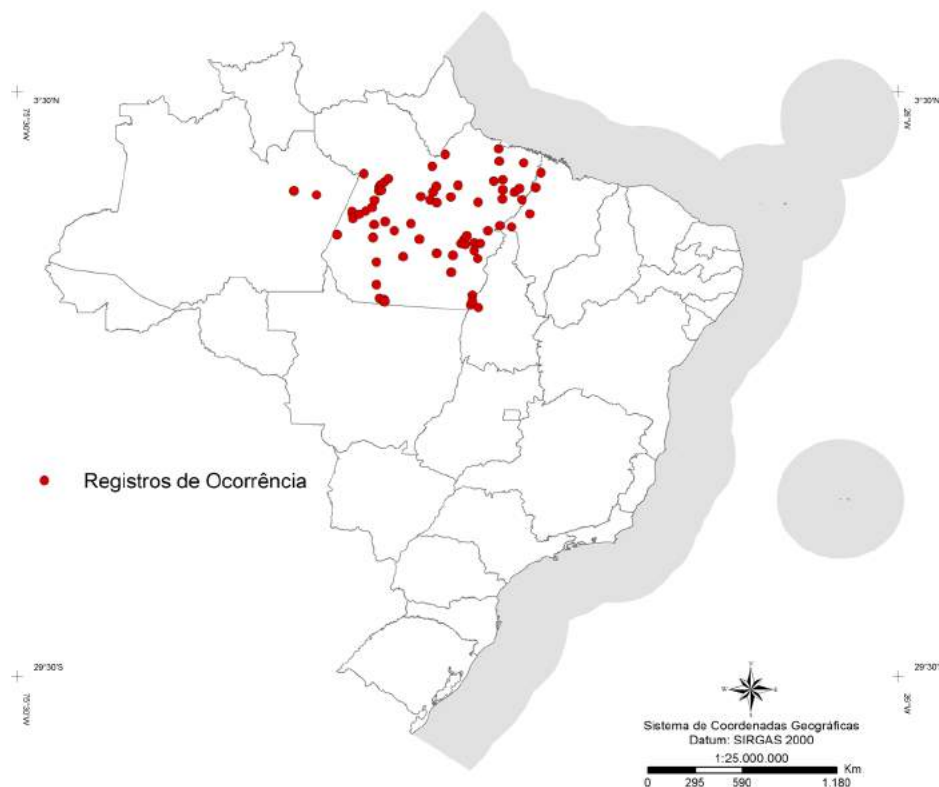
Penelope cameta Pelzeln, 1869; *Penelope leucothrix* Pelzeln, 1869.

Distribuição geográfica

Endêmico do Brasil, ocorrendo em florestas primárias de terra firme da margem direita do rio Madeira



até o Maranhão. Para o sul, penetra nas florestas do Pará até a região de Carajás, sendo substituído mais ao sul por *Penelope ochrogaster*. Ocorre na região da Serra do Cachimbo, onde é localmente comum¹⁰⁶⁴.



História natural

Um dos maiores jacus da região Amazônica. É uma espécie ainda pouco conhecida. Como a maior parte dos jacus amazônicos de grande porte, habita a floresta primária de terra firme, onde vivem em bandos de até 10 indivíduos. Alimentam-se de frutos, folhas e flores e descem ao solo com mais frequência do que *P. jacquacu*, outra espécie de grande porte da região amazônica. Prefere *habitat* primários e pouco perturbados, sendo menos tolerante com áreas secundárias ou fragmentos pequenos.

O tempo geracional da espécie é estimado em 5,7 anos¹⁴⁴.

População

Não há estimativas precisas do tamanho populacional da espécie. Localmente comum na Serra do Cachimbo. Na região de Altamira (rio Xingu) ainda pode ser visto nos fragmentos mais bem conservados de floresta, embora seja peça de caça bastante procurada.

A despeito da grande extensão de ocorrência da espécie, suas populações têm se reduzido em velocidade alarmante, atingindo níveis críticos. Suspeita-se que a perda de *habitat* gere perda populacional proporcional. Projeções baseadas em modelagem de perda de *habitat* estimam uma perda populacional futura maior que 30% em três gerações (baseada em Bird *et al.*¹³⁷).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Como boa parte das aves amazônicas, as populações do jacupiranga estão declinando em função da destruição e descaracterização avassaladoras do seu *habitat*. Aliado a este fator, a caça para consumo ainda impacta negativamente esta espécie. Sua área de distribuição é, atualmente, uma das mais impactadas em toda a Amazônia e as projeções são de um incremento na perda de vegetação natural.



Ações de conservação

Existentes

Penelope pileata está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

Necessárias

É necessária a criação de unidades de conservação que, de fato, protejam esta e outras espécies na Amazônia. Também são recomendados o refinamento do conhecimento sobre distribuição da espécie, cujos limites sul e leste não são bem estabelecidos e reforço da população mantida em cativeiro, com vistas à reintrodução onde a espécie foi extinta por causa da caça.

Presença em unidades de conservação

Pará: REBIO Nascentes da Serra do Cachimbo (L.F. Silveira, obs. pess.), FLONA de Carajás¹¹⁷⁰, FLONA do Tapajós⁷⁴¹;

Pará/Maranhão: PARNA da Amazônia (L.F. Silveira, obs. pess.);

Maranhão: REBIO do Gurupi⁷¹⁷;

Tocantins: PE do Cantão (L.F. Silveira, obs. pess.).

Pesquisas

Não existem pesquisas sendo desenvolvidas com esta espécie. Para sua conservação, é fundamental compreender melhor suas necessidades de *habitat* e distribuição.

Penelope ochrogaster Pelzeln, 1870

Túlio Dornas & Renato Torres Pinheiro

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

Nome comum: jacu-de-barriga-castanha



Foto: Cristine Prates

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1+2a(i)

Justificativa

Penelope ochrogaster é endêmica do Brasil. Apesar de ter sido recentemente redescoberta em Minas Gerais, atualmente julga-se que só existam populações representativas em Goiás/Tocantins e no Mato



Grosso-Mato Grosso do Sul, somando um máximo de 1.700 indivíduos maduros, divididos entre três subpopulações atuais (menos de 1.000 indivíduos maduros em cada subpopulação). O desmatamento é uma ameaça, uma vez que a espécie utiliza principalmente vegetação com dossel contínuo. Considerando-se que a taxa de desmatamento do Cerrado para o futuro próximo será de 1,1% ao ano, infere-se que haverá perda de mais de 18% do *habitat* em três gerações (17,1 anos). Sabendo-se que há ainda pressão de caça sobre essa espécie e que essa atividade dificilmente é coibida mesmo em unidades de conservação, espera-se um declínio populacional continuado maior que 10% em três gerações. Por esses motivos, *P. ochrogaster* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelos critérios C1+2a(i).

Outras avaliações

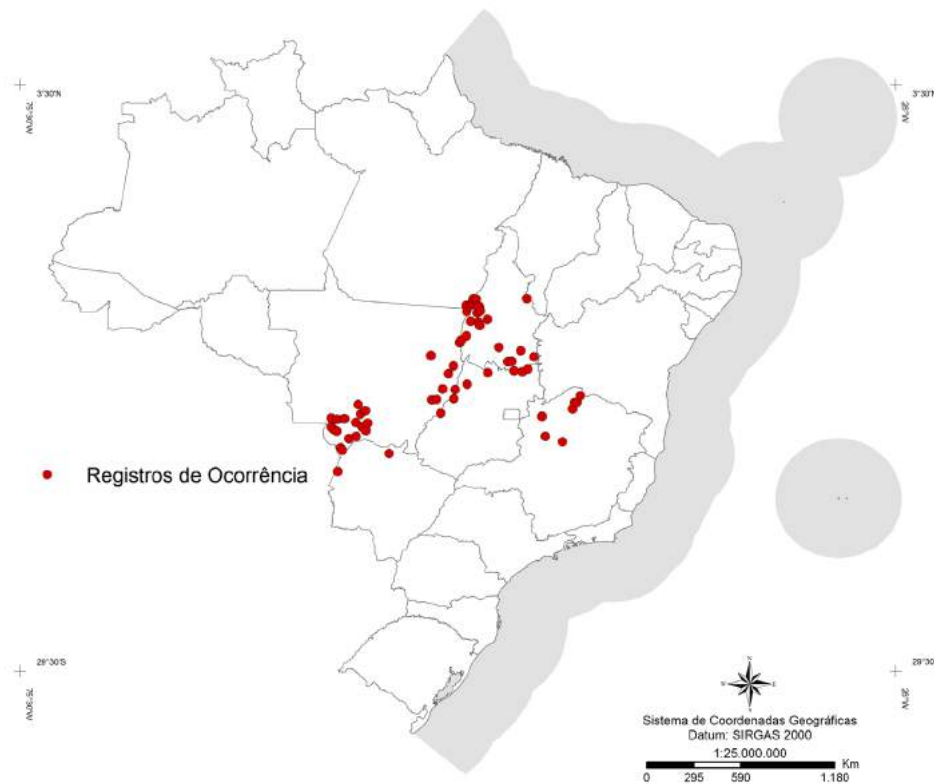
Avaliação nacional anterior ^{814,1127}	VU B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais: CR
Avaliação global ¹⁴⁵	VU B1ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(i); D1

Notas taxonômicas

Pode haver confusão de identificação com *P. pileata* na parte norte da distribuição de *P. ochrogaster* (oficina de avaliação).

Distribuição geográfica

Ocorre ao longo de toda porção central e norte do bioma Cerrado, desde o oeste de Minas Gerais, passando por Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, alcançando até as porções mais a norte de Tocantins¹⁰⁹⁵, mas os limites de sua distribuição precisam ser melhor esclarecidos¹¹²⁷.



História natural

A maior parte das informações sobre o *habitat* e os hábitos desta espécie provém de observações realizadas no Pantanal, onde se concentra a maioria dos indivíduos. Pode ser encontrado em diversas



formações florestais, como matas secas, semidecíduas, matas ciliares e cambarazais¹¹²⁷. Prefere matas densas, ricas em lianas⁵⁷⁷ e com dossel contínuo (oficina de avaliação). No período de estiagem, entre junho e setembro, são visualizadas nas primeiras horas do dia, em bancos de areia onde ingerem grãos de areia e bebem água às margens do rio do Côco e Javaés, no PE do Cantão (T. Dornas, obs. pess.).

Solitário ou em pequenos grupos, ocupa as copas das árvores; alimenta-se de frutos e flores de ipês, tarumãs e cipós. Não há dados sobre sua reprodução¹¹²⁷. O tempo geracional da espécie é estimado em 5,7 anos¹⁴⁴.

População

A população global é menor que 2.000 indivíduos (Olmos 1998 e Antas 2006, ambos citados por Faria *et al.*⁴⁴⁹). Segundo a BirdLife International¹⁴⁴, há entre 600 e 1.700 indivíduos maduros. Acredita-se que haja menos de 1.000 indivíduos maduros em cada uma das subpopulações conhecidas (oficina de avaliação).

Existem quatro subpopulações: uma no Pantanal, uma no vale do Araguaia, outra no vale do São Francisco¹¹²⁷ e uma quarta na região do vale do rio Paranã, entre as divisas de Goiás e Tocantins⁹¹².

A espécie tem sido considerada rara e em geral existem poucos registros visuais. Talvez o Pantanal e o PE do Cantão sejam os locais onde mais se têm contatos com a espécie. No PE do Cantão, foi estimada abundância média variando entre 1,2 e 3,8 indivíduos a cada 10 km de rio⁴¹⁹. No rio Paranã, nas divisas entre Goiás e Tocantins, foi observada abundância relativa próxima a 40 indivíduos a cada 100 horas de amostragem⁹¹². Aparece ser moderadamente comum próximo a Poconé, no Mato Grosso, onde a pressão de caça é mais baixa⁵⁷⁷.

Há casos de aparente extinção local em algumas regiões. Em Palmas, no Tocantins, após a construção da UHE Luis Eduardo Magalhães e do reservatório do Lajeado a espécie não foi mais registrada (T. Dornas, obs. pess.). Em Minas Gerais, os últimos registros datavam de 1913⁵⁷⁷, contudo, em 2011, uma população supostamente pequena foi encontrada na porção noroeste de Minas Gerais, em grandes blocos de cerrado, ao longo do rio Preto, em Unaí, após quase 100 anos de ausência de registros documentados no estado⁷⁹⁸. No entanto, pressupõe que a espécie esteja extinta na maior parte de sua ocorrência em Minas Gerais.

Considerando-se que as políticas de ocupação do Cerrado do início deste século serão mantidas, estima-se que será perdido 1,1% de área natural ao ano nesse bioma⁷⁶⁹. Com base nisso, infere-se que haverá perda de mais de 18% do *habitat* de *P. ochrogaster* em três gerações (17,1 anos). Sabendo-se que há ainda pressão de caça sobre essa espécie, espera-se um declínio populacional continuado maior que 10% em três gerações (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

São ameaças à espécie: caça e destruição do cerrado devido aos incêndios florestais e à ocupação pela agricultura e pecuária^{935,1097}. As recentes invasões em algumas unidades de conservação, como o PARNA do Araguaia, certamente prejudicam as populações deste cracídeo¹¹²⁷. Nas porções mais a norte do Tocantins, no baixo rio Araguaia, é considerada uma das caças mais cobiçadas segundo relatos de moradores locais.

Ações de conservação

Existentes

Penelope ochrogaster está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal, cujos objetivos são diminuir a perda e iniciar a recuperação de *habitat*⁶³¹.

São ações específicas para este táxon, previstas no PAN: identificação e mapeamento de áreas relevantes para implantação de corredores ecológicos nas áreas de ocorrência da espécie e incentivo à criação de unidades de conservação que contemplem populações de *P. ochrogaster*⁶³¹.



Necessárias

A proteção efetiva das unidades de conservação onde *P. ochrogaster* foi registrada recentemente é uma medida importante. Embora não se tenha registro de exemplares cativos, a criação de um programa de cativeiro pode ser interessante para futuros projetos de reintrodução¹¹²⁷. A população recém-descoberta em Minas Gerais merece atenção destacada, sendo providencial a criação de unidade de conservação de proteção integral ou RPPNs para proteção da espécie. A criação das unidades de conservação de proteção integral no estado do Tocantins aumentaria significativamente a proteção da espécie na porção norte do Cerrado.

Presença em unidades de conservação

Tocantins: PARNA do Araguaia¹¹²⁷, PE do Cantão^{323,953}, APA Ilha do Bananal/Cantão⁹⁵²;

Mato Grosso: PE Encontro das Águas⁷⁸, REVIS Quelônios do Araguaia⁸⁰⁵, RPPN Estância Ecológica Sesc Pantanal³⁰⁰;

Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: PARNA do Pantanal Matogrossense¹¹²⁷;

Pesquisas

A procura por novas populações é importante, especialmente em Minas Gerais, cujos registros mais recentes precisam ser melhor documentados¹¹²⁷.

Penelope jacucaca Spix, 1825

Luís Fábio Silveira, Marcos Pérsio Dantas Santos & Weber Andrade de Girão e Silva

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

Nomes comuns: jacucaca, jacu-verdadeiro, jacu-da-testa-branca, jacu-goela



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Penelope jacucaca é endêmica do Brasil, ocorrendo principalmente na Caatinga. Atualmente, as maiores populações ocorrem em unidades de conservação do Piauí, Ceará, Bahia e Pernambuco. Apesar de possuir ampla extensão de ocorrência, os registros são, na maioria das vezes, de poucos exemplares por localidade. Sua área de ocupação (AOO) foi calculada em cerca de 1.300 km². A população está severamente fragmentada e há declínio continuado da AOO e da qualidade de *habitat*. Por essas razões, *P. jacucaca* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelos critérios B2ab(ii,iii).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1128}	VU A4cd
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais: EN
Avaliação global ¹⁴⁶	VU A2cd+3cd+4cd

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, com registros principalmente na Caatinga^{528,1289}. Hoje, presente principalmente em unidades de conservação do Piauí, Ceará, Bahia e Pernambuco¹¹²⁸.

Sua AOO de *P. jacucaca* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 25 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 1.300 km² (oficina de avaliação).



História natural

É encontrada na caatinga arbórea e nas matas secas, preferindo as porções mais úmidas da vegetação. Alimenta-se de frutos e flores. Ocorre solitário, aos pares ou em pequenos grupos, que se deslocam rapidamente pelo solo ou pelas árvores. Tolerante a algum tipo de perturbação em seu ambiente, mas é bastante sensível à caça. Embora sua biologia reprodutiva na natureza não seja conhecida, filhotes têm sido obtidos com certa facilidade em cativeiro¹¹²⁸.

População

Relativamente comum nas áreas mais preservadas do PARNA da Serra das Confusões e do PARNA da Capivara, no Piauí. A população está dispersa pela grande extensão de ocorrência e isolada em muitas localidades. A espécie está extinta em boa parte de sua distribuição original^{1121,1128}.

Em muitas áreas as populações parecem pequenas, sendo registrados poucos exemplares por localidade (oficina de avaliação). No norte do Ceará, a vegetação secundária madura nas regiões de agricultura da Caatinga pode ser suficiente para a espécie sobreviver e reproduzir⁹⁷⁵.

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

As principais ameaças à espécie são a perda de *habitat* e a caça intensa¹¹²⁸. A perda de *habitat* ocorre devido à conversão de áreas naturais para ocupação pela pecuária (cabras, ovelhas e gado bovino) e pela agricultura irrigada. A caça é frequente em grande parte de sua distribuição. Mesmo as populações de unidades de conservação são pressionadas pela caça¹¹²¹.

Ações de conservação

Existentes

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves da Caatinga, cujos objetivos são: reduzir a perda e alteração de *habitat*, a pressão de caça e o tráfico e manter ou incrementar as populações das espécies-alvo, ao longo de sua distribuição⁶³⁰. Este PAN prevê ações de diagnóstico e monitoramento da situação da caça e comércio de *P. jacucaca*⁶³⁰.

Necessárias

A proteção efetiva das unidades de conservação contra caçadores e degradação ambiental é essencial, especialmente na Serra da Capivara, Serra das Confusões e Serra Negra. Também são importantes a restauração dos *habitat* e a formação de corredores interligando as populações hoje isoladas. A criação em cativeiro pode ser uma ferramenta importante para a conservação da espécie, uma vez que há sucesso na reprodução *ex situ*¹¹²⁸.

Presença em unidades de conservação

Tocantins: APA Serra da Tabatinga^{60a}, ESEC Serra Geral do Tocantins^{60a};

Maranhão/Piauí/Ceará: APA Delta do Parnaíba^{60a};

Piauí: PARNA de Sete Cidades (obs. pess. dos autores), PARNA Serra das Confusões¹¹²⁸, PARNA da Serra da Capivara⁸⁷²;

Ceará/Piauí/Pernambuco: APA da Serra da Aratanha (obs. pess. dos autores), APA da Serra de Baturité (obs. pess. dos autores);

Ceará: RPPN Mãe da Lua (obs. pess. dos autores), FLONA do Araripe-Apodi¹¹²⁸;

Pernambuco: FLONA de Negreiros^{60a}, PARNA do Catimbau¹¹⁸⁹, REBIO de Serra Negra¹¹²⁸, RPPN Reserva Ecológica Maurício Dantas (obs. pess. dos autores);

Sergipe: PARNA da Serra de Itabaiana (obs. pess. dos autores);

Bahia: ESEC Raso da Catarina¹¹²⁸, FLONA de Contendas do Sincorá^{60a}, PARNA da Chapada Diamantina¹¹⁷;

Bahia/Tocantins/Maranhão/Piauí: PARNA das Nascentes do Rio Parnaíba¹¹⁷.

Pesquisas

São necessários estudos sobre a história natural da espécie¹¹²¹, complementando dados obtidos sobre comportamento⁹⁷⁵.



Aburria jacutinga (Spix, 1825)

Danielle Custódio Leal, Fernanda Pinto Marques & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

Nome comum: jacutinga



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Aburria jacutinga ocorre no nordeste da Argentina, sudeste do Paraguai e Brasil, da Bahia ao Rio Grande do Sul, tendo sido extinta em muitas áreas de sua distribuição original. Estima-se que haja menos de 2.500 indivíduos maduros, sendo que há menos de 250 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à caça e perda de qualidade de *habitat*. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Dessa forma, *A. jacutinga* foi avaliada como Em Perigo (EN), pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1129}	EN* A4cd
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,439,441,442,443a,444}	ES*: RE RJ*: Provavelmente extinta Minas Gerais: CR São Paulo: Ameaçada Paraná*: EN Santa Catarina: CR Rio Grande do Sul: CR
Avaliação global ²³⁷	EN A2cd+3cd+4cd

*Avaliada como *Pipile jacutinga*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Penelope jacutinga Spix, 1825; *Pipile jacutinga* (Spix, 1825); *Penelope nigrifrons* Lesson, 1831; *Penelope leucoptera* Wied, 1833.

Distribuição geográfica

Distribui-se no nordeste da Argentina, sudeste do Paraguai e Brasil, da Bahia ao Rio Grande do Sul⁵²⁸.

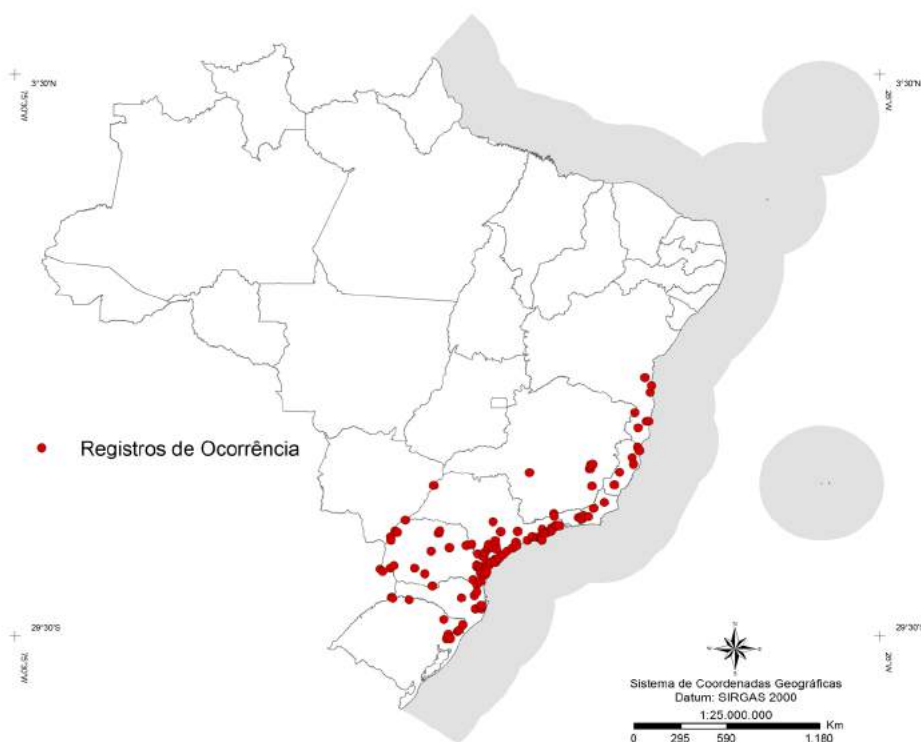
Os registros atuais no Brasil restringem-se a unidades de conservação de São Paulo ao Rio Grande do Sul⁷⁴⁵ e uma população isolada em Minas Gerais¹²⁸⁹, proveniente de reintrodução em área onde a espécie



já havia sido extinta.

No Paraná, sua distribuição original abarcava todo o território paranaense, exceto as pequenas áreas de campos e cerrado; porém, atualmente, a espécie está restrita a algumas porções da Serra do Mar, da planície litorânea, do Vale do Ribeira e do extremo oeste do estado (PARNA do Iguaçu)¹²¹⁵.

O último registro confiável da ocorrência da jacutinga para o estado do Espírito Santo data de 1973 para a Fazenda Klabin, atual REBIO de Córrego Grande, sendo que hoje acredita-se que a espécie esteja extinta no estado (Collar *et al.* 1992, citado por Chiarello³⁵⁶).



História natural

Ocupa formações florestais da Mata Atlântica, incluindo matas de galeria, florestas perenifólias e matas costeiras, até 1.850 m de altitude⁵⁷⁷, mas prefere médias altitudes (até 900 m)¹¹²⁹. Particularmente encontrada em florestas ricas em palmito (*Euterpe edulis*) ou outras palmeiras (*Syagrus romanzoffiana*, por ex.) e áreas próximas a córregos ou rios, estando fortemente vinculada a florestas primárias, com pequeno número de registros em florestas secundárias maduras⁵⁷⁶.

Alimenta-se especialmente de frutos, principalmente do palmito, mas também sementes, grãos e brotos. Ocasionalmente, consome insetos e moluscos. Forrageia sozinho, em pares ou em pequenos grupos, principalmente em árvores, e apenas ocasionalmente utiliza frutos caídos no solo⁵⁷⁷.

Suspeita-se que faça migrações altitudinais, especialmente na Serra do Mar, acompanhando a frutificação de algumas espécies de árvores. Regurgita as sementes ingeridas ou as elimina juntamente com as fezes, apresentando um papel importantíssimo na dispersão de sementes nas florestas onde habita¹¹²⁹.

Ocorre solitária ou em pequenos grupos de até 12 indivíduos^{745,1129}. A reprodução parece concentrar-se no segundo semestre, especialmente entre agosto e novembro. Seu ninho é uma plataforma simples, construída com galhos e ramos no alto das árvores. A fêmea coloca de dois a três ovos de casca branca, que se torna marrom com o passar do tempo. Em cativeiro, já foi reportada a postura de quatro ovos¹¹²⁹.

É dependente de grandes extensões de florestas¹²¹⁵ e seus deslocamentos tornam difícil sua conservação em áreas pequenas, especialmente por não atravessar áreas com matriz não florestal (oficina de avaliação).



População

Considerada comum ou abundante no passado, a população vem declinando acentuadamente desde o final do século XIX, tendo sido extinta na maioria dos locais onde já foi registrada, especialmente na parte norte de sua distribuição. No Brasil, as populações são pequenas ou muito pequenas e fragmentadas⁵⁷⁷.

Considerando-se que as áreas de ocorrência de *A. jacutinga* são bastante exploradas por diversos ornitólogos, estima-se que atualmente haja menos de 2.500 indivíduos maduros desta espécie no Brasil, sendo que há menos de 250 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à caça e perda de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* foi brutal na Mata Atlântica devido ao desmatamento, ocupação humana e construção de hidrelétricas⁵⁷⁷. Adicionalmente, o extrativismo de recursos vegetais que se constituem importantes fontes alimentares, como o palmito (*Euterpe edulis*), também causou impactos significantes nas populações de jacutinga¹²¹⁵.

Devido a seu temperamento calmo, não fugindo prontamente do observador, é presa de fácil captura. A caça, praticada por caçadores, índios e palmiteiros dentro das unidades de conservação é a maior ameaça atual¹¹²⁹, tendo levado à extinção da espécie em diversos locais, como na REBIO de Sooretama⁵⁷⁷.

Ações de conservação

Existentes

Aburria jacutinga está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Há algumas experiências de reintrodução: a Fundação Crax já reintroduziu alguns exemplares nascidos em cativeiro, na região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, e os resultados são animadores¹¹²⁹. Mas uma tentativa de reintrodução na REBIO de Sooretama falhou⁵⁷⁷. Há possibilidade de reintrodução da espécie também em fragmentos florestais protegidos do Rio de Janeiro, São Paulo¹¹²⁹, Espírito Santo e Bahia⁷⁴⁵.

Necessárias

Implantação efetiva das unidades de conservação onde a espécie ocorre, principalmente na proteção contra caçadores e palmiteiros¹¹²⁹; proteção de remanescentes florestais e recomposição de áreas nativas, em especial às margens dos rios, para manutenção das populações relictuais e a recolonização de áreas onde eventualmente a jacutinga tenha se extinguido¹²¹⁵; criação em cativeiro com vistas à reintrodução, com matrizes criteriosamente escolhidas para evitar híbridos com congêneres¹¹²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA e Histórico do Monte Pascoal¹¹⁷, REBIO de Una^{60a};

Bahia/Espírito Santo: REBIO do Córrego Grande¹¹²⁹;

Espírito Santo: FLONA de Rio Preto¹¹²⁹, REBIO de Sooretama¹¹²⁹;

Minas Gerais: PE do Rio Doce¹¹²⁹, PE Serra do Brigadeiro¹¹²⁹;

Minas Gerais/Rio de Janeiro: PARNA do Itatiaia¹¹²⁹;

Rio de Janeiro: APA de Petrópolis⁵⁹⁷, ESEC de Tamoios⁵⁹², PARNA da Serra dos Órgãos⁶⁰⁶;

Rio de Janeiro/São Paulo: PARNA da Serra da Bocaina¹¹⁷;

São Paulo: APA de Cananeia-Iguapé-Peruíbe¹¹²⁹, ESEC Jureia-Itatins⁷⁴⁵, PE Carlos Botelho¹¹²⁹, PE da Ilha do Cardoso¹¹²⁹, PE da Serra do Mar¹¹²⁹, PE de Ilhabela¹¹²⁹, PE Intervalos¹¹²⁹, PE Turístico do Alto do Ribeira⁷⁴⁵, RESEX Mandirá^{60a};

Mato Grosso do Sul/São Paulo/Paraná: APA Ilhas e Várzeas do Rio Paraná¹²²²;

Mato Grosso do Sul/Paraná: PARNA de Ilha Grande¹¹²⁹;



Paraná: APA de Guaraqueçaba¹²¹⁵, APA Estadual da Escarpa Devoniana¹²¹⁵, APA Estadual de Guaratuba¹²¹⁵, ESEC Rio dos Touros¹²¹⁵, PARNA do Iguaçu¹²¹⁵, PE da Graciosa¹²¹⁵, PE da Mata do Godoy¹²¹⁵, PE das Lauráceas¹¹²⁹, RPPN Salto Morato¹²¹⁶;

Santa Catarina: PARNA da Serra do Itajaí^{60a}, PE da Serra do Tabuleiro¹¹⁷, PARNA Guaricana¹¹²⁹;

Santa Catarina/Rio Grande do Sul: PARNA da Serra Geral^{60a}, PARNA de Aparados da Serra^{60a};

Rio Grande do Sul: PE do Turvo¹¹²⁹.

Pesquisas

São necessárias estimativas populacionais e monitoramento das populações em longo prazo.

Ortalis guttata remota Pinto, 1964

Fernanda Pinto Marques, Danielle Custódio Leal & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

Nomes comuns: aracuã, aracuan



Foto: Cal Martins

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(i)

Justificativa

Ortalis guttata remota ocorre em Minas Gerais, leste do Mato Grosso do Sul e regiões adjacentes em São Paulo. Pouco se conhece sobre sua biologia. Há poucos registros recentes e houve grande perda de *habitat* em toda sua distribuição, gerando declínio populacional. Estima-se que a população atual não ultrapasse 250 indivíduos maduros, sendo que em cada subpopulação há menos de 50 deles. Portanto, *O. g. remota* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR), pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Del Hoyo⁵⁷⁷ e Grantsau⁵²⁸ consideram *Ortalis guttata remota* sinônimo de *Ortalis squamata*. Entretanto, seguindo orientação dos especialistas envolvidos nesta avaliação, o táxon *remota* foi



considerado válido e tratado como subespécie de *O. guttata*, uma vez que, no momento da avaliação, a revisão taxonômica que evidenciaria ser esta uma espécie plena^{1121a} ainda não estava concluída.

Distribuição geográfica

Ocorre em Minas Gerais, leste do Mato Grosso do Sul e regiões adjacentes em São Paulo. Há poucos registros recentes, todos em São Paulo (oficina de avaliação).



História natural

Pouco se conhece sobre sua biologia (oficina de avaliação).

População

Pela raridade dos registros desta subespécie¹²⁸⁹ e considerando que grande parte de sua distribuição é bem amostrada por diversos ornitólogos e observadores de aves, estima-se que a população atual de *O. g. remota* não ultrapasse 250 indivíduos maduros, sendo que em cada subpopulação há menos de 50 deles. As subpopulações são isoladas devido à forte descaracterização de *habitat* em sua distribuição. Como o poder de deslocamento da espécie é limitado em matriz não natural, acredita-se que haja grave fragmentação da população remanescente. Além disso, houve grande perda de *habitat* em toda sua distribuição, gerando declínio populacional acentuado (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* é a maior ameaça ao táxon que ocupa uma área bastante pressionada por agropecuária e urbanização (oficina de avaliação).

Ações de conservação

O táxon está contemplado pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.



Presença em unidades de conservação

Não há registro do táxon em unidades de conservação.

Pesquisas

São necessários estudos sobre sua biologia.

Crax globulosa Spix, 1825

Marcos Pérsio Dantas Santos & Andrew Whittaker

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

Nomes comuns: mutum-de-fava, mutum-fava, mutum-açu, mutum-piurí, mutum-de-assovio



Ilustração: Cristiano M. S. Nascimento

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A3cd+4cd

Justificativa

Crax globulosa é endêmica da Amazônia, ocorrendo no oeste do Brasil (a leste do rio Madeira), sudeste da Colômbia, leste do Equador, leste do Peru e norte da Bolívia. No Brasil, existem registros pontuais nos rios Solimões, Madeira, Juruá, Purus e Javari, sendo que no rio Madeira não há registro recente, apesar de um intenso esforço de busca. Ocupa exclusivamente floresta primária de várzea, sendo sensível à degradação de *habitat*. É alvo preferencial de caça em toda sua área de distribuição. A população no Brasil é estimada em menos de 1.000 indivíduos maduros. Suspeita-se que essas ameaças possam levar a uma redução populacional de pelo menos 50% no período de três gerações futuras e em uma janela temporal que inclui passado e futuro, somando um total de 35 anos em ambos os casos. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Assim, *C. globulosa* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelos critérios A3cd+4cd.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{759,814}	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²³⁸	EN A2d+3d+4d; C2a(i)



Outros nomes aplicados ao táxon

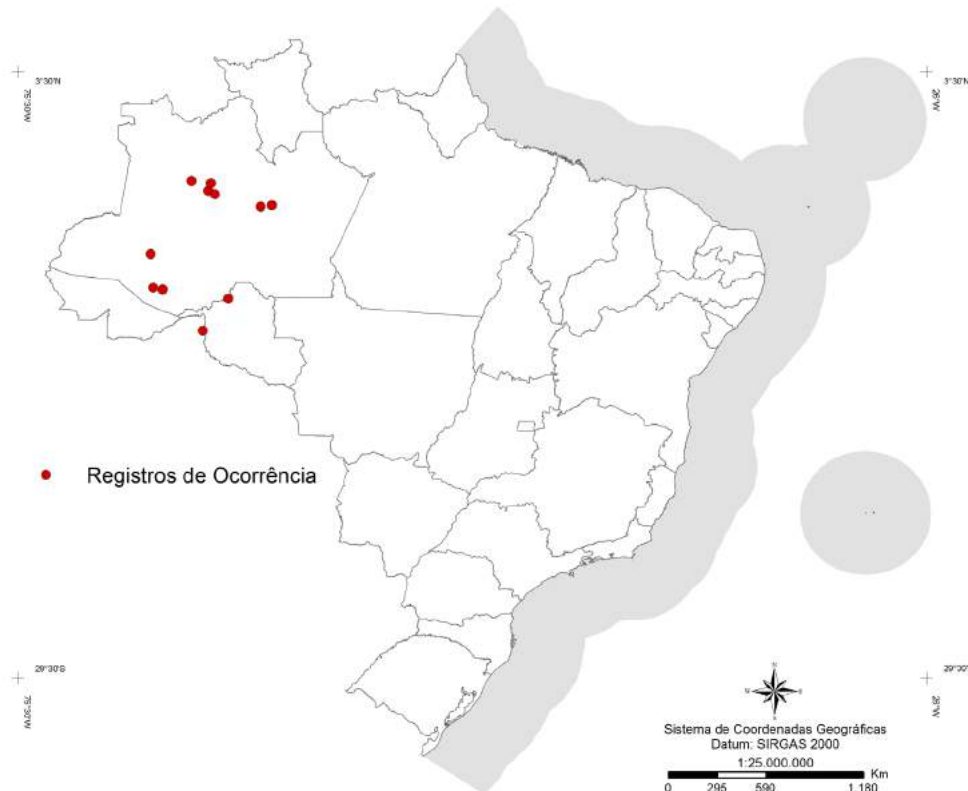
Crax carunculata Temminck, 1815; *Crax yarrellii* Bennett, 1871.

Distribuição geográfica

Endêmica da Amazônia, ocorre no oeste do Brasil (a leste do rio Madeira), sudeste da Colômbia, leste do Equador, leste do Peru e norte da Bolívia⁵⁷⁷. No Brasil, existem registros pontuais nos rios Solimões, Madeira, Juruá, Purus e Javari, sendo que no rio Madeira não há registros recentes, apesar de um intenso esforço de busca.

Há poucos registros atuais no Brasil, sendo a maioria na bacia dos rios Juruá e Purus. Endo⁴³⁷ registrou a espécie na terra indígena Deni (Rio Xeruã), no município de Itamarati, rio Juruá. Há ainda registros no médio Juruá, na RDS Uacari (Marari e Xeruã) e RESEX Médio Juruá (W. Endo, com. pess., 2012). Santos¹⁰⁶⁹, Timm¹²⁴⁵ e Melo⁸⁰² registraram a espécie na RDS Mamirauá.

Em 2008, foi observada uma fêmea em cativeiro, em uma comunidade às margens do rio Javari, próximo do Palmari Lodge (A. Whittaker, obs. pess.). Em 2010, caçadores confirmaram a presença da espécie em áreas de várzea “alta”, na região do lago Piranha, ao norte de Manacapuru.



História natural

Espécie bastante arborícola⁵⁷⁷ e dependente de florestas de várzea (oficina de avaliação). Pequenos grupos forrageiam em solo inundado procurando peixes, crustáceos aquáticos, outros pequenos animais e frutas^{120,553}. Estudos mostram que a espécie é fortemente ligada à água na Bolívia, sendo possível que isso ocorra também na Colômbia e no Brasil. Na estação úmida, provavelmente, migra da várzea para as florestas de terra firme, alimentando-se de frutos nas copas das árvores. Nidifica em junho⁵⁵³. O tempo geracional da espécie é estimado em 11,5 anos²³⁸.

População

A população no Brasil é estimada em menos de 1.000 indivíduos (MacLeod 2008 citado por BirdLife International²³⁸). Pesquisa realizada na RDS Mamirauá¹⁰⁶⁹ estimou a densidade de *C. globulosa* em 0,64 indivíduos por km². Levantamentos posteriores realizados nessa mesma área, por outros pesquisadores,



estimaram a existência de mais de 250 indivíduos da espécie²³⁸. Na estação seca, as aves agregam-se ao redor de rios. Isso pode indicar que essas populações são bem menores do que as estimativas anteriores devido à área total de remanescentes de floresta de várzea⁵⁵³.

As populações de *Crax globulosa* parecem estar declinando substancialmente, chegando a sofrer extinções locais, o que é notado até mesmo por habitantes de áreas de distribuição da espécie no Equador, Peru e Brasil, que, a partir de 1960, relatam o declínio severo das populações^{111,120,404,554,555}.

Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para esta espécie entre 30,0 e 41,7% entre os anos de 2002 e 2036 (três gerações) neste bioma¹³⁷. Considerando a sensibilidade da espécie, estima-se que a perda de *habitat*, somada à pressão de caça, reflita em uma perda populacional maior que 50% em uma janela temporal de três gerações envolvendo passado e futuro. Tendo em vista a gravidade das pressões e a sensibilidade da espécie, pode-se afirmar que essa perda de mais de 50% da população é esperada considerando-se até mesmo a janela temporal de três gerações futuras (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A destruição de áreas de vegetação de várzea na Amazônia brasileira e *habitat* fluviais nos outros países é uma ameaça⁵⁷⁷. É alvo de caça para consumo e comércio⁵⁷⁷, sendo mais vulnerável que outros cracídeos, por manter-se muito próximo à beira de rios, *habitat* facilmente acessado por pessoas que utilizam o rio como transporte²³⁸.

Pode haver extinção de subpopulações isoladas devido à perda de variabilidade genética⁹³⁵.

Ações de conservação

Existentes

Crax globulosa é contemplada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

A área mais importante para a conservação de *C. globulosa* é a RDS Mamirauá, no Amazonas²³⁸. Existem ações de conservação da espécie nessa RDS¹⁰⁶⁹ e na Reserva Nacional Pacaya-Samira, no Peru¹³⁰¹.

Presença em unidades de conservação

Amazonas: RDS Amanã¹⁰⁶⁹, RDS Mamirauá⁹³⁵, RDS Uacari (W. Endo, com. pess., 2012), RESEX Médio Juruá (W. Endo, com. pess., 2012), FLONA do Purus.

Pesquisas

Necessárias

Aranibar-Rojas⁶¹ sugere que seja criado um programa de reprodução em cativeiro com o envolvimento de vários países para manter a viabilidade genética da espécie; sugere ainda o desenvolvimento de pesquisas em ecologia, distribuição e programas de monitoramento e controle de caça.

Além disso, são urgentes realização de estimativa acurada das populações nacionais, análise genética de populações, busca e monitoramento das populações ao longo dos rios Purus e Juruá, onde possivelmente há populações relevantes da espécie.



Crax fasciolata pinima Pelzeln, 1870

Luis Fábio Silveira

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

Nome comum: mutum-pinima



Foto: Emanuel Barreto

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) A2cd; C1

Justificativa

Crax fasciolata pinima é restrita ao Centro de Endemismo Belém, com ocorrência confirmada apenas nos estados do Pará e Maranhão. É, seguramente, uma das aves mais ameaçadas de extinção em toda a região neotropical. É conhecida por poucos exemplares depositados em museus e não há registros comprovados na natureza desde 1978. A região onde ocorria é, hoje, a mais descaracterizada de toda a Amazônia. O táxon perdeu mais do que 75% de seu *habitat* original. É intolerante a alterações de *habitat*, restrita a florestas primárias e sofre intensa pressão de caça. A floresta primária nas áreas remanescentes continua sofrendo degradação e considera-se que não existe mais *habitat* ótimo para este táxon. Suspeita-se que o declínio populacional devido à perda de *habitat* e à caça tenha sido maior que 80% em três gerações (35 anos). A população é certamente menor que 50 indivíduos maduros. Por estas razões, *Crax f. pinima* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) pelos critérios A2cd; C1.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1130}	EN B1ab(i)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará: EN
Avaliação global ²⁶⁶	CR D

Notas taxonômicas

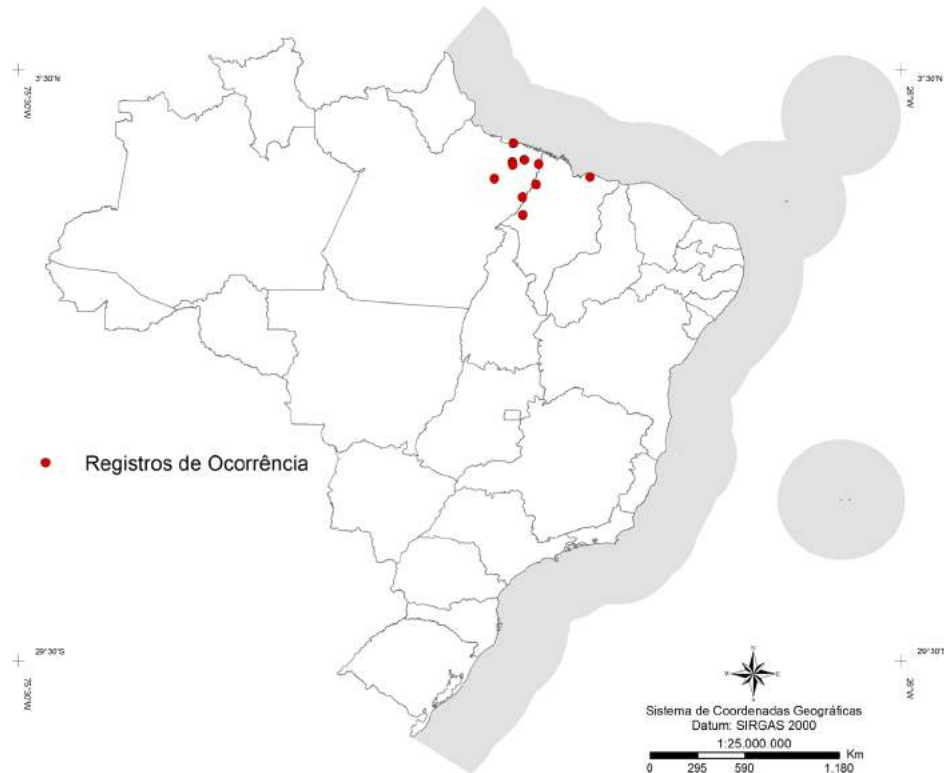
Os machos de *C. f. pinima* são fracamente distinguíveis da forma nominal, enquanto que as fêmeas possuem ceroma amarelo tanto na maxila quanto na mandíbula, além do par central de retrizes negras. Estes são caracteres claramente diagnósticos e que não permitem qualquer confusão com outros táxons do gênero. Entretanto, curiosamente, estas características passaram despercebidas por todos os autores que trataram da taxonomia desta espécie, uma vez que estes se concentraram apenas no padrão de barras nas asas e cauda. Além da diagnose morfológica, há também diagnose molecular (M. Francisco, dados não publicados).

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil; restrita ao Centro de Endemismo Belém, distribuindo-se do leste do Pará



(margem direita do rio Tocantins) a oeste do Maranhão⁵⁷⁷.



História natural

Dados dos espécimes coletados mostram que *C. f. pinima* habita matas de terra firme primárias. Não são conhecidas mais informações sobre este táxon. O tempo geracional é estimado em 11,5 anos²⁵⁸.

População

É conhecida por poucos exemplares depositados em museus e não há registros comprovados na natureza desde 1978. Apenas uma fêmea deste táxon foi mantida em cativeiro (L.F. Silveira, obs. pess.). Expedições recentes a sua área de distribuição falharam em localizar indivíduos deste táxon⁹⁶⁵.

Suspeita-se que o declínio populacional devido à perda de *habitat* e à caça tenha sido maior que 80% em três gerações (35 anos). A população atual é certamente menor que 50 indivíduos maduros (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A região onde ocorre é, hoje, uma das mais descaracterizadas de toda a Amazônia⁹⁶⁵. *Crax f. pinima* perdeu mais do que 75% de seu *habitat* original, estando atualmente ausente até mesmo dos maiores fragmentos florestais da região. É intolerante a alterações de *habitat*, sendo restrito a florestas primárias. As áreas remanescentes continuam sofrendo degradação e considera-se que não existe mais *habitat* ótimo para este táxon. Além disso, sofre intensa pressão de caça.

A última localidade onde este mutum talvez ainda possa ser encontrado parece ser a REBIO do Gurupi, mas não são conhecidos registros recentes e confiáveis. Seguramente uma das aves mais ameaçadas de extinção no planeta e um forte candidato a ser o primeiro Cracidae extinto.



Ações de conservação

Existentes

Crax fasciolata pinima está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, que prevê a criação de um programa de cativeiro para este táxon, caso sejam identificadas populações remanescentes na natureza; também há previsão de ações de educação ambiental abordando as ameaças específicas ao táxon⁶²⁸.

Necessárias

É necessária busca urgente por indivíduos na natureza e captura de exemplares para iniciar um programa de cativeiro com vistas à reintrodução em áreas onde o táxon foi extinto. Também é urgente a proteção da REBIO do Gurupi contra desmatamento e caça, visto que esta unidade é hoje a mais importante para a conservação não só do mutum, mas de muitos táxons endêmicos e ameaçados do Centro de Endemismo Belém^{965,1121,1130}.

Presença em unidades de conservação

Não há registros confiáveis de *C. f. pinima* para nenhuma unidade de conservação, mas é provável que ocorra ou tenha ocorrido na REBIO do Gurupi, no Maranhão.

Pesquisas

Apenas pesquisa taxonômica sobre *C. f. pinima* já foi conduzida.

Crax blumenbachii Spix, 1825

Fernanda Pinto Marques, Suylane Barbalho de Lima Silva & Danielle Custódio Leal

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

Nomes comuns: mutum-de-bico-vermelho,
mutum-do-sudeste



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(ii)

Justificativa

Crax blumenbachii é endêmica do Brasil, ocorrendo desde o sul da Bahia até o Rio de Janeiro. Atualmente está restrita a algumas manchas florestais. Estima-se que haja menos de 250 indivíduos maduros e que mais de 90% deles encontram-se no bloco florestal de Linhares/Sooretama, no Espírito Santo. Há declínio populacional continuado devido à caça e perda de *habitat*. Dessa forma, *C.*



blumenbachii foi avaliada como Criticamente em Perigo (CR), pelo critério C2a(ii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1131}	EN C2a(i)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,442}	Minas Gerais: CR Espírito Santo: CR Rio de Janeiro: Provavelmente Extinta
Avaliação global ²³⁹	EN B1ab(i,ii,iii,v); C2a(i); D

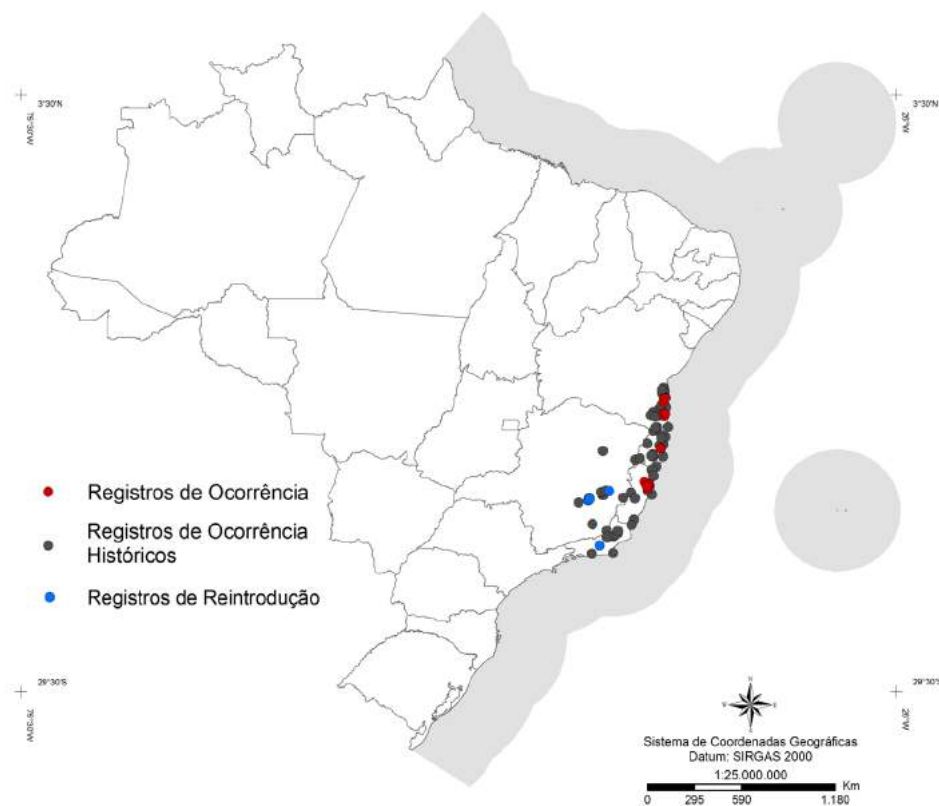
Outros nomes aplicados ao táxon

Crax rubrirostris Spix, 1825.

Distribuição geográfica

Ocorre no sudeste do Brasil; originalmente, distribuía-se amplamente desde o sul da Bahia até o sul e nordeste do Rio de Janeiro^{528,577}. Erroneamente, é citado um registro da espécie na Bolívia⁵⁷⁷.

Os registros recentes restringem-se a duas localidades no Espírito Santo (Linhares e Sooretama) e três localidades na Bahia (PARNA do Descobrimento, REBIO de Una e PE Serra do Conduru). Há ainda populações reintroduzidas no Rio de Janeiro (RPPN Reserva Ecológica de Guapiaçu) (P.C. Cordeiro, com. pess., 2013) e em três áreas em Minas Gerais (RPPN Fazenda Macedônia, RPPN Reserva de Peti e ESEC de Fechos)¹¹³¹.



História natural

Endêmico de Mata Atlântica de baixada, ocupando exclusivamente matas primárias ou em avançado estado de regeneração¹¹³¹; visita vegetação baixa, pequenas várzeas e áreas próximas à água, em altitudes de até 500 m. Alimenta-se de frutos, normalmente apanhados no solo; também consome folhas,



sementes⁵⁷⁷ e, ocasionalmente, pequenos animais¹¹³¹. Forrageia em pares ou em grupos com mais de quatro indivíduos. A fêmea alcança maturidade sexual entre dois e três anos e permanece fértil por pelo menos 11 anos. É considerada espécie sedentária⁵⁷⁷.

Reproduz entre setembro e fevereiro. O ninho, construído principalmente pelo macho, é um cesto trançado, feito com galhos e material vegetal das proximidades. Os ninhos podem ser construídos a uma altura de 20 m. Apenas a fêmea incuba os ovos, mas ambos os pais ocupam-se do trato dos filhotes por cerca de quatro meses¹¹³¹.

População

É espécie rara, estando a população em declínio desde o século XIX. Em 1977, acreditava-se que a população da REBIO Sooretama fosse de mais de 60 indivíduos. Na Reserva Natural Vale, em Linhares, acreditava-se haver mais de 100 indivíduos na década de 80. É quase certo que a espécie desapareceu em diversas reservas do Espírito Santo, incluindo a Fazenda São Joaquim, atual REBIO Córrego Grande, onde, década de 70, a população era estimada em cerca de 10 indivíduos⁵⁷⁷. Extinta no Rio de Janeiro desde a década de 1960 e em Minas Gerais desde os anos 1970⁵⁸⁷. Na Bahia, não há avistamento de *C. blumembachii* no PARNA Pau Brasil e Serra das Lontras desde 2004 (Develey 2010 citado por Bernardo¹²⁴).

População relictual foi encontrada em fragmento florestal (3.000 a 5.000 ha) próximo a Camamu e Teixeira de Freitas, na Bahia⁵⁸⁷. Nas matas da Empresa Michelin, entre os municípios de Ituberá e Igrapiúna, também na Bahia, um indivíduo foi registrado, assim como seu ninho e um ovo que foi encontrado no solo⁷²⁵.

Em 2004, estimava-se que existiam não mais que 250 indivíduos adultos autóctones, distribuídos em, no mínimo, sete populações na Bahia e Espírito Santo, em cerca de 0,85% da área originalmente ocupada⁵⁸⁷.

A espécie é criada em cativeiro com sucesso em diversos zoológicos e coleções⁵⁷⁷.

Em 1991, 15 casais da Fundação Crax foram introduzidos na Reserva Caratinga (Fazenda Montes Claros) e outros 15 na Reserva Cenibra, em Ipatinga, também em Minas Gerais. Não se sabe se os indivíduos da Reserva Caratinga sobreviveram, mas 20 dos 30 indivíduos da Reserva Cenibra ainda permaneciam vivos em 1993⁵⁷⁷.

Entre agosto de 2006 e outubro de 2008, 53 indivíduos subadultos (23 machos e 30 fêmeas) foram reintroduzidos na Reserva Ecológica de Guapiaçu, no Rio de Janeiro. Destes indivíduos, quatro foram mortos por cães, dois foram caçados e um foi capturado por motivo desconhecido¹²³. A área de vida dos mutuns reintroduzidos foi, em média, de 125 ha, sendo que a maior parte dos jovens utilizou uma área de vida média entre 51 e 100 ha, enquanto os indivíduos adultos utilizaram uma área maior, entre 201 e 250 ha, sendo as maiores áreas utilizadas por machos adultos¹²⁴.

Considerando que as áreas de ocorrência de *C. blumenbachii* são bastante estudadas por diversos pesquisadores, há segurança em afirmar que atualmente existem menos de 250 indivíduos maduros em vida livre e que mais de 90% deles encontra-se no bloco florestal de Linhares/Sooretama, no Espírito Santo. Além disso, há declínio populacional continuado devido à caça e perda de *habitat* (oficina de avaliação). *Tendência populacional*: declinando.

Ameaças

É extremamente sensível à caça, alteração e fragmentação de *habitat*¹¹³¹; predação por animais domésticos também é uma ameaça¹²⁴.

O declínio histórico da espécie ocorreu devido à massiva destruição das florestas no leste do Brasil e à extensiva ação de caçadores⁵⁷⁷.

Muitas das unidades de conservação nas quais a espécie sobrevive ainda estão sujeitas a invasões para retirada de madeira e caça. Incêndios florestais também podem ter efeitos nocivos sobre as populações remanescentes, especialmente durante a época de reprodução¹¹³¹, de modo que nem mesmo nas áreas protegidas a manutenção da espécie é garantida.



Ações de conservação

Existentes

Crax blumenbachii está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹. A conservação *ex situ* desempenha importante papel na proteção desta espécie, sendo sua situação atual razoavelmente confortável em cativeiro, especialmente pelos esforços da Fundação Crax, que realiza um bem-sucedido programa de reintrodução da espécie na natureza, com resultados relevantes e expressivos¹¹³¹. As técnicas desenvolvidas pela entidade devem ser aplicadas em outras localidades selecionadas, protegidas e adequadamente preparadas para receber indivíduos da espécie¹¹³¹.

Necessárias

A proteção efetiva das localidades onde a espécie ainda ocorre é essencial à sua conservação. É necessário combater caçadores e retirar invasores de unidades de conservação, além de recuperar *habitat* em áreas onde a espécie foi registrada¹¹³¹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Serra das Lontras¹¹³¹, PARNA e Histórico de Monte Pascoal¹¹³¹, PARNA do Descobrimento¹¹³¹, PE do Conduru¹¹³¹, REBIO de Una¹¹³¹, REVIS de Una, PARNA do Pau Brasil, RPPN Estação Veracel¹¹³¹;

Espírito Santo: REBIO de Sooretama¹¹³¹, REBIO do Córrego Grande¹¹³¹;

Minas Gerais: ESEC de Fechos¹¹³¹, PE do Rio Doce¹¹³¹, RPPN Fazenda Macedônia¹¹³¹, RPPN Reserva de Peti¹¹³¹;

Rio de Janeiro: PE do Desengano¹¹³¹, RPPN Reserva Ecológica de Guapiaçu¹²⁴.

Pesquisas

Existentes

Estudos realizados pela Fundação Crax aumentaram o conhecimento sobre o manejo e a reprodução em cativeiro deste mutum, o que permitiu ampliar rapidamente o número de aves em cativeiro.

Necessárias

Estudos de campo para determinar parâmetros básicos de história natural, a fim de melhor fundamentar projetos de reintrodução¹¹³¹.



Pauxi mitu (Linnaeus, 1766)

Luis Fábio Silveira

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

Nome comum: mutum-do-nordeste



Foto: Marco Antônio de Freitas

Categoria de risco de extinção e critérios

Extinta na Natureza (EW)

Justificativa

Pauxi mitu é endêmica do Brasil, ocorrendo teoricamente entre Rio Grande do Norte e Alagoas, com registros confirmados apenas no estado de Alagoas na década de 1980. Não há dúvida da inexistência de indivíduos na natureza, uma vez que todas as áreas de potencial ocorrência foram exaustivamente amostradas ao longo de décadas. Assim, *Pauxi mitu* foi categorizada como Extinta na Natureza (EW).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1132}	EW*
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁴⁰	EW

*Avaliada como *Mitu mitu*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Crax mitu Linnaeus,1766; *Mitu mitu* (Linnaeus,1766).

Distribuição geográfica

Sua distribuição geográfica remete às matas primárias de baixada de pouca altitude, entre Rio Grande do Norte e Alagoas, sendo que apenas neste último há registros confiáveis (espécimes ou observações)¹¹³². Embora sejam citados registros duvidosos para Bahia⁵²⁸, acredita-se que esta seja uma confusão com outra espécie de Cracidae, uma vez que *Pauxi mitu* é endêmica do Centro de Endemismo Pernambuco¹¹³².



História natural

Pouco se conhece sobre a biologia desta espécie em vida livre; assim como seus congêneres, é provável que seja essencialmente florestal, podendo utilizar remanescentes de mata secundária em avançado estado de regeneração; provavelmente ocupava grandes territórios de floresta virgem, vivendo em baixas densidades¹¹³².

População

Em 1976, uma fêmea foi encontrada em cativeiro, em São Miguel dos Campos, Alagoas. Em 1978, foram registrados três indivíduos e um ninho, na localidade de Lagoa Doce, no município de Roteiro, Alagoas. Na Barra de São Miguel, na Mata de Othon, foi assinalado um grupo contendo seis indivíduos. No mesmo ano, cinco exemplares foram cedidos por criadores. Em 1979, um exemplar cativo foi doado para pesquisa⁸³⁹.

Atualmente, são conhecidos apenas indivíduos cativos, pouco mais de 90 aves, divididas em três criadouros e um zoológico brasileiros. Toda a população de cativeiro descende de duas fêmeas e um macho capturados na natureza na década de 70 e de possíveis misturas com *P. tomentosa*, resultando em aproximadamente 60 indivíduos geneticamente puros¹¹³².

Diversos pesquisadores buscaram a espécie na natureza por décadas. Tendo em vista o pequeno tamanho das áreas de mata remanescentes e o grande esforço empenhado em sua busca, pode-se afirmar que não há mais exemplares vivos de *P. mitu* na natureza (oficina de avaliação).

Tendência populacional: Extinta na natureza.

Ameaças

A destruição avassaladora do *habitat* e a caça levaram a espécie ao declínio; é possível que pesticidas utilizados em plantações de cana vizinhas às florestas também tenham causado prejuízos a *P. mitu*⁵⁷⁷. Considera-se que a caça, feita por mateiros e caçadores profissionais e amadores, aliada à severa perda de *habitat*, tenham sido as principais causas da extinção desta espécie na natureza¹¹³².



Ações de conservação

Existentes

A população de cativeiro é a única chance de sobrevivência da espécie, embora a reintrodução na natureza seja dificultada pela pequena quantidade de áreas adequadas⁵⁷⁷ e pela caça, prática que existe até hoje no local de distribuição original de *P. mitu*⁶⁰³.

As ações de conservação foram reunidas no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação do Mutum-de-alagoas, com objetivos de assegurar permanentemente a manutenção das populações em cativeiro, promover o aumento do efetivo populacional e do número de populações existentes e propiciar a reintrodução da espécie nos remanescentes florestais dentro de sua provável área de distribuição original⁶⁰³. Recentemente, esse plano foi incorporado a outro mais abrangente, o Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves Ameaçadas da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Não há registros em unidades de conservação.

Pesquisas

O PAN Mutum-de-alagoas prevê como pesquisas prioritárias para subsidiar as ações de preservação da espécie: estudos fenológicos, fitossociológicos e faunísticos nos fragmentos potenciais para reintrodução de *Pauxi mitu* e estudos que melhorem a manutenção e reprodução da espécie em cativeiro⁶⁰³.

Odontophorus capueira plumbeicollis Cory, 1915

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Galliformes

Família: Odontophoridae

Nome comum: uru



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(ii)

Justificativa

Odontophorus capueira plumbeicollis é endêmica do Brasil, com registros atuais apenas para o Ceará e Paraíba. Sua área de distribuição é amplamente amostrada por diversos ornitólogos. A espécie é facilmente registrada pela vocalização. É seguro dizer que atualmente a população total não ultrapassa 250 indivíduos maduros e que mais de 90% deles estão concentrados em uma única subpopulação (Serra de Baturité). Dessa forma, *O. c. plumbeicollis* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) pelo



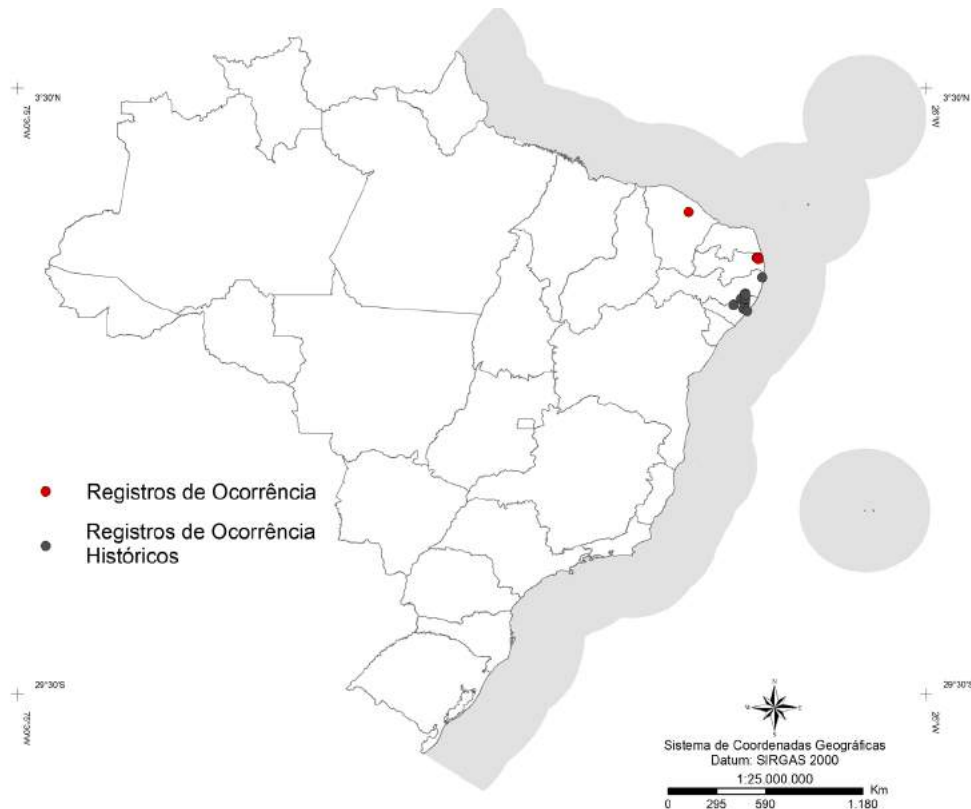
critério C2a(ii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1019}	EN B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Distribuição geográfica

Táxon endêmico do nordeste, ocorrendo originalmente nos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Alagoas¹⁶, mas com registro atual apenas no Ceará e Paraíba (oficina de avaliação).



História natural

Ocorre em floresta atlântica de baixada, incluindo matas secundárias³⁴⁶, desde que em bom estado de conservação¹⁰¹⁹; ocupa o chão da floresta; alimenta-se de frutos; nidifica no solo³⁴⁶.

População

Esta subespécie é considerada a mais pressionada dentro da família³⁴⁶. Embora sua área de distribuição seja amplamente amostrada por diversos ornitólogos e o táxon seja facilmente registrado pela vocalização, os registros recentes são escassos e concentram-se quase que exclusivamente na Serra de Baturité, havendo registros recentes em apenas uma localidade fora dela (Paraíba). É bastante rara e pouco numerosa. Assim, é seguro dizer que, atualmente, a população total não ultrapassa 250 indivíduos maduros e que mais de 90% deles estão concentrados em uma única subpopulação (oficina de avaliação). *Tendência populacional*: declinando.



Ameaças

A caça parece ter sido a maior ameaça ao táxon. É possível que tenha sido dizimado por caçadores nas serras de Aratanha e Maranguape, no Ceará, onde é conhecida de moradores locais, mas não há registros recentes da espécie¹⁶. A perda de *habitat* também ameaça a subespécie^{346,1019}. Cachorros domésticos podem preda severamente esta espécie e aves domésticas podem transmitir doenças. Todas essas ameaças levam ao declínio populacional continuado, com extinção de populações locais (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Odontophorus capueira plumbeicollis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas;

Pernambuco: RPPN Frei Caneca;

Alagoas: ESEC de Murici¹⁰¹⁹;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada¹⁰¹⁹.

Pesquisas

São necessários censos populacionais³⁴⁶ e estudos que testem a validade do táxon (L.F. Silveira, com. pess., 2013).

Thalassarche chlororhynchos (Gmelin, 1789)

Leandro Bugoni, Pedro Cerqueira Lima & Patrícia Pereira Serafini

Ordem: Procellariiformes

Família: Diomedidae

Nome comum: albatroz-de-nariz-amarelo



Foto: Dimas Gianuca

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A4bd

Justificativa

Thalassarche chlororhynchos reproduz apenas no arquipélago de Tristão da Cunha e Ilhas Gough. Fora do período reprodutivo, ocupa essencialmente mares subtropicais. Em águas brasileiras, ocorre mais frequentemente do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro, mas há registros no nordeste do país. Há modelagens de declínio populacional que prevêem perda de 54 a 63% da população global em três



gerações (incluindo passado e futuro). No Brasil, a espécie é afetada por captura incidental na pesca e, possivelmente, poluentes. Assim, *T. chlororhynchos* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelo critério A4bd.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,887}	VU A1ad+2b; B1ab(i)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,441,443a,444}	São Paulo: Ameaçada Paraná: VU Santa Catarina: EN Rio Grande do Sul: EN
Avaliação global ¹⁴⁷	VU A4bd; B2ab(v)

Outros nomes aplicados ao táxon

Odontophorus plumbeicollis Cory, 1915.

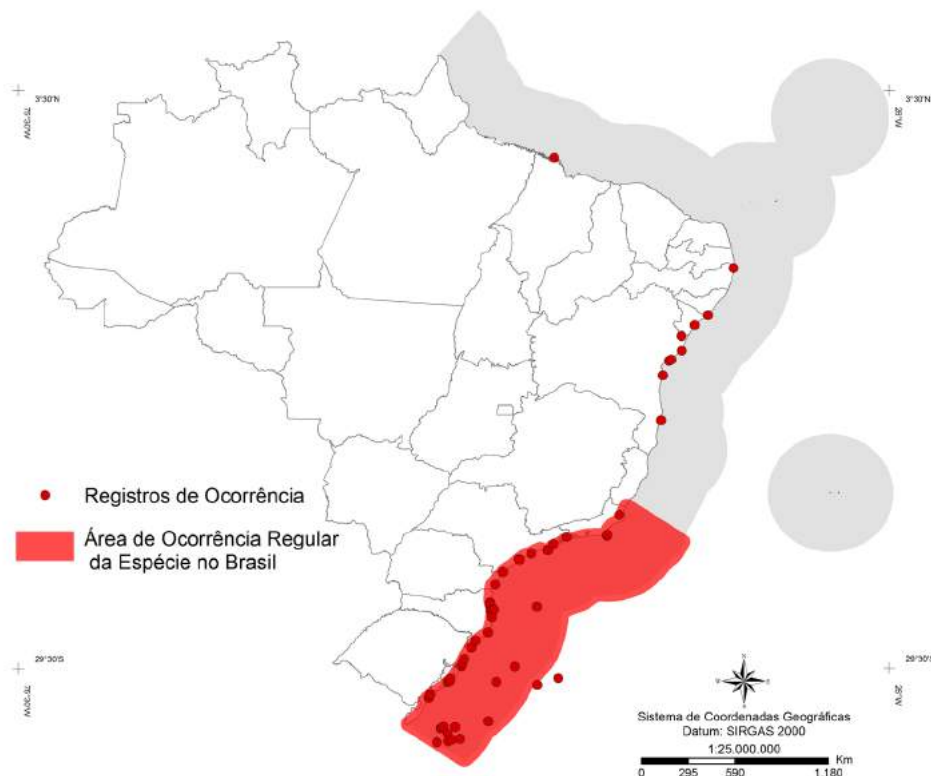
Notas taxonômicas

As formas do Índico (*Thalassarche carteri*) e do Atlântico (*T. chlororhynchos*) têm sido tratadas como espécies válidas^{2,895}.

Distribuição geográfica

Reproduz apenas no arquipélago de Tristão da Cunha e Ilhas Gough⁴. Fora do período reprodutivo, ocupa essencialmente mares subtropicais desde a costa do Brasil à África⁸⁹⁵.

No Brasil ocorre no litoral nordeste, sudeste e sul⁵²⁸. Embora seja mais frequente do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro, há registros esporádicos no nordeste do país³⁵², nos estados da Bahia⁷²⁸, Sergipe, Alagoas (Sousa *et al.* 2005 citado por Carvalho *et al.*³⁵²) e Pernambuco (Carlos *et al.* 2005 citado por Carvalho *et al.*³⁵²). Carvalho *et al.*³⁵² relatam a ocorrência mais setentrional de *T. chlororhynchos* para





a costa do Brasil: ilha de Iguará, no município de Cururupu, Maranhão. Porém, registros no Atlântico Norte e no norte da América do Sul, por exemplo no Suriname²⁹³, sugerem que ocorra ao longo de toda a costa brasileira.

História natural

Marinho e pelágico, embora ocorra na costa em alguns locais. Alimenta-se principalmente de cefalópodes e peixes, mas também de crustáceos e anfípodas. Segue barcos de pesca para se alimentar de descartes ou iscas³¹³, tanto em áreas costeiras como em alto mar, conforme indicado por dados recentes de rastreamento com satélite (L. Bugoni, dados não publicados). Reproduz em ilhas oceânicas remotas do arquipélago de Tristão da Cunha, ocupando encostas ou falésias tipicamente nuas em áreas rochosas, mas às vezes com vegetação, principalmente capim-*tussok* e samambaias. Reproduz anualmente; põe um ovo; atinge maturidade sexual entre 9-11 anos de idade. Há registro de um espécime na natureza com 37 anos de idade.

População

Há evidências de que a população diminuiu sensivelmente desde a década de 80⁸⁷⁷. Dados demográficos têm sido coletados em duas colônias em Gough e Tristão da Cunha por 20 anos. Modelos populacionais prevêem taxas anuais de declínio entre 1,5 e 2,8% em Gough e 5,5% em Tristão da Cunha. Esses declínios indicam uma redução de 54 a 63% ao longo de três gerações da espécie (71 anos, envolvendo passado e futuro)³⁹⁵.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A abundância nas Ilhas Gough tem diminuído desde 1980 devido à captura incidental pela pesca com espinhel³⁹⁰. Ameaçada pela mortalidade incidental na pescaria com espinhel no Brasil^{312,747}, e por pescarias de linha de mão e corrico³¹² é uma das principais espécies capturadas incidentalmente por barcos de pesca neste país⁸⁵⁰. Há presença de ratos e camundongos introduzidos nos sítios reprodutivos, mas não se sabe se representam uma ameaça real a *T. chlororhynchos*⁴.

Ações de conservação

Existentes

A espécie é contemplada por acordos internacionais (ACAP e Convenção sobre Espécies Migratórias - CMS) e pelo Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação de Albatrozes e Petréis – PLANACAP, que tem como objetivo geral “contribuir para a conservação das populações de albatrozes e petréis em longo prazo”. Este PAN prevê diversas ações relacionadas à pesquisa e mitigação dos impactos da pesca industrial sobre este e outros táxons, além de outras ações relacionadas aos efeitos da poluição ou patógenos sobre as populações que utilizam águas brasileiras durante o período não reprodutivo⁸⁵¹.

O Projeto Albatroz é uma organização não-governamental criada em 1991 que atua na adoção de medidas para evitar a captura de albatrozes e petréis por parte de embarcações pesqueiras e na promoção de atividades de educação ambiental junto a pescadores, escolas e ao público em geral.

Presença em unidades de conservação

Maranhão: RESEX de Cururupu³⁵²;

São Paulo: ESEC de Tupinambás¹²⁸⁹;

Santa Catarina: REBIO Marinha do Arvoredo⁸³⁷;

Rio Grande do Sul: PARNA da Lagoa do Peixe^{447,934}.



Pesquisas

Existentes

O Projeto Albatroz desenvolve pesquisas voltadas à conservação de albatrozes e petréis, especialmente análises voltadas à eficiência do uso de medidas mitigadoras da captura incidental pelas embarcações de pesca. A FURG realiza pesquisas sobre a ecologia e distribuição da espécie no Brasil, visando a definição de áreas de maior ocorrência, riscos de captura incidental e efeitos potenciais de exploração de petróleo no sul e sudeste do Brasil e busca identificar potenciais áreas para criação de áreas marinhas protegidas. Equipe da FURG também tem desenvolvido pesquisas com este táxon envolvendo tecnologias de sensoriamento remoto.

Necessárias

Como pesquisas necessárias para a conservação da espécie, ressaltam-se: identificação de aspectos da biologia e dinâmica populacional da espécie usando transmissores satelitais, marcadores moleculares e isótopos estáveis; documentação e monitoramento da presença de enfermidades e dos efeitos de contaminantes sobre a espécie.

Diomedea epomophora Lesson, 1825

Leandro Bugoni

Ordem: Procellariiformes

Família: Diomedidae

Nome comum: albatroz-real



Foto: Dimas Gianuca

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A1acde

Justificativa

Diomedea epomophora é espécie migratória que se reproduz apenas na Nova Zelândia, nas ilhas Auckland e Campbell. O litoral sul do Brasil é utilizado como área de alimentação da espécie. Nas áreas reprodutivas, houve declínio muito acentuado após a colonização das ilhas (ocorrida há cerca de 130 anos, equivalente a três gerações da espécie). Na década de 1930, grande parte do gado foi retirado das ilhas. Em 1964, ações de manejo nas áreas reprodutivas reduziram as ameaças (ovelhas, ratos e cães), permitindo alguma recuperação populacional. A população em Campbell (ilha que contém cerca de 99% da população global) chegou a cerca de 4.000 indivíduos maduros, em 1958. Hoje, estima-se que haja cerca de 16.000 indivíduos maduros; a tendência parece ser de estabilidade ou crescimento populacional, apesar das ameaças existentes nas áreas de alimentação (poluentes, captura incidental em



espinhel e arrasto de fundo). Dados recentes indicam que a captura por pesca de espinhel é maior que o observado anteriormente. Aparentemente, a tendência de crescimento nos últimos 60 anos representa uma recuperação da população que sofreu sério declínio antes desse período. Com base na extinção ou quase extinção da espécie em outras ilhas, sujeitas às mesmas ameaças que afetaram as ilhas Campbell e no fato da população ainda estar aparentemente em recuperação, suspeita-se que houve um declínio populacional superior a 50% em três gerações passadas. Desta forma, *D. epomophora* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelo critério A1acde.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁸⁸⁸	VU D2
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{440,444}	Santa Catarina: VU Rio Grande do Sul: VU
Avaliação global ¹⁴⁸	VU D2

Outros nomes aplicados ao táxon

Diomedea regia Buller, 1891; *Diomedea epomophora mccormicki* Mathews, 1912; *Diomedea epomophora longirostris* Mathews, 1934.

Notas taxonômicas

Carboneras³³⁵ considera o táxon *sanfordi* como subespécie de *D. epomophora*. Entretanto, Grantsau⁵²⁸ e Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO)³⁵⁴ consideram-no como espécie plena e monotípica.

Distribuição geográfica

Reproduz apenas na Nova Zelândia, nas ilhas Auckland (99% da população) e Campbell⁵. O litoral sul do Brasil é utilizado como área de alimentação. Ocasionalmente, ocorre no sudeste (ocorrência citada para Rio de Janeiro e São Paulo, ambos sem localidade exata)⁵²⁸. Exemplos capturados no Rio





Grande do Sul, um deles por um espinheleiro, haviam sido anilhados em Campbell (Olmos 2002b citado por Olmos *et al.*⁸⁷⁶).

História natural

Marinho; reproduz em ilhas remotas, geralmente em escarpas com capim-*tussock*, mas pode ocupar também áreas abertas. Alimenta-se sobretudo de cefalópodes, mas consome também peixes e crustáceos. Realiza movimentos de dispersão após o período reprodutivo³³⁵, que ocorre a cada dois anos. Os filhotes permanecem no ninho por cerca de oito meses. A primeira reprodução ocorre entre seis e 12 anos de idade⁵.

População

Houve forte declínio no passado³³⁵, a “tendência populacional” parece ser de estabilidade⁶⁴⁶. Na década de 1930, grande parte do gado foi retirado das ilhas. Em 1964, ações de manejo nas áreas reprodutivas reduziram as ameaças (ovelhas, ratos e cães), permitindo alguma recuperação populacional. Entretanto, acredita-se que esta recuperação ainda não foi completa (oficina de avaliação): estima-se que há 130 anos (cerca de três gerações) a população global seria maior que a atual (aproximadamente 16.000 indivíduos maduros, segundo dados compilados em *Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels* - ACAP⁵). Essa estimativa é feita com base na extinção ou quase extinção da espécie em outras ilhas, sujeitas às mesmas ameaças que afetaram as ilhas Campbell e no fato da população ainda estar aparentemente em recuperação, sem que tenha atingido a capacidade de suporte do ambiente. Essa população chegou a apenas 4.000 indivíduos maduros em 1958⁵, indicando que houve uma redução em torno de 75% em três gerações. Essa redução populacional tem causas conhecidas e já controladas^{5,646}.
Tendência populacional: estável.

Ameaças

As maiores ameaças à espécie são distúrbios nas colônias e captura incidental em barcos de pesca³³⁵. Atualmente, os sítios reprodutivos são protegidos. Entretanto, ainda há ameaças nas áreas de alimentação, como contaminação por poluentes, captura incidental em espinhel e arrasto de fundo⁶, inclusive no Brasil⁸⁵⁰. Dados recentes indicam que a captura por pesca de espinhel é maior que o observado anteriormente, incluindo as pescarias de espinhel pelágico que operam no oceano Atlântico Sudoeste⁶⁵⁷.

Ações de conservação

Existentes

A espécie é contemplada por acordos internacionais (ACAP e Convenção sobre Espécies Migratórias - CMS) e pelo Plano de Ação para Conservação dos Albatrozes e Petréis⁸⁵¹. O Projeto Albatroz é uma organização não-governamental criada em 1991 que atua na adoção de medidas para evitar a captura de albatrozes e petréis por parte de embarcações pesqueiras e na promoção de atividades de educação ambiental junto a pescadores, escolas e ao público em geral.

Presença em unidades de conservação

Santa Catarina: REBIO Marinha do Arvoredo⁸³⁷.

Pesquisas

Existentes

O Projeto Albatroz desenvolve pesquisas voltadas à conservação de albatrozes e petréis, especialmente análises voltadas à eficiência do uso de medidas mitigadoras pelas embarcações de pesca. A FURG realiza pesquisas sobre a ecologia e distribuição da espécie no Brasil, visando a definição de áreas de maior ocorrência, riscos de captura incidental e efeitos potenciais de exploração de petróleo no sul e sudeste do Brasil. Além disso, busca identificar potenciais áreas para criação de áreas marinhas protegidas.



Diomedea sanfordi Murphy, 1917

Leandro Bugoni

Ordem: Procellariiformes

Família: Diomedidae

Nome comum: albatroz-real-do-norte



Foto: Dimas Gianuca

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii,v)

Justificativa

Diomedea sanfordi é espécie migratória que reproduz na Nova Zelândia, apenas nas Ilhas Chatham e na Península Otago. No Brasil, há registros em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A área de ocupação (AOO) reprodutiva foi calculada em menos de 500 km². Cerca de 99% da população reprodutiva concentra-se na ilha Chatham. Há histórico de tempestades capazes de devastar as colônias da espécie nos dois sítios reprodutivos, o que caracteriza menos de cinco localizações. Há declínio continuado no número de indivíduos maduros devido à captura incidental em pesca de espinhel e declínio na qualidade de *habitat* das áreas reprodutivas como efeito de mudanças climáticas e tempestades recorrentes. Assim, *D. sanfordi* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelo critério B2ab(iii,v).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,889}	EN A2c; B1ac(i)+2ac(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,444}	Santa Catarina: EN Rio Grande do Sul: EN
Avaliação global ²⁴¹	EN A4bc; B2ab(iii,v)

Outros nomes aplicados ao táxon

Rhothonia sanfordi Murphy, 1917.

Distribuição geográfica

É espécie migratória que reproduz na Nova Zelândia, apenas nas Ilhas Chatham e na Península Otago⁷. No Brasil, há registros apenas no litoral sul¹⁵²⁸ e águas adjacentes.

Sua AOO foi calculada através da soma das áreas utilizadas pelas aves nos dois sítios reprodutivos. A área de Taiaroa Head foi calculada em 2,79 km². As Ilhas Chatham apresentam uma área total de 996 km² e mais da metade da ilha tem ocupação antrópica. Há seis grandes lagoas na ilha, *habitat* não utilizados por *D. sanfordi*. Quando excluídas as áreas ocupadas por habitações e as áreas das lagoas, restam cerca de 402 km². Dessa forma, a AOO da espécie resultou em, aproximadamente, 405 km² (oficina de avaliação).



História natural

Espécie marinha, reproduz-se em ilhas remotas, geralmente em escarpas com capim-*tussok*, mas às vezes em áreas expostas³³⁵. Alimenta-se de cefalópodes, peixes e salpas. A reprodução é bianual. Os jovens ficam no mar por um período de quatro a oito anos antes de retornar à colônia natal. Começam a se reproduzir entre seis e 11 anos de idade. A ave mais velha conhecida chegou aos 62 anos, reproduzindo⁸⁸⁹.

População

A população das Ilhas Chatham (99% da população global) é estimada em 5.800 pares (dados de 2003 citados em *Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels - ACAP*⁷). Na Península Otago são conhecidos 32 casais (dados de 2009⁷). A tendência populacional da espécie é desconhecida, mas acredita-se que esteja declinando⁷.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

Houve predação severa dos ninhos de *D. sanfordi* por diversas espécies invasoras em Taiaroa Head. Entretanto, essa ameaça está atualmente sob controle. Houve significativa predação para consumo humano nessas áreas; esta prática está mais limitada na atualidade. A partir de 1985, houve grande perda de ovos e filhotes devido a tempestades catastróficas que atingiram a região e levaram a graves alterações de *habitat*. Esta é a maior ameaça à espécie na atualidade. Degradação de *habitat* gerada por alterações climáticas também afetam a espécie em seus sítios reprodutivos⁷.

Há captura de indivíduos desta espécie em águas onde atua a frota espinheira do Brasil^{339,852,879}. As taxas mundiais de morte de *D. sanfordi* em petrechos de pesca são baixas, o que inicialmente levou ao entendimento que esta não seria a maior ameaça à sobrevivência da espécie⁷. No entanto, taxas elevadas de captura na pesca de espinhel pelágico pela frota uruguaia e japonesa operando no oceano Atlântico sudoeste⁶⁵⁷ indicam que o problema pode ter sido subestimado e alcançar proporções consideráveis.



Ações de conservação

Existentes

A espécie é contemplada por acordos internacionais (ACAP e Convenção sobre Espécies Migratórias - CMS) e pelo Plano de Ação para Conservação dos Albatrozes e Petréis⁸⁵¹. O Projeto Albatroz é uma organização não-governamental criada em 1991 que atua na adoção de medidas para evitar a captura de albatrozes e petréis por parte de embarcações pesqueiras e na promoção de atividades de educação ambiental junto a pescadores, escolas e ao público em geral.

Presença em unidades de conservação

Não há registro da espécie em unidades de conservação brasileiras.

Pesquisas

Existentes

O Projeto Albatroz desenvolve pesquisas voltadas à conservação de albatrozes e petréis, especialmente análises voltadas à eficiência do uso de medidas mitigadoras pelas embarcações de pesca. A FURG realiza pesquisas sobre a ecologia e distribuição da espécie no Brasil, visando a definição de áreas de maior ocorrência, riscos de captura incidental e efeitos potenciais de exploração de petróleo no sul e sudeste do Brasil. Além disso, busca identificar potenciais áreas para criação de áreas marinhas protegidas.

Diomedea exulans Linnaeus, 1758

Leandro Bugoni

Ordem: Procellariiformes

Família: Diomedidae

Nome comum: albatroz-gigante



Foto: Leandro Bugoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) A4bcde

Justificativa

Diomedea exulans ocorre nos mares do sul desde as Ilhas Geórgias do Sul para o leste até as Ilhas Antípodas e para o norte até o litoral sul e sudeste do Brasil. A população brasileira é oriunda das Ilhas Geórgias do Sul, onde o monitoramento populacional tem demonstrado declínio anual de 4,8% desde final da década de 90. O declínio populacional foi intensificado pelo aumento da frota de pesca com espinhel, uma vez que há elevada taxa de captura incidental por esse tipo de pesca. Nas colônias há perda de *habitat* devido ao aumento populacional de pinípedes. Há também predação de ninhos por



ratos. Caso não sejam tomadas medidas efetivas de conservação, a tendência de declínio anual será mantida e causará declínio populacional superior a 80% em três gerações (passado e futuro). Portanto, *D. exulans* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) pelo critério A4bcde.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁸⁹⁰	VU A1bd+2bd
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{440,441,443a,444}	São Paulo: Ameaçada Paraná: VU Santa Catarina: VU Rio Grande do Sul: EN
Avaliação global ¹⁴⁹	VU A4bd

Notas taxonômicas

Grantsau⁵²⁸ considera *Diomedea exulans chionopectera* e *Diomedea exulans rothschildi* como sinônimas de *D. e. exulans*. Carboneras³³⁵ considera o táxon *dabbenena* como subespécie de *D. exulans*. Entretanto, Grantsau⁵²⁸ e o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO)³⁵⁴ consideram-no como espécie plena.

Distribuição geográfica

Ocorre nos mares do Sul desde as Ilhas Geórgias do Sul para o leste até as Ilhas Antípodas e para o norte até o litoral sul e sudeste do Brasil⁵²⁸. No Atlântico, nidifica no arquipélago das Geórgias do Sul, especialmente em Bird Island (60% da população do arquipélago)⁸⁷⁶.





História natural

É marinho e altamente pelágico; raramente se aproxima de terra firme, exceto no período reprodutivo, quando ocupa ilhas remotas, tipicamente em escarpas com capim-*tussok* esparsos, mas também áreas abertas³³⁵. Apresenta grande longevidade. Em 1997, havia 19 aves com 39 anos de idade nidificando em Bird Island (Geórgias do Sul) e é provável que alguns indivíduos ultrapassem os 50 anos de idade. Machos e fêmeas começam a se reproduzir com cerca de 11 anos. A idade de primeira reprodução tem decrescido recentemente em populações em declínio devido à mortalidade causada pela pesca. Os jovens permanecem no oceano por cinco anos antes de retornar à sua colônia natal, exibindo alto grau de filopatria. Entre 1972 e 1985, os adultos tinham uma expectativa anual de sobrevivência de 94%. Isso significa uma redução de 1-2% em relação ao observado na década de 1960, devido à mortalidade causada pelos espinheiros. Machos têm uma expectativa de sobrevivência 2% maior que as fêmeas, que se alimentam em latitudes mais baixas e assim parecem interagir mais com embarcações pesqueiras de espinhel pelágico⁸⁷⁶. O tempo geracional da espécie é estimado em 23,3 anos²⁵⁸.

População

A população mundial é estimada em 8.050 pares reprodutivos (dados de 2007)⁸, com tendência de declínio. Nas Ilhas Geórgias do Sul, de onde vêm os indivíduos que frequentam as águas brasileiras, censos de 2004 e 2007 indicam a existência de 1.420 pares reprodutivos⁸. A população reprodutiva de Bird Island, que representa 60% da população das Geórgias do Sul, é monitorada desde 1972. O declínio anual, que foi de 0,61% entre 1972 e 1996, acelerou recentemente, atingindo a taxa de 4,8% ao ano desde 1996. Considerando-se também as demais ilhas da Geórgias do Sul, foi calculado um declínio populacional de cerca de 30% entre os anos 1984 e 2004⁸, o que resulta em uma taxa média de 1,5% de declínio ao ano. Considerando-se o período de três gerações (70 anos envolvendo passado e futuro), desde 1984, estima-se declínio superior a 80% nessa população de *D. exulans*.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

O declínio populacional foi intensificado pelo aumento da frota de pesca com espinhel, uma vez que há grande taxa de captura incidental de *D. exulans* por esse tipo de pesca. Nas colônias das Ilhas Geórgias do Sul, há perda de *habitat* devido ao aumento populacional de pinípedes. Há também predação de ninhos por ratos⁸.

A captura de indivíduos desta espécie em águas onde atua a frota espinheira do Brasil^{339,852,879} tem contribuído para seu declínio populacional^{394,396,398,876}.

Ações de conservação

Existentes

Diomedea exulans é contemplada por acordos internacionais (ACAP e Convenção sobre Espécies Migratórias - CMS) e pelo Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Albatrozes e Petréis⁸⁵¹. O Projeto Albatroz é uma organização não-governamental criada em 1991 que atua na adoção de medidas para evitar a captura de albatrozes e petréis por parte de embarcações pesqueiras e na promoção de atividades de educação ambiental junto a pescadores, escolas e ao público em geral.

Presença em unidades de conservação

Não existem registros para a espécie em unidades de conservação.

Pesquisas

Existentes

O Projeto Albatroz desenvolve pesquisas voltadas à conservação de albatrozes e petréis, especialmente análises voltadas à eficiência do uso de medidas mitigadoras pelas embarcações de pesca. A FURG realiza pesquisas sobre a ecologia e distribuição da espécie no Brasil, visando a definição de áreas de maior



ocorrência, riscos de captura incidental e efeitos potenciais de exploração de petróleo no sul e sudeste do Brasil. Além disso, busca identificar potenciais áreas para criação de áreas marinhas protegidas.

Diomedea dabbenena Mathews, 1929

Leandro Bugoni

Ordem: Procellariiformes

Família: Diomedidae

Nome comum: albatroz-de-tristão



Foto: Leandro Bugoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) A4ade

Justificativa

Diomedea dabbenena é migrante que reproduz fora do Brasil. Atualmente há registros reprodutivos apenas nas ilhas Gough e Inaccessible, sendo que a população desta última não é considerada viável. No Brasil, já foi registrada em São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A população é pequena, há predação de ninhos nas colônias por camundongos (*Mus musculus*) introduzidos e, no Brasil, há perdas por captura em espinhel. Modelagens populacionais inferem uma perda de 96% da população em três gerações (86 anos), incluindo passado e futuro. Assim, *D. dabbenena* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) pelo critério A4ade.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,891}	EN B1ab(i)+2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{440,441,444}	São Paulo: Ameaçada Santa Catarina: CR Rio Grande do Sul: CR
Avaliação global ²⁶⁷	CR A4ade

Outros nomes aplicados ao táxon

Diomedea chionoptera alexanderi Dabbene, 1926.

Notas taxonômicas

Carboneras³³⁵ considera este táxon como subespécie de *D. exulans*, mas Grantsau⁵²⁸ e o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO)³⁵⁴ consideram-na espécie plena.



Distribuição geográfica

É migrante que reproduz fora do Brasil, apenas nas Ilhas Gough e Inaccessible; foi extinto da ilha de Tristão da Cunha⁸⁹¹. Neves & Olmos⁸⁵³ citam registros de *D. dabbenena* em águas brasileiras para São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, parecendo ser mais regular nas águas sob influência da Convergência Subtropical em águas profundas ao largo do litoral gaúcho.



História natural

Marinho e altamente pelágico; reproduz exclusivamente nas ilhas remotas de Gough e Inaccessible, Oceano Atlântico Sul. Alimenta-se sobretudo de cefalópodes; consome também peixes, crustáceos³³⁵, iscas e vísceras de peixes descartadas por espinheleiros³¹³. A espécie reproduz-se a cada dois anos. Os filhotes passam de 8 a 9 meses no ninho⁶ e o sucesso da reprodução depende grandemente da sobrevivência dos adultos¹²⁷⁹. O tempo geracional da espécie é estimado em 28,7 anos²⁵⁸.

População

A população reprodutiva está praticamente restrita à Ilha Gough, onde é realizado monitoramento, sendo estimada em 1.700 pares anuais. A colônia da Ilha Inaccessible não é considerada viável, tendo em vista que continua em declínio e tem produzido menos de um filhote por ano desde 1990. A população global é estimada em 11.000 indivíduos⁶.

A taxa de sobrevivência de adultos é muito baixa devido à captura incidental em espinhéis. O sucesso reprodutivo também é baixo (cerca de 32%) devido à predação por camundongos introduzidos. Há decréscimo de cerca de 1% ao ano no número de filhotes que saem do ninho (dados de 1979 a 2007) e no número de adultos reproduzindo (dados de 1956 a 2007). A taxa de perda de adultos em espinhéis vem crescendo devido ao aumento do esforço de pesca. Modelagens populacionais indicam tendência de declínio populacional de 2,85% ao ano¹²⁷⁹, ou uma taxa ainda maior, 5,3% ao ano¹⁰⁵⁵.

Há projeções que indicam declínio populacional maior que 96% em três gerações (de 1980 a 2066)²⁵⁸. Tendo em vista que a população de *D. dabbenena* que ocorre no Brasil é parte desta população reprodutiva, considera-se que o declínio global seja refletido no Brasil.

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

A principal ameaça no Brasil é a mortalidade incidental na pesca com espinhel^{747,850}, que vem contribuindo para o declínio da espécie^{6,394,396,398,876}.

A predação por camundongos é uma das causas do baixo sucesso reprodutivo de *D. dabbenena* em Gough. O sucesso reprodutivo da espécie foi de 27% em 2004, bem abaixo dos 60-75% normalmente esperado para albatrozes do gênero *Diomedea*¹⁰.

Ações de conservação

Existentes

A espécie é contemplada por acordos internacionais (ACAP e Convenção sobre Espécies Migratórias-CMS) e pelo Plano de Ação para Conservação dos Albatrozes e Petréis⁸⁵¹.

O Projeto Albatroz é uma organização não-governamental criada em 1991 que atua na adoção de medidas para evitar a captura de albatrozes e petréis por parte de embarcações pesqueiras e na promoção de atividades de educação ambiental junto a pescadores, escolas e ao público em geral.

Presença em unidades de conservação

Não há registro da espécie em unidades de conservação brasileiras.

Pesquisas

Existentes

O Projeto Albatroz desenvolve pesquisas voltadas à conservação de albatrozes e petréis, especialmente análises voltadas à eficiência do uso de medidas mitigadoras pelas embarcações de pesca. A FURG realiza pesquisas sobre a ecologia e distribuição da espécie no Brasil, visando a definição de áreas de maior ocorrência, riscos de captura incidental e efeitos potenciais de exploração de petróleo no sul e sudeste do Brasil. Além disso, busca identificar potenciais áreas para criação de áreas marinhas protegidas.

Pterodroma madeira Matthews, 1934

Fernanda Pinto Marques, Danielle Custódio Leal & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Procellariiformes

Família: Procellariidae

Nome comum: grazina-da-madeira

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii); D

Justificativa

Pterodroma madeira reproduz nos maciços montanhosos do arquipélago da Madeira (área de



ocupação reprodutiva de 12 km², considerada uma localização devido ao risco de incêndios). Migra para o sul quando fora do período reprodutivo. A espécie foi recentemente registrada no Brasil, sendo possível que a costa nordeste represente importante área de alimentação. Dados recentes indicam que há cerca de 110 casais reprodutivos da espécie. Há declínio de qualidade de *habitat* devido a incêndios florestais e construção de infraestrutura. Por estas razões, *P. madeira* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelos critérios B2ab(iii); D.

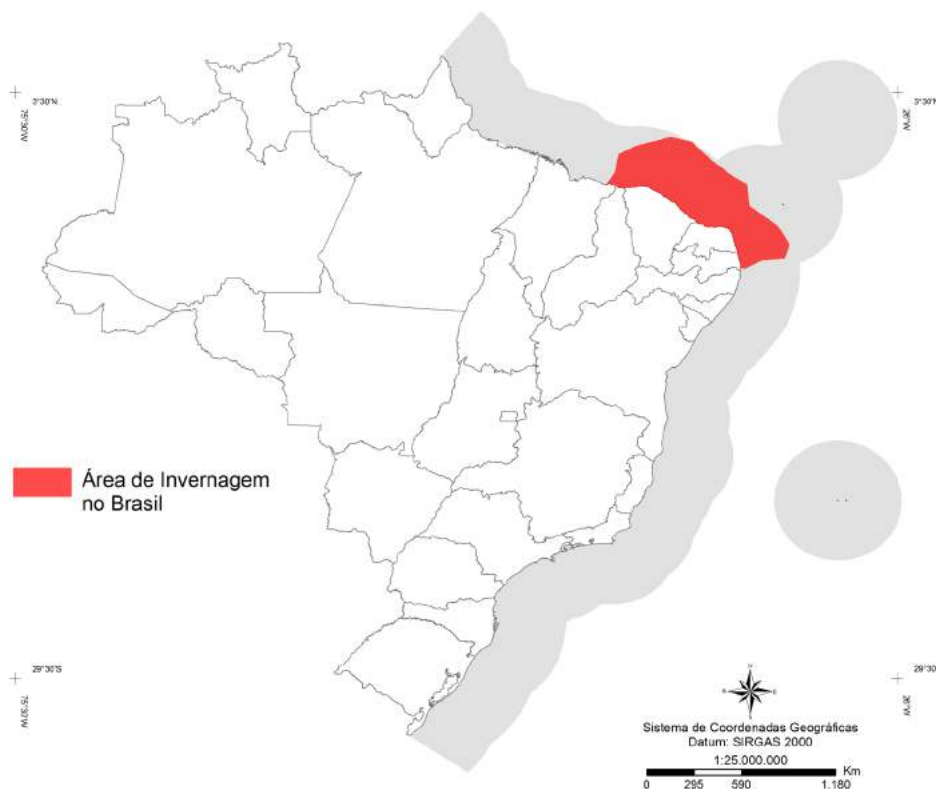
Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁵⁰	EN D

Distribuição geográfica

Reproduz apenas nos maciços montanhosos do arquipélago da Madeira. Sua distribuição no oceano foi desconhecida por muito tempo pelo fato desta espécie ser facilmente confundida com *P. feae*³³⁶. Entretanto, dados obtidos com geolocalizadores indicam que a costa nordeste do Brasil pode ser uma área de invernagem de *P. madeira*¹³¹⁵.

A área de ocupação no sítio reprodutivo é calculada pela BirdLife International²⁵⁸ em 12 km², sendo considerada uma única localização e tendo como principal ameaça a ocorrência de incêndios (oficina de avaliação).



História natural

Marinho e pelágico; reproduz em áreas montanhosas, no sopé de falésias com cerca de 1.600 m de altitude. Alimenta-se de peixes, lulas e crustáceos. Pouco se sabe sobre as movimentações da espécie³³⁶, mas dados recentes obtidos por geolocalizadores começam a desvendar os padrões de deslocamento de *P. madeira*¹³¹⁵.



População

Em 1969 a população chegou a níveis críticos, com apenas sete casais reprodutivos. Em 2000, eram 29 casais. Em 2011, havia 43 casais reproduzindo⁶⁶⁵. Atualmente, estima-se que a população reprodutiva seja de 90 a 110 casais²⁵⁸.

Tendência populacional: aumentando.

Ameaças

Em 2010, houve grandes perdas devido a um incêndio florestal, causando a morte de diversos indivíduos e a perda de muitos sítios de nidificação. A construção de uma estação de radar no Monte Areeiro também coloca a população reprodutiva em risco, ainda que a área seja protegida. Há predação de ninhos por ratos e gatos. Antigamente, houve coleta de ovos e filhotes por pastores que ocupavam a ilha e o *habitat* era degradado por ovelhas e cabras⁶⁶⁵.

Ações de conservação

Existentes

Esforços para a conservação desta espécie foram realizados, por décadas, por Alec e Frank Zino, em conjunto com o Museu de História Natural de Funchal, Parque Natural da Madeira e a população local. Ainda hoje há programas de controle de ratos e gatos nas ilhas.

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação).

Necessárias

Implantação de programas de regulação das atividades turísticas e de observação de aves nas ilhas⁶⁶⁵.

Presença em unidades de conservação

Não há registro da espécie em unidades de conservação brasileiras.

Pesquisas

É possível que colônias reprodutivas ainda sejam desconhecidas e é necessário o monitoramento do *habitat* restante para detectar quaisquer mudanças potencialmente ameaçadoras à espécie⁶⁶⁵.

***Pterodroma deserta* Mathews, 1934**

Fernanda Pinto Marques, Danielle Custódio Leal & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Procellariiformes

Família: Procellariidae

Nome comum: grazina-de-desertas



Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) B2ab(iii)

Justificativa

Pterodroma deserta reproduz na ilha Bugio, no arquipélago das Desertas, Portugal. Inverna em duas áreas na costa brasileira. A população reprodutiva global foi estimada em 160-180 pares, aparentemente com tendência à estabilidade. A área de ocupação reprodutiva é menor que 10 km² e corresponde a uma única localização, sendo a principal ameaça a introdução de espécies exóticas predadoras de ninho. Há declínio continuado de qualidade de *habitat* nas áreas reprodutivas e diminuição de recursos alimentares devido à exploração pesqueira excessiva. Dessa forma, *P. deserta* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR), pelo critério B2ab(iii).

Outras avaliações

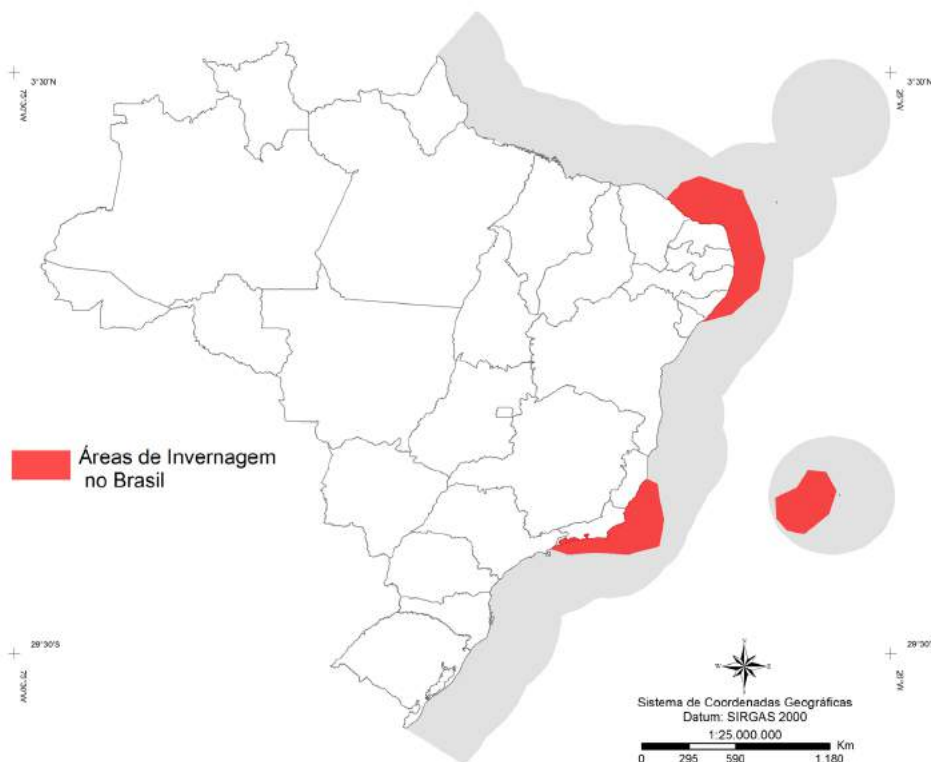
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁵⁹	VU D1+2

Notas taxonômicas

Já foi considerada coespecífica de *P. mollis*, *P. feae* e *P. madeira*.

Distribuição geográfica

Reproduz na ilha Bugio, no arquipélago das Desertas; possivelmente também nos Açores. Sua distribuição oceânica foi desconhecida por muito tempo devido à dificuldade de separação entre este táxon e *P. feae*³³⁶. Entretanto, dados obtidos com geolocalizadores indicam que de cinco áreas utilizadas por *P. deserta* como áreas de invernagem, três localizam-se na costa brasileira (a primeira entre a costa do Ceará e de Pernambuco e a segunda na altura do Trópico de Capricórnio), sendo estas áreas de extrema importância





para alimentação durante a migração e, conseqüentemente, para a conservação da espécie⁹⁷².

A área de ocupação reprodutiva foi calculada em 4 km² de acordo BirdLife International²⁵⁸ e corresponde a uma única localização, sendo a principal ameaça a introdução de espécies exóticas predadoras de ninho (oficina de avaliação).

História natural

Marinha e pelágica; alimenta-se de lulas e pequenos peixes. Em geral, nidifica em buracos de coelho ou naqueles escavados pela própria ave. Coloca apenas um ovo por ninhada³³⁶.

População

A espécie é rara e de distribuição restrita, necessitando de proteção⁶⁷¹. A população reprodutiva da ilha Bugio foi calculada em 160 a 180 pares, aparentemente com tendência à estabilidade⁹⁷².

Tendência populacional: estável.

Ameaças

São ameaças à espécie: degradação de *habitat* e predação por espécies exóticas nas áreas reprodutivas e exploração humana excessiva de recursos pesqueiros⁹⁷².

Ações de conservação

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação).

Presença em unidades de conservação

Não há unidades de conservação brasileiras que protejam essa espécie.

Pesquisas

É necessária a busca por colônias desconhecidas que possam existir no Atlântico Leste, como Açores, por exemplo⁶⁷¹.

Pterodroma incerta (Schlegel, 1863)

Leandro Bugoni

Ordem: Procellariiformes

Família: Procellariidae

Nome comum: grazina-de-barriga-branca

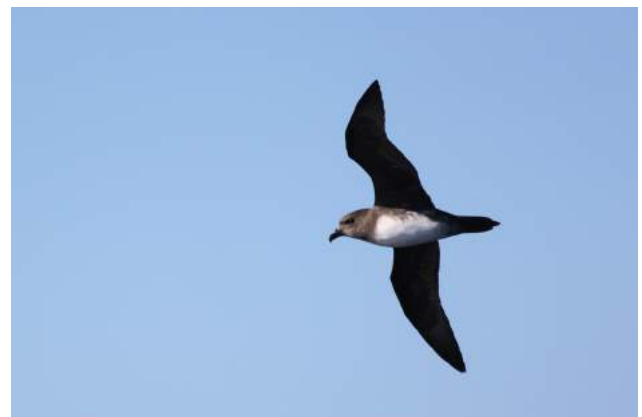


Foto: Dimas Gianuca



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A4bce; B2ab(v)

Justificativa

Pterodroma incerta é espécie migratória que se reproduzia nas Ilhas Tristão da Cunha e Gough, mas foi extinta da primeira localidade há cerca de 35 anos. Distribuiu-se pelo Atlântico Sul; utiliza as águas do Brasil como área de alimentação. A principal ameaça à espécie é a predação de ovos e filhotes nos ninhos por camundongos (*Mus musculus*), agravada pelo baixo recrutamento e crescimento lento dos filhotes. A área de ocupação reprodutiva é menor que 500 km², sendo caracterizada como uma única localização cuja ameaça é a introdução de camundongos que predam ninhos. Modelagens indicam um declínio populacional maior que 50% em três gerações (47 anos), englobando passado e futuro. Assim, *P. incerta* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelos critérios A4bce; B2ab(v).

Outras avaliações

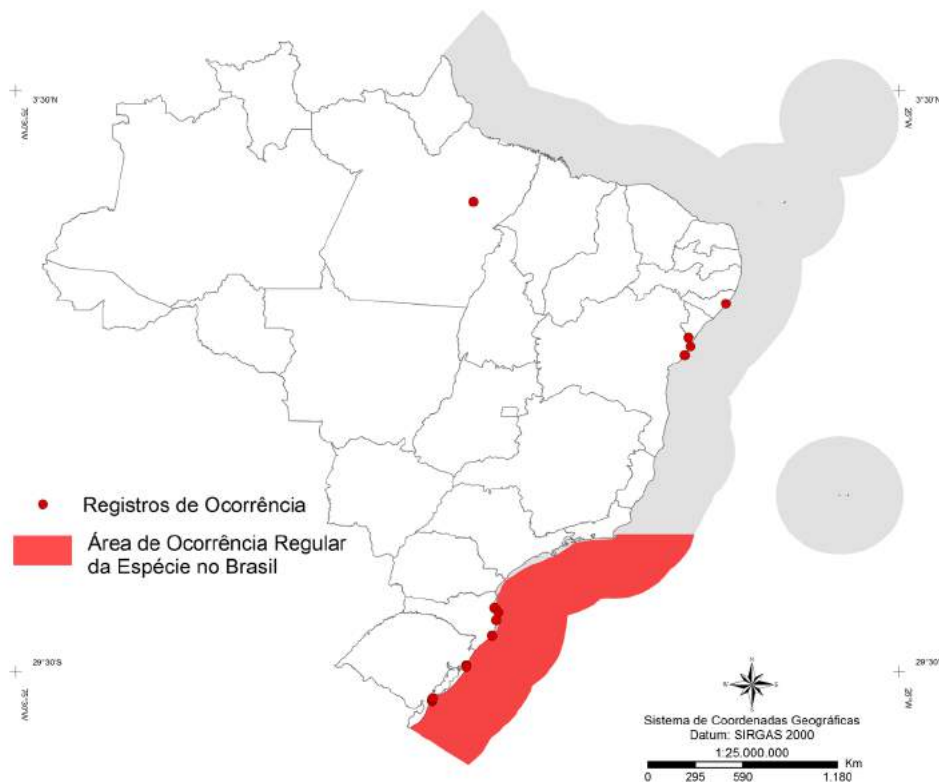
Avaliação nacional anterior ^{428,814}	VU D2
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,444}	Santa Catarina: EN Rio Grande do Sul: EN
Avaliação global ²⁶⁸	EN B2ab(v)

Outros nomes aplicados ao táxon

Procellaria sandaliata Mathews, 1912; *Procellaria satalandia* Mathews, 1932.

Distribuição geográfica

Espécie migratória que se reproduzia nas Ilhas Tristão da Cunha e Gough^{336,528}, mas foi extinta na primeira delas, há cerca de 35 anos²⁵⁸. Utiliza as águas adjacentes ao litoral Sul e sudeste do Brasil como





área de alimentação, mas há registros também para as regiões nordeste (oficina de avaliação) e norte, onde três indivíduos foram coletados em uma hidrelétrica do Pará, em 1984, a 400 km da costa¹²³³.

Considerando-se que atualmente a espécie está restrita a apenas um sítio reprodutivo (ilhas Gough), sua área de ocupação é calculada em 64 km² conforme BirdLife International²⁵⁸, sendo caracterizada como uma única localização, cuja ameaça é a introdução de camundongos que predam ninhos¹²⁸⁰.

História natural

Marinho-pelágico. Reproduz em ilhas oceânicas, ocupando cumes em altitudes de 150 a 600 m. Alimenta-se de lulas, peixes e crustáceos. É colonial, reproduz no inverno e põe apenas um ovo por ninhada. Dispersa pelo Atlântico Sul³³⁶. O sucesso reprodutivo foi de apenas 20%, em média³⁹⁷ e ainda menor em anos recentes, com apenas 1,7% de sucesso¹²⁸⁰. Camundongos introduzidos são os maiores responsáveis por essa taxa muito baixa. O tempo geracional da espécie é estimado em 15,6 anos²⁵⁸.

População

Cuthbert³⁹⁷ estima a população em 1,8 milhões de pares, mas a espécie possui distribuição restrita e a população está em declínio. O baixo sucesso reprodutivo aplicado a modelos populacionais sugere que a população declina em uma taxa de 1,3% ao ano²⁵⁸. Considerando-se o período de três gerações, envolvendo passado e futuro, infere-se um declínio populacional de 58,5% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a predação de filhotes nos ninhos, agravada pelo baixo recrutamento e crescimento lento dos filhotes²⁵⁸. Sofreu exploração humana nas áreas reprodutivas na década de 1940 de acordo com Carboneras³³⁶. Há perda de indivíduos adultos devido a furacões, o que pode ser agravado devido às mudanças climáticas³¹⁴.

Ações de conservação

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação).

Presença em unidades de conservação

Santa Catarina: REBIO Marinha do Arvoredo⁸³⁷.

Pesquisas

A espécie tem sido regularmente registrada nos censos de aves marinhas realizados pela FURG. Esta instituição pesquisa a ecologia e distribuição da espécie no Brasil, visando a definição de áreas de maior ocorrência, riscos de captura incidental e efeitos potenciais de exploração de petróleo no sul e sudeste do Brasil. Além disso, busca identificar potenciais áreas para criação de áreas marinhas protegidas.



Pterodroma arminjoniana (Giglioli & Salvadori, 1869)

Leandro Bugoni

Ordem: Procellariiformes

Família: Procellariidae

Nome comum: grazina-de-trindade



Foto: Fábio Olmos

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) B2ab(iii)

Justificativa

Pterodroma arminjoniana é espécie migratória que reproduz na Ilha da Trindade, no Atlântico Sul e na Ilha Round (Ilhas Maurício), no Índico. No Brasil, reproduz apenas em Trindade, tendo uma área de ocupação de 8 km² e caracterizando uma única localização, sendo a mais séria ameaça à espécie a construção de aerogeradores na ilha. A presença de camundongos e a ocorrência de queimadas levam a declínio continuado da qualidade de *habitat*. Sendo assim, *P. arminjoniana* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR), pelo critério B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{429,814}	VU D2
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴²	Espírito Santo: EN
Avaliação global ¹⁵¹	VU D2

Outros nomes aplicados ao táxon

Oestrelata wilsoni Sharpe, 1902.

Notas taxonômicas

Dois subespécies são reconhecidas³³⁶, sendo que apenas *P. a. arminjoniana* ocorre no Brasil⁵²⁸. No entanto, desde Imber⁶³⁶, o tratamento taxonômico mais comumente aceito é considerar duas espécies distintas, *Pterodroma arminjoniana* e *P. heraldica*.

Distribuição geográfica

É espécie migratória que reproduz na Ilha da Trindade, no Atlântico Sul e na Ilha Round (ilhas Maurício), no Índico³³⁶. A população da Ilha Round parece ter se estabelecido no local a partir da Ilha da Trindade, no último século, após a devastação da vegetação por cabras e coelhos^{309,310}.

Pterodroma arminjoniana nidifica apenas na Ilha da Trindade, no Espírito Santo, mas não no arquipélago próximo (Martin Vaz), embora indicado por bibliografia antiga⁷⁵⁰. Possui distribuição em diversos locais da Ilha da Trindade, podendo ser encontrada nidificando nas grutas e abrigos existentes



nos paredões rochosos da maioria de seus picos, bem como na Ilha do Sul, ao nível do mar. O Morro do Paredão, Pão de Açúcar, Pico do Vigia, Pico Nossa Senhora de Lourdes e o aglomerado de pedras em frente à Ilha do Sul são os sítios reprodutivos mais significativos em número de indivíduos reprodutores^{474,750}.

Considerando que a espécie reproduz, no Brasil, apenas em Trindade, sua área de ocupação foi calculada em 8 km² (oficina de avaliação).



História natural

Marinho e altamente pelágico, raramente se aproxima da terra, exceto no período reprodutivo, quando forma colônias em ilhas oceânicas, atóis, penhascos, cumes ou encostas rochosas, às vezes em áreas com vegetação densa de arbustos e gramíneas. Parece alimentar-se predominantemente de lulas, similarmente a outras *Pterodroma*⁷⁵⁰. Coloca apenas um ovo por ninhada e ninhos ativos e casais em voo de exibição são encontrados durante todo o ano, em Trindade, aparentemente com dois picos de postura. Os adultos de Trindade migram durante o período não reprodutivo para o Atlântico Norte (G.R. Leal, dados não publicados). Raramente é atraída por barcos (L. Bugoni, obs. pess.). Os casais são fiéis aos seus sítios de reprodução e podem apresentar fidelidade conjugal⁴⁷⁴.

População

Censos realizados em Trindade, através da contagem direta de indivíduos, indicam uma população de 6.500 aves nos ninhais do Morro do Paredão, Pão de Açúcar, Pico do Vigia, Pico Nossa Senhora de Lourdes, paredões acima da Praia dos Portugueses, Ponta Norte, descida para a Praia do Eme e arredores, Ponta do Noroeste e Ponta Sul⁴⁷⁴. Embora indicado que não havia informações sobre a situação populacional em Martin Vaz⁷⁴⁷, Luigi *et al.*⁷⁵⁰ demonstraram que a espécie não nidifica neste arquipélago, assim como não há qualquer evidência concreta de que nidificou neste local anteriormente. Por meio de mapeamento dos ninhos e extrapolações para as áreas inacessíveis a população foi estimada em 1.130 pares reprodutivos⁷⁵⁰.

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

Predadores introduzidos, incluindo porcos, gatos e cabras, certamente tiveram um impacto sobre a vegetação e as aves de Trindade⁷⁴⁷. Este local teve sua vegetação nativa, formada principalmente por floresta, quase totalmente destruída por uma combinação de queimadas para abrir a terra para projetos de colonização e sobrepastejo por cabras e porcos introduzidos⁸⁹³. Embora a vegetação esteja se regenerando após a eliminação das cabras em 2005, a presença de camundongos (*Mus musculus*) e a ocorrência de queimadas levam a declínio continuado da qualidade de *habitat* (oficina de avaliação). Ainda é desconhecido se o impacto da vegetação alta é positivo ou negativo sobre esta espécie.

Uma séria ameaça à espécie é a construção de aerogeradores na ilha, empreendimento planejado pela Marinha do Brasil (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação). Anteriormente, era contemplada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação de Albatrozes e Petréis⁸⁵¹.

Presença em unidades de conservação

A espécie não ocorre em unidades de conservação.

Pesquisas

Existentes

Pesquisas sobre a ecologia trófica por meio de análise da dieta e de isótopos estáveis, padrões de forrageamento no mar por meio de rastreamento e áreas de invernagem, contaminação por metais, além da associação da espécie com diferentes feições oceanográficas estão em execução pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Esta instituição realiza pesquisas sobre a ecologia e distribuição da espécie no Brasil, visando a definição de áreas de maior ocorrência, riscos de captura incidental e efeitos potenciais de exploração de petróleo no sul e sudeste do Brasil. Além disso, busca identificar potenciais áreas para criação de áreas marinhas protegidas.

Procellaria aequinoctialis Linnaeus, 1758

Leandro Bugoni

Ordem: Procellariiformes

Família: Procellariidae

Nome comum: pardela-preta



Foto: Dimas Gianuca



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4bcde

Justificativa

Procellaria aequinoctialis é migrante que se reproduz principalmente nas Ilhas Geórgias do Sul e ocupa os mares do sul, especialmente abaixo do Trópico de Capricórnio. No Brasil, ocorre no período não reprodutivo, havendo registros desde o litoral sul até a Foz do Amazonas. Monitoramentos nas áreas reprodutivas indicam tendência de declínio populacional de 45% em três gerações (74 anos) envolvendo passado e futuro. Esse declínio ocorre devido à captura incidental, perda de qualidade de *habitat*, contaminação por poluentes orgânicos, ingestão de plástico e efeito de tóxicos introduzidos (renas, roedores) nas áreas reprodutivas. Assim, *P. aequinoctialis* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério A4bcde.

Outras avaliações

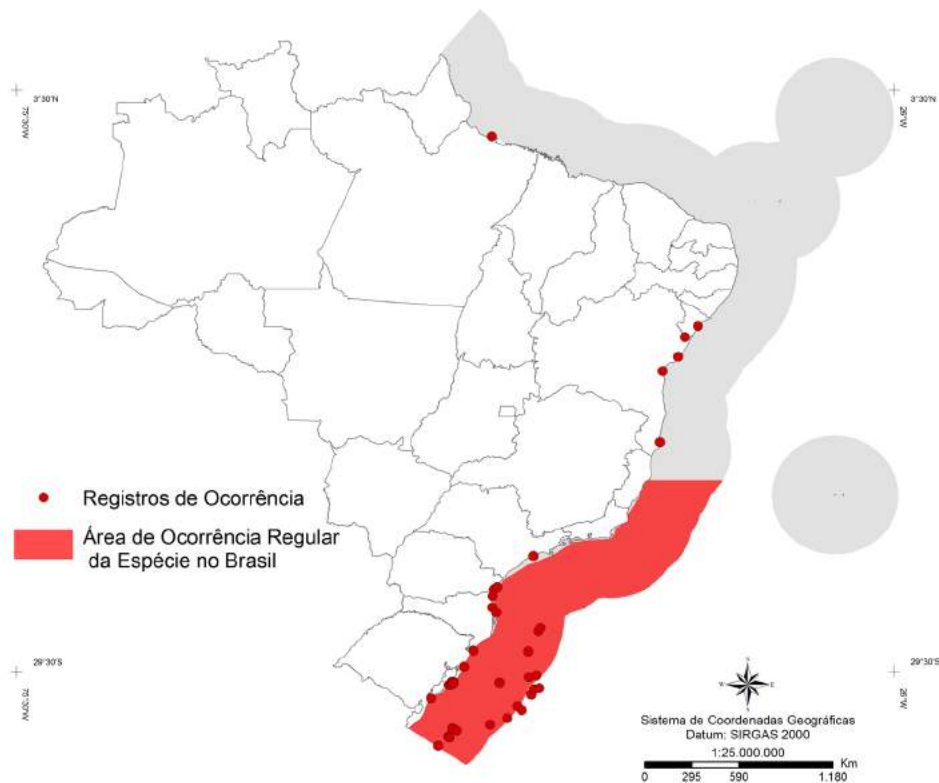
Avaliação nacional anterior ^{430,814}	VU A4bcde
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,441,443a,444}	São Paulo: Ameaçada Paraná: VU Santa Catarina: VU Rio Grande do Sul: VU
Avaliação global ²⁶⁹	VU A4bcde

Notas taxonômicas

Grantsau⁵²⁸ reconhece duas subespécies de *P. aequinoctialis* ocorrendo no Brasil: *P. a. aequinoctialis* e *P. a. steadi*, mas nesta avaliação *P. aequinoctialis* foi considerada como táxon monotípico.

Distribuição geográfica

É migrante que se reproduz principalmente nas Ilhas Geórgias do Sul, mas também nas Ilhas





Antípodas, Campbell, Auckland, Kerguelen, Crozet, Prince Edward e Falkland/Malvinas. Ocupa os mares do sul, especialmente abaixo do Trópico de Capricórnio³.

Sick¹⁰⁹⁵ afirma que a espécie é migrante meridional abundante em alto-mar no Rio Grande do Sul e que indivíduos isolados aparecem nas praias, de norte a sul do país. Coelho *et al.*³⁶⁸ citam registros para a costa do Rio de Janeiro e Espírito Santo (cerca de 20 indivíduos nesta última localidade). É mais comum sobre águas frias do sul e sudeste do Brasil.

História natural

É marinha e pelágica, preferindo águas abertas sobre a plataforma continental. Frequenta zonas de convergência e ressurgência. Reproduz em ilhas subantárticas, ocupando sobretudo encostas vegetadas. Alimenta-se especialmente de cefalópodes, mas também consome crustáceos, peixes e vísceras. Segue barcos de pesca e utiliza navios como refúgio. Reproduz em colônias; coloca um único ovo por ninhada. Realiza movimentos de dispersão, geralmente, entre as latitudes 30° e 55°S³³⁶. O tempo geracional da espécie é estimado em 24,7 anos²⁵⁸.

População

Nas Geórgias do Sul, onde a população era estimada em 2 milhões de casais na década de 1980, houve um declínio de 28% nos ninhos ocupados entre 1981 e 1998 de acordo com Berrow *et al.*¹²⁵. Monitoramentos nas áreas reprodutivas indicam tendência de declínio populacional de 45% em três gerações (74 anos) envolvendo passado e futuro²⁵⁸.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

É uma das espécies mais frequentemente capturadas por espinhéis de pesca no Brasil^{312,776,850}. Estima-se que apenas na região ao sul da Convergência Antártica, cerca de 138.000 indivíduos foram mortos por barcos espinheleiros ilegais em três anos⁸⁷⁶. Dados recentes citados em ACAP³ sugerem que mais de 276.000 indivíduos das Ilhas Geórgias do Sul são retirados da população a cada ano, devido à captura incidental.

Atualmente, o declínio populacional ocorre devido à captura incidental³, perda de qualidade de *habitat*, contaminação por poluentes orgânicos, ingestão de plástico nas áreas de alimentação no mar (oficina de avaliação) e de efeito de táxons introduzidos (renas, roedores) nas áreas reprodutivas³.

Ações de conservação

Existentes

A espécie é contemplada por acordos internacionais (ACAP e Convenção sobre Espécies Migratórias-CMS) e pelo Plano de Ação Nacional para Conservação de Albatrozes e Petréis⁸⁵¹. O Projeto Albatroz é uma organização não-governamental criada em 1991 que atua na adoção de medidas para evitar a captura de albatrozes e petréis por parte de embarcações pesqueiras e na promoção de atividades de educação ambiental junto a pescadores, escolas e ao público em geral.

Presença em unidades de conservação

Santa Catarina: REBIO Marinha do Arvoredo⁸³⁷;

Rio Grande do Sul: PARNA da Lagoa do Peixe^{447,580}.

Pesquisas

Existentes

O Projeto Albatroz desenvolve pesquisas voltadas à conservação de albatrozes e petréis, especialmente análises voltadas à eficiência do uso de medidas mitigadoras pelas embarcações de pesca. A FURG realiza pesquisas sobre a ecologia e distribuição da espécie no Brasil, visando a definição de áreas de maior



ocorrência, riscos de captura incidental e efeitos potenciais de exploração de petróleo no sul e sudeste do Brasil. Além disso, busca identificar potenciais áreas para criação de áreas marinhas protegidas.

Procellaria conspicillata Gould, 1844

Leandro Bugoni

Ordem: Procellariiformes

Família: Procellariidae

Nome comum: pardela-de-óculos



Foto: Dimas Gianuca

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) D2

Justificativa

Procellaria conspicillata é espécie migratória que reproduz exclusivamente nas Ilhas Inaccessible e Tristão da Cunha e ocupa o Atlântico Sul. No Brasil, ocorre desde o Rio Grande do Sul até o norte da Bahia. A área de distribuição da espécie sobrepõe-se à área de pesca com espinhel pelágico, sendo essa uma grande ameaça. A área de ocupação reprodutiva é bastante restrita e sujeita à colonização por espécies invasoras (ratos e camundongos) e a eventos catastróficos como derramamento de petróleo e queimadas. Embora existam indicações de crescimento populacional nas últimas décadas, devido à existência de ameaças e distribuição reprodutiva restrita, *P. conspicillata* foi categorizada como Vulnerável (VU) D2.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{431,814}	EN B1ab(i)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,441,444}	São Paulo: Ameaçada Santa Catarina: VU Rio Grande do Sul: VU
Avaliação global	VU D2

Distribuição geográfica

Espécie migratória que reproduz exclusivamente na Ilha Inaccessible e Tristão da Cunha e ocupa o Atlântico Sul. No Brasil, ocorre no litoral sul e sudeste^{528,886}, normalmente sobre águas profundas, mesotróficas/oligotróficas e quentes³¹¹. Registros mais ao norte desta espécie foram feitos entre o Rio de



Janeiro e sul da Bahia³⁶⁸ e no litoral de Jandaíra, norte da Bahia⁷³³.



História natural

Marinha e pelágica³³⁶. Alimenta-se de cefalópodes, crustáceos e pequenos peixes. Reproduz anualmente. A idade da primeira reprodução é desconhecida⁹. Durante o verão é a espécie mais comum nos grupos de aves que acompanham espinheiros de fundo sobre a plataforma continental do sul-sudeste do Brasil. Essas são provavelmente aves não reprodutivas⁸⁷⁷, embora seja provável que indivíduos busquem comida no Brasil durante a reprodução.

População

A população foi reduzida a poucas dezenas de pares na primeira metade do século XX, mas recuperou-se posteriormente, chegando a 4.500 ninhos em 1999, cerca de 10.000 ninhos em 2004⁹ e, em 2009, 14.400 pares reprodutivos¹⁰⁵⁸, confirmando rápido aumento de cerca de 7% ao ano desde 1930. Entretanto, modelos demográficos indicam que a população permanece em risco, principalmente pelo aumento do esforço de pesca¹⁰⁵⁶. A abundância relativa da espécie é grande em águas do sul e sudeste brasileiro⁸⁷⁷.

Tendência populacional: estável.

Ameaças

A predação por porcos introduzidos nas áreas reprodutivas quase levou a espécie à extinção na primeira metade do século XX⁹. A área de distribuição da espécie sobrepõe-se à área de pesca com espinhel pelágico⁹ e com outras artes de pesca como linha de mão, vara e isca-viva³¹². Segundo Ryan & Moloney¹⁰⁵⁷, a mortalidade incidental em espinhel é uma ameaça para a espécie em longo prazo; esta é uma das espécies mais capturadas acidentalmente por barcos de pesca na costa do Brasil⁸⁵⁰. Estima-se que entre 500 e 1.000 indivíduos são mortos em espinhéis a cada ano neste país⁸⁷⁴, o que representa de 5 a 10% da população total estimada da espécie. Outros tipos de petrecho de pesca, como redes de emalhe, também podem causar mortes de indivíduos (oficina de avaliação).



A área de ocupação reprodutiva é bastante restrita e sujeita a eventos catastróficos como derramamento de petróleo, queimadas (oficina de avaliação) e à colonização por espécies invasoras, como ratos e camundongos⁹.

O aumento da ocorrência de ciclones devido às mudanças climáticas podem representar uma ameaça à espécie no futuro, tendo em vista que *P. conspicillata* é sensível a tais eventos³¹⁴.

Ações de conservação

Existentes

A espécie é contemplada por acordos internacionais (*Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels* - ACAP e Convenção sobre Espécies Migratórias - CMS) e pelo Plano de Ação Nacional para Conservação de Albatrozes e Petréis⁸⁵¹. O Projeto Albatroz é uma organização não-governamental criada em 1991 que atua na adoção de medidas para evitar a captura de albatrozes e petréis por parte de embarcações pesqueiras e na promoção de atividades de educação ambiental junto a pescadores, escolas e ao público em geral.

Presença em unidades de conservação

Paraná: APA de Guaraqueçaba¹²⁸⁹.

Pesquisas

Existentes

O Projeto Albatroz desenvolve pesquisas voltadas à conservação de albatrozes e petréis, especialmente análises voltadas à eficiência do uso de medidas mitigadoras pelas embarcações de pesca. A FURG realiza pesquisas sobre a ecologia e distribuição da espécie no Brasil, visando a definição de áreas de maior ocorrência, riscos de captura incidental e efeitos potenciais de exploração de petróleo no sul e sudeste do Brasil. Além disso, busca identificar potenciais áreas para criação de áreas marinhas protegidas.

Puffinus lherminieri Lesson, 1839

Márcio Amorim Efe & Patrícia Pereira Serafini

Ordem: Procellariiformes

Família: Procellariidae

Nome comum: pardela-de-asa-larga



Foto: Patrícia Serafini



Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) D

Justificativa

Puffinus lherminieri ocorre nas Bermudas, Caribe, Ilhas Galápagos, Oceano Pacífico, Oceano Índico, Mar da Arábia e Brasil, distribuindo-se pelo litoral sudeste e nordeste. Atualmente no Brasil reproduz apenas em duas ilhas de Fernando de Noronha. A população reprodutiva do Espírito Santo não se reproduz nas ilhas Itatiaia há pelo menos 10 anos. O monitoramento de ninhos indica a existência de cerca de 30 indivíduos adultos no Brasil, não parecendo haver aporte de indivíduos de populações estrangeiras. A tendência da população parece ser de estabilidade, contudo o monitoramento nas ilhas em que a espécie nidifica é extremamente difícil devido ao acesso. Por esses motivos, *P. lherminieri* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR), pelo critério D.

Outras avaliações

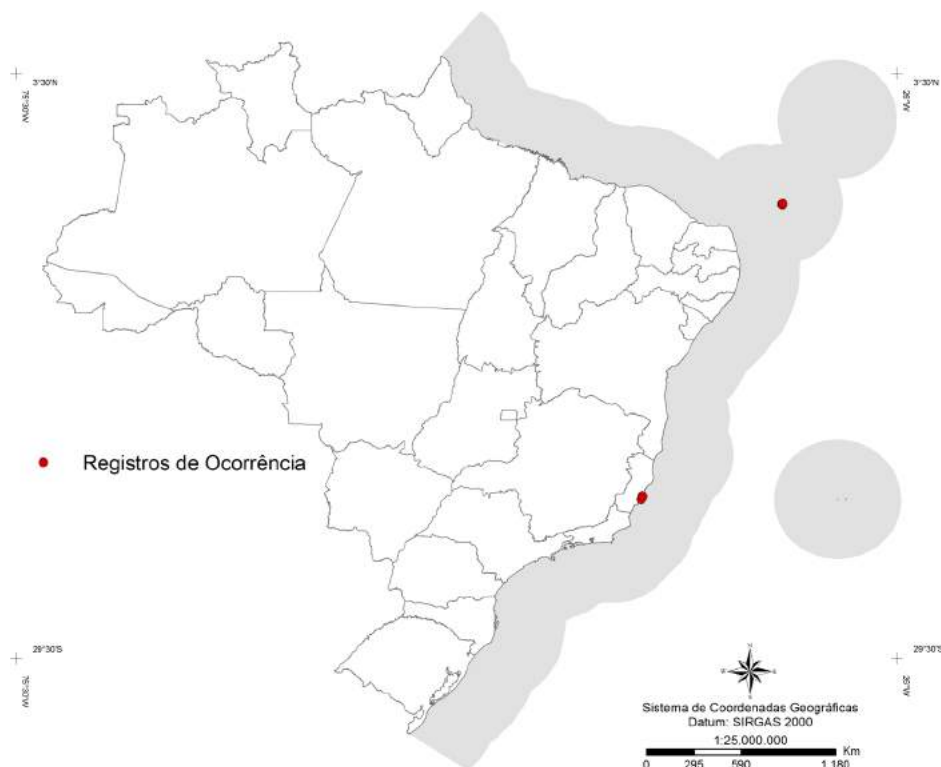
Avaliação nacional anterior ^{432,814}	CR D
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴²	Espírito Santo: CR
Avaliação global ²⁷⁰	LC

Notas taxonômicas

Dez subespécies são reconhecidas³³⁶. Grantsau⁵²⁸ considera que duas ocorrem no Brasil: *P. l. lherminieri* e *P. l. loyemilleri*, mas aparentemente só há registros confiáveis da subespécie nominal (oficina de avaliação).

Distribuição geográfica

Ocorre nas Bermudas, Caribe, Ilhas Galápagos, Oceano Pacífico (Ilhas Novas Hébridas - Vanuatu, Volcano e Bonin), Oceano Índico (de Aldabra até Maldivas, Ilha Mascarenhas, Ilhas Comores) e Mar





da Arábia³³⁶.

A subespécie *P. l. lherminieri* ocorre no Brasil e nas ilhas do Caribe. No Brasil, ocorre no litoral nordeste e sudeste⁵²⁸, com registros de reprodução em Fernando de Noronha (ilhotas Morro do Leão e Morro da Viuvinha, ao largo da ilha Principal) e na ilha de Itatiaia, no Espírito Santo (cinco ninhos registrados)⁷⁴⁷. Entretanto, aparentemente não há mais reprodução no Espírito Santo, possivelmente devido à recuperação de vegetação nas ilhas desde o início da década de 2000 (oficina de avaliação).

História natural

Marinho, normalmente ocorre em águas fora da costa, mas também em águas pelágicas e próximas às colônias. Reproduz em ilhas oceânicas, atóis de corais e ilhotas rochosas afastadas da costa, ocupando falésias e declives. Alimenta-se principalmente de peixes, lulas e crustáceos. O período e a duração da reprodução variam de acordo com o local. É colonial; põe apenas um ovo por ninhada e atinge maturidade sexual com cerca de 8 anos de idade. Um indivíduo anilhado viveu mais de 11 anos. Os adultos parecem ser altamente sedentários, enquanto os imaturos são mais dispersivos³³⁶. Através da marcação e recaptura dos adultos e filhotes, realizada desde 1993 no Espírito Santo, sabe-se que a espécie apresenta fidelidade ao ninho e ao parceiro, retornando a cada ano para reproduzir-se na mesma cavidade e com o mesmo parceiro⁴²⁷.

População

Bastante difundida e abundante localmente, com uma população global de dezenas de milhares de casais reprodutores³³⁶. O monitoramento de ninhos indica a existência de cerca de 30 indivíduos maduros no Brasil atualmente, não parecendo haver aporte de indivíduos de populações estrangeiras. A tendência da população parece ser de estabilidade (oficina de avaliação).

Tendência populacional: estável.

Ameaças

Seu hábito sedentário torna pequenas populações mais vulneráveis à exploração humana e à predação por mamíferos introduzidos, junto com a destruição de *habitat*, podendo levar a espécie à extinção em alguns locais³³⁶. Em Fernando de Noronha, existem predadores introduzidos, como ratos, gatos, cães e teiús⁸⁰⁷, os quais podem estar impedindo a ocupação da ilha principal por esta espécie. A proximidade da ilha Morro da Viuvinha da praia a coloca sob risco de invasão por ratos, que podem impactar gravemente as populações destas aves⁸⁰⁷. Ilhas no Espírito Santo estão desprotegidas e sujeitas a visitas ocasionais de pescadores e turistas.

Ações de conservação

Existentes

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação). Anteriormente, era contemplada pelo Plano de Ação Nacional para conservação de Albatrozes e Petréis⁸⁵¹.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: PARNA Marinho de Fernando de Noronha⁷⁴⁷.

Pesquisas

Existentes

A espécie é foco do monitoramento de aves marinhas e oceânicas ameaçadas realizado pelo CEMAVE e parceiros, no arquipélago de Fernando de Noronha.



Necessárias

Identificar aspectos de sua biologia e dinâmica populacional usando geolocalizadores, marcadores moleculares e isótopos estáveis; realizar censos contínuos da espécie no Brasil, a fim de detectar mudanças na distribuição e abundância relativa; realizar estudos demográficos de longo prazo para a espécie em locais chave; documentar e monitorar o impacto de espécies exóticas invasoras no sucesso reprodutivo da espécie em Fernando de Noronha; documentar e monitorar a presença de enfermidades nesta espécie considerando a presença de patógenos introduzidos nos arquipélagos em que nidifica; usar tecnologias de sensoriamento remoto para identificar *habitat* e deslocamentos; investir na busca da espécie em novas áreas no Brasil. Lopes *et al.*⁷⁴⁰ em modelagem de nicho indicam que esta busca merece investimento até o litoral norte do Rio de Janeiro, onde as áreas são mais adequadas à nidificação da espécie.

***Phaethon aethereus* Linnaeus, 1758**

Márcio Amorim Efe, Patrícia Pereira Serafini & Guilherme Tavares Nunes

Ordem: Phaethontiformes

Família: Phaethontidae

Nomes comuns: rabo-de-palha-de-bico-vermelho, grazina, rabo-de-junco



Foto: Maria Bernadete S. Barbosa

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii)

Justificativa

Phaethon aethereus ocorre nos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico. A subespécie *P. a. aethereus* nidifica no oceano Atlântico Sul, nas ilhas Ascensão, Santa Helena e nos arquipélagos de Fernando de Noronha e Abrolhos. A população brasileira possui menos de 1.000 indivíduos maduros. As áreas reprodutivas no Brasil são restritas a Fernando de Noronha e Abrolhos, sendo a área de ocupação reprodutiva menor que 500 km². As áreas representam duas localizações, ameaçadas pela predação de ninho por ratos introduzidos. Há declínio continuado da qualidade do *habitat*, e modelagens indicam risco de extinção da espécie no arquipélago dos Abrolhos de 57,5% em 75 anos. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Assim, *P. aethereus* foi avaliada como Em Perigo (EN), pelo critério B2ab(iii).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{433,814}	VU D1+2
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁴²	LC

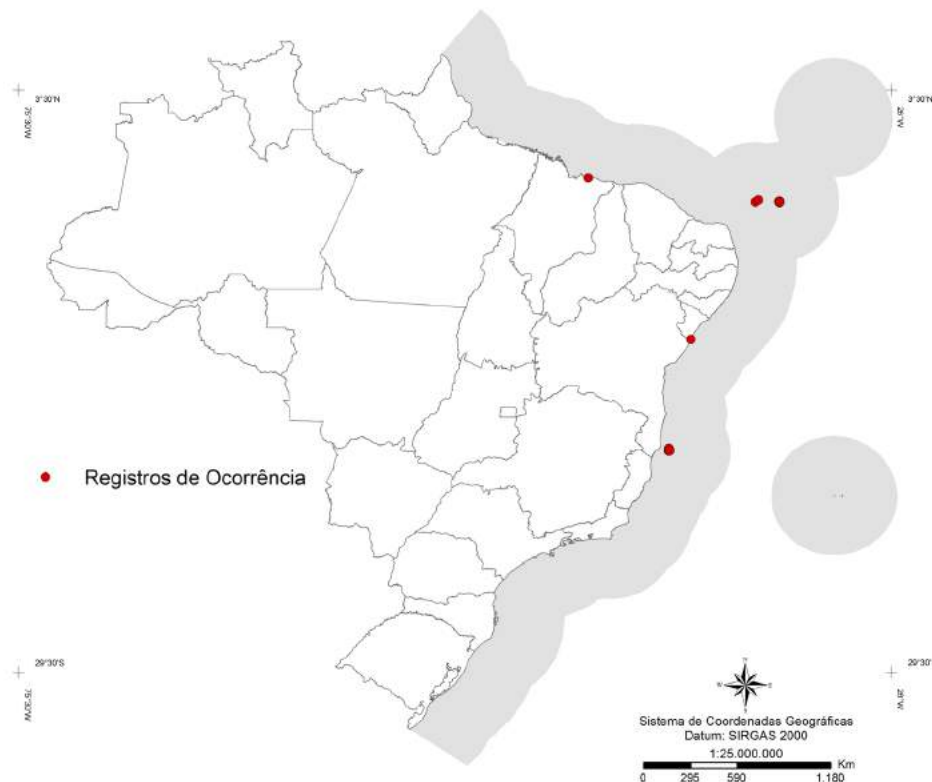
Notas taxonômicas

Três subespécies são reconhecidas⁹⁰⁴, sendo que apenas *P. a. aethereus* ocorre no Brasil⁵²⁸.

Distribuição geográfica

Ocorre nos Oceanos Atlântico, Pacífico e Índico⁹⁰⁴. No Oceano Atlântico Sul, a subespécie *P. a. aethereus* nidifica nas ilhas Ascension, Santa Helena e nos arquipélagos de Fernando de Noronha e Abrolhos⁵²⁸.

Há registros ocasionais para a costa do Maranhão, Rio de Janeiro¹⁰⁹⁵ (sem localidade definida), Atol das Rocas, e regiões norte e sul da Bahia. A maior colônia brasileira localiza-se em Abrolhos, onde *P. aethereus* reproduz-se nas cinco ilhas do arquipélago¹⁰⁷⁵. Considerando-se que, no Brasil, a espécie nidifica apenas em Fernando de Noronha (aproximadamente 26 km² de área emersa) e Abrolhos (aproximadamente 0,85 km² de área emersa), calcula-se que a área de ocupação (AOO) é menor que 30 km².



História natural

Principalmente pelágicos, habitam mares tropicais e subtropicais. Nidificam em ilhas oceânicas, geralmente em áreas sombreadas, seguras contra predadores naturais e de fácil pouso e decolagem. Utilizam fendas em penhascos, cavernas ou tocas sob pedras para nidificação. Alimentam-se, especialmente, de peixes voadores e lulas. A dieta varia localmente e as lulas parecem mais importantes nas populações do Oceano Índico. O período reprodutivo é sazonal em alguns locais, enquanto em outros pode ser mais ou menos contínuo. De hábito colonial, coloca apenas um ovo por ninhada. Atinge



a maturidade sexual com aproximadamente cinco anos⁷⁴⁶. A ave anilhada mais velha contava com 10 anos de marcação. Não é conhecido movimento migratório regular; alguns adultos podem ser vistos nas proximidades das colônias por todo o ano. Há dimorfismo sexual de tamanho não aparente na espécie, sendo machos maiores do que fêmeas⁸⁶². São dispersivos, especialmente os jovens, os quais ocupam águas próximas dos locais de reprodução⁹⁰⁴.

População

A população global pode ter menos de 10.000 casais, sendo que no Oceano Atlântico Sul há menos de 3.000. A população brasileira está reduzida a menos de 1.000 indivíduos maduros⁹⁰⁴.

Em Abrolhos, onde está a maior colônia da espécie no Brasil, há estimativas de 250-300 ninhos ao ano¹⁰⁷⁵. A população tem aumentado no arquipélago de Abrolhos, com maior concentração de ninhos na Ilha Santa Bárbara⁴⁹. Também nidifica em Fernando de Noronha, onde é rara: apenas dois ninhos registrados desde janeiro de 1987 na ilha do Morro da Viuvinha¹⁰⁸² e dois ninhos na Ponta das Caracas, onde anilhamentos pela equipe do CEMAVE foram realizados em novembro de 2010. A reprodução em Fernando de Noronha pode não ocorrer em todos os anos⁷⁴⁷.

Análises moleculares não demonstraram diferenciação populacional entre os indivíduos de Abrolhos e Fernando de Noronha, sendo o fluxo gênico estimado em dois indivíduos por geração entre os dois arquipélagos⁸⁶². Foi identificada ocorrência de gargalo de garrafa populacional entre 30-50 gerações passadas, porém, atualmente há recuperação da diversidade genética^{862a}. Modelagens indicam risco de extinção da espécie de 57,5% em 75 anos caso a forte predação por ratos continue¹⁰⁷⁵.

Ameaças

Em Abrolhos, há predação de ninhos por ratos introduzidos¹⁰⁷⁵, os quais são favorecidos pelo acúmulo de lixo na ilha Santa Bárbara, oriundo da presença humana permanente na ilha⁷⁴⁷. Em Fernando de Noronha, há predadores introduzidos, como ratos, teiús, cães e gatos⁷⁴⁷, os quais são potenciais ameaças, sendo os dois últimos introduzidos como animais de estimação por moradores.

Ações de conservação

Existentes

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação).

Necessárias

Não há nenhuma tentativa que tenha apresentado efetividade até o momento para controlar predadores introduzidos nas áreas reprodutivas⁷⁴⁷. Apesar das duas colônias estarem localizadas em unidades de conservação federais, não são conhecidas ações de conservação voltadas exclusivamente a esta espécie no Brasil. Além disso, suas áreas de alimentação estão normalmente fora dos limites das unidades e, conseqüentemente, desprotegidas, como é o caso de Abrolhos^{696a}.

É fundamental elaborar um plano de destinação do lixo e erradicação de ratos em Abrolhos, bem como erradicar gatos e ratos de Fernando de Noronha.

Presença em unidades de conservação

Rio Grande do Norte: REBIO Atol das Rocas¹⁰⁸³;

Pernambuco: PARNA Marinho de Fernando de Noronha⁷⁴⁷, APA de Fernando de Noronha-Rocas-São Pedro e São Paulo⁵⁹¹;

Bahia: PARNA Marinho de Abrolhos⁷⁴⁷.



Pesquisas

Existentes

Phaethon aethereus também era foco do monitoramento de aves marinhas e oceânicas ameaçadas que vinha sendo realizado pelo CEMAVE e parceiros desde 2009, no arquipélago de Fernando de Noronha.

A Associação Vila-velhense de Proteção Ambiental (AVIDEPA), com apoio do CEMAVE, desenvolveu pesquisas sobre biologia reprodutiva e longevidade de *P. aethereus*.

A equipe do Laboratório de Bioecologia e Conservação de Aves Neotropicais da UFAL, estudou a biologia reprodutiva e uso do mar pela espécie em Abrolhos em 2012.

Necessárias

Identificação de aspectos da biologia e dinâmica populacional da espécie usando geolocalizadores, marcadores moleculares e isótopos estáveis. Realização contínua de censos populacionais desta espécie em suas áreas de ocorrência no Brasil, a fim de detectar mudanças na abundância relativa; condução e fortalecimento de estudos demográficos de longo prazo para a espécie em locais chave; documentação e monitoramento da presença de enfermidades nesta espécie considerando a presença de patógenos introduzidos em arquipélagos nos quais nidifica; uso de tecnologias de sensoriamento remoto para identificar *habitat* e deslocamentos; estudo da distribuição da espécie em período não-reprodutivo, a fim de conhecer as áreas utilizadas pelos indivíduos de Abrolhos e Fernando de Noronha.

Phaethon lepturus Daudin, 1802

Márcio Amorim Efe, Patrícia Pereira Serafini & Guilherme Tavares Nunes

Ordem: Phaethontiformes

Família: Phaethontidae

Nome comum: rabo-de-palha-de-bico-laranja



Foto: Patrícia Serafini

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii); D

Justificativa

Phaethon lepturus ocorre nos mares tropicais dos Oceanos Atlântico, Pacífico e Índico. A população brasileira possui menos de 250 indivíduos adultos. As áreas reprodutivas no Brasil são restritas a Fernando de Noronha e Abrolhos, sendo a área de ocupação reprodutiva menor que 500 km². Ambas as áreas representam localizações ameaçadas pela predação de ninho por caranguejos em Fernando de Noronha, e por ratos e gatos em Abrolhos e Fernando de Noronha. Há declínio continuado de *habitat*. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Dessa forma, *P. lepturus* foi avaliada como Em Perigo (EN) pelos critérios B2ab(iii); D.



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{434,814}	VU D1+2
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁵²	LC

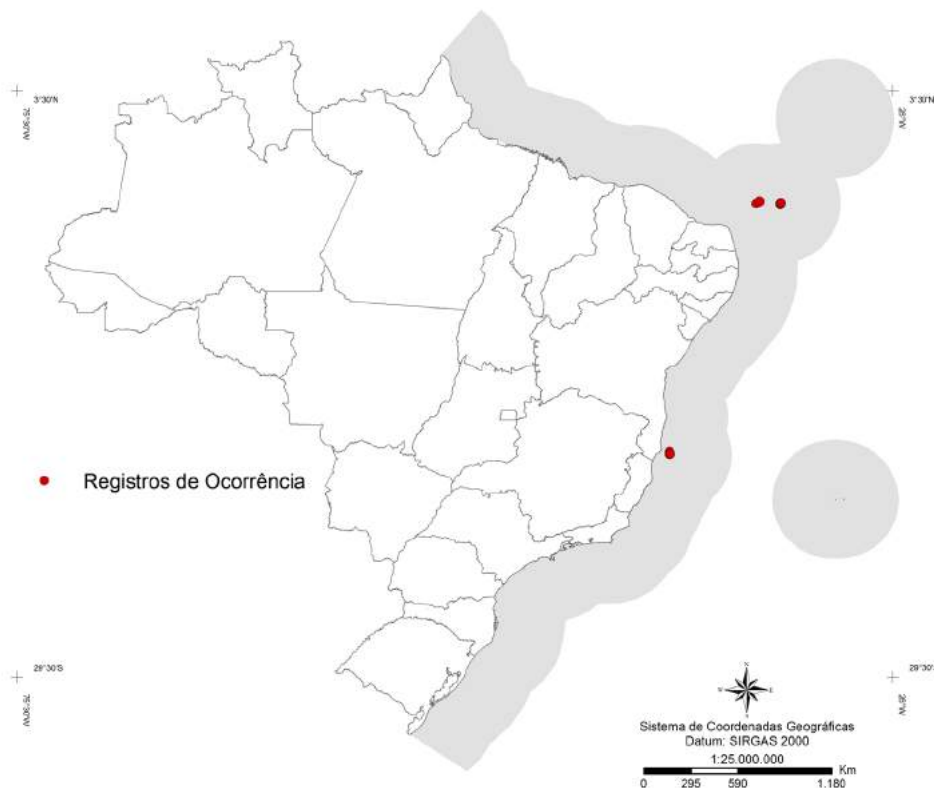
Notas taxonômicas

Cinco subespécies são reconhecidas no mundo⁹⁰⁴. Os *P. lepturus* de Fernando de Noronha são classificados como pertencendo à subespécie *P. l. ascensionis*⁴⁹ e as descreve como tendo o bico amarelo. Entretanto, *P. lepturus* registrados no arquipélago de Abrolhos tinham, em sua maioria, bico laranja-avermelhado⁴⁹, sendo possível que ambas populações não estejam relacionadas. Em nível molecular, há elevada diferenciação entre os indivíduos de Abrolhos e Fernando de Noronha, com uma taxa de migrantes entre os dois arquipélagos de, aproximadamente, um indivíduo a cada cinco gerações^{862a}.

Distribuição geográfica

Phaethon lepturus ocorre nos mares tropicais dos Oceanos Atlântico, Pacífico e Índico. A subespécie *P. l. ascensionis* ocorre no Atlântico Sul e Central⁹⁰⁴.

Considerando que, no Brasil, a espécie apenas reproduz-se em Fernando de Noronha (área das ilhas somam cerca de 26 km²) e Abrolhos (arquipélago com cerca de 0,85 km² de área emersa), calcula-se que a área de ocupação da espécie (AOO) no Brasil seja menor que 30 km². Os sítios reprodutivos representam duas localizações ameaçadas pela predação de ninho por gatos e ratos introduzidos e caranguejos nativos (M.A. Efe, dados não publicados).



História natural

Habita os mares tropicais e subtropicais; sendo principalmente pelágica. Nidifica em pequenas ilhas oceânicas e alimenta-se de pequenos peixes, especialmente peixes-voadores, lulas e, eventualmente,



crustáceos. Há dimorfismo sexual reverso na espécie, ou seja, fêmeas são maiores que machos, especialmente em relação à corda da asa⁸⁶². Reproduz-se sazonalmente em algumas localidades e de forma mais ou menos contínua em outras. É residente e dispersiva, com adultos e juvenis deslocando-se em grandes extensões⁹⁰⁴.

Ninhos de *P. lepturus* de Fernando de Noronha estão localizados em cavidades de fendas de penhascos na ilha principal e em penhascos e cavidades no solo em diversas ilhas secundárias, incluindo as ilhas do Chapéu, do Morro da Viuvinha, Rasa, do Meio, Rata, Sela Gineta e Dois Irmãos⁷⁴⁷. A nidificação é registrada durante todo o ano nesses locais, mas os números variam de acordo com a estação⁷⁴⁷.

População

No Atlântico Sul, são estimados menos de 3.000 pares⁹⁰⁴. No Brasil, a nidificação ocorre principalmente em Fernando de Noronha⁷⁴⁷, onde está a maior colônia de *P. lepturus* do Atlântico Sul.

A população em Fernando de Noronha foi estimada em 300 indivíduos em 1987. Trinta e quatro ninhos foram registrados na ilha do Morro da Viuvinha, em dezembro de 1987, e 30 em março de 1989¹⁰⁸². Em 2010, foram registrados 174 indivíduos adultos em Fernando de Noronha. Em 2011, foram contados apenas 128 indivíduos. Atualmente, são conhecidos cerca de 80 ninhos na ilha do Chapéu, maior colônia da espécie no Brasil (M. Efe, dados não publicados). Foi estimada a ocorrência de estrangulamento populacional há aproximadamente 30-50 gerações, embora a diversidade genética atual indique recuperação da população^{862a}.

Em Abrolhos, dois ninhos foram encontrados em 1992, na ilha Redonda, mas apesar de registros esporádicos terem sido feitos desde então, a espécie não se reproduz com sucesso em Abrolhos⁷⁴⁷. Em 2010, foram registrados seis indivíduos adultos nesse arquipélago (M.A. Efe, obs. pess.). Embora em pequeno número, cinco indivíduos amostrados em Abrolhos apresentaram significativa diferenciação molecular da população de Fernando de Noronha, reforçando a diversidade genética da espécie no Brasil^{862a}.

Contudo, pode-se afirmar que a população brasileira possui menos de 250 indivíduos maduros (oficina de avaliação).

Tendência populacional: estável.

Ameaças

Em Fernando de Noronha, a forte predação por caranguejos-aratus em ovos e caranguejos-amarelos em filhotes, além da grande abundância de potenciais predadores como gatos e ratos, são as principais ameaças, além da exposição dos ninhos às tempestades comuns na região (M.A. Efe, dados não publicados). Em Abrolhos há problemas com predadores introduzidos, especialmente ratos⁷⁴⁷.

Ações de conservação

Existentes

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação).

Não há nenhuma tentativa que tenha apresentado efetividade até o momento para controlar predadores introduzidos⁷⁴⁷. A Associação Vila-velhense de Proteção Ambiental (AVIDEPA) desenvolveu estudos no PARNA Marinho de Abrolhos com objetivo de estabelecer o manejo de ratos.

Necessárias

Apesar das duas colônias estarem localizadas em unidades de conservação federais, não são conhecidas ações de conservação voltadas exclusivamente a esta espécie no Brasil. Dados recentes de forrageamento indicam que a espécie se alimenta também em várias áreas fora dos limites das áreas protegidas e, conseqüentemente, merecem atenção e ações de conservação (M.A. Efe, dados não publicados).

É fundamental elaborar um plano adequado de destinação do lixo e erradicação de ratos no arquipélago



de Abrolhos, bem como para erradicação de gatos e ratos de Fernando de Noronha.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: PARNA Marinho de Fernando de Noronha⁷⁴⁷, REBIO Atol das Rocas, APA de Fernando de Noronha-Rocas-São Pedro e São Paulo⁵⁹¹;

Bahia: PARNA Marinho dos Abrolhos⁷⁴⁷.

Pesquisas

Existentes

Phaethon lepturus é foco do monitoramento de aves marinhas e oceânicas ameaçadas que vem sendo realizado pelo CEMAVE e parceiros desde 2009, no arquipélago de Fernando de Noronha. A AVIDEPA, com apoio do CEMAVE, desenvolveu trabalho de marcação e recaptura em Abrolhos. A equipe do Laboratório de Bioecologia e Conservação de Aves Neotropicais da UFAL, estudou a biologia reprodutiva e uso do mar pela espécie em Fernando de Noronha entre 2011 e 2016.

Necessárias

Identificação de aspectos da biologia e dinâmica populacional da espécie usando geolocalizadores, marcadores moleculares e isótopos estáveis. Realização contínua de censos desta espécie em suas áreas de ocorrência no Brasil, a fim de detectar mudanças na abundância relativa; condução e fortalecimento de estudos demográficos de longo prazo para a espécie em locais chave; documentação e monitoramento da presença de enfermidades nesta espécie considerando a presença de patógenos introduzidos em arquipélagos nos quais nidifica; uso de tecnologias de sensoriamento remoto para identificar *habitat* e deslocamentos; estudo da distribuição da espécie em período não-reprodutivo, a fim de conhecer as áreas utilizadas pelos indivíduos de Abrolhos e Fernando de Noronha.

Fregata minor (Gmelin, 1789)

Leandro Bugoni

Ordem: Suliformes

Família: Fregatidae

Nome comum: tesourão-grande



Foto: Leandro Bugoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(i,ii); D

Justificativa

Fregata minor ocorre nos oceanos Índico, Pacífico e Atlântico, especialmente nas zonas tropicais. A



subespécie *F. m. nicolli* ocorre no Atlântico Sul, atualmente endêmica das ilhas da Trindade e Martin Vaz, no Brasil. Reproduz somente na Ilha da Trindade. Há registro de centenas de indivíduos acompanhando embarcações há menos de três gerações passadas e observações atuais demonstram a existência de pouquíssimos indivíduos maduros (certamente menos de 50), indicando que houve declínio recente, além do declínio histórico. Assim, *F. minor* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) C2a(i,ii); D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{435,814}	CR C2a(i); D
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴²	Espírito Santo: CR
Avaliação global ¹⁵³	LC

Outros nomes aplicados ao táxon

Pelecanus minor Gmelin, 1789.

Notas taxonômicas

Cinco subespécies são reconhecidas, sendo que apenas *F. m. nicolli* ocorre no Brasil⁹⁰⁵. Esta subespécie possui uma plumagem juvenil distinta⁷⁴⁷ e seu isolamento de *F. minor* do Indo-Pacífico gera dúvida sobre seu real status taxonômico, podendo tratar-se de uma espécie plena com alto risco de extinção⁷⁴⁷.

Distribuição geográfica

Ocorre nos oceanos Índico, Pacífico e Atlântico, especialmente nas zonas tropicais. A subespécie *F. m. nicolli* ocorre no Atlântico Sul⁹⁰⁵, nas ilhas da Trindade e Martin Vaz, no Brasil⁵²⁸.



História natural

Ocorre em mares tropicais e subtropicais, reproduzindo em ilhas pequenas e remotas, no mangue, em arbustos e ocasionalmente no solo sem vegetação. Alimenta-se no oceano adjacente, geralmente



em águas com mais de 22°C de temperatura, na zona pelágica, mas num raio de 80 km da colônia ou da área de descanso. Sua dieta é composta principalmente por peixes, especialmente peixes-voadores, e lulas. Reproduz ao longo do ano todo. Provavelmente, de reprodução bienal, quando há sucesso. É provável que atinja a maturidade sexual com 8-10 anos. É sedentária, com dispersão de imaturos e indivíduos não reprodutivos ao longo dos mares tropicais, especialmente nos oceanos Índico e Pacífico, cujas populações são maiores; a maioria dos indivíduos retornam à colônia natal para reproduzir. Ocorre como vagante no Japão, Sibéria, Nova Zelândia e África do Sul⁹⁰⁵. O tempo geracional da espécie é estimado em 15 anos²⁵⁸.

População

A população mundial da espécie é estimada de meio a um milhão de indivíduos⁹⁰⁵. *Fregata minor nicolli* foi registrada pela primeira vez em 1874, quando um grande número de casais em nidificação foi encontrado na Ilha da Trindade. Expedições posteriores à ilha registraram sua presença, mas sem informações detalhadas sobre o tamanho populacional. Embora ocorra em Martin Vaz, conforme fotografado em abril de 2007, não reproduz neste local.

Há registro de centenas de indivíduos acompanhando embarcações há menos de três gerações passadas (45 anos) e observações atuais demonstram a existência de pouquíssimos indivíduos maduros (certamente menos de 50, em uma única subpopulação), indicando que houve declínio recente (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As ameaças mais sérias são perturbação e destruição de *habitat*⁹⁰⁵. Apesar de não haver relatos de capturas incidentais, a concentração do esforço de pesca em torno das Ilhas da Trindade e Martin Vaz pode ser particularmente perigosa para a espécie^{850,1095}, especialmente devido aos efeitos de redução de grandes peixes (atuns, espadarte), que comprimem os peixes menores próximos da superfície ou os fazem saltar (peixes-voadores), quando então ficam disponíveis para as fragatas.

Outra séria ameaça à espécie é a construção de aerogeradores na ilha, empreendimento planejado pela Marinha do Brasil (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação).

Da mesma forma que para *F. ariel*, possivelmente, a medida mais efetiva para a espécie a longo prazo é a recuperação da vegetação arbórea na ilha, impulsionada pela eliminação das cabras em 2005. A revegetação da ilha com árvores nativas tem sido liderada pela equipe de botânica do Museu Nacional, em parceria com a Marinha do Brasil (Programa Pró-Trindade) e apoio da SOS Mata Atlântica.

Necessárias

Ações urgentes para impedir a iminente extinção das fragatas de Trindade, através da identificação dos locais de reprodução e plantação de arbustos e árvores de médio e grande porte em locais próximos, bem como a identificação das causas de declínio atuais.

Presença em unidades de conservação

Não ocorre em unidades de conservação.



Pesquisas

Existentes

A FURG realiza pesquisas sobre a ecologia e distribuição da espécie no Brasil, visando a definição de áreas de maior ocorrência, riscos de captura incidental e efeitos potenciais de exploração de petróleo no sul e sudeste do Brasil, e busca identificar potenciais áreas para criação de áreas marinhas protegidas.

Necessárias

Levantamentos em Trindade e Martin Vaz para avaliar o tamanho da população, identificar os locais ocupados pelas colônias e definir estratégias de conservação a ser implementadas⁷⁴⁷. É urgente a definição do *status* taxonômico da espécie por meio de caracteres morfológicos, osteológicos e moleculares.

Fregata ariel (Gray, 1845)

Leandro Bugoni

Ordem: Suliformes

Família: Fregatidae

Nome comum: tesourão-pequeno



Foto: Leandro Bugoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(i,ii); D

Justificativa

Fregata ariel ocorre nos oceanos Índico, Pacífico e Atlântico. A subespécie *F. ariel trinitatis*, a única a ocorrer no Atlântico, é atualmente restrita às Ilhas de Trindade e Martin Vaz, no Espírito Santo. Este táxon era anteriormente difundido em diversas ilhas tropicais do Atlântico Sul, como Santa Helena e Ascensão, mas essas populações foram extintas, nos últimos 500 anos, devido ao impacto humano. Há registro de 15 ninhos em um período de três gerações passadas e observações atuais indicam a existência de pouquíssimos indivíduos maduros (menos de 10). Sendo assim, *F. ariel* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR), pelos critérios C2a(i,ii); D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{436,814}	CR C2a(i); D
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴²	Espírito Santo: CR
Avaliação global ¹⁵⁴	LC

Outros nomes aplicados ao táxon

Fregata ariel wilsoni (Lowe, 1924).



Notas taxonômicas

Três subespécies são reconhecidas, sendo que apenas *F. a. trinitatis* ocorre no Brasil⁹⁰⁵. Após este ciclo de avaliação, foi publicado estudo que evidencia a validade deste táxon como espécie plena^{894a}.

Distribuição geográfica

Ocorre nos oceanos Índico, Pacífico e Atlântico. A subespécie *F. ariel trinitatis*, a única a ocorrer no Atlântico, é atualmente restrita às Ilhas de Trindade e Martin Vaz, no Espírito Santo. Este táxon ocorria anteriormente em outras ilhas tropicais do Atlântico Sul, como Santa Helena e Ascensão, mas essas populações foram extintas, nos últimos 500 anos, devido ao impacto humano⁷⁴⁷.



História natural

Ocorre em mares tropicais e subtropicais, reproduzindo em ilhas pequenas e remotas, no mangue ou em arbustos. Alimenta-se em áreas adjacentes às colônias, geralmente na zona pelágica, em águas com mais de 22°C de temperatura. Sua dieta é composta principalmente por peixes, especialmente peixes-voadores e lulas que captura em pleno voo. Cleptoparasitismo é utilizado principalmente por fêmeas. Reproduz durante a maior parte do ano. A reprodução é provavelmente bienal, quando há sucesso. É sedentária, com dispersão de imaturos e indivíduos não reprodutivos ao longo dos mares tropicais, especialmente nos oceanos Índico e Pacífico. É vagante no Japão, Sibéria, nordeste dos Estados Unidos e Nova Zelândia⁹⁰⁵.

População

Uma colônia de *F. ariel trinitatis* com cerca de 15 ninhos foi registrada na Ilha da Trindade (Ponta do Sul) em 1975, com uma população total de cerca de 50 aves⁸⁹³. Entre 1987 e 1992, houve registro de ninhos, mas sem referência a estimativas de tamanho populacional. Entretanto, de 1994 a 2000, foram apenas cinco registros de aves em voo na região⁴⁷⁴. Durante quase seis meses de pesquisa na ilha, esta espécie, juntamente com *F. minor nicolli*, foi vista poucas vezes, nunca com mais de quatro indivíduos (L. Bugoni, dados não publicados). Assim sendo, acredita-se que, atualmente, existem menos



de dez indivíduos maduros, todos pertencentes a uma única subpopulação e sem possibilidade de reforço populacional com indivíduos de outras fontes do Oceano Atlântico, uma vez que as populações antes existentes estão agora extintas (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Apesar de não haver relatos de capturas incidentais, uma concentração do esforço de pesca em torno das Ilhas da Trindade e Martin Vaz, pode ser particularmente perigosa para a espécie^{850,1095}, especialmente devido aos efeitos de redução de grandes peixes (atuns, espadarte), que comprimem os peixes menores próximos na superfície ou os fazem saltar (peixes-voadores), quando então ficam disponíveis para as fragatas.

Outra séria ameaça à espécie é a construção de aerogeradores na ilha, empreendimento planejado pela Marinha do Brasil (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação).

Possivelmente, a medida mais efetiva para a espécie a longo prazo é a recuperação da vegetação arbórea na ilha, impulsionada pela eliminação das cabras em 2005. A revegetação da ilha com árvores nativas tem sido liderada pela equipe de botânica do Museu Nacional, em parceria com a Marinha do Brasil (Programa Pró-Trindade) e apoio da SOS Mata Atlântica.

Necessárias

Ações urgentes para impedir a iminente extinção das fragatas de Trindade, através da identificação dos locais de reprodução e plantação de arbustos e árvores de médio e grande porte em locais próximos, bem como a identificação das causas de declínio atuais.

Presença em unidades de conservação

Não ocorre em unidades de conservação.

Pesquisas

Existentes

A FURG realiza pesquisas sobre a ecologia e distribuição da espécie no Brasil, visando a definição de áreas de maior ocorrência, riscos de captura incidental e efeitos potenciais de exploração de petróleo no sul e sudeste do Brasil. Além disso, busca identificar potenciais áreas para criação de áreas marinhas protegidas.

Necessárias

O *status* taxonômico de *F. ariel trinitatis* deve ser investigado, especialmente a partir de estudos osteológicos e/ou análise de DNA de espécimes depositados em coleções como Museu Nacional do Rio de Janeiro e do Museu Americano de História Natural⁷⁴⁷.



Sula sula (Linnaeus, 1766)

Fernanda Pinto Marques, Danielle Custódio Leal & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Suliformes

Família: Sulidae

Nome comum: atobá-de-pé-vermelho



Foto: Guga Morais

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii)

Justificativa

Sula sula distribui-se por grande parte dos mares tropicais. No Brasil, ocorre em Fernando de Noronha, Atol das Rocas e arquipélago São Pedro e São Paulo. Foi extinta na Ilha da Trindade. Atualmente, reproduz apenas em Fernando de Noronha, principal local de ocorrência e nidificação da espécie no Atlântico Sul e único no Brasil. A área de ocupação reprodutiva é menor que 500 km² e caracteriza-se como uma única localização devido ao risco de contato com patógenos. Há ainda competição com garças por *habitat* de nidificação. Essas ameaças levam a declínio continuado de qualidade de *habitat*. Dessa forma, *S. sula* foi categorizada como Em Perigo (EN) B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	NT*
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴²	Espírito Santo: EN
Avaliação global ¹⁵⁵	LC

*Avaliada como *Sula sula sula*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Pelecanus sula Linnaeus, 1766.

Notas taxonômicas

Três subespécies são reconhecidas³³⁷, sendo que apenas *S. s. sula* ocorre no Brasil⁵²⁸.

Distribuição geográfica

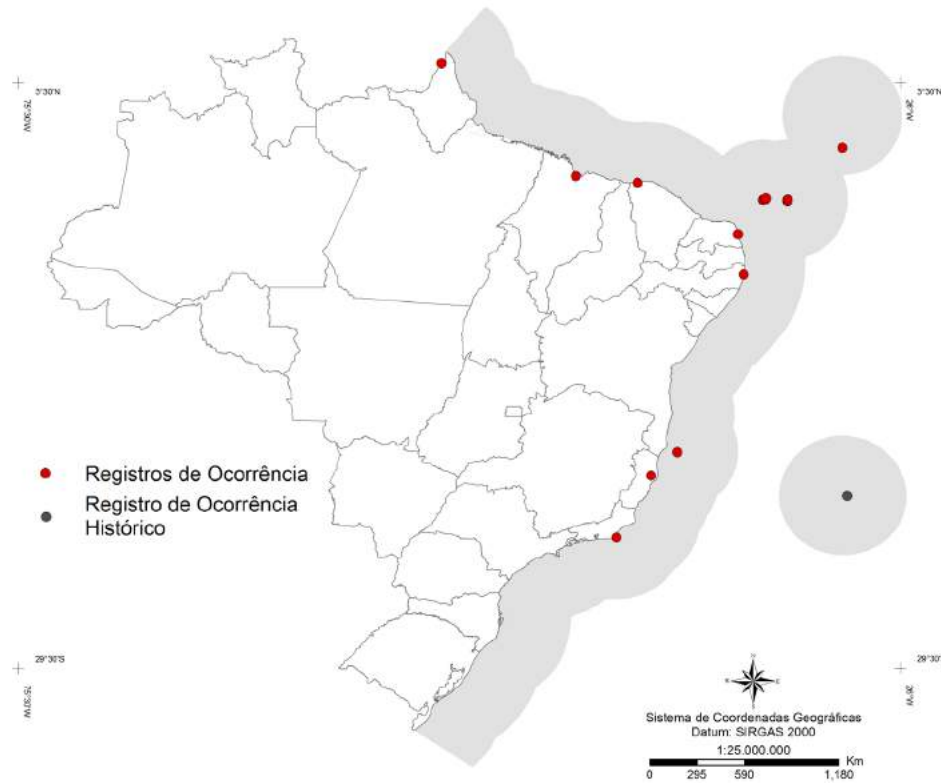
Ocorre em grande parte dos mares tropicais. *Sula s. sula* ocorre no Caribe e no sudoeste do Atlântico³³⁷.

No Brasil, ocorre em Fernando de Noronha⁵²⁸, Atol das Rocas¹⁰⁸² e no arquipélago de São Pedro e São Paulo²⁹⁷. Atualmente, reproduz em Fernando de Noronha, principal local de ocorrência e nidificação da espécie no Atlântico Sul e único no Brasil, estando sua sobrevivência vinculada à conservação da vegetação nas áreas do PARNA⁴⁷⁴. Existem evidências históricas de ocorrência em Trindade, com uma população em declínio acentuado⁴⁷⁴. Hoje é considerada extinta nesta ilha (oficina de avaliação). Há



registros pontuais em diversas localidades do litoral brasileiro¹²⁸⁹, mas representam animais vagantes.

A área de ocupação reprodutiva corresponde a uma pequena parte do arquipélago de Fernando de Noronha, cuja área é calculada em 26 km². Assim sendo, considera-se a área de ocupação da espécie no Brasil menor que 500 km². O sítio reprodutivo caracteriza-se como uma única localização, especialmente devido à possibilidade de contaminação por patógenos trazidos por animais domésticos^{423,868,869}.



História natural

Estritamente marinha e amplamente pelágica. Nidifica e descansa em árvores, em ilhotas com vegetação abundante. Alimenta-se principalmente de peixes-voadores e lulas. Pode começar a se reproduzir em qualquer mês do ano, na maior parte de sua distribuição. Atinge a maturidade sexual provavelmente entre dois e três anos. Longevidade conhecida de cerca de 23 anos. Forrageia em longas viagens, sem movimentos regulares, mas provavelmente desloca-se principalmente nos oceanos tropicais³³⁷. Um importante fator que afeta a distribuição e a população de *S. sula* é seu hábito arborícola⁹⁶. Barbosa-Filho *et al.*⁹⁶ verificaram intensa atividade reprodutiva na ilha principal de Fernando de Noronha, principalmente na costa norte, onde se concentram as maiores áreas florestadas da ilha.

População

População global estimada em mais de 1.000.000 indivíduos³³⁷. É uma das espécies mais abundantes de Fernando de Noronha¹⁰⁸². Estimou-se a população do arquipélago em 4.000 indivíduos em 1982⁹⁶, 1.290 ninhos em 1987¹⁰⁸², 1.513 indivíduos em 1991¹⁰⁸², 1.882 indivíduos em 2008⁹⁶. A população parece estável após a década de 1990 e as diferenças numéricas observadas podem ser decorrentes de distintos métodos de contagem⁹⁶. Em 2011, contagens parciais no arquipélago indicaram a presença de ao menos 1.440 indivíduos (L. Bugoni, com. pess., 2014).

Tendência populacional: estável.



Ameaças

A destruição de *habitat*, coleta de ovos, caça, predação de ovos por ratos e turismo desordenado³³⁷. É o único atobá no Atlântico que nidifica em árvores, sem as quais, aparentemente, não é possível sua reprodução, podendo inclusive abandonar o sítio se este for alterado, como aconteceu na ilha de Ascensão e em Trindade⁴⁷⁴.

Em Fernando de Noronha, a espécie está predominantemente correlacionada com os ambientes naturais do interior do PARNA, apresentando tendência de redução de abundância em locais com elevado grau de modificação na paisagem. O trecho mais preservado e isolado da ilha principal, com a maior parte da vegetação original nas encostas íngremes, concentra 70% dos atobás. Além disso, algumas áreas de procriação de *S. sula* têm sido invadidas por colônias de garças (*Bubulcus ibis*)⁹⁶. Há ainda risco de contaminação por patógenos trazidos por animais domésticos^{423,868,869}.

Há registro de aves sujas de petróleo na REBIO Atol das Rocas¹⁰⁸².

Ações de conservação

Existentes

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação).

A aparente estabilidade populacional em Fernando de Noronha, a partir da década de 1990, pode ter decorrido da implantação de duas unidades de conservação que restringiram a captura das aves e impediram novos desmatamentos e alterações de *habitat*⁹⁶.

Presença em unidades de conservação

Rio Grande do Norte: REBIO Atol das Rocas¹⁰⁸²;

Pernambuco: PARNA Marinho de Fernando de Noronha^{96,1289}, APA de Fernando de Noronha-Rocas-São Pedro e São Paulo⁵⁹¹;

Bahia: PARNA Marinho dos Abrolhos (L. Bugoni, com. pess., 2018).

Tigrisoma fasciatum (Such, 1825)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Pelecaniformes

Família: Ardeidae

Nome comum: socó-boi-escuro



Foto: Carlos Gussoni



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Tigrisoma fasciatum ocorre em áreas disjuntas desde a Costa Rica e Venezuela à Argentina e Brasil. É uma espécie rara e de distribuição pontual ao longo de rios bem preservados, em áreas de altitude. Suspeita-se que haja declínio populacional continuado devido à poluição, degradação e perda de *habitat* ripários e implantação de empreendimentos hidrelétricos. Considerando a raridade da espécie e sua alta especificidade de *habitat*, suspeita-se que a população brasileira seja menor que 10.000 indivíduos maduros, com menos de 1.000 deles em cada subpopulação. Por estas razões, *T. fasciatum* foi categorizado como Vulnerável (VU), pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1209}	EN C2a(i)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,439,443a}	Rio de Janeiro: Provavelmente extinta Minas Gerais: CR Paraná: EN Santa Catarina: CR
Avaliação global ¹⁵⁶	LC

Outros nomes aplicados ao táxon

Ardea fasciata Such, 1825.

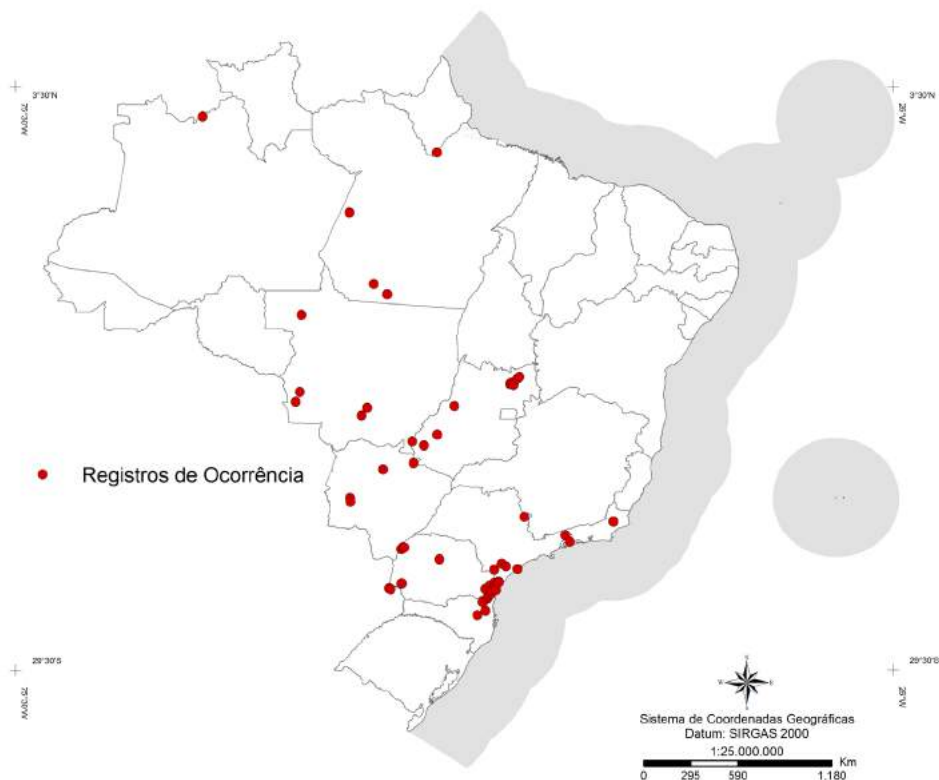
Notas taxonômicas

São reconhecidas três subespécies, sendo que apenas uma ocorre no Brasil: *T. f. fasciatum*⁵²⁸.

Distribuição geográfica

Ocorre em áreas disjuntas da Costa Rica à leste da Venezuela, norte da Bolívia, nordeste e noroeste da Argentina e Brasil^{528,787}.

Apesar da distribuição ser ampla, esta espécie ocorre principalmente ao longo de córregos e rios de água limpa, com corredeiras e dentro de floresta⁷⁸⁷. A grande maioria dos registros no sul e sudeste do Brasil são históricos. Há poucas observações recentes da espécie no Brasil^{448,747,1209,1289}. No estado de Goiás, além dos registros de Yamashita & Valle¹³⁰³ e Faria⁴⁴⁸, há registros ainda mais recentes na região da Chapada dos Veadeiros, com seis indivíduos observados no rio das Pedras em outubro de 2007 (I.P. de Faria & P.T.Z. Antas, com. pess., 2013) e um indivíduo no baixo rio dos Almas (município de Cavalcante) em abril de 2008 observados por P.T.Z. Antas & V.S. Braz (I.P. de Faria, com. pess., 2013).



História natural

Caracteriza-se por ter grande exigência de *habitat*, restringindo-se a rios de pequeno a médio porte, com águas límpidas e transparentes, cabeceiras oligotróficas e correnteza rápida, em terrenos montanhosos e densamente florestados em suas margens¹²⁰⁹. No Vale do Ribeira, em São Paulo, é observada em rios que margeiam grandes blocos florestais, ao lado de áreas degradadas (F. Schunck, com. pess., 2018). Pouco se sabe sobre sua dieta, mas já foram registrados peixes e insetos. Não há informações sobre a biologia reprodutiva. A espécie é sedentária⁷⁸⁷. Como não há registro de deslocamento por ambientes diferentes de seu *habitat* preferencial e os registros são bastante distantes entre si, acredita-se que a população esteja dividida em subpopulações isoladas. Ocorre em baixas densidades e é tímido, tornando os estudos mais difíceis⁷⁴⁷.

População

Aparentemente, a espécie sempre foi rara, sendo hoje considerada incomum e de ocorrência pontual em sua ampla distribuição; talvez já tenha sido extinta em diversas localidades no sudeste do Brasil devido à destruição de *habitat*⁷⁸⁷. A tendência populacional global é atualmente desconhecida¹⁵⁶.

Considerando-se sua raridade em toda área de distribuição e sua sensibilidade quanto ao *habitat*, que faz com que a espécie ocorra muito pontualmente, acredita-se que a população total de *T. fasciatum* no Brasil seja menor que 10.000 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 1.000 deles em cada subpopulação. Tendo em vista a grande quantidade de ameaças que afetam essa espécie, suspeita-se que haja declínio populacional continuado devido à perda de área e qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Uma grave ameaça a *T. f. fasciatum* é a destruição de *habitat*⁷⁸⁷. Devido ao fato dessa espécie ser exigente quanto ao *habitat*, pode-se inferir que qualquer alteração na qualidade da água pode vir a prejudicar a população. Exemplos disso são: assoreamento dos rios, despejo de dejetos e contaminação



por defensivos agrícolas. Nas serras do Paraná, há risco constante de contaminação acidental dos rios por poluentes oriundos do descarrilamento de vagões em estradas de ferro. Outras alterações que podem afetar a espécie são: conflito com grupos indígenas em áreas protegidas (caso do PE Intervalles e PE Marumbi), retirada de rochas do leito dos rios, projetos de drenagem, construção de hidrelétricas de qualquer porte, introdução de espécies aquáticas exóticas e turismo desordenado¹²⁰⁹.

Ações de conservação

Existentes

Tigrisoma fasciatum está contemplado no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal, no Plano de Ação Nacional das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Ameaçadas e de Importância Socioeconômica do Ecossistema Manguezal^{629a}.

Presença em unidades de conservação

Amazonas: FLONA do Amazonas (M. Cohn-Haft, com. pess., 2013);

Pará: REBIO Nascentes da Serra do Cachimbo¹²⁰⁹, FLONA do Jamanxim⁶¹⁷;

Pará/Amazonas: PARNA da Amazônia⁶⁶⁸;

Goiás: PARNA da Chapada dos Veadeiros¹³⁰³, RPPN de Campo Alegre⁴⁴⁸;

Mato Grosso: PARNA da Chapada dos Guimarães⁶⁰⁹;

Mato Grosso do Sul: PARNA da Serra da Bodoquena¹²⁸⁹;

Rio de Janeiro: PE do Desengano⁹¹⁴;

São Paulo: ESEC Jureia-Itatins¹²⁰⁹, PE de Intervalles¹²⁰⁹;

Paraná: PE do Marumbi¹²⁰⁹, PARNA do Iguaçu¹²⁰⁹, PARNA Saint Hilaire-Lange¹²⁰⁹, APA de Guaraqueçaba¹²⁰⁹, APA de Guaratuba¹²⁰⁹;

Paraná/Mato Grosso: APA das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná¹²²².

Pesquisas

Existentes

Entre 1992 e 1993, a Sociedade Fritz Muller e o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos - CBRO conduziram os projetos “Biologia e conservação do socó-boi-escuro *T. fasciatum* no litoral-sul do Paraná” e “Estudo do *status* de aves raras ou ameaçadas de extinção no litoral-sul do Paraná”¹²⁰⁹.

Necessárias

Consideram-se necessárias pesquisas sobre distribuição geográfica da espécie, ecologia populacional, padrão de deslocamento e de ocupação de *habitat*, além de pesquisa básica sobre história natural¹²⁰⁹.



Leptodon forbesi (Swann, 1922)

Sidnei de Melo Dantas & Ciro Albano

Ordem: Accipitriformes

Família: Accipitridae

Nome comum: gavião-de-pescoço-branco



Foto: Emanuel Barreto

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(ii)

Justificativa

Leptodon forbesi é endêmica do nordeste do Brasil. Não há mais de 2.500 indivíduos maduros e considera-se que entre 95 e 100% dos indivíduos estão em uma única subpopulação. A perda de *habitat* leva a declínio populacional continuado. Assim, *L. forbesi* foi categorizada como Em Perigo (EN) pelo critério C2a(ii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁷¹	CR C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Odontriorchis forbesii Swann, 1922.

Notas taxonômicas

Monotípico⁵²⁸.

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, com ocorrência restrita ao Centro de Endemismo Pernambuco (da Paraíba a Alagoas) e a Sergipe.



História natural

Praticamente não há informações sobre a biologia da espécie; sabe-se apenas que habita a floresta atlântica costeira¹²⁴⁴ e de altitude⁹³⁰. Sobrevive em fragmentos pequenos (<500 ha) e urbanos, como os da Mata do Buraquinho em João Pessoa e a ESEC Caetés, próxima a Recife⁹³⁰, sendo mais comum e resistente à fragmentação do que se pensava. Porém, sua densidade é sempre baixa em qualquer lugar, sendo registrados normalmente um ou dois indivíduos por área amostrada⁹³⁰.

População

Localmente, não é rara, mas possui distribuição muito limitada¹²⁴⁴. Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que podem afirmar, com certa segurança, que a população total de *L. forbesi* é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que entre 95 e 100% dos indivíduos estão em uma única subpopulação (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a perda e fragmentação de *habitat*^{932,1244}. Atualmente, existe apenas 1% do *habitat* original da espécie¹²⁴⁴.

Ações de conservação

Existentes

Leptodon forbesi está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Necessárias

A medida mais urgente é a preservação dos poucos remanescentes de *habitat* e a restauração de áreas que possam ser reocupadas pela espécie.



Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas¹²⁸⁹, RPPN Engenho Gargaú⁹³⁰;

Pernambuco: ESEC de Caetés¹²⁸⁹, RPPN Eco Fazenda Morim⁹³⁰, RPPN Frei Caneca⁹³⁰;

Alagoas: ESEC de Murici¹⁰¹⁵, RPPN Madeiras⁹³⁰.

Pesquisas

São necessárias pesquisas sobre a biologia básica da espécie e tamanho populacional.

Circus cinereus Vieillot, 1816

Rafael Antunes Dias & Giovanni Nachtigall Mauricio

Ordem: Accipitriformes

Família: Accipitridae

Nome comum: gavião-cinza



Foto: Cristian Marcelo Joenck

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Circus cinereus ocorre na Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Chile, Argentina e Brasil. Assume-se que no Brasil esteja restrito ao Rio Grande do Sul, uma vez que os demais registros são pontuais ou duvidosos. O tamanho estimado da população brasileira é menos de 2.500 indivíduos, estruturados em três subpopulações, possivelmente fiéis às suas respectivas localidades reprodutivas: uma na planície costeira externa (a leste do sistema lagunar Patos-Mirim e terrenos adjacentes ao norte); outra na planície costeira interna (a oeste do sistema Patos-Mirim) e outra na Campanha. Em face da perda de *habitat* reprodutivo (banhados com palha ou outro tipo de vegetação densa) que ocorre em todo o estado, infere-se que as três subpopulações estejam em declínio continuado, embora não muito acentuado. A raridade da espécie em conjunto com uma estimativa do número de sítios de reprodução nos municípios de Rio Grande e Pelotas permitem inferir que cada subpopulação não possui mais do que 250 indivíduos maduros, resultando no enquadramento da espécie como Em Perigo. Entretanto, presume-se que haja fluxo de indivíduos a partir do Uruguai, resultando num “efeito resgate” para a população eventualmente perdida no Brasil. Assim, a categoria de ameaça foi rebaixada, de modo que *C. cinereus* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério C2a(i).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{324,814}	VU C2a(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴⁴	Rio Grande do Sul: VU
Avaliação global ¹⁵⁷	LC

Distribuição geográfica

Ocorre na Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Brasil, Chile e Argentina, até a Terra do Fogo e Ilhas Falklands. Registrado nos estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina (ambos sem localidade) e Rio Grande do Sul⁵²⁸. Há uma ocorrência para o estado de São Paulo, em um banhado do Vale do Paraíba, também sem localidade exata³²⁵.

O Brasil representa um dos limites da distribuição de *C. cinereus*, que ocorre principalmente do Equador à Patagônia. No Brasil, aparenta estar restrito ao Rio Grande do Sul, com ocorrência principalmente no litoral sul do estado^{116,324}.



História natural

Ocupa savanas, pastagens, zonas úmidas, brejos próximos a rios e córregos, marismas, juncais, campos e regiões arbustivas, desde o nível do mar até 4.500 m de altitude¹³². Registrado também em arrozais^{324,325}.

Alimenta-se de aves e outros pequenos vertebrados, além de insetos¹³². A dieta pode variar entre as localidades. No Brasil, as aves parecem ser o principal item de sua dieta. Reproduz-se de outubro a janeiro, podendo ser colonial. Os únicos ninhos registrados no Brasil estavam em banhados com vegetação alta e densa (*Scirpus giganteus* e *Cladium* sp.), ambiente que aparenta ser importante na reprodução da espécie^{116,329}. Outras referências ou indícios de reprodução, como jovens ou casais envolvidos em exibições, foram mencionados para os banhados de Capão Seco, Vinte-e-Cinco e Maçarico (todos em Rio Grande) e para o PARNA Lagoa do Peixe (Mostardas)^{116,324,329}. O litoral sul do Rio Grande do Sul, especialmente a região dos cordões litorâneos de Rio Grande e áreas úmidas junto às lagoas dos Patos e Mirim são as mais importantes para a reprodução da espécie no Brasil^{116,324}.



A espécie aparenta ser residente no Rio Grande do Sul, com registros para todas as estações do ano¹¹⁶.

População

Não há evidência de contração da área original de distribuição da espécie, embora a população local tenha declinado face à destruição de ambientes palustres em função da expansão agrícola e urbana^{116,324}.

Considerando que as únicas populações representativas da espécie no Brasil estão no Rio Grande do Sul, pode-se extrapolar para o país as estimativas populacionais feitas para o estado⁴⁸⁷, de menos de 2.500 indivíduos, estruturados em três subpopulações: uma na planície costeira externa (a leste do sistema lagunar Patos-Mirim e terrenos adjacentes ao norte), outra na planície costeira interna (a oeste do sistema Patos-Mirim) e outra na Campanha.

Acredita-se que as três subpopulações estejam em declínio continuado (mas não muito acentuado) devido à perda de *habitat* reprodutivo (banhados com palha ou outro tipo de vegetação densa). A raridade da espécie em conjunto com uma estimativa do número de sítios de reprodução nos municípios de Rio Grande e Pelotas permitem inferir que cada subpopulação não possui mais do que 250 indivíduos maduros. Presume-se que haja fluxo de indivíduos a partir do Uruguai, resultando num “efeito resgate” para a população eventualmente perdida no Brasil⁴⁸⁷.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças são a perda de *habitat* e a destruição e descaracterização específica dos sítios de reprodução, tendo em vista o reduzido tamanho de sua população e sua especificidade de *habitat*^{324,325}.

A perda de sítios de reprodução tem acontecido por numerosos fatores, como a drenagem ou transformação de banhados em lavouras de arroz ou lagoas para irrigação, exploração de turfa, urbanização e incêndios antrópicos³²⁴. A perda de *habitat* de forrageamento ocorre devido à ocupação dos campos naturais por silvicultura e pela expansão urbana.

Circus cinereus também pode ser afetado por agrotóxicos, uma vez que forrageia sobre lavouras ou próximo a elas, ingerindo presas contaminadas³²⁴. A recente expansão massiva de parques eólicos no litoral do Rio Grande do Sul, inclusive em áreas adjacentes aos sítios de nidificação e em pleno território de caça da espécie (município de Rio Grande), constitui uma importante ameaça adicional.

Ações de conservação

Existentes

A espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788} e no Plano de Ação Nacional para Conservação dos Sistemas Lacustres e Lagunares do Sul do Brasil (ICMBio, em preparação).

Necessárias

A proteção do *habitat*³²⁵ e dos sítios reprodutivos é essencial, o que pode ser feito através da criação e implantação de unidades de conservação, sendo prioritária a região do Pontal da Barra, em Pelotas, e do banhado Vinte-e-Cinco e dos cordões litorâneos de Rio Grande. O simples respeito à legislação referente às Áreas de Preservação Permanente também é importante como medida de conservação para esta espécie.

É necessária também a regulação ou restrição das atividades que modificam drasticamente a paisagem da planície costeira externa do Rio Grande do Sul, como o florestamento com *Pinus* sp. ou *Eucalyptus* sp.³²⁴, a expansão urbana e a destruição dos banhados de palha. É importante que seja feito um zoneamento ambiental para a implementação de parques eólicos, considerando o impacto de colisões com aerogeradores e linhas de transmissão e a perturbação sobre os locais de nidificação, limitando a criação desses empreendimentos nas áreas importantes para a espécie.



Presença em unidades de conservação

Rio Grande do Sul: ESEC do Taim^{324,1289}, PARNA Lagoa do Peixe^{324,1289}, REBIO do Ibirapuitã³²⁴, REBIO do Mato Grande¹²⁷⁶, REVIS Banhado dos Pachecos³²⁴, APA do Ibirapuitã¹¹⁸².

Pesquisas

A reprodução da espécie foi estudada em detalhe no Pontal da Barra (praia do Laranjal), em Pelotas, onde esse gavião vem sendo monitorado anualmente; registros de um casal em pontos frequentemente utilizados para nidificação foram obtidos recentemente, em 2015.

Amadonastur lacernulatus (Temminck, 1827)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Accipitriformes

Família: Accipitridae

Nome comum: gavião-pombo-pequeno



Foto: Marco Antônio de Freitas

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Amadonastur lacernulatus é endêmico do Brasil, ocorrendo em baixas densidades da Bahia a Santa Catarina. O tamanho total estimado da população não ultrapassa 10.000 indivíduos maduros. A população é fragmentada devido à perda de *habitat*, persistindo quase exclusivamente em unidades de conservação; suspeita-se que haja menos de 1.000 indivíduos maduros em cada subpopulação. Há declínio continuado devido à perda de área e qualidade de *habitat* e à retirada de indivíduos da natureza. Portanto, *A. lacernulatus* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelos critérios C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{51,814}	VU* C1+2a(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,439,441,443a}	Minas Gerais*: CR Rio de Janeiro*: VU São Paulo: Ameaçada Paraná*: EN Santa Catarina*: VU
Avaliação global ¹⁵⁸	VU C2a(i)

*Avaliada como *Leucopternis lacernulatus*.

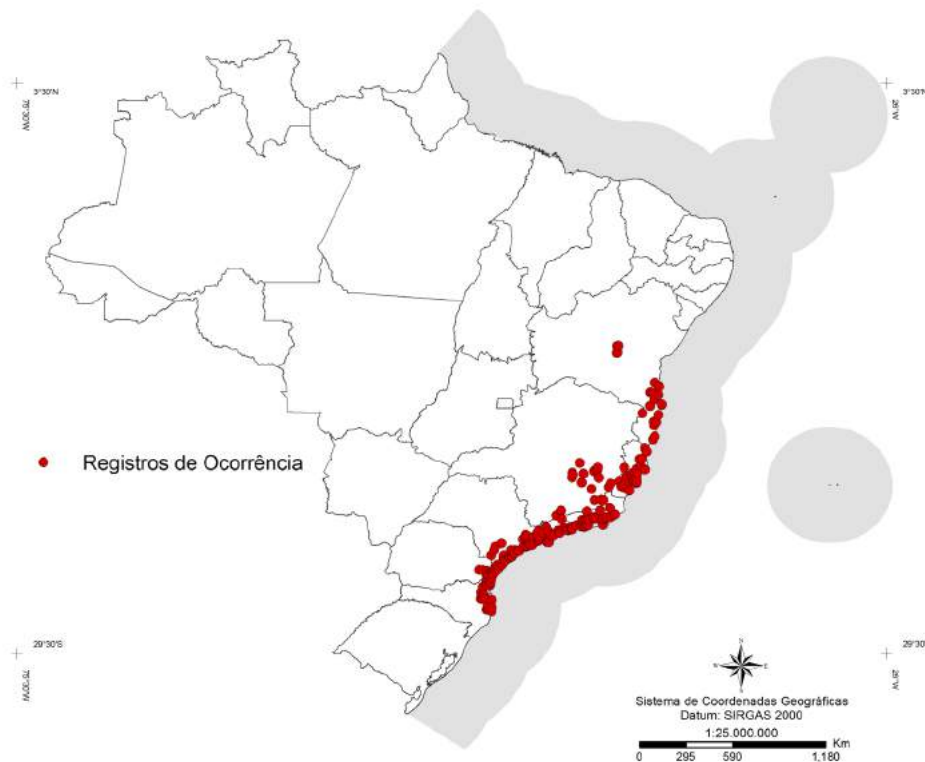


Outros nomes aplicados ao táxon

Falco lacernulata Temminck, 1827; *Leucopternis lacernulata* (Temminck, 1827); *Leucopternis lacernulatus* (Temminck, 1827); *Buteogallus lacernulatus* (Temminck, 1827).

Distribuição geográfica

Endêmico do Brasil, ocorre na Mata Atlântica da Bahia a Santa Catarina¹²⁸⁹. Embora a distribuição geográfica atual seja muito semelhante à pretérita, a espécie está restrita aos principais remanescentes florestais, como PE do Rio Doce, ESEC Jureia-Itatins e PARNA da Serra dos Órgãos. No extremo norte da distribuição, as ocorrências são escassas⁵¹.



História natural

Os registros desta espécie são concentrados em floresta ombrófila densa⁵¹, tipicamente na planície litorânea, embora também ocorra mais para o interior, como Belo Horizonte, e em altitudes maiores (até 1.300 m)^{1095,1316}.

É dependente de áreas florestadas, ocupando o interior da mata¹²⁰¹. Ocorre ainda em vegetação secundária na região de transição entre os biomas Mata Atlântica e Cerrado³⁵⁰, encostas próximas da Serra do Mar e morros isolados ao longo da planície costeira, mesmo na proximidade de áreas urbanas¹¹⁰⁸.

Alimenta-se de insetos, aranhas, moluscos e pequenos vertebrados que captura no solo das matas¹²⁰¹; segue formigas de correição, capturando os insetos espantados por elas¹²⁴⁴. A espécie já foi registrada aproveitando-se da movimentação de bandos de macacos para forragear⁵¹. Na região da Ilha do Cardoso, litoral sul de São Paulo, este gavião tem sido observado alimentando-se com frequência do gastrópode terrestre *Megalobulimus paranaguensis*¹²¹⁵. Não há informações sobre reprodução, nidificação e comportamento migratório⁵¹.

População

A densidade populacional da espécie é supostamente baixa¹²⁴⁴. Em estudo realizado na Bahia, entre 1999 e 2001, a espécie foi registrada em 10 de 30 localidades³⁷⁹. Considerada em declínio em Minas



Gerais, devido à redução dos remanescentes florestais de vegetação nativa¹³¹⁶.

Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos, de modo que estes podem afirmar, com segurança, que a população total de *A. lacernulatus* é menor que 10.000 indivíduos maduros. Não há registro de deslocamento de indivíduos entre áreas não florestadas. Considerando que as áreas de mata estão distantes umas das outras, é razoável supor que há formação de subpopulações, sendo que nenhuma delas deve abarcar mais de 1.000 indivíduos (oficina de avaliação).

Há declínio continuado da população devido à perda de área e qualidade de *habitat* e à retirada de indivíduos da natureza por captura ou perseguição.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

O isolamento das populações em unidades de conservação sem conectividade é uma ameaça global¹²⁴⁴, sendo a perda de *habitat* a principal ameaça, uma vez que a agropecuária e a expansão urbana avançam sobre a Mata Atlântica, levando à destruição de parte do bioma⁵¹.

A perseguição humana para evitar ataque a animais domésticos também tem sido apontada como ameaça em algumas localidades^{51,1244}.

Ações de conservação

Está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Chapada Diamantina⁵¹, PARNA da Serra das Lontras¹¹⁸², PARNA do Descobrimento⁴⁰⁷, PARNA e Histórico do Monte Pascoal⁵¹, RPPN Reserva Natural da Serra do Teimoso⁵¹;

Bahia/Espírito Santo: REBIO do Córrego Grande⁵¹;

Espírito Santo: REBIO de Santa Lúcia⁵¹, REBIO Augusto Ruschi⁵¹, REBIO de Duas Bocas⁵¹, REBIO de Sooretama⁵¹;

Espírito Santo/Minas Gerais: PARNA de Caparaó¹¹⁸²;

Minas Gerais: ESEC de Fechos⁵¹, PARNA da Serra do Cipó⁵¹, PE do Rio Doce⁵¹, PE Serra do Papagaio⁵¹;

Rio de Janeiro: APA de Cairuçu⁵⁹⁰, APA de Petrópolis⁵⁹⁷, APA de Tamoios⁵⁹², PARNA da Serra dos Órgãos⁵¹, PARNA da Tijuca⁵¹, PARNA Restinga de Jurubatiba⁶⁰², PE do Desengano⁵¹, PE da Ilha Grande⁵¹, REBIO do Tinguá⁵¹, REBIO de Poço das Antas⁵¹, REBIO União⁵¹;

São Paulo: ESEC Jureia-Itatins⁵¹, PE da Cantareira⁵¹, PE da Ilha do Cardoso⁵¹, PE da Serra do Mar⁵¹, PE de Ilhabela⁵¹, PE Intervalos⁵¹, PE Xixová-Japuí¹¹⁰⁸;

Paraná: APA de Guaraqueçaba¹²¹⁵, APA Estadual de Guaratuba¹²¹⁵, PARNA do Superagui⁵¹, PE da Ilha do Mel⁵¹;

Santa Catarina: PARNA da Serra do Itajaí^{60a}, PE da Serra do Tabuleiro⁵¹.

Pesquisas

A maioria das informações disponíveis sobre a espécie é baseada em encontros episódicos⁵². A falta de conhecimento sobre sua história natural dificulta o planejamento de ações que favoreçam sua conservação¹²⁰¹. São necessárias pesquisas sobre sua biologia básica, hábitos alimentares, tamanho populacional e requerimentos de *habitat*¹²⁴⁴. O levantamento de novas localidades de ocorrência também é relevante para a conservação da espécie⁵¹.



Urubitinga coronata (Vieillot, 1817)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Accipitriformes

Família: Accipitridae

Nome comum: águia-cinzenta



Foto: Felipe R. Barreto

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Urubitinga coronata ocorre da Argentina à Bolívia e no Brasil extra-amazônico. É espécie rara, com grande área de vida (cerca de 500 km² ou 50.000 ha por indivíduo). A população global foi estimada entre 250 e 1.000 indivíduos maduros. Considerando-se que a área de distribuição brasileira da espécie corresponde a cerca de 60% de sua área de distribuição total, infere-se que a população no Brasil esteja entre 150 e 600 indivíduos maduros. Nem mesmo as grandes áreas remanescentes onde há registro de *U. coronata*, no Brasil, suportam subpopulações maiores que 250 indivíduos maduros. A espécie está ameaçada por perda de *habitat* (especialmente expansão agrícola), perseguição, tráfico ilegal e contaminação por defensivos agrícolas, havendo declínio populacional continuado. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Por estas razões *U. coronata* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelos critérios C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{109,814}	VU* C1+2a(i)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,439,441,443,443a,444}	Pará*: VU Minas Gerais*: CR São Paulo: Ameaçada Paraná*: VU Santa Catarina*: CR Rio Grande do Sul: CR
Avaliação global ¹⁵⁹	EN C2a(i)

*Avaliada como *Hapohaliaetus coronatus*.

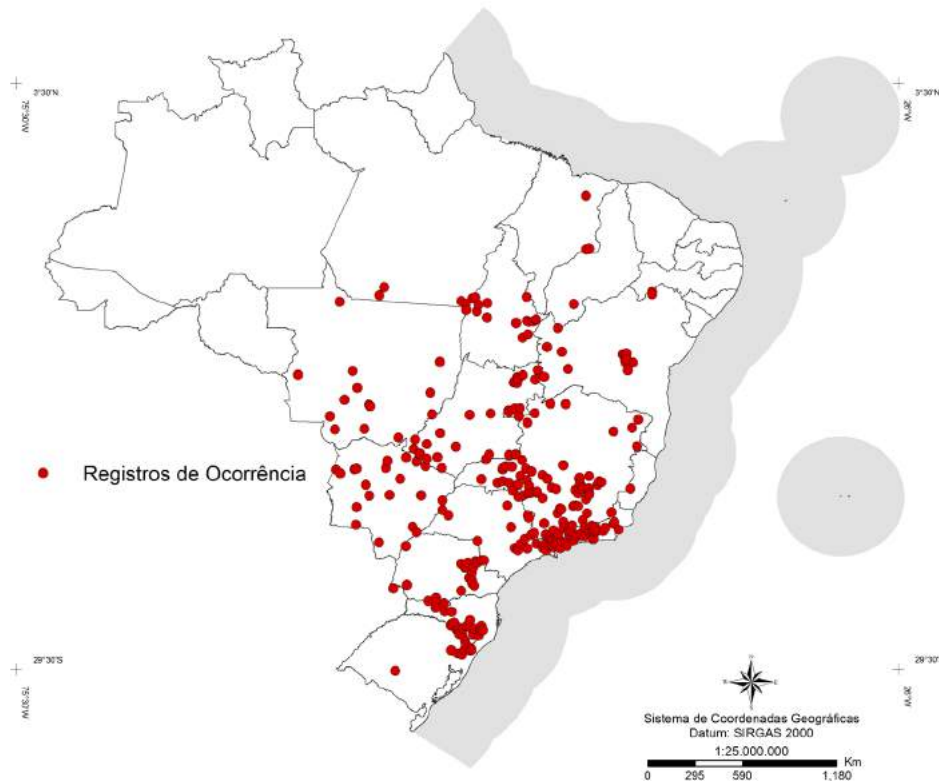
Outros nomes aplicados ao táxon

Harpya coronata Vieillot, 1817; *Hapohaliaetus coronatus* (Vieillot, 1817); *Buteogallus coronatus* (Vieillot, 1817).



Distribuição geográfica

Ocorre da Argentina à Bolívia e Brasil extra-amazônico, com registros mais regulares no Brasil central¹⁰⁹⁵. Embora haja muitos registros da espécie no Brasil nos últimos anos, há que se considerar que esta é uma ave grande, de fácil visualização e que é muito procurada por observadores de aves, que viajam aos locais onde houve registros recentes para obter fotografias da espécie. Como sua área de vida é muito grande, certamente registros em locais vizinhos referem-se a um único indivíduo ou casal.



História natural

Ocupa savanas arborizadas, campo cerrado, mata de galeria, áreas pantanosas e buritizais¹³⁴. Necessita, principalmente, de extensas áreas naturais abertas e semiabertas⁵²⁹. No Brasil, também pode ser encontrada na faixa costeira, em mosaicos de campos, campos de altitude e áreas florestadas²². Alimenta-se de tatus, mustelídeos, roedores, répteis, aves e carniça. A nidificação ocorre em outubro e a postura é de um ovo; em maio, são registrados juvenis¹³⁴. Contudo, aparentemente, a espécie não reproduz todos os anos e os filhotes permanecem com os pais por um longo período⁵²⁹. É essencialmente sedentária, porém, as densidades populacionais no extremo-sul da sua distribuição decaem durante o inverno austral¹³⁴. Não existem informações sobre a idade em que atinge a maturidade sexual¹⁰⁹.

População

População fragmentada e de tamanho bastante reduzido¹⁴⁴, sendo amplamente distribuída, mas ocorrendo em baixas densidades¹³⁴. Uma estimativa realizada para o PARNA das Emas (GO)¹⁰⁹, indicou uma densidade de aproximadamente um indivíduo para cada 500 km².

A população global foi estimada entre 250 e 1.000 indivíduos maduros¹⁴⁴. Considerando-se que a área de distribuição brasileira da espécie corresponde a cerca de 60% de sua área de distribuição total, infere-se que a população no Brasil esteja entre 150 e 600 indivíduos maduros. Nem mesmo as grandes áreas remanescentes onde há registro de *U. coronata*, no Brasil, suportam subpopulações maiores que 250 indivíduos maduros (oficina de avaliação).

As diversas ameaças que afetam a espécie levam a declínio populacional continuado (oficina de



avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As maiores ameaças à espécie são destruição de *habitat* e caça¹⁴⁴. A caça ocorre especialmente em função da perseguição da espécie por fazendeiros, devido a ataques a animais de criação, havendo relatos de abate no Pantanal, Jalapão e no entorno do PARNA das Emas¹⁰⁹. O tráfico de filhotes também é citado como uma ameaça à espécie⁵²⁹.

A perda de *habitat* ocorre principalmente devido à expansão agrícola (oficina de avaliação), pecuária e uso inadequado de fogo no Cerrado¹³⁴. No planalto sul-brasileiro (Santa Catarina e Rio Grande do Sul), há substituição de grandes extensões de campos por reflorestamento com *Pinus* spp., reduzindo drasticamente a área de caça e reprodução da espécie²².

É, aparentemente, sensível a ambientes alterados¹⁰⁹. É possível que a contaminação por defensivos agrícolas também cause perda populacional¹²¹⁵. Atualmente, não há unidade de conservação ou mosaico de áreas preservadas com tamanho adequado para manter uma população viável da espécie no Brasil, sendo a região do Jalapão, no Tocantins, a que apresenta as melhores condições para sua manutenção¹⁰⁹.

Ações de conservação

Urubitinga coronata está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹, PAN das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e PAN das Aves dos Campos Sulinos^{634a}.

Presença em unidades de conservação

Pará: REBIO Nascentes da Serra do Cachimbo¹¹⁸²;

Maranhão: PARNA da Chapada das Mesas;

Tocantins: PE do Jalapão⁹⁷⁷;

Bahia/Tocantins: ESEC Serra Geral do Tocantins¹⁰⁹;

Goiás: PARNA da Chapada dos Veadeiros¹⁰⁹, PARNA das Emas¹⁰⁹, PE de Terra Ronca¹⁰⁹;

Goiás/Distrito Federal: APA do Planalto Central^{60a}, PARNA de Brasília⁸⁶⁶;

Distrito Federal: APA da Bacia dos Ribeirões do Gama e Cabeça de Veado¹⁰⁹, ESEC de Águas Emendadas¹⁰⁹;

Mato Grosso do Sul/Paraná/São Paulo: APA Ilhas e Várzeas do Rio Paraná^{60a};

Piauí: PARNA Serra das Confusões¹¹⁸²;

Bahia: PARNA da Chapada Diamantina¹¹⁸²;

Minas Gerais: ESEC do Tripuí¹⁰⁹, PARNA da Serra da Canastra¹¹⁸², PE Serra do Rola Moça¹³¹⁶, APA Carste da Lagoa Santa¹³¹⁶, APA do Morro da Pedreira^{60a}, RPPN Santuário Caraça¹⁰⁹;

Minas Gerais/Rio de Janeiro: PARNA de Itatiaia¹¹⁸²;

Minas Gerais/Rio de Janeiro/São Paulo: APA Serra da Mantiqueira^{60a};

Rio de Janeiro: APA da Região Serrana de Petrópolis¹¹⁸², REBIO do Tinguá¹⁰⁹, APA de Cairuçu^{60a};

Rio de Janeiro/São Paulo: PARNA da Serra da Bocaina⁵²⁹;

São Paulo: ESEC de Itirapina⁵²⁹, FLONA de Ipanema^{60a};

Paraná: ESEC do Caiuá¹⁰⁹, PE do Cerrado, PE do Quartelá¹⁰⁹, PARNA do Iguazu¹²¹⁵;

Paraná/Santa Catarina: REVIS dos Campos de Palmas¹¹⁸²;

Santa Catarina: PARNA de São Joaquim¹⁰⁹;

Rio Grande do Sul: PE do Tainhas¹²⁸⁹, PARNA da Serra Geral¹¹⁸², PARNA de Aparados da Serra¹¹⁸², FLONA de São Francisco de Paula¹²⁸⁹.

Pesquisas

As publicações sobre *U. coronata* no Brasil resumem-se quase que somente a registros da espécie, não havendo estudos sobre sua biologia básica, requerimentos de *habitat*, dinâmica populacional e de



deslocamentos, temas importantíssimos para melhor compreensão do estado de conservação da espécie e para subsidiar planos de ação para sua conservação.

Morphnus guianensis (Daudin, 1800)

Tânia Margarete Sanaiotti, Áureo Banhos, Francisca Helena Aguiar-Silva, Frederico Drumond Martins, Benjamim Bordallo da Luz, Andréa Siqueira Carvalho & Carlos Martinez Ruiz

Ordem: Accipitriformes

Família: Accipitridae

Nome comum: uiraçu-falso

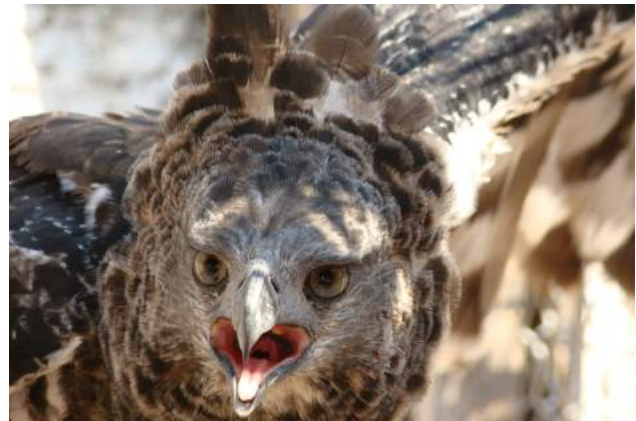


Foto: Marco Antonio de Freitas

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4c

Justificativa

Morphnus guianensis ocorre do sul do México à Bolívia, Paraguai, extremo nordeste da Argentina e Brasil, com registros desde a região norte até o sul do país. Ocorre em baixas densidades e de maneira esparsa, ocupando preferencialmente floresta primária. A espécie é citada como Quase Ameaçada na lista mundial de espécies ameaçadas e como ameaçada ou Regionalmente Extinta em quase todas as listas estaduais de espécies ameaçadas existentes no Brasil. Os registros na Mata Atlântica são escassos. A situação da espécie na Amazônia é um pouco mais confortável, mas modelagens de perda de *habitat* nesse bioma estimam uma perda mínima de 30% em três gerações (54 anos), no passado e no futuro. Considerando que a perda populacional seja proporcional ou superior à perda de *habitat*, que a espécie é rara e que há extinções regionais, infere-se que o declínio populacional seja de, no mínimo, 30% no tempo de três gerações da espécie, no passado e no futuro. Por estas razões, *M. guianensis* foi categorizada como Vulnerável (VU), segundo o critério A4c.



Outras avaliações

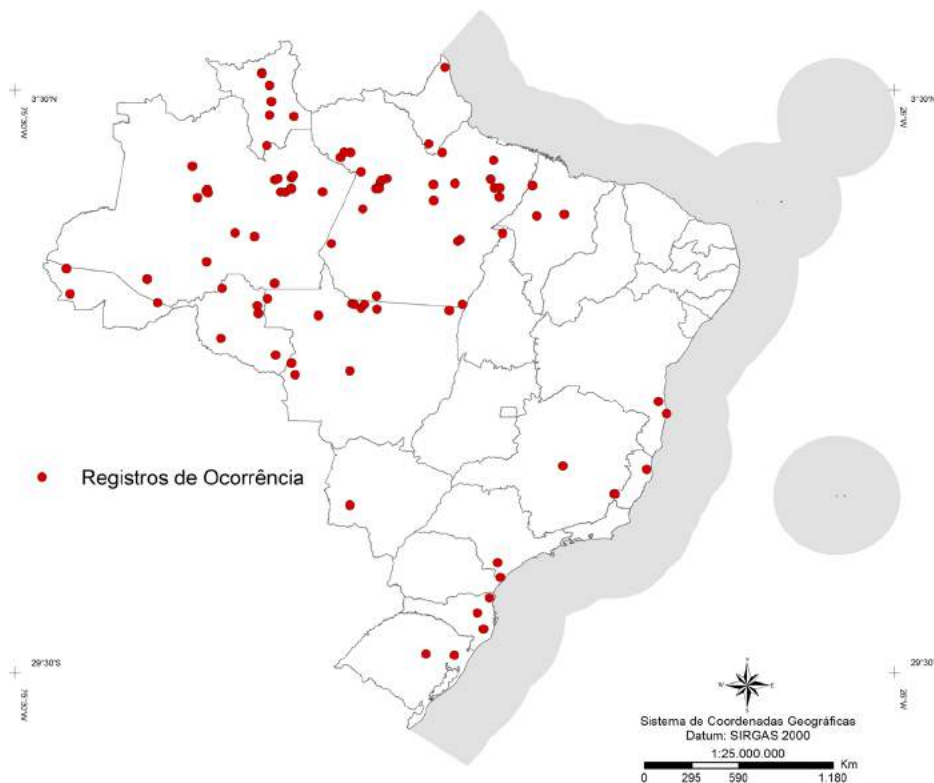
Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	NT
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,439,441,442,443a,444}	Espírito Santo: CR Minas Gerais: CR Rio de Janeiro: Provavelmente Extinta São Paulo: Ameaçada Paraná: RE Santa Catarina: CR Rio Grande do Sul: RE
Avaliação global ²⁷²	NT

Outros nomes aplicados ao táxon

Morphnus taeniatus Gurnay, 1879; *Falco guianensis* Daudin, 1800.

Distribuição geográfica

Ocorre do sul do México à Bolívia, Paraguai, extremo nordeste da Argentina e Brasil, com registros desde a região norte até o sul do país¹³⁵. Recente revisão da distribuição detalhada da espécie pode ser encontrada em Gomes & Sanaiotti⁵¹⁵.



História natural

A espécie ocorre em baixa densidade e é considerada rara em toda sua distribuição, habitando principalmente florestas densas da região neotropical, encostas de montanhas, floresta costeira, a partir do nível do mar até 2.200 m de altitude⁵¹⁵.

Na Amazônia, ninhos foram registrados no estado do Amazonas^{133,1182} e Pará^{708,786} (Sanaiotti *et al.*, dados não publicados). Não há registro de ninhos para outros biomas. Whitacre *et al.*¹²⁸³ estimaram, com



uso de radiotelemetria, um território de 4 km² para um casal na Guatemala. No Equador, há registros de ninhos de *M. guianensis* a 3 km de ninhos de harpia⁸²⁹ e, no Panamá, três ninhos de *M. guianensis* foram encontrados a menos de 2 km de distância de ninhos de harpias¹²⁶². Saniotti *et al.* (dados não publicado) registraram um ninho a 1,3 km de ninho de harpia. Em nenhum dos casos houve registro de interação agonística entre as duas espécies.

No que se refere à dieta, *Morphnus guianensis* consome presas de pequeno porte, principalmente répteis como cobras (*Eunectes murinus*, *Coralus caninus*), lagartos (*Tropidurus hispidus*) e pequenos roedores e marsupiais^{135,516,1283}. Também consome pequenos primatas (*Saguinus mystax*, *S. fuscicollis*, *Saimiri sciureus*)^{388,516,1008,1270,1283} e aves^{135,516}. Há registro de predação de filhote de *Ateles paniscus* (Julliot 1994) e de dois jovens de jupará (*Potos flavus*)¹³³.

O tempo geracional da espécie é estimado em 18 anos²⁷³. Um a dois ovos foram registrados na reprodução, mas com apenas um filhote sendo criado^{135,516}.

População

Ocorre em baixas densidades e de maneira esparsa em sua ampla distribuição geográfica; a situação é crítica na Mata Atlântica, onde há alguns poucos registros (em São Paulo, Minas Gerais e Bahia)^{22,131}, com alguns registros mais recentes^{388,515,1289,1316} e nenhum registro de nidificação. Em 2012, registrou-se pela primeira vez a espécie no bioma Cerrado⁸¹⁹. Na porção sul de sua distribuição brasileira, há um registro de 1964 no Paraná e poucos registros recentes em Santa Catarina. É considerada Regionalmente Extinta no Paraná, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul^{116,121,131,1215}.

Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para esta espécie, neste bioma, entre 29,8 e 57,0%, de 2002 a 2056 (três gerações)¹³⁷. Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional equivalente ou superior, considerando a sensibilidade da espécie. Dessa forma, as perdas populacionais, na janela temporal de três gerações no passado e futuro, poderão ser superiores a 30% neste bioma. Considerando que a Amazônia abriga hoje praticamente a totalidade da população da espécie, suspeita-se que a taxa de declínio populacional estimada para este bioma seja muito próxima daquela para toda a distribuição brasileira.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A perseguição por humanos pode ser uma ameaça, considerando a baixa densidade da espécie¹³¹. A existência de *habitat* adequado é um forte limitante à presença da espécie. Atualmente, ainda há perda de *habitat* na região sul do país devido à implantação de hidrelétricas, mineração¹³¹ e plantação de *Pinus* spp.²². Na região norte, é intensa a perda de *habitat*¹³⁷. O acúmulo de desmatamento nos últimos 40 anos na Amazônia brasileira é de aproximadamente 20%, concentrado no sul da Amazônia⁶³⁸.

Ações de conservação

Existentes

Morphnus guianensis foi alvo do Plano de Ação Nacional (PAN) para a Conservação de Aves de Rapina¹¹⁸² e atualmente está incluído no PAN Aves da Amazônia⁶²⁸ e PAN Aves da Mata Atlântica⁶²⁹. A espécie também está citada no apêndice II da CITES.

Presença em unidades de conservação

Roraima: ESEC de Maracá¹¹⁰⁷, PARNA do Viruá⁶⁸⁹;

Acre: RESEX do Alto Juruá⁷⁴⁸;

Amazonas: FLONA Mapiá-Inauini⁶¹⁰, RESEX do Lago do Capanã Grande⁶²⁷, FLONA de Tefé (A. Whittaker, com. pess., 2014);

Amapá: RESEX do Rio Cajari^{1083a}, RDS Amanã¹²⁸⁹;

Pará: REBIO do Rio Trombetas⁷⁴⁸, RESEX Tapajós-Arapiuns⁶⁰⁴, FLONA do Tapajós⁵⁸⁸, FLONA de Carajás⁹¹⁰;



Rondônia: PARNA Serra da Cutia⁸⁸⁴, REBIO do Jaru⁶¹⁸;
Espírito Santo: REBIO de Sooretama¹¹⁷;
Espírito Santo/Minas Gerais: PARNA do Caparaó⁶⁰¹;
Mato Grosso do Sul: PARNA da Serra da Bodoquena⁷⁴⁸;
Paraná: APA de Guaraqueçaba¹¹⁷.

Pesquisas

O Programa de Conservação do Gavião-real que se iniciou no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), ampliou as pesquisas além da harpia, ao longo dos últimos 15 anos, para também *M. guianensis*, em parceria com pesquisadores da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), do ICMBio, estudantes e voluntários em várias regiões do Brasil. No entanto, ainda são necessárias pesquisas que permitam estimar o tamanho e a densidade populacional, a distribuição da variabilidade genética e a viabilidade populacional da espécie.

Harpia harpyja (Linnaeus, 1758)

Áureo Banhos, Tânia Margarete Sanaiotti, Francisca Helena Aguiar-Silva, Frederico Drumond Martins, Benjamim Bordallo da Luz, Andréa Siqueira Carvalho & Carlos Martinez Ruiz

Ordem: Accipitriformes

Família: Accipitridae

Nomes comuns: gavião-real, harpia



Foto: João Marcos Rosa

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4cd

Justificativa

Harpia harpyja ocorre originalmente do sul do México ao leste da Bolívia, leste do Brasil e extremo nordeste da Argentina. É citada como Quase Ameaçada na lista mundial de espécies ameaçadas e como Criticamente em Perigo em quase todas as listas estaduais de espécies ameaçadas existentes no Brasil. A situação da espécie na Amazônia é menos crítica do que em outras regiões do Brasil na atualidade, mas modelagens realizadas estimaram uma redução mínima de 27% de perda de *habitat* nesse bioma no tempo de três gerações da espécie (56 anos). Considerando que a perda populacional seja proporcional ou superior à perda de *habitat* e que muitos indivíduos estão sendo removidos da natureza pela caça, captura para criação em cativeiro, derrubada de árvore com ninho ativo pelo corte seletivo na exploração madeireira e impactos diretos de estradas, hidroelétricas e redes de transmissão e distribuição de energia, infere-se que o declínio populacional seja de, no mínimo, 30% no tempo de três gerações da espécie, no passado e no



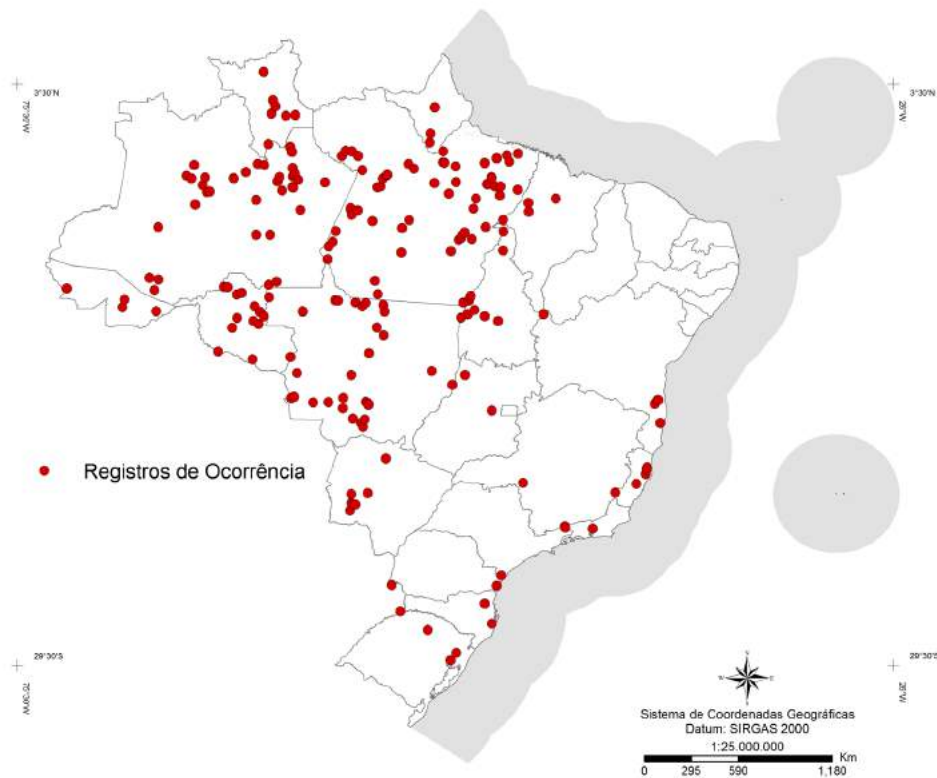
futuro. Por estas razões, *H. harpyja* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério A4cd.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{762,814}	NT
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,440,441,442,443a,444}	Espírito Santo: CR Minas Gerais: CR Rio de Janeiro: EN São Paulo: Ameaçada Paraná: CR Santa Catarina: CR Rio Grande do Sul: CR
Avaliação global ²⁴³	NT

Distribuição geográfica

Sul do México ao leste da Bolívia, leste do Brasil e extremo nordeste da Argentina^{460,1261}, dentro da distribuição original das florestas tropicais nas Américas. Mais de 50% da área total de sua distribuição ocorre nas florestas do Brasil.



História natural

É uma espécie dependente de florestas para sua manutenção, reprodução e forrageamento. Ocupa florestas tropicais, normalmente abaixo de 900 m de altitude. Ocorre em grandes maciços de floresta, mas há registros de ninhos em áreas com alto grau de silvicultura, onde os adultos caçam em um mosaico de floresta e pastagens¹³⁶.

Preda vertebrados de médio e grande porte, incluindo preguiças (*Choloepus* spp. e *Bradypus* spp.), bugios (*Alouatta* spp.), macacos-prego (*Sapajus* spp.), gambás (*Didelphis* spp.), irara (*Eira barbara*), porco-espinho (*Coendou* spp.), tamanduás (*Tamandua tetradactyla*), quati (*Nasua nasua*) e jupará



(*Potos flavus*); também répteis, incluindo iguanas e *Tupinambis* spp.^{13,48,947}. Alguns mamíferos terrestres capturados incluem cotias e veados jovens (*Mazama* spp.)⁴⁷⁹ (Aguiar-Silva *et al.*, dados não publicados). Aves também foram registradas, incluindo araras, tucanos, papagaios, mutuns⁸²⁹ (Aguiar-Silva *et al.*, dados não publicados). A maior parte das presas são capturadas em bordas, clareiras e dossel de florestas e a importância de cada presa na dieta varia com a localidade¹³⁶.

Necessita de grandes áreas para sua manutenção. Thiollay¹²⁴² estimou que um casal de harpias tem um território maior do que 100 km². Alvarez-Cordero⁴⁸ estimou que, na Venezuela, a área requerida por um casal de harpias é entre 45 e 79 km², baseada na distância média entre ninhos de 5,7 km e, no Panamá, 10 a 20 km², baseada na distância média entre ninhos de 3,8 km.

A harpia possui longo tempo de vida e baixa taxa reprodutiva¹³⁶. O tempo geracional da espécie é estimado em 18,5 anos²⁷³. Coloca um ou dois ovos, mas apenas um filhote é criado. Os adultos se reproduzem a cada três anos e geralmente reutilizam a mesma árvore para nidificação^{992,993}. Há registros de 19 espécies de árvores emergentes utilizadas por harpias para a construção de ninhos⁷⁵⁵, por exemplo angelinzeiro (*Dinizia excelsa*), samaumeira (*Ceiba pentandra*), jatobazeiro (*Hymenaea courbaril*) e castanheira (*Bertholletia excelsa*).

População

Esparadamente distribuída em toda sua extensão de ocorrência geográfica. No Brasil, atualmente os registros são mais comuns na Amazônia^{11,13,84,405,485,491,1247}.

Na Mata Atlântica a situação da espécie é crítica e os registros de indivíduos são raros^{23,492,909,924}. A maioria dos registros recentes foram realizados no estado do Espírito Santo^{12,860,1202} e sul da Bahia^{1060,1114}. Entretanto, um registro foi realizado no ano de 2015, no PE do Turvo, no estado do Rio Grande do Sul⁸⁰¹. Registros recentes de nidificação foram realizados na Reserva Natural Vale, no Espírito Santo¹², RPPN Estação Veracel⁷⁵⁷ e PARNA do Pau-Brasil, na Bahia (dados do Programa de Conservação do Gavião-real).

Na região central do Brasil, nos enclaves florestais dos biomas Cerrado e Pantanal, alguns registros da espécie também foram realizados recentemente^{744,867,962,1099,1116}. Dois registros de nidificação foram realizados no entorno do PARNA do Bodoquena^{811,926} e um no entorno da RPPN SESC Pantanal¹²⁵¹.

Modelagens realizadas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para esta espécie entre 27,6 e 55,5% entre os anos de 2002 e 2057 (tempo de três gerações da espécie) neste bioma¹³⁷. Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional no mínimo equivalente, considerando a sensibilidade da espécie e seu longo tempo geracional. Tendo em vista que a Amazônia é o bioma de maior cobertura florestal e quantidade de indivíduos de harpia, suspeita-se que a taxa de declínio populacional da espécie estimada para este bioma seja próxima daquela para toda a distribuição brasileira.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Perda de *habitat* pelo desmatamento, caça, captura para criação em cativeiro, derrubada de árvores com ninho ativo pelo corte seletivo na exploração madeireira e impactos diretos de estradas, hidroelétricas e rede de transmissão de energia. A espécie é alvo de caça e perseguição^{405,485,1247}, sofre pressão de captura para manutenção em cativeiro e é alvo de tráfico internacional de animais silvestres⁹⁸⁶. A baixa densidade populacional e taxa reprodutiva agravam o quadro de ameaça da espécie em toda sua distribuição¹³⁶.

As florestas tropicais das Américas têm sido drasticamente reduzidas nas últimas décadas, principalmente no Brasil⁴⁴⁶. O acúmulo de desmatamento nos últimos 40 anos na Amazônia brasileira é de aproximadamente 20%, concentrado no sul da Amazônia⁶³⁸. Na Mata Atlântica mais de 85% da floresta original foi perdida, a maior parte nas últimas décadas do século XX^{403,486,999}. As florestas do centro do Brasil também estão sendo drasticamente desmatadas^{385,676,1011}. Este cenário de desmatamento das florestas brasileiras representa uma grande ameaça para a harpia. Vários registros da espécie na Amazônia foram em condições de ameaça^{405,485,1247}, como na região da usina hidrelétrica de Belo Monte, no rio Xingu, onde no período de 2012 a 2014 quatro harpias foram removidas da natureza, duas pela



caça, uma por colisão com rede de transmissão de energia e outra por atropelamento (Sanaiotti *et al.*, dados não publicados). Estima-se que os territórios de outros 10 casais usando a Volta Grande, longe do rio Xingu, também serão afetados pela inundação (Sanaiotti *et al.*, dados não publicados). Na Mata Atlântica, no norte do Espírito Santo, foram registrados dois indivíduos mortos por colisão na rede de distribuição de energia, um em 1999 e outro em 2014, e um atropelado na rodovia BR-101, no ano de 2015, no entorno da REBIO de Sooretama e Reserva Natural Vale (dados do Programa de Conservação do Gavião-real). No sul da Bahia, dois indivíduos foram recolhidos caídos na zona rural, um em 2008 e outro em 2012, e depois de todos os cuidados foram soltos no PARNA do Pau-Brasil (dados do Programa de Conservação do Gavião-real). No Cerrado e Pantanal alguns registros de indivíduos também foram realizados em situação de ameaça, caça e perseguição^{920,1099}.

As espécies de árvores utilizadas para a construção de ninhos são alvo de exploração comercial madeireira^{755,756}. Dessa forma, o corte seletivo de árvores tem destruído vários ninhos ativos (dados do Programa de Conservação do Gavião-real). Além da perda do recurso devido à derrubada das árvores, há a perda de indivíduos quando o desmatamento ocorre em áreas ocupadas por casais reprodutivos.

A disponibilidade de presas, afetada pela perda e degradação do *habitat*, é outro fator limitante para a manutenção da espécie. No Equador, por exemplo, a maioria das presas da harpia está ameaçada ou sofre pressão antrópica⁸³⁰ e a tendência se repete em algumas regiões do Brasil (Aguiar-Silva *et al.*, dados não publicados).

A diversidade genética da espécie reduziu no arco do desmatamento da Amazônia e na Mata Atlântica⁸⁴. A redução da diversidade genética é um marcador de populações com reduzido sucesso reprodutivo e elevado risco de extinção¹²⁰⁰.

Ações de conservação

Existentes

A harpia foi alvo do Plano de Ação Nacional (PAN) de Conservação das Aves de Rapina¹¹⁸², e atualmente está incluído no PAN das Aves da Amazônia⁶²⁸, PAN das Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹ e PAN Aves da Mata Atlântica⁶²⁹. A espécie consta também nos apêndices I e II da CITES.

Necessárias

A manutenção de áreas naturais pouco alteradas; a criação de corredores entre fragmentos florestais; a proteção das árvores utilizadas para nidificação e da floresta no entorno dos ninhos, mesmo em áreas com manejo florestal; e o combate à caça, perseguição e ao tráfico da espécie.

Presença em unidades de conservação

Acre: FLONA do Macauã, Floresta Estadual de Antimary, PARNA da Serra do Divisor, PE Chandless, RESEX do Cazumbá-Iracema;

Amazonas: ARIE Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais, FLONA Purus, APA Adolpho Ducke, ESEC Juami-Japurá, FLONA de Tefé, FLONA Mapiá-Inauini, PARNA de Anavilhanas, PARNA do Jaú, RDS Amanã, RDS Mamirauá, REBIO do Uatumã, RESEX Arapixi, RESEX do Lago do Capanã Grande;

Amapá: PARNA Montanhas do Tumucumaque, RDS do Rio Iratapuru, RESEX Rio Cajari;

Roraima: ESEC de Maracá, PARNA do Viruá;

Pará: APA do Igarapé Gelado, ESEC da Terra do Meio, FLONA do Amanã, FLONA de Carajás, FLONA de Caxiuanã, FLONA de Crepori, FLONA do Jamaxim, FLONA do Tapajós, FLONA do Tapirapé-Aquiri, FLONA do Trairão, PARNA da Amazônia, REBIO do Tapirapé, REBIO do Rio Trombetas, RESEX Tapajós-Arapiuns;

Rondônia: FLONA do Jamari, PARNA de Pacaás Novos, PARNA dos Campos Amazônicos, Parque Natural Municipal de Pimenta Bueno, REBIO do Jaru;

Tocantins: APA da Serra da Tabatinga, PARNA do Araguaia, PE do Cantão;

Maranhão: REBIO do Gurupi;



Bahia: PARNA do Pau Brasil, PARNA da Serra das Lontras, RPPN Estação Veracel, RPPN Serra Bonita;
Mato Grosso: APA Chapada dos Guimarães; ESEC Serra das Araras; PARNA da Chapada dos Guimarães, RPPN Cristalino, RPPN SESC Pantanal;
Mato Grosso do Sul: PARNA da Serra da Bodoquena;
Espírito Santo: REBIO de Augusto Ruschi, REBIO de Sooretama;
Minas Gerais: RPPN Alto da Boa Vista;
Minas Gerais/Rio de Janeiro: PARNA do Itatiaia;
Rio de Janeiro: PARNA da Serra dos Órgãos;
Paraná: PARNA do Iguaçu;
Santa Catarina: PE da Serra do Tabuleiro;
Rio Grande do Sul: PE do Turvo.

Pesquisas

Existentes

No Brasil, as pesquisas estão sendo realizadas principalmente pelo Programa de Conservação do Gavião-real, um projeto iniciado pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), no final do ano de 1997, com atuação em vários biomas e estados brasileiros, envolvendo várias instituições, como órgãos ambientais, universidades e organizações não governamentais. Pesquisas também são conduzidas *ex situ* pelo CRAX - Sociedade de Pesquisa da Fauna Silvestre, em Minas Gerais, e pelo Criadouro de Animais Silvestres da Itaipu Binacional (CASIB), no Paraná.

O Programa de Conservação do Gavião-real tem conduzido uma série de pesquisas sobre ecologia, genética e conservação do gavião-real no Brasil. As pesquisas focam principalmente na análise de dados de ninhos mapeados. A partir do mapeamento dos ninhos de gavião-real, é possível (1) obter informações sobre os recursos florestais utilizados pela espécie, (2) descrever as características da floresta onde constroem seus ninhos e (3) identificar os vestígios de presas trazidas pelo casal para alimentar o filhote no ninho. O acompanhamento da utilização do entorno do ninho pelo filhote e da área de caça utilizada pelos adultos no cuidado com este filhote, por meio da telemetria (VHF ou satélite) permite o mapeamento do padrão do uso dos recursos florestais nas diferentes etapas da vida da espécie na floresta. Amostras de penas coletadas na natureza, em museus e em cativeiro e de sangue de indivíduos marcados ou que estiveram sob processo de reabilitação permitem a realização de análises genéticas que revelam informação valiosa presente e pretérita sobre a variabilidade genética e parentesco entre indivíduos do gavião-real, importantes para estratégias de conservação desta espécie.

Necessárias

Para direcionar esforços de conservação, são relevantes estudos que indiquem o tamanho e a tendência populacional da espécie, sistema reprodutivo, razão sexual, efetividade das áreas protegidas para sua conservação, uso de área e recursos pelos indivíduos, diversidade genética e principais ameaças por região.



Psophia dextralis Conover, 1934

Luis Fábio Silveira

Ordem: Gruiformes

Família: Psophiidae

Nome comum: jacamim-de-costas-marrons



Foto: Andrew Whittaker

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4cd

Justificativa

Psophia dextralis é endêmica do Brasil, ocorrendo a sul do rio Amazonas, no interflúvio Tapajós-Xingu. É uma espécie naturalmente rara. Ocupa uma das áreas mais pressionadas na Amazônia. É sensível a alterações de *habitat* e muito procurada por caçadores. Modelagens estimam perda de *habitat* que acarretará em perda populacional de 30% ou mais em três gerações (passado e futuro), o que é agravado devido à pressão de caça. Por estas razões, *P. dextralis* foi categorizada como Vulnerável (VU) segundo o critério A4cd.

Outras avaliações

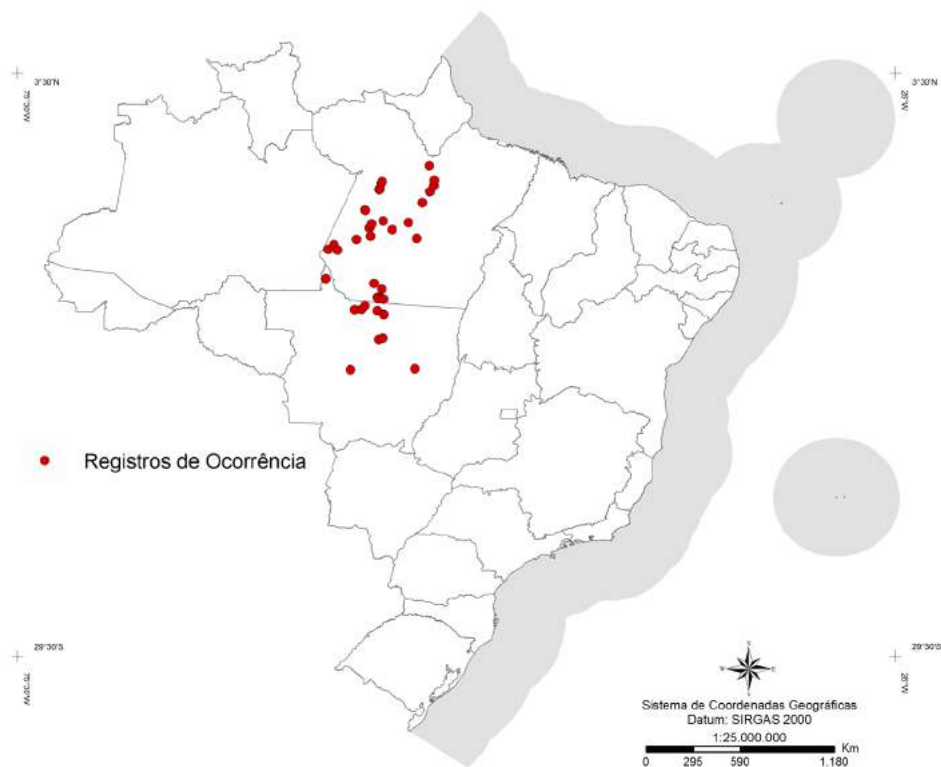
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Psophia viridis dextralis Conover, 1934.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo a sul do rio Amazonas, no interflúvio Tapajós-Xingu⁵⁷⁴.



História natural

Pouco se sabe sobre a história natural desta espécie, bem como sobre suas exigências de *habitat*. Ocupam florestas primárias de terra firme, sendo intolerantes a *habitat* alterados. De uma forma geral, jacamins passam a maior parte do tempo caminhando no solo da floresta, procurando por frutos, invertebrados e pequenos vertebrados. Reproduzem-se em ocós de árvores, um hábito reprodutivo pouco comum entre os Gruiformes. Os filhotes são nidífugos. Vivem em bandos que podem chegar a até 20 indivíduos e empoleiram-se principalmente quando são ameaçados por algum predador^{896,1095}. O tempo geracional de espécies similares é estimado em cerca de 10 anos²⁵⁸.

População

Jacamins são naturalmente raros, ocorrendo em baixas densidades em florestas de terra firme (oficina de avaliação). Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para o grupo *Psophia viridis* + *P. interjecta* + *P. dextralis* entre 24 e 60% entre os anos de 2002 e 2032 (três gerações) neste bioma¹³⁷. Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional equivalente ou superior, considerando a sensibilidade deste táxon. Dessa forma, as perdas populacionais, considerando a janela temporal de três gerações no passado e futuro, poderão ser superiores a 30% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A maior ameaça reside na combinação do desmatamento com a caça predatória. Sua raridade natural, sensibilidade à alteração de *habitat* e o fato de ser espécie muito procurada por caçadores, uma vez que são aves robustas (mais de 2 kg), fazem com que possa desaparecer muito rapidamente de locais com ocupação humana⁸⁹⁶.



Ações de conservação

Existentes

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, que prevê ações de educação ambiental abordando as ameaças específicas para este táxon⁶²⁸.

Necessárias

A ação mais relevante para a proteção da espécie é a efetiva implantação das unidades de conservação em sua distribuição. Pode ser necessária a criação em cativeiro para o repovoamento em áreas naturais.

Presença em unidades de conservação

Pará: PARNA do Jamaxim (C. Andretti, com. pess., 2014), PARNA da Serra do Pardo⁴⁵⁵, REBIO do Tapirapé⁶¹¹, ESEC da Terra do Meio, REBIO Nascentes da Serra do Cachimbo, APA do Tapajós (M.P.D. Santos, com. pess., 2014), FLONA de Carajás⁵⁸⁴, FLONA de Tapajós⁵⁸⁸, FLONA do Trairão⁶¹⁹, RESEX Rio Iriri⁶²⁰, RESEX Riozinho do Anfrísio⁶²¹;

Amazonas/Mato Grosso: PARNA do Juruena⁶²⁵;

Mato Grosso: PE do Cristalino¹²⁸⁹.

Pesquisas

São recomendadas pesquisas que esclareçam aspectos da história natural da espécie, ecologia, tamanho do território e capacidade de suporte à caça.

Psophia interjecta Griscom & Greenway, 1937

Luis Fábio Silveira

Ordem: Gruiformes

Família: Psophiidae

Nome comum: jacamim-do-xingu

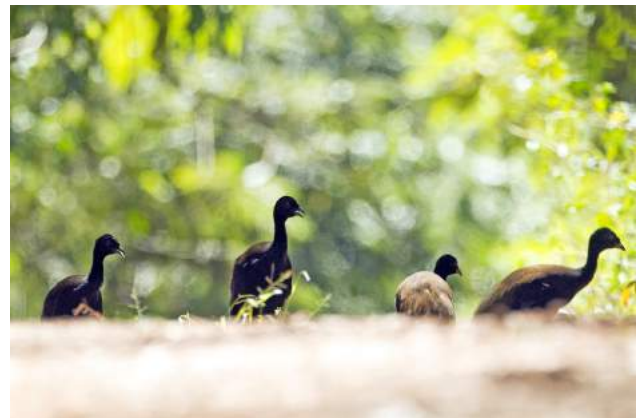


Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4cd

Justificativa

Psophia interjecta é endêmica do Brasil, distribuindo-se ao sul do rio Amazonas, no interflúvio Xingu-Tocantins. É naturalmente rara. Ocupa uma das áreas mais pressionadas na Amazônia. É sensível a alterações de *habitat* e muito procurada por caçadores. Modelagens estimam perda de *habitat* que acarretará em perda populacional de 30% ou mais em três gerações (passado e futuro), o que é agravado pela caça. Por estas razões, *P. interjecta* foi categorizada como Vulnerável (VU), critério A4cd.



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Psophia viridis interjecta Griscom & Greenway, 1937; *Psophia dextralis interjecta* Griscom & Greenway, 1937.

Notas taxonômicas

Embora exista alguma diferença genética entre esta espécie e *P. dextralis*, a diagnose morfológica ainda necessita de maiores estudos.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, distribuindo-se a sul do rio Amazonas, no interflúvio Xingu-Tocantins⁹⁹⁶.



História natural

Ocupam florestas primárias de terra firme, sendo intolerantes a *habitat* alterados. O tempo geracional de espécies similares é estimado em cerca de 10 anos²⁵⁸.

População

Jacamins são naturalmente raros, ocorrendo em baixas densidades em florestas de terra firme (oficina de avaliação). Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para o grupo *Psophia viridis* + *P. interjecta* + *P. dextralis* entre 24 e 60% entre os anos de 2002 e 2032 (três gerações) neste bioma¹³⁷. Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional equivalente ou superior, tendo em vista a sensibilidade deste táxon. Dessa forma, as perdas populacionais, considerando a janela



temporal de três gerações no passado e futuro, poderão ser superiores a 30% (oficina de avaliação).
Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A maior ameaça reside na combinação do desmatamento com a caça predatória. Sua raridade natural, sensibilidade à alteração de *habitat* e o fato de ser espécie muito procurada por caçadores, uma vez que são aves robustas (mais de 2 kg), fazem com que possa desaparecer muito rapidamente de locais com ocupação humana⁸⁹⁶.

Ações de conservação

Existentes

A ação mais relevante para a proteção da espécie é a efetiva implantação das unidades de conservação em sua distribuição. Pode ser necessária a criação em cativeiro para o repovoamento em áreas naturais.

Necessárias

A espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

Presença em unidades de conservação

Pará: FLONA de Carajás¹²⁸⁹.

Pesquisas

São recomendadas pesquisas que esclareçam aspectos da história natural da espécie, ecologia, tamanho do território e capacidade de suporte à caça.

Psophia obscura Pelzeln, 1857

Luis Fábio Silveira

Ordem: Gruiformes

Família: Psophiidae

Nome comum: jacamim-de-costas-escuras



Foto: Diego Mendes

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) A2cd+3cd

Justificativa

Psophia obscura é endêmica do Centro de Endemismo Belém, atualmente o mais antropizado de toda



a Amazônia. A espécie sofreu perda de *habitat* maior do que 75% em relação à sua distribuição original. É sensível às alterações do seu *habitat*, a floresta de terra firme, e é muito procurada por caçadores. O desmatamento e a caça praticamente exterminaram esta espécie, estando atualmente restrita à REBIO do Gurupi e a uns poucos fragmentos nos municípios de Paragominas e Tailândia. A floresta primária nestas áreas remanescentes continua sofrendo degradação e considera-se que não existe mais *habitat* ótimo para a espécie. A pressão de caça continua intensa e evidências de sua presença em observações de campo são muito raras. Considerando-se a perda de *habitat*, a pressão de caça, a falta de *habitat* adequado para a espécie e a degradação prevista para o futuro, infere-se que o declínio populacional no passado foi maior que 80% e que nas três gerações futuras atingirá taxas semelhantes. Por estas razões, *P. obscura* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) A2cd+3cd.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,897}	EN* B1ab(i)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará*: EN
Avaliação global ¹³⁸	CR A4cd; C2a(i)

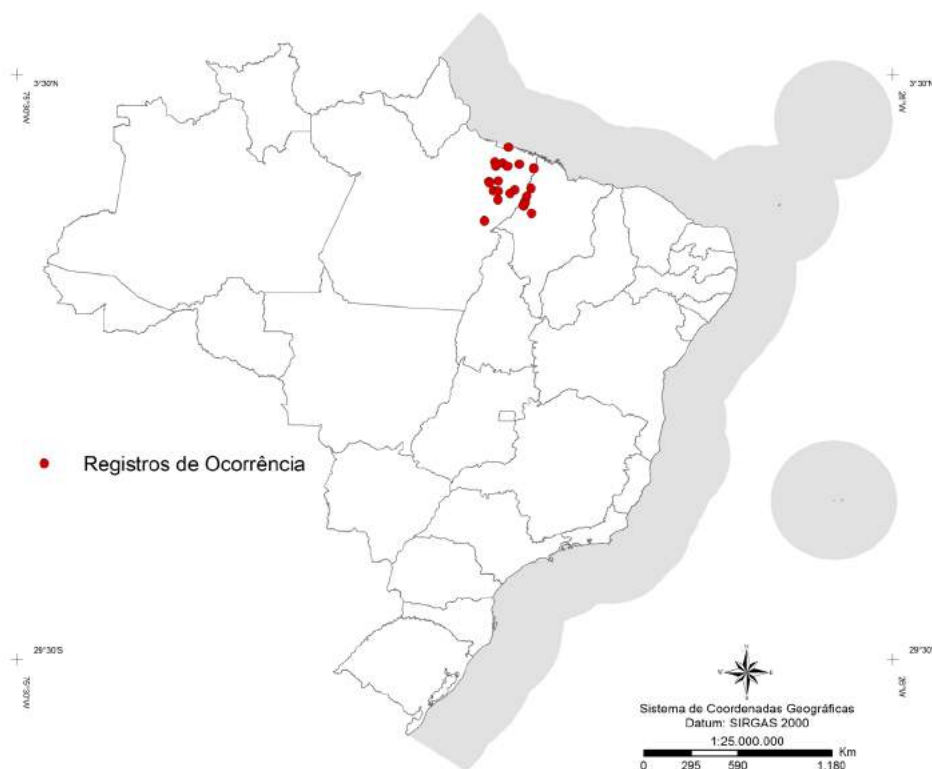
*Avaliada como *Psophia viridis obscura*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Psophia viridis obscura Pelzeln, 1857.

Distribuição geográfica

Endêmico da Amazônia brasileira, restrito ao Centro de Endemismo Belém. Ocorre atualmente em poucas localidades: REBIO do Gurupi e uns poucos fragmentos nos municípios de Paragominas e Tailândia⁸⁹⁶.



História natural

Muito pouco se sabe sobre a história natural desta espécie, bem como sobre as suas exigências de



habitat. Ocorre em florestas primárias de terra firme. De uma forma geral, jacamins passam a maior parte do seu tempo caminhando, procurando por frutos, invertebrados e pequenos vertebrados no solo da floresta. Reproduzem-se em ocos de árvores, um hábito reprodutivo pouco comum entre os Gruiformes. Os filhotes são nidífugos. Vivem em bandos que podem chegar a 20 aves e empoleiram-se principalmente quando são ameaçados por algum predador^{896,1095}. O tempo geracional da espécie é estimado em 10,4 anos¹⁴⁴.

População

Jacamins são naturalmente raros, ocorrendo em baixas densidades em florestas de terra firme. Não existem informações sobre estimativas populacionais para esta espécie. Já desapareceu de muitos locais onde a sua ocorrência era conhecida⁹⁶⁵.

Considerando-se a perda de *habitat*, a pressão de caça, a falta de *habitat* adequado para a espécie e a degradação prevista para o futuro, infere-se que o declínio populacional no passado foi maior que 80% e que nas três gerações futuras atingirá taxas semelhantes (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A maior ameaça à sobrevivência desta espécie reside na combinação do desmatamento com a caça predatória. Jacamins são aves pouco comuns, que habitam florestas primárias de terra firme e toleram muito pouco os *habitat* alterados. A espécie sofreu perda de *habitat* maior do que 75% em relação à sua distribuição original. Além disso, como são aves um tanto robustas (podem chegar a pouco mais de 2 kg de massa) são muito procurados por caçadores, desaparecendo rapidamente também em função da caça^{896,897}. Cabe lembrar que o Centro de Endemismo Belém é o mais descaracterizado de toda a Amazônia, existindo atualmente poucas áreas capazes de abrigar populações desta espécie. A floresta primária nestas áreas remanescentes continua sofrendo degradação e considera-se que não existe mais *habitat* ótimo para a espécie. A pressão de caça continua intensa e evidências de sua presença em observações de campo são muito raras. Seguramente uma das aves mais ameaçadas de extinção no país.

Ações de conservação

Existentes

Psophia obscura está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, que prevê ações de educação ambiental abordando as ameaças específicas para este táxon⁶²⁸.

Necessárias

Proteção de fato das unidades de conservação existentes na área de ocorrência da espécie contra desmatamento e caça; criação de novas unidades de conservação com tamanho suficiente para proteger esta e outras espécies; considerar a captura e criação em cativeiro para fornecer indivíduos para programas de reintrodução.

Presença em unidades de conservação

Maranhão: REBIO do Gurupi⁸⁹⁶.

Pesquisas

Necessárias

Estudo sobre sua história natural, ecologia, tamanho do território e capacidade de suporte à caça. É importante que se capturem algumas aves para se iniciar um programa de reprodução em cativeiro com vistas à reintrodução onde a caça e o desmatamento tenham sido controlados.



Porzana spiloptera Durnford, 1877

Rafael Antunes Dias

Ordem: Gruiformes

Família: Rallidae

Nome comum: sanã-cinza

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B1b(iii)c(iv)

Justificativa

Porzana spiloptera ocorre no nordeste da Argentina, sul do Uruguai e extremo sul do Brasil. Sua extensão de ocorrência (EOO) no país é estimada em menos de 5.000 km². A população brasileira é pequena (estimada em no máximo 2.000 indivíduos maduros) e acredita-se que o aporte de indivíduos do Uruguai para o Brasil não seja significativo. As manchas de marismas onde a espécie habita estão constantemente sujeitas a sobrepastejo e a queimadas sazonais. Consequentemente, o número de indivíduos maduros flutua anualmente. Dessa forma, *P. spiloptera* foi avaliada como Em Perigo (EN) B1b(iii)c(iv).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,816}	VU D2
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴⁴	Rio Grande do Sul: EN
Avaliação global ¹⁶⁰	VU C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Laterallus spilopterus (Durnford, 1877).

Distribuição geográfica

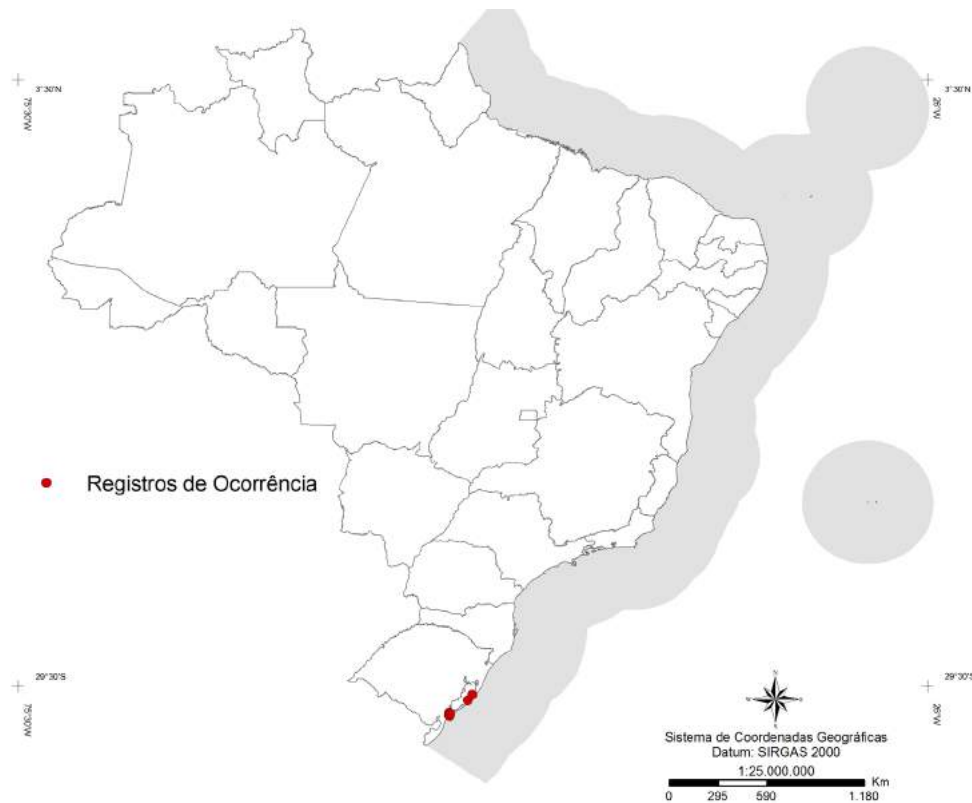
Ocorre no nordeste da Argentina, leste do Uruguai e extremo sul do Brasil, com registros apenas para o Rio Grande do Sul⁵²⁸. O registro da espécie no Brasil deu-se apenas em 1996, o que pode indicar uma colonização recente ou, a hipótese mais plausível, que a espécie passou despercebida devido aos escassos estudos realizados em seu ambiente, associado ao seu comportamento inconspícuo e *habitat* com vegetação fechada⁸¹⁶.

É registrada regularmente no Saco da Mangueira, uma enseada rasa da Lagoa dos Patos, na área urbana do município de Rio Grande, e há três registros para a base nos molhes Leste e Oeste (canal de entrada para o porto de Rio Grande), nas cidades de Rio Grande e São José do Norte, em fevereiro e março de 2002 e setembro de 2004, todos referentes à observação de um único indivíduo⁸¹⁶. Apenas mais um município brasileiro consta como localidade de registro da espécie: Tavares¹²⁸⁹.

A EOO no Brasil foi calculada através do mínimo polígono convexo (MPC) que uniu todos os pontos de registro atuais conhecidos da espécie neste país. Assim sendo, a EOO foi estimada em menos de



5.000 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita brejos de água doce e água salobra, incluindo zonas de maré e áreas úmidas temporárias¹²²⁸, marismas, banhados, capinzais inundáveis, capinzais secos e vegetação arbustiva em beira de cursos d'água⁸¹⁶. Os registros para o Rio Grande do Sul são em marismas com predomínio de *Spartina* (Poaceae) e/ou *Juncus* (Juncaceae)⁸¹⁶.

A espécie é bastante inconspícua, preferindo caminhar na vegetação densa a voar, de modo que a vocalização é a melhor maneira para detectá-la. As informações sobre sua alimentação, reprodução e comportamento são escassas ou inexistentes. A única menção para a dieta aponta o consumo de insetos, sementes e vegetação de marismas. No Brasil, as evidências reprodutivas são de um espécime jovem capturado em dezembro de 1996 e outro em maio de 1999, no PARNA da Lagoa do Peixe⁸¹⁶.

População

Com base em contagens com uso de *playback* em praticamente toda sua distribuição neste país, a população brasileira foi estimada em no máximo 2.000 indivíduos maduros. Acredita-se que o aporte de indivíduos do Uruguai para o Brasil não seja significativo⁴⁸⁷.

A variação dos impactos gerados anualmente nos marismas leva a flutuações extremas no número de indivíduos maduros (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças à espécie são a degradação e a destruição do ambiente, tendo em vista o alto grau de especialização de *habitat*. Na região de Rio Grande, aterros de áreas rasas intermareais e submareais para desenvolvimento portuário, residencial e industrial, ao longo das margens e de pequenas ilhas do estuário inferior da Lagoa dos Patos, já destruíram pelo menos 10% da área total de marismas. Isso também pode ocorrer no Saco da Mangueira, uma área prioritária para a conservação da espécie⁸¹⁶.



Adicionalmente, parte considerável das marismas do estuário é utilizada para a criação de gado, sendo observadas diferenças quanto à biodiversidade e fisiografia entre marismas pastadas e não-pastadas, havendo perda total das funções do *habitat* em marismas frequentemente pastadas⁸¹⁶.

No PARNA da Lagoa do Peixe, o impacto nas marismas ocorre devido ao trânsito de veículos e pessoas (principalmente durante a época de safra de camarão), além do pisoteio e uso por gado, cavalos, porcos e cães⁸¹⁶.

No estuário da Lagoa dos Patos, a espécie pode ser adicionalmente ameaçada pela poluição, uma vez que ocupa principalmente o Saco da Mangueira, junto a um dos maiores portos do país, formado por uma enseada semifechada de pouca circulação d'água e que recebe considerável volume de efluentes domésticos e industriais, inclusive do pólo petroquímico de Rio Grande⁸¹⁶.

As manchas de marismas onde a espécie é registrada estão sujeitas a queimadas e sobrepastejo. A magnitude desses impactos varia anualmente de forma significativa⁴⁸⁷.

Ações de conservação

Existentes

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a}.

Necessárias

O *habitat* do qual a espécie depende (marismas) é muito pouco representado em unidades de conservação, sendo necessária a criação e implantação de novas áreas capazes de proteger a espécie, como o Saco da Mangueira, a Ilha da Torotama e a Ilha do Leonídio, todos em Rio Grande. A regularização fundiária do PARNA da Lagoa do Peixe, prioritariamente nas regiões contíguas à lagoa e a proibição do trânsito e do acesso do gado nas áreas de marismas também é essencial. Marismas também podem ser protegidas através do cumprimento da legislação referente às Áreas de Preservação Permanente⁸¹⁶.

Presença em unidades de conservação

Rio Grande do Sul: PARNA da Lagoa do Peixe⁸¹⁶, APA Municipal da Lagoa Verde⁸¹⁶.

Pesquisas

Pouco se conhece sobre a espécie, se modo que pesquisas sobre sua biologia, ecologia e distribuição são necessárias. A preferência por determinados tipos de marismas, no Brasil, também precisa ser pesquisada para melhor compreender suas necessidades ambientais⁸¹⁶.



Charadrius wilsonia Ord, 1814

Ailton de Oliveira

Ordem: Charadriiformes

Família: Charadriidae

Nome comum: batuíra-bicuda



Foto: Pedro Lima

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) D1

Justificativa

Charadrius wilsonia ocorre nas Américas, sendo migratória em parte de sua distribuição. É residente no Brasil. O tamanho da população brasileira não ultrapassa 1.000 indivíduos maduros. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Assim, *C. wilsonia* foi categorizada como Vulnerável (VU) D1.

Outras avaliações

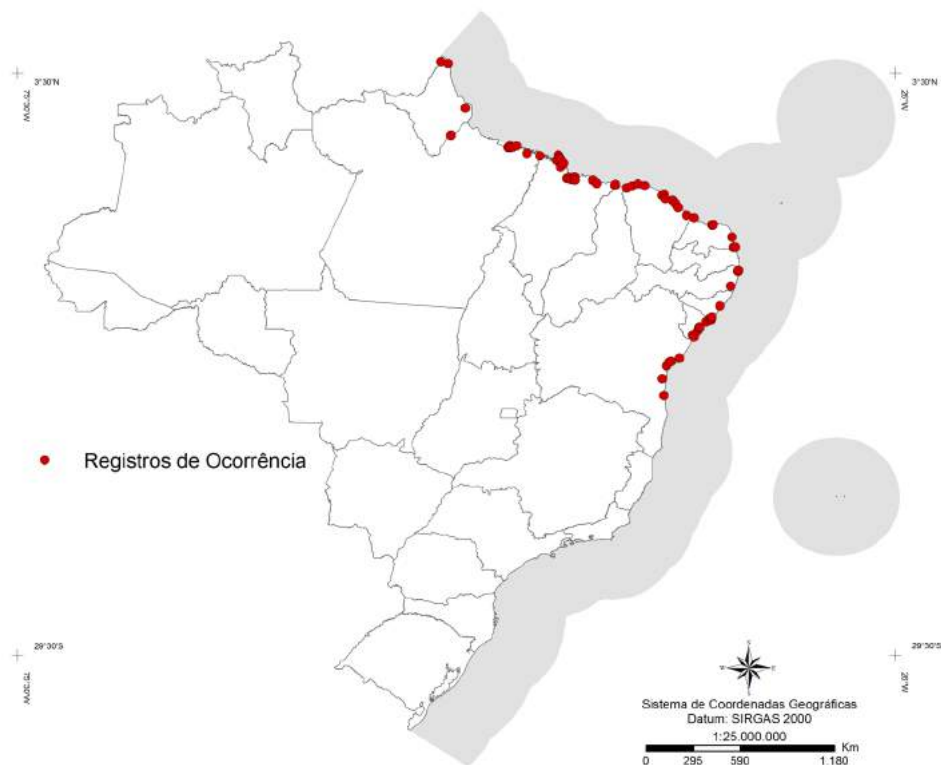
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁶¹	LC

Notas taxonômicas

São reconhecidas três subespécies: *C. w. wilsonia*, *C. w. cinnamominus* e *C. w. brasiliensis*, sendo esta última a única com ocorrência confirmada para o Brasil até o momento. É possível que *C. w. wilsonia* ocorra a leste e *C. w. cinnamominus* ocorra no extremo nordeste do Brasil⁵²⁸. Existem exemplares no museu da Universidade Federal de Pernambuco cuja subespécie não foi determinada, podendo representar confirmação de registro para uma destas raças com ocorrência não comprovada (R.C. Rodrigues, com. pess., 2012). Wiersma & Boesman¹²⁸⁷ consideram *C. w. brasiliensis* como sinônimo júnior de *C. w. crassirostris*.

Distribuição geográfica

Ocorre nas costas leste e oeste dos EUA, em toda América Central e a leste e oeste da América do Sul, onde inverte¹²⁸⁸. No Brasil, há registros do Amapá à Bahia. *Charadrius wilsonia brasiliensis* reproduz-se no Brasil, do Maranhão à Bahia⁵²⁸.



História natural

É estritamente costeira, prefere ilhas ou margens de lagunas costeiras. Fora do período reprodutivo ocupa também estuários e corpos de água doce próximos à costa. Alimenta-se de moluscos, crustáceos, anelídeos e insetos, forrageando na linha de maré ou pouco acima dela, durante o dia e à noite; geralmente são vistas em pequenos bandos¹²⁸⁸. *Charadrius wilsonia brasiliensis* reside na costa brasileira e nidifica em dunas com vegetação esparsa, das praias do Amapá até o litoral norte da Bahia. O táxon é considerado raro em todos os locais estudados: litoral do Amapá, Pará, Pernambuco e Bahia⁵²⁵. No litoral de Sergipe, foi registrado display reprodutivo. Contudo, não há confirmação de nidificação nesse local (B.J.M. Almeida, com. pess., 2012).

População

Em junho de 1988, foi avistado um único exemplar na Coroa do Avião, em Pernambuco⁷⁷.

Na Baía de Todos os Santos, Bahia, a média de ocorrência de *C. wilsonia* foi cerca de 10 indivíduos registrados, em novembro de 2007⁷⁵⁴.

O registro de maior abundância foi no período de setembro a novembro. Por outro lado, essa espécie já foi observada com maior frequência nas praias de Aracaju^{41,44}; contudo, os registros têm se tornado cada vez mais escassos⁴⁵, sendo considerada rara na praia de Atalaia⁴¹ e no manguezal do rio Sergipe⁴⁰. Ocorre também no estuário do rio Vaza-Barris, sendo neste último avistado regularmente em bandos de 25 indivíduos, realizando display reprodutivo (B.J.M. Almeida, com. pess., 2012). É considerada espécie comum no litoral sul de Sergipe (B.J.M. Almeida, com. pess., 2012).

Em censos realizados de 1998 a 2005, em área de cerca de 300.000 ha entre Amapá e Maranhão, foram registrados apenas 21 indivíduos¹⁰⁴⁴.

No Ceará, foi registrado um casal (P.C. Lima, com. pess., 2012) e na Paraíba três indivíduos (T.A.L. Cardoso, com. pess., 2012).

Embora seja uma espécie comumente registrada, não é abundante em nenhuma localidade. Especialistas acreditam que a população brasileira não ultrapasse 1.000 indivíduos maduros, tendo em vista ser esta uma espécie residente no país e com baixíssimos índices de registro em censos de aves



limícolas para qualquer localidade (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

Nos Estados Unidos, muitos dos locais de reprodução e invernada estão localizados em terras públicas, porém atividades recreativas humanas e de seus animais de estimação, poluentes e predadores são ameaças potenciais para nidificação e forrageamento da espécie. Obras de engenharia na região costeira como dragagens, por exemplo, contribuem para perda de *habitat* da espécie⁶⁴⁷.

No Brasil, o turismo desordenado contribui para a destruição de ninhos e ameaça às populações (P.C. Lima, com. pess., 2012). O sucesso reprodutivo parece ser pequeno^{459,731}. Há registro de ninhos predados por caranguejos, gavião-carrapateiro (*Milvago chimachima*) e destruição pela ação de gado doméstico¹⁰⁸¹. No Maranhão, há predação de ninhos por humanos e, possivelmente, por emas (*Rhea americana*) introduzidas no local¹⁰⁴².

O uso da área intermareal por *C. wilsonia*, pode ser afetada negativamente devido a presença de pessoas em atividades recreativas, conforme constatado na Baía de Todos os Santos, na Bahia⁷⁵⁴. Adicionalmente, Lunardi⁷⁵⁴ fez o primeiro registro de atividade de nidificação para *C. wilsonia*, na Baía de Todos os Santos, bem como, a perturbação e abandono de ninho devido a presença de animais domésticos. Outros fatores como restos de alimento, veículos e atividades recreativas podem alterar o comportamento das aves⁴⁵, representando, inclusive, risco de consumo incidental de plásticos ou outros materiais inadequados⁴².

Ações de conservação

Esta espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Limícolas Migratórias⁶³².

Presença em unidades de conservação

Amapá: PARNA do Cabo Orange¹¹⁹⁷;

Piauí: APA Delta do Parnaíba (C.J. Carlos, com. pess., 2012);

Ceará: PE do Rio Cocó¹²⁸⁹;

Pernambuco: APA Estuário do Canal de Santa Cruz⁴⁵⁹;

Alagoas: APA de Piaçabuçu³²⁷.

Pesquisas

Está em desenvolvimento um projeto de avaliação dos impactos antropogênicos sob as comunidades de aves limícolas do estado de Sergipe que inclui este táxon. São necessários estudos que determinem as áreas efetivamente utilizadas para reprodução da espécie no Brasil e os principais ambientes de concentração da espécie, visando contribuir com medidas educativas e/ou restritivas de atividades antrópicas nessas áreas (B.J.M. Almeida, com. pess., 2012).



Limnodromus griseus (Gmelin, 1789)

Fabio Schunck & Bruno Jackson de Melo Almeida

Ordem: Charadriiformes

Família: Scolopacidae

Nome comum: maçarico-de-costas-brancas



Foto: Emanuel Barreto

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) A4bc

Justificativa

Limnodromus griseus, espécie migratória que passa o período não-reprodutivo no Brasil, sofreu declínio de 86% em sua população no centro-norte do litoral brasileiro em um período de 25 anos. Considerando que essa população representa mais de 90% do total de indivíduos de *L. griseus* que migra para este país, esse declínio pode ser inferido para a população total que ocorre no Brasil. Suspeita-se que o declínio continuará no futuro próximo (ao menos nos próximos três anos, completando a janela temporal de três gerações), devido à degradação do *habitat* causada pelo uso antrópico das praias. Não há informações de que ameaças ou ações de manejo fora do Brasil estejam afetando a população que frequenta o território brasileiro, de modo que não houve alteração na avaliação. Assim, *L. griseus* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR), pelo critério A4bc.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ^{219a}	LC

Outros nomes aplicados ao táxon

Scolopax grisea Gmelin, 1789; *Scolopax noveboracensis* (Wied, 1833); *Macrorhamphus griseus* (Pelzeln, 1870).

Notas taxonômicas

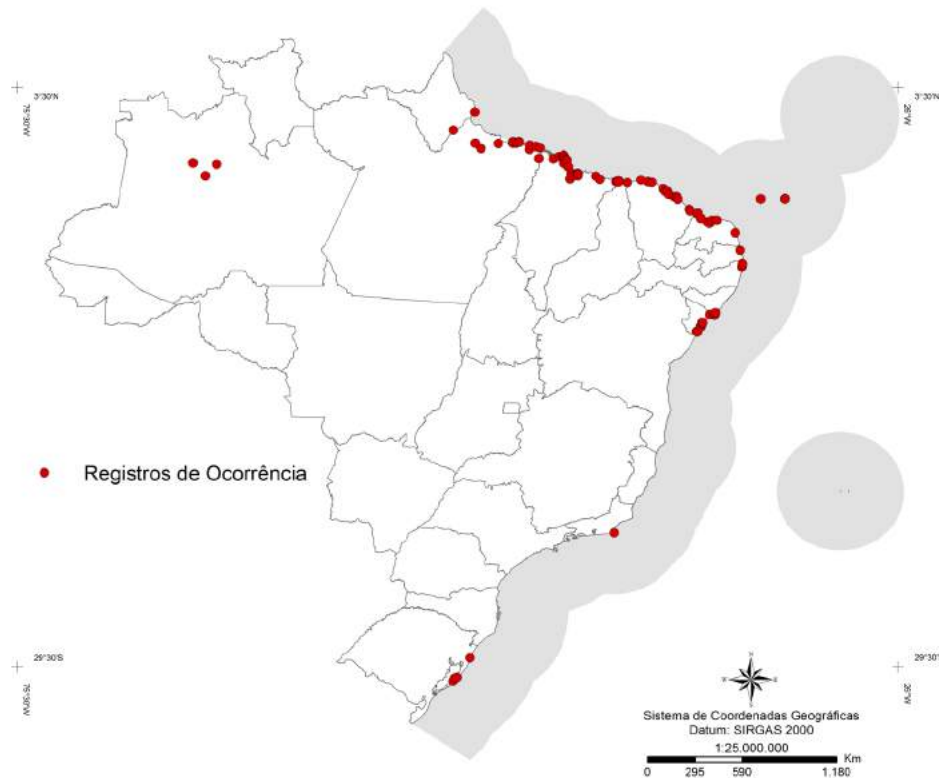
Três subespécies são reconhecidas, mas apenas uma ocorre no Brasil: *L. g. griseus*^{496,528}.

Distribuição geográfica

Reproduz-se no Alasca, EUA e Canadá; inverte nos EUA, América Central e litoral da América do Sul⁴⁹⁶. No Brasil ocorre com frequência na costa norte e nordeste, especialmente nos estados do Amapá, Pará e Maranhão, mas sua ocorrência abrange toda a costa do nordeste, passando pelo sudeste e chegando até o Rio Grande do Sul, onde ocorre ocasionalmente^{112,496,528,1095}. Casualmente registrado no



Atol das Rocas e no arquipélago de Fernando de Noronha^{902,1082}.



História natural

Migrante vindo do Hemisfério Norte; pouco se conhece sobre os deslocamentos da população invernante que utiliza os ecossistemas brasileiros durante o período não-reprodutivo (B.J.M. Almeida, obs. pess.). Durante a migração, ocupa áreas úmidas costeiras e interiores. No inverno, permanece sobretudo em áreas enlameçadas, margeadas de manguezais e praias arenosas; também em áreas rasas de lagoas salgadas. Alimenta-se de insetos, moluscos, crustáceos e, ocasionalmente, matéria vegetal, sobretudo sementes. Nas áreas de invernada, ocorre em grandes bandos que forrageiam dia e noite. É migrante de longas distâncias. Alguns indivíduos podem passar o verão nas áreas de invernada. As fêmeas iniciam a migração pouco mais cedo que os machos e os jovens, chegando à América do Sul em meados de agosto e início de outubro. O deslocamento na primavera inicia-se em março e vai até junho⁴⁹⁶. No Brasil, não há estudos específicos sobre a dieta ou dependência alimentar da espécie, contudo, esta parece ser sensível a distúrbios humanos, evitando a presença de pessoas, barcos e pescadores (B.J.M. Almeida, obs. pess.).

A espécie começa a reproduzir-se aos dois anos de idade (A.A.F. Rodrigues, com. pess., 2012) e suspeita-se que se reproduza até a morte, possivelmente aos 17 anos, o que implica em um tempo geracional de 9,5 anos (oficina de avaliação).

População

Calcula-se que a população total exceda 100.000 indivíduos, mas não há estimativas populacionais das subespécies. Há claras tendências de declínio para as raças *L. g. caurinus* e *L. g. griseus*: entre 1972 e 1983, o número de indivíduos que pousaram na costa atlântica dos EUA decaiu 46%; já no leste do Canadá, as estimativas foram de queda de 8% ao ano na população da espécie. Entre os anos 1986 e 1991, não houve variação para as populações do leste do Canadá⁴⁹⁶.

No Brasil, houve um declínio de 86% na população de *L. griseus* que frequenta a costa centro-norte do país: 8.085 indivíduos registrados em 1986⁸²³ e 1.113 indivíduos registrados em 2011 no mesmo local, segundo o mesmo método (Morrison *et al.*, dados não publicados). Especialistas suspeitam que a



população que ocupa o litoral centro-norte do Brasil represente mais de 90% da população total do país (oficina de avaliação).

No Complexo Litorâneo da Bacia Potiguar, no Rio Grande do Norte, ocorre durante o ano todo, com grupos maiores que 1.000 indivíduos entre novembro e março e com cerca de 700 indivíduos em julho⁶⁴⁰ grupos de até 300 indivíduos foram registrados na APA Reentrâncias Paraenses¹⁰³⁹ e em concentrações razoavelmente altas na APA das Reentrâncias Maranhenses (localidades com até 3.600, 1.200 e 500 indivíduos)¹⁰⁴⁰. De abril de 1991 a março de 1992, foram registrados 8.408 indivíduos, no Golfo do Maranhão¹⁰⁴³. Censos realizados no Atol das Rocas nos anos de 1991, 1993, 1994 e 1999, registraram apenas um indivíduo desta espécie¹⁰⁸³.

Tem sido observada frequentemente nos manguezais dos estuários dos rios São Francisco, Sergipe e Vaza-Barris, sendo considerada comum em todo o litoral sergipano (B.J.M. Almeida, obs. pess.). Na Ilha da Restinga, na Paraíba, há registros de 3 a 50 indivíduos (T.A.L. Cardoso, com. pess., 2012).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A principal ameaça é a perda de *habitat* ou de sua qualidade, decorrente de atividades antrópicas¹²⁵⁶. Esta ameaça continua no presente e certamente continuará no futuro próximo (oficina de avaliação). Os principais fatores de impactos negativos sobre as populações são: redução direta dos ambientes aquáticos pelas drenagens, expansão urbana e industrial, poluição por derramamento de óleo, efluentes domésticos e industriais, substituição de áreas naturais por viveiros para carcinicultura, piscicultura, exploração humana excessiva de presas utilizadas pelas aves, atividade salineira, monocultura de coco e de pinheiros, orizicultura, exploração petrolífera terrestre e marinha, usinas eólicas, trânsito de veículos, de animais e pessoas em grande intensidade^{17,71,74,75,315,318,402,457,507,523,640,770,841,1037,1039,1192,1193}.

Na região do Golfão Maranhense, importante área de descanso durante a migração, há uma crescente e preocupante movimentação portuária; um acidente com derramamento de óleo e derivados pode levar à extinção de populações de aves que utilizam esse corredor migratório. Há ainda especulação imobiliária ao longo da costa e perturbação nas áreas de alimentação e descanso das aves por atividades recreativas e livre tráfego de veículos, especialmente próximo aos grandes centros urbanos, como é o caso da praia de Panaquatira, na ilha de São Luís¹⁰³⁹.

Em Sergipe, a atividade de aquicultura, principalmente a carcinicultura, tem crescido constantemente; os impactos da alteração dos manguezais e da construção de tanques sobre as aves limícolas ainda são desconhecidos (B.J.M. Almeida, obs. pess.).

Ações de conservação

Existentes

Limnodromus griseus está contemplada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Limícolas Migratórias⁶³².

Necessárias

Diversas estratégias de conservação voltadas a *Limnodromus griseus* poderão contribuir com a manutenção de outras espécies limícolas. Faz-se necessário o esforço de avaliação dos sistemas de carcinicultura no nordeste brasileiro, de maneira a se propor monitoramento e consequente adequação dessa atividade (B.J.M. Almeida, obs. pess.). Recomenda-se a implementação de um projeto de educação voltado ao ecoturismo e a proibição de veículos na área do Golfão Maranhense¹⁰³⁹, bem como em outras áreas litorâneas. Os efeitos e ameaças de poluentes ainda constituem impactos pouco avaliados, embora a exposição à contaminação já tenha sido evidenciada em diversos trabalhos^{317,542,670}. É fundamental salientar os potenciais riscos inerentes às atividades de exploração de petróleo e seus derivados ao longo das áreas costeiras.



Presença em unidades de conservação

Amapá: REBIO Ilha do Parazinho¹⁰⁸⁸;

Amazonas: RDS Mamirauá⁸⁰³, RDS Amanã¹⁰⁶⁸;

Pará: APA Arquipélago do Marajó¹²⁵⁸, RESEX de Caeté-Taperaçu¹²⁸⁹, APA Reentrâncias Paraenses¹⁰³⁹;

Maranhão: APA das Reentrâncias Maranhenses¹⁰⁴⁰;

Ceará/Piauí: APA do Delta do Rio Parnaíba⁵⁰⁷;

Rio Grande do Norte: REBIO Atol das Rocas¹⁰⁸²;

Paraíba: APA da Barra do Rio Mamanguape⁶³;

Pernambuco: PARNA Marinho de Fernando de Noronha⁹⁰², APA de Fernando de Noronha-Rocas-São Pedro e São Paulo⁹⁰²;

Alagoas: APA de Piaçabuçu⁷⁶;

Sergipe: REBIO de Santa Izabel (B.J.M. Almeida, obs. pess.), APA da Foz do Rio Vaza Barris¹¹⁹⁴, APA do Litoral Sul do Estado de Sergipe (B.J.M. Almeida, obs. pess.);

Bahia: APA do Litoral Norte da Bahia⁷²³.

Pesquisas

Está em desenvolvimento um projeto de avaliação dos impactos antropogênicos sobre as comunidades de aves limícolas do estado de Sergipe que inclui este táxon. É necessário relacionar as populações de invernada com seus respectivos locais de reprodução e ampliar o conhecimento sobre as relações ecológicas dessa espécie com as principais áreas de concentração, avaliando as potenciais medidas de política pública que garantam a conservação de seu *habitat*. Deve-se incentivar a continuidade e ampliação dos estudos existentes, principalmente no intuito de melhor compreender migração, dinâmica populacional e ecologia trófica da espécie.

Calidris canutus (Linnaeus, 1758)

Fabio Schunck & Antônio Augusto Ferreira Rodrigues

Ordem: Charadriiformes

Família: Scolopacidae

Nome comum: maçarico-de-papo-vermelho



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) A4bce

Justificativa

Calidris canutus é espécie migratória que passa o período não-reprodutivo no Brasil, havendo concentrações populacionais especialmente no Maranhão e no Rio Grande do Sul. Para a raça *rufa*, única a ocorrer no Brasil, houve declínio populacional de 80% nos últimos 26 anos, com tendência de



manutenção de taxa de declínio de cerca de 3% ao ano pelos próximos 2,5 anos (completando um período de três gerações). As principais ameaças descritas para a espécie são: diminuição na disponibilidade de alimento (caranguejo-ferradura, *Limulus polyphemus*) na Baía de Delaware nos Estados Unidos, ocorrência de ectoparasitas e, no Brasil, declínio da qualidade do *habitat* devido a atividades humanas nas praias. Ainda que haja uma tendência à proteção deste caranguejo na Baía de Delaware, não se pode afirmar, com base nos dados atuais, quanto isso afetará positivamente a população de *Calidris canutus*. Além disso, a dieta e o comportamento alimentar são bastante específicos, o que torna a ameaça mais severa. Portanto, não houve *downlist*, permanecendo a espécie como Criticamente em Perigo (CR), pelos critérios A4bce.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴⁴	Rio Grande do Sul: EN
Avaliação global ²⁷⁵	LC

Outros nomes aplicados ao táxon

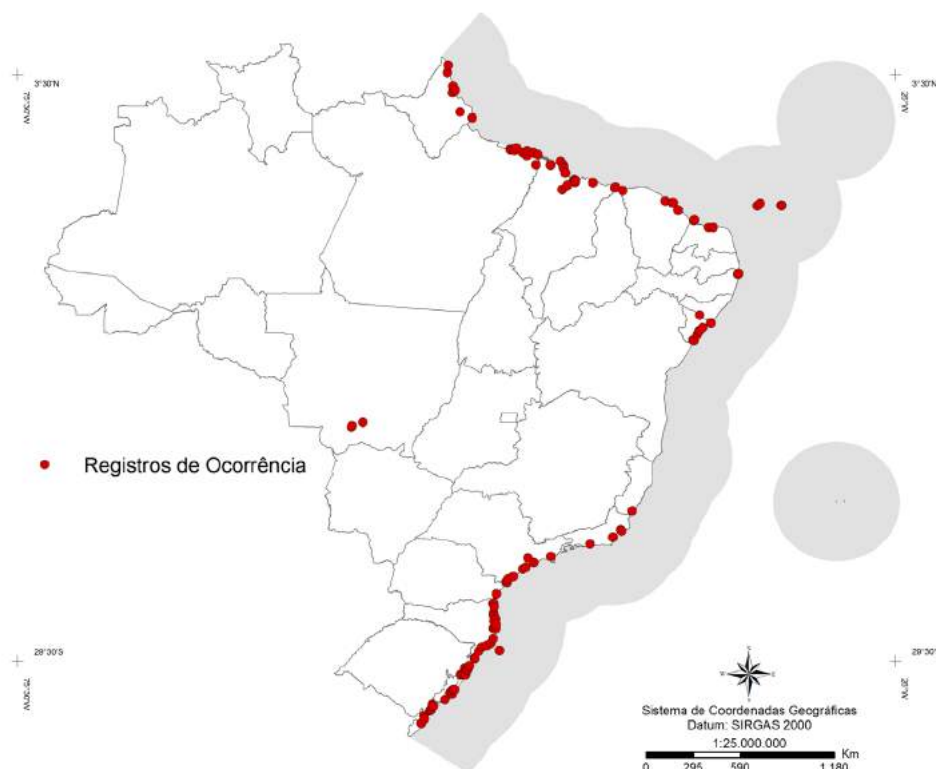
Tringa canutus Linnaeus, 1758; *Tringa rufa* (Wilson, 1813).

Notas taxonômicas

Cinco subespécies são reconhecidas, sendo que apenas uma (*C. c. rufa*) ocorre no Brasil⁴⁹⁸.

Distribuição geográfica

Calidris canutus reproduz em algumas localidades do extremo norte da América e Ásia, inverna em determinados pontos do sul dos EUA, Caribe, extremos norte e sul da América do Sul, Europa, África e Austrália⁴⁹⁸. O PARNA da Lagoa do Peixe é o principal ponto de repouso e alimentação dessa espécie no Brasil⁸⁴⁰, mas algumas áreas localizadas na costa norte, nordeste e sudeste são estrategicamente





importantes para receber os grupos de *C. canutus* que passam e ficam no Brasil durante o período de migração^{86,91,351,1040,1227}.

História natural

Fora do período reprodutivo, a espécie é estritamente costeira; tem preferência por largas praias arenosas ou lodosas, eventualmente com rochedos ou recifes; também em baías, lagunas e enseadas⁴⁹⁸. Os indivíduos buscam áreas alagadas que suportem grandes bandos; estas áreas ocorrem a milhares de quilômetros de distância umas das outras, como San Antonio do Oeste (Província de São Pedro) na Argentina, Rio Grande e Maranhão no Brasil e Baía de Delaware⁵²². Nessa época, alimentam-se de pequena diversidade de invertebrados da zona de marés, sobretudo bivalves e gastrópodes e, com menor frequência, crustáceos, anelídeos e insetos. Peixes e sementes são raramente consumidos. A espécie forrageia de dia e de noite, sendo bastante gregária e ocorrendo em bandos de 300 a 10.000 indivíduos. Migram longas distâncias, com relativamente poucos pontos de parada⁴⁹⁸. A maturidade chega entre dois e três anos de idade e o indivíduo mais velho já registrado tinha pouco mais de 16 anos⁴⁹⁸. Considerando-se que a mortalidade e a fecundidade não são afetadas pela idade (oficina de avaliação) e utilizando-se da fórmula simplificada de cálculo do tempo geracional⁶⁴⁵, chegou-se ao tempo geracional aproximado de 9,5 anos para esta espécie (oficina de avaliação).

População

Em meados da década de 80, a população global da raça *rufa* foi estimada em 67.000 indivíduos. Em 2006, estimou-se que esse total estava em torno de 17.200 indivíduos⁸⁵⁴. Morrison *et al.* (dados não publicados) notaram um declínio de mais de 80% na população da raça *rufa* que frequenta a Terra do Fogo no intervalo de 26 anos: em 1985 foram registrados 53.232 indivíduos, enquanto em 2011 o total contabilizado foi de 9.850. Em 2012, foram registrados 14.200 aves, mas ainda não é possível afirmar que essa seja uma tendência concreta de aumento populacional. Esse grave declínio populacional é compatível com dados observados por pesquisadores no Brasil (oficina de avaliação).

A tendência populacional foi de declínio no período de 1990 a 2005: estudos nas áreas de inverno de maior concentração da raça demonstraram uma queda populacional de 3% ao ano⁸²². Considerando-se que as ameaças a essa espécie ainda não cessaram, pode-se inferir que esse declínio de 3% ao ano perdurou até hoje e permanecerá em um futuro próximo (oficina de avaliação).

Na costa norte-nordeste brasileira, sobrevoos realizados em janeiro de 1982, 1983 e 1986 por Morrison & Ross⁸²³ registraram 8.326 indivíduos de *C. c. rufa*. Já em 2011, quando este censo aéreo foi refeito, foram contabilizados apenas 3.660 indivíduos (Morrison *et al.*, dados não publicados), demonstrando um declínio de 55%.

Na costa do Maranhão, durante censos aéreos realizados na década de 1980, foram contabilizados 5.151 indivíduos de *C. canutus*⁸²³. Nessa mesma área, amostrada em fevereiro de 2005, foram registrados 853 indivíduos⁸¹. De abril de 1991 a março de 1992 (com exceção de junho a agosto), foram registrados 828 indivíduos no Golfão Maranhense¹⁰⁴³. Cerca de 2.000 indivíduos foram registrados na APA das Reentrâncias Paraenses¹⁰³⁹. Na ilha dos Caranguejos, APA das Reentrâncias Maranhenses, em 2007 e 2008, foram registrados 7.000 indivíduos de *C. canutus*¹⁰⁴⁰.

Os dados mais recentes publicados de *C. c. rufa* indicaram um pico numérico de 800 indivíduos em abril de 2012 na praia de Panaquatira, Golfão Maranhense, representando a passagem de indivíduos retornando das áreas de invernada no sul da América do Sul¹¹⁹⁰.

Mais de 11.000 indivíduos utilizavam a área do PARNA da Lagoa do Peixe regularmente como paradoro migratório, especialmente na migração para o norte⁵⁴³. O número máximo de indivíduos dessa espécie observado no PARNA da Lagoa do Peixe, foi de 11.000 indivíduos entre abril e maio de 1984⁵⁴³ e de 7.000, entre os anos de 1986-1987 e 2005-2006⁸⁴⁷. Entre novembro de 2007 e dezembro de 2008, 11.243 indivíduos foram registrados nesta área⁵¹⁷.

No litoral médio do Rio Grande do Sul, foram registrados bandos com mais de 2.100 indivíduos no verão de 1997, mas nos demais anos de monitoramento (1998, 2006 e 2007), os números foram sempre



baixos, chegando a um único indivíduo em 2007. A densidade dessa espécie nas praias da Planície Costeira Central do Rio Grande do Sul, em abril e maio de 2005, foi estimada em 22,78 indivíduos/km e o número máximo de indivíduos observados foi de 3.418.

Cerca de 10.000 indivíduos foram registrados próximo à cidade de Pinhal, Rio Grande do Sul, em 1984⁵⁴³. Na praia da Capilha, neste mesmo estado, a abundância máxima estimada ocorreu nos meses de maio e abril, com 25 e 33,3 indivíduos/km, respectivamente⁴⁰⁸. Na praia do Cassino, em Rio Grande, foram realizados censos de maio de 1982 a dezembro de 1986, e neste período, observou-se maior abundância no mês de abril, com densidade média, quando presente, de 22,13 indivíduos/km (em 60 km de extensão) com intervalo de 0,78 a 148,90¹²⁷⁷. A abundância da espécie no período de outubro de 2007 a setembro de 2009, entre a cidade de Mostardas e o Balneário de Pinhal, foi de 5.103 indivíduos¹⁰⁷⁶.
Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Cerca de 80% da população de *C. c. rufa* utiliza-se da Baía de Delaware durante a migração para o Norte, o que a torna muito vulnerável. A espécie é pressionada nas áreas de invernada por atividades recreativas que utilizam a costa, reduzindo o tamanho das áreas de alimentação⁴⁹⁸.

De acordo com Baker *et al.*⁸⁰, indivíduos de *C. canutus* amostrados na Baía de Delaware apresentaram redução da massa corporal no mesmo período em que houve aumento no esforço pesqueiro. Estudos com aves anilhadas demonstraram que muitos *C. canutus* que invernavam neste local não ganharam massa suficiente para completar a migração até as áreas reprodutivas, devido à redução de sua principal fonte alimentar: ovos do caranguejo-ferradura (*L. polyphemus*)⁸²². Aparentemente, a ocorrência de ectoparasitas também pode afetar as boas condições das aves durante a migração⁸⁵⁴.

Calidris canutus pode ter sua eficiência alimentar reduzida e aumentar sua taxa metabólica devido a distúrbios gerados por humanos em praias⁴⁵. No Piauí, fazendas de criação de camarão destroem manguezais, restingas e salgados, diminuindo os *habitat* disponíveis para esta espécie¹¹⁹³.

Ações de conservação

Existentes

Há um esforço para proteção do *L. polyphemus* na Baía de Delaware, muito embora as ações ainda estejam em seu estágio inicial⁶⁹.

Calidris canutus está contemplado pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Limícolas Migratórias⁶³².

Presença em unidades de conservação

Amapá: PARNA do Cabo Orange¹¹⁹⁷, REBIO do Lago Piratuba¹⁰, REBIO Ilha do Parazinho¹⁰⁸⁸;

Pará: APA Reentrâncias Paraenses¹⁰³⁹;

Maranhão: APA das Reentrâncias Maranhenses¹⁰⁴⁰;

Rio Grande do Norte: REBIO Atol das Rocas¹⁰⁸³;

Pernambuco: PARNA Marinho de Fernando de Noronha^{57,1082,1110};

Sergipe: REBIO Santa Isabel¹²⁸⁹, APA da Foz do Rio Vaza Barris¹¹⁹⁴, APA do Litoral Sul do Estado de Sergipe¹¹⁹²;

Bahia: APA do Litoral Norte da Bahia⁷²³;

Rio de Janeiro: PARNA Restinga de Jurubatiba¹²²⁷;

São Paulo: PM Praia do Sol/Praia São Paulo;

Santa Catarina: ESEC de Carijós⁴²⁶;

Rio Grande do Sul: PARNA da Lagoa do Peixe⁸⁴⁷.



Calidris pusilla (Linnaeus, 1766)

Fabio Schunck, Bruno Jackson de Melo Almeida, João Luiz Xavier do Nascimento & Antônio Augusto Ferreira Rodrigues

Ordem: Charadriiformes

Família: Scolopacidae

Nome comum: maçarico-rasteirinho



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A2bc

Justificativa

Calidris pusilla é espécie migratória que no Brasil ocorre durante o período não reprodutivo ao longo dos ambientes costeiros, principalmente na região norte-nordeste. Essa região juntamente com Suriname e Guiana Francesa, foi considerada como a área de maior importância populacional para a espécie na América do Sul, suportando 90% do total de indivíduos estimado para as áreas não reprodutivas. Estimativas indicam que essa espécie vem sofrendo um declínio anual de 5%, sendo considerado um decréscimo acumulativo de 80% de sua população em 25 anos, cobrindo o período de três gerações (18 anos). Nesse contexto, infere-se que esse declínio reflete de igual maneira a situação da população de *C. pusilla* no território brasileiro, sendo indicado por levantamentos recentes uma diminuição de 90% da abundância registrada para a região centro-norte do litoral do Brasil. Suspeita-se que esse declínio continuará no futuro próximo em função dos impactos e pressões provocadas nas áreas reprodutivas, bem como pela degradação e alterações dos *habitat* utilizados nas áreas de invernada durante o período não-reprodutivo, principalmente como consequência da contínua pressão provocada pela ocupação humana nos ambientes costeiros. Por esse motivo, a espécie foi inicialmente categorizada como Criticamente em Perigo (CR) pelo critério A2bc. No entanto, como iniciativas de minimização de impactos nos EUA e Canadá vêm sendo implantadas, tanto em áreas reprodutivas quanto em alguns pontos de invernada, foi sugerido um *downlist* na categoria, finalizando-a como Em Perigo (EN), pelos critérios A2bc.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ^{1/62}	NT

Outros nomes aplicados ao táxon

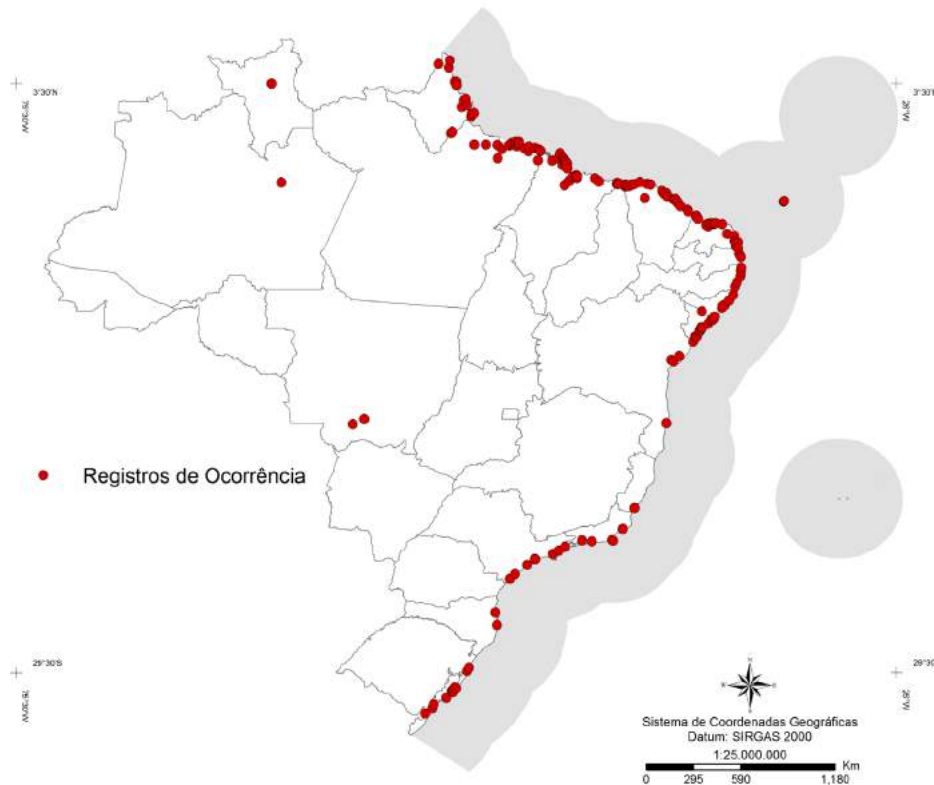
Tringa pusilla Linnaeus, 1766; *Ereunetes pusillus* (Linnaeus, 1766).

Distribuição geográfica

Espécie migratória que se reproduz em zonas hiperbóreas do Ártico e Subártico, abrangendo desde



a região oriental da Sibéria (Rússia), cruzando o Alasca (EUA) e, de oeste a leste, a porção norte do Canadá³⁵⁵. A distribuição de invernada no continente americano abrange os ambientes costeiros desde a costa pacífica do sul do México ao sul do Peru e, na costa atlântica de Yucatán ao centro da Argentina^{499,547}, com maiores concentrações registradas para a América Central e norte da América do Sul⁵³¹. No Brasil, ocorre em toda a faixa litorânea¹⁰⁹⁵, sobretudo no litoral do norte e nordeste^{823,1044}, com registros esporádicos em outras localidades^{86,114,883,1227}.



História natural

Calidris pusilla é uma ave limícola de pequeno porte, de plumagem monomórfica, mas apresentando tamanho corporal com sutil dimorfismo sexual, sendo as fêmeas um pouco maiores³⁴⁷. O ciclo de vida do maçarico-rasteirinho envolve uma migração regular entre áreas reprodutivas no Ártico e os ambientes costeiros tropicais, sendo uma movimentação dependente da integridade ecológica de determinadas localidades que constituem pontos estratégicos de descanso e alimentação⁵³¹. Rodrigues *et al.*¹⁰⁴⁴, não registraram deslocamentos entre áreas de invernada na costa norte do Brasil. A espécie mostra uma alta fidelidade aos sítios de invernada.

Nas áreas reprodutivas, tende a formar casais monogâmicos, com cuidado biparental e um alto comportamento territorial⁵³⁰, alimentando-se da abundante disponibilidade de invertebrados aquáticos, principalmente de insetos e aranhas⁵⁶⁰. A reprodução ocorre no verão boreal, compreendendo o período entre junho a agosto^{68,532}. O restante do ano os indivíduos encontram-se em deslocamento, ao longo das áreas de invernada.

Nas áreas não-reprodutivas, apresenta um comportamento gregário, formando bandos de centenas e milhares de indivíduos⁵³, sendo assim vulnerável a quaisquer alterações ambientais nos ambientes utilizados ao longo da migração⁵³¹. Nas áreas tropicais, apresenta preferência de forrageamento nos ambientes de substrato lodoso, tais como estuários e manguezais, onde geralmente alimenta-se de anfípodas, poliquetas e outros invertebrados⁴⁹⁹. Utiliza como área de descanso praias, bancos de areias e outros ambientes próximos ao litoral, principalmente durante a maré cheia (B.J.M. Almeida, dados não publicados).



Apesar de ser uma espécie monotípica, há evidências de ao menos três movimentações populacionais diferentes entre as áreas reprodutivas e a migração para os trópicos, indicando perfis biométricos diferentes, com as populações mais abundantes de *C. pusilla* estabelecidas na região mais oriental do Canadá e apresentando medidas corporais relativamente maiores^{531,559}.

A rota preferencial utilizada pela espécie é a do Oceano Atlântico tanto no sentido norte-sul, quanto sul-norte^{846,1043}. Os bandos começam a chegar ao Brasil em meados de agosto, permanecendo até meados de maio^{58,73,332,499,695,990,1043,1044}. A migração dessa espécie abrange uma ampla extensão geográfica e pouco se sabe sobre a movimentação de potenciais grupos populacionais distintos nas áreas não-reprodutivas. Dados obtidos em monitoramento de praias no Sergipe indicam que a espécie pode utilizar a praia de Atalaia⁴¹ e os manguezais de Aracaju^{44,90} por um determinado período, constituindo um pico de abundância entre os meses de outubro-novembro; nos meses seguintes, a abundância registrada é menor, o que indica que parte da população desloca-se para outra localidade, possivelmente para áreas mais ao sul do estado. Outro pico de abundância é registrado entre os meses de março-maio (B.J.M. Almeida, dados não publicados). É possível que a oscilação de abundância nas áreas de monitoramento seja um reflexo da movimentação regional desses indivíduos.

Suspeita-se que a primeira reprodução ocorra aos dois anos de idade e que viva ao menos até dez anos, sendo que a fertilidade não é afetada pela idade, de modo que o tempo geracional para a espécie é estimado em seis anos (oficina de avaliação).

População

Dados históricos apresentavam uma população total estimada entre 3.200.000 e 3.900.000 indivíduos (1993). População invernante na América do Sul estimada em 2.142.000 indivíduos (1989), dos quais cerca de 80% invernam na costa do Suriname. No leste do Canadá, os números diminuíram significativamente de 1974 a 1991, possivelmente devido a estações muito frias ocorridas nos anos 1970. Censos na Baía de Delaware, durante a migração para o norte, têm indicado diminuição desde 1986⁴⁹⁹.

Essa região juntamente com Suriname e Guiana Francesa, foi considerada como a área de maior importância populacional para a espécie na América do Sul, suportando 90% do total de indivíduos estimado para as áreas não reprodutivas.

As inferências sobre as estimativas populacionais indicaram um declínio consistente em diversas áreas, sendo utilizado por base informações sobre as contagens de migração em pontos consolidados de monitoramento, tal como evidência de diminuição anual de 5% ao longo de 15 anos em Bay of Fundy (Canadá) e cerca de 75% da população norte-americana, de forma a sugerir que a população de *C. pusilla* em 2006 foi estimada em 2,2 milhões de indivíduos^{162,820}. A comparação entre as abundâncias documentadas para região norte da América do Sul, no final da década de 1980⁸²³ e dados recentes, mostram que a população de invernada nessas áreas sofreu um declínio de cerca de 79%⁸²¹. Até que sejam demonstrados indícios de recuperação populacional, *C. pusilla* é uma espécie de limícola que merece atenção e elevada preocupação para conservação⁵³.

No Brasil, os dados comparativos indicam que houve um declínio de 90% na população de *C. pusilla* que frequenta a costa centro-norte do país: 192.157 indivíduos registrados em 1986⁸²³ e 18.706 indivíduos registrados em 2011 no mesmo local, segundo o mesmo método (Morrison *et al.*, dados não publicados). Especialistas suspeitam que a população que ocupa o litoral centro-norte do Brasil represente mais de 90% da população total do país^{823,1039,1040,1041,1043} (oficina de avaliação).

Censos realizados nos anos de 2007 e 2008 na Ilha dos Caranguejos, no Maranhão, contabilizaram 35.000 indivíduos desta espécie³⁵¹, demonstrando que este é um importante ponto de parada no litoral brasileiro.

Há registros de concentrações de 1.500 a 6.000 indivíduos nas Reentrâncias Paraenses entre 1998 e 2005¹⁰³⁹ e de 1.000 a 5.000 indivíduos nas Reentrâncias Maranhenses e Golfão Maranhense no mesmo período¹⁰⁴⁰. Rodrigues¹⁰⁴³ estimou abundância de 26.000 indivíduos na ilha do Cajual e praia de Panaquatira, Golfão Maranhense.

No Complexo Litorâneo da Bacia Potiguar, Irusta & Sagot-Martin⁶⁴⁰ estimaram 2.800 aves em



fevereiro de 2007. Na Salina Diamante Branco, Azevedo-Júnior & Larrazábal⁷⁴ registraram, em março de 1999, 1.455 aves. No litoral paraibano foram contabilizados pequenos grupos, com ocorrências de cerca de 300 indivíduos³³⁸. Enquanto que para Pernambuco as contribuições dos estudos de anilhamentos⁷³ e monitoramento¹²³⁷ indicam ocorrências de bandos de até 700 indivíduos para a Coroa do Avião. Em Sergipe, ocorre em toda a extensão do litoral, com picos de abundância atingindo cerca de 1.500 indivíduos, sendo regularmente observada nas praias de Aracaju^{42,44,45}, no litoral da Barra dos Coqueiros⁸⁷, nos manguezais^{40,44,90}, estuários dos rios Vaza Barris, Real-Piauí e São Francisco¹²⁵⁸, onde é considerado comum⁴³.

No PARNA da Lagoa do Peixe, no Rio Grande do Sul, Fedrizzi & Carlos⁴⁵⁸ registraram 350 indivíduos em novembro de 2005.

Há carência de estudos de monitoramento de longo prazo das populações de aves limícolas no Brasil. Em um dos poucos trabalhos realizados, verificou-se, ao longo dos anos de 2003 a 2006, um declínio na abundância de *C. pusilla* no litoral de Aracaju⁴¹ (B.J.M. Almeida, dados não publicados), o qual pode estar associado às pressões resultantes da contínua urbanização litorânea e alterações na fisionomia costeira.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

Os principais fatores de impactos negativos sobre as populações são: redução direta dos ambientes aquáticos pelas drenagens, especulação imobiliária, expansão urbana e industrial, poluição por derramamento de óleo, efluentes domésticos e industriais, substituição de áreas naturais por viveiros para carcinicultura, piscicultura, exploração humana excessiva de presas utilizadas pelas aves, atividade salineira, monocultura de coco e de pinheiros, orizicultura, exploração petrolífera terrestre e marinha, usinas eólicas, trânsito de veículos, de animais e pessoas em grande intensidade

17,71,74-76,315,318,402,457,507,523,640,770,846,1037,1041,1193,1194

Um dos principais elos na migração de *Calidris pusilla*, principalmente no deslocamento para o norte de retorno ao Ártico, constitui o consumo dos ovos do caranguejo-ferradura (*Limulus polyphemus*), correspondendo à fonte primária de alimentação, sendo o declínio na disponibilidade desse recurso uma das grandes ameaças à espécie nas áreas de parada dos EUA⁸¹³. A caça se apresenta como uma forte ameaça às populações de aves limícolas (D. Mizrahi, com. pess., 2012), inclusive para *Calidris pusilla*, conforme registros para o Suriname e Guiana Francesa⁸²¹.

O aterramento e ocupação de áreas costeiras, seja em decorrência da especulação imobiliária ou implantação de empreendimentos econômicos, provoca a perda de *habitat* e conseqüentemente interfere na ecologia de espécies limícolas, sendo ampliado pelos riscos das mudanças climáticas⁴⁹⁰. Entre os impactos costeiros, a crescente transformação de manguezais em áreas de aquicultura, tem potencializado os riscos para as espécies de aves limícolas, inclusive *C. pusilla*^{848,1306}. No Brasil, pouco se sabe sobre os impactos ocasionados pelos sistemas de carcinicultura. Existem registros da utilização dessas áreas por grupos de limícolas^{43,72}, contudo, os impactos da alteração dos manguezais e da construção de tanques sobre as aves limícolas ainda são desconhecidos (B.J.M. Almeida, obs. pess.).

Os distúrbios resultantes de atividades humanas, principalmente relacionados aos diversos usos recreativos e à prática do turismo desordenado, constituem ameaças para todo o grupo de aves limícolas ao longo de vários países^{316,941}. Apesar de o número de pessoas não influenciar a abundância de aves limícolas nas praias de Aracaju, outros fatores como restos de alimento, veículos e atividades recreativas podem alterar o comportamento das aves⁴⁵, representando, inclusive, risco de consumo incidental de plásticos ou outros materiais inadequados⁴².

Ações de conservação

Existentes

Calidris pusilla está contemplado pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Limícolas Migratórias⁶³².



Necessárias

Diversas estratégias de conservação voltadas a *C. pusilla* poderão contribuir com a manutenção de outras espécies limícolas. Faz-se necessário o esforço de avaliação dos sistemas de carcinicultura na região nordeste do Brasil, de maneira a se propor monitoramento e consequente adequação dessa atividade. Recomenda-se a proibição de veículos e a implementação de um projeto de educação voltado ao ecoturismo na área do Golfão Maranhense¹⁰⁴⁰, bem como em outras áreas litorâneas. Deve-se incentivar a continuidade e ampliação dos estudos, principalmente no intuito de melhor compreender migração, dinâmica populacional e ecologia trófica. Os efeitos e ameaças de poluentes ainda constituem impactos pouco avaliados, sendo a exposição à contaminação já evidenciada em diversos trabalhos^{317,542,670}. É fundamental salientar os potenciais riscos inerentes às atividades de exploração de petróleo e seus derivados ao longo das áreas costeiras.

Presença em unidades de conservação

Amapá: ESEC Maracá-Jipioca¹³⁰⁰, PARNA do Cabo Orange¹¹⁹⁷, REBIO Ilha do Parazinho¹⁰⁸⁸, REBIO do Lago Piratuba¹⁰;

Pará: APA Arquipélago do Marajó¹²⁵⁸, APA Reentrâncias Paraenses¹⁰³⁹, RESEX de Caeté-Taperaçu¹²⁸⁹, *Maranhão*: APA das Reentrâncias Maranhenses¹⁰⁴⁰;

Ceará: PE Rio Cocó¹²⁸⁹;

Ceará/Piauí: APA do Delta do Rio Parnaíba¹⁰⁶⁶;

Paraíba: APA da Barra do Rio Mamanguape⁶³;

Pernambuco: PARNA Marinho Fernando de Noronha¹⁰⁸⁹, APA de Fernando de Noronha-Rocas-São Pedro e São Paulo¹⁰⁸⁹;

Alagoas: APA de Piaçabuçu⁷⁶;

Sergipe: REBIO de Santa Isabel (B.J.M. Almeida, obs. pess.), APA da Foz do Rio Vaza Barris¹¹⁹⁴, APA do Litoral Sul do Estado de Sergipe¹¹⁹²;

Bahia: APA do Litoral Norte da Bahia⁷²³;

Rio de Janeiro: PARNA das Restingas de Jurubatiba¹⁰⁷²;

São Paulo: PE da Serra do Mar (Núcleo Picinguaba/Praia da Fazenda)¹²⁸⁹;

Santa Catarina: ESEC de Carijós¹²⁸⁹;

Rio Grande do Sul: PARNA da Lagoa do Peixe^{847,1289}.

Pesquisas

Existentes

Monitoramento de *Calidris pusilla* numa cooperação entre os pesquisadores da UFMA, UFPE, UFS e o núcleo de pesquisa da New Jersey Audubon. Este trabalho tem por objetivo a marcação e identificação de indivíduos com bandeirola codificada, de maneira a facilitar a recuperação da informação sobre cada ave marcada. Pretende-se ainda coletar informações sobre os níveis de contaminação expressos em penas e caracterização genética para reconhecimento das populações entre os locais de migração e invernada.

Necessárias

a) programa de monitoramento de áreas ao longo das rotas utilizadas por *Calidris pusilla* no Brasil, a fim de subsidiar medidas de conservação dos *habitat* para garantir sítios para mudas e acúmulo de gordura;

b) pesquisas que permitam relacionar as populações de invernada aos respectivos locais de reprodução e ampliar o conhecimento sobre as relações ecológicas dessa espécie com as principais áreas de concentração, avaliando potenciais medidas de política pública para se instituir a conservação dos respectivos *habitat*.



Calidris subruficollis (Vieillot, 1819)

Patrícia Pereira Serafini

Ordem: Charadriiformes

Família: Scolopacidae

Nome comum: maçarico-acanelado



Foto: Wallace Telino Júnior

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B1ab(iii)

Justificativa

Calidris subruficollis é espécie migratória que utiliza a rota do Brasil Central e inverte na planície costeira do Rio Grande do Sul. A extensão de ocorrência (EOO) no Brasil foi calculada em 3.196,46 km², onde são conhecidas nove localizações, considerando-se como ameaça a retirada do gado do ambiente ocupado pela espécie. Há ainda degradação contínua da qualidade do *habitat*. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Sendo assim, *C. subruficollis* foi categorizada como Vulnerável (VU) B1ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{759,814}	NT*
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁶³	NT

*Avaliada como *Tryngites subruficollis*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Tringa subruficollis Vieillot, 1819; *Tringoides rufescens* Pelzeln, 1870; *Tryngites subruficollis* (Vieillot, 1819).

Notas taxonômicas

Até o presente momento nenhuma subespécie é reconhecida e nenhum estudo molecular foi desenvolvido a fim de definir diferenças genéticas ou subdivisões entre populações⁶⁸⁴.

Distribuição geográfica

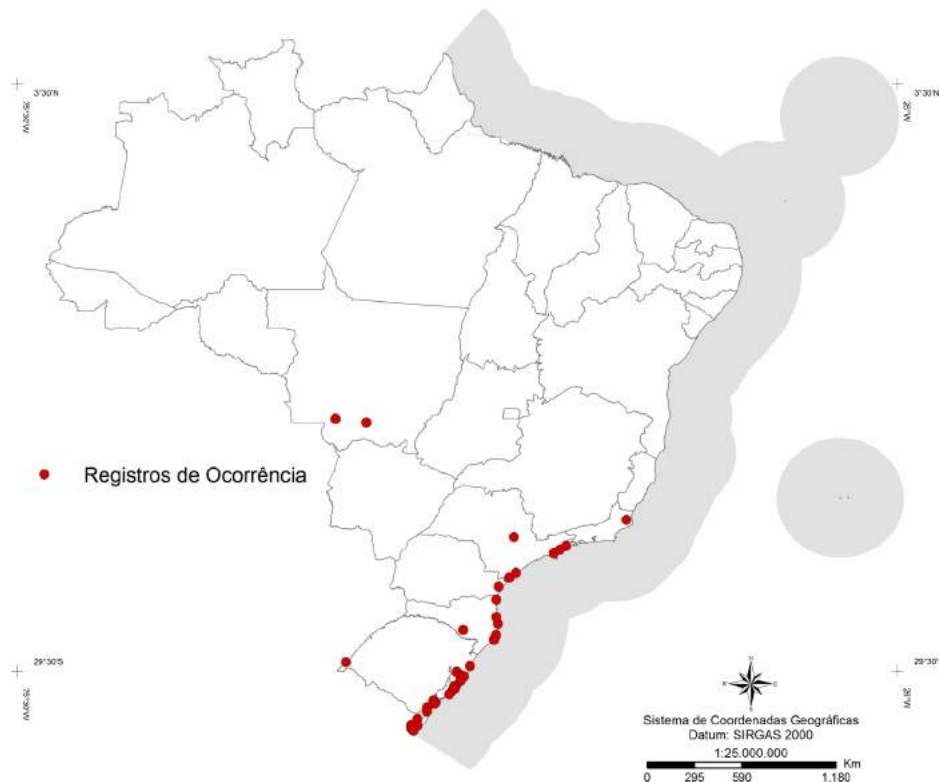
Reproduz esporadicamente (temporal e espacialmente) ao longo das costas do Ártico na Rússia, Alasca e Canadá. No período não reprodutivo segue para a América do Sul, ocorrendo nos campos naturais da Argentina, Uruguai e sul do Brasil. A migração intercontinental ocorre através da América Central, atravessando o Golfo do México, e através da região central dos Estados Unidos e Canadá antes que as aves cheguem ao Ártico. Juvenis migrando também são vistos frequentemente ao longo da



costa do Atlântico na América do Norte e um número menor é registrado na costa do Pacífico. Registros esporádicos já foram feitos para a Inglaterra e Irlanda^{46,684,685}. No Brasil, a espécie utiliza-se da rota do Brasil Central para chegar ao sul do país⁶⁸⁵.

A Ilha da Torotama, na Lagoa dos Patos, Rio Grande do Sul, acolhe regularmente a maior densidade desta espécie no Brasil. Os campos úmidos na região da lagoa do Peixe, também no Rio Grande do Sul, representam um dos principais sítios de invernagem da espécie em escala mundial⁶⁸⁵.

A EOO de *C. subruficollis* no Brasil foi calculada em 3.196,46 km². O cálculo foi feito com base apenas nos registros da planície costeira do Rio Grande do Sul, uma vez que esta é a área de invernada e os demais pontos onde há registro da espécie referem-se apenas a indivíduos em migração (oficina de avaliação).



História natural

Utiliza campo seco e aberto, revestido de capim curto. Reproduz no Ártico sobre a tundra drenada com touceiras e vegetação escassa⁶⁸⁶. Geralmente não é encontrado próximo ao mar e evita banhados e ambientes pantanosos.

A espécie parece ser favorecida pelo pastoreio intensivo do gado nos campos naturais na América do Sul. Este pastoreio cria ambiente adequado para seu abrigo⁶⁸⁵, contudo também utiliza campos naturais alagáveis no Pampa.

Durante a migração, é encontrada em ambientes de campos com vegetação rasteira. Pode utilizar áreas agricultáveis para forragear, buscando áreas mais úmidas para descansar⁷⁹⁹. Possui comportamento característico de *lek*. Os machos defendem territórios relativamente pequenos e exibem voos verticais próximo a outros machos. Nestes pequenos territórios, atraem as fêmeas para reprodução com *display* característico das asas. Entretanto, os machos não participam do cuidado com a prole. As fêmeas, após selecionarem o parceiro, procuram outro local para nidificar e criar os filhotes^{687,970}.

População

Estimativas populacionais recentes demonstram tendência contínua de declínio^{642,685}, sendo o



tamanho populacional global estimado em 56.000 indivíduos⁶⁸⁴. Durante a estação não-reprodutiva, de 2001 a 2008, na América do Sul, grupos de 800 a 900 indivíduos foram observados na Ilha da Torotama no sul do Brasil⁶⁸⁵. Em fevereiro de 2003, um grupo de cerca de 2.000 indivíduos foi observado nas imediações do PARNA da Lagoa do Peixe⁴⁶. Esta área alberga consistentemente diversos indivíduos desta espécie⁴⁶. Outras áreas que também apresentam tal presença populacional incluem a Estância Medaland na Argentina⁶⁴¹ e áreas próximas a Laguna de Rocha no Uruguai^{292,685}.

Amostragens realizadas no inverno austral de 2002/2003 e 2004/2005, no sul do Brasil, registraram uma densidade populacional máxima de 15 ± 13 , 19 ± 7 e 16 ± 7 indivíduos/ha no PARNA da Lagoa do Peixe, Ilha da Torotama e ESEC do Taim, respectivamente⁴⁶. Este mesmo autor relata que estas densidades variam sazonalmente, aumentando de outubro a meados de dezembro. Outra tendência observada é a de que a ESEC do Taim apresentou poucas aves desta espécie em anos de baixa precipitação⁴⁶. Na Praia da Capilha, sua abundância máxima foi estimada em 21,6 indivíduos/km em dezembro⁴⁰⁸.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As ameaças para o maçarico-acanelado variam de acordo com seu ciclo anual de vida. Nos sítios reprodutivos, os ambientes têm sido degradados devido à produção de energia e mudanças climáticas⁹⁷. As mudanças climáticas parecem afetar os parâmetros demográficos gerais da espécie. O aumento no nível do mar ou maiores índices de pluviosidade podem contribuir com inundações nas áreas previamente utilizadas pela espécie. Contudo, os efeitos das mudanças climáticas ainda não são totalmente compreendidos⁶⁸⁴.

Efeitos reprodutivos negativos para o maçarico-acanelado podem ocorrer devido a falhas na sincronia entre a cronologia das atividades reprodutivas e a disponibilidade de alimento¹²⁷⁴.

Durante a migração, maçaricos-acanelados podem sofrer impacto devido às seguintes atividades: aerogeradores⁹⁷; conversão de campos naturais em vegetação mais alta; redução de campos naturais intactos disponíveis; conversão de campos nativos ou pastagens em monoculturas ou outras atividades humanas⁶⁸⁴. Também podem ser prejudicados pelo aumento da severidade de tempestades ao longo do Atlântico, impactando diretamente as taxas de sobrevivência de juvenis, que normalmente usam esta rota migratória costeira⁶⁸⁴.

A conversão de campos em agricultura pode levar a alterações na disponibilidade de presas, aumentando assim a predação sobre maçaricos-acanelados, além de aumentar a exposição a agrotóxicos.

Nas áreas de invernada, os maçaricos-acanelados são ameaçados pela conversão dos campos nativos para a agricultura, silvicultura, mineração, turismo, implementação de balneários e loteamentos. A introdução de gramíneas exóticas, muitas vezes com forte potencial invasor, também é outra ameaça. Ocorre ainda a aplicação concomitante de inseticidas e outros poluentes que podem afetar a espécie. Maçaricos-acanelados também são vulneráveis a mudanças nas técnicas de pastoreio adotada pelos fazendeiros, uma vez que podem resultar em pastagens com vegetação mais alta, não propícia a abrigar este animal⁶⁸⁴.

No Brasil, a retirada do gado de algumas áreas específicas do PARNA da Lagoa do Peixe é considerada uma ameaça à espécie, uma vez que o gado mantém o *habitat* com condições ideais para uso por *C. subruficollis* (B.J.M. Almeida, com. pess., 2012). Considera-se a existência de nove localizações dessa espécie no Brasil (conforme pontos de ocorrência na área de invernada), tendo como referencial a ameaça da retirada do gado da região (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves Limícolas Migratórias, que tem como objetivo geral ampliar e assegurar a proteção efetiva dos *habitat* críticos para as aves limícolas. Este PAN prevê a elaboração e implementação de um plano de manejo do gado na ESEC do Taim e no PARNA da Lagoa do Peixe, para beneficiar este táxon⁶³².



Necessárias

- a) compreender e documentar as rotas migratórias e áreas prioritárias para o maçarico-acanelado e outros aspectos da biologia e comportamento populacional da espécie usando geolocalizadores, marcadores moleculares e isótopos estáveis;
- b) proteger áreas-chave através da implementação das unidades de conservação onde a espécie ocorre e do desenvolvimento de parcerias, promovendo incentivos para a conservação para proprietários de terras privadas;
- c) realizar continuamente censos desta espécie em suas áreas de ocorrência no Brasil, a fim de detectar mudanças na distribuição e abundância relativa;
- d) conduzir e fortalecer estudos demográficos de longo prazo para a espécie em locais-chave;
- e) fortalecer mecanismos de cooperação e comunicação entre gestores e proprietários de terras, esclarecendo-os em relação aos requerimentos únicos de *habitat* para a espécie;
- f) compreender o impacto das mudanças climáticas no ambiente natural ocupado pela espécie e nas suas habilidades de migração;
- g) documentar e monitorar a presença de enfermidades nesta espécie;
- h) fornecer informações para empreendedores e gestores a fim de minimizar impactos de empreendimentos sobre a espécie;
- i) estabelecer um programa de monitoramento que aborde a compatibilidade da espécie com ambientes antropizados;
- j) investigar efeitos de contaminantes, conduzindo estudos ecotoxicológicos detalhados nos ambientes ocupados pela espécie;
- k) criar parceria para priorizar ações de manejo que poderão beneficiar a espécie;
- l) investigar o uso e impacto de diversos manejos de pastagem e intensidade de pastoreio pelo gado para o maçarico-acanelado;
- m) usar tecnologias de sensoriamento remoto para identificar *habitat* adequados e extrapolar densidades estimadas sobre estas áreas a fim de investigar localidades de uso secundário para a espécie em seu período não reprodutivo.

Presença em unidades de conservação

Amazonas: PARNA de Anavilhanas³⁵⁸;

Paraná: Parque Municipal do Iguçu¹²⁶⁰;

Santa Catarina: ESEC de Carijós¹²⁸⁹;

Rio Grande do Sul: ESEC do Taim⁴⁰⁸, PARNA da Lagoa do Peixe⁸⁴⁷.

Pesquisas

Existentes

Censos brasileiros associados à iniciativa da Alianza del Pastizal e o monitoramento contínuo de aves migratórias que vinha sendo realizado no PARNA da Lagoa do Peixe pelo CEMAVE e parceiros desde a década de 1980.

Necessárias

Identificação dos pontos intermediários de migração (*stopover sites*) utilizados em outras regiões do Brasil²⁹⁴.



Sterna dougallii Montagu, 1813

Pedro Cerqueira Lima

Ordem: Charadriiformes

Família: Sternidae

Nome comum: trinta-réis-róseo



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(iii)

Justificativa

Sterna dougallii é migrante em parte de sua distribuição, reproduzindo em pequenas áreas do Hemisfério Norte e migrando para o sul no inverno. É residente em ilhas oceânicas e pequenas porções do litoral norte da América do Sul, África, Arábia, Ásia e Oceania. A população brasileira provém principalmente da América do Norte, onde a espécie é considerada ameaçada. A área de invernada da subespécie que ocorre no Brasil é o litoral da Bahia, onde há bancos de areia, essenciais para o pernoite das aves que se alimentam a distâncias de até 20 milhas da costa. Esses bancos de areia possuem áreas pequenas (menos de 2.000 km² no total) e são poucos (menos de 10), configurando localizações, uma vez que estão ameaçados por eventuais acidentes em plataformas petrolíferas existentes nos três bancos de areia de maior importância para a espécie (Camamu, Cacha Pregó e Mangue Seco). Há declínio continuado de qualidade de *habitat* devido à ocupação humana na costa da Bahia, principalmente à expansão urbana e atividades turísticas. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Assim, *S. dougallii* foi avaliada como Vulnerável (VU) B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁷⁶	LC

Notas taxonômicas

Cinco subespécies são reconhecidas, sendo que apenas *S. d. dougallii* ocorre no Brasil⁵¹².

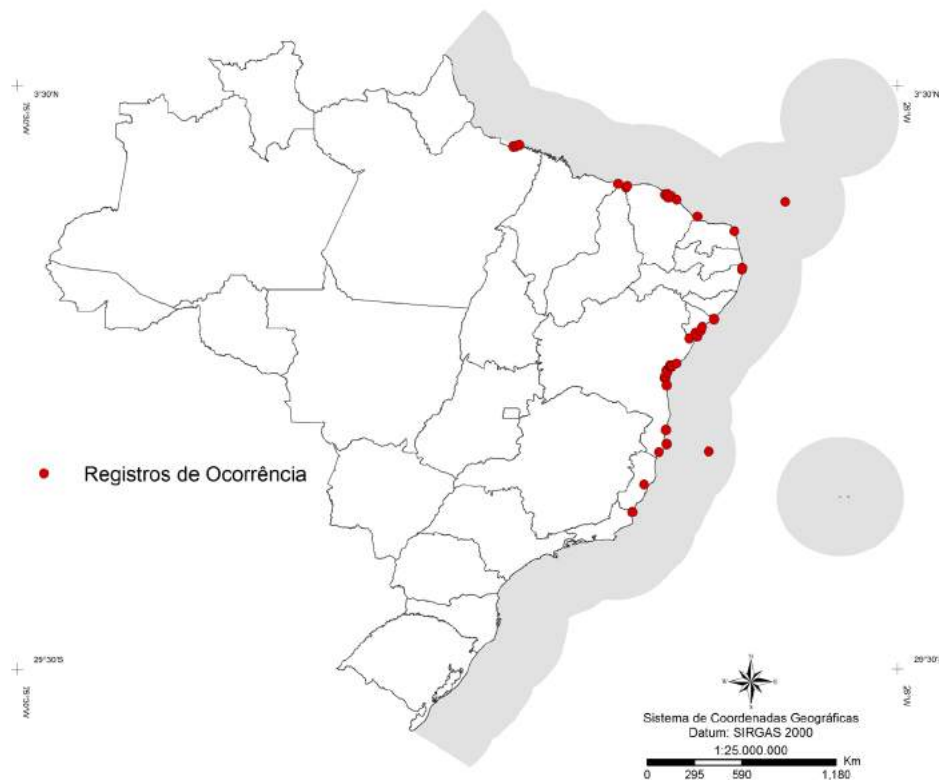
Distribuição geográfica

É migrante em parte de sua distribuição, reproduzindo em pequenas áreas do Hemisfério Norte (América do Norte e Central, Açores, Grã-Bretanha, Sri Lanka e ilhas do Pacífico Norte) e migrando para o sul no inverno. É residente em ilhas oceânicas e pequenas porções do litoral norte da América do Sul, África, Arábia, Ásia e Oceania. No Brasil, ocorre como visitante no litoral norte e nordeste⁵¹².



Sterna dougallii dougallii ocorre da Nova Scotia até Nova York e Flórida para o sul através do Golfo de Honduras e Índias ocidentais até ilhas da costa da Venezuela e também Açores, noroeste da Europa, leste e sul da África desde o sul da Somália até Tanzânia e no sul da Província do Cabo⁵²⁸. A população brasileira provém principalmente da América do Norte (oficina de avaliação), onde a espécie é considerada ameaçada⁴²⁴.

A área de invernada da subespécie que ocorre no Brasil é o litoral da Bahia^{728,747}, onde há bancos de areia utilizados pelas aves para pernoite, após deslocamentos para alimentação a distâncias de até 20 milhas da costa. Nenhum outro ponto do litoral brasileiro oferece condições adequadas a esse comportamento das aves, sendo utilizados apenas como pontos de passagem. Esses bancos de areia possuem áreas pequenas (menos de 2.000 km² no total) e são poucos (menos de 10), configurando localizações, uma vez que estão ameaçados por eventuais acidentes em plataformas petrolíferas, existentes nos três bancos de areia de maior importância para a espécie (Camamu, Cacha Pregó e Mangue Seco) (P. C. Lima, dados não publicados). Essas áreas são consideradas *Important Birds Areas* – IBA⁷⁴⁷.



História natural

Reproduz em ilhas arenosas, rochosas e com corais, geralmente com densa vegetação em áreas temperadas, ou em ilhas sem vegetação nos trópicos; raramente reproduz em marismas. Alimenta-se principalmente de pequenos peixes e, raramente, de insetos e invertebrados. Nidifica mais cedo que o habitual quando há grande disponibilidade de alimento. A produtividade geralmente é de 1-1,5 juvenil/ninho. Áreas de invernagem de populações americanas são pouco conhecidas; acredita-se que alguns indivíduos invernam na costa ao norte da América do Sul. Aves do nordeste dos Estados Unidos reúnem-se em grandes bandos após a reprodução entre os meses de agosto e setembro, deslocando-se para o norte para áreas ricas em peixes na costa do Maine, migrando então para o sul, via alto-mar⁵¹². Em Mangue Seco, houve recuperação de *S. dougallii* com 25,6 anos de idade⁵⁴⁹.

De 1995 a 2004, foram recuperados na costa da Bahia 268 exemplares de *S. dougallii* anilhadas na América do Norte e uma na Inglaterra. Duas aves anilhadas em Mangue Seco foram recuperadas no arquipélago de Açores, colônia de Portugal. As duas *S. dougallii* anilhadas na Bahia e recuperadas nos



Açores e uma ave anilhada na Inglaterra e recuperada no litoral baiano registram, pela primeira vez, o movimento leste/oeste da espécie, como já assinalado para outras espécies do gênero. Esses registros indicam ainda que populações de continentes diferentes estão se sobrepondo, em escala espacial e temporal, no uso de recursos para descanso, pernoite e alimentação durante o período de inverno setentrional na costa do nordeste brasileiro.

Estudos com radiotransmissores permitiram concluir que as populações de *S. dougallii* utilizam bancos de areia diferentes após o retorno da plataforma continental, onde buscam alimento. Próximo ao fim do dia, elas pernoitam no banco mais próximo do local de pesca.

População

Populações norte-americanas e europeias são muito reduzidas e consideradas em risco. A população global é estimada em cerca de 50.000 pares. Na América do Norte, a população declinou continuamente até meados de 1980, estabilizando atualmente em cerca de 3.000 pares⁵¹².

Tendência populacional: estável.

Ameaças

Coleta de ovos, principalmente no Caribe e no leste da África. No nordeste da América do Sul e no oeste da África, adultos em período de internagem são capturados com redes, anzóis e armadilhas para servir de alimento, causando declínio populacional⁵¹². Os bancos de areia utilizados pela espécie no Brasil são as principais áreas de interesse imobiliário para construção de casas de veraneio e para uso turístico⁷⁴⁷, gerando declínio continuado de *habitat*.

Há plataformas petrolíferas instaladas próximo aos três principais bancos de areia utilizados pela espécie no Brasil, havendo risco de contaminação por derramamento de óleo.

Ações de conservação

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação).

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: PARNA Marinho de Fernando de Noronha¹²⁸⁹, APA de Fernando de Noronha-Rocas-São Pedro e São Paulo⁵⁹¹;

Pernambuco/Paraíba: RESEX Acaú-Goiana (E. Souza, com. pess., 2014);

Bahia: RESEX Marinha do Corumbau⁷²⁸.

Pesquisas

Pedro Cerqueira Lima marca e recaptura *S. dougallii* no litoral da Bahia desde 1995 e vem estudando os hábitos alimentares e comportamentos desta espécie no litoral da Bahia. Através do uso de radiotransmissores, foi possível determinar com precisão os deslocamentos desta espécie nos diversos bancos de areias do litoral da Bahia.



Sterna hirundinacea Lesson, 1831

Márcio Amorim Efe

Ordem: Charadriiformes

Família: Sternidae

Nome comum: trinta-réis-de-bico-vermelho



Foto: Patrícia Pereira Serafini

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Sterna hirundinacea ocorre da costa do sul do Peru e sudeste do Brasil até Terra do Fogo, incluindo Ilhas Falkland. No inverno austral, estende sua distribuição até o norte do Equador e norte/nordeste do Brasil. No Brasil, reproduz em ilhas costeiras no Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo e Santa Catarina. Estima-se que a população reprodutiva brasileira esteja em torno de 2.000 indivíduos. Atualmente, a ocupação humana nas ilhas costeiras e a predação de ninhos por *Larus dominicanus*, espécie oportunista que se aproveita de muitas atividades antrópicas, são as principais ameaças. Na década de 80, houve grande pressão nas colônias reprodutivas do Espírito Santo devido à massiva coleta de ovos. Tendo em vista todas essas ameaças, infere-se que haja declínio populacional continuado, em três gerações, de no mínimo 10% da população. Assim, *S. hirundinacea* foi categorizada como Vulnerável (VU) C1.

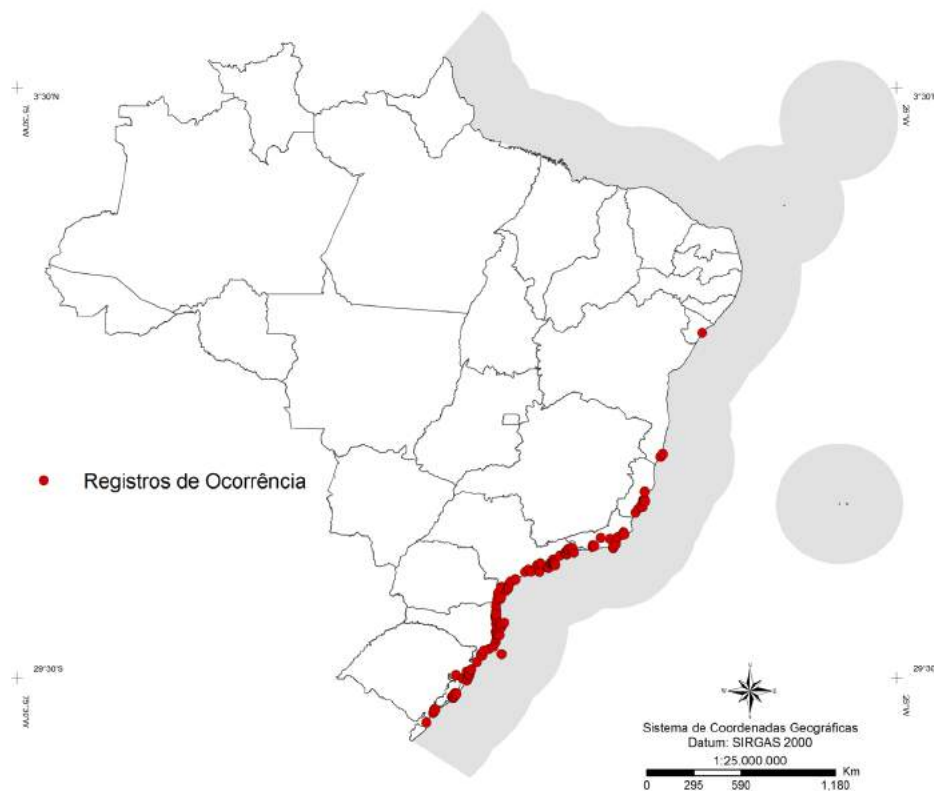
Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁶⁴	LC

Distribuição geográfica

Ocorre da costa do sul do Peru e do sudeste do Brasil (Espírito Santo), até a Terra do Fogo, incluindo as Ilhas Falkland. No inverno austral, estende sua distribuição até o norte do Equador e nordeste do Brasil⁵¹².

Registro de áreas de nidificação da espécie nas Ilhas Itacolomis, Deserta, Moleques do Sul e dos Cardos, em Santa Catarina²⁹⁸, na Laje de Santos e Ilha Comprida em São Paulo, e na Baía de Guanabara, Rio das Ostras e Macaé, no Rio de Janeiro³⁶⁸. Há nidificação também em ilhas do Espírito Santo, onde já foi registrada a maior colônia no Brasil (oficina de avaliação).



História natural

É quase que exclusivamente costeira. Reproduz em praias arenosas ou rochosas, topos de falésias e em pequenas ilhas. Indivíduos não-reprodutivos frequentam regiões costeiras, praias, estuários e portos. Alimenta-se de pequenos peixes, crustáceos e, provavelmente, de insetos. Geralmente seguem botos e pescadores. Coloca seus ovos entre os meses de abril e junho (Espírito Santo e Santa Catarina). Durante o inverno austral, dispersa para o norte até o sul do Equador na costa do Pacífico e, até o nordeste do Brasil, pela costa Atlântica⁵¹². O tempo geracional da espécie é calculado em 11 anos²⁵⁸.

Na costa brasileira, *S. hirundinacea* geralmente nidifica em simpatria com o *T. acuflavidus*⁴²⁷, utilizando-se, geralmente, das bordas das colônias mistas, estando mais suscetível ao ataque de *Larus dominicanus*. O sucesso reprodutivo nas menores colônias do litoral catarinense foi estimado entre 65,4 e 66,1 e nas maiores colônias entre 1,3 e 34,1%²⁹⁸. Hogan *et al.*⁵⁶⁶ observaram sucesso de eclosão de 23% e a maior parte das perdas foi atribuída à predação por *Larus dominicanus* na população da Ilha Deserta (Santa Catarina). O sucesso de criação foi de 28% e a maior parte das perdas ocorreu na primeira semana de vida dos filhotes e foi provocada provavelmente por inanição. O sucesso reprodutivo total foi de 6%.

População

Hogan *et al.*⁵⁶⁶ registraram uma colônia de *S. hirundinacea*, na Ilha Deserta, em Santa Catarina, com ao menos 163 casais, na estação reprodutiva de 2006. Aparentemente, o número de casais reprodutores diminuiu desde 1999, quando foram estimados em 500 pares. Além disso, de 1999-2002 todos os pares fracassaram em sua tentativa de reprodução, devido à predação por *Larus dominicanus*²⁹⁸.

Na Ilha Itacolomis, em Santa Catarina, *S. hirundinacea* nidifica regularmente. Entre 1996 e 2002, a população permaneceu estável entre 250 e 280 casais²⁹⁹. Na Ilha de Moleques do Sul, foram registrados 1.200 casais²⁹⁹. Em 2001, foi encontrada uma colônia de reprodução na Ilha dos Cardos, com aproximadamente 230 casais. Em 2002, foram registrados 268 pares²⁹⁸.

No PE Marinho de Laje de Santos foram estimados, em 2005, 118 indivíduos adultos, com base no número máximo de ninhos ativos (59) conforme Campos *et al.*³³⁰.



Em Ilha Comprida, São Paulo, *S. hirundinacea* ocorre em número reduzido e sua presença pode estar relacionada com a utilização da área para descanso, alimentação e, possivelmente, reprodução⁸⁸.

Foi a espécie com maior número de pares reprodutivos nas Ilhas Itatiaia (Espírito Santo), na estação reprodutiva de 1994, com 490 ninhos⁴²⁷. Na ilha onde existe a Base de Apoio do Projeto Andorinhas do Mar, 58 ninhos foram marcados e acompanhados diariamente: 93 ovos foram postos e 40 chegaram a eclodir, o que representou um sucesso de 43%⁴²⁷.

Faria *et al.*⁴⁵⁰ demonstraram que as populações do Atlântico não são completamente panmíticas, visto que foi detectada uma baixa, mas significativa, diferenciação genética entre as populações da Patagônia e algumas colônias brasileiras. As estimativas de taxas de migração recente e em longo prazo sugerem um fluxo gênico unidirecional de colônias brasileiras para a Patagônia, alto o suficiente para evitar o isolamento genético⁴⁵⁰.

Estima-se que a população reprodutiva brasileira esteja em torno de 2.000 indivíduos e que, devido às ameaças existentes, tenha havido um declínio populacional de mais de 10% no período de 1981 a 2014 (três gerações). Considerando que as ameaças só têm aumentado nas ilhas onde a espécie se reproduz, este declínio deve se manter no futuro (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

São sensíveis a qualquer tipo de distúrbio, sendo frequente o abandono de áreas de nidificação por alguns casais ou toda a colônia²⁹⁹. Nas colônias reprodutivas do Espírito Santo, há predação por *Coragyps atratus*, *Caracara plancus* e *Stercorarius parasiticus*⁴²⁷. No entanto, a maior causa de mortalidade nessas colônias foram as frequentes tempestades⁴²⁷.

Atualmente, a ocupação humana nas ilhas costeiras e a predação de ninhos por *Larus dominicanus*, espécie oportunista que se aproveita de muitas atividades antrópicas, são as principais ameaças. Na década de 1980, houve grande pressão nas colônias do Espírito Santo devido à massiva coleta de ovos. Após a instalação do Projeto Andorinhas do Mar pela organização não-governamental Associação Vila-velhense de Proteção Ambiental (AVIDEPA), a coleta cessou (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação).

A AVIDEPA, através do Projeto Andorinhas do Mar, é a principal responsável pela conservação da espécie no Brasil, atuando nas ilhas utilizadas para reprodução no Espírito Santo.

Necessárias

O Parque Estadual da Laje de Santos e a REBIO do Arvoredo são áreas protegidas mas não contem nenhuma ação específica para a conservação da espécie. As outras ilhas do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina não são protegidas. Ações de controle do lixo urbano e descarte de pescados de forma apropriada, nas cidades e vilas litorâneas são necessárias para evitar a explosão populacional do *Larus dominicanus*.

Presença em unidades de conservação

Rio de Janeiro: PARNA da Restinga de Jurubatiba⁶⁰²;

Rio de Janeiro/São Paulo: APA de Cairuçu⁵⁹⁰;

São Paulo: PE Restinga de Bertiooga¹²⁸⁹, PE Marinho da Laje de Santos (M.A. Efe, com. pess., 2018) APA Cananeia-Iguape-Peruíbe⁸⁹;

Paraná: PE da Ilha do Mel¹²⁸⁹;

Santa Catarina: ESEC de Carijós⁵⁸⁵, Parque Natural Municipal das Dunas na Lagoa da Conceição¹²⁸⁹, REBIO Marinha do Arvoredo²⁹⁹, APA da Baleia Franca²⁹⁸;



Rio Grande do Sul: PARNA da Lagoa do Peixe^{543,1289}.

Pesquisas

Existentes

A espécie é foco de monitoramento realizado pela AVIDEPA e parceiros no Espírito Santo.

Necessárias

Realizar censos contínuos em suas áreas de ocorrência no Brasil, a fim de detectar mudanças na distribuição e abundância; conduzir e fortalecer estudos demográficos de longo prazo nas maiores colônias; documentar e monitorar o impacto de *Larus dominicanus* no sucesso reprodutivo da espécie.

***Thalasseus maximus* (Boddaert, 1783)**

Márcio Amorim Efe, Patrícia Pereira Serafini

Ordem: Charadriiformes

Família: Sternidae

Nome comum: trinta-réis-real



Foto: Vítor Q. Piacentini

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Thalasseus maximus ocorre do sul da Califórnia até Sinaloa, de Maryland até o Texas e, através das Índias Ocidentais até as Guianas e Brasil. As populações reprodutivas americanas são disjuntas, sendo uma em Yucatán, uma no sudeste do Brasil e uma na Patagônia. Inverna na América Central e do Sul. No Brasil, reproduz em seis ilhas costeiras de São Paulo, sendo considerada uma única subpopulação. Estima-se que a população reprodutiva brasileira seja menor que 800 indivíduos. Atualmente, a ocupação humana nas ilhas costeiras e a predação de ninhos por *Larus dominicanus*, espécie oportunista que se aproveita de muitas atividades antrópicas, são as principais ameaças. Dessa forma, *T. maximus* foi categorizada como Em Perigo (EN) C2a(i).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,815}	VU D1+2
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,441,443,444}	Pará: VU São Paulo: Ameaçada Santa Catarina: VU Rio Grande do Sul: EN
Avaliação global ⁸¹⁵	LC

Outros nomes aplicados ao táxon

Sterna maxima Boddaert, 1783; *Sterna galericulata* Lichtenstein, 1823; *Sterna erythrorhynchus* Wied, 1833.

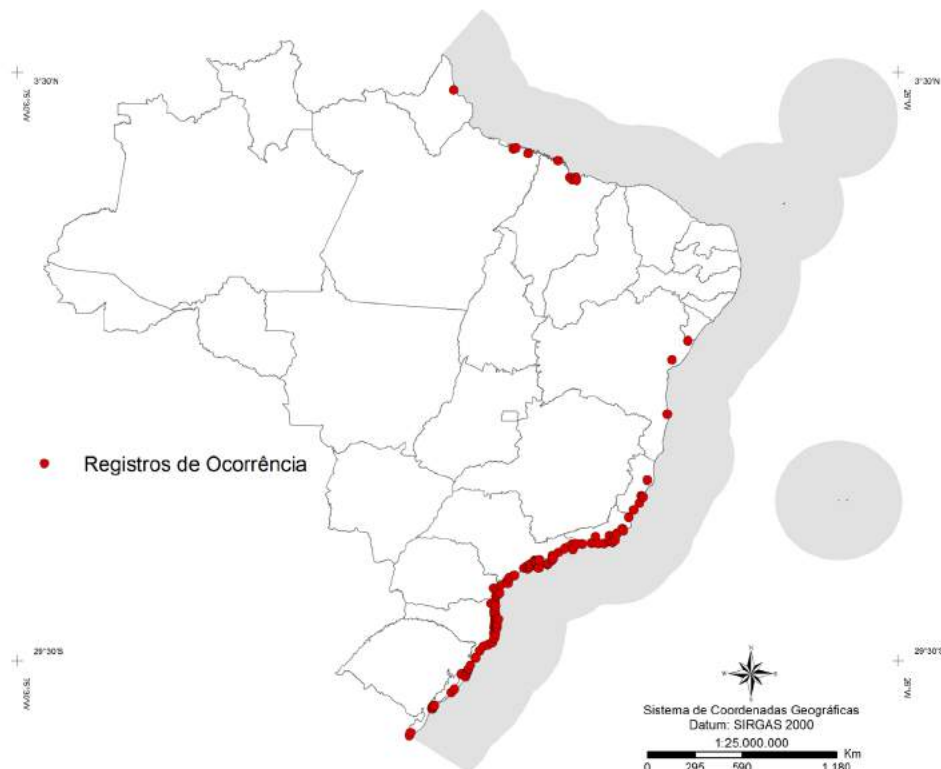
Notas taxonômicas

Dois subespécies são reconhecidas, sendo que apenas *T. m. maximus* ocorre no Brasil⁵¹².

Distribuição geográfica

Ocorre do sul da Califórnia até Sinaloa, de Maryland até o Texas e, através das Índias Ocidentais até as Guianas e Brasil; populações reprodutivas americanas ocorrem de forma disjunta em Yucatán, no sudeste do Brasil⁵¹² e na Patagônia; inverte na América Central e do Sul (oficina de avaliação). No Brasil, ocorre principalmente no litoral sul e sudeste, mas também no norte e na Bahia¹²⁸⁹.

Barbieri & Mendonça⁸⁸ observaram que a espécie esteve presente na Ilha Comprida, São Paulo, durante todos os meses, entre 1999 e 2001, com algumas aves nidificando localmente e co-ocorrendo com os migrantes do sul da América do Sul. Atualmente, no Brasil, nidifica apenas no litoral de São Paulo³³⁰, em seis ilhas costeiras, sendo considerada uma única subpopulação (oficina de avaliação).





História natural

Habita as regiões costeiras tropicais e subtropicais. Reproduz em barreiras arenosas de praias sem vegetação, ilhas com marismas, barreiras de conchas, áreas com areia de dragagens e ilhas; evita vegetação. Pode nidificar junto a colônias de outras aves da Família Sternidae. Alimenta-se em praias, estuários, lagoas e manguezais. Fora da estação reprodutiva, frequenta regiões costeiras, estuários, áreas portuárias e foz de rios. Sua alimentação é composta principalmente por pequenos peixes, lulas, camarões e caranguejos. Forrageia principalmente até 100 m da costa, mas alimenta-se até 40 km de distância da colônia. Primeira reprodução ocorre aos 3 ou 4 anos de idade⁵¹². Maior longevidade registrada foi de 17 anos, porém certamente está subestimada. Após a reprodução na América do Norte, dispersa para o norte antes de migrar para o sul⁵¹². A reprodução ocorre no inverno-primavera, garantindo o isolamento reprodutivo de outras populações sul-americanas⁷⁴⁷.

População

A população global encontra-se em declínio em diversas áreas⁵¹². O Brasil recebe indivíduos do sul dos EUA e Caribe que atingem a costa norte e, talvez, nordeste do Brasil, no verão austral. Indivíduos oriundos da Patagônia chegam ao sul do Brasil durante o inverno austral. Estudos mostraram baixa diversidade genética e indicaram que as aves brasileiras são distintas de outras populações neotropicais⁷⁴⁷.

Nem todas as colônias da costa paulista são ocupadas simultaneamente, o que faz com que o número da população total brasileira de mais de 800 aves⁷⁴⁷ esteja superestimado, podendo ser de apenas metade desse número⁷⁴⁷. Considera-se, assim, que a população reprodutiva brasileira seja menor que 800 indivíduos (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A maioria das ilhotas onde a espécie se reproduz é visitada por pescadores que perturbam as aves; há também predação por *Larus dominicanus*. Apenas uma ilhota (PE da Laje de Santos) é protegida de tal perturbação. Outras duas ilhotas ocupadas pela espécie localizam-se próximo a Alcatrazes, área historicamente utilizada como alvo pela Marinha do Brasil, prática ruidosa que perturba as aves⁷⁴⁷.

A explosão populacional de *Larus dominicanus*, espécie oportunista que se aproveita de muitas atividades antrópicas, aumenta o nível de predação de ninhos (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Ameaçadas e de Importância Socioeconômica do Ecossistema Manguezal^{629a} e no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Marinhas (ICMBio, em preparação).

Presença em unidades de conservação

Maranhão: APA das Reentrâncias Maranhenses (A.A.F. Rodrigues, com. pess., 2018);

Rio de Janeiro: ESEC da Guanabara¹²⁸⁹;

São Paulo: ESEC Tupiniquins⁶⁰⁵, PE do Itinguçu¹²⁸⁹, PE Xixová-Japuí¹²⁸⁹, PE Restinga de Bertioiga¹²⁸⁹, APA Cananeia-Iguape-Peruíbe⁸⁹;

Paraná: APA de Guaraqueçaba¹²⁹⁰;

Santa Catarina: ESEC de Carijós^{426,1273}, REBIO Marinha do Arvoredo^{837,1273}, RESEX Pirajubá¹²⁸⁹;

Rio Grande do Sul: PARNA da Lagoa do Peixe¹²⁸⁹.

Pesquisas

Necessárias

Realizar censos contínuos nas áreas de ocorrência no Brasil, a fim de detectar mudanças na distribuição



e abundância; conduzir e fortalecer estudos demográficos de longo prazo para a espécie nas colônias de São Paulo; documentar e monitorar o impacto de *Larus dominicanus* no sucesso reprodutivo da espécie.

Columbina cyanopsis (Pelzeln, 1870)

Fernanda Pinto Marques, Andressa Bárbara Scabin & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Columbiformes

Família: Columbidae



Nome comum: rolinha-do-planalto



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) D

Justificativa

Columbina cyanopsis ocorria originalmente em poucas localidades do centro-oeste do Brasil. Não houve registros documentados da espécie de 1940 a 2015, quando uma pequena população foi encontrada em Minas Gerais. Ainda existem áreas de ocorrência potencial a serem pesquisadas, mas mesmo que outras populações relictuais sejam encontradas, certamente contarão com poucos indivíduos, somando menos que 50, no total. Assim, *C. cyanopsis* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) pelo critério D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{544,814}	CR C2a(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴¹	São Paulo: Ameaçada
Avaliação global ²⁷⁷	CR C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Peristera cyanopsis Pelzeln, 1870; *Oxytelia cyanopsis* (Pelzeln, 1870).

Distribuição geográfica

Distribui-se em poucas localidades do centro-oeste do Brasil⁸⁵. Em São Paulo, há um único registro histórico de um exemplar coletado em Itapura, em outubro de 1904¹¹⁶⁴. Cinco exemplares foram coletados em Cuiabá, Mato Grosso, entre 1823 e 1825. Mais de 100 anos depois, a espécie foi coletada em Goiás, na fazenda Transvaal, próxima a Rio Verde (1940 e 1941).

Houve registros não documentados na década de 1980, em Mato Grosso: um em Cuiabá e outro nos limites da ESEC Serra das Araras (observados em duas ocasiões, aos pares). Na década de 1990,



houve uma observação em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, sendo este registro duvidoso (oficina de avaliação). Em todas essas ocasiões, não houve evidências além do testemunho dos pesquisadores⁵⁴⁴. Não houve registros documentados de 1940 a 2015, quando uma pequena população foi encontrada em Minas Gerais^{49a}. Como esse novo registro foi posterior a avaliação da espécie, não foi aqui utilizado.



História natural

Habita savanas abertas e campos com gramíneas, no Cerrado. Registrada acima de 800 m de altitude. Supõe-se que viva principalmente no solo, alimentando-se, supostamente, de sementes⁸⁵.

População

É considerada extremamente rara e pouco conhecida. Está possivelmente próxima à extinção⁸⁵ e extinta nos estados de Goiás e São Paulo⁶³⁷. Até 2015, era conhecida apenas por oito exemplares coletados em diferentes pontos da sua distribuição e por duas observações feitas há mais de uma década no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul. A ausência de registros recentes e confiáveis em inúmeras áreas de distribuição potencial bem amostradas sugere que a espécie possa estar sobrevivendo apenas com populações muito pequenas¹¹⁶⁴.

Em 2000, a Conservação Internacional realizou a expedição AquaRAP, nas regiões do rio Sepotuba, amostrando, inclusive, o entorno da ESEC Serra das Araras, mas a espécie não foi observada. O PARNA das Emas, em Goiás (área de ocorrência potencial) também já foi inventariado e nada foi encontrado. No entanto, áreas com Cerrado mais fechado e afloramentos são de difícil acesso dentro do Parque e devem ser investigadas mais minuciosamente, em altitudes mais baixas⁵⁴⁴. Em 2011, foram realizadas duas viagens de campo para a ESEC Serra das Araras, a fim de tentar documentar a ocorrência de *C. cyanopsis*, entretanto, nenhum espécime foi observado¹²⁵³.

Apesar da espécie ter sido procurada em certas localidades, ainda há algumas áreas dentro de sua distribuição histórica a serem pesquisadas. Considera-se que, caso existam outras populações relictuais em área mal amostrada, estas certamente serão pequenas, contando com poucos indivíduos (menos de 50 no total) (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.



Ameaças

Não se conhecem exatamente as reais ameaças à espécie; por ser uma espécie de ampla distribuição, seria esperado que algumas populações ainda sobrevivessem nos remanescentes de Cerrado de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul¹¹⁶⁴. Contudo, as regiões onde houve coleta dessa espécie estão entre as áreas de Cerrado mais degradadas do bioma⁵⁴⁴.

Ações de conservação

Existentes

Columbina cyanopsis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal, havendo previsão de expedições de busca específicas para este táxon⁶³¹.

Presença em unidades de conservação

Há um registro não comprovado para o entorno da ESEC Serra das Araras, mas não há confirmação da ocorrência da espécie dentro desta unidade de conservação, apesar dos esforços de busca.

Pesquisas

Monitoramento da população descoberta em 2015 e novas investigações na região, em busca de outros registros. Como existe dúvida sobre a municipalidade da fazenda Transvaal, onde a espécie foi coletada no início do século passado, municípios como Paranaiguara, Cachoeira Alta e Serranópolis devem ser amostrados como áreas de potencial ocorrência da espécie.

Claravis geoffroyi (Temminck, 1811)

Danielle Custódio Leal, Fernanda Pinto Marques & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Columbiformes

Família: Columbidae

Nome comum: pararu-espelho



Ilustração: Cristiano M. S. Nascimento

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo, Possivelmente Extinta (CR-PEX) D

Justificativa

Claravis geoffroyi ocorre no leste do Paraguai, nordeste da Argentina, Uruguai e sul e sudeste do Brasil. Os últimos registros confirmados na natureza são da década de 80. A vocalização não é conhecida e sua distribuição é bastante ampla, o que impossibilita dar como certa sua extinção neste momento. Entretanto, as áreas de ocorrência histórica são muito bem amostradas, a espécie é de médio porte, encontrada com facilidade anteriormente e vem sendo intensamente procurada por ornitólogos



e observadores de aves há 20 anos, sem qualquer sucesso. Assim, acredita-se que, caso ainda exista, a população da espécie será bem pequena (menos de 50 indivíduos maduros). A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Dessa forma, *C. geoffroyi* foi avaliada como Criticamente em Perigo, Possivelmente Extinta (CR-PEX), pelo critério D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1212}	CR* C2a(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,439,441,442}	Espírito Santo*: CR Minas Gerais*: CR Rio de Janeiro*: EN São Paulo: Ameaçada Paraná*: CR Santa Catarina*: CR
Avaliação global ¹⁶⁵	CR C2a(i)

*Avaliada como *Claravis godefrida*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Columba godefrida Temminck, 1811; *Claravis godefrida* (Temminck, 1811); *Chamaepelia miantoptera* Bertoni, 1901; *Peristera geoffroyi* Salvadori, 1893.

Distribuição geográfica

Ocorre no leste do Paraguai, nordeste da Argentina, Uruguai e sul e sudeste do Brasil, do sul da Bahia até Santa Catarina⁵²⁸. Um exemplar foi coletado dentro do campus da Universidade de São Paulo no período de intensa criação desta espécie em cativeiro (1980 até início da década de 90), podendo ser resultado de escape¹¹⁶⁵. Entretanto, a distribuição atual é quase desconhecida, uma vez que registros recentes são raríssimos e pouco documentados¹²¹², como se nota pela ausência da espécie nos registros do WikiAves¹²⁸⁹. Os últimos registros confirmados na natureza são da década de 80, embora haja rumores





de encontros com a espécie, não há documentação que a comprove (oficina de avaliação).

História natural

Ocupa bambuzais (*Guadua angustifolia*, *Chusquea ramosissima*) em florestas densas ou bordas de mata, aparecendo durante as florações. Parece preferir terrenos montanhosos, chegando a ocorrer a pelo menos 1.400 m de altitude⁸⁵. Ocorre invariavelmente em locais de grande declividade¹²¹². Forrageia no solo; alimenta-se de sementes de bambu e de gramíneas e frutos diversos⁸⁵; há registro de consumo de frutos de criciúma, taquaruçu¹²¹⁵ e caruru¹¹⁶⁵. Fora do período reprodutivo, pequenos bandos migram para locais de frutificação massiva de bambu⁸⁵. Parece ser dependente de floresta com bambu¹²¹².

Segundo informações históricas, a espécie vive em pequenos grupos, à exceção do período reprodutivo, quando se isola em casais, buscando por arbustos densos, onde põe seus ovos¹²¹².

População

Antigamente, era comum na costa sudeste do Brasil, podendo-se avistar bandos de 50 a 100 indivíduos e sendo espécie comum nas feiras de animais silvestres no final do século XIX⁸⁵. Acredita-se que tenha desaparecido na maior parte de sua distribuição¹²¹².

A vocalização da espécie não é conhecida e sua distribuição é bastante ampla, o que coloca uma dúvida razoável sobre a real extinção da espécie. Entretanto, as áreas de ocorrência histórica são muito bem amostradas, inclusive com uso de redes de neblina, tipo de armadilha adequada à captura da espécie. Por ser uma ave de médio porte, encontrada com facilidade anteriormente e por estar sendo intensamente procurada por ornitólogos e observadores de aves há 20 anos, sem qualquer sucesso, acredita-se que, caso ainda exista, a população da espécie será bem pequena (menos de 50 indivíduos maduros) (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida (possivelmente extinta).

Ameaças

Dentre as ameaças à espécie está a perda de *habitat*, especialmente das áreas com concentração de bambu¹²¹², mas não se sabe ao certo quais motivos levaram à diminuição drástica e irrestrita desta espécie, uma vez que mesmo em ambientes intactos a espécie não tem sido registrada. A destruição de importantes manchas de *habitat* adequado pode ter sido especialmente relevante caso houvesse concentração de indivíduos em certos locais nos períodos migratórios¹¹⁶⁵. Além disso, a fragmentação das florestas pode interferir nos ciclos de floração dos bambus, afetando a espécie⁷⁷⁵.

Ações de conservação

Existentes

A espécie está contemplada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Manutenção, fiscalização e estabelecimento de unidades de conservação em pontos conhecidos de ocorrência da espécie; viabilização da conexão entre essas áreas protegidas¹²¹²; avaliação da possibilidade de criação da espécie em cativeiro para posterior reintrodução¹¹⁶⁵, embora não se conheçam indivíduos cativos¹²¹².

Presença em unidades de conservação

Espírito Santo: REBIO Augusto Ruschi¹²¹², REBIO Santa Teresa¹²¹²;

Minas Gerais/Espírito Santo: PARNA do Caparaó⁶⁰¹;

Minas Gerais/Rio de Janeiro: PARNA Itatiaia¹²¹²;

Rio de Janeiro: PARNA da Serra dos Órgãos¹²¹², REBIO de Poço das Antas⁹⁰⁸, APA da Região Serrana



de Petrópolis⁵⁹⁷;

São Paulo: PE da Cantareira¹¹⁶⁵, PE da Serra do Mar¹²¹², PE Intermontes¹¹⁶⁵, PARNA da Serra da Bocaina⁵⁸², REBIO de Boraceia¹²¹², REBIO do Alto da Serra de Paranapiacaba (F. Schunk, com. pess., 2018)

Paraná: PARNA do Iguaçu¹¹⁷, APA Guaraqueçaba¹²¹², APA de Guaratuba¹²¹², Floresta Estadual do Palmito¹²¹².

Pesquisas

Necessárias

Busca de populações em áreas de ocorrência confirmadas e potencial. Caso sejam encontradas populações remanescentes, os seguintes estudos devem ser executados: biologia básica da espécie, a fim de diagnosticar mais detalhadamente as ameaças que incidem sobre as suas populações e as medidas necessárias à sua conservação¹²¹⁵ e a relação da presença da espécie com sazonalidade ou épocas de frutificação do bambu¹²¹².

Neomorphus geoffroyi (Temminck, 1820)

Danielle Custódio Leal, Fernanda Pinto Marques & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Cuculiformes

Família: Cuculidae

Nome comum: jacu-estalo



Ilustração: Cristiano M. S. Nascimento

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4c

Justificativa

Neomorphus geoffroyi ocorre desde a Nicarágua, Costa Rica e Panamá à Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Brasil. É uma espécie naturalmente rara. As subespécies que ocorrem no Brasil foram avaliadas como ameaçadas. A maior parte da população da espécie ocorre na Amazônia, sendo a subespécie desse bioma considerada Vulnerável devido à perda de *habitat* (estima-se que uma perda de 17% do *habitat* entre 2002 e 2014, levando a uma perda populacional superior a 30%). Considerando que as demais subespécies representam uma pequena parte da população e encontram-se em estado mais crítico que a subpopulação amazônica, com perdas populacionais superiores e até mesmo extinções locais, considera-se que o estado de conservação de *N. g. amazonicus* reflete aquele da espécie como um todo no Brasil. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Por esses motivos, *N. geoffroyi* foi avaliada como Vulnerável (VU) A4c.



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,442}	Espírito Santo: CR Minas Gerais: CR Rio de Janeiro: Provavelmente Extinta
Avaliação global ²⁷⁸	VU A4cd

Outros nomes aplicados ao táxon

Coccyzus geoffroyi Temminck, 1820.

Notas taxonômicas

A variação em caracteres de plumagem entre as várias subespécies de *N. geoffroyi* é bastante significativa, o que pode indicar a existência de mais de uma espécie plena no complexo⁹⁷³. Segundo Payne⁹²², sete subespécies são reconhecidas, mas este autor incluía *N. squamiger* como subespécie de *N. geoffroyi*. Grantsau⁵²⁸ reconhece ao menos três subespécies com ocorrência no Brasil (*N. g. geoffroyi*, *N. g. maximiliani* e *N. g. dulcis*), mas considera *N. g. amazonicus* como sinonímia de *N. g. geoffroyi*.

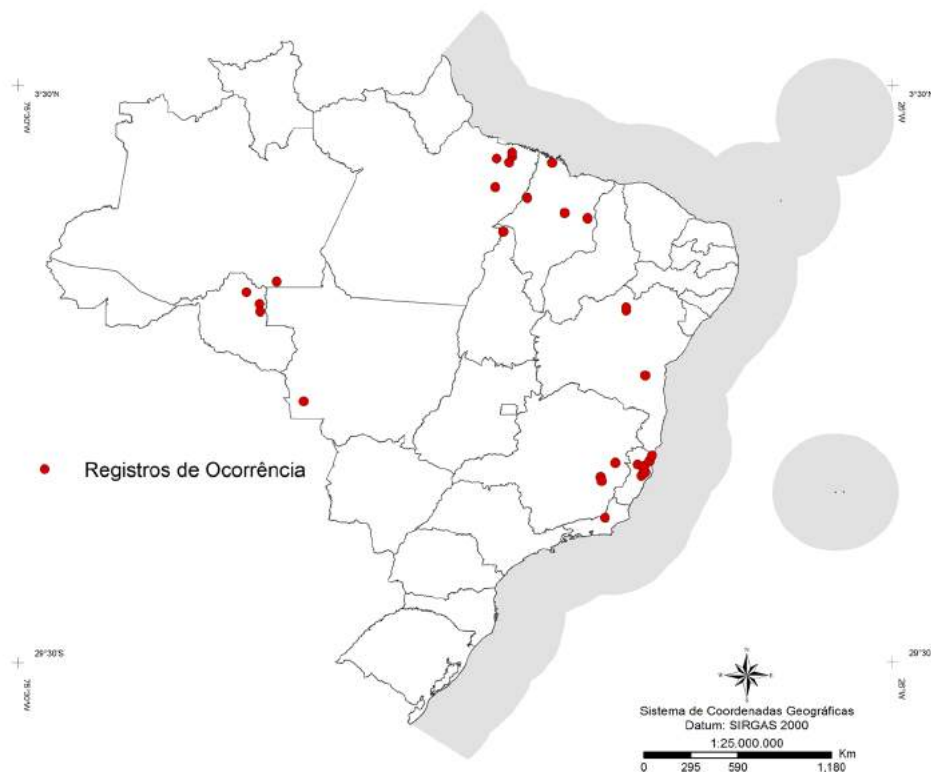
Distribuição geográfica

A espécie ocorre desde a Nicarágua, Costa Rica e Panamá à Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Brasil. Neste país, as subespécies distribuem-se da seguinte forma (oficina de avaliação):

N. g. amazonicus - ocorre na Amazônia do Peru, Bolívia e norte do Brasil, a sul do rio Amazonas;

N. g. geoffroyi - ocorre no leste do Brasil, com registro apenas para a Bahia;

N. g. dulcis - endêmico do sudeste do Brasil, ocorrendo no Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.



História natural

Apesar de ser essencialmente terrícola, empoleira regularmente para descansar, arrumar a plumagem e dormir¹⁰⁹⁵. Alimenta-se de grandes insetos, escorpiões, centopeias, aranhas, pequenos sapos,



lagartos e ocasionalmente sementes e frutos⁹²². Interage com formigas de correição e procura também aglomerações de formigas-de-fogo (*Solenopsis*). Inspeciona montes de galhos secos, buracos de tatus e cupinzeiros terrestres ociosos¹⁰⁹⁵. É dependente de ambientes florestais requerendo amplas áreas intactas para sobreviver⁹²².

População

A espécie é considerada rara¹²⁰⁵. Para a subespécie *N. g. dulcis* acredita-se que não existam mais de 250 indivíduos maduros. Já para *N. g. geoffroyi* não há registros recentes, estando o táxon possivelmente extinto. *Neomorphus g. amazonicus* é naturalmente rara, com poucos registros em regiões exaustivamente monitoradas por ornitólogos. Sua distribuição, apesar de muito ampla, se sobrepõe a áreas de desmatamento e a áreas que estão sofrendo outras pressões antrópicas, de modo que o táxon perdeu pelo menos 30% de sua área de ocupação original (A.C. Lees, com. pess., 2013). Modelagens estimam que entre os anos de 2002 e 2014 (três gerações) o táxon perderá cerca de 17% de seu *habitat*¹³⁷.

Tendo em vista que o táxon é dependente de floresta de terra firme primária, não tolerando nenhum tipo de modificação em seu *habitat*, acredita-se que o declínio populacional seja maior que 30% no período de três gerações, abrangendo passado e futuro (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça à espécie é a perda de *habitat*, considerando sua raridade e sensibilidade quanto a qualquer alteração ambiental (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

As subespécies de *Neomorphus geoffroyi* estão contempladas no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰ (*N. g. geoffroyi*), PAN das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ (*N. g. geoffroyi* e *N. g. dulcis*) e PAN das Aves da Amazônia⁶²⁸ (*N. g. amazonicus*).

Presença em unidades de conservação

Espírito Santo: PE do Rio Doce¹¹³³, REBIO de Sooretama¹¹³³.

Neomorphus geoffroyi geoffroyi (Temminck, 1820)

Suylane Barbalho de Lima Silva, Fernanda Pinto Marques & Danielle Custódio Leal

Ordem: Cuculiformes

Família: Cuculidae

Nome comum: jacu-estalo





Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo, Possivelmente Extinta (CR-PEX) D

Justificativa

Neomorphus geoffroyi geoffroyi ocorria originalmente na Bahia, mas aparentemente não há registros recentes para esta subespécie. É possível que exemplares registrados na região do Boqueirão da Onça, na Bahia, pertençam a este táxon, mas essa hipótese requer confirmação. De toda forma, a população desta subespécie é certamente menor que 50 indivíduos maduros, sendo, portanto, categorizada como Criticamente em Perigo, Possivelmente Extinta (CR-PEX) D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Coccyzus geoffroyi Temminck, 1820.

Notas taxonômicas

Grantsau⁵²⁸ considera *N. g. amazonicus* como sinônimo de *N. g. geoffroyi*.

Distribuição geográfica

É endêmico do leste do Brasil e ocorria originalmente na Bahia, mas aparentemente não há registros recentes desta subespécie. É possível que exemplares registrados na região do Boqueirão da Onça¹⁰⁴⁹ pertençam a este táxon, mas essa hipótese requer confirmação (oficina de avaliação).





História natural

Apesar de ser essencialmente terrícola, empoleira regularmente para descansar, arrumar a plumagem e dormir¹⁰⁹⁵. Alimenta-se de grandes insetos, escorpiões, centopeias, aranhas, pequenos sapos, lagartos e ocasionalmente sementes e frutos⁹²². É dependente de ambientes florestais requerendo amplas áreas intactas para sobreviver⁹²².

População

A área de distribuição original do táxon é bastante amostrada por ornitólogos, mas não há registros atuais. Mesmo considerando que a espécie apresenta hábitos muito discretos, seria esperado um maior número de registros. Assim, estima-se que a população desta subespécie seja menor que 50 indivíduos maduros, havendo a possibilidade de estar extinta. O único registro recente de *N. geoffroyi* próximo à área de distribuição de *N. g. geoffroyi*¹⁰⁴⁹ é duvidoso quanto à identidade da subespécie (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida (possivelmente extinta).

Ameaças

É provável que o desmatamento e as alterações ambientais tenham sido responsáveis pela quase extinção deste táxon. Na região do Boqueirão da Onça, onde foram realizados os últimos registros da espécie na Bahia (sem confirmação da subespécie) existem vários projetos de mineração e implantação de parques eólicos, que representam novas ameaças à espécie¹⁰⁴⁹. Não há registro de caça como uma ameaça significativa para a espécie (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

O táxon está contemplado nos Planos de Ação Nacionais para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e da Caatinga⁶³⁰.

Presença em unidades de conservação

Não são conhecidos registros deste táxon para unidades de conservação. Há proposta de criação de unidade de conservação na região de Boqueirão da Onça, no município de Sento Sé, Bahia.

Neomorphus geoffroyi amazonicus Pinto, 1964

Alexandre Aleixo, Nárgila G. de Moura & Alexander C. Lees

Ordem: Cuculiformes

Família: Cuculidae

Nome comum: jacu-estalo



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4c

Justificativa

Neomorphus geoffroyi amazonicus distribui-se na Amazônia brasileira, boliviana e peruana, predominantemente a sul do rio Amazonas, com registros confirmados entre o Maranhão e Rondônia. É naturalmente rara, com poucos registros em regiões continuamente monitoradas por ornitólogos. Sua distribuição, apesar de muito ampla, se sobrepõe a uma área de grande pressão de desmatamento, permitindo inferir que o táxon tenha perdido pelo menos 30% de seu *habitat* original. O desmatamento anual nesta região é de 500.000 ha, portanto a perda de *habitat* continuará em níveis alarmantes (cerca de 17% da área atual perdidos nos próximos 12 anos). A espécie é dependente de floresta de terra firme primária, não tolerando nenhum tipo de modificação em seu *habitat*, sendo que as perdas deste geram diminuição populacional, no mínimo, equivalente. Somando-se a perda pretérita com a perda futura, suspeita-se que a perda acumulada em três gerações (incluindo passado e futuro) supere os 30%. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Por estas razões, *N. g. amazonicus* foi categorizada como Vulnerável (VU) A4c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

A variação em caracteres de plumagem entre as várias subespécies de *N. geoffroyi*, inclusive *N. g. amazonicus*, é bastante significativa, o que pode indicar um grau de diferenciação em nível de espécies independentes e não apenas subespécies⁹⁷³. Futuros estudos filogeográficos poderão confirmar essa hipótese.

O táxon *Neomorphus squamiger* Todd, 1925 (distribuído a sul do rio Amazonas, desde a margem esquerda do rio Tapajós até a margem esquerda do rio Xingu), é considerado por alguns autores como subespécie de *N. geoffroyi*^{922,923}, embora sua maior distinção morfológica em relação aos demais táxons agrupados em *N. geoffroyi* tenha levado à sua descrição como espécie independente¹²⁴⁶, arranjo acatado por outros autores^{415,466} e pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO)^{353,354}, mas não por del Hoyo & Collar⁵⁷⁵.

A confirmação de que a forma nominal de *N. geoffroyi* tem como localidade-tipo a Bahia⁹⁷³ levanta dúvidas sobre a sua diagnose com relação ao táxon *dulcis*, embora novos registros de *Neomorphus* para o interior da Bahia não permitam excluir a hipótese de que mais de um táxon distinto ocorra no estado¹⁰⁴⁹. O estudo de Raposo *et al.*⁹⁷³ também confirmou a diagnose das populações amazônicas em relação às da Mata Atlântica e a validade do nome *amazonicus* para o seu tratamento taxonômico, confirmando os estudos de Pinto^{960,961}.

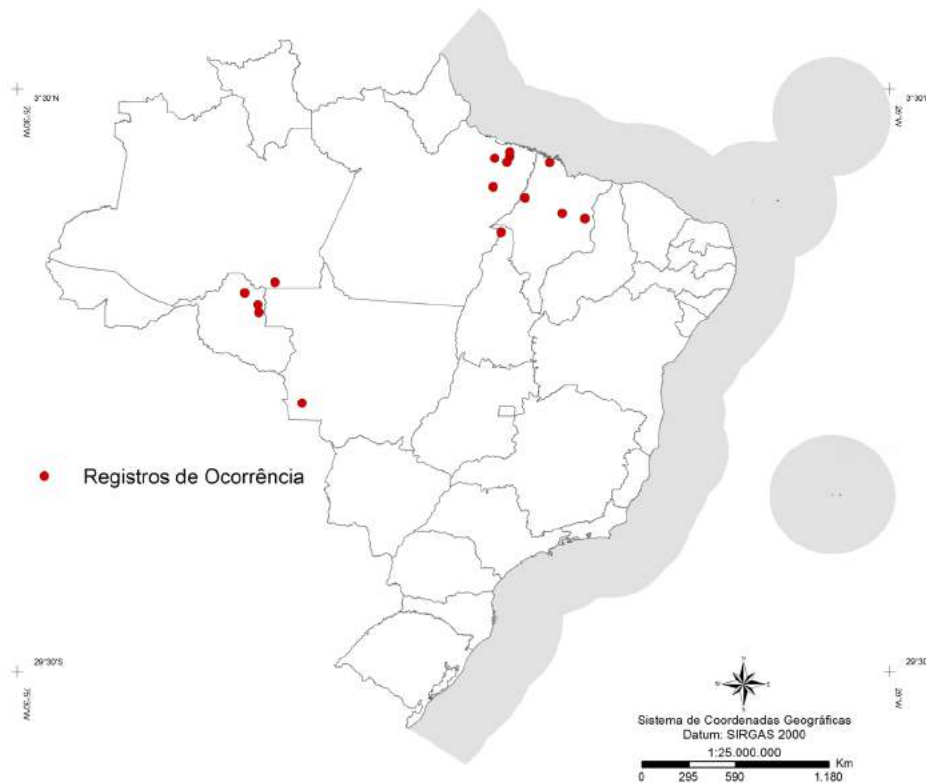
Distribuição geográfica

Distribui-se na Amazônia brasileira, boliviana e peruana, predominantemente a sul do rio Amazonas, com registros confirmados entre Maranhão e Rondônia, ou seja, desde a margem leste do rio Madeira até a Amazônia maranhense. A ocorrência do táxon em território brasileiro, a oeste do rio Madeira, é esperada com base na sua distribuição no vizinho Peru, que inclui a localidade de Balta, muito próxima da fronteira com o estado do Acre⁵⁴⁰.

Nos interflúvios, onde a distribuição de *Neomorphus geoffroyi amazonicus* e *Neomorphus squamiger* coincidem (Madeira-Tapajós e Tapajós-Xingu), aparentemente o primeiro distribui-se mais ao sul e, o segundo, no extremo norte^{466,540}, mas o padrão exato de substituição entre estes táxons é ainda



desconhecido.



História natural

Ocupa floresta de terra firme alta e não perturbada⁶⁶⁷ e floresta de transição entre várzea e terra firme, esta última particularmente na porção oeste de sua distribuição⁹²². Segue formigas de correição (*Eciton* sp.) pelo chão da floresta, utilizando-as como “batedores” de suas presas favoritas (grandes insetos e pequenos vertebrados). Pode fazer o mesmo com bandos mistos de aves, porcos do mato e até mesmo primatas¹⁰⁹⁶. O tempo geracional da espécie é estimado em 4,2 anos¹⁴⁴.

População

No geral, apresenta baixa densidade demográfica. Um estudo no Peru estimou a densidade da espécie em 0,25 pares para cada 100 hectares⁹²². Um estudo na região de Paragominas, Pará, com um esforço de amostragem de 115 dias em florestas primárias e secundárias (entre julho e novembro de 2010) não se obteve qualquer contato com o táxon, apesar deste comprovadamente ocorrer na área^{711,965}.

Somando-se a perda de *habitat* (no passado e futuro) e considerando-se que a diminuição populacional é equivalente à diminuição de *habitat*, suspeita-se que a perda acumulada em três gerações (incluindo passado e futuro) supere os 30% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

É pouco tolerante à fragmentação florestal e corte seletivo de madeira. Desaparece de paisagens extensamente alteradas. Evita, ativamente, florestas secundárias⁶⁶⁷. Também vulnerável a caça ocasional ou oportunista em função do seu tamanho relativamente grande ou, indiretamente, através da caça de espécies de mamíferos utilizadas como batedores.

Sua distribuição, apesar de muito ampla, se sobrepõe a uma área de grande pressão de desmatamento, permitindo inferir que o táxon tenha perdido pelo menos 30% de seu *habitat* original. O desmatamento anual nesta região é de 500.000 ha, portanto a perda de *habitat* continuará em níveis alarmantes (cerca



de 17% da área atual serão perdidos nos próximos 12 anos)¹⁴⁴.

Ações de conservação

Existentes

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, que tem como objetivo reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

Manutenção das unidades de conservação existentes na área de distribuição da espécie; criação de outras unidades; redução do desmatamento.

Presença em unidades de conservação

O táxon não foi registrado em unidades de conservação brasileiras.

Pesquisas

Necessárias

a) realização de estudo sistemático e taxonômico que esclareça o *status* evolutivo dos diferentes táxons agrupados dentro da suposta espécie biológica politípica *Neomorphus geoffroyi*, bem como das suas relações filogenéticas com *Neomorphus squamiger*. Esse estudo deve elucidar exatamente quais são as unidades evolutivas em *Neomorphus geoffroyi* merecedoras de ações imediatas e prioritárias de conservação;

b) realização de um estudo ecológico com a espécie, com uso de radiotransmissores para elucidação de fatores ambientais necessários para sua sobrevivência, como aquele realizado para outra espécie do gênero⁶⁶⁷.

Neomorphus geoffroyi dulcis Sneathlage, 1927

Fernanda Pinto Marques, Danielle Custódio Leal & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Cuculiformes

Família: Cuculidae

Nome comum: jacu-estalo



Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(i)

Justificativa

Neomorphus geoffroyi dulcis ocorre no sudeste do Brasil, estando atualmente restrito a três unidades



de conservação do Espírito Santo. Suspeita-se que existam bem menos de 250 indivíduos maduros desta subespécie, sendo que cada subpopulação contém menos de 50 indivíduos maduros. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* e fragmentação da população, de modo que *N. g. dulcis* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1133}	CR C2a(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Neomorphus dulcis Sneathlage, 1927.

Distribuição geográfica

Endêmico do sudeste do Brasil, com registros para o Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Entretanto, atualmente restringe-se a três unidades de conservação do Espírito Santo (oficina de avaliação).



História natural

Apesar de ser essencialmente terrícola, empoleira regularmente para descansar, arrumar a plumagem e dormir¹⁰⁹⁵. Alimenta-se de grandes insetos, escorpiões, centopeias, aranhas, pequenos sapos, lagartos e ocasionalmente sementes e frutos⁹²². Interage com formigas de correição e procura também aglomerações de formigas-de-fogo (*Solenopsis*). Inspecciona montes de galhos secos, buracos de tatus e cupinzeiros terrestres ocos¹⁰⁹⁵.



População

Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que não há mais de 50 indivíduos maduros em cada unidade de conservação onde a espécie ocorre, o que resulta em, no máximo, 150 indivíduos maduros na população total do táxon (Oficina de Avaliação).
Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Suspeita-se que haja declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* e fragmentação da população (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Este táxon está contemplado do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Espírito Santo: REBIO de Sooretama¹¹³³. Ocorre na Reserva Natural Vale (oficina de avaliação), área protegida mas não pertencente ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação;
Minas Gerais: PE do Rio Doce¹¹³³.

Neomorphus squamiger Todd, 1925

Andressa Bárbara Scabin, Danielle Custódio Leal & Fernanda Pinto Marques

Ordem: Cuculiformes

Família: Cuculidae

Nome comum: jacu-estalo-escamoso



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4c

Justificativa

Neomorphus squamiger é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na porção norte dos interflúvios Xingu-Tapajós e Tapajós-Madeira. Espécie naturalmente rara, com poucos registros em regiões continuamente monitoradas por ornitólogos. É dependente de floresta de terra firme primária, não tolerando nenhum tipo de modificação em seu *habitat*. Sua área de distribuição vem sofrendo altas taxas de desmatamento pela expansão do cultivo da soja. Modelagens indicam perda de *habitat* superior a 30% no período de três gerações, incluindo passado e futuro, o que deve refletir em perdas populacionais



equivalentes, tendo em vista a sensibilidade da espécie. Desta forma, *N. squamiger* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério A4c.

Outras avaliações

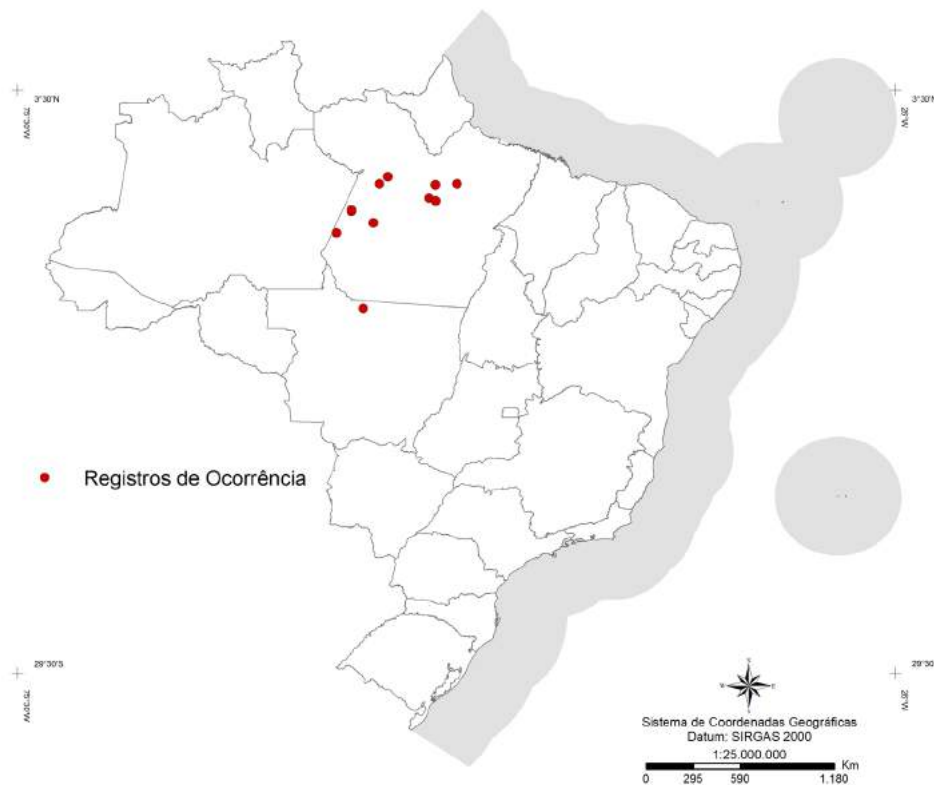
Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Neomorphus geoffroyi squamiger Todd, 1925.

Distribuição geográfica

Restrita ao norte dos interflúvios Xingu-Tapajós e Tapajós-Madeira (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa floresta tropical madura⁹²², sobretudo matas de terra firme (oficina de avaliação). Alimenta-se de grandes artrópodes, anfíbios, lagartos, frutos e sementes⁹²². O tempo geracional da espécie é estimado em 4,2 anos¹⁴⁴.

População

É uma espécie naturalmente rara, dificilmente observada até mesmo em áreas bem amostradas por ornitólogos (oficina de avaliação).

Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para esta espécie entre 17 e 31% entre os anos de 2002 e 2014 (três gerações) neste bioma¹³⁷. Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional equivalente ou superior, devido à sensibilidade da espécie. Dessa forma, as



perdas populacionais, considerando a janela temporal de três gerações no passado e futuro, poderão ser superiores a 30% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça à espécie é a perda de *habitat* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Neomorphus squamiger está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Presença em unidades de conservação

Pará: FLONA do Trairão (C. Andretti, com. pess., 2011).

***Pulsatrix perspicillata pulsatrix* (Wied, 1820)**

Danielle Custódio Leal & Laís Cristina Álvares Rodrigues Assis

Ordem: Strigiformes

Família: Strigidae

Nome comum: murucututu



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) D1

Justificativa

Pulsatrix perspicillata pulsatrix é endêmica do Brasil, ocorrendo historicamente ao longo da costa, do sudeste da Bahia ao nordeste do Rio Grande do Sul. O último registro confirmado data de 1995, no nordeste do Rio Grande do Sul, sendo que o táxon pode estar extinto em grande parte de sua distribuição. Estima-se que o tamanho populacional não ultrapasse os 1.000 indivíduos maduros, e *P. p. pulsatrix* foi categorizada como Vulnerável (VU) D1.



Outras avaliações

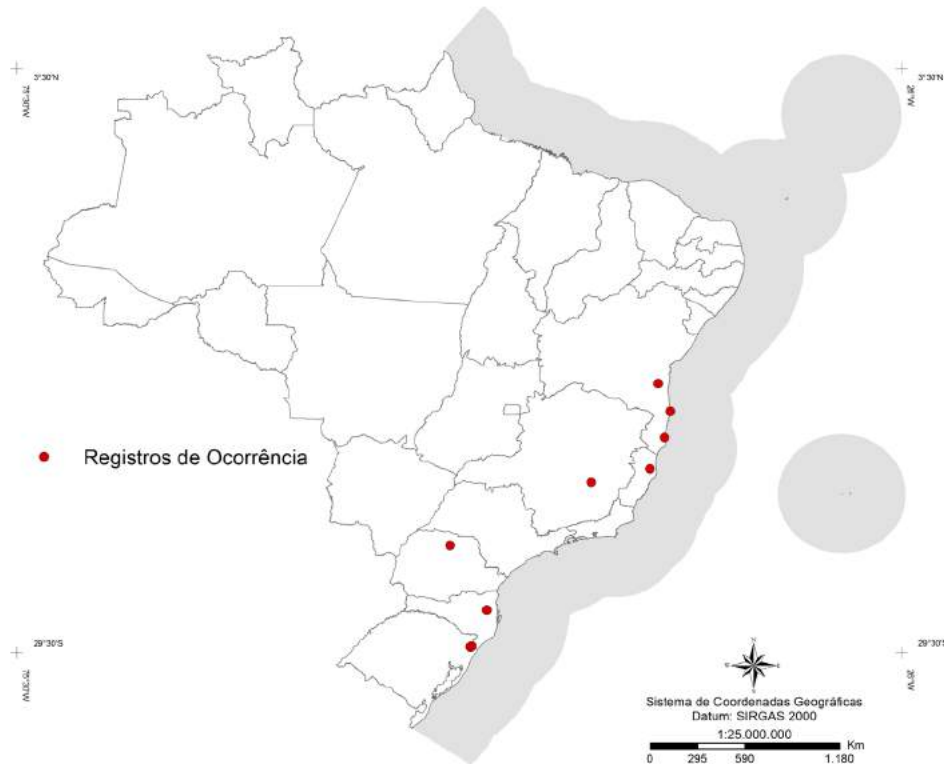
Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Strix pulsatrix Wied, 1820.

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, ocorrendo historicamente ao longo da costa, do sudeste da Bahia ao nordeste do Rio Grande do Sul. O último registro confirmado do táxon data de 1995, no nordeste do Rio Grande do Sul. Pode estar extinto em grande parte de sua distribuição (oficina de avaliação).



História natural

Ocorre em floresta tropical densa⁵⁷⁰, sobretudo matas de baixada na porção norte de sua distribuição e matas de araucária no sudeste do país (oficina de avaliação). Alimenta-se principalmente de vertebrados⁵⁷⁰.

População

Atualmente, a busca por corujas na Mata Atlântica é prática frequente e difundida entre muitos pesquisadores e observadores de aves, de modo que a falta de registros atuais desta espécie permite afirmar que o tamanho populacional de *P. p. pulsatrix* não deve ultrapassar os 1.000 indivíduos maduros, estando o táxon provavelmente extinto em parte de sua distribuição (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

É provável que o declínio populacional do táxon tenha ocorrido devido à perda massiva de *habitat*. Há também perda de qualidade de *habitat*, como por exemplo devido à ocupação do sub-bosque de matas por gado bovino e bubalino no Rio Grande do Sul (oficina de avaliação).

Ações de conservação

O táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Não há registro de *P. p. pulsatrix* em unidades de conservação.

Pesquisas

Revisões taxonômicas com vista a testar a validade desta forma são altamente recomendáveis.

Strix huhula albomarginata (Spix, 1824)

Danielle Custódio Leal, Fernanda Pinto Marques & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Strigiformes

Família: Strigidae

Nome comum: coruja-preta

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Strix huhula albomarginata ocorre no sudeste e sul do Brasil, leste do Paraguai e nordeste da Argentina. Estima-se que, no Brasil, haja menos de 10.000 indivíduos maduros, sendo que há menos de 1.000 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*, uma vez que esta subespécie é dependente de florestas bem conservadas. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Dessa forma, *S. h. albomarginata* foi avaliada como Vulnerável (VU) C2a(i).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁶²	DD*
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

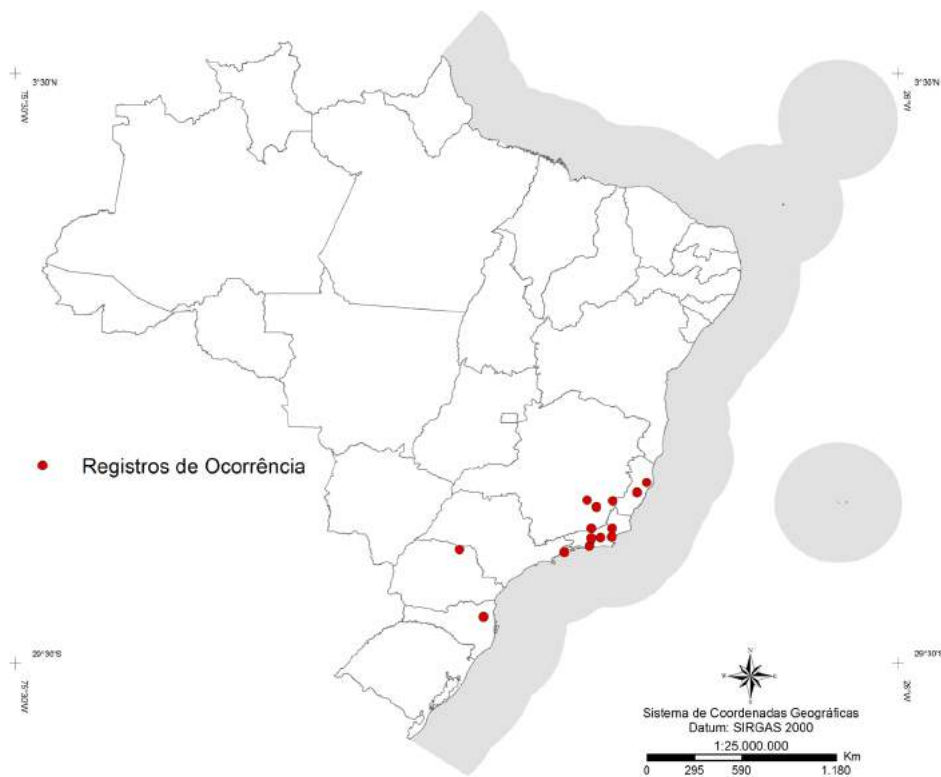
*Avaliada como *Ciccaba huhula albomarginata*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Strix albomarginata Spix, 1824; *Ciccaba huhula albomarginata* (Spix, 1824).

Distribuição geográfica

Ocorre no sudeste e sul do Brasil, leste do Paraguai e nordeste da Argentina⁵⁷⁰.



História natural

Ocorre em matas de baixada preservadas (oficina de avaliação). Alimenta-se sobretudo de insetos, mas também consome pequenos vertebrados⁵⁷⁰. Ainda que possa ser registrada em áreas alteradas, como bordas de rodovias, é dependente de florestas bem conservadas (oficina de avaliação).

População

Há poucos registros recentes. Atualmente, inúmeros pesquisadores e observadores de aves procuram ativamente por corujas nas áreas de distribuição deste táxon. Com base nesse conhecimento, é possível estimar, com certa segurança, que haja menos de 10.000 indivíduos maduros de *S. h. albomarginata* e que menos de 1.000 deles compõem cada subpopulação dada a escassez de registros recentes desta espécie mesmo em áreas muito bem conservadas e nas unidades de conservação de toda sua área de distribuição. Além disso, nota-se declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* (oficina de avaliação).



Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* é a maior ameaça ao táxon (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Strix huhula albomarginata está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Santa Catarina: PARNA da Serra do Itajaí¹²⁸⁹.

Pesquisas

A biologia deste táxon ainda é pouco conhecida, sendo necessários estudos para melhor compreender suas necessidades.

***Nyctibius aethereus aethereus* (Wied, 1820)**

Suylane Barbalho de Lima Silva, Danielle Custódio Leal & Fernanda Pinto Marques

Ordem: Nyctibiiformes

Família: Nyctibiidae

Nome comum: mãe-da-lua-parda



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Nyctibius aethereus aethereus ocorre no Paraguai, Argentina e leste do Brasil. Os registros atuais restringem-se a poucas áreas muito preservadas. O baixo número de registros, as extinções locais e a exigência de *habitat* permitem inferir que a população total não seja superior a 2.500 indivíduos maduros e que cada subpopulação contenha menos de 250 deles. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*. Assim, *N. a. aethereus* foi categorizado como Em Perigo (EN) pelo critério C2a(i).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Caprimulgus aethereus Wied, 1820.

Distribuição geográfica

Ocorre no Paraguai, Argentina e leste do Brasil⁵²⁸. Os registros recentes restringem-se a áreas de floresta extensa e bem preservada: RPPN Reserva Ecológica de Guapiaçu, em Cachoeiras de Macacu, Rio de Janeiro (L. Moreira-Lima, com. pess., 2013), PARNA da Serra das Lontras, Bahia (L.F. Silveira, com. pess., 2013), Reserva Mata do Passarinho, Bahia (C. Albano, com. pess., 2013), PARNA de Boa Nova, Bahia, Santa Maria do Salto, Minas Gerais, Linhares e Santa Teresa, Espírito Santo (oficina de avaliação).



História natural

Habita florestas em planícies e matas de galeria. Ocupa o interior de florestas primárias, do sub-bosque ao sub-dossel e bordas de mata. Ocasionalmente, ocorre em áreas abertas, adjacentes à floresta. Forrageia durante a noite, sendo os principais itens de sua dieta: cupins alados, mariposas e besouros. Coloca um único ovo sobre tocos ou cercas de madeira. Presume-se que a espécie seja sedentária³⁷². É bastante exigente quanto ao *habitat*, estando restrita a florestas muito bem preservadas e com grande extensão. Seu baixo poder de deslocamento fora da matriz florestal e a fragmentação de *habitat* geram isolamento das subpopulações (oficina de avaliação).



População

É provável que *Nyctibius a. aethereus* esteja ameaçada na Mata Atlântica, já que há poucos resquícios de floresta original³⁷². Sua área de distribuição é bem amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas. Entretanto, o número de registros é muito baixo. Além disso, extinções locais e a exigência de *habitat* permitem inferir que a população total de *N. a. aethereus* não seja superior a 2.500 indivíduos maduros e que cada subpopulação contenha menos de 250 deles (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A subespécie da Mata Atlântica sofre pressão pela perda de *habitat*³⁷², o que gera declínio populacional continuado, evidenciado por extinções locais (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Este táxon está contemplado pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA Serra das Lontras (L.F. Silveira, com. pess., 2013), PARNA de Boa Nova (oficina de avaliação).

Espírito Santo: REBIO Augusto Ruschi⁵⁷⁹, REBIO de Duas Bocas¹²⁸⁹, REBIO de Sooretama (Ecosistema Consultoria, com. pess., 2009);

Rio de Janeiro: ESEC de Tamoios⁵⁹², PARNA da Serra dos Órgãos⁶⁰⁶, PE Mata dos Godoy⁵⁴, RPPN Reserva Ecológica de Guapiaçu (L. Moreira-Lima, com. pess., 2013)

Nyctibius leucopterus (Wied, 1821)

Danielle Custódio Leal, Fernanda Pinto Marques & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Nyctibiiiformes

Família: Nyctibiidae

Nome comum: urutau-de-asa-branca



Foto: Cristine Prates



Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) D

Justificativa

Nyctibius leucopterus é endêmico da Mata Atlântica da Bahia e do Espírito Santo, sendo restrito a poucos fragmentos florestais grandes e bem preservados. A escassez de registros em áreas bem inventariadas permite inferir que a população total seja menor que 50 indivíduos maduros. Assim sendo, *N. leucopterus* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) segundo o critério D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	Não consta*
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais: CR
Avaliação global ¹⁶⁶	Não consta*

*Avaliado englobando dois táxons distintos, da Amazônia e da Mata Atlântica, não sendo, portanto, comparável ao táxon aqui avaliado.

Outros nomes aplicados ao táxon

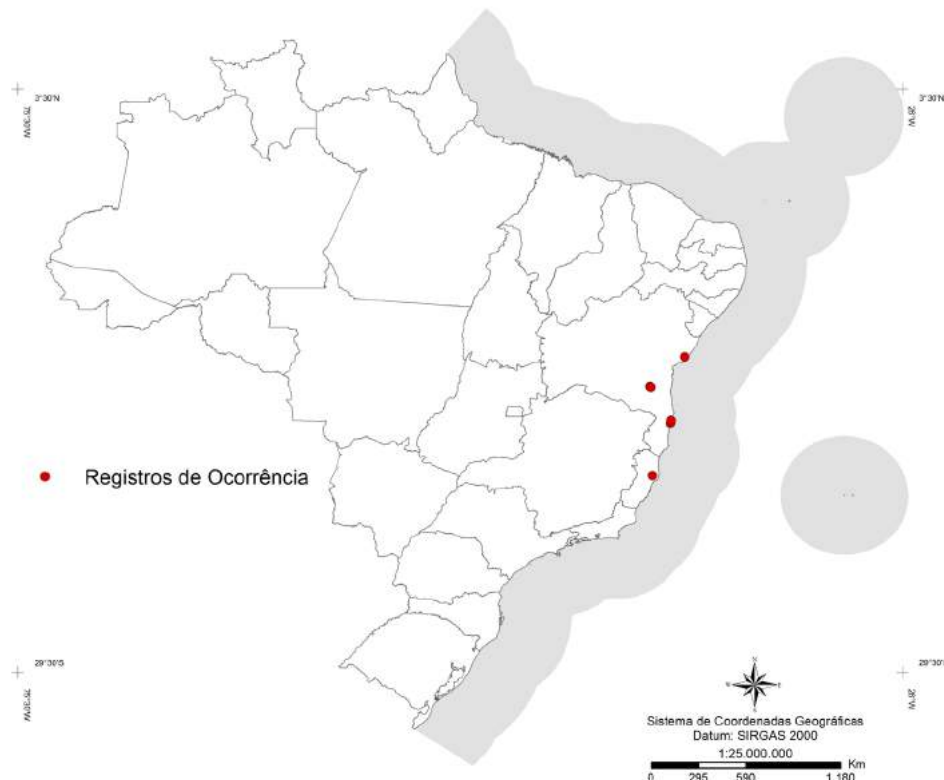
Caprimulgus leucopterus Wied, 1821.

Notas taxonômicas

Nesta avaliação, considerou-se *Nyctibius leucopterus* espécie endêmica da Mata Atlântica. A população da Amazônia, tratada por vezes na literatura sob o nome *N. leucopterus*, é um táxon distinto, ainda não formalmente descrito (M. Cohn-Haft, em preparação).

Distribuição geográfica

Espécie endêmica da Mata Atlântica da Bahia e do Espírito Santo (M. Cohn-Haft, em preparação). Os registros atuais são restritos a unidades de conservação: REBIO de Sooretama, PARNA do Pau





Brasil, RPPN Estação Veracel e REBIO de Una (oficina de avaliação).

História natural

Até recentemente a espécie era conhecida apenas por algumas peles, a maioria delas sem localidade precisa. Aparentemente, ocupa florestas de solos pobres e arenosos¹²⁸⁴. Talvez não seja tão dependente de florestas intactas extensas, podendo ocupar fragmentos menores, como a RPPN Veracel³⁸⁷.

População

Apesar das inúmeras tentativas de diversos ornitólogos³⁸⁷, registros recentes da espécie são muito escassos, sendo encontradas apenas algumas publicações posteriores a 1980^{387,1284} e em 2010 a 2013 quatro registros fotográficos¹²⁸⁹. O número ínfimo de registros em áreas bem inventariadas permite inferir que a população remanescente desta espécie é muito pequena, não ultrapassando 50 indivíduos maduros (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A destruição contínua da floresta original é a maior ameaça a esta espécie³⁷².

Ações de conservação

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: REBIO de Una¹²⁸⁴, PARNA do Pau Brasil (oficina de avaliação), RPPN Estação Veracel (oficina de avaliação);

Espírito Santo: REBIO de Sooretama (oficina de avaliação).

Pesquisas

São necessários mais estudos sobre ecologia, comportamento e preferência de *habitat* da espécie³⁸⁷.

Hydropsalis candicans (Pelzeln, 1867)

Andressa Bárbara Scabin, Fernanda Pinto Marques & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Caprimulgiformes

Família: Caprimulgidae

Nome comum: bacurau-de-rabo-branco



Foto: César Medolago



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) D2

Justificativa

Hydropsalis candicans distribuía-se no norte da Bolívia, leste do Paraguai, centro e sudeste do Brasil. Atualmente, no Brasil, só há registros no PARNA das Emas. Considerando que, apesar de ser unidade de conservação, o PARNA está frequentemente sujeito a grandes incêndios antrópicos que chegam a consumir a maior parte da unidade (configurando menos de cinco localizações para a espécie) e que estes eventos podem gerar declínio na única população conhecida, *H. candicans* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério D2.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{545,814}	EN* B1ab(i); C2a(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴¹	São Paulo: Ameaçada
Avaliação global ¹⁶⁷	VU B1ab(iii,v)

*Avaliada como *Caprimulgus candicans*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Stenopsis candicans Pelzeln, 1867; *Eleothreptus candicans* (Pelzeln, 1867); *Caprimulgus candicans* (Pelzeln, 1867).

Distribuição geográfica

Ocorre no norte da Bolívia, leste do Paraguai, centro e sudeste do Brasil³⁵⁹. Há registros históricos nos estados de Mato Grosso^{545,1095}, Goiás⁵²⁸ e São Paulo¹¹⁹. Atualmente, no Brasil, só há registros para o PARNA das Emas (oficina de avaliação).





História natural

Habita preferencialmente campos abertos com árvores e arbustos esparsos: chaco, savana, cerrado e também campos após queimadas. Alimenta-se de artrópodes³⁵⁹. Prefere áreas de vegetação mais jovem para forragear, talvez devido ao aumento da presença de insetos nesses locais^{963,1045}. As populações conhecidas são aparentemente sedentárias, embora possa haver movimentos locais em resposta a incêndios⁹⁶³.

População

As estimativas mais atuais calculam que existam 4.000 indivíduos no Brasil (Hass *et al.* 2006 citados em Braz³⁰³). Não é conhecido o trânsito de indivíduos entre as populações brasileiras e estrangeiras. *Tendência populacional*: declinando¹⁴⁴.

Ameaças

As principais ameaças são: conversão de florestas em pastagem e plantações, presença de gramíneas invasoras e alteração do regime natural de incêndios no Cerrado^{918,963,1045}.

Apesar da atual área de ocupação da espécie estar contida em uma unidade de conservação, esta está frequentemente sujeita a grandes eventos de incêndios antrópicos que podem gerar declínio na única população brasileira conhecida de *H. candicans*.

Ações de conservação

Existentes

Hydropsalis candicans está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal, havendo previsão de expedições de busca específicas para este táxon⁶³¹.

Necessárias

Uma medida eficiente seria estabelecer um plano de gestão de incêndios em locais protegidos, para criar mosaicos de vegetação e prevenir incêndios incontroláveis durante a época de reprodução da espécie⁹⁶³.

Presença em unidades de conservação

Goiás: PARNA das Emas¹⁰⁴⁵.

Pesquisas

É impor tante atualizar informações sobre as populações e seu padrão de deslocamento, além de avaliar o real impacto dos incêndios na conservação desta espécie.



Glaucis dohrnii (Bourcier & Mulsant, 1852)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Apodiformes

Família: Trochilidae

Nome comum: balança-rabo-canela



Foto: Pedro Lima

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Glaucis dohrnii é endêmica do leste do Brasil, com registros recentes em poucas localidades do sul da Bahia, Espírito Santo e nordeste de Minas Gerais. Estima-se que haja menos de 2.500 indivíduos maduros, sendo que há menos de 250 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*. Dessa forma, *G. dohrnii* foi avaliada como Em Perigo (EN) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1134}	EN B1ab(i)+2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,442}	Espírito Santo: CR Minas Gerais: CR
Avaliação global ¹⁶⁸	EN B1ab(ii,iii,iv,v); C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Trochilus dohrnii Bourcier & Mulsant, 1852.

Distribuição geográfica

Endêmica do leste do Brasil, com registros apenas na Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais¹¹³⁴. Restrita a poucas localidades, muitas delas isoladas e distantes entre si. Como registros recentes constam apenas algumas localidades na Bahia (Reserva Florestal da Companhia Vale do Rio Doce, PARNA do Descobrimento, PARNA e Histórico do Monte Pascoal, PARNA do Pau Brasil, REBIO de Una, RPPN Estação Veracel, RPPN Serra do Itamarujá e Fazenda Rio Capitão), no Espírito Santo (Reserva Natural Vale) e Minas Gerais, registrado pela primeira vez no estado na fazenda Duas Barras (Santa Maria do Salto), no vale do Jequitinhonha¹¹³⁴.



História natural

Ocupa sub-bosques de florestas primárias litorâneas (abaixo de 500 m de altitude), principalmente em áreas úmidas ao longo de córregos e em áreas com abundância de helicônias. Alimenta-se de néctar e pequenos artrópodes. Os registros esparsos em algumas áreas refletem algum tipo de movimentação, embora seja considerado residente⁵⁶⁴. Pouco se sabe sobre sua biologia, mas a espécie parece ser exigente quanto à qualidade de *habitat*¹¹³⁴.

População

Houve declínio populacional acentuado devido à perda de *habitat*. No final dos anos 90, o número total de indivíduos foi estimado em 50-250 aves⁵⁶⁴. Houve extinções locais, até mesmo em áreas anteriormente consideradas como reduto da espécie, como a REBIO Córrego Grande⁵⁶⁴. Aparentemente, não é raro localmente, mas é pouco provável que a população total some mais de 1.000 indivíduos¹¹³⁴.

É dependente de *habitat* específico e não há registro de deslocamento entre as subpopulações remanescentes, que ocupam localidades isoladas e distantes entre si. Com base na experiência de ornitólogos que trabalham na área de distribuição da espécie, há segurança em afirmar que, atualmente, a população total de *G. dohrnii* não ultrapassa 2.500 indivíduos maduros e que há menos de 250 deles em cada subpopulação. Além disso, a tendência populacional é de declínio continuado devido à constante perda de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* foi a principal causa do quase desaparecimento desta espécie, já apontada como muito rara e à beira da extinção desde as primeiras listas de espécies ameaçadas. Sua pequena área de ocupação, em uma região altamente impactada por ações antrópicas, contribuiu para a sua quase extinção¹¹³⁴. Dentre as atividades humanas que impactam esta espécie destacam-se: urbanização, mineração, exploração madeireira, agricultura, queimadas e construção de estradas⁵⁶⁴. Atualmente, a perda de *habitat* deve-se à expansão da monocultura de eucalipto (oficina de avaliação).



Ações de conservação

Existentes

Glaucis dohrnii está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

A implantação efetiva das unidades de conservação onde a espécie ainda ocorre é essencial à sua conservação, bem como a criação de unidades no Vale do Jequitinhonha, onde a espécie foi recentemente observada. Atenção especial deve ser dada aos desmatamentos e incêndios florestais no sul da Bahia¹¹³⁴.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA do Descobrimento¹¹³⁴, PARNA e Histórico do Monte Pascoal¹¹³⁴, PARNA do Pau Brasil¹¹³⁴, REBIO de Una¹¹³⁴, RPPN Estação Veracel¹¹³⁴;

Espírito Santo: REBIO Córrego do Veado¹¹³⁴. Também ocorre na Reserva Natural Vale¹¹³⁴, área protegida mas não pertencente ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

Pesquisas

São necessários estudos sobre a biologia básica da espécie, sobretudo para conhecer seu *habitat* preferencial, subsidiando buscas por novas populações¹¹³⁴.

Phaethornis aethopygus Zimmer, 1950

Vítor de Queiroz Piacentini

Ordem: Apodiformes

Família: Trochilidae



Nome comum: rabo-branco-do-tapajós



Foto: Andrew Whittaker

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3c+4c

Justificativa

Phaethornis aethopygus é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas no Centro de Endemismo Tapajós, localizado no interflúvio Tapajós-Xingu. É dependente de floresta, sendo rara em matas secundárias. Sua área de distribuição vem sofrendo altas taxas de desmatamento e sobrepõe-se à área de influência da BR-163, com previsão de perda de cerca de 27% do *habitat* original nos próximos 13 anos (três gerações). Modelagens para espécies com mesma distribuição indicam perdas populacionais de até 42%, devido à perda de *habitat* ao longo de três gerações, envolvendo passado e futuro. Por estas razões, *P. aethopygus*



foi categorizada como Vulnerável (VU) A3c+4c.

Outras avaliações

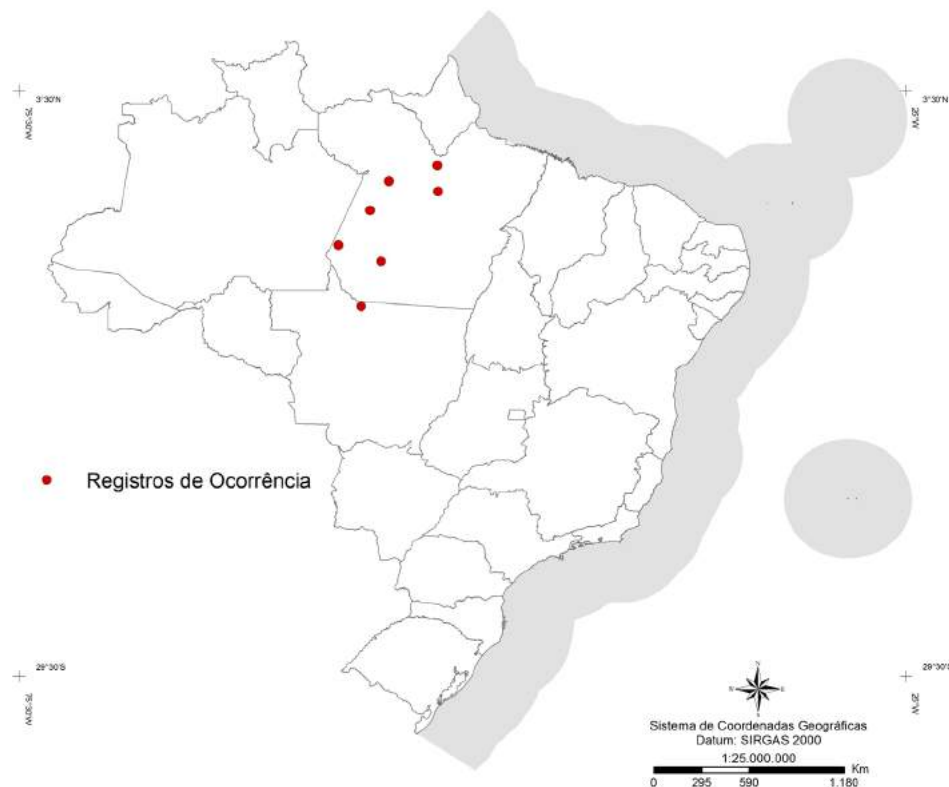
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ^{290a}	NT

Outros nomes aplicados ao táxon

Phaethornis longuemareus aethopyga Zimmer, 1950; *Phaethornis aethopyga* Zimmer, 1950.

Distribuição geográfica

Endêmico da Amazônia Brasileira, ocorrendo a sul do rio Amazonas e leste dos rios Teles Pires e Tapajós, desde o norte do Mato Grosso (Alta Floresta) até Santarém, no Pará, e daí estendendo-se a leste até a margem esquerda do rio Xingu⁹⁴². Sua presença entre os rios Iriri e Xingu requer confirmação. O registro constante em Sick¹⁰⁹⁵, sob o nome *Phaethornis longuemareus*, para o arquipélago de Anavilhanas, rio Negro, refere-se a *P. rupurumii amazonicus*.



História natural

Os poucos dados disponíveis sobre o *habitat* indicam que a espécie ocorre somente em mata de terra firme, às vezes com algum grau de perturbação, mas especialmente próximo a cursos d'água, o que pode caracterizá-la como especialista de *habitat*⁹⁴². Tal como outras espécies de *Phaethornis*, os machos congregam em arenas de exibição (*leks*). É dependente de floresta, sendo rara em matas secundárias. O tempo geracional da espécie é estimado em 4,2 anos¹⁴⁴.

População

Não existem estimativas do tamanho populacional da espécie, que é ainda muito pouco conhecida.



Entretanto, a sensibilidade quanto à alteração de *habitat* permite inferir que há declínio populacional no mínimo equivalente à porcentagem de perda de *habitat*. Assim sendo, infere-se que mais de 30% de seu *habitat* tenha sido perdido em três gerações (envolvendo passado e futuro) e que a mesma proporção será perdida no futuro, de modo que há declínio populacional de ao menos 30% nestes períodos (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a fragmentação e perda de *habitat* pela atividade madeireira e conversão de áreas florestadas em pastagens e campos de cultivo. A pavimentação da BR-163 pode aumentar a pressão sobre grandes porções de sua área de ocorrência. O sudoeste do Pará (região de Novo Progresso) e norte do Mato Grosso vêm sofrendo forte impacto pelo desmatamento para expansão da fronteira agrícola e atividade madeireira. Assim, a fragmentação e destruição do *habitat* da espécie, em parte de sua distribuição, possivelmente está levando a um declínio populacional moderado a rápido.

Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para *Rhegmatorhina gymnops* (espécie com distribuição semelhante a essa e tempo geracional aproximadamente igual) entre 27 e 42% entre os anos de 2002 e 2015 (três gerações)¹⁴⁴.

Ações de conservação

Existentes

A única ação de conservação já feita para a espécie foi a criação de unidades de conservação dentro de sua área de ocorrência.

Phaethornis aethopygus está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Presença em unidades de conservação

Pará: APA do Tapajós (A. Aleixo, com. pess., 2011), FLONA de Altamira (A. Aleixo, com. pess., 2011), FLONA do Tapajós⁵⁵⁸.

Pesquisas

Existem estudos sobre a taxonomia e distribuição do gênero⁹⁴⁶. É necessário pesquisar diversos aspectos de sua ecologia populacional e da forma de uso de *habitat*, permitindo assim estimar o tamanho populacional da espécie e determinar com mais precisão o quanto sua população está reduzindo.



Phaethornis bourcieri major Hinkelmann, 1989

Alexandre Aleixo, Lucas Eduardo Araújo-Silva, Nárgila G. de Moura & Alexander Charles Lees

Ordem: Apodiformes

Família: Trochilidae

Nome comum: rabo-branco-de-bico-reto



Foto: Gabriel Leite

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3c+4c

Justificativa

Phaethornis bourcieri major é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas no Centro de Endemismo Tapajós, localizado no interflúvio Tapajós-Xingu. É sensível às alterações de *habitat*, até mesmo corte seletivo de madeira, sendo dependente de floresta de terra firme em bom estado de conservação. Sua área de distribuição vem sofrendo altas taxas de desmatamento e sobrepõe-se à área de influência da BR-163, com previsão de perda de cerca de 27% do *habitat* original nos próximos 13 anos (três gerações). Modelagens para espécies com mesma distribuição indicam perdas populacionais de até 42%, devido à perda de *habitat* ao longo de três gerações, envolvendo passado e futuro. Por estas razões, *P. b. major* foi categorizada como Vulnerável (VU) A3c+4c.

Outras avaliações

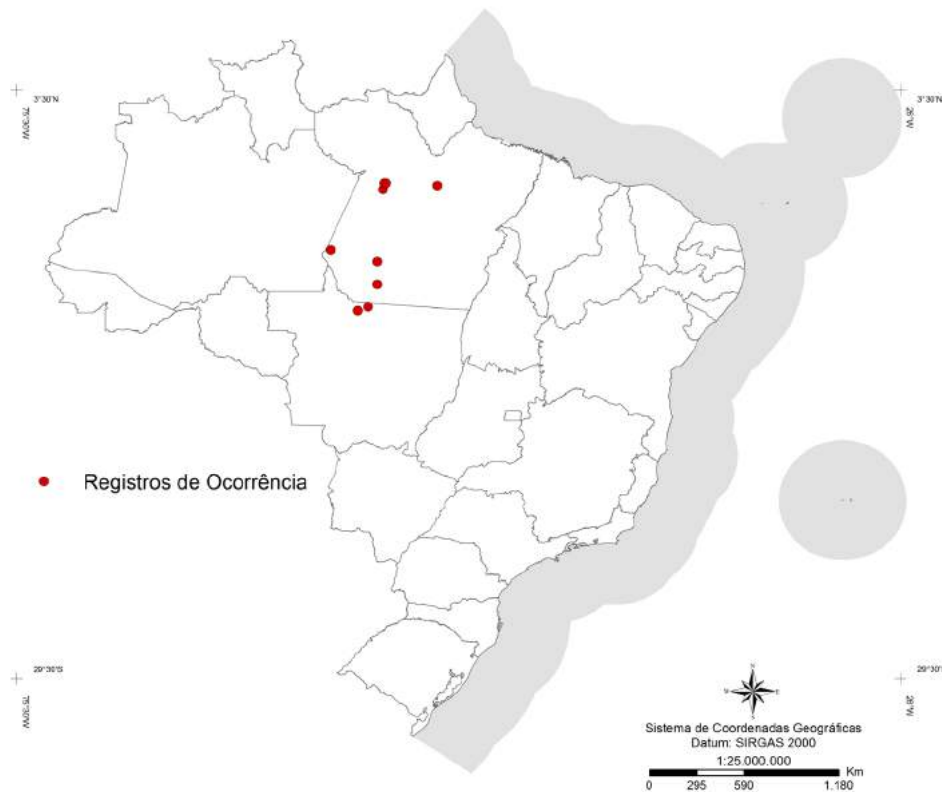
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Embora descrita como subespécie de *P. bourcieri*, um estudo molecular recente mostrou que *P. b. major* na verdade não é aparentado filogeneticamente às demais populações de *P. bourcieri*, mas sim às espécies *Phaethornis philippii* e *P. koepckeae*, justificando desse modo o seu tratamento como espécie independente^{64a}.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo apenas no Centro de Endemismo Tapajós, localizado no interflúvio Tapajós-Xingu. Os registros mais ao norte são provenientes da região de Santarém⁵⁵⁸ e o limite sul é a região da Serra do Cachimbo, no Pará, e Alta Floresta, no Mato Grosso¹³¹³ (Araújo-Silva *et al.*, dados não publicados).



História natural

Ocorre em floresta de terra firme alta e não perturbada^{557,558}. Em menor proporção, ocupa floresta alterada por corte seletivo ou queimadas e florestas secundárias bem desenvolvidas (A.C. Lees, C.B. Andretti & N.G. Moura, dados não publicados). Na FLONA de Altamira, arenas de machos reprodutivos (*leks*) estiveram associadas com áreas de declive acentuado e próximas a igarapés (Aleixo & Poletto, dados não publicados). O táxon é sensível às alterações de *habitat*, incluindo corte seletivo⁵⁵⁷.

População

Comum em pelo menos parte de sua distribuição, quando em ambiente apropriado, como nas proximidades de Santarém^{557,558} e ao longo da BR-163, nas proximidades de Castelo dos Sonhos, Novo Progresso e Moraes Almeida, no Pará²⁷. Entretanto, durante cinco meses de trabalho de campo em toda região de Santarém e Belterra, foi registrado apenas cinco vezes, em cinco microbacias, de 18 estudadas. Quatro registros foram feitos em área de floresta primária (intacta e explorada) e apenas um em floresta secundária⁸²⁸ (A.C. Lees, C.B. Andretti & N.G. Moura, dados não publicados). Em outras localidades, como por exemplo, no interior da FLONA de Altamira, a espécie ocorreu em apenas dois do total de 38 pontos amostrados (Aleixo & Poletto, dados não publicados). Na região de Alta Floresta, Mato Grosso, é considerada incomum^{709,1313}.

Considerando-se as perdas de *habitat* estimadas para passado e futuro, suspeita-se que o declínio populacional seja de, no mínimo, 30% em três gerações futuras e de 30% em uma janela temporal que envolve três gerações no passado e futuro (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

São ameaças à espécie: desmatamento e degradação florestal, principalmente do sub-bosque. Henriques *et al.*⁵⁵⁷ obtiveram 17 capturas com redes de neblina em floresta primária, contra apenas três capturas em floresta explorada por corte seletivo.



Sua área de distribuição vem sofrendo altas taxas de desmatamento e sobrepõe-se à área de influência da BR-163, com previsão de perda de cerca de 27% do *habitat* original nos próximos 13 anos¹²⁵⁵.

Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para *Rhegmatorhina gymnops* (espécie com distribuição semelhante a esse táxon e tempo geracional aproximadamente igual) entre 27 e 42% entre os anos de 2002 e 2015 (três gerações)¹³⁷.

Ações de conservação

Existentes

Phaethornis bourcierii major está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

É necessária a manutenção de unidades de conservação na distribuição de *P. b. major*. É importante que haja redução do desmatamento e da degradação de *habitat*.

Presença em unidades de conservação

Pará: PARNA do Jamanxim (coleção do MPEG), APA do Tapajós (coleção do MPEG), FLONA de Altamira (Aleixo & Poletto, dados não publicados), FLONA de Tapajós^{557,558}, FLONA do Crepori (coleção do MPEG), FLONA do Trairão (coleção do MPEG);

Mato Grosso: PE do Cristalino⁷⁰⁹.

Pesquisas

É necessária a realização de um estudo ecológico para elucidação de fatores ambientais necessários para a sobrevivência do táxon.

Phaethornis margarettae Ruschi, 1972

Vítor de Queiroz Piacentini

Ordem: Apodiformes

Família: Trochilidae

Nome comum: rabo-branco-de-margarette



Foto: Pedro Lima



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Phaethornis margarettae é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas no Centro de Endemismo Pernambuco, Espírito Santo e Bahia. Sua área de distribuição é muito bem amostrada por ornitólogos que procuram ativamente por esta espécie. Há declínio populacional continuado devido à perda de área de ocupação, que leva a extinções locais. Desse conhecimento, infere-se que a população total de *P. margarettae* seja menor que 2.500 indivíduos maduros e que cada subpopulação contenha menos de 250 deles. Acredita-se que *P. m. camargoi* esteja em situação mais crítica, sendo por isso avaliado separadamente. Com base no conhecimento atual, *P. margarettae* foi categorizada como Em Perigo (EN) pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1135}	EN B2ab(i,ii,iii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴²	Espírito Santo: CR
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Phaethornis ochraceiventris Ruschi, 1972; *Phaethornis ochraceiventris camargoi* Grantsau, 1988; *Phaethornis malaris margarettae* Ruschi, 1972.

Notas taxonômicas

Hinkelmann⁵⁶⁵ considera *P. margarettae* como uma subespécie de *P. malaris*. Grantsau⁵²⁸ considera *P. margarettae* e *P. camargoi* como espécies plenas. O Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos - CBRO mantém a inseparabilidade, mesmo subespecífica, de *Phaethornis ochraceiventris camargoi* e *P. margarettae* até que novos estudos esclareçam a situação³⁵³.

Distribuição geográfica

Ocorre no litoral sudeste e nordeste do Brasil, com registros para os estados de Pernambuco, Alagoas, Bahia e Espírito Santo^{528,565}. Há pouquíssimos registros entre o extremo-sul da Bahia (provavelmente região do rio Mucuri) e o norte do Espírito Santo (REBIO do Córrego Grande e REBIO Córrego do Veado - antiga fazenda Klabin, localidade-tipo). Esta área sofreu enorme redução na sua extensão e passou por um incêndio em 1986 de grandes proporções¹¹³⁵. Sua ocorrência no bloco florestal de Sooretama e Linhares é esperada, entretanto os poucos registros publicados carecem de qualquer evidência. Não são conhecidos registros recentes desta espécie para o Espírito Santo, podendo estar extinta nesse estado⁹⁴⁶.



História natural

Habita o interior de florestas bem preservadas, muitas vezes nos arredores de pequenos córregos. Tal qual ocorre em várias espécies do gênero, machos congregam em arenas de exibição onde cantam para as fêmeas. A exibição da espécie envolve estrepognatismo (deslocamento lateral dos ossos mandibulares, alargando a base do bico¹³¹⁹ e um canto pouco elaborado (C. Albano, dados não publicados). Parece haver diferença vocal entre as duas subespécies, o que, junto com a diferença morfológica, sugere que talvez sejam mais bem tratadas como espécies distintas (V.Q. Piacentini, em preparação).

População

É um dos beija-flores mais ameaçados de extinção no Brasil, sendo conhecido apenas de pouquíssimos exemplares depositados em museus e por poucos registros confiáveis em campo. Os registros recentes concentram-se no litoral central da Bahia, entre Porto Seguro⁸¹² e Valença¹²³², especialmente ao norte do rio de Contas. No Centro de Endemismo Pernambuco, sua situação é ainda mais crítica (oficina de avaliação).

O *habitat* preferencial deste táxon encontra-se absolutamente fragmentado, com remanescentes de mata muito pequenos e distantes entre si. Não há relatos de deslocamento da espécie em ambientes alterados, de modo que é razoável supor que a população encontra-se severamente fragmentada, constituindo subpopulações.

Assim sendo, pode-se afirmar, com certa segurança, que a população total de *P. margarettae* é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação. Além disso, a perda de *habitat* reduziu a área de ocupação da espécie, levando a extinções locais, como no Espírito Santo, por exemplo (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Sofreu enorme redução na sua área de distribuição em função do desmatamento acelerado, principalmente após a década de 1960 e notadamente no sul da Bahia¹²²⁹.



Ações de conservação

Existentes

Phaethornis margarettae está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

São ações necessárias à conservação de *P. margarettae*: proteção adequada dos grandes blocos florestais do norte do Espírito Santo e litoral da Bahia, como a REBIO do Córrego Grande e o PARNA do Descobrimento, PARNA Pau Brasil e PARNA e Histórico Monte Pascoal. A interligação desses blocos florestais a fragmentos dos arredores, bem como a proteção formal de áreas no litoral ao sul do Recôncavo (incluindo suporte a RPPNs da região), também são medidas que beneficiariam esta espécie.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: REVIS Matas do Sistema Gurjaú¹⁰²⁰, REBIO de Saltinho¹⁰²⁰, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Frei Caneca¹⁰²⁰;

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹;

Espírito Santo: REBIO do Córrego Grande¹¹³⁵.

Pesquisas

Já foram realizadas pesquisas sobre a taxonomia e distribuição do gênero em seu doutorado⁹⁴⁶. Pesquisas mais detalhadas sobre a biologia da espécie e necessidades ecológicas são aqui encorajadas.

Phaethornis margarettae camargoi Grantsau, 1988

Vítor de Queiroz Piacentini

Ordem: Apodiformes

Família: Trochilidae

Nome comum: rabo-branco-de-margarette



Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(i)

Justificativa

Phaethornis margarettae camargoi é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas em Pernambuco e Alagoas. Sua área de distribuição é frequentemente amostrada por diversos ornitólogos, de modo que é seguro afirmar que a população total é menor que 250 indivíduos maduros e que cada subpopulação contém menos de 50 deles. Há declínio populacional continuado devido à redução da área de ocupação e da qualidade de *habitat*. Assim, *P. m. camargoi* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR)



pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1020}	EN* B1ab(i,ii,iii,iv)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Phaethornis ochraceiventris camargoi*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Phaethornis ochraceiventris camargoi Grantsau, 1988; *Phaethornis camargoi* Grantsau, 1988.

Notas taxonômicas

Grantsau⁵²⁸ considera *P. camargoi* espécie distinta de *P. margarettae*. O Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos - CBRO mantém a inseparabilidade, mesmo subespecífica, de *Phaethornis ochraceiventris camargoi* e *P. margarettae* até que novos estudos esclareçam a situação³⁵³. Para esta avaliação considerou-se o táxon *camargoi* como subespécie válida de *P. margarettae*.

Distribuição geográfica

É endêmico do Centro de Endemismo Pernambuco, ocorrendo nos estados de Pernambuco e Alagoas (oficina de avaliação).



História natural

Pouco se conhece sobre este táxon. Costuma forragear em bromélias e plantas do gênero *Heliconia*; ocorre com maior frequência nas proximidades de corpos d'água ou em áreas alagadas no interior das florestas; ocupa o sub-bosque baixo a médio. Ocorre em altitudes de 5 a 700 metros¹⁰²⁰. Diferenças vocais e morfológicas em relação à forma nominal de *P. margarettae* sugerem que ambas sejam talvez



mais bem tratadas como espécies plenas (V.Q. Piacentini, em preparação).

População

O *habitat* preferencial deste táxon encontra-se absolutamente fragmentado, com remanescentes de mata muito pequenos e distantes entre si. Não há relatos de deslocamento da espécie em ambientes alterados, de modo que é razoável supor que a população encontra-se severamente fragmentada, constituindo subpopulações. Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por este beija-flor utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com segurança, que a população total de *P. m. camargoi* é menor que 250 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 50 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à redução da área de ocupação e da qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças são a substituição de áreas florestadas por agropecuária e a perda de qualidade de *habitat* nos fragmentos remanescentes (oficina de avaliação).

Ações de conservação

A recuperação e conexão florestal dos fragmentos de mata em Alagoas e Pernambuco favoreceriam a manutenção das populações deste táxon.

Phaethornis margarettae está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: REVIS Matas do Sistema Gurjaú¹⁰²⁰, REBIO de Saltinho¹⁰²⁰, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Frei Caneca¹⁰²⁰;

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹.

Pesquisas

Já foram realizadas pesquisas sobre a taxonomia e distribuição do gênero em seu doutorado⁹⁴⁶. Pesquisas sobre a influência do efeito de borda nas populações da espécie e mesmo sua abundância nos fragmentos onde ocorre gerariam dados importantes para auxiliar o manejo de *P. m. camargoi*.



Lophornis gouldii (Lesson, 1832)

Túlio Dornas, Renato Torres Pinheiro & José Fernando Pacheco

Ordem: Apodiformes

Família: Trochilidae

Nome comum: topetinho-do-brasil-central

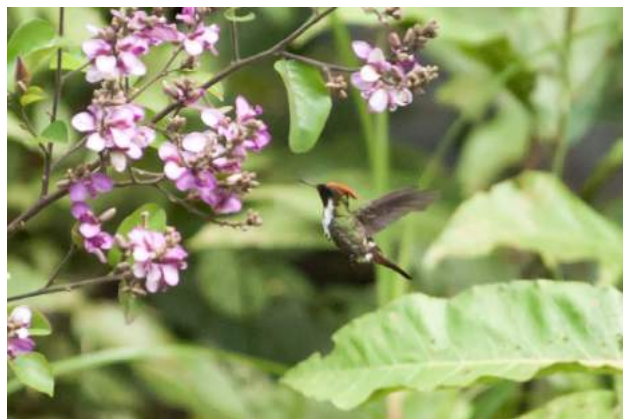


Foto: César Medolago

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3c

Justificativa

Lophornis gouldii ocorre no centro-norte do Brasil e leste da Bolívia. Parece ser rara e necessitar de *habitat* em condição primária. Sua distribuição geográfica coincide aproximadamente com a do Arco de Desmatamento, de modo que a espécie tem perdido expressiva parcela de seu *habitat* devido às altas taxas de desmatamento, situação bem ilustrada no sudeste do Pará e ao longo da rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém). Em função das taxas de desmatamento e da previsão de drástica redução do *habitat* disponível para *L. gouldii* nas próximas décadas, resultados de modelagem projetaram uma perda populacional de 41 a 48% em um período de três gerações. Além da conversão de áreas nativas de florestas e cerrados em pastagens e campos agrícolas, as construções de hidrelétricas representam uma ameaça iminente à espécie. A detecção deste beija-flor ao longo das matas ciliares e varjões do rio Tocantins, em território tocantinense, já demonstra expressiva redução populacional devido às hidrelétricas já estabelecidas, condição igualmente prevista para os rios Araguaia, Xingu e Tapajós, para onde está planejada a construção de numerosas hidrelétricas. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Por estas razões, *L. gouldii* foi classificada como Vulnerável (VU) A3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁶⁹	VU A3c

Outros nomes aplicados ao táxon

Ornismya gouldii Lesson, 1832; *Trochilus reginae* Schreibers, 1833; *Bellatrix gouldii* Lesson, 1833; *Bellatrix reginae* Schreibers, 1833.

Distribuição geográfica

Ocorre ao longo da Amazônia centro-oriental, desde o Maranhão, Pará e Mato Grosso, passando por Tocantins e alcançando o leste da Bolívia. No Cerrado, ocorre nas regiões limítrofes com leste

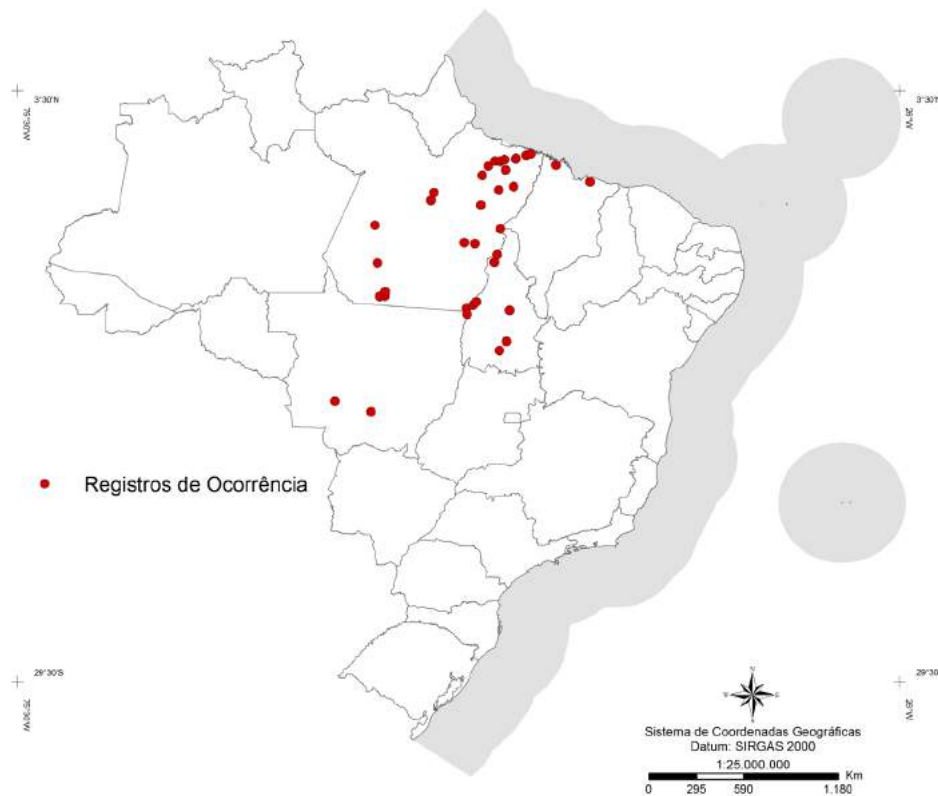


amazônico, ao longo dos estados de Tocantins e Mato Grosso^{528,1095,1317}.

Registros recentes de Santos *et al.*¹⁰⁶⁴ reforçam a presença da espécie para a mesma região no sudoeste do Pará. No Centro de Endemismo Belém, a espécie possui registros históricos em ao menos oito localidades⁵³⁴, nas matas de igapó na grande Belém⁸⁵⁷ e registros recentes para as matas primárias do rio Capim⁹⁶⁵, sendo também reconhecida na Amazônia maranhense⁹⁰⁰ (Itinga do Maranhão) (J.F. Pacheco & R. Parrini, com. pess., 2012). Ainda no Pará, a presença de *L. gouldii* é conferida para região da Serra dos Carajás⁹¹⁰ e Fazenda Fartura, extremo sudeste paraense¹¹⁸⁴.

No estado do Tocantins, há registros de *L. gouldii* associado às florestas ombrófilas do extremo norte do estado^{551,873} (T. Dornas, dados não publicados). Para o oeste do estado, é conhecida a coleta de espécime testemunho para a Ilha do Bananal, além do registro para ambientes florestais da APA Bananal-Cantão⁹⁵². Nas bordas de mata ciliar e de galeria inseridas nos varjões inundáveis do rio Tocantins, são conhecidos registros nas regiões de Palmas⁷⁹, Peixe⁷¹² e Pedro Afonso (T. Dornas, dados não publicados); nas duas últimas localidades, somente fêmeas foram avistadas.

No Mato Grosso, a espécie possui registro confirmado na região da Chapada dos Guimarães⁷⁴⁴ enquanto para o Pantanal os registros conhecidos são considerados incertos¹²⁴⁹.



História natural

Aparentemente, o *habitat* principal da espécie são bordas de matas e cerrado^{538,1095,1097}. Dos registros conhecidos, quase todos estão associados a ambientes primários e/ou remanescentes e fragmentos bem preservados.

Na Serra do Cachimbo, está associada tanto a florestas serranas e ombrófilas quanto a campinaranas^{911,1064}. No rio Capim, Pará, sua ocorrência foi assinalada em fragmentos florestais de vegetação primária⁹⁶⁵. Em Itinga do Maranhão, encontrado em vegetação adjacente a um igarapé no interior de um bloco florestal (J.F. Pacheco & R. Parrini, com. pess., 2012). No rio Tocantins e afluentes, em Tocantins, foi detectado em borda de mata de galeria bem preservada e contígua a remanescente de cerrado campestre e varjão (T. Dornas, dados não publicados).

A presença deste beija-flor na Ilha do Bananal e no PARNA da Chapada dos Guimarães também



reforça a relação de *L. gouldii* com *habitat* íntegros. Ao sudoeste do Tocantins³⁹¹ e leste-sul do Mato Grosso⁷⁴⁴, a espécie é simpátrica a *L. magnificus*. O somatório de registros de *L. gouldii* em localidades que guardam uma vegetação íntegra talvez seja suficiente para inviabilizar a indicação de espécie pouco sensível a alterações ambientais¹²⁰⁵.

O período de reprodução de *L. gouldii* é marcado entre dezembro e fevereiro, com incubação dos ovos ocorrendo em 14 dias e permanência no ninho de 22 dias⁵²⁷. O ninho tem formato de tigela, confeccionado de paina escura com a superfície externa coberta por líquens e teias de aranhas sobre galhos finos de árvores^{857,958}.

Os machos são poligâmicos e cortejam a fêmea por meio de exibições em rodopios e eriçando sua crista e tufos do pescoço, no intuito de exibirem sua plumagem de forma mais reluzente possível^{1095,1317}. O bater das asas ultrapassam 50 vibrações por segundo, gerando um zumbido semelhante ao de insetos¹⁰⁹⁵. As fêmeas de *Lophornis* são mimetizadas por mariposas do gênero *Aellopus*, chegando ao ponto de *A. fadus* apresentar uma faixa branca sobre o abdômen, idêntica àquela existente na região uropigiana da fêmea de *L. gouldii*¹⁰⁹⁵.

População

Não há estimativas populacionais disponíveis. Considerada rara, é conhecida em algumas localidades ao longo de sua distribuição. Para a Serra do Cachimbo, sudoeste do Pará, Pacheco & Olmos⁹¹¹ estimaram entre 9 e 14 indivíduos para 100 horas de observação ao longo de campinaranas e matas serranas da região. No estado do Tocantins, foram detectados seis indivíduos em um fragmento de floresta ombrófila⁸⁷³.

A detecção deste beija-flor ao longo das matas ciliares e varjões do rio Tocantins, em território tocantinense, dão um grande indicativo da expressiva redução populacional que a espécie tem passado devido às hidrelétricas já estabelecidas. Os registros em Peixe e Pedro Afonso ocorreram em matas de galerias e varjões cujas extensões na região de Palmas e Porto Nacional foram totalmente inundadas com a formação do reservatório do Lajeado. A mesma condição é igualmente prevista para os rios Araguaia, Xingu e Tapajós, para onde está planejada a construção de diversas hidrelétricas (oficina de avaliação).

Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para esta espécie entre 41 e 48% em três gerações futuras¹³⁷. Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional equivalente, considerando a sensibilidade da espécie (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* tem se caracterizado como a principal ameaça à conservação da espécie justamente por ter sua distribuição geográfica sobreposta ao Arco do Desmatamento, na região centro-meridional da Amazônia e zonas ecotonais com o Cerrado. Além disso, a espécie sofre e sofrerá uma expressiva redução em seus *habitat* a partir do alagamento de matas ciliares, matas de galeria e varjões associados às várzeas dos rios amazônicos. Tal condição é fato consumado devido às hidrelétricas do rio Tocantins, tanto no Pará (UHE de Tucuruí) quanto em Tocantins (UHE de Estreito e UHE Luís Eduardo Magalhães) que alagaram extensa cobertura de vegetação preferencial da espécie. Com a proposta de construção de uma cadeia de barramentos para o aproveitamento hidrelétrico da bacia dos rios Araguaia, Xingu e Tapajós, grandes extensões de *habitat* da espécie estão ameaçadas e, conseqüentemente, as populações de *L. gouldii* também.

Ações de conservação

Existentes

Lophornis gouldii está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁹.



Necessárias

Ações que visem o cumprimento do Código Florestal com a obrigatoriedade de conservação das Áreas de Preservação Permanente e Reservas Legais apoiariam a preservação de significativas extensões florestais e de cerrados utilizados pela espécie. A criação de unidades de conservação na região centro-sul do Pará tem se caracterizado como uma tentativa de contenção do desmatamento e, deste modo, pode refletir indiretamente como ação de conservação a *L. gouldii*. Entretanto, a maioria das áreas protegidas nesta área é de uso sustentável. A criação das planejadas unidades de conservação de proteção integral no norte de Tocantins contribuirá para manutenção de populações da espécie.

Presença em unidades de conservação

O registro de dois indivíduos em Itinga do Maranhão, em 2 de junho de 2011 (J.F. Pacheco & R. Parrini, com. pess., 2012), foi feito a poucos quilômetros da parte meridional da REBIO do Gurupi, sendo provável a ocorrência da espécie dentro desta unidade. Registros efetuados na região da Serra do Cachimbo^{912,1064} sugerem a ocorrência da espécie na série de unidades de conservação da porção centro-sul do Pará, como a ESEC da Terra do Meio.

Pará: REBIO Nascentes da Serra do Cachimbo⁹¹¹, FLONA do Trairão⁶¹⁹, FLONA de Carajás⁹¹⁰;

Tocantins: PARNA do Araguaia (Coleção do MZUSP), APA Bananal-Cantão⁹⁵³;

Mato Grosso: PARNA da Chapada dos Guimarães⁷⁴⁴.

Pesquisas

Não são conhecidas pesquisas diretamente associadas ao estudo de *Lophornis gouldii*. As informações conhecidas da espécie são predominantemente obtidas a partir de inventários ornitológicos. A obtenção de dados sobre parâmetros populacionais ao longo de sua distribuição geográfica e definição de exigências de *habitat* são necessárias para futuras avaliações de seu estado de conservação.

Discosura langsdorffi langsdorffi (Temminck, 1821)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Apodiformes

Família: Trochilidae

Nome comum: rabo-de-espinho



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(i,ii,iii,iv)

Justificativa

Discosura langsdorffi langsdorffi é endêmica do leste do Brasil, sendo que os únicos registros recentes



são para a Bahia. A área de ocupação atual do táxon é menor que 500 km². A população encontra-se severamente fragmentada. Há declínio continuado de extensão de ocorrência, área de ocupação, qualidade de *habitat* e número de subpopulações, uma vez que parece haver extinções locais. Desse modo, *D. l. langsdorffi* foi categorizada como Em Perigo (EN) pelo critério B2ab(i,ii,iii,iv).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1136}	VU* B1ab(i)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Popelairia langsdorffi langsdorffi*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Trochilus langsdorffi Temminck, 1821; *Popelairia langsdorffi* (Temminck, 1821).

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, com distribuição original na Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro^{528,1318} e Minas Gerais¹¹³⁶. Contudo, os únicos registros atuais são para o PARNA Serra das Lontras (A. De Luca, com. pess., 2013) e município de Camacan¹²⁸⁹, ambos na Bahia.

Os dois únicos municípios com registros recentes de *D. l. langsdorffi* possuem cerca de 600 km² de floresta⁴⁸⁶. Contudo, essa área inclui fragmentos de mata muito pequenos, dificilmente ocupados por este beija-flor. Além disso, esses dados não são tão recentes, tendo em vista que para o biênio 2011-2012 não houve imagem satisfatória para avaliação dessa região da Bahia, devido à cobertura de nuvens. Assim, é razoável supor que a área de ocupação atual do táxon não ultrapasse 500 km² (oficina de avaliação).





História natural

Habita regiões montanhosas e pedregosas, com vegetação arbustiva¹⁰⁹⁵. Forrageia no estrato médio da mata. Sua dieta é composta por artrópodes e néctar. É provavelmente sedentária¹³¹⁸. *Discosura l. langsdorffi* parece não sobreviver em áreas alteradas¹¹³⁶.

População

O pequeno porte e o comportamento pouco conspicuo da espécie podem contribuir para a impressão de raridade. A população de *D. l. langsdorffi* é pouco conhecida e altamente fragmentada¹¹³⁶.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

Grande parte da área de distribuição original de *D. l. langsdorffi* desapareceu ou foi severamente alterada¹¹³⁶. Até hoje, há perda de extensão de ocorrência, área de ocupação e qualidade de *habitat* (oficina de avaliação), uma vez que as florestas continuam sendo fragmentadas e exploradas (corte seletivo de madeira, abertura de áreas para pastagens e plantações). O número de subpopulações também está em declínio continuado, uma vez que parece haver extinções locais em diversas áreas antes ocupadas pelo táxon (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

O táxon está contemplado pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Em junho de 2010 foi criado o PARNA da Serra das Lontras, protegendo parte importante da distribuição de *D. l. langsdorffi*. Entretanto, é necessária a efetiva implantação do PARNA, uma vez que ainda há perda de *habitat* na unidade devido a desmatamento e invasões (A. De Luca, com. pess., 2013).

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, RPPN Fazenda Ararauna (oficina de avaliação);

Espírito Santo: REBIO Augusto Ruschi¹¹³⁶;

Minas Gerais/Espírito Santo: PARNA do Caparaó⁶⁰¹;

Rio de Janeiro: PARNA da Tijuca⁶⁰⁰.



Thalurania watertonii (Bourcier, 1847)

Vítor de Queiroz Piacentini

Ordem: Apodiformes

Família: Trochilidae

Nome comum: beija-flor-de-costas-violetas



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii); C2a(i)

Justificativa

Thalurania watertonii é endêmica do Brasil, ocorrendo atualmente em Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Sua área de ocupação é menor que 500 km². As populações são severamente fragmentadas e há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat* e de área de ocupação. O número total de indivíduos é menor que 2.500 e cada subpopulação contém menos de 250 deles. Assim, *T. watertonii* foi categorizada como Em Perigo (EN) pelos critérios B2ab(ii,iii); C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1021}	VU B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁷⁰	NT

Outros nomes aplicados ao táxon

Trochilus watertonii Bourcier, 1847.

Distribuição geográfica

A espécie foi descrita como proveniente da Guiana Inglesa e espécimes obtidos posteriormente, mas sem localidade original, foram atribuídos por J. Gould ao Pará⁹¹³. No entanto, todas essas ocorrências são questionadas atualmente e admite-se que a espécie ocorra apenas na Mata Atlântica¹⁰²¹.

Sua ocorrência é documentada e inequívoca para os estados de Pernambuco e Alagoas, ocorrendo em mais de 30 localidades¹⁰²¹. Pacheco & Whitney⁹¹³ indicam ainda a presença da espécie para Sergipe, portanto a sul do São Francisco, o que sugere que algumas peles históricas atribuídas à Bahia podem ter vindo do leste do estado, ao norte do Recôncavo. Por outro lado, dados recentes indicam a presença de *Thalurania glaucopsis* na mesma região de Sergipe e do litoral da Bahia¹⁰⁷⁹. Embora não seja impossível haver uma simpatria de ambas em Sergipe, tal qual observado localmente entre *T. glaucopsis* e *T. furcata* em alguns poucos locais no Brasil central, o padrão geral é que espécies de *Thalurania* substituam-se geograficamente. Assim, Sergipe é aqui aceito tentativamente como área de ocorrência até que registros adicionais permitam avaliar o caso.



A área de ocupação (AOO) de *T. watertonii* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro atuais, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 456 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita florestas úmidas costeiras¹⁰⁷⁹; ocorre do nível do mar até 980 metros¹⁰²¹. Forrageia nos níveis baixo e médio da vegetação, geralmente em suas bordas. Alimenta-se de néctar de flores de lianas, cactos, epífitas, arbustos e árvores, sendo um importante polinizador de bromélias em Pernambuco¹⁰²¹. A espécie é sedentária¹⁰⁷⁹.

População

É raro em matas urbanas, no entanto é abundante em várias grotas úmidas e densamente sombreadas de florestas tardias na Serra do Mascarenhas, em São Vicente Ferrer, Pernambuco¹⁰²¹.

Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total de *T. watertonii* é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação. Além disso, há fragmentação severa da população e declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat* e de área de ocupação (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Aparentemente, adapta-se a ambientes antrópicos desde que existam manchas de floresta próximo ao local¹⁰⁷⁹. Contudo, a perda, destruição e descaracterização de *habitat* é uma ameaça. A Serra de Itabaiana, em Sergipe, tem sofrido severas perdas de área devido a incêndios¹⁰²¹.



Ações de conservação

Existentes

Thalurania watertonii está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Necessárias

Proteção e a recuperação de *habitat* e criação de corredores ecológicos e novas unidades de conservação de proteção integral¹⁰²¹.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: ESEC do Tapacurá¹²³⁸, REVIS Matas do Sistema Gurjaú¹⁰²¹, PM Vasconcelos Sobrinho¹⁰²¹, PE Dois Irmãos¹¹⁷⁴, REBIO de Saltinho¹⁰²¹, RPPN Frei Caneca¹⁰²¹;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada¹⁰²¹;

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹;

Sergipe: PARNA Serra de Itabaiana¹¹⁹¹, REBIO de Itabaiana¹⁰²¹

Pesquisas

Não são conhecidas pesquisas específicas sobre o táxon no Brasil. É primordial confirmar sua ocorrência entre o rio São Francisco e o Recôncavo Baiano, em particular em Sergipe. Estimativas mais precisas do seu tamanho populacional são importantes para determinar o grau de ameaça à espécie.

Augastes lumachella (Lesson, 1838)

Caio Graco Machado, Romulo Ribon, Lemuel Olívio Leite & Elivan Arantes de Sousa.

Ordem: Apodiformes

Família: Trochilidae

Nome comum: beija-flor-de-gravata-vermelha



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii)

Justificativa

Augastes lumachella é endêmica do Brasil, com ocorrência apenas para Bahia. Embora sua extensão de ocorrência (EOO) seja superior a 20.000 km², sua área de ocupação (AOO) foi calculada em 120 km². Possui apenas duas localizações, uma na Chapada Diamantina, onde é restrita a ilhas de campos rupestres acima de 950 m de altitude, e outra na região do Boqueirão da Onça, onde é encontrada acima



de 750 m de altitude. A qualidade do *habitat* de ambas as localizações está em declínio em função de incêndios, exploração de matas nativas para transformação em carvão, turismo desordenado e ocupação de áreas nativas por pastagens. Por essas razões, *Augastes lumachella* foi categorizada como Em Perigo (EN) B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁷¹	NT

Outros nomes aplicados ao táxon

Ornismya lumachella Lesson, 1838; *Augastes lumachellus* (Lesson, 1838).

Distribuição geográfica

Endêmica da Caatinga, com ocorrência apenas na Bahia, em apenas duas localizações, definidas pelo risco de incêndios descontrolados, capazes de eliminar populações da espécie (oficina de avaliação): Chapada Diamantina onde é restrita a ilhas de campos rupestres acima de 950 m de altitude e Boqueirão da Onça, encontrada acima de 750 m de altitude^{38,348,349,526,919,1054,1095,1198,1267}.

Sua EOO, calculada através do mínimo polígono convexo (MPC), é ampla (45.896 km²). Entretanto, sua AOO é de apenas 120 km². O cálculo da AOO de *A. lumachella* foi feito através da sobreposição de um grid com quadriculas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadriculas para as quais há ocorrência da espécie (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa campos rupestres e caatinga arbórea arbustiva, em altitudes que variam de 750 a 1.600 m de altitude. Existem poucos estudos sobre a história natural desta espécie. Constroem seus ninhos utilizando



cerdas de cactáceas, apoiadas em forquilhas de arbustos baixos, a 1m do solo⁷⁶¹. É territorialista sendo que machos e fêmeas estabelecem, separadamente, áreas de alimentação, as quais defendem por meio de vocalizações e agressões físicas.

Capturam insetos em torno de pequenos arbustos³⁸ e, sobretudo, consomem néctar de flores. Há registros de 27 espécies de plantas cujas flores são exploradas por *A. lumachella*^{38,367,760,1048,1053,1061}.

População

A espécie é considerada relativamente comum em sua área de ocorrência^{38,1205}.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A qualidade do *habitat* está em declínio em toda sua área de ocupação, em função de incêndios, exploração de matas nativas para transformação em carvão, turismo desordenado³⁴⁸ e conversão de áreas nativas em pastagens¹⁴⁴. Uma das ameaças mais relevantes e que pode exterminar populações são os incêndios descontrolados (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

A espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

O Projeto Sempre Viva, desenvolvido no Parque Municipal de Mucugê, apesar de não direcionado a esta espécie, resulta na conservação da área de ocorrência de *A. lumachella*.

Necessárias

É necessária a criação de novas unidades de conservação (como o PARNA do Boqueirão da Onça, por exemplo) e a gestão adequada das unidades já existentes. É especialmente relevante a regularização fundiária do PARNA da Chapada Diamantina para proteção efetiva do *habitat* da espécie.

Presença em unidades de conservação

Bahia: MN Cachoeira do Ferro Doido¹²⁸⁹, PARNA da Chapada Diamantina^{348,919,1267}, PE das Sete Passagens¹²⁸⁹, PE de Morro do Chapéu³⁸, PM de Mucugê^{762,1061}.

Pesquisas

São necessários estudos mais aprofundados sobre a biologia da espécie, busca por outras populações na Chapada Diamantina e avaliação de seus padrões populacionais.



Trogon collaris eytoni (Fraser, 1857)

Danielle Custódio Leal, Fernanda Pinto Marques e Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Trogoniformes

Família: Trogonidae

Nome comum: surucuá-de-coleira



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(ii)

Justificativa

Trogon collaris eytoni é endêmica do Brasil, ocorrendo da Bahia ao Espírito Santo e, possivelmente, Alagoas. Os registros recentes restringem-se a duas localidades na Bahia e duas no Espírito Santo, sendo que esta subpopulação, aparentemente, concentra ao menos 95% da população. Estima-se que o tamanho populacional seja menor que 2.500 indivíduos maduros. Assim, *T. c. eytoni* foi categorizada como Em Perigo (EN) C2a(ii).

Outras avaliações

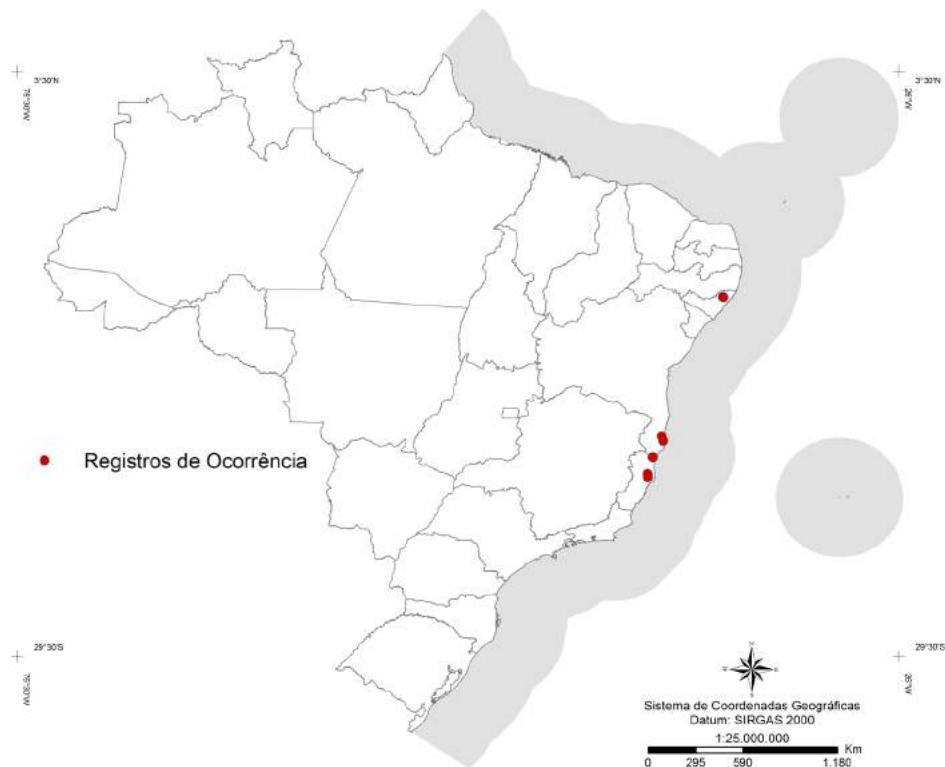
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Alguns autores consideram este táxon indistinto de *Trogon collaris castaneus* (Grantsau⁵²⁸, por exemplo). O status taxonômico de *T. c. eytoni* ainda não foi bem esclarecido, mas por não haver estudo conclusivo sobre seu status, nesta avaliação ela foi considerada válida (oficina de avaliação).

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo da Bahia ao Espírito Santo e, possivelmente, Alagoas (registro não confirmado). Os registros recentes restringem-se a duas localidades na Bahia e duas no Espírito Santo¹²⁸⁹.



História natural

Ocorre em matas tropicais e florestas abertas. Alimenta-se de artrópodes e pequenos frutos. Acompanha bandos mistos com frequência³⁷⁷.

População

Com base no conhecimento atual sobre o táxon e considerando que este ocorre em áreas muito bem amostradas por pesquisadores, estima-se que o tamanho populacional de *T. c. eytoni* seja menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que ao menos 95% desta população está concentrada no Espírito Santo. Devido à fragmentação de *habitat* e ao baixo poder de deslocamento desta espécie, acredita-se que a subpopulação da Bahia esteja isolada daquela do Espírito Santo (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A perda de *habitat* devido ao desmatamento para expansão urbana e agropecuária é a principal ameaça ao táxon (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Espírito Santo: REBIO de Sooretama¹²⁸⁹.

Pesquisas

É necessária revisão taxonômica para averiguar o estado de *T. c. eytoni*.



Momotus momota marcgraviana Pinto & Camargo, 1961

Suylane Barbalho de Lima Silva, Fernanda Pinto Marques & Danielle Custódio Leal

Ordem: Coraciiformes

Família: Momotidae

Nome comum: udu-de-coroa-azul-do-nordeste



Foto: Emanuel Barreto

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Momotus momota marcgraviana é endêmica do Centro de Endemismo Pernambuco. Estima-se que haja menos de 2.500 indivíduos maduros, com menos de 250 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* pela expansão urbana e da agropecuária. Dessa forma, *M. m. marcgraviana* foi avaliada como Em Perigo (EN) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1022}	EN B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Não há consenso quanto à validade de algumas subespécies de *Momotus momota*, sendo necessária uma revisão taxonômica.

Distribuição geográfica

É endêmica do Centro de Endemismo Pernambuco, nordeste do Brasil (oficina de avaliação).



História natural

Habita a Mata Atlântica nordestina, ocupando apenas ambiente florestal e não se deslocando entre fragmentos (oficina de avaliação). Alimenta-se de invertebrados, frutos e pequenos vertebrados¹¹⁷⁹.

População

A região de ocorrência do táxon é muito bem conhecida de diversos pesquisadores. Há procura ativa por este táxon, mas os registros são raros. Os fragmentos florestais que restam são pequenos e isolados, de modo que a população do táxon está fragmentada, não havendo mais de 250 indivíduos maduros em cada subpopulação. No total, estima-se que haja menos de 2.500 indivíduos maduros. Suspeita-se também de declínio populacional continuado devido à constante perda de *habitat* (oficina de avaliação). *Tendência populacional*: declinando.

Ameaças

A maior ameaça ao táxon é a massiva perda de seu *habitat* devido à expansão urbana e da agropecuária (oficina de avaliação).

Ações de conservação

O táxon está contemplado pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas¹²⁸⁹;

Alagoas: PM de Maceió (C. Albano, com. pess., 2013).

Pesquisas

É necessária uma revisão taxonômica de *Momotus momota*¹¹⁷⁹.



Monasa morphoeus morphoeus (Hahn & Küster, 1823)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Galbuliformes

Família: Bucconidae

Nome comum: chora-chuva-de-cara-branca



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Monasa morphoeus morphoeus é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Bahia ao Espírito Santo. Infere-se que o tamanho total da população atual seja menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que cada subpopulação não contém mais de 250 deles. Há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat* e de área de ocupação. Sendo assim, *M. m. morphoeus* foi categorizado como Em Perigo (EN) pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Bucco morphoeus Hahn & Küster, 1823; *Monasa leucops* Pelzeln, 1868.

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil; registrada nos estados da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais¹²⁸⁹.



História natural

Ocupa interior de matas da Mata Atlântica. Frequenta o estrato médio e o subdossel em grupos de seis a oito indivíduos. Captura artrópodes, anfíbios e répteis nas folhagens ou no solo. O ninho é feito no solo e é atendido pelo casal e auxiliares¹⁰⁹⁷. É restrita a matas bem conservadas ou capoeiras próximas a elas e não há registro de deslocamento desta espécie por matriz antrópica ou áreas abertas, de modo que as subpopulações estão isoladas devido à fragmentação florestal (oficina de avaliação).

População

Sua área de distribuição é bastante amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total de *M. m. morphoeus* é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação. Além disso, há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat* e de área de ocupação (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

O desmatamento e a ocupação antrópica nos remanescentes florestais de Mata Atlântica são ameaças a este táxon (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Monasa morphoeus morphoeus está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, PARNA do Descobrimento⁴⁰⁷, PE Serra do Conduru¹²⁸⁹;
Espírito Santo: REBIO de Sooretama⁴²⁵.



Capito dayi Cherrie, 1916

Luiz Augusto Macedo Mestre, Alexander Charles Lees & Christian Borges Andretti

Ordem: Piciformes
Família: Capitonidae

Nome comum: capitão-de-cinta



Foto: Andrew Whittaker

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c+3c

Justificativa

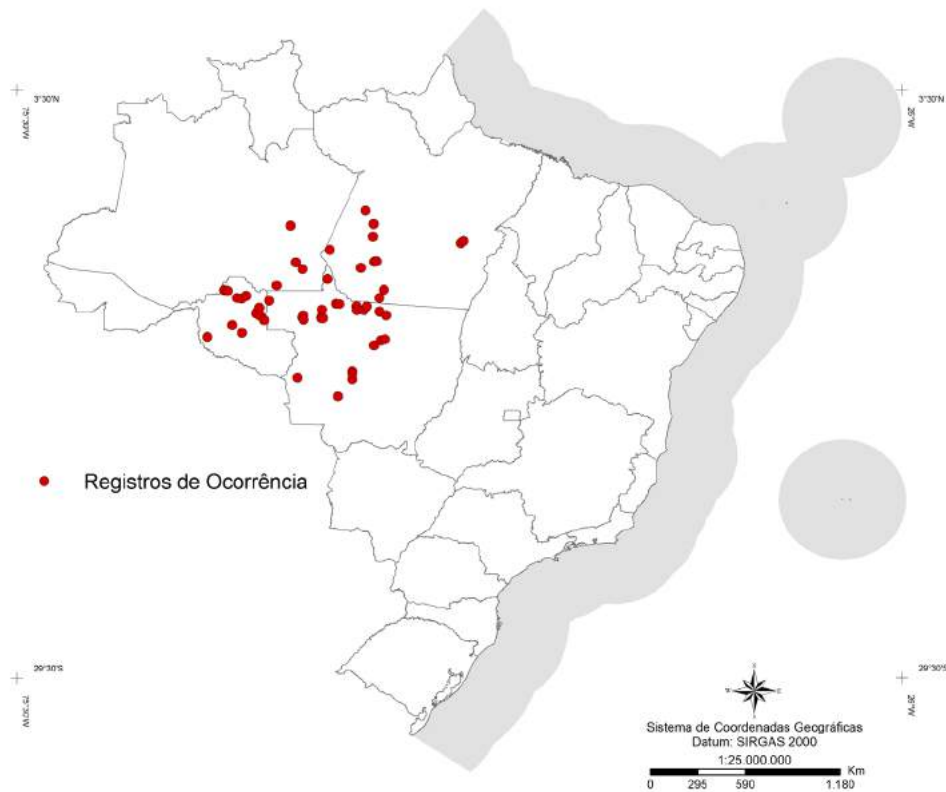
Capito dayi ocorre no interflúvio Madeira-Tocantins, para sul, até leste da Bolívia e centro-oeste do Mato Grosso. É relativamente sensível a distúrbios florestais, habitando principalmente florestas de terra firme e sendo menos frequente em locais impactados. Distribuiu-se pela área de desmatamento mais intenso da Amazônia, ao longo do Arco de Desmatamento. Suas perdas populacionais (baseadas em perda de *habitat*) em três gerações passadas podem ser consideradas próximas a 30%. Modelagens de perda de *habitat* permitem inferir uma perda populacional entre 31 e 48%, envolvendo passado e futuro (três gerações). Por estas razões, *C. dayi* foi considerada Vulnerável (VU) pelos critérios A2c+3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁷²	VU A3c

Distribuição geográfica

Ocupa o centro-sul da Amazônia brasileira e uma pequena região no nordeste da Bolívia¹²⁷². No Brasil, ocorre no interflúvio Madeira-Tocantins, estendendo-se pelo centro-sul do Mato Grosso, possivelmente até próximo à Serra de Monte Cristo⁴⁶⁴; no Pará, ocorre na Serra do Carajás⁹¹⁰ e em Novo Progresso⁹¹¹, porém não foi observada em Santarém por Henriques *et al.*⁵⁵⁸ nem em intensa amostragem realizada recentemente naquela região⁷⁰¹. Um espécime foi coletado na cidade de Trairão, a pouco mais de 250 km a sudoeste de Santarém, indicando ser este o limite norte de sua distribuição (C.B. Andretti, com. pess., 2011).



História natural

Vive principalmente na copa das florestas preservadas de terra firme, no sul da Amazônia^{791,1095}. Tem hábitos generalistas, alimentando-se principalmente de frutos e artrópodes. Apesar de ser mais comumente observada em florestas de terra firme, também ocorre em florestas inundáveis e matas de galeria, nas zonas de transição, no sul de sua área de ocorrência⁶⁹⁹. Stotz *et al.*¹²⁰⁶ registrou a espécie como sendo comum nas localidades do rio Jiparaná, em Rondônia, ocupando florestas de terra firme, mata ciliar e matas sazonalmente inundadas. A maioria dos registros é de indivíduos solitários ou casais, alimentando-se principalmente na copa ou no estrato superior das florestas. Forrageiam em aglomerados de folhas secas ou frutos, podendo também manipular estes itens com os pés¹⁰⁹⁷.

Apesar de ser uma espécie onívora de copa, tem sido registrada em várias ocasiões seguindo correições de formigas *Eciton burcheli* no sub-bosque da floresta, capturando artrópodes espantados pela correição¹²⁸⁶ (C.B. Andretti, dados não publicados). Foram encontradas aranhas e frutos nos estômagos de espécimes coletados no Mato Grosso por Houck e Sick em diferentes expedições⁵⁷². Remsen *et al.*⁹⁸⁵ observaram mais de 80% dos indivíduos estudados (n = 7) com apenas frutos em seu estômago e 14% apenas com artrópodes. Foi observada por Lees & Peres⁷⁰⁴ cruzando clareiras de 75 m de largura e por Zimmer *et al.*¹³¹³ alimentando-se nas florestas primárias e suas bordas na região de Alta Floresta, Mato Grosso.

Como ocorre com outras espécies do gênero, constroem ninhos em ocos de árvores altas e alimentam os filhotes com frutos, insetos e larvas. Apesar de ocorrerem principalmente em florestas primárias, também foram registrados em matas secundárias, mata ciliar e plantações de árvores frutíferas e cacau^{1095,1097}. Entretanto, é menos frequente em locais impactados (oficina de avaliação).

Apesar de ser uma espécie relativamente comum e poder ocorrer em florestas secundárias, foi registrada em menor frequência nas florestas manejadas quando comparada a florestas preservadas na FLONA do Jamari (Mestre & Laranjeiras, dados não publicados). Além disso, esta espécie apenas foi registrada em corredores florestais conectados à matriz de floresta primária, não sendo observada em áreas sem conexão ou em fragmentos florestais menores que 22 ha^{697,703}.



A menor frequência em áreas relativamente pouco impactadas (como nas áreas de manejo florestal) e sua presença em bandos mistos mostra uma preferência desta espécie por *habitat* íntegros. *C. dayi* pode ser considerado como espécie indicadora por apresentar grande fidelidade a determinados ambientes e ser sensível a alterações no seu *habitat*³²⁰. O tempo geracional da espécie é estimado em 8,5 anos¹⁴⁴.

População

A espécie foi pouco estudada e ainda não se tem uma estimativa precisa do número de indivíduos ou de populações em sua área de ocorrência. Entretanto, tendo em vista a massiva perda de *habitat*, é possível supor perdas populacionais, em três gerações passadas, próximas a 30% (oficina de avaliação).

Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para esta espécie entre 31 e 48% entre os anos de 2002 e 2027 (três gerações)¹³⁷. Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional equivalente, considerando a sensibilidade da espécie. Dessa forma, as perdas populacionais, considerando a janela temporal de três gerações no passado e futuro, poderão ser superiores a 30% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* é a principal ameaça à espécie. *Capito dayi* é sensível a perturbação de *habitat*, ocorrendo principalmente em áreas menos perturbadas de florestas de terra firme. Grande parte de sua distribuição está nas áreas com maiores taxas de desmatamento na Amazônia.

Ações de conservação

Existentes

Capito dayi está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

É necessário promover a preservação de grandes áreas íntegras de floresta de terra firme na Amazônia Ocidental Sul, sendo estas localidades altamente impactadas no passado recente e com previsão de grandes obras governamentais impactantes em um futuro próximo.

Presença em unidades de conservação

Amazonas: FLONA do Jatuarana⁷⁴⁸;

Pará: PARNA do Rio Novo⁷⁴⁸, PARNA do Jamanxim⁷⁴⁸, REBIO da Serra do Cachimbo⁶¹², FLONA de Carajás⁹¹⁰, FLONA do Crepori⁶¹³, FLONA do Trairão⁶²²;

Rondônia: REBIO do Jaru⁶¹⁸, FLONA do Jamari (L.A.M. Mestre, obs. pess.);

Amazonas/Mato Grosso: PARNA do Juruena⁶²⁵;

Mato Grosso: RPPN Cristalino (obs. pess. dos autores).

Pesquisas

Existentes

Remsen *et al.*⁹⁸⁵ estudaram a dieta de sete indivíduos desta espécie (entre outras). A espécie foi também incluída em alguns estudos taxonômicos e biogeográficos da Família ou do gênero^{66,688,833,1092}. Haffer⁵⁴¹ utilizou esta ave como um dos exemplos de espécies que se substituem na zona de contato do interflúvio do Madeira-Tapajós (*Capito dayi* e *C. brunneipectus*).

Necessárias

Esta espécie ainda não foi enfocada em estudos ecológicos ou demográficos específicos, incluindo



estudos populacionais, comparações locais de densidade e registros da preferência por *micro-habitat*. Importantes estudos também devem focar hábitos reprodutivos e alimentares desta espécie para compreender sua biologia e propor medidas mais concretas para sua conservação.

Selenidera gouldii baturitensis Pinto & Camargo, 1961

Weber Andrade de Girão e Silva & Ciro Albano

Ordem: Piciformes

Família: Ramphastidae

Nome comum: saripoca-de-gould



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(ii)

Justificativa

Selenidera gouldii baturitensis é endêmico do Ceará. Considerando que sua área é muito bem amostrada e conhecida por ornitólogos, pode-se supor com segurança que há menos de 2.500 indivíduos maduros, sendo que todos eles estão em uma única população. Há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat* e de área de ocupação. Assim, *S. g. baturitensis* foi categorizada como Em Perigo (EN) pelo critério C2a(ii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD*
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Selenidera macrulostris baturitensis*.

Sinônimas

Selenidera macrulostris baturitensis Pinto & Camargo, 1961.

Notas taxonômicas

Pinto & Camargo⁹⁵⁵ descreveram o táxon com base em um macho adulto e um imaturo, ambos coletados na Serra de Baturité. Apenas um casal adicional à série típica é conhecido em museus, não tendo sido estudado em revisões taxonômicas. O táxon foi considerado válido por Haffer⁵³⁹. Ainda



assim, Short & Horne¹⁰⁹¹ e Grantsau⁵²⁸ consideram *Selenidera gouldii* táxon monotípico, julgando *S. g. baturitensis* como subespécie não válida. Entretanto, o estudo que invalida o táxon não pode ser considerado conclusivo, considerando-se que os autores⁸⁵⁶ propuseram a forma como inválida sem exemplares cearenses em mãos, avaliando apenas o comprimento do bico e justificando as diferenças pelo isolamento da Serra de Baturité como resultado de desmatamentos, o que é um equívoco (W. Girão, obs. pess.).

Distribuição geográfica

Endêmica do nordeste do Brasil, havendo registros apenas no estado do Ceará, na Serra de Baturité¹⁶.



História natural

Ocorre nas florestas úmidas da Serra de Baturité, acima dos 600 m de altitude, sendo dependente deste *habitat*.

População

Sua área de distribuição é muito bem amostrada por inúmeros ornitólogos. A espécie é conspícua, sendo facilmente registrada quando presente. Assim sendo, é possível afirmar, com certa segurança, que a população total de *S. g. baturitensis* é menor que 2.500 indivíduos maduros e que todos estão contidos na mesma população, uma vez que o táxon é restrito à Serra de Baturité. Além disso, a perda de qualidade de *habitat* e de área de ocupação leva a um declínio populacional continuado (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A Serra de Baturité possui cerca de 32.000 hectares, sendo que menos da metade desta área é florestada. A pequena extensão de ocorrência do táxon associada ao declínio da qualidade de *habitat* e à redução das áreas de ocupação são as principais ameaças à espécie (W. Girão, obs. pess.).



Ações de conservação

O táxon está contemplado pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Presença em unidades de conservação

Ceará: APA Serra de Baturité (obs. pess. dos autores).

Pesquisas

Uma revisão taxonômica é urgente e necessária, considerando que envolve diretamente a avaliação do estado de conservação do táxon. Além da restauração florestal, a reprodução assistida em caixas ninho deve ser testada para que possa ser usada como estratégia de recuperação de contingente.

Pteroglossus bitorquatus bitorquatus Vigors, 1826

Alexandre Aleixo, Nárgila G. de Moura, Alexander Charles Lees & Sidnei de Melo Dantas

Ordem: Piciformes

Família: Ramphastidae

Nome comum: araçari-de-pescoço-vermelho



Foto: Alex Lees

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3c

Justificativa

Pteroglossus bitorquatus bitorquatus é endêmica do Brasil, restrita ao Centro de Endemismo Belém, o menor dos centros de endemismo amazônicos. Esta região já perdeu 70% de sua cobertura vegetal original. Tendo em vista a forte pressão de desmatamento e degradação das florestas e a sensibilidade do táxon, suspeita-se de um declínio populacional de cerca de 40% em três gerações futuras (21 anos). Por estas razões, *P. b. bitorquatus* foi categorizada como Vulnerável (VU) A3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	VU A4c
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará: EN
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

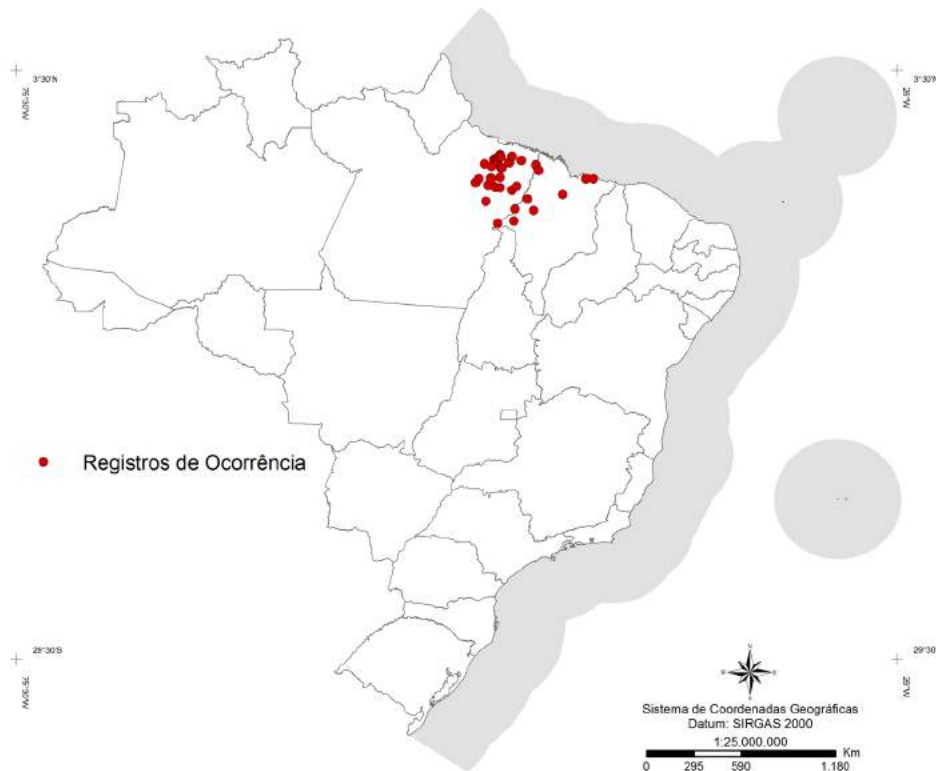
A variação de caracteres de plumagem entre as subespécies de *P. bitorquatus*, inclusive *P. b.*



bitorquatus, é bastante significativa e pode justificar seu tratamento como espécies independentes, como já postulado por alguns autores¹⁰⁹¹. Futuros estudos filogeográficos poderão confirmar essa hipótese.

Distribuição geográfica

Endêmica do Centro de Endemismo Belém, entre a margem leste do rio Tocantins e o Maranhão. Registros deste táxon atribuídos à Ilha do Marajó¹⁰⁹¹ na verdade referem-se ao táxon *P. b. reichenowi*.



História natural

Ocorre em floresta de terra firme alta não perturbada e floresta degradada. A espécie utiliza matas de galeria, florestas de várzea, de terra firme, matas secundárias e tabocais. Ocorre em capões de *Cecropia* sp., embora seja rara quando esses capões não se encontram misturados com floresta mais madura. É encontrada geralmente nos níveis médios e altos da floresta, frequentando as copas e, eventualmente, o sub-bosque. Desloca-se em pequenos grupos de 2 a 10 indivíduos, muito ativos e conspicuos, vocalizando com frequência. A dieta é variada, sendo frutos e sementes os itens mais habituais. O tempo geracional estimado é de 7 anos. Aparentemente mais dependente de uma matriz florestal intacta do que outras espécies congêneras e simpátricas, como *Pteroglossus aracari* e *P. inscriptus*. Araçarís do gênero *Pteroglossus* tem um papel chave no ecossistema florestal como eficientes dispersores de sementes⁵⁶⁷.

População

Em levantamentos recentes no Pará, o táxon foi encontrado em cinco localidades de um total de nove sítios amostrados no Centro Belém⁹⁶⁵. As localidades onde o táxon ocorreu eram detentoras tanto de florestas em bom estado de conservação e relativamente contínuas como florestas degradadas e fragmentadas. Um levantamento de cinco meses no município de Paragominas, em agosto-novembro de 2010 e maio 2011, registrou este táxon 22 vezes em 10 microbacias diferentes (de 18 microbacias), sendo 20 contatos em floresta primária (intacta ou explorada por corte seletivo) e apenas duas em áreas de floresta secundária⁷¹¹ (A.C. Lees & N.G. Moura, dados não publicados). Foi registrada raramente fora de floresta primária no município do Moju⁷⁰⁰ onde foi visto uma vez em uma pastagem abandonada. Na



APA do Lago de Tucuruí, em uma área bastante fragmentada, foram registrados cinco indivíduos em cerca de 110 horas de censo por pontos, em fragmentos florestais (ilhas no reservatório) de tamanho variado (desde 15 ha a áreas de mata contínua) (L.M.P. Henriques & S.M. Dantas, dados não publicados).

Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para este táxon de cerca de 40% em três gerações futuras¹³⁷. Estima-se que a perda de *habitat* reflita em perda populacional equivalente, considerando a sensibilidade da espécie. Dessa forma, as perdas populacionais, na janela temporal de três gerações, poderão ser superiores a 30% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Desmatamento, degradação e fragmentação florestal. O Centro de Endemismo Belém, onde esse táxon ocorre, já perdeu 70% de sua cobertura vegetal original.

Ações de conservação

Existentes

Pteroglossus bitorquatus bitorquatus está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

- a) manutenção de unidades de conservação na área de ocorrência da espécie;
- b) intensificação das medidas que garantam a real proteção das unidades de conservação existentes, incluindo desde o reforço das atividades de fiscalização até a ocupação institucional efetiva das unidades;
- c) criação de unidades de conservação novas;
- d) reflorestamento com espécies nativas e recuperação de florestas;
- e) criação de corredores que comuniquem os remanescentes florestais;
- f) racionalização dos projetos de desenvolvimento que incluem desmatamento, de maneira que não se desmate sem qualquer controle no primeiro momento para depois implantar o projeto de plantio, pecuária, indústria ou infraestrutura, como frequentemente ocorre no sul do Pará e no Maranhão;
- g) desenvolvimento de uma política efetiva de prevenção e controle de incêndios.

Presença em unidades de conservação

Pará: PE do Utinga (A.C. Lees, dados não publicados), APA do Lago de Tucuruí (Henriques & Dantas, dados não publicados), RESEX Caeté-Taperuçu⁷⁰⁷;

Maranhão: REBIO do Gurupi²⁹, APA das Reentrâncias Maranhenses (obs. pess. dos autores).

Pesquisas

Necessárias

- a) estudo sistemático e taxonômico que esclareça o *status* evolutivo dos diferentes táxons agrupados dentro da suposta espécie biológica politípica *Pteroglossus bitorquatus* (*P. b. bitorquatus*, *P. b. reichenowi* e *P. b. sturmi*). Esse estudo deve elucidar exatamente quais são as unidades evolutivas em *Pteroglossus bitorquatus* merecedoras de ações imediatas e prioritárias de conservação;
- b) estudo ecológico com a espécie, possivelmente com o uso de radiotransmissores, para elucidação de fatores ambientais necessários para a sobrevivência da espécie;
- c) levantamento de dados de densidade populacional e das tendências populacionais em médio prazo, comparando áreas de distribuição ao longo do tempo;
- d) caracterização efetiva da real tolerância do táxon a alterações do *habitat* de intensidade média.



Picumnus varzeae Sneathlage, 1912

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

Nome comum: pica-pau-anão-da-várzea



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A4c

Justificativa

Picumnus varzeae é endêmica do Brasil, ocorrendo nos estados do Pará e Amazonas, restrita a ambientes de várzea do rio Amazonas, entre a foz do rio Negro e dos rios Trombetas e Tapajós. Embora, segundo modelagens, a perda de *habitat* deverá ser de 60 a 80% em um período de três gerações da espécie (envolvendo passado e futuro), a redução populacional será, provavelmente, pouco menor, uma vez que a espécie parece ser tolerante à degradação florestal. Entretanto, não há unidades de conservação em sua distribuição, o que a torna mais vulnerável. A totalidade da extensão de ocorrência da espécie (EOO) está à jusante de duas usinas hidrelétricas e o impacto destes empreendimentos na vegetação de várzea ainda é desconhecido. Por estas razões, *P. varzeae* foi categorizada como Em Perigo (EN) A4c.

Outras avaliações

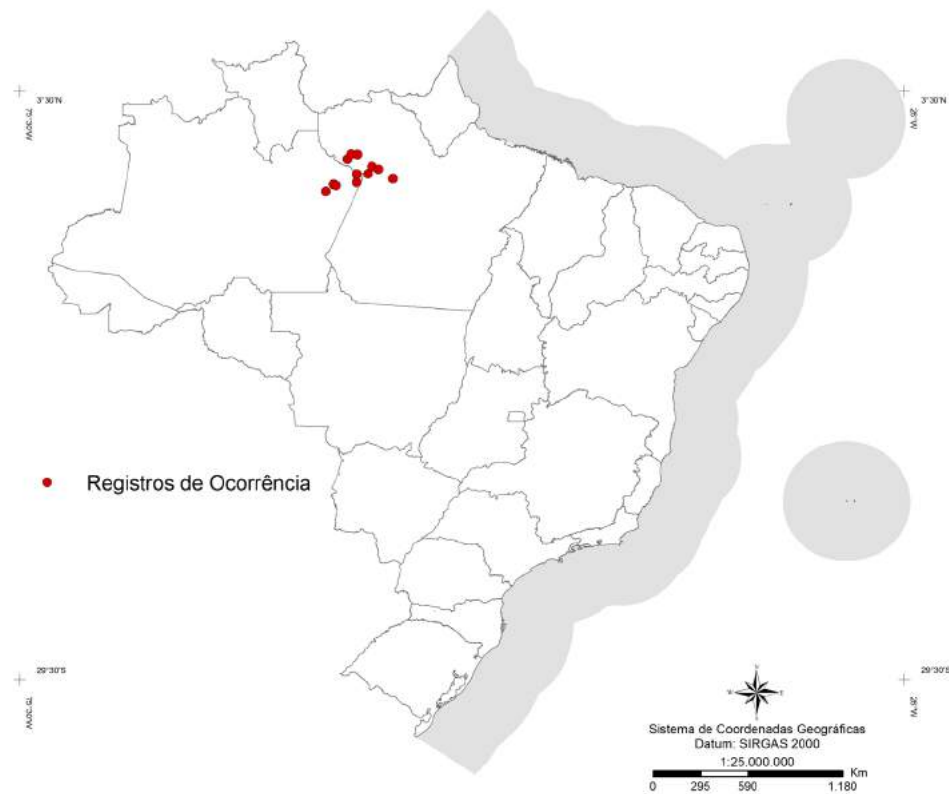
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁴⁴	EN A3c

Notas taxonômicas

Sua plumagem, vocalização e *habitat* sugerem forte relacionamento com *P. cirratus*, *P. albosquamatus* e *P. pygmaeus*.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo nos estados do Pará e Amazonas, restrita a ambientes de várzea do rio Amazonas, entre a foz do rio Negro e dos rios Trombetas e Tapajós^{369,1298}. Sick¹⁰⁹⁵ menciona a presença dessa espécie em ilhas próximas às localidades de Faro (rio Jamundá), Santarém e Óbidos.



História natural

Restrita a ambientes de várzea do rio Amazonas, entre os rios Negro e Tapajós, sendo substituído por *P. cirratus macconnelli* no trecho entre o Tapajós e a foz do Amazonas. Não existem muitas informações publicadas sobre a história natural dessa espécie. Santos *et al.*¹⁰⁶² mencionam um registro de 2002 para a região de Juruti, Pará, quando dois indivíduos jovens foram observados forrageando em troncos de pequenas árvores de uma floresta secundária de várzea. O tempo geracional da espécie é estimado em 4,2 anos¹⁴⁴.

População

Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para esta espécie entre 60 e 80% entre os anos de 2002 e 2014 (três gerações)¹³⁷. Entretanto, a redução populacional será, provavelmente, pouco menor, uma vez que a espécie parece ser tolerante à degradação florestal (oficina de avaliação). *Tendência populacional*: declinando.

Ameaças

A maior ameaça é a perda de *habitat* devido ao desmatamento para criação de gado bovino e bubalino. Vale *et al.*¹²⁵⁵ preveem que até o ano de 2020 a espécie perderá cerca de 80% de seu *habitat* para o desmatamento devido aos programas de desenvolvimento implementados pelo governo. A totalidade de sua EOO está à jusante de duas usinas hidrelétricas e o impacto destes empreendimentos na vegetação de várzea ainda é desconhecido.

Ações de conservação

Existentes

Picumnus varzeae está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, que prevê a execução de pesquisas de dinâmica, ecologia e genética de populações em trechos amostrais do rio Amazonas e a identificação das áreas de várzea relevantes para a conservação da espécie⁶²⁸.



Presença em unidades de conservação

Não há registro da espécie em unidades de conservação.

Pesquisas

Não existem pesquisas relacionadas à história natural de *P. varzeae*; trabalhos desse cunho são prioritários para que se conheça melhor a espécie. Cohn-Haft *et al.*³⁶⁹ delimitam mais precisamente a distribuição dessa espécie, assim como de outras espécies das várzeas dos rios Amazonas e Solimões. Esses autores ainda mencionam a elaboração de uma monografia a respeito da biogeografia das aves de várzea desses rios.

Piculus paraensis (Snethlage, 1907)

Luis Fábio Silveira

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

Nome comum: pica-pau-de-belém



Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A2ac

Justificativa

Piculus paraensis é endêmico do Brasil, com distribuição restrita ao Centro de Endemismo Belém, a região que sofreu o maior desmatamento da Amazônia. A espécie perdeu 70% de seu *habitat* original e supõe-se que a maior parte dessa área natural tenha sido perdida nas três últimas gerações (13 anos), refletindo em perda populacional maior que 50% nesse período, tendo em vista a raridade de registros locais (apenas dois). Por estas razões, *Piculus paraensis* foi categorizada como Em Perigo (EN) A2ac.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará*: EN
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Piculus chrysochloros paraensis*.

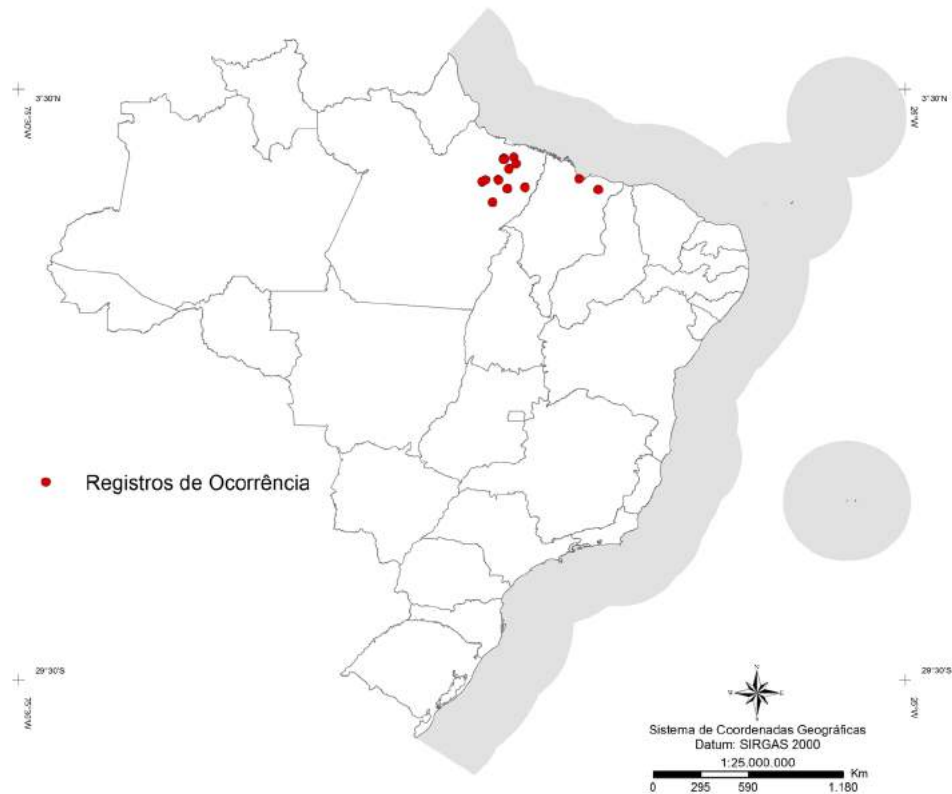
Outros nomes aplicados ao táxon

Chloronerpes paraensis Snethlage, 1907; *Piculus chrysochloros paraensis* (Snethlage, 1907).



Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, restrita ao menor dos centros de endemismo amazônicos, o Centro de Endemismo Belém (entre o rio Tocantins e o norte do estado do Maranhão). No minucioso trabalho realizado por Portes *et al.*⁹⁶⁵, onde nove áreas foram amostradas de 1998 a 2009, a espécie foi registrada em apenas duas localidades, nos fragmentos mais extensos e preservados do centro de endemismo: a Reserva Florestal da Companhia Agropalma e a Fazenda Cauaxi.



História natural

Habita a copa das árvores em matas de terra firme bem preservadas. Pouco se conhece sobre sua história natural; a espécie apresenta hábitos crípticos e silenciosos, passando despercebida ao olhar do observador. Acompanha bandos mistos⁹⁶⁵ e tem vocalização rouca característica, que por vezes é confundida com a vocalização de *Piculus flavigula*.

O tempo geracional da espécie é estimado e 4,3 anos²⁵⁸.

População

Resultados recentes do maior levantamento já realizado na área de ocorrência da espécie apontam para baixíssima densidade populacional nos maiores fragmentos de mata de terra firme remanescentes na região⁹⁶⁵.

Considerando a forte pressão de desmatamento em sua área de distribuição, supõe-se que a maior parte da área natural deste centro de endemismo tenha sido perdida nas três últimas gerações (13 anos), refletindo em perda populacional maior que 50% nesse período, tendo em vista a raridade de registros locais (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A maior ameaça a *Piculus paraensis* reside na perda de *habitat*. A região é marcada por formas complexas de uso dos recursos naturais e ocupação humana, de forma que cerca de 70% do Centro de



Endemismo Belém já foi desmatado¹¹⁰⁵. O táxon é extremamente sensível ao desmatamento, pois precisa de grandes fragmentos de mata primária para sobreviver.

Ações de conservação

Existentes

Piculus paraensis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

É urgente a criação de unidades de conservação de proteção integral nas áreas em que a espécie ainda ocorre, além do estabelecimento de corredores ecológicos que possam conectar os fragmentos.

Presença em unidades de conservação

Não há registro da espécie em unidades de conservação.

Pesquisas

Trabalhos taxonômicos e filogenéticos foram realizados^{405a}. No entanto, são necessários estudos que revelem aspectos básicos da história natural e ecologia da espécie para que sejam elaboradas estratégias diretas de conservação.

Piculus polyzonus (Valenciennes, 1826)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

Nome comum: pica-pau-dourado-grande



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Piculus polyzonus é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas da Bahia ao Rio de Janeiro, estando provavelmente extinta nesse último estado. Restrito a florestas muito bem conservadas. Suspeita-se que existam menos de 2.500 indivíduos maduros, sendo que cada subpopulação contém menos de 250 deles. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* e fragmentação da população. Assim, *P.*



polyzonus foi categorizada como Em Perigo (EN) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1137}	VU* B1ab(i)+2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ¹²¹	Rio de Janeiro**: Provavelmente Extinta
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Piculus chrysocholoros polyzonus*.

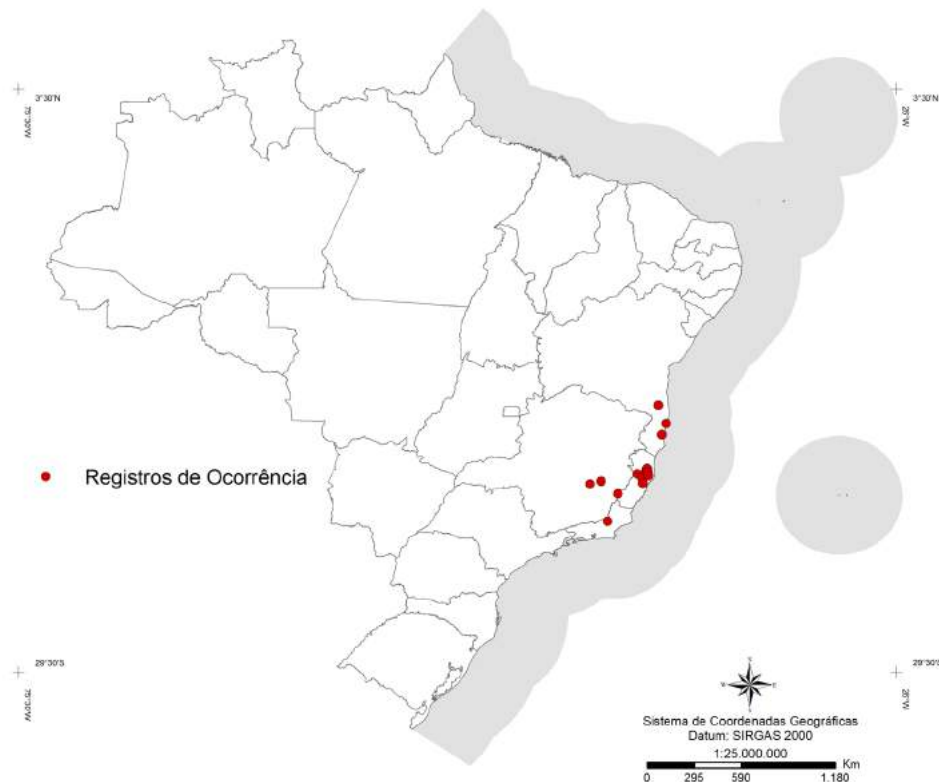
**Avaliada como *Piculus chrysocholoros*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Picus polyzonus Valenciennes, 1826; *Piculus chrysocholoros polyzonus* (Valenciennes, 1826).

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo na Bahia¹²⁸⁹, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro⁵²⁸. Neste último estado é considerada Possivelmente Extinta¹²¹. Atualmente, está praticamente confinado a unidades de conservação (oficina de avaliação).



História natural

Habita florestas; alimenta-se de insetos, forrageando sozinho, aos pares ou em bandos mistos. Faz ninhos em cavidades de árvores ou em ninhos arborícolas de insetos. É espécie residente¹²⁹⁸. O tempo geracional é estimado em pouco mais de 4 anos, com base no tempo geracional de *Piculus chrysochloros*²⁵⁸.

População

É restrita a florestas muito bem conservadas, não se deslocando em áreas abertas. Assim sendo, a fragmentação de *habitat* levou à severa fragmentação da população. Sua extensão de ocorrência é



exaustivamente estudada por diversos ornitólogos, de modo que é possível suspeitar que existam menos de 2.500 indivíduos maduros, sendo que cada subpopulação contém menos de 250 deles (oficina de avaliação).
Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* e fragmentação da população gera declínio populacional (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Esta espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA do Descobrimento⁴⁰⁷;

Espírito Santo: REBIO de Sooretama¹¹³⁷. Ocorre na Reserva Natural Vale¹¹³⁷, área protegida mas não pertencente ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação;

Minas Gerais/Espírito Santo: PARNA do Caparaó⁶⁰¹;

Minas Gerais: PE do Rio Doce¹²⁸⁹.

Celeus flavus subflavus Sclater & Salvin, 1877

Suylane Barbalho de Lima Silva, Fernanda Pinto Marques & Danielle Custódio Leal

Ordem: Piciformes

Família: Picidae



Nome comum: pica-pau-amarelo



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(ii)

Justificativa

Celeus flavus subflavus é endêmico do Brasil, ocorrendo originalmente de Alagoas ao Rio de Janeiro. Atualmente os registros restringem-se a três localidades na Bahia e algumas no Espírito Santo. É dependente de floresta e sofre declínio populacional devido à perda de área e à alteração na qualidade do *habitat* causada pelo desmatamento, corte seletivo, queimada, pastagens e silvicultura. Estima-se que a população total não ultrapasse 250 indivíduos maduros, sendo que mais de 90% da população remanescente encontra-se em uma única subpopulação. Por essas razões, *C. f. subflavus* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) C2a(ii).



Outras avaliações

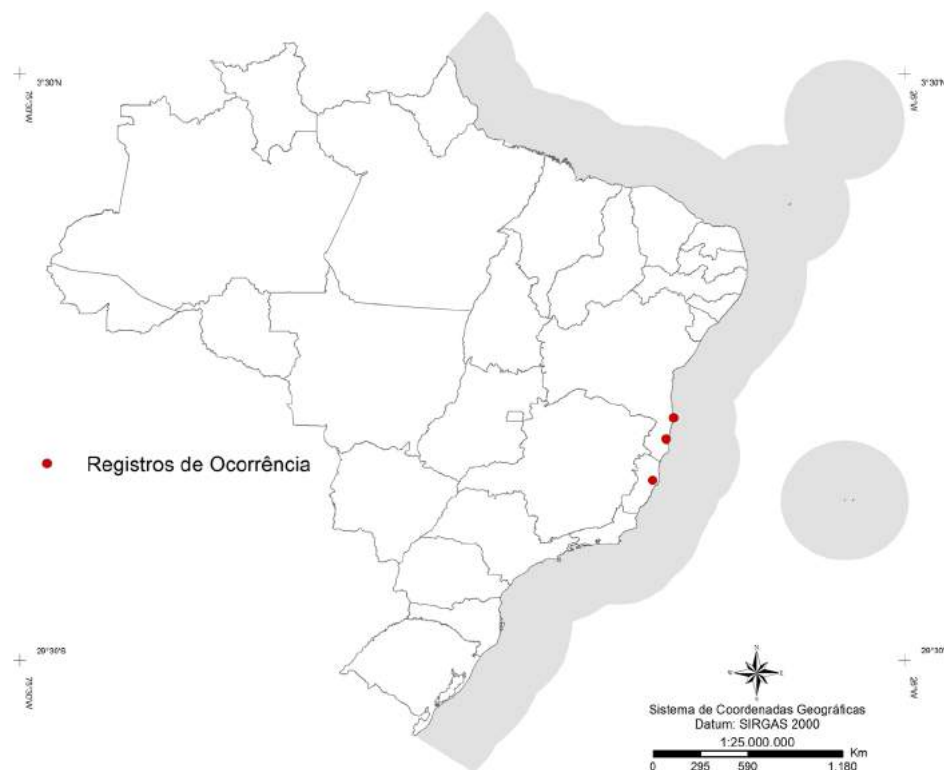
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Celeus subflavus Sclater & Salvin, 1877.

Distribuição geográfica

Originalmente, distribuía-se de Alagoas ao Rio de Janeiro, incluindo Minas Gerais (sem localidades exatas). Atualmente, os registros restringem-se a algumas localidades na Bahia e no Espírito Santo, estando extinto na maior parte de sua distribuição original (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa floresta úmida, geralmente em locais próximos à água. Alimenta-se de formigas, cupins, frutos e sementes¹²⁹⁸. É dependente de floresta e não se desloca por matriz não florestal (oficina de avaliação).

População

Sofre declínio populacional devido à perda de área e alteração na qualidade do *habitat* causada pelo desmatamento, corte seletivo, queimada, pastagens e silvicultura. A subsespécie ocupa áreas bastante exploradas por ornitólogos, de modo que é seguro afirmar que a população total não ultrapassa 250 indivíduos maduros. Além disso, estima-se que mais de 90% da população remanescente esteja concentrada em Linhares, no Espírito Santo (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças ao táxon são: desmatamento, corte seletivo, queimada, pastagens e silvicultura



(oficina de avaliação).

Ações de conservação

O táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Espírito Santo: Ocorre na Reserva Natural Vale (oficina de avaliação), área protegida mas não pertencente ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

Celeus obrieni Short, 1973

Túlio Dornas & Renato Torres Pinheiro

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

Nome comum: pica-pau-do-parnaíba



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Celeus obrieni ocorre no centro-norte e nordeste do Brasil entre os estados do Piauí, Maranhão, Tocantins, Goiás e Mato Grosso. É uma espécie predominantemente florestal, altamente dependente de taboca (*Guadua paniculata*) onde se alimenta de formigas. Com a descoberta de novos pontos de registro, estima-se que a população total tenha pouco mais de 5.000 indivíduos maduros. Considerando-se que a taxa de desmatamento do Cerrado para o futuro próximo será de 1,1% ao ano, infere-se que haverá perda de mais de 16% do *habitat* em três gerações (15 anos). Em virtude dessa perda de *habitat*, espera-se um declínio populacional continuado maior que 10% em três gerações. Dessa forma, *C. obrieni* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelo critério C1.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{762,814}	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁷³	EN C2a(ii)

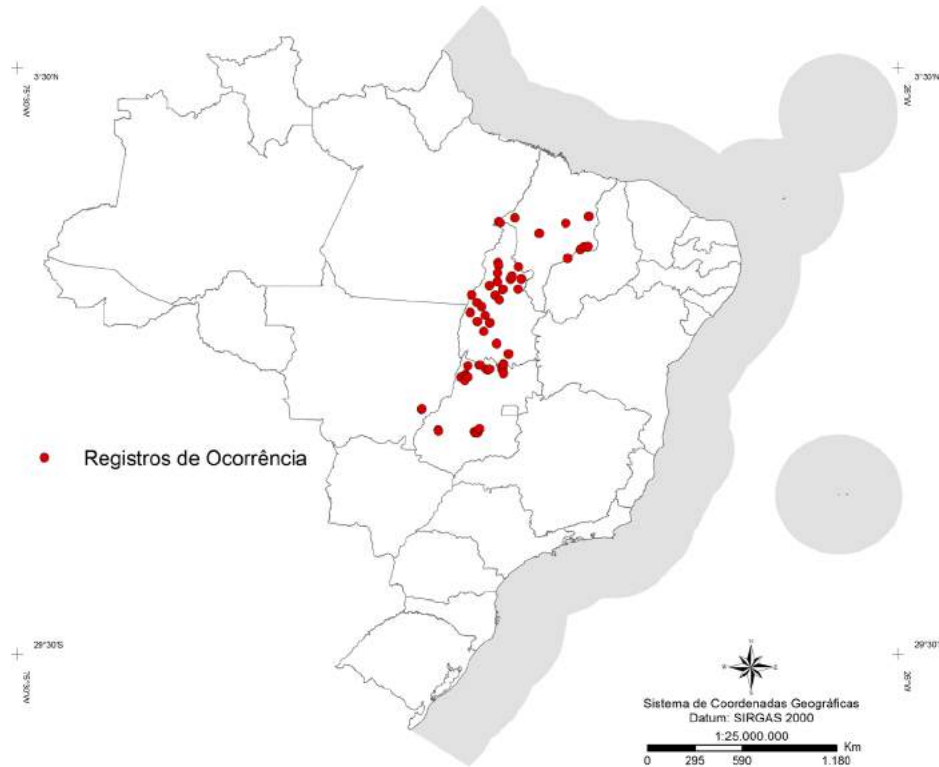


Outros nomes aplicados ao táxon

Celeus spectabilis obrieni Short, 1973.

Distribuição geográfica

Ocorre no centro-norte e nordeste do Brasil^{417,418,951}.



História natural

Redescoberto após 80 anos sem registros em Goaitins, nordeste de Tocantins⁹⁶⁶, *Celeus obrieni* ocorre predominantemente nos limites do bioma Cerrado, em áreas de cerradão ou mata ciliar entremeada de bambu/taboca (*Guadua paniculata*)^{381,417,713,951}, exceto pelos registros efetuados na Amazônia maranhense, extremo oeste do Maranhão⁴¹⁸. Alimenta-se exclusivamente de formigas, principalmente das espécies *Camponotus depressus* e *Azteca fasciata*, retiradas do interior das tabocas por meio de perfurações feitas com o bico⁷¹³.

Apesar de sua grande distribuição geográfica, cerca de 800.000 km², a presença da espécie está quase sempre associada à ocorrência de *habitat* florestais mesclado a tabocais, ambiente que ocorre em manchas ao longo de sua distribuição geográfica^{381,713}. Raramente é registrada em área sem a presença de bambu, utilizando áreas abundantes em embaúbas (*Cecropia* sp.), como verificado no extremo oeste do Maranhão¹⁰⁶⁵ e no Centro de Pesquisa Canguçu, às margens do rio Javaés, oeste do Tocantins³⁹².

Monitoramento por meio de radiotelemetria em áreas de floresta semidecídua e cerradão mesclado a tabocais, no oeste de Tocantins, demonstraram uma área de vida variando entre 30 a 570 hectares, entretanto, com forte tendência ao uso superior a 200 hectares³⁸¹. O tempo geracional de *C. obrieni* é estimado em cinco anos¹⁴⁴.

População

Em estudo realizado em 2009 e 2010, Pinheiro *et al.*⁹⁵⁰ vistoriaram cerca de 20.000 ha de Cerrado, em 24 municípios de Goiás, sendo registradas 14 ocorrências de *Celeus obrieni*, em fragmentos cuja área variou de 3 a 3.000 ha.

Acreditava-se que a espécie estava extinta em áreas onde há registros históricos, como no município



de Guapó, em Goiás (1967), hoje dominado por atividades agropecuárias, e no encontro dos rios Barragem e Tocantins, em Niquelândia (1988), área hoje alagada devido à construção da UHE Serra da Mesa⁴²¹. Entretanto, registros recentes na região de Guapó e Cezarina mostram que a espécie ainda persiste^{698,950,1012}, provavelmente em população bem reduzida.

As regiões de Pium, no sudoeste do Tocantins e Caxias, no nordeste do Maranhão tem se destacado com grande número de registros advindos principalmente da prática de *birdwatching*. Embora vários deles tenham sido originados de um mesmo indivíduo, os observadores e guias afirmam que existem dezenas de indivíduos nesses locais. Na região de Pedro Afonso, na porção central do Tocantins, em estudos regulares entre 2010 e 2012 foram contabilizados pelo menos de 25 a 30 indivíduos (T. Dornas, obs. pess.).

Infelizmente, não há estimativas populacionais seguras, sendo este um grande gargalo a respeito da biologia da espécie atualmente, porém estima-se a existência de pouco mais de 5.000 indivíduos maduros com base nos novos registros e na distribuição potencial da espécie (T. Dornas, obs. pess. oficina de avaliação).

Considerando-se que as políticas de ocupação do Cerrado do início deste século serão mantidas, estima-se que serão perdidos 1,1% de área natural ao ano nesse bioma⁷⁶⁹, inferindo-se, então, uma perda de mais de 16% do *habitat* de *C. obrieni* em 15 anos (três gerações). Projeta-se um declínio populacional futuro de ao menos 10%, em três gerações, devido à perda de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Desmatamento, fragmentação e queimadas são sérias ameaças à espécie⁷⁸⁰, situações predominantes no Cerrado, bioma que vem sendo altamente pressionado e já perdeu mais da metade de sua vegetação original.

A alteração dos *habitat* onde ocorre *C. obrieni* é causada principalmente pelo avanço da agropecuária, obras de infraestrutura⁴²¹ e construção de hidrelétricas de pequeno e grande porte⁹⁵⁰. Em alguns estados, a situação é mais crítica, devido à maior pressão antrópica. Em Goiás, por exemplo, mais de 63% da sua cobertura original foi alterada e a taxa de desmatamento continua elevada⁷⁸⁰.

O risco de conversão da vegetação natural remanescente em Goiás é elevado, variando entre 57% e 99%⁹⁵⁰. A situação é agravada pelo fato de não haver registros da espécie para unidades de conservação de proteção integral^{417,950} e pela escassez dos requisitos ambientais exigidos para manutenção da espécie que necessita de uma área de tamanho expressivo para suprir suas necessidades tróficas^{381,780}.

Não há informações sobre a capacidade de *C. obrieni* atravessar matrizes antrópicas, de modo que a fragmentação da paisagem pode acelerar o processo de extinção da espécie⁷⁸⁰. Em campo, foi observada a travessia de pelo menos 150 metros de pastagens entre bordas de fragmentos de matas (T. Dornas, dados não publicados).

Ações de conservação

Existentes

Celeus obrieni está contemplado no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal. Este PAN prevê a identificação e mapeamento de áreas relevantes para implantação de corredores ecológicos nas áreas de ocorrência dessa espécie. Pretende-se também incentivar a criação de unidades de conservação que contemplem populações desse táxon⁶³¹.

Necessárias

a) proteção da espécie: estabelecimento de unidades de conservação de proteção integral em sua área de distribuição⁴¹⁷,

b) criação e manutenção de corredores de vegetação nativa em áreas de paisagem altamente modificadas pelas atividades humanas e com elevado índice de fragmentação, como ocorre em Goiás⁷⁸¹,



c) proteção dos remanescentes de vegetação natural (manutenção de aceiros, cercamento, averbação de Reserva Legal)⁷⁸¹.

Sugere-se, especificamente, a criação de duas unidades de conservação de proteção integral em Goiás, estado com menor índice de vegetação nativa preservada dentro da área de distribuição de *Celeus obrieni*: uma primeira área protegeria as várzeas de inundação e matas ciliares ao longo do rio dos Bois e afluentes nos municípios de Guapó, Cezarina, Varjão, Edéia e Edealina (17°02'55.07"S, 49°44'14.41"W); a segunda área protegeria a região denominada "Morro do Gigante" (17°05'05.44"S, 51°36'08.08"W) no município de Caiapônia, que concentra contínuos e extensos remanescentes de cerrado⁹⁵⁰.

Está em processo de criação a APA Estadual da Serra da Cangalha, e o Monumento Natural da Serra da Cangalha, no nordeste de Tocantins, entre Goiatins e Campos Lindos. Essas unidades contemplam grandes áreas de cerradões com tabocais, região na qual já se confirmou a presença da espécie (T. Dornas, obs. pess.) e onde a espécie foi redescoberta⁹⁶⁶. Existe outra proposta, de criação de um Parque Estadual das Águas de Paranã, com mais de 80 mil hectares, no extremo sul do Tocantins, em região com extensas áreas de cerrado e matas de galeria com tabocais. A espécie foi confirmada na região^{421,912}.

É também importante o incentivo à formação de RPPNs em áreas de ocorrência da espécie, especialmente em uma grande área de mata ciliar com taboca ao longo do rio Tocantins, com cerca de 2.500 ha, no município de Minaçu (13°10'36.8"S, 48°09'35.5"W)⁹⁵⁰.

Presença em unidades de conservação

Não há registro da espécie em unidades de conservação.

Pesquisas

O Grupo de Pesquisa em Ecologia e Conservação de Aves da Universidade Federal de Tocantins - Ecoaves/UFT tem focado esforços em pesquisas sobre esta espécie, sobretudo no conhecimento de sua distribuição e de uso do habitat e em estratégias para sua conservação.

***Celeus torquatus pieteroyensi* Oren, 1992**

Sidnei de Melo Dantas & André De Luca

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

Nome comum: pica-pau-de-coleira





Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Celeus torquatus pieteroyensi é restrita ao Centro de Endemismo Belém. Embora sua área de distribuição seja bem amostrada, os registros do táxon são raríssimos, de modo que é razoável inferir que há menos de 2.500 indivíduos maduros. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* e o número de indivíduos maduros por subpopulação é menor que 250. Assim, *C. t. pieteroyensi* foi categorizado como Em Perigo (EN) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará: EN
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Winkler & Christie¹²⁹⁸ e Grantsau⁵²⁸ reconhecem três subespécies: *C. t. torquatus*, *C. t. occidentalis* e *C. t. tinunculus*. *Celeus torquatus pieteroyensi* é considerada, por Grantsau⁵²⁸, sinônimo de *C. t. occidentalis*. Contudo, uma revisão taxonômica está em andamento e uma das alterações propostas será o reconhecimento da subespécie *C. t. pieteroyensi*, já considerada válida para efeitos desta avaliação (oficina de avaliação).

Distribuição geográfica

Restrito ao Centro de Endemismo Belém⁹⁰³, do leste do Pará (incluindo a Ilha de Marajó) ao oeste do Maranhão^{965,1298}.

Os únicos registros recentes do táxon foram feitos em Tucuruí (L.M.P. Henriques & S.M. Dantas, dados





não publicados), Vigia (A.C. Lees, dados não publicados) e Curralinho (S.M. Dantas, dados não publicados).

História natural

Habita florestas altas e úmidas, incluindo floresta tropical, de terra firme, de várzea, de galeria, matas secundárias e clareiras. Sua dieta é composta por formigas e sementes. É considerada residente¹²⁹⁸. É restrito a fragmentos de mata grandes e bem conservados, não se deslocando entre eles (oficina de avaliação).

População

Embora a área de distribuição do táxon seja exaustivamente amostrada por diferentes ornitólogos, os registros são muito raros, sendo razoável admitir que existam menos de 2.500 indivíduos maduros. Considerando que a fragmentação do *habitat* leva a uma severa fragmentação populacional, uma vez que a espécie não se desloca em áreas antropizadas, suspeita-se que não haja mais de 250 indivíduos maduros em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda e alteração de *habitat* são as principais ameaças, causando declínio populacional continuado (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Táxon contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

Presença em unidades de conservação

Pará: APA Arquipélago do Marajó (S.M. Dantas, dados não publicados).

Pesquisas

Há revisão taxonômica do complexo *Celeus torquatus* em andamento.

Celeus torquatus tinnunculus (Wagler, 1829)

Sidnei de Melo Dantas & André De Luca

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

Nome comum: pica-pau-de-coleira



Foto: Cristine Prates



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(iii)

Justificativa

Celeus torquatus tinnunculus ocorre no leste do Brasil, com registros atuais apenas para sul da Bahia e norte do Espírito Santo. O táxon é bastante exigente quanto ao *habitat*, dependendo de florestas bem conservadas. Sua área de ocupação atual foi calculada em 1800 km². A população é severamente fragmentada e há declínio continuado de qualidade de *habitat* devido ao corte seletivo da vegetação e às queimadas. Sendo assim, *C. t. tinnunculus* foi categorizado como Vulnerável (VU), pelo critério B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ¹¹³⁸	VU B1ab(i)+2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais: CR
Avaliação global ²⁶⁰	VU A2c+3c+4c

Outros nomes aplicados ao táxon

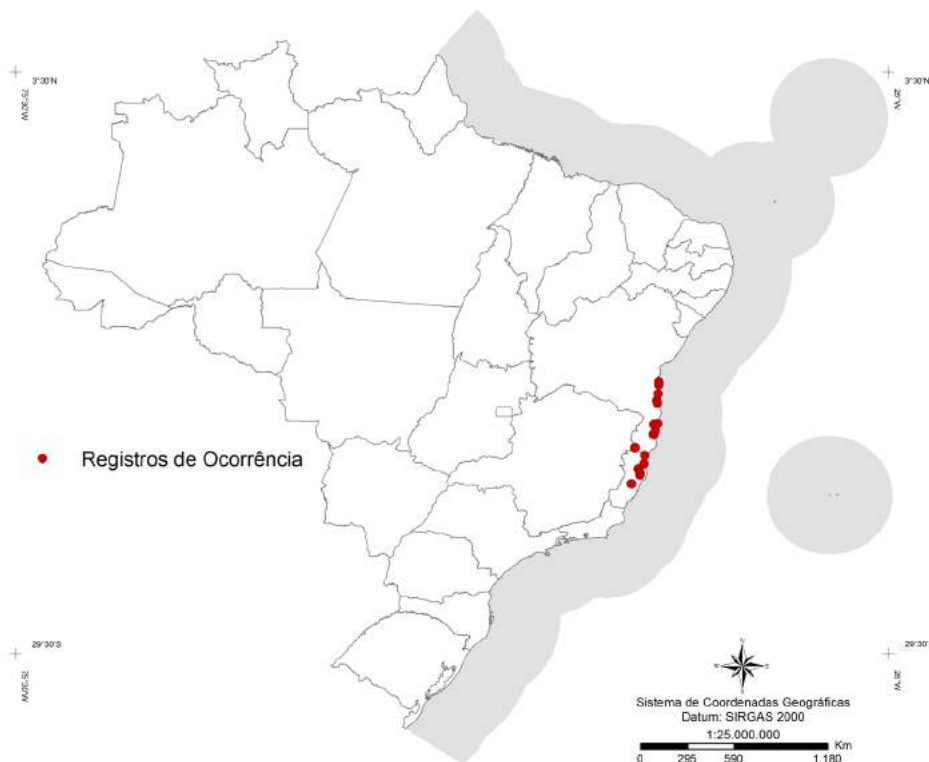
Picus tinnunculus Wagler, 1829.

Notas taxonômicas

Uma revisão taxonômica do complexo está em andamento (oficina de avaliação).

Distribuição geográfica

Ocorre no leste do Brasil (Bahia e Espírito Santo)^{528,1298} e também ocorria em Minas Gerais, onde está provavelmente extinto¹¹³⁸. Sua distribuição atual restringe-se a poucos remanescentes florestais¹²⁹⁸. Para calcular a área de ocupação (AOO), foram somadas as áreas dos remanescentes florestais do sul da





Bahia e norte do Espírito Santo onde há registros atuais do táxon, chegando-se ao valor aproximado de 1.800 km² (oficina de avaliação).

História natural

Prefere matas primárias ou em avançado estado de regeneração e restingas bem conservadas¹¹³⁸. Sua dieta é composta por formigas e sementes. É considerada residente¹²⁹⁸.

População

É considerada bastante rara, até mesmo em coleções científicas¹¹³⁸. Tendo em vista sua grande dependência de remanescentes florestais bem conservados e da impossibilidade de deslocamento dos indivíduos entre esses fragmentos, a população apresenta-se severamente fragmentada (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Perda e alteração de *habitat* são as principais causas de declínio populacional¹¹³⁸. O corte seletivo da vegetação e as queimadas causam declínio continuado na qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Celeus t. tinnunculus está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹. É necessário proteger os remanescentes de floresta de baixada¹¹³⁸.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA do Descobrimento¹¹³⁸, PARNA e Histórico do Monte Pascoal¹¹³⁸, PARNA do Pau Brasil¹¹³⁸, REBIO de Una¹¹³⁸, RPPN Estação Veracel¹¹³⁸;

Espírito Santo: REBIO Augusto Ruschi¹¹³⁸, REBIO de Sooretama^{1138,1289}, REBIO do Córrego Grande¹¹³⁸.

Pesquisas

Há revisão taxonômica em andamento. Recomenda-se a busca de novas populações no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, especialmente nas fazendas Sossego do Arrebol e Duas Barras¹¹³⁸.

Celeus galeatus (Temminck, 1822)

Fernanda Pinto Marques, Suylane Barbalho de Lima Silva & Danielle Custódio Leal

A espécie consta na Portaria MMA nº 444/2014 como *Dryocopus galeatus* (Temminck, 1822).

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

Nome comum: pica-pau-de-cara-canela



Foto: Cal Martins



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Celeus galeatus ocorre no leste do Paraguai, nordeste da Argentina e sul e sudeste do Brasil. Suspeita-se que haja menos de 2.500 indivíduos maduros no Brasil, sendo que há menos de 250 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*. Não há aporte externo de indivíduos que possa alterar a categorização de risco da espécie no Brasil. Dessa forma, *C. galeatus* foi avaliada como Em Perigo (EN) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1217}	VU* C2a(i)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,441,444,810}	São Paulo*: Ameaçada Paraná*: CR Santa Catarina*: VU Rio Grande do Sul*: EN
Avaliação global ¹⁷⁴	VU** A2c+3c+4c; C2a(i)

*Avaliada como *Dryocopus galeatus*.

**Avaliada como *Hylatomus galeatus*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Picus galeatus Temminck, 1822; *Hylatomus galeatus* (Temminck, 1822); *Campephilus rufifrons* Bertoni, 190; *Dryocopus galeatus* (Temminck, 1822).

Distribuição geográfica

Ocorre no leste do Paraguai, nordeste da Argentina e sul e sudeste do Brasil, nos estados de São





Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul⁵²⁸, onde já se acreditou estar extinta¹²⁹⁸, mas há registros recentes para o município de Derrubadas¹²⁸⁹. Em São Paulo, há registros recentes apenas em algumas localidades⁹⁷⁸. Atualmente restrita a poucas unidades de conservação dentro de sua distribuição original¹²¹⁷.

História natural

Ocupa florestas altas de montanha e de planície; também registrado em matas de galeria, pequenas manchas de florestas degradadas¹²⁹⁸ e até mesmo próximo a áreas urbanas¹²¹⁵, desde que haja grandes extensões de florestas intactas nas redondezas. Possui associação, provavelmente acidental, com bambu. Ocorre em vales e em florestas montanhosas de até 800 m de altitude. Alimenta-se de larvas de besouro. Encontrados sozinhos ou em pares, forrageando no interior da floresta, no estrato médio, a 14-15 m de altura e também em bordas de mata, no estrato baixo (2 a 5 m). É residente¹²⁹⁸. Nidifica em buracos no tronco das árvores, entre 2 e 3 m de altura do solo^{978,1217}.

População

Desde a década de 50, a tendência populacional é de declínio acentuado¹²⁹⁸. As áreas de ocorrência de *C. galeatus* no Brasil são bastante exploradas por pesquisadores e observadores de aves. A espécie é residente, dependente de florestas bem conservadas e não se desloca por matriz não florestal. Assim, é seguro estimar que, atualmente, haja menos de 2.500 indivíduos maduros no Brasil, com menos de 250 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*, havendo extinção em certas áreas, como na maior parte do Rio Grande do Sul, por exemplo (oficina de avaliação).

Embora seja possível que as populações de Missiones (principal área de ocorrência da espécie) sirvam de fonte para a população de *C. galeatus* no Rio Grande do Sul, o mesmo não é esperado para o restante da área de distribuição da espécie no Brasil, de onde conclui-se que não há aporte externo que possa alterar a categorização de risco da espécie neste país (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A maior ameaça está na destruição das florestas primárias¹²¹⁵ e na redução dos últimos remanescentes conservados em sua distribuição, especialmente aqueles que mantêm certas peculiaridades como árvores de grande porte, vivas ou mesmo apodrecidas, das quais a espécie depende para alimentação e reprodução¹²¹⁷.

Ações de conservação

Existentes

Celeus galeatus está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Incremento e fiscalização das unidades de conservação existentes em sua distribuição^{1215,1217} e recuperação de áreas nativas em que seja provável seu repovoamento ativo ou induzido, sugerindo-se para isso a conectividade entre os remanescentes florestais¹²¹⁵.

Presença em unidades de conservação

São Paulo: PE Carlos Botelho^{978,1217}, PE da Ilha do Cardoso^{978,1217}, PE Intervales^{978,1217,1289}, FLONA de Ipanema⁹⁷⁸, RPPN Parque do Zizo⁹⁷⁸;

Paraná: PARNA das Araucárias⁶¹⁴, PARNA de Ilha Grande⁵⁸⁹, PARNA do Iguazu^{1215,1217}, PE Rio Guarani^{1215,1217}, APA das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná¹²¹⁵;

Santa Catarina: REBIO do Sassafrás¹²⁸⁹, FLONA de Três Barras³⁸², RPPN Volta Velha⁸³⁴;

Rio Grande do Sul: PE do Turvo¹²⁸⁹.



Pesquisas

São necessárias pesquisas sobre estimativas populacionais, história natural e identificação das exigências ecológicas da espécie¹²¹⁷.

Anodorhynchus leari Bonaparte, 1856

João Luiz Xavier do Nascimento, Kleber Gomes de Oliveira, Antonio Eduardo Araújo Barbosa, Camile Lugarini, Rachel Maria de Lyra-Neves, Wallace Rodrigues Telino-Júnior, Severino Mendes de Azevedo Júnior & Pedro Cerqueira Lima

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: arara-azul-de-lear



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) D

Justificativa

Anodorhynchus leari é endêmica do nordeste da Bahia. Considera-se que existam, atualmente, 228 indivíduos maduros da espécie. A única população viável está localizada em uma pequena área, sendo dependente de Ações de conservação devido a ameaças como alteração e perda de *habitat*, conflitos com proprietários de plantações de milho e tráfico de animais silvestres. Por esses motivos, *A. leari* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelo critério D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{100,814}	CR C2a(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁴⁵	EN B1ab(iii); D1+2

Distribuição geográfica

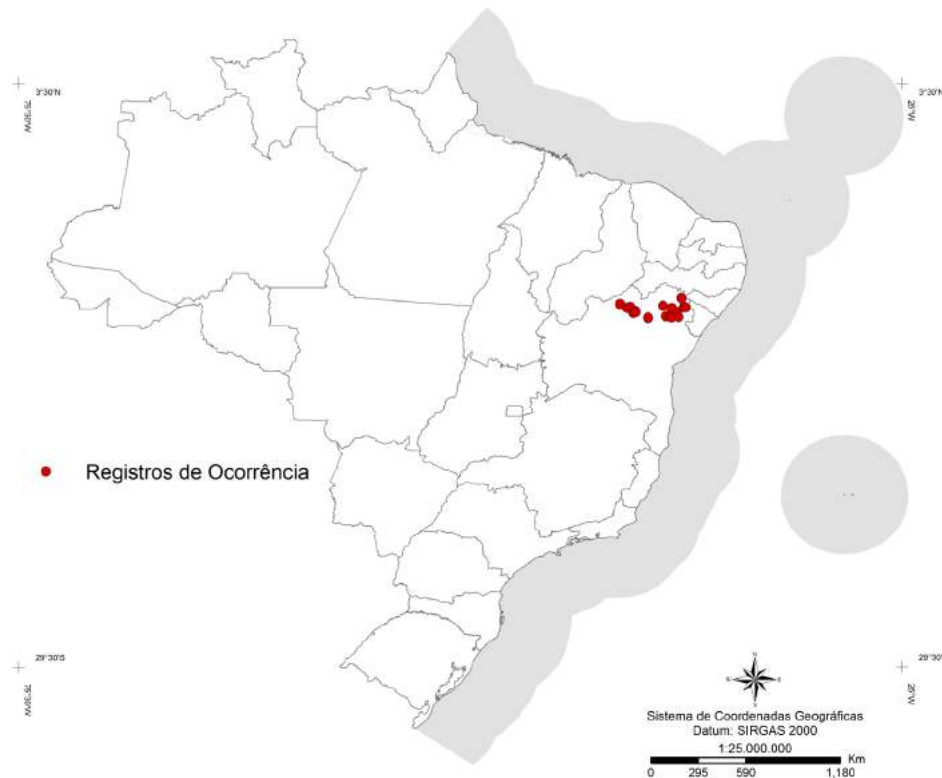
Anodorhynchus leari é endêmica do bioma Caatinga, ocorrendo no nordeste da Bahia, nos municípios de Jeremoabo, Canudos, Paulo Afonso, Santa Brígida, Glória, Rodelas, Euclides da Cunha e Monte Santo.

Em 1994, foi descoberta uma nova população de *A. leari*: um bando de 36 aves foi visualizado, nos municípios de Campo Formoso e Sento Sé, distante aproximadamente 185 km da população



principal; estimava-se que a população fosse muito maior⁸³². Há dois indivíduos remanescentes desta população^{595,749,804,1067,1195}. Em 1997, foram descobertas novas áreas de alimentação na reserva dos índios Pankarares, município de Paulo Afonso^{730,732}. Com o apoio do cacique desta reserva, foi possível obter relatos dos índios de que, há mais de 40 anos, a população das araras era estimada em centenas de aves; relataram ainda a existência de ninhos de araras nas serras, localizadas dentro dos limites da reserva indígena^{729,730,732}. Outro local histórico de reprodução são os paredões das serras das Barreiras, município de Euclides da Cunha⁷³⁰.

Locais de registro desta espécie ainda são objeto de atualização recente, inclusive com registro de novos sítios de alimentação^{595,804,1067,1195}.



História natural

Anodorhynchus leari é endêmica da Caatinga. Alvarenga⁴⁷, a partir da descrição de fósseis atribuídos a essa espécie e a *Anodorhynchus glaucus* nas regiões de Belo Horizonte e norte da Bahia, sugere que a distribuição de ambas poderia ter sido contígua e que as populações recentes representam os extremos da distribuição original de uma mesma espécie, sendo admissível que estes táxons sejam considerados como raças geográficas ou subespécies há cerca de 10 mil anos, pela semelhança óssea encontrada.

A arara-azul-de-lear utiliza cavidades em paredões de arenito para pernoite e nidificação, partindo diariamente, ao amanhecer, para as áreas de forrageamento. No final da tarde, os bandos retornam aos seus abrigos, chegando logo após o pôr do sol ou ainda mais tarde^{1093,1304}. Estima-se que as áreas de alimentação localizam-se em um raio de 60 km dos dormitórios^{804,1067}.

Sua dieta consiste principalmente de frutos da palmeira licuri (*Syagrus coronata*). São apontadas como fontes de alimentação alternativa: baráúna (*Schinopsis brasiliensis*), pinhão (*Jatropha pohliana*), flor-do-sisal (*Agave* spp.), umbu (*Spondias tuberosa*), mucunã (*Dioclea* spp.) e milho-verde (*Zea mays*)^{301,1074,1093,1304}.

A atividade reprodutiva inicia-se entre setembro e outubro, estendendo-se até julho^{50,916,1093}. São conhecidos apenas dois sítios utilizados como dormitório e nidificação: um no município de Canudos (conhecido como Toca Velha ou Estação Biológica de Canudos) e outro em Jeremoabo (na Serra Branca, na porção sul da ESEC Raso da Catarina). Vários casais podem nidificar em um mesmo paredão, desde



que este contenha diversas cavidades^{595,842,916,1093}. O tempo registrado entre a eclosão do ovo e o início da saída do filhote do ninho é de aproximadamente 100 dias⁹¹⁶. De um a três filhotes deixam os ninhos e o macho e a fêmea revezam-se no cuidado parental^{595,916}. Com base nos dados de monitoramento de ninhos coletados em 2009 e 2010, observou-se que o número médio de filhotes produzidos por casal por estação reprodutiva é de $1,33 \pm 0,86$ ⁹¹⁵.

O deslocamento sazonal é pouco compreendido, mas nota-se ocupação diferencial dos dois dormitórios conhecidos relacionada à variação climática e disponibilidade de recursos alimentares^{804,1067}. Durante o período reprodutivo, verifica-se maior número de araras na Serra Branca; fora desse período, a proporção de indivíduos na Toca Velha é maior, o que provavelmente é consequência de oferta sazonal diferenciada de licuris nas áreas de alimentação próximas a estes dois sítios.

População

Anodorhynchus leari foi descrita em 1856 e descoberta na natureza somente em 1978. Censos esporádicos e com diferentes métodos foram executados desde a década de 70, quando o maior grupo observado por Sick foi de 21 indivíduos que se dirigiam ao dormitório na Serra Branca¹⁰⁹³. Na década de 80, as contagens giravam em torno de 60 indivíduos^{301,1304}. No final da década de 90, as contagens estavam entre 95 e 132 aves^{64,595}.

A partir de 2001, o CEMAVE estabeleceu um projeto de monitoramento que vem registrando cada vez mais indivíduos: de 246 em 2001 para 1.123 em 2010 e 1.263 em 2012^{92,93,595,804,84292,595,749,804,842}.

Araújo (1996), citado em Barbosa *et al.*⁹², apontou que, na década de 90, os números obtidos nos censos podiam não ser precisos devido à reduzida equipe de contagem e à falta de um conhecimento mais aprofundado dos dormitórios. Maior conhecimento sobre os sítios de dormitório, aprimoramento do método de contagem⁵⁹⁵, variação no tamanho da equipe envolvida e no número de amostras em cada censo anual realizado desde 2002⁹², permitem uma confiabilidade razoável nos valores de tamanho populacional atuais (contagens cada vez mais apuradas).

Foi estimada a existência de, no máximo, 114 ninhos na estação reprodutiva de 2010, nos dois sítios de reprodução da espécie, supondo-se então que existam, no máximo, 228 indivíduos maduros na atual população de *A. leari*⁹¹⁵.

Tendência populacional: aumentando.

Ameaças

A diminuição na oferta do alimento preferencial de *A. leari* (frutos de licuri) pode ser uma séria ameaça à espécie. As populações de licuri parecem estar em declínio severo (ao menos na área de distribuição de *A. leari*) devido ao uso antrópico, à eliminação de plantas adultas e à drástica redução no recrutamento devido ao consumo ou destruição de frutos e plântulas. As principais ameaças ao licuri nas áreas de alimentação de *A. leari* são: criação de gado, queimadas, desmatamentos e mineração¹⁰⁶⁷.

O licuri sofreu com a exploração e destruição antrópica irracional, intensificada principalmente a partir do século passado¹¹⁸⁸. Muitas áreas com alta densidade de licuris ainda hoje são transformadas em plantações de milho¹⁰⁷⁴. Apenas cerca de 5% dos sítios de alimentação de *A. leari* conhecidos estão em áreas legalmente protegidas, sendo que um deles, apesar de estar dentro da ESEC Raso da Catarina, ainda é usado para pastoreio e práticas agrícolas¹⁰⁶⁷.

Brandt & Machado³⁰¹ verificaram que, de nove áreas de alimentação da arara-azul-de-lear apenas duas apresentavam regeneração natural de licuris; em todas as áreas ocupadas por bovinos e/ou caprinos, não havia recrutamento desta espécie. Em algumas áreas de alimentação da arara-azul-de-lear, o índice de senescência dos licuris chega a 50%¹⁰⁶⁷. A senescência das palmeiras parece levar a uma menor produtividade de frutos (Barbosa *et al.*, dados não publicados).

O uso de frutos na alimentação humana e animal e das folhas na produção de vassouras, chapéus e produtos de artesanato também representa uma pressão sobre a espécie¹¹⁸⁸.

Uma ameaça em potencial ao licuri na região é o uso em larga escala de seus frutos, visando a extração do óleo para a indústria de cosméticos ou para a produção de biodiesel¹¹⁸⁸. O comprometimento de áreas



naturais de licuri¹⁰⁶⁷ e de outras fontes de alimento da arara-azul-de-lear, levam-nas a se aproximar de áreas de cultivo de grãos em busca de alimento. Essa aproximação aumenta o risco de conflito com agricultores e de captura para o comércio ilegal de animais silvestres^{1067,1074}, sendo estas ameaças relevantes à espécie.

Existem relatos de reprodução há cerca de vinte anos em uma reserva indígena (Pankarare), mas as últimas araras nascidas nos paredões da Reserva foram capturadas para serem vendidas em Salvador⁵⁹⁵.

Segundo dados compilados por Barbosa *et al.*⁹², há registro de 48 indivíduos (ovos, filhotes ou adultos) retirados da natureza para o comércio ilegal entre 1998 e 2011. Esse número, ainda que configure uma ínfima parcela do total de indivíduos realmente traficados, já representa mais de 4% da população global da arara-azul-de-lear (considerando-se os dados de censo de 2010) em um período de 13 anos, o que corresponde a pouco mais de uma geração da espécie. Isso demonstra que, ainda hoje, o tráfico de *A. leari* pode ser uma causa de declínio populacional relevante. Informações recentes demonstram que esta espécie é uma das mais cobiçadas no mercado negro internacional, com relatos de aves sendo vendidas no México e apreendidas em Portugal e Reino Unido.

Conflitos com agricultores devido ao ataque de araras a roças de milho também são comuns⁹². Contudo, vem sendo realizado o ressarcimento dos agricultores que tiveram suas plantações comprovadamente pilhadas por araras, no intuito de garantir a segurança das aves.

Ações de conservação

Existentes

O governo brasileiro vem desenvolvendo atividades voltadas à conservação da arara-azul-de-lear desde 1993. Em 2001, foi criado o Programa de Conservação e Manejo da Arara-azul-de-lear, coordenado pelo CEMAVE e desenvolvido juntamente com várias instituições como Proaves, Fundação Biodiversitas, Instituto Arara-azul, ECO, SAVE Brasil, Fundação BioBrasil e Universidade de São Paulo.

Em 2006, foi publicado o Plano de Manejo da Arara-azul-de-lear, (*Anodorhynchus leari*). Este Plano foi revisado e adequado ao formato vigente de Planos de Ação Nacionais, sendo publicado em 2012 sob o título Plano de Ação Nacional (PAN) para a Conservação da Arara-azul-de-lear⁷⁴⁹, com objetivo de manter o crescimento populacional da arara-azul-de-lear, garantindo e incrementando a qualidade do *habitat* e envolvendo as comunidades da área de ocorrência da espécie na sua conservação.

Recentemente, este PAN foi incorporado a outro mais abrangente, o Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

O CEMAVE é o responsável pela coordenação do PAN e realiza pesquisas *in situ*, que incluem monitoramento populacional, reprodutivo e alimentar e busca de novos dormitórios da arara-aul-de-lear. Além disso, são realizadas atividades de educação ambiental, envolvimento comunitário e geração de renda nos municípios de Jeremoabo, Canudos e Euclides da Cunha.

Desde 2006, o programa de conservação da espécie realiza o ressarcimento com sacas de milho para produtores que tiveram prejuízos comprovados pelo ataque de araras. Esse ressarcimento é coordenado pela ONG brasileira ECO – Organização para Conservação do Meio Ambiente e financiado atualmente pela Parrots International; Loro Parque Fundación; Lymington Foundation; Nutrópica; The Parrot Society, UK; Emerald Feathers; American Federation of Aviculture e The Parrot Fund/Amigos de las Aves, USA..

O Programa de Cativo da Arara-azul-de-lear foi estabelecido pela Portaria ICMBio nº 231 de 26 de setembro de 2013. Atualmente conta com 127 aves (58 machos, 61 fêmeas e 8 indeterminados) distribuídas em 16 instituições, entretanto, somente quatro instituições conseguiram sucesso reprodutivo³⁸⁰.

Necessárias

Também é importante o investimento em ações para o envolvimento crescente das comunidades locais no processo de conservação da espécie como, por exemplo, compatibilizar as culturas de milho



consorciadas com o licuri fazendo desta espécie vegetal como paredes de proteção entre talhões e consequentemente separando áreas de plantio, contribuindo assim para um aumento significativo de frutos desta espécie que propiciará um incremento alimentício para a *A. leari*, evitando assim aumento das pressões antrópicas sobre esta ave.^[SEP]A inclusão das comunidades nos projetos de pesquisa desenvolvidos pelos parceiros do programa de conservação da arara-azul-de-lear foi de fundamental importância para as descobertas de novos dormitórios, para minimizar os conflitos com as araras nas roças de milho e dificultar a ação de traficantes^{495,729,730,732,995,1171}.

Recomenda-se que a população da arara-azul-de-lear de Sento Sé e Campo Formoso seja manejada para revigoração populacional com urgência.

Presença em unidades de conservação

Bahia: ESEC Raso da Catarina (obs. pess. dos autores), APA Estadual Serra Branca/Raso da Catarina (obs. pess. dos autores).

Pesquisas

Recomenda-se, prioritariamente, o mapeamento das cavidades disponíveis para uso como dormitórios e ninhos, o levantamento de dados de ecologia alimentar, análise sanitária e genética da população silvestre, estimativas das áreas utilizadas pelas araras, suas rotas e deslocamentos utilizando o sensoriamento remoto. Deve-se promover a busca de mais indivíduos remanescentes em Sento Sé e Campo Formoso, bem como procura de dormitórios e áreas de reprodução.

Cyanopsitta spixii (Wagler, 1832)

João Luiz Xavier do Nascimento, Rachel Maria de Lyra-Neves, Wallace Rodrigues Telino-Júnior, Severino Mendes de Azevedo Júnior & Camile Lugarini

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: ararinha-azul, arara-azul-de-spix



Foto: Thiago Filadelfo

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo, Possivelmente Extinta na Natureza (CR-PEW) D

Justificativa

Cyanopsitta spixii é espécie endêmica do nordeste do Brasil, com distribuição provável no sertão da Bahia e de Pernambuco. Desde outubro de 2000, quando o último indivíduo livre conhecido desapareceu,



C. spixii não foi mais observada na natureza, apesar de buscas recorrentes. Foram percorridos mais do que 55.000 km desde 1990, mas ainda há áreas de ocorrência potencial não adequadamente vasculhadas. As principais causas do seu desaparecimento são tráfico de animais silvestres e perda e degradação de *habitat*. É provável que a espécie esteja extinta na natureza mas, se existir uma população remanescente, esta será certamente menor que 50 indivíduos maduros. Portanto, *C. spixii* foi categorizada como Criticamente em Perigo, Possivelmente Extinta na Natureza (CR-PEW), pelo critério D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{101,814}	EW
Justificativa para mudança de categoria	Ajuste na aplicação dos critérios
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁸¹	CR (PEW) D

Outros nomes aplicados ao táxon

Sittace spixii Wagler, 1832.

Distribuição geográfica

A ocorrência histórica confirmada é a região do rio Curaçá e riacho Barra Grande-Melancia, no município de Curaçá, nordeste da Bahia, onde os três últimos indivíduos desta espécie foram observados¹⁰².

Três localidades adicionais são reconhecidas como parte da área de distribuição histórica de *C. spixii*, tendo em vista fortes evidências de ocorrência recente: riacho da Vargem, nos municípios de Abaré e Chorrochó (Bahia); riacho Macururé, no município de Macururé, e riacho da Brígida, nos municípios de Orocó e Parnamirim, sendo este o único sítio de ocorrência histórica conhecido a norte do rio São Francisco, em Pernambuco^{101,1305}.

Traficantes e moradores locais relataram que *C. spixii* costumava viver também no lado norte do rio,





mas que a supressão total da mata naquela região teria levado a espécie a se deslocar para o lado sul¹⁰².

História natural

O *habitat* no qual a última população de *C. spixii* foi encontrada são matas de galeria dominadas por caraibeiras (*Tabebuia aurea*) ao longo de riachos sazonais. Embora as observações da única população livre conhecida indiquem que esta espécie é especialista de *habitat*, especula-se que a ararinha-azul pode ter sido menos especialista do que se costumava acreditar.

As caraibeiras eram utilizadas para repouso, nidificação e obtenção de alimento. Dados históricos e observações do último exemplar selvagem indicam que a espécie pernoitava em cactáceas de grande porte conhecidas como facheiros (*Pilocereus piauhiensis*), provavelmente para proteção^{101,1305}.

A dieta baseava-se em onze espécies vegetais, dentre eles, sementes de pinhão (*Jatropha molissima*), faveleira (*Cnidocolus phylacanthus*), baraúna (*Schinops brasiliensis*) e marizeiro (*Geofrea spinoza*). O período reprodutivo estava diretamente relacionado ao regime das chuvas, estendendo-se geralmente de outubro a março. Os ninhos eram estabelecidos em ocos abandonados de pica-paus (*Campephilus melanoleucos*) ou ocos naturais formados pela quebra de galhos^{101,1305}.

Em vida livre estima-se que vivam entre 20 a 30 anos. Em cativeiro, a ave mais velha conhecida morreu em 25 de junho de 2014, aproximadamente aos 40 anos, entretanto, esta ave nunca teve sucesso reprodutivo e não está representada na população em cativeiro.

População

Desde sua descoberta por Spix e Martius em 1819, poucos foram os registros da ararinha-azul. Estima-se que sua população seria composta, no início do século passado, por aproximadamente 30 pares. Em 1986, a espécie foi redescoberta na natureza por Paul Roth, com a localização dos três últimos exemplares selvagens em Curaçá, Bahia. Em 1990, foi encontrado um último exemplar remanescente neste local, que desapareceu em outubro de 2000^{101,1305}.

O Programa de Cativeiro da ararinha-azul contém 152 aves (66 machos e 86 fêmeas) em cativeiro, em três centros de reprodução, no Brasil, Alemanha e Catar, e um centro de exposição, em Cingapura. Além disso, são conhecidas 17 aves em criadores particulares na Suíça. Após o sucesso reprodutivo pela inseminação artificial conseguido pela Al Wabra Wildlife Preservation, em 2013, 16 filhotes nasceram neste criadouro em 2015. Em 2014, foi a primeira vez que todos os mantenedores do programa de cativeiro conseguiram sucesso reprodutivo.

Após o desaparecimento do último exemplar livre conhecido, foram realizadas expedições para a busca de possíveis populações remanescentes de ararinhas-azuis. Foram percorridos 55.000 km nos locais de distribuição histórica e de ocorrência potencial da espécie, baseando-se nos conhecimentos de requerimentos de *habitat* e nas informações de moradores locais, sem haver registro de novos indivíduos¹⁰². Em 2013, foram percorridos mais 230 km de estradas vicinais no município de Santa Maria da Boa Vista, Pernambuco, área indicada por Marcus Da Ré como de provável existência da ararinha. José Silveira da UNIVASF fez expedições na Serra das Confusões, assim como Yara Barros, Pedro Scherer e Ricardo Bonfim Machado. Eles não encontraram nenhum *habitat* que parecesse ser interessante para a ararinha-azul. Marcos Pérsio, dentro do projeto “Diagnóstico e análise de viabilidade populacional das aves endêmicas e ameaçadas da Caatinga presente no PARNA da Serra da Capivara, PARNA da Serra das Confusões e PARNA de Sete Cidades no estado do Piauí”, não encontrou remanescentes de ararinhas.

Monalyssa Camandaroba e Ryan Watson entrevistaram antigos caçadores e com base nas informações fornecidas, não há nenhuma razão para acreditar que eles sabem algo sobre remanescentes de ararinhas. Além disso, na primeira semana de outubro de 2013, Monalyssa e Ryan fretaram um pequeno avião a fim de fazer um levantamento aéreo na Caatinga da Bahia e Pernambuco. Nesta época do ano, as caraibeiras estão floridas, tornando-as muito fácil de ver. Seu objetivo era examinar as zonas ribeirinhas e comparar a qualidade de *habitat* ao que é encontrado na área de Curaçá, baseado na abundância de caraibeiras maduras. Pelo que viram, a área de Curaçá, especificamente os riachos que alimentam o Riacho Barra



Grande (como o riacho da Melancia), tem o melhor *habitat* ciliar na região. O grupo assessor do Plano de Ação Nacional (PAN) para a conservação da Ararinha-azul considera remota a possibilidade de haver remanescentes de ararinha.

Tendência populacional: desconhecida (possivelmente extinta).

Ameaças

O declínio da espécie foi atribuído a dois fatores principais: destruição de *habitat* e captura para comércio ilegal^{182,375,662,663}.

A destruição em larga escala do *habitat* específico do qual a espécie aparentemente dependia ocorreu devido à ocupação humana. O fogo foi a ferramenta mais utilizada para preparar o pasto por mais de trezentos anos, devastando as matas de galeria. O corte de madeira, coleta de lenha e sobrepastoreio, práticas antigas na região, também contribuíram para a destruição do *habitat*. As margens de riachos são altamente valorizadas pelos agricultores, especialmente para lavouras de milho⁶⁶³. A maior parte das habitações humanas tem sido estabelecida ao longo dos riachos, aumentando ainda mais a pressão nas matas de galeria^{662,663}.

Roth (1989), citado em Barros *et al.*¹⁰², acreditava que as matas de galeria já se estenderam por 50 km de cada lado do rio São Francisco. Contudo, na época em que a última ave selvagem foi encontrada, parecia haver apenas duas pequenas manchas remanescentes ao sul do rio⁶⁶³.

É possível que a construção da barragem de Sobradinho, na década de 70, também tenha gerado perda de *habitat* de *C. spixii*. A barragem, localizada 35 km rio acima de Juazeiro, criou um imenso reservatório em termos de área alagada (4.225 km²), inundando o vale do São Francisco por vários quilômetros, destruindo qualquer *habitat* potencial da ararinha-azul na região⁶⁶⁴. A construção desta e de outras usinas hidrelétricas também levou à instalação de linhas de transmissão, inserindo no ambiente mais uma ameaça à ararinha-azul¹⁰².

A captura ilegal de *C. spixii*, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, foi determinante para a atual condição da espécie. A maioria dessas aves foi fornecida a colecionadores por apenas dois traficantes: entre 1977 e 1985, um deles comercializou 15 araras, sendo 13 adultas; entre 1984 e 1987, o outro traficante capturou e vendeu oito aves (quatro adultas, duas jovens e dois ninhos). Ambos informaram que todos esses exemplares foram originários das proximidades de Curaçá¹⁰².

Ações de conservação

Existentes

Em 1990, objetivando estabelecer um programa de recuperação para a espécie, o governo brasileiro criou o Comitê Permanente para Recuperação da Ararinha-Azul. No ano seguinte, teve início um trabalho de campo para conservação e pesquisa na área em que o último macho selvagem vivia. Iniciou-se também um programa coordenado de reprodução em cativeiro. Entretanto, dez anos após a criação do Comitê, a falta de cumprimento das regras estabelecidas e conflitos internos levaram o IBAMA a cessar essas atividades, dissolvendo-o em 2002.

Neste mesmo ano, foi criado o Grupo de Trabalho para a Recuperação da Ararinha-azul, legalmente estabelecido apenas em 2005, com objetivo de assessorar o IBAMA em todos os aspectos relacionados à conservação da espécie. Soye & Barros¹¹⁹⁹ elaboraram uma proposta de plano de ação. Com base nesse documento, o PAN Ararinha-azul foi readequado aos padrões vigentes em 2010, e já está em seu segundo ciclo, com 35 ações e 5 objetivos específicos para atingir a visão geral para 2037: “População viável da ararinha-azul estabelecida na sua área de distribuição, com hábitat conservado e a comunidade engajada, desenvolvendo práticas socioeconômicas e culturais sustentáveis.” O objetivo geral do PAN é: “Realizar a reintrodução de ararinhazuis em sua área de ocorrência original até 2022, buscando seu aumento populacional contínuo e conservando habitats com envolvimento comunitário em práticas sustentáveis.”

A recuperação da ararinha-azul depende inteiramente do estabelecimento bem sucedido de aves criadas em cativeiro e reintroduzidas em sítios adequados dentro da área de ocorrência histórica da



espécie¹⁰², uma vez que é pouco provável que ainda existam exemplares na natureza. Em 2012 também foi lançado o Projeto Ararinha na Natureza, que congrega ICMBio, mantenedores, instituições de apoio e financiadores externos. O projeto possui Ações de conservação *in situ*, como envolvimento da comunidade, divulgação e realização de estudos para a criação de unidades de conservação e apoio ao manejo em cativeiro, como a adequação do centro de reprodução brasileiro e o apoio técnico para melhorar os índices reprodutivos e de saúde da população cativa no Brasil.

Presença em unidades de conservação

Não há registros da espécie em unidades de conservação, entretanto, encontra-se em processo de criação uma unidade de conservação na categoria de Área de Proteção Ambiental (APA) com aproximadamente 120.000 ha na região de Curaçá, onde o último macho foi avistado. Também encontra-se em curso a criação de um Refúgio de Vida Silvestre com aproximadamente 10% da área da APA.

Pesquisas

Existentes

a) Visando atualizar constantemente a análise genética de toda a população em cativeiro, dentro e fora do Programa de Cativeiro, todas as amostras de aves dentro do Programa são analisadas para estabelecer os melhores pareamentos e evitar os efeitos deletérios do *inbreeding*. Estudos de variabilidade genética visando a conservação da ararinha-azul foram primeiramente realizados por Caparroz *et al.*³³³, que demonstrou baixa variabilidade genética. Posteriormente, Presti *et al.*⁹⁶⁹ ampliou o número de marcadores (microsatélites) nas análises genéticas e demonstraram que as ararinhas-azuis foram os psitacídeos analisados com menor variabilidade genética. Novos marcadores foram estabelecidos por Monteiro⁸¹⁷, confirmando a alta similaridade genética da espécie, a perda de diversidade de alelos e o alto grau de parentesco. O resultado destes estudos serve de base, juntamente com a análise do parentesco do livro genealógico, para direcionar o pareamento e a inseminação artificial. Presti *et al.*⁹⁶⁹ demonstraram, analisando amostras de fundadores potenciais (animais de vida livre), que todos estavam relacionados geneticamente, possivelmente em decorrência da pequena população de vida livre que deu origem à população cativa. Como o resultado obtido por alguns marcadores não são compatíveis com o grau de parentesco do livro genealógico, a genotipagem por *next generation sequencing* se mostra útil. O sequenciamento foi realizado na Cornell Medical University no Qatar, mas ainda não foi publicado.

b) Na ação do PAN Ararinha-azul “Implementar novas ferramentas de biotecnologia, visando o aumento do sucesso reprodutivo”, novas metodologias de inseminação artificial estão sendo estudadas e implementadas por pesquisadores da Parrots Reproduction Consulting, na Al Wabra Wildlife Preservation, além dos trabalhos genéticos que são utilizados para direcionar o pareamento.

c) Na ação “Avaliar a área para reintrodução no município de Curaçá, de acordo com a Instrução Normativa 23/14 e especificidades para a espécie”, foi realizada em 2013, análise para priorização de locais para proceder a reintrodução da espécie.

d) Na ação “Realizar expedições para checar informações sobre a possível ocorrência de novas populações de ararinhas-azuis e integrar os resultados com as observações das equipes de campo anteriores, imagens de satélites e/ou fotos aéreas para subsequente mapeamento” foram realizadas expedições de campo para localizar novas populações de ararinhas, inclusive no PARNA Serra das Confusões, sem sucesso. Considera-se remota a possibilidade de encontrar novas populações.

e) Na ação “Realizar monitoramento da avifauna na área de soltura, com ênfase em psitacídeos e rapinantes” foi desenvolvida dissertação de mestrado “Densidade e estimativa populacional de psitacídeos e rapinantes nas áreas de ocorrência histórica da ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii* Wagler, 1832)” que estabeleceu a densidade de aves que podem ser competidoras e predadoras de ararinhas reintroduzidas. Entretanto, considera-se importante ampliar o estudo para aves noturnas, especificamente, em decorrência do relato de *Bubo virginianus* na região.

f) A ação “Levantar a disponibilidade de cavidades naturais e sua utilização por diversas espécies” foi realizada como parte da pesquisa de dissertação citada acima, entretanto considera-se interessante



ter um estudo focado na mensuração de parâmetros internos do ovo, especificamente no local de soltura escolhido.

g) Foi realizado, em 2012, um Estudo de Viabilidade de Populacional da ararinha-azul, com o programa *Vortex*, o qual não foi adequado para estabelecer uma população viável pós-soltura devido à limitação de dados da espécie. Por isso, foi estabelecida em 2014 a ação “Refazer a Análise de Viabilidade Populacional da ararinha-azul, utilizando outra metodologia”.

Necessárias

Ainda faltam estudos quanto a: caracterização do perfil sanitário de psitacídeos selvagens em vida livre e cativo nas potenciais áreas de reintrodução para identificar potenciais riscos de transmissão de patógenos; fenologia reprodutiva focada nas espécies utilizadas como alimento de psitacídeos da região de ocorrência da ararinha-azul; implementação de experimentos demonstrativos de atividades agrosilvipastoris sustentáveis, visando reduzir seu impacto na Caatinga; e soltura experimental de *Primolius maracana*, que subsidie o projeto de soltura de ararinhas-azuis. A soltura experimental de maracanãs está entre as prioridades para os próximos anos.

***Guaruba guarouba* (Gmelin, 1788)**

Thiago Orsi Laranjeiras, Alexander Charles Lees & Nárgila G. de Moura

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nomes comuns: ararajuba, guaruba



Foto: Rudimar Narciso Cipriani

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4cd; C1

Justificativa

Guaruba guarouba é endêmica da Amazônia brasileira, com ocorrência limitada ao sul do rio Amazonas e leste do rio Madeira. Sua extensão de ocorrência foi reduzida em cerca de 30% nos últimos 30 anos e pode ser reduzida em mais 20-30% nos próximos 50 anos. Isso representa declínios equivalentes no tamanho da população madura (atualmente cerca 10.000 indivíduos), que somados a impactos da retirada de indivíduos da natureza para o tráfico ilegal geram estimativas de cerca de 30% de declínio populacional ao longo de 22 anos (três gerações), envolvendo passado e futuro. Também é possível concluir daí que há um declínio continuado de ao menos 10% em três gerações. Por estas razões, *G. guarouba* foi categorizada como Vulnerável (VU) A4cd; C1.



Outras avaliações

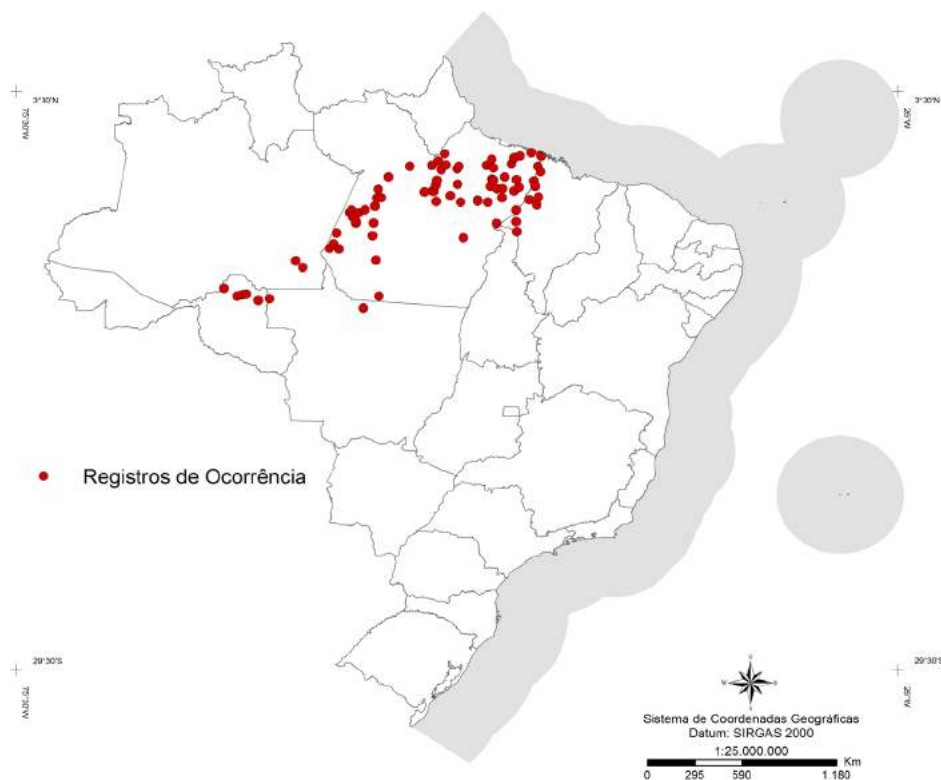
Avaliação nacional anterior ^{814,1139}	VU A2cd
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará: VU
Avaliação global ²⁴⁶	VU A2cd+3cd+4cd; C2a(ii)

Outros nomes aplicados ao táxon

Psittacus guarouba Gmelin, 1788; *Guarouba guarouba* (Gmelin, 1788); *Aratinga guarouba* (Gmelin, 1788).

Distribuição geográfica

Endêmica da Amazônia brasileira, com ocorrência limitada ao sul do rio Amazonas e leste do rio Madeira, na borda do Planalto Central⁶⁹⁰. A distribuição inclui o oeste do Maranhão, um eixo leste-oeste na região central do Pará, o extremo sudeste do Amazonas e o extremo nordeste de Rondônia. No início da década de 1990, no norte do Mato Grosso, a espécie foi registrada em uma oportunidade (sem documentação)⁷³⁷, mas não houve registros adicionais, apesar da região receber intensos esforços de observação e pesquisa⁷⁰⁸. A extensão de ocorrência total engloba não mais do que 300.000 km² e sua ocorrência dentro dessa área é razoavelmente desconectada⁶⁹⁰.



História natural

Ocorre em matas de terra firme, em paisagens de relevo ondulado nas terras baixas (abaixo de 300 m) da bacia Amazônica¹⁰⁹⁵, mas bandos têm sido registrados em florestas secundárias e florestas de igapó, utilizadas para alimentação^{681,692,1257}. A maioria dos dormitórios e sítios reprodutivos conhecidos têm sido encontrados em áreas alteradas, com diversas árvores secas ou mortas, adjacentes à floresta contínua ou a grandes manchas de floresta. Para pernoitar e nidificar, as ararajubas parecem preferir as árvores isoladas nessas áreas, provavelmente para evitar predadores terrestres e arbóreos (tais como serpentes e macacos). Em uma escala mais ampla, a espécie parece evitar áreas mais úmidas da Amazônia Central e áreas mais ao sul onde a temperatura pode cair em determinadas épocas⁶⁹⁰.



As ararajubas são extremamente sociais, vivendo em bando de 4 a 20 indivíduos. O tamanho médio dos bandos, 10 indivíduos, é um dos maiores entre os psitacídeos neotropicais. Em sítios alimentares, as ararajubas podem formar bandos de até 50 indivíduos e a quantidade de indivíduos nos dormitórios (cavidade de árvores) é limitada a menos de 20 indivíduos⁶⁹⁴.

As ararajubas são muito peculiares quanto ao comportamento reprodutivo e isso é uma das questões mais controversas de sua biologia. A espécie permanece em grandes bandos durante todo o período reprodutivo, o que tem sido relacionado com a presença de múltiplos pares reproduzindo comunalmente, ajudantes reprodutivos⁸⁹⁸ ou jovens de diferentes gerações de um único casal líder⁹⁹⁴. Paternidade extrapar já foi registrada em cativeiro²¹. Embora não haja informações diretas de campo, as ararajubas são extremamente sociais nos sítios reprodutivos. A maturidade sexual é alcançada somente após completar três anos e as primeiras ninhadas férteis após 5 a 6 anos⁹⁹⁴.

O tempo geracional da espécie é estimado em 7,4 anos¹⁴⁴.

População

O tamanho da população da ararajuba já foi estimado em menos de 2.500 indivíduos¹⁴⁴. No entanto, recentes observações indicam a existência de aproximadamente 10.000 indivíduos, em 60 localidades de ocorrência^{690,694} e em uma área com *habitat* disponível de 174 mil km². Na rodovia Transamazônica, ao longo do rio Tapajós (Pará), a população mínima é de quase 500 indivíduos⁶⁹⁴; na região de Paragominas (leste do Pará), a ararajuba é encontrada frequentemente, com uma população mínima provável de mais de 300 indivíduos distribuídos em uma paisagem com diferentes graus de antropização⁷¹¹ (A.C. Lees & N. G. Moura, dados não publicados).

Sua extensão de ocorrência foi reduzida em cerca de 30% nos últimos 30 anos e pode ser reduzida em mais 20-30% nos próximos 50 anos. Isso representa declínios equivalentes no tamanho da população madura que, somados a impactos da retirada de indivíduos da natureza para o tráfico ilegal, geram estimativas de cerca de 30% de declínio populacional ao longo de 22 anos (três gerações), envolvendo passado e futuro (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça para a sobrevivência da ararajuba na natureza é o desmatamento contínuo na Amazônia. A distribuição geográfica da espécie coincide com o arco do desmatamento e desse modo foi reduzida em aproximadamente 30% ao longo das últimas décadas⁶⁹⁰ e projeta-se uma perda de mais 20 a 30% nos próximos 50 anos¹³⁷. Embora a espécie possa tolerar certos distúrbios na floresta, as ararajubas estão ausentes em áreas com desflorestamento avançado e os bandos desaparecem sazonalmente em áreas fragmentadas, provavelmente em busca de alimento, indicando necessidade de florestas primárias⁶⁹⁴.

A captura para o tráfico ilegal é também uma ameaça relevante. No leste do Pará, a espécie é frequentemente capturada e indivíduos são mantidos localmente como animais de estimação ou vendidos para o tráfico ilegal para revenda em cidades maiores⁶⁸¹ (A.C. Lees, obs. pess.). A captura é relativamente fácil e pode ser potencializada nas regiões com paisagem fragmentada, por causa da aparente preferência da espécie em nidificar em árvores isoladas em pastagens recém-formadas. Árvores isoladas são atrativas para bandos da espécie, devido à aparente proteção contra predadores florestais, mas, contudo, esses ninhos são mais fáceis de serem encontrados por traficantes⁶⁹⁴. As ararajubas ainda são frequentes em apreensões por agências governamentais em todo o país, mas, felizmente, não há evidências recentes de tráfico internacional¹¹¹³. No oeste do Pará, eventos e evidências de captura estão aumentando a cada dia⁶⁹³. Localmente, a espécie tem sofrido pela caça e perseguição pelas populações indígenas ou fazendeiros^{144,692}.

O desmatamento dos remanescentes florestais seguido pela captura para o tráfico pode ter efeitos devastadores nas populações locais da ararajuba na natureza.



Ações de conservação

Existentes

Guaruba guarouba está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸ e no Plano de Ação para Conservação das Espécies Endêmicas Ameaçadas de Extinção da Fauna da Região do Baixo e Médio Xingu⁶³³.

Necessárias

Implantação de unidades de conservação ao longo da distribuição geográfica da espécie; reprodução e manejo com sucesso da espécie em cativeiro.

Há também necessidade de garantir a implementação das unidades de conservação onde a espécie ocorre, incluindo a proteção específica aos seus sítios reprodutivos e alimentares, sobretudo na REBIO do Gurupi, no PARNA da Amazônia, na FLONA Jamari e na FLONA do Tapajós. A busca pela espécie no oeste da sua distribuição geográfica também pode revelar novas populações e refinar as atuais estimativas populacionais.

Presença em unidades de conservação

Amazonas: FLONA do Jatuarana⁷⁴⁸;

Pará: PARNA do Jamaxim⁷⁴⁸, FLONA de Caxiuanã⁶⁹⁰, FLONA de Itaituba I e II⁶⁹⁰, FLONA de Tapajós⁶⁹⁰, FLONA de Tapirapé-Aquiri⁵⁹⁶, FLONA do Amanã⁶⁹⁰, FLONA do Trairão⁶⁹⁰, FLONA Jamari⁶⁹⁰;

Amazonas/Pará: PARNA da Amazônia⁶⁹⁰;

Maranhão: REBIO do Gurupi⁶⁹⁰.

Pesquisas

Existentes

Apesar de ter sido mais estudada do que a maioria dos psitacídeos na Amazônia, a ararajuba ainda é uma espécie pouco conhecida, com uma biologia peculiar e controversa. Primeiras informações sobre a biologia da espécie vieram de observações gerais no estado do Pará no fim da década de setenta^{898,1095}. Nas décadas de 1980 e 1990, a espécie teve sua distribuição geográfica ampliada por registros isolados^{737,1302}, mas somente nos últimos anos a espécie foi mais intensamente pesquisada^{681,690,692,694,994}.

As pesquisas existentes abordaram principalmente informações básicas sobre distribuição geográfica, tamanho dos bandos, itens alimentares, sítios reprodutivos e comportamento, com um aprofundamento nesses aspectos nos últimos anos. De modo geral, pesquisa sobre a existência de populações desconhecidas, tamanho da população global, aspectos da biologia reprodutiva e da vulnerabilidade à alteração ambiental são necessárias⁶⁹⁴.

Necessárias

A busca por populações da ararajuba na porção oeste de sua distribuição (sudoeste do Pará e sudeste do Amazonas) é necessária^{690,694}. A modelagem da distribuição indicou *habitat* adequado nesta região, onde moradores sugeriram a presença da ararajuba, mas inventários ainda não registraram a espécie^{690,694}. Descobrir novas populações nesta região será útil para melhor entender a distribuição geográfica e seu estado de conservação. Estimativas populacionais ao longo da distribuição também são necessárias. A ararajuba tem sido encontrada em diversas localidades, mas sem informações de abundância e tamanho populacional nestas áreas.

Determinar o quanto a espécie pode sobreviver em áreas fragmentadas será útil para compreender sua vulnerabilidade. As ararajubas têm sido encontradas em áreas recentemente desmatadas (ainda com presença de árvores isoladas), e os bandos alimentam-se em florestas secundárias, mas em áreas completamente desmatadas a espécie desaparece. Áreas recentemente desmatadas, com abundância de árvores altas e isoladas, parecem atrair bandos da ararajuba, mas estas áreas ficam ainda mais sujeitas a distúrbios humanos.



Análises genéticas das relações de parentesco dentro dos bandos são necessárias para melhor entender a biologia reprodutiva da ararajuba. Além disso, outros parâmetros reprodutivos são escassos e devem ser melhor investigados. Por fim, estudos com radiotelemetria para melhor entendimento de eventuais deslocamentos sazonais, desaparecimentos locais ou nomadismo podem ser muito úteis para conservação.

Aratinga solstitialis (Linnaeus, 1766)

Thiago Orsi Laranjeiras

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: jandaia-amarela



Foto: Thiago Laranjeiras

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A2cd

Justificativa

Aratinga solstitialis é uma espécie endêmica do Escudo das Guianas no norte da América do Sul, ocorrendo exclusivamente no norte do Brasil e oeste da Guiana. Com base nos registros recentes da espécie, o tamanho populacional global é estimado em menos de 2.500 indivíduos maduros. Há alterações de *habitat* em sua distribuição; a área de ocupação no Brasil foi estimada em menos de 4.000 km². Foi excessivamente capturada nas últimas décadas e desapareceu da maioria das localidades de ocorrência, de modo que uma redução populacional é suspeitada em mais de 50% nos últimos 21 anos (três gerações). Considerando que as causas que levaram ao declínio populacional não cessaram, *A. solstitialis* foi categorizada como Em Perigo (EN) A2cd.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁶¹	EN C2a(i,ii)

Outros nomes aplicados ao táxon

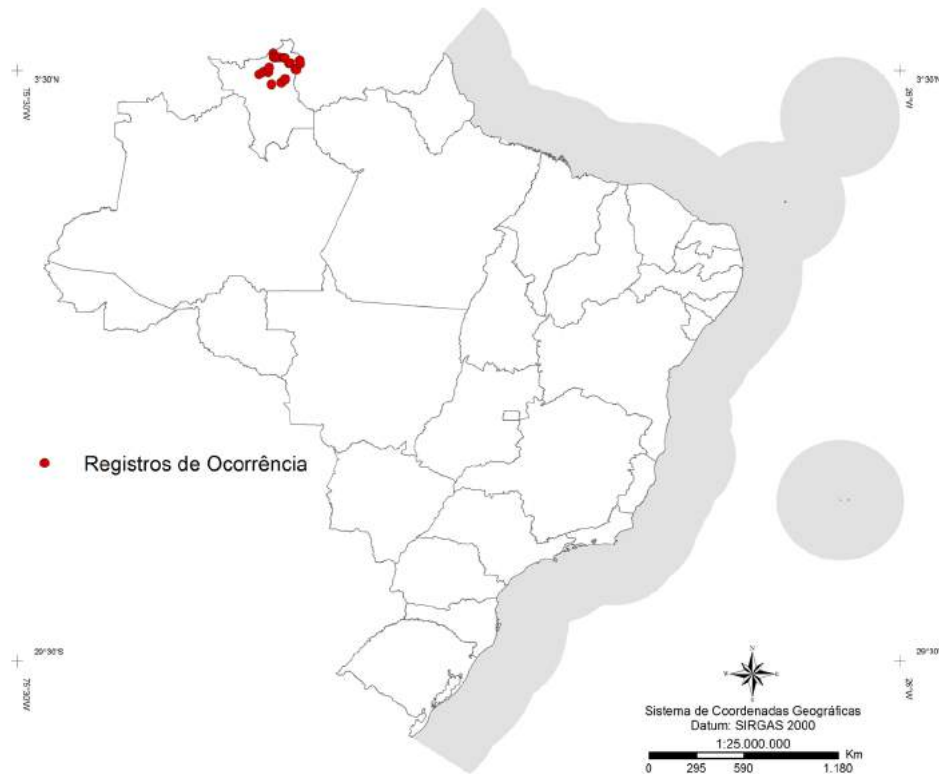
Psittacus solstitialis Linnaeus, 1758.

Distribuição geográfica

Restrita ao Escudo das Guianas, no norte da América do Sul: do leste de Roraima, no Brasil, à região



central da Guiana Inglesa^{659,694}. A maioria dos registros foi obtida na região das savanas de Roraima-Rupununi. Registros da espécie na Venezuela, Guiana Francesa e Suriname provavelmente referem-se a soltura de aves de cativeiro e não têm sido considerados^{659,1117}. A atual distribuição geográfica compreende cerca de 15.000 km², mas menos de 5.000 km² são áreas com *habitat* adequado⁶⁹¹.



História natural

Tem sido registrada em manchas naturais de floresta seca, nos pés de serra, em contato com áreas abertas de savana (abaixo de 600 metros). A espécie foi previamente conhecida como típica de savanas, mas observações recentes sugerem que as aves aparecem nesses ambientes abertos somente durante voos para cruzar de uma mancha florestal para outra ou para se alimentar de frutos cultivados^{682,691}. Além disso, as jandaia pernoitam e provavelmente nidificam em buracos de árvore que são mais disponíveis em áreas florestadas⁶⁸². Embora haja um par de bandos da espécie sobrevivendo em área urbana na cidade de Boa Vista (Roraima), alimentando-se de itens cultivados em quintais e pernoitando e nidificando dentro de postes de madeira ou concreto⁴¹⁶, a jandaia-amarela parece depender de ambientes florestais. O tempo geracional da espécie é estimado em sete anos¹⁴⁴.

População

O tamanho da população global é atualmente estimado em 1.000 a 2.500 indivíduos, mas há a possibilidade de que a população seja menor que 1.000 indivíduos maduros, com 90% dela dentro do Brasil¹⁴⁴. Com base no limitado número de localidades de ocorrência atual da espécie, pode-se inferir que o tamanho populacional seja bem limitado⁶⁹¹.

A espécie desapareceu da maioria das localidades de ocorrência, de modo que uma redução populacional é suspeitada em mais de 50% nos últimos 21 anos (três gerações) (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

A principal ameaça para a sobrevivência da jandaia-amarela na natureza ainda é a captura excessiva para o tráfico ilegal. Houve uma alta demanda para o tráfico nos últimos 20 a 30 anos e a espécie desapareceu da maior parte de sua distribuição dentro da Guiana Inglesa¹⁴⁴. Moradores do nordeste de Roraima relatam ser ainda comum que caçadores atravessem a fronteira da Guiana para o Brasil para capturar ou comprar jandaias. Na década de 1980, quase 600 aves saíram anualmente da Guiana e é estimado que cerca de mais de 2.000 indivíduos foram importados pelos Estados Unidos entre 1981 e 1985¹⁴⁴. A captura ainda ocorre, com existência de cativeiros locais nas proximidades da fronteira entre Brasil e Guiana Inglesa⁶⁹¹.

Há perda de *habitat*, uma vez que parcela das florestas secas nos pés de serra no nordeste de Roraima tem sido queimada e substituída por pastagens⁶⁹¹.

Ações de conservação

Existentes

Êxito na reprodução da espécie em cativeiro (embora não se saiba exatamente se os indivíduos cativos são *Aratinga solstitialis*, *A. maculata* ou híbridos destas)¹⁴⁴; sua relativa proteção, apesar da pouca presença governamental, dentro de Terras Indígenas no nordeste de Roraima, que sobrepõe quase que totalmente com sua atual área de ocorrência; sua presença na lista vermelha internacional organizada pela BirdLife International.

Aratinga solstitialis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, que prevê ações de educação ambiental e fiscalização específicas para este táxon⁶²⁸.

Há previsão da criação do PARNA dos Lavrados de Roraima, no nordeste do estado, com diferentes propostas de áreas e limites. Caso seja concretizada a criação dessa unidade de conservação, uma porção da distribuição geográfica da jandaia-amarela poderá ser melhor protegida.

Necessárias

Inclusão da espécie no Apêndice I da CITES; fiscalização na fronteira entre o Brasil e Guiana para prevenir e coibir o tráfico ilegal; divulgação da situação de risco de extinção da espécie e da importância da sua proteção e do seu *habitat* nas comunidades indígenas do nordeste de Roraima e leste da Guiana; buscas por subpopulações desconhecidas, visando uma estimativa mais precisa do seu tamanho populacional; monitoramento da presença dos bandos nos locais de ocorrência atuais da espécie.

Presença em unidades de conservação

A espécie foi registrada uma única vez na ESEC de Maracá¹¹⁰⁷, mas em pesquisa recente focada em levantamento de psitacídeos na mesma unidade (mais de 45 dias de campo), *A. solstitialis* não foi encontrada em nenhuma oportunidade.

Pesquisas

Existentes

As principais pesquisas feitas com a espécie tratam de sistemática¹¹¹⁷ e de ocorrência e distribuição geográfica^{122,659,691}. Apenas recentemente algum esforço foi dedicado à obtenção de informações sobre sua reprodução⁶⁸², resultando em importantes dados que ajudam a elucidar sua vulnerabilidade à extinção.

Necessárias

A biologia da jandaia-amarela nunca foi estudada especificamente e, portanto, as informações de reprodução, alimentação e comportamento ainda são escassas. Muitas pesquisas são necessárias para conservar a espécie na natureza, especialmente: busca por subpopulações no nordeste de Roraima; levantamento da porcentagem remanescente de *habitat* íntegro; obtenção de dados reprodutivos na natureza, incluindo estrutura social dos bandos; análises genéticas comparativas entre *Aratinga solstitialis* e *Aratinga maculata*.



Pyrrhura cruentata (Wied, 1820)

Marina Somenzari

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: tiriba-grande



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Pyrrhura cruentata é endêmica do Brasil, ocorrendo do centro-sul da Bahia ao Rio de Janeiro. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros, sendo que há menos de 1.000 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*. Dessa forma, *P. cruentata* foi avaliada como Vulnerável (VU) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1140}	VU C2a(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,442}	Espírito Santo: EN Minas Gerais: CR Rio de Janeiro: EN
Avaliação global ¹³⁹	VU A2cd+3cd+4cd; B1ab(i,ii,iii,v); C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Psittacus cruentatus Wied, 1820.

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, com registro na Mata Atlântica do centro-sul da Bahia até o Rio de Janeiro, passando pelo noroeste e leste de Minas Gerais¹¹⁴⁰. Atualmente, ocorre principalmente em unidades de conservação e está praticamente extinta nos remanescentes florestais desprotegidos¹¹⁴⁰.



História natural

Ocupa principalmente Mata Atlântica de baixada, e está associada a florestas primárias úmidas de planície e bordas de mata, podendo também ser encontrada em pequenas clareiras e matas de cabucas⁶⁶¹. Chegam a frequentar plantações, desde que estejam próximas a florestas¹¹⁴⁰. Em geral, são registradas em locais com altitude inferior a 400 m, mas eventualmente chegam a 960 m⁶⁶¹. Seu *habitat* preferencial são florestas bem conservadas em beira de rio (oficina de avaliação).

Alimenta-se de sementes e frutos nas bordas de mata ou no dossel, de espécies como *Trema micrantha*, *Cecropia* spp., *Talisia esculenta*, *Alchornea iricurana* e *Mabea fistulifera*, além de *Miconia hypoleuca*, de especial importância no período de escassez dos demais frutos⁶⁶¹. Reproduzem-se de setembro a dezembro, nidificando em ocos de árvores com posturas de 2-4 ovos, conforme dados obtidos em cativeiro. São encontrados em bandos de até 12 aves, mas grupos de 20 indivíduos também já foram reportados^{373,1140}. Em um grupo observado no sul da Bahia, apenas um casal havia se reproduzido, o que pode sugerir uma baixa taxa de recrutamento¹¹⁴⁰.

População

As populações são altamente fragmentadas em toda sua distribuição, encontrando-se praticamente isoladas em áreas protegidas⁶⁶¹. O conhecimento da área na qual *P. cruentata* ocorre atualmente permite fazer uma estimativa de que haja menos de 10.000 indivíduos maduros na população total, com menos de 1.000 indivíduos maduros em cada subpopulação. Além disso, há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* (oficina de avaliação). Seu tempo geracional é estimado em seis anos²⁷³. *Tendência populacional*: declinando.

Ameaças

A principal ameaça à espécie é o desmatamento, especialmente pela expansão urbana e por mudanças no sistema de cultivo do cacau. Entretanto, a intensa captura para o comércio local e internacional de aves silvestres, principalmente entre as décadas de 1970 e 1980, contribuiu enormemente para sua atual situação de risco¹¹⁴⁰.



Ações de conservação

Existentes

Pyrrhura cruentata está contemplada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Como utilizam de ocos de árvores tanto para reproduzir como para pernoitar, a paralisação do desmatamento é fundamental para a manutenção da espécie, assim como a coibição do comércio clandestino de aves silvestres.

Embora a experiência de reintrodução desta espécie no PARNA da Tijuca (1969-1970) não tenha tido sucesso, novas tentativas de reintrodução de exemplares de zoológicos e criadores, contando com técnicas desenvolvidas nas últimas décadas, foram apontadas como estratégias interessantes para auxiliar no revigoramento da espécie¹¹⁴⁰.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Chapada Diamantina¹¹⁴⁰, PARNA da Serra das Lontras¹¹⁴⁰, PARNA de Boa Nova^{60a}, PARNA do Descobrimento¹¹⁴⁰, PARNA e Histórico do Monte Pascoal¹¹⁴⁰, PARNA Pau Brasil¹¹⁴⁰, ESEC de Nova Esperança¹¹⁴⁰, REBIO de Una¹¹⁴⁰, REVIS de Una^{60a}, RPPN Ecoparque de Una¹¹⁴⁰, RPPN Estação Veracel¹¹⁴⁰;

Bahia/Espírito Santo: REBIO do Córrego Grande¹¹⁴⁰;

Espírito Santo: FLONA de Pacotuba^{60a}, FLONA de Rio Preto, REBIO de Sooretama¹¹⁴⁰, REBIO do Córrego do Veado¹¹⁴⁰, RPPN Fazenda Boa Esperança;

Minas Gerais: PE do Rio Doce¹¹⁴⁰, RPPN Feliciano Miguel Abdala¹¹⁴⁰;

Rio de Janeiro: APA de Petrópolis¹¹⁴⁰, ESEC de Tamoios¹¹⁴⁰, PARNA da Serra dos Órgãos⁶⁰⁶, PARNA da Tijuca⁶⁰⁰, PE do Desengano¹¹⁴⁰, REBIO União^{60a}.

Pyrrhura lepida (Wagler, 1832)

Marina Somenzari

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: tiriba-pérola



Foto: Cal Martins



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4c

Justificativa

Pyrrhura lepida ocorre no sudeste da Amazônia brasileira, nos centros de endemismo Xingu e Belém. As modelagens de desmatamento preveem 47 a 64% de perda de *habitat* em um período de três gerações, envolvendo passado e futuro. Entretanto, a espécie apresenta certo grau de tolerância à degradação de *habitat*, de modo que prevê-se perda populacional neste período entre 30 e 50%. Assim, *Pyrrhura lepida* foi categorizada como Vulnerável (VU) A4c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará*: EN
Avaliação global	VU A3c

*Avaliada como *Pyrrhura perlata lepida*.

Outros nomes aplicados ao táxon

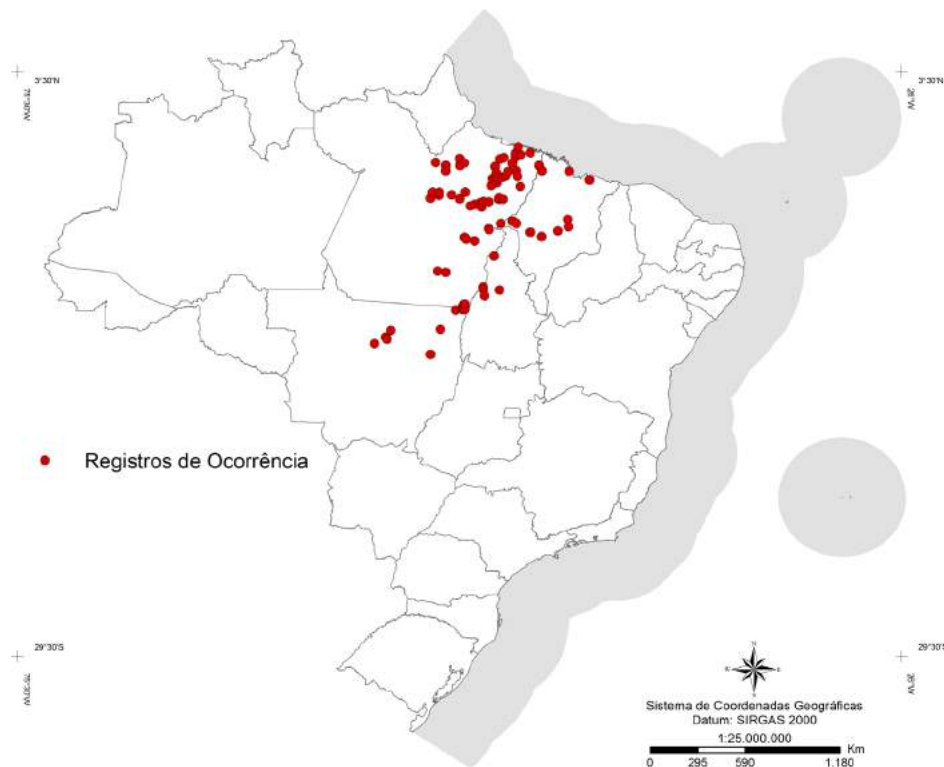
Psittacus lepidus Kuhl, 1820; *Pyrrhura perlata coerulescens* Neumann, 1927; *Pyrrhura perlata anerythra* Neumann, 1927.

Notas taxonômicas

Eram reconhecidas três subespécies: *Pyrrhura lepida coerulescens* Neumann 1927, *Pyrrhura lepida anerythra* Neumann 1927 e *Pyrrhura lepida lepida* (Wagler, 1832). Em recente revisão taxonômica¹¹⁸⁵ o táxon *Pyrrhura lepida coerulescens* foi considerado inválido e os demais táxons foram elevados à categoria de espécie plena, passando a ser reconhecidos como *Pyrrhura anerythra* e, por questões nomenclaturais, *Pyrrhura coerulescens* Neumann 1927.

Distribuição geográfica

Pyrrhura lepida ocorre no sudeste da Amazônia brasileira, nos centros de endemismo Xingu e Belém¹¹⁰⁵. Restrita à margem sul do rio Amazonas, sua distribuição abrange os estados do Pará, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão. É limitada a oeste pelo rio Xingu e a sul pela transição do bioma Amazônico para o cerrado¹¹⁸⁵. Há registro de ocorrência da espécie na cidade de Recife, Pernambuco, devido a escape de cativeiro⁹³¹.



História natural

Habita matas de terra firme, bordas de mata e florestas de crescimento secundário, ocorrendo algumas vezes, em clareiras adjacentes. Não há informações sobre reprodução ou movimentos da espécie³⁷⁶. O tempo geracional é estimado em seis anos¹⁴⁴.

População

De acordo com modelagens de perda de *habitat* na Amazônia, a redução populacional da espécie foi projetada em 47 e 64,5% entre os anos de 2002 e 2020¹⁴⁴. Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional em níveis um pouco suavizados tendo em vista que a espécie apresenta certo grau de tolerância à degradação de *habitat*. Dessa forma, supõe-se que as perdas populacionais, na janela temporal de três gerações no passado e futuro, estarão entre 30 e 50% (oficina de avaliação). *Tendência populacional*: declinando.

Ameaças

A maior ameaça é certamente a massiva perda de *habitat*³⁷⁶. Parte das florestas de baixada que ocupam parcialmente a área de distribuição dessa espécie está severamente alterada ou já não existe mais^{1141,1142}.

Ações de conservação

Existentes

Pyrrhura lepida faz parte do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

Necessárias

A criação de unidades de conservação na área de ocorrência da espécie é essencial para sua proteção. A criação em cativeiro pode ser uma ferramenta importante para fornecer indivíduos para futuros programas de repovoamento, uma vez que a maioria das espécies deste gênero reproduz-se facilmente em cativeiro^{1141,1142}.



Presença em unidades de conservação

Pará: FLONA de Carajás²⁵, FLONA Tapirapé-Aquiri⁵⁹⁶, RPPN Fazenda Pioneira (oficina de avaliação), RPPN Tibiriçá (oficina de avaliação);

Maranhão: PARNA dos Lençóis Maranhenses⁵⁸⁶, REBIO de Gurupi¹²⁸⁹.

Pesquisas

Recentemente foi finalizada e publicada a revisão taxonômica do complexo de espécies a que pertence *Pyrrhura lepida*¹¹⁸⁵. Trabalhos relacionados à história natural e dados demográficos são necessários para que tenhamos dados mais precisos a respeito da distribuição e aspectos ecológicos desse táxon.

Pyrrhura coerulescens (Wagler, 1832)

Marina Somenzari

A espécie consta na Portaria MMA nº 444/2014 como *Pyrrhura lepida lepida* (Wagler, 1832).

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: tiriba-pérola

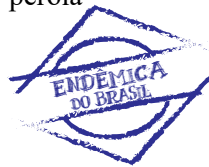


Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c

Justificativa

Pyrrhura coerulescens é endêmica do Brasil e ocorre no Centro de Endemismo Belém. O táxon já perdeu 70% de seu *habitat* original, sendo que cerca de 40% dessa perda ocorreu nos últimos 18 anos (três gerações). É tolerante a determinados níveis de degradação ambiental, podendo ocupar florestas secundárias. Entretanto, o desmatamento tem sido completo em sua distribuição, exterminando o *habitat* adequado à espécie em muitos locais. É pouco caçada e pouco capturada para comércio. Ainda assim, a perda de *habitat* gerou um declínio populacional de ao menos 30% nas últimas três gerações. Por estas razões, *P. coerulescens* foi categorizada como Vulnerável (VU) A2c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1141}	EN* A4c
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

* Avaliada como *Pyrrhura lepida lepida*.



Outros nomes aplicados ao táxon

Pyrrhura perlata coerulescens Neumann 1927; *Psittacus lepidus* Kuhl, 1820; *Pyrrhura lepida lepida* (Wagler, 1832).

Notas taxonômicas

Descrita pelo herpetólogo alemão Johann Georg Wagler em 1832, passou a ser tratada como subespécie em 1929, após a revisão do ornitólogo Oscar Neumann⁸⁴⁹. Após recente revisão taxonômica, foi reconhecida como espécie plena e consequentes modificações nomenclaturais foram propostas^{1185,1187}. Resumidamente, o extenso levantamento bibliográfico elucidou a correta autoria do epíteto *lepida/lepidus* e essa correção, conforme as normas do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica, indicou que *Pyrrhura lepida* se trata de um nome inválido e, portanto, para a denominação desse táxon deve ser utilizado o segundo nome disponível em literatura: *Pyrrhura coerulescens* Neumann⁸⁴⁹.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo no Centro de Endemismo Belém. Tem sua distribuição restrita ao leste dos rios Araguaia-Tocantins, nos estados do Pará, Maranhão e Tocantins, incluindo a porção florestal da Ilha do Marajó, Pará. Restrita a margem sul do rio Amazonas, sua distribuição acompanha os limites do bioma Amazônico a leste e sul.



História natural

Pyrrhura coerulescens é um periquito de pequeno porte, tipicamente florestal comumente observado voando em bandos sobre o dossel ou no interior da mata, embora eventualmente seja localizado em áreas abertas e bordas florestais. Não existem muitas informações publicadas sobre a história natural dessa espécie⁶⁷, mas sabe-se que embora a sua associação com outros psitacídeos não seja comum, tem sido encontrada compartilhando sítios de alimentação com sua congênere, a tiriba-de-hellmayr, *Pyrrhura amazonum*. O tempo geracional de *P. coerulescens* é estimado em seis anos²⁷³.



População

O tamanho populacional é desconhecido. Entretanto, supõe-se que tenha havido perda populacional de ao menos 30% nas últimas três gerações em virtude da massiva perda de *habitat* (oficina de avaliação). *Tendência populacional*: desconhecida.

Ameaças

O táxon já perdeu 70% de seu *habitat* original, sendo que cerca de 40% dessa perda ocorreram nos últimos 18 anos (três gerações) (oficina de avaliação). É tolerante a determinados níveis de degradação ambiental, podendo ocupar florestas secundárias. Entretanto, o desmatamento tem sido completo em sua distribuição, exterminando o *habitat* adequado à espécie em muitos locais. É pouco caçada e pouco capturada para comércio.

Ações de conservação

A prospecção de áreas de ocorrência é urgente para aprimorar o entendimento da situação atual de conservação do táxon e principalmente para fomentar propostas de criação de unidades de conservação na sua área de ocorrência.

Presença em unidades de conservação

Maranhão: REBIO do Gurupi¹²⁸⁹.

Pesquisas

Recentemente foi finalizada e publicada a revisão taxonômica do complexo de espécies a que pertence *Pyrrhura coerulescens*¹¹⁸⁵. Trabalhos relacionados à história natural e dados demográficos são necessários para se adquirir dados mais precisos a respeito da distribuição e aspectos ecológicos desse táxon.

Pyrrhura leucotis (Kuhl, 1820)

Marina Somenzari

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: tiriba-de-orelha-branca



Foto: Cristine Prates



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Pyrrhura leucotis é endêmica do leste do Brasil. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros, sendo que há menos de 1.000 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*. Dessa forma, *P. leucotis* foi avaliada como Vulnerável (VU) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{129,814}	VU C2a(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,442,623}	Minas Gerais: CR Espírito Santo: EN Rio de Janeiro: VU
Avaliação global ^{291b}	NT

Outros nomes aplicados ao táxon

Psittacus leucotis Kuhl, 1820.

Distribuição geográfica

Endêmica do leste do Brasil, com registros do sul da Bahia ao Rio de Janeiro, incluindo Minas Gerais (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa Mata Atlântica de baixada¹²⁷ até 600 m de altitude, habitando bordas de mata e clareiras adjacentes à floresta, assim como matas de cabruca. Alimenta-se de sementes, frutos, castanhas e, às vezes, insetos, além de flores³⁷⁴. Não há informações disponíveis sobre sua reprodução em vida livre¹²⁷



mas conforme suas congêneres, muito provavelmente nidificam em cavidades de árvores. Em cativeiro realizam posturas de 5 a 9 ovos³⁷⁴.

População

Tendo em vista que a área de distribuição de *P. leucotis* é bastante amostrada por pesquisadores e observadores de aves, há certa segurança em estimar que a população total dessa espécie seja menor que 10.000 indivíduos maduros, com menos de 1.000 deles em cada subpopulação. Além disso, suspeita-se de declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* (oficina de avaliação), considerando o tempo geracional de seis anos²⁷³.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças à espécie são a destruição de *habitat* e a captura para o comércio ilegal²⁷³. Por apresentar hábito essencialmente florestal, suas populações declinaram acentuadamente devido ao desmatamento, possivelmente isolando as populações. Embora não muito frequentemente, *P. leucotis* é encontrada em criadouros no país e no exterior, como Estados Unidos e Alemanha¹²⁷.

Ações de conservação

Existentes

Pyrrhura leucotis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

São essenciais a proteção imediata e integral de *habitat* remanescentes e a recuperação de áreas alteradas onde a espécie persiste. A intensificação de ações de fiscalização para evitar maior perda de *habitat* e para coibir a captura e o comércio ilegais também são fundamentais¹²⁷.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA do Descobrimento⁴⁰⁷, PARNA e Histórico do Monte Pascoal³⁷⁹, PARNA Pau Brasil³⁷⁹, RPPN Estação Verace³⁷⁹;

Espírito Santo: REBIO Córrego do Veado¹²⁷, REBIO de Sooretama^{127,1289}, FLONA de Goytacazes¹²⁷;

Minas Gerais: PE do Rio Doce^{127,1289};

Rio de Janeiro: PE do Desengano¹²⁷, PARNA da Tijuca, REBIO do Tingua¹²⁷, REBIO União¹²⁷, APA da Região Serrana de Petrópolis⁵⁹⁷.

Pesquisas

São necessários estudos sobre a história natural da espécie¹²⁹.



Pyrrhura griseipectus Salvadori, 1900

Weber Andrade de Girão e Silva, Marcos Pésio Dantas Santos & Luís Fábio Silveira

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nomes comuns: tiriba-de-peito-cinza, periquito-cara-suja e cara-suja



Foto: Cristine Prates

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B1ab(i,ii,iii,iv,v)

Justificativa

Pyrrhura griseipectus é endêmica do Brasil, com registros históricos para os estados do Ceará, Alagoas e Pernambuco. Atualmente, ocorre apenas no Ceará. A extensão de ocorrência (EOO) atual da espécie foi calculada em 660 km². A população é severamente fragmentada e há declínio continuado da EOO, área de ocupação, qualidade do *habitat*, número de subpopulações e de indivíduos maduros. Por esses motivos, a espécie foi categorizada como Em Perigo (EN), pelos critérios B1ab(i,ii,iii,iv,v).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{501,814}	CR* B1ab(i)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁸²	CR C2a(ii); D

*Avaliada como *Pyrrhura anaca*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Pyrrhura anaca (Gmelin, 1788); *Pyrrhura leucotis griseipectus* Salvadori, 1900.

Notas taxonômicas

Os principais fatos que envolvem a taxonomia desta espécie ocorreram ao longo de mais de 360 anos e serão resumidos a seguir. Em 1648, foi publicado o *Historia Rerum Naturalium Brasiliae*, onde George Marcgrave descreve a ave *Anaca* como um periquito de peito cinza e penas avermelhadas no ventre, manchado de vermelho-sangue no encontro da asa, entre outros detalhes. O registro corresponde indubitavelmente a uma espécie do gênero *Pyrrhura*. Os estudos de Marcgrave abrangeram o nordeste brasileiro, região atualmente habitada por duas espécies compatíveis com essa descrição: *Pyrrhura griseipectus* (a norte do rio São Francisco) e *P. leucotis* (a sul do Recôncavo Baiano).

Em 1660, foi publicado o *Icones Volatilium*, segundo volume do *Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae*, cujas pinturas atribuídas a Albert Eckhout incluem duas aves do gênero *Pyrrhura*, indicadas pelos nomes *Anaca* e *Iribaja*. As imagens demonstram o peito da *Anaca* mais esverdeado do que o da



Iribaja, o que corresponderia respectivamente a *P. leucotis* e *P. griseipectus*.

Após a proposição do *Systema Naturae*, de 1735, alguns autores usaram a descrição de Marcgrave em outros sistemas de classificação, como Mathurin Brisson³⁰⁷, com *Psittacula brasiliensis fusca*, John Latham⁶⁹⁶, com *Chestnut-crowned Parrot*, até a primeira descrição nos moldes lineanos, por Gmelin⁵¹¹, com *Psittacus anaca*. A ave descrita foi atribuída ao gênero *Sittace* por Wagler¹²⁷⁸, sem que novidades sobre a espécie fossem descobertas, incluindo sua procedência.

Novos indícios de *P. griseipectus* começaram a surgir, como uma aquarela de Gustav Mützel, publicada por Reichenow⁹⁷⁹ e identificada como *P. leucotis*. Exemplares de procedência cearense apareceram em museus¹⁰⁵⁹, até que em 1900 *Pyrrhura griseipectus* foi proposta por Salvadori com base em dois exemplares do Museu de Turim e um do Museu de Berlim, todos sem procedência específica. A ave foi considerada por Hellmayr⁵⁵¹ como uma subespécie: *Pyrrhura leucotis griseipectus*, condição contestada na proposta de revalidação da espécie com a combinação *Pyrrhura anaca*, tornando *P. griseipectus* um sinônimo júnior¹²³⁵.

O *South American Classification Committee* (SACC) e o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológico (CBRO) adotam o nome *P. griseipectus* sem a apresentação de argumentos para o detrimento de *P. anaca*. A validade da espécie foi questionada diversas vezes até seu amplo reconhecimento^{871,882,997}.

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, com registros apenas para Ceará, Alagoas e Pernambuco⁵²⁸.

Registrada com base em evidências materiais, na serra de Baturité (área proposta como sua pátria típica)⁹⁵⁶, Quixadá e Ipu, no Ceará. Coletada em Serra Negra, Pernambuco, entre os municípios de Tacaratu, Floresta e Inajá⁵⁰⁹. Há ainda registros para o Ceará baseados em indícios: Tianguá, Serras da Aratanha (entre os municípios de Pacatuba e Maranguape), Céu (Santa Quitéria/Canindé), Machado (Itatira), Maranguape (Maranguape/Caucaia) e Matas (Monsenhor Tabosa) (W. Girão, dados não publicados).

Existe ainda uma menção de ocorrência para Murici, em Alagoas⁵⁰¹. Na Paraíba, há cerca de 60 anos, foi considerada comum, mas não há registros atuais¹³⁰⁹.





A extensão de ocorrência (EOO) foi calculada através do mínimo polígono convexo (MPC) que uniu todos os pontos de registro atuais conhecidos da espécie (apenas alguns municípios do Ceará). A EOO resultou em 660 km² (oficina de avaliação).

História natural

Ocupa floresta decídua e clareiras adjacentes com árvores esparsas³⁷⁶. Forma bandos fora do período reprodutivo.

Nidifica em ocos de entrenós de galhos secos de *Cecropia* spp.¹⁰⁰⁹. Teixeira¹²³⁶ observou nidificação em oco de *Inga* spp., na serra de Baturité. Em Quixadá, utiliza cavidades rochosas, onde possivelmente se reproduz⁵⁰⁹.

A dieta de *P. griseipectus* inclui larvas de insetos e vegetação pioneira como *Inga* spp.⁹⁰⁶, *Croton* spp., *Byrsonima* spp. e *Syzygium* spp.¹²³⁶. Também consome banana, milho, feijão⁹⁰⁶ e nêspera¹²³⁶.

Uma pesquisa realizada pela organização cearense Aquasis, financiada pela Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, permitiu o levantamento de outras 15 espécies consumidas por *P. griseipectus*, incluindo a comprovação da dispersão de uma delas, com viabilidade de recrutamento. No mesmo estudo foram encontrados nove ninhos em cavidades de três outras espécies vegetais além das duas conhecidas. Uma espécie de árvore pioneira foi preferida para nidificação, possivelmente por permanecer viva quando perfurada por larvas de coleópteros e por ter suas flores e frutos consumidos pela ave. Um calendário reprodutivo também foi gerado por esta pesquisa.

População

Desde a redescoberta da população de Quixadá⁵⁰⁹, com a compreensão de que poderia habitar encostas de inselbergues, o *habitat* potencial da ave foi ampliado, gerando a necessidade de buscas de eventuais subpopulações desconhecidas. No entanto, suspeita-se que existam cerca de 250 indivíduos maduros. Devido à distribuição disjunta, é possível que uma rede de metapopulações tenha se desestruturado, acarretando extinções locais e fragmentação severa da população (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça a *P. griseipectus* é o tráfico de animais silvestres. São capturados bandos inteiros nos ninhos ou com uso de visgo. A espécie, no entanto, tolera paisagens relativamente alteradas, alimentando-se de plantas exóticas, além de produzir grandes ninhadas quando não é molestada. Acredita-se que haja bom potencial para reestabelecimento das populações se o comércio ilegal for coibido.

O desmatamento drástico é prejudicial. Na Serra de Baturité, as áreas naturais são destruídas para a construção de condomínios pavimentados. A intensa especulação imobiliária faz com que tais obras recebam autorizações legais.

Criadouros considerados conservacionistas foram autorizados a se instalar na Serra de Baturité, mantendo outras aves do gênero em cativeiro. A fuga destas espécies é uma ameaça real à integridade genética e sanitária da maior população livre de *Pyrrhura griseipectus* (W.A. Girão, obs. pess.).

Ações de conservação

Existentes

Pyrrhura griseipectus está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves da Caatinga, cujos objetivos são: reduzir a perda e alteração de *habitat*, a pressão de caça e o tráfico e manter ou incrementar as populações das espécies-alvo⁶³⁰. Este PAN prevê ações de diagnóstico e monitoramento da situação de captura e tráfico, bem como ações de fiscalização e educação ambiental específicas para este táxon⁶³⁰.



Necessárias

- a) implementação dos instrumentos de gestão da APA Estadual Serra de Baturité;
- b) fiscalização na APA para redução do desmatamento; regime especial de licenciamento na APA, levando em consideração a presença de espécie endêmica e ameaçada;
- c) campanhas de reflorestamento com espécies nativas propícias à formação de cavidades naturais;
- d) campanhas de sensibilização da população em relação à captura e manutenção em gaiolas de aves nativas; operações conjuntas (IBAMA, ICMBio, SEMA-CE, Batalhão de Polícia Ambiental) para repressão ao tráfico na Serra de Baturité e em feiras ilegais;
- e) inserção das Ações de conservação no Plano de Manejo da APA.
- f) ações emergenciais buscando incremento da população por meio de caixas-ninho.

Presença em unidades de conservação

Ceará: MN Monólitos de Quixadá (obs. pess. dos autores), APA Estadual da Serra de Baturité (obs. pess. dos autores).

Pesquisas

São necessárias pesquisas para quantificação e monitoramento das populações de *P. griseipectus*.

Pyrrhura pfrimeri Miranda-Ribeiro, 1920

Túlio Dornas & Renato Torres Pinheiro

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: tiriba-de-pfrimer



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A4c

Justificativa

Pyrrhura pfrimeri possui distribuição bastante restrita: do sudeste de Tocantins ao nordeste de Goiás, apenas em matas secas associadas a afloramentos rochosos de calcário. Houve perda de 75% de seu *habitat* entre 1998 e 2012. Há projeção de 5% de perda ao ano para os próximos quatro anos. Considerando que *P. pfrimeri* ocupa exclusivamente esse tipo de *habitat*, as estimativas de perda populacional são superiores a 50% em um período de três gerações (18 anos), sendo 14 anos no passado e quatro anos no futuro. Assim sendo, *P. pfrimeri* foi categorizada como Em Perigo (EN) pelo critério A4c.



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{129,814}	VU B1ab(i)+2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ^{291c}	EN A2c+3c+4c; B1ab(ii,iii,v)

Notas taxonômicas

Já foi considerada subespécie de *P. leucotis*³⁷⁶.

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil e de distribuição bastante restrita: do sudeste de Tocantins ao nordeste de Goiás, apenas em áreas onde ocorrem florestas decíduas associadas a afloramentos rochosos de calcário na bacia do rio Paranã. Possivelmente, a área de distribuição da espécie é representada por um polígono com 300 km de extensão no eixo norte-sul, por no máximo 60 km de largura, no eixo leste-oeste, sempre acompanhando as formações florestais na região^{130,878}. Essa estimativa gera um cálculo de extensão de ocorrência menor que 18.000 km².



História natural

Ocorre em uma faixa restrita de mata seca (floresta decidual) paralela à Serra Geral ao longo da bacia do rio Paranã, no sudeste de Tocantins e nordeste Goiás^{130,658,878}. Possui alimentação diversificada com forrageio de mais de 21 espécies vegetais, com predomínio de consumo de flores, frutos e sementes^{878,939}. Espécies como aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), vaqueta (*Combretum duarteanum*), tarumã (*Vitex polygama*) e angico (*Anadenanthera peregrina*) demonstraram ser importantes fontes de alimentação de *P. pfrimeri* ao longo do ano⁹³⁹.

Com a conversão das áreas nativas em pastagens e assentamentos, a espécie incorporou em sua dieta frutos cultivados como manga e goiaba, além de flores e frutos do arbusto forrageiro de pastagem, localmente chamado de neve (*Hyptis* sp.)^{878,939} (T. Dornas, dados não publicados). Recentemente, foi



constatado em campo o hábito de geofagia com a ingestão de minerais em barrancos de córregos, ribeirões e em paredões dos afloramentos rochosos de calcário (T. Dornas, F. Pesqueiro & E.R. Luiz, com. pess., 2013).

Predominantemente, não se afasta mais do que 500 m da borda de mata decídua junto a afloramento calcário, sendo altamente dependente de ambientes florestais¹³⁰. Contudo, em uma oportunidade, um bando de cinco indivíduos foi visualizado utilizando cerradões decíduos próximos à confluência dos rios São Vicente e Paranã, em Goiás, a 1,5 km de distância de qualquer floresta decidual com afloramento de calcário, indicando capacidade de deslocamento entre manchas de florestas decíduas em condições mais íntegras (T. Dornas, obs. pess.).

A espécie tolera alguma alteração ambiental, sendo visualizada em ambientes urbanos vizinhos a maciços calcários, visitando pomares e mangueiras, assim como nas adjacências de propriedades rurais^{129,912}.

Ninho e ovos são desconhecidos, embora haja forte indicativo de que utilize tanto ocos em árvores quanto nos paredões rochosos; a cópula ocorre ao longo de todo ano; no entanto, para fins reprodutivos, parecem eleger uma área de cópula, onde se agrupam em mais de 30 casais, no período chuvoso, conforme observado em campo (T. Dornas & F. Pesqueiro, com. pess., 2013).

População

Devido à rápida taxa de desmatamento na área de distribuição da espécie e sua forte dependência de ambientes florestais sobretudo deciduais, supeita-se que a população esteja em rápido declínio¹⁴⁴. Para década de 1990 foi estimada uma população de aproximadamente 200.000 indivíduos⁸⁷⁸; passados pouco mais de 15 anos, nova estimativa demonstrou um total de 40.000 indivíduos¹³⁰, uma redução de cerca de 75%. Para os dias atuais a estimativa é de uma população ainda menor, 20.000 indivíduos¹⁴⁴. A redução populacional de *P. pfrimer* é percebida inclusive pelos moradores locais mais antigos, os quais descreveram detalhadamente ter percebido drástica redução na abundância da espécie, nos últimos 40 anos, devido à substituição dos frequentes bandos de centenas de indivíduos por bandos cada vez menores, com no máximo 20 a 30 indivíduos (T. Dornas & E.R. Luiz, com. pess., 2013).

A área de vida da espécie foi estimada entre 190 a 260 hectares e os valores mais atuais de densidade estão entre 11,2 a 14,7 indivíduos/km², sendo essa densidade variável da acordo com a área amostrada ao longo da distribuição geográfica da espécie¹³⁰. Registros efetuados em 2002, em fragmentos de mata seca na região do ribeirão do Inferno em Tocantins⁹¹², não foram repetidos em amostragens recentes (2012), indiciando possível extinção local (T. Dornas & F. Pesqueiro, com. pess., 2013). Houve perda de 75% das matas secas devido ao desmatamento e mineração entre 1998 e 2012 (5,4% ao ano)¹³⁰. Tendo em vista que o processo de ocupação da área permanece o mesmo, infere-se que haverá perda de *habitat* de 5% ao ano, nos próximos quatro anos. Considerando que *P. pfrimeri* ocupa exclusivamente esse tipo de *habitat*, as estimativas de perda populacional são superiores a 50% em um período de três gerações (18 anos), sendo 14 anos no passado e quatro anos no futuro (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça à espécie é a perda de *habitat* devido à exploração seletiva de madeira, ocupação por pastagens, ocorrência de incêndios florestais, destruição dos afloramentos pela indústria de mineração e inundação das áreas pela construção de pequenas centrais hidrelétricas (agravada pelos efeitos cumulativos da construção sequencial)⁸⁷⁸.

Em Goiás, a área de mata seca que ocupava 15,8% da cobertura vegetal na região, em 1990, foi reduzida para apenas 5,8% em 1999, sendo que menos de 1% dos fragmentos remanescentes eram maiores que 100 ha¹⁴⁴. Em Tocantins, pequenas centrais hidrelétricas planejadas para rios tomados por afloramentos calcários, como ribeirão Caldeirão e Salobro, podem inundar milhares de hectares de *habitat* íntegro adequado à espécie (T. Dornas, obs. pess.).



As unidades de conservação existentes na área de distribuição de *P. pfrimeri* (PE de Terra Ronca e FLONA Mata Grande) ainda não tiveram suas terras regularizadas, de modo que os usos conflitantes nessas unidades impedem a proteção efetiva da área¹²⁹. Os governos estaduais de Goiás e Tocantins, assim como o governo federal, possuem estudos de indicação de criação de unidades de conservação de proteção integral na região, os quais têm desenrolado com elevada morosidade. Os planejados PE de Aurora (Tocantins) e PE Serra da Prata (Goiás) e a ESEC do Sumidouro (Goiás), caso criados, aumentariam substancialmente o nível de proteção da espécie.

Felizmente, relato de moradores locais não mostraram *P. pfrimeri* como alvo de xerimbabo e tráfico de psitacídeos, como ocorre na região para papagaios e, ocasionalmente, araras. Por forragear em roças de arroz e milho, muitas vezes bandos de *P. pfrimeri* são alvejados com arma de fogo e também atingidos por pedras atiradas com estilingues e bodoques, conforme descrição de proprietários rurais locais (T. Dornas, obs. pess.).

Ações de conservação

Existentes

O projeto “Biologia e Conservação da Tiriba-de-pfrimeri (*Pyrrhura pfrimeri*): implicações de uma espécie-bandeira na preservação da biodiversidade associada às matas secas do rio Paranã” foi desenvolvido na região da bacia do Paranã entre 2012 e 2014. Túlio Dornas e Renato Torres Pinheiro (UFT) foram os coordenadores do projeto, que conta com a parceria da SAVE Brasil, e teve financiamento da Fundação O Boticário. O projeto tem como produtos: i) inventário ornitológico das áreas de ocorrência da *P. pfrimeri*, ii) dados sazonais e inéditos da dieta alimentar da espécie e iii) intenso trabalho de educação ambiental com palestras em escolas urbanas e rurais, envolvendo proprietários rurais com rodas de conversa e saídas de campo, debates com autoridades dos município e representantes da procuradoria federal regional.

Pyrrhura pfrimeri está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹, que prevê identificação e mapeamento de áreas relevantes para implantação de corredores ecológicos nas áreas de ocorrência da espécie e incentivo à criação de unidade de conservação na bacia do rio Paranã, em Goiás e Tocantins, para conservação de ambientes de mata seca⁶³¹.

Presença em unidades de conservação

Goiás: PE de Terra Ronca¹²⁹, FLONA da Mata Grande¹²⁹.

Pesquisas

A equipe da Universidade Federal do Tocantins realizou projetos com esta espécie, com foco em sua distribuição, biologia alimentar e reprodutiva.



Touit melanonotus (Wied, 1820)

Danielle Custódio Leal, Fernanda Pinto Marques & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: apuim-de-costas-pretas



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Touit melanonotus é endêmica do Brasil, ocorrendo da Bahia a Santa Catarina. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros, sendo que há menos de 1.000 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*. Dessa forma, *T. melanonotus* foi avaliada como Vulnerável (VU) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ¹¹⁴³	VU* C2a(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,439,441,442}	Espírito Santo: EN Rio de Janeiro*: VU São Paulo: Ameaçada Santa Catarina: CR
Avaliação global ¹⁷⁵	EN C2a(i)

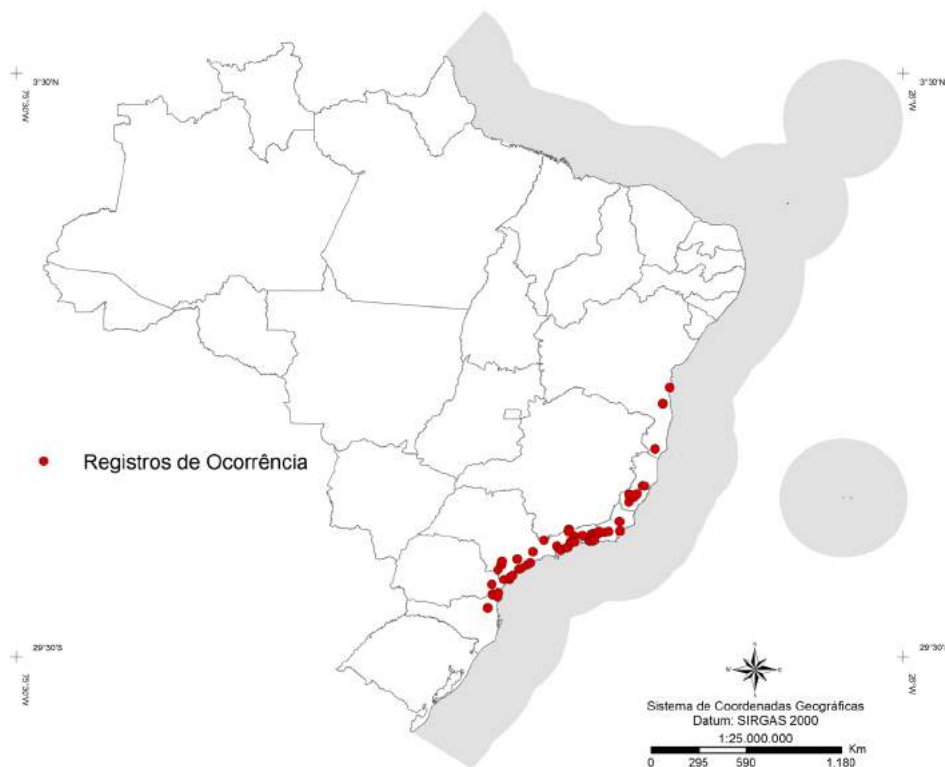
*Avaliada como *Touit melanonota*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Psittacus melanonotus Wied, 1820; *Urochroma wiedi* Allen, 1889; *Touit melanonota* (Wied, 1820).

Distribuição geográfica

Endêmica do leste do Brasil, com registros da Bahia a Santa Catarina^{528,1289}. Atualmente restrito a poucas localidades¹¹⁴³.



História natural

Ocupa um gradiente de *habitat*: matas de baixada (floresta ombrófila densa), incluindo as restingas do litoral, mata de encosta e matas de altitude (como em Itatiaia). Vive em mata alta, preservada, mas pode ser encontrado em áreas secundárias¹⁰⁸⁵. Ocorre com mais frequência entre 500 e 1.000 m de altitude, mas há registros até 1.700 m. Alimenta-se de frutos e sementes³⁷⁶. É observado em casais ou grupos de até 10 indivíduos¹¹⁴³, geralmente em voo¹⁰⁸⁵.

Quando pousados passam a maior parte do tempo quietos, tornando sua detecção bastante difícil¹¹⁴³. Há registro de um casal alimentando filhotes em *Clusia*¹¹⁴³.

População

No geral, é rara dentro de sua ocorrência³⁷⁶. Sua distribuição é bem amostrada por ornitólogos e observadores de aves, mas ainda assim há poucos registros da espécie. Estima-se, então, que a população total seja menor que 10.000 indivíduos maduros, com menos de 1.000 deles em cada subpopulação, isoladas pela fragmentação de seu *habitat* e pelo baixo poder de deslocamento da espécie fora da matriz florestal. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Não são muito claros os motivos que levaram as populações de *T. melanonotus* a seu atual estado de conservação. Certamente o desmatamento e a fragmentação de *habitat* tiveram efeitos nocivos para a espécie, que pode ter perdido a capacidade de realizar migrações altitudinais em função da maior destruição das matas de baixada. Não é procurada para o comércio de aves silvestres e os poucos indivíduos que foram mantidos em cativeiro sobreviveram por, no máximo, quatro meses. Parece ter sido sempre uma espécie rara e pouco numerosa¹¹⁴³. Atualmente, a perda de *habitat* parece ser a maior ameaça à espécie, causando declínio populacional continuado (oficina de avaliação).



Ações de conservação

Existentes

Está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Ameaçadas e de Importância Socioeconômica do Ecossistema Manguezal^{629a}.

Necessárias

Recomenda-se a criação e implantação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de baixada, encosta e planalto e principalmente em áreas remanescentes de restinga, ambiente importante para esta espécie¹⁰⁸⁵.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴;

Espírito Santo: REBIO de Santa Lúcia¹¹⁴³;

Rio de Janeiro: ESEC de Tamoios⁵⁹², PE da Pedra Branca¹¹⁴³, PE do Desengano¹¹⁴³, PARNA da Serra dos Órgãos¹¹⁴³, PARNA da Tijuca¹¹⁴³, APA da Região Serrana de Petrópolis⁵⁹⁷, APA de Cairuçu⁵⁹⁰;

Minas Gerais/Rio de Janeiro: PARNA de Itatiaia¹¹⁴³;

São Paulo: ESEC Juréia-Itatins¹⁰⁸⁵, PE da Ilha do Cardoso¹¹⁴³, PE Intervales¹¹⁴³, PE da Serra do Mar¹¹⁴³, PE Carlos Botelho¹⁰⁸⁵, PE Turístico do Alto Ribeira¹⁰⁸⁵, PARNA da Serra da Bocaina⁵⁸², APA Cananeia-Iguaçu-Peruíbe¹¹⁴³, APA Municipal Capivari-Monos¹⁰⁸⁵.

Pesquisas

Informações sobre biologia, hábitos e *habitat* são ainda muito escassas ou inexistentes¹⁰⁸⁵, sendo necessárias intensas pesquisas em campo para se determinar exigências de *habitat* e obter dados sobre sua história natural¹¹⁴³.

Touit surdus (Kuhl, 1820)

Sidnei de Melo Dantas & André De Luca

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: apuim-de-cauda-amarela



Foto: Ciro Albano



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Touit surdus é uma espécie rara, endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Paraíba a São Paulo. A população total da espécie não ultrapassa 10.000 indivíduos maduros, sendo que cada subpopulação contém menos de 1.000 deles. Há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat*. Por essas razões, *T. surdus* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	NT
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,442}	Espírito Santo: EN Minas Gerais: CR Rio de Janeiro*: VU
Avaliação global ¹⁷⁶	VU A2c+3c+4c; C2a(i)

*Avaliada como *Touit surda*.

Outros nomes aplicados ao táxon

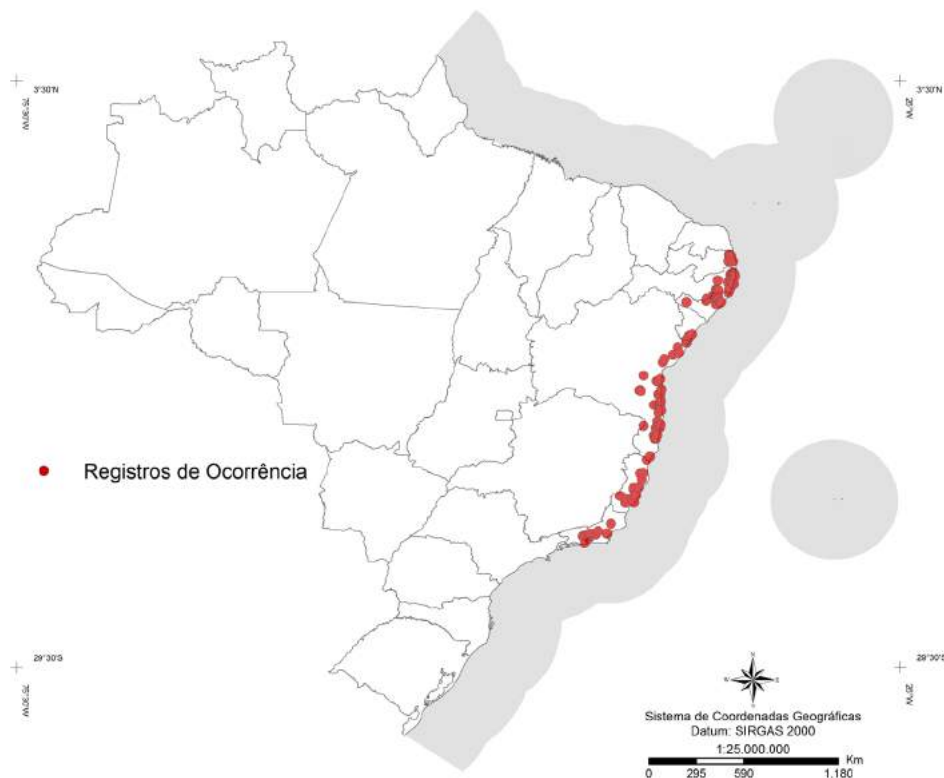
Psittacus surdus Kuhl, 1820; *Urochroma surda* (Kuhl, 1820); *Touit surda* (Kuhl, 1820); *Touit surda ruficauda* Berla, 1954; *Psittacus chryseurus* Swainson, 1820.

Notas taxonômicas

Considerado monotípico por Collar³⁷⁶, mas duas subespécies são reconhecidas por Grantsau⁵²⁸: *T. s. surdus* e *T. s. chryseura*.

Distribuição geográfica

As duas subespécies distribuem-se da seguinte forma: *Touit surdus surdus* - do sul da Bahia até o Rio





de Janeiro; *Touit surdus chryseura* - no nordeste do Brasil (oficina de avaliação).

História natural

Ocupa florestas perenifólias de baixada, florestas de planícies arenosas e florestas de montanhas adjacentes, até 900 m de altitude. Alimenta-se de frutos. Não há informações sobre a biologia reprodutiva da espécie. Parece haver algum deslocamento sazonal no sudeste do Brasil³⁷⁶. Não sobrevive na ausência de floresta razoavelmente intacta e não tem grande poder de deslocamento entre os fragmentos florestais (oficina de avaliação).

População

É raro, em geral, e parece ter sofrido grande e contínuo declínio devido à perda de *habitat*³⁷⁶.

Durante o período de julho a agosto de 1997, nenhum indivíduo foi localizado na ilha de São Sebastião, em São Paulo, local onde a espécie era registrada desde o início do século XX⁵³⁶.

Na Reserva Ecológica de Guapiaçu, no Rio de Janeiro, um indivíduo foi identificado por registro sonoro em junho de 2004⁹⁴⁹. Em Pernambuco e Alagoas, bandos foram encontrados em vários fragmentos de diversos tamanhos mesmo na vizinhança de cidades grandes⁹³⁰, não sendo porém uma espécie comum.

Sua área de distribuição é bem amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total de *T. surdus* é menor que 10.000 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 1.000 deles em cada subpopulação. Além disso, suspeita-se que haja declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat*, uma vez que seu *habitat* vem sendo pressionado por diversas atividades antrópicas impactantes (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A maior ameaça à espécie é a perda e alteração do *habitat*. A área de distribuição de *T. surdus* tem sua vegetação natural impactada principalmente pela agricultura e expansão urbana (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas¹⁰¹⁸, RPPN Engenho Gargau⁹³⁰, RPPN Fazenda Pacatuba⁹³⁰;

Pernambuco: ESEC de Gurjaú¹⁰¹⁸, PE Dois Irmãos⁹³⁰, RPPN Eco Fazenda Morim⁹³⁰, RPPN Frei Caneca¹⁰¹⁸, APA de Aldeia⁹³⁰;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada¹⁰¹⁸;

Alagoas: ESEC de Murici¹⁰¹⁸;

Sergipe: APA do Litoral Sul¹¹⁷;

Bahia: REBIO de Una¹¹⁷, PARNA do Pau-Brasil¹¹⁷, PARNA e Histórico do Monte Pascoal¹¹⁷, PARNA do Descobrimento¹¹⁷, RPPN Estação Veracel¹¹⁷ (S.M. Dantas, obs. pess.), RPPN Lontra/Saudade¹⁴⁰, RPPN Reserva da Peninha¹¹⁷, RPPN São Joaquim da Cabonha¹¹⁷, APA Estadual Pratigi¹¹⁷, RPPN Ecoparque de Una¹¹⁷, APA Caraíva/Trancoso¹¹⁷;

Espírito Santo: REBIO de Sooretama¹¹⁷, REBIO Augusto Ruschi¹¹⁷, PE da Pedra Azul¹¹⁷, PE de Forno Grande¹¹⁷, PE Paulo Cesar Vinha¹⁰³⁸, ESEC de Santa Lúcia¹¹⁷, APA Estadual do Pico de Goiapaba-Açu¹¹⁷; Ocorre também na Reserva Natural Vale¹¹⁷, área protegida mas não pertencente ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação;

Rio de Janeiro: REBIO do Tinguá¹¹⁷, REBIO de Araras¹¹⁷, PE do Desengano¹¹⁷, REBIO União¹¹⁷, APA Região Serrana de Petrópolis¹¹⁷, Reserva Ecológica de Guapiaçu⁹⁴⁹.



Pyrilia vulturina (Kuhl, 1820)

Fabio Schunck

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: curica-urubu



Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c+3c

Justificativa

Pyrilia vulturina é endêmica da Amazônia brasileira, sendo restrita ao baixo Amazonas, uma das regiões com maior índice de desmatamento da Amazônia. A espécie apresenta padrões diferenciados de abundância local e é restrita a áreas de florestas primárias. Sua distribuição é sobreposta ao arco do desmatamento e suspeita-se que cerca de 60% de seu *habitat* original já tenha sido perdido (a maior parte desta perda concentra-se nas últimas décadas). Infere-se, portanto, que tenha havido um declínio populacional de ao menos 30% nas últimas três gerações (21 anos). Modelagens de perda de *habitat* sugerem que haverá declínio populacional entre 37 e 54% nas próximas três gerações. Por estas razões, *P. vulturina* foi categorizada como Vulnerável (VU) A2c+3c.

Outras avaliações

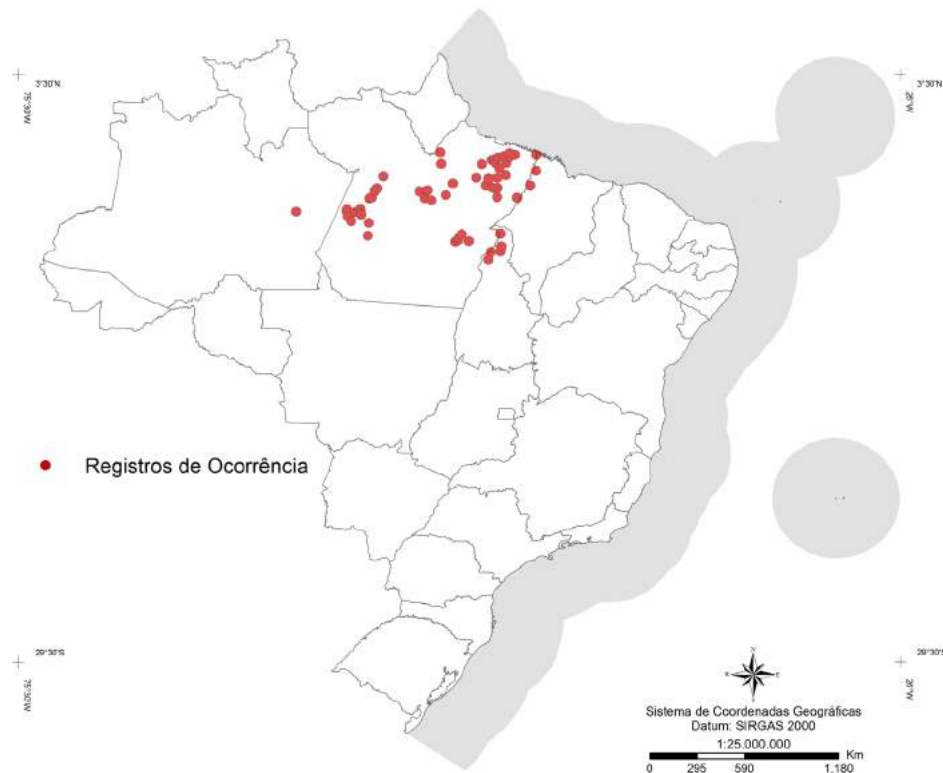
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁷⁷	VU A3c

Outros nomes aplicados ao táxon

Psittacus vulturinus Kuhl, 1820; *Pionopsitta vulturina* (Kuhl, 1820); *Caica vulturina* (Kuhl, 1820); *Gypopsitta vulturine* (Kuhl, 1820).

Distribuição geográfica

Ocorre na margem direita do baixo Amazonas, do leste do Pará (região do rio Gurupi) e norte do Tocantins (região de Araguatins) ao leste do Amazonas (Parintins), atingindo o médio rio Tapajós (região de Itaituba) e chegando até a Serra do Cachimbo^{420,488,1062,1095}. Esta espécie ocorre em simpatria com *Pyrilia aurantiocephala* (papagaio-de-cabeça-laranja) na margem esquerda do médio rio Tapajós⁴⁸⁸.



História natural

Ocorre em matas de terra firme e em beira dos rios e várzeas, sempre em mata alta^{478,1095}. É restrita a áreas de florestas primárias (oficina de avaliação). Na região leste do Pará, grupos podem ser observados deslocando-se entre fragmentos florestais de médio e grande porte, principalmente na beira de alguns rios. Estas aves deslocam-se na mata sempre pela manhã e no final da tarde, sendo muito difícil encontrá-las durante o dia, quando estão pousadas alimentando-se ou mesmo descansando. Alimentam-se basicamente de frutos, bagas e sementes encontrados no alto de grandes árvores⁴⁷⁸. As partes glabras na cabeça dos adultos evitam possíveis problemas gerados pelo contato desta região com a polpa dos frutos grandes, durante a alimentação, característica observada também nos urubus, que introduzem a cabeça dentro das carcaças dos animais mortos.

Não existem informações sobre sua reprodução. O tempo geracional da espécie é estimado em 6,9 anos¹⁴⁴.

População

A densidade populacional desta espécie varia dentro da sua área de ocorrência, sendo um psitacídeo comum em regiões mais preservadas, onde grupos com 6 a 12 indivíduos podem ser observados com frequência durante o dia. É considerado pouco comum e até raro em regiões mais degradadas e desflorestadas, como na região leste do Pará, onde já foi mais comum no passado.

Não existem estudos populacionais feitos com esta espécie, mas utilizando-se estatísticas e modelagens de perda de *habitat* devido ao desmatamento, é possível inferir que tenha havido um declínio populacional de ao menos 30% nas últimas três gerações (21 anos) (oficina de avaliação) e que haverá declínio entre 37 e 54% nas próximas três gerações¹³⁷.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça a sobrevivência da curica-urubu na natureza é o desmatamento contínuo na



Amazônia, principalmente na porção leste do Pará, na região do Arco do Desmatamento. Suspeita-se que cerca de 60% de seu *habitat* original já tenham sido perdidos (oficina de avaliação).

A espécie ainda é encontrada em fragmentos florestais de médio e grande porte, como nas regiões de Tailândia (Reserva Florestal da Agropalma e Fazenda Rio Capim) e Tomé-Açú (várias fazendas) onde vários grupos foram registrados entre 1998 e 2009⁹⁶⁵.

Esta espécie não é alvo do tráfico ilegal de animais silvestres³⁷⁶.

Ações de conservação

Existentes

Pyralia vulturina está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

Criação de novas unidades de conservação na área de ocorrência da espécie, principalmente na região leste do Pará.

Presença em unidades de conservação

Amazonas/Pará: PARNA da Amazônia (F. Schunck, obs. pess.);

Maranhão: REBIO do Gurupi¹²⁸⁹.

Pesquisas

São necessários estudos sobre ocorrência desta espécie nos fragmentos florestais do leste do Pará, divisa com Maranhão e norte do Tocantins, além de estudos na região leste do Amazonas, principalmente na margem esquerda do baixo e médio rio Tapajós, onde sua presença ainda é pouco conhecida. Também são importantes estudos sobre história natural e biologia reprodutiva da espécie.

Pionus reichenowi Heine, 1844

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: maitaca-de-barriga-azul



Foto: Ciro Albano



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Pionus reichenowi é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo no litoral dos estados de Pernambuco, Alagoas, Bahia e no Espírito Santo. A população total não ultrapassa 10.000 indivíduos maduros, sendo que cada subpopulação contém menos de 1.000 deles. No Centro de Endemismo Pernambuco, a espécie está em situação crítica. Há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat*. Assim, *Pionus reichenowi* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	NT*
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴²	Espírito Santo** : VU
Avaliação global ²⁶²	LC

*Avaliada como *Pionus menstruus reichenowi*.

**Avaliada como *Pionus menstruus*.

Outros nomes aplicados ao táxon

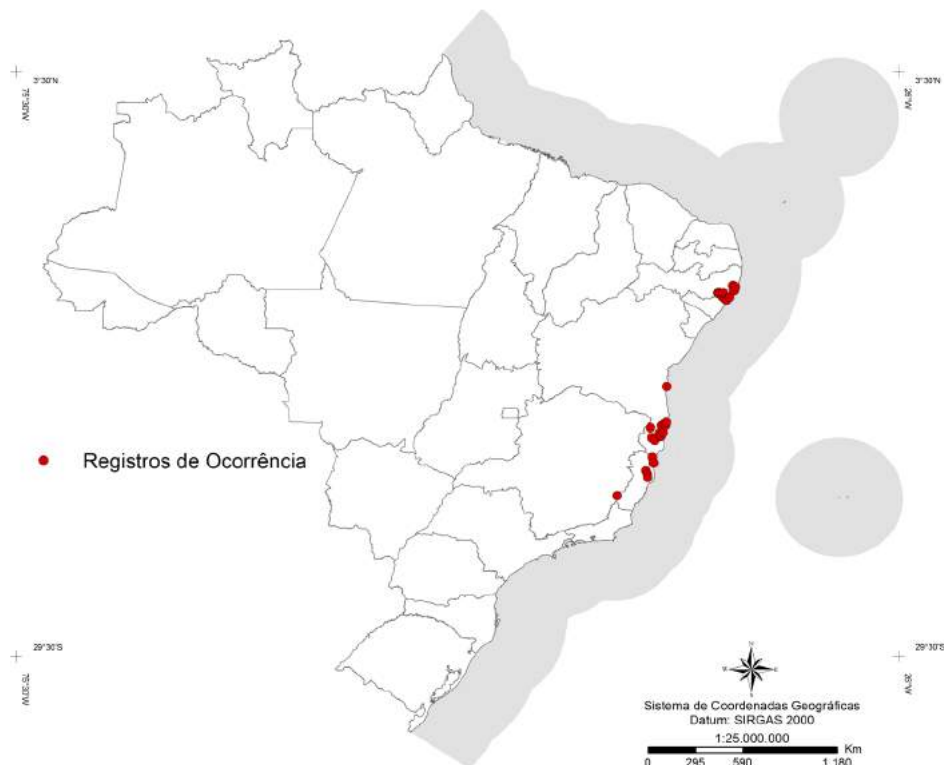
Pionias reichenowi Heine, 1844; *Pionus menstruus reichenowi* Heine, 1844.

Notas taxonômicas

Collar³⁷⁶ e Grantsau⁵²⁸ consideram este táxon subspecie de *Pionus menstruus*, mas é considerada espécie plena pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos³⁵⁴, seguido nesta avaliação.

Distribuição geográfica

É endêmico de Mata Atlântica, ocorrendo no nordeste e sudeste do Brasil⁵²⁸. Atualmente, está





praticamente restrito às unidades de conservação (oficina de avaliação).

História natural

Ocupa o dossel de matas primárias e secundárias das encostas e baixadas litorâneas da Mata Atlântica; necessita de árvores de grande porte para nidificação. Não há registro de deslocamento da espécie entre fragmentos distantes, configurando subpopulações (oficina de avaliação).

População

Estudos realizados em Porto Seguro e Linhares/Sooretama indicam estimativas populacionais de 66 ± 66 indivíduos para o primeiro local e 1060 ± 498 no segundo⁷⁸⁵. Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos. A espécie é bastante conspícua, de modo que os especialistas podem afirmar, com segurança, que a população total de *P. reichenowi* é menor que 10.000 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 1.000 deles em cada subpopulação. Além disso, há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

É possível que a espécie sofra com o comércio ilegal de animais silvestres, mas aparece nas publicações com sua nomenclatura antiga (*Pionus menstruus*)⁹²⁹. Além disso, a perda de qualidade de *habitat* é uma ameaça presente, uma vez que as florestas de sua área de distribuição continuam sendo afetadas por atividades antrópicas (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Esta espécie é contemplada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA do Descobrimento⁴⁰⁷, PARNA do Pau-Brasil (A.C. De Luca, com. pess., 2013); *Espírito Santo*: REBIO de Sooretama¹²⁸⁹. Ocorre também na Reserva Natural Vale (S. D'angelo-Neto, com. pess., 2013), área protegida mas não pertencente ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

Amazona vinacea (Kuhl, 1820)

Marina Somenzari

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: papagaio-de-peito-roxo



Foto: Elinton Luis Rezende



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Amazona vinacea ocorre no Paraguai, norte da Argentina e sudeste e sul do Brasil. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros, sendo estimado declínio populacional continuado de 10% em três gerações devido à captura e perda de qualidade de *habitat*. Dessa forma, *A. vinacea* foi avaliada como Vulnerável (VU) C1.

Outras avaliações

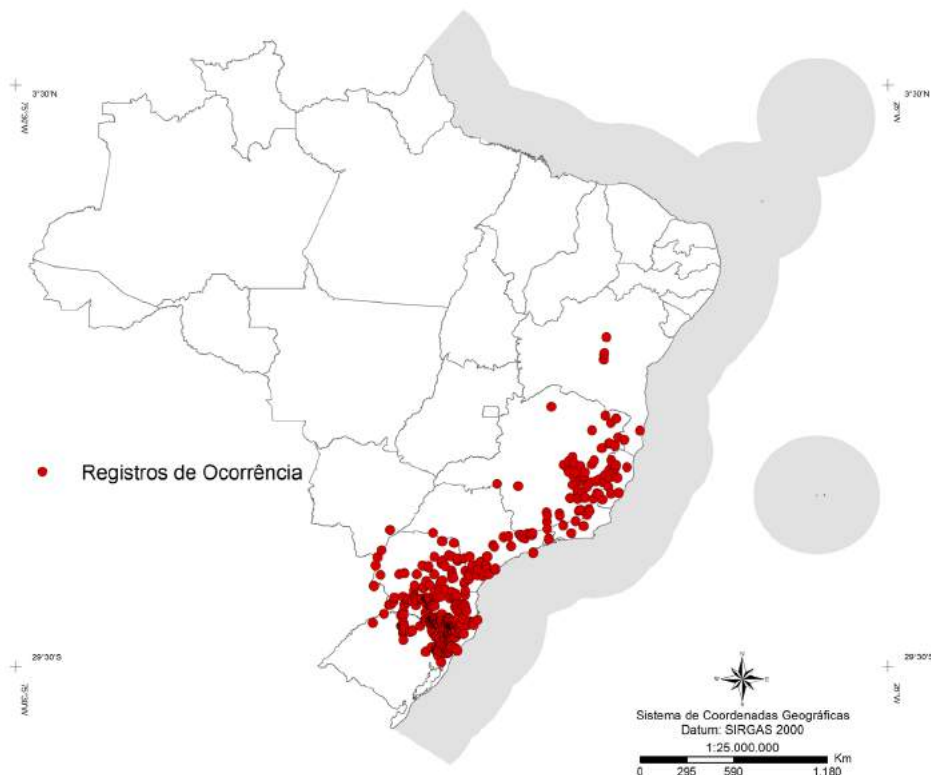
Avaliação nacional anterior ^{814,1252}	VU A4cd
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,439, 441,442,444}	Espírito Santo: CR Minas Gerais: VU Rio de Janeiro: VU São Paulo: Ameaçada Santa Catarina: EN Rio Grande do Sul: EN
Avaliação global ²⁴⁷	EN C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Psittacus vinaceus Kuhl, 1820; *Amazona vinacea paranaensis* Bertoni, 1927.

Distribuição geográfica

Ocorre no Paraguai, no norte da Argentina e no Brasil, nas regiões sul e sudeste⁵²⁸ chegando até o sul da Bahia¹⁰⁸⁴. As populações na porção norte da sua distribuição encontram-se muito reduzidas. Os registros para a Bahia são pontuais: um espécime coletado no século XIX (região de Vitória da Conquista), um registro no início da década de 90 no PARNA Chapada Diamantina⁹¹⁹ e um, em 2010,





realizado em Medeiros Neto⁷²². No Espírito Santo, a espécie sofreu acentuado declínio populacional¹²⁵² entre as décadas de 70 e 80, sendo conhecidos poucos registros recentes^{117,344}.

História natural

Atualmente, a maior parte da população habita floresta ombrófila mista^{1215,1252}, demonstrando certa dependência em relação a Araucária e *Podocarpus* sp.¹¹⁸⁶. Entretanto, também habitam outras fisionomias florestais da Mata Atlântica¹⁰⁸⁴ e embora exiba preferência por florestas com melhor qualidade ambiental quando comparado, por exemplo, ao *Amazona pretrei*⁹⁶⁷, é encontrado em matas secundárias.

Possui hábito gregário, isolando-se em casais apenas durante o período reprodutivo. Utilizam dormitórios coletivos onde formam bandos numerosos, em especial após a estação reprodutiva⁹⁶⁷. Na região do nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina chegam a algumas centenas ou mesmo milhares de indivíduos nos meses de abril e junho, quando a oferta de pinhão é mais abundante. Ainda nessa região, os locais escolhidos para pernoite são compostos, predominantemente, por florestas e florestamentos de araucária e *Pinus elliottii*⁹⁶⁷.

Alimenta-se principalmente de sementes de *Araucaria angustifolia* e *Podocarpus lambertii*, frutos de *Vitex megapotamica*, folhas de *Erythrina falcata* e *Piptocarpha angustifolia*⁹⁶⁷ além de inflorescências e sementes de *Pinus* sp., rebentos de folhas, flores e frutos da Família Fabaceae³⁶⁶, frutos de *Euterpe edulis* e brotos de bambu *Guadua* sp.¹, compondo uma dieta bastante diversificada⁹⁶⁷. Podem também acometer pomares de laranja⁶⁶¹ e lavouras de milho, ocasionalmente causando danos aos plantios comerciais¹²⁵².

Reproduz-se entre os meses de setembro e janeiro, quando nidifica a grandes alturas, em ocos e ramagens de árvores emergentes (*Araucaria angustifolia*, *Parapiptadenia rigida*, *Cedrela odorata*, *Nectandra* sp., *Ocotea* sp.), realizando postura de dois a quatro ovos¹²⁵². Na região de simpatria da espécie com *Amazona pretrei*, nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina, não foram encontrados ninhos em araucárias e as espécies vegetais mais utilizadas para nidificação foram: *Cryptocarya aschenoniana*, *Nectandra lanceolata* e *Lamanomia ternata*⁹⁶⁷.

População

Aparentemente, a tendência da população é de declínio, de forma que foi relatada uma retração de sua distribuição nos estados do Sul, sendo inclusive citada sua extinção em localidades de ocorrência histórica¹²⁵². Toda a distribuição é bem amostrada por inúmeros ornitólogos, que calculam que os números totais da população não ultrapassem o valor de 2.000 indivíduos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, 2.000-2.500 indivíduos no Paraná e 2.000 em São Paulo onde, ao norte, restam poucos casais em localidades isoladas. Desse modo, é seguro afirmar que atualmente há menos de 10.000 indivíduos maduros de *A. vinacea*, sendo estimado declínio populacional continuado de 10% em três gerações devido à captura e perda de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação). O tempo geracional do táxon é estimado em 12,3 anos²⁷³.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* causou grande impacto nas populações de *A. vinacea*³⁷⁶ e, ainda hoje, a supressão das matas de araucária no sul do país ocasiona preocupante declínio populacional, inclusive com extinções locais¹²⁵² (oficina de avaliação). O corte seletivo de árvores de grande porte e a coleta de pinhões para a comercialização (bastante apreciado na culinária da região Sul do Brasil) limitam os sítios de nidificação, repouso e pernoite, além de gerarem escassez de uma de suas principais fontes alimentares^{1215,1252}. A falta de ocos para a construção de ninhos, aliada à competição com outros animais por esse recurso, também afetam as populações naturais agravando seu declínio¹⁰⁸⁴.

O comércio internacional nunca foi muito grande, mas para o mercado nacional parece ter sido significativo durante muitas décadas³⁷⁶, caracterizando a captura de filhotes como uma ameaça relevante à espécie^{1003,1186,1215}. Nas poucas áreas com populações mais numerosas no Brasil, é o papagaio mais comercializado e frequentemente visto nas habitações das comunidades locais. Além disso, estão sob



forte pressão de caça para consumo como alimento¹²⁵², caça esportiva realizada por moradores locais⁷³⁹ e perseguição por ser considerado uma praga a plantações²⁷³.

Ações de conservação

Existentes

A espécie faz parte do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

São consideradas ações prioritárias para sua conservação: intensificação de ações de fiscalização nos locais de reprodução no período de dezembro a fevereiro; regulamentação do uso do pinhão na área de ocorrência; ampliação do conhecimento científico direcionada para o monitoramento das populações conhecidas, identificando recursos de alimentação e nidificação, estrutura genética, perfil sanitário e dinâmica populacional¹⁰⁸⁴; proteção efetiva e recuperação dos *habitat* da espécie, em particular da floresta ombrófila mista^{1186,1215}; estabelecimento de um programa de monitoramento das populações de *A. vinacea*, especialmente no noroeste do Espírito Santo e leste de Minas Gerais³⁴⁴; e realização de prospecções por populações remanescentes no limite setentrional de sua distribuição¹²⁵².

Presença em unidades de conservação

Mato Grosso do Sul/Paraná/São Paulo: APA Ilhas e Várzeas do Rio Paraná^{60a};

Mato Grosso do Sul/Paraná: PARNA de Ilha Grande¹⁰⁸⁴;

Bahia: PARNA da Chapada Diamantina¹¹⁷, PARNA e Histórico do Monte Pascoal¹¹⁷;

Bahia/Espírito Santo: REBIO do Córrego Grande;

Espírito Santo/Minas Gerais: PARNA de Caparaó¹¹⁷;

Minas Gerais: PE de Ibitipoca¹²⁵², PE do Rio Doce¹¹⁷, PE Serra do Brigadeiro¹¹⁷, PE Serra do Papagaio¹¹⁷, PARNA da Serra da Canastra¹²⁵², RPPN Feliciano Miguel Abdala¹²⁵²;

Minas Gerais/Rio de Janeiro: PARNA do Itatiaia¹⁰⁸⁴;

Minas Gerais/Rio de Janeiro/São Paulo: APA Serra da Mantiqueira^{60a};

Rio de Janeiro/São Paulo: PARNA da Serra da Bocaina¹⁰⁸⁴;

São Paulo: PE de Jacupiranga³⁷⁶, APA Bacia do Paraíba do Sul^{60a}, APA de Cananeia-Iguapé-Peruíbe^{60a}, FLONA de Ipanema¹¹⁸⁶, PE de Campos do Jordão¹²⁵², PE Intervalos¹²⁵², PE Turístico do Alto do Ribeira¹²⁵²;

Paraná: APA de Guaraqueçaba^{60a}, PE das Lauráceas³⁷⁶, PE do Cerrado¹²¹⁴, PE do Rio Guarani¹²⁵², PE Mata São Francisco¹²⁵², ESEC Rio dos Touros¹²⁵²;

Paraná/Santa Catarina: ESEC de Mata Preta¹⁰⁸⁴, REVIS dos Campos de Palmas;

Santa Catarina: PARNA da Serra do Itajaí¹⁰⁸⁴, PARNA das Araucárias¹²⁵², PARNA de São Joaquim¹¹⁷, REBIO de Sassafrás¹²⁵², PE da Serra do Tabuleiro¹¹⁷;

Santa Catarina/Rio Grande do Sul: PARNA da Serra Geral¹⁰⁸⁴, PARNA de Aparados da Serra¹⁰⁸⁴;

Rio Grande do Sul: ESEC de Aracuri-Esmeralda¹⁰⁸⁴, FLONA de São Francisco de Paula¹²⁵², PE de Rondinha¹²⁵², PE do Turvo¹²⁵².

Pesquisas

Existentes

A espécie ainda é pouco estudada, porém, na região do nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina sua população tem sido monitorada, contando inclusive com dados de censo, além de aspectos diversos de sua história natural⁹⁶⁷. Além disso, desde maio de 2015, tem sido realizados anualmente censos nacional e mundial da espécie, uma iniciativa do Projeto Charão e diversas instituições parceiras contando com uma rede de colaboradores em campo. Os censos tem sido capaz de abranger no Brasil, os estados de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além da região de Misiones, na Argentina e Itapúa e Alto Paraná, no Paraguai.



Amazona pretrei (Temminck, 1830)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: papagaio-charão



Foto: Éllinton Luis Rezende

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2a

Justificativa

Amazona pretrei ocorre principalmente no sul do Brasil; há registros para Paraguai e Argentina, mas é considerada muito rara ou vagante nesses países. A população reprodutiva global da espécie é praticamente restrita ao Rio Grande do Sul, onde a maior parte das ameaças ocorrem. Dados de contagens ao longo das últimas quatro décadas indicam que a população global sofreu declínio de cerca de 36% em três gerações (36 anos), embora esteja aparentemente estável nos últimos anos. A espécie segue sendo afetada pela captura de filhotes e perda de qualidade do *habitat* (corte de araucárias e de árvores utilizadas para nidificação). Ainda que em menor escala no passado recente, o desmatamento também representa uma ameaça concreta, especialmente em áreas importantes para a reprodução da espécie, como a bacia do rio Camaquã. Dessa forma, *A. pretrei* foi avaliada como Vulnerável (VU) A2a.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,968}	VU C1
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,444}	Santa Catarina: EN Rio Grande do Sul: VU
Avaliação global ¹⁷⁸	VU A2cd+3cd+4cd

Outros nomes aplicados ao táxon

Psittacus pretrei Temminck, 1830.

Distribuição geográfica

Ocorre principalmente no sul do Brasil (Rio Grande do Sul e Santa Catarina); há registros para Paraguai e Argentina, mas é considerada muito rara ou vagante nesses países⁵²⁸. Não existem registros, até o momento, que confirmem sua ocorrência no Paraná ou em São Paulo⁹⁶⁸.

Até meados dos anos de 1980, os bandos de papagaio-charão concentravam-se no nordeste do Rio Grande do Sul, nas imediações da ESEC de Aracuri (município de Muitos Capões), especialmente criada para proteger o local em que os papagaios se reuniam durante a fase de forrageamento das sementes de araucária. Já no início dos anos de 1990, os charões deixaram de realizar grandes concentrações



populacionais em Aracuri, uma vez que a diminuição dos pinheirais no entorno da área tornou o suporte alimentar insuficiente aos papagaios. Uma nova área de reunião foi localizada em meio aos pinheirais do planalto catarinense, entre os municípios de Paineira, Lages e Urupema⁹⁶⁸.

História natural

Ocupa mata de araucária no norte de sua distribuição e floresta ombrófila em planícies fluviais no sul, com uso sazonal de áreas com *Podocarpus lambertii*³⁷⁶. Entre agosto e fevereiro, ocupa uma paisagem caracterizada por pequenas formações florestais (capões de mata, florestas ciliares ou fragmentos florestais) em meio a áreas abertas, hoje bastante antropizadas, constituídas por campos ou lavouras⁹⁶⁸. A principal área de reprodução da espécie parece ser planícies abertas dominadas por plantas dos gêneros *Podocarpus*, *Lythraea*, *Scutia*, *Celtis*, *Allophylus*, *Eugenia*, *Schinus* e *Sebastiania*, no sudeste de sua distribuição³⁷⁶.

Sua dieta varia sazonalmente: na primavera e no verão, alimenta-se de uma variedade de frutos, com algumas populações explorando principalmente *Podocarpus*; no fim do outono e no inverno, alimenta-se principalmente das sementes da araucária³⁷⁶.

É considerada migratória⁹⁶⁸ ou parcialmente migratória³⁷⁶ devido a seus deslocamentos anuais regulares: reproduz no sudeste e no centro-norte de sua distribuição e, no inverno, move-se para noroeste do Rio Grande do Sul e para Santa Catarina. Nos períodos de baixa produtividade de sementes de araucária, as aves movimentam-se mais³⁷⁶. A migração inicia-se em meados de janeiro, quando os filhotes já estão associados ao bando. O retorno acontece nos meses de junho a agosto⁹⁶⁸.

População

Anteriormente considerada abundante, houve declínio da população durante o século XX devido à destruição e fragmentação do *habitat* e ao comércio ilegal em nível nacional³⁷⁶.

Pesquisadores do Projeto Charão monitoram a população desta espécie de maneira sistemática desde 1991 e os resultados indicam que a população mínima total da espécie é de aproximadamente 19.000 indivíduos⁹⁶⁸.



A população reprodutiva global da espécie é praticamente restrita ao Rio Grande do Sul, onde a maior parte das ameaças ocorrem. Dados de contagens da espécie ao longo das últimas quatro décadas indicam que a população global sofreu declínio de cerca de 36% em três gerações (36 anos), embora esteja aparentemente estável nos últimos anos. A espécie segue sendo afetada pela captura de filhotes e perda de qualidade do *habitat* (corte de araucárias e de árvores utilizadas para nidificação). Ainda que em menor escala que no passado recente, o desmatamento também representa uma ameaça concreta, especialmente em áreas importantes para a reprodução da espécie, como a bacia do rio Camaquã⁴⁸⁷.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal causa de declínio das populações de *A. pretrei* foi a grande destruição das matas de araucária devido à exploração madeireira no Rio Grande do Sul, especialmente entre as décadas de 1910 e 1940⁹⁶⁸.

A captura de filhotes nos ninhos para usá-los como animais de estimação ainda é comum nas principais regiões de reprodução da espécie⁹⁶⁸. Além de retirar os filhotes, os traficantes derrubam os ninhos, diminuindo a oferta de cavidades para a espécie³⁷⁶.

A criação de gado e a extração seletiva de madeira empobrece gradativamente a estrutura das florestas, diminuindo a oferta de alimentos e de cavidades adequadas para a reprodução dos papagaios⁹⁶⁸.

Não há unidades de conservação que protejam os pinheirais entre os municípios de Painel e Urupema, em Santa Catarina, hoje a principal área de alimentação de *A. pretrei*⁹⁶⁸, o que pode constituir séria ameaça à espécie. Além disso, as unidades de conservação que existem na área de distribuição da espécie não são adequadas em tamanho ou quantidade de pessoal³⁷⁶.

Atualmente, a ocorrência da espécie em unidades de conservação é eventual, pois suas principais áreas de alimentação e reprodução não estão em áreas protegidas⁹⁶⁸.

Ações de conservação

Existentes

Amazona pretrei está contemplado pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

A preservação de matas nativas remanescentes ideais para nidificação e alimentação de *A. pretrei* é essencial à sua conservação. Outras medidas recomendadas são: a) incentivo de programas de reposição florestal com espécies nativas utilizadas por *A. pretrei*, em especial a araucária; b) criação de unidades de conservação entre os municípios de Painel e Urupema, preservando os pinheirais que atualmente garantem o suporte alimentar para os bandos de charões; c) campanhas de educação ambiental que visem diminuir a pressão de captura de filhotes nos ninhos, orientando as pessoas a não comprá-los⁹⁶⁸.

Presença em unidades de conservação

Rio Grande do Sul/Santa Catarina: PARNA da Serra Geral⁹⁶⁸;

Rio Grande do Sul: ESEC de Aracuri-Esmeralda¹⁰⁸⁴, PE de Rondinha⁹⁶⁸, PM da Sagrisa⁹⁶⁸, PM de Carazinho⁹⁶⁸, PARNA dos Aparados da Serra⁹⁶⁸, FLONA de Passo Fundo (G.A. Bencke, com. pess., 2013), RPPN da UNISC⁸⁷⁰.

Pesquisas

O Projeto Charão conduzido pelos Amigos do Meio Ambiente de Carazinho, Rio Grande do Sul e pelo Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Passo Fundo realiza pesquisas sobre *Amazona pretrei* nas áreas de biologia, ecologia e etologia.



Amazona rhodocorytha (Salvadori, 1890)

Marina Somenzari

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome comum: chauá



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Amazona rhodocorytha é endêmica do leste do Brasil, ocorrendo de Alagoas ao Rio de Janeiro. Estima-se população total inferior a 10.000 indivíduos maduros e declínio populacional continuado de 10% em três gerações devido à captura e perda de *habitat*. Dessa forma, *A. rhodocorytha* foi avaliada como Vulnerável (VU) C1.

Outras avaliações

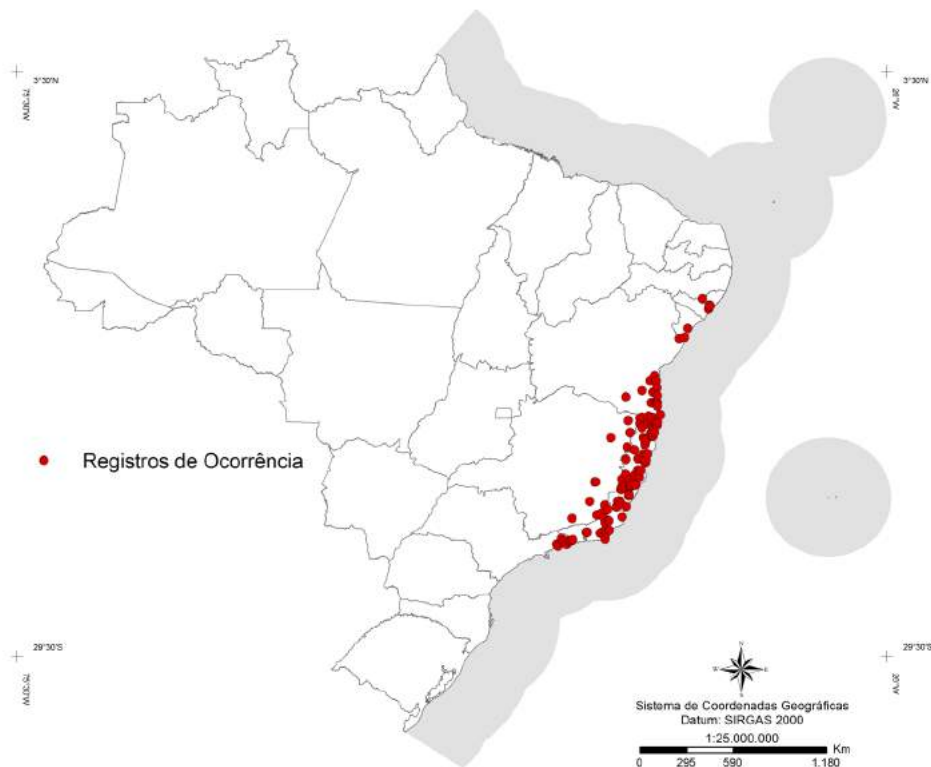
Avaliação nacional anterior ^{675,814}	EN C2a(i)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438}	Minas Gerais: EN Rio de Janeiro: VU
Avaliação global ²⁴⁸	EN B1ab(i,ii,iii,v)

Outros nomes aplicados ao táxon

Chrysotis rhodocorytha Salvadori, 1890.

Distribuição geográfica

Endêmica do leste do Brasil, com registro de Alagoas ao Rio de Janeiro⁶⁷⁵. Embora tenha sido sugerida a extinção da espécie em Alagoas, registros recentes confirmam sua ocorrência para esse estado como também para Sergipe, indicando a presença de uma pequena população remanescente ao norte da distribuição da espécie¹⁰⁸⁴.



História natural

Habita florestas úmidas da faixa litorânea do centro-leste do Brasil, sendo encontrada em matas altas na Serra do Mar e no interior (leste de Minas Gerais), em altitudes de até 1.000 m^{661,1095}. Ocorre também ao longo dos vales de grandes rios que drenam o complexo montanhoso da Serra do Mar e nas matas de tabuleiro, seus principais locais de alimentação e reprodução. Habitam preferencialmente a floresta ombrófila densa em suas subdivisões aluvial, de terras baixas e submontana, embora também sejam encontrados na floresta ombrófila densa montana e na restinga⁶⁷⁵.

Alimentam-se de frutos, sementes e brotos de espécies como caju, cajá, abacate, carambola, acerola, jambo, jaca, além de beneficiarem-se de pequenos pomares situados em residências (especialmente mangueiras), e de grandes plantações de mamão, maracujá, cacau e até plantações de café^{675,1084}.

Reproduzem-se de setembro a fevereiro, fazendo uso de cavidades em árvores de grande porte, onde a fêmea deposita de três a quatro ovos¹⁰⁸⁴. Eventualmente, podem utilizar árvores isoladas em ambientes abertos, indicando a carência, em certas regiões, de condições mínimas para a reprodução, forçando essas aves a fazê-lo em pontos altamente sujeitos a predação⁶⁷⁵. Geralmente utilizam dormitórios coletivos em árvores altas⁶⁶¹, inclusive em reflorestamentos de eucalipto (*Eucalyptus* sp.)⁶⁷⁵. O tempo geracional do táxon é estimado em 12,3 anos²⁷³.

População

Tendo em vista que as áreas de maior concentração dessa espécie são bem conhecidas por diversos pesquisadores, estima-se que atualmente a população total seja inferior a 10.000 indivíduos maduros e que haja declínio populacional continuado de 10% em três gerações devido à captura e perda de *habitat* (oficina de avaliação).

As populações nos limites da distribuição da espécie apresentam as situações mais críticas. No limite norte, em 1984, houve o último registro para o estado de Alagoas, em São Miguel dos Campos³⁷⁵, entretanto, há registros recentes realizados no estado de Sergipe, nas localidades de Itaporanga d'Ajuda, Indiaroba e Jandaia, demonstrando que uma pequena população ainda persiste na região¹⁰⁸⁴. Quanto ao



limite sul de sua distribuição, embora um registro do Rio de Janeiro tenha sido atribuído erroneamente a São Paulo por estar a 20 km da divisa entre os dois estados¹¹¹⁵, não existem registros documentados de *A. rhodocorytha* para São Paulo. A presença da espécie na cidade de Rio Claro é resultado de escape de cativeiro. As populações mais representativas são encontradas no Espírito Santo, tanto em regiões com grandes remanescentes florestais, como em áreas degradadas, especialmente em cultivos de espécies frutíferas e pomares. O número total de chauás contados no Espírito Santo, ao longo de três anos de incursões a campo, foi de 2.295 indivíduos⁶⁷⁵.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda e alteração de *habitat* são as principais ameaças à espécie, uma vez que a quase totalidade de ambientes disponíveis está em zonas de grandes contingentes populacionais humanos^{675,1084}.

O tráfico ilegal é a segunda maior ameaça à espécie. Tanto filhotes quanto adultos são capturados para abastecer os mercados nacional e internacional^{675,1084}.

Ações de conservação

Existentes

A espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

As principais medidas para a manutenção da espécie são a intensificação de ações de fiscalização nos locais de reprodução no período de dezembro a fevereiro; a prospecção das áreas atuais de ocorrência da espécie; a ampliação do conhecimento científico direcionada para o monitoramento das populações conhecidas, identificando recursos de alimentação e nidificação, estrutura genética e perfil sanitário¹⁰⁸⁴.

Presença em unidades de conservação

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada¹⁰¹⁸;

Bahia: PARNA do Alto Cariri¹⁰⁸⁴, PARNA da Serra das Lontras¹⁰⁸⁴, PARNA do Descobrimento¹⁰⁸⁴, PARNA e Histórico do Monte Pascoal⁶⁷⁵, PARNA Pau Brasil¹¹⁷, REBIO de Una^{60a}, REVIS de Una^{60a}, RPPN Ecoparque de Una³⁷⁹, RPPN Estação Veracel¹¹⁷;

Bahia/Espírito Santo: REBIO do Córrego Grande⁶⁷⁵;

Espírito Santo: FLONA de Pacotuba¹⁰⁸⁴, FLONA de Rio Preto^{60a}, REBIO Augusto Ruschi⁶⁷⁵, REBIO de Comboios⁶⁷⁵, REBIO de Sooretama⁶⁷⁵, REBIO do Córrego do Veado⁶⁷⁵;

Minas Gerais: PE do Rio Doce⁶⁷⁵, PE de Ibitipoca⁶⁷⁵;

Rio de Janeiro: APA de Cairuçu¹⁰⁸⁴, APA de Petrópolis^{60a}, APA de Tamoios¹⁰⁸⁴, PARNA da Serra dos Órgãos⁶⁷⁵, PE do Desengano⁶⁷⁵, REBIO de Poço das Antas^{60a}, REBIO União¹⁰⁸⁴, ESEC de Tamoios^{60a};

Rio de Janeiro/São Paulo: PARNA da Serra da Bocaina^{60a}.

Pesquisas

Existentes

Ao final do ano de 2014 teve início o Projeto Papagaio-Chauá, desenvolvido pela Fundação Neotrópica do Brasil, com o intuito inicial de prospecção da espécie no estado de Minas Gerais e recentemente ampliado para o estado do Rio de Janeiro. Ao longo do ano de 2015, o projeto contou com financiamentos da RARE Species Conservatory Foundation e da Lowry Park Zoo, além da colaboração de outras instituições parceiras como o CEMAVE/ICMBio, a Polícia Militar Independente de Meio Ambiente e Trânsito de Minas Gerais, a Biocapi Consultoria Ambiental e o Instituto Terra.



Terenura sicki Teixeira & Gonzaga, 1983

Sidnei de Melo Dantas & Ciro Albano

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: zidedê-do-nordeste



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(i)

Justificativa

Terenura sicki ocorre no Brasil, nos estados de Alagoas e Pernambuco. As populações são consideradas severamente fragmentadas. Infere-se que a população atual não ultrapasse 250 indivíduos maduros e que cada subpopulação não contenha mais de 50 deles. Há declínio populacional continuado devido à perda de área de ocupação e de qualidade de *habitat*, uma vez que a espécie é exigente e não resiste à alteração de *habitat*. Assim sendo, *Terenura sicki* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1015}	EN B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁰²³	EN B1ab(i,ii,iii,v); C2a(i)

Distribuição geográfica

Ocorre no leste de Pernambuco e de Alagoas⁵²⁸. Registrada em apenas onze localidades, em 16 fragmentos florestais^{930,1014}. A área total ocupada pela espécie é apenas 120 km², segundo estimativas¹³¹².



História natural

Habita floresta perenifólia¹³¹², em altitudes que variam de 300 a 700 metros¹⁰¹⁴, embora haja registros a menos de 100 m de altitude¹⁸. Raramente visto em vegetação secundária¹⁰¹⁴.

Ocupa os estratos mais altos da mata, geralmente de 7 a 20 m de altura (ocasionalmente mais abaixo), onde busca pequenos artrópodes em cipós e bromélias, examinando o limbo das folhas. Acompanham bandos mistos com frequência, exceto no período reprodutivo. De difícil visualização, mas fácil de ser localizada pelo canto^{1014,1234,1312}.

Aparentemente, reproduz-se de outubro a março, como a maior parte das aves da região¹²³⁴. A espécie é residente e parece não tolerar alterações de *habitat*, desaparecendo de áreas degradadas¹³¹².

População

Zimmer & Isler¹³¹² consideram que as populações estão supostamente em declínio devido à destruição de *habitat*. Roda *et al.*¹⁰¹⁴ afirmam que a espécie parece ser abundante em algumas localidades de registro. Schnell *et al.*¹⁰⁷⁸ consideram que esta espécie possui população severamente fragmentada.

No município de Jaqueira (Pernambuco), parece ser bastante comum na RPPN Frei Caneca. No mesmo estado, é considerada comum nos Engenhos Coimbra e Água Azul, bem como na Mata do Estado (PE)¹⁸.

Na ESEC de Murici (Alagoas), era considerada de comum a razoavelmente comum¹³¹². No entanto, em 10 excursões feitas ao local entre os meses de novembro de 2006 e janeiro de 2009, apenas um par foi registrado por visita, ocorrendo sempre na mesma área, tratando-se, provavelmente, dos mesmos indivíduos¹⁸.

Não há avistamentos recentes da espécie em Novo Lino, Pernambuco¹⁰²³. Em Bonito, a espécie resiste em pelo menos dois fragmentos, um dos quais faz parte de um bloco de matas relativamente grande (talvez mais de 1.000 hectares) que não se encontra contemplado por unidades de conservação.

A área de distribuição de *T. sicki* é muito bem amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram ativamente por esta espécie, utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com



segurança, que a população total de *T. sicki* é menor que 250 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 50 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de área de ocupação e de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a redução de *habitat* pela conversão de florestas em pastagens e plantações de cana-de-açúcar. Também há perda da qualidade de *habitat* pelo plantio de culturas de subsistência, extração de lenha e caça^{933,1017,1023}. A baixa efetividade da gestão das unidades de conservação onde ocorre esta espécie também é citada como uma séria ameaça¹³¹².

Ações de conservação

Existentes

Terenura sicki está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Necessárias

Para garantir a preservação desta espécie, sugere-se que as unidades de conservação nas quais há registro da espécie sejam efetivamente implantadas^{1014,1312} e que as áreas limítrofes a essas unidades sejam priorizadas para a criação de outras UC¹⁰¹⁴. Zimmer & Isler¹³¹² sugerem também que sejam realizados levantamentos em outras áreas onde a espécie potencialmente ocorra, a fim de ampliar sua área de proteção. Roda¹⁰²³ sugere ainda ações de fiscalização, educação ambiental e pesquisa científica sobre a espécie.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: Parque Natural Municipal Matas do Mucuri-Himalaia (S.M. Dantas, obs. pess.), RPPN Frei Caneca¹⁰¹⁴;

Alagoas: ESEC de Murici¹⁰²³;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada¹⁰¹⁸.

Pesquisas

São necessárias pesquisas que ampliem o conhecimento sobre a história natural da espécie, monitorem seus sítios de ocorrência¹⁰¹⁴ e busquem novas populações em áreas de ocorrência potencial¹³¹².



Myrmotherula klagesi Todd, 1927

Thiago Orsi Laranjeiras & Luciano Nicolás Naka

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: choquinha-do-tapajós



Foto: Andrew Whittaker



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3c

Justificativa

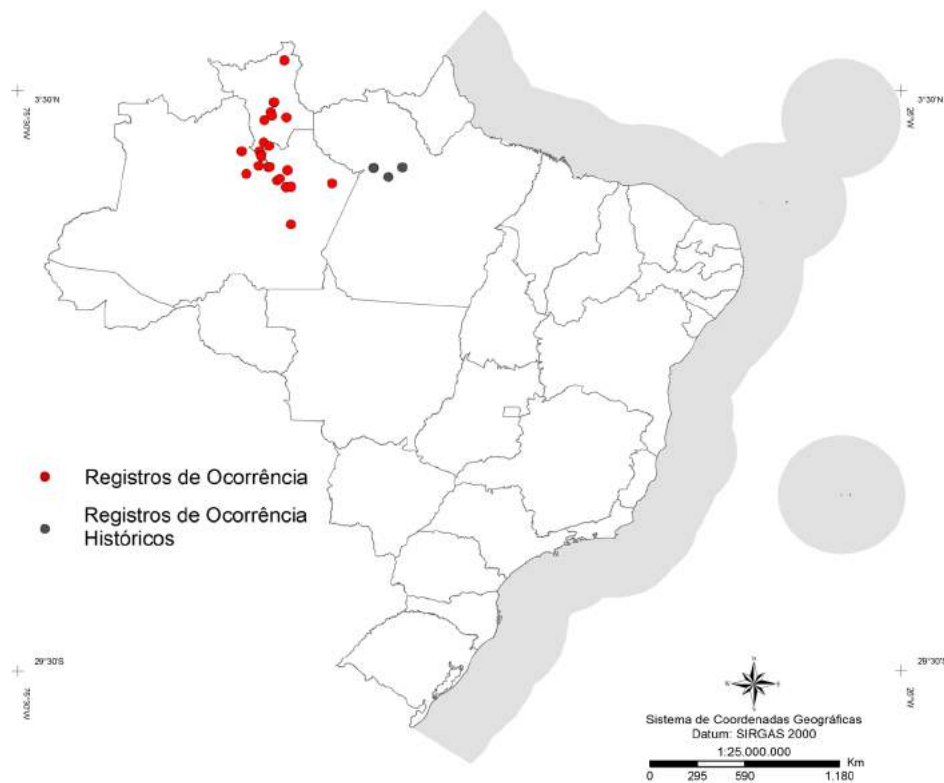
Myrmotherula klagesi é endêmica da Amazônia brasileira, sendo restrita às florestas ripárias e de várzea ao longo dos baixos rios Solimões, Madeira, Branco, Negro e Amazonas (até a boca do rio Tapajós). A espécie não tolera degradação florestal. Estimativas preveem perdas entre 30% e 59% do seu *habitat*, até o ano de 2020, devido ao desmatamento, à expansão da agricultura e à instalação de hidrelétricas. Essa perda de *habitat* resultará em declínio populacional na mesma proporção, ou seja, perda populacional futura suspeitada maior que 30% em três gerações (15,3 anos). Por estas razões, *M. klagesi* foi categorizada como Vulnerável (VU) A3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará: VU
Avaliação global ¹⁷⁹	NT

Distribuição geográfica

Endêmica da Amazônia brasileira; ocorre ao longo do baixo rio Negro (Arquipélago de Anavilhanas), baixo rio Amazonas (até a boca do rio Tapajós) e baixo rio Madeira³⁶⁹. Recentes registros ampliaram sua distribuição para toda extensão do baixo rio Branco, em Roraima⁸³⁵ e para o baixo rio Solimões³⁶⁹. Não há registros recentes no estado do Pará¹⁴⁴.



História natural

A choquinha-do-tapajós é confinada ao dossel e subdossel das florestas de várzeas ao longo das porções baixas dos principais rios da Amazônia Central. Ela habita principalmente áreas de floresta alta (20-30 m) e é tipicamente encontrada aos pares ou solitária, mas também em bandos mistos.

O tempo geracional da espécie é estimado em 5,1 anos¹⁴⁴.

População

Não há dados suficientes para fazer estimativas populacionais, mas a espécie é relativamente comum onde ocorre. Contudo, a previsão é de que haja perdas até 2020 de 30 a 59% de área natural em sua distribuição¹²⁵⁵, com um declínio populacional de ao menos 30% em três gerações futuras.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As ameaças à sobrevivência da choquinha-do-tapajós estão relacionadas à degradação das florestas fluviais devido à instalação de projetos de infraestrutura (hidrelétricas, hidrovias e portos, por exemplo), à intensa exploração madeireira e à substituição total dessas florestas por agricultura e pastagens. A previsão é de que a espécie perca de 30 a 59% da área natural em sua distribuição até 2020¹²⁵⁵.

Ações de conservação

Existentes

Myrmotherula klagesi está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia que prevê a execução de pesquisas de dinâmica, ecologia e genética de populações em trechos amostrais dos rios Madeira, Solimões e Amazonas e a identificação de áreas de várzea relevantes para a conservação da espécie⁶²⁸.



Necessárias

Garantir a proteção efetiva das unidades de conservação existentes e estabelecer um sistema de proteção categórica para as ilhas fluviais (que se formam e desaparecem de acordo com a dinâmica de deposição e erosão de areia) ao longo dos grandes rios amazônicos³⁶⁹.

Presença em unidades de conservação

Amazonas: PARNA de Anavilhanas¹²⁸⁹, PARNA do Jaú¹²⁸⁹;

Roraima: ESEC de Niquiá (obs. pess. dos autores), PARNA do Viruá (obs. pess. dos autores).

Pesquisas

Não há pesquisas específicas sobre *M. klagesi*. As informações biológicas existentes são provenientes de levantamentos e coletas científicas ao longo de sua distribuição geográfica.

Necessárias

Pesquisas necessárias incluem novos levantamentos em ambientes aparentemente adequados, ao longo dos rios na Amazônia Central, visando um refinamento do conhecimento sobre o *habitat* da espécie, sua área de ocorrência e sua susceptibilidade à degradação florestal.

***Myrmotherula minor* Salvadori, 1864**

Vítor de Queiroz Piacentini & Ciro Albano

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nome comum: choquinha-pequena



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Myrmotherula minor é endêmica do leste do Brasil, ocorrendo da Bahia a São Paulo. As maiores ameaças à espécie são a perda de *habitat* e a fragmentação florestal. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros, com menos de 1.000 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* em parte de sua distribuição. Dessa forma, *M. minor* foi avaliada como Vulnerável (VU) C2a(i).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1144}	VU B1ab(i,ii,iii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,441}	Minas Gerais: CR Rio de Janeiro: VU São Paulo: Ameaçada
Avaliação global ¹¹⁴⁴	VU A2c+3c+4c; B1ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(i)

Distribuição geográfica

É endêmica do leste do Brasil, ocorrendo da Bahia a São Paulo. Os registros atuais concentram-se principalmente na região das serras da Bocaina e do Mar, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Parece ser rara no Espírito Santo e na Bahia¹¹⁴⁴. Há registros para Santa Catarina^{838,1284} mas não foram aqui considerados por constituírem erros (Piacentini, em preparação). Também não se conhecem registros para o Paraná¹⁰⁷⁷, tendo por limite sul o Vale do Ribeira em São Paulo, um padrão aparentemente compartilhado com *Glaucis hirsutus* e *Phaethornis ruber*.



História natural

Habita o sub-bosque e estratos médios de florestas de baixada e de encosta; também em matas secundárias maduras. Ocorre até 900 m de altitude, mas principalmente abaixo de 500 m. Alimenta-se de insetos e, provavelmente, aranhas. Vive sozinha ou em pares e é frequentemente encontrada em bandos mistos de sub-bosque. Prefere, nas florestas, regiões próximas a riachos ou outros cursos d'água e é quase sempre vista em áreas onde as árvores são ricas em bromélias e outras epífitas. Macho e fêmea mantêm-se próximos todo o tempo e emitem vocalizações características, o que facilita a detecção desta espécie diminuta no meio da folhagem da floresta¹⁰⁸⁶. Seus hábitos reprodutivos são desconhecidos e muito pouco se sabe sobre outros aspectos de sua história natural¹¹⁴⁴. É espécie residente.



População

Considerada incomum ou rara¹³¹². Schnell *et al.*¹⁰⁷⁸ afirmam que esta espécie possui população severamente fragmentada. Ocupa áreas muito bem conhecidas e exploradas por pesquisadores e observadores de aves, o que permite estimar, com certa segurança, que a população total é menor que 10.000 indivíduos maduros, sendo que há menos de 1.000 deles em cada subpopulação. Além disso, há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* em parte de sua distribuição (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As maiores ameaças à espécie são a perda de *habitat* e a fragmentação florestal, causada pelo crescimento desorganizado das cidades litorâneas e pela expansão de loteamentos¹⁰⁸⁶. A retirada seletiva de madeira também pode ter efeitos negativos para a espécie¹¹⁴⁴. É possível que grande parte das unidades de conservação que abrangem a distribuição desta espécie não protejam sua faixa altitudinal preferencial, sendo insuficientes para sua preservação¹³¹².

Ações de conservação

Existentes

Esta espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

- a) criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de baixada e encosta¹¹⁴⁴;
- b) priorização de criação e implantação de unidades de conservação que possuam florestas de baixada diretamente ligadas às encostas de montanhas;
- c) fortalecimento da proteção de florestas privadas que possuam populações de *M. minor*¹³¹².

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, RPPN Serra Bonita¹¹⁴⁴;

Espírito Santo: REBIO Augusto Ruschi¹¹⁴⁴, REBIO de Nova Lombardia¹¹⁴⁴;

Rio de Janeiro: PARNA Serra dos Órgãos¹²⁸⁹, REBIO de Poço das Antas¹¹⁴⁴, REBIO do Tinguá¹¹⁴⁴, APA da Região Serrana de Petrópolis⁵⁹⁷, RPPN Fazenda União¹¹⁴⁴;

São Paulo/Rio de Janeiro: PARNA da Serra da Bocaina¹¹⁴⁴;

São Paulo: ESEC de Boraceia¹¹⁴⁴, ESEC Jureia-Itatins¹¹⁴⁴, PE Carlos Botelho¹⁰⁸⁶, PE da Serra do Mar¹⁰⁸⁶, PE Intervalos¹¹⁴⁴, PE de Ilhabela¹⁰⁸⁶, PE do Jurupará¹⁰⁸⁶, PE Turístico do Alto do Ribeira¹¹⁴⁴.

Pesquisas

São prioritárias as seguintes linhas de pesquisa: a) busca por novas populações, especialmente no litoral de São Paulo¹⁰⁸⁶, no sul da Bahia (Alto Cariri e adjacências) e em áreas onde a espécie possui apenas registros históricos, como em Minas Gerais¹¹⁴⁴; b) levantamentos sobre a história natural da espécie¹¹⁴⁴.



Myrmotherula urosticta (Sclater, 1857)

Pedro Cerqueira Lima

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: choquinha-de-rabo-cintado



Foto: Ciro Albano



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Myrmotherula urosticta é endêmica da costa do Brasil, ocorrendo da Bahia ao Rio de Janeiro. Estima-se que a população global seja inferior a 10.000 indivíduos maduros. Considerando que no Rio de Janeiro e Espírito Santo a espécie está restrita a poucas localidades e que se extinguiu recentemente em muitas áreas, pode-se estimar que houve declínio populacional continuado superior a 10% devido à perda de área de ocupação nos últimos 15 anos (três gerações). No sul da Bahia, onde a espécie ainda ocorre, estima-se que a perda de *habitat* ocorrerá em grande escala no futuro, devido a grandes empreendimentos na região. Dessa forma, *M. urosticta* foi avaliada como Vulnerável (VU) C1.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1145}	VU B1ab(i)+2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,442}	Minas Gerais: EN Espírito Santo: EN Rio de Janeiro: VU
Avaliação global ¹¹⁴⁵	VU C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Formicivora urosticta Sclater, 1857.

Distribuição geográfica

Endêmica da costa do Brasil, ocorrendo da Bahia ao Rio de Janeiro¹³¹² e Minas Gerais¹¹⁴⁵.

A área de ocupação (AOO) de *M. urosticta* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro da época, sendo somada a área das quadrículas para as quais havia ocorrência da espécie. Esta AOO resultou em 212 km², há cerca de 15 anos (três gerações). Subtraindo-se desse total os pontos de registro onde a espécie foi extinta nesse período, temos uma AOO atual de 160 km², o que indica uma perda de cerca de 25% da AOO da espécie (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa o sub-bosque e o estrato médio de florestas perenes de baixadas, até cerca de 500 m de altitude. É mais comum em florestas secundárias altas e em solos arenosos com distribuição sazonal de chuvas. Parece preferir áreas com abundância de lianas no sub-bosque e nos estratos médios. Alimenta-se de insetos e, provavelmente, aranhas. É supostamente residente¹³¹². Ocorre aos casais ou em pequenos grupos familiares; frequentemente associada a bandos mistos, sendo facilmente encontrada por sua vocalização¹¹⁴⁵.

O período reprodutivo vai de novembro a março. Ninho em forma de cesto fixado em uma forquilha, numa altura superior a 10 metros do solo. É forrado externamente e internamente com folhas secas, possui boca de 55 mm x 50 mm, altura 35 mm, 30 mm de profundidade e peso de 2,8 g. A folha maior média 70 mm x 30 mm e pesava 0,0438 g. A postura consta de dois ovos pesando 1,3 g medindo 16,5 mm x 12 mm (n = 1). Os ovos possuem uma cor branca com pequenas pintas de cor vermelha no pólo inferior e superior; no centro as machas são grandes e densas. Tanto o macho como a fêmea participam da construção do ninho, incubação e alimentação dos filhotes⁷²⁷.

O tempo geracional da espécie é estimado em, aproximadamente, cinco anos¹⁴⁴.

População

Considerada incomum e local, com distribuição desigual dentro de sua distribuição. Schnell *et al.*¹⁰⁷⁸ consideram que esta espécie possui população severamente fragmentada. É rara na Reserva Natural Vale, em Linhares, no Espírito Santo, apesar do *habitat* apropriado. Parece que está diminuindo na RPPN Fazenda União, no Rio de Janeiro¹¹⁴⁵. No Espírito Santo, a espécie é escassa e vem sofrendo extinções locais (L. Moreira-Lima, com. pess., 2013). Rara também no litoral norte da Bahia, mas é comum a sul do rio Paraguaçu (R.A.S. Santos, com. pess., 2013). Na Bahia a espécie ocorre da mata Atlântica do litoral do sul até o litoral norte.

A distribuição de *M. urosticta* é bastante pesquisada por ornitólogos e observadores de aves, sendo seguro estimar que a população global da espécie seja inferior a 10.000 indivíduos maduros (oficina de avaliação).



No Rio de Janeiro e Espírito Santo, a espécie está atualmente restrita a poucas localidades e há casos de extinção recente em muitas áreas. Observa-se uma perda de cerca de 25% da AOO de *M. urosticta*, o que leva à suspeita de que houve declínio populacional continuado superior a 10% nos últimos 15 anos (três gerações) (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

O desmatamento decorrente da expansão urbana e instalação de infraestruturas é a principal ameaça à sobrevivência da espécie. No sul da Bahia, onde a espécie ainda ocorre, estima-se que a perda de *habitat* ocorrerá em grande escala no futuro, devido a empreendimentos na região, como o Porto de Ilhéus e um estaleiro no rio Paraguaçu (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Myrmotherula urosticta está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

A proteção efetiva dos locais onde a espécie ocorre é uma medida importante para garantir sua sobrevivência. Isso poderia ser feito através da criação de unidades de conservação na região onde a espécie foi recentemente redescoberta em Minas Gerais¹¹⁴⁵ e outros locais que possuam registros da espécie¹³¹².

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, PARNA do Descobrimento, PARNA e Histórico do Monte Pascoal¹¹⁴⁵, PARNA do Pau Brasil¹¹⁴⁵, REBIO de Una¹¹⁴⁵, RPPN Ecoparque de Una¹¹⁴⁵, RPPN Estação Veracel, RPPN Serra do Teimoso¹¹⁴⁵;

Espírito Santo: REBIO Augusto Ruschi⁵⁷⁹, REBIO de Sooretama¹³¹². Ocorre também na Reserva Natural Vale¹¹⁴⁵, área protegida mas não pertencente ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação;

Rio de Janeiro: PARNA da Tijuca⁶⁰⁰, PE do Desengano¹¹⁴⁵, REBIO União⁶⁰⁷, RPPN Fazenda União¹¹⁴⁵.

Pesquisas

Pesquisas conduzidas no sul da Bahia revelaram novas localidades onde esta e outras espécies de aves endêmicas e/ou ameaçadas de extinção ocorrem¹¹⁴⁵. São necessárias buscas de remanescentes populacionais em florestas de baixada¹³¹² e no Espírito Santo¹¹⁴⁵. Também são importantes as pesquisas sobre história natural e exigências de *habitat* da espécie, a fim de subsidiar buscas por novas áreas de ocorrência de *M. urosticta*¹¹⁴⁵.



Myrmotherula fluminensis Gonzaga, 1988

Vítor de Queiroz Piacentini

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: choquinha-fluminense



Foto: Alexander C. Lees

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo, Possivelmente Extinta (CR-PEX) D

Justificativa

Myrmotherula fluminensis é endêmica do estado do Rio de Janeiro. O único registro conhecido (exemplar-tipo) é das proximidades da zona metropolitana do Rio de Janeiro, onde há um grande número de pesquisas sendo realizadas, sem que a espécie tenha sido encontrada novamente. Caso ainda exista uma população, esta certamente será bastante pequena (menos de 50 indivíduos maduros). Essa área é bastante pressionada devido à construção do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro. Dessa forma, *M. fluminensis* foi avaliada como Criticamente em Perigo, Possivelmente Extinta (CR-PEX) D.

Outras avaliações

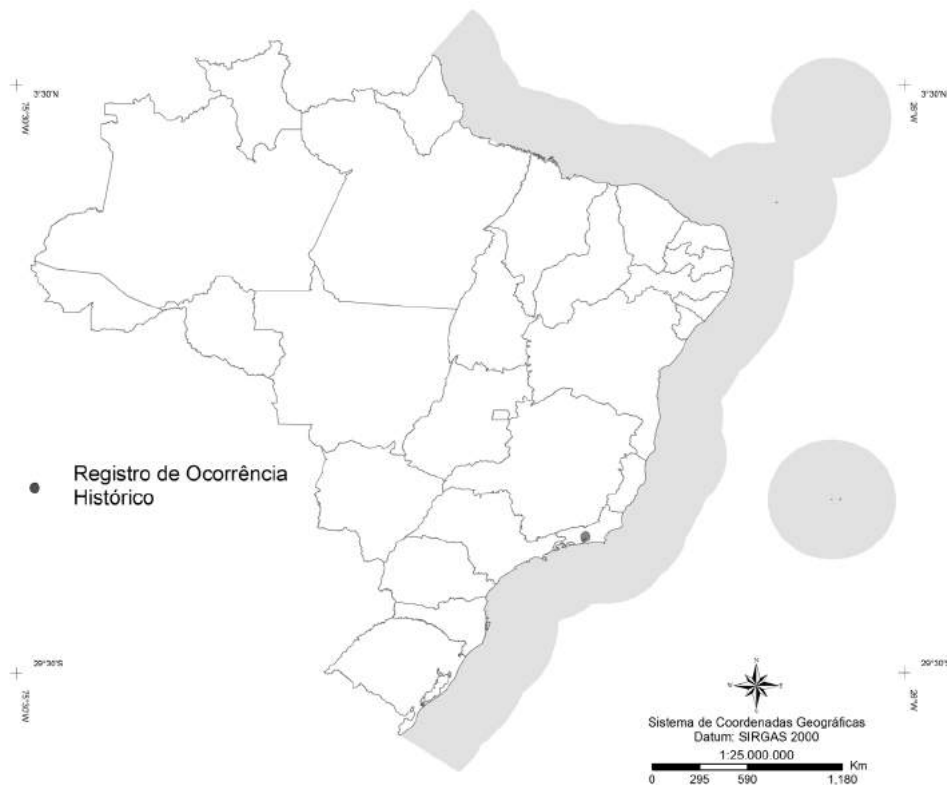
Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁸³	CR B1ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(ii)

Notas taxonômicas

A validade taxonômica da espécie foi questionada por vários autores. Inicialmente, pensou-se que poderia se tratar de um híbrido entre *M. unicolor* e *M. axillaris luctuosa*; posteriormente foi considerada uma variante de *M. axillaris*¹³¹². Entretanto, é espécie reconhecida pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO)³⁵⁴ e considerada monotípica por Grantsau⁵²⁸.

Distribuição geográfica

É endêmica do estado do Rio de Janeiro, no sudeste do Brasil¹³¹². O único registro conhecido (exemplar-tipo) é das proximidades da zona metropolitana do Rio de Janeiro, em Magé (oficina de avaliação).



História natural

Pouco se conhece da biologia da espécie. O único indivíduo coletado estava em uma área parcialmente isolada e altamente perturbada, a cerca de 20 m de altitude¹³¹². De acordo com a descrição original, a espécie mais se assemelha morfologicamente a *Myrmotherula* gr. *iheringi* (em especial à população recentemente descrita como *M. oreni*⁵¹⁸). Se isto refletir afinidade filogenética, é possível que *M. fluminensis* seja fortemente associada à presença de bambus nativos ou especializada em ambientes ricos em cipós.

População

Há um grande número de pesquisas sendo realizadas na localidade-tipo desta espécie, sem que esta tenha sido encontrada novamente. Assim sendo, caso ainda exista uma população, esta certamente será bastante pequena (menos de 50 indivíduos maduros).

Tendência populacional: desconhecida (possivelmente extinta).

Ameaças

O pouco conhecimento sobre a espécie dificulta a compreensão das ameaças que a afetam, mas considerando-se que tenha hábitos florestais, a perda de *habitat* devido ao desmatamento seria uma ameaça¹³¹². A região da localidade-tipo está atualmente pressionada devido à construção do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

A espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.



Necessárias

É recomendado que se façam acordos de manejo com os proprietários das terras adjacentes à Reserva Ecológica de Guapiaçu, onde há suspeita de ocorrência da espécie¹³¹².

Presença em unidades de conservação

Não há registro em unidades de conservação.

Pesquisas

Três linhas de pesquisas são importantes: buscar novas localidades de ocorrência, pesquisar a biologia básica da espécie e determinar se as gravações existentes na Reserva de Guapiaçu pertencem a *M. fluminensis*¹³¹². Estudos sobre a taxonomia e sistemática da espécie permitirão inferir aspectos gerais de sua biologia, direcionando buscas por populações existentes.

Myrmotherula snowi Teixeira & Gonzaga, 1985

Márcio Amorim Efe, Ciro Albano & Weber Andrade de Girão e Silva

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nome comum: choquinha-de-alagoas



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) D

Justificativa

Myrmotherula snowi é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas no estado de Alagoas. Há amostragens frequentes em sua área de distribuição, de modo que é seguro dizer que, atualmente, não existem mais de 50 indivíduos adultos desta espécie, e assim, *Myrmotherula snowi* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) pelo critério D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1146}	CR B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁸⁴	CR C2a(i); D



Outros nomes aplicados ao táxon

Myrmotherula unicolor snowi Teixeira & Gonzaga, 1985.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo apenas no estado de Alagoas. Houve registros para quatro localidades: ESEC de Murici (AL), RPPN Frei Caneca e Mata do Estado (PE), Engenho Jussará (PB)¹⁰¹⁴, sendo que apenas na ESEC de Murici há registros atuais. O registro mais recente na RPPN Frei Caneca é de 2007. Já no Engenho Jussará não há amostragem recente (oficina de avaliação).



História natural

Ocorre em Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Estacional Semidecidual e Áreas de Tensão Ecológica, em altitudes entre 500 e 790 metros¹⁰¹⁴. Ocupam, especialmente, microambientes úmidos, com pequenos riachos perenes e muitas lianas e cipós, ocorrendo não só em mata primária como também em capoeiras relativamente pobres¹²³¹. Forrageiam aos pares, em grupos familiares de seis a dez indivíduos ou em bandos mistos.

Alimentam-se de artrópodes que capturam em folhas, entre 1,5 e 2 m de altura. O período reprodutivo vai de outubro a março^{1014,1231}. Pouco se sabe sobre sua história natural, sendo uma espécie rara e de distribuição muito pontual na floresta¹¹⁴⁶.

População

Incomum e de distribuição restrita¹³¹². Rara na ESEC de Murici¹¹⁴⁶. Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por ornitólogos experientes que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas. A espécie vem sendo monitorada pela equipe do Laboratório de Bioecologia e Conservação de Aves Neotropicais - LABECAN/UFAL na ESEC de Murici desde 2010. A espécie foi registrada apenas na área da Fazenda Bananeiras, onde 20 indivíduos foram capturados e anilhados. Lobo-Araújo⁷³⁸ amostrou 36 fragmentos em ampla área da APA de Murici, mas *M. snowi* foi registrada apenas nesta mesma fazenda. Assim, os pesquisadores podem afirmar, com segurança, que a população



global de *M. snowi* é menor que 50 indivíduos adultos (oficina de avaliação).
Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A distribuição muito restrita é um problema; os fragmentos de mata da ESEC de Murici estão sem conectividade entre elas. A espécie é bastante vulnerável às alterações ambientais decorrentes da fragmentação de *habitat*¹²⁹⁵. A principal ameaça é a redução de *habitat* pela conversão de florestas em pastagens e plantações de cana-de-açúcar. Também há perda da qualidade de *habitat* pelo plantio de culturas de subsistência, extração de lenha e caça¹⁰¹⁷. Mais de 90% do *habitat* desta espécie já foi destruído. Os fragmentos restantes, como os de Murici e da Mata do Estado, ainda sofrem com a retirada ilegal de madeira, o que compromete ainda mais a conservação da espécie¹¹⁴⁶.

Ações de conservação

Existentes

Myrmotherula snowi está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Para garantir a preservação de *M. snowi*, sugere-se que a ESEC de Murici seja efetivamente implantada ampliando a desapropriação, a fiscalização, a conexão dos fragmentos e a restauração dos ambientes, e que suas áreas limítrofes sejam priorizadas para a criação de outras, que possam formar um mosaico de proteção¹⁰¹⁴.

Criação em cativeiro, translocação e reforço alimentar são indicados como ações de conservação para a espécie.

Presença em unidades de conservação

Alagoas: ESEC de Murici¹²³¹.

Em Pernambuco a espécie ocorria na RPPN Frei Caneca Roda 2006a, citada em Roda *et al*¹⁰¹⁴, (sem registro atual).

Pesquisas

Existem pesquisas sobre a história natural da espécie e monitoramento de seus sítios de ocorrência. No entanto, pesquisas que definam estratégias eficientes de conservação ainda são necessárias.



Formicivora erythronotos Hartlaub, 1852

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: formigueiro-de-cabeça-negra



Foto: Bruno Carlos Rennó Ribeiro Soares

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(ii)

Justificativa

Formicivora erythronotos é endêmica do sudeste do Brasil, ocorrendo apenas no sul do Rio de Janeiro. Estima-se que haja menos de 250 indivíduos maduros, sendo que de 90 a 100% deles estão em uma única subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*. Dessa forma, *F. erythronotos* foi avaliada como Criticamente em Perigo (CR) C2a(ii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{520,814}	EN B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ¹²¹	Rio de Janeiro: VU
Avaliação global ¹⁸⁰	EN B1ab(i,ii,iii,v)

Distribuição geográfica

É endêmica do sudeste do Brasil, ocorrendo apenas no sul do Rio de Janeiro⁵²⁰.

Após sua redescoberta, em 1987, *F. erythronotos* permaneceu com registros esparsos de alguns poucos casais ao longo da costa da baía da Ribeira, na região de Angra dos Reis. Somente em 1997, a espécie foi encontrada fora dessa baía, nas localidades de Mambucaba e São Gonçalo. A partir desse ano, verificou-se sua ocorrência em sete áreas geograficamente isoladas ao longo da baía da Ilha Grande e na serra do Piloto⁵²⁰.

A suposta ocorrência da espécie na região de Picinguaba, em São Paulo, nunca foi confirmada. Hoje, é amplamente aceito que antigas referências à ocorrência da espécie em Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro, e no Espírito Santo não estão corretas⁵²⁰.



História natural

Habita áreas arbustivas, ambientes em regeneração e matas secundárias em planícies costeiras. Foi redescoberta em uma mancha com floresta secundária alagada, limítrofe a manguezais; encontrada também próxima à floresta secundária seca; mais recentemente, registrada em plantações abandonadas de banana, com floresta secundária em estágios iniciais, possuindo variabilidade de sub-bosques abertos com numerosas bananeiras, lianas e um dossel relativamente uniforme de 3 a 5 m, com árvores emergentes esparsas de 20 m; também em sub-bosques densos de restingas modificadas¹³¹². Ocorre também em formações secundárias associadas a cultivos abandonados de eucalipto e em restinga antropizada⁵²⁰.

Alimenta-se de insetos, aranhas e, aparentemente, pequenos anfíbios⁵²⁰. Ocasionalmente, forrageia em bandos mistos ou seguindo formigas de correição, que são incomuns em seu *habitat*⁵²⁰. Presume-se que seja residente⁵²⁰. Formam casais que estabelecem e defendem vigorosamente territórios mantidos ao longo de todo o ano⁵²⁰. Os 31 ninhos observados dessa espécie foram encontrados entre meados de agosto e começo de fevereiro. Todos os ninhos encontrados estavam situados a pouca altura do solo, em plantas herbáceas de vegetação secundária jovem, frequentemente à beira de trilhas⁵²⁰.

População

Conhecida por 19 espécimes coletados no século XIX, não foi registrada por mais de 100 anos⁵²⁰. Hoje são conhecidas sete localidades de ocorrência ao longo da baía da Ilha Grande e na Serra do Piloto. Embora seja localmente abundante em *habitat* apropriado (no vale do Mambucaba, por exemplo), sua população total é pequena. O Vale do Mambucaba e a Baixada do Ariró concentram mais de 90% da população da espécie, com densidades de 156 pares/km² e 89 pares/km², respectivamente. As subpopulações de Mangaratiba, Bracuí, São Gonçalo, Taquari e Barra Grande são menores⁵²⁰.

A extensão de ocorrência de *F. erythronotos* é muito bem explorada por pesquisadores que estimam que haja menos de 250 indivíduos maduros da espécie, sendo que de 90 a 100% deles estão na mesma subpopulação. Além disso, há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

Ameaçada pela expansão imobiliária e outras formas de utilização extensiva do solo, como aumento da infraestrutura turística (especialmente nos vales do Mambucaba e do Ariró), expansão de pastagens e monoculturas (*Euterpe* spp.). A região da Costa Verde é supervalorizada como área de veraneio e turismo de luxo e abriga população humana crescente. Na região do Frade, onde a espécie foi registrada na década de 1980, boa parte de seu *habitat* foi transformada em um campo de golfe⁵²⁰.

Ações de conservação

Existentes

Formicivora erythronotos está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Contenção da expansão imobiliária e planejamento do uso da terra nos vales do Mambucaba e do Ariró; estabelecimento de unidade de conservação de proteção integral na área de ocorrência da espécie; manejo adequado do *habitat* e das populações da espécie; desenvolvimento de um estudo de avaliação socioeconômica da região, seguido da implantação de programa de educação ambiental envolvendo as comunidades locais⁵²⁰.

Presença em unidades de conservação

Rio de Janeiro: ESEC de Tamoios⁵⁹².

Formicivora littoralis Gonzaga & Pacheco, 1990

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nome comum: formigueiro-do-litoral



Foto: Luiz Freire

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(ii)

Justificativa

Formicivora littoralis é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na Região dos Lagos, Rio de Janeiro. Estima-se que haja menos de 2.500 indivíduos maduros, sendo que de 95 a 100% deles estão em uma única subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*. Dessa forma, *F*.



littoralis foi avaliada como Em Perigo (EN) C2a(ii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{521,814}	CR B1ab(i)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ¹⁰¹⁰	Rio de Janeiro: VU
Avaliação global ²⁴⁹	EN B1ab(i,ii,iii,v)+2ab(i,ii,iii,v)

Outros nomes aplicados ao táxon

Formicivora serrana littoralis Gonzaga & Pacheco, 1990.

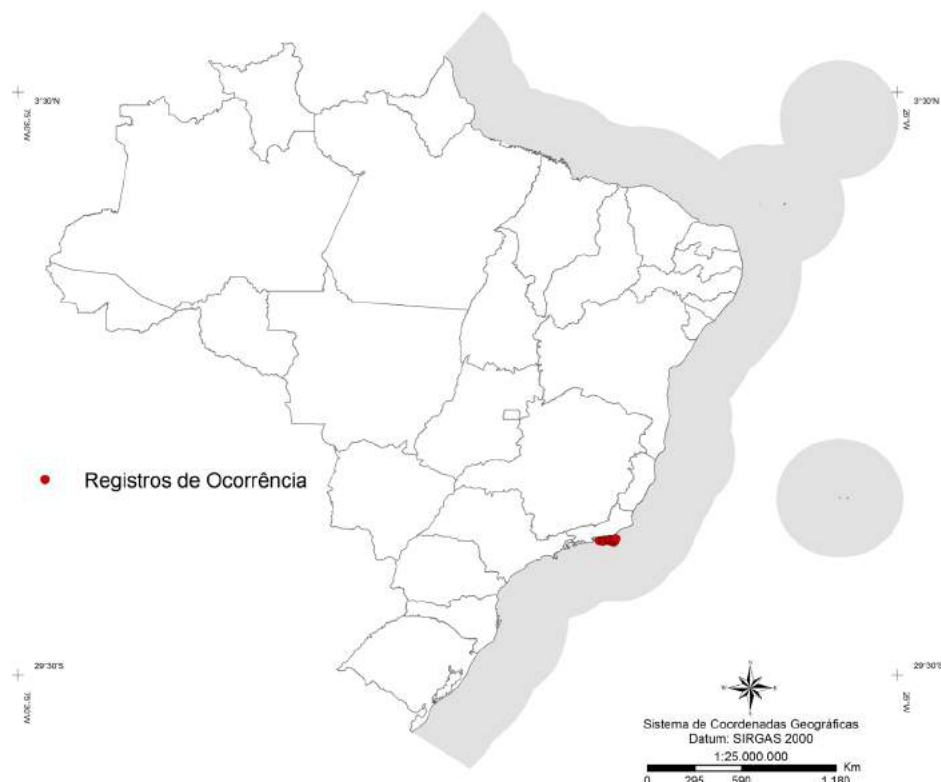
Notas taxonômicas

Foi coletada pela primeira vez em 1951, mas descrita quase 40 anos depois, como subespécie de *Formicivora serrana*. Um estudo filogenético mais recente demonstrou que *F. littoralis* forma um grupo monofilético com *F. serrana* e *F. melanogaster*⁵²¹.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na estreita faixa litorânea na Região dos Lagos, no Rio de Janeiro. Ocorre entre a praia de Jaconé e a praia Tucuns, incluindo ilhas próximas ao litoral de Arraial do Cabo e Cabo Frio (ilha de Cabo Frio e Comprida) e em duas localidades mais interioranas, ambas à margem da lagoa de Araruama. Essa área abrange os municípios de Saquarema, Araruama, Arraial do Cabo, Cabo Frio, São Pedro d'Aldeia, Iguaba Grande⁵²¹ e Armação dos Búzios⁷⁹². É possível que, originalmente, a espécie tenha ocorrido ao longo de todo o perímetro da lagoa de Araruama. Na margem continental da lagoa de Araruama, a espécie encontra-se aparentemente restrita a duas localidades isoladas⁵²¹.

É provável que esteja extinta nos extremos de sua distribuição (praias do Perú e de Jaconé e Reserva





Ecológica de Jacarepiá), onde já era extremamente escassa no início da década de 1990⁵²¹.

Os extremos da distribuição da espécie, considerando uma linha reta, abrangem menos de 70 km¹²⁷¹.

História natural

Restrita a uma estreita faixa coberta por formações de restinga arbustiva ou arbórea sobre solo arenoso, ao nível do mar, que são substituídas por uma vegetação arbustiva com abundância de cactos e euforbiáceas (*Croton* sp.), nas vertentes de elevações litorâneas e ilhas costeiras.

Formam casais que estabelecem e defendem vigorosamente territórios mantidos ao longo de todo o ano. Alimentam-se basicamente de artrópodes; ocasionalmente, acompanham bandos mistos, especialmente em porções de restinga arbórea. Os únicos ninhos descritos dessa espécie foram encontrados em junho, outubro e novembro, na ilha de Cabo Frio⁵²¹.

População

Zimmer & Isler¹³¹² apresentam uma estimativa populacional de 1.000 indivíduos, com tendência de declínio. Gonzaga⁵²¹ afirma que apesar de *F. littoralis* ser localmente abundante em *habitat* apropriado (ilha de Cabo Frio, por exemplo) e capaz de persistir em pequenas áreas isoladas de *habitat* remanescente, sua população total deve ser pequena e certamente declinou muito devido à perda de *habitat* para expansão imobiliária.

Atualmente, pode-se afirmar que há menos de 2.500 indivíduos maduros de *F. littoralis*, sendo que de 95 a 100% deles estão em uma única subpopulação. Além disso, suspeita-se de declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* é a ameaça mais severa à espécie e essa perda ocorre sob diferentes formas: em Arraial do Cabo, as principais causas são a indústria de sal e a construção de casas em frente a praia; na região dos Lagos, incluindo sua orla marítima, há supervalorização da área para veraneio e lazer de finais de semana, além da crescente população humana⁵²¹. Em alguns locais (principalmente no município de Arraial do Cabo), bairros inteiros foram formados a partir de invasões de áreas públicas legalmente protegidas onde há histórico de ocorrência de *F. littoralis*⁶²⁴.

Ações de conservação

Formicivora littoralis é contemplada com um Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁴.

Presença em unidades de conservação

Rio de Janeiro: APA da Serra de Sapatiba¹²⁷¹, APA de Massambaba⁵²¹, APA do Morro do Governo⁵²¹, APA Pau Brasil⁷⁹².

Pesquisas

É necessário busca por populações nos extremos da distribuição da espécie, onde parece estar extinta desde o início dos anos 1990⁵²¹.



Formicivora grantsaui Gonzaga, Carvalhaes & Buzzetti, 2007

Caio Graco Machado, Romulo Ribon, Lemuel Olívio Leite & Elivan Arantes de Sousa.

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: papa-formiga-do-sincorá



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii)

Justificativa

Formicivora grantsaui possui distribuição restrita à Serra do Sincorá, na Chapada Diamantina (Bahia). Sua área de ocupação foi estimada em 40 km². Seu *habitat* está ameaçado por um aumento na frequência de incêndios antrópicos que podem exterminar populações inteiras. Essa ameaça gera um número de localizações menor que cinco para a espécie. O fogo e o turismo desordenado levam a declínio continuado da qualidade do *habitat*. Assim, *F. grantsaui* foi categorizada como Em Perigo (EN) pelos critérios B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁸¹	NT

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na Serra de Sincorá, na Bahia, entre 850 e 1100 metros de altitude^{519,1267}. Os registros desta espécie se limitam aos municípios de Mucugê, Andaraí, Lençóis e Palmeiras⁵¹⁹.

A EOO foi calculada através do mínimo polígono convexo (MPC) que uniu todos os pontos de registro conhecidos da espécie. A EOO resultou em 302,36 km². A área de ocupação (AOO) de *F. grantsaui* foi calculada através da sobreposição de um grid com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 40 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita campos rupestres^{519,1267}. Sua biologia ainda é pouco conhecida; alimenta-se de insetos que captura no estrato herbáceo ou no sub-bosque até próximo ao solo, em pequenos territórios defendidos por casais⁵¹⁹.

População

Não há estudos sobre tamanho e dinâmica das populações de *F. grantsaui*.
Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

Embora grande parte das populações conhecidas ocorra em unidades de conservação, estas não estão imunes a incêndios que podem destruir o *habitat* desta espécie³⁴⁸. Tendo em vista sua pequena AOO, considera-se que há apenas cinco localizações, sendo a principal ameaça o fogo (oficina de avaliação).

Outra ameaça, mesmo nas áreas protegidas, é o turismo desordenado³⁴⁸ que gera declínio continuado da qualidade do *habitat* de *F. grantsaui* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Formicivora grantsaui está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

O Projeto Sempre Viva, desenvolvido no PM de Mucugê, apesar de não direcionado a esta espécie, resulta na conservação da área de ocorrência de *F. grantsaui*.

Necessárias

São ações necessárias à conservação da espécie: fiscalização das unidades de conservação, regularização fundiária e implantação do plano de manejo do PARNA da Chapada Diamantina.



Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Chapada Diamantina^{519,1289}, PM de Mucugê⁵¹⁹.

Pesquisas

É necessário melhorar o conhecimento sobre a biologia da espécie e seus padrões populacionais e buscar novas populações na Chapada Diamantina.

Formicivora paludicola Buzzetti, Belmonte-Lopes, Reinert, Silveira & Bornschein, 2013

Luís Fábio Silveira

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae



Nome comum: bicudinho-do-brejo-paulista



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) B2ab(iii)

Justificativa

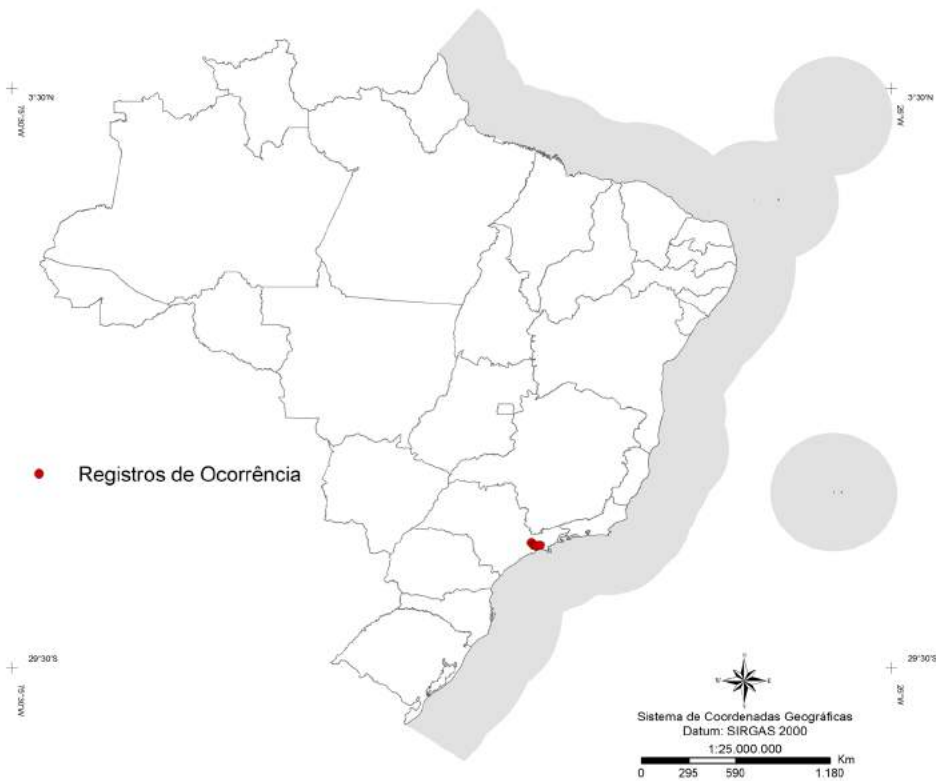
Formicivora paludicola é endêmica do sudeste do Brasil, ocorrendo apenas em São Paulo. Sua área de ocupação foi calculada em 9 km². Estudos genéticos indicam que a população é severamente fragmentada. Há declínio continuado de qualidade de *habitat* devido à construção de hidrelétricas, extração de areia, ocorrência de queimadas e introdução de plantas exóticas. Assim sendo, *F. paludicola* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴¹	São Paulo: Ameaçada
Avaliação global	Não consta

Distribuição geográfica

Endêmica do sudeste do Brasil, sendo conhecida apenas nos municípios paulistas de Biritiba-Mirim, Mogi das Cruzes, Salesópolis, Santa Isabel e São José dos Campos³²¹, apesar de buscas exaustivas em brejos de municípios vizinhos¹¹⁶⁶. Sua área de ocupação (AOO) foi calculada em 9 km², usando-se como base as áreas dos brejos em que a espécie foi registrada.



História natural

Ocupa brejos naturais com taboas e outras plantas aquáticas. Vive aos casais ou em grupos familiares, forrageando a baixa altura entre as folhas e caules da vegetação aquática. Alimenta-se de pequenos invertebrados. São silenciosos na maior parte do ano, mas respondem vigorosamente à reprodução do seu canto¹¹⁶⁶.

População

Estima-se que haja entre 250 e 300 indivíduos e que a população seja severamente fragmentada³²¹, tendo em vista sua baixa capacidade de deslocamento e a intensa fragmentação de seu *habitat*.
Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça à espécie é a perda de *habitat* devido à alteração dos brejos onde a espécie ocorre. Este *habitat* é ameaçado principalmente pela construção de hidrelétricas, extração de areia, ocorrência de queimadas e introdução de plantas exóticas^{321,1166}.

Ações de conservação

Existentes

Atualmente, a espécie está contemplada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

É urgente a proteção dos brejos naturais ocupados por esta espécie. Sugere-se a criação de uma unidade de conservação na região das coordenadas 23°32'S e 46°06'W, que concentra a maior parte da população de *Formicivora paludicola*. Recomenda-se ainda a fiscalização contra queimadas na região e o controle das plantas exóticas que invadem os brejos¹¹⁶⁶.



Presença em unidades de conservação

Não há registro da espécie em unidades de conservação¹¹⁶⁶.

Pesquisas

É necessário monitoramento das populações existentes e procura por novas populações¹¹⁶⁶.

Formicivora acutirostris (Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995)

Suylane Barbalho de Lima Silva, Danielle Custódio Leal & Fernanda Pinto Marques

A espécie consta na Portaria MMA nº 444/2014 como *Stymphalornis acutirostris* Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995.

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nome comum: bicudinho-do-brejo



Foto: Carlos Gussoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Formicivora acutirostris é endêmica do sul do Brasil, ocorrendo do litoral do Paraná ao litoral norte do Rio Grande do Sul. A área de ocupação (AOO) da espécie é estimada em menos de 500 km². A população é severamente fragmentada e há declínio continuado de área de ocupação e qualidade de *habitat*. Dessa forma, *F. acutirostris* foi avaliada como Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,981}	EN* B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,443a,444}	Paraná*: EN Santa Catarina*: CR Rio Grande do Sul*: EN
Avaliação global ²⁸⁵	EN B1ab(i,ii,iii,v)

*Avaliada como *Stymphalornis acutirostris*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Stymphalornis acutirostris Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995.

Notas taxonômicas

A população da parte sul da distribuição de *F. acutirostris* é geneticamente diferente da população



da parte norte, sendo necessária a preservação de ambas para garantir a variabilidade da espécie (oficina de avaliação).

Distribuição geográfica

Endêmica do sul do Brasil¹³¹², com registros do litoral do Paraná ao litoral norte do Rio Grande do Sul¹²⁸⁹. A AOO de *F. acutirostris* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro atuais, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 92 km² (oficina de avaliação).



História natural

Ocorre particularmente em regiões abertas de aluvião, na desembocadura de rios ou córregos litorâneos, onde dominam *Typha domingensis*, *Fuirena robusta*, *Heleocharis elata*, *Cladium mariscus*¹²¹⁵ e *Scirpus californicus*; também em áreas alagadas com Asteraceae e Poaceae, próximas ao nível do mar, áreas ribeirinhas alagadas, campos úmidos e manguezais, todos geralmente sujeitos a flutuações periódicas no nível d'água¹³¹²; eventualmente ocorre em capoeiras ou vegetação pioneira, desde que adjacentes àqueles *habitat*, como os capinzais dominados por *Blechnum serrulatum* e outras áreas de restinga¹²¹⁵.

Ocupa essas formações no estágio herbáceo, quando são conhecidas por banhado, e no estágio de transição entre herbáceo e arbóreo. Tais ambientes normalmente ocorrem como manchas ou faixas estreitas localizadas no interior de baías, nos trechos mais a jusante de rios que deságuam em baías, em planícies aluviais inundadas e em planícies quaternárias, especificamente entre cordões de deposição de areia marinha⁹⁸¹. Pode ocorrer próximo a áreas urbanizadas, como no balneário de Ipacará, por exemplo¹²¹⁵.

Possui limitada capacidade de voo. Sobre a água, os voos não percorrem mais de 15 m e sobre vegetação, a distância máxima registrada foi de 25 m. É insetívoro, territorialista e vive aos casais, construindo ninhos a menos de 1 m do solo⁹⁸¹. Alimenta-se de artrópodes¹³¹².

População

Localmente, a espécie é razoavelmente comum¹³¹². Em 2008, eram conhecidas oito populações



isoladas: cinco no Paraná e três em Santa Catarina. A população global da espécie foi estimada em 17.700 indivíduos⁹⁸¹.

No Paraná, tem-se as seguintes estimativas populacionais: 3.966 indivíduos na Baía de Antonina, 2.155 na do rio Nhundiaquara, 300 na do rio Guaraguaçu, 51 na do balneário Flórida e 7.217 na Baía de Guaratuba⁹⁸⁰.

A população global é severamente fragmentada, uma vez que o poder de deslocamento da espécie é baixo e o *habitat* muito fragmentado (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça à espécie é a perda de *habitat* devido à expansão agropecuária e à invasão de espécies vegetais exóticas como *Brachiaria* sp.¹³¹² e *Hedychium coronarium* (lírio-do-brejo); estas invasoras adensam-se de tal forma que eliminam a vegetação herbácea nativa, vital para *F. acutirostris*⁹⁸¹. Outras causas de perda de *habitat* são: drenagem, aterro, pastoreio, queimadas, extração de areia, exploração da vegetação para confecção de artesanato, erosão⁹⁸¹, construção de estradas (oficina de avaliação).

Há problemas também com vazamento de derivados de petróleo, como o que ocorreu em 2001 e afetou uma população de *F. acutirostris* no Paraná e outra em Santa Catarina. Rompimento de dutos e/ou tombamento de veículos em vias de acesso e vazamento de produtos químicos podem atingir sete das oito populações. A única população que está segura quanto a esta ameaça ocupa uma área tão pequena que considera-se que esteja próxima à extinção⁹⁸¹.

Em vista deste cenário, conclui-se que há declínio continuado de área de ocupação e qualidade de *habitat* de *F. acutirostris* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Formicivora acutirostris está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

a) proteção dos locais chave, como a Baía de Guaratuba¹³¹², sendo prioritária a “lagoa do Parado”, que poderia ser incorporada ao PARNA Saint-Hilaire/Lange, proposta essa já formalizada junto ao IBAMA/ICMBio⁹⁸¹;

b) criação e implantação de pelo menos uma unidade de conservação de proteção integral na região litorânea, contemplando ao menos parte das populações da espécie¹²¹⁵;

c) controle da invasão de espécies exóticas no *habitat* da espécie⁹⁸¹.

Outras medidas têm sido sugeridas para os ambientes a beira-mar e, embora sejam pouco viáveis do ponto de vista político e econômico, merecem apreciação: limitação do número de estradas e vias de acesso a turistas e veículos na praia; contenção de valas de drenagem; retirada de animais domésticos, especialmente equinos e bovinos, que pisoteiam e pastoreiam a vegetação nativa¹²¹⁵.

Presença em unidades de conservação

Paraná: PARNA Saint-Hilaire/Lange¹²¹⁵, ESEC do Guaraguaçu⁹⁸¹, PE do Boguaçu⁹⁸¹, PM da Lagoa do Parado⁹⁸¹, APA Estadual Guaratuba¹²¹⁵, PE do Rio da Onça¹²¹⁵;

Santa Catarina: RPPN Volta Velha⁸³⁸.

Pesquisas

É necessário monitoramento das populações e avaliação da viabilidade e da variabilidade genética das populações⁹⁸¹. Recomenda-se ainda a quantificação da área de ocorrência global da espécie, com



base em fotografias aéreas ou imagens atuais de satélites, para estimar a perda de ambiente ocorrida nos últimos anos⁹⁸¹.

Thamnomanes caesius caesius (Temminck, 1820)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: ipecuá



Foto: Pedro Lima

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(iii)

Justificativa

Thamnomanes caesius caesius ocorre na costa leste do Brasil, de Pernambuco ao Rio de Janeiro, sendo que atualmente só há registros para norte do Espírito Santo e sul da Bahia. É dependente de floresta. Sua área de ocupação atual foi calculada em 1.800 km². Sua população encontra-se severamente fragmentada e há declínio continuado na qualidade de *habitat*. Por esses motivos, *T. c. caesius* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério B2ab(iii).

Outras avaliações

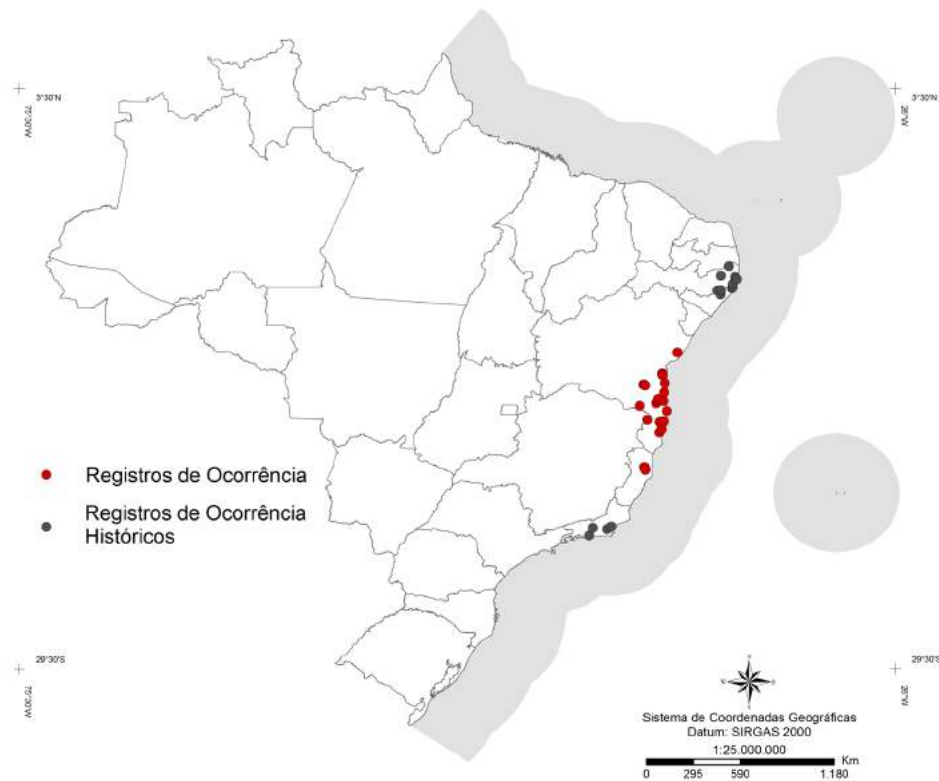
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Muscicapa caesia Temminck, 1820.

Distribuição geográfica

Ocorre na costa leste do Brasil^{528,1312}. Sua distribuição original abrangia de Pernambuco ao Rio de Janeiro, mas só há registros recentes no norte do Espírito Santo e sul da Bahia. Sua área de ocupação (AOO) foi calculada em 1.800 km² com base no tamanho dos grandes remanescentes de floresta existentes onde há registro atual da espécie (oficina de avaliação).



História natural

Habita estratos baixos e médios de florestas perenes de planície, geralmente abaixo de 600 m de altitude. Alimenta-se de insetos e outros artrópodes¹³¹². É dependente de floresta alta e bem preservada, não ocorrendo em locais perturbados (oficina de avaliação).

População

Thamnomanes c. caesius vem sofrendo extinções locais, não havendo registros recentes para o Rio de Janeiro, Alagoas e Pernambuco (nestes dois últimos, os registros mais recentes são de 2002). As populações mais significativas encontram-se atualmente no sul da Bahia e norte do Espírito Santo (oficina de avaliação).

A população é considerada severamente fragmentada, uma vez que seu poder de deslocamento entre fragmentos é baixo e sua ocorrência está restrita a poucos remanescentes, distantes entre si (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A destruição das áreas naturais e a perda de qualidade de *habitat* são as maiores ameaças ao táxon, uma vez que este é dependente de floresta e sensível quanto à qualidade do *habitat* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

O táxon está contemplado pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Chapada Diamantina (C.G. Machado, com. pess., 2013), PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, PARNA do Descobrimento⁴⁰⁷, PARNA e Histórico do Monte Pascoal⁵⁹⁹;
Espírito Santo: REBIO de Sooretama⁴²⁵.



Existem registros históricos para unidades de conservação em outros estados:

Pernambuco: ESEC do Tapacurá¹²³⁸, REVIS das Matas do Sistema Gurjaú⁷⁵⁸, REVIS Matas do Sistema;

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹;

Rio de Janeiro: PARNA da Serra dos Órgãos⁶⁰⁶, PARNA da Tijuca⁶⁰⁰, REBIO Poço das Antas⁹⁰⁸, REBIO União⁶⁰⁷.

Dysithamnus plumbeus (Wied, 1831)

Suylane Barbalho de Lima Silva, Fernanda Pinto Marques & Danielle Custódio Leal

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nome comum: choquinha-chumbo



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Dysithamnus plumbeus é endêmica do Brasil, ocorrendo do sul da Bahia ao extremo norte do Rio de Janeiro. A área de ocupação da espécie (AOO) é estimada em menos de 500 km². A população é severamente fragmentada e há declínio continuado de área de ocupação e qualidade de *habitat* devido à retirada de madeira e lenha em parte de sua distribuição. Dessa forma, *D. plumbeus* foi avaliada como Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{759,814}	NT
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438}	Minas Gerais: VU Rio de Janeiro: EN
Avaliação global ¹⁸²	VU A2c+3c+4c; B1ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

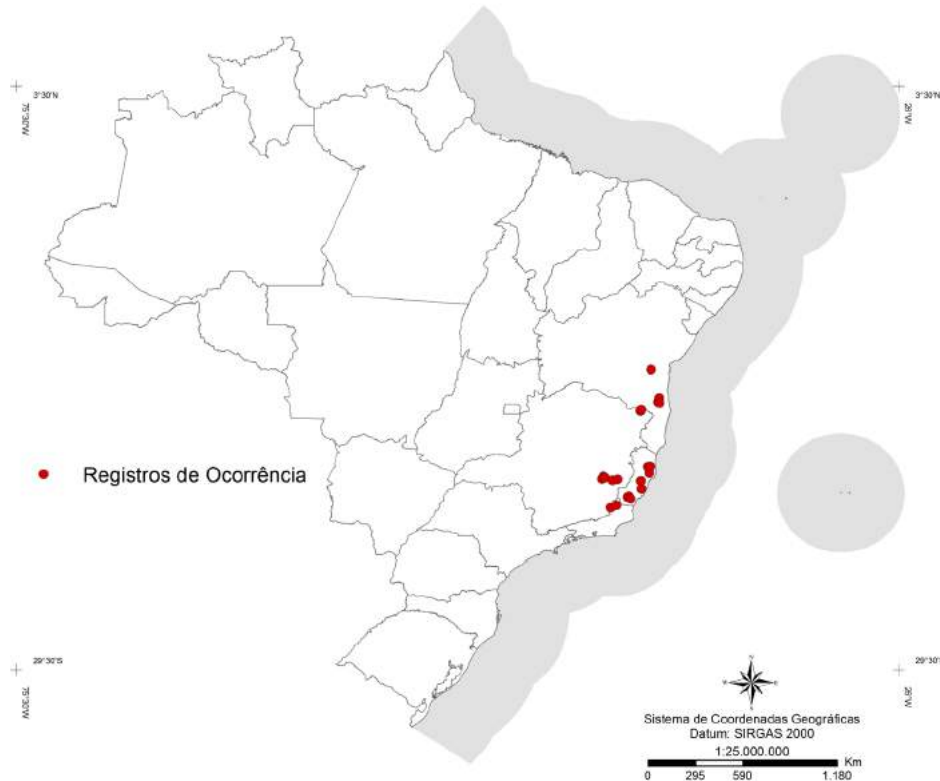
Myothera plumbea Wied, 1831.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo do sul da Bahia (atualmente apenas em Camacan) (oficina de avaliação) e Espírito Santo até leste de Minas Gerais e extremo norte do Rio de Janeiro¹³¹².



A área de ocupação (AOO) de *D. plumbeus* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro recentes, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 48 km² (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa o sub-bosque de florestas perenes de baixadas, até 900 m de altitude, mas principalmente abaixo de 600 m. Alimenta-se principalmente de insetos e outros artrópodes. É supostamente residente¹³¹².

População

Considerada pouco frequente e em declínio. Era razoavelmente frequente na REBIO de Sooretama, Espírito Santo, entre os anos de 1980 e 1981¹³¹². Schnell *et al.*¹⁰⁷⁸ considera que esta espécie possui população severamente fragmentada.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* é a maior ameaça à espécie¹³¹². Há declínio continuado de AOO e de qualidade de *habitat* devido à retirada de madeira e lenha em parte de sua distribuição (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: RPPN Serra Bonita (C. Albano, com. pess., 2013);

Espírito Santo: REBIO Augusto Ruschi¹³¹², REBIO de Duas Bocas¹¹⁷, REBIO de Sooretama¹³¹², FLONA de Pacotuba⁶²⁶;

Minas Gerais: PE do Rio Doce¹¹⁷.



Pesquisas

São necessárias buscas a populações em áreas ainda não protegidas, a fim de implementar ações para garantir a manutenção de *habitat*¹³¹².

Herpsilochmus pileatus (Lichtenstein, 1823)

Danielle Custódio Leal, Fernanda Pinto Marques & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nome comum: chorozinho-de-boné



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B1ab(ii,iii)

Justificativa

Herpsilochmus pileatus é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas no litoral da Bahia. A extensão de ocorrência da espécie foi calculada em 14.770 km². A população é severamente fragmentada e há declínio continuado de área de ocupação e qualidade de *habitat* devido à expansão imobiliária e de silvicultura. Dessa forma, *H. pileatus* foi avaliada como Vulnerável (VU) B1ab(ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1147}	VU B1ab(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁸³	VU B1ab(i,ii,iii,v); C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Myiothera pileata Lichtenstein, 1823.

Notas taxonômicas

Herpsilochmus pileatus foi separada recentemente de um complexo de formas que incluem *H. sellowi* e *H. atricapillus*. O reconhecimento da espécie e sua distribuição correta foram obtidos através da análise de diferenças de plumagem de machos e fêmeas, de medidas e, especialmente, de vocalizações¹¹⁴⁷.

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil¹³¹², ocorrendo apenas no litoral da Bahia¹²⁸⁹. A extensão de ocorrência (EOO)



de *H. pileatus* foi calculada através do mínimo polígono convexo (MPC) que uniu todos os pontos de registro atuais conhecidos da espécie. A EOO resultou em 14.770 km².



História natural

Ocupa o sub-bosque e o dossel de matas de restinga¹³¹². Ocorre geralmente em solos arenosos¹¹⁴⁷. Alimenta-se de insetos e, provavelmente, aranhas. É supostamente residente¹³¹². Participa com frequência de bandos mistos da copa. Pouco se conhece sobre a história natural da espécie¹¹⁴⁷.

População

Considerada frequente em várias localidades¹³¹². É restrita a matas de restinga bem conservadas (*habitat* atualmente muito fragmentado) e seu poder de deslocamento é baixo, de modo que a população se encontra severamente fragmentada. Não ocorre em pequenos fragmentos (oficina de avaliação). *Tendência populacional*: desconhecida.

Ameaças

A principal ameaça é a destruição do que resta das restingas no sul da Bahia, em consequência da expansão do turismo nessa região¹¹⁴⁷, da expansão imobiliária e da silvicultura. Devido a essas ameaças, há declínio continuado de área de ocupação e qualidade de *habitat* de *H. pileatus* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Herpsilochmus pileatus está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

É essencial a proteção efetiva das unidades de conservação onde a espécie ocorre e a proteção dos *habitat* que não estão resguardados por unidades de conservação¹¹⁴⁷.



Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA do Descobrimento¹¹⁴⁷, PARNA e Histórico do Monte Pascoal¹¹⁴⁷, PARNA Pau Brasil¹¹⁴⁷, REBIO de Una¹¹⁴⁷, RPPN Ecoparque de Una¹¹⁴⁷, RPPN Estação Veracel¹¹⁴⁷.

Pesquisas

São recomendados estudos sobre a distribuição da espécie, incluindo busca por novas populações, pesquisas sobre sua história natural e biologia para determinar as suas exigências de *habitat*¹¹⁴⁷.

Thamnophilus nigrocinereus tschudii Pelzeln, 1868

Sérgio Henrique Borges, Mário Cohn-Haft & Fernando d’Horta

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nome comum: choca-preta-e-cinza



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B1ab(iii)+2ab(iii)

Justificativa

Thamnophilus nigrocinereus tschudii ocupa uma área bastante restrita, sendo encontrado, principalmente, em ilhas grandes, com floresta alagável bem desenvolvida, da calha do baixo e médio rio Madeira. Sua extensão de ocorrência (EOO) e área de ocupação (AOO) são estimadas em 700 km² e 180 km², respectivamente. Duas hidrelétricas estão atualmente em construção no rio Madeira, à montante de sua área de distribuição, o que irá modificar o regime hidrológico à jusante, impactando o *habitat* preferencial dessa espécie em toda sua distribuição, caracterizando assim uma única localização. Além disso, há declínio continuado da qualidade do *habitat* devido ao corte de árvores de grande porte e a alterações no regime hidrológico que podem acarretar alteração ou perda de cobertura vegetal da qual depende esta ave. Dessa forma, *T. n. tschudii* foi categorizado como Em Perigo (EN), pelos critérios B1ab(iii)+2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta



Outros nomes aplicados ao táxon

Thamnophilus tschudii Pelzeln, 1868.

Notas taxonômicas

A fonte taxonômica utilizada é Zimmer & Isler¹³¹². Até recentemente considerada subespécie de *Thamnophilus cryptoleucus* Menegaux & Hellmayr, 1906, que ocorre na calha do Solimões, para oeste. Análises genéticas sugerem o reconhecimento de *Thamnophilus nigrocinereus tschudii* como espécie plena e registra uma zona de hibridação entre essa espécie e *T. cryptoleucus* no baixo rio Madeira (F. d'Horta *et al.*, dados não publicados).

Distribuição geográfica

A distribuição de *T. n. tschudii* sumarizada por Zimmer & Isler¹³¹² inclui um pequeno trecho do centro-oeste da Amazônia brasileira, no leste do Amazonas, ao longo do baixo curso do rio Madeira. Este táxon foi registrado recentemente no médio rio Madeira entre os municípios de Novo Aripuanã e Manicoré³⁷⁰. A distribuição da espécie, entretanto, não parece se estender mais ao sul neste rio, já que não foi registrada em Humaitá⁵⁵⁰. Assim, a distribuição total deste táxon deve incluir somente o trecho do médio e baixo Madeira.

A EOO foi calculada considerando-se uma faixa de 2 km ao longo dos pontos de registro atual da subespécie, resultando em 700 km². A AOO foi calculada somando-se a área das maiores ilhas fluviais existentes na distribuição do táxon, considerando-se que este ocorre apenas em ilhas grandes com floresta alagável bem desenvolvida. Assim sendo, a AOO foi estimada em 180 km² (oficina de avaliação).



História natural

Nos levantamentos realizados nas florestas alagáveis dos rios Madeira e Amazonas, o táxon foi registrado exclusivamente em ilhas fluviais^{369,370}, ocorrendo no sub-bosque bem desenvolvido, com plantas do gênero *Heliconia*, sob o dossel de floresta alta de várzea. É encontrada apenas nas maiores e mais antigas ilhas.



População

Quase nada se sabe sobre as populações deste táxon. Entretanto, estudos de campo parecem sugerir que suas populações apresentem algum nível de isolamento natural devido ao uso preferencial de ilhas de várzea. Mesmo dentro de sua pequena área de ocupação, a espécie parece ser rara e dependente de um *habitat* muito específico.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

As principais ameaças dizem respeito à descaracterização do *habitat* principal preferencial da espécie que são as áreas alagáveis, especialmente aquelas localizadas em sistemas de várzea. O corte indiscriminado de árvores de grande porte diminui a disponibilidade de áreas de floresta de várzea pouco perturbadas, essenciais à conservação do táxon. Além disso, estes sistemas sazonalmente inundáveis dependem de um ritmo de alagamento bastante delicado para não haver mortalidade de árvores por alagamento excessivo. As hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, atualmente em construção na região do alto rio Madeira, irão implicar em barramentos neste rio, afetando extensivamente a distribuição e o *habitat* preferencial de *Thamnophilus nigrocinereus tshudii*, com consequências imprevisíveis, mas potencialmente danosas para a manutenção das populações deste táxon. Ainda que essas hidrelétricas estejam bastante distantes da foz do rio, haverá alteração no teor de sedimentos e no regime de inundação dentro de toda extensão de ocorrência de *T. n. tshudii* (M. Cohn-Haft, obs. pess.).

Ações de conservação

Existentes

Thamnophilus nigrocinereus tshudii está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia que prevê a execução de pesquisas de dinâmica, ecologia e genética de populações em trechos amostrais dos rios Madeira, Solimões e Amazonas e a identificação de áreas de várzea relevantes para a conservação do táxon⁶²⁸.

Presença em unidades de conservação

Não há registros do táxon em unidades de conservação.

Pesquisas

Existentes

Em trabalho de revisão do complexo *Thamnophilus nigrocinereus/Thamnophilus cryptoleucus*, baseado em dados moleculares, d'Horta *et al.* (dados não publicados), sugerem o reconhecimento de todas as subespécies do complexo como espécies, uma vez que são reciprocamente monofiléticas (DNA mitocondrial) e possuem diagnose com base em caracteres morfológicos e vocais.

Necessárias

A choca-preta-e-cinza parece ter forte exigência de *habitat* (florestas alagáveis) e *micro-habitat* (ilhas de várzea). É de grande importância que se entendam quais as características destes *habitat* que podem afetar a ocorrência e dinâmica populacional do táxon dentro destes sistemas ecológicos. É necessário também estimar o tamanho populacional deste táxon, uma vez que parece ocupar apenas uma pequena fração de sua extensão de ocorrência. É importante que levantamentos ornitológicos sejam realizados ao longo do rio Madeira e alguns de seus tributários para verificar a ocorrência desse táxon em outros trechos da bacia. Ressalta-se, ainda, a importância de se aprofundar os estudos no baixo Madeira, onde essa ave entra em contato com *T. cryptoleucus* e parece hibridizar.



Thamnophilus caerulescens cearensis (Cory, 1919)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: choca-da-mata



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Thamnophilus caerulescens cearensis ocorre apenas no Ceará, nas serras de Baturité e Ibiapaba. A área de ocupação foi estimada em cerca de 300 km². Há declínio continuado de qualidade de *habitat* e de área de ocupação. A população é considerada severamente fragmentada. Apesar de qualificar para a categoria Em Perigo, *T. c. cearensis* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério B2ab(ii,iii), pois sua situação não é tão crítica quanto sugere a sua pequena área de ocupação, uma vez que o táxon é comum em sua área de distribuição, ocupa bordas de mata, pequenos fragmentos e áreas levemente alteradas.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{502,814}	EN B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Erionotus cearenses Cory, 1919.

Notas taxonômicas

Segundo Zimmer & Isler¹³¹² e Grantsau⁵²⁸, *Thamnophilus caerulescens pernambucensis* é sinonímia de *T. c. cearensis*, mas não há estudos conclusivos sobre o status taxonômico de ambos, de modo que, nessa avaliação, as subespécies foram consideradas válidas.

Distribuição geográfica

Ocorre apenas no Ceará, nas serras de Baturité e Ibiapaba. A AOO foi estimada a partir dos remanescentes de mata existentes na área de distribuição de *T. c. cearensis*, sendo calculada em cerca de 300 km² (oficina de avaliação).



História natural

Ocorre em florestas úmidas, inclusive em áreas em regeneração⁵⁰². Ocupa bordas de mata, pequenos fragmentos e áreas pouco alteradas, mas depende da existência da floresta para sobreviver (oficina de avaliação).

População

Considerado comum na Serra de Baturité, onde foram registrados 62,5 e 75 indivíduos/100 horas de observação, em duas localidades distintas⁵⁰². Entretanto, a população é severamente fragmentada devido à perda de *habitat* e à baixa mobilidade do táxon em matrizes não florestais (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A principal ameaça é a perda de *habitat*⁵⁰². Há declínio continuado de qualidade de *habitat* e de área de ocupação devido à conversão de áreas naturais em agrícolas e à expansão urbana (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Este táxon será contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Presença em unidades de conservação

O táxon não foi registrado em unidades de conservação.

Pesquisas

A taxonomia da subespécie precisa ser reavaliada, tendo em vista a dúvida quanto à distinção entre este táxon e *T. c. pernambucensis*, o que pode alterar sua classificação quanto ao estado de conservação⁵⁰².



Thamnophilus caerulescens pernambucensis Naumburg, 1937

Sidnei de Melo Dantas

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: choca-da-mata



Foto: Carlos Gussoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(ii)

Justificativa

Thamnophilus caerulescens pernambucensis apresenta distribuição restrita ao Centro de Endemismo Pernambuco. A área de ocupação (AOO) do táxon é inferior a 2.000 km². A população é severamente fragmentada e há declínio continuado de área de ocupação. Assim, *T. c. pernambucensis* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério B2ab(ii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ¹⁰²⁴	VU B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Segundo Zimmer & Isler¹³¹² e Grantsau⁵²⁸, *Thamnophilus caerulescens pernambucensis* é sinonímia de *T. c. cearensis*, mas não há estudos conclusivos sobre o status taxonômico de ambos, de modo que nessa avaliação as subespécies foram consideradas válidas.

Distribuição geográfica

Táxon restrito ao Centro de Endemismo Pernambuco. Encontrado em 64 localidades de Alagoas e Pernambuco¹⁰²⁴. Há registros atuais para a Paraíba¹²⁸⁹. Atualmente, os remanescentes de floresta nessa área somam cerca de 2.200 km², mas tendo em vista a dependência de *T. c. pernambucensis* de capoeiras associadas a florestas, nem todos os remanescentes florestais apresentam *habitat* adequado à sua sobrevivência. Dessa forma, é razoável supor que sua área de ocupação seja inferior a 2.000 km² (oficina de avaliação).



História natural

Atualmente, ocorre em pequenos capoeirões no meio dos canaviais em localidades com altitudes entre 1 e 1.067 m. Encontrado em grupos de até oito indivíduos, formados na maioria por fêmeas e indivíduos jovens. Análises de gônadas e placas de incubação em algumas fêmeas indicam que podem reproduzir-se tanto nos períodos secos como nas épocas chuvosas¹⁰²⁴.

População

Comum e abundante em várias localidades de Pernambuco¹⁰²⁴. Entretanto, a população é severamente fragmentada (oficina de avaliação) uma vez que os fragmentos são pequenos e isolados e a espécie não atravessa grandes áreas de matriz aberta ou antropizada.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A principal ameaça é a perda de *habitat*¹⁰²⁴, que leva a declínio continuado de área de ocupação (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

O táxon está contemplado nos Planos de Ação Nacionais para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰ e das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Proteção e recuperação de seu *habitat* e criação de corredores ecológicos¹⁰²⁴.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: PE do Pau Ferro¹²⁸⁹;



Pernambuco: ESEC do Tapacurá¹⁰²⁴, PE Dois Irmãos¹⁰²⁴, PM Vasconcelos Sobrinho¹⁰²⁴, REBIO de Saltinho¹⁰²⁴, REVIS das Matas do Sistema Gurjaú¹⁰²⁴, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Bitury¹⁰²⁴, RPPN Fazenda Santa Beatriz do Carnijó¹⁰²⁴, RPPN Frei Caneca¹⁰²⁴;

Alagoas: ESEC de Murici¹⁰²⁴;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada¹⁰²⁴.

Pesquisas

O estado taxonômico da subespécie precisa ser reavaliado, tendo em vista haver dúvida quanto à distinção entre este táxon e *T. c. cearensis*, o que pode alterar sua classificação quanto ao estado de conservação¹⁰²⁴.

Thamnophilus aethiops distans Pinto, 1954

Fernanda Pinto Marques, Danielle Custódio Leal & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nome comum: choca-lisa



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Thamnophilus aethiops distans apresenta distribuição restrita ao Centro de Endemismo Pernambuco, ocorrendo em 25 localidades de Alagoas e Pernambuco. Sua área de ocupação (AOO) é menor que 500 km². Há declínio continuado de qualidade de *habitat* e de área de ocupação. A população é considerada severamente fragmentada. Assim sendo, *T. a. distans* foi categorizada como Em Perigo (EN) pelo critério B2ab(ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ¹⁰²⁵	EN B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Thamnophilus aethiops distans está bastante isolado geograficamente e apresenta variações



acentuadas em relação ao outro representante da espécie de ocorrência mais próxima, *T. a. incertus*, que ocorre no Pará e Maranhão¹⁰²⁵.

Distribuição geográfica

Restrito à costa nordeste do Brasil^{528,1312}. Registrada em 25 localidades de Pernambuco, Alagoas¹⁰²⁵ e Paraíba. A AOO deste táxon foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro atuais, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência de *T. a. distans*. Dessa forma, a AOO foi calculada em 244 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita o sub-bosque baixo de florestas maduras e secundárias em estágio avançado de sucessão. Encontrado geralmente aos pares ou em pequenos grupos; alimenta-se de artrópodes coletados na vegetação, principalmente em folhas próximas ao chão. O período reprodutivo vai de maio a agosto (período chuvoso). Ocorre em altitudes entre 3 m e 700 m¹⁰²⁵. É encontrado em fragmentos pequenos, mas só ocorre dentro da mata (M. Efe, com. pess., 2013).

População

Não há dados populacionais disponíveis.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A subespécie *T. a. distans* aparenta estar fortemente ameaçada, devido à destruição da floresta perene de planície em Alagoas e Pernambuco¹³¹², devido à ocupação agrícola nestes estados.

Ações de conservação

Existentes

Thamnophilus aethiops distans está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das



Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

São necessárias medidas de proteção e recuperação de *habitat* e criação de corredores florestais envolvendo áreas protegidas, públicas e particulares¹⁰²⁵.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: PE de Dois Irmãos¹⁰²⁵, REBIO de Saltinho¹⁰²⁵, REVIS das Matas do Sistema Gurjaú, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Frei Caneca¹⁰²⁵;
Alagoas: ESEC de Murici¹⁰²⁵.

***Myrmoderus ruficaudus* (Wied, 1831)**

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nome comum: formigueiro-de-cauda-ruiva



Foto: Carlos Gussoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Myrmoderus ruficaudus é espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Paraíba ao Espírito Santo e Minas Gerais. Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por diversos ornitólogos, de modo que estes podem afirmar, com segurança, que a população total desta espécie é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que cada subpopulação contém menos de 250 deles. Supõe-se que haja declínio populacional continuado uma vez que a população encontra-se severamente fragmentada e há perda de qualidade do *habitat* e de área de ocupação. Portanto, *M. ruficaudus* foi categorizada como Em Perigo (EN) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1148}	EN* B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais*: CR
Avaliação global ¹⁸⁴	EN B1ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(i)

*Avaliada como *Myrmeciza ruficauda*.



Outros nomes aplicados ao táxon

Myiothera ruficauda Wied, 1831; *Myrmeciza ruficauda* (Wied, 1831).

Notas taxonômicas

Duas subespécies são reconhecidas (*M. r. ruficaudus* e *M. r. soror*)¹³¹². Estes dois táxons são bastante distintos, sendo possível tratar-se de duas espécies independentes¹¹⁴⁸.

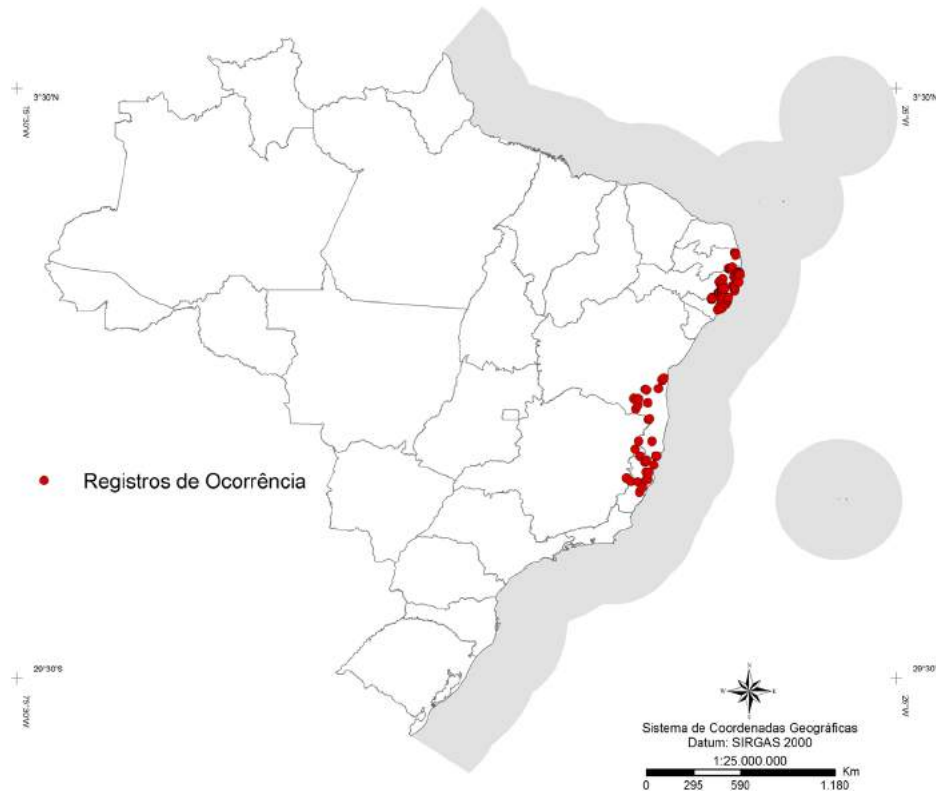
Distribuição geográfica

As subespécies distribuem-se da seguinte forma:

M. r. soror - costa nordeste do Brasil (Paraíba, Pernambuco e Alagoas);

M. r. ruficaudus - leste do Brasil, no sudeste da Bahia, extremo leste de Minas Gerais e Espírito Santo^{528,1312}.

A área de ocupação de ambas subespécies, analisadas separadamente, é certamente menor que 500 km², uma vez que os remanescentes florestais por elas ocupados são escassos e pequenos.



História natural

Habita o solo de florestas perenes úmidas e semi-úmidas, bosques maduros de crescimento secundário e, algumas vezes, reduzidas florestas adjacentes, de crescimento secundário. No norte, geralmente em florestas semi-úmidas sombreadas e sub-bosques bastante abertos, usualmente próximo a áreas iluminadas da mata, com emaranhados de cipós ou pilhas de galhos. Altamente terrestre, busca áreas sombrias da mata e, frequentemente, permanece em locais onde o sub-bosque é bastante denso¹¹⁴⁸.

Alimenta-se de insetos, outros artrópodes e pequenas rãs. Em Alagoas, seus ninhos são encontrados principalmente no mês de abril e, no Espírito Santo, o período reprodutivo ocorre entre outubro e dezembro. É considerada espécie residente¹¹⁴⁸.

População

Schnell *et al.*¹⁰⁷⁸ consideram que esta espécie possui população severamente fragmentada.



A forma nominal é muito mais rara do que *Myrmoderus ruficaudus soror*, encontrada a norte do rio São Francisco¹¹⁴⁸. Sofreu grande declínio populacional devido à destruição de *habitat*; atualmente, as populações ocorrem em manchas de florestas dispersas¹³¹².

Myrmoderus r. ruficaudus está restrita a poucas localidades isoladas entre si. No Espírito Santo, ocorre apenas na REBIO do Córrego do Veado e REBIO de Sooretama, onde era considerada razoavelmente comum, nas décadas de 1980 e 1990. Porém, em 2001, nenhum indivíduo foi localizado nesta Reserva. Na Bahia, é registrada apenas na região de Vitória da Conquista, nos municípios de Barra do Choça, Ribeirão do Largo e Itambé, onde não é rara¹¹⁴⁸.

Myrmoderus r. soror é considerada incomum e distribuída em manchas. Repetidas visitas à ESEC de Murici, de 1996 a 2002, localizaram de cinco a oito territórios desta subespécie. Em Alagoas, na Usina Serra Grande, três territórios foram localizados, em 1996¹³¹².

A área de distribuição da espécie é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total de *M. ruficaudus* é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

São ameaças à espécie: distribuição restrita, fragmentação e destruição do *habitat* devido a desmatamento e incêndios¹³¹². Alterações no sub-bosque devido à retirada de lenha e à presença de gado bovino no interior das florestas também têm efeitos sérios sobre esta espécie. A maior parte das populações existentes está isolada em fragmentos de tamanhos diversos¹¹⁴⁸.

Ações de conservação

Existentes

Myrmoderus ruficaudus está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Necessárias

Proteção efetiva das unidades de conservação onde o táxon ocorre e criação de outras no sudoeste baiano, na região de Vitória da Conquista, onde recentemente foram registradas diversas espécies endêmicas e/ou ameaçadas dos biomas Caatinga e Mata Atlântica; busca intensiva por novas populações em Minas Gerais, na região de Divisópolis e no vale do Jequitinhonha.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas¹¹⁴⁸;

Pernambuco: ESEC de Tapacurá¹³¹², ESEC da Serra dos Cavalos¹³¹², REBIO de Saltinho¹³¹², REVIS Matas do Sistema Gurjaú¹¹⁴⁸, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Frei Caneca¹¹⁴⁸;

Alagoas: ESEC de Murici^{1289,1312};

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada^{1018,1289};

Espírito Santo: REBIO de Sooretama^{1148,1312}, REBIO do Córrego do Veado^{1148,1312}.

Pesquisas

Pesquisas básicas sobre história natural do táxon são importantes para refinar o conhecimento sobre requerimentos de *habitat*. Também são necessários estudos para estabelecer o status das duas formas atualmente aceitas deste táxon¹¹⁴⁸.



Pyriglena pernambucensis Zimmer, 1931

Danielle Custódio Leal & Laís Cristina Álvares Rodrigues Assis

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: papa-taoca-de-pernambuco



Foto: Emanuel Barreto

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(ii)

Justificativa

Pyriglena pernambucensis é endêmica do Brasil, tendo distribuição restrita ao Centro de Endemismo Pernambuco. A área de ocupação do táxon é inferior a 2.000 km². A população é severamente fragmentada e há declínio continuado de área de ocupação. Dessa forma, *P. pernambucensis* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério B2ab(ii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{1148*}	VU* B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Pyriglena leuconota pernambucensis*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Pyriglena leuconota pernambucensis Zimmer, 1931.

Distribuição geográfica

Ocorre apenas no nordeste do Brasil⁵²⁸. Foi recentemente registrada em 39 localidades de Alagoas, Pernambuco e Paraíba¹⁰²⁶. Atualmente, os remanescentes de floresta nessa área somam cerca de 2.200 km². Nem todos os remanescentes florestais apresentam *habitat* adequado à sobrevivência de *P. pernambucensis*, considerando que algumas dessas áreas são bastante pequenas e isoladas. Dessa forma, é razoável supor que sua área de ocupação (AOO) seja inferior a 2.000 km² (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa áreas florestadas, utilizando inclusive bordas de mata e áreas nos primeiros estágios de recuperação¹⁰²⁶ mas é dependente de florestas (oficina de avaliação); registrado em altitudes que variam de 3 a 690 m; frequenta os estratos mais baixos da mata; alimenta-se de artrópodes capturados no solo, em folhas e troncos; apanha insetos no ar quando seguem correições de formigas, o que é comum. Sempre aos pares ou em grupos numerosos (até 20 indivíduos); também acompanha bandos mistos¹⁰²⁶.

População

Não há dados populacionais disponíveis. A espécie não se desloca entre fragmentos, de modo que a alteração da paisagem gerou fragmentação severa da população (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A principal ameaça é a perda de *habitat*¹⁰²⁶, que leva à fragmentação severa da população e ao declínio continuado da área de ocupação (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: RPPN Gargaú¹⁰²⁶;

Pernambuco: ESEC do Tapacurá¹⁰²⁶, REBIO de Saltinho¹⁰²⁶, REVIS Matas do Sistema Gurjaú¹⁰²⁶, RPPN Frei Caneca¹⁰²⁶;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada^{1026,1289};

Alagoas: ESEC de Murici¹⁰²⁶.



Pyriglena atra (Swainson, 1825)

Pedro Cerqueira Lima

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: papa-taoca-da-bahia



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii)

Justificativa

Pyriglena atra é endêmica do Brasil, restrita aos estados de Sergipe e Bahia. É dependente de florestas. Sua área de ocupação (AOO) foi calculada em menos de 500 km². A população encontra-se severamente fragmentada e seu *habitat* está ameaçado pela silvicultura e expansão imobiliária. Dessa forma, *P. atra* foi avaliada como Em Perigo (EN) B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1071}	EN B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁸⁵	EN A2c+3c+4c; C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Drymophila atra Swainson, 1825.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, com registros apenas em Sergipe e na costa nordeste da Bahia (próximo a Santo Amaro)¹³¹². Os limites atuais conhecidos da distribuição da espécie são: ao sul, Saubara; a oeste, Boa Vista de Opalma, Cachoeira; a leste, mais próximo da linha do mar, Reserva do Bu, município de Conde; ao norte, Matas do Crasto. Os três primeiros pontos estão na Bahia e o último, em Sergipe¹⁰⁷¹. A descoberta de Marcelo Cardoso de Sousa de *P. atra* no estado de Sergipe aumenta em muito a distribuição geográfica desta espécie.

A AOO de *P. atra* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro atuais, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 108 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita o sub-bosque de bordas de florestas perenes de baixada; clareiras com vegetação densa e árvores caídas em floresta primária e matas secundárias adjacentes. Embora ocorra em áreas degradadas e matas secundárias altas, evita a luminosidade e matas secundárias abertas¹³¹² e é dependente de floresta para sobreviver (oficina de avaliação). Alimenta-se de insetos, aranhas e centopeias. É residente¹³¹².

Na Bahia, a espécie foi encontrada em altitudes entre 20 e 250 m, em floresta ombrófila densa, floresta semidecidual e mata de restinga alta. Uma fêmea adulta foi observada movimentando-se entre dois fragmentos, distantes pelo menos 400 m entre si, numa matriz composta por pasto sujo, arbustos e árvores esparsas. Em estudos recentes, *P. atra* foi encontrada em fragmentos com até 50 ha, mas desapareceu ao longo de dois anos de uma área que tinha entre 150 e 200 ha e foi reduzida a 40 hectares¹¹⁰⁰.

Segue regularmente formigas de correição, aos pares ou em grupos (registro de até 26 indivíduos). Encontrada com mais frequência e em grupos maiores em áreas mais conservadas e maiores que 300 ha. Um macho adulto anilhado em um fragmento de 250 ha, em Catu, na Bahia, foi observado três anos depois, a 300 m do local de captura inicial¹⁰⁷¹.

O ninho é uma bola grande, externamente revestido com folhas secas; o interior é forrado com fibra de palmeira piaçava. Mede 120 mm de largura, abertura de 90 mm x 70 mm e 140 mm de profundidade; pesa, em média, 85 g. A postura registrada constava de dois ovos: um com 4,2 g, medindo 25,5 mm x 17,5 mm; o outro com 4,2 g, medindo 26,5 mm x 18 mm. O ninho é construído no solo, no meio de centenas de folhas secas que fornecem boa camuflagem; visto de costas parece uma pilha de folhas secas e somente a partir da frente é possível perceber que é um ninho. Perto da entrada, havia um pequeno arbusto usado pelo casal para entrar no ninho durante o período de incubação e quando estão a alimentar as crias. O arbusto, próximo à entrada, serve para observar o interior do ninho para garantir a segurança⁷²⁴.

O período de incubação é de 18 dias. É a fêmea que incuba durante a noite, deixando o ninho em torno de 04 h e 40 min da manhã para procurar comida. O macho acompanha a fêmea e retorna para



o ninho entre 05 h e 15 min - 06 h da manhã para incubar. O ninho é abandonado pelo casal durante um período de tempo que pode variar entre 45 minutos até uma hora e meia. Quando o macho está incubando, mantém a cabeça apontada para o chão perto da abertura do ninho para observar tudo o que acontece ao seu redor. A fêmea, extremamente nervosa quando percebe a presença de um intruso, deixa o ninho e faz várias chamadas de alerta⁷²⁴.

Após o nascimento dos filhotes, o macho é responsável pela proteção do ninho. Ele busca alimentos para os filhotes perto do ninho. A fêmea deixa o ninho pela manhã e viaja distâncias maiores em busca de alimento, retornando duas horas depois, emitindo uma chamada específica. Na sua ausência, o macho oferece comida quatro vezes aos filhotes. A fêmea procura alimento seguindo formigas; o macho não faz uso de formigas para capturar alimentos durante o tempo que está alimentando os filhotes. Durante os três primeiros dias de suas vidas, os filhotes são alimentados com pequenos insetos e larvas, e após isso os insetos são maiores e rãs passam a fazer parte da dieta. Os invertebrados registrados foram os seguintes: gafanhotos, grilos, baratas e aranhas. Quando os filhotes estão para deixar o ninho, a situação inverte: a fêmea fica responsável pela proteção enquanto o macho viaja grandes distâncias à procura de fontes de alimento⁷²⁴.

O sexo dos filhotes já pôde ser determinado após seis dias, logo que as primeiras penas se tornaram evidentes nas asas e no topo da cabeça. Os filhotes abandonaram o ninho após 13 dias, época na qual tinham as seguintes medidas: 20,2 g de peso, 93 mm de comprimento total, 84 mm de asa, 20 mm de cauda, 29 mm de tarso e 15 mm de bico. No primeiro dia fora do ninho, realizaram voos curtos no interior da floresta⁷²⁴.

Pyriglena atra emite 20 chamadas diferentes durante o período reprodutivo, chamadas que representam: reações aos predadores, chegada do macho ao ninho, fêmea trazendo comida para os filhotes, presença de uma serpente, etc⁷²⁴.

População

Em 1996, buscas pela espécie em diversas localidades próximas a Santo Amaro, local onde ocorria nos anos 80, não obtiveram êxito. Foram estimados 18 indivíduos observando um grande exército de formigas de correição em janeiro de 2002, em Sergipe¹³¹². Schnell *et al.*¹⁰⁷⁸ consideram que esta espécie possui população severamente fragmentada.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A pequena área de distribuição da espécie está sendo rapidamente destruída pela agricultura, principalmente devido à plantação de palmeiras (*Elaeis guineensis*) e à produção de cana-de-açúcar¹³¹². Essa ameaça está aumentando o isolamento entre as populações de *P. atra* em toda sua distribuição, sendo que em Sergipe a situação é mais crítica. O quadro é agravado pelo pequeno número de unidades de conservação capazes de proteger a espécie¹⁰⁷¹. Há ainda ameaças devido à expansão imobiliária e da silvicultura (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Pyriglena atra está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

A proteção imediata da localidade do Crasto deve ser considerada uma prioridade de conservação¹³¹². Recomenda-se ainda a proteção dos maiores blocos florestais que registrem ocorrência da espécie, a criação de unidades de conservação de proteção integral, incentivo à criação de diversas RPPN, formação de corredores florestais entre fragmentos¹⁰⁷¹.



Presença em unidades de conservação

Sergipe: PARNA Serra de Itabaiana^{1191,1289};

Bahia: APA Litoral Norte¹⁰⁷¹, RPPN Entre Rios¹⁰⁷¹, RPPN Lontra/Saudade¹⁰⁷¹, RPPN Panema¹⁰⁷¹.

Pesquisas

São necessárias pesquisas em todos os fragmentos de florestas entre Crasto e Salvador, buscando melhor compreensão do estado da população e o registro de áreas que devam ser preservadas¹³¹². Recomenda-se também pesquisas sobre ecologia, efeitos da fragmentação, seleção de *habitat*, estimativas populacionais e estudos genéticos¹⁰⁷¹.

Rhopornis ardesiacus (Wied, 1831)

Edson Ribeiro Luiz, Romulo Ribon, Caio Graco Machado, Lemuel Olívio Leite & Elivan Arantes de Sousa

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nome comum: gravatazeiro, pêga-do-gravatá



Foto: Cristine Prates

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Rhopornis ardesiacus é um notável endemismo do Brasil, ocorrendo apenas nos estados da Bahia e Minas Gerais, especificamente em uma restrita área de transição entre a Caatinga e a Mata Atlântica. Nos últimos 200 anos, seu *habitat* natural foi extremamente reduzido com uma área de ocupação atual (AOO) calculada em apenas 90 km². Somado a isso, a população está severamente fragmentada. Existe um declínio continuado em sua área de ocupação e na qualidade do *habitat* devido especialmente à retirada de lenha e à conversão de áreas naturais para agropecuária e agricultura. Por essas razões, *R. ardesiacus* foi categorizada como Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1149}	EN B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais: CR
Avaliação global ^{291d}	EN B1ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(i)



Outros nomes aplicados ao táxon

Myiothera ardesiaca Wied, 1831; *Rhopornis ardesiaca* (Wied, 1831).

Distribuição geográfica

Endêmica da Bahia e Minas Gerais (neste último exclusivamente no município de Salto da Divisa, no extremo nordeste do estado)¹⁰⁰⁰, ocorrendo em matas secas de transição entre a Caatinga e a Mata Atlântica, conhecida em alguns locais como Mata de Cipó⁵²⁸.

Do norte para o sul de sua distribuição já foi registrada em 16 municípios baianos⁷⁵²: Brejões, Milagres, Maracás, Irajuba, Jaguaquara, Itiruçu, Lafaiete Coutinho, Maracás, Jequié, Manoel Vitorino, Boa Nova, Poções, Itororó, Itapetinga, Potiraguá, Itarantim e Itapebi, além de Salto da Divisa, em Minas Gerais.

A extensão de ocorrência (EOO) foi calculada através do mínimo polígono convexo (MPC) que uniu todos os pontos de registro conhecidos da espécie. A EOO resultou em 19.750 km² de acordo com Luiz *et al.*⁷⁵². A AOO de *R. ardesiacus* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas nas quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 90 km² (oficina de avaliação).



História natural

Restrito à formação vegetal conhecida como Mata de Cipó, com abundância de bromélias terrestres dos gêneros *Aechmea* e *Ananas*, em altitudes entre 150 e 1.000 m (obs. pess. dos autores). Vive aos pares, no solo ou próximo a ele, procurando por pequenos artrópodes¹¹⁴⁹. Segue formigas de correição ao lado de outros Thamnophilidae. O casal defende conjuntamente território de 0,9 a 2,0 ha⁷⁵³.

População

Estima-se que mais de 96% das florestas secas da Bahia foram parcial ou totalmente alteradas, o que seguramente reduziu de maneira drástica a população de *R. ardesiacus* nos últimos 60 anos. Luiz *et al.*⁷⁵² inferiram que a população de indivíduos maduros seja superior a 2.500 indivíduos.



Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

Diminuição de fluxo gênico devido à fragmentação do *habitat* já existente, retirada de lenha para consumo humano, substituição da vegetação florestal por monoculturas de eucalipto (especialmente no Planalto de Maracás, Bahia), retirada de estacas das florestas nativas para plantio de maracujá e queimadas para implantação de lavouras e pastagens⁷⁵³.

Ações de conservação

Existentes

Projetos conservacionistas para proteção da espécie desenvolvidos pela SAVE Brasil – Sociedade para Conservação das Aves do Brasil, na região de Boa Nova na Bahia culminaram com a criação de duas unidades de conservação federais e um forte engajamento comunitário para proteção da espécie. *Rhopornis ardesiacus* está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰ e no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Adicionalmente, é necessário incentivar a regularização ambiental das propriedades rurais da área de ocorrência da espécie (averbação de reservas legais) além de acentuar ações de fiscalização contra desmatamento e corte ilegal de madeira em toda área de distribuição da espécie. Por fim, o PARNA de Boa Nova ainda não está regularizado em termos fundiários.

São recomendadas ações adicionais que garantam proteção da espécie em Minas Gerais como a criação de uma unidade de conservação em Salto da Divisa.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA de Boa Nova¹²⁸⁹, REVIS de Boa Nova (E.R. Luiz, obs. pess.).

Pesquisas

É necessário o monitoramento das populações conhecidas e a realização de censos em todas as localidades de sua ocorrência para se determinar de maneira mais precisa seu tamanho populacional.

Cercomacra ferdinandi Sneathlage, 1928

Túlio Dornas & Renato Torres Pinheiro

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nomes comuns: chororó-de-goiás,
chororó-do-araguaia,
chororó-do-tocantins,
cachorrinho



Foto: Cal Martins



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3c

Justificativa

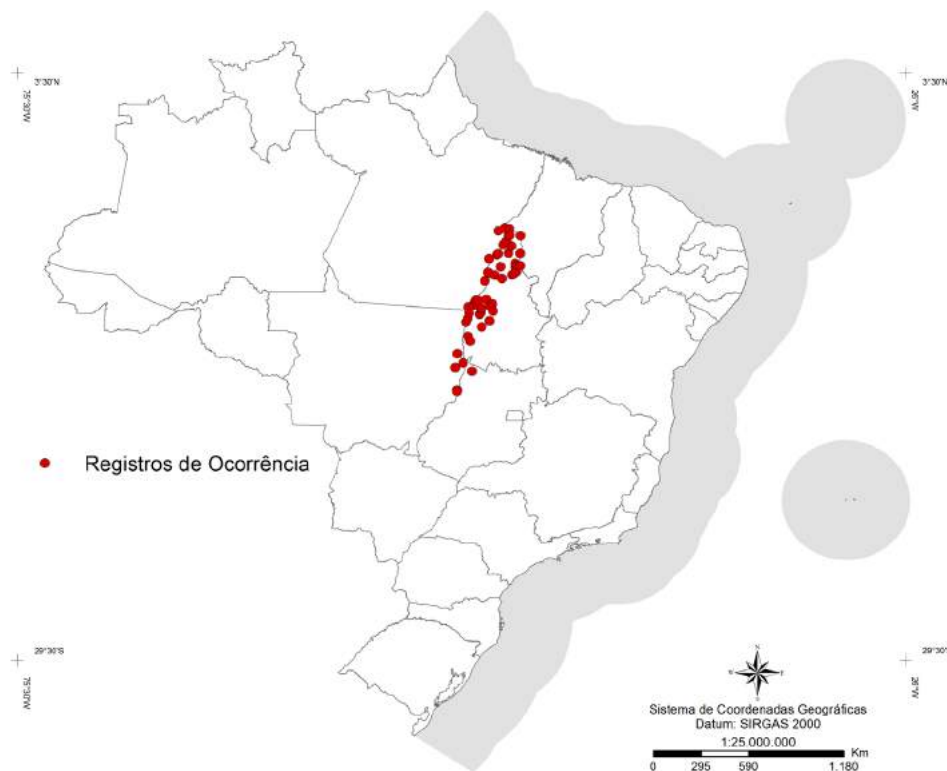
Cercomacra ferdinandi é endêmica do Brasil, ocorrendo nos rios Araguaia e Tocantins e tributários, sendo localmente comum no Vale do Araguaia. A construção da UHE de Estreito juntamente com o planejamento de diversos empreendimentos hidrelétricos para o baixo Araguaia e médio Tocantins acarretarão a perda do *habitat* da espécie em cerca de 50% de sua distribuição geográfica. A partir dessa perda de *habitat* e considerando-se as exigências ecológicas da espécie, infere-se que haverá um declínio populacional superior a 30% nos próximos 20 anos (três gerações). Por estas razões, *C. ferdinandi* foi categorizada como Vulnerável (VU) A3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁸⁹²	VU A3c
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará: VU
Avaliação global ¹⁸⁶	VU A2c+3c+4c

Distribuição geográfica

Possui uma distribuição restrita. Ocorre ao longo de ambas as margens do rio Araguaia, da altura da ilha do Bananal até a confluência com o rio Tocantins, adentrando na vegetação ripária dos afluentes tocantinenses. No rio Tocantins, ocorre a montante de sua confluência com o rio Araguaia até a altura de Palmeirante, sendo observada junto à vegetação ripária dos seus afluentes de ambos os lados, no Tocantins e no Maranhão⁸⁹². A presença assinalada da espécie para Belém (Pará) deve ser inicialmente desconsiderada e assumida como possível erro de etiquetagem¹²⁶⁸.





História natural

Cercomacra ferdinandi é dependente de *habitat* criados pela água ao longo dos rios da bacia do Araguaia-Tocantins⁸⁹². Ocupa os estratos médios e baixos de matas de galeria e vegetação secundária alta. A presença de cipós é muito comum, podendo também ocorrer junto a tabocais nas margens dos rios, conforme constatado no rio do Côco⁸⁸⁰. Em sua área de ocorrência são encontradas algumas espécies vegetais típicas como: *Triplaris* sp., *Guarea guidonia*, *Celtis* sp., *Coccoloba* sp., *Genipa americana*, *Alchornea* sp., *Clitoria fairchildiana*, *Cecropia* sp., *Inga* spp., *Ficus* sp., *Crataeva tapia*, *Cardia* sp., *Mimosa* sp., *Zygia* sp., *Psidium* sp., *Eugenia* spp., *Bixa orellana*, *Bactris* spp., *Hymenaea courbaril* e *Copaifera langsdorffii*, além de lianas que são muito comuns, como o *Combretum* sp.

Há pouca informação sobre dieta, sendo provavelmente composta por insetos e aranhas. É residente¹³¹² com territórios medindo em média 0,30 hectare, chegando a 0,5 hectare em alguns casos³⁹³. Estudos no Centro de Pesquisa Canguçu da Universidade Federal de Tocantins (CPC) revelaram que as ninhadas são de dois ovos e o ninho é classificado como “cesto baixo forquilha”; o cuidado parental é realizado por ambos os sexos e o período reprodutivo ocorre predominantemente na estação seca³⁹³.

O tempo geracional da espécie é estimado em 6,6 anos¹⁴⁴.

População

Em geral, mostra-se razoavelmente comum em sua área de distribuição^{880,1312} conforme apontado para o PE do Cantão⁹⁵². Crozariol³⁹³ constatou uma média de três casais da espécie a cada hectare de floresta inundável no CPC, às margens do rio Javaés, no Tocantins. Esse valor renderia numa expressiva população de algumas dezenas de milhares de indivíduos na região do PE do Cantão. Olmos *et al.*⁸⁸⁰ relatam abundâncias elevadas da espécie em algumas localidades estudadas na bacia dos rios Araguaia e Tocantins. Amostragens nos rios Murici e Preto, afluentes do Araguaia, no norte de Tocantins, detectaram pelo menos 22 indivíduos em um transecto de 1 km em vegetação de várzea (T. Dornas, obs. pess.).

Embora se perceba uma população extremamente numerosa, os empreendimentos hidrelétricos previstos para o baixo Araguaia e médio Tocantins acarretarão a perda do *habitat* da espécie em cerca de 50% de sua distribuição geográfica. Tendo em vista a sensibilidade da espécie e sua dependência de *habitat* gerados pelo ciclo de cheia e vazante dos rios, infere-se que haverá um declínio populacional superior a 30% para a espécie nos próximos 20 anos (três gerações) (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A maior ameaça atual são os muitos empreendimentos hidrelétricos que estão sendo implantados e planejados em sua extensão de ocorrência (oficina de avaliação). Os reservatórios das usinas projetadas certamente alagarão grande parte da área de ocupação da espécie. Exemplos disso são os empreendimentos planejados: a) UHE de Marabá (Pará): o reservatório está programado para alcançar a barragem da UHE de Santa Isabel no rio Araguaia e UHE Serra Quebrada em Itaguatins (T. Dornas, obs. pess.); b) UHE de Santa Isabel (Tocantins): sua barragem está programada para a região das corredeiras de Santa Isabel, no rio Araguaia. O reservatório alcançaria a região da sede municipal de Araganã (T. Dornas, obs. pess.); c) UHE de Araganã (Tocantins): barragem prevista para região de Araganã, com reservatório chegando próximo a Araguacema, na região de influência do Cantão e Ilha do Bananal; d) UHE de Serra Quebrada (Tocantins): barragem será estabelecida entre Itaguatins e Imperatriz, no rio Tocantins, de modo que seu reservatório alcançaria a barragem da UHE de Estreito, já estabelecida e em funcionamento (T. Dornas, obs. pess.).

A UHE de Estreito, recém-inaugurada, tem um reservatório que começa em Estreito, Maranhão, alcançando a sede municipal de Palmeirante, Tocantins (T. Dornas, obs. pess.). O rio Farinha, um importante tributário do lado maranhense do rio Tocantins, área de potencial presença de *C. ferdinandi*, teve mais de 20 km de leito inundado a partir de sua foz. Caso todos os projetos previstos sejam executados, serão praticamente 500 km de rio alterado para cada um dos dois grandes rios afetados, mais seus tributários.



Ações de conservação

Cercomacra ferdinandi está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal, que prevê a identificação e o mapeamento de áreas relevantes para implantação de corredores ecológicos nas áreas de ocorrência dessa espécie⁶³¹.

Presença em unidades de conservação

Tocantins: PE do Cantão⁸⁹², PARNA do Araguaia⁸⁹², APA Ilha do Bananal/Cantão⁹⁵²;
Mato Grosso/Goiás: APA Meandros do Rio Araguaia⁸⁹².

Pesquisas

Estudos acerca da territorialidade e biologia reprodutiva da espécie foram desenvolvidos. Mais estudos sobre a biologia da espécie necessitam ser realizados principalmente com relação à distribuição geográfica e tamanho populacional nos afluentes dos rios Araguaia e Tocantins, nos estados do Maranhão, Pará, Goiás, Mato Grosso e Tocantins.

Hypocnemis ochrogyna Zimmer, 1932

Luiz Augusto Macedo Mestre & Alexandre Aleixo

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nome comum: cantador-ocráceo



Foto: Cal Martins

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c

Justificativa

Hypocnemis ochrogyna ocorre no nordeste da Bolívia e oeste do Brasil, sendo encontrada nos estados de Rondônia e Mato Grosso (na porção centro-sul até o alto Xingu), além da Bolívia. Ocupa principalmente florestas de terra firme, com distribuição visivelmente sobreposta às áreas de desmatamento mais intenso no bioma e no estado de Rondônia. Apesar de ser mais comum em florestas próximas a clareiras, a espécie parece ser sensível à fragmentação. A perda florestal no estado de Rondônia, nos últimos 15 anos (tempo aproximado de três gerações) é estimada entre 22 e 37%. Considerando que a espécie é sensível à fragmentação e alterações florestais, suspeita-se que tenha havido um declínio populacional de pelo menos 30% nesse período. Por estas razões, *H. ochrogyna* foi categorizada como Vulnerável (VU) A2c.



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁸⁷	LC

Outros nomes aplicados ao táxon

Hypocnemis cantator ochrogyna Zimmer, 1932.

Distribuição geográfica

Ocorre predominantemente no Centro de Endemismo Rondônia: nordeste da Bolívia e oeste do Brasil^{389,643,855}. No entanto, a distribuição também inclui uma faixa ampla que vai da fronteira entre Rondônia e Mato Grosso, até o alto Xingu, passando pelas cabeceiras dos rios Tapajós e Xingu^{643,1281}. Nas porções altas dos interflúvios Tapajós-Xingu, hibridiza-se numa área aparentemente restrita com *Hypocnemis striata*¹²⁸¹.

Zimmer¹³¹¹ descreveu este táxon tendo a localidade-tipo como Tapirapoã (Tangará da Serra), Mato Grosso (coletado em 1914 por G. Cherrie). Foi registrada no noroeste do Mato Grosso, próximo aos rios Guaporé e alto rio Sepotuba⁹⁴⁰; entre o rio Madeira e rio Ji-Paraná/Machado, estendendo-se entre o estado de Rondônia e o centro-sul do Mato Grosso^{637,1206,1281}; no nordeste da Bolívia, no rio Beni⁹⁴⁰ e na Estação Biológica de Caparú, neste mesmo país¹²⁷²; em florestas úmidas e inundadas nas margens do rio Madeira (várzea), a cerca de 100 km a nordeste de Porto Velho, Rondônia (A. Aleixo, obs. pess.).



História natural

Alimenta-se principalmente de artrópodes. Apesar de ser mais comumente observada em sub-bosque de florestas de terra firme, também ocorre em florestas inundáveis de várzea e florestas de galeria, nas zonas de transição, no sul de sua área de ocorrência¹²⁷². A maioria dos registros é de indivíduos solitários ou casais, alimentando-se principalmente próximos ao chão da floresta. São geralmente observados



procurando seu alimento em aglomerados de folhas secas em locais mais abertos como beira de mata e clareiras. Como reportado para *Hypocnemis peruviana*, esta espécie possivelmente utiliza um ninho suspenso próximo ao chão da floresta³²⁸. O tempo geracional da espécie é estimado em 4,8 anos¹⁴⁴.

Como outras espécies do mesmo gênero, os casais cantam geralmente em dueto e podem defender pequenos territórios próximos a clareiras¹⁰⁸⁷. Por esse motivo, apesar de ocorrerem principalmente em florestas primárias, também foram registrados em matas secundárias, manejadas, matas ciliares e florestas sazonalmente inundadas¹²⁰⁶.

População

Espécie pouco estudada e ainda sem estimativa precisa do número de indivíduos ou de populações. A perda florestal no estado de Rondônia, um dos principais locais de ocorrência da espécie, nos últimos 15 anos (tempo aproximado de três gerações) é estimada entre 22 e 37%. Considerando que a espécie é sensível à fragmentação e alterações florestais, suspeita-se que tenha havido um declínio populacional de pelo menos 30% nesse período (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* é a principal ameaça à esta espécie. *Hypocnemis ochrogyna* é sensível à perturbação do seu *habitat*, pois, apesar de ocorrer próximo a clareiras, fica evidente que tem preferência por áreas menos perturbadas de floresta de terra firme, uma vez que sua frequência é menor em áreas perturbadas (até mesmo manejadas) e a espécie acompanha bandos mistos, formações que são prejudicadas pela alteração de *habitat*. Sua área de ocorrência é relativamente pequena (quando comparada com outras espécies deste gênero), sendo grande parte desta em áreas com as maiores taxas de desmatamento da Amazônia.

Ações de conservação

Existentes

Hypocnemis ochrogyna está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

Ações de conservação para esta espécie devem envolver a preservação de grandes áreas íntegras de floresta de terra firme na Amazônia Ocidental Sul, uma região altamente impactada num passado recente e também para onde ainda estão previstas grande obras de desenvolvimento de programas do governo federal.

Presença em unidades de conservação

Rondônia: PARNA Serra da Cutia⁸⁸⁴, REBIO do Jaru⁶¹⁸, FLONA Jamari⁴⁸¹;

Mato Grosso: ESEC da Serra das Araras¹²⁹¹.

Pesquisas

Esta espécie foi recentemente separada de outras do mesmo gênero por diferenças vocais e morfológicas, sendo que o complexo *H. cantator* foi dividido em seis espécies distintas⁶⁴³. Bates e colaboradores estudaram diferenças filogenéticas baseadas em DNA mitocondrial usando espécimes do gênero *Hypocnemis* provenientes de Mato Grosso, Rondônia e Santa Cruz, Bolívia. Apesar dos trabalhos citados, não há estudos ecológicos ou demográficos sobre a espécie, incluindo estudos populacionais, comparações locais de densidade e registros da preferência por *micro-habitat*. Importantes estudos também devem focar hábitos reprodutivos e alimentares para melhor compreensão de sua biologia e para embasar medidas mais concretas para sua conservação.



Phlegopsis nigromaculata confinis Zimmer, 1932

Alexandre Aleixo, Tibério C. T. Burlamaqui & Sidnei de Melo Dantas

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: mãe-de-taoca



Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3c+4c

Justificativa

Phlegopsis nigromaculata confinis é endêmica do Brasil, restrita ao Centro de Endemismo Xingu, localizado no interflúvio Xingu-Tocantins, região que vem sofrendo altas taxas de desmatamento. A subespécie perdeu cerca de 60% de seu *habitat* original, nos últimos 40 anos. Com base numa comparação com os dados obtidos para uma espécie com distribuição similar (*Hylexetastes brigidai*), sua distribuição se sobrepõe a uma área de intenso desmatamento, sendo possível inferir que o táxon perderá cerca de 40% de *habitat* atual nos próximos 15 anos (três gerações), o que deve refletir em declínio populacional equivalente, tendo em vista que a subespécie ocorre apenas em grandes áreas de floresta. Assim, suspeita-se de perda populacional superior a 30% em três gerações, envolvendo passado e futuro; projeta-se também uma perda populacional superior a 30% em três gerações futuras. Por estas razões, *P. n. confinis* foi categorizada como Vulnerável (VU) A3c+4c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Phlegopsis nigromaculata confinis abrange a população de *P. nigromaculata* restrita ao Centro de Endemismo Xingu, entre a margem leste do rio Xingu e a margem oeste do rio Tocantins. Estudos moleculares revelaram que essa população é reciprocamente monofilética em relação às demais de *P. nigromaculata*, justificando seu tratamento no mínimo como espécie filogenética independente ou unidade evolutiva significativa de importância para a conservação²⁴ (Burlamaqui *et al.*, dados não publicados).

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, restrita ao Centro de Endemismo Xingu, localizado no interflúvio Xingu-Tocantins, no Pará^{1312a}.



História natural

Ocorre em floresta de terra firme alta não perturbada e floresta degradada. Pula no solo e através da ramaria mais baixa, balança a cauda para cima, pousa em brotos verticais. Uma das espécies mais ligadas às formigas de correição¹⁰⁹⁵. Consta que segue também varas de catetos ou queixadas para capturar as presas espantadas por esses mamíferos. Nidifica próximo ao solo em ninho em forma de taça, sendo o casal aparentemente auxiliado por jovens criados no ano anterior¹⁰⁹⁷. O tempo geracional é estimado em 4,5 anos¹⁴⁴.

População

Na FLONA de Caxiuanã, *P. n. confinis* foi considerada incomum, embora presente em todos os seis *plots* de 100 ha amostrados¹²⁵⁷. Neste mesmo trabalho, houve um total de 218 contatos em pontos de escuta com este táxon amostrados entre maio de 2003 e junho de 2005, não detectando nenhuma variação significativa de abundância entre os seis *plots* amostrados.

Reportado como comum na FLONA de Tapirapé-Aquiri, onde foi a 19ª espécie mais frequentemente capturada nas redes (S.M. Dantas & C.C. Almeida, dados não publicados). Na APA de Tucuruí, em uma área bastante fragmentada, foram registrados oito indivíduos em cerca de 110 horas de censo por pontos, sendo capturados cinco indivíduos em 9.000 horas-rede (Henrique & Dantas, dados não publicados). Todos os registros se deram no maior fragmento amostrado.

A perda de *habitat* na última década e a previsão de perda permite suspeitar que a perda populacional em três gerações, englobando passado e futuro, seja superior a 30% (oficina de avaliação).

Com base em modelagens de perda de *habitat*¹³⁷, infere-se que este táxon perderá cerca de 40% de *habitat* atual nos próximos 15 anos (três gerações), o que deve refletir em declínio populacional equivalente, tendo em vista que *P. n. confinis* ocorre apenas em grandes áreas de floresta (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

Desmatamento e degradação florestal. A subespécie sofreu perda de *habitat* de cerca de 60% em relação à sua distribuição original, nos últimos 40 anos, sendo a maior parte dessa perda na última década. Com base numa comparação com dados obtidos para uma espécie com distribuição similar (*Hylexetastes brigidai*), sua distribuição se sobrepõe a uma área de intenso desmatamento, sendo possível inferir que o táxon perderá cerca de 40% de *habitat* atual nos próximos 15 anos¹³⁷.

Ações de conservação

Existentes

Phlegopsis nigromaculata confinis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

Manutenção e criação de novas unidades de conservação na área de distribuição do táxon e redução do desmatamento na região.

Presença em unidades de conservação

Pará: FLONA de Carajás⁹¹⁰, FLONA de Caxiuanã¹²⁵⁷, FLONA de Tapirapé-Aquiri (S.M. Dantas & C.C. Almeida, dados não publicados), APA Lago de Tucuruí (L.M.P. Henriques & S.M. Dantas, dados não publicados).

Pesquisas

É necessária a realização de um estudo ecológico com o táxon, possivelmente com uso de radiotransmissores, para elucidação de fatores ambientais necessários para a sua sobrevivência.

Phlegopsis nigromaculata paraensis Hellmayr, 1904

Alexander Charles Lees & Nárgila G. de Moura

Ordem: Passeriformes
Família: Thamnophilidae

Nome comum: mãe-de-taoca



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Phlegopsis nigromaculata paraensis é endêmica do Brasil, ocorrendo a sul do rio Amazonas, do leste



do Pará (margem leste do rio Tocantins) ao oeste amazônico do Maranhão. Tem tamanho populacional pequeno, com cerca de 3.000 indivíduos maduros. A subespécie sofreu perda de *habitat* de cerca de 70% em relação à sua distribuição original. É restrita a grandes áreas de floresta, mas também já foi registrada em mata secundária e em matas que sofreram corte seletivo. Suspeita-se de declínio populacional continuado, podendo atingir 10% em três gerações (15 anos). Por estas razões, *P. n. paraensis* foi categorizada como Vulnerável (VU) C1.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{30,814}	EN A4c; B1ab(i)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará: EN
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

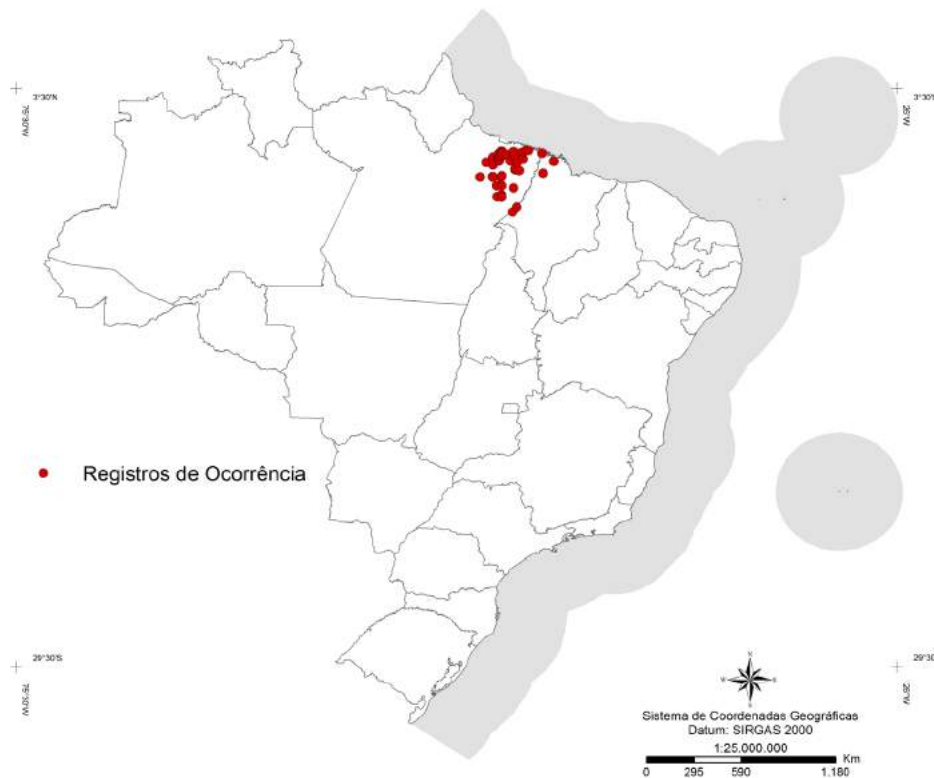
Phlegopsis paraensis Hellmayr, 1904.

Notas taxonômicas

Phlegopsis nigromaculata paraensis é uma futura candidata a ser elevada a espécie plena, com base nas diferenças morfológicas e genéticas com as demais subespécies de *P. nigromaculata*.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, estando restrita ao Centro de Endemismo Belém, ocorrendo a sul do rio Amazonas, do leste do Pará (margem leste do rio Tocantins) ao oeste do Maranhão³⁰.



História natural

Restrita ao sub-bosque de floresta primária de terra firme, florestas secundárias antigas e de várzea,



abaixo de 400 m¹⁰⁹⁵. Todas as subespécies de *Phlegopsis nigromaculata* são seguidoras obrigatórias de formigas de correição, principalmente da espécie *Eciton burchelli*, porém, ocasionalmente, *Eciton rapax* e *Labidus praedator*¹²⁹⁶. Forrageia solitária, aos casais ou em grupos familiares, associada a colunas de formigas de correição, percorrendo grandes distâncias em busca de colônias ativas^{1296,1312}. Quando está seguindo formigas de correição fica a maior parte do tempo entre 0,1 e 0,5 m das formigas; geralmente usam pousos finos verticais ou galhos caídos mais ou menos horizontais, a pouca altura do solo¹²⁹⁶. Quando seguem uma correição, existe uma forte hierarquia em relação ao domínio dos melhores locais para a captura de presas espantadas pelas formigas e *Phlegopsis* exerce grande dominância em relação a outras espécies associadas¹²⁹⁶. Um ninho foi descoberto em uma floresta de inundação estacional no mês de junho, na Colômbia, colocado a 1 m do solo, dentro de uma madeira apodrecida, a 10 cm de profundidade, próximo a um pequeno córrego³²⁸.

O táxon era escasso no mosaico de paisagem de Paragominas, com registro em seis das dezoito microbacias, em florestas primárias e secundárias⁷¹¹ (A.C. Lees, dados não publicados). Portes *et al.*⁹⁶⁵ encontraram o táxon apenas em fragmentos florestais remanescentes com alta qualidade. Essa subespécie foi encontrada persistindo em uma floresta secundária antiga na área rural do município de Vigia, Pará, onde muitas outras espécies da Família Thamnophilidae tornaram-se localmente extintas (A.C. Lees & N.G. Moura, dados não publicados). O táxon também persiste em paisagens florestais fragmentadas próximas à cidade de Belém³⁰.

Outras subespécies de *P. nigromaculata* mostraram padrões similares na resposta à perda e degradação florestal. Uma investigação revelou que não há divergência aparente na sequência genética da espécie em ambos os lados do rio Teles Pires em Alta Floresta, Mato Grosso, que possui de 200 a 700 m de largura sugerindo periódicos eventos de dispersão através do rio¹⁰⁴ e, portanto, por inferência, a capacidade de fazer eventos ocasionais de dispersão de longa distância em paisagens hostis. Também foi observada quatro vezes cruzando descontinuidades do dossel estreitos, da largura de estradas não pavimentadas⁷⁰⁴; outros membros da Família, também seguidores de formigas de correição, realizam movimentos extensivos em áreas de floresta contínua⁵⁷³.

O tempo geracional da espécie é estimado em 4,5 anos²⁵⁸.

População

Suspeita-se que o tamanho populacional seja pequeno, com cerca de 3.000 indivíduos maduros. Com base na substancial perda histórica de *habitat* (restam apenas cerca de 30% da cobertura florestal original dentro de sua área de distribuição)^{1105,1183}, suspeita-se que haja declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A maior ameaça ao táxon é a perda e fragmentação de seu *habitat* preferencial, a floresta primária de terra firme, um resultado da sua dependência de formigas que necessitam de contínuas áreas florestais para evitar a diminuição local de suas presas^{697,705}.

Ações de conservação

Existentes

Phlegopsis nigromaculata paraensis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

A manutenção de grandes áreas de proteção, que possibilitaria a preservação de *Eciton burchelli*, espécie de formiga de correição, além de paisagens de produção com extensiva cobertura de floresta primária e alta conectividade entre as paisagens serão críticos para a sobrevivência da espécie em longo prazo.



Presença em unidades de conservação

Maranhão: REBIO do Gurupi⁷¹⁵.

Pesquisas

A história natural da espécie como um todo tem sido objeto de vários estudos¹²⁹⁶. Há estudos que investigam a resposta da espécie à perda e degradação de *habitat* como parte de comunidade de aves^{557,697}. Porém, não há estudos específicos sobre essa espécie para explorar seu comportamento em *habitat* fragmentados, o que deveria ser objetivo para pesquisas futuras.

Rhegmatorhina gymnops Ridgway, 1888

Alexander Charles Lees & Nárgila G. de Moura

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nome comum: mãe-de-taoca-de-cara-branca



Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3bc+4bc

Justificativa

Rhegmatorhina gymnops é endêmica do Brasil, ocorrendo no interflúvio Tapajós-Xingu. É restrita à floresta primária, sendo altamente sensível à fragmentação e outros tipos de modificação de seu *habitat*. Sua distribuição geográfica vem sofrendo alta taxa de desmatamento e sobrepõe-se à área de influência da BR-163. Modelagens de perda populacional a partir da perda de *habitat* indicam um declínio entre 32 e 35% em um período de 15 anos (aproximadamente três gerações) envolvendo passado e futuro e também em 15 anos apenas no futuro. Por essas razões, *R. gymnops* foi categorizada como Vulnerável (VU) A3bc+4bc.

Outras avaliações

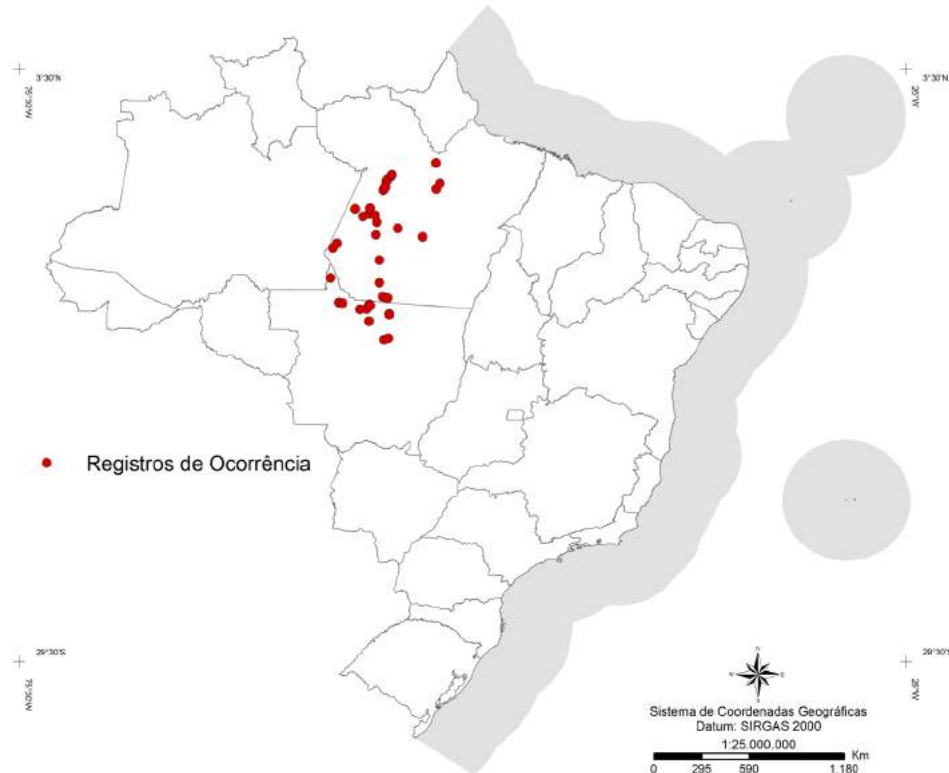
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁸⁸	VU A3c

Distribuição geográfica

Endêmica do sudeste da Amazônia brasileira, ocupando 157.738 km² entre a margem direita do rio



Tapajós e a margem esquerda do rio Xingu, sendo limitada ao norte pelo rio Amazonas^{1255,1312}. O limite de distribuição a sul não é bem conhecido: ocorre em áreas de terra firme, nas duas margens do rio Teles Pires em Alta Floresta, no Mato Grosso, mas não houve registros na floresta transicional na Serra dos Caiabis, 90 km a sul desta região⁶⁹⁹.



História natural

Ocorre apenas em sub-bosque de floresta primária de terra firme, abaixo de 400 m^{1004,1095,1205}. Todos os membros do gênero *Rhigmatorhina* são seguidores de formigas de correição obrigatórios, principalmente da espécie *Eciton burchelli*, porém, ocasionalmente *Eciton rapax* e *Labidus praedator*. Quando está seguindo formigas de correição, a espécie fica a maior parte do tempo entre 0,1 e 0,5 m das formigas; geralmente usam pousos finos verticais ou galhos caídos mais ou menos horizontais, a pouca altura do solo. Raramente pulam no chão, porém, rapidamente pulam sobre os galhos e ramos caídos. A maioria das presas é capturada em voo ou próximas ao solo. Geralmente predam insetos, aranhas e outros artrópodes e aparentemente gostam mais de baratas e grilos e nunca predam as formigas que estão cleptoparasitando. Observações de campo têm mostrado que as fêmeas adultas sempre estão com parceiros, porém pode haver um excesso flutuante de machos sem parceiras⁷¹⁰. O ninho de *Rhigmatorhina gymnops* não foi oficialmente descrito, porém há uma foto⁴⁶¹ mostrando um ninho no fundo de um tronco apodrecido, em lugar similar ao de *Gymnopithys leucaspis*¹²⁹⁴.

População

Não há estimativas de tamanho populacional para a espécie, mas dois estudos estimaram o futuro declínio da população, baseado em cenários de desmatamento. Vale *et al.*¹²⁵⁵ relatou que a distribuição da espécie poderia diminuir 38% até 2020 (de 157.738 km² para 98.598 km²). Bird *et al.*¹³⁷ calculou que a espécie poderia perder entre 32% e 35% da cobertura florestal em sua distribuição em três gerações (15 anos), aumentando para 32-45% considerando apenas os efeitos da fragmentação. Assim sendo, infere-se que haverá declínio populacional entre 32 e 35% em um período de 15 anos (aproximadamente três gerações) envolvendo passado e futuro e também em 15 anos apenas no futuro (oficina de avaliação).



Henriques *et al.*⁵⁵⁷ encontraram que *R. gymnops* é menos abundante em florestas com corte seletivo pouco perturbada do que em áreas de floresta primária, corroborando estudos prévios que mostraram que muitas aves seguidores de correição são afetadas negativamente pelo corte seletivo^{1243,789}. Outros estudos^{1207,295} têm mostrado que seguidores obrigatórios de correição podem recolonizar pequenos fragmentos de floresta primária, caso eles estejam dentro de uma matriz de floresta secundária. Uma investigação genética de *Rhegmatorhina gymnops* nos dois lados do rio Teles Pires, em Alta Floresta, revelou que não há divergência aparente na sequência genética em ambos os lados (que possui 200 a 700 m de largura) sugerindo periódicos eventos de dispersão através do rio¹⁰⁴ e, portanto, por inferência, a capacidade de fazer eventos ocasionais de dispersão de longa distância em paisagens hostis. Esta espécie também foi observada cinco vezes cruzando descontinuidades do dossel da largura de estradas não pavimentadas⁷⁰⁴. Outros membros da Família, seguidores de formigas de correição, também realizam movimentos extensivos em áreas de floresta contínua⁵⁷³.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A maior ameaça à espécie é a perda, fragmentação e degradação de seu *habitat* preferencial, a floresta primária de terra firme. Sua distribuição geográfica vem sofrendo alta taxa de desmatamento e sobrepõe-se à área de influência da BR-163, entre Santarém, no Pará, e Peixoto de Azevedo, no Mato Grosso, onde há forte pressão de desmatamento⁴⁵⁶. Pelo menos 25% da cobertura florestal nessa região já foi perdida¹²⁵⁵.

Essa espécie tem sido considerada extremamente sensível à fragmentação florestal, um resultado da sua dependência de formigas que necessitam de contínuas áreas florestais para evitar a diminuição de suas presas^{697,705}. Por exemplo, *Rhegmatorhina gymnops* antigamente ocupava um fragmento florestal suburbano de 230 ha, nas periferias de Alta Floresta, Mato Grosso. Porém, extinguiu-se localmente em 1997, aproximadamente 17 anos depois do isolamento desse fragmento e seguindo a extinção local de *Eciton burchelli*⁷⁰⁵.

Ações de conservação

Existentes

Rhegmatorhina gymnops está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

A conservação desta espécie está atrelada à manutenção e conectividade de grandes áreas de proteção, capazes de manter as populações da formiga da qual depende (*Eciton burchelli*).

Presença em unidades de conservação

Pará: REBIO Nascentes da Serra do Cachimbo¹⁰⁶⁴, FLONA do Tapajós⁵⁵⁸, FLONA do Trairão⁶¹⁹;
Mato Grosso: PE do Cristalino^{322,1313}, PARNA do Jurueña³²⁰, RPPN Cristalino¹³¹³.

Pesquisas

O único estudo focado na história natural de *R. gymnops* foi uma observação qualitativa realizada por Willis e publicada em 1969¹²⁹⁴. Subsequentes estudos exploraram a variação genética na espécie¹⁰⁴ e alguns dados têm sido coletados sobre os impactos da perda e perturbação das florestas sobre a espécie^{697,1299}. Porém, não há estudos específicos sobre seu comportamento em *habitat* fragmentados, o que deveria ser objetivo para futuras pesquisas.



Conopophaga cearae (Cory, 1916)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

A espécie consta na Portaria MMA nº 444/2014 como *Conopophaga lineata cearae* Cory, 1916.

Ordem: Passeriformes

Família: Conopophagidae

Nome comum: chupa-dente



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Conopophaga cearae é endêmica do nordeste do Brasil. Sua área de ocupação atual é de 144 km². Há fragmentação da população e declínio continuado da qualidade de *habitat* e da área de ocupação. Assim, *C. cearae* foi categorizada como Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{503,814}	VU* B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Conopophaga lineata cearae*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Conopophaga lineata cearae Cory, 1916.

Distribuição geográfica

Conopophaga cearae ocorre atualmente nas serras de Baturité e do Machado, em Itaitira e Canindé, no Ceará e do Rio Grande do Norte à Bahia⁵⁰³.

No Ceará, esta ave pode ocupar ou ter ocupado as serras próximas do maciço de Baturité, como Aratanha, Maranguape e Uruburetama, mas não foram realizados estudos adequados nesses locais. As serras de Uruburetama, Matas e Meruoca são ainda desconhecidas pelos ornitólogos e estão próximas da distribuição de *Conopophaga roberti*, podendo abrigar uma ou as duas espécies⁵⁰³.

A área de ocupação (AOO) de *C. cearae* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro atuais, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 144 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita florestas úmidas nos estratos inferiores da mata, utilizando inclusive a vegetação de borda. Tolera áreas degradadas em regeneração, nas quais chega a nidificar, desde que essas áreas fiquem próximas a uma floresta mais conservada. No Ceará, restringe-se às serras onde há vegetação úmida. Do Rio Grande do Norte a Alagoas habita áreas de baixada¹²⁸⁵.

População

Em 2008 foi considerada bastante comum na Serra de Baturité, no Ceará, onde foram registrados 50 e 75 indivíduos/100 horas de observação, em duas localidades distintas⁵⁰³. Também é comum em Quebrangulo (AL) (C. Albano, com. pess., 2013). A população é considerada severamente fragmentada, uma vez que está vinculada à existência de floresta conservada e que os fragmentos ficam muito distantes entre si, considerando o baixo poder de deslocamento do táxon (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A perda de *habitat* é a principal ameaça⁵⁰³. Há declínio continuado da qualidade de *habitat* e da área de ocupação devido a atividades antrópicas, sobretudo agropecuária e loteamentos (oficina de avaliação).

A população recentemente encontrada na Serra do Machado, Ceará, está provavelmente fadada à extinção: segundo levantamento recente da Sociedade Nordestina de Ecologia, restam cerca de dez fragmentos florestais, que somam pouco mais de 70 ha. As florestas entre o Rio Grande do Norte e Alagoas também estão extremamente fragmentadas e os maiores remanescentes florestais têm aproximadamente 3.500 ha. A Serra de Baturité tem uma floresta com cerca de 20.000 ha, apresentando trechos em diferentes estados de conservação. Entretanto, esta ave não ocorre em toda a sua extensão, apesar de relativamente tolerante a ambientes alterados⁵⁰³.



Ações de conservação

Existentes

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Necessárias

A criação de unidades de conservação e de corredores ecológicos beneficiariam este táxon. Possivelmente, translocações poderiam minimizar os efeitos de um isolamento reprodutivo⁵⁰³.

Presença em unidades de conservação

Ceará: APA da Serra de Baturité⁵⁰³;

Paraíba: REBIO Guaribas⁵⁰³;

Pernambuco: ESEC de Caetés⁵⁰³, ESEC de Tapacurá⁵⁰³, PE Dois Irmãos⁵⁰³, REBIO Saltinho⁵⁰³, REVIS Matas do Sistema Gurjaú⁷⁵⁸, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷;

Alagoas: ESEC de Murici⁵⁰³;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada⁵⁰³.

Pesquisas

Estudos relacionando variabilidade genética, assimetria flutuante, parasitismo, distribuição e densidade podem ajudar a dimensionar os efeitos da fragmentação florestal sobre as populações de *C. cearae*; estudos sobre o status taxonômico deste táxon são fundamentais⁵⁰³.

Conopophaga lineata lineata (Wied, 1831)

Fernanda Pinto Marques, Suylane Barbalho de Lima Silva & Danielle Custódio Leal

Ordem: Passeriformes

Família: Conopophagidae

Nome comum: chupa-dente



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B1ab(iii)

Justificativa

Conopophaga lineata lineata é endêmica das serras do sul da Bahia (Serra das Lontras, Serra Bonita e Ouricana). Sua extensão de ocorrência (EOO) foi calculada em 5.992 km². As populações são



consideradas severamente fragmentadas e há declínio continuado na qualidade de *habitat*. Assim sendo, *C. l. lineata* foi categorizada como Vulnerável (VU) B1ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Myiagrus lineatus Wied, 1831; *Conopophaga lineata hellmayri* Pinto, 1936; *Conopophaga lineata rubecula* Neumann, 1931.

Distribuição geográfica

É endêmica das serras do sul da Bahia (Serra das Lontras, Serra Bonita e Ouricana). Os registros atuais restringem-se aos municípios de Arataca, Camacan, Boa Nova e Vitória da Conquista (oficina de avaliação).

A EOO foi calculada através do mínimo polígono convexo (MPC) que uniu todos os pontos de registro atuais conhecidos do táxon. A EOO resultou em 5.992 km² (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa florestas perenes e matas de galeria; também em matas secundárias antigas. Alimenta-se de artrópodes e, ocasionalmente, vertebrados e frutos¹²⁸⁵. Pode ocorrer em matas com alguma alteração ambiental e capoeiras.

População

As populações são consideradas severamente fragmentadas e há declínio populacional continuado



devido à perda de qualidade de *habitat*. As populações atuais estão isoladas nas áreas mais altas do sul da Bahia, sem qualquer possibilidade de conexão entre si, tendo em vista que o poder de deslocamento da espécie é baixo e não há observação de travessias em matrizes não florestais (oficina de avaliação).
Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* é a principal ameaça ao táxon (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Conopophaga lineata lineata está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA de Boa Nova¹²⁸⁹.

Conopophaga melanops nigrifrons Pinto, 1954

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Conopophagidae

Nome comum: cuspidor-de-máscara-preta



Foto: Cristine Prates

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(iii)

Justificativa

Conopophaga melanops nigrifrons é endêmico do Centro de Endemismo Pernambuco. Atualmente, os remanescentes de floresta nessa área somam cerca de 2.200 km². Considerando que o táxon é dependente de floresta em bom estado de conservação e não está presente em todos os fragmentos, é razoável inferir que sua área de ocupação seja inferior a 2.000 km². A população é severamente fragmentada e há declínio continuado de *habitat*. Sendo assim, *C. m. nigrifrons* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelo critério B2ab(iii).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1027}	VU B2ab(i,ii,iii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Conopophaga melanops nigrifrons é uma forma endêmica do Centro de Endemismo Pernambuco e que, provavelmente, foi separada da forma nominal por barreiras geográficas (como o rio São Francisco, por exemplo)¹⁰²⁷.

Distribuição geográfica

É restrito ao Centro de Endemismo Pernambuco, ocorrendo na costa nordeste do Brasil⁵²⁸. Nessa região, os fragmentos de mata somam cerca de 2.200 km². Considerando que a espécie é restrita a floresta bem conservada e não ocorre em todos os fragmentos, é razoável supor que sua área de ocupação atual (AOO) não ultrapasse 2.000 km² (oficina de avaliação).



História natural

É dependente de florestas bem conservadas, ainda que ocorra em suas bordas e em áreas de vegetação secundária (oficina de avaliação). Alimenta-se de pequenos artrópodes. É espécie sedentária¹²⁸⁵. Ocorre solitário, aos pares ou em pequenos grupos (cinco a oito indivíduos); acompanha formigas de correição¹⁰²⁷.

População

É comum apenas em áreas bem preservadas e pouco impactadas. Devido à fragmentação do *habitat*, à dependência do táxon a áreas bem conservadas e a seu baixo poder de deslocamento em matrizes não



florestais, sua população é considerada severamente fragmentada (oficina de avaliação).
Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça à espécie é a perda de *habitat*¹²⁸⁵. Há declínio continuado da área e da qualidade do *habitat*, uma vez que as poucas florestas remanescentes ainda são pressionadas pela expansão urbana e agrícola (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

O táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Necessárias

Para a conservação de *C. m. nigrifrons* recomenda-se proteção e recuperação de *habitat* e melhor entendimento da biologia deste táxon para subsidiar programas de conservação. Um sistema eficiente de corredores ecológicos seria importante para manutenção de populações isoladas¹⁰²⁷.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas¹⁰²⁷;

Pernambuco: REBIO Saltinho¹⁰²⁷, ESEC do Tapacurá¹⁰²⁷, PE Dois Irmãos¹⁰²⁷, ESEC do Tapacurá¹²³⁸, REVIS Matas do Sistema Gurjaú¹⁰²⁷, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Frei Caneca¹⁰²⁷;

Alagoas: ESEC de Murici^{1027,1285}.

Pesquisas

É necessária uma revisão taxonômica para elucidar o status de *C. m. nigrifrons* e também mais estudos sobre a biologia básica do táxon¹⁰²⁷.

Grallaria varia distincta Todd, 1927

Alexander Charles Lees, Vitor de Queiroz Piacentini, André De Luca & Ciro Albano

Ordem: Passeriformes

Família: Grallariidae

Nome comum: tovacuçu



Foto: Pablo Cerqueira



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4c

Justificativa

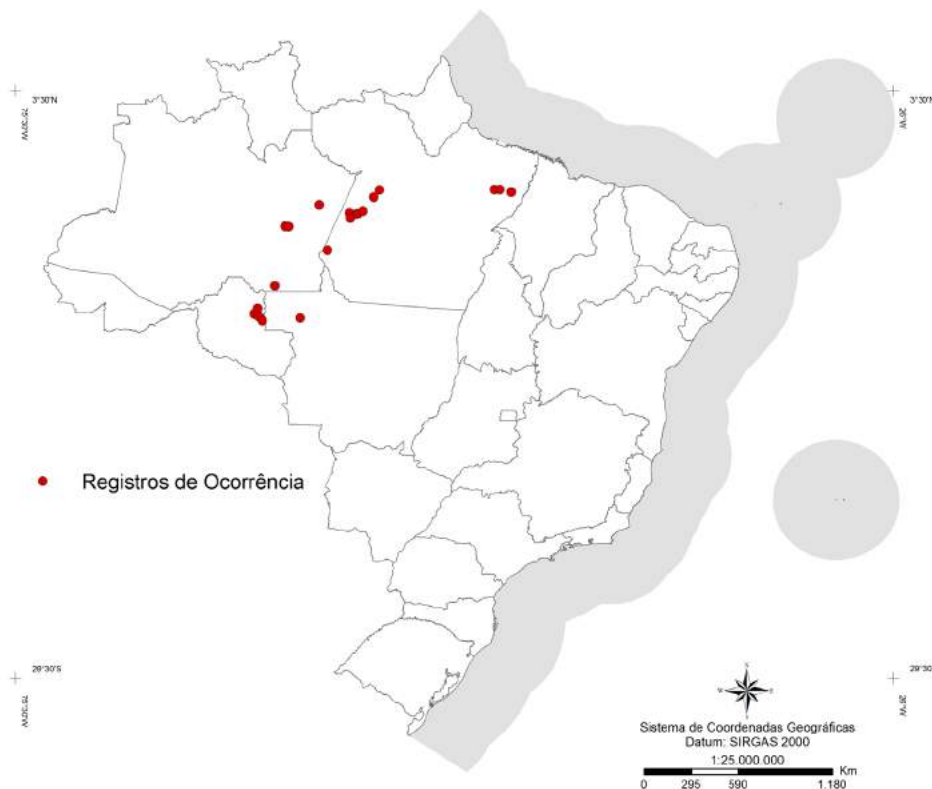
Grallaria varia distincta ocorre no norte do Brasil, a sul do rio Amazonas (entre o rio Madeira e o leste do Pará). Estima-se que houve declínio populacional devido à perda e alteração de *habitat*, uma vez que este táxon é bastante exigente quanto ao *habitat*, não tolerando nem mesmo matas onde foi realizado corte seletivo. A construção de hidrelétricas em sua área de ocupação causará nova perda populacional, de modo que infere-se que esta perda, no passado e futuro, ultrapasse 30% em três gerações (12 anos). Portanto, *G. v. distincta* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério A4c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Distribuição geográfica

Ocorre no norte do Brasil, a sul do rio Amazonas e a leste do rio Madeira^{528,679}. Apesar da distribuição relativamente ampla, sua ocorrência é pontual, em áreas da Amazônia com o terreno mais acidentado.



História natural

Habita florestas úmidas, via de regra em áreas de terreno irregular com grotas ou inclinações; alimenta-se de invertebrados (baratas, gafanhotos, minhocas, aranhas e centopeias). É solitária e usualmente terrícola, embora costume subir em árvores para cantar e também dormir, sendo uma espécie sedentária⁶⁷⁹.

É sensível a qualquer forma de degradação das florestas onde vive, sendo restrita a florestas primárias



intactas. Até mesmo exploração seletiva de madeira afeta este táxon, uma vez que essa prática altera o *micro-habitat* ocupado pela ave⁸²⁸.

População

Modelagens feitas para táxons cuja distribuição é semelhante a de *G. v. distincta* (ex. *Xiphorhynchus spixii*) projetam uma perda de *habitat* entre 31 e 48% entre os anos de 2002 e 2016 neste bioma¹³⁷. Além disso, há 26 projetos de instalação de hidrelétricas nas bacias do Madeira e Tapajós, que afetarão a área de ocupação deste táxon⁴⁶³. Três deles já estão em construção⁶³⁹. Assim sendo, estima-se que haverá uma perda populacional superior a 30% considerando a janela temporal de três gerações no passado e futuro (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça ao táxon é a perda, fragmentação e alteração de *habitat*, uma vez que o táxon é dependente de florestas primárias em bom estado de conservação^{705,828}. A expansão agrícola, o corte seletivo e a construção de hidrelétricas⁴⁶³ são os principais geradores destas ameaças. Mudanças climáticas também podem ser uma ameaça na porção sul da distribuição do táxon, onde a perda de umidade das florestas favorece a ocorrência de queimadas e a diminuição da população de grandes invertebrados, reduzindo a disponibilidade de alimento para a espécie.

Ações de conservação

Existentes

O táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

Necessárias

A manutenção de uma rede adequada de áreas protegidas com extensas áreas de floresta primária não perturbada é a ação mais importante para a conservação da espécie.

Presença em unidades de conservação

Amazonas: FLONA do Pau Rosa⁴⁰¹;

Pará: FLONA de Carajás (obs. pess. dos autores), FLONA do Tapajós⁷⁰¹, FLONA do Trairão (obs. pess. dos autores);

Amazonas/Pará: PARNA da Amazônia¹⁰⁴⁶;

Rondônia: ESEC Antônio Mujica Nava⁸⁸⁴, REBIO do Jaru⁶¹⁸;

Maranhão: REBIO do Gurupi (obs. pess. dos autores);

Mato Grosso: PE do Cristalino⁷⁰⁸.

Pesquisas

Não são conhecidas pesquisas específicas sobre o táxon. Uma revisão dos limites taxonômicos e geográficos de todo o complexo poderá revelar novas espécies. Estudos adicionais sobre os requerimentos ecológicos das populações amazônicas fortalecerão análises futuras de seu estado de conservação.



Grallaria varia intercedens Berlepsch & Leverkühn, 1890

Vitor de Queiroz Piacentini, André De Luca & Ciro Albano

Ordem: Passeriformes

Família: Grallariidae

Nome comum: tovacuçu



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B1ab(i,ii,iii,iv)

Justificativa

Grallaria varia intercedens é endêmica de alguns estados do nordeste e sudeste do Brasil. Os registros atuais restringem-se ao sul da Bahia. A extensão de ocorrência atual foi calculada em 6.603,58 km². As populações são severamente fragmentadas e há declínio continuado na extensão de ocorrência, área de ocupação, qualidade do *habitat* e número de subpopulações, uma vez que há extinção local do táxon. Assim, *G. v. intercedens* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério B1ab(i,ii,iii,iv).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1150}	VU B1ab(i)+2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Grallaria imperator intercedens Berlepsch & Leverkühn, 1890.

Distribuição geográfica

Ocorre no nordeste do Brasil, nos estados de Pernambuco (registros sem localidade definida) e Bahia. A atribuição das populações de Minas Gerais e Espírito Santo a esta forma^{528,679} requer confirmação. Os registros atuais restringem-se a unidades de conservação do sul da Bahia (oficina de avaliação).

A extensão de ocorrência (EOO) foi calculada através do mínimo polígono convexo (MPC) que uniu todos os pontos de registro atuais da espécie. O cálculo da EOO resultou em 6.603,58 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita florestas úmidas e matas secundárias maduras. Diferentemente das demais populações da Mata Atlântica (*G. v. imperator*), parece estar menos associada a ambientes montanos, ocorrendo regularmente nas matas de tabuleiro do leste da Bahia. Alimenta-se de invertebrados (baratas, gafanhotos, minhocas, aranhas e centopeias). É solitária, terrícola e, presumivelmente, sedentária⁶⁷⁹.

População

O táxon tem sofrido extinções locais, havendo registros atuais apenas para o sul da Bahia. Há fragmentação severa da população, uma vez que sua ocorrência está restrita a unidades de conservação isoladas entre si (oficina de avaliação). O único registro para Pernambuco é de uma pele do século XIX, cuja procedência requer confirmação.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A perda de *habitat* é a maior ameaça ao táxon. Sua extensão de ocorrência foi severamente reduzida devido ao avanço agrícola e à expansão urbana na Mata Atlântica. Há perda de área de ocupação e de qualidade de *habitat* devido à fragmentação das matas (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Grallaria varia intercedens está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: ESEC de Nova Esperança¹¹⁵⁰, PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, PARNA de Boa Nova¹²⁸⁹, PARNA do Descobrimento⁴⁰⁷, PARNA e Histórico do Monte Pascoal¹¹⁵⁰, PARNA do Pau Brasil¹¹⁵⁰, REBIO de Una¹¹⁵⁰, RPPN Ecoparque de Una¹¹⁵⁰, RPPN Estação Veracel¹¹⁵⁰, RPPN Serra do Teimoso¹¹⁵⁰.



Pesquisas

É necessária uma revisão dos limites taxonômicos e geográficos desta forma.

Hylopezus paraensis Sneathlage, 1910

Alexander Charles Lees & Alexandre Aleixo

Ordem: Passeriformes

Família: Grallariidae

Nome comum: torom-do-pará



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3c

Justificativa

Hylopezus paraensis é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas no Centro de Endemismo Belém e na porção norte do Centro de Endemismo Xingu. Sofreu perda de *habitat* maior do que 70% em relação à sua distribuição original. Dados de modelagem para um táxon com distribuição e tempo geracional semelhantes (*Lepidothrix iris iris*) projetam uma probabilidade de perda de *habitat* entre 60 e 68%, em três gerações futuras, o que corresponde a um declínio populacional estimado em mais de 30%, considerando o fato de que a espécie é sensível a alterações do *habitat*. Por estas razões, *H. paraensis* foi categorizada como Vulnerável (VU) A3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Grallaria macularia paraensis Sneathlage, 1910; *Hylopezus macularius paraensis* (Sneathlage, 1910).

Notas taxonômicas

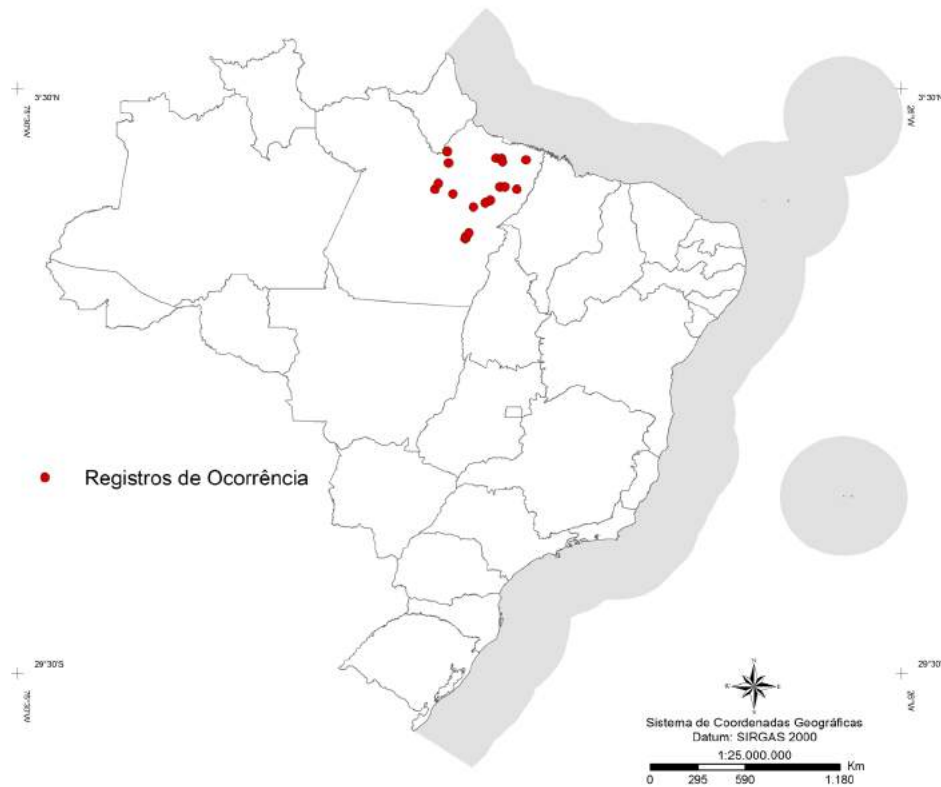
Uma revisão sistemática recente da espécie politípica *Hylopezus macularius* (Grallariidae), baseada em caracteres morfométricos, de plumagem, vocais e moleculares, apoiou o monofiletismo recíproco entre as quatro linhagens principais de *H. macularius*, três das quais correspondem a táxons já nomeados (*dilutus*, *macularius* e *paraensis*), e uma a um táxon até então anônimo. O estudo mostrou que estes quatro táxons são mutuamente diagnosticáveis por meio de uma combinação de caracteres vocais e



morfológicos. Portanto, recomendou-se tratá-los como espécies separadas com base em conceitos de espécie alternativos³⁴⁰.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo apenas no Centro de Endemismo Belém e na porção norte do Centro de Endemismo Xingu: a sul do rio Amazonas, da margem leste do rio Xingu à Amazônia maranhense^{25,1176}.



História natural

Hylopezus paraensis, assim como outros membros do grupo *macularius*, ocorre em florestas de terra firme⁶⁷⁹. Não há observações de campo publicadas sobre a ecologia desta espécie, mas outros táxons do grupo *macularius* forrageiam no chão, em floresta úmida e exigem um bosque aberto, com pelo menos algum solo exposto⁶⁷⁹.

População

Portes *et al.*⁹⁶⁵ registraram esta espécie em apenas dois remanescentes florestais importantes no Centro de Endemismo Belém, dentre um total de nove amostrados. Um levantamento de cinco meses no município de Paragominas, em agosto-novembro de 2010 e maio 2011, registrou este táxon somente duas vezes em duas microbacias diferentes em floresta primária (intacta ou explorada por corte seletivo)^{711,826}. A espécie é considerada potencialmente extinta na região metropolitana de Belém onde não tem registros há cinco décadas⁸²⁷.

Não há dados disponíveis sobre o tamanho da população (atual ou anterior), mas pode-se inferir que um declínio substancial histórico ocorreu com base numa perda de *habitat* maior do que 70% em relação à sua distribuição original^{1105,1183}.

Dados de modelagem para um táxon com distribuição e tempo geracional semelhantes (*Lepidothrix iris iris*) projetam uma probabilidade de perda de *habitat* entre 60 e 68%, em três gerações futuras¹³⁷, o que corresponde a um declínio populacional estimado em mais de 30%, considerando o fato de que a



espécie é sensível a alterações do *habitat* (oficina de avaliação).

Ameaças

Assim como a maioria dos Grallariidae, os membros do complexo *Hylopezus macularis* são muito sensíveis aos efeitos da perda, fragmentação e perturbação de *habitat*^{705,1208}.

Tendência populacional: declinando.

Ações de conservação

Existentes

Hylopezus paraensis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

É necessária a criação de mais unidades de conservação na região de distribuição da espécie e proteção das unidades já existentes. Para garantir a sobrevivência desta espécie e de outras, será fundamental garantir, nas paisagens produtivas, a manutenção da conectividade estrutural e funcional entre os fragmentos florestais existentes. Isso só pode ser alcançado por meio de procedimentos eficazes de comando e controle, significando que proprietários privados devam cumprir suas obrigações legais em relação a áreas protegidas⁷⁰³.

Presença em unidades de conservação

Pará: REBIO do Gurupi⁷¹⁵, FLONA de Carajás⁹¹⁰, FLONA de Caxiuanã¹²⁵⁷, FLONA de Tapirapé-Aquiri (S.M. Dantas & C.C. Almeida, com. pess., 2011).

Pesquisas

Além da descrição da espécie e de alguns inventários que registraram este táxon, praticamente não há estudos publicados sobre *H. paraensis*.

Merulaxis stresemanni Sick, 1960

Vitor de Queiroz Piacentini, Romulo Ribon & Ciro Albano

Ordem: Passeriformes

Família: Rhinocryptidae

Nome comum: entufado-baiano



Foto: Ciro Albano



Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) D

Justificativa

Merulaxis stresemanni é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na costa da Bahia e em Minas Gerais. O único local onde a espécie tem sido registrada na última década tem sido a Reserva Mata do Passarinho, que abrange os municípios de Macarani na Bahia e Bandeira em Minas Gerais, onde foram registrados apenas seis indivíduos em 2009/2010, constituindo-se esta a população global da espécie atualmente confirmada. Este bloco abrange também o município de Jordânia, em Minas Gerais. A região, inclusive histórica, onde a espécie ocorre, é afetada pela expansão da pecuária, da cacauicultura e da silvicultura (eucalipto), queimadas e pequenos desmates nas bordas da floresta remanescente para agricultura familiar no bloco florestal de Bandeira/Jordânia/Macarani. Dessa forma, *M. stresemanni* foi avaliada como Criticamente em Perigo (CR) D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ¹¹⁵¹	CR B1ab(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais: CR
Avaliação global ²⁵⁰	CR B1ab(i,ii,iii,v); C2a(i,ii); D

Notas taxonômicas

Embora esta espécie seja semelhante a *M. ater*, sua vocalização é bastante distinta, o que reforça a identidade específica de *M. stresemanni*¹⁰⁹⁵.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil; é possível que ainda ocorra na costa da Bahia^{400,680}, mas atualmente há registros





comprovados apenas em Minas Gerais^{117,400,1151}. Os únicos registros documentados recentemente foram feitos na região de Macarani (Reserva Mata do Passarinho), na divisa entre Bahia e Minas Gerais⁴⁰⁰.

História natural

Registrada no solo e no sub-bosque de floresta primária, na borda ou interior, em uma mancha de floresta estacional semidecidual e floresta ombrófila. Ocorre desde poucos metros acima do nível do mar até 800 m de altitude (Reserva Mata do Passarinho). Alimenta-se de insetos. É sedentária^{400,680}. Troncos caídos e cipós foram positivamente correlacionados à presença da espécie⁴⁰⁰.

É uma das espécies de aves menos conhecidas do Brasil; foi descrita com base em dois espécimes de museu obtidos no leste da Bahia e só foi observada na natureza muito tempo depois, em 1995¹⁰⁸, próximo a um dos locais de coleta original. Posteriormente, nos anos 2000, mais indivíduos foram gravados, observados e filmados no nordeste de Minas Gerais^{400,1001,1289}. A espécie parece vocalizar ao longo de todo o ano e macho e fêmea têm cantos distintos, o que facilita a determinação da razão sexual da população conhecida e de outras potencialmente existentes⁴⁰⁰. O tamanho médio do território de três indivíduos estudados na Reserva Mata do Passarinho foi 3,6 ha.

Espécimes de museu recentemente localizados remontam à primeira metade do século XIX e, infelizmente, não trazem nenhuma informação adicional de localidade (Peters 2004, V.Q. Piacentini, em preparação).

População

Conhecida por longo período por apenas dois espécimes coletados próximo a Salvador, na década de 1830, e próximo a Ilhéus, em 1945. Não há registro para a REBIO de Una (maior área protegida próxima aos locais de registro da espécie), mas a espécie foi gravada e fotografada em 1995 na Fazenda Jueirana, uma reserva de orquídeas vizinha a esta REBIO. Apesar do uso de *playback*, pesquisas subsequentes não obtiveram sucesso na localização da espécie na área^{400,680} (S.S. de Souza, com. pess., 2013).

O único local onde a espécie tem sido registrada na última década é a Reserva Mata do Passarinho, que abrange os municípios de Macarani na Bahia e Bandeira em Minas Gerais, onde foram registrados apenas seis indivíduos em 2009/2010, constituindo-se esta a população global da espécie atualmente confirmada⁴⁰⁰. *Tendência populacional*: desconhecida.

Ameaças

A perda de *habitat* é a principal causa do desaparecimento de *M. stresemanni*: boa parte das florestas de baixada que existiam na sua provável área de distribuição já foram severamente alteradas ou simplesmente desapareceram. A endogamia causada pelo isolamento e pelo baixo número de indivíduos também pode ser uma séria ameaça à espécie¹¹⁵¹. A eventual predação de filhotes e adultos por gatos e cães ferais ou semiferais não pode ser descartada como uma ameaça aos poucos indivíduos remanescentes. As principais atividades desenvolvidas na região são pecuária, cacauicultura e silvicultura (eucalipto).

Ações de conservação

Existentes

Esta espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹. O sucesso de ninhos artificiais monitorados continuamente para sua reprodução, deve ser verificado, bem como analisada a possibilidade de manejo em semicativeiro, com fornecimento de alimento e locais de nidificação.

Necessárias

É urgente a proteção imediata, através da implantação de unidades de conservação, do bloco florestal contíguo e fragmentos vizinhos à Reserva Mata do Passarinho. Caso localizada outra(s) população(ões) deve-se considerar a possibilidade de translocação de indivíduos para o fortalecimento da população da Reserva Mata do Passarinho.



Presença em unidades de conservação

Não há registros em unidades de conservação. É possível que ocorra na REBIO de Una, Bahia^{400,1151} apesar de uma busca ativa ter sido feita em parte da reserva, bem como na RPPN Serra Bonita, RPPN Estação Veracel, na REBIO Mata Escura e na Fazenda Limoeiro (Almenara, Minas Gerais), todas sem sucesso⁴⁰⁰. A Reserva Mata do Passarinho, pertencente à Biodiversitas, onde está a única população atualmente conhecida de *M. stresemanni* não é uma unidade de conservação oficialmente decretada.

Pesquisas

Existentes

Acompanha-se a colonização de ninhos artificiais pela espécie, após estudo piloto conduzido com *M. ater* na Reserva Ecológica de Guapiaçu, Rio de Janeiro, em 2011 e 2012. Um protocolo para monitoramento de *M. stresemanni*, em longo prazo, foi elaborado para a Reserva Mata do Passarinho¹³⁰⁷.

Necessárias

estudos taxonômicos com base em caracteres morfológicos, bioacústicos e moleculares para se estabelecer a validade deste e de outros táxons do gênero, incluindo a forma *M. rhyolopha*, coletada no sul da Bahia. Também são necessários estudos sobre a biologia básica da espécie¹¹⁵¹. Recomenda-se também a busca, com uso de *playback*, por novas populações nas florestas remanescentes de sua provável distribuição original na costa central da Bahia^{400,1151}.

Eleoscytalopus psychopompus (Teixeira & Carnevalli, 1989)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Rhinocryptidae

Nome comum: macuquinho-baiano



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B1ab(ii,iii)

Justificativa

Eleoscytalopus psychopompus é endêmica do Brasil, com registros apenas para seis localidades da Bahia. Sua extensão de ocorrência (EOO) foi calculada em 2.547 km². A espécie é dependente de floresta de baixada preservada, em áreas próximas a cursos d'água. A região onde esta espécie ocorre é afetada pela expansão da agricultura e silvicultura e pela instalação de infraestruturas, que levam à fragmentação severa da população, considerando a baixa mobilidade da espécie entre fragmentos. Seu



estado de conservação poderá ser agravado com a diminuição das Áreas de Preservação Permanente (APP) em decorrência das mudanças na legislação ambiental brasileira, já que é uma espécie dependente de mata ciliar. Dessa forma, *E. psychopompus* foi avaliada como Em Perigo (EN) B1ab(ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{759,814}	DD*
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁸⁶	CR B1ab(i,ii,iii,iv,v)

*Avaliada como *Scytalopus psychopompus*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Scytalopus psychopompus Teixeira & Carnevalli, 1989.

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, ocorre apenas na costa da Bahia⁶⁸⁰, havendo registro para seis localidades (oficina de avaliação).

A EOO de *E. psychopompus* foi calculada através do mínimo polígono convexo (MPC) que uniu todos os pontos de registro atuais conhecidos da espécie. A EOO resultou em 2.547 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita vegetação densa em áreas alagadas de florestas de baixada, abaixo de 50 m de altitude. Não há registros sobre sua alimentação. É provável que seja sedentária⁶⁸⁰. É dependente de matas ciliares, preferindo áreas escuras da mata (oficina de avaliação).



População

Schnell *et al.*¹⁰⁷⁸ consideram que esta espécie possui população severamente fragmentada.
Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A extensiva destruição da Mata Atlântica costeira na Bahia e o desaparecimento dos últimos pequenos remanescentes de *habitat* aparentemente favoráveis são ameaças severas a *E. psychopompus*⁶⁸⁰. A região onde esta espécie ocorre é afetada pela expansão imobiliária, da agricultura e da silvicultura. A construção do Porto Sul, em Ilhéus, também pode afetar seu *habitat*. Seu estado de conservação poderá ainda ser agravado devido à diminuição das APPs, em decorrência das mudanças na legislação ambiental brasileira, já que é uma espécie dependente de mata ciliar (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Está contemplada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Não há registros da espécie em unidades de conservação.

Pesquisas

Recomenda-se a busca de populações em todas as manchas de *habitat* remanescentes ao redor das localidades nas quais a espécie já foi registrada⁶⁸⁰.

Scytalopus diamantinensis Bornschein, Maurício, Belmonte-Lopes, Mata & Bonato, 2007

Caio Graco Machado, Romulo Ribon, Lemuel Olívio Leite & Elivan Arantes de Sousa

Ordem: Passeriformes

Família: Rhinocryptidae

Nome comum: tapaculo-da-chapada-diamantina



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii)

Justificativa

Scytalopus diamantinensis é endêmico da Bahia, com ocorrência restrita à Serra de Sincorá. Sua área de ocupação (AOO) foi calculada em 32 km². Considerando a principal ameaça às populações



- incêndios descontrolados - foram reconhecidas cinco localizações para a espécie. Há declínio continuado da qualidade de *habitat* devido à substituição da vegetação natural por plantações de café e banana, à retirada de lenha para uso doméstico e industrial e ao turismo desordenado. Por essas razões, *S. diamantinensis* foi categorizado como Em Perigo (EN), pelos critérios B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁸⁹	NT

Distribuição geográfica

Endêmico da Bahia, com ocorrência na Serra de Sincorá (Chapada Diamantina, porção baiana da Cadeia do Espinhaço). Os registros desta espécie se limitam aos municípios de Bonito, Abaíra, Ibicoara, Lençóis, Iramaia e Barra da Estiva²⁹⁶, entre cotas de 850 a 1.600 m de altitude.

A área de ocupação (AOO) de *S. diamantinensis* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 32 km² (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa o sub-bosque denso e sombreado, a uma altura de 1 a 2 m, em ramos de pequeno diâmetro no interior de florestas e capoeiras altas; eventualmente pode visitar áreas de campo rupestre com vegetação herbácea e arbustiva densa, adjacente a ambiente florestal. Não há informações precisas sobre a dinâmica reprodutiva. Ocorrem solitários ou aos pares; são insetívoros. É tolerante a certo grau de alteração de *habitat*, persistindo em áreas com vegetação secundária²⁹⁶.



População

Não há informações sobre tamanho e dinâmica populacional.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

As principais ameaças à espécie envolvem perda e fragmentação de *habitat*. A vegetação natural de sua área de distribuição vem sendo substituída por plantações de café e banana. Há também retirada de lenha para uso doméstico e industrial. O fogo, utilizado indiscriminadamente como ferramenta para limpar pastagens ou preparar áreas para plantio, também é uma séria ameaça. Por fim, há perda de qualidade de *habitat* devido ao turismo desordenado^{296,348}.

Considerando-se que incêndios descontrolados afetam com frequência a área de distribuição desta espécie e que é possível a extinção de populações inteiras devido a esta ameaça, pode-se afirmar que *S. diamantinensis* está presente em menos de cinco localizações (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Scytalopus diamantinensis está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Necessárias

Fiscalização das unidades de conservação e implantação do plano de manejo do PARNA da Chapada Diamantina, especialmente no que tange à regularização fundiária do Parque.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Chapada Diamantina²⁹⁶.

Pesquisas

São necessárias pesquisas que melhorem o conhecimento sobre a biologia, busquem novas populações na Chapada Diamantina e avaliem os padrões populacionais da espécie.

Scytalopus novacapitalis Sick, 1958

Gustavo Malacco

Ordem: Passeriformes

Família: Rhinocryptidae

Nome comum: tapaculo-de-brasília



Foto: Cristine Prates



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii)

Justificativa

Scytalopus novacapitalis ocorre no centro do Brasil, sendo restrita a matas de galeria, em altitudes entre 860 e 1.200 m. Infere-se que sua área de ocupação seja de 72 km². As populações são severamente fragmentadas e há declínio continuado de área e qualidade do *habitat* (poluição, perda de vazão por uso de pivô central, pisoteio pelo gado, mineração etc.). Sendo assim, *S. novacapitalis* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelo critério B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	NT
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais: VU
Avaliação global ¹⁹⁰	NT

Outros nomes aplicados ao táxon

Scytalopus indigoticus novacapitalis Sick, 1958.

Distribuição geográfica

Ocorre no centro do Brasil, localmente, no Distrito Federal e oeste de Minas Gerais⁶⁸⁰. A área de ocupação (AOO) de *S. novacapitalis* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro atuais, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 72 km² (oficina de avaliação).





História natural

Ocupa matas de galeria, especialmente partes inundadas permanentemente, com *Blechnum* sp. e *Euterpe* sp. Alimenta-se de insetos, aranhas e outros invertebrados. É provavelmente sedentária⁶⁸⁰. Restrito a matas de galeria, em altitudes entre 860 e 1.200 m.

População

Rara, no geral. Ocorre em baixas densidades e possui distribuição local⁶⁸⁰. Em Brasília, foram estimados menos de 100 indivíduos na década de 80. Para a Serra da Canastra, não há censos populacionais, mas acredita-se que a população não deva ultrapassar 100 indivíduos.

Em cerca de 46 matas amostradas, em mais de 300 censos, a espécie só foi encontrada em dois locais, sendo registrados um e dois indivíduos (M.A. Marini, com. pess., 2013). A população encontrada no município de Araxá, Minas Gerais, no ano de 2014, destaca-se entre os estudos realizados, onde foram identificados cerca de 59 indivíduos em 43 pontos amostrais (G. Malacco, obs. pess.).

As populações do Distrito Federal/Noroeste de Minas Gerais e do Oeste/Sul de Minas Gerais estão isoladas (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

São ameaças à espécie: perda de *habitat* devido ao avanço da agricultura, fogo, drenagem de áreas alagadas⁶⁸⁰, barragem de rios, uso de água para pivô central e quaisquer outras alterações nas matas de galeria (M.A. Marini, com. pess., 2013). Na região do Alto Paranaíba, onde identificou-se população representativa da espécie (em Araxá), as atividades de mineração são uma ameaça, visto que as barragens de rejeito e depósitos de estéril são implementados em ambientes de matas de galeria, sobrepondo ao *habitat* da espécie.

Ações de conservação

Existentes

Scytalopus novacapitalis está contemplado no Plano de Ação para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal, que prevê a identificação e o mapeamento de áreas relevantes para implantação de corredores ecológicos nas áreas de ocorrência dessa espécie⁶³¹.

Necessárias

Recomenda-se maior atenção no processo de licenciamento ambiental de atividades minerárias na região do Alto Paranaíba, em especial nos municípios de Araxá, Tapira e Patrocínio, sendo sugerido melhor avaliação das alternativas locais das estruturas adjacentes, em especial, as barragens de rejeito e depósitos de estéril.

Presença em unidades de conservação

Distrito Federal: PARNA de Brasília⁷⁴⁸, APA Gama e Cabeça de Veado⁴⁴⁸, FLONA de Brasília¹²⁸⁹;

Goias/Distrito Federal: APA do Planalto Central⁴⁴⁸;

Minas Gerais: PARNA da Serra da Canastra¹²⁸⁹, PARNA da Serra do Cipó¹²⁹², APA do Morro da Pedreira¹²⁹², RPPN EPDA Galheiro (G. Malacco, obs. pess.).

Pesquisas

O Laboratório de Ecologia e Conservação de Aves da Universidade de Brasília já desenvolveu pesquisas sobre a distribuição e área de ocupação desta espécie.



Scytalopus iraiensis Bornschein, Reinert & Pichorim, 1998

Rafael Antunes Dias & Giovanni Nachtigall Mauricio

Ordem: Passeriformes

Família: Rhinocryptidae

Nome comum: macuquinho-da-várzea



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Scytalopus iraiensis é endêmico do Brasil, ocorrendo nos estados sulinos e em Minas Gerais. A área de ocupação da espécie é estimada em menos de 500 km². A população é severamente fragmentada e há declínio continuado de área de ocupação e qualidade de *habitat*. Dessa forma, *S. iraiensis* foi avaliada como Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,982}	EN B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,443a,444}	Paraná: EN Santa Catarina: EN Rio Grande do Sul: EN
Avaliação global ²⁵¹	EN A3c+4c; B1ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(i)

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil. Ocorre nos estados de Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul⁷⁹⁵; o primeiro estado foi incluído em sua distribuição conhecida apenas recentemente. Buscas específicas no estado de São Paulo não resultaram em registros da espécie, fato que sustenta a hipótese de que a população mineira está isolada daquelas dos estados do sul¹²⁶⁵.

A área de ocupação (AOO) de *S. iraiensis* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro atuais, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 232 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita banhados com capinzais altos e extremamente densos, cobertos com *Eleocharis*, outras ciperáceas e gramíneas^{680,795}. No Paraná, ocupa paisagens que intercalam Campos Naturais e Floresta Ombrófila Mista¹²¹⁵. Alimenta-se de insetos e de outros pequenos artrópodes. É espécie sedentária.

É de difícil visualização, raramente expõe-se no alto da densa vegetação das áreas úmidas em que habita^{795,982}. Passa praticamente toda sua existência junto ao solo úmido ou encharcado, em quase total escuridão, transitando ao longo de pequenas trilhas na base das plantas^{795,982}.

População

Considerada rara; está extinta na sua localidade-tipo, onde era comum⁶⁸⁰. As maiores populações por localidade específica ocorrem no Banhado dos Pachecos, em Viamão (G. A. Bencke, com. pess., 2013) e no Banhado do Maçarico, em Rio Grande (obs. pess. dos autores), ambas localidades no Rio Grande do Sul. Contudo, se considerada a escala regional (e não apenas uma única localidade), a maior população da espécie provavelmente seja aquela que ocupa os Campos de Cima da Serra, no sudeste de Santa Catarina e nordeste do Rio Grande do Sul; nessa região, são conhecidas numerosas localidades de ocorrência da espécie, em uma delas tendo sido registrados dezenas de indivíduos⁹⁸⁸. A população global é considerada severamente fragmentada; acredita-se que haja ao menos 2.000 indivíduos no total, mas essa estimativa não é segura (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* é a principal ameaça à espécie, sendo que esta perda pode ter diversas causas: a) drenagem das áreas alagáveis devido a sistemas de canalização para o desenvolvimento da agricultura e pecuária; b) construção de barragens e açudes; c) expansão urbana; d) desenvolvimento industrial; e) extração de areia do subsolo; f) queimadas⁶⁸⁰; g) construção de estradas⁹⁸²; h) superpopulação de plantas ruderais¹²¹⁵; i) substituição da vegetação original por espécies invasoras, especialmente a taboa (*Typha*



domingensis), talvez em consequência de drenagem deficitária causada pela construção de estradas⁹⁸²; j) poluição por defensivos agrícolas e contaminação dos rios por efluentes não tratados^{795,1215}.

Ações de conservação

Existentes

Scytalopus iraiensis está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para a Conservação das Aves dos Campos Sulinos que tem como objetivos melhorar o estado de conservação das espécies-alvo, reduzindo a perda, degradação e fragmentação de *habitat*^{634a,788}. Também está inserida no PAN Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹ e no PAN Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

É urgente a criação de áreas protegidas na área de ocorrência da espécie, especialmente na região dos Campos de Cima da Serra^{680,795,982,988}. Recomenda-se para o REVIS Banhado dos Pachecos, no Rio Grande do Sul, a definição de um polígono com proteção mais restritiva na área de ocupação desta espécie. A criação de uma unidade de conservação de uso indireto no Banhado do Maçarico, em Rio Grande, também é necessária.

É importante ainda a implementação de programas de fiscalização que garantam o cumprimento da legislação que protege APPs e a criação de programas de esclarecimento à população sobre a importância e necessidade de proteção das várzeas^{795,982}.

Presença em unidades de conservação

Minas Gerais: PARNA da Serra da Canastra¹²⁶⁵, PARNA da Serra do Cipó¹²⁶⁵, RPPN Aves Gerais³⁴⁵;

Paraná: APA Estadual do Rio Iraí¹²¹⁵, APA Estadual do Rio Pequeno¹²¹⁵;

Santa Catarina: FLONA de Três Barras³⁸²;

Rio Grande do Sul/Santa Catarina: PARNA de Aparados da Serra⁹⁸²;

Rio Grande do Sul: REVIS Banhado dos Pachecos⁹⁸².

Pesquisas

Existentes

Um estudo de filogenia molecular⁷⁹⁰ identificou que a população mineira da espécie apresenta uma divergência genética considerável em relação às populações dos estados do sul. Contudo, a análise da plumagem e do canto não encontrou diferenças entre as aves de Minas Gerais e as do sul do Brasil quanto aos parâmetros tradicionalmente usados em avaliações taxonômicas no gênero *Scytalopus*¹²⁶⁵.

Necessárias

Devido ao pouco conhecimento sobre a biologia e distribuição da espécie, pesquisas sobre sua história natural e levantamentos em áreas de ocorrência potencial devem ser feitas^{680,795}. Estimativas de tamanho populacional e estudos taxonômicos são importantes para subsidiar futuras avaliações do estado de conservação da espécie.



Scytalopus gonzagai Maurício, Belmonte-Lopes, Pacheco, Silveira, Whitney & Bornschein, 2014

Giovanni Nachtigall Maurício

Ordem: Passeriformes

Família: Rhinocryptidae

Nome comum: macuquinho-preto-baiano



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii)

Justificativa

Scytalopus gonzagai é endêmica do Brasil, sendo conhecida de apenas cinco localidades, distribuídas nos municípios baianos de Boa Nova, Iguai e Arataca. Está ameaçado pela perda de *habitat* (desmatamento e corte seletivo de florestas montanas), que acentua a fragmentação de sua população remanescente. O número máximo de indivíduos foi estimado em cerca de 2.800. A área de ocupação (AOO) foi calculada em pouco menos de 60 km². É possível que a população e a AOO sejam um pouco maiores, uma vez que há outras áreas de *habitat* adequado à espécie na região, mas certamente não o suficiente para ultrapassar o limiar de 500 km². Dessa forma, *Scytalopus gonzagai* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelos critérios B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo exclusivamente na Mata Atlântica montana do sudeste da Bahia, onde foi registrada apenas nos municípios de Boa Nova, Iguai e Arataca. A espécie foi registrada em cinco localidades: Serra do Rio Preto, Serra do Pote (ambas em Iguai), Morro do Inglês, Mata do Dr. Mauro (ambas em Boa Nova) e serras das Lontras e do Javi (conjunto de pequenas serras em Arataca). Sua AOO foi calculada em 5.885 ha de acordo com Maurício *et al*⁷⁹³. No complexo serrano de Lontras-Javi, a espécie foi registrada entre 660 e 880 m (sobre o nível do mar) ao passo que nas demais áreas somente acima de 930 m.



História natural

Ocupa o sub-bosque de florestas montanas perenes (Floresta Ombrófila Densa Montana), geralmente primárias. Frequentemente encontrada no interior de densos taquarais formados por taquaras dos gêneros *Chusquea* e *Merostachys*, dentro de matas primárias. Foi registrada exclusivamente na faixa altitudinal de 660-1.100 m sobre o nível do mar. É uma espécie pouco conspicua, que vive na vegetação densa e escura de locais úmidos, junto ao solo ou pouco acima deste.

População

A espécie é incomum. Uma estimativa de sua densidade em 28 ha de floresta, na Serra das Lontras, permitiu inferir que a população atual de *S. gonzagai* seja pouco maior que 2.800 indivíduos maduros⁷⁹³. A população encontra-se severamente fragmentada, acompanhando a fragmentação de *habitat*, situação agravada pelo fato de que esta espécie possui baixa mobilidade; presume-se que essa característica reduza o potencial de dispersão para além da floresta densa (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Cerca de metade da AOO da espécie encontra-se em unidades de conservação recém-criadas. Entretanto, mais de 40% da AOO da espécie encontra-se sob pressão de desmatamento para extração clandestina de madeira e queimadas frequentes para expansão agropecuária, incluindo sua localidade-tipo, a Serra do Rio Preto⁷⁹³.

Ações de conservação

Existentes

Scytalopus gonzagai está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹. A espécie está presente em duas unidades de conservação de proteção integral, o que representa a ação concreta mais importante para salvaguardar suas maiores populações conhecidas.



Necessárias

Sugere-se a realização de ações de cunho socioambiental nos municípios de Iguai e Boa Nova, visando a construção de políticas públicas municipais voltadas à conservação do patrimônio genético e ambiental. Essas políticas poderiam incluir o incentivo à criação de RPPNs e de programas de educação ambiental.

As localidades de Serra do Pote e Serra do Rio Preto (esta última, a localidade-tipo de *S. gonzagai*), ambas em Iguai, são regiões fundamentais para implantação de projetos conservacionistas que envolvessem as comunidades locais, a exemplo das ações em andamento no município de Boa Nova lideradas pela organização não-governamental SAVE Brasil.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA de Boa Nova⁷⁹³, PARNA Serra das Lontras⁷⁹³.

Pesquisas

Não existem pesquisas em andamento sobre o táxon.

São necessárias buscas pela espécie em fragmentos de mata montana ainda não visitadas nos municípios de Iguai, Boa Nova e entorno. Esforços para estimar o tamanho populacional da espécie nessa região devem ser concretizados.

Chamaeza nobilis fulvipectus Todd, 1927

Alexandre Aleixo, Alexander Charles Lees & Sidnei de Melo Dantas

Ordem: Passeriformes

Família: Formicariidae

Nome comum: tovaca-estriada



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c+3c+4c

Justificativa

Chamaeza nobilis fulvipectus é endêmica do Brasil, ocorrendo entre os rios Madeira e Xingu, em área sobreposta ao Arco do Desmatamento. Parece ocorrer em baixas densidades, ocupando *habitat* restritos, exigindo florestas altas e maduras com sub-bosque aberto e palmeiras. É bastante sensível à fragmentação e alteração de *habitat*. Considerando a perda de *habitat* passada e projetada nessa região, a área de influência das rodovias BR-163 e Transamazônica e as hidrelétricas em construção e previstas ao longo da bacia dos rios Tapajós e Xingu, suspeita-se que tenha havido uma perda de *habitat* de cerca



de 27%, em 15 anos (tempo aproximado de três gerações da espécie). Infere-se que esta perda de *habitat* reflita em perda populacional equivalente, que deve permanecer nas três gerações futuras, considerando-se as políticas atuais de uso da área. Assim, *C. n. fulvipectus* foi categorizada como Vulnerável (VU) A2c+3c+4c.

Outras avaliações

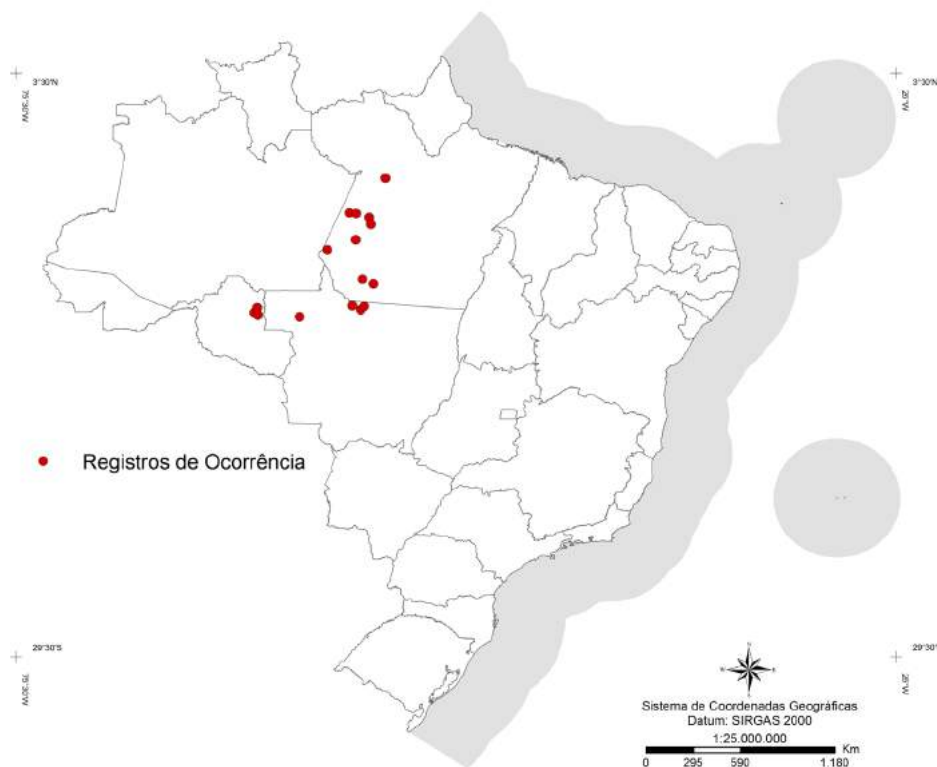
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

A variação em caracteres de plumagem e canto entre as subespécies de *Chamaeza nobilis*, inclusive *C. n. fulvipectus*, é bastante significativa, o que pode justificar seu tratamento como espécies independentes, conforme já postulado por alguns autores⁶⁷⁹. Futuros estudos filogeográficos poderão confirmar essa hipótese.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, sendo restrita à área entre os rios Madeira e Xingu (confirmado a partir de dados da coleção do MPEG).



História natural

Ocorre em floresta de terra-firme alta, com sub-bosque aberto⁶⁷⁹, frequentemente perto de igarapés (A. Aleixo & A. C. Lees, obs. pess.). Indivíduos solitários ou em pares andam pelo solo da mata lentamente. Aparentemente, a espécie fica calada várias semanas ao longo do ano, quando sua detecção é bastante prejudicada^{679,1313}.



População

Apontado como incomum ou raro ao longo de sua área de distribuição e sempre associado a florestas altas e em bom estado de conservação^{27,911,1206,1313} (Aleixo & Poletto, dados não publicados). O espécime-tipo deste táxon foi coletado em Santarém em 1919. Porém, desde então, não houve mais registros na região, indicando ser localmente raro ou mesmo extinto^{558,701}.

Na FLONA de Altamira, registrado em todos os quatro pontos amostrados na unidade ao longo de dois anos, mas sempre em baixas densidades e em florestas em bom estado de conservação (Aleixo & Poletto, dados não publicados). Na APA Tapajós, nas proximidades de Novo Progresso, Pará, foi registrado apenas duas vezes em 16 horas de censo por pontos (S.M. Dantas, dados não publicados).

Na região de Alta Floresta, este táxon é raro, com apenas um território atualmente conhecido a leste do rio Teles Pires, em floresta em bom estado de conservação¹³¹³ (A.C. Lees & B.J.W. Davis, dados não publicados). A oeste do rio Teles Pires, o táxon é conhecido historicamente dos arredores de Alta Floresta a partir de registros da década de 90¹³¹³, mas não foi registrado em 29 fragmentos com diferentes tamanhos entre 2004 e 2006⁶⁹⁷, podendo estar localmente extinto.

Considerando a perda de *habitat* passada e projetada na área de distribuição do táxon, infere-se que haja perda populacional equivalente, em três gerações passadas, em um período que envolva gerações no passado e no futuro e nas próximas três gerações (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

As principais ameaças à espécie são: desmatamento, fragmentação e degradação florestal. Como outros insetívoros terrestres, este táxon é sensível a pequenas perturbações na floresta causadas por extração seletiva de madeira, por exemplo, quando a abertura do dossel acaba por alterar irremediavelmente as condições do sub-bosque^{705,1208}.

Ações de conservação

Existentes

Chamaeza nobilis fulvipectus está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

Para conservar este táxon, é importante haver redução do desmatamento em sua área de distribuição, o que pode ser conseguido com a criação de unidades de conservação.

Presença em unidades de conservação

Pará: APA do Tapajós (Dantas *et al.*, dados não publicados), FLONA de Altamira (Aleixo & Poletto, dados não publicados), FLONA do Trairão⁹¹¹;

Amazonas/Pará: PARNA da Amazônia⁸⁹⁹;

Mato Grosso: PE do Cristalino¹³¹³.

Pesquisas

Há pouca informação existente sobre o táxon: apenas alguns registros em sua área de ocorrência que indicam presença sempre ligada a uma matriz florestal que inclui áreas bem conservadas e degradadas tanto em áreas contínuas como fragmentadas.

Necessárias

a) realização de um estudo sistemático e taxonômico que esclareça o *status* evolutivo dos diferentes táxons agrupados dentro da suposta espécie biológica politípica *Chamaeza nobilis* (*C. n. nobilis*, *C. n. rubida* e *C. n. fulvipectus*). Esse estudo deve elucidar exatamente quais são as unidades evolutivas em



Chamaeza nobilis merecedoras de ações imediatas e prioritárias de conservação;

b) realização de um estudo ecológico com o táxon, possivelmente com uso de radiotransmissores, para elucidação de fatores ambientais necessários à sua sobrevivência.

Sclerurus macconnelli bahiae Chubb, 1919

Fernanda Pinto Marques, Danielle Custódio Leal & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Passeriformes

Família: Scleruridae

Nome comum: vira-folha-de-peito-vermelho



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) D1

Justificativa

Sclerurus macconnelli bahiae ocorre pontualmente na Mata Atlântica, de Pernambuco a São Paulo. Suspeita-se que o número total de indivíduos maduros deste táxon seja menor que 1.000, tendo em vista que está restrito a apenas algumas localidades, onde são encontrados pouquíssimos casais. Assim sendo, *S. m. bahiae* foi categorizado como Vulnerável (VU) pelo critério D1.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD*
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

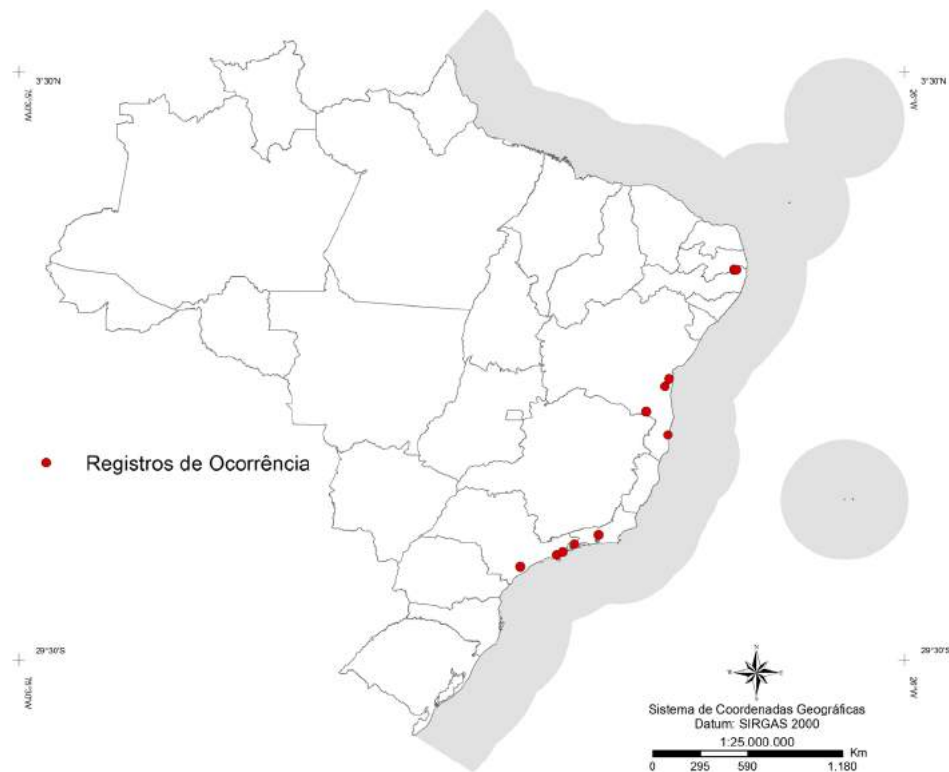
*Avaliada como *Sclerurus mexicanus bahiae*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Sclerurus mexicanus bahiae Chubb, 1919.

Distribuição geográfica

Ocorre pontualmente na Mata Atlântica do nordeste e sudeste do Brasil, de Pernambuco a São Paulo (oficina de avaliação).



História natural

Habita florestas úmidas perenifólias. Alimenta-se de invertebrados, forrageando sozinho ou aos pares, geralmente no solo⁹⁸⁴.

População

Sua área de distribuição é bem amostrada por diversos ornitólogos que procuram por este táxon utilizando as técnicas adequadas. Entretanto, há registro apenas para poucas localidades, onde são encontrados pouquíssimos casais. Deste modo, pode-se afirmar, com certa segurança, que o número total de indivíduos maduros de *S. m. bahiae* é menor que 1.000 (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A espécie desaparece de fragmentos de mata ou de áreas com corte seletivo de madeira⁹⁸⁴.

Ações de conservação

O táxon está contemplado pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA e Histórico do Monte Pascoal⁵⁹⁹, PARNA do Pau Brasil (A.C. De Luca, com. pess., 2013), APA do Pratigi (C.G. Machado, com. pess., 2013), RPPN Michelin (C. Albano, com. pess., 2013); *Rio de Janeiro*: ESEC de Tamoios⁵⁹², PARNA da Serra dos Órgãos⁶⁰⁶.



Sclerurus caudacutus caligineus Pinto, 1954

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Scleruridae

Nome comum: vira-folha-pardo



Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) D

Justificativa

Sclerurus caudacutus caligineus é endêmico de Alagoas. Os registros documentados são poucos e restritos a apenas duas localidades: Campo Alegre (registro de Olivério Pinto, da década de 50) e Murici (registros de 2008 e 2014, publicados no WikiAves). Não há registros em outros locais, apesar da área ser bastante inventariada. Em vista disso, infere-se que a população deste táxon seja menor que 50 indivíduos maduros e *S. c. caligineus* foi categorizado como Criticamente em Perigo (CR) pelo critério D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1028}	EN B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Distribuição geográfica

Endêmico de Alagoas⁵²⁸.



História natural

Quase nada se conhece deste táxon, uma vez que os registros são pouquíssimos e não há dados de história natural disponíveis.

População

Apesar de sua distribuição ser bastante amostrada por inúmeros ornitólogos, registros documentados de *S. c. caligineus* são poucos e restritos a apenas duas localidades: Campo Alegre⁹⁵⁹ e Murici¹²⁸⁹. Entretanto, como seus hábitos e sua vocalização não são bem conhecidos, é possível que existam mais exemplares que esses poucos registrados recentemente. Contudo, se existirem, certamente serão bem pouco numerosos. Assim, pode-se afirmar, com segurança, que a população total de *S. c. caligineus*, é menor que 50 indivíduos maduros (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A perda de qualidade de *habitat* e de área de ocupação é a ameaça mais grave ao táxon. Essa perda ocorre até mesmo na unidade de conservação onde a subespécie foi registrada (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Sclerurus caudacutus caligineus está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹.



Sclerurus caudacutus umbretta (Lichtenstein, 1823)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Scleruridae

Nome comum: vira-folha-pardo



Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(ii)

Justificativa

Sclerurus caudacutus umbretta ocorre da Bahia ao Espírito Santo, sendo atualmente registrado apenas na Reserva Natural Vale. Infere-se que o número de indivíduos maduros deste táxon seja inferior a 250. Há declínio populacional continuado e 100% dos indivíduos estão em uma única população. Por isso, *S. c. umbretta* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) pelo critério C2a(ii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{504,814}	EN B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Myiothera umbretta Lichtenstein, 1823.

Distribuição geográfica

Restrito à costa da Bahia e Espírito Santo⁵²⁸, sendo atualmente registrado apenas na Reserva Natural Vale, em Linhares (oficina de avaliação).



História natural

É restrito às florestas de baixada⁵⁰⁴.

População

Sua área de distribuição é amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total do táxon é menor que 250 indivíduos maduros e que 100% deles estão em uma única população remanescente. Além disso, há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda e fragmentação de *habitat* certamente foram responsáveis pelo maior declínio populacional do táxon.

Ações de conservação

O táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Espírito Santo: REBIO de Sooretama⁵⁰⁴.



Sclerurus cearensis Snethlage, 1924

Weber Andrade de Girão e Silva, Marcos Pérsio Dantas Santos & Luís Fábio Silveira

Ordem: Passeriformes

Família: Scleruridae

Nome comum: vira-folha-cearense



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(i,ii,iii)

Justificativa

Sclerurus cearensis é endêmica do Brasil, com registros apenas para Ceará, Piauí, Pernambuco e Bahia. É restrito a florestas úmidas e matas secas nordestinas, sendo sua área de ocupação (AOO) calculada em 964 km². A população encontra-se severamente fragmentada e há declínio continuado da extensão de ocorrência, área de ocupação e qualidade do *habitat* devido ao desmatamento para exploração madeireira e expansão agropecuária. Assim, *S. cearensis* foi categorizada como Vulnerável (VU) B2ab(i,ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{505,814}	VU* B2abc(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Sclerurus scansor cearensis*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Sclerurus scansor cearensis Snethlage, 1924, *Sclerurus caudacutus cearensis* Snethlage, 1924.

Notas taxonômicas

No ano seguinte à sua descrição, como subespécie de *Sclerurus caudacutus*, foi rearranjada em *Sclerurus scansor*³⁸³. Um estudo genético³⁹⁹ apoiou sua adoção como espécie plena pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos.

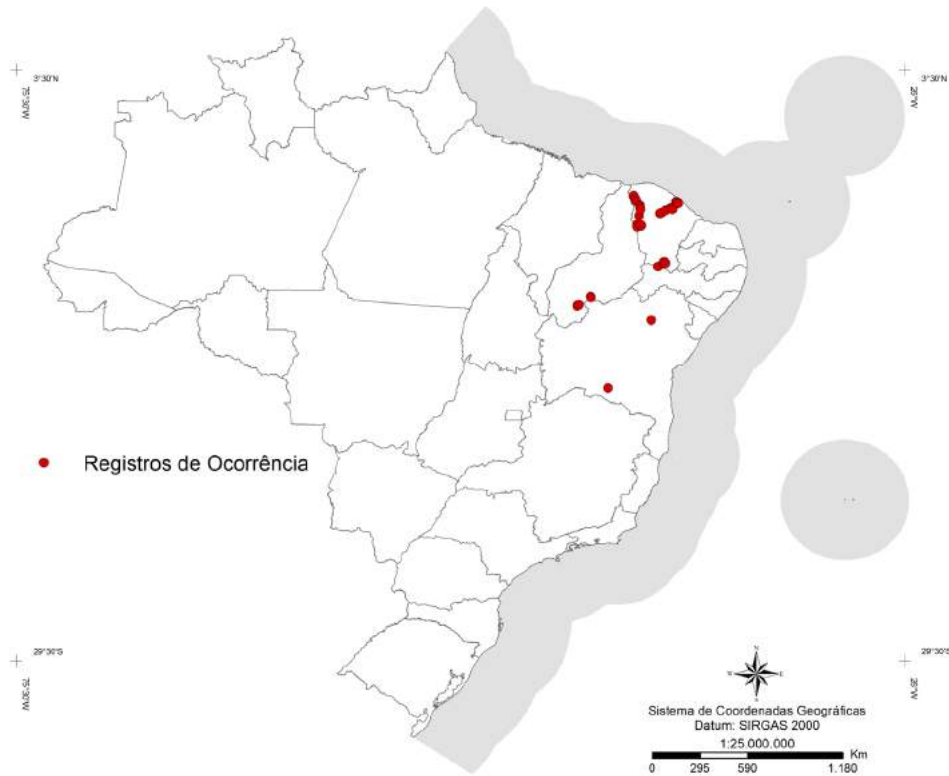
Distribuição geográfica

Ave de distribuição muito localizada no nordeste brasileiro¹²³² e endêmica do país, restrita a quatro estados. No Piauí, ocorre na Serra das Confusões¹¹²⁰ e Serra Vermelha¹⁰⁶³. No Ceará, habita o planalto da Ibiapaba¹¹⁷⁷, onde é conhecida em fragmentos florestais de sete municípios: Viçosa do Ceará⁵⁰⁰, Tianguá⁵⁶⁸, Ubajara⁸⁴⁴, Graça⁴⁶⁵, Guaraciaba do Norte⁶⁶⁰, Ipu⁷³⁶ e Crateús¹⁴; também na Serra da Meruoca, Serra de Uruburetama¹⁶, Serra do Machado⁵⁰⁰, Serra de Maranguape¹¹⁷⁷, Serra da Aratanha¹¹⁰⁹, Serra de Baturité⁹⁵⁵ e Chapada do Araripe¹²³², nos municípios de Araripe⁷²¹, Crato³⁹⁹, Barbalha¹⁵ e Jardim⁷⁷³,



também com registros no lado pernambucano, em Exu¹⁰¹⁶ e Ipubi⁷²¹. Na Bahia, foi encontrada em Senhor do Bonfim⁹⁵⁶ e na Chapada Diamantina^{919,1264}.

A AOO de *S. cearensis* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência do táxon. Dessa forma, a AOO foi calculada em 964 km² (oficina de avaliação).



História natural

A espécie é dependente de florestas¹¹⁰⁶ naturalmente isoladas pela vegetação de caatinga. Demonstra certa independência de ambientes estritamente úmidos, habitando também matas secas¹⁶. Vive no solo, revirando folhas em busca de artrópodes. Ocorre aos pares e reproduz em ninhos escavados em barrancos⁵⁰⁵.

População

Na Serra das Confusões foi considerada comum¹¹²⁰, enquanto na Serra Vermelha ficou no terço das espécies menos comuns¹⁰⁶³. Sua densidade populacional na Serra de Baturité variou entre o triplo e o sêxtuplo do observado na Serra da Aratanha¹⁶. Na Chapada do Araripe foi considerada comum¹²³².
Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A principal ameaça ao táxon é o desmatamento e a perda de *habitat* florestal, decorrente da remoção de grandes árvores, seja para agropecuária ou para uso da própria madeira. Não tem se adaptado ao manejo florestal na Chapada do Araripe⁹⁹⁸, sendo, todavia, melhor alternativa de conservação do seu ambiente, especialmente se comparado ao cultivo de mandioca (Weber Girão, obs. pess.).

Ações de conservação

Existentes

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga,



cujos objetivos são: reduzir a perda e alteração de *habitat*, a pressão de caça e o tráfico e manter ou incrementar as populações das espécies-alvo⁶³⁰.

Necessárias

Implantação das unidades de conservação em sua distribuição.

Presença em unidades de conservação

Piauí: PARNA da Serra das Confusões¹¹²⁰;

Ceará: PARNA de Ubajara⁸⁴⁴, APA da Serra da Aratanha¹⁶, APA da Serra da Meruoca Aratanha¹⁶, APA da Serra de Ibiapaba⁵⁰⁰, APA da Serra de Maranguape Aratanha¹⁶, APA da Serra de Baturité⁹⁵⁵, FLONA do Araripe-Apodi¹²³², RPPN Serra das Almas¹⁴;

Piauí/Ceará: APA Serra da Ibiapaba¹¹⁷;

Piauí/Ceará/Pernambuco: APA Chapada do Araripe¹¹⁷.

Pesquisas

É necessário descobrir formas de manejo florestal compatíveis com sua sobrevivência. Carece de estimativas mais precisas sobre sua AOO e tamanho populacional.

Geositta poeciloptera (Wied, 1830)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Scleruridae

Nomes comuns: andarilho, curriqueiro



Foto: Carlos Gussoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Geositta poeciloptera distribui-se no leste da Bolívia e centro do Brasil, ocorrendo em campos naturais do bioma Cerrado, *habitat* altamente ameaçado. Atualmente a população está quase restrita a unidades de conservação, havendo forte fragmentação populacional. A área de ocupação da espécie foi calculada em 132 km². Embora ocorra principalmente em áreas protegidas, estas ainda sofrem com incêndios descontrolados, resultando em redução de área de ocupação, perda de qualidade de *habitat* e declínio populacional continuado. Sendo assim, *G. poeciloptera* foi categorizada como Em Perigo (EN), segundo o critério B2ab(ii,iii).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1111}	VU* A2c+3c
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,441}	Minas Gerais: EN São Paulo: Ameaçada
Avaliação global ¹⁹¹	VU A2c+3c+4c

*Avaliada como *Geobates poecilopterus*.

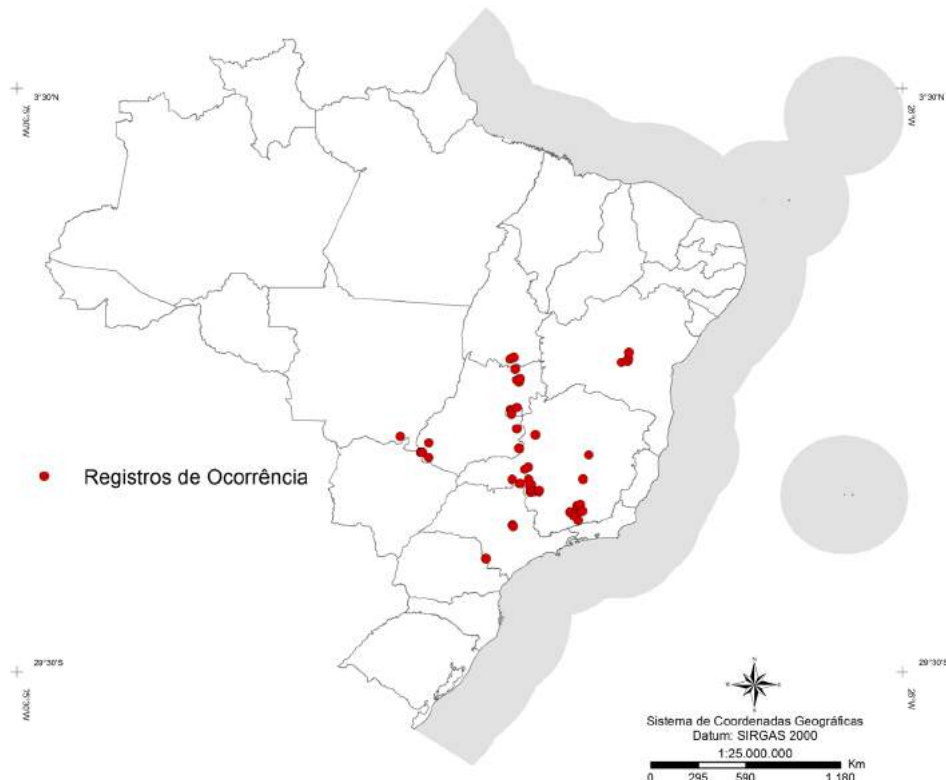
Outros nomes aplicados ao táxon

Anthus poecilopterus Wied, 1830; *Geobates poecilopterus* (Wied, 1830); *Geositta poecilopterus* (Wied, 1830).

Distribuição geográfica

Ocorre no Brasil Central, centro-norte da Bahia, centro de Minas Gerais e São Paulo; também no leste da Bolívia⁹⁸⁴. Em 1938, um exemplar foi coletado no Paraguai¹⁴⁴. Há um registro erroneamente atribuído ao Paraná que se refere a Itararé, São Paulo (R.R. Laps, com. pess., 2013).

Atualmente, a população está quase restrita a unidades de conservação. A área de ocupação (AOO) de *G. poeciloptera* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 132 km² (oficina de avaliação).



História natural

Ocorre em campo limpo, especialmente naqueles recentemente queimados⁹⁸⁴, possivelmente devido à abundância de insetos que seguem esses eventos¹¹¹¹. Parece ser especialista nesse ambiente recém-queimado, sobretudo no período reprodutivo. Ocorre de 500 a 1.250 m de altitude. Alimenta-se de artrópodes que captura no solo. Geralmente solitário ou em duplas⁹⁸⁴. Nidifica em cavidades escavadas



pela própria ave em barrancos ou tocas de tatu¹¹¹¹. Tem baixa capacidade de dispersão (oficina de avaliação).

População

Considerada espécie incomum ou rara⁹⁸⁴, parecendo ter sido extinta em algumas regiões¹¹¹¹. Não há estimativas populacionais globais, mas a tendência é de declínio devido à destruição de áreas nativas¹⁹¹. Devido à sua especialização de *habitat* (campo limpo) e à ocupação deste por agropecuária, as populações são severamente fragmentadas (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A ocupação de campos naturais pela agricultura é uma ameaça definitiva a esta espécie, devido à sua especialização nesse tipo de ambiente⁹⁸⁴. Consequentemente, a espécie fica restrita às unidades de conservação¹¹¹¹, em populações isoladas. Não se adapta a áreas com gramíneas exóticas ou plantações, embora consiga sobreviver em campos limpos nativos com algum pastoreio¹¹⁶⁷. Outras ameaças citadas para a espécie são: erosão do solo devido a práticas inadequadas de manejo das pastagens nativas com uso do fogo, invasão de pastagens nativas por forrageiras exóticas, mineração e turismo intenso e desordenado⁷³⁹.

Embora ocorra principalmente em áreas protegidas, estas ainda sofrem com incêndios descontrolados e turismo desordenado, resultando em redução de área de ocupação e perda de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹ e das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

A principal ação para conservação de *G. poeciloptera* é a proteção das áreas de campos limpos, incluindo manejo adequado de fogo¹¹¹¹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Chapada Diamantina¹¹⁷;

Goiás: PARNA das Emas¹¹¹¹, PARNA da Chapada dos Veadeiros⁶¹⁵;

Distrito Federal: ESEC de Águas Emendadas⁷⁴⁸, PARNA de Brasília⁸⁶⁶, REBIO da Contagem⁷⁴⁸;

Distrito Federal/Goiás: APA do Planalto Central¹²⁴⁸;

Minas Gerais: PARNA da Serra da Canastra¹²⁸⁹, APA Carste de Lagoa Santa¹¹¹¹;

São Paulo: ESEC de Itirapina¹¹¹¹.

Pesquisas

Já foram realizadas pesquisas sobre a biologia reprodutiva da espécie em Araxá e Tapira, Minas Gerais e observações sobre sua reprodução no PARNA Serra da Canastra, Minas Gerais¹¹¹¹. [P] [SE]



Dendrocincla taunayi Pinto, 1939

Márcio Amorim Efe

Ordem: Passeriformes
Família: Dendrocolaptidae

Nome comum: arapaçu-pardo-do-nordeste



Foto: Carlos Gussoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii)

Justificativa

Dendrocincla taunayi é endêmica do nordeste do Brasil, ocorrendo apenas em Pernambuco e Alagoas. Sua área de ocupação (AOO) foi calculada em cerca de 116 km². A população encontra-se severamente fragmentada e há declínio continuado da qualidade de *habitat* categorizando *D. taunayi* como Em Perigo (EN), pelo critério B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ³¹	EN* B2ab(i,ii,iii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Dendrocincla fuliginosa taunayi*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Dendrocincla fuliginosa taunayi Pinto, 1939.

Distribuição geográfica

Endêmica do Nordeste do Brasil, com registros apenas para Pernambuco e Alagoas^{528,778}. Atualmente, sua área de ocupação encontra-se muito reduzida pelo desmatamento, sendo calculada em apenas 116 km². Esse cálculo foi gerado através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro atuais, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência do táxon (oficina de avaliação).



História natural

Habita florestas úmidas em planícies e bases de montanhas. Sua dieta é composta em grande parte por artrópodes e outros invertebrados, além de pequenos vertebrados⁷⁷⁸.

Em um estudo realizado em Alagoas, *D. taunayi* ocorreu unicamente em três de um total de 15 fragmentos inventariados - os maiores e de vegetação mais bem preservada¹¹¹⁸. Em outro estudo mais recente a espécie foi registrada em 11 fragmentos grandes, seis médios e um pequeno na APA de Murici⁷³⁸.

População

Não há dados populacionais disponíveis, mas suspeita-se que a população esteja severamente fragmentada uma vez que o táxon ocupa apenas florestas, supostamente não se deslocando por áreas abertas ou antropizadas e os remanescentes de mata em sua área de distribuição estão completamente isolados (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

Embora ocupe florestas fragmentadas⁷⁷⁸, a severa perda do *habitat* desta espécie é uma séria ameaça a sua sobrevivência. Ações antrópicas como expansão agrícola e urbana sobre áreas naturais levam a declínio continuado da qualidade do *habitat* de *D. taunayi* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: ESEC do Tapacurá¹⁰¹⁸, REBIO de Saltinho³¹, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Frei Caneca³¹;
Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹, REBIO Pedra Talhada³¹, APA de Murici⁷³⁸.



Pesquisas

Atualmente, não existem estudos específicos com *D. taunayi*, mas um projeto de longo prazo conduzido por equipe da UFAL vem capturando e anilhando exemplares e monitorando ninhos eventualmente encontrados na ESEC de Murici. Dados sobre ecologia e biologia reprodutiva são escassos e necessários assim como estudos populacionais.

Dendrocincla merula badia Zimmer, 1934

Sidnei de Melo Dantas, Alexander Charles Lees & Alexandre Aleixo

Ordem: Passeriformes

Família: Dendrocolaptidae

Nome comum: arapaçu-da-taoca



Foto: Diego Mendes

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c

Justificativa

Dendrocincla merula badia é endêmica do Brasil, restrita ao Centro de Endemismo Belém, o menor dos Centros de Endemismo amazônicos que já perdeu 70% de sua cobertura vegetal original. O táxon é dependente de florestas e da presença de formigas de correição, animais que necessitam de grandes áreas preservadas para sobreviver. Estima-se que a perda de *habitat* nos últimos 15 anos (três gerações) tenha gerado declínio populacional de cerca de 30%. Por estas razões, *D. m. badia* foi categorizada como Vulnerável (VU) A2c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{32,814}	EN A4c
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará: EN
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

A subespécie *Dendrocincla merula badia* abrange a população de *D. merula* restrita ao Centro de Endemismo Belém, entre a margem leste do rio Tocantins e o Maranhão. Estudos moleculares revelaram que essa população é reciprocamente monofilética em relação às demais populações de *D. merula*, justificando seu tratamento, no mínimo, como espécie filogenética independente ou unidade evolutiva



significativa de importância para a conservação³¹⁹ (Burlamaqui *et al.*, dados não publicados).

Distribuição geográfica

Táxon endêmico do Brasil, restrito ao Centro de Endemismo Belém, entre a margem leste do rio Tocantins e o Maranhão. O Centro de Endemismo Belém tem uma área total de 199.211 km², mas já perdeu cerca de 70% de sua cobertura vegetal original¹¹⁰⁵.

Em levantamentos recentes no Pará, o táxon foi encontrado em apenas quatro localidades (todas com áreas de floresta em bom estado de conservação e relativamente contínuas) de um total de nove sítios amostrados no Centro Belém⁹⁶⁵. Um estudo na região de Paragominas, Pará, com um esforço de amostragem de 115 dias em florestas primárias e secundárias (entre julho e novembro de 2010), obteve apenas seis contatos com esta espécie, unicamente em florestas primárias (incluindo florestas primárias degradadas⁷¹¹). No entanto, a baixa detectabilidade vocal deste táxon pode fazer com que ele seja sub-amostrado por levantamentos baseados em pontos de escuta. A espécie não foi encontrada em Gurupi, em um trabalho de duas semanas (Aleixo *et al.*, dados não publicados).



História natural

Habita matas de terra firme e ripárias, normalmente no interior da mata primária com sub-bosque aberto. É encontrado aos casais ou em pequenos bandos e é um seguidor obrigatório de formigas de correição (*Eciton burchelli* e *Labidus praedator*), dependendo dessas para encontrar alimento, que consiste em artrópodes e, ocasionalmente, pequenos vertebrados. Também segue porcos-do-mato, capturando as presas afugentadas pelos bandos. Os indivíduos movimentam-se bastante, procurando colunas ativas de formigas de correição, podendo se deslocar vários quilômetros por dia. O período reprodutivo estende-se, provavelmente, de junho a outubro. Ninhos e ovos são desconhecidos³². É dependente de florestas e da presença de formigas de correição, animais que necessitam de grandes áreas preservadas para sobreviver (oficina de avaliação).



População

Dendrocincla merula badia já era considerada rara, desde a década de 1960, no município de Belém⁸⁵⁸. Aparentemente, foi extinta na região de Tucuruí, onde era encontrada na década de 1980 (S.M. Dantas, dados não publicados) e na região metropolitana de Belém⁸²⁷ onde foi registrada pela última vez na década de 1960. O status das populações maranhenses é desconhecido³².

Houve substancial perda histórica de *habitat* na área de distribuição do táxon, restando apenas cerca de 30% da cobertura florestal original^{1105,1183}.

Tendo em vista a sensibilidade da espécie, estima-se que a perda de *habitat* nos últimos 15 anos (três gerações) tenha gerado declínio populacional de cerca de 30% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a perda, fragmentação e degradação de *habitat*, devido ao acelerado desmatamento que atinge o Centro de Endemismo Belém. Em outras localidades da Amazônia, *D. merula* também é vulnerável aos efeitos do corte seletivo em florestas⁵⁵⁷ e ao fogo⁹⁸.

Ações de conservação

Existentes

Dendrocincla merula badia está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

É necessária a proteção de áreas com presença de formigas de correição, uma vez que esta espécie acompanha estes eventos. A criação de unidades de conservação, no Centro de Endemismo Belém, que incluam o *habitat* deste táxon (florestas de terra firme e ripárias) também é importante.

Presença em unidades de conservação

Maranhão: REBIO do Gurupi⁷¹⁶.

Pesquisas

É preciso realizar censos para localizar mais sítios de ocorrência de *D. m. badia*, bem como obter estimativas de tamanho populacional.



Xiphorhynchus atlanticus (Cory, 1916)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes
Família: Dendrocolaptidae



Nomes comuns: arapaçu-rajado-do-nordeste,
arapaçu-de-garganta-amarela-do-nordeste



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Xiphorhynchus atlanticus é endêmica do Brasil, com ocorrência restrita ao nordeste do país (Ceará, Paraíba, Pernambuco e Alagoas). Considerando-se que sua área de distribuição é muito bem amostrada por diversos ornitólogos, é seguro dizer que há menos de 10.000 indivíduos maduros e que cada subpopulação contém menos de 1.000 deles. Há declínio populacional continuado devido à perda de área de ocupação e de qualidade de *habitat*. Assim sendo, *X. atlanticus* foi categorizada como Vulnerável (VU) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{33,814}	VU* B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Picolaptes fuscus atlanticus*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Picolaptes fuscus atlanticus Cory, 1916; *Lepidocolaptes fuscus atlanticus* (Cory, 1916); *Xiphorhynchus fuscus atlanticus* (Cory, 1916).

Distribuição geográfica

Ocorre no nordeste do Brasil, nos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Alagoas⁵²⁸.



História natural

Habita florestas úmidas em diferentes estágios de conservação¹⁶. Presente apenas em fragmentos relativamente grandes e com a vegetação em melhor estado de conservação. Sua presença em fragmentos florestais parece estar mais associada às condições da vegetação do fragmento do que simplesmente ao seu tamanho. Forrageia no sub-bosque denso; acompanha bandos mistos de aves. Aparentemente, a estação reprodutiva vai de setembro a dezembro. Nidifica em cavidades com entrada próxima ao solo; ninhadas de dois a três ovos, aparentemente incubados pela fêmea³³.

População

Considerado comum na Serra de Baturité, Ceará, onde foram registrados 43,75 e 62,5 indivíduos/100 horas de observação, em duas localidades distintas¹⁶. De 15 fragmentos estudados em Alagoas, esta espécie foi encontrada em apenas dois³³. Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com segurança, que a população total de *X. atlanticus* é menor que 10.000 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 1.000 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de área de ocupação e de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça à espécie é a perda de *habitat*³³, causada pela expansão urbana, ocupação agrícola e uso de recursos madeireiros.

Ações de conservação

Existentes

Xiphorhynchus atlanticus está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e das Aves da Caatinga⁶³⁰.



Necessárias

Sugere-se a implantação de outras unidades de conservação na área de ocorrência da espécie³³.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas³⁹;

Pernambuco: ESEC do Tapacurá⁷⁵⁸, PE de Dois Irmãos¹⁰¹⁸, REBIO de Saltinho¹⁰¹⁸, REVIS Matas do Sistema Gurjaú¹⁰¹⁸, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁶;

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada¹⁰¹⁸.

Pesquisas

Reomenda-se o monitoramento das tendências populacionais do táxon.

Xiphorhynchus guttatoides gracilirostris (Pinto & Camargo, 1957)

Weber Andrade de Girão e Silva & Ciro Albano

A subespécie consta na Portaria MMA nº 444/2014 como *Xiphorhynchus guttatus gracilirostris* Pinto & Camargo, 1957.

Ordem: Passeriformes

Família: Dendrocolaptidae

Nome comum: arapaçu-de-garganta-amarela



Foto: Cristine Prates

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Xiphorhynchus guttatoides gracilirostris é endêmica do Brasil, com ocorrência restrita a algumas serras do Ceará. Suspeita-se que o tamanho populacional total seja menor que 2.500 indivíduos maduros e que cada subpopulação tenha menos de 250 deles. Há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat*. Assim, *X. g. gracilirostris* foi categorizada como Em Perigo (EN) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta



Outros nomes aplicados ao táxon

Xiphorhynchus guttatus gracilirostris Pinto & Camargo, 1957.

Notas taxonômicas

Esta subespécie foi descrita a partir de exemplares provenientes da Serra de Baturité, no Ceará, sem ocorrência conhecida em outros estados. Antes desta descrição, o táxon foi registrado para a Serra de Maranguape e examinado por Snethlage, que percebeu diferenças em relação aos espécimes paraenses¹⁷⁸.

Distribuição geográfica

Esta subespécie é endêmica do Ceará, com ocorrência restrita às serras de Baturité, Aratanha e Maranguape, necessitando estudos para aferir a identidade do táxon que ocorre no planalto da Ibiapaba¹⁶.



História natural

Ocupa sobretudo florestas úmidas perenifólias; alimenta-se de artrópodes e pequenos vertebrados; é, aparentemente, residente⁷⁷⁸.

População

A subespécie é rara e ocorre em baixas densidades, como demonstrado por Albano & Girão¹⁶ que, em um levantamento quantitativo, encontraram apenas um único indivíduo na Serra de Aratanha.

Sua área de distribuição é bem amostrada por ornitólogos, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total da subespécie é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Embora seja dependente de florestas, tolera certas alterações em seu *habitat*⁷⁷⁸.



Ações de conservação

Existentes

Xiphorhynchus guttatoides gracilirostris está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga.

Necessárias

A reprodução assistida por caixas ninho pode ser necessária.

Presença em unidades de conservação

Ceará: APA da Serra da Aratanha (W. Girão, obs. pess.), APA da Serra de Baturité (W. Girão, obs. pess.), APA de Maranguape (W. Girão, obs. pess.).

Pesquisas

São necessários estudos taxonômicos para confirmar o status da subespécie.

Campylorhamphus multostriatus (Snethlage, 1907)

Alexandre Aleixo, Carlos Eduardo Bustamante Portes & Sidnei de Melo Dantas

Ordem: Passeriformes

Família: Dendrocolaptidae

Nome comum: arapaçu-de-bico-curvo-do-xingu



Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c+3c+4c

Justificativa

Campylorhamphus multostriatus é endêmica do Centro de Endemismo Xingu, localizado no interflúvio Xingu-Tocantins, região que vem sofrendo altas taxas de desmatamento. Dentre todos os táxons endêmicos deste Centro de Endemismo parece ser aquele com a menor extensão de ocorrência, estando aparentemente restrito à porção média do interflúvio. Ocorre apenas em grandes áreas de floresta, estando aparentemente extinta em locais alterados e fragmentados nos quais havia sido registrada até a década de 80, como na região de Tucuruí. Assim sendo, considera-se que a perda de *habitat* leva a perda populacional, no mínimo, proporcional. Sofreu perda de *habitat* de cerca de 60% em relação à sua distribuição original, nos últimos 40 anos. Considerando-se que esta perda foi mais intensa nas últimas décadas, infere-se que houve declínio populacional de ao menos 30% nas últimas três gerações (15 anos). Com base em modelagens de perda de *habitat* da Amazônia, projeta-se uma perda mínima de 40% de *habitat* em 15 anos (três gerações), envolvendo passado e futuro. Considerando que as políticas



públicas de ocupação da Amazônia permaneçam as mesmas, infere-se que a perda de *habitat* para as próximas três gerações (15 anos) também será próxima a 30%. Por estas razões, *C. multostriatus* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelos critérios A2c+3c+4c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

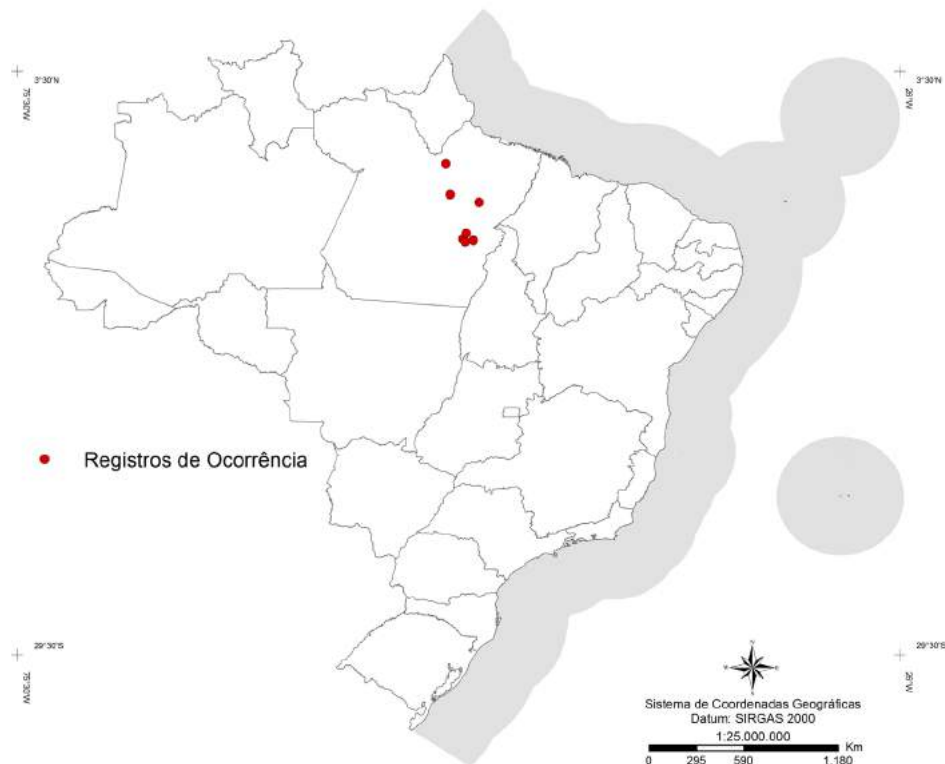
Xiphorhynchus multostriatus Snethlage, 1907; *Campylorhamphus procurvoides multostriatus* (Snethlage, 1907).

Notas taxonômicas

Uma filogenia baseada em dados moleculares de genes nucleares e mitocondriais sugere que esta espécie se diversificou primeiro dentro do clado que inclui todas as outras espécies deste gênero na Amazônia Ocidental, entretanto, não houve apoio significativo⁹⁶⁴.

Distribuição geográfica

Endêmica do Centro de Endemismo Xingu, ocorrendo apenas no interflúvio Xingu-Tocantins. Aparentemente, não ocorre em todo o interflúvio, mas apenas na sua porção central, com registros para a região de Carajás⁹¹⁰ (S.M. Dantas & C.C. Almeida, dados não publicados), Tucuruí (espécimes no MPEG e um registro recente em uma região próxima^{712a}) e margem direita do Xingu, a pouco mais de 50 km a leste de Altamira e na região de Belo Monte⁵³³ (S.M. Dantas, obs. pess.). Recentes registros ocorreram no entorno da UHE Belo Monte, também no município de Altamira (2012 a 2014, espécimes no MZUSP).





História natural

Habita matas de terra firme, normalmente em áreas com muitos cipós e lianas e frequentemente na proximidade de igarapés. Em Altamira, foi visto na borda de um tabocal (mancha de bambu nativo). Frequenta bandos mistos de aves. Informações adicionais sobre a alimentação e hábitos reprodutivos deste táxon são ainda totalmente desconhecidas. Recentes observações sugerem que esta espécie prefere área de altitude (UHE Belo Monte e Serra dos Carajás), sendo menos abundantes nas planícies.

População

Na FLONA de Caxiuanã, a espécie foi considerada rara em florestas de terra-firme, não sendo contactada uma única vez em um total seis *plots* de 100 ha, amostrados entre maio de 2003 e junho de 2005¹²⁵⁷. Similarmente, reportado como incomum na FLONA de Tapirapé-Aquiri, onde o táxon foi registrado em apenas um dos cinco sítios amostrados, não sendo capturado em redes de neblina (S.M. Dantas & C.C. Almeida, dados não publicados). Também apontado como incomum em florestas de terra-firme da FLONA de Carajás⁹¹⁰. Em Tucuruí, alguns exemplares foram coletados em terra firme, nas décadas de 1910 e 1980, não tendo sido registrado posteriormente na região, mesmo em um trabalho de censo recente, com um esforço amostral de mais de 100 horas (L.M.P. Henriques & S.M. Dantas, dados não publicados). Próximo a Altamira, em área sob influência da UHE Belo Monte, um único exemplar foi registrado durante um estudo com esforço amostral de cerca de 20 horas (S.M. Dantas, dados não publicados). Em outros estudos, também em área sob a influência da UHE Belo Monte, conduzidos pelo MZUSP, foram coletados dois indivíduos (espécimes depositados no MZUSP).

Devido à sensibilidade da espécie, considera-se que a perda de *habitat* leve à perda populacional, no mínimo, proporcional. Sofreu perda de *habitat* de cerca de 60% em relação à sua distribuição original, nos últimos 40 anos. Considerando-se que esta perda foi mais intensa nas últimas décadas, infere-se que houve declínio populacional de ao menos 30% nas últimas três gerações (15 anos) (oficina de avaliação).

Com base em modelagens de perda de *habitat* para uma espécie com distribuição similar (*Hylexetastes brigidai*), projeta-se uma perda mínima de 40% de *habitat* em 15 anos (três gerações), envolvendo passado e futuro¹³⁷.

Considerando que as políticas públicas de ocupação da Amazônia permaneçam as mesmas, infere-se que a perda de *habitat* para as próximas três gerações (15 anos) também será próxima a 30% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a perda, fragmentação e degradação de *habitat*, devido ao acelerado desmatamento do Centro de Endemismo Xingu. A espécie foi registrada na área de influência da UHE Belo Monte, não sendo conhecida sua vulnerabilidade com relação à construção desta barragem. Registrada também dentro da área de influência da mina de extração de minério da Serra dos Carajás (C.E. Portes, obs. pess.). Porém, o alto grau de desmatamento verificado nessa região (S.M. Dantas, obs. pess.) aliado a sua aparente raridade natural certamente põe a espécie em risco.

Ações de conservação

Existentes

Campylorhamphus multostriatus está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

Necessárias

A manutenção de unidades de conservação na área de ocorrência da espécie é uma importante forma de proteção. A redução do desmatamento e criação de novas unidades de conservação são ações necessárias para a manutenção da espécie, uma vez que esta não foi registrada em nenhuma unidade de conservação de proteção integral.



Presença em unidades de conservação

Pará: FLONA de Carajás⁹¹⁰, FLONA de Caxiuanã¹²⁵⁷, FLONA de Tapirapé-Aquiri (S.M. Dantas & C.C. Almeida, dados não publicados).

Pesquisas

É necessária a realização de estudos ecológicos e de monitoramento, possivelmente com uso de radiotransmissores, para elucidação de fatores ambientais necessários para a sobrevivência da espécie.

Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris (Lichtenstein, 1820)

Danielle Custódio Leal, Suylane Barbalho de Lima Silva & Fernanda Pinto Marques

Ordem: Passeriformes

Família: Dendrocolaptidae

Nome comum: arapaçu-beija-flor



Foto: Thiago Filadelfo

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris ocorre atualmente apenas na Mata Atlântica da Bahia, estando restrita a grandes blocos de mata conservada, sendo registrada em poucas localidades. Estima-se que haja menos de 2.500 indivíduos maduros, sendo que há menos de 250 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*. Dessa forma, *C. t. trochilirostris* foi avaliada como Em Perigo (EN) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

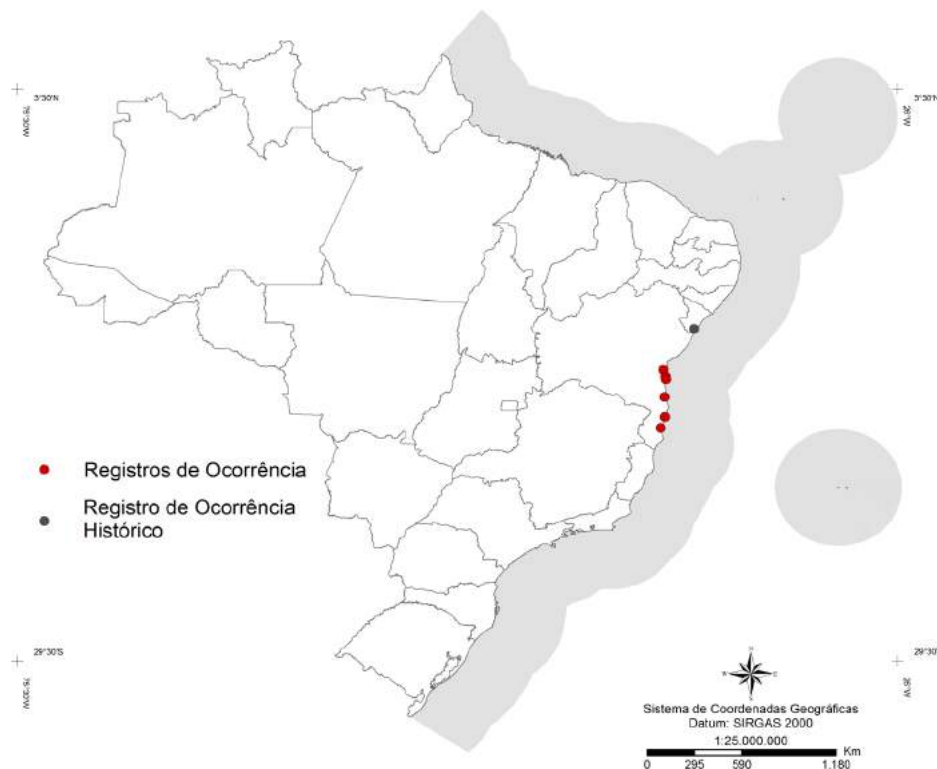
Dendrocolaptes trochilirostris Lichtenstein, 1820.

Distribuição geográfica

Originalmente ocorria de Pernambuco (sem localidade exata) ao sudeste da Bahia⁷⁷⁸, mas atualmente



ocorre apenas na Mata Atlântica da Bahia, estando restrita a grandes blocos de mata conservada, sendo registrada em poucas localidades (oficina de avaliação).



História natural

Ocorre na floresta atlântica. Alimenta-se de artrópodes e, ocasionalmente, pequenos vertebrados. É aparentemente residente e territorial⁷⁷⁸. Não se desloca entre fragmentos distantes, havendo isolamento entre as subpopulações (oficina de avaliação).

População

Estima-se que, atualmente, haja menos de 2.500 indivíduos maduros, sendo que há menos de 250 deles em cada subpopulação. A tendência populacional é de declínio, devido à perda de *habitat* que continua ocorrendo em sua área de distribuição (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* devido à exploração e substituição das florestas no leste do Brasil é a principal ameaça ao táxon, que é sensível à degradação ambiental e à fragmentação, estando restrito atualmente aos poucos grandes blocos de mata remanescentes (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Táxon contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA do Descobrimento⁴⁰⁷.



Campylorhamphus cardosoi Portes, Aleixo, Zimmer, Whittaker, Weckstein, Gonzaga, Ribas, Bates & Lees, 2013

Alexander Charles Lees & Alexandre Aleixo

Ordem: Passeriformes
Família: Dendrocolaptidae

Nome comum: arapaçu-do-tapajós



Foto: Cal Martins

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4c

Justificativa

Campylorhamphus cardosoi é restrita ao interflúvio Tapajós-Xingu, depende de floresta em bom estado de conservação, sendo rara em florestas secundárias. Sua área de distribuição vem sofrendo altas taxas de desmatamento e sobrepõe-se à área de influência da BR-163, com perdas de *habitat* previstas de cerca de 25% da área. Modelagens indicam que é possível haver uma perda de mais de 30% da população da espécie em três gerações, incluindo passado e futuro. Por estas razões, *C. cardosoi* foi categorizada como Vulnerável (VU) A4c.

Outras avaliações

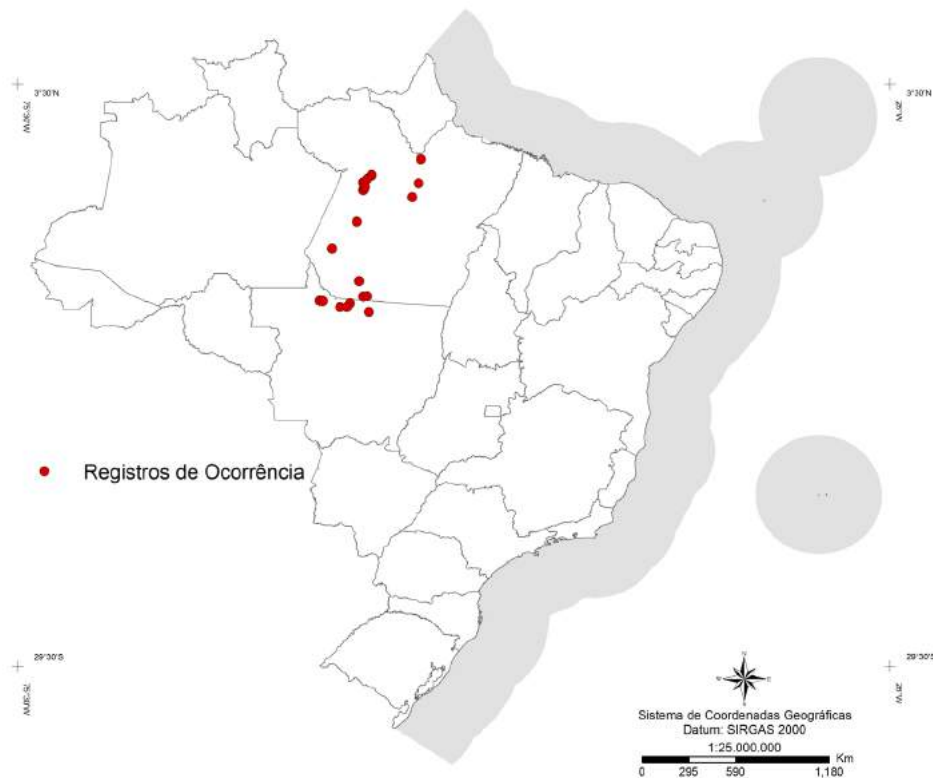
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Anteriormente à sua descrição, tratada equivocadamente como *Campylorhamphus procurvoides multostriatus*⁹⁶⁴.

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, ocorre no interflúvio Tapajós-Xingu, nos estados do Pará e Mato Grosso. O limite sul de sua distribuição ainda não é bem determinado⁹⁶⁴.



História natural

Seu *habitat* preferencial são emaranhados de cipó próximo a igarapés. Ocorre apenas em matas primárias, mas parece tolerar áreas com extração seletiva de madeira⁹⁶⁴. É rara em florestas secundárias (oficina de avaliação). Não foi encontrado em matas primárias ou secundárias que sofreram queimadas nos arredores de Santarém⁹⁶⁴.

Tomando por base outras espécies do gênero²³⁴, estima-se que o tempo geracional de *C. cardosoi* é de cerca de 4,5 anos.

População

É incomum no geral, mas pode ser localmente comum em seu *habitat* preferencial⁹⁶⁴. Somente devido à influência da BR-163, estima-se que cerca de 25% do *habitat* desta espécie será perdido. Modelagens feitas para a Amazônia para espécies com mesma área de distribuição, projetam uma perda de 27 a 42% do *habitat* de *C. cardosoi* entre os anos de 2002 e 2016 (três gerações)¹³⁷. Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional equivalente ou superior, considerando a sensibilidade da espécie. Dessa forma, as perdas populacionais, considerando a janela temporal de três gerações no passado e futuro, poderão ser superiores a 30% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Este táxon é endêmico de uma das áreas mais afetadas por atividades antrópicas da Amazônia, tendo perdido cerca de 25% de sua cobertura florestal original¹²⁵⁵. As principais ameaças ao *habitat* da espécie são a expansão agropecuária (especialmente gado e soja), implantação de empreendimentos hidrelétricos e construção de rodovias⁹⁶⁴, uma vez que a espécie ocupa a área de influência da BR-163.

Ações de conservação

A espécie está incluída no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.



Presença em unidades de conservação

Pará: PARNA do Jamanxin⁹⁶⁴, REBIO Nascentes da Serra do Cachimbo⁹⁶⁴, FLONA de Altamira⁹⁶⁴, FLONA do Tapajós⁹⁶⁴, FLONA Trairão⁶²²;

Mato Grosso: PE do Cristalino⁹⁶⁴, RPPN Cristalino⁹⁶⁴.

Lepidocolaptes wagleri (Spix, 1824)

Lemuel Olívio Leite, Caio Graco Machado, Elivan Arantes de Sousa & Romulo Ribon

Ordem: Passeriformes

Família: Dendrocolaptidae

Nomes comuns: arapaçu-de-wagler, arapaçu-escamado-de-wagler



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii)

Justificativa

Lepidocolaptes wagleri é endêmico do Brasil, ocorrendo apenas nos estados do Piauí, Bahia e Minas Gerais. Sua área de ocupação (AOO) foi calculada em 120 km². A população é considerada severamente fragmentada e há declínio continuado da AOO e da qualidade de *habitat* devido ao desmatamento e aos incêndios levando *L. wagleri* a categoria Em Perigo (EN), segundo os critérios B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{34,814}	VU A2c
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

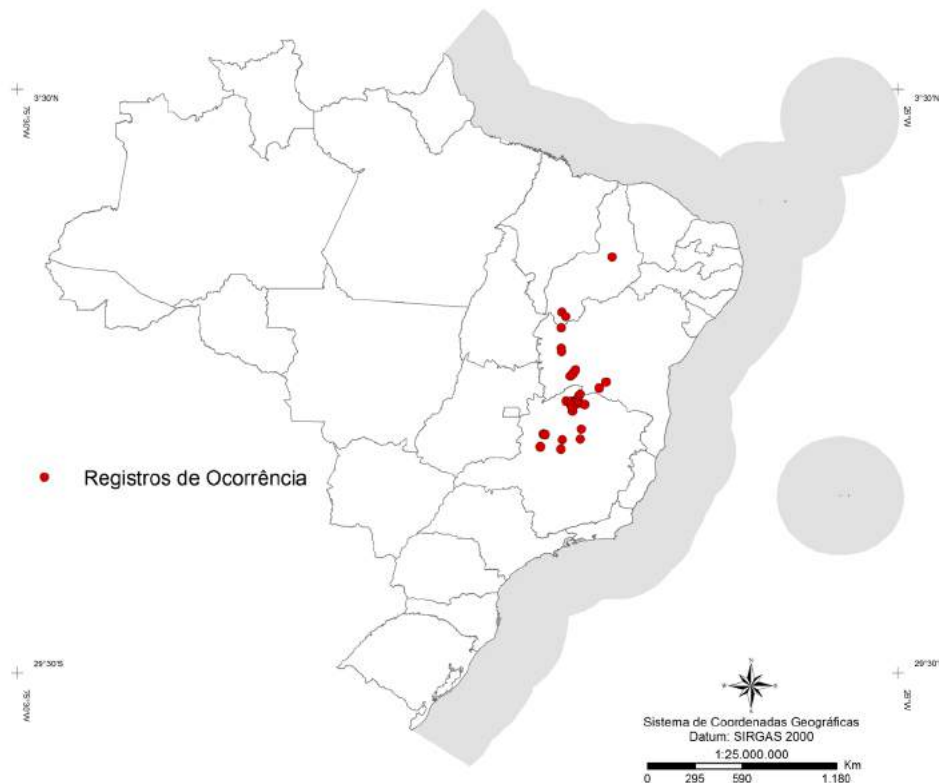
Outros nomes aplicados ao táxon

Dendrocolaptes wagleri Spix, 1824; *Lepidocolaptes squamatus wagleri* (Spix, 1824).

Distribuição geográfica

É endêmico do Brasil, ocorrendo apenas nos estados do Piauí, Bahia e Minas Gerais⁵²⁸.

A área de ocupação (AOO) de *L. wagleri* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas nas quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 120 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita cerrado, matas decíduas e semidecíduas, caatinga arbórea e mata de galeria. Ocorre no interior e na borda de matas e também em florestas com vegetação secundária desenvolvida.

Na Fazenda Brejão (Brasilândia de Minas), ocorreu apenas em trechos florestados e bem conservados ao longo do rio Paracatu, não sendo detectada em outros ambientes, apesar do esforço realizado⁴⁴⁹.

A dieta é constituída principalmente por artrópodes. Forrageia solitário, em casais ou frequentemente em bandos mistos, principalmente nos estratos médio e superior da floresta. Em geral, tende a ocupar floresta relativamente intacta, sendo moderadamente sensível ao desmatamento⁴⁴⁹.

População

Considerada escassa na região de Brasilândia de Minas (apenas cinco indivíduos capturados entre maio de 2002 e fevereiro de 2005)⁴⁴⁹. No PE da Mata Seca, esta espécie pode ser considerada rara, com aproximadamente 20 capturas em quatro anos de projeto (L. Leite, dados não publicados).

Por ser uma espécie dependente de floresta e com pouco poder de deslocamento em matriz não florestal, considera-se que sua população se encontra severamente fragmentada, seguindo a intensa fragmentação de seu *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A destruição das matas secas é a principal ameaça à espécie. Há perda e degradação de *habitat* por desmatamento e conversão para agricultura⁴⁴⁹. Também há perda de qualidade de *habitat* devido a incêndios antrópicos (oficina de avaliação).



Ações de conservação

Existentes

Lepidocolaptes wagleri está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰ e no PAN das Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹.

Necessárias

Para resguardar o *habitat* da espécie, é importante a criação de novas unidades de conservação em sua área de distribuição, protegendo especialmente matas secas ao sul do Piauí e norte da Bahia.

Presença em unidades de conservação

Minas Gerais: PE da Mata Seca⁴²², PARNA Cavernas do Peruaçu⁶⁷², APA Lajedão (obs. pess. dos autores), APA do Rio Pandeiros (obs. pess. dos autores).

Pesquisas

São necessários estudos taxonômicos, ecológicos e de biologia básica da espécie. Também seria relevante a busca por novas populações na Bahia e Piauí.

Dendrexetastes rufigula paraensis Lorenz-Liburnau, 1895

Alexander Charles Lees, Sidnei de Melo Dantas & Alexandre Aleixo

Ordem: Passeriformes

Família: Dendrocolaptidae

Nome comum: arapaçu-canela-de-belém



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A4ac

Justificativa

Dendrexetastes rufigula paraensis é endêmica do Brasil, restrita ao Centro de Endemismo Belém, a região que sofreu a maior pressão de desmatamento da Amazônia. Este táxon perdeu 70% de sua área original. Infere-se que esta perda de área natural em sua distribuição reflita em declínio populacional, tendo em vista a raridade de registros deste táxon nos últimos 60 anos, a despeito de buscas exaustivas. Naturalmente raro, é dependente de mata primária, mas tolerante a certo grau de degradação, como corte seletivo e queimadas. A distribuição é fragmentada dentro de sua extensão de ocorrência, mas não se conhecem os motivos que determinam sua presença ou ausência. Suspeita-se de declínio populacional maior que 50% quando se considera passado e futuro, em um período de três gerações. Por estas razões,



D. r. paraensis foi categorizada como Em Perigo (EN) A4ac.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{35,814}	EN A4c
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará: EN
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Dendrexetastes paraensis Lorenz, 1895.

Notas taxonômicas

Com base em caracteres de plumagem, esta subespécie parece ser mais próxima da forma nominal que ocorre ao norte do rio Amazonas do que de *D. r. moniliger*, subespécie que ocorre também a sul do Amazonas, mas a oeste do rio Tocantins (A. Aleixo, dados não publicados). Provavelmente, será elevada à categoria de espécie plena.

Distribuição geográfica

Endêmico do Brasil, restringe-se ao Centro de Endemismo Belém (da margem leste do rio Tocantins à Amazônia maranhense) e todos os registros provêm de um raio de 300 km a partir de Belém. O Centro de Endemismo Belém tem uma área total de 199.211 km², mas já perdeu cerca de 70% de sua cobertura vegetal original^{1105,1183}. A distribuição é fragmentada dentro de sua extensão de ocorrência, mas não se conhecem os motivos que determinam sua presença ou ausência.



História natural

Dendrexetastes rufigula paraensis ocorre em florestas de terra firme ou sazonalmente alagadas, em vários estágios de sucessão, preferindo, no entanto, florestas em estágio sucessional mediano, próximas



à água³⁵. Não há observações de campo publicadas sobre a ecologia desta subespécie, mas outros táxons de *Dendrexetastes* forrageiam predominantemente em material vegetal seco, como folhas mortas de palmeiras, preferencialmente no estrato superior da floresta^{778,1050}. Esta espécie é seguidora ocasional de bandos mistos³³¹. Obtém alimentos predominantemente recolhendo e sondando artrópodes com o bico em aglomerados de vegetação. As presas são predominantemente grandes, principalmente Coleoptera e Orthoptera. Nidifica em ocos naturais durante a estação seca (forma nominal) e a postura varia entre dois e três ovos brancos⁷⁷⁸. Esta espécie foi registrada usando caixas de ninhos artificiais no Peru³⁰⁶.

Um levantamento de cinco meses no município de Paragominas, Pará, entre agosto de 2010 e maio 2011, registrou este táxon em cinco microbacias diferentes, mas somente em um total de oito pontos de escuta (alguns destes registros sonoros estão depositados em <http://www.xeno-canto.org>, sob os números XC84062, XC84220 e XC79487)⁷¹¹. Todos os contatos foram obtidos em floresta primária (intacta ou explorada por corte seletivo), não tendo a espécie nunca sido registrada em muitos fragmentos florestais de boa qualidade amostrados, sugerindo uma distribuição irregular e muito localizada dentro da paisagem, uma característica da história de vida que pode predispor este táxon à extinção local ou mesmo global (Lees *et al.*, dados não publicados). A espécie não foi encontrada durante inventários prolongados no Salgado Paraense⁷⁰⁷ ou na região do Moju-Tailândia⁷⁰⁰.

População

Este táxon aparentemente não foi registrado entre 1959 e 2005, quando foi encontrado por S.M. Dantas na margem leste do rio Tocantins, em Tucuruí^{35,965}. Os registros nos últimos 60 anos são muito raros, a despeito de buscas exaustivas. Não há dados disponíveis sobre o tamanho da população (atual ou anterior), mas é possível inferir um declínio histórico substancial devido à perda de *habitat*^{1105,1183}. Suspeita-se de declínio populacional maior que 50% quando se considera passado e futuro, em um período de três gerações (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça à espécie é a perda e degradação de habitat gerada por ações humanas, especialmente a exploração madeireira e a ocupação pela agropecuária.

Ações de conservação

Existentes

Dendrexetastes rufigula paraensis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

É necessária a criação de mais unidades de conservação na região de distribuição da subespécie e proteção das unidades já existentes. Para permitir a sobrevivência deste táxon e de outros será fundamental garantir, nas paisagens produtivas, a manutenção da conectividade estrutural e funcional entre os fragmentos florestais existentes. Isso só pode ser alcançado por meio de procedimentos eficazes de comando e controle, significando que proprietários privados devem cumprir suas obrigações legais nas áreas de preservação permanente e RPPNs⁷⁰³.

Presença em unidades de conservação

Pode ocorrer no Maranhão, na REBIO do Gurupi, mas não há comprovação disto até o momento.

Pesquisas

Existentes

Além do trabalho que descreve a subespécie e de alguns inventários que registraram este táxon,



praticamente não há estudos publicados sobre este arapaçu.

Necessárias

Recomenda-se a busca sistemática pela subespécie ao longo da bacia dos rios Capim/Guamá, que parecem ser o centro histórico de sua distribuição no leste do Pará. Também é importante dar início a um estudo taxonômico sobre a validade do táxon *D. r. paraensis* e seu grau de independência evolutiva em relação às demais subespécies de *Dendrexetastes*.

***Dendrocolaptes retentus* Batista, Aleixo, Vallinoto, Azevedo, Rêgo, Silveira, Sampaio & Schneider, 2013**

Alexandre Aleixo, Romina do Socorro da Silva Batista & Sidnei de Melo Dantas

Ordem: Passeriformes

Família: Dendrocolaptidae

Nome comum: arapaçu-barrado-do-xingu



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3c

Justificativa

Dendrocolaptes retentus é endêmica do Centro de Endemismo Xingu, localizado no interflúvio Xingu-Tocantins, região que vem sofrendo altas taxas de desmatamento. Com base numa comparação com os dados obtidos para uma espécie com distribuição similar (*Hylexetastes brigidai*), projeta-se uma perda de cerca de 40% do *habitat* atual desta espécie nos próximos 15 anos (três gerações). Tendo em vista a sensibilidade da espécie e sua dependência de florestas, suspeita-se que haverá perda populacional proporcional à perda de *habitat*, sendo, portanto, maior que 30% nas próximas três gerações. Por estas razões, *D. retentus* foi categorizada como Vulnerável (VU) A3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Já foi tratado como *Dendrocolaptes certhia ridgwayi* Hellmayr, 1905.

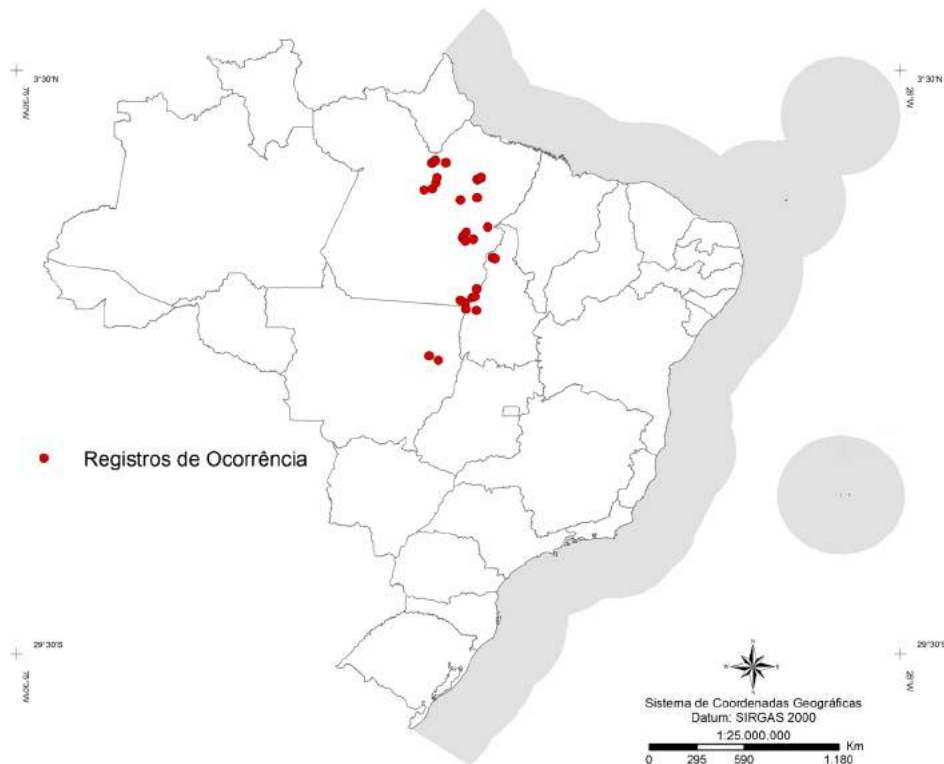


Notas taxonômicas

O Centro de Endemismo Xingu, entre a margem leste do rio Xingu e a margem oeste do rio Tocantins, abriga um táxon diagnóstico associado à espécie politípica *Dendrocolaptes certhia*¹⁰⁵. Estudos moleculares revelaram que essa população (supostamente atribuída ao táxon *ridgwayi*, cuja localidade-tipo é Santarém, no Centro de Endemismo Tapajós, no interflúvio vizinho entre os rios Tapajós e Xingu) é reciprocamente monofilética (com base em marcadores moleculares nucleares e mitocondriais) em relação aos demais táxons de *D. certhia*, justificando seu tratamento no mínimo como espécie filogenética independente ou unidade evolutiva significativa de importância para a conservação¹⁰⁵.

Distribuição geográfica

Endêmico do centro de endemismo Xingu, restrito ao interflúvio Xingu-Tocantins.



História natural

Habita matas de terra firme e ripárias, normalmente no interior da mata primária, mas também na borda. É encontrado em casais ou solitariamente, sendo um importante seguidor de formigas de correição (*Eciton burchelli* e *Labidus praedator*) e bandos mistos de aves, obtendo boa parte de seu alimento a partir destes tipos de associação, que podem também incluir bandos de macacos deslocando-se e forrageando pela ramaria da floresta⁷⁷⁸. Sua dieta consiste basicamente de artrópodes (destaque para grilos, baratas, besouros, escorpiões e aranhas) e ocasionalmente pequenos vertebrados. Forrageiam pelos estratos inferior e médio e pelo dossel da floresta. O período reprodutivo estende-se, provavelmente, de outubro a junho. Postura de um único ovo branco em cavidades escavadas por pica-paus⁷⁷⁸.

População

Na FLONA de Caxiuanã, a espécie foi considerada incomum em florestas de terra-firme e igapó, embora tenha ocorrido em todos os seis *plots* de 100 ha amostrados¹²⁵⁷. Nesta mesma unidade de conservação, Valente¹²⁵⁷ obteve um total de 91 contatos em pontos de escuta com este táxon, amostrados entre maio de 2003 e junho de 2005, não detectando nenhuma variação significativa de abundância entre



os seis *plots* de ocorrência do táxon. Reportado como incomum nas florestas de terra-firme da FLONA Tapirapé-Aquiri, onde não foi capturada nas redes de neblina, sendo apenas detectada a partir de pontos de escuta (S.M. Dantas & C.C. Almeida, dados não publicados). Na APA do Lago de Tucuruí, em uma área bastante fragmentada, foram registrados cinco indivíduos em cerca de 110 horas de censo por pontos, nos fragmentos de maior tamanho (L.M.P. Henriques & S.M. Dantas, dados não publicados). É relativamente abundante em Portel e Bagre, estando entre as 20 espécies mais abundantes em 160 horas de censo acústico e visual (S.M. Dantas, dados não publicados).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A principal ameaça à espécie é a perda, fragmentação e degradação de *habitat*, devido ao acelerado desmatamento existente no Centro de Endemismo Xingu.

Ações de conservação

Existentes

Dendrocolaptes retentus está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

Necessárias

É necessária a proteção de áreas com presença de formigas de correição e bandos mistos de aves (grandes áreas com florestas em bom estado de conservação), uma vez que esta espécie acompanha estes eventos. Recomenda-se também a criação de unidades de conservação de proteção integral no Centro de Endemismo Xingu, que incluam o *habitat* do táxon (florestas de terra firme e ripárias).

Presença em unidades de conservação

Pará: FLONA de Carajás⁹¹⁰, FLONA de Caxiuanã¹²⁵⁷, FLONA de Tapirapé-Aquiri (S.M. Dantas & C.C. Almeida, dados não publicados).

Pesquisas

Há pouca informação sobre este táxon. É necessária a realização de um estudo ecológico com o táxon, possivelmente com uso de radiotransmissor, para elucidação de fatores ambientais necessários para sua sobrevivência.



Dendrocolaptes medius Todd, 1920

Alexandre Aleixo, Romina do Socorro da Silva Batista, Nárgila G. de Moura, Alexander Charles Lees, Carlos Martínez & Sidnei de Melo Dantas

Ordem: Passeriformes

Família: Dendrocolaptidae

Nome comum: arapaçu-barrado-do-leste



Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c

Justificativa

Dendrocolaptes medius é endêmico do Brasil, com distribuição no Centro de Endemismo Belém (da margem leste do rio Tocantins à Amazônia maranhense) e no Centro de Endemismo Pernambuco, nos estados de Pernambuco e Alagoas. Ainda apresenta populações robustas na Amazônia, mas a população do nordeste está próxima da extinção, tendo perdido cerca de 90% do seu território original e havendo apenas dois registros em tempos recentes. No Centro de Endemismo Belém, estima-se uma perda de 70% da cobertura vegetal original, com uma redução populacional suspeitada de cerca de 30% em um intervalo de três gerações (12 anos), uma vez que esta espécie também se utiliza de áreas com vegetação secundária. Considerando que esta população representa quase 100% da população global da espécie, *D. medius* foi categorizado como Vulnerável (VU) pelo critério A2c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{36,814}	EN* A4c
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará*: EN
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Dendrocolaptes certhia medius*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Dendrocolaptes certhia medius Todd, 1920.

Notas taxonômicas

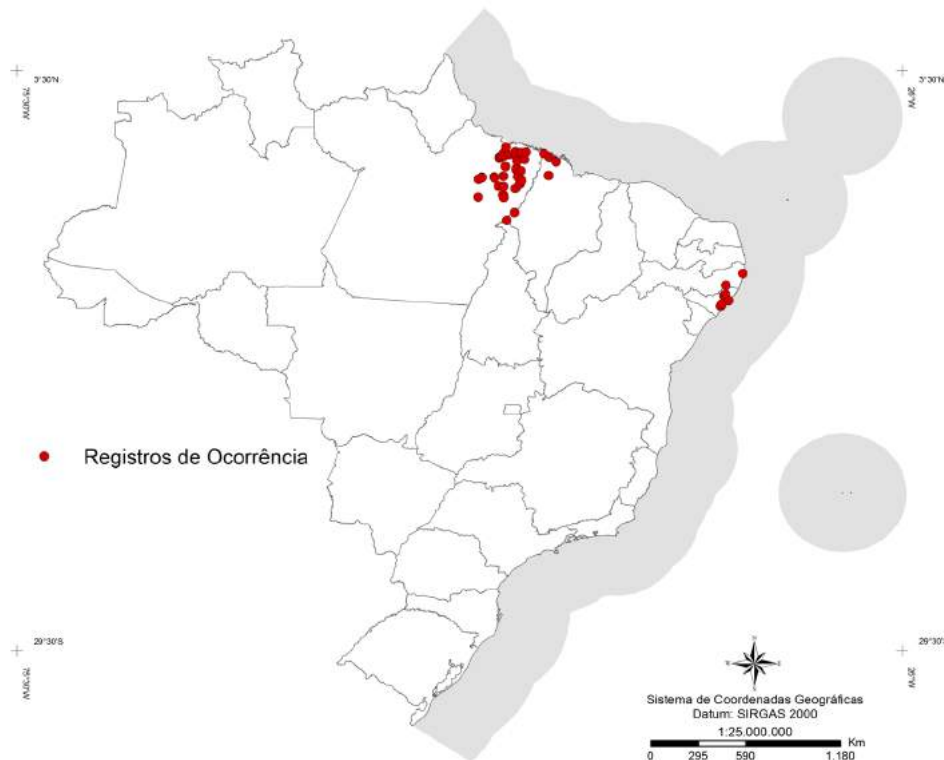
Táxon associado à espécie politípica *Dendrocolaptes certhia*⁷⁷⁸. Estudos moleculares revelaram que este táxon é reciprocamente monofilético (com base em marcadores moleculares nucleares e mitocondriais de indivíduos da população amazônica) em relação aos demais táxons de *D. certhia*, justificando seu tratamento, no mínimo, como espécie filogenética independente ou unidade evolutiva significativa de importância para a conservação¹⁰⁷. Ademais, Batista¹⁰⁶ fornece também uma diagnose morfológica consistente para este táxon.



Em análises exploratórias, observou-se que vocalizações (sonogramas) de indivíduos registrados em campo apresentaram diferença quanto ao número de notas e frequência se comparado com os demais táxons reconhecidos para o complexo *Dendrocolaptes certhia*, atribuindo assim mais um possível caráter diagnóstico a este táxon (R. Batista, dados não publicados).

Distribuição geográfica

É endêmico do Brasil, com distribuição no Centro de Endemismo Belém (da margem leste do rio Tocantins à Amazônia maranhense) e no Centro de Endemismo Pernambuco, nos estados de Pernambuco e Alagoas⁷⁷⁸.



História natural

A espécie utiliza florestas úmidas, tanto secundárias quanto maduras, principalmente de terra firme, embora um dos ambientes de forrageio procurados sejam os açazais¹²⁹⁷. Ocorre em capões de *Cecropia*, bordas e outra vegetação secundária, mas depende da combinação desses capões com floresta mais madura⁷⁷⁸. Em estudos realizados no Pará, a espécie foi registrada em áreas de floresta em bom estado de conservação e relativamente contínuas, mas também em florestas degradadas e fragmentadas^{700,711,965} (A.C. Lees & N.G. de Moura, dados não publicados).

É encontrada geralmente nos estratos baixos e médios da floresta¹²⁹⁷. Forrageia sozinho, em pares ou em bandos mistos associados a correição de formigas¹²⁹⁷. Também pode ser encontrado longe das correições, tanto em floresta de terra firme quanto em açazeiros, onde busca insetos e pequenos vertebrados (principalmente lagartos e anuros)¹²⁹⁷.

Ave não particularmente tímida, mas em geral de movimentos tranquilos e discretos, capaz de permanecer quieta e pouco visível durante períodos relativamente longos¹²⁹⁷. Tempo de geração estimado de quatro anos¹³⁷. Sua dieta consiste basicamente de artrópodes (destaque para grilos, baratas, besouros, escorpiões e aranhas) e, ocasionalmente, pequenos vertebrados. Forrageia pelos estratos inferior e médio e pelo dossel da floresta⁷⁷⁸. O período reprodutivo estende-se, provavelmente, de outubro a junho. Postura de um único ovo branco em cavidades escavadas por pica-paus⁷⁷⁸.



População

Apresenta populações robustas na Amazônia (oficina de avaliação). Em levantamentos recentes no Pará, o táxon foi encontrado em seis localidades de um total de nove sítios amostrados no Centro Belém⁹⁶⁵. Populações ainda persistem em fragmentos perturbados na região metropolitana de Belém⁹⁶⁵, além de florestas secundárias já antigas na região costeira do Pará (A.C. Lees & N.G. de Moura, dados não publicados).

Um levantamento de cinco meses no município de Paragominas, em agosto-novembro de 2010 e maio de 2011, registrou este táxon 24 vezes em 10 microbacias diferentes, sendo 23 contatos em floresta primária (intacta ou explorada por corte seletivo) e apenas um em área de floresta secundária⁷¹¹ (A.C. Lees & N.G. de Moura, dados não publicados).

Na APA do Lago de Tucuruí, em uma área bastante fragmentada, foram registrados seis indivíduos em cerca de 110 horas de censo por pontos, tanto em ilhas pequenas (menos de 20 ha), como nas áreas de floresta “contínua”, na margem do lago (mas ainda assim, altamente fragmentadas).

A população da Mata Atlântica nordestina encontra-se próxima da extinção, com pouquíssimos registros recentes¹²⁸⁹.

O Centro de Endemismo Belém concentra praticamente 100% da população global da espécie. Estima-se que cerca de 70% da cobertura vegetal original tenha sido perdida nessa área. Suspeita-se que a perda de *habitat* dos últimos 12 anos (três gerações) tenha levado à redução populacional de cerca de 30% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a perda, fragmentação e degradação de *habitat*. Embora este táxon utilize florestas secundárias antigas, ocorre nestas áreas em densidades mais baixas (A.C. Lees & N.G. de Moura, obs. pess.).

Ações de conservação

Existentes

Dendrocolaptes medius está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

É importante a manutenção de unidades de conservação na área de ocorrência da espécie. É necessário intensificar as medidas que garantam a real proteção das unidades de conservação existentes, isto inclui desde o reforço das atividades de fiscalização até a ocupação institucional das unidades, tanto pelas equipes do ICMBio quanto pelas instituições de pesquisa.

Recomenda-se criar unidades de conservação novas, reflorestar com espécies nativas e recuperar florestas, criar corredores que comuniquem os remanescentes florestais, racionalizar projetos de desenvolvimento que incluem desmatamento, de maneira que não se desmate sem qualquer controle no primeiro momento para depois implantar o projeto de plantio, pecuária, indústria ou infraestrutura, como frequentemente ocorre no sul do Pará e no Maranhão, desenvolver política efetiva de prevenção e controle de incêndios.

Presença em unidades de conservação

Pará: PE do Utinga (A.C. Lees & N.G. Moura, obs. pess.), APA do Lago de Tucuruí (L.M.P. Henriques & S.M. Dantas, com. pess., 2012);

Maranhão: REBIO do Gurupi³⁶, APA das Reentrâncias Maranhenses (C. Martínez, obs. pess.);

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁸⁹;

Pernambuco: RPPN Frei Caneca³⁶.



Pesquisas

As pesquisas existentes referem-se sobretudo a projetos de levantamento de avifauna, tanto na Amazônia quanto no nordeste. São necessários levantamentos de dados de densidade populacional, acompanhamento cronológico (prolongação das séries de dados) das tendências populacionais em médio prazo, comparando áreas de distribuição ao longo do tempo, caracterização efetiva da real tolerância da espécie a alterações do *habitat* de intensidade média, comparação entre variabilidade /diferenciação genética e ecologia das populações da Mata Atlântica e da Amazônia.

Dendrocolaptes picumnus transfasciatus Todd, 1925

Danielle Custódio Leal, Suylane Barbalho de Lima Silva & Fernanda Pinto Marques

Ordem: Passeriformes

Família: Dendrocolaptidae

Nome comum: arapaçu-meio-barrado



Foto: Alexander Lees

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3c

Justificativa

Dendrocolaptes picumnus transfasciatus é restrita ao interflúvio Xingu-Tapajós. É dependente de floresta íntegra e em bom estado de conservação, sendo rara em florestas secundárias. Modelagens de perda de *habitat* indicam redução de 38% do *habitat* utilizado por este táxon, o que poderá levar a uma redução populacional superior a 30% no período de três gerações. Por estas razões, *D. p. transfasciatus* foi categorizada como Vulnerável (VU) A3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

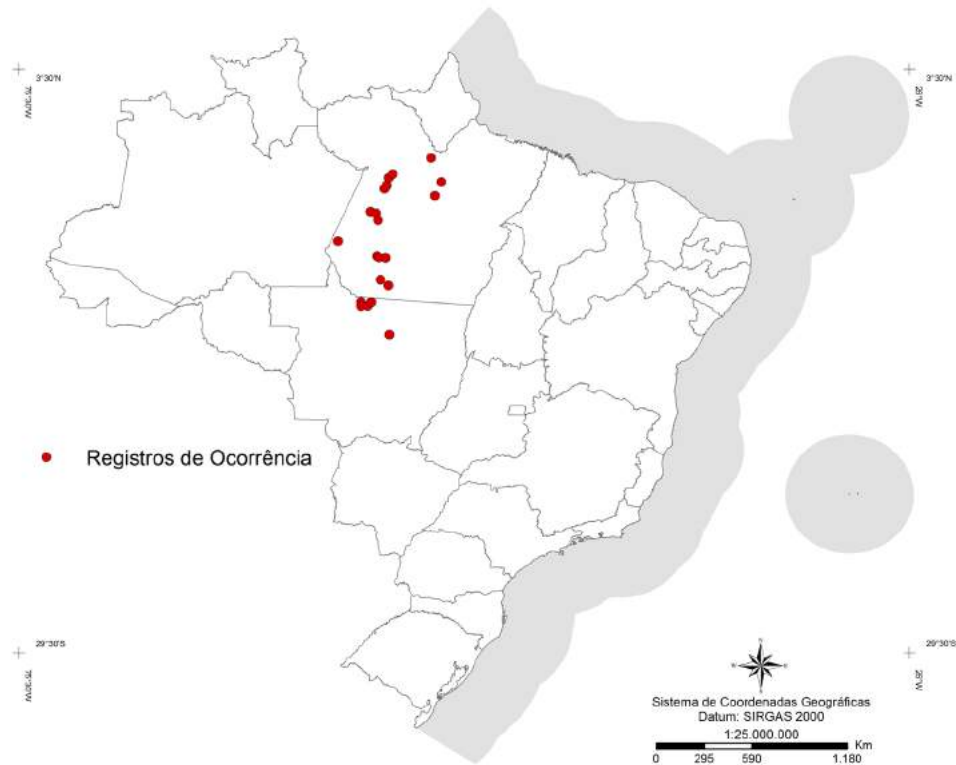
Dendrocolaptes transfasciatus Todd, 1925.

Distribuição geográfica

Endêmico do norte do Brasil, ocorrendo a sul do rio Amazonas, do rio Tapajós ao rio Xingu⁷⁷⁸, nos



estados do Pará e Mato Grosso⁵²⁸.



História natural

Ocorre principalmente em terra firme, sendo menos frequente em florestas inundadas e savanas. Frequenta principalmente o interior de florestas maduras, com sub-bosque relativamente aberto, raramente ocupando áreas adjacentes a plantações e clareiras. Segue formigas de correição, mas também forrageia solitário ou acompanhando bandos mistos⁷⁷⁸. O tempo geracional da espécie é estimado em 3,8 anos¹⁴⁴.

População

Vale *et al.*¹²⁵⁵ projetam que a área correspondente à extensão de ocorrência deste táxon perderá 38% da vegetação natural até 2020. Considerando que *D. p. transfasciatus* é dependente de floresta em bom estado de conservação, suspeita-se que haverá perda populacional correspondente à perda de *habitat* nesse período (12 anos - aproximadamente três gerações) (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Sua extensão de ocorrência sofre com altas taxas de desmatamento devido à expansão agropecuária. Além disso, esta área está sob influência da BR-163, o que gera forte pressão sobre as áreas naturais (oficina de avaliação).

Vale *et al.*¹²⁵⁵ relataram que o *habitat* adequado à espécie poderia diminuir 38% até 2020 (de 157,738 km² para 98,598 km²), o que poderá levar a uma redução populacional superior a 30% no período de três gerações (11,4 anos) (oficina de avaliação).

Ações de conservação

O táxon está contemplado pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

Presença em unidades de conservação

Pará: FLONA de Tapajós⁵⁸⁸, FLONA do Jamanxim⁶¹⁷.



Xiphocolaptes carajaensis Silva, Novaes & Oren, 2002

Sidnei de Melo Dantas & Alexander Charles Lees

Ordem: Passeriformes
Família: Dendrocolaptidae

Nome comum: arapaçu-do-carajás



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c+3c

Justificativa

Xiphocolaptes carajaensis é endêmico do Brasil, restrito ao Centro de Endemismo Xingu, ocorrendo entre a margem leste do rio Xingu e a margem oeste do rio Tocantins. Esta área perdeu, recentemente, 60% de sua cobertura vegetal e está sobreposta ao Arco do Desmatamento. Baseando-se em modelagem de perda populacional a partir de perda de *habitat* para espécie com distribuição e características ecológicas parecidas (*Hylexetastes brigidai*), projeta-se declínio de 40 a 50% em três gerações (15 anos). Infere-se um declínio populacional de ao menos 30% em três gerações passadas e em três gerações futuras. Por estas razões, *X. carajaensis* foi categorizada como Vulnerável (VU) A2c+3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

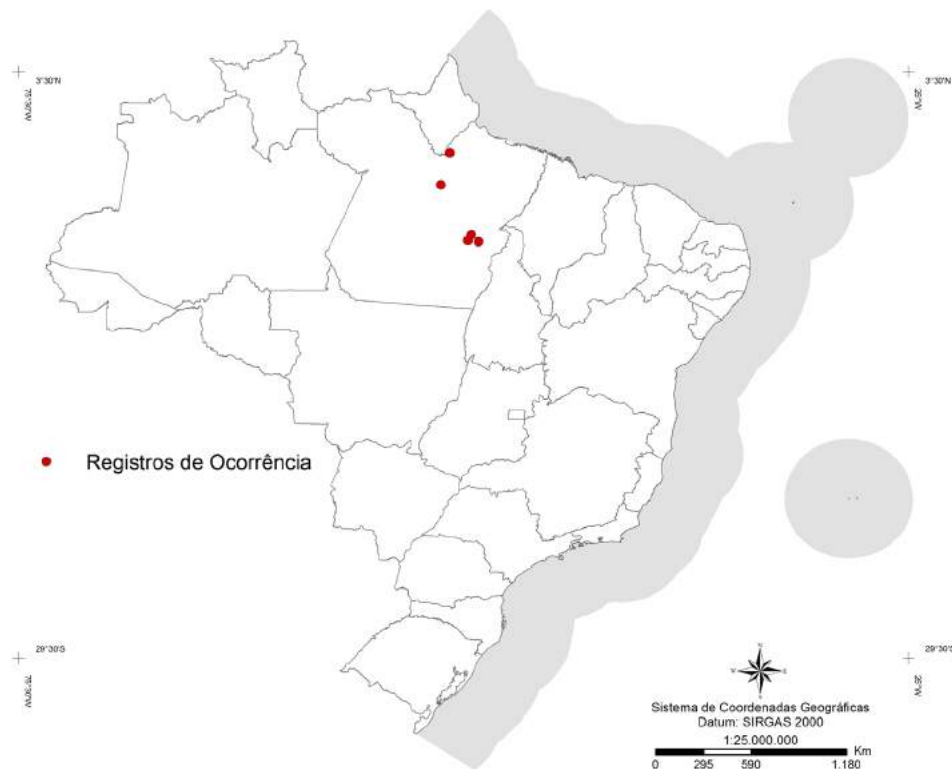
Xiphocolaptes promeropirhynchus carajaensis Silva, Novaes & Oren, 2002.

Notas taxonômicas

Xiphocolaptes carajaensis é uma espécie descrita recentemente¹¹⁰³ e tem parentesco próximo ao complexo *X. promeropirhynchus* (Lesson 1820).

Distribuição geográfica

Xiphocolaptes carajaensis é endêmico do Brasil, restrito ao Centro de Endemismo Xingu, entre a margem leste do rio Xingu e a margem oeste do rio Tocantins¹¹⁰³.



História natural

Habita florestas de terra firme, sendo incomum e local; possui alta sensibilidade a alterações de *habitat*. Normalmente encontrado solitário, mas acompanha bandos mistos regularmente. Também segue formigas de correição, sendo então dominante sobre outras aves. Forrageia preferencialmente no sub-bosque mais alto, podendo explorar outros estratos da floresta¹⁰⁰⁵. O tempo geracional estimado para espécies similares é de aproximadamente cinco anos¹⁴⁴.

População

Considerado raro em levantamentos por pontos em *habitat* adequado, na FLONA de Caxiuana¹²⁵⁷, na Serra dos Carajás e na região de Belo Monte (S.M. Dantas, dados não publicados). A espécie *X. promeropirhynchus*, de *habitat* e ecologia similares, é considerada rara ou esparsamente distribuída¹²⁰⁵.

Houve perda de cerca de 60% da vegetação original da área de distribuição da espécie. Considerando-se que grande parte dessa perda é recente, estima-se que tenha havido declínio populacional de ao menos 30% em três gerações passadas (oficina de avaliação).

Baseando-se em modelagem de perda populacional a partir de perda de *habitat* para espécie com distribuição e características ecológicas parecidas (*Hylexetastes brigidae*), projeta-se declínio de 40 a 50% em três gerações (15 anos)¹³⁷. Assim, infere-se que o declínio populacional será de, ao menos, 30% em três gerações futuras de *X. carajaensis* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Uma vez que a distribuição de *X. carajaensis* sobrepõe-se ao Arco do Desmatamento, a perda, fragmentação e degradação de seu *habitat* é a principal ameaça à espécie. O fato de ser uma espécie de baixa densidade populacional e bastante sensível ao desmatamento agrava a situação. Considera-se que cerca de 60% da cobertura vegetal da distribuição da espécie tenha sido perdida (oficina de avaliação). Já em 2004, 27% da cobertura florestal do Centro de Endemismo Xingu havia sido perdida¹¹⁰⁵. Não foi encontrada em 60 horas de censo nos municípios de Portel e Breves (S.M. Dantas, dados não publicados).



Ações de conservação

Existentes

Xiphocolaptes carajaensis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo até 2018⁶²⁸.

Necessárias

É necessária a criação de mais unidades de conservação na região de distribuição da espécie e proteção das unidades já existentes. Também é importante garantir que as obrigações legais em áreas particulares (respeito a áreas de preservação permanente e RPPNs) sejam cumpridas, pois isso mantém a conectividade funcional e estrutural entre fragmentos⁶⁹³.

Presença em unidades de conservação:

Pará: REBIO do Tapirapé⁶¹¹, FLONA de Carajás^{25,910}, FLONA de Caxiuanã¹²⁵⁷, FLONA de Tapirapé-Aquiri⁶.

Xiphocolaptes falcirostris (Spix, 1824)

Weber Andrade de Girão e Silva, Marcos Pérsio Dantas Santos & Luís Fábio Silveira

Ordem: Passeriformes

Família: Dendrocolaptidae

Nomes comuns: arapaçu-do-nordeste,
cochi-do-nordeste



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Xiphocolaptes falcirostris é endêmica do Brasil, ocorrendo do leste do Maranhão à caatinga nordestina e a oeste do rio São Francisco até norte de Minas Gerais. Embora a extensão de ocorrência seja ampla (mais de 86.000 km²), sua área de ocupação é restrita às regiões de mata seca de boa qualidade. Há um declínio em área e qualidade do *habitat* decorrentes do desmatamento, remoção de grandes árvores e construção de hidrelétricas. Suspeita-se que a espécie esteja declinando em uma taxa equivalente à de desmatamento. Sua população, atualmente estimada entre 2.500 e 10.000 indivíduos maduros, encontra-se altamente fragmentada, sugerindo que existam menos do que 1.000 indivíduos maduros em cada subpopulação. Por essas razões, *X. falcirostris* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério C2a(i).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	VU A2c
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais: EN
Avaliação global ¹⁹²	VU A2c+3c+4c; C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Dendrocolaptes falcirostris Spix, 1824.

Notas taxonômica

Atualmente, abrange duas subespécies⁷⁷⁸, mas *X. falcirostris franciscanus* já foi considerada espécie válida³⁶¹ e a subespécie *X. albicollis villanovae* Lima, 1920, já foi avaliada como pertencente a *X. falcirostris*³⁸³. Levantou-se ainda a possibilidade de *X. albicollis* incluir a forma *franciscanus*⁹⁵⁷. Ainda são necessários estudos, sobretudo genéticos, para verificar a validade específica da forma nominal e do táxon *franciscanus*¹¹⁰⁴.

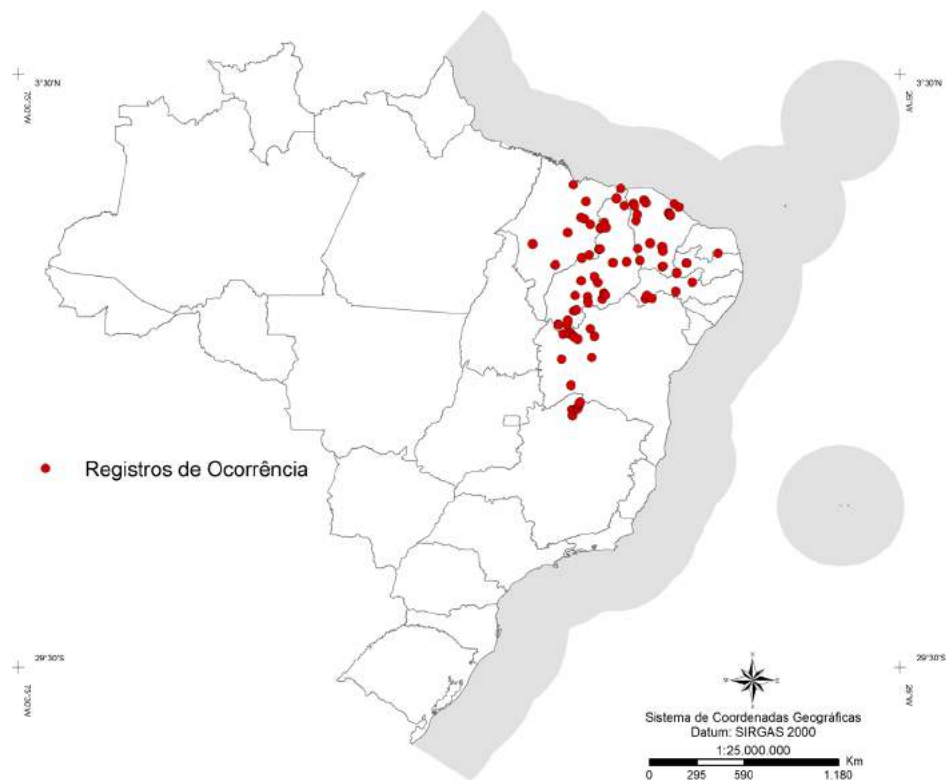
Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, ocorrendo do leste do Maranhão à caatinga nordestina e a oeste do rio São Francisco até norte de Minas Gerais. Embora a extensão de ocorrência seja ampla (mais de 86.000 km²), sua área de ocupação é restrita às regiões de mata seca de boa qualidade.

As subespécies distribuem-se da seguinte maneira:

X. f. falcirostris - ao norte da distribuição (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e noroeste baiano);

X. f. franciscanus – no sudoeste baiano, noroeste de Minas Gerais e, possivelmente, nordeste de Goiás⁷⁷⁸.





História natural

A forma nominal é utilizada como indicadora de matas de galeria na Caatinga e *X. f. franciscanus* como indicadora de florestas tropicais decíduas na região do Cerrado⁷⁷⁸. Considerada dependente de florestas¹¹⁰⁶, apesar de não utilizar vegetação florestal úmida em brejos de altitude⁵⁰⁰. Vive aos pares, solitário ou formando pequenos grupos familiares¹²¹⁰, associando-se a outras espécies, como *Dendrocolaptes platyrostris*; quando excitados pela emissão de gravações de seu canto, pares assumem posturas com a cabeça recurvada sobre o dorso⁸¹². Aparentemente, reproduz durante o verão austral, mas ninhos e ovos são desconhecidos. Essencialmente insetívoro⁷⁷⁸.

População

A população parece estar declinando em uma taxa equivalente à de desmatamento. O tamanho populacional é atualmente estimado entre 2.500 e 10.000 indivíduos maduros¹⁴²; há fragmentação severa da população, sugerindo que existam menos do que 1.000 indivíduos maduros em cada subpopulação (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça à espécie é o desmatamento e a perda da qualidade do *habitat*, decorrente da remoção de grandes árvores. Alagamentos provocados por represas, na Caatinga, prejudicam a espécie sobremaneira, pois afetam diretamente as matas de galeria⁸⁷⁵. Na Bahia, sua área de distribuição estaria impactada pela atividade agropecuária em 15%, urbanização em 4%, assentamentos em 9%, lavras em 1% e 0,4% em estradas⁹⁵⁴. Assim sendo, há declínio em área e qualidade do *habitat* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Ações existentes estão oportunamente relacionadas à conservação do *habitat*, contudo, sem planejamento específico para proteger *Xiphocolaptes falcirostris*.

Necessárias

A criação de unidades de conservação protegendo seu *habitat* em mosaico seria a única estratégia viável para evitar sua extinção. Um estudo propõe tais áreas na Bahia⁹⁵⁴. Verificar a validade das subespécies pode revelar uma situação mais delicada para cada uma, caso venham a ser reconhecidas como espécies plenas.

Presença em unidades de conservação

Piauí: PARNA da Serra da Capivara¹²¹⁰, PARNA da Serra das Confusões¹²¹⁰, APA Delta do Parnaíba¹²¹⁰, APA Serra da Ibiapaba¹²¹⁰;

Ceará: PARNA de Ubajara^{844,1210}, FLONA de Araripe-Apodí¹²⁸⁹, RPPN Olho D'água do Uruçu (obs. pess. dos autores);

Minas Gerais: PARNA das Cavernas do Peruaçu⁶⁷².

Pesquisas

É necessário verificar a validade das subespécies descritas.



Hylexetastes brigidai Silva, Novaes & Oren, 1996

Sidnei de Melo Dantas & Alexander Charles Lees

Ordem: Passeriformes
Família: Dendrocolaptidae

Nome comum: arapaçu-de-loro-cinza



Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c+3c

Justificativa

Hylexetastes brigidai é endêmica do Brasil, ocorrendo exclusivamente no Centro de Endemismo Xingu, entre a margem leste do rio Xingu e a margem oeste do rio Tocantins. Esta área perdeu, recentemente, 60% de sua cobertura vegetal e está sobreposta ao Arco do Desmatamento. Baseando-se em modelagem de perda populacional a partir de perda de *habitat*, projeta-se declínio de 40 a 50% em três gerações (15 anos). Portanto, infere-se um declínio populacional de ao menos 30% em três gerações passadas e em três gerações futuras. Por estas razões, *H. brigidai* foi categorizada como Vulnerável (VU) A2c+3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁹³	VU A3c

Outros nomes aplicados ao táxon

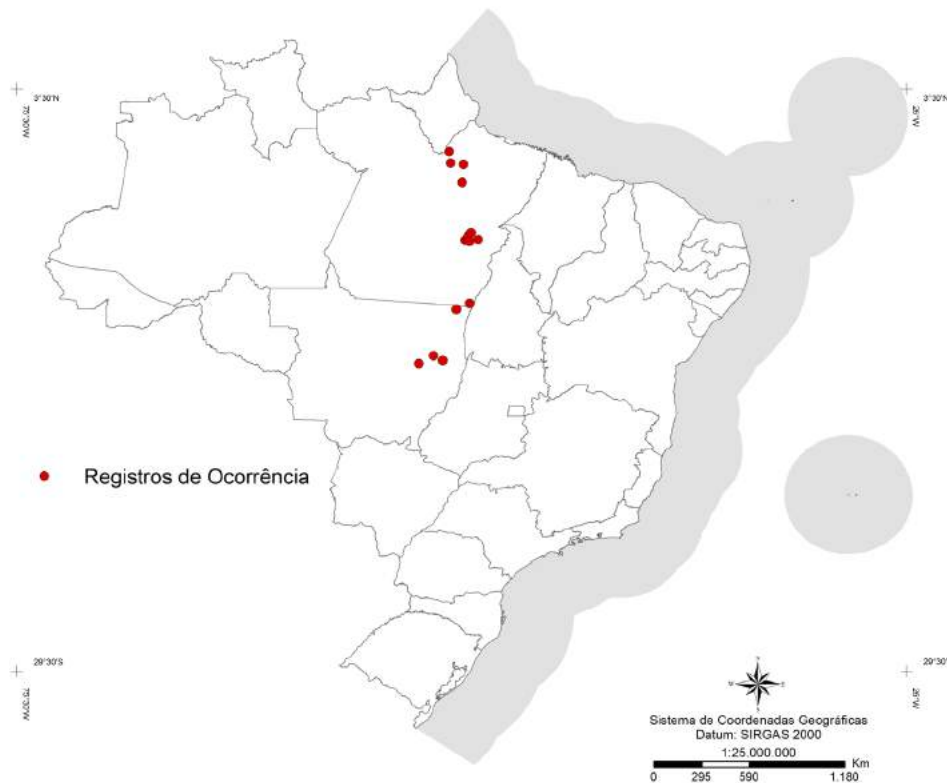
Hylexetastes perrotii brigidai Silva, Novaes & Oren, 1996; *Hylexetastes uniformis brigidai* Silva, Novaes & Oren, 1996.

Notas taxonômicas

Hylexetastes brigidai é uma espécie descrita recentemente¹¹⁰². Os autores não acharam evidência de hibridização entre os quatro táxons previamente reconhecidos de *Hylexetastes* em áreas onde elas são potencialmente parapátricas, elevando-as assim a espécies plenas, inclusive *H. brigidai*. É considerado como subespécie de *Hylexetastes perrotii* por Marantz *et al.*⁷⁷⁸, que assinala que as vozes entre as espécies *H. perrotii*, *H. uniformis* e *H. brigidai* são muito similares.

Distribuição geográfica

Hylexetastes brigidai é restrito ao Centro de Endemismo Xingu, entre a margem leste do rio Xingu e a margem oeste do rio Tocantins¹¹⁰², com sua distribuição estendendo-se para sul até o norte de Mato Grosso⁸⁰⁶.



História natural

Ocupa principalmente florestas de terra firme, forrageando em todos os estratos. Normalmente encontrado solitário ou aos pares, mas acompanha bandos mistos e é uma seguidora facultativa de formigas de correição¹⁰⁰⁵, especialmente *Eciton burchelli*. Quando segue correições, pousa em troncos próximos ao chão e é normalmente dominante sobre outras espécies. Geralmente pouco conspícuo e pouco vocal. O tempo geracional da espécie é estimado em aproximadamente cinco anos¹⁴⁴.

População

Considerado comum em levantamentos por pontos na FLONA de Caxiuanã¹²⁵⁷ mas raro em outros lugares amostrados, como na Serra dos Carajás, em Tucuruí e na região de Belo Monte (S.M. Dantas, dados não publicados).

Houve perda de cerca de 60% da vegetação original da área de distribuição da espécie. Considerando-se que grande parte dessa perda é recente, estima-se que tenha havido declínio populacional de ao menos 30% em três gerações passadas (oficina de avaliação).

Baseando-se em modelagem de perda populacional a partir de perda de *habitat*, projeta-se declínio de 40 a 50% em três gerações (15 anos)¹³⁷. Assim sendo, infere-se que o declínio populacional será de, ao menos, 30% em três gerações futuras de *X. carajaensis* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A porção meridional da distribuição de *Hylexetastes brigidai* sobrepõe-se ao arco de desmatamento da Amazônia, a mais agressiva fronteira de desmatamento do planeta em termos de perda total de floresta e atividades de fogo^{445,494}. A perda, degradação e fragmentação de florestas é assim a principal ameaça a essa espécie⁷⁰². A previsão de perda de *habitat* na ecorregião Xingu-Tocantins-Araguaia é de cerca de 41% até 2020¹²⁵⁵.



Ações de conservação

Existentes

Hylexetastes brigidai está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

A criação de mais unidades de conservação na região de distribuição da espécie, como nos municípios de Portel e Bagre (S.M. Dantas, dados não publicados) e proteção das unidades já existentes. Também é importante garantir que as obrigações legais em áreas particulares (respeito a áreas de preservação permanente e RPPNs) sejam cumpridas, pois isso mantém a conectividade funcional e estrutural entre fragmentos⁶⁹⁷.

Presença em unidades de conservação

Pará: REBIO do Tapirapé (obs. pess. dos autores), APA do Lago de Tucuruí (obs. pess. dos autores), FLONA de Carajás⁹¹⁰, FLONA de Caxiuanã¹²⁵⁷, FLONA de Tapirapé-Aquiri (obs. pess. dos autores).

Pesquisas

Além da descrição da espécie e de alguns inventários onde foi registrada, virtualmente não há estudos publicados sobre a história natural desse arapaçu, fora um estudo geral de ectoparasitas de aves do leste da Amazônia por Ogrzewalska *et al.*⁸⁶⁴, que registraram carrapatos em três de quatro indivíduos. São necessários estudos detalhados de população para avaliar o tamanho de seu território e sua sensibilidade à perda de qualidade do *habitat*.

Xenops minutus alagoanus Pinto, 1954

Fernanda Pinto Marques, Danielle Custódio Leal & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Passeriformes

Família: Xenopidae

Nome comum: bico-virado-miúdo



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(iii)

Justificativa

Xenops minutus alagoanus é restrita ao Centro de Endemismo Pernambuco. Atualmente, os remanescentes de floresta nessa área somam cerca de 2.200 km². Considerando que a espécie é dependente



de floresta e não está presente em todos os fragmentos, é razoável inferir que sua área de ocupação seja inferior a 2.000 km². A população é severamente fragmentada e há declínio continuado de qualidade do *habitat*. Assim, *X. m. alagoanus* foi categorizada como Vulnerável (VU) B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1029}	VU B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Esta subespécie não é reconhecida por alguns autores⁹⁸⁴, mas por não haver estudo conclusivo sobre seu status, nesta avaliação ela foi considerada válida (oficina de avaliação).

Distribuição geográfica

É restrita ao Centro de Endemismo Pernambuco (oficina de avaliação), com registros do Rio Grande do Norte a Alagoas. Calcula-se que existam 2.200 km² de remanescentes florestais na área de distribuição do táxon, sendo que os fragmentos menores não são ocupados por ele, de forma que é razoável dizer que sua área de ocupação (AOO) atual é menor que 2.000 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita o interior e as bordas de florestas secundárias e tardias, tanto nos estratos mais baixos como nas copas não muito altas, seguindo bandos mistos¹⁰²⁹. É dependente de floresta, não ocorrendo em fragmentos muito pequenos (oficina de avaliação).

População

A população é severamente fragmentada devido à intensa perda de *habitat* e a seu baixo poder de



deslocamento (oficina de avaliação).
Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça à espécie é a perda de *habitat*. Os remanescentes florestais existentes estão intensamente fragmentados e continuam sofrendo pressão antrópica, especialmente pela expansão da agricultura, de modo que há declínio continuado de *habitat* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Xenops minutus alagoanus está contemplado no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e no PAN das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: ESEC do Tapacurá¹⁰¹⁸, PE de Dois Irmãos¹⁰¹⁸, REBIO de Saltinho⁵⁸⁵, REVIS Matas do Sistema Gurjaú¹²³⁸, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Frei Caneca¹⁰²⁹;
Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹.

Cinclodes espinhacensis Freitas, Chaves, Costa, Santos & Rodrigues, 2012

Laís Cristina Álvares Rodrigues Assis & Danielle Custódio Leal

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nome comum: pedreiro-do-espinhaço



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B1ab(iii)+2ab(iii)

Justificativa

Cinclodes espinhacensis é endêmica do Brasil, com distribuição restrita à porção meridional da Serra do Espinhaço, em Minas Gerais. Sua extensão de ocorrência (EOO) foi calculada em 490 km² e a área de ocupação (AOO) é certamente menor. A espécie é exigente quanto ao *habitat*, ocorrendo apenas em afloramentos rochosos e campos abertos em áreas altas. Há perda continuada de qualidade de *habitat* devido a fogo, turismo e agropecuária. São conhecidas menos de cinco localizações da espécie, considerando-se o fogo como a ameaça que as caracteriza. Dessa forma, *C. espinhacensis* foi categorizada como Em Perigo (EN) pelos critérios B1ab(iii)+2ab(iii).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, com distribuição restrita à Serra do Espinhaço Meridional, da Serra da Pedra Redonda (Jaboticatubas) à Serra do Abreu (Congonhas do Norte). Os pontos de registro de *C. espinhacensis* podem ser agrupados em quatro localizações: dentro do PARNA Serra do Cipó, nas suas proximidades, na Serra do Breu e na Serra do Abreu. A EOO da espécie foi estimada em cerca de 490 km² (pelo método mínimo polígono convexo), considerando as localidades conhecidas. Entretanto, AOO é certamente muito menor, dada as exigências de *habitat* da espécie (afloramentos rochosos e campos abertos localizados nos cumes mais altos)⁴⁸³.



História natural

Embora a espécie possa ocorrer em altitudes de 1.100 m (por exemplo, na base oeste da Serra do Breu), tem preferência por montanhas altas, a 1.500 m de altitude⁴⁸³, onde a massa de ar úmido do oceano Atlântico fica presa, formando condições nebulosas frequentes (Ribeiro *et al.* 2009 citado por Freitas *et al.*⁴⁸³). Ocorre em campos rupestres sobre colinas altas, cobertas por afloramentos rochosos e rodeadas por campos abertos, geralmente, composto de plantas Velloziaceae, Eriocaulaceae e Xyridaceae⁴⁸³. A espécie forrageia sobre afloramentos de quartzo e também em campos abertos, recolhendo artrópodes de fendas, líquens, musgos ou gramíneas⁴⁸³.

População

Freitas *et al.*⁴⁸³ registraram mais de 30 indivíduos de *C. espinhacensis*, incluindo alguns em casais, na região da Serra do Cipó⁴⁸³.



Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A porção sul da Serra do Espinhaço está ameaçada pelo rápido crescimento do turismo, conversão de terras para agricultura e pecuária, atividades de mineração, queima de pastagem e outras atividades antrópicas⁴⁸³. Muitos dos locais de registro de *C. espinhacensis* fora do PARNA Serra do Cipó são ocupados por fazendas de gado que utilizam queimadas anuais como manejo de pasto. Esses incêndios ocorrem no auge da estação seca e, por vezes, atingem o interior do PARNA⁴⁸³.

Cinclodes espinhacensis é vulnerável às mudanças climáticas devido à sua preferência por maiores altitudes e temperaturas relativamente baixas⁴⁸³.

Ações de conservação

A espécie ocorre na área de abrangência do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal, no qual deverá ser incluída.

Presença em unidades de conservação

Minas Gerais: PARNA da Serra do Cipó⁴⁸³.

Pesquisas

Mais pesquisas sobre tamanho da população e requisitos de *habitat* são necessárias para melhor subsidiar a avaliação do estado de conservação de *C. espinhacensis*⁴⁸³.

Automolus lammi Zimmer, 1947

Sidnei de Melo Dantas & Ciro Albano

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nome comum: barranqueiro-do-nordeste



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Automolus lammi é endêmica do Brasil, com ocorrência restrita ao Centro de Endemismo Pernambuco, Sergipe e Bahia. O número total de indivíduos maduros desta espécie não ultrapassa 2.500



e cada subpopulação não contém mais de 250 indivíduos maduros. Além disso, há declínio continuado da população devido à perda de qualidade de *habitat* e de área de ocupação. Assim, *A. lammi* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1030}	EN* B1ab(i)+2ab(i,ii,iii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

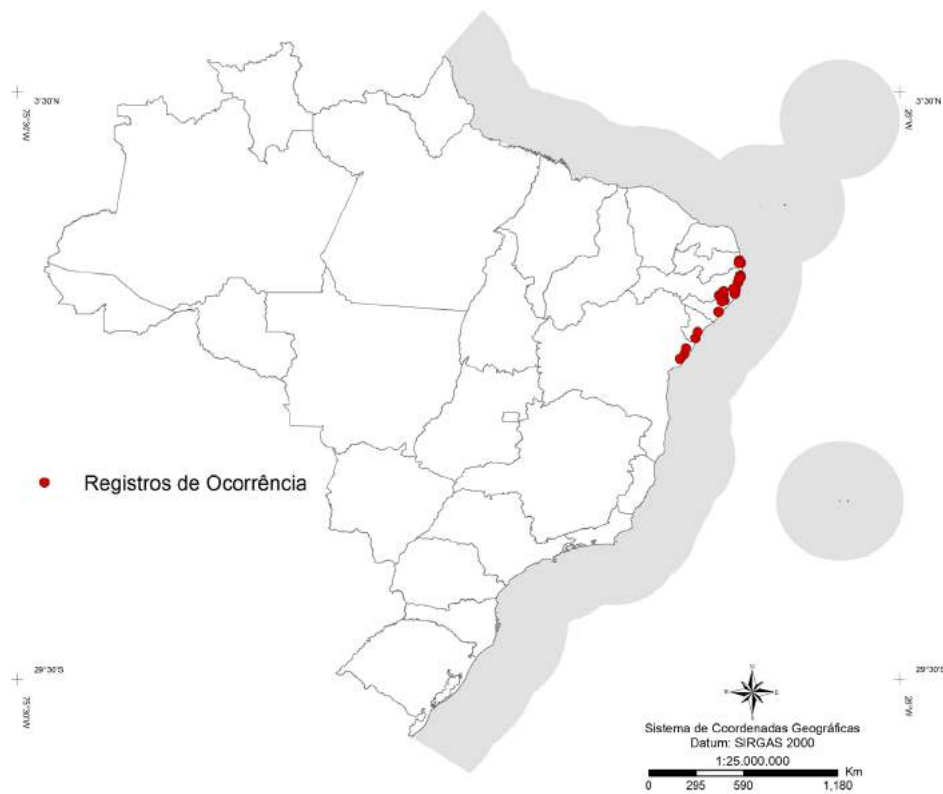
*Avaliada como *Automolus leucophthalmus lammi*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Automolus leucophthalmus lammi Zimmer, 1947.

Distribuição geográfica

Restrita à Mata Atlântica de baixada e submontana do Centro de Endemismo Pernambuco¹⁰³⁰, Sergipe¹¹⁹¹ e extremo norte da Bahia²⁰.



História natural

Espécie pouco conhecida. Prefere áreas de mata mais estruturada e úmida; raramente em bordas de mata; ocorre de 0 a 700 m de altitude. Geralmente aos pares e, por vezes, associada a bandos mistos. Procuram alimento principalmente em folhas secas, nos emaranhados de cipós e lianas, em hastes não muito grossas de árvores jovens e pequenos arbustos florestais. São dependentes de *micro-habitat* especializado, estando sua presença associada à existência de pequenos riachos no interior das florestas. É provável que construa ninhos em cavidades, mas pouco se conhece sobre sua biologia reprodutiva¹⁰³⁰.



População

São mais comuns ao norte de sua extensão de ocorrência. A espécie não se desloca fora das áreas de mata e seu *habitat* é bastante fragmentado, de modo que a população também se encontra fragmentada. Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total de *A. lammi* é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação (oficina de avaliação).

Há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat* e de área de ocupação em função de atividades antrópicas (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Perda de qualidade de *habitat* e de área de ocupação são as principais ameaças a esta espécie. Da área original do Centro de Endemismo Pernambuco, restam apenas cerca de 2%, a maioria sob a forma de pequenos fragmentos com aproximadamente 50 ha¹⁰³⁰. As principais atividades antrópicas desenvolvidas nas áreas naturais ocupadas por esta espécie são agricultura e pecuária (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Automolus lammi está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

São necessárias medidas de proteção e recuperação de *habitat*, aliadas a um programa de conexão de fragmentos florestais envolvendo áreas protegidas, públicas e particulares, a fim de evitar a perda contínua de *habitat* e assegurar a proteção deste táxon¹⁰³⁰.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: RPPN Fazenda Pacatuba¹⁰³⁰, RPPN Gargaú¹⁰³⁰;

Pernambuco: ESEC de Caetés¹⁰³⁰, PE Dois Irmãos¹⁰³⁰, REBIO de Saltinho¹⁰³⁰, REVIS Matas do Sistema Gurjaú¹⁰³⁰, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Frei Caneca¹⁰³⁰;

Alagoas: ESEC de Murici¹⁰³⁰;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada⁹⁸⁴.

Pesquisas

São necessárias pesquisas sobre a biologia reprodutiva da espécie e sobre o estado atual da população.



Leptasthenura platensis Reichenbach, 1853

Fernanda Pinto Marques, Danielle Custódio Leal & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nome comum: rabudinho



Foto: Carlos Gussoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) D

Justificativa

Leptasthenura platensis ocorre na Argentina, Uruguai, Paraguai e sul do Brasil - apenas no extremo oeste do Rio Grande do Sul, em formação parque espinilho. Dentre as espécies que ocorrem nesse *habitat*, no Brasil, esta é a que apresenta os menores contingentes populacionais. Também apresenta maior especificidade de *habitat*, restringindo-se a áreas de parque espinilho *stricto sensu*. Em consequência, sua área de ocupação (AOO) e extensão de ocorrência (EOO) são muito reduzidas (menos de 16 km²). Com base em amostragens quantitativas recentes, suspeita-se que a população total no Brasil seja inferior a 50 indivíduos maduros. Tendo em vista a mobilidade supostamente baixa da espécie, suspeita-se que não haja fluxo significativo de indivíduos a partir do território uruguaio e argentino, não alterando a categoria definida. Dessa forma, *L. platensis* foi avaliada como Criticamente em Perigo (CR) D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{410,814}	CR B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴⁴	Rio Grande do Sul: CR
Avaliação global ¹⁹⁴	LC

Distribuição geográfica

Ocorre no norte e centro da Argentina, Uruguai, sul do Paraguai e sul do Brasil - apenas no extremo oeste do Rio Grande do Sul⁹⁸⁴. A área de ocupação (AOO) e extensão de ocorrência (EOO) de *L. platensis* no Brasil são muito reduzidas (menos de 16 km²)⁴⁸⁷.



História natural

Habita florestas de galeria, matas ribeirinhas, baixadas áridas e arbustivas, matas secas e matas com *Prosopis* spp. e *Acacia* spp., até 1.000 m de altitude⁹⁸⁴. No Brasil, ocorre exclusivamente em parque espinilho⁴¹⁰, apresentando grande restrição de *habitat*, uma vez que ocupa apenas áreas de parque espinilho *stricto sensu*⁴⁸⁷. Alimenta-se de artrópodes. Presumivelmente monogâmica. É residente, porém alguns registros fora dos limites de sua ocorrência sugerem algum movimento local sazonal ou a existência de indivíduos vagantes⁹⁸⁴. Vive solitário, aos pares ou em pequenos grupos familiares. Bastante ativo, forrageia tanto na copa quanto nos estratos mais baixos da vegetação, muitas vezes assumindo poses acrobáticas para localizar o alimento. Nidifica em cavidades durante a primavera⁴¹⁰.

População

Considerada comum em grande parte de sua distribuição global⁹⁸⁴. No Brasil, aparentava ser mais abundante no passado. Embora fosse considerada comum no PE do Espinilho nas décadas de 1970 e 1980, somente seis indivíduos foram detectados nessa unidade de conservação em fevereiro de 2002. Não existem informações sobre a população na fazenda Espinilho, onde pouquíssimas aves foram registradas em maio de 2001 e fevereiro de 2002⁴¹⁰.

Com base em amostragens quantitativas recentes, suspeita-se que a população total no Brasil seja inferior a 50 indivíduos maduros. Como a mobilidade da espécie é supostamente baixa, suspeita-se que não haja fluxo significativo de indivíduos a partir do território uruguaio e argentino⁴⁸⁷.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A destruição e descaracterização das savanas de algarrobos, inhanduvás e espinilhos do oeste do Rio Grande do Sul é a principal ameaça à espécie no Brasil. A maior parte de seu *habitat* já foi modificado pela expansão da pecuária, estabelecimento de lavouras de arroz e consumo de lenha. Além da destruição do *habitat*, há impedimento da regeneração da vegetação natural devido ao pastejo do gado, às queimadas



e à “limpeza” do campo por pecuaristas⁴¹⁰.

O PE do Espinilho abriga o maior fragmento de espinilho do Brasil, totalizando 1.200 ha, entretanto esta unidade de conservação ainda não foi efetivamente implantada, o que pode comprometer a sobrevivência, em longo prazo, da diminuta população brasileira de *L. platensis*⁴¹⁰.

Ações de conservação

Existentes

Lepthastenura platensis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788}.

Necessárias

- a) implantação efetiva do PE do Espinilho;
- b) campanhas de educação ambiental que atentem para a importância e singularidade da vegetação de parque Espinilho, incentivando sua recuperação e proteção dos remanescentes;
- c) fiscalização contra desmatamentos e queimadas e estímulo à criação de RPPN, especialmente na fazenda Espinilho, onde a espécie foi registrada recentemente;
- d) avaliação de vantagens e desvantagens do estabelecimento de corredores ecológicos formados por reservas lineares de parque espinilho ao longo da faixa de domínio de estradas públicas⁴¹⁰.

Presença em unidades de conservação

Rio Grande do Sul: PE do Espinilho^{410,1289}.

Pesquisas

São recomendados estudos sobre a história natural, abundância, grau de isolamento e dinâmica da população brasileira de *L. platensis*⁴¹⁰.

Pseudoseisura lophotes (Reichenbach, 1853)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nome comum: coperete



Foto: Carlos Gussoni



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B1ab(iii)

Justificativa

Pseudoseisura lophotes ocorre na Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e extremo sul do Brasil. Até recentemente, suspeitava-se que esta espécie estava restrita às formações do parque Espinilho, mas nos últimos anos foi encontrada em localidades esparsas com vegetação savanoide da região da fronteira oeste. Entretanto, não é possível inferir que a espécie esteja em expansão devido a registros históricos para Uruguiana e à inexistência de um esforço prévio e mais abrangente de amostragem na região. Sua extensão de ocorrência (EOO) é de 5.000 km². Sua população é severamente fragmentada e há contínua redução na qualidade do *habitat*. A população brasileira recebe aporte de indivíduos da Argentina e/ou Uruguai, razão pela qual foi dado *downlist* na categoria de ameaça dessa espécie. Dessa forma, *P. lophotes* foi avaliada como Vulnerável (VU) B1ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{411,814}	CR B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴⁴	Rio Grande do Sul: VU
Avaliação global ¹⁹⁵	LC

Outros nomes aplicados ao táxon

Homorus lophotes Reichenbach, 1853.

Notas taxonômicas

Duas subespécies são reconhecidas, sendo que apenas uma ocorre no Brasil: *P. l. argentina*⁹⁸⁴.

Distribuição geográfica

Ocorre no sul da Bolívia, oeste do Paraguai ao centro-leste da Argentina, Uruguai e extremo sul do Brasil (apenas no Rio Grande do Sul)⁹⁸⁴.

Embora tenha sido observada recentemente em *habitat* onde a espécie não fora registrada anteriormente, não é possível inferir que *P. lophotes* esteja em expansão no Brasil, uma vez que há registros históricos para Uruguiana (localidade sem registros atuais) e não houve esforço prévio e mais abrangente de amostragem nas demais localidades⁴⁸⁷.

Sua EOO é de 5.000 km² tendo sido calculada através do *software* GEOCat⁴⁸⁷.



História natural

Ocupa florestas tropicais decíduas, bordas de matas de galeria, áreas arbustivas secundárias, matas com *Prosopis* spp. e *Acacia* spp., parques urbanos e jardins; é registrada desde áreas próximas ao nível do mar até 900 m de altitude⁹⁸⁴. Até recentemente, suspeitava-se que esta espécie estava restrita às formações de parque espinilho, mas nos últimos anos foi encontrada em localidades esparsas com vegetação savanoide da região da fronteira oeste⁴⁸⁷.

Alimenta-se de artrópodes, ovos de outras aves, sementes e alguns frutos. Na Argentina, a porcentagem de ovos que produzem filhotes emplumados é de 59%, com uma média de 1 a 5 filhotes por ninho; casais mais antigos possuem um sucesso reprodutivo significativamente maior; sofre com predação de ninho, especialmente por *Didelphis albiventris*, sendo esta a principal causa de mortalidade dos filhotes. É residente⁴¹¹. É observado aos pares ou em pequenos grupos, que podem conter até cinco indivíduos. Ocasionalmente, busca alimento na companhia de outras aves terrícolas típicas de parque espinilho. É seletivo quanto às espécies de árvores que usa como suporte para ninho; no Brasil, aparenta nidificar preferencialmente em *Prosopis* spp. As únicas evidências de reprodução no Brasil provêm da observação de ninhos e da coleta de um macho com testículos aumentados em novembro⁴¹¹.

População

Considerada incomum ou razoavelmente comum em sua distribuição global⁴¹¹. Aparentemente, a espécie era mais abundante no passado, sendo registrada ainda nas décadas de 1970-1980, nos arredores de Uruguaiana⁴¹¹. Sua população é severamente fragmentada e há contínua redução na qualidade do *habitat*. A população brasileira recebe aporte de indivíduos da Argentina e/ou Uruguai⁴⁸⁷.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças à espécie são a destruição e a descaracterização da vegetação de parque espinilho do oeste do Rio Grande do Sul, o que ocorre principalmente para o estabelecimento de pastagens, lavouras de arroz e obtenção de lenha. A regeneração da vegetação é prejudicada pelo pastoreio do gado



e pela “limpeza” do campo⁴¹¹.

O PE do Espinilho abriga o maior fragmento de espinilho do Brasil, totalizando 1.200 ha, entretanto esta unidade de conservação ainda não foi efetivamente implantada⁴¹¹.

Ações de conservação

Existentes

Pseudoseisura lophotes está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788}.

Necessárias

- implantação efetiva do PE do Espinilho;
- campanhas de educação ambiental que atentem para a importância e singularidade da vegetação de parque espinilho, incentivando sua recuperação e proteção dos remanescentes;
- fiscalização contra desmatamentos e queimadas e estímulo a criação de RPPN, especialmente na fazenda Espinilho, onde a espécie foi registrada recentemente;
- avaliação de vantagens e desvantagens do estabelecimento de corredores ecológicos formados por reservas lineares de parque espinilho ao longo da faixa de domínio de estradas públicas⁴¹¹.

Presença em unidades de conservação

Rio Grande do Sul: PE do Espinilho⁴¹¹, APA do Ibirapuitã⁵⁸¹.

Pesquisas

Recomenda-se a realização de experimentos de exclusão do gado no PE do Espinilho para observar o grau de dependência da espécie em relação ao pastejo. São necessários estudos sobre história natural, abundância, grau de isolamento e dinâmica da população brasileira, visto que sua conservação provavelmente depende de conectividade com populações maiores e mais bem distribuídas do Uruguai e Argentina⁴¹¹.

Coryphistera alaudina Burmeister, 1860

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nome comum: corredor-crestado



Foto: Cal Martins



Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) B1ab(iii)

Justificativa

Coryphistera alaudina ocorre na Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e extremo sul do Brasil. Sua extensão de ocorrência (EOO) no Brasil é de cerca de 15 km². A população é muito reduzida no país, estando essencialmente restrita ao PE do Espinilho e exclusivamente associada à formação vegetal de parque espinilho, assumindo-se uma única localização, tendo como ameaça o manejo inadequado das pastagens nativas, que elimina totalmente o *habitat* desta espécie. A população do Brasil está relativamente isolada de outras populações de países vizinhos e supõe-se que as taxas de imigração, se existentes, sejam insuficientes para gerar algum efeito de resgate. Dessa forma, *C. alaudina* foi avaliada como Criticamente em Perigo (CR) B1ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{412,814}	CR B2ab(iii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴⁴	Rio Grande do Sul: CR
Avaliação global ¹⁹⁶	LC

Notas taxonômicas

Duas subespécies reconhecidas, sendo que apenas a subespécie nominal ocorre no Brasil⁹⁸⁴.

Distribuição geográfica

Ocorre na Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil. A subespécie brasileira distribui-se no sul da Bolívia, norte e leste da Argentina, noroeste do Uruguai e extremo sul do Brasil (oeste do Rio Grande do Sul)⁹⁸⁴.

A extensão de ocorrência (EOO) de *C. alaudina* no Brasil foi calculada através do mínimo polígono





convexo (MPC) que uniu todos os pontos de registro atuais conhecidos da espécie. A EOO no Brasil foi estimada em cerca de 15 km² (oficina de avaliação).

História natural

Ocorre em baixadas áridas e arbustivas e em áreas adjacentes a campos cultivados, do nível do mar até 500 m de altitude⁹⁸⁴. No Brasil, está restrito à vegetação de parque espinilho: savana de algarrobos (*Prosopis nigra*), inhanduvás (*Prosopis affinis*), espinilhos (*Acacia caven*) e outras arvoretas espinhentas típicas da extremidade oeste do Rio Grande do Sul. É possível que no passado também ocupasse ambientes marginais a esse ecossistema⁴¹².

Alimenta-se de artrópodes e gastrópodes. É principalmente residente, podendo realizar alguns movimentos locais para o norte durante o inverno austral⁹⁸⁴. Vive em pequenos bandos ou grupos familiares de quatro a sete aves, podendo chegar a 20 indivíduos no período não-reprodutivo; ocasionalmente, em bandos mistos com outras aves terrícolas típicas de parque espinilho. Embora abrigue-se nos arbustos e arvoretas, busca alimento em áreas de vegetação rasteira, podendo se beneficiar da ação de pastoreio do gado. Provavelmente reproduz no Brasil entre setembro e janeiro. Grupos sociais observados no período de reprodução sugerem a existência de auxiliares de ninho ou um sistema reprodutivo não monogâmico. Ocasionalmente, *C. alaudina* utiliza ninhos de *Pseudoseisura lophotes* para nidificar ou pernoitar⁴¹².

População

Considerada razoavelmente comum a abundante em grande parte de sua distribuição⁹⁸⁴. A julgar por coletas realizadas no início do século XX, a espécie já foi mais abundante no Brasil; nas décadas de 1970 e 1980, foi considerado comum no PE do Espinilho, mas contagens realizadas nessa unidade de conservação em fevereiro de 2002 revelaram a presença de quatro ou cinco bandos, totalizando apenas 20 indivíduos⁴¹².

A população brasileira é muito reduzida, estando essencialmente restrita ao PE do Espinilho e exclusivamente associada à formação vegetal de parque espinilho. Além disso, está relativamente isolada de populações de países vizinhos e supõe-se que as taxas de imigração, se existentes, sejam insuficientes para gerar algum efeito de resgate⁴⁸⁷.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

As principais ameaças à espécie são a destruição e a descaracterização da vegetação de parque espinilho no Rio Grande do Sul devido ao estabelecimento de pastagens e lavouras de arroz e também para a obtenção de lenha. A regeneração da vegetação nativa também é prejudicada pela pecuária⁴¹².

O PE do Espinilho abriga o maior fragmento de espinilho do Brasil, totalizando 1.200 ha, entretanto esta unidade de conservação ainda não foi efetivamente implantada⁴¹², de modo que há alteração de *habitat* dentro e fora do PE do Espinilho, em razão do manejo das pastagens nativas⁴⁸⁷. Essa ameaça somada à pequena e concentrada área de distribuição da espécie no Brasil caracterizam uma única localização neste país.

Ações de conservação

Existentes

Coryphistera alaudina está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788}.

Necessárias

- a) implantação efetiva do PE do Espinilho;
- b) campanhas de educação ambiental que atentem para a importância e singularidade da vegetação de parque espinilho, incentivando sua recuperação e proteção dos remanescentes;
- c) fiscalização contra desmatamentos e queimadas;



d) estímulo à criação de RPPN, especialmente na fazenda Espinilho, onde a espécie foi registrada recentemente;

e) avaliação de vantagens e desvantagens do estabelecimento de corredores ecológicos formados por reservas lineares de parque espinilho ao longo da faixa de domínio de estradas públicas⁴¹².

Presença em unidades de conservação

Rio Grande do Sul: PE do Espinilho⁴¹².

Pesquisas

Recomenda-se que sejam feitos experimentos de exclusão do gado no PE do Espinilho para determinar o grau de dependência da espécie em relação ao pastejo. São necessários também estudos sobre história natural, abundância, grau de isolamento e dinâmica da população brasileira, considerando que a conservação dessa espécie de ocorrência marginal no Brasil depende, provavelmente, de conectividade com populações maiores e bem distribuídas do Uruguai e Argentina⁴¹².

Synallaxis infuscata Pinto, 1950

Sidnei de Melo Dantas

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nome comum: tatac



Foto: Stephen John Jones

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Synallaxis infuscata é endêmica do Brasil, com ocorrência restrita aos estados de Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Considerando que toda sua área de distribuição é muito bem amostrada, é seguro dizer que a população total é menor que 2.500 indivíduos maduros e que cada subpopulação não contém mais de 250 deles. As populações são severamente fragmentadas e há declínio continuado de número de indivíduo levando *S. infuscata* a categoria Em Perigo (EN) pelo critério C2a(i).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1031}	EN B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁹⁷	EN B1ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Synallaxis ruficapilla infuscata Pinto, 1950.

Distribuição geográfica

Foi registrado para 53 localidades nos estados de Alagoas e Pernambuco¹⁰³¹, entretanto, tem havido extinções locais (oficina de avaliação). Há registros atuais para a Paraíba¹²⁸⁹.



História natural

Alimenta-se de artrópodes capturados em folhas secas ou em troncos. Forrageia solitário, aos pares ou em grupos familiares de até seis indivíduos¹⁰¹⁷. Constrói ninhos de gravetos, em forma de forno, colocando-o em emaranhados de cipós e lianas, às vezes em estratos mais altos do que aqueles frequentados para forrageio, que chegam, no máximo, a 5 m de altura. Sempre vinculado a ambientes florestados, em diferentes estágios sucessionais, ainda que não ocupe o interior da mata; prefere os emaranhados de vegetação nas bordas de mata, adensados de cipós em clareiras e moitas de capim; ocorre em brejos de altitude. Atravessam áreas abertas para ir de um fragmento a outro, mas seu poder de voo é muito pequeno¹⁰¹⁴.

População

A espécie é considerada incomum a razoavelmente comum. Estimativas indicam uma população total de 1.000 a 2.500 indivíduos⁹⁸⁴. Schnell *et al.*¹⁰⁷⁸ consideram que esta espécie possui população severamente fragmentada.



Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total de *S. infuscata* é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação. Além disso, tem havido declínio populacional continuado devido à perda de área de ocupação e de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a redução de *habitat* pela conversão de florestas em pastagens e plantações de cana-de-açúcar. Também há perda da qualidade de *habitat* pelo plantio de culturas de subsistência, extração de lenha e caça¹⁰¹⁷.

Ações de conservação

Existentes

Synallaxis infuscata está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰ e no PAN das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Para garantir a preservação da espécie, sugere-se que as unidades de conservação nas quais há registro da espécie sejam efetivamente implantadas e que as áreas limítrofes a essas unidades sejam priorizadas para a criação de outras unidades de conservação¹⁰¹⁴, especialmente em regiões de brejos de altitudes e outras áreas serranas, como em Bonito (Pernambuco), onde a espécie é ainda relativamente comum ao redor dos blocos de mata da região.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: PE do Pau Ferro⁹³⁰;

Pernambuco: PM Vasconcelos Sobrinho¹⁰³¹, REBIO Saltinho¹⁰¹⁴, REVIS das Matas do Sistema Gurjaú¹⁰¹⁴, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Fazenda Bituri¹⁰¹⁴, RPPN Fazenda Santa Beatriz do Carninjó¹⁰¹⁴, RPPN Frei Caneca¹⁰¹⁴;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada⁹⁸⁴;

Alagoas: ESEC de Murici¹⁰¹⁴.

Pesquisas

São necessárias pesquisas que ampliem o conhecimento sobre a história natural da espécie e que monitorem seus sítios de ocorrência¹⁰¹⁴.



Synallaxis kollari Pelzeln, 1856

Thiago Orsi Laranjeiras & Luciano Nicolás Naka

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nome comum: João-de-barba-grisalha

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A3c

Justificativa

Synallaxis kollari é restrito às matas de galeria das savanas de Roraima e do oeste da Guiana, na fronteira com o Brasil, com área de ocupação global fragmentada e reduzida (apenas 206 km²) e população global em torno de 5.000 indivíduos. Ameaças presentes e futuras incluem construção de hidrelétricas, cultivo de arroz e incêndios florestais. Modelagens de perda de *habitat* sugeriram redução de 50% na área de ocupação da espécie até 2020 e perda de 80% da cobertura vegetal original em 10 anos. Entretanto, estas estimativas são conservativas, já que a área de ocorrência é mais extensa do que anteriormente documentada. Desta forma, suspeita-se que a área de *habitat* alterado na distribuição da espécie varie entre 50 e 80% nos próximos 10 anos, levando a uma perda populacional de mesma magnitude em três gerações futuras. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Por estas razões, *Synallaxis kollari* foi categorizada como Em Perigo (EN) A3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ¹⁹⁸	CR A3c

Outros nomes aplicados ao táxon

Poecilurus kollari (Pelzeln, 1856).

Distribuição geográfica

Ocorre nas florestas de galeria na bacia do rio Branco, em Roraima, ao longo dos rios Uraricuera, Tacutu, Surumu, Parimé, Cotingo e Maú (também no lado da Guiana), sem ocorrência recente para o rio Branco¹²⁵⁴. Seu *habitat* é altamente fragmentado dentro de sua distribuição, sendo substituído naturalmente por outros ambientes ou por áreas antropizadas. A área global de *habitat* disponível para a espécie totaliza não mais do que 206 km², correspondendo à área de ocupação global⁸.



História natural

Ocupa estritamente matas de galeria das savanas de Roraima e da Guiana. É uma espécie territorialista e tem sido encontrada aos casais ou solitária. O tempo geracional da espécie é estimado em 3,8 anos¹⁹⁸.

População

Localmente comum no sub-bosque fechado com cipós, nas florestas de galeria^{991,1254}. População atualmente estimada em mais de 5.000 indivíduos, considerando densidade de 60 indivíduos/km² e taxa de ocupação de 44% dentro da área de ocupação¹²⁵⁴.

Modelagens de perda de *habitat* sugeriram redução de 50% na área de ocupação da espécie até 2020¹²⁵⁴ e perda de 80% da cobertura vegetal original em 10 anos¹³⁷. Entretanto, estas estimativas são conservativas, já que a distribuição da espécie é mais extensa do que anteriormente documentada. Desta forma, suspeita-se que a área de *habitat* alterado na distribuição da espécie varie entre 50 e 80% nos próximos 10 anos, levando a uma perda populacional de mesma magnitude em três gerações futuras (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça para sobrevivência da espécie é a degradação ou transformação de seu *habitat*, em consequência do cultivo de arroz, dos incêndios florestais e da futura instalação de barragens para aproveitamento hidrelétrico dos rios em Roraima^{137,835,1183,1254}. Uma grande parte das margens dos rios Tacutu, Surumu e Maú já foi convertida em plantações de arroz¹²⁵⁴. Porém, com a desintrusão da Terra Indígena Raposa/Serra do Sol, estas plantações têm sido abandonadas.

Ações de conservação

Existentes

Synallaxis kollari está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da



Amazônia, que prevê ações para subsidiar a criação de unidades de conservação na região do alto rio Branco para a conservação desta espécie⁶²⁸.

Necessárias

Embora mais da metade da área de ocupação da espécie esteja dentro de Terras Indígenas¹²⁵⁴, há a necessidade de delimitar áreas protegidas adequadas para as matas de galeria do nordeste de Roraima.

Presença em unidades de conservação

Não há registro em unidades de conservação.

Pesquisas

A distribuição geográfica, ocorrência e abundância do joão-de-barba-grisalha foram pesquisadas em meados da década passada¹²⁵⁴. Essa pesquisa levantou as principais informações atualmente disponíveis para a espécie do ponto de vista da conservação. Outras informações limitam-se a registros pontuais dentro de projetos de levantamento de espécies em Roraima^{535,835,1007}. Pesquisas necessárias incluem um monitoramento em longo prazo da presença da espécie nos atuais locais de ocorrência e em área com *habitat* disponível.

Asthenes hudsoni (Sclater, 1874)

Rafael Antunes Dias

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nome comum: joão-platino



Foto: Cristian Marcelo Joenck

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B1ab(iii)

Justificativa

Asthenes hudsoni ocorre na Argentina, Uruguai e extremo sul do Brasil. Apresenta ocorrência discreta e local em manchas de *habitat* (campos arenosos) da planície costeira externa do Rio Grande do Sul, as quais estão sujeitas, em grande parte, à pressão de pastejo excessivo, expansão e implementação de parques eólicos, urbanização e monoculturas de *Pinus* spp. Supõe-se que as populações uruguaias não sejam numerosas nem capazes de compensar perdas por meio de dispersão. O número de indivíduos registrados na maioria das localidades é pequeno. Pela combinação de população fragmentada e reduzida extensão de ocorrência (EOO) da espécie no Brasil é menor que 10.000 km², além da existência de



pressão constante sobre o *habitat*, *A. hudsoni* foi avaliada como Vulnerável (VU) B1ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴⁴	Rio Grande do Sul: VU
Avaliação global ¹⁹⁹	NT

Outros nomes aplicados ao táxon

Synallaxis hudsoni Sclater, 1874.

Distribuição geográfica

Ocorre no leste da Argentina, Uruguai e extremo sul do Brasil (apenas no sudeste do Rio Grande do Sul)⁹⁸⁴. No Brasil, apresenta ocorrência discreta e local em manchas de *habitat* (campos arenosos) da planície costeira externa do Rio Grande do Sul^{487,493}.

A EOO foi calculada através do mínimo polígono convexo (MPC) que uniu todos os pontos de registro atuais conhecidos da espécie no Brasil. Dessa forma, a EOO resultou em 2.362 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita campos com gramíneas altas (*Paspalum quadrifarium*) e juncos (*Juncus* spp. e, especialmente, *Androtrichum trigynum*), principalmente próximos a áreas alagadas^{493,984}. Alimenta-se de artrópodes; é residente e, supostamente, monogâmico⁹⁸⁴. No Brasil, ocorre apenas em altitudes próximas ao nível do mar.

População

Considerada incomum ou local e razoavelmente comum⁹⁸⁴. Supõe-se que as populações uruguaias



não sejam numerosas nem capazes de compensar perdas da população brasileira por meio de dispersão. O número de indivíduos registrados na maioria das localidades do Brasil é pequeno e a população é considerada fragmentada^{487,493}.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

Em grande parte dos campos arenosos da planície costeira externa do Rio Grande do Sul (*habitat* da espécie no Brasil), há pressão excessiva de pastejo, expansão e implementação de parques eólicos, urbanização e monoculturas de *Pinus* sp.^{487,493}.

Ações de conservação

Existentes

A espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788}.

Necessárias

a) garantir a manutenção das feições campestres de capinzal alto requeridas pela espécie na planície costeira, a partir da ordenação dos usos do solo, assim como a restauração dos ambientes que continham essas características e hoje se encontram fragmentados e descaracterizados;

b) coibir o uso de fogo e arado em campos e dunas onde haja predomínio de *A. trygynum* e *J. acutus*, a partir de rigorosa fiscalização;

c) regularizar prioritariamente as áreas ocupadas pela espécie no PARNA da Lagoa do Peixe e retirar ou manejar adequadamente o gado dentro da unidade de conservação, com ênfase na proteção dos juncais de *A. trygynum* e *J. acutus*;

d) manter zonas de amortecimento no entorno dos plantios de eucalipto e, principalmente, *Pinus* spp., dada a sua forte capacidade invasiva, nas cercanias dos campos litorâneos com presença de juncais de *A. trygynum* e *J. acutus*;

e) zonedar a implantação de parques eólicos no Rio Grande do Sul, com especial atenção à preservação dos *habitat* da espécie;

f) coibir o avanço de balneários sobre áreas importantes para a espécie, especialmente na região de Rio Grande, Mostardas e Tavares, além de obrigar a implementação de medidas compensatórias para proteger seu *habitat*;

g) zonedar a implementação de parques eólicos no Rio Grande do Sul⁴⁹³.

Presença em unidades de conservação

Rio Grande do Sul: PARNA da Lagoa do Peixe¹³¹⁴.

Pesquisas

São recomendadas as seguintes pesquisas: a) estudos sobre a ecologia, biologia e aspectos reprodutivos da espécie no Brasil, incluindo a identificação das manchas de *habitat* que potencialmente abrigam populações ainda não detectadas; b) estimativas de população e tendências populacionais, averiguando a conectividade entre as manchas de *habitat* remanescente e avaliando o tamanho mínimo das manchas de *habitat* requerido pela espécie; c) verificar se há populações da espécie na região da Fazenda Caçapava, situada na ESEC do Taim, e também em São José do Norte e a leste da Lagoa Mangueira⁴⁹³.



Acrobatornis fonsecai Pacheco, Whitney & Gonzaga, 1996

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nome comum: acrobata



Foto: Ciro Ablano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Acrobatornis fonsecai é endêmica do sul da Bahia e extremo nordeste de Minas Gerais. Estima-se que a população seja menor que 10.000 indivíduos maduros. Há suspeita de uma perda populacional de ao menos 10% em um período de 12 anos (três gerações), devido à desvalorização da cultura cacaueteira, que levou ao corte das matas de cabruca, *habitat* preferencial da espécie. Dessa forma, *A. fonsecai* foi avaliada como Vulnerável (VU) C1.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1152}	VU B1ab(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais: CR
Avaliação global ²⁰⁰	VU A2c+3c+4c; B1ab(i,ii,iii,v); C2a(i)

Distribuição geográfica

Endêmica do sul da Bahia e extremo nordeste de Minas Gerais⁹⁸⁴. Sua distribuição é bastante fragmentada (oficina de avaliação).



História natural

Encontrada apenas em áreas chamadas cabruças, florestas dominadas por *Erythrina verna*, *Senna multijuga*, *Schizolobium parahyba* e espécies de *Inga* spp., que sombreiam plantações de cacau⁹⁸⁴; ocorre desde áreas próximas ao nível do mar até 800 m de altitude¹¹⁵². Presume-se que seu *habitat* natural sejam áreas úmidas e baixadas semidecíduas de Mata Atlântica, atualmente destruídas. É provável que as populações atuais estejam ocupando áreas mais elevadas que aquelas de sua ocorrência histórica. Atualmente, sua sobrevivência depende inteiramente da manutenção das plantações de cacau consorciadas com floresta nativa⁹⁸⁴; ocupa também o dossel de árvores isoladas à beira de florestas primárias e secundárias¹¹⁵².

Alimenta-se de insetos e aranhas. É residente⁹⁸⁴. Vive solitário, aos pares ou em pequenos grupos, provavelmente familiares; participa de bandos mistos de copa¹¹⁵². O tempo geracional da espécie é estimado em quatro anos¹⁴⁴.

População

Em 2008, a população total era estimada entre 2.500 e 10.000 indivíduos, com tendência populacional de declínio. Seus números certamente reduziram dramaticamente no século XX, devido à destruição massiva de *habitat* na região⁹⁸⁴.

Com base no conhecimento de pesquisadores experientes da região, estima-se que, atualmente, a população seja menor que 10.000 indivíduos maduros. Há suspeita de uma perda populacional de ao menos 10% em um período de 12 anos (três gerações), devido à desvalorização da cultura cacauceira, que levou ao corte intensivo de matas de cabruca¹¹⁹⁶, *habitat* preferencial da espécie (oficina de avaliação). *Tendência populacional*: declinando.

Ameaças

A maior ameaça à espécie é a perda de *habitat*. Atualmente, *A. fonsecai* é especialmente abundante no dossel das árvores que sombreiam as plantações de cacau, parecendo ser dependente dessas áreas.



A presença do fungo “vassoura de bruxa” (*Crinipellis pernicioso*) nos cacauais do sul da Bahia foi desastrosa não só para a economia local, mas também para esta espécie, pois grandes extensões de cabruças foram derrubadas, para dar lugar a outras culturas agrícolas ou à pecuária de corte¹¹⁵².

Ações de conservação

Existentes

Acrobatornis fonsecai está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Recomenda-se a criação de unidade de conservação nas fazendas Sossego do Arrebol e Duas Barras, em Minas Gerais, uma vez que há extensas e bem conservadas matas, entremeadas com cabruças. Nessas áreas, há ainda muitos outros táxons endêmicos e ameaçados de extinção, que também seriam beneficiados com sua proteção. É importante também o manejo da paisagem para restaurar as cabruças e melhorar sua conectividade¹¹⁵².

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, PARNA de Boa Nova¹²⁸⁹.

Pesquisas

São recomendadas pesquisas sobre a sistemática, biologia, distribuição e necessidades ecológicas de *A. fonsecai*, a fim de contribuir para elucidação de suas relações filogenéticas¹¹⁵².

Cranioleuca muelleri (Hellmayr, 1911)

Andressa Bárbara Scabin

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nome comum: joão-escamoso

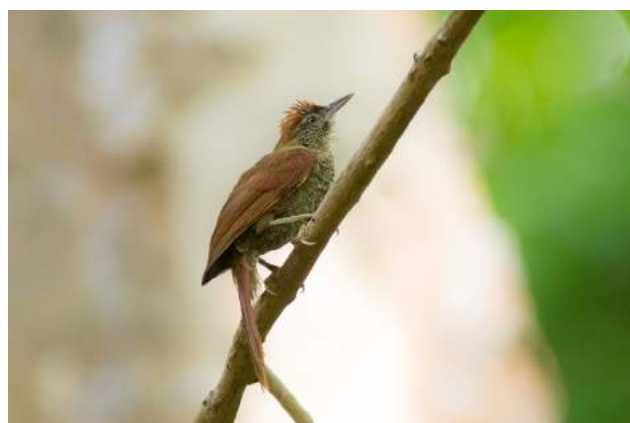


Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4c

Justificativa

Cranioleuca muelleri é endêmica do Brasil, ocorrendo somente em floresta de várzea de alto porte da calha do rio Amazonas. Necessita de florestas maduras para sobreviver, sendo sensível a alterações



de *habitat*. Sua área de distribuição vem sofrendo alterações devido à exploração florestal e criação de gado bovino e bubalino. Estudos de modelagem inferem uma perda de *habitat* entre 39 e 51% para o período de três gerações, incluindo passado e futuro. Em vista disso, projeta-se uma perda populacional maior do que 30% nesse período. Dessa forma, *C. muelleri* foi categorizada como Vulnerável (VU) A4c.

Outras avaliações

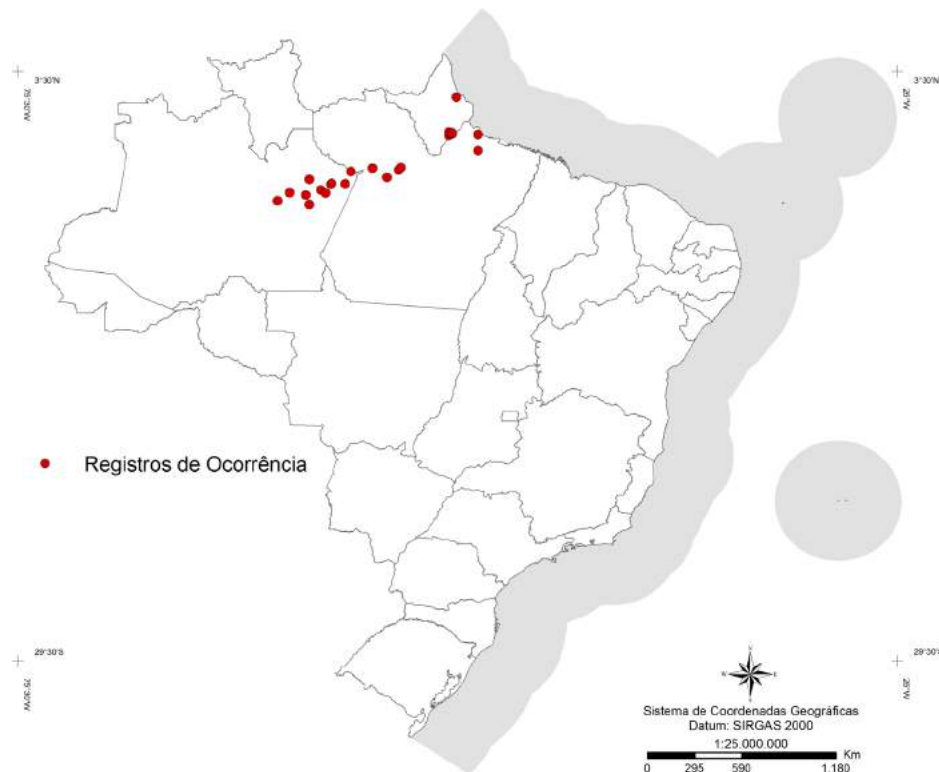
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁰¹	EN A3c

Outros nomes aplicados ao táxon

Siptornis mülleri Hellmayr, 1911.

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, ocorre na calha do rio Amazonas, até Amapá e Ilha Mexiana⁹⁸⁴.



História natural

Ocupa floresta tropical inundável, sobretudo mata de várzea entre 0 e 200 m de altitude. Alimenta-se de artrópodes, forrageando aos pares; ocasionalmente, acompanha bandos mistos. É espécie residente⁹⁸⁴ e sensível a alterações ambientais (oficina de avaliação). O tempo geracional da espécie foi estimado em 3,8 anos¹⁴⁴.

População

A população de *C. muelleri* parece ser relativamente pequena⁹⁸⁴.

Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para esta espécie entre 39 e 51%



entre os anos de 2002 e 2013 (três gerações) neste bioma¹³⁷. Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional equivalente ou superior, devido à sensibilidade da espécie. Dessa forma, a perda populacional, considerando a janela temporal de três gerações no passado e no futuro, poderá ser superior a 30% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a perda de *habitat* devido à exploração florestal e criação de gado bovino e bubalino (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Cranioleuca muelleri está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, que prevê a identificação de áreas de várzea relevantes para a conservação da espécie e a execução de pesquisas de dinâmica, ecologia e genética de populações em trechos amostrais do rio Amazonas⁵⁹¹.

Presença em unidades de conservação

Não há registro em unidades de conservação.

Thripophaga macroura (Wied, 1821)

Pedro Cerqueira Lima

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nome comum: rabo-amarelo



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Thripophaga macroura é endêmica do Brasil, ocorrendo na Bahia, leste de Minas Gerais, Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros, sendo que há menos de 1.000 deles em cada subpopulação, e estas subpopulações estão altamente fragmentadas, com pouca ou nenhuma possibilidade de conexão. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*. Dessa forma, *T. macroura* foi avaliada como Vulnerável (VU) C2a(i).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1153}	VU B1ab(i)+2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438}	Minas Gerais: EN Rio de Janeiro: EN
Avaliação global ²⁰²	VU B1ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Anabates macrourus Wied, 1821.

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil; ocorre na Bahia, leste de Minas Gerais, Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro¹¹⁵³.



História natural

Ocupa florestas de baixada e submontanas, nos estratos médio e alto das matas primárias; também em matas secundárias, desde o nível do mar até cerca de 1.000 m de altitude¹¹⁵³. Necessita de áreas com densos emaranhados de lianas e florestas altas⁹⁸⁴. Depende de matas em bom estado de conservação para sobreviver (oficina de avaliação). Acompanha bandos mistos de copa com frequência¹¹⁵³. Alimenta-se de artrópodes. É residente e, supostamente, monogâmica⁹⁸⁴.

Lima *et al.*⁷²⁶ descreveram o ninho da espécie: possui formato de uma grande bola semelhante a um ninho de *Pitangus sulphuratus*. O casal utiliza palha seca, revezando na reforma do ninho, que mede cerca de 250 x 250 mm, diferindo do de *P. sulphuratus* pela entrada em forma de cone, localizada na parte inferior. Foi confeccionado em um pé de matataúba (*Didymopanax morototoni*) que media aproximadamente 12 m de altura. Fixava-se na base da haste das folhas, bem centralizado e encravado entre elas. A estrutura das hastes das folhas da planta proporciona uma boa fixação, um bom sombreamento e proteção contra vento e chuva, por causa do tamanho de suas folhas. Utiliza-se do mesmo ninho para



realizar uma nova postura. Muitas espécies de aves, como *Tangara velia* e *Coereba flaveola*, roubam material do ninho de *T. macroura* quando o casal não está presente.

População

Considerada rara, mas pode ser razoavelmente comum em alguns locais, como na REBIO de Sooretama, no Espírito Santo. É escassa em Minas Gerais (S. D'Angelo-Neto, com. pess., 2013), Espírito Santo e Rio de Janeiro (L. Moreira-Lima, com. pess., 2013). Na Bahia, é necessário conservar o pouco da Mata Atlântica que resta em Boa Nova e na região do baixo sul (Ituberá), inclusive as matas secundárias, locais de ocorrência de *T. macroura* (obs. pess. do autor). Tendência populacional de declínio⁹⁸⁴. Schnell *et al.*¹⁰⁷⁸ afirmam que esta espécie possui população severamente fragmentada. Considerando o conhecimento atual sobre a espécie e sobre a região onde esta ocorre, estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros, sendo que cada subpopulação contém menos de 1.000 deles. Além disso, há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A quase total destruição das matas de baixada e submontanas constitui a principal causa de ameaça à espécie, que parece ser sensível a ambientes muito alterados e que não apresentem grande quantidade de epífitas¹¹⁵³.

Ações de conservação

Existentes

Thripophaga macroura está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

A proteção efetiva das unidades de conservação onde a espécie ainda ocorre e da região do vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, onde foi recentemente registrada¹¹⁵³.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA do Descobrimento¹¹⁵³, PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, PARNA de Boa Nova¹²⁸⁹, REBIO de Una¹¹⁵³, RPPN Serra do Teimoso¹¹⁵³, RPPN Estação Veracel¹¹⁵³;

Espírito Santo: REBIO de Sooretama^{984,1289}, FLONA de Pacotuba⁶²⁶;

Rio de Janeiro: PE do Desengano¹¹⁵³.

Pesquisas

São recomendadas buscas por novas populações e estudos sobre a história natural e exigências de *habitat* desta espécie, especialmente na REBIO de Sooretama, onde é especialmente comum¹¹⁵³.



Neopelma aurifrons (Wied, 1831)

Fernanda Pinto Marques, Danielle Custódio Leal & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Passeriformes

Família: Pipridae



Nome comum: fruxu-baiano



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Neopelma aurifrons é endêmica do Brasil, ocorrendo do sul da Bahia ao Rio de Janeiro. Estima-se que haja menos de 2.500 indivíduos maduros, sendo que há menos de 250 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*. Dessa forma, *N. aurifrons* foi avaliada como Em Perigo (EN) C2a(i).

Outras avaliações

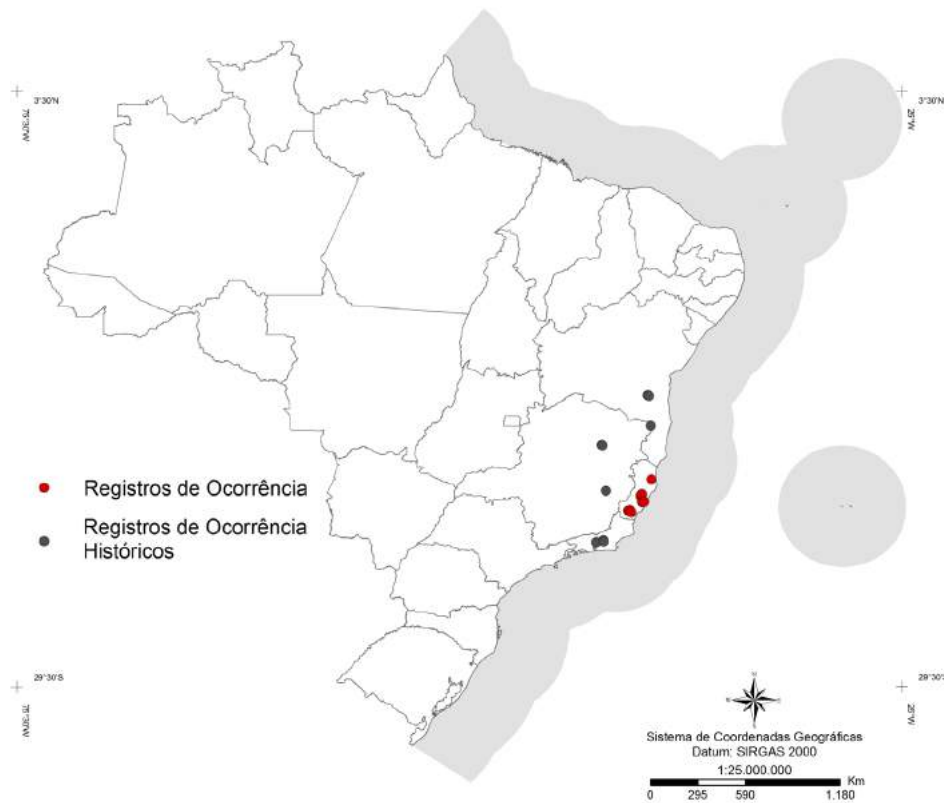
Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	NT
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,442}	Espírito Santo: VU Rio de Janeiro: EN
Avaliação global ²⁰³	VU B1ab(i,ii,iii,iv,v)

Outros nomes aplicados ao táxon

Muscicapa aurifrons Wied, 1831; *Neopelma inornata* Pinto, 1933.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo do sul da Bahia, para o sul, até leste de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro¹¹⁸⁰. O último registro na Bahia foi em 1990, no PARNA da Chapada Diamantina. Não há registros recentes para o estado de Minas Gerais¹¹⁸⁰ e está provavelmente extinta no Rio de Janeiro (L. Moreira-Lima, com. pess., 2013).



História natural

Vive no interior de florestas não perturbadas ou pouco perturbadas, mas às vezes forrageia nas bordas. Ocorre do nível do mar até cerca de 1.000 m de altitude. Alimenta-se principalmente de pequenos frutos e insetos. É residente¹¹⁸⁰.

População

Considerada rara e com poucas localidades de registro, especialmente após 1990 de acordo com Snow¹¹⁸⁰. Tendo em vista que sua extensão de ocorrência é bastante amostrada por pesquisadores que buscam a espécie, estima-se que haja menos de 2.500 indivíduos maduros, com menos de 250 deles em cada subpopulação. Além disso, há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*. A espécie não se desloca por matriz não florestal, de modo que a fragmentação de *habitat* implica em isolamento das subpopulações (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* é a principal ameaça¹¹⁸⁰, principalmente para populações que estão fora das unidades de conservação (oficina de avaliação). Há desmatamento para aproveitamento de madeira e instalação de pequenas áreas agrícolas.

Ações de conservação

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Chapada Diamantina¹¹⁸⁰;

Espírito Santo: REBIO Augusto Ruschi¹¹⁸⁰, REBIO de Duas Bocas¹¹⁷, FLONA de Pacotuba⁶²⁶;

Minas Gerais: ESEC de Acauã¹²⁶³, PE do Rio Doce¹¹⁷;



Rio de Janeiro: ESEC do Paraíso¹²⁸⁹, PARNA da Serra dos Órgãos⁶⁰⁶.

Pesquisas

É necessária a busca por populações remanescentes¹¹⁸⁰.

Lepidothrix vilasboasi (Sick, 1959)

Alexander Charles Lees & Guy Kirwan

Ordem: Passeriformes

Família: Pipridae

Nome comum: dançador-de-coroa-dourada



Foto: Andrew Whittaker

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3c

Justificativa

Lepidothrix vilasboasi é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas no interflúvio Tapajós-Jamanxim. Há projeções que preveem esta área como a de maior taxa de desmatamento futuro da Amazônia, devido à sobreposição à área de influência da BR-163. Existe a projeção de um declínio populacional de pelo menos 30% nos próximos 12 anos, considerando a manutenção ou o aumento das taxas atuais de desmatamento, inclusive dentro das unidades de conservação. Por estas razões, *L. vilasboasi* foi categorizada como Vulnerável (VU) A3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁵²	VU C2a(ii)

Outros nomes aplicados ao táxon

Pipra vilasboasi Sick, 1959; *Pipra obscura* Sick, 1959.

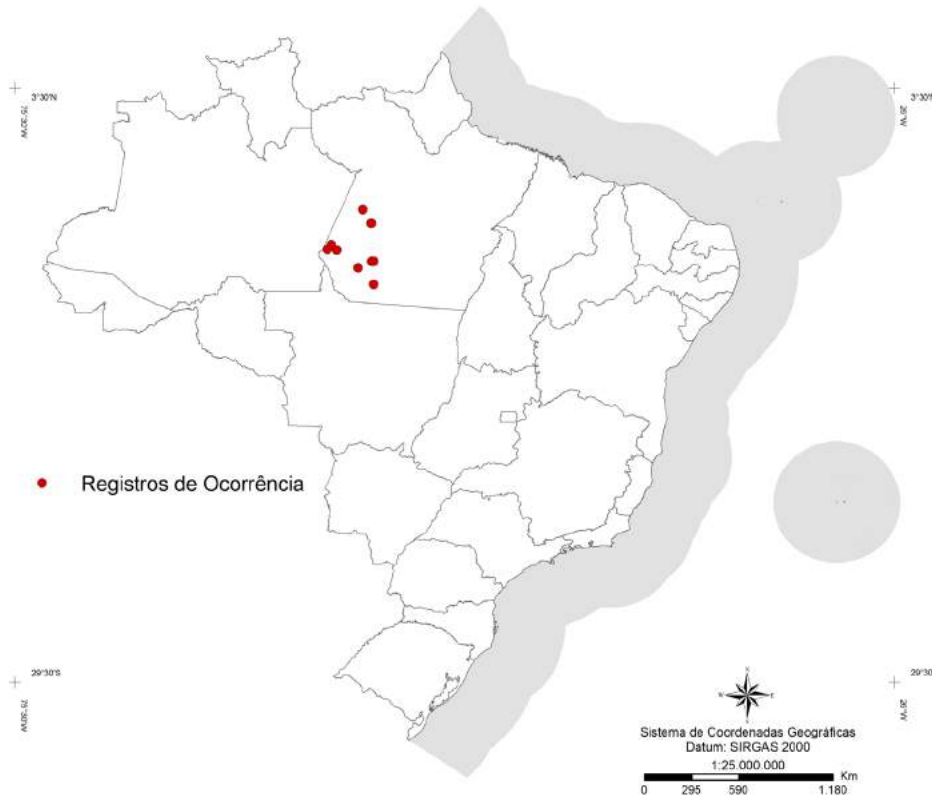
Notas taxonômicas

Esta espécie foi considerada, por algum tempo, um híbrido⁵⁴¹ entre *L. nattereri* (que o substitui a oeste) e *L. iris* (a leste), mas os caracteres distintivos da plumagem e sua redescoberta recente a cerca de 200 km à nordeste da localidade-tipo deixaram pouca dúvida de que se trata de uma espécie distinta.



Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, restrita ao interflúvio Tapajós-Jamanxim, no sul do Pará, dentro do Centro de Endemismo Pará³⁸⁹. Seus limites de distribuição são, provavelmente, marcados pelo rio Tapajós a oeste, médio a baixo Jamanxim a leste e Serra do Cachimbo a sul, embora o limite exato de sua distribuição a sul seja desconhecido⁶⁷³.



História natural

Esta espécie é encontrada em florestas de terra firme⁶⁷³. Em comum com muitos outros membros da Família Pipridae, esta espécie foi registrada alimentando-se de pequenos frutos e insetos¹⁰⁹⁴, incluindo frutos de *Cecropia* sp. (Moraceae) (A.C. Lees, dados não publicados). Olmos & Pacheco⁸⁸¹ capturaram um indivíduo que estava aparentemente acompanhando um bando misto. Embora tal comportamento não tenha sido definitivamente descrito para o gênero *Lepidothrix*, estes juntam-se a outras espécies de pássaros em árvores frutíferas. Os machos desta espécie reúnem-se em *leks* para se exibir para as fêmeas (machos exibem-se solitariamente, mas ao alcance da voz dos outros). Sick¹⁰⁹⁴ descreveu o ninho de *P. obscura* (sinônimo júnior de *L. vilasboasi*): colocado a 1 m do solo, em uma pequena árvore no sub-bosque (1,6 m de altura), com dois ovos vermelho-marrons manchados de brancos; colocado numa forquilha, ligado aos ramos vizinhos com teias de aranha. O ninho foi recolhido, mas já não pode ser localizado.

População

Não há estimativas populacionais publicadas para essa espécie. Todavia, sua distribuição está centrada sobre a região que está sob forte pressão de desmatamento, no corredor amazônico da BR-163, entre Trairão, no Pará e Peixoto de Azevedo, no Mato Grosso⁴⁵⁶.

Entre 2008 e 2020, modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de cerca de 50% de *habitat* para esta espécie¹²⁵⁵. Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional equivalente ou superior, tendo em vista a sensibilidade da espécie. Dessa forma, as perdas populacionais, em uma janela temporal de três gerações no futuro (12 anos), poderão ser superiores a 30%, considerando a manutenção ou o aumento das taxas atuais de desmatamento, inclusive dentro das unidades de conservação (oficina de avaliação).



Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A maior ameaça é a perda e fragmentação de seu *habitat* preferencial, a floresta primária. Há projeções que preveem a área de distribuição de *L. vilasboasi* como a de maior taxa de desmatamento futuro da Amazônia, devido à sobreposição à área de influência da BR-163.

Não existem dados quantitativos sobre as respostas da espécie à perda e fragmentação de floresta, mas *L. nattereri*, outra espécie do gênero desapareceu de fragmentos florestais isolados depois de determinado tempo, em Alta Floresta, Mato Grosso⁷⁰³ (A.C. Lees, dados não publicados). Além disso, *L. iris iris* é associado a florestas primárias com área basal alta⁷¹¹.

Ações de conservação

Existentes

Lepidothrix vilasboasi está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

A manutenção da rede atual de grandes áreas protegidas; também é importante que as paisagens de produção permitam a manutenção de ampla conectividade entre os remanescentes florestais, garantindo assim a sobrevivência da espécie em longo prazo.

Presença em unidades de conservação

Pará: PARNA do Rio Novo⁷⁴⁸, FLONA do Crepori (Coleção do MPEG), FLONA do Jamanxim⁶¹⁷, FLONA do Trairão (Coleção do MPEG).

Pesquisas

Os únicos estudos que tratam da história de vida de *L. vilasboasi* foram as observações qualitativas de Sick¹⁰⁹⁴ e o trabalho de Olmos & Pacheco⁸⁸¹ descrevendo a sua redescoberta. Kirwan & Green⁶⁷³ sintetizaram tudo o que se sabe sobre a espécie.

Não há estudos que investiguem as respostas desta espécie à fragmentação florestal, grau de sensibilidade ao corte seletivo ou utilização de *habitat* florestais secundários que deveriam ser metas urgentes de investigação.



Lepidothrix iris (Schinz, 1851)

Sidnei de Melo Dantas

Ordem: Passeriformes

Família: Pipridae

Nome comum: cabeça-de-prata



Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A4c

Justificativa

Lepidothrix iris é endêmica do Brasil, com ocorrência restrita aos estados do Pará, Maranhão, Tocantins e Mato Grosso. Modelagens feitas para a Amazônia projetam uma perda de *habitat* para esta espécie entre 51 e 77% em 12 anos (três gerações). Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional equivalente ou superior, considerando a sensibilidade da espécie a qualquer tipo de degradação ambiental. Assim, infere-se que as perdas populacionais, considerando a janela temporal de três gerações no passado e futuro, serão superiores a 50%. Desta forma, *L. iris* foi categorizada como Em Perigo (EN) pelo critério A4c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁰⁴	VU A3c

Outros nomes aplicados ao táxon

Pipra iris Schinz, 1851.

Notas taxonômicas

Duas subespécies reconhecidas, ambas com ocorrência no Brasil¹¹⁸⁰: *L. i. iris* e *L. i. eucephala*.

Estudos recentes de DNA mitocondrial indicam *Lepidothrix i. eucephala* como forte candidato a ser elevado à categoria de espécie, sugerindo parentesco próximo a *L. vilasboasi*⁸³.

Distribuição geográfica

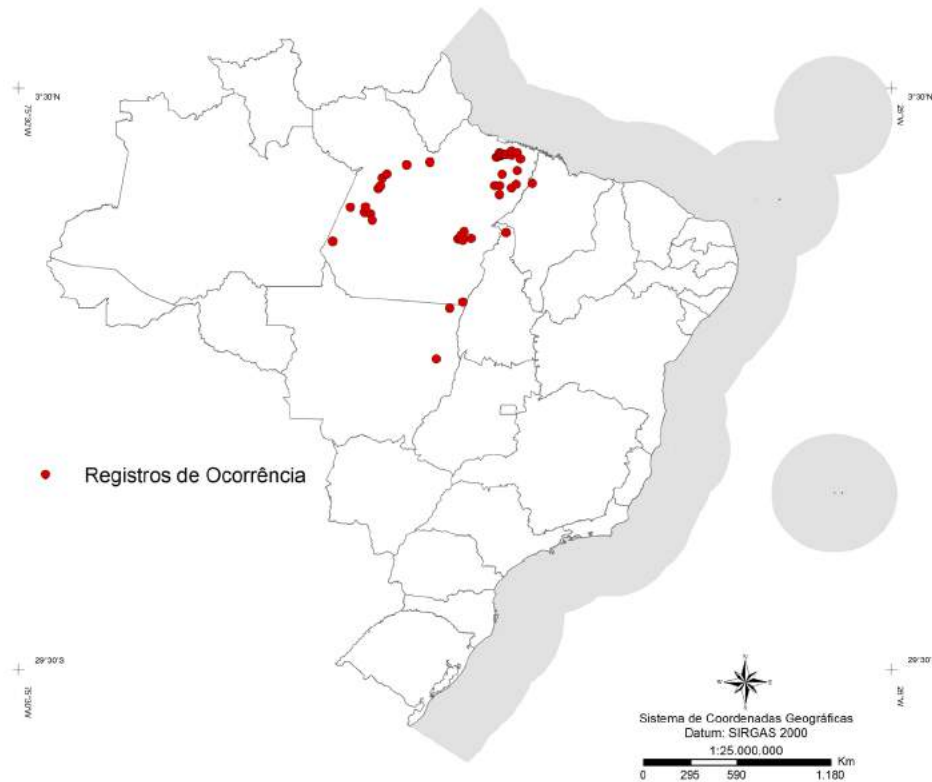
Endêmica do Brasil. As subespécies distribuem-se da seguinte forma:

Lepidothrix i. eucephala - ocorre no norte do Brasil, a sul do rio Amazonas, na margem direita do rio Tapajós, no Pará;

L. i. iris - ocorre no norte do Brasil, a sul do rio Amazonas, do leste do Pará ao noroeste do Maranhão, para o sul até o rio Xingu, com registros nos estados do Pará, Maranhão^{528,1180} e Tocantins (T. Dornas,



com. pess., 2013). Ocupa uma faixa relativamente estreita, aparentemente chegando até a Serra do Roncador, no nordeste do Mato Grosso⁶⁷³.



História natural

Ocorre em floresta úmida e vegetação secundária madura, abaixo de 200 m de altitude. Pouco se sabe sobre sua biologia, sendo supostamente espécie residente¹¹⁸⁰. O tempo geracional da espécie é de 4,2 anos¹⁴⁴.

Parece haver certa diferença entre as exigências de *habitat* ou sensibilidade a perturbações em *L. i. iris* e *L. i. eucephala*, sendo que a primeira prefere áreas de floresta não perturbada e a última é frequente em mata secundária⁹¹¹ (A.C. Lees, com. pess., 2013). Apesar dessa tendência, *L. i. eucephala* também é afetada negativamente pelo corte seletivo. Henriques *et al.*⁵⁵⁷ registraram uma redução de 46% na frequência de captura entre áreas de corte seletivo e áreas-controle.

População

A espécie é considerada incomum ou local e razoavelmente comum¹¹⁸⁰. Antigamente, *Lepidothrix iris* era considerada razoavelmente numerosa nos arredores de Belém¹¹⁷⁶. Porém, registros atuais da região metropolitana restringem-se ao Parque Ecológico do Gunma^{514,965}.

Modelagens feitas para a Amazônia inferem uma perda de *habitat* para esta espécie entre 51,2 e 77,7% entre os anos de 2002 e 2015 (três gerações)¹³⁷. Vale *et al.*¹²⁵⁵ calcularam que a área de distribuição desta espécie poderia diminuir em até 63% até 2020 (de 495.379 km² para 182.624 km²). Estima-se que a perda de *habitat* reflita em uma perda populacional equivalente, tendo em vista a sensibilidade da espécie a qualquer alteração ambiental. Dessa forma, as perdas populacionais, considerando a janela temporal de três gerações no passado e futuro, poderão ser superiores a 50% (Oficina de Avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

Lepidothrix iris sofre com a perda de *habitat*, especialmente *L. i. iris* cuja distribuição localiza-se no arco do desmatamento da Amazônia, área fortemente pressionada pelo avanço agrícola, sofrendo altas



taxas de desmatamento e queimadas^{445,494}.

Ações de conservação

Existentes

Lepidothrix iris está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujo objetivo é reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

Ampliação e efetiva proteção da rede atual de grandes áreas protegidas e garantia da conectividade entre estas áreas de *L. iris* (A.C. Lees, com. pess., 2013).

Presença em unidades de conservação

Amazonas/Pará: PARNA da Amazônia⁷⁴⁸;

Pará: REBIO do Tapirapé⁶¹¹, FLONA de Carajás⁹¹⁰, FLONA de Tapajós^{588,1289}, FLONA de Tapirapé-Aquiri⁷⁴⁸, FLONA do Trairão⁶¹⁹;

Maranhão: REBIO do Gurupi⁷⁴⁸.

Pesquisas

Não são conhecidas pesquisas específicas sobre *L. iris* no Brasil. Consideram-se prioritários: estudos ecológicos, avaliando a sensibilidade da espécie à perda e degradação das florestas e levantamentos que esclareçam a real distribuição das subespécies e sua potencial sobreposição.

Lepidothrix iris iris (Schinz, 1851)

Alexander Charles Lees & Guy Kirwan

Ordem: Passeriformes

Família: Pipridae

Nome comum: cabeça-de-prata



Foto: Alexander C. Lees

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A2c+3c

Justificativa

Lepidothrix iris iris é endêmica do Brasil, ocorrendo do leste do Pará (em torno de Belém) e noroeste do Maranhão até o sul do alto rio Xingu. Sofreu perda de *habitat* maior do que 70% em relação à sua distribuição original, de onde infere-se que a perda populacional nas últimas três gerações seja maior



que 50%. Dados de modelagem projetam perda de *habitat* entre 60 e 68% nas próximas três gerações, o que corresponderá a um declínio populacional de pelo menos 50% nesse período, considerando o fato de que o táxon é pouco tolerante a alterações de *habitat*. Por estas razões, *L. iris iris* foi categorizada como Em Perigo (EN) A2c+3c.

Outras avaliações

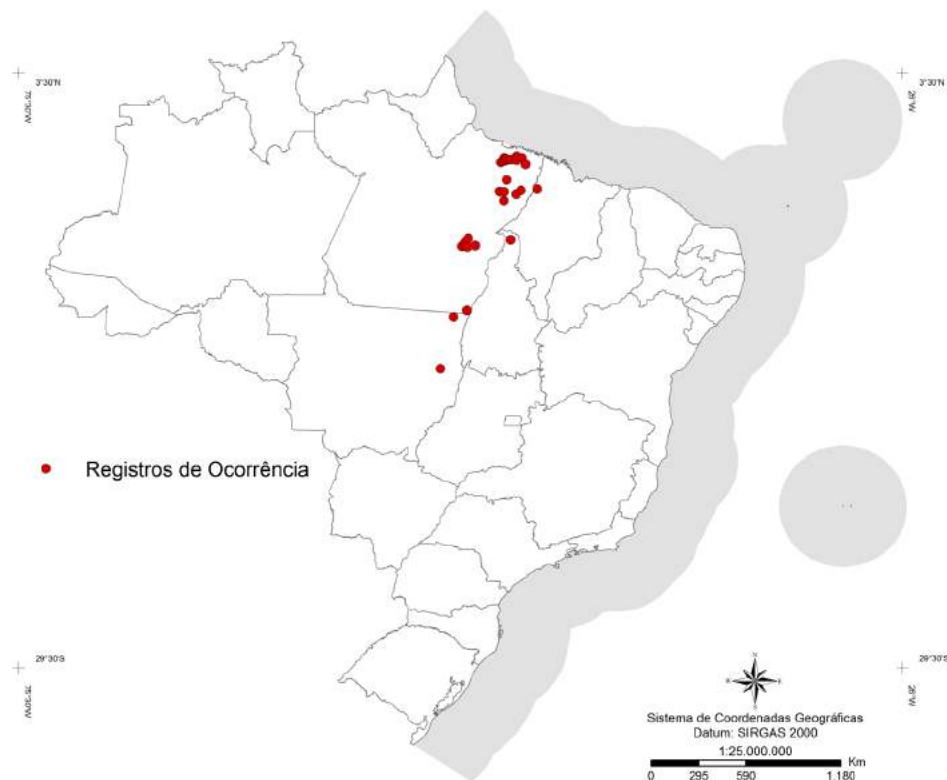
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Pipra iris Schinz, 1851.

Distribuição geográfica

Lepidothrix iris iris é endêmica do Brasil, ocorrendo em uma faixa relativamente estreita do leste do Pará (em torno de Belém) e noroeste do Maranhão, até o sul do alto rio Xingu e, aparentemente, até a Serra do Roncador, no nordeste do Mato Grosso⁶⁷³.



História natural

Ocorre em florestas de terra firme e concomitante com muitos outros membros da Família Pipridae. A espécie já foi registrada alimentando-se de pequenos frutos e insetos⁶⁷³. Gomes *et al.*⁵¹⁴ registraram o consumo de frutos de *Miconia ciliata* (Melastomataceae) e Marceiliano *et al.*⁷⁷⁹, de *Psidium guajava* (Myrtaceae) e *Genoma macrostachys* (Arecaceae).

Os machos reúnem-se em *leks* para se exibir para as fêmeas. Normalmente, os machos escolhem poleiros relativamente baixos, em um ramo fino horizontal, em áreas mais densas do bosque, no estrato médio inferior (obs. pess. dos autores). A única informação anteriormente publicada sobre a reprodução



é de uma fêmea com um ovo no oviduto coletado na área de Belém, no mês de agosto⁹⁵⁸. O tempo de reprodução pode ser inferido a partir de atividade vocal, mas a espécie foi registrada vocalizando frequentemente entre final de agosto e dezembro, na Serra dos Carajás e no final de maio e início de junho em Paragominas, ambos no Pará. Então, outros estudos de campo são necessários para resolver esta questão. O tempo geracional da espécie é de 4,2 anos¹⁴⁴. É pouco tolerante a alterações de *habitat*.

População

Não há estimativa de tamanho populacional. Entretanto, é possível inferir perda populacional a partir da perda de *habitat*, em três gerações no passado e três gerações no futuro: a perda de *habitat* foi maior do que 70% em relação à sua distribuição original^{1105,1183}, sendo que a maior parte desta perda ocorreu em períodos recentes, de onde infere-se um declínio populacional nas últimas três gerações maior que 50% (oficina de avaliação). A perda de *habitat* projetada para as próximas três gerações (entre 59 e 68%), corresponderá a um declínio populacional de pelo menos 50% nesse período (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A maior ameaça para o táxon é a perda e a fragmentação de seu *habitat* preferencial, a floresta primária. Não existem dados quantitativos publicados sobre as respostas dessa espécie para a perda e fragmentação da floresta, todavia, existem alguns dados anedóticos e inéditos. *Lepidothrix iris iris* já foi considerada razoavelmente numerosa nos arredores de Belém¹¹⁷⁶. Porém, registros atuais da região metropolitana estão restritos ao Parque Ecológico do Gunma^{514,965}. Portes *et al.*⁹⁶⁵ também registraram este táxon em outros três (de nove) remanescentes florestais importantes no Centro de Endemismo Belém.

Um estudo de cinco meses da avifauna do município de Paragominas descobriu que esta espécie é extremamente rara (ou não-vocal) na região⁷¹¹ e confinadas em áreas de floresta alta não perturbada. Este é um contraste com os resultados de um projeto de pesquisa idêntico implantado na região de Santarém que encontrou *L. i. eucephala* regularmente em florestas secundárias antigas. Pacheco & Olmos⁹¹¹ também registraram outras raças desta espécie em floresta secundária. Esta diferença marcante em resposta à mudança de *habitat* pode estar relacionada a diferenças intrínsecas em relação à sensibilidade a perturbações do *habitat* entre a subespécie nominal e *L. i. eucephala* ou talvez relacione-se com diferenças mais sutis na dinâmica da vegetação das duas paisagens.

Mais ao sul, a subespécie está distribuída irregularmente, mesmo em extensas áreas de floresta em Carajás (G. Kirwan & S. Dantas, com. pess., 2012), mas foi registrada em fragmento florestal urbano, em Marabá, Pará, por Vasconcelos *et al.*¹²⁶⁶.

Toda a distribuição da subespécie encontra-se ao longo do arco do desmatamento da Amazônia, fronteira de desmatamento mais agressiva do planeta em termos de perda total da floresta e atividade de queimadas^{445,494}. Vale *et al.*¹²⁵⁵ estimaram que esta subespécie poderia perder até 63% de seu *habitat* até 2020 (de 495.379 km² para 182.624 km²) e Bird *et al.*¹³⁷ calcularam uma perda de *habitat* dentro da distribuição da espécie em três gerações entre 59% (cenários otimistas) e 68% (pessimista).

Ações de conservação

Existentes

Lepidothrix iris está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

Manter e ampliar a rede atual de grandes áreas protegidas e assegurar que as paisagens de produção mantenham a cobertura florestal primária com ampla conectividade, o que será crítico para a sobrevivência do táxon em longo prazo.



Presença em unidades de conservação

Pará: REBIO do Tapirapé⁹¹⁰, APA do Igarapé Gelado⁹¹⁰, FLONA de Carajás⁹¹⁰, FLONA de Itacaiúnas⁷⁴⁸, FLONA de Tapirapé-Aquiri⁷⁴⁸;

Maranhão: REBIO do Gurupi⁷⁴⁸.

Pesquisas

Não existem estudos dedicados à história natural desta espécie e todas as informações são, em grande parte, anedóticas. Prioridades para pesquisas futuras devem incluir estudos ecológicos, avaliando a sensibilidade da espécie à perda e degradação das florestas e uso de *habitat* florestais secundários. Mais levantamentos também são necessários para estabelecer o alcance preciso da subespécie presente e da potencial sobreposição com *L. i. eucephala*.

Antilophia bokermanni Coelho & Silva, 1998

Weber Andrade de Girão e Silva, Marcos Pérsio Dantas Santos & Luís Fábio Silveira

Ordem: Passeriformes

Família: Pipridae

Nomes comuns: soldadinho-do-araripe (♂),
lavadeira-da-mata (♀), língua-de-tamanduá



Foto: Almir Almeida

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) B1ab(i,ii,iii,v)+2ab(i,ii,iii,v)

Justificativa

Antilophia bokermanni possui distribuição restrita à Chapada do Araripe, no Ceará, com área de ocupação (AOO) de 8,25 km² e extensão de ocorrência (EOO) de 44,89 km². Ocorre apenas em uma localização, sendo o uso indiscriminado das fontes de água e as consequentes modificações decorrentes desta atividade a ameaça mais importante à sobrevivência desta espécie. A área de potencial ocorrência histórica de *Antilophia bokermanni* já perdeu 77% de sua vegetação original e continua sofrendo degradação ambiental e diminuição na quantidade e qualidade dos recursos hídricos. Há declínio continuado de EOO (observado na perda de 8% de seu comprimento entre 2005 e 2014), de AOO (observado saldo negativo de pelo menos um sítio reprodutivo entre 2005 e 2014, restando outros 104) e da qualidade ambiental por perda de vazão d'água. Infere-se declínio do número de indivíduos maduros devido à redução de AOO. Por esses motivos, *A. bokermanni* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) B1ab(i,ii,iii,v)+2ab(i,ii,iii,v).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{506,814}	CR B1ab(iii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁸⁸	CR B1ab(i,ii,iii,v); C2a(ii)

Notas taxonômicas

Antes da descrição formal da espécie, seu binômio foi inadvertidamente noticiado em um jornal pernambucano. Isto repercutiu em uma revista científica que, em seguida, divulgou não ser intenção dos autores e do seu comitê editorial que a classificação ocorresse naquela circunstância⁵⁵.

Distribuição geográfica

Endemismo do Brasil e do Ceará nos municípios de Barbalha, Crato e Missão Velha⁷³⁵. Conforme pesquisa realizada em 2013 e 2014, habita a Chapada do Araripe entre 670 e 910 m de altitude, originalmente ao longo de 60 km de encostas pontilhadas por 153 fontes d'água e respectivos córregos naturais e artificiais que parece preferir ocupar, avançando no planalto por grotas.

Para calcular a EOO da espécie, foi adotado um polígono de remanescente florestal úmido de 2011 destinado à monitoria de desmatamentos com área de 44,89 km² (dados da Fundação SOS Mata Atlântica e INPE). Aquasis *et al.*⁶⁰ calcularam uma EOO de 28 km², já Girão-e-Silva *et al.*⁵¹⁰ computaram 31 km².

Para calcular a AOO, usou-se como base a área média ocupada por um indivíduo adulto (0,0148 km² - ver história natural). Esta área foi multiplicada pelo número estimado de indivíduos adultos (558), resultando em 8,25 km².



História natural

A espécie é dependente de uma floresta úmida legalmente considerada Mata Atlântica e encravada no semiárido, tal como um oásis no deserto. Parte desta umidade advém da conformação geológica da Chapada do Araripe, receptora de chuvas do planalto infiltradas em lençóis d'água que ressurgem



afunilados na área de ocorrência do soldadinho-do-araripe. Estas encostas estão a barlavento dos alísios e sua umidade marítima é capturada como chuva orográfica e neblina. A intensidade da atividade vocal do macho indica o período reprodutivo, com o desenvolvimento dos filhotes na época chuvosa⁵⁰⁸. Os ninhos são mais facilmente encontrados ao longo de cursos d'água, sendo conhecidas onze espécies vegetais que lhe servem de suporte⁷³⁴. A espécie canta na Grota das Flores apesar da ausência de água perene¹⁰⁵², sugerindo que os nove territórios reprodutivos dos machos sejam maiores do que os dos demais, geralmente localizados próximo aos córregos. O tamanho médio do território reprodutivo estimado para a espécie na Grota das Flores (1,48 ha) supera em 54% a maior área equivalente encontrada para *Antilophia galeata*⁷⁸⁴. Um estudo sobre o par de irmãos por ninhada da espécie tem apontado uma taxa de mortalidade de 14% dos ninhos mais jovens, contra 0% dos mais velhos, possivelmente como estratégia de redução de ninhada⁴⁸⁹. O tempo geracional da espécie é estimado em 4,4 anos¹⁴⁴.

População

Para quantificar o número de adultos maduros desta espécie foi realizado um censo auditivo conduzido nos meses de novembro e dezembro em áreas de fontes d'água, córregos e grotas nos municípios de Crato (2013), Barbalha e Missão Velha (2014), sucedendo esforços similares e crescentes realizados em 2003, 2005 e 2010. Cantos foram considerados indicadores de atividade reprodutiva e atribuídos aos machos maduros. Onde não se ouviram cantos foram usadas gravações de chamados, que ao atrair exemplares de plumagem verde, fizeram tais áreas serem classificadas como sem reprodução⁷³⁵. O resultado foi de 279 machos adultos, potencialmente acompanhados de fêmeas, em proporção presumida de um para uma, estimando-se 536 indivíduos adultos em 104 fontes d'água e córregos, além de 22 em grotas, totalizando 558 exemplares maduros. Em 16 fontes d'água problemáticas foram localizadas apenas aves verdes isoladas, não computadas pela inviabilidade de saber suas idades e afirmar se eram maduras. Suspeita-se que a redução de AOO⁶⁶⁹ leve a declínio do número de indivíduos maduros.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A EOO da espécie estendia-se por 60 km de encostas⁶⁰ e foi reduzida em 5 km (8%) de 2005 a 2014. Entre 2011 e 2013, a floresta úmida não diminuiu nos três municípios de ocorrência da espécie (dados da Fundação SOS Mata Atlântica e INPE). Estima-se que a perda da EOO tenha sido de 77% em até cem anos, desconsiderando áreas de potencial ocorrência pretérita em outros municípios.

A AOO teve um saldo negativo observado entre 2005 e 2014, quando a espécie deixou de se reproduzir em cinco fontes d'água, mas passou a se reproduzir em outras quatro. Em 49 fontes d'água na EOO não há reprodução da espécie, mas suspeita-se que no passado de até cem anos teriam abrigado 252 indivíduos maduros (média de 5,15 adultos por fonte), contando como AOO e implicando numa perda de 31% do contingente original por causas que ainda não cessaram.

Os incêndios florestais potencializados por anos sucessivos de seca e o encanamento irregular de fontes consistem nos principais riscos e perdas de qualidade do *habitat*. O desmatamento no planalto da Chapada do Araripe, agravado pela perfuração demasiada de poços, também afeta a vazão das fontes d'água utilizadas pela espécie.

Ações de conservação

Caso cessem as reduções da EOO, AOO, qualidade do *habitat* e contingente de adultos maduros, a espécie deixará de ser considerada Criticamente em Perigo de extinção, no entanto, voltará para o mesmo *status* se apenas um destes quatro indicadores voltar a cair. Se a EOO e AOO forem restauradas até que superem respectivamente 100 e 10 km², a espécie permanecerá verdadeiramente afastada deste *status*. Uma estratégia contínua para evitar a extinção desta espécie é desenvolvida desde 2003, tendo culminado no Plano de Ação Nacional para a Conservação do Soldadinho-do-araripe⁵¹⁰, concluído e renovado em 2015.

A ONG Aquasis foi reconhecida em 2008 pela BirdLife International como entidade guardiã desta



espécie em seu programa de prevenção às extinções e este apoio possibilitou a instalação de um escritório regional em Crato, funcionando desde 2010. As ações que desenvolve são divididas em quatro linhas principais de atuação: Restauração Ecológica; Pesquisa e Monitoramento; Políticas Públicas; e Educação Ambiental. Em 2014, a Aquasis adquiriu uma propriedade de 66 ha com apoio da American Bird Conservancy, onde uma RPPN federal se encontra em fase final de criação.

Presença em unidades de conservação

Ceará: Parque Natural Municipal Luís Roberto Correia Sampaio⁵¹⁰, MN Sítio Riacho do Meio⁵¹⁰, APA da Chapada do Araripe⁵¹⁰, FLONA de Araripe-Apodí¹⁰⁵², RPPN Arajara Park⁵¹⁰, RPPN Araçá⁵¹⁰.

Pesquisas

Existentes

Já foram desenvolvidas pesquisas sobre parâmetros reprodutivos, sistema de acasalamento social e genético e o papel da seleção sexual, além de estudos de diversidade e viabilidade genética.

Necessárias

As pesquisas mais necessárias devem encontrar formas de ampliar a AOO da espécie estimulando o crescimento de vegetação ciliar em levadas d'água. Quantificar mais precisamente a EOO no planalto da Chapada do Araripe. Localizar outra população da espécie, embora esta possibilidade é remota. Aferir a razão sexual da espécie e tamanho de território reprodutivo melhoraria sua avaliação. Predições sobre a vazão das fontes d'água subsidiariam uma avaliação pelo critério E.

Schiffornis turdina intermedia Pinto, 1954

Vítor de Queiroz Piacentini

Ordem: Passeriformes

Família: Tityridae

Nome comum: flautim-marrom



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Schiffornis turdina intermedia é restrita ao Centro de Endemismo Pernambuco. Supõe-se que a população total deste táxon seja menor que 10.000 indivíduos maduros, com menos de 1.000 indivíduos em cada subpopulação. A população é severamente fragmentada e há declínio populacional continuado



devido à perda de qualidade de *habitat* e de área de ocupação, e portanto, *S. t. intermedia* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1032}	VU* B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Schiffornis turdinus intermediu*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Schiffornis turdinus intermedius Pinto, 1954.

Distribuição geográfica

Este táxon é endêmico do nordeste do Brasil, ocorrendo apenas nos estados da Paraíba, Pernambuco e Alagoas^{528,1181}.



História natural

Presente em florestas úmidas, quase sempre em seu interior; mais raramente em matas secundárias ou nas bordas de mata. Alimenta-se de frutos e insetos¹¹⁸¹. A maior parte das informações sobre a ecologia deste táxon é inferida a partir dos dados obtidos para as demais populações da espécie.

População

Sua área de distribuição é intensamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta ave utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total de *S. t. intermedia* é menor que 10.000 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 1.000 deles em cada subpopulação. A população é severamente fragmentada, acompanhando



a fragmentação de *habitat*. Supõe-se que haja declínio populacional continuado, uma vez que o táxon ocorre preferencialmente no interior de florestas bem conservadas e, nos poucos fragmentos de mata remanescentes em sua distribuição, há contínua perda de qualidade de *habitat* e de área de ocupação devido à ação antrópica (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A severa conversão das florestas do Centro de Endemismo Pernambuco em áreas agrícolas e urbanizadas é a principal ameaça a este táxon (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: REVIS Matas do Sistema Gurjaú¹⁰¹⁸, REBIO de Saltinho¹⁰¹⁸, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Frei Caneca¹⁰³²;

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹.

Pesquisas

Não são conhecidas pesquisas específicas sobre o táxon. São necessários estudos sobre a biologia da espécie na região, em particular estimativas populacionais mais robustas e efeito da fragmentação sobre sua população. Além disso, é desejável uma avaliação de seu status taxonômico, preferencialmente com a combinação de dados morfológicos, vocais e moleculares.

Iodopleura pipra (Lesson, 1831)

Sidnei de Melo Dantas, Ciro Albano & André De Luca

Ordem: Passeriformes

Família: Tityridae

Nome comum: anambezinho



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Iodopleura pipra é endêmica da Mata Atlântica. É bastante rara e sua população é fragmentada devido à descontinuidade de *habitat* e a seu baixo poder de deslocamento fora das matas. Sua área de



distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos, de modo que é seguro afirmar que há menos de 2.500 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação. Suspeita-se que a população esteja em declínio continuado devido à sua fragmentação e à perda de *habitat*. Assim, *I. pipra* foi caracterizada como Em Perigo (EN) pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	NT
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,441}	Minas Gerais: CR São Paulo: Ameaçada
Avaliação global ²⁰⁵	NT

Outros nomes aplicados ao táxon

Pardalotus pipra Lesson, 1831; *Iodopleura leucopygia* Salvin, 1885.

Notas taxonômicas

Dois subespécies reconhecidas, ambas com ocorrência para o Brasil: *I. p. leucopygia* e *I. p. pipra*¹¹⁸¹.

Distribuição geográfica

Espécie é endêmica do Brasil¹¹⁸¹: *Iodopleura p. pipra* ocorre na Bahia e no sudeste do Brasil (oficina de avaliação); e *I. p. leucopygia* ocorre na costa nordeste (Paraíba, Pernambuco e Alagoas)⁵²⁸.



História natural

Ocupa Mata Atlântica litorânea, de encosta, de altitude e restinga arbórea. Alimenta-se de pequenos frutos e captura insetos em pleno ar. Durante os meses de inverno, aparece nas baixadas litorâneas para instalar seu ninho sobre galhos secos. A postura é, em geral, de um único ovo. Pode migrar durante o verão em pequenos bandos até altitudes entre 900 e 1.000 m¹⁰⁹⁷.



População

É bastante rara. Considerando que não há registros de deslocamentos desta espécie entre fragmentos de mata e que seu *habitat* está totalmente segmentado em toda sua distribuição, suspeita-se que a população também seja fragmentada. Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram pela espécie utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com segurança, que a população total de *I. pipra* é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação. Devido à perda de *habitat* e à fragmentação severa da população, infere-se que há declínio populacional continuado (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Desmatamento e descaracterização das matas de baixada¹¹⁶⁸.

Ações de conservação

Iodopleura pipra está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas¹¹⁵⁴;

Pernambuco: PE Dois Irmãos⁴⁵¹, REVIS Matas do Sistema de Gurjaú¹⁰¹⁸, RPPN Frei Caneca¹¹⁵⁴;

Alagoas: ESEC de Murici¹¹⁸¹;

Bahia: PARNA Serra das Lontras¹¹¹⁴, REVIS de Boa Nova¹²⁸⁹;

Minas Gerais/Rio de Janeiro: PARNA de Itatiaia¹¹⁷;

Rio de Janeiro: ESEC de Tamoios⁵⁹², PE do Desengano¹¹⁷, PARNA Serra dos Órgãos⁶⁰⁶, APA da Região Serrana de Petrópolis⁵⁹⁷;

São Paulo: ESEC de Jureia-Itatins¹¹⁷, PE da Serra do Mar¹¹⁶⁸.

Iodopleura pipra leucopygia Salvin, 1885

Sidnei de Melo Dantas, Ciro Albano & André De Luca

Ordem: Passeriformes

Família: Tityridae

Nome comum: anambezinho





Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(i)

Justificativa

Iodopleura pipra leucopygia é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na Mata Atlântica dos estados da Paraíba, Pernambuco e Alagoas. É bastante rara e a população encontra-se fragmentada. Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos, de modo que é seguro afirmar que há menos de 250 indivíduos maduros, no total, e menos de 50 em cada subpopulação. Suspeita-se que a população esteja em declínio continuado devido à sua fragmentação e à perda de *habitat*. Sendo assim, *I. p. leucopygia* foi caracterizada como Criticamente em Perigo (CR) pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1154}	EN B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Iodopleura leucopygia Salvin, 1885.

Distribuição geográfica

É endêmico do Brasil, ocorrendo apenas no Centro de Endemismo Pernambuco, com registro para os estados da Paraíba, Pernambuco e Alagoas (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa preferencialmente matas primárias ou em avançado estado de regeneração. Eventualmente visita bordas de mata quando forrageia. Alimenta-se na copa das árvores, sobretudo de frutos de Loranthaceae¹¹⁵⁴.



População

Está provavelmente extinto na maioria das localidades de sua área de distribuição original¹¹⁵⁴. É bastante rara. Considerando que não há registros de deslocamentos desta espécie entre fragmentos de mata e que seu *habitat* está totalmente fragmentado em toda sua distribuição, suspeita-se que a população também seja fragmentada. Sua extensão de ocorrência é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por este táxon utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com segurança, que a população total de *I. p. leucopygia* é menor que 250 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 50 deles em cada subpopulação. Devido à perda de *habitat* e fragmentação severa da população, infere-se que há declínio populacional continuado (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

O acentuado desmatamento das áreas ao norte do rio São Francisco é a principal ameaça a este táxon¹¹⁵⁴.

Ações de conservação

A adequada proteção da ESEC de Murici, em Alagoas, beneficiaria esse táxon¹¹⁸¹. *Iodopleura pipra* está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹, abarcando as duas subespécies.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas¹¹⁵⁴;

Pernambuco: PE Dois Irmãos⁴⁵¹, REVIS Matas do Sistema Gurjáú¹⁰¹⁸, RPPN Frei Caneca¹¹⁵⁴;

Alagoas: ESEC de Murici¹¹⁸¹.

Iodopleura pipra pipra (Lesson, 1831)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Tityridae

Nome comum: anambezinho



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Iodopleura pipra pipra é endêmica da Mata Atlântica da Bahia e do sudeste do Brasil, onde é



bastante rara. Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos, de modo que é seguro afirmar que há menos de 2.500 indivíduos maduros, com menos de 250 deles em cada subpopulação. Suspeita-se que a população esteja em declínio continuado devido à sua fragmentação e à perda de *habitat*. Assim, *I. p. pipra* foi caracterizada como Em Perigo (EN) pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Pardalotus pipra Lesson, 1831.

Distribuição geográfica

Táxon endêmico do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica da Bahia e do sudeste.



História natural

Ocupa florestas úmidas, do nível do mar a 1.000 m de altitude¹¹⁸¹. Alimenta-se de pequenos frutos e captura insetos em pleno ar¹⁰⁹⁷.

População

É bastante rara. Considerando que não há registros de deslocamentos desta espécie entre fragmentos de mata e que seu *habitat* está totalmente segmentado em toda sua distribuição, suspeita-se que a população também seja fragmentada. Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por este táxon utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com segurança, que a população total de *I. p. pipra* é menor que 2.500 indivíduos maduros,



sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação. Acredita-se que haja declínio populacional continuado devido à perda de *habitat* e fragmentação severa da população (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Desmatamento e descaracterização das matas de baixada¹¹⁶⁸.

Ações de conservação

Iodopleura pipra está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹, abrangendo as duas subespécies.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA Serra das Lontras¹¹¹⁴, REVIS de Boa Nova¹²⁸⁹;

Minas Gerais/Rio de Janeiro: PARNA de Itatiaia¹¹⁷;

Rio de Janeiro: ESEC de Tamoios⁵⁹², PE do Desengano¹¹⁷, PARNA Serra dos Órgãos⁶⁰⁶, APA da Região Serrana de Petrópolis⁵⁹⁷;

São Paulo: ESEC de Jureia-Itatins¹¹⁷, PE da Serra do Mar¹¹⁶⁸.

Lipaugus conditus (Snow, 1980)

Suylane Barbalho de Lima Silva, Danielle Custódio Leal & Fernanda Pinto Marques

A espécie consta na Portaria MMA nº 444/2014 como *Tijuca condita* Snow, 1980.

Ordem: Passeriformes

Família: Cotingidae

Nome comum: saudade-de-asa-cinza



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) D2

Justificativa

Lipaugus conditus é endêmica das serras do estado do Rio de Janeiro. Sua área de ocupação é calculada em 36 km² e, apesar de estar parcialmente protegida por unidades de conservação, há ameaças como visitação descontrolada e incêndios provocados que são capazes de levar o táxon à categoria de Criticamente em Perigo ou Extinto em curto prazo. Além disso, contagens recentes estimam que existam menos de 1.000 indivíduos maduros. Por esses motivos, *T. condita* foi avaliada como Vulnerável (VU) pelo critério D2.



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ¹¹⁵⁵	VU* D1+2
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁶³	VU D1

*Avaliada como *Tijuca condita*.

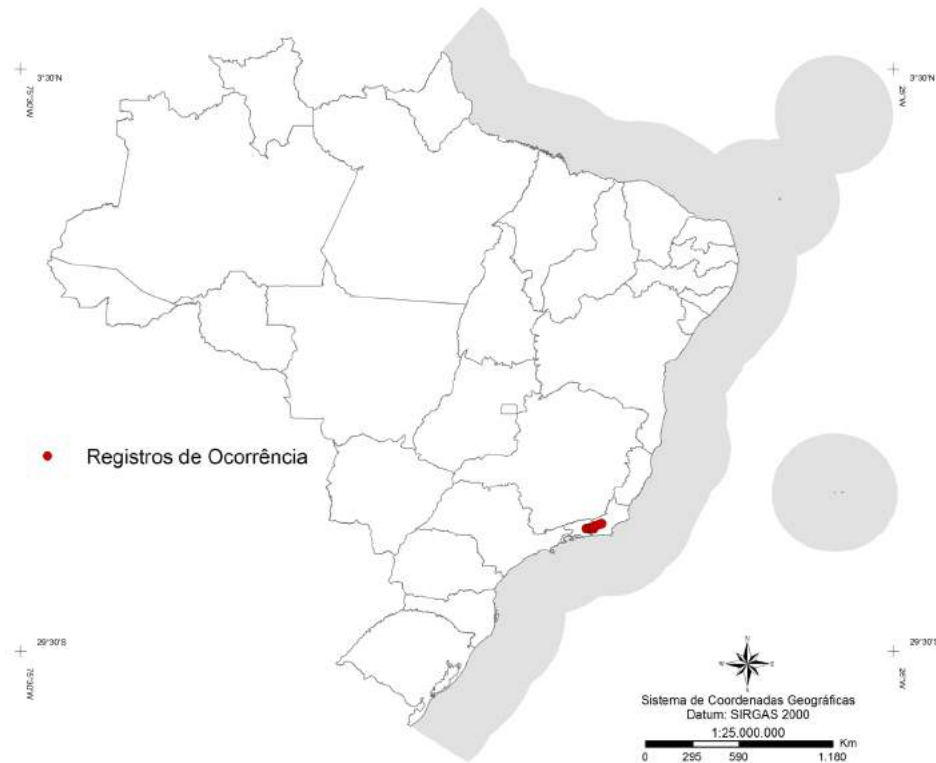
Outros nomes aplicados ao táxon

Tijuca condita Snow, 1980.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, restrita a poucas localidades, todas na região serrana fluminense, nos municípios de Tinguá, Teresópolis, Nova Friburgo¹¹⁵⁵, Petrópolis e Guapimirim¹²⁸⁹.

A área de ocupação (AOO) de *L.conditus* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 36 km² (oficina de avaliação).



História natural

Vive em matas de altitude¹⁰⁹⁵. A espécie é pouco conhecida. Apenas uma fêmea foi coletada e uma descrição formal do macho permanece em aberto. Aparentemente, sempre foi rara e de ocorrência muito localizada, habitando as matas nebulosas, preferencialmente entre 1.800 e 2.000 m de altitude, em montanhas de difícil acesso. Alimenta-se de pequenos frutos e vive solitária ou aos pares¹¹⁵⁵. É provável que se desloque, ao menos ocasionalmente, para altitudes inferiores¹¹⁸¹.

População

População considerada pequena, ocorrendo em densidades muito baixas¹¹⁸¹. O último censo realizado estimou menos de 1.000 indivíduos (L.M. Lima, dados não publicados).

Tendência populacional: desconhecida.



Ameaças

Não são claros os motivos de sua aparente raridade¹¹⁵⁵. Apesar de estar parcialmente protegida por unidades de conservação, incêndios e visitação são perturbações antrópicas que ameaçam a espécie, mesmo nas áreas protegidas (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

A espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Recomenda-se a proteção da população da serra dos Tucanos¹¹⁵⁵.

Presença em unidades de conservação

Rio de Janeiro: PARNA da Serra dos Órgãos¹¹⁵⁵, REBIO do Tinguá¹¹⁵⁵, APA da Região Serrana de Petrópolis⁵⁹⁷.

Xipholena atropurpurea (Wied, 1820)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Cotingidae

Nome comum: anambé-de-asa-branca



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Xipholena atropurpurea é endêmica da Mata Atlântica. Não há registros recentes no Rio de Janeiro e está em situação crítica no Centro de Endemismo Pernambuco. A população total da espécie não ultrapassa 10.000 indivíduos maduros, sendo que cada subpopulação contém menos de 1.000 deles. Há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat* e por essas razões, *X. atropurpurea* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério C2a(i).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1156}	EN B1ab(i,ii,iii)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,442}	Espírito Santo: CR Rio de Janeiro: EN
Avaliação global ¹⁴¹	EN B1ab(i,ii,iii,iv,v)

Outros nomes aplicados ao táxon

Ampelis atro-purpurea Wied, 1820.

Distribuição geográfica

Ocorre na Mata Atlântica, entre Paraíba e Rio de Janeiro. Presente principalmente nas unidades de conservação. Fora dessas áreas, é muito rara¹¹⁵⁶. Não há registros recentes no Rio de Janeiro e está em situação crítica no Centro de Endemismo Pernambuco (oficina de avaliação).



História natural

Ocupam principalmente as matas primárias ou em avançado estado de regeneração, nas baixadas, embora existam registros até 900 m de altitude; também em matas semidecíduas ou matas secundárias, embora com menor frequência¹¹⁵⁶. Preferem floresta densa e úmida, mas na porção norte de sua distribuição ocorre em florestas mais abertas e em áreas mais secas; também em matas de porte mais baixo, em solos arenosos, próximo à costa¹¹⁸¹.

Alimentam-se de diversos frutos e flores; insetos são também consumidos, especialmente durante o período reprodutivo, que se concentra, aparentemente, entre os meses de agosto e fevereiro¹¹⁵⁶. Não são conhecidos movimentos migratórios¹¹⁸¹.

População

Aparentemente, confinada a 13 unidades de conservação da costa brasileira, em uma área de 992,2



km²; certamente houve declínio populacional devido à fragmentação de *habitat*, uma vez que mais de 60% da Mata Atlântica foi perdida desde 1980¹¹⁸¹.

Embora haja levantamentos de densidade populacional da espécie na RPPN Estação Veracel, na Bahia, a extrapolação para outras unidades de conservação onde a espécie ocorre deve ser encarada com reservas, visto que as densidades da espécie certamente variam dentro de sua extensa área de distribuição¹¹⁵⁶.

Considerando a existência de extinções locais e o fato da espécie estar quase restrita a unidades de conservação que são bastante amostradas por diversos pesquisadores, estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total de *X. atropurpurea* é menor que 10.000 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 1.000 deles em cada subpopulação. Além disso, há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat*, até mesmo nas unidades de conservação (oficina de avaliação). *Tendência populacional*: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é o desmatamento. Grande parte do *habitat* da espécie já foi destruída e as aves estão praticamente restritas às unidades de conservação¹¹⁵⁶. Também são ameaças a essa espécie: fogo, retirada ilegal de madeira e o baixo nível de implantação das unidades de conservação onde ocorrem¹¹⁸¹, de modo que há declínio continuado da qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Xipholena atropurpurea está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas¹¹⁵⁶;

Pernambuco: ESEC do Tapacurá¹¹⁵⁶, PE Dois Irmãos¹¹⁵⁶, RPPN Frei Caneca¹¹⁵⁶;

Alagoas: ESEC de Murici¹¹⁵⁶;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada¹¹⁵⁶;

Bahia: ESEC de Nova Esperança¹¹⁵⁶, PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, PARNA do Descobrimento¹¹⁵⁶, PARNA e Histórico do Monte Pascoal¹¹⁵⁶, PARNA do Pau Brasil¹¹⁵⁶, REBIO de Una¹¹⁵⁶, RPPN Estação Veracel¹¹⁵⁶;

Espírito Santo: REBIO de Sooretama¹¹⁵⁶. Ocorre também na Reserva Natural Vale, área protegida mas não pertencente ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação¹¹⁸¹;

Rio de Janeiro: PE do Desengano¹¹⁵⁶.

Pesquisas

São necessárias pesquisas sobre *habitat* e hábitos de *X. atropurpurea*¹¹⁵⁶ e levantamentos populacionais mais robustos para confirmar e monitorar o estado de conservação do táxon.



Procnias albus wallacei Oren & Novaes, 1985

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Cotingidae

Nome comum: araponga-da-amazônia



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B1ab(i,iii)

Justificativa

Procnias albus wallacei é endêmica do Brasil, com população restrita a Serra dos Carajás. Esta população possui uma extensão de ocorrência inferior a 20.000 km², ocorrendo em uma área que sofre pressão de desmatamento e mineração. Ocorre apenas em restritos topos de morros e necessita de *habitat* florestais pouco perturbados, havendo declínio continuado da extensão de ocorrência e da qualidade do *habitat*. Assim sendo, *P. a. wallacei* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério B1ab(i,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Procnias albus possui duas populações com distribuições alopátricas. Em 1985, a população da Serra dos Carajás foi descrita como uma subespécie diferenciada, baseado no comprimento maior (porém mais fino) do bico e garganta ligeiramente acinzentada.

Distribuição geográfica

Procnias albus wallacei é endêmica do Brasil, restrita à Serra dos Carajás, Pará. Todo o mosaico de unidades de conservação dessa região conta com uma área de cerca de 12.000 km². Entretanto, este táxon não ocupa todos os ambientes da região.



História natural

Pouco se sabe sobre este táxon, particularmente no que diz respeito a comportamento, dieta e história natural. Como outros congêneres, deve alimentar-se principalmente de frutos¹¹⁸¹. Seu ninho ainda não é conhecido. Como a forma nominal, *P. a. wallacei* habita florestas úmidas em regiões montanhosas, com certa preferência por topos de morros e encostas de vales profundos.

População

Não existe estimativa de tamanho populacional do táxon, mas como sua distribuição é restrita e o táxon é pouco comum, ocorrendo de maneira não uniforme em toda área protegida, é provável que existam menos de 10.000 indivíduos na natureza.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

Devido ao pouco conhecimento sobre a biologia da espécie, é difícil afirmar quais são as ameaças mais relevantes. Entretanto, sua situação é delicada considerando o fato de ser esta uma população isolada, de distribuição restrita, com preferência por *habitat* específico (florestas em topos de morro), ocorrendo em área altamente impactada, ainda que englobada por um mosaico de unidades de conservação.

Toda a distribuição da *P. a. wallacei* encontra-se no Centro de Endemismo Xingu, que é umas das áreas mais desmatadas da Amazônia. Se por um lado as atividades mineradoras têm ajudado a evitar o avanço da pecuária e do desmatamento na região, as áreas mineradas já foram completamente descaracterizadas. Portanto, as áreas de conservação integral na região são relativamente reduzidas e novas pressões econômicas por mineração e pecuária podem ser um problema no futuro próximo.

Ações de conservação

Existentes

Procnias albus wallacei está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio



populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

Ações de conservação para este táxon devem garantir a continuidade das florestas nas serras na região de Carajás. Aleixo³⁷ sugeriu como medidas para garantir a existência destas áreas que sejam consolidados planos de manejo integrados para as diferentes unidades de conservação que fazem parte do mosaico de unidades de conservação Serra dos Carajás e que sejam estabelecidas de forma urgente programas de vigilância no entorno do mosaico.

Presença em unidades de conservação

Pará: REBIO do Tapirapé, APA do Igarapé Gelado, FLONA de Carajás, FLONA de Itacaiúnas, FLONA de Tapirapé-Aquiri (L.N. Naka, com. pess., 2011).

Pesquisas

Pouco se sabe sobre a araponga-da-amazônia, incluindo questões básicas de ecologia e história natural. É importante estudar a presença deste táxon em todas as unidades de conservação que formam parte do mosaico de conservação da Serra dos Carajás e avaliar, por meio de modelagens de distribuição, qual a área potencial ocupada por esta espécie.

***Cotinga maculata* (Statius Muller, 1776)**

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Cotingidae

Nome comum: crejoá



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(i)

Justificativa

Cotinga maculata é endêmica do Brasil, ocorrendo do sul da Bahia ao Rio de Janeiro e áreas adjacentes em Minas Gerais. Estima-se que haja menos de 250 indivíduos maduros, sendo que há menos de 50 deles em cada subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*, sendo que há casos de extinção local recente. Dessa forma, *C. maculata* foi avaliada como Criticamente em Perigo (CR) C2a(i).



Outras avaliações

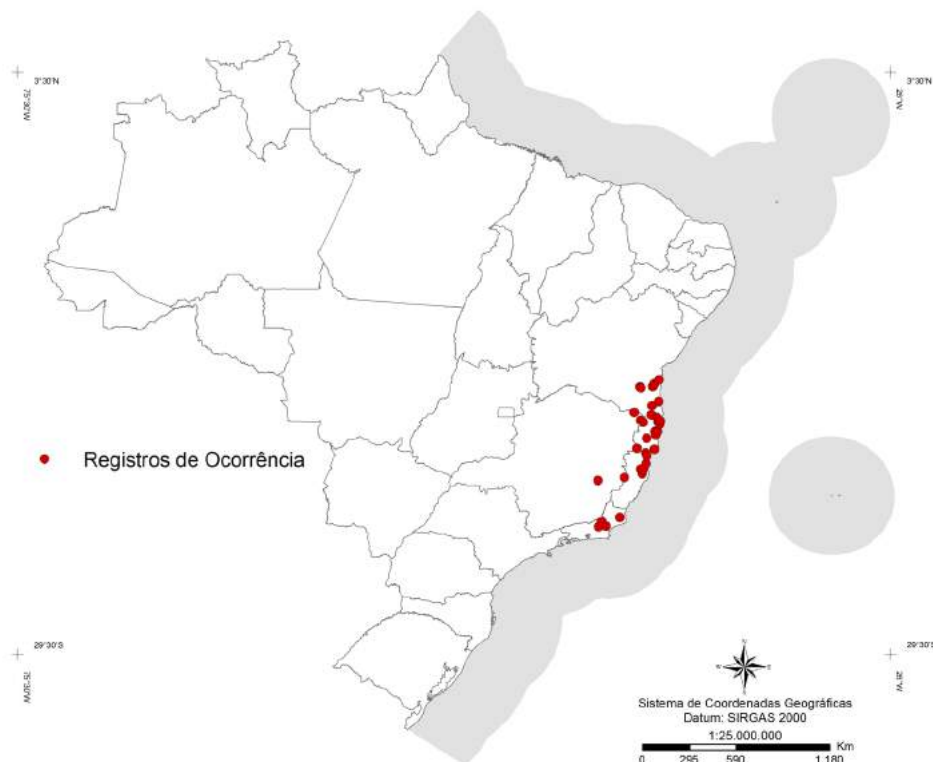
Avaliação nacional anterior ^{814,1157}	EN B1ab(i,ii,iii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,442}	Espírito Santo: CR Minas Gerais: CR Rio de Janeiro: Provavelmente Extinta
Avaliação global ²⁰⁶	EN B1ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Ampelis maculatus Statius Muller, 1776.

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo no sul da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e áreas adjacentes em Minas Gerais; não é registrado no Rio de Janeiro desde o século XIX; não houve registros em Minas Gerais de 1940 a 2003, quando foi novamente encontrado na fazenda Duas Barras, Santa Maria do Salto, no vale do Jequitinhonha. Atualmente, está praticamente restrita a unidades de conservação¹¹⁵⁷. Possivelmente extinta em Linhares, Espírito Santo, onde era facilmente observada há cerca de 10 anos, não sendo mais vista atualmente, ainda que um grande número de observadores e pesquisadores procure pela espécie na região (oficina de avaliação).



História natural

Endêmica de uma estreita faixa de Mata Atlântica úmida de baixada¹¹⁵⁷, ocupando dossel da floresta primária e vegetação secundária adjacente, sempre abaixo de 200 m de altitude. Alimenta-se de frutos e, talvez, de insetos. É aparentemente residente¹¹⁸¹. Frequentemente solitária e silenciosa; pode permanecer muito tempo em um mesmo galho, imóvel, dificultando sua detecção. Aparentemente, a espécie necessita de amplos territórios para sobreviver¹¹⁵⁷. É dependente de mata de baixada bem conservada (oficina de avaliação).



População

Considerada rara¹¹⁸¹. As populações remanescentes encontram-se hoje muito fragmentadas¹¹⁵⁷ e não existem evidências de movimentação da espécie entre os fragmentos com registros recentes (apenas cinco localidades). Seu *habitat* está bastante alterado, isolando esses pontos entre si (oficina de avaliação).

A região de distribuição de *C. maculata* é bastante frequentada por pesquisadores e observadores de aves, que notam a grande raridade da espécie. É possível estimar, com boa margem de segurança, que a população total não ultrapassa 250 indivíduos maduros e que cada subpopulação contém menos de 50 deles. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*, havendo casos de extinção local recente (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A massiva destruição da Mata Atlântica de baixada e a captura de indivíduos para o comércio ilegal são as principais ameaças à espécie¹¹⁵⁷. O *habitat* de *C. maculata* sofreu alteração na maior parte de sua distribuição geográfica. As matas de baixada foram as primeiras a desaparecer no bioma Mata Atlântica e ainda são as mais ameaçadas pelo corte e por incêndios florestais. Há ainda casos de uso das penas dos machos para artesanato e da ave na alimentação humana¹¹⁵⁷.

Ações de conservação

Existentes

Cotinga maculata está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

A proteção efetiva e recuperação dos *habitat* remanescentes e o aumento da conectividade entre os fragmentos onde a espécie ocorre¹¹⁵⁷.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA do Descobrimento¹¹⁵⁷, PARNA e Histórico do Monte Pascoal¹¹⁵⁷, REBIO de Una¹¹⁵⁷, RPPN Estação Verace¹¹⁵⁷;

Espírito Santo: REBIO de Sooretama¹¹⁵⁷, REBIO do Córrego Grande¹¹⁵⁷;

Rio de Janeiro: ESEC de Tamoios⁵⁹².

Pesquisas

São necessárias pesquisas sobre a biologia básica da espécie, a fim de definir seus *habitat* preferenciais. Busca por populações no PE do Rio Doce, Minas Gerais e uso de torres de observação como ferramenta adicional para a detecção da espécie em certas áreas¹¹⁵⁷.



Carpornis melanocephala (Wied, 1820)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Cotingidae

Nomes comuns: sabiá-pimenta, pião-batata, corocoxó-do-litoral, cochó



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Carpornis melanocephala é endêmica da Mata Atlântica, estando à beira da extinção no Centro de Endemismo Pernambuco. É raro no sul da Bahia. A população total não ultrapassa 10.000 indivíduos maduros, sendo que cada subpopulação tem menos de 1.000 deles. Há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade do *habitat* e de área de ocupação. Assim, *C. melanocephala* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1158}	VU* A4c
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,439,441,442,443a}	Espírito Santo: VU Minas Gerais: CR Rio de Janeiro*: VU São Paulo: Ameaçada Paraná: VU Santa Catarina: EN
Avaliação global ²⁰⁷	VU A2c+3c+4c; B1ab(ii,iii,iv,v); C2a(i)

*Avaliada como *Carpornis melanocephalus*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Procnias melanocephalus Wied, 1820; *Carpornis melanocephalus* (Wied, 1820).

Distribuição geográfica

Ocorria originalmente em uma estreita faixa da Mata Atlântica que se estendia de Alagoas ao Paraná, em uma área total de cerca de 23.000 km². Mas hoje, as populações estão restritas a algumas localidades dentro desta distribuição original. Recentemente, foi feito o primeiro registro para Minas Gerais, na fazenda Sossego do Arrebol, município de Bandeira, no vale do rio Jequitinhonha¹¹⁵⁸.

Existe uma descontinuidade na distribuição linear desta espécie, que ocorre justamente no estado de São Paulo, entre Bertiooga e o estado do Rio de Janeiro¹¹⁸.



No Paraná, parte dos registros obtidos concentra-se na zona litorânea do município de Guaraqueçaba, incluindo o PARNA de Superagui; registros adicionais nos municípios de Matinhos e Guaratuba indicam que seu limite de distribuição deve se estender até maiores latitudes, podendo incluir as baixadas litorâneas de Santa Catarina¹²¹⁵.



História natural

Ocorre principalmente em florestas primárias de baixada e restinga, até 700 m de altitude. Prefere a copa das árvores ou o estrato médio da vegetação¹¹⁵⁸. Ocupa principalmente vegetação densa; ocorre também na restinga alta¹¹⁸¹. A espécie é sedentária e solitária, no geral, mas há tendência de agregação de indivíduos em certas áreas. As populações remanescentes encontram-se, em muitos casos, isoladas pela fragmentação florestal. Alimenta-se principalmente de frutos e, ocasionalmente, de insetos¹¹⁵⁸.

População

A população total é provavelmente pequena e severamente fragmentada; a tendência parece ser de declínio¹¹⁸¹; pode ser localmente comum por haver tendência de agregação de indivíduos em certas áreas¹¹⁵⁸.

As populações estão restritas ou isoladas em uma série de reservas privadas ou unidades de conservação. É provável que tenha se extinguido nas seguintes localidades: Pitanga, Cajazeiras, Itabuna e Cachoeira Grande, na Bahia; rio Itaúnas, lagoa Juparanã, Colatina, Ibirapu, Santa Cruz e Santa Leopoldina, no Espírito Santo; Nova Friburgo, no Rio de Janeiro; alto da serra de Paranapiacaba, em São Paulo¹¹⁵⁸. A espécie está à beira da extinção no Centro de Endemismo Pernambuco e é rara no sul da Bahia (oficina de avaliação).

Pesquisadores que trabalham em sua área de distribuição suspeitam que a população total de *C. melanocephala* seja menor que 10.000 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 1.000 deles em cada subpopulação. Suspeita-se que haja declínio populacional continuado, uma vez que há perda de qualidade do *habitat* e de área de ocupação, mesmo dentro de unidades de conservação (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

A maior ameaça a *C. melanocephala* é a perda de *habitat*, uma vez que parece ser pouco tolerante a *habitat* alterados. A retirada de palmito (*Euterpe edulis*) também parece afetar a espécie, diminuindo a disponibilidade sazonal de alimento. Os incêndios florestais e invasões nas unidades de conservação também podem afetar negativamente as populações, especialmente no norte do estado do Rio de Janeiro¹¹⁵⁸.

Ações de conservação

Existentes

Carpornis melanocephala está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

- a) proteção efetiva das unidades de conservação onde *C. melanocephala* ocorre¹¹⁵⁸;
- b) criação de novas unidades de proteção integral nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de baixada e encosta¹¹⁸;
- c) estabelecimento de conexão entre as áreas protegidas¹²¹⁵.

Presença em unidades de conservação

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹;

Bahia: PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, PARNA de Boa Nova^{60a}, PARNA do Descobrimento¹¹⁵⁸, PARNA e Histórico do Monte Pascoal¹¹⁵⁸, PARNA Pau Brasil¹¹⁵⁸, REBIO de Una¹¹⁵⁸, REVIS de Boa Nova^{60a}, RPPN Ecoparque de Una¹¹⁵⁸, RPPN Estação Veracel¹¹⁵⁸;

Bahia/Espírito Santo: REBIO do Córrego Grande¹¹⁵⁸;

Espírito Santo: REBIO de Duas Bocas¹¹⁵⁸, REBIO de Sooretama¹¹⁵⁸;

Espírito Santo/Minas Gerais: PARNA de Caparaó⁶⁰¹;

Rio de Janeiro: APA de Petrópolis, PARNA da Serra dos Órgãos⁶⁰⁶, PE do Desengano¹⁰⁷, REBIO União¹¹⁵⁸;

São Paulo: APA de Cananeia-Iguapé-Peruíbe¹¹⁸, APA Serra do Mar¹¹⁸, ESEC Jureia-Itatins¹¹⁵⁸, PE Carlos Botelho¹¹⁸, PE da Ilha do Cardoso¹¹⁵⁸, PE da Serra do Mar¹¹⁸, PE do Jurupará¹¹⁵⁸, PE Intervales¹¹⁵⁸, PE de Jacupiranga¹¹⁵⁸;

Paraná: APA de Guaraqueçaba¹²¹⁵, APA Estadual de Guaratuba¹²¹⁵, PARNA do Superagui¹²¹⁵, RPPN Estadual Reserva Natural Salto Morato¹²¹⁵.

Pesquisas

São necessárias buscas de novas populações em áreas propícias e pesquisas sobre a relação desta espécie com o palmito e sobre outros aspectos de sua biologia, como tamanho do território e exigências ambientais básicas¹¹⁵⁸.



Piprites chloris grisescens Novaes, 1964

Sidnei de Melo Dantas & Alexander Charles Lees

Ordem: Passeriformes

Família: Pipritidae

Nome comum: papinho-amarelo



Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4c

Justificativa

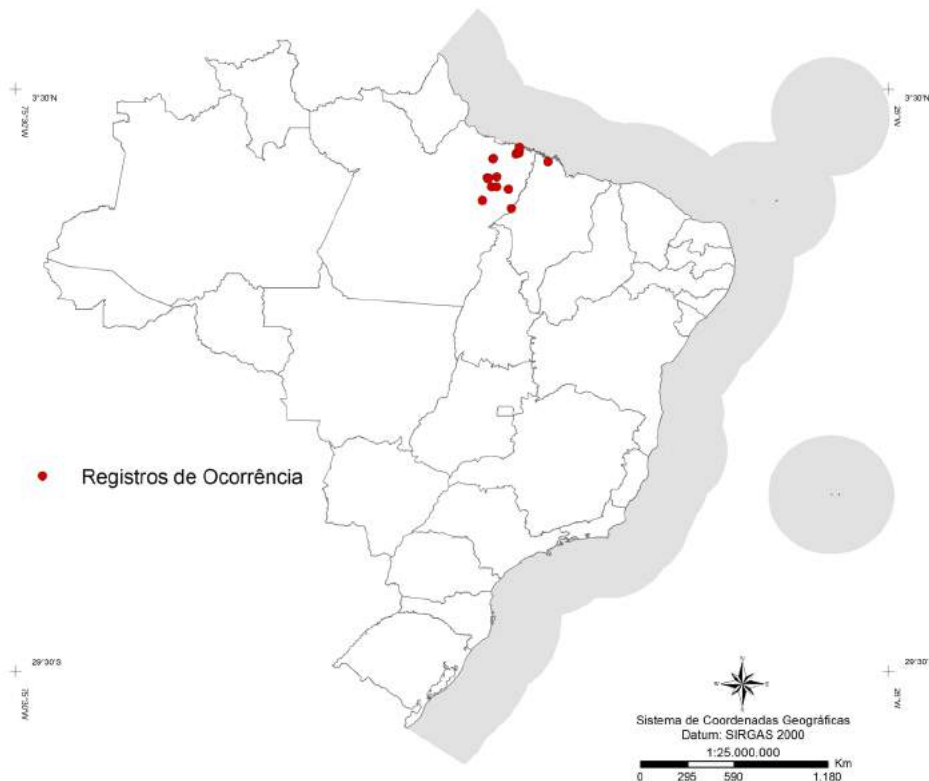
Piprites chloris grisescens é restrita ao Centro de Endemismo Belém, região que sofreu o maior desmatamento cumulativo da Amazônia. Este táxon já perdeu 70% de seu *habitat* original. O declínio populacional acumulado nos últimos dez anos e projetado para o futuro, completando a janela temporal de três gerações (13,2 anos) é de pelo menos 30%, decorrente da perda de *habitat*. É sensível à fragmentação e à redução das áreas de floresta de terra firme em estado primário. Localmente comum e tolerante ao corte seletivo, porém não utiliza vegetação secundária. Não ocorre em fragmentos menores do que 100 ha. Por estas razões, *P. c. grisescens* foi categorizada como Vulnerável (VU) A4c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará: EN
Avaliação global	Não consta

Distribuição geográfica

Endêmica do Centro de Endemismo Belém, que compreende a área localizada entre a margem leste do rio Tocantins e o oeste do Maranhão. O Centro de Endemismo Belém tem uma área total de 199.211 km², mas já perdeu cerca de 70% de sua cobertura vegetal original¹¹⁰⁵.



História natural

Habita a copa e a borda de florestas úmidas e de capoeiras altas. Embora raramente vista em estratos mais baixos da floresta, ela parece preferir florestas com um sub-bosque bem desenvolvido e muitos cipós⁶⁷³. Tipicamente registrada seguindo bandos, podendo seguir tanto os de copa como os de sub-bosque, onde se alimenta predominantemente de insetos, por procura ativa em galhos em que estão pousados⁶⁷³.

Dois indivíduos com plumagem adulta foram observados passando comida um para o outro, enquanto forrageavam em um bando misto de copa em Paragominas, em maio de 2011 (A.C. Lees, obs. pess.). Isso pode ser um precursor de atividade reprodutiva, uma hipótese apoiada pela coleta de fêmeas em condições reprodutivas na Amazônia entre julho e novembro⁸⁵⁹. A única descrição de ninho para essa espécie pode não ser confiável⁶⁷³.

O tempo geracional para a espécie é de 4,4 anos¹⁴⁴.

É sensível à fragmentação e à redução das áreas de floresta de terra firme em estado primário. Localmente comum e tolerante ao corte seletivo, porém não utiliza vegetação secundária. Não ocorre em fragmentos menores do que 100 ha (obs. pess. dos autores). Na APA Lago do Tucuruí foi registrado apenas em fragmentos maiores que 200 ha (S.M. Dantas, dados não publicados). Em Paragominas, foi registrada invariavelmente em florestas primárias, inclusive em florestas com exploração de madeira e queimadas, o que sugere um certo nível de tolerância à modificação do *habitat*^{711,828}.

População

O tamanho populacional não é conhecido, mas é rara na APA do Lago de Tucuruí (S.M. Dantas, dados não publicados). Portes *et al.*⁹⁶⁵ encontraram a espécie em densidades baixas nas Fazendas Cauaxi e Rio Capim, nas reservas do Grupo Florestal Agropalma, e em Dom Eliseu. Lees *et al.*⁷¹¹ registraram a espécie 37 vezes em nove de dezoito bacias hidrográficas em volta de Paragominas, sendo a mesma um membro regular de bandos mistos em fragmentos florestais bem preservados. Não há registros na região metropolitana de Belém desde a década de 1970, sendo a espécie considerada provavelmente extinta neste local⁸²⁷.



Suspeita-se que a perda de *habitat* tenha gerado um declínio populacional acumulado nos últimos dez anos e projetado para o futuro (três gerações = 13,2 anos) de pelo menos 30% (oficina de avaliação). *Tendência populacional*: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a perda de *habitat* devido ao acelerado desmatamento do Centro de Endemismo Belém. O fato de o táxon ser sensível ao desmatamento agrava a situação.

Ações de conservação

Existentes

Piprites chloris griseescens está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

São ações críticas para a sobrevivência da espécie em longo prazo: manter a rede atual de grandes áreas protegidas e assegurar que as paisagens de produção preservem porções de cobertura florestal primária com ampla conectividade entre si.

Presença em unidades de conservação

Pará: APA do Lago de Tucuruí (S.M. Dantas, dados não publicados);

Maranhão: REBIO do Gurupi⁷¹⁵.

Pesquisas

É preciso realizar censos para localizar mais sítios de ocorrência de *P. c. griseescens*, bem como para se ter uma estimativa de seu tamanho populacional. Não há estudos sobre ecologia dessa subespécie e mesmo dados para a espécie como um todo são raros, com pouca informação disponível sobre sua história natural. Estudos desse tipo são necessários para compreender como o táxon está reagindo à alteração do *habitat*.

Calyptura cristata (Vieillot, 1818)

Vítor de Queiroz Piacentini

Ordem: Passeriformes

Família: Platyrinchidae

Nome comum: tietê-de-coroa



Ilustração: Cristiano M. S. Nascimento



Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo, Possivelmente Extinta (CR-PEX) D

Justificativa

Calyptura cristata é endêmica do Rio de Janeiro. Os últimos registros confirmados na natureza são de 1996, na Serra dos Órgãos. As áreas de ocorrência histórica comprovada por espécimes coletados estão severamente degradadas. Assim sendo, acredita-se que, caso ainda exista, a população da espécie deva ser bem pequena (menor que 50 indivíduos maduros). Dessa forma, *C. cristata* foi avaliada como Criticamente em Perigo, Possivelmente Extinta (CR-PEX) D.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1159}	CR B1ab(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁸⁹	CR B1ab(i,ii,iii,v); C2a(i,ii); D

Outros nomes aplicados ao táxon

Pardalotus cristatus Vieillot, 1818; *Pardalotus coronatus* Descourtilz, 1854; *Pipra tyrannulus* Wagler, 1830.

Distribuição geográfica

Endêmica do Rio de Janeiro, sudeste do Brasil¹¹⁸¹. É conhecida por cerca de 50 exemplares, todos coletados no século XIX. Os exemplares e os registros confiáveis são de poucas localidades neste estado, como Cantagalo, Rosário, Nova Friburgo e Teresópolis¹¹⁵⁹. Todas as peles conhecidas, mesmo aquelas sem localidade informada, foram coletadas por naturalistas que passaram pela vertente interiorana da Serra dos Órgãos, a qual perfaz o Vale do Paraíba, nas estradas que ligavam o Rio de Janeiro a Minas Gerais (De Lalande, Lund, Ménériès, Sellow, Behn, etc.). Assim, a espécie deve ter sido fortemente





associada a esta região. Eventualmente citado por observadores de aves como ocorrente na região de Ubatuba, São Paulo, mas não há registros documentados para este estado^{976,1115,1204} ou para o Espírito Santo¹¹⁶⁰.

História natural

Habita florestas e matas secundárias, provavelmente até 900 m de altitude. Alimenta-se de insetos e pequenos frutos, especialmente de solanáceas^{406,678}. Não há informações sobre sua reprodução e sobre movimentos migratórios¹¹⁸¹. Com base em relatos antigos, pode-se afirmar que esta é uma espécie discreta, que vive aos pares na vegetação do dossel; aparentemente, evita expor-se na copa das árvores. Tradicionalmente considerada um Cotingidae, dados moleculares demonstram que, na verdade, esta espécie representa uma linhagem única relativamente próxima de alguns “tiranídeos basais”, como *Platyrrinchus* e *Neopipo*⁸⁶⁵. Morfologia e as poucas informações de comportamento sugerem que é mais próxima deste último. A vocalização foi reportada como “um chamado curto, rouco e desagradável, bem forte”⁴⁰⁶; por outro lado, foi descrita por P. Lund como sendo “similar a um pardal”⁶⁷⁸.

População

Não foi registrada por mais de um século, mas, em outubro de 1996, dois indivíduos foram registrados no entorno do PARNA da Serra dos Órgãos – curiosamente, na vertente da Serra oposta ao Vale do Paraíba. Apesar de inúmeras buscas, no mesmo local e em áreas semelhantes, não houve mais registros¹¹⁸¹.

As áreas de ocorrência histórica comprovada por espécimes coletados estão severamente degradadas. Assim sendo, acredita-se que, caso ainda exista, a população da espécie deva ser bem pequena (menor que 50 indivíduos maduros) (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida (possivelmente extinta).

Ameaças

O desmatamento, em especial no vale do Paraíba fluminense, deve ter sido a ameaça mais relevante à espécie. Virtualmente toda a floresta abaixo de 1.000 m de altitude, na sua área de distribuição admitida, foi destruída¹¹⁸¹.

Ações de conservação

Existentes

Calyptura cristata está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

A proteção efetiva das unidades de conservação da região contra o desmatamento; o PE do Desengano, por exemplo, pode abrigar alguma população remanescente¹¹⁵⁹. A preservação dos poucos fragmentos florestais do vale do Paraíba fluminense pode ser fundamental para a manutenção da espécie, caso ainda persista alguma população.

Presença em unidades de conservação

Rio de Janeiro: Registros históricos para o PARNA da Serra dos Órgãos (entorno)¹¹⁸¹ e APA da Região Serrana de Petrópolis⁵⁹⁷.

Pesquisas

São necessárias buscas por populações remanescentes na região da Serra dos Órgãos, Nova Friburgo, Rosário e Cantagalo. A descoberta e gravação das vocalizações da espécie pode ser uma ferramenta importante para o encontro de novas populações¹¹⁵⁹.



Platyrinchus mystaceus niveigularis Pinto, 1954

Danielle Custódio Leal & Laís Cristina Álvares Rodrigues Assis

Ordem: Passeriformes
Família: Platyrinchidae

Nome comum: patinho-do-nordeste



Foto: Marco Antônio de Freitas

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(ii)

Justificativa

Platyrinchus mystaceus niveigularis é endêmica do Brasil, tendo distribuição restrita ao Centro de Endemismo Pernambuco. A área de ocupação do táxon é inferior a 2.000 km². A população é severamente fragmentada e há declínio continuado de área de ocupação. Dessa forma, *P. m. niveigularis* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério B2ab(ii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1033}	VU B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Distribuição geográfica

Matas costeiras do nordeste do Brasil¹²³⁹. Atualmente, os remanescentes de floresta nessa área somam cerca de 2.200 km². Nem todos os remanescentes florestais apresentam *habitat* adequado à sobrevivência de *P. m. niveigularis*, considerando que algumas dessas áreas são bastante pequenas e isoladas. Dessa forma, é razoável supor que sua área de ocupação (AOO) seja inferior a 2.000 km² (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa florestas. Alimenta-se de artrópodes. Vive aos pares¹²³⁹.

População

Não se desloca entre fragmentos, de modo que a alteração da paisagem gerou fragmentação severa da população (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda massiva do *habitat* é a principal ameaça a este táxon. A fragmentação das florestas no Centro de Endemismo Pernambuco tem gerado diminuição nas áreas disponíveis para *P. m. niveigularis* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

O táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas^{1033,1289};

Pernambuco: REBIO Saltinho¹⁰³³, REVIS Matas do Sistema Gurjaú¹⁰³³, REVIS Tapacurá¹⁰³³, PE de Dois Irmãos^{1033,1289}, ESEC de Caetés¹⁰³³, RPPN Frei Caneca¹⁰³³, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada^{1033,1289};

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹.

Pesquisas

Não são conhecidas pesquisas específicas sobre o táxon. Estudos sobre tamanho e tendências populacionais são necessários para melhor avaliar seu estado de conservação.



Phylloscartes beckeri Gonzaga & Pacheco, 1995

Romulo Ribon, Caio Graco Machado, Lemuel Olívio Leite, Elivan Arantes de Sousa & André De Luca

Ordem: Passeriformes
Família: Rhynchocyclidae

Nome comum: borboletinha-baiana



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii); C2a(i)

Justificativa

Phylloscartes beckeri é endêmica do Brasil, com registros de ocorrência na Bahia e Minas Gerais. A área de ocupação foi calculada em 64 km². A população total da espécie não ultrapassa 2.500 indivíduos maduros, sendo que cada subpopulação contém menos de 250 deles. Há fragmentação severa da população. Suspeita-se que haja declínio continuado da população, uma vez que a espécie é dependente de floresta preservada e que há perda de área e de qualidade de *habitat*. Portanto, *P. beckeri* foi categorizada como Em Perigo (EN) B2ab(iii); C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1219}	EN B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais: EN
Avaliação global ²⁰⁸	EN B1ab(i,ii,iii,iv,v)

Distribuição geográfica

Ocorre no nordeste do Brasil, com registros na Bahia⁴⁶⁷ e Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha.

Phylloscartes beckeri apresenta grande restrição de *habitat*, estando atualmente confinada a uma pequena área de distribuição; muitas áreas onde a espécie ocorria originalmente foram isoladas, sem qualquer possibilidade de fluxo gênico entre as populações residuais¹²¹⁹.

A extensão de ocorrência (EOO) foi calculada através do mínimo polígono convexo (MPC), que uniu todos os pontos de registro conhecidos da espécie. A EOO resultou em 19.071,45 km². A área de ocupação (AOO) de *P. beckeri* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas nas quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 64 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita florestas primárias, florestas perenes e matas secundárias antigas, em regiões montanhosas, de 750 a 1.200 m de altitude⁴⁶⁷. Seu *habitat* preferencial são as florestas preservadas ou pouco alteradas, com abundantes rios e córregos e vegetação densa¹²¹⁹. Atualmente está quase restrita aos topos de morro (oficina de avaliação). Alimenta-se de insetos, especialmente besouros e associa-se a bandos mistos com frequência¹²¹⁹. Presume-se que sua reprodução ocorra entre os meses de setembro e fevereiro. É residente⁴⁶⁷.

População

A maior parte de sua população ocorre no PARNA da Chapada Diamantina; cerca de 10 pares foram registrados em um pequeno fragmento em área privada, na Serra da Ouricana, na Bahia⁴⁶⁷, mas não é comum em nenhum local, sendo bastante rara em alguns pontos de registro.

Acredita-se que a população esteja em rápido declínio⁴⁶⁷. Suspeita-se que haja um declínio continuado uma vez que a espécie é dependente de floresta preservada e que há perda de área de ocupação e qualidade de *habitat* devido à expansão agropecuária (oficina de avaliação). Além disso, Schnell *et al.*¹⁰⁷⁸ consideram que esta espécie possui população severamente fragmentada.

Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas, assim pode-se afirmar, com segurança, que a população total de *P. beckeri* é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Encontra-se ameaçada pelo rápido desmatamento de florestas devido à expansão agropecuária⁴⁶⁷. A fragmentação do *habitat* de *P. beckeri* também ameaça sua sobrevivência, pois muitas áreas se encontram hoje isoladas, sem qualquer possibilidade de fluxo gênico entre as populações¹²¹⁹.



Ações de conservação

Existentes

Esta espécie está contemplada nos Planos de Ação Nacionais para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰ e da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

São consideradas ações importantes para a preservação da espécie: proteção das florestas da Chapada Diamantina e arredores⁴⁶⁷ e localização de remanescentes de porte razoável entre a serra da Ouricana e a Chapada Diamantina, que tenham características orográficas similares às da localidade-tipo da espécie, a fim de criar novas unidades de conservação¹²¹⁹. A criação do PARNA de Boa Nova foi considerada uma ação essencial para a preservação desta espécie.

Foi registrada em três áreas no Médio Jequitinhonha: Reserva Mata do Passarinho, RPPN Fazenda Duas Barras e REBIO da Mata Escura. Na primeira delas também encontra-se a última população conhecida de *Merulaxis stresemanni*, além de outras 11 espécies ameaçadas em escala nacional¹⁰⁰². Isso demonstra o grande valor para a conservação do bloco florestal onde está inserida esta reserva, sendo essencial garantir sua preservação com a implantação urgente de unidades de conservação nos cerca de 1.400 ha remanescentes contíguos e fragmentos vizinhos, com sua posterior ligação por corredores. A RPPN Fazenda Duas Barras, com cerca de 500 ha, é contígua ao segundo maior bloco de Mata Atlântica de Minas Gerais, dividido em duas unidades de conservação neste estado (REVIS Mata dos Muriquis, com 2.700 ha, PE do Alto Cariri, com 6.100 ha) e, na Bahia, o PARNA Alto Cariri, com 19.200 ha. Esse bloco deve abrigar uma das mais numerosas subpopulações de *P. beckeri*.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Chapada Diamantina⁴⁶⁷, PARNA Alto Cariri (obs. pess. dos autores), PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, PARNA de Boa Nova¹²⁸⁹;

Minas Gerais: REBIO da Mata Escura (obs. pess. dos autores), RPPN Fazenda Duas Barras¹⁰⁰².

Pesquisas

São necessárias pesquisas sobre a biologia básica da espécie e seu tamanho populacional; sugere-se também a busca de novas populações, especialmente em fragmentos florestais remanescentes no fundo dos vales do médio Jequitinhonha.



Phylloscartes ceciliae Teixeira, 1987

Sidnei de Melo Dantas & Alexander Charles Lees

Ordem: Passeriformes
Família: Rhynchocyclidae

Nome comum: cara-pintada



Foto: Cristine Prates

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(i)

Justificativa

Phylloscartes ceciliae é endêmica do Brasil, com registros apenas nos estados de Alagoas e Pernambuco. As populações são consideradas severamente fragmentadas e há declínio populacional continuado devido à perda de área de ocupação e de qualidade de *habitat*. Infere-se que a população atual não ultrapasse 250 indivíduos maduros e que cada subpopulação não contenha mais de 50 deles. Por esses motivos, *P. ceciliae* foi categorizada como Criticamente em Perigo (CR) pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1220}	EN B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁰⁹	EN B1ab(i,ii,iii,v); C2a(ii)

Distribuição geográfica

Registrado em uma área de 8.360,26 km² para vinte e uma localidades em Alagoas e Pernambuco^{930,1014}.



História natural

Habita florestas úmidas¹²²⁰, preferencialmente em regiões serranas. A espécie ainda é pouco conhecida¹²²⁰. Alimenta-se de artrópodes que captura em ramos e na superfície das folhas¹²²⁰. Vive aos pares¹²²⁰ ou em grupos de três a quatro indivíduos⁷⁹⁷; ocupa os estratos médio e alto da mata, em altitudes que variam de 160 a 980 metros¹²²⁰; associa-se a bandos mistos¹⁰¹³.

População

Straube & Urben-Filho¹²²⁰ consideram a espécie rara e confinada a pouquíssimas áreas. O tamanho populacional é desconhecido^{930,1220}, mas a população está severamente fragmentada¹⁰⁷⁸. Albano¹⁹ notou decréscimo populacional na ESEC de Murici, em Alagoas, entre os anos de 2006 e 2009. Suspeita-se que haja declínio populacional continuado devido à perda de área de ocupação e de qualidade de *habitat* causada pela ocupação antrópica (especialmente agrícola) nas áreas naturais de sua distribuição, incluindo mudanças climáticas locais (oficina de avaliação).

Não há censos populacionais, mas sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total de *P. ceciliae* é menor que 250 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 50 deles em cada subpopulação (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Esta espécie tem distribuição geográfica naturalmente restrita, confinada a uma região severamente atingida pela ação humana, resultando em redução gradual de áreas de ocupação e elevada fragmentação e degradação de *habitat* (especialmente pelo cultivo da cana-de-açúcar, corte seletivo e fogo)^{706,930,1220}.

Ações de conservação

Existentes

Phylloscartes ceciliae está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da



Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Para garantir a preservação, sugere-se que as unidades de conservação (UC) nas quais há registro da espécie sejam efetivamente implantadas e que as áreas limítrofes a essas unidades sejam priorizadas para a criação de outras UC¹²²⁰.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: MN Orquidário Pedra do Rosário⁹³⁰, PM Vasconcelos Sobrinho¹²²⁰, Parque Natural Municipal Matas do Mucuri-Himalaia⁹³⁰, RPPN Frei Caneca¹²²⁰;

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada¹²²⁰.

Pesquisas

São necessárias pesquisas que ampliem o conhecimento sobre a história natural da espécie e que monitorem seus sítios de ocorrência.

Phylloscartes roquettei Sneathlage, 1928

Mauro Guimarães Diniz, Elivan Arantes de Sousa, Caio Graco Machado, Romulo Ribon & Lemuel Olívio Leite

Ordem: Passeriformes

Família: Rhynchocyclidae

Nome comum: cara-dourada



Foto: Carlos Gussoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii)

Justificativa

Phylloscartes roquettei é endêmico do Brasil, ocorrendo apenas em Minas Gerais, Bahia e Goiás. Sua área de ocupação (AOO) é menor que 500 km²; a população encontra-se severamente fragmentada e há declínio continuado da qualidade de *habitat* devido ao desmatamento, corte seletivo, extração de lenha e incêndios. Assim, *P. roquettei* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelos critérios B2ab(iii).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,885}	CR B1ab(i)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais: EN
Avaliação global ²⁵³	EN A2c+3c+4c; D2

Distribuição geográfica

Ocorre na bacia do médio rio São Francisco, havendo registro em cerca de 17 localidades em Minas Gerais⁷⁴³ e na bacia do rio Jequitinhonha, município de Araçuaí⁷⁵¹. Santos *et al.*¹⁰⁷⁰ registraram a espécie em matas decíduas do meio sudoeste da Bahia, estendendo a distribuição da espécie em cerca de 370 km a nordeste e, ainda, abrangendo outras duas bacias hidrográficas, a bacia do rio de Contas e a do rio Paraguaçu. Recentemente, foi registrada em Goiás, expandindo sua área de distribuição¹²⁵⁹.

AAOO de *P. roquettei* foi calculada em 116 km², por meio da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas nas quais há ocorrência da espécie.



História natural

Ocupa florestas semidecíduas, matas de galeria e matas secas⁷⁴³. Ocorre geralmente aos pares, forrageando nas copas das árvores, mostrando certa preferência por árvores com pequenas folhas pinadas, onde parece existir maior aglutinação de insetos⁷⁷⁴. Florestas situadas junto a cursos d'água parecem ser importantes para a espécie, já que nesse ambiente várias árvores podem reter suas folhas durante a estação seca e assim manter populações de insetos das quais a ave depende⁸⁸⁵.

População

Apesar do encontro de novas populações, o número total de indivíduos não deve ser maior do que poucas centenas⁴⁶⁸. Além disso, o *habitat* fragmentado e a baixa mobilidade da espécie em matriz não florestal leva à fragmentação severa da população (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

As matas secas onde vive *P. roquettei* crescem principalmente sobre solos férteis derivados do calcário Bambuí. Essa é uma das ecorregiões mais ameaçadas no neotrópico, uma vez que sobre ela incidem projetos de irrigação promovidos por agências de desenvolvimento brasileiras⁸⁸⁵.

O uso histórico e atual das matas ciliares do rio São Francisco e de seus afluentes para retirada de lenha e extração seletiva de madeira, elimina as árvores maiores, justamente as preferidas de *P. roquettei*^{468,885}. Incêndios também geram perda de qualidade de *habitat*, uma vez que transformam matas secas em carrascais, *habitat* não utilizado pela espécie⁸⁸⁵.

Ações de conservação

Existentes

A espécie está contemplada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Necessárias

A implantação das áreas protegidas já decretadas ou previstas na região da mata seca de Minas Gerais é fundamental para a conservação de *P. roquettei*. Nesse sentido, planeja-se implantar o Sistema de Áreas Protegidas da Região do Jaíba, com área total de 436.000 ha de matas secas, carrascos e cerrados. Recomenda-se coibir a produção de carvão e novos desmatamentos nas áreas de vegetação arbórea alta.

Presença em unidades de conservação

Minas Gerais: PARNA Cavernas do Peruaçu⁵⁹³.

Hemitriccus griseipectus naumburgae (Zimmer, 1945)

Danielle Custódio Leal, Fernanda Pinto Marques & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Passeriformes

Família: Rhynchocyclidae

Nome comum: maria-de-barriga-branca



Foto: Alexander Lees

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(iii)

Justificativa

Hemitriccus griseipectus naumburgae é restrita ao Centro de Endemismo Pernambuco. Atualmente, os remanescentes de floresta nessa área somam cerca de 2.200 km². Considerando que o táxon é dependente de floresta e não está presente em todos os fragmentos, é razoável inferir que sua área de



ocupação seja inferior a 2.000 km². A população é severamente fragmentada e há declínio continuado de *habitat*. Por essas razões, *H. g. naumburgae* foi categorizada como Vulnerável (VU) B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	NT*
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Euscarthmornis zosterops naumburgae*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Euscarthmornis zosterops naumburgae Zimmer, 1945.

Notas taxonômicas

Características da vocalização sugerem que a raça *naumburgae* colocada, por vezes, em *H. zosterops* pertença a *H. griseipectus*³⁶².

Distribuição geográfica

Restrita ao Centro de Endemismo Pernambuco, com registros para os estados da Paraíba³⁹, Pernambuco⁹³³ e Alagoas¹²⁶⁹. Calcula-se que existam 2.200 km² de remanescentes florestais na área de distribuição do táxon, sendo que os fragmentos menores não são ocupados por ele, de forma que é razoável dizer que sua área de ocupação (AOO) atual é menor que 2.000 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita floresta tropical úmida, sendo razoavelmente tolerante à alteração ambiental. Entretanto, não ocorre em fragmentos florestais pequenos (oficina de avaliação).



População

Encontrada com mais facilidade em Pernambuco. A população é severamente fragmentada devido ao isolamento dos remanescentes de mata e à pouca mobilidade da espécie fora da matriz florestal (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A substituição de áreas naturais por agrícolas e o avanço das estruturas urbanas quase eliminaram por completo a Mata Atlântica do Centro de Endemismo Pernambuco. A qualidade de *habitat* ainda está em declínio devido às atividades antrópicas (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Paraíba: REBIO Guaribas³⁹;

Pernambuco: ESEC de Caetés¹²⁸⁹, ESEC do Tapacurá¹²³⁸, PE de Dois Irmãos¹⁰¹⁸, REBIO de Saltinho¹⁰¹⁸, REVIS Matas do Sistema Gurjaú¹²³⁸, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷;

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹, APA de Piaçabuçu³²⁷.

Hemitriccus mirandae (Snethlage, 1925)

Helder Farias Pereira de Araujo, Sônia Aline Roda, Andrei Langeloh Roos, Alan Loures-Ribeiro, Erich Mariano, Juan Ruiz-Esparza, Ciro Albano & Weber Andrade de Girão e Silva

Ordem: Passeriformes

Família: Rhynchocyclidae

Nome comum: maria-do-nordeste



Foto: Cristine Prates

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(iii)

Justificativa

Hemitriccus mirandae é endêmica, ocorrendo apenas no nordeste do Brasil. Sua área de ocupação (AOO) foi calculada em 600 km²; a população está severamente fragmentada e há declínio da AOO e da qualidade de *habitat*. Assim sendo, *H. mirandae* foi categorizada como Vulnerável (VU) B2ab(iii).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1211}	EN B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²¹⁰	VU A2c+3c+4c; B1ab(i,ii,iii,v)

Outros nomes aplicados ao táxon

Todirostrum mirandae Sneathlage, 1925; *Idioptilon mirandae* (Sneathlage, 1925).

Distribuição geográfica

Espécie de distribuição restrita ao nordeste do Brasil³⁶³, ocorrendo, aparentemente, em dois blocos disjuntos: Ceará (elevações das serras do Baturité e Ibiapaba) e Paraíba-Pernambuco-Alagoas (Areia na Paraíba; Jaqueiras, Garanhuns e Lagoa do Ouro em Pernambuco; Pedra Talhada e Murici em Alagoas)¹²¹¹.

Possivelmente, possuiu uma área de distribuição original muito maior, que parece atualmente confinada a alguns sítios específicos que foram preservados, especialmente aqueles que restaram em decorrência de orografia¹²¹¹ e aspectos históricos.

A AOO de *H. mirandae* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 600 km².



História natural

Habita o sub-bosque de florestas úmidas e semidecíduas densas e bem preservadas. A altitude mínima de registro documentado é 550 m (Areia, Paraíba) e a máxima alcança 1.100 m (Brejo da Madre de Deus, Pernambuco) (obs. pess. dos autores, 2013). Geralmente solitário. Alimenta-se de insetos, caçando-os em lianas entre 2 e 5 m de altura. É residente. Não há informações sobre a biologia reprodutiva da espécie³⁶³.

Eventualmente, pode ocorrer em matas menos preservadas, em suas bordas e também em capoeiras



e adensamentos de palmeiras. É possível que ocorra em diversas outras áreas de sua distribuição, fato ainda não confirmado pelo pouco conhecimento de suas exigências de *habitat*¹²¹¹.

População

A população mundial é de poucas centenas de indivíduos³⁶³. Apesar de ser comum nas matas úmidas da serra de Baturité (25 e 50 indivíduos registrados/100 horas de observação em duas localidades distintas), não foi encontrado nas serras de Aratanha e Maranguape, todas no Ceará, em levantamentos entre 2000 e 2007. É comum na Serra da Ibiapaba¹⁶, mas, no geral, é considerada incomum e de ocorrência muito local³⁶³. Schnell *et al.*¹⁰⁷⁸ consideram que esta espécie possui população severamente fragmentada. *Tendência populacional*: desconhecida.

Ameaças

A perda de *habitat*, agravada pela distribuição restrita da espécie é a maior ameaça a sua conservação¹⁶. Seu *habitat* encontra-se seriamente fragmentado. Apenas 1% da área de mata original da Serra de Baturité ainda existe e situação semelhante ocorre na Serra de Ibiapaba. Essa perda de *habitat* deu-se pelo desmatamento para plantação de café, mas ainda hoje os remanescentes florestais são ameaçados pelo fogo e pela construção de casas de veraneio³⁶³.

Em Alagoas e Pernambuco, apenas 2% da área originalmente ocupada por florestas ainda existem e, na Paraíba, restam cerca de 6%, sendo as principais causas da perda de *habitat*: desmatamento para plantação de cana-de-açúcar, retirada seletiva de madeira e fogo³⁶³. O aproveitamento imobiliário nas zonas de grande potencial turístico e o extrativismo seletivo de essências arbóreas de grande valor comercial, também contribuem para esse cenário¹²¹¹.

Essas ameaças geram declínio continuado da qualidade de *habitat* e da área de ocupação, favorecem extinções locais de populações pequenas e isolamento genético devido à impossibilidade de deslocamento entre fragmentos, uma vez que a espécie possui pequeno potencial de voo e natureza sedentária¹²¹¹.

Ações de conservação

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves da Caatinga, cujos objetivos são: reduzir a perda e alteração de *habitat*, a pressão de caça e o tráfico e manter ou incrementar as populações das espécies-alvo⁶³⁰. Contemplado também no PAN Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Ceará: PARNA de Ubajara¹²¹¹, APA Serra do Baturité¹²¹¹, APA da Serra de Ibiapaba (obs. pess. dos autores);

Paraíba: PE Mata do Pau Ferro¹²¹¹, REBIO Guaribas¹²¹¹;

Pernambuco: REBIO de Serra Negra, PM Vasconcelos Sobrinho¹²¹¹, RPPN Frei Caneca¹²¹¹;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada¹²¹¹.

Pesquisas

Existentes

Foram desenvolvidos estudos sobre estrutura genética e conservação e sobre redistribuição das condições climáticas adequadas para as espécies do gênero *Hemitriccus* em função das mudanças climáticas futuras”.

Necessárias

Pesquisas sobre a biologia reprodutiva, além daquelas voltadas ao conhecimento das exigências de *habitat*, para contribuir na compreensão da real distribuição de *H. mirandae*.



Hemitriccus kaempferi (Zimmer, 1953)

Vítor de Queiroz Piacentini

Ordem: Passeriformes
Família: Rhynchocyclidae

Nome comum: maria-catarinense



Foto: Vítor Q. Piacentini

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B1ab(iii); C1

Justificativa

Hemitriccus kaempferi é endêmica do sul do Brasil, ocorrendo no sudeste do Paraná e litoral centro-norte de Santa Catarina. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros; a população é severamente fragmentada. Suspeita-se de um declínio continuado de 10% da população em três gerações, devido à perda de *habitat*. Além disso, sua extensão de ocorrência (EOO) é menor que 20.000 km². Dessa forma, *H. kaempferi* foi avaliada como Vulnerável (VU) B1ab(iii); C1.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,944}	CR B1ab(i)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,443a}	Paraná: CR Santa Catarina: VU
Avaliação global ²¹¹	EN A3c+4c

Outros nomes aplicados ao táxon

Idioptilon mirandae kaempferi Zimmer, 1953.

Distribuição geográfica

Endêmica do sul do Brasil, ocorre no sudeste do Paraná (baía de Guaratuba) e ao longo da costa centro-norte de Santa Catarina, com a Serra do Tabuleiro como possível limite sul.

A EOO de *H. kaempferi* foi calculada através do mínimo polígono convexo (MPC) que uniu todos os pontos de registro atuais conhecidos da espécie, resultando em 8.441 km² (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa baixadas de florestas tropicais perenes e matas secundárias, especialmente áreas com *Cecropia* spp. e helicônias, geralmente próximo a rios. Ocorre do nível do mar a 150 m de altitude. É residente³⁶⁴. No Paraná, é conhecida apenas em Floresta Ombrófila Densa das terras baixas do litoral sul¹²¹⁵. Alimenta-se de insetos capturados em voos rápidos ou encontrados entre as folhas das árvores. Aparentemente, não participa de bandos mistos, mas sua ecologia é pouco conhecida⁹⁴⁴. O tempo geracional da espécie é estimado em 3,8 anos¹⁴⁴.

População

A área de distribuição desta espécie vem sendo exaustivamente amostrada por diversos pesquisadores que estimam que a população total de *H. kaempferi* seja menor que 10.000 indivíduos maduros. Além disso, é severamente fragmentada¹⁰⁷⁸. Tendo em vista a massiva perda de *habitat*, como por exemplo em Itapoá, Santa Catarina, área núcleo de distribuição da espécie, suspeita-se de um declínio continuado de 10% da população em três gerações (11 anos) (oficina de avaliação).
Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a perda de *habitat*^{944,1215}. Vários municípios onde a espécie foi registrada vêm apresentando grande crescimento demográfico⁹⁴⁴, além disso, a expansão da agricultura, mineração, urbanização, industrialização e construção de rodovias causam grande perda de *habitat*, de modo que há menos de 20% da Mata Atlântica original intacta em sua distribuição e remanescentes de florestas de baixada continuam sendo desmatados³⁶⁴.

Ações de conservação

Existentes

Hemitriccus kaempferi está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.



Necessárias

a) ampliação da ESEC do Bracinho ou mesmo a criação de uma nova unidade de conservação que contemple as matas de vale e baixada do Piraí e Vila Nova para englobar o tipo de *habitat* utilizado por *H. kaempferi*;

b) ampliação do PARNA Saint-Hilaire Lange, englobando áreas de floresta de planície;

c) maior fiscalização e coibição do desmatamento das áreas de floresta de planície na baía de Guaratuba e Itapoá, município este que teve o maior crescimento demográfico do estado de Santa Catarina, entre 1991-2000⁹⁴⁴;

d) busca por populações adicionais na planície litorânea paranaense, especialmente tomando-se como ponto de partida os locais de florística, orografia e paisagem semelhantes, para traçar um esboço de sua distribuição no estado do Paraná¹²¹⁵.

Presença em unidades de conservação

Paraná: ESEC Estadual do Guaraguaçu⁹⁴⁴, PE do Boguaçu¹²⁸⁹, PARNA Saint-Hilaire Lange⁹⁴⁴, APA Estadual de Guaratuba^{944,1215};

Santa Catarina: RPPN Volta Velha⁹⁴⁴.

Pesquisas

Embora sua distribuição geográfica seja muito mais bem conhecida atualmente⁹⁴⁴, quase nada se sabe sobre aspectos ecológicos da espécie, como reprodução, dieta e densidade demográfica.

Hemitriccus furcatus (Lafresnaye, 1846)

Fernanda Pinto Marques, Suylane Barbalho de Lima Silva & Danielle Custódio Leal

Ordem: Passeriformes

Família: Rhyncocyclidae

Nome comum: papa-moscas-estrela



Foto: Cal Martins

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B1ab(iii)

Justificativa

Hemitriccus furcatus é endêmica do Brasil, ocorrendo em duas áreas disjuntas: uma no sul da Bahia e nordeste de Minas Gerais e outra em São Paulo e Rio de Janeiro. Rara no geral, mas localmente frequente no PARNA do Itatiaia e no litoral norte de São Paulo. Sua população global é estimada em menos de 10.000 indivíduos e considerada severamente fragmentada. Sua extensão de ocorrência (EOO) foi calculada em 19.025 km². Há declínio continuado de qualidade de *habitat* devido à expansão



imobiliária, pecuária e desmatamento. Assim, *H. furcatus* foi avaliada como Vulnerável (VU) B1ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	NT
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴¹	São Paulo: Ameaçada
Avaliação global ²¹²	VU A2c+3c+4c; B1ab(i,ii,iii,v); C2a(i)

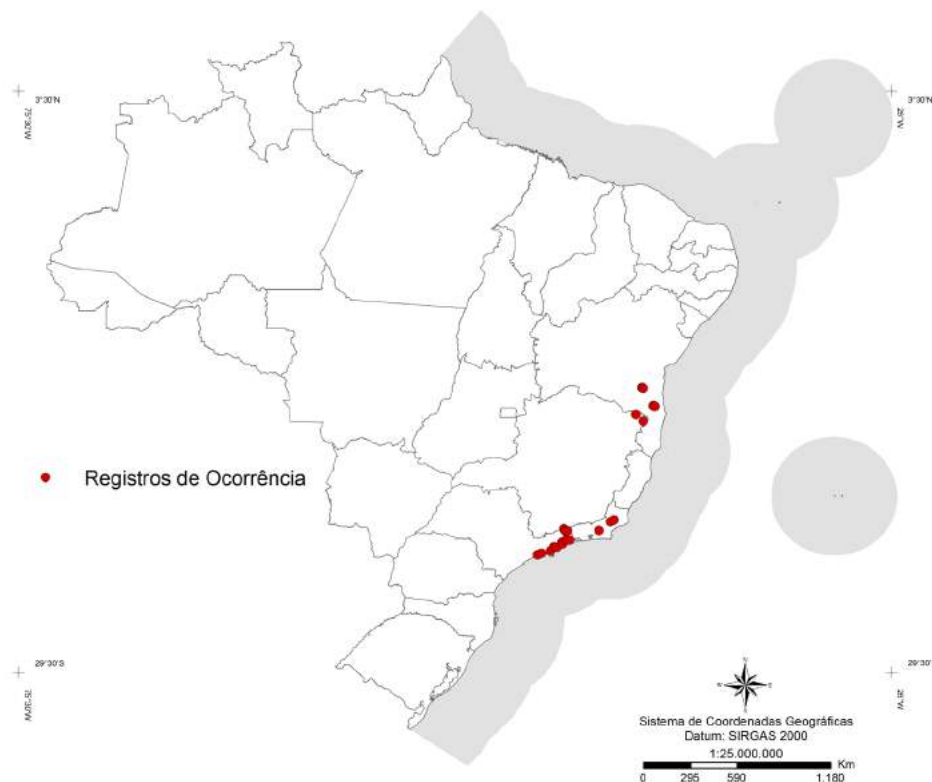
Outros nomes aplicados ao táxon

T[odirostrum] furcatum Lafresnaye, 1846.

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, ocorrendo em duas áreas disjuntas: uma no sul da Bahia e nordeste de Minas Gerais e outra em São Paulo e Rio de Janeiro (oficina de avaliação).

A extensão de ocorrência (EOO) de *H. furcatus* foi calculada através do mínimo polígono convexo (MPC) aplicado a dois conjuntos de pontos de registros atuais da espécie. O cálculo foi realizado através da soma do MPC para esses dois polígonos. A área entre os dois conjuntos de pontos foi excluída pois esta espécie já foi muito pesquisada e procurada, por diferentes métodos e vários pesquisadores, sem que houvesse um único registro entre essas duas áreas, o que permite afirmar com segurança que *H. furcatus* apresenta distribuição disjunta, não ocupando áreas entre o sul da Bahia e o norte do Rio de Janeiro. Assim, o cálculo da EOO resultou em 19.025 km².



História natural

Ocupa florestas úmidas e de crescimento secundário, ao longo de bordas, especialmente entre bambus e em emaranhados lenhosos; até 1.200 m de altitude. Alimenta-se de insetos. É espécie residente³⁶⁵.



População

Considerada rara, no geral, mas pode ser localmente comum³⁶⁵, como no PARNA do Itatiaia e no litoral norte de São Paulo (oficina de avaliação). Sua população global é estimada em menos de 10.000 indivíduos³⁶⁵. População severamente fragmentada^{365,1078}.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A principal ameaça é a perda de *habitat* devido à expansão da agricultura, mineração, urbanização, industrialização, construção de rodovias³⁶⁵ e pecuária (oficina de avaliação); remanescentes de florestas de baixada continuam sendo desmatados³⁶⁵.

Ações de conservação

Está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Rio de Janeiro: PE do Desengano³⁶⁵;

Minas Gerais/Rio de Janeiro: PARNA de Itatiaia³⁶⁵;

São Paulo: PARNA da Serra da Bocaina⁵⁸², PE da Serra do Mar³⁶⁵.

Stigmatura napensis napensis Chapman, 1926

Thiago Orsi Laranjeiras & Luciano Nicolás Naka

Ordem: Passeriformes

Família: Tyrannidae

Nome comum: papa-mosca-do-sertão



Foto: Thiago Laranjeiras

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c+3c

Justificativa

Stigmatura napensis napensis ocorre somente em ilhas e bancos de areia recém-formados ao longo dos grandes rios de água barrenta da Amazônia Central (Brasil), estendendo-se ao extremo sul da Colômbia, nordeste do Peru e leste do Equador. Populações em trechos do rio Orinoco, no oeste da Venezuela, e no baixo rio Branco, em Roraima, foram recentemente descobertas. Estima-se uma perda de até 48% de seu *habitat*, dentro do Brasil, até o ano de 2020, devido ao avanço da agricultura e à construção de hidrelétricas (principalmente nos rios Madeira e Branco). Essa estimativa de perda de *habitat* permite projetar declínio populacional de pelo menos 30% nos próximos 11 anos (três gerações).



Além disso, suspeita-se que a perda de *habitat* em três gerações passadas tenha levado a um declínio populacional também superior a 30% e *Stigmatura napensis napensis* foi categorizada como Vulnerável (VU) A2c+3c.

Outras avaliações

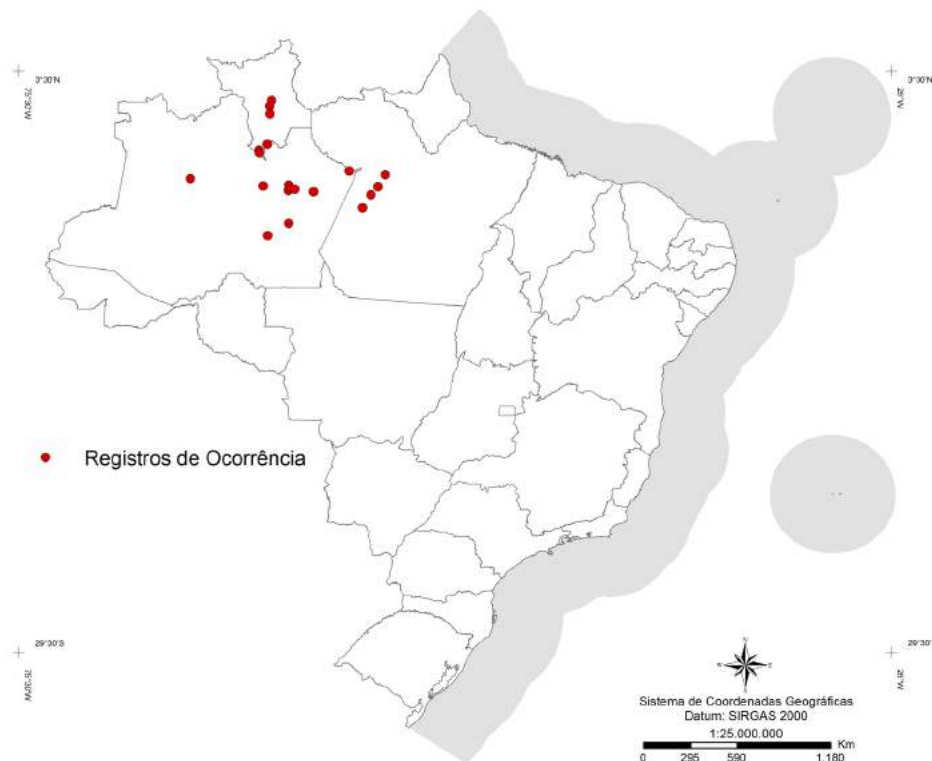
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Stigmatura budytoides napensis Chapman, 1926.

Distribuição geográfica

Ocorre ao longo dos maiores rios de água barrenta da Amazônia Central (Brasil), estendendo-se ao extremo sul da Colômbia, nordeste do Peru e leste do Equador⁴⁶⁹. Populações em trechos do rio Orinoco, no oeste da Venezuela, e no baixo rio Branco, em Roraima, foram recentemente descobertas^{562,835}, com a primeira já em fase de descrição como espécie nova válida. Mais especificamente no Brasil, ocorre desde o rio Tapajós (Pará) até o alto Amazonas e todo o Solimões, por boa parte do rio Madeira e rio Juruá (Amazonas), mas não ocorre ao longo do rio Negro (Arquipélago de Anavilhanas), de modo que os indivíduos de Roraima representam uma população isolada. Uma fêmea ovada coletada no baixo rio Branco indica que a espécie se reproduz neste rio.



História natural

Ocupa vegetação em estágio inicial de sucessão em ilhas e bancos de areia fluviais ao longo dos rios de água barrenta na Amazônia, especialmente associados com tufo de *Tessaria* spp. misturados a gramíneas altas. São bem comuns e ativos nesses locais, onde podem ser encontrados aos pares.

O tempo geracional da espécie é estimado em 3,8 anos²¹³.



População

Não há dados suficientes para fazer estimativas populacionais para as subpopulações amazônicas de *S. napensis*. A subespécie é tida como incomum a localmente comum. Estima-se uma perda de até 48% de seu *habitat*, dentro do Brasil, até o ano de 2020¹²⁵⁵ devido ao avanço da agricultura e à construção de hidrelétricas (principalmente nos rios Madeira e Branco). Essa estimativa de perda de *habitat* permite projetar declínio populacional de pelo menos 30% nos próximos 11 anos (três gerações). Além disso, suspeita-se que a perda de *habitat* em três gerações passadas tenha levado a um declínio populacional também superior a 30% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a perda da vegetação fluvial devido à instalação de obras de infraestrutura, tais como hidrelétricas, hidrovias e portos. Também ocorre a substituição total da vegetação por agricultura, pastagens e mineração. Dado que esta espécie ocorre em ilhas ribeirinhas recém-formadas, mudanças no pulso de inundação decorrentes do aproveitamento hidrelétrico dos rios amazônicos podem afetar seriamente a formação de ilhas e, conseqüentemente, a disponibilidade de *habitat*.

Ações de conservação

Existentes

Stigmatura napensis napensis está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo. Este PAN prevê o estabelecimento de pesquisas de dinâmica, ecologia e genética de populações em trechos amostrais dos rios Madeira, Solimões e Amazonas⁶²⁸.

Necessárias

Garantir a proteção efetiva das unidades de conservação onde a espécie ocorre e estabelecer um sistema de proteção categórica para as ilhas fluviais (que se formam e desaparecem de acordo com a dinâmica de deposição e erosão de areia) ao longo dos grandes rios amazônicos³⁶⁹.

Presença em unidades de conservação

Roraima: ESEC de Niquiá (obs. pess. dos autores), PARNA do Viruá (obs. pess. dos autores).

Pesquisas

Não há pesquisas específicas sobre o táxon no Brasil. As informações biológicas disponíveis são provenientes de levantamentos e coletas científicas ao longo de sua distribuição geográfica. Pesquisas necessárias incluem a definição do seu *status* taxonômico, incluindo a possibilidade de existirem populações diferenciadas não reconhecidas, particularmente em Roraima. São necessários mais levantamentos em ambientes adequados ao longo dos rios de água barrenta, visando um refinamento do conhecimento da sua distribuição e sua susceptibilidade à degradação do ambiente. Sugerimos a utilização dos dados de ocorrência destas populações para realizar modelagens de distribuição que incluam camadas de inundação das diferentes obras hidrelétricas planejadas para os diferentes rios da Amazônia.



Elaenia ridleyana Sharpe, 1888

Vítor de Queiroz Piacentini

Ordem: Passeriformes

Família: Tyrannidae

Nome comum: cocoruta



Foto: Ivan Sazima

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) D2

Justificativa

Elaenia ridleyana possui ocorrência restrita ao arquipélago de Fernando de Noronha. Sua área de ocupação é menor que 20 km² e, apesar de estar parcialmente protegida por unidades de conservação, há ameaças possíveis de levar o táxon à categoria de Criticamente em Perigo ou Extinto (espécies invasoras e degradação de *habitat*, por exemplo). Sendo assim, *E. ridleyana* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério D2.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1225}	VU D2
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²¹⁴	VU D1

Outros nomes aplicados ao táxon

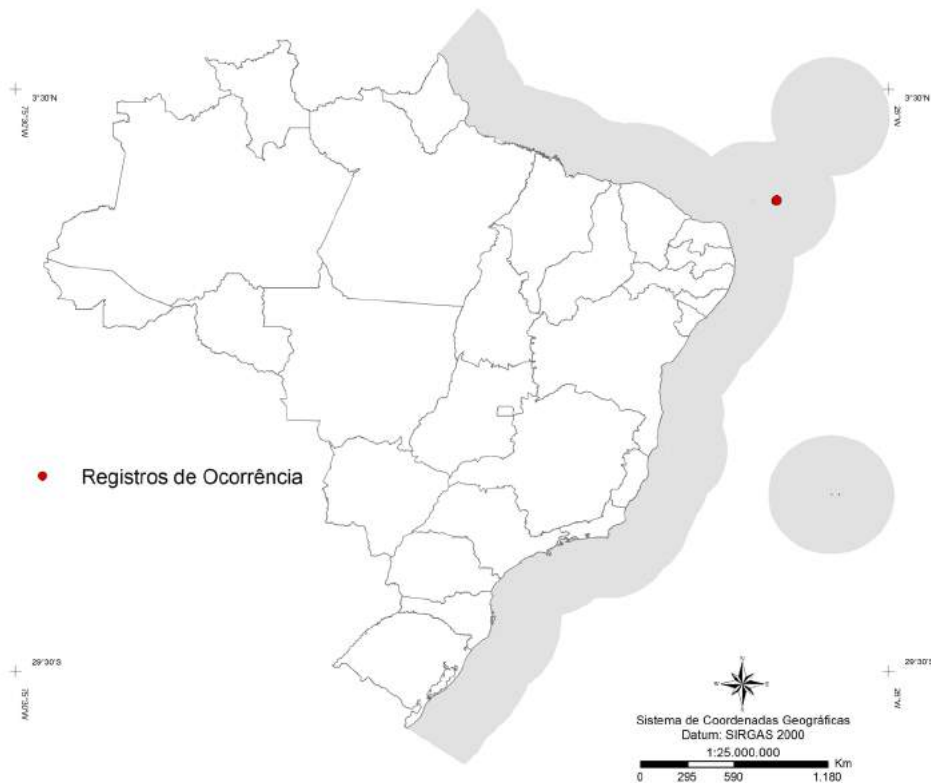
Elainea ridleyana Sharpe, 1888.

Notas taxonômicas

Já foi tratada como subespécie de *E. spectabilis* e *E. chiriquensis*, mas sua vocalização difere de ambas.

Distribuição geográfica

Restrita ao arquipélago de Fernando de Noronha, ocupando apenas as ilhas Rata e Principal^{894,1225}, o que soma cerca de 18 km² de área de ocupação (AOO) (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa florestas, capoeiras e vegetação arbustivo-arbórea, inclusive em jardins¹²²⁵. Alimenta-se de insetos e de pequenos frutos, como *Ficus noronhae*. A reprodução é reportada como de junho a agosto⁵⁷¹, mas há registros de ninhos ativos e filhotes de março a outubro, e também em janeiro¹²⁹⁰ (V.Q. Piacentini, obs. pess.).

População

É considerada incomum. Estimou-se inicialmente que a população total fosse de 100 a 1.000 indivíduos, mas foram contados 480 indivíduos em trabalho posterior⁵⁷¹. É reconhecida como a espécie menos comum entre as três aves terrestres residentes do arquipélago¹²²⁵.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

São consideradas ameaças à espécie: predação por espécies introduzidas, como o lagarto *Tupinambis merianae*³⁰⁴ e animais domésticos (gatos e ratos), atividades turísticas e perda e alteração de *habitat*⁵⁷¹, especialmente devido ao corte de árvores e modificação drástica da paisagem, para estabelecimento de moradias e aproveitamento turístico¹²²⁵. Levando-se em consideração a pequena população e o grande grau de endemismo, a captura, ainda que oportunista e casual, e o atropelamento de aves por carros de turistas (eventos já observados) podem ser ameaças adicionais¹²²⁵.

Ações de conservação

Existentes

Esta espécie está inserida no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

O controle de espécies domésticas e exóticas é uma ação importante para a conservação de diversas espécies nativas do arquipélago, inclusive *E. ridleyana*¹²²⁵.



Presença em unidades de conservação

Pernambuco: PARNA Marinho de Fernando de Noronha¹²²⁵.

Pesquisas

É necessário estimar o tamanho populacional de *E. ridleyana* de uma forma mais precisa; é necessário também identificar as exigências ecológicas e melhorar o conhecimento da história natural da espécie¹²²⁵.

Serpophaga hypoleuca pallida Sneathlage, 1907

Tulio Dornas, Renato Torres Pinheiro, Alexandre Aleixo & Sidnei de Melo Dantas

Ordem: Passeriformes

Família: Tyrannidae

Nome comum: alegrinho-do-rio



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A3c

Justificativa

Serpophaga hypoleuca pallida é endêmica do Brasil, ocorrendo desde o baixo rio Tapajós, baixo rio Amazonas, até os rios Tocantins e Araguaia. Ocupa vegetação em estágios iniciais de sucessão, em ilhas fluviais dos grandes rios. Após a construção da UHE de Tucuruí, no rio Tocantins, em território paraense, verificou-se que a subespécie desapareceu da região. A extinção local poderá ser novamente experimentada ao longo dos rios Tocantins e Araguaia, principalmente à montante da UHE de Tucuruí, em cujas calhas estão previstas a construção de três novas hidrelétricas. Como principal consequência, projeta-se o alagamento de considerável extensão de *habitat* ao longo de ambos os rios com redução de 50% da área disponível para o táxon, em um período de três gerações (10,8 anos) levando a uma redução populacional não inferior a 30% nesse período. As mesmas consequências quanto à perda de *habitat* e redução populacional são esperadas para o rio Tapajós onde também são anunciadas a construção de uma série de usinas. Por estas razões, *S. h. pallida* foi categorizada como Vulnerável (VU) A3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta



Outros nomes aplicados ao táxon

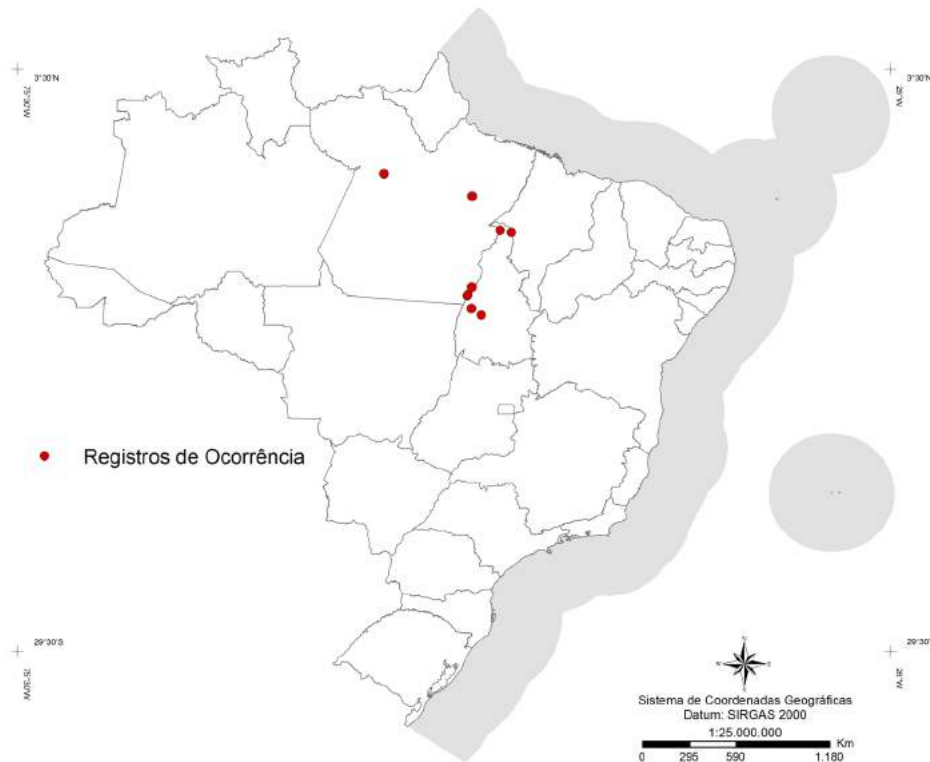
Serpophaga pallida Sneathlage, 1907.

Notas taxonômicas

São reconhecidas três subespécies de *Serpophaga hypoleuca*: *S. h. hypoleuca*, *S. h. venezuelana* e *S. h. pallida*. A separação dos três táxons em espécies válidas ainda não é totalmente assumida e a pouca disponibilidade de espécimes em coleções impede o avanço de uma revisão taxonômica definitiva⁴⁷⁰.

Distribuição geográfica

Ocorre ao longo da calha do rio Amazonas, a partir de sua confluência com rio Tapajós, até suas porções mais baixas, próximo à ilha de Marajó, chegando ao rio Tocantins^{470,528} e ultrapassando sua confluência em algumas poucas centenas de quilômetros com o rio Araguaia¹⁰⁹⁸. Neste último, a presença do táxon é reconhecida desde a região de Araguatins⁴²⁰ até a região da ilha do Bananal^{323,952}. Esta subespécie é endêmica do Brasil.



História natural

Presente nas formações ripárias, a subespécie ocorre em área de vegetação sucessional das margens dos rios e das ilhas fluviais onde há bancos de areia^{470,538,937,1005,1095}. Em função dos ciclos de inundação dos grandes rios amazônicos, é possível que se desloque para área de vegetação aberta, varjões e campinaranas próximas às margens fluviais¹⁰⁹⁷. O ninho, contendo pequenos pedaços de grama e teias de aranha, é construído pela fêmea, sozinha, sobre arbustos de 0,5 m até 1,5 m de altura; apresenta forma de taça rala, onde são chocados dois ovos^{470,1097}. O tempo geracional do táxon é estimado em 3,6 anos¹⁴⁴.

População

É incomum^{538,561,1005,1095,1097}, havendo poucos registros, muitos deles concentrados na região do PE do Cantão^{323,952}. Espécime coletado, na década de 1960, ilustra a presença da espécie no baixo rio Araguaia, nos arredores de Araguatins⁴²⁰, enquanto recente registro certifica o táxon ocupando as margens tocantinenses do rio Tocantins, na cachoeira de Santo Antônio, região de Itaguatins, localidade a pouco



mais de 100 quilômetros à montante da desembocadura do rio Araguaia¹⁰⁹⁸.

Após a construção da UHE de Tucuruí, no rio Tocantins, em território paraense, verificou-se que a subespécie desapareceu da região. A extinção local poderá ser novamente experimentada ao longo dos rios Tocantins e Araguaia. Suspeita-se que haverá redução populacional não inferior a 30% no período de três gerações, devido à perda de *habitat* gerada pela construção de novas hidrelétricas.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça à conservação deste táxon é a construção de usinas hidrelétricas ao longo dos rios Tapajós, Tocantins e Araguaia. Embora a ocorrência da espécie seja somente mencionada para a parte baixa do rio Tapajós¹⁰⁹⁵, a presença do táxon não pode ser descartada em regiões a montante, onde estão previstas a construção de usinas hidrelétricas em série. Esses consecutivos barramentos resultarão na inundação de extensões consideráveis do *habitat* da subespécie, o que poderia acarretar uma redução populacional expressiva ou mesmo a extinção local do táxon.

Extinção local já foi percebida no rio Tocantins, no trecho correspondente à área do reservatório da UHE de Tucuruí, onde não existem registros recentes desta subespécie (S.M. Dantas, dados não publicados). Desta forma, a ocorrência da subespécie no rio Tocantins à montante da UHE de Estreito é bastante improvável, pois o reservatório consequente do barramento inundou mais de 200 km de rio, sucumbindo ilhas fluviais potenciais à presença do táxon, como a Ilha do Bote, entre Carolina, no Maranhão e Filadélfia, no Tocantins (T. Dornas, obs. pess.).

A manutenção de populações do táxon no rio Tocantins também é incerta, tendo em vista a previsão de construção das UHE de Marabá e Serra Quebrada. Ambas, uma vez estabelecidas, conectariam por meio de uma grande sequência de reservatórios as UHE de Tucuruí e Estreito, culminando assim na perda total de *habitat* ribeirinhos necessários à sobrevivência de *S. h. pallida*. Cabe salientar que os impactos da inundação da UHE de Marabá afetarão também o rio Araguaia, com previsão de alagamento até a barragem de Santa Isabel, cujo reservatório deverá inundar uma área associada a aproximadamente 100 quilômetros lineares do rio Araguaia.

Diante deste cenário futuro, restaria como área de ocorrência de *S. h. pallida* o trecho do rio Araguaia à montante do reservatório da UHE de Santa Isabel alcançando a Ilha do Bananal e o trecho do rio Tocantins à jusante da UHE de Tucuruí, além dos ambientes fluviais do baixo Amazonas até sua desembocadura com o rio Tapajós. Em uma análise superficial, pode-se estimar uma redução de pelo menos 50% no *habitat* deste táxon, em um período de três gerações (10,8 anos).

Em função da mudança do ciclo de cheia e vazantes, com a alteração do pulso de inundação e com a disponibilidade de água rio abaixo regulada pelo nível de abertura das comportas, as populações da subespécie à jusante dos reservatórios também poderão estar ameaçadas. Os volumes de água liberados podem gerar condições ambientais extremas, ora pela falta de água no leito do rio, ora pelo excesso, provocando inundações de grandes proporções.

Ações de conservação

Existentes

Serpophaga hypoleuca pallida está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

Necessárias

Ações indiretas necessárias para a conservação deste táxon são: cumprimento do Código Florestal que atribui às matas de galerias e ciliares dos rios e das margens das ilhas fluviais o título de Área de Preservação Permanente. Em parte, a aplicação das prerrogativas do Código Florestal Brasileiro favorece sobremaneira a conservação desta subespécie, porém outras ações são necessárias.

A criação de unidades de conservação de proteção integral que englobem em seus limites trechos do rio Tocantins e rio Araguaia também tem grande relevância para garantir uma proteção mais efetiva



desta subespécie. Atualmente, somente o PE do Cantão e o PARNA do Araguaia, ambos no médio rio Araguaia, são áreas legalmente protegidas que abrigariam este táxon ao longo de toda extensão dos rios Tocantins e Araguaia. Tarefa difícil de ser concretizada levando-se em conta que os parques estaduais de Barreira Branca, no baixo Araguaia e do Encontro das Águas, na confluência dos rios Tocantins e Araguaia permaneceram inertes por décadas como projetos de lei sem maiores avanços.

Ao longo do rio Tapajós, por sua vez, existe uma série de unidades de conservação, a minoria de proteção integral, que poderiam ser consideradas ações existentes para conservação de *S. h. pallida*. No entanto, com o planejamento e interesse no aproveitamento hidrelétrico do rio Tapajós, uma série de decretos presidenciais tem alterado os limites dessas UC, de modo que seus novos traçados viabilizem a construção destas usinas, eliminando uma provável sobreposição de área alagada com área de interesse de preservação. Essa manobra por sua vez, prejudica a conservação de *S. h. pallida*, que passa a ter seus *habitat*, anteriormente protegidos do ponto de vista legal, desprotegidos e vulneráveis aos impactos advindos do alagamento promovido pelo barramento do rio.

Presença em unidades de conservação

Tocantins: PE do Cantão^{323,952}.

Registros do táxon no PE do Cantão fazem acreditar que este pode estar presente também em ilhas fluviais do PARNA do Araguaia, no PE Serra das Andorinhas e na RESEX Ipaú-Anilzinho.

Pesquisas

Necessárias

As informações existentes sobre as subespécies de ocorrência em território brasileiro estão quase somente relacionados à detecção de exemplares em estudos de levantamento ornitológico. Diante da possibilidade das subespécies serem elevadas a espécies plenas, devido a variações morfológicas resultantes da diferença de plumagem, estudos de revisão taxonômica mostram-se altamente necessários. A eventual confirmação de que *S. h. pallida* seja uma espécie válida aumentaria sobremaneira o foco para maiores esforços e justificativas para conservação deste táxon.

Paralelamente a estudos taxonômicos, pesquisas que abordem estimativas populacionais são essenciais para avaliar possíveis variações no contingente populacional do táxon, de modo que tais dados poderão subsidiar ações futuras visando a sua conservação e fornecer dados mais concretos sobre o grau de ameaça a esta subespécie. Além disso, tendo em vista que os *habitat* utilizados por *S. h. pallida* estão sujeitos aos ciclos de inundações dos rios, estudos de cunho ecológico e reprodutivo que revelem as respostas do táxon a estas mudanças ambientais são relevantes para o entendimento dos impactos sofridos pela subespécie em virtude do iminente cenário de novos reservatórios advindos da construção das usinas hidrelétricas previstas para os rios Tapajós, Tocantins e Araguaia.



Attila spadiceus uropygiatus (Wied, 1831)

Márcio Amorim Efe

Ordem: Passeriformes

Família: Tyrannidae

Nome comum: capitão-de-saíra-amarelo



Foto: Pedro Lima

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(iii)

Justificativa

Attila spadiceus uropygiatus é endêmica do Brasil, ocorrendo exclusivamente na costa leste. É dependente de floresta, estando atualmente restrita a poucos fragmentos. Sua área de ocupação foi calculada em 1.800 km². Sua população encontra-se severamente fragmentada e há declínio contínuo na qualidade de *habitat* devido à conversão de áreas naturais em agrícolas e à expansão urbana. Assim, *A. s. uropygiatus* foi categorizada como Vulnerável (VU) B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Muscicapa uropygiata Wied, 1831.

Notas taxonômicas

As subespécies da América Central e América do Sul apresentam grande diferenciação na vocalização, de modo que o táxon *Attila spadiceus* pode abranger mais de uma espécie plena¹²⁸².

Distribuição geográfica

É endêmica do Brasil, ocorrendo exclusivamente na costa leste⁵²⁸. Tendo em vista que *A. s. uropygiatus* ocorre exclusivamente em fragmentos de mata maiores e mais conservados, sua área de ocupação (AOO) foi calculada somando-se as áreas dos grandes fragmentos remanescentes em sua área de distribuição, chegando-se ao valor aproximado de 1.800 km² (oficina de avaliação).



História natural

Attila spadiceus uropygiatus ocorre apenas em matas altas e conservadas (oficina de avaliação). Alimenta-se de artrópodes, pequenos vertebrados, frutos e sementes ariladas. Forrageia solitário ou aos pares e raramente acompanha bandos mistos. É, provavelmente, sedentária¹²⁸².

População

Não há dados populacionais referentes a esta subespécie, mas há fragmentação severa da população devido a este táxon estar vinculado a um tipo de *habitat* raro em sua área de distribuição e ao fato da espécie não se deslocar por áreas abertas ou antropizadas (oficina de avaliação).

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

Attila s. uropygiatus merece atenção quanto a seu estado de conservação¹²⁸², devido ao isolamento das subpopulações e à existência de muita pressão antrópica em sua área de distribuição (conversão de áreas naturais em agrícolas e expansão urbana), gerando perda de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Frei Caneca (C. Albano, com. pess., 2013);

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹, APA de Murici (M.A. Efe, obs. pess.);

Bahia: PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, PARNA do Descobrimento⁴⁰⁷, PARNA e Histórico do Monte Pascoal⁵⁹⁹, PARNA do Pau Brasil (A.C. De Luca, com. pess., 2013), APA do Pratigi (C.G. Machado, com. pess., 2013), RPPN Estação Veracel (A.C. De Luca, com. pess., 2013), RPPN Ouro Verde (C.G. Machado, com. pess., 2013), RPPN Serra Bonita (C. Albano, com. pess., 2013);

Espírito Santo: REBIO Sooretama¹²⁸⁹.



Pesquisas

Dados sobre ecologia e biologia reprodutiva são escassos e necessários assim como estudos populacionais.

Alectrurus tricolor (Vieillot, 1816)

Gustavo Malacco

Ordem: Passeriformes

Família: Tyrannidae

Nome comum: galito



Foto: Zig Koch

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Alectrurus tricolor distribui-se na Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil, ocorrendo em campos naturais pouco alterados ou inalterados do Cerrado. Atualmente, a população brasileira está quase restrita a unidades de conservação, havendo representativa perda populacional nas áreas não protegidas, especialmente devido à supressão dos campos naturais. A área de ocupação da espécie não ultrapassa 1.500 km². Embora ocorra principalmente em áreas protegidas, estas ainda sofrem com incêndios descontrolados, resultando em redução de área de ocupação, perda de qualidade de *habitat* e declínio populacional continuado. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países, e *A. tricolor* foi avaliada como Vulnerável (VU), segundo o critério B2ab(ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{546,814}	VU A2c+3c
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,441,443a}	Minas Gerais: EN São Paulo: Ameaçada Paraná: EN
Avaliação global ²¹⁵	VU A2c+3c+4c

Outros nomes aplicados ao táxon

Gallita tricolor Vieillot, 1816.

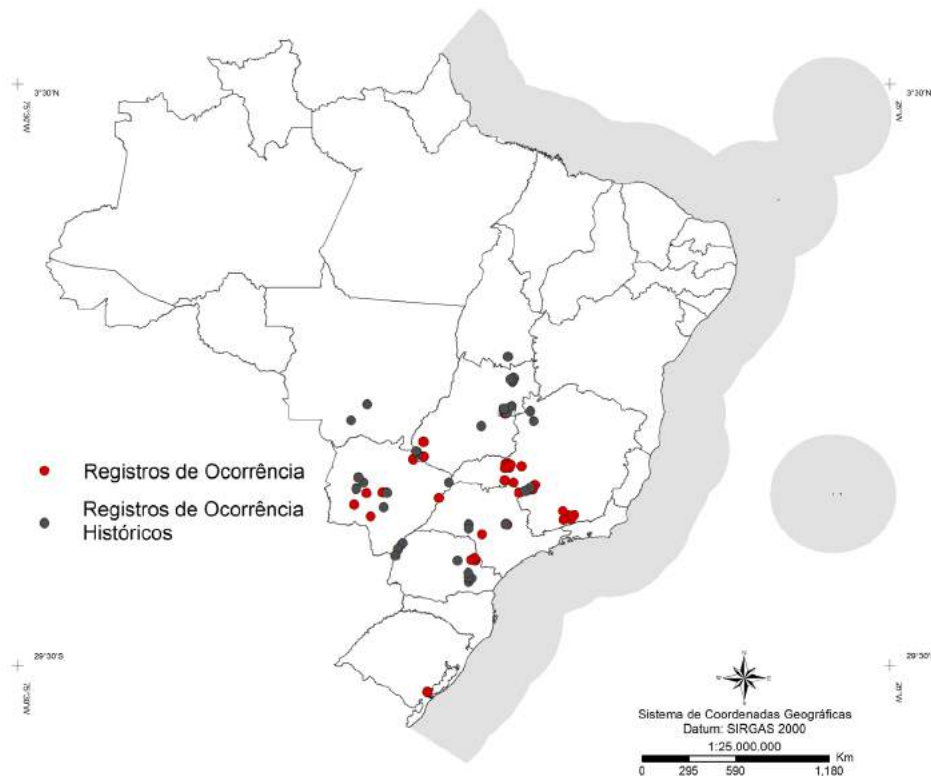


Distribuição geográfica

Ocorre atualmente na Bolívia, Paraguai e Argentina, enquanto no Brasil ocorre na região Centro-Oeste e nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul^{113,453,528,1095}, sendo que neste último não há menção à localidade exata do registro. Há um registro histórico para Tocantins (T. Dornas, com. pess., 2013), enquanto a população dos Campos Sulinos, no Rio Grande do Sul, provavelmente está extinta⁵⁴⁶.

Está presente em cerca de 24% das unidades de conservação de proteção integral do Cerrado, com poucos registros em localidades não protegidas^{546,742}. Entretanto, apenas 0,49% de sua distribuição localiza-se em grandes áreas protegidas⁷⁸².

Utilizando-se os pontos de registro atual, calculou-se a área de ocupação (AOO) da espécie, com base em um *grid* de quadrículas de 4 km². Embora o resultado tenha sido de apenas 160 km², acredita-se que esta área esteja subestimada. A ausência de registros em áreas de potencial ocorrência não necessariamente significa a ausência da espécie, uma vez que a detectabilidade desta é baixa quando fora do período reprodutivo⁷⁸³. Além disso, há regiões com *habitat* potencial que ainda não foram devidamente amostradas. Assim sendo, acredita-se que a AOO de *A. tricolor* esteja entre 500 e 1.500 km² (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa campos com gramíneas altas¹⁰⁰⁴, preferencialmente sem árvores⁶⁶⁶, restringindo-se a áreas pouco alteradas ou inalteradas⁸²⁵. Alimenta-se de artrópodes⁴⁵³, apresentando hábitos gregários, acompanhando bandos mistos ocasionalmente⁹⁷¹.

É sensível ao regime do fogo no Cerrado, desaparecendo ou reduzindo drasticamente a abundância depois das queimadas e reaparecendo logo após a rebrota da vegetação. No PARNA das Emas, observa-se que a espécie utiliza áreas queimadas para alimentação e áreas não queimadas recentemente para abrigo⁵⁴⁶. A espécie desaparece também de áreas usadas como pastagem¹²⁴⁸.

Parece ser residente em toda sua distribuição. Possivelmente, a impressão de ser migratório decorre de uma pequena parcela da população que pode desenvolver este comportamento ou de alterações



comportamentais sazonais ou ainda de eventuais nomadismos⁷⁸³.

População

Considerada incomum ou localmente comum; população global estimada entre 6.000 a 15.000 indivíduos maduros, em contínuo declínio²⁷³.

A espécie está extinta em parte de sua distribuição original, inclusive nos Campos Sulinos (Rio Grande do Sul), e grande parte das subpopulações remanescentes estão isoladas⁵⁴⁶. Embora pouco numeroso, sua ocorrência parece regular nos campos limpos da ESEC de Itirapina, São Paulo, ao menos desde a década de 80⁸²⁴.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça são os impactos relacionados à implantação de atividades agrosilvopastoris, em especial a perda e fragmentação de *habitat*^{453,546,742,925}.

A implantação de cultura de grãos (milho, soja, trigo e sorgo) nas áreas de chapada do Planalto Central, ocasionam perdas populacionais para a espécie, a partir da substituição e drenagem dos campos naturais. O impacto dos agrotóxicos na transição entre os campos e as culturas também deve constituir uma ameaça.

As atividades de pecuária extensiva seja com a introdução de gramíneas exóticas e/ou pisoteio de áreas brejosas pelo gado⁹²⁵ (R.R. Laps, com. pess., 2013) também ameaçam a espécie.

Em Minas Gerais, nas regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Sul de Minas, têm ocorrido incremento significativo de plantio de florestas plantadas de *Eucalyptus* spp. e *Pinus* spp. em substituição a campos naturais⁹²⁵ (G. Malacco, obs. pess.). Além da perda de *habitat*, outro impacto associado às atividades de silvicultura é a contaminação biológica por *Pinus* spp. nas áreas de campos úmidos. O gênero *Pinus* representa algumas das espécies com o maior potencial de invasão de ambientes naturais¹³⁰⁸ e promove a eliminação da vegetação herbáceo-arbustiva, com conseqüente perda da biodiversidade local¹³¹⁰.

Ainda no Triângulo Mineiro (municípios de Uberaba e Nova Ponte), a extração de argila refratária em campos hidromórficos tem colocado em risco uma população representativa de *A. tricolor*⁷⁴² (G. Malacco, obs. pess.).

Ainda que as populações de *A. tricolor* estejam praticamente confinadas a unidades de conservação, as queimadas de origem antrópica continuam sendo uma ameaça à espécie, uma vez que as UCs também sofrem anualmente com incêndios descontrolados^{677,800,927}.

Na época de reprodução ocorre concentração de indivíduos em áreas favoráveis⁷³⁹. Esta particularidade torna a situação regional da espécie delicada, já que estes campos também tendem a ser mais visados para prática de agricultura mecanizada e/ou pecuária intensiva⁷³⁹. Outras ameaças graves à espécie são os empreendimentos imobiliários, como pousadas e casas de veraneio, reflexo do turismo mal direcionado, que ameaçam a integridade de Áreas de Preservação Permanente. Atualmente, o reflorestamento com espécies comerciais é uma ameaça a ser considerada, como constatado para as áreas de campo nativo do município de Carrancas⁷³⁹.

Ações de conservação

Existentes

Alectrurus tricolor está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788} e no PAN das Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹.

Necessárias

Sugere-se a incorporação de áreas de campos naturais adjacentes à ESEC de Itirapina para manutenção das populações no estado de São Paulo⁸²⁵ e a criação de uma unidade de conservação de proteção integral na região das nascentes dos rios Uberabinha e Claro, municípios de Uberaba e Nova Ponte



(Triângulo Mineiro), onde foi diagnosticada população representativa da espécie (G. Malacco, dados não publicados).

Presença em unidades de conservação

Goiás: PARNA da Chapada dos Veadeiros⁵⁴⁶, PARNA das Emas¹²⁸⁹, RPPN Campo Alegre⁵⁴⁶;
Distrito Federal: ESEC Águas Emendadas⁵⁴⁶, PARNA de Brasília⁸⁶⁶, APA Gama e Cabeça de Veado⁴⁵³, APA do Planalto Central⁵⁴⁶, FLONA de Brasília¹²⁸⁹;
Mato Grosso do Sul: RPPN Fazenda Rio Negro³⁵⁷, PARNA Ilha Grande⁵⁴⁶;
Minas Gerais: PE do Ibitipoca⁹⁰⁷, PARNA Serra da Canastra¹²⁸⁹, RPPN Fazenda São Miguel⁴⁵³;
São Paulo: ESEC de Itirapina⁵⁴⁶, ESEC de Santa Bárbara (Willis & Oniki 1981, citados em Motta-Júnior⁸²⁵), FLONA de Ipanema (Willis & Oniki 1981, citados em Motta-Júnior⁸²⁵);
Paraná: PE de Vila Velha⁵⁴⁶, APA da Escarpa Devoniana¹²²³;
São Paulo/Paraná: APA Ilhas e Várzeas do Rio Paraná⁵⁴⁶.

Pesquisas

São necessárias pesquisas sobre a biologia básica da espécie para embasar o planejamento de ações de manejo e proteção, sendo prioritária a busca de esclarecimentos sobre o padrão de movimentação das populações, suas flutuações em determinadas áreas durante o ano, o efeito do fogo sobre a espécie, requisitos básicos para a reprodução e análise genética das populações⁵⁴⁶.

Xolmis dominicanus (Vieillot, 1823)

Rafael Antunes Dias

Ordem: Passeriformes

Família: Tyrannidae

Nome comum: noivinha-de-rabo-preto



Foto: Cristian Marcelo Joenck

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Xolmis dominicanus ocorre no Paraguai, Uruguai, Argentina e sul do Brasil. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros no Brasil, sendo que há declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações devido à grande perda de *habitat* observada e projetada em razão da expansão de monoculturas de *Pinus* spp., eucalipto e soja. A avaliação não é alterada por influência da população oriunda de outros países. Assim, *X. dominicanus* foi avaliada como Vulnerável (VU) C1.



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	NT*
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{440,444}	Santa Catarina: EN Rio Grande Sul: VU
Avaliação global ²¹⁶	VU A2c+3c+4c

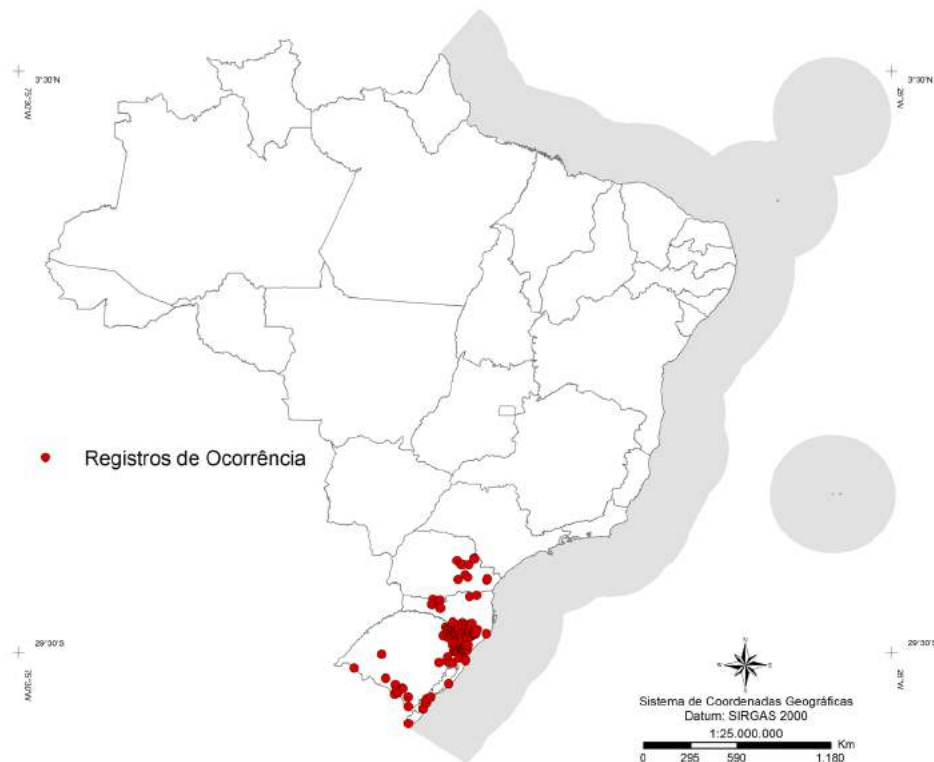
*Avaliada como *Heteroxolmis dominicana*.

Outros nomes aplicados ao táxon

T[yrannus] dominicanus Vieillot, 1823; *Heteroxolmis dominicana* (Vieillot, 1823).

Distribuição geográfica

Ocorre no sudeste do Paraguai, Uruguai, nordeste da Argentina e sul do Brasil⁴⁵⁴, com registros nos estados de do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os registros concentram-se no Rio Grande do Sul (campos de altitude do Planalto das Araucárias, Planalto Médio, Serra do Sudeste e litoral) e Santa Catarina (Planalto Serrano e campos de Água Doce). No Paraná, existem registros esparsos nos remanescentes de campos naturais⁴⁷⁶.



História natural

Vive em casais ou em grupos em campos entremeados por áreas úmidas recobertas por densas ciperáceas (*Scirpus giganteus*, *Cladium* spp.) e gravatás (*Eryngium* spp.). Fora do período reprodutivo, já foram registrados bandos de até 70 indivíduos. Forrageia em campos com vegetação relativamente baixa e com presença de pequenos arbustos, pedras ou outras estruturas salientes usadas como poleiros de observação. É insetívoro e sua dieta é rica em larvas e adultos de coleópteros, lepidópteros e térmitas. Utiliza banhados com vegetação densa para dormir e nidificar. Ocasionalmente alimenta-se em áreas lavradas e plantações contíguas a campos nativos. O período reprodutivo estende-se de agosto a fevereiro. É possível que haja populações migratórias, mas seus movimentos ainda não são bem compreendidos⁴⁷⁶.



Embora ocorra em associação estreita com *Xanthopsar flavus*, parece ser mais sensível que este quanto às alterações de *habitat*. Por ser uma espécie grande e insetívora, suspeita-se que sejam necessárias grandes áreas para a sobrevivência dos casais (oficina de avaliação).

População

A população global está estimada entre 6.000 e 15.000 indivíduos²⁵⁸. Suspeita-se de um rápido e contínuo declínio populacional⁴⁷⁶. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros no Brasil e que a população esteja em declínio continuado de ao menos 10% em três gerações (11 anos), devido à grande perda de *habitat* observada e projetada: ocupação dos Campos de Cima da Serra por plantações de *Pinus* spp. (cerca de 30% da área total dos campos nesse período)⁴⁸⁷, da Serra do Sudeste por plantações de eucalipto e das áreas de campo nativo do sul e oeste do Rio Grande do Sul pelo cultivo de soja.

No Rio Grande do Sul, as expressivas populações do nordeste do estado, parecem estar em declínio. A população da Serra do Sudeste provavelmente também sofreu redução devido ao recente avanço da silvicultura e da agricultura. Em Santa Catarina, a espécie consta da lista estadual de espécies ameaçadas com base numa estimativa de redução populacional igual ou superior a 50%. Não há estimativas populacionais para o Paraná, mas a espécie aparenta estar em declínio associado à perda de *habitat*⁴⁷⁶.

Embora haja aporte de indivíduos da Argentina e Uruguai, suspeita-se que este influxo não seja significativo a ponto de diminuir o risco de extinção da espécie no Brasil; parte desse influxo pode ser de indivíduos migratórios de origem desconhecida⁴⁸⁷.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças à espécie são a destruição e descaracterização dos campos e banhados, decorrentes do avanço agrícola, da expansão da silvicultura e da drenagem e construção de barragens em banhados. O uso descontrolado do fogo e o pisoteio por bois, cavalos, ovelhas e búfalos em banhados também podem afetar ninhos e jovens. O sobrepastejo reduz a densidade da cobertura vegetal na borda dos banhados, podendo gerar aumento nas taxas de predação de ninhos e de parasitismo por *Molothrus bonariensis*.

Uma nova ameaça são os parques eólicos projetados para a região do Banhado do Maçarico e cordões litorâneos, porções da Serra do Sudeste e planalto nordeste do Rio Grande do Sul. Sua implantação causará destruição e alteração de *habitat* e possíveis distúrbios oriundos dos aerogeradores. O uso de defensivos agrícolas no cultivo de grãos também é uma potencial ameaça⁴⁷⁶.

Ações de conservação

Existentes

Xolmis dominicanus está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788}, que inclui como as principais Ações de conservação: a) incentivo a projetos que envolvam estudos populacionais da espécie; b) criação e implementação de unidades de conservação em áreas contínuas de campo e banhado que protejam populações expressivas da espécie, prioritariamente no Planalto das Araucárias, na Serra do Sudeste e no banhado do Maçarico; c) implementação do PE do Tainhas e redefinição de seus limites de modo a abranger mais *habitat* propícios à espécie; d) gestão interinstitucional para que os projetos de pequenas barragens nas regiões de ocorrência da espécie sejam submetidos a processo de licenciamento, incluindo avaliação prévia da importância da área para a espécie; e) planejamento e fiscalização de atividades antrópicas que levem à degradação de banhados nativos; f) implementação de programa de educação ambiental para proprietários de terras e população em geral nas áreas de ocorrência da espécie; g) incentivo à criação de RPPN em áreas de campo e banhado; h) incentivo a projetos de ecoturismo voltados à observação de aves; i) implantação de incentivos fiscais e redução de impostos para pecuaristas que preservam campo nativo, como reconhecimento do valor ambiental da carne produzida nessas áreas e subsídios para tornar esse produto competitivo no mercado; j) zoneamento ambiental para a implementação de parques eólicos, considerando a perda de *habitat*



campestre e a perturbação sobre os locais de nidificação; k) restrições legais para a conversão de campo nativo em cultivos⁴⁷⁶.

Presença em unidades de conservação

Paraná: PE de Palmas⁴⁷⁶, PE do Cerrado¹²¹⁴, REVIS dos Campos de Palmas⁴⁷⁶, APA Estadual da Escarpa Devoniana⁴⁷⁶;

Rio Grande do Sul: ESEC de Aracuri-Esmeralda⁴⁷⁶, ESEC do Taim⁴⁷⁶, PE do Guartelá⁴⁷⁶, PE do Tainhas⁴⁷⁶, PARNA da Serra Geral⁴⁷⁶, PARNA de Aparados da Serra⁴⁷⁶, PARNA de São Joaquim⁴⁷⁶, REVIS Banhado dos Pachecos⁴⁷⁶, APA do Banhado Grande⁴⁷⁶.

Pesquisas

O Laboratório de Ornitologia da PUCRS executa pesquisas sobre esta espécie. São investigações ainda necessárias: censo e monitoramento das populações; estudos sobre padrão de deslocamento das populações; efeitos de atividades antrópicas sobre a espécie⁴⁷⁶.

Vireo gracilirostris Sharpe, 1890

Vítor de Queiroz Piacentini

Ordem: Passeriformes

Família: Vireonidae

Nome comum: juruviara-de-noronha



Foto: Cláudio Sampaio

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) D2

Justificativa

Vireo gracilirostris é endêmica da ilha de Fernando de Noronha, em Pernambuco. Sua área de ocupação é menor que 20 km² e, apesar de estar parcialmente protegida por unidades de conservação, há ameaças possíveis de levar o táxon à categoria de Criticamente em Perigo ou Extinto (espécies invasoras e degradação de *habitat*, por exemplo). Portanto, *V. gracilirostris* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério D2.

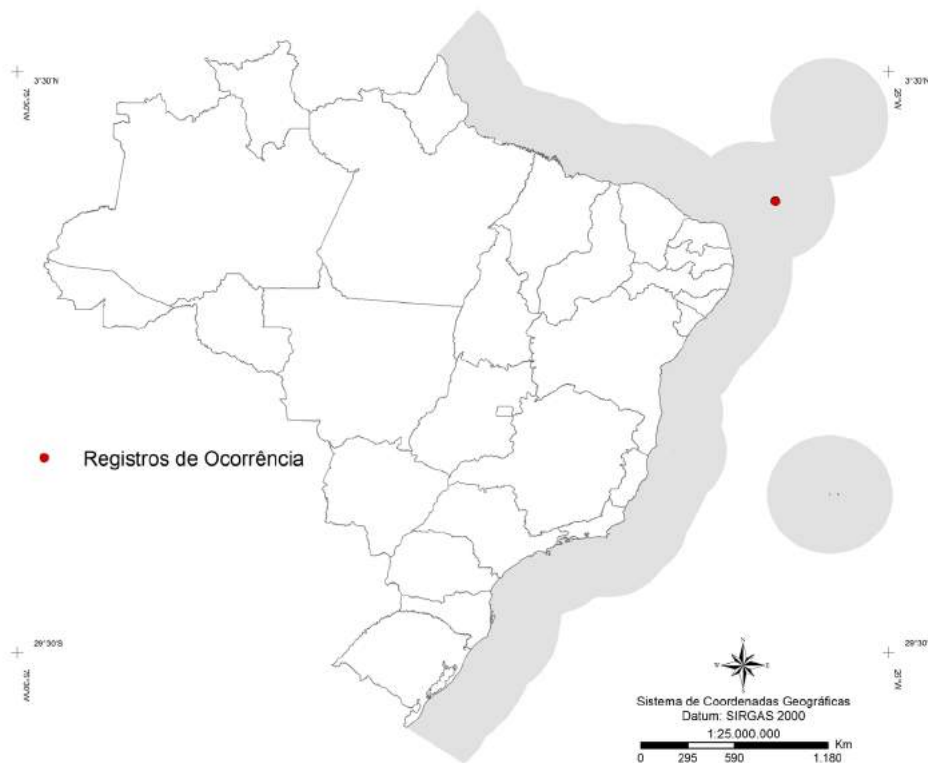


Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1226}	VU D2
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²¹⁷	NT

Distribuição geográfica

Endêmica de Fernando de Noronha. Embora sua ocorrência ocasional em ilhas secundárias que compõem o arquipélago seja indicada na literatura¹²²⁶, Olson⁸⁹⁴ afirma que está restrita à ilha principal, ao contrário da outra espécie endêmica de Noronha (*Elaenia ridleyana*). Sua área de ocupação (AOO) é de 18,4 km² (oficina de avaliação).



História natural

Habita florestas e áreas arbustivas, matas secundárias e até mesmo jardins. Alimenta-se de insetos e alguns frutos (Ulmaceae¹²³²). Reproduz-se sabidamente entre abril e maio e também em julho e outubro, talvez de forma contínua entre esses períodos^{894,1289} (V.Q. Piacentini, dados não publicados). É espécie sedentária³⁰⁴. Embora seja pouco conhecida, é encontrada com facilidade em sua distribuição^{894,1226}.

População

Suspeita-se que sua população esteja em torno de 1.000 indivíduos¹²²⁶, mas não há uma estimativa robusta. Em 1980, a espécie era considerada bastante comum em todos os *habitat* com vegetação, na ilha principal do Arquipélago de Fernando de Noronha⁹⁰¹.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

São possíveis ameaças a *V. gracilirostris*: predação dos ovos por espécies introduzidas, como o lagarto *Tupinambis merianae* e animais domésticos (gatos e ratos); alteração dos ambientes florestais (corte de árvores, estabelecimento de moradias e aproveitamento turístico); eventuais incêndios¹²²⁶.



Ações de conservação

Existentes

A espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

O controle de espécies domésticas e exóticas poderia favorecer a conservação desta espécie¹²²⁶.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: PARNA Marinho de Fernando de Noronha¹²²⁶, APA de Fernando de Noronha-Rocas-São Pedro e São Paulo⁵⁹¹.

Pesquisas

São necessárias pesquisas que aprimorem a estimativa de tamanho populacional de *V. gracilirostris*, identifiquem suas exigências ecológicas e ampliem o conhecimento sobre sua história natural¹²²⁶.

Tunchiornis ochraceiceps rubrifrons (Sclater & Salvin, 1867)

Alexander Charles Lees, Sidnei de Melo Dantas & Alexandre Aleixo

A subespécie consta na Portaria MMA nº 444/2014 como *Hylophilus ochraceiceps rubrifrons* Sclater & Salvin, 1867.

Ordem: Passeriformes

Família: Vireonidae

Nome comum: vite-vite-uirapuru



Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c

Justificativa

Tunchiornis ochraceiceps rubrifrons é endêmica do Brasil, restringindo-se ao Centro de Endemismo Belém e Xingu, regiões que sofreram a maior taxa de desmatamento cumulativo na Amazônia. Este táxon já perdeu 35% da área natural de sua distribuição original, sendo suspeitada uma perda populacional de ao menos 30% em três gerações (12 anos). Necessita de grandes áreas de floresta bem preservada e ocorre exclusivamente em bandos mistos. Por estas razões, *T. o. rubrifrons* foi categorizada como Vulnerável (VU) A2c.



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Hylophilus rubrifrons Sclater & Salvin, 1867; *Hylophilus ochraceiceps rubrifrons* Sclater & Salvin, 1867.

Notas taxonômicas

Provavelmente, este táxon será elevado à categoria de espécie plena. Claramente, as subespécies *T. o. rubrifrons* (Centro de Endemismo Belém e Xingu) e *T. o. lutescens* (Centro de Endemismo Madeira e Tapajós), morfologicamente similares, diferenciam-se de todas as demais subespécies de *T. ochraceiceps*, podendo constituir uma espécie independente em conjunto (à qual o nome *rubrifrons* se aplicaria, por prioridade) ou separadamente. Slager *et al.*¹¹⁷⁵ apresentam dados sistemático-moleculares consistentes com esse arranjo, demonstrando que as subespécies *luteifrons*, *lutescens* e *rubrifrons* são altamente divergentes e não proximamente relacionadas às demais, como por exemplo *ferrugineifrons* da Amazônia ocidental. No entanto, um estudo com uma amostragem mais completa ainda é necessário para traçar limites mais exatos entre a possível nova espécie a ser reconhecida e *T. ochraceiceps*.

Distribuição geográfica

Endêmico do Brasil, restrito ao Centro de Endemismo Belém e Xingu: leste do rio Xingu, no leste do Pará. Estima-se que haja cerca de 40% de perda de *habitat* no Centro de Endemismo Xingu e cerca de 30% no Centro de Endemismo Belém. Assim sendo, estima-se um total de 35% de perda de *habitat* na distribuição do táxon (oficina de avaliação).





História natural

Ocorre no sub-bosque do interior das florestas de terra firme. Não há observações de campo publicadas sobre a ecologia desta subespécie, mas outras subespécies são encontradas aos pares ou em grupos familiares (3 a 5 indivíduos), seguindo bandos mistos que se alimentam de pequenos insetos nas folhagens^{831,1004}. Constrói ninhos em forma de xícara, recobertos parcialmente por musgo, colocados no estrato médio da floresta, a uma altura de 2 a 7 m. Põe em média dois ovos e o casal cuida dos filhotes^{561,1004}.

População

Portes *et al.*⁹⁶⁵ registraram esta espécie em três remanescentes florestais importantes no Centro de Endemismo Belém⁹⁶⁵. Posteriormente, durante um trabalho extenso no município de Paragominas, o táxon foi registrado somente nas proximidades do rio Capim, em florestas não perturbadas^{711,828}. Não há registros na região metropolitana de Belém desde a década de 1970 e a espécie é considerada provavelmente extinta localmente⁸²⁷.

Não há dados disponíveis sobre o tamanho da população (atual ou anterior), mas pode-se inferir que um declínio substancial histórico ocorreu com base no fato de que apenas 25% da cobertura florestal original dentro de sua área de distribuição geográfica ainda persiste^{1105,1183}.

Na FLONA de Caxiuanã, a espécie foi considerada incomum em florestas de terra-firme, ocorrendo em cinco dos seis *plots* de 100 ha amostrados¹²⁵⁷. Nesta mesma unidade de conservação, Valente¹²⁵⁷ obteve um total de 38 contatos em pontos de escuta com este táxon, entre maio de 2003 e junho de 2005. Reportado como comum na FLONA de Tapirapé-Aquiri em floresta de terra firme (S.M. Dantas & C.C. Almeida, dados não publicados). Foi rara em Tucuruí, sendo registrada apenas nos fragmentos mais conservados (L.M.P. Henriques & S.M. Dantas, dados não publicados).

Suspeita-se que haja uma perda populacional de ao menos 30% nas últimas três gerações (12 anos), como consequência da perda de *habitat* que pode ultrapassar os 35% nesse período (oficina de avaliação). *Tendência populacional*: declinando.

Ameaças

Um levantamento de cinco meses no município de Paragominas, em agosto-novembro de 2010 e maio 2011, registrou este táxon somente em uma microbacia que faz parte do último grande remanescente na região, onde foi registrado em três diferentes áreas de floresta primária não perturbada⁷¹¹. Essa alta sensibilidade à perturbação florestal já foi demonstrada previamente para esta espécie em florestas fragmentadas próximas a Manaus⁵⁹ e Alta Floresta⁷⁰³. Na região de Juruti (oeste do Pará), a população local de *T. o. lutescens* declinou significativamente de abundância entre 2009 e 2015, provavelmente em função da intensificação da atividade madeireira na área²⁸.

Ações de conservação

Existentes

Tunchiornis ochraceiceps rubrifrons está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

É necessária a criação de mais unidades de conservação na região de distribuição da espécie e proteção das unidades já existentes. Para garantir a sobrevivência desta espécie e de outras, será fundamental garantir, nas paisagens produtivas, a manutenção da conectividade estrutural e funcional entre os fragmentos florestais existentes. Isso só pode ser alcançado por meio de procedimentos eficazes de comando e controle, significando que proprietários privados devam cumprir suas obrigações legais nas Áreas de Preservação Permanente e Reserva Legal⁷⁰³.



Presença em unidades de conservação

Pará: APA Lago de Tucuruí (L.M.P. Henriques & S.M. Dantas, dados não publicados), FLONA de Carajás⁹¹⁰, FLONA de Caxiuanã¹²⁵⁷, FLONA de Tapirapé-Aquiri (S.M. Dantas & C.C. Almeida, dados não publicados).

Pesquisas

Não existem estudos dedicados à história natural desta espécie e todas as informações são em grande parte anedóticas. Prioridades para pesquisas futuras devem incluir estudos ecológicos, avaliando a sensibilidade da espécie à perda e degradação das florestas e uso de *habitat* florestais secundários.

Similarmente, é urgente a realização de um estudo sistemático e taxonômico que esclareça o status evolutivo dos diferentes táxons agrupados dentro da suposta espécie biológica politípica *Hylophilus ochraceiceps*, inclusive *H. o. rubrifrons*. Esse estudo deve elucidar exatamente quais são as unidades evolutivas em *Hylophilus ochraceiceps* merecedoras de ações imediatas e prioritárias de conservação.

Cyanocorax hafferi Cohn-Haft, Santos-Júnior, Fernandes & Ribas, 2013

Suylane Barbalho de Lima Silva, Danielle Custódio Leal & Fernanda Pinto Marques

Ordem: Passeriformes

Família: Corvidae

Nome comum: canção-da-campina



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4c

Justificativa

Cyanocorax hafferi é endêmica da Amazônia brasileira, ocorrendo principalmente no interflúvio Madeira-Purus, ocupando exclusivamente beira de campos naturais. Embora ocorra em unidades de conservação, estas ainda não estão implementadas e a região será impactada por empreendimentos de infraestrutura, principalmente o asfaltamento da rodovia BR-319, que afetará toda sua distribuição. Estudo de modelagem projeta uma perda de *habitat* entre 29 e 55% de 2002 a 2020, o que leva à projeção de declínio populacional de pelo menos 30% no período de três gerações (18 anos), incluindo passado e futuro. Assim, *Cyanocorax hafferi* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério A4c.

Outras avaliações

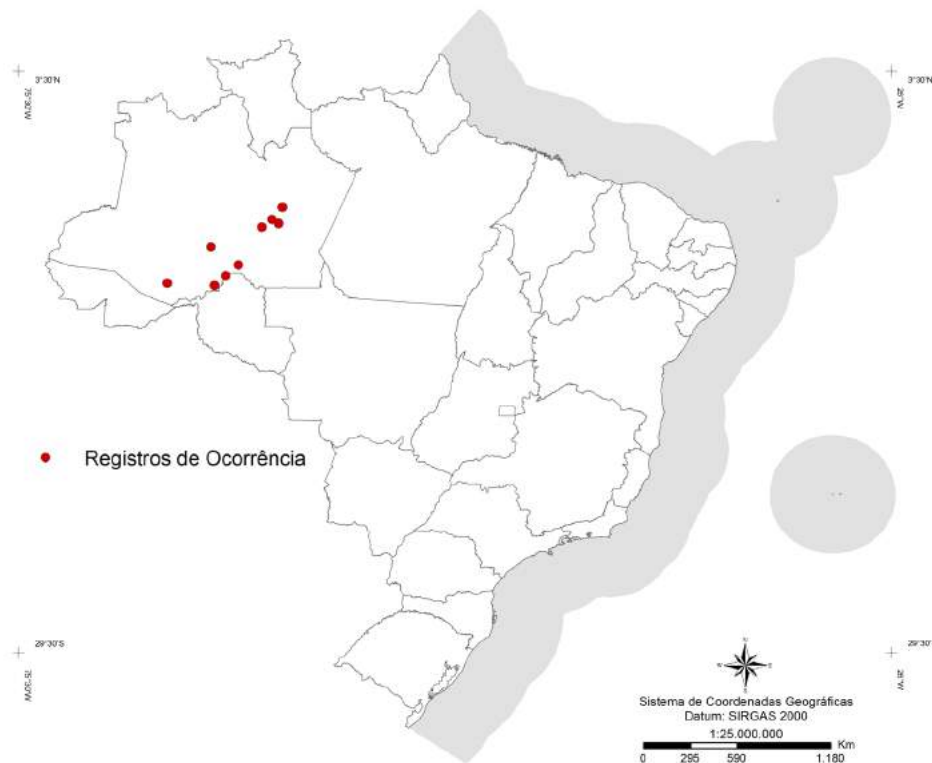
Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta



Distribuição geográfica

Endêmica da Amazônia brasileira, ocorrendo principalmente no interflúvio Madeira-Purus. Hoje está restrita ao estado do Amazonas, mas acredita-se que, historicamente, tenha ocorrido em Rondônia, em áreas adjacentes a Humaitá³⁷¹.

A extensão de ocorrência (EOO) de *C. hafferi* é ampla (cerca de 190.000 km²), mas sua área de ocupação (AOO) é bastante restrita devido à especificidade de *habitat*. A AOO foi calculada através da soma das áreas de campinas em sua distribuição, inferindo-se uma ocupação do *habitat* de até 100 m além da borda dessa fitofisionomia, o que se acredita ser uma estimativa exagerada. Ainda assim, a AOO resultou em apenas 1.090 km². Entretanto, a população não é fragmentada³⁷¹, de modo que não é possível categorizar o risco de extinção da espécie pelo critério B2.



História natural

Ocorre apenas em bordas de savanas amazônicas (campinas), sendo fortemente associada a esse *habitat* e não ocorrendo em áreas alteradas, como regiões recentemente queimadas e áreas próximas a núcleos humanos densamente povoados (como Porto Velho e Humaitá). Aparentemente, a espécie pode se dispersar livremente pela floresta de terra firme. Durante a nidificação, podem contar com ajudantes de ninho. Suspeita-se que os grupos de três a oito indivíduos sejam Famílias compostas por um único casal reprodutor e os filhotes do ano anterior. Esses grupos parecem ser territoriais, separando-se dos vizinhos por mais de 1 km de distância. São, aparentemente, onívoros³⁷¹. Tomando por base outras espécies do gênero²³⁴, estima-se que o tempo geracional de *C. hafferi* é de cerca de seis anos.

População

O tamanho populacional global foi estimado em 26.474 indivíduos maduros¹⁰⁷³.

Estudo de modelagem projeta uma perda de *habitat*, em sua distribuição, entre 29 e 55%, de 2002 a 2020¹³⁷, o que leva à projeção de declínio populacional de pelo menos 30% no período de três gerações (18 anos), incluindo passado e futuro (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

Cyanocorax hafferi possui especificidade de *habitat* que sofre redução devido à ocupação humana em áreas adjacentes a rodovias que cortam quase toda a extensão de ocorrência da espécie. Previsões indicam a possibilidade de perda total do *habitat* da espécie por rodovias existentes ou planejadas nos próximos 30 a 50 anos³⁷¹.

A maior ameaça à espécie parece ser a pavimentação da rodovia BR-319 (Humaitá-Manaus), mas há outras ameaças, como a construção de um gasoduto que cortará a região e a implantação de hidrelétricas no rio Madeira. As savanas naturais são rapidamente drenadas, queimadas e substituídas pela agricultura. Ainda que sejam abandonadas pouco tempo depois, moradores locais continuam queimando a área e retirando areia para construção. As queimadas destroem o *habitat* de *C. hafferi* e coincidem com o período de reprodução, gerando mortalidade direta de indivíduos³⁷¹.

Embora tenham sido criadas unidades de conservação que abrangem a distribuição da espécie, sua implantação é frágil, podendo estas não ser suficientes para proteger o *habitat* do qual *C. hafferi* depende³⁷¹.

Ações de conservação

A espécie está contemplada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

Presença em unidades de conservação

Amazonas: FLONA do Ituxi³⁷¹, FLONA do Iquiri³⁷¹;

Amazonas/Rondônia: PARNA Mapinguari (oficina de avaliação).

Pesquisas

Foram realizados estudos sobre a história natural da espécie¹⁰⁷³.

Cichlopsis leucogenys Cabanis, 1851

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Turdidae

Nome comum: sabiá-castanho



Foto: Carlos Gussoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C2a(i)

Justificativa

Cichlopsis leucogenys é endêmico do leste do Brasil, ocorrendo em uma pequena região da Mata



Atlântica nos estados do Espírito Santo, Bahia e Minas Gerais. A população total da espécie não ultrapassa 2.500 indivíduos maduros, sendo que cada subpopulação contém menos de 250 deles. Há declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*, uma vez que a espécie é dependente de floresta preservada e *Cichlopsis leucogenys* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1160}	EN* B2ab(i,ii,iii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,442}	Espírito Santo: EN Minas Gerais: CR
Avaliação global ²¹⁸	LC

*Avaliada como *Cichlopsis leucogenys leucogenys*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Myadestes leucogenys (Cabanis, 1851).

Distribuição geográfica

Endêmica do leste do Brasil, ocorrendo em uma pequena região da Mata Atlântica nos estados do Espírito Santo, Bahia e Minas Gerais^{378,528,1160}.

Em Minas Gerais, os registros recentes provêm de poucas localidades do vale do rio Jequitinhonha (700 m de altitude), na Fazenda Duas Barras, em Santa Maria do Salto¹¹⁶⁰.

No Espírito Santo, ocorre pontualmente em locais de altitudes elevadas (oficina de avaliação), sendo que os registros mais recentes são de Santa Teresa, Domingos Martins, Braço do Sul, Chaves e São Mateus¹¹⁶⁰.

Na Bahia, a espécie foi registrada recentemente apenas na Serra das Lontras e Javi¹¹⁶⁰.





História natural

Habita florestas primárias ou em avançado estado de regeneração, especialmente nas montanhas (acima de 700 m de altitude), ocupando o estrato médio e superior das matas¹¹⁶⁰. Alimenta-se de frutos e, possivelmente, de invertebrados. É possível que realize movimentos locais³⁷⁸, deixando as baixadas quentes durante o inverno, embora haja evidências contrárias¹¹⁶⁰.

A espécie é extremamente sensível, não tolerando qualquer alteração ambiental. É provável que em um futuro próximo esteja restrita apenas às unidades de conservação de sua área de distribuição. Seu poder de deslocamento entre fragmentos florestais é baixo, de modo que a perda de áreas contínuas de mata levou à divisão da população em subpopulações isoladas (oficina de avaliação).

População

As populações apresentam baixa densidade (oficina de avaliação). Está provavelmente extinta em algumas localidades, como Itabuna, na Bahia¹¹⁶⁰.

Essa espécie ocorre atualmente em poucos fragmentos de mata e sua área de distribuição é amostrada com frequência por inúmeros ornitólogos que procuram-na utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem supor, com certa segurança, que a população total de *C. leucogenys* é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação. Suspeita-se ainda que haja declínio populacional continuado devido à perda de *habitat*, uma vez que a espécie é dependente de floresta bem conservada e que este tipo de vegetação continua sofrendo pressão antrópica, especialmente devido à expansão agrícola (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* é a principal ameaça à espécie, especialmente a destruição dos últimos remanescentes de mata de baixada e a descaracterização das matas montanas¹¹⁶⁰.

Ações de conservação

Existentes

A espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, PARNA de Boa Nova¹²⁸⁹;

Espírito Santo: REBIO Augusto Ruschi³⁷⁸.



Anthus nattereri Sclater, 1878

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Motacillidae

Nome comum: caminheiro-grande

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A4c

Justificativa

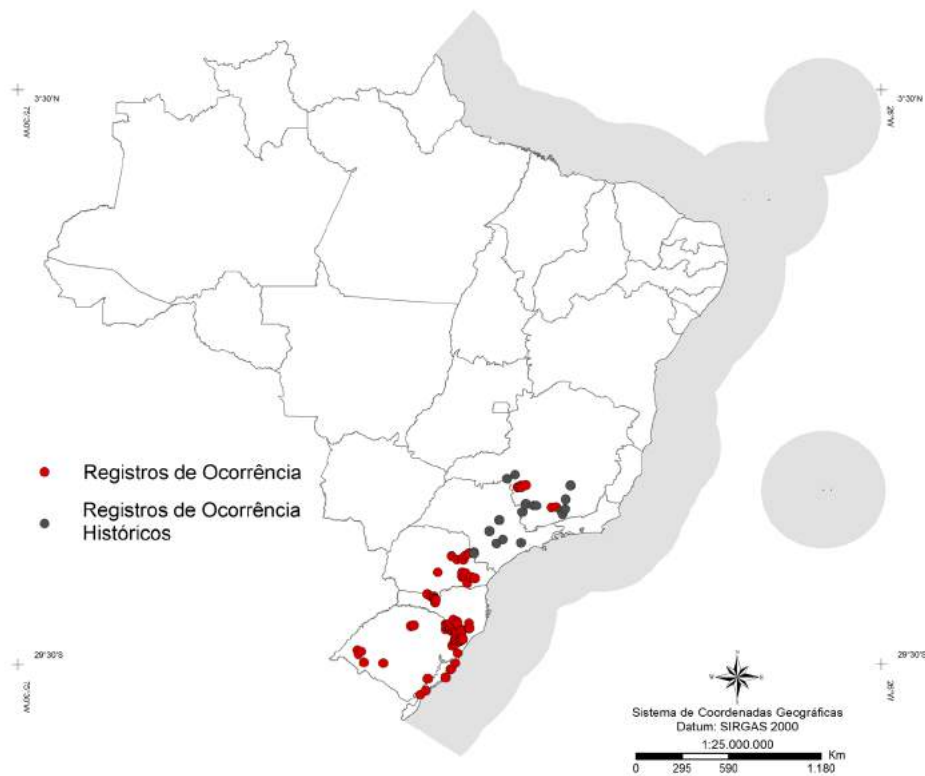
Anthus nattereri ocorre no Paraguai, Argentina, Uruguai e sudeste e sul do Brasil. A espécie é exigente quanto ao *habitat* e sofre declínio populacional devido à perda dos campos naturais dos quais depende. Essas áreas vêm sendo ocupadas por monoculturas de soja, *Pinus* spp. e eucalipto em praticamente toda sua área de distribuição. Infere-se que esta perda de *habitat* levará a uma perda populacional de ao menos 30% em um período de três gerações (11 anos), incluindo passado e futuro, uma vez que ainda há forte pressão agrícola nessas áreas. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Dessa forma, *A. nattereri* foi avaliada como Vulnerável (VU) A4c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1213}	VU A3ce
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,439,441,444}	Minas Gerais: EN São Paulo: Ameaçada Santa Catarina: EN Rio Grande do Sul: VU
Avaliação global ²¹⁹	VU A2c

Distribuição geográfica

Ocorre no sul do Paraguai, nordeste da Argentina e sudeste e sul do Brasil¹²⁵⁰. Em São Paulo, só há registros históricos; em Minas Gerais, registrada recentemente apenas em Carrancas e na Serra da Canastra (L.F. Silveira, com. pess., 2013).



História natural

Ocupa pastagens secas e campos, até 900 m de altitude¹²⁵⁰. Habita especialmente os campos planálticos, campos cerrados, cerrados, campos das terras baixas do litoral¹²¹³, áreas com afloramentos rochosos¹²¹³ e áreas onde o capim é menos denso, com menos de 15 cm de altura^{1169,1213}. Foi registrada em plantações jovens de *Eucalyptus* spp., durante o período reprodutivo. Parece apresentar alguma preferência por áreas queimadas em regeneração, com gramíneas baixas¹²⁵⁰. É exigente quanto ao *habitat* (oficina de avaliação).

Alimenta-se de pequenos invertebrados. Seus ninhos podem ser parasitados por *Molothrus bonariensis*. Seus deslocamentos não são bem conhecidos; estudos no estado de São Paulo sugerem um comportamento semi-nômade, em resposta a condições ideais¹²⁵⁰. Vive solitário ou aos pares, passando despercebido durante a maior parte do ano, sendo mais facilmente encontrado quando marca seu território. Pode ser confundida com o caminheiro-de-barriga-acanelada, *Anthus hellmayri*, que pode habitar as mesmas áreas. A vocalização é a melhor maneira de identificar esta espécie¹¹⁶⁹.

População

Considerada esparsa e bastante local. Acredita-se que não seja tão rara quanto se pensava, mas sim com população mais esparsa e distribuída. No Brasil, há grande declínio populacional¹¹²².

As áreas de campo das quais a espécie depende vêm sendo ocupadas em larga escala por monoculturas de soja, *Pinus* spp. e eucalipto. Os Campos de Cima da Serra e o litoral do Rio Grande do Sul estão sendo severamente tomados por plantações de *Pinus* spp. e soja. Em Minas Gerais, o cultivo de eucalipto chega a ocupar mais de 30% das áreas anteriormente ocupadas por campos nativos. É esperado que essas culturas continuem crescendo nos próximos anos (oficina de avaliação).

Infere-se que esta enorme perda de *habitat* levará a uma perda populacional de ao menos 30% em um período de três gerações (11 anos), incluindo passado e futuro, uma vez que ainda há forte pressão agrícola nessas áreas (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

Destruição dos campos secos nativos pela agricultura (cana de açúcar e soja), silvicultura, plantação de pastagens, uso de pesticidas, pecuária, queimadas e parasitismo de ninhos por *Molothrus bonariensis*¹²⁵⁰.

A espécie parece não tolerar pastagens de gramíneas exóticas que vêm substituindo os campos nativos¹¹⁶⁹.

Empreendimentos imobiliários, como pousadas e casas de veraneio, reflexo do turismo mal direcionado, também são ameaças à espécie⁷³⁹.

Ações de conservação

Existentes

Anthus nattereri está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788}.

Necessárias

Criação de unidades de conservação de grande porte que protejam as paisagens de campos dos planaltos do Sul e porções serranas do sudeste^{1213,1215}, além da eliminação de gramíneas exóticas¹¹⁶⁹.

Presença em unidades de conservação

Minas Gerais: PARNA da Serra da Canastra¹²¹³;

São Paulo: ESEC de Itapetininga¹¹⁶⁹ (registro histórico), ESEC de Itirapina¹²¹³ (registro histórico);

Paraná: PE de Vila Velha¹²¹³;

Rio Grande do Sul: PARNA da Serra Geral¹²¹³.

Pesquisas

Necessárias

Busca detalhada por populações de *A. nattereri*, a fim de detectar estoques populacionais; estudos para conhecimento de sua distribuição; identificação das preferências de *habitat* nos ambientes campestres onde ocorre^{1213,1215}. Recomenda-se que a busca de novas áreas ocorra entre setembro e janeiro, quando a espécie é mais vocal e mais facilmente detectada¹¹⁶⁹.

Arremonops conirostris (Bonaparte, 1850)

Thiago Orsi Laranjeiras

Ordem: Passeriformes

Família: Passerelidae

Nome comum: tico-tico-cantor



Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(iii)

Justificativa

Arremonops conirostris ocorre de Honduras à Colômbia e contrafortes andinos. No Brasil, ocorre apenas no estado de Roraima, em uma população pequena, isolada e restrita às várzeas do médio e alto rio Branco e alguns tributários. A área de ocupação da espécie no Brasil é menor que 2.000 km². Há projetos para instalação de barragens na bacia do rio Branco, ameaça que configura a existência de menos de 10 localizações de *A. conirostris* no Brasil. Ocorre ainda declínio continuado na qualidade do *habitat* devido ao cultivo de arroz e a incêndios antrópicos. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Dessa forma, *A. conirostris* foi categorizada como Vulnerável (VU) segundo o critério B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²²⁰	LC

Outros nomes aplicados ao táxon

Arremon conirostris Bonaparte, 1850.

Notas taxonômicas

São reconhecidas sete subespécies, das quais uma ocorre no Brasil: *A. c. conirostris*¹⁰⁰⁶.

Distribuição geográfica

Ocorre de Honduras à Colômbia e contrafortes andinos. No Brasil, apenas em Roraima¹⁰⁹⁵, ao longo das várzeas do rio Branco e alguns tributários, em cerca de 700 km de rios. Considerando que a espécie





ocupa, no máximo, uma faixa limitada (100 a 1.000 m) de cada lado do rio, calcula-se que sua área de ocupação (AOO), no Brasil, seja menor que 700 km² (oficina de avaliação).

História natural

Embora seja dificilmente avistada, seu canto é forte e conspicuo. Alimenta-se de uma variedade de insetos, especialmente gafanhotos e outros ortópteros, além de sementes, frutos e, ocasionalmente, pequenos vertebrados. É espécie sedentária¹⁰⁰⁶. Em Roraima, *Arremonops conirostris* habita as vegetações de várzea em estágio inicial e intermediário de sucessão em ilhas e nas margens dos rios Branco e Uraricuera.

População

Apesar de ser considerada comum no estado de Roraima¹⁰⁹⁵, bem como em praticamente toda sua distribuição, a subpopulação brasileira está isolada do restante da população global. A ocorrência da espécie é pontual, visto que estudo recente registrou-a em apenas três de 360 pontos amostrados, distribuídos em 12 localidades ao longo do rio Branco⁸³⁶.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

A principal ameaça à espécie no Brasil é a futura instalação de barragens para aproveitamento hidrelétrico dos rios em Roraima. Considerando que a distribuição da espécie no Brasil é restrita e que esta é dependente de *habitat* ribeirinhos, pode-se afirmar que, em face desta ameaça, há menos de 10 localizações de *A. conirostris* no Brasil (oficina de avaliação).

A espécie também é afetada pela degradação de seu *habitat* devido ao cultivo de arroz e aos incêndios florestais^{835,1183,1254}.

Ações de conservação

A espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia⁶²⁸.

Presença em unidades de conservação

Roraima: ESEC de Maracá¹¹⁰⁷, PARNA do Viruá⁶⁸⁹.



Anumara forbesi (Sclater, 1886)

Sidnei de Melo Dantas & Ciro Albano

A espécie consta na Portaria MMA nº 444/2014 como *Curaeus forbesi* (Sclater, 1886).

Ordem: Passeriformes

Família: Icteridae

Nome comum: anumará



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Anumara forbesi é endêmica do Brasil, com registros para o Centro de Endemismo Pernambuco e para Minas Gerais. A população total da espécie não ultrapassa 10.000 indivíduos maduros, sendo que cada subpopulação contém menos de 1.000 deles. Há declínio populacional continuado devido à perda de área e de qualidade de *habitat*, especialmente pela expansão agrícola. Defensivos agrícolas também podem afetar a espécie. Há casos de captura para comércio ilegal. A degradação ambiental leva à expansão de *Molothrus bonariensis*, parasita de ninhos de *A. forbesi*, o que gera sérios prejuízos ao recrutamento desta espécie. Por esses motivos, *A. forbesi* foi categorizada como Vulnerável (VU), pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1034}	VU* B1ab(i)+2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴³⁸	Minas Gerais*: CR
Avaliação global ²²¹	EN B2ab(i,ii,iii,iv,v)

*Avaliada como *Curaeus forbesi*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Agelaeus forbesi Sclater, 1886; *Agelaius forbesi* Ihering & Ihering, 1907; *Curaeus forbesi* (Sclater, 1886).

Distribuição geográfica

Endêmica do Brasil, ocorrendo no Centro de Endemismo Pernambuco e em Minas Gerais⁴⁸⁰.



História natural

Na porção norte de sua distribuição, ocupa bordas de mata e áreas vizinhas a pastos alagados; aparece em pomares de manga (*Mangifera indica*). Em Minas Gerais, ocorre em florestas, próximo a rios e em floresta decídua de solo rochoso; registrado em plantações de cana-de-açúcar próximas a florestas. Ocorre até 890 m de altitude⁴⁸⁰. Forrageia tanto em áreas mais secas como alagadas, próximo a florestas; frequentemente utilizam canaviais para se alimentar, consumindo principalmente as pequenas sementes da cana-de-açúcar¹⁰³⁴.

Alimenta-se de artrópodes e frutos. Forrageia em bandos de cerca de 30 indivíduos, mas há relatos recentes de um grupo com mais de 700 indivíduos. Reproduz-se duas vezes por estação; a reprodução é cooperativa, sendo que os “ajudantes de ninho” foram registrados durante a incubação e alimentação dos filhotes. O índice de parasitismo de ninho por *Molothrus bonariensis* mostrou-se altíssimo em alguns estudos: 64% em Alagoas, sendo que a maioria dos ninhos parasitados foram abandonados; estudos subsequentes revelaram taxa de 100% de parasitismo. A espécie é, provavelmente, residente⁴⁸⁰.

População

Estima-se que a população global esteja entre 1.000 e 2.499 indivíduos e, provavelmente, decrescendo. A espécie parece ser naturalmente rara⁴⁸⁰. A população é considerada fragmentada, pois as localidades de registro são distantes entre si e separadas por *habitat* não adequado à espécie. Não há registro de deslocamento de indivíduos por grandes áreas de *habitat* inadequado (oficina de avaliação).

Embora as estimativas populacionais não sejam robustas, pesquisadores com grande experiência na área de distribuição desta espécie afirmam, com segurança, que a população total de *A. forbesi* não ultrapassa 10.000 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 1.000 deles em cada subpopulação (oficina de avaliação).

Suspeita-se que haja declínio populacional continuado devido à perda de área e de qualidade de *habitat*, especialmente pela expansão agrícola (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

A espécie aparece no comércio ilegal de animais silvestres⁹²⁹, sendo esta uma séria ameaça⁴⁸⁰. É afetada também pela degradação ambiental causada por atividades antrópicas⁴⁸⁰, especialmente pela expansão da agricultura.

A alteração de *habitat* favorece a invasão por *Molothrus*, de forma que a principal ameaça a *A. forbesi* parece ser o parasitismo por *Molothrus bonariensis*, cujas populações vêm aumentando; além disso, *Molothrus rufoaxillaris*, espécie parasita de ninho especialista em icterídeos, recentemente invadiu o leste do Brasil e pode, eventualmente, parasitar *Anumara forbesi*⁴⁸⁰.

Uma vez que a espécie se alimenta em plantações, a contaminação por pesticidas e adubos químicos também pode ser uma ameaça¹⁰³⁴.

Embora ocorra em algumas unidades de conservação, esta espécie ocupa, sobretudo, o entorno das unidades, o que não lhe garante proteção efetiva⁴⁸⁰.

Ações de conservação

Existentes

Experimentos de remoção de ovos de *Molothrus bonariensis* de ninhos de *Anumara forbesi* vêm sendo realizados na REBIO de Pedra Talhada⁴⁸⁰.

Esta espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

São recomendadas ainda a proteção de *habitat* no entorno de florestas nas áreas de ocorrência da espécie e a diminuição do uso de pesticidas e de adubos químicos nas áreas próximas a florestas e cursos d'água¹⁰³⁴.

Presença em unidades de conservação

Pernambuco: REVIS Matas do Sistema Gurjá¹⁰³⁴, RPPN Maurício Dantas¹⁰³⁴,

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada¹⁰³⁴;

Minas Gerais: PE do Rio Doce¹⁰³⁴.

Pesquisas

Pesquisas que procurem entender melhor a pressão causada pelo parasitismo e as tendências populacionais desta espécie são importantes para subsidiar ações de conservação.



Xanthopsar flavus (Gmelin, 1788)

Rafael Antunes Dias

Ordem: Passeriformes

Família: Icteridae

Nome comum: veste-amarela

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Xanthopsar flavus ocorre no Paraguai, Argentina, Uruguai e sul do Brasil. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros no Brasil, sendo que há declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações (14 anos) devido à grande perda de *habitat* observada e projetada (ocupação dos Campos de Cima da Serra por plantações de *Pinus* spp. e da Serra do Sudeste e adjacências por plantações industriais de eucalipto). A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Dessa forma, *X. flavus* foi avaliada como Vulnerável (VU) C1.

Outras avaliações

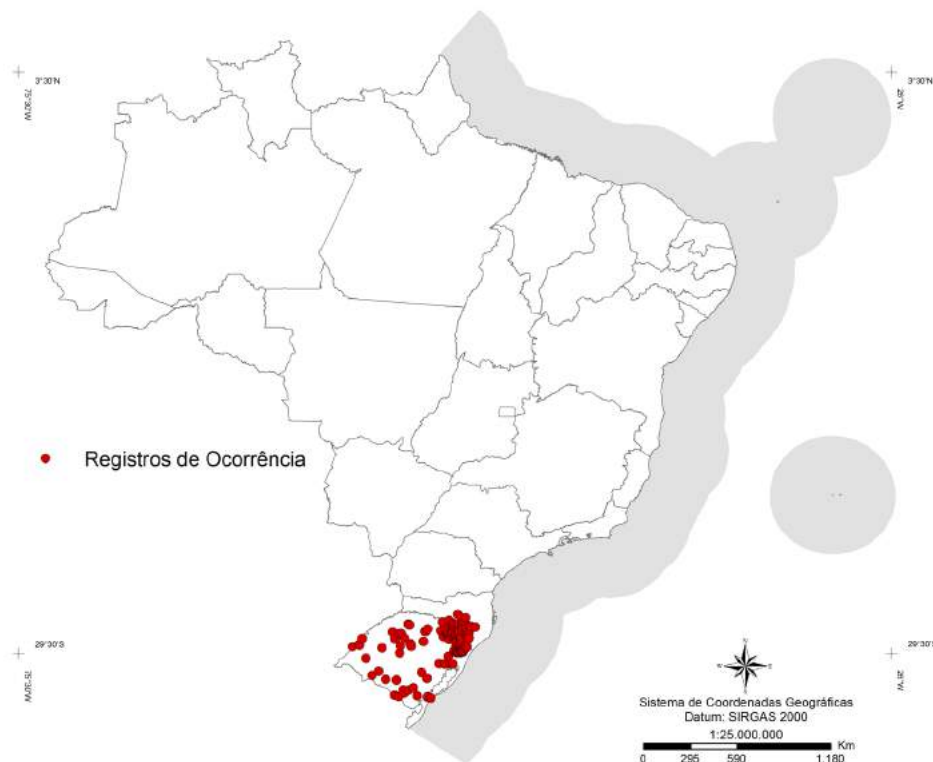
Avaliação nacional anterior ^{413,814}	VU A4c
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,444}	Santa Catarina: CR Rio Grande do Sul: VU
Avaliação global ²⁵⁴	VU A2cde+3cde; C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

O[riolus] flavus Gmelin, 1788; *Agelaius flavus* (Gmelin, 1788); *Icterus xantholaemus* Lletget, 1918.

Distribuição geográfica

Ocorre no sudeste do Paraguai, nordeste da Argentina, Uruguai e sul do Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina^{475,480}. Em Santa Catarina, os registros concentram-se em campos de altitude do Planalto das Araucárias, enquanto no Rio Grande do Sul têm distribuição esparsa ao longo de toda a porção campestre do território⁴⁷⁵.



História natural

Ocupa campos e imediações de áreas úmidas. Ocorre até 1.000 m de altitude⁴⁸⁰. No Brasil, vive em regiões campestres permeadas por áreas úmidas recobertas por ciperáceas (*Scirpus giganteus*, *Cladium* spp.) e gravatás (*Eryngium* spp.), sendo particularmente comuns ao longo de pequenas depressões formadas por linhas de drenagem em regiões de terreno ondulado^{413,475}. Também busca alimento em campos arados, restevas e cultivos situados nas imediações dos campos e banhados^{413,475}. Pode não ser muito exigente, chegando a se alimentar em plantações de grãos e pastagens de forrageiras exóticas. Entretanto, não ocupa plantações de *Pinus* sp. e eucalipto (principais culturas que vêm sendo implantadas em sua distribuição) e não sobrevive sem as pequenas áreas úmidas ao longo das linhas de drenagem naturais onde dorme e reproduz (oficina de avaliação).

Alimenta-se de insetos, aranhas, pequenos vertebrados e, raramente, sementes. Reúne-se em bandos e associa-se a outras espécies de aves durante o forrageio, especialmente a *Xolmis dominicanus*^{413,475}. Utiliza dormitórios comunais em banhados^{413,475}. Embora os bandos exibam grande variação numérica ao longo do ano, a espécie é considerada residente^{409,413,475}. É possível, entretanto, que essa ave realize deslocamentos locais em busca de alimento e sítios adequados de repouso e nidificação⁴⁷⁵.

Reproduz-se colonialmente, nidificando em trechos de vegetação densa dos banhados. As colônias contêm de três a 24 ninhos, espaçados entre si por distâncias que variam de 7 a 30 m e podem cobrir uma área de 0,43 a 1,2 ha. Seus ninhos podem ser parasitados por *Molothrus bonariensis*⁴⁸⁰. Ambos os membros do casal alimentam a prole. No Rio Grande do Sul, seu êxito reprodutivo foi estimado entre 31,8 e 36,6%⁴⁰⁹. Dentre as causas de insucesso na reprodução figuram a queima de ninhos ativos e de filhotes pequenos, o pisoteio desses pelo gado, a predação de ovos e jovens e as elevadas taxas de parasitismo por *Molothrus bonariensis*⁴⁷⁵. O tempo geracional da espécie é estimado em 4,6 anos¹⁴⁴.

População

Considerada rara ou incomum; acredita-se que a população global seja de 1.500 a 7.000 indivíduos e que esteja em declínio²⁵⁸. A espécie deixou de ser comum e amplamente distribuída já no século XIX. As



maiores populações brasileiras ocorrem nos Campos de Cima da Serra⁴⁷⁵. Também existem populações expressivas na Serra do Sudeste e Depressão Periférica do Rio Grande do Sul, mais especificamente nos municípios de Jaguarão, Pedras Altas, Pinheiro Machado, Lavras do Sul e Dom Pedrito⁴⁷⁵.

É estimado declínio continuado da população brasileira, de ao menos 10% em três gerações (14 anos), devido à grande perda de *habitat* observada e projetada (ocupação dos Campos de Cima da Serra por plantações de *Pinus* spp. - cerca de 40% da área total dos campos) e de campos do restante do estado, especialmente na Serra do Sudeste, por plantações de eucalipto^{475,487}.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Conversão dos campos em monoculturas de árvores (*Pinus* spp. e eucalipto) e outros cultivos e drenagem de banhados para fins agrícolas e/ou de urbanização. A alteração dos banhados leva à destruição de dormitórios e áreas de nidificação. O uso de fogo também é um problema para a espécie: queimadas realizadas no período reprodutivo dificultam o acesso das aves ao alimento e eliminam ninhos, ovos e filhotes. Entretanto, o fogo e o pastejo de gado, se bem manejados, podem manter o campo estruturalmente favorável ao forrageio pela espécie. Suspeita-se que o uso permanente de defensivos agrícolas nas monoculturas cause efeito negativo sobre as populações⁴⁷⁵.

Ações de conservação

Existentes

Xanthopsar flavus está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788}, no qual são recomendadas as seguintes ações: a) incentivo a projetos que subsidiem avaliações de parâmetros demográficos da espécie no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, como densidade populacional, taxas de sobrevivência, dentre outras; b) incentivo a estudos sobre a distribuição das diferentes populações e sobre deslocamentos e/ou migrações locais, inclusive averiguando a ocorrência potencial no PARNA de São Joaquim; c) criação e implementação de unidades de conservação públicas e incentivo à criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural em campos com banhados; d) fiscalização dessas unidades de conservação; e) zoneamento ecológico-econômico-turístico nos campos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com o objetivo de impedir o estabelecimento de monoculturas florestais, açudes e pequenas barragens nas áreas de maior importância para esta espécie; f) gestão interinstitucional para que os projetos de pequenas barragens nas regiões de ocorrência da veste-amarela sejam submetidos a processo de licenciamento, incluindo avaliação prévia da importância da área para a espécie; g) implantação de incentivos fiscais e redução de impostos para pecuaristas que preservam campo nativo, como reconhecimento do valor ambiental da carne produzida nessas áreas e subsídios para tornar esse produto competitivo em termos de mercados; h) restrições legais para a conversão de campo nativo em cultivos⁴⁷⁵.

Presença em unidades de conservação

Rio Grande do Sul: PE do Tainhas⁴⁷⁵, PARNA de Aparados da Serra⁴⁷⁵, PARNA de Serra Geral⁴⁷⁵, REVIS Banhado dos Pachecos⁴⁷⁵.

Pesquisas

Necessárias

- estimativa do tamanho das populações do Rio Grande do Sul e Santa Catarina;
- informação sobre história natural e demografia;
- efeitos das ameaças reais e potenciais nas populações (atividades agropastoris e industriais, contaminação por poluentes e outros fatores relacionados à expansão populacional humana);
- elucidação do padrão de deslocamento local e regional da espécie^{413,475}.



Conothraupis mesoleuca (Berlioz, 1939)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: tiê-bicudo



Foto: Luciano de Faria Silva

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A3c

Justificativa

Conothraupis mesoleuca é endêmica do Brasil, ocorrendo no centro-oeste e norte do país, nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Pará. É espécie rara, com distribuição restrita a margens de rios. Três populações, aparentemente disjuntas, são conhecidas: uma população no PARNA das Emas e arredores (Goiás), uma na Chapada dos Parecis (Mato Grosso) e uma recentemente registrada na Serra do Cachimbo (Pará). Estima-se que a população total seja menor que 1.000 indivíduos maduros, sendo que a maior subpopulação (250 a 500 indivíduos) ocorre em área onde estão sendo instalados empreendimentos hidrelétricos, podendo ser extinta em curto prazo (menos de três gerações), o que representaria para a espécie um declínio populacional maior que 50%. Por estas razões *C. mesoleuca* foi categorizada como Em Perigo (EN), pelo critério A3c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁵⁵	CR C2a(ii)

Outros nomes aplicados ao táxon

Rhynchothraupis mesoleuca Berlioz, 1939.

Distribuição geográfica

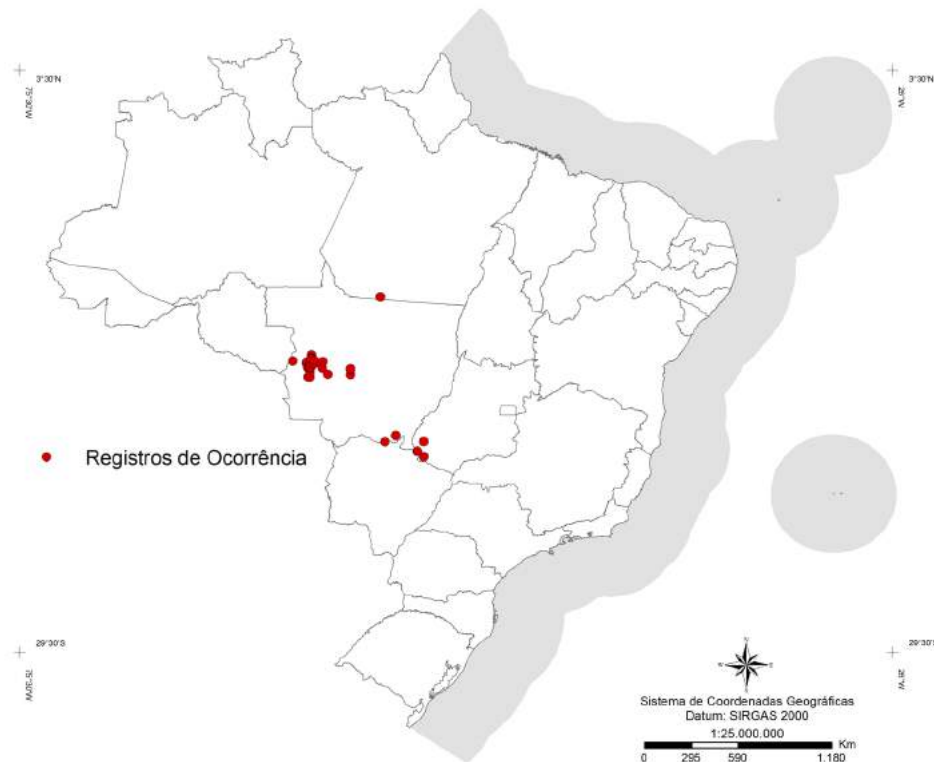
Ocorre no centro-oeste do Brasil, nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Pará^{308,331,528}. Três populações, aparentemente disjuntas, são conhecidas: uma população no PARNA das Emas e arredores (Goiás), uma na Chapada dos Parecis (Mato Grosso)³³¹, a qual parece dispor de área muito maior do que a de Goiás (C.E. Candia-Gallardo, com. pess., 2013) e uma recentemente registrada na Serra do Cachimbo (Pará)³⁰⁸. Eventuais diferenças entre as três populações são desconhecidas, porém foram reportadas diferenças no repertório vocal das populações de Emas e dos Parecis³³¹.

Modelos de distribuição potencial de espécies têm apontado para a possibilidade da ocorrência da



espécie nas cabeceiras do rio Xingu³⁰⁸, porém tal observação precisa de confirmação empírica.

A área total disponível para a espécie no PARNA de Emas foi estimada em, no máximo, 1.500 km².



História natural

No Mato Grosso, habita áreas alagadas ao longo de rios, entre 300 e 600 m de altitude³³¹. A espécie parece ser especialista em tais *habitat* (porém podendo usar *habitat* adjacentes de maneira oportunista), os quais são lineares e naturalmente fragmentados; portanto, a baixa densidade populacional da espécie parece estar relacionada à raridade natural de seu *habitat*³³¹.

Em Goiás, ocorre em regiões arbustivas semi-decíduas e florestas perenes de galeria, geralmente próxima à água e abaixo de 300 m de altitude. Sua dieta é composta por insetos e sementes. É aparentemente territorialista³³¹. Não há informações sobre biologia reprodutiva e deslocamentos da espécie⁵⁶³.

A população do estado de Goiás, encontra-se confinada dentro dos limites do PARNA das Emas, uma vez que este é cercado por terras ocupadas por agricultura. Estimativas otimistas calculam que haja 1.500 km² de *habitat* disponível para a espécie nesta unidade de conservação; no Mato Grosso, na Chapada dos Parecis, parece haver muito *habitat* disponível à espécie, em locais ainda pouco explorados por pesquisadores³³¹.

O tempo geracional de *C. mesoleuca* é estimado em 3,7 anos¹⁴⁴.

População

Considerada incomum ou rara e de ocorrência bastante local³³¹. Entre 2003 e 2007, foram avistados seis indivíduos em quatro localidades no PARNA das Emas, em Goiás; estimou-se que existissem neste Parque cerca de 250 indivíduos; no entanto, a população real parece ser muito menor. Em 2006, outra pequena população foi localizada a 900 km, a noroeste do rio Juruena e arredores, no Mato Grosso (Chapada dos Parecis); posteriormente, um mínimo de 40 indivíduos foi registrado em 18 localidades desta região, sendo a população local estimada em menos de 100 indivíduos³³¹.

Estimativas recentes apontam para uma população entre 250 e 500 indivíduos na Chapada dos



Parecis (C.E. Candia-Gallardo, dados não publicados). Não existem estimativas para a população da Serra do Cachimbo (Pará), porém a extensão do *habitat* da espécie na região (áreas alagadas ao longo de rios de água clara) sugere que a mesma possa suportar uma população intermediária em tamanho entre a população de Emas e a da Chapada dos Parecis.

Estima-se que a população total seja menor que 1.000 indivíduos maduros, sendo que a maior subpopulação (Parecis) está em área onde estão sendo instalados empreendimentos hidrelétricos, podendo ser completamente extinta em curto prazo (menos de três gerações), o que representaria um declínio populacional global maior que 50% (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Como a espécie aparenta ser especializada em um *habitat* linear, raro e naturalmente fragmentado, a supressão de *habitat* é a maior ameaça à sua sobrevivência³³¹.

O tipo de empreendimento que mais ameaça os *habitat* da espécie são os empreendimentos hidrelétricos, visto que as áreas que os mesmos inundam são preferencialmente as áreas alagadiças selecionadas pela espécie. Cinco Pequenas Centrais Hidrelétricas já construídas no rio Juruena (PCHs Sapezal, Cidezal, Parecis, Rondon e Telegráfica) e uma no vizinho rio Formiga (PCH Divisa) suprimiram cerca de 70% dos territórios conhecidos da espécie na Chapada dos Parecis (C.E. Candia-Gallardo, dados não publicados).

Existem mais dois projetos em andamento no rio Juruena (PCH Segredo e PCH Ilha Comprida), além de três outros empreendimentos hidrelétricos planejados no mesmo rio (PCH Jesuíta, UHE Cachoeirão e UHE Juruena). Juntos, os empreendimentos do Complexo Hidrelétrico do Juruena poderão suprimir os *habitat* de *C. mesoleuca* ao longo de 130 km contínuos do referido rio. Assim, o chamado “Complexo Hidrelétrico do Juruena” se configura como uma séria ameaça à espécie.

Além deste, diversos outros projetos são pleiteados na bacia do rio Juruena, todos em rios onde ocorre *C. mesoleuca*: rio Papagaio, Buriti, Sacre, Juína, Sangue, entre outros. Sob uma perspectiva espacial mais ampla, os projetos hidrelétricos propostos no Brasil Central, segundo dados da Aneel, têm potencial para impactar seriamente o *habitat* de *C. mesoleuca* (C.E. Candia-Gallardo, com. pess., 2013).

Ações de conservação

Existentes

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal cujos objetivos gerais são diminuir a perda e iniciar a recuperação de *habitat*, produzindo conhecimento sobre as espécies-alvo. Este PAN pretende identificar e mapear áreas relevantes para implantação de corredores ecológicos nas áreas de ocorrência de *C. mesoleuca* e incentivar a criação de unidades de conservação que contemplem populações da espécie⁶³¹.

Necessárias

A criação de unidades de conservação que garantam a manutenção de seu *habitat*, especialmente na bacia do rio Juruena e na Serra do Cachimbo. Atualmente, *C. mesoleuca* ocorre apenas em uma área protegida (PARNA das Emas) e, possivelmente, na ESEC de Iquê-Juruena, apesar da presença da espécie não ter sido confirmada nesta unidade até o momento (C.E. Candia-Gallardo, com. pess., 2013).

Ainda que unidades de conservação não sejam implantadas, é necessária gestão contra a disseminação indiscriminada de hidrelétricas em sua área de ocorrência.

Presença em unidades de conservação

Goiás: PARNA das Emas⁷⁴⁸.



Pesquisas

Necessárias

A busca por novas populações em *habitat* apropriados à espécie é urgente e essencial⁵⁶³.

Candia-Gallardo *et al.*³³¹ sugerem buscas utilizando *playback* ao longo dos tributários dos altos cursos dos rios Juruena, Arinos, Teles Pires, Xingu, Araguaia, Ji-Paraná e Aripuanã, bem como nos tributários da margem direita do rio Paranaíba e alto rio Paraná nos estados de Goiás e Mato Grosso do Sul. Habitat alagados devem ser prioridade nestas buscas, porém outros *habitat* também deveriam ser amostrados³³¹.

É necessário estimar o tamanho da população que ocorre na Serra do Cachimbo e refinar as estimativas das demais populações, além de pesquisar potenciais diferenças (genéticas, morfológicas e comportamentais) entre as três populações conhecidas da espécie.

É urgente também o monitoramento do estado das populações da espécie nas áreas afetadas e vizinhas ao empreendimento “Complexo Hidrelétrico do Juruena” ou qualquer outro empreendimento hidrelétrico onde a espécie esteja presente, para que se averigue o grau de resiliência que a espécie apresenta frente à ocupação de seu *habitat*.

Nemosia rourei Cabanis, 1870

Danielle Custódio Leal, Fernanda Pinto Marques & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: saíra-apunhalada



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) D

Justificativa

Nemosia rourei é endêmica do sudeste do Brasil, com distribuição original para Espírito Santo e Minas Gerais. Os registros atuais restringem-se a apenas duas localidades no Espírito Santo. A população é fragmentada e não há mais que 50 indivíduos maduros. Dessa forma, *N. rourei* foi avaliada como Criticamente em Perigo (CR) D.

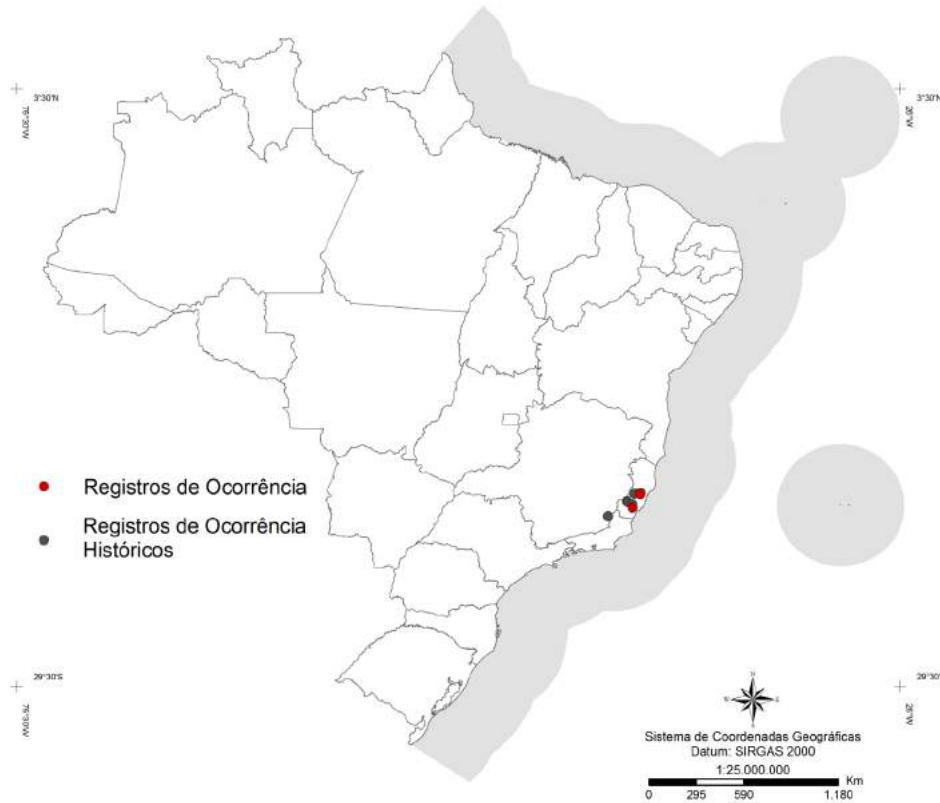
Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1161}	CR B1ab(i)+2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,442}	Espírito Santo: CR Minas Gerais: CR
Avaliação global ²⁹⁰	CR B1ab(i,ii,iii,v); C2a(ii); D



Distribuição geográfica

Endêmica do sudeste do Brasil, com distribuição original para Espírito Santo e Minas Gerais¹¹⁶¹. Atualmente são conhecidos registros em apenas duas localidades (Vargem Alta e Santa Teresa), ambas no Espírito Santo (oficina de avaliação). Sua distribuição é fragmentada⁵⁶³.



História natural

Habita florestas úmidas e densas de montanha. Há registros esporádicos em plantações de café, eucalipto e *Pinus* spp. em altitudes entre 850 e 1.250 m. Alimenta-se de lagartas, borboletas e formigas, além de outros pequenos artrópodes. Há registro de indivíduos com mais de seis anos de idade. É encontrada em pequenos grupos e faz parte de bandos mistos de copa. Aparentemente, é mais insetívora do que frugívora: captura pequenos invertebrados procurando-os ativamente entre a vegetação¹¹⁶¹.

População

Considerada rara, em declínio e pouco conhecida. A espécie não foi vista por mais de 15 anos, temendo-se que estivesse extinta⁵⁶³. Aparentemente, sempre foi uma espécie muito rara; em 2008, censos indicavam que a população total não atinja 20 indivíduos¹¹⁶¹. Atualmente, a população é fragmentada e pode-se afirmar, com segurança, que não há mais que 50 indivíduos maduros (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* foi o principal fator que contribuiu para a quase extinção desta espécie. No leste mineiro e no Rio de Janeiro, as florestas submontanas foram severamente alteradas para dar lugar às plantações de café. No Espírito Santo, ainda existem fragmentos de maiores proporções¹¹⁶¹. Outras ameaças que levaram à perda de *habitat* foram: pedreiras, extração ilegal de palmeiras e exploração da madeira⁵⁶³. Atualmente, o reduzido tamanho populacional é o maior entrave para a conservação da espécie (oficina de avaliação).



Ações de conservação

Existentes

Em 2010, o governo do Espírito Santo assinou um decreto reconhecendo dez corredores ecológicos como áreas prioritárias para conservação da biodiversidade, com o objetivo de reconectar os remanescentes de Mata Atlântica por meio de Ações de conservação e restabelecimento das florestas, promovendo atividades sustentáveis e manejo adequado do solo. Esta espécie tem sido adotada como o símbolo da região, aumentando assim sua visibilidade e contribuindo para campanhas de conservação das florestas⁵⁶³.

Nemosia rourei está contemplada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Recomenda-se que as matas das fazendas Pindobas IV e Caetés sejam transformadas em RPPN¹¹⁶¹.

Presença em unidades de conservação

Espírito Santo: REBIO Augusto Ruschi¹¹⁶¹.

Pesquisas

Recomendam-se buscas por novas populações nos fragmentos de floresta adjacentes às fazendas Pindobas IV e Caetés, na região de Conceição do Castelo, na REBIO Augusto Ruschi e em novas áreas de Minas Gerais e Rio de Janeiro, nas matas entre 900 e 1.200 m de altitude, utilizando a gravação das vocalizações da espécie como uma ferramenta auxiliar na busca. São importantes ainda o monitoramento das populações e estudos sobre a história natural e ecologia da espécie¹¹⁶¹.

Tangara velia signata (Hellmayr, 1905)

Alexandre Aleixo, Nárgila G. de Moura & Alexander Charles Lees

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: saíra-diamante



Foto: Pablo Cerqueira

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) A2c

Justificativa

Tangara velia signata é endêmica do Brasil, restringindo-se ao Centro de Endemismo Belém e Ilha



do Marajó. Necessita de grandes áreas de floresta preservada para sobreviver. Estas regiões estão entre as que sofreram o maior desmatamento da Amazônia, de modo que o táxon já perdeu cerca de 75% de sua área original. Considerando que a maior parte desta alteração ocorreu nas duas últimas décadas, suspeita-se que o declínio populacional tenha sido, no mínimo, de 30% em três gerações passadas (15 anos). Por estas razões, *T. v. signata* foi categorizada como Vulnerável (VU) A2c.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴³	Pará: EN
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

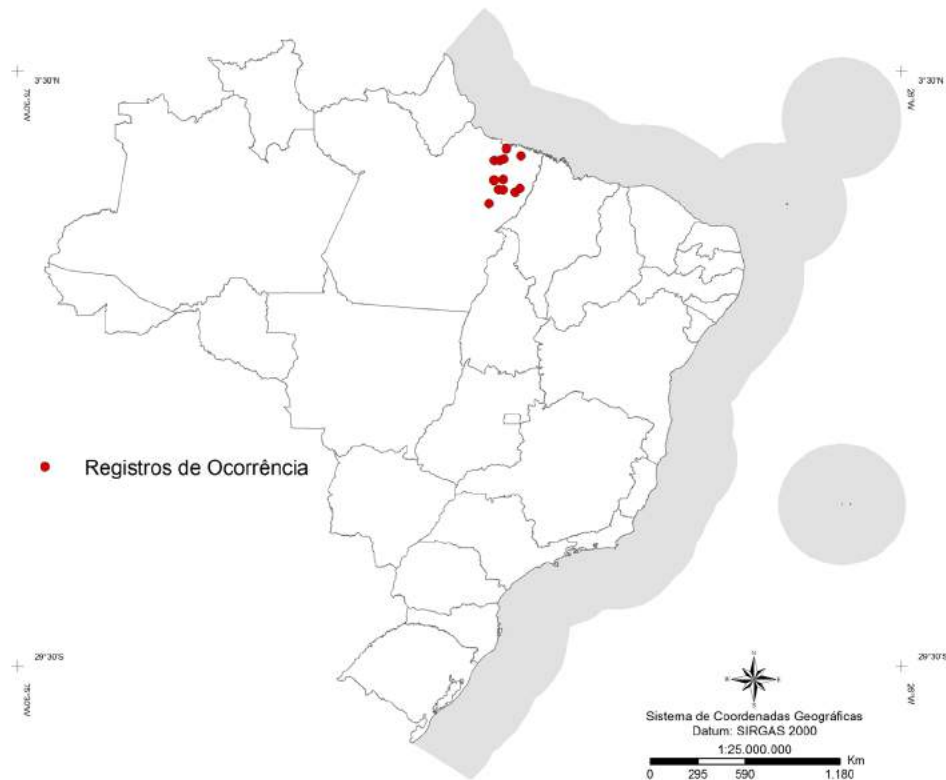
Tanagrella velia signata Hellmayr, 1905.

Notas taxonômicas

A variação em caracteres de plumagem entre as várias subespécies de *T. velia*⁷⁰, inclusive *T. v. signata*, é bastante significativa, o que pode justificar o tratamento deste último táxon como espécie independente⁷⁰. Estes autores concluíram que o táxon *signata* distribui-se a oeste, pelo menos desde a margem oeste do rio Madeira até o Centro de Endemismo Belém, embora espécimes com a característica frente de cor amarelo-esverdeada que diagnostica este táxon sejam encontrados unicamente no Centro de Endemismo Belém e Ilha do Marajó (dados de literatura^{552,556,644} e espécimes no MPEG e MZUSP). Já indivíduos do vizinho Centro de Endemismo Xingu não têm amarelo na frente, não pertencendo, portanto ao táxon *signata*. Para complicar o padrão geral de variação geográfica no caráter coloração da frente, indivíduos do Amapá e Guiana Francesa, supostamente atribuídos ao mesmo táxon (*velia*), possuem frente azul claro⁷⁰ e amarela, respectivamente (esta última tida como o caráter diagnóstico de *signata*). Futuros estudos sistemáticos e filogeográficos poderão delimitar melhor a distribuição geográfica do táxon *signata*, bem como avaliar seu grau de independência evolutiva em relação a outros táxons considerados subespécies de *Tangara velia*.

Distribuição geográfica

Ocorre no Centro de Endemismo Belém, entre a margem leste do rio Tocantins e o Maranhão e também na Ilha do Marajó (dados de literatura^{552,556} e espécimes no MPEG e MZUSP).



História natural

Utiliza florestas úmidas, principalmente de terra firme, frequentando também as bordas. Forrageia em pequenos bandos monoespecíficos com 5-6 indivíduos, em média, podendo chegar a até 15 indivíduos. Percorrem o dossel, às vezes em companhia de outras espécies participantes de bandos mistos de dossel, podendo ocasionalmente descer ao sub-dossel ou ainda mais próximo ao solo, caso haja alguma árvore com frutos adequados. Procura insetos na folhagem e nos galhos. Forrageia ao longo de galhos grossos (5 cm de diâmetro), verificando cuidadosamente toda a sua superfície, inclusive a inferior, inspecionando também com frequência epífitas. Os ovos são descritos como brancos, densamente marcados com manchas cinza-escuras⁶⁴⁴. Necessita de grandes áreas de floresta preservada para sobreviver (oficina de avaliação).

População

Em levantamentos recentes, o táxon foi encontrado em apenas três localidades de um total de nove sítios amostrados no Centro Belém, sempre em florestas em bom estado de conservação e relativamente contínuas⁹⁶⁵. Em um levantamento de cinco meses no município de Paragominas, em agosto-novembro de 2010 e maio 2011, *T. v. signata* foi registrada nove vezes, em cinco microbacias das dezoito estudadas, apenas em transectos de floresta primária (tanto intactas, quanto queimadas e/ou afetadas por corte seletivo)⁷¹¹.

Considerando que a maior parte da perda de *habitat* ocorreu nas duas últimas décadas, suspeita-se que o declínio populacional deste táxon tenha sido, no mínimo, de 30% em três gerações passadas (15 anos) (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças são: perda, fragmentação e degradação devido à exploração madeireira e



expansão agropecuária. Sua área de distribuição está dentre as que sofreram o maior desmatamento da Amazônia. Estima-se que o táxon já perdeu cerca de 75% de sua área original (oficina de avaliação).

Embora essa espécie seja reportada como tolerante a florestas secundárias⁶⁴⁴, *T. v. signata* não foi encontrada neste tipo de ambiente durante um levantamento de cinco meses no município de Paragominas⁷¹¹ (A.C. Lees & N.G. Moura, dados não publicados).

Ações de conservação

Existentes

Tangara velia signata está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia, cujos objetivos principais são: reduzir a perda e degradação de *habitat* e o declínio populacional das espécies-alvo⁶²⁸.

Necessárias

a) intensificação das medidas que garantam a real proteção das unidades de conservação existentes: isto inclui desde o reforço das atividades de fiscalização até a ocupação institucional de fato das unidades, tanto pelas equipes gestoras da UC quanto pelas instituições de pesquisa;

b) criação de unidades de conservação novas;

c) reflorestamento com espécies nativas e recuperação de florestas;

d) criação de corredores que comuniquem os remanescentes florestais;

e) racionalização dos projetos de desenvolvimento que incluem desmatamento, de maneira que não se desmate sem qualquer controle no primeiro momento para depois implantar o projeto de plantio, pecuária, indústria ou infraestrutura, como frequentemente ocorre no leste do Pará e no Maranhão;

f) desenvolvimento de uma política efetiva de prevenção e controle de incêndios.

Presença em unidades de conservação

Maranhão: REBIO do Gurupi.

Pesquisas

Existentes

Existem projetos de levantamento de avifauna tanto no Pará quanto no Maranhão, envolvendo área de distribuição deste táxon.

Necessárias

a) levantamento de dados de densidade populacional, com acompanhamento cronológico (prolongação das séries de dados) das tendências populacionais em médio prazo, comparando áreas de distribuição ao longo do tempo;

b) caracterização efetiva da tolerância da espécie a alterações de intensidade média do *habitat*;

c) realização de um estudo sistemático e taxonômico que esclareça o *status* evolutivo dos diferentes táxons agrupados dentro da suposta espécie biológica politípica *Tangara velia*, inclusive *T. v. signata*.

Esse estudo deve elucidar exatamente quais são as unidades evolutivas em *Tangara velia* merecedoras de ações imediatas e prioritárias de conservação.



Tangara fastuosa (Lesson, 1831)

Vítor de Queiroz Piacentini

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: pintor-verdadeiro



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Tangara fastuosa é endêmica da região nordeste do Brasil. Ocorre em áreas amostradas com frequência por diversos ornitólogos, de modo que é seguro dizer que o tamanho total da população é menor que 10.000 indivíduos maduros. A população é severamente fragmentada e há menos de 1.000 indivíduos em cada uma delas. Há declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de *habitat*. Por essas razões, *T. fastuosa* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1162}	VU B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²⁵⁶	VU A2cd+3cd+4cd; B1ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Tanagra fastuosa Lesson, 1831.

Distribuição geográfica

Ocorre no nordeste do Brasil (Rio Grande do Norte a Alagoas)⁵²⁸. Registrada em 106 localidades nesses quatro estados. Sua extensão de ocorrência foi calculada em 45.379,53 km². Está restrita a diversos fragmentos florestais isolados, em sua maioria pequenos¹¹⁶².



História natural

Originalmente, era encontrada nas matas costeiras e em alguns “brejos” do interior do nordeste¹¹⁶². Ocorre em altitudes que variam de 160 a 1.067 m, no interior e borda de florestas primárias e secundárias; ocupa os estratos médio e alto da mata; adapta-se a certas alterações de *habitat*.

Alimenta-se de frutos (especialmente *Miconia* spp., *Cecropia* spp., *Schefflera morototoni* e bromélias) e artrópodes capturados na folhagem e nos próprios frutos; ocasionalmente, consome flores (Myrtaceae)¹⁰¹⁴; encontrado aos pares, em grupos monoespecíficos ou com *Tangara cyanocephala* e em bandos mistos de frugívoros e insetívoros^{1014,1017,1119}.

Atinge a maturidade aos 12 meses de vida; são territoriais no período reprodutivo. Atravessa distâncias de até cerca de 500 m entre fragmentos de mata e frequenta jardins arborizados próximos a florestas¹⁰¹⁴. Entretanto, a fragmentação severa de seu *habitat* parece refletir em fragmentação da população, tendo em vista que os fragmentos atuais são em sua maioria pequenos e muito distantes entre si.

População

Considerada incomum a rara; em declínio em toda sua pequena área de distribuição⁵⁶³. Silveira *et al.*¹¹¹⁹ relatam contagens locais de não mais do que 15 indivíduos para vários fragmentos florestais de Pernambuco e Alagoas.

Embora não haja dados populacionais oriundos de censos, a área de distribuição da espécie é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total de *T. fastuosa* é menor que 10.000 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 1.000 deles em cada subpopulação (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a redução de *habitat* pela conversão de florestas em pastagens e plantações de



cana-de-açúcar¹⁰¹⁷, sendo que restam apenas 2% da Mata Atlântica original no nordeste brasileiro¹¹¹⁹. Também há perda da qualidade de *habitat* pelo plantio de culturas de subsistência, extração de lenha e caça¹⁰¹⁷. A espécie é vítima frequente do comércio ilegal de animais silvestres, o que representa uma ameaça adicional^{563,928,929}.

Ações de conservação

Existentes

Tangara fastuosa está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

Para garantir sua preservação, sugere-se que as unidades de conservação nas quais há registro da espécie sejam efetivamente implantadas e que as áreas limítrofes a essas unidades sejam priorizadas para a criação de outras UCs^{1014,1162}.

Exemplares de cativeiro reproduzem-se com certa facilidade, sendo possível utilizar-se disso para o repovoamento¹⁰¹⁴. O combate efetivo à captura e comércio de animais silvestres na região também configura importante ação para a preservação desta espécie¹¹⁶².

Presença em unidades de conservação

Rio Grande do Norte: PE Dunas de Natal¹¹⁶²;

Paraíba: PE Mata do Pau Ferro¹¹⁶²;

Pernambuco: ESEC Charles Darwin¹¹⁶², REVIS das Matas do Sistema Gurjaú¹¹⁶², PE Dois Irmãos¹⁰¹⁴, ESEC do Tapacurá¹⁰¹⁴, REBIO de Saltinho¹¹⁶², APA de Guadalupe¹⁰⁴⁴, RPPN Fazenda Bituri¹⁰¹⁴, RPPN Frei Caneca¹¹⁶²;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada¹¹⁶²;

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹.

Pesquisas

São necessárias pesquisas que ampliem o conhecimento sobre a história natural da espécie e que monitorem seus sítios de ocorrência¹⁰¹⁴.



Tangara cyanocephala cearensis Cory, 1916

Vitor de Queiroz Piacentini

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: saíra-militar



Foto: Cristine Prates

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Tangara cyanocephala cearensis é endêmica do estado do Ceará, no nordeste do Brasil. A área de ocupação do táxon foi estimada em cerca de 260 km². A população é considerada severamente fragmentada e há declínio continuado do número de indivíduos. Entretanto, o táxon é razoavelmente comum em sua área de distribuição e não é muito exigente quanto ao *habitat*, ocupando áreas levemente alteradas. Apesar de qualificar para a categoria Em Perigo (EN), *T. c. cearensis* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério B2ab(ii,iii), pois a situação da espécie não é tão crítica quanto sugere a sua pequena área de ocupação.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{502,814}	EN B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Notas taxonômicas

Diferenças na plumagem e uma distribuição restrita sugerem que este táxon represente uma espécie distinta, mas são necessários mais estudos para comprovar esse fato⁵⁰².

Distribuição geográfica

Táxon endêmico do Ceará, no nordeste do Brasil⁵²⁸. Ocorre exclusivamente nas serras cearenses de Baturité, Aratanha e Maranguape, que somam cerca de 260 km² de florestas⁵⁰², sendo esta área equivalente à sua área de ocupação atual (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa florestas serranas do Ceará e plantações de café sombreadas por floresta, lavouras similares e sítios, chegando a nidificar nesses locais, o que demonstra que não é muito exigente quanto à qualidade do *habitat*⁵⁰².

Normalmente observada acima dos 500 m de altitude, onde a temperatura é mais amena e existe maior oferta de frutos⁵⁰², que juntamente com insetos fazem parte de sua dieta⁵⁶³. Ocorre solitário ou aos pares. É residente⁵⁶³.

População

Embora a população de *T. c. cearensis* seja severamente fragmentada e haja declínio continuado do número de indivíduos maduros, o táxon é razoavelmente comum em sua área de distribuição (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

São ameaças o tráfico de animais silvestres, destruição e fragmentação de *habitat* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰.

Necessárias

- manutenção das florestas das serras cearenses;
- criação de unidades de conservação de proteção integral em Maranguape e Aratanha;



c) união de proprietários de florestas na Serra de Baturité visando a criação de uma rede de reservas particulares;

d) cautela na autorização de criadouros locais de aves exóticas na região das serras cearenses, uma vez que essa atividade impõe risco constante para as aves nativas, inclusive para *T. c. cearensis*, podendo transmitir doenças e trazer desequilíbrios decorrentes de eventuais fugas⁵⁰². O combate ao tráfico de animais silvestres parece ser a medida mais importante para a conservação de *T. c. cearensis*.

Presença em unidades de conservação

Ceará: APA Estadual da Serra da Aratanha⁵⁰², APA Estadual da Serra de Baturité⁵⁰², APA Municipal de Maranguape⁵⁰², RPPN Monte Alegre⁵⁰².

Pesquisas

Levantamentos populacionais são importantes para melhor subsidiar as avaliações de risco de extinção do táxon. A revisão da taxonomia do grupo é igualmente relevante, além de busca por novas populações em serras próximas que abrigam matas úmidas.

Tangara peruviana (Desmarest, 1806)

Vítor de Queiroz Piacentini

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: saíra-sapucaia



Foto: Carlos Gussoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B1ab(iii)

Justificativa

Tangara peruviana é endêmica do sul e sudeste do Brasil, ocorrendo do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul. Há um registro recente para a Bahia. É migratória em algumas regiões e residente em outras. Sua área reprodutiva parece estar restrita aos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Considerada rara e local; a população global estimada é de menos de 10.000 indivíduos e encontra-se em declínio e fragmentada. Sua extensão de ocorrência (EOO) foi calculada em 19.394 km². Há declínio continuado de qualidade de *habitat* devido à expansão imobiliária, perturbação antrópica e fogo. Dessa forma, *T. peruviana* foi avaliada como Vulnerável (VU) B1ab(iii).



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,441,444}	São Paulo: Ameaçada Santa Catarina: EN Rio Grande do Sul: EN
Avaliação global ²²³	VU A2c+3c+4c; C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Tanagra peruviana Desmarest, 1806; *Calliste melanonota* Sclater, 1886.

Notas taxonômicas

Historicamente já foi tratada também como espécie politépica, incluindo *T. preciosa*.

Distribuição geográfica

Endêmica do sul e sudeste do Brasil, com registros regulares do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul^{563,1289}. Há um registro recente para a Bahia⁶². Seu padrão de ocorrência é bastante complexo. Aparece como migrante durante o inverno austral no Rio de Janeiro, Espírito Santo e, eventualmente, Bahia e Minas Gerais⁴⁶¹. Todavia, ao contrário do esperado, continua presente no sul de sua distribuição mesmo no inverno, sendo aparentemente residente em áreas litorâneas de Santa Catarina⁸³⁸. Por observação direta⁷¹⁴ e inferência a partir da presença da espécie ao longo de todo o ano, assume-se que a área reprodutiva de *T. peruviana* compreende o litoral de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Assim sendo, utilizou-se esta área para cálculo da extensão de ocorrência (EOO) de *T. peruviana*, através do mínimo polígono convexo (MPC), resultando em 19.394 km² (oficina de avaliação).





História natural

Habita florestas costeiras, restinga, bordas de mata, florestas secundárias, jardins, pomares e vegetação ao longo de córregos. Ocorre na planície costeira. Fora do período reprodutivo alguns indivíduos podem, eventualmente, aparecer em áreas montanas como a Serra da Mantiqueira¹²⁹⁰. Alimenta-se de frutos e artrópodes⁵⁶³. Pouco se sabe sobre a dinâmica migratória da espécie.

População

Considerada rara. A população global estimada é de menos de 10.000 indivíduos e encontra-se em declínio. Há flutuações locais nos números de indivíduos, aparentemente devido a movimentos sazonais. A população é considerada severamente fragmentada (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A principal ameaça é a perda de *habitat*, especialmente de restinga, devido à expansão imobiliária e a instalações turísticas; a captura para comércio ilegal também é uma ameaça⁵⁶³.

Ações de conservação

A espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Espírito Santo: PE Paulo César Vinha¹²⁸⁹;

Rio de Janeiro: ESEC de Tamoios⁵⁹², PARNA da Tijuca⁶⁰⁰, PARNA da Restinga de Jurubatiba¹²⁸⁹, PE do Desengano¹¹⁷, Parque Natural Municipal de Marapendi¹²⁸⁹, Parque Natural Municipal de Grumari¹²⁸⁹, Parque Natural Municipal Chico Mendes¹²⁸⁹, Parque Natural Municipal Bosque da Barra¹²⁸⁹, REBIO de Poço das Antas⁹⁰⁸;

São Paulo: ESEC de Jureia-Itatins¹¹⁷, PE da Serra do Mar¹¹⁷, PE de Ilhabela¹¹⁷;

Paraná: APA de Guaratuba¹¹⁷, RPPN Salto Morato¹²¹⁶;

Santa Catarina: ESEC de Carijós⁴²⁶, PE da Serra do Tabuleiro¹²⁸⁹.

Pesquisas

É necessária melhor compreensão das tendências populacionais e da distribuição sazonal da espécie⁵⁶³.



Sporophila frontalis (Verreaux, 1869)

Suylane Barbalho de Lima Silva, Danielle Custódio Leal & Fernanda Pinto Marques

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: pixoxó



Foto: Cal Martins

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Sporophila frontalis ocorre no Paraguai, Argentina e Brasil, da Bahia ao Rio Grande do Sul. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros, no Brasil, com declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações (cerca de 15 anos) devido, principalmente, à grande pressão de captura. Dessa forma, *S. frontalis* foi avaliada como Vulnerável (VU) C1.

Outras avaliações

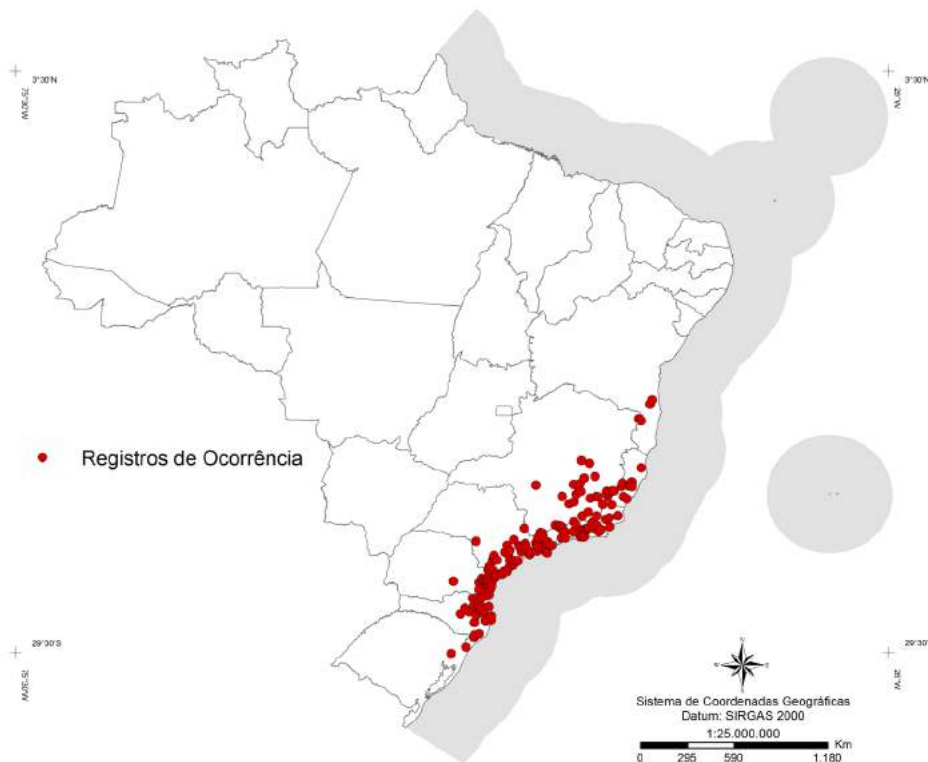
Avaliação nacional anterior ^{342,814}	VU B2ab(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,439,441,442,443a,444}	Espírito Santo: CR Minas Gerais: EN Rio de Janeiro: EN São Paulo: Ameaçada Paraná: VU Santa Catarina: VU Rio Grande do Sul: RE
Avaliação global ²²⁴	VU A2cd+3cd+4cd; C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Callirhynchus frontalis Verreaux, 1869.

Distribuição geográfica

Ocorre no leste do Paraguai, nordeste da Argentina e Brasil, da Bahia ao Rio Grande do Sul⁶⁴⁸. Extinto em Boa Nova, Bahia, devido à pressão de captura (R.A.S. Santos, com. pess., 2013). Extinto também no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais (S. D'Angelo-Neto, com. pess., 2013) e no Rio Grande do Sul (G.A. Bencke, com. pess., 2013), onde não há registro desde o século XIX⁶⁴⁸. Também houve extinções em outras localidades ao longo da Mata Atlântica do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná³⁴² e Santa Catarina¹²¹⁵; possivelmente extinta no Paraguai³⁴².



História natural

Ocupa florestas úmidas de baixo crescimento e bordas e clareiras arbustivas adjacentes à floresta⁶⁴⁸; ocorre no interior de matas densas, podendo ser encontrado em áreas com taquarais, vegetação secundária e campos cultivados de arroz; aparece em áreas urbanas, sendo frequentemente observado em alguns municípios do litoral do Paraná³⁴². Ocorre de 100 a 1.500 m de altitude. Alimenta-se de grande variedade de sementes, especialmente de bambu, da qual é dependente. Quando não há disponibilidade de sementes, alimenta-se de grandes insetos. É nômade em relação à busca de sementes de bambu, mas permanece dentro de uma certa área ao longo do ano⁶⁴⁸.

Busca frutificação de espécies nativas dos gêneros *Merostachys*, *Bambusa* e *Chusquea*. É especializado no consumo de sementes dessas espécies, que frutificam abundantemente em intervalos regulares de poucos anos até algumas décadas, atraindo centenas de aves de diversas espécies, que utilizam esse recurso como importante fonte alimentar. Por ocasião da frutificação dessas plantas, os pixoxós entram em intensa atividade reprodutiva³⁴².

É dependente de coberturas florestais e possui média sensibilidade a perturbações ambientais.

População

Entre 1880 e início de 1980, a espécie era considerada localmente comum, formando bandos de milhares de indivíduos. Entretanto, desde o fim do século XIX, a população entrou em um rápido declínio, devido ao desmatamento, sendo hoje considerada incomum ou rara⁶⁴⁸. Sua população global é estimada entre 2.500 e 9.999 indivíduos, estando provavelmente em declínio²⁵⁸.

Há registros da espécie em grande concentração devido à frutificação explosiva de taquaras do gênero *Chusquea*, como em 2009, na Fazenda do Pinhão Assado (Itamonte, Minas Gerais)⁷³⁹.

Estima-se que a população brasileira seja menor que 10.000 indivíduos maduros e que haja declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações (cerca de 15 anos) devido, principalmente, à grande pressão de captura (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

As principais ameaças são: desmatamento da Mata Atlântica e tráfico de animais silvestres^{477,513,648}.

Ao lado de *S. falcirostris*, é uma das espécies mais representativas em cativeiro no litoral do Paraná. Somente no primeiro semestre de 2005, um centro de triagem de animais silvestres no Paraná recebeu mais de 500 indivíduos apreendidos no comércio ilegal, em sua maioria recém-capturados na natureza e provenientes da região litorânea paranaense³⁴².

Os pesticidas utilizados em arrozais próximos a área de ocorrência da espécie também podem afetar as populações de *S. frontalis*³⁴².

Ações de conservação

Existentes

Sporophila frontalis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Ameaçadas e de Importância Socioeconômica do Ecossistema Manguezal^{629a}.

Necessárias

São consideradas importantes ações para a conservação da espécie: a) intensificação na fiscalização para coibir alterações ambientais e a captura e comércio ilegal de *S. frontalis*^{342,763,1215}; b) melhoria no manejo de unidades de conservação na área de ocorrência da espécie^{342,1215}; c) estabelecimento de programas de conservação *ex situ* utilizando exemplares oriundos do tráfico ilegal para criação em cativeiro, visando à obtenção de um banco genético e possíveis reintroduções em áreas naturais^{342,763}; d) desenvolvimento de programas de educação ambiental voltados à conservação da espécie^{342,1215}.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Serra das Lontras¹¹¹⁴, REBIO de Una⁶⁴⁸;

Espírito Santo: REBIO Augusto Ruschi³⁴², REBIO de Sooretama³⁴²;

Espírito Santo/Minas Gerais: PARNA de Caparaó⁶⁰¹;

Minas Gerais: PE Serra do Brigadeiro³⁴², REBIO Municipal Poço d'Anta⁷⁷⁷;

Minas Gerais/Rio de Janeiro: PARNA de Itatiaia³⁴²;

Rio de Janeiro: APA de Petrópolis⁵⁹⁷, PARNA da Serra dos Órgãos³⁴², PE do Desengano³⁴², REBIO de Poço das Antas¹⁰⁷, PARNA da Tijuca⁶⁰¹;

São Paulo: PE de Jacupiranga³⁴², PE Intervalles³⁴², PE de Ilhabela⁷⁶³, ESEC Jureia-Itatins⁷⁶³, PE da Serra do Mar⁷⁶³, PE da Ilha do Cardoso³⁴²;

Rio de Janeiro/São Paulo: PARNA da Serra da Bocaina⁵⁸²;

Paraná: APA de Guaraqueçaba³⁴², APA Estadual de Guaratuba¹²¹⁵, ESEC do Guaraguaçu¹²¹⁵, Floresta Estadual do Palmito¹²¹⁵, PE da Graciosa³⁴², PARNA de Saint-Hilaire/Lange¹²¹⁵, PE das Lauráceas¹²¹⁵, PE do Boguaçu¹²¹⁵, PE do Pico Marumbi³⁴², PE do Rio da Onça¹²¹⁵, PE Serra da Baitaca¹²¹⁵, PE Pico Paraná³⁴², RPPN Estadual Reserva Natural Salto Morato¹²¹⁵;

Santa Catarina: ESEC de Carijós⁴²⁶, PARNA da Serra do Itajaí^{60a}.

Pesquisas

São necessários estudos detalhados sobre a biologia, distribuição e tamanho das populações, *habitat*, exigências ecológicas e sua relação com a floração/frutificação de taquaras³⁴².



Sporophila falcirostris (Temminck, 1820)

Fernanda Pinto Marques, Danielle Custódio Leal & Suylane Barbalho de Lima Silva

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: cigarra-verdadeira



Foto: Cal Martins

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Sporophila falcirostris ocorre no Paraguai, Argentina e Brasil, da Bahia ao Rio Grande do Sul. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros, sendo que há declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações (cerca de 15 anos) devido, principalmente, à grande pressão de captura. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população oriunda de outros países. Dessa forma, *S. falcirostris* foi avaliada como Vulnerável (VU) C1.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{343,814}	VU C2ab(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,439,441,442,443a}	Espírito Santo: CR Minas Gerais: EN Rio de Janeiro: EN São Paulo: Ameaçada Paraná: VU Santa Catarina: EN
Avaliação global	VU A2cd+3cd+4cd; C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Pyrrhula falcirostris Temminck, 1820.

Distribuição geográfica^{[P]_{SÉP}}

Ocorre no extremo leste do Paraguai, nordeste da Argentina e Brasil, de Santa Catarina ao sul da Bahia⁶⁴⁹.



História natural

Habita florestas secundárias e bordas, onde haja abundância de bambus no sub-bosque⁶⁴⁹. Vive no interior de matas densas, mas pode ser encontrada em bordas de mata, campos alagados, veredas, restingas⁷⁶⁴ e, pontualmente, na floresta ombrófila mista (floresta com araucária)³⁴³. É especialista em bambuzais, porém, aceita *habitat* com a ciperácea *Hypolytrum* spp. Ocorre do nível do mar a 1.200 m de altitude⁶⁴⁹.

Alimenta-se principalmente de sementes de bambu, algumas vezes de semente de *Hypolytrum* spp. e, ocasionalmente, de insetos. É nômade, movimentando-se em busca de sementes de bambu, dentro de uma certa área. Pode desaparecer por anos, enquanto não houver sementes de bambu na localidade⁶⁴⁹. Eventualmente, alimenta-se em áreas abertas, onde a mata foi derrubada, principalmente onde há *Hypolytrum*; também em áreas de agricultura, especialmente arrozais, raramente distante de áreas florestadas. Busca frutificação de taquaras nativas dos gêneros *Merostachys*, *Bambusa* e *Chusquea*³⁴³.

Realiza deslocamentos para regiões onde há frutificação de sementes, podendo se associar a *S. bouvreuil*, *S. collaris* e *S. frontalis*. É uma espécie rara que desaparece tão logo cesse a frutificação das taquaras e gramíneas⁷⁶⁴.

Não costuma habitar áreas urbanas^{343,1215}. É dependente de florestas e possui média sensibilidade a perturbações ambientais⁷⁷⁷.

O tempo geracional da espécie é estimado em 4,8 anos²²⁵.

População

Considerada rara ou incomum. Parece apresentar um pequeno e rápido declínio global da população⁶⁴⁹. Desapareceu pontualmente em diversas regiões devido à perda de *habitat* e captura ilegal¹²¹⁵.

Com base no conhecimento atual sobre a espécie e sobre sua extensão de ocorrência, área bastante amostrada por diversos pesquisadores, estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros no Brasil, sendo que há declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações devido, principalmente, à grande pressão de captura (oficina de avaliação).



Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Aparentemente, a mais séria ameaça à espécie é a excessiva captura e comércio ilegal para manutenção em cativeiro^{343,477,764,1215}. Ao lado de *S. frontalis*, esta é uma das espécies mais representativas em cativeiro no litoral do Paraná¹²¹⁵.

Outros fatores que podem ameaçar a sobrevivência da espécie são: perda de *habitat* florestais (supressão e fragmentação)^{343,764,1215} e ação de pesticidas em arrozais próximos a essas áreas³⁴³.

Ações de conservação

Existentes

Sporophila falcirostris está contemplada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹ e no Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Ameaçadas e de Importância Socioeconômica do Ecossistema Manguezal^{629a}.

Necessárias

- a) intensificação na fiscalização, coibindo perda de *habitat*, captura e comércio ilegal da espécie;
- b) melhoria no manejo de unidades de conservação que abrigam a espécie;
- c) desenvolvimento de programas de educação ambiental^{343,764,1215};
- d) programas de conservação *ex situ* utilizando exemplares oriundos do tráfico ilegal para criação em cativeiro, visando à obtenção de um banco genético e possíveis reintroduções em áreas naturais^{343,764}.

Presença em unidades de conservação

Bahia: PARNA da Serra das Lontras, PARNA de Boa Nova, REBIO de Una, REVIS de Boa Nova, RPPN Ecoparque de Una, RPPN Fazenda Ararauna;

Espírito Santo: REBIO Augusto Ruschi;

Espírito Santo/Minas Gerais: PARNA de Caparaó;

Minas Gerais: RPPN dos Feixos, RPPN Usina Mauricio;

Minas Gerais/Rio de Janeiro: PARNA do Itatiaia;

Rio de Janeiro: APA da Bacia do Rio Macacu, APA de Petrópolis, PARNA da Serra dos Órgãos, PARNA da Tijuca, PE do Desengano, REBIO de Poço das Antas, REBIO do Tinguá, RPPN CEC/Tinguá, RPPN Fattoria Grigia, RPPN Fazenda Barra do Sana, RPPN Fazenda Córrego da Luz, RPPN Fazenda Limeira, RPPN Fazenda São Geraldo, RPPN Gleba O Saquinho de Itapirapuá, RPPN Maria Francisca Guimarães, RPPN Morro Grande, RPPN Pedra Amarilis, RPPN Reserva Ecológica Metodista Ana Gonzaga, RPPN Sítio Granja São Jorge, RPPN Sítio Paiquerê;

São Paulo: APA Campos do Jordão, APA de Cananeia-Iguapé-Peruíbe, APA Ilha Comprida, APA Marinha do Litoral Sul, APA Sapucaí Mirim, APA Serra do Mar, APA Sistema Cantareira, ESEC de Xitué, ESEC Jureia-Itatins, PE da Ilha do Cardoso, PE da Serra do Mar, PE de Ilhabela, PE Intervalles, RPPN Fazenda San Michele, RPPN Fazenda Silvo Agro-Pastoril Gonçalves, RPPN Morro do Curussu Mirim, RPPN Reserva Rizzieri, RPPN Sítio Capuavinha, RPPN Sítio Curucutu, RPPN Sítio do Jacu, RPPN Toque Toque Pequeno;

Paraná: APA de Guaraqueçaba, APA Estadual de Guaratuba, ESEC do Guaraguaçu, Floresta Estadual do Palmito, PE da Graciosa, PE das Lauráceas, PE do Boguaçu, PE do Pico Marumbi, PE do Rio da Onça, RPPN Fazenda Monte Alegre, PARNA do Iguacu, PARNA de Saint-Hilaire/Lange;

Santa Catarina: RPPN Caetetal, RPPN Parque Ecológico ARTEX, RPPN Fazenda Palmital.

Pesquisas

É necessária a realização de estudos sobre a biologia, *habitat*, exigências ecológicas, relação da espécie com a floração/frutificação de taquaras e distribuição e tamanho das populações³⁴³.



Sporophila beltoni Repenning & Fontana, 2013

Gustavo Malacco

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: patativa-tropeira



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Sporophila beltoni reproduz do norte do estado do Paraná ao nordeste do Rio Grande do Sul. Inverna para o norte, em áreas de Cerrado, chegando à divisa entre Bahia e Goiás. Estima-se que haja cerca de 9.000 indivíduos maduros no Brasil, sendo que há declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações devido à grande pressão de captura e perda de *habitat*. Dessa forma, *S. beltoni* foi avaliada como Vulnerável (VU) C1.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior	Não consta
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{439,444}	Santa Catarina*: CR Rio Grande do Sul*: EN
Avaliação global	Não consta

*Avaliada como *Sporophila plumbea*.

Notas taxonômicas

Exemplares desta espécie foram identificados erroneamente como pertencentes à espécie *Sporophila plumbea*⁹⁸⁷.

Distribuição geográfica

Reproduz do norte do estado do Paraná ao nordeste do Rio Grande do Sul. Inverna para o norte, em áreas de Cerrado, chegando à divisa entre Bahia e Goiás (sem localidade exata). Na área reprodutiva, a distribuição de *S. beltoni* é bastante fragmentada, seguindo a distribuição natural de seu *habitat*⁹⁸⁷.



História natural

Ocupa *habitat* bem específicos durante a reprodução: campos de gramíneas com arbustos densos associados a florestas de araucárias (guamirinzal ou vassoural). Ocupa elevações que variam entre 650 e 1.700 m. Durante a migração, acompanha bandos com diversas espécies de *Sporophila*⁹⁸⁷. Utilizando-se como base *Sporophila plumbea*, espécie bastante próxima a *S. beltoni*, estima-se que o tempo geracional desta seja de 4,8 anos²²⁶.

População

Estima-se que haja cerca de 9.000 indivíduos maduros no Brasil⁹⁸⁹, sendo que há declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações devido à grande pressão de captura e perda de *habitat* (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Perda de *habitat* campestres e captura para tráfico ilegal, especialmente dos machos. A captura parece ter sido causa de extinção de algumas populações de *S. beltoni*. A perda de *habitat* ocorre tanto nas áreas reprodutivas quanto nas áreas de invernada, sendo causada principalmente pela expansão agrícola (sobretudo *Pinus* spp. e outras monoculturas) e construção de hidrelétricas⁹⁸⁷. Nas áreas de invernada do Brasil Central (Triângulo Mineiro) ocorre a substituição dos campos hidromórficos para extração de argila refratária.

Ações de conservação

Existentes

Sporophila beltoni está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788}.



Necessárias

A identificação e conservação das áreas de invernada situadas em áreas não protegidas. Sugere-se a criação de unidade de conservação nos campos hidromórficos inseridos na região de cabeceiras dos rios Uberabinha/Claro, municípios de Uberaba e Nova Ponte e ribeirão Mandaguari, no município de Indianópolis, Triângulo Mineiro.

Presença em unidades de conservação

Esta é uma espécie migratória, com áreas reprodutivas restritas, e nenhuma dessas áreas está protegidas por unidades de conservação⁹⁸⁷.

Pesquisas

É importante a realização de estudos que desvendem as rotas migratórias e os pontos de parada da espécie.

***Sporophila nigrorufa* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)**

Luis Fábio Silveira

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: caboclinho-do-sertão



Foto: Danilo Wilson da Mota

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(ii)

Justificativa

Sporophila nigrorufa ocorre no oeste do Brasil e leste da Bolívia. Atualmente, no Brasil, a espécie concentra-se em Vila Bela de Santíssima Trindade, no Mato Grosso. Essa população é residente e, embora não haja censos populacionais formais, é certo dizer que não há mais de 10.000 indivíduos maduros no Brasil e que todos pertencem a uma única subpopulação. Há declínio continuado devido à perda de campos limpos, *habitat* do qual a espécie é dependente. Assim, *S. nigrorufa* foi categorizada como Vulnerável (VU) pelo critério C2a(ii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{718,814}	VU C2a(ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²²⁷	VU A2c+3c+4c; C2a(i)

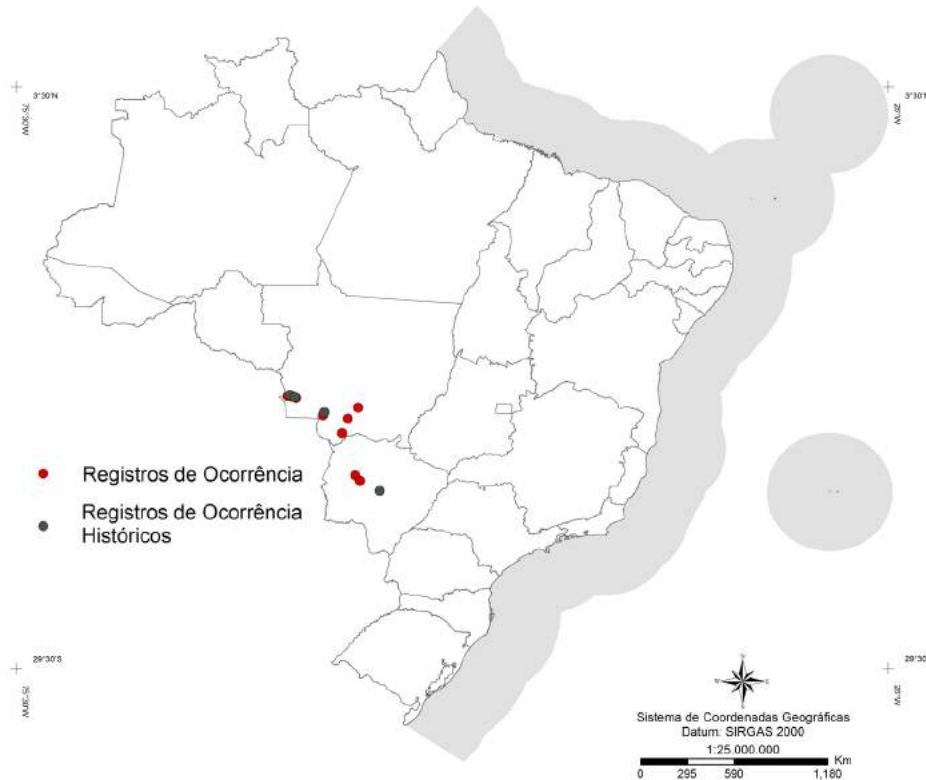


Outros nomes aplicados ao táxon

Pyrrhula nigro-rufa d'Orbigny and Lafresnaye, 1837.

Distribuição geográfica

Ocorre no leste da Bolívia e centro-oeste do Brasil⁶⁵⁰. Os registros resumem-se a poucos locais tanto na Bolívia⁶⁵⁰ quanto no Brasil⁷¹⁸. A população brasileira concentra-se especialmente em Vila Bela de Santíssima Trindade (MT), ocorrendo em áreas naturais de campos limpos (Campos do Encanto)⁷⁴⁸, que ocupam 2.740 km². Registros recentes em áreas fora de Vila Bela de Santíssima Trindade são pontuais e de um único indivíduo.



História natural

Ocorre em paisagens abertas e campos úmidos no Pantanal⁷¹⁸. Há pouca informação sobre a espécie: sabe-se que se alimenta de gramíneas e ao menos parte da população global parece ser migrante, permanecendo na Bolívia, onde supostamente se reproduz, entre outubro e dezembro e estando ausente entre julho e outubro⁶⁵⁰.

População

É rara e de ocorrência muito local; a população é pequena e parece estar em rápido declínio devido à perda de *habitat* para a agricultura. Estudos na Bolívia indicaram a densidade local de 2 indivíduos/km² na área de ocupação da espécie⁶⁵⁰. No Brasil, um censo indicou a existência de 55 indivíduos supostamente em reprodução no leste de Vila Bela de Santíssima Trindade, no Mato Grosso, em janeiro de 1988. Em julho de 1997 (fora do período reprodutivo), nesse mesmo local, foram estimados ao menos 100 indivíduos⁶⁵⁰. Utilizando-se a densidade populacional estimada para a Bolívia, a população brasileira seria de cerca de 5.480 indivíduos maduros nos 2.740 km² de área de ocupação da espécie no Brasil. Assim sendo, o tamanho da população é certamente menor que 10.000 indivíduos maduros, estando todos concentrados em uma única subpopulação (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.



Ameaças

A espécie não se adapta a ambientes alterados, sendo a destruição de *habitat* uma grande ameaça, especialmente devido à sua limitada área de distribuição. Além disso, por ser rara e pouco conhecida, a espécie pode, eventualmente, atrair atenção de colecionadores de aves. A perda de *habitat* atual ocorre principalmente devido à expansão da agricultura e pecuária sobre os campos limpos. A principal área de concentração da espécie no Brasil não é protegida.

Ações de conservação

Existentes

Sporophila nigrorufa está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal, cujos objetivos são diminuir a perda e iniciar a recuperação de *habitat*, produzindo conhecimento sobre as espécies-alvo. Este PAN pretende identificar e mapear áreas relevantes para implantação de corredores ecológicos nas áreas de ocorrência da espécie⁶³¹.

Presença em unidades de conservação

Mato Grosso: PARNA do Pantanal Matogrossense⁶⁵⁰;

Mato Grosso do Sul: RPPN Rio Negro³⁵⁷.

Pesquisas

São necessárias pesquisas que elucidem aspectos da biologia básica e de parâmetros populacionais.

Sporophila hypoxantha Cabanis, 1851

Gustavo Malacco

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: caboclinho-de-barriga-vermelha



Foto: César Medolago

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Sporophila hypoxantha é espécie migratória com padrão de deslocamento ainda pouco conhecido. Ocorre no leste da Bolívia, Paraguai, nordeste da Argentina, Uruguai e Brasil. Estima-se que, no Brasil, haja menos de 10.000 indivíduos maduros, sendo que há declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações (cerca de 15 anos) devido à grande pressão de captura, especialmente nas áreas reprodutivas do Sul do Brasil. A avaliação não é alterada quando se verifica a influência da população



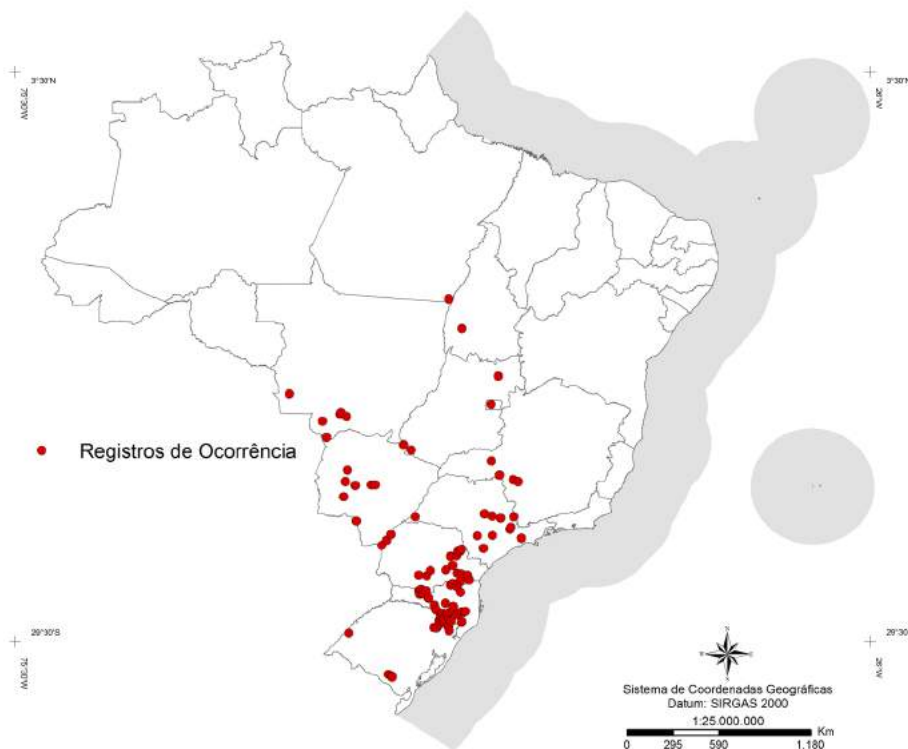
oriunda de outros países. Dessa forma, *S. hypoxantha* foi avaliada como Vulnerável (VU) C1.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{440,441,444}	São Paulo: Ameaçada Santa Catarina: VU Rio Grande do Sul: VU
Avaliação global ²²⁸	LC

Distribuição geográfica

Espécie migratória com padrão de deslocamento das populações ainda não bem conhecido⁶⁵³. Ocorre no leste da Bolívia, Paraguai, nordeste da Argentina, Uruguai e Brasil⁵²⁸. Há registros de ocorrência nas regiões sul, sudeste e centro-oeste e no sul do Pará. Recentemente, foram descobertas populações reprodutivas no Paraná (oficina de avaliação). A ampla área de distribuição no Brasil não reflete necessariamente bom estado de conservação da espécie, uma vez que muitos dos registros podem representar apenas indivíduos em trânsito.



História natural

Habita pradarias altas e úmidas, em terrenos com suaves depressões ao lado de encostas com gramíneas, em manchas de gramíneas (em estágio avançado de crescimento) ao lado de estradas, geralmente próximo a áreas alagadas ou pontos úmidos adjacentes aos campos. Alimenta-se de sementes de gramíneas⁶⁵³. O padrão de movimentação da espécie não é muito conhecido, mas sabe-se que, após a estação reprodutiva, as populações deslocam-se para o norte e centro de sua distribuição (São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins e Pará), onde se associam a outras espécies de *Sporophila*⁷⁶⁵. Suas áreas de invernagem não são claras, mas é provável que sejam no Cerrado, no centro do Brasil⁶⁵³. É espécie residente em algumas regiões da Argentina e do Paraguai⁴⁸².



O tempo geracional da espécie é estimado em 4,8 anos²²⁸.

População

População em aparente declínio no Rio Grande do Sul⁴⁸². Com base no conhecimento atual e na experiência de diversos pesquisadores que atuam na área de distribuição da espécie, estima-se que, no Brasil, haja menos de 10.000 indivíduos maduros, sendo que há declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações devido à grande pressão de captura, especialmente nas áreas reprodutivas do Sul do Brasil (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda de *habitat* é a principal ameaça à espécie, seja ela pelo cultivo de soja e girassol, pela pecuária ou pelas queimadas frequentes *Sporophila hypoxantha*. A captura e o tráfico também representam ameaças, especialmente nas áreas reprodutivas no Sul do Brasil^{482,765,1215}. Nas áreas de invernada constatou-se impactos como drenagem e exploração de argila refratária nos campos hidromórficos⁷⁴² (G. Malacco, obs. pess).

Ações de conservação

Existentes

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788} que prevê como ação específica para este táxon o desenvolvimento de análises genéticas para comprovação de paternidade dos indivíduos cativo¹⁰⁵¹. Táxon também contemplado no PAN Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹.

Necessárias

- a) identificação e conservação das áreas de invernada situadas em áreas não protegidas;
- b) criação de unidade de conservação nos campos hidromórficos inseridos na região de cabeceiras dos rios Uberabinha/Claro (municípios de Uberaba e Nova Ponte) e ribeirão Mandaguari (município de Indianópolis), no Triângulo Mineiro.

Presença em unidades de conservação

Mato Grosso: RPPN Estância Ecológica SESC Pantanal (Cestari 2006 citado por Nunes & Tomas⁸⁶¹),

Minas Gerais: PARNA da Serra da Canastra¹²⁸⁹;

São Paulo: ESEC de Itirapina⁷⁶⁵;

Paraná: PE de Palmas¹²⁸⁹, PE de Vila Velha (Scherer-Neto *et al.* 1994, citado em Straube *et al.*¹²¹⁵), PE do Guartelá¹²¹⁵, PARNA da Ilha Grande¹²¹⁵,

Santa Catarina: PARNA de São Joaquim⁴⁸², Flona de Três Barras³⁸²;

Rio Grande do Sul: PE do Ibitirí⁴⁸², PE do Turvo¹¹⁷, REBIO de São Donato⁴⁸².

Pesquisas

É importante a realização de estudos que desvendem as rotas migratórias e os pontos de parada da espécie.



Sporophila ruficollis Cabanis, 1851

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: caboclinho-de-papo-escuro



Foto: Carlos Gussoni

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Sporophila ruficollis ocorre na Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil. É migratória, reproduzindo-se, no Brasil, apenas em uma área restrita da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. A extensão de ocorrência (EOO) da área reprodutiva no Brasil foi calculada em 5.000 km². A população brasileira é menor que 10.000 indivíduos maduros e estima-se que pode haver declínio populacional de 10% em menos de três gerações por causa da perda de *habitat*. Há declínio continuado de qualidade de *habitat* e suspeita-se de flutuações extremas na área de ocupação da espécie, uma vez que esta é dependente de áreas úmidas naturais para reprodução e estas áreas encontram-se pressionadas pela agricultura, variando de acordo com o manejo produtivo de um ano para outro. Embora haja influxo de indivíduos de fora do Brasil no inverno, a população global foi avaliada como Quase Ameaçada (NT). Dessa forma, *S. ruficollis* foi avaliada como Vulnerável (VU) C1.

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷⁵⁹	DD
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,441,444}	Minas Gerais: VU São Paulo: Ameaçada Rio Grande do Sul: VU
Avaliação global ²²⁹	NT

Distribuição geográfica

Ocorre no norte e leste da Bolívia, oeste e centro do Paraguai, norte da Argentina, norte e oeste do Uruguai e Brasil⁶⁵¹. É migratória, reproduzindo-se no Brasil apenas em uma área restrita da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Por ser espécie migratória, a EOO no Brasil foi calculada com base exclusivamente na área reprodutiva, conforme recomendação da IUCN⁶⁴⁵, resultando em 5.000 km².



História natural

Habita pradarias altas e antigas, algumas vezes ocorre próximo a valas úmidas ou em áreas com gramíneas próximas a estradas. Fora do período reprodutivo é encontrada também no Cerrado. Alimenta-se de sementes de gramíneas. É migratória, chegando à área de invernagem no final de novembro e permanecendo até dezembro⁶⁵¹. Inverna nos campos e capinzais inundáveis do Pantanal e do Cerrado e sua transição para a Amazônia¹¹⁵. Uma grande parcela da população inverna no cerrado de Mato Grosso⁶⁵¹.

Não é muito sensível a certo grau de alteração de *habitat* nas áreas de invernagem, ocupando, por exemplo, bordas de mata e plantações de arroz, mas necessita de áreas úmidas naturais para reprodução (oficina de avaliação).

População

Considerada globalmente incomum ou rara⁶⁵¹. Em geral, é escassa no Brasil, mas pode ser localmente numerosa em algumas áreas (ex. Vila Bela da Santíssima Trindade, no Mato Grosso e Pantanal de Nhecolândia, no Mato Grosso do Sul)¹¹⁵. Pode haver influxo de indivíduos de fora do Brasil no inverno⁴⁸⁷. *Tendência populacional*: declinando.

Ameaças

São ameaças à espécie: substituição de áreas naturais por pecuária e culturas agrícolas (soja, girassol, eucalipto e *Pinus* spp.), queimadas e contaminação por pesticidas⁶⁵¹. Embora seja tolerante a certas alterações de *habitat*, em estudo realizado na Província de Santa Fé, Argentina, a espécie não foi registrada em áreas com mais de 60% de conversão agrícola¹¹⁵.

No Brasil, há declínio continuado de qualidade de *habitat* e suspeita-se de flutuações extremas na área de ocupação (AOO), uma vez que *S. ruficollis* é dependente de áreas úmidas naturais para reprodução e estas áreas encontram-se pressionadas pela agricultura, variando de acordo com o manejo produtivo de um ano para outro⁴⁸⁷. A pressão de captura não parece ser muito relevante (oficina de avaliação).



Ações de conservação

Sporophila ruficollis está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788} e no PAN Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹.

Presença em unidades de conservação

Goiás: PARNA das Emas¹¹⁵;

Mato Grosso: RPPN SESC do Pantanal⁸⁶¹;

São Paulo: ESEC de Itirapina¹¹⁵;

Rio Grande do Sul: PE do Espinilho¹²⁸⁹, REBIO do Mato Grande¹²⁸⁹.

Pesquisas

São necessárias pesquisas para melhor definição da área de ocorrência e reprodução no Brasil e melhor conhecimento sobre os requisitos de *habitat* da espécie, dentre outras pesquisas básicas¹¹⁵.

Sporophila palustris (Barrows, 1883)

Rafael Antunes Dias & Gustavo Malacco

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: caboclinho-de-papo-branco



Foto: Cristian Marcelo Joenck

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C2a(i)

Justificativa

Sporophila palustris reproduz-se na Argentina, extremo sul do Brasil, Uruguai e, possivelmente, Paraguai. Fora do período reprodutivo, migra para o centro-oeste e sudeste do Brasil e leste do Paraguai. A população reprodutiva do Brasil restringe-se ao Rio Grande do Sul. A existência de descontinuidades importantes no *habitat* e calendários migratórios diferentes sugerem a existência de cinco subpopulações reprodutivas principais no estado: três no litoral sul e duas na Fronteira Oeste. Considerando estimativas populacionais globais e a proporção da distribuição mundial da espécie inserida no Rio Grande do Sul, infere-se que a população brasileira é inferior a 2.500 indivíduos maduros e que nenhuma subpopulação apresenta mais de 250 indivíduos maduros. Declínio continuado é inferido em razão da substituição dos campos por monoculturas arbóreas, expansão de monoculturas anuais, degradação dos campos por sobrepastejo, invasão de espécies exóticas e mineração de argila refratária, sendo que esta última ameaça ocorre nas áreas de internada. Recentemente, a implantação de parques eólicos no litoral sul do estado provou ser capaz de eliminar territórios reprodutivos, situação antes apenas projetada. A espécie



qualifica-se, então, como Em Perigo, pelo critério C2a(i), mas há aporte de indivíduos das populações uruguaias e, principalmente, argentinas para a população brasileira, de modo que é razoável fazer um *downlist* do risco de ameaça no Brasil. Dessa forma, *S. palustris* foi avaliada como Vulnerável (VU) C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁷¹⁹	EN B2ab(ii)
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,443a,444}	Minas Gerais: CR São Paulo: Ameaçada Paraná: EN Rio Grande do Sul: VU
Avaliação global ²³⁰	EN C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Spermophila palustris Barrows, 1883; *Sporophila zelichi* Narosky, 1977 (em parte).

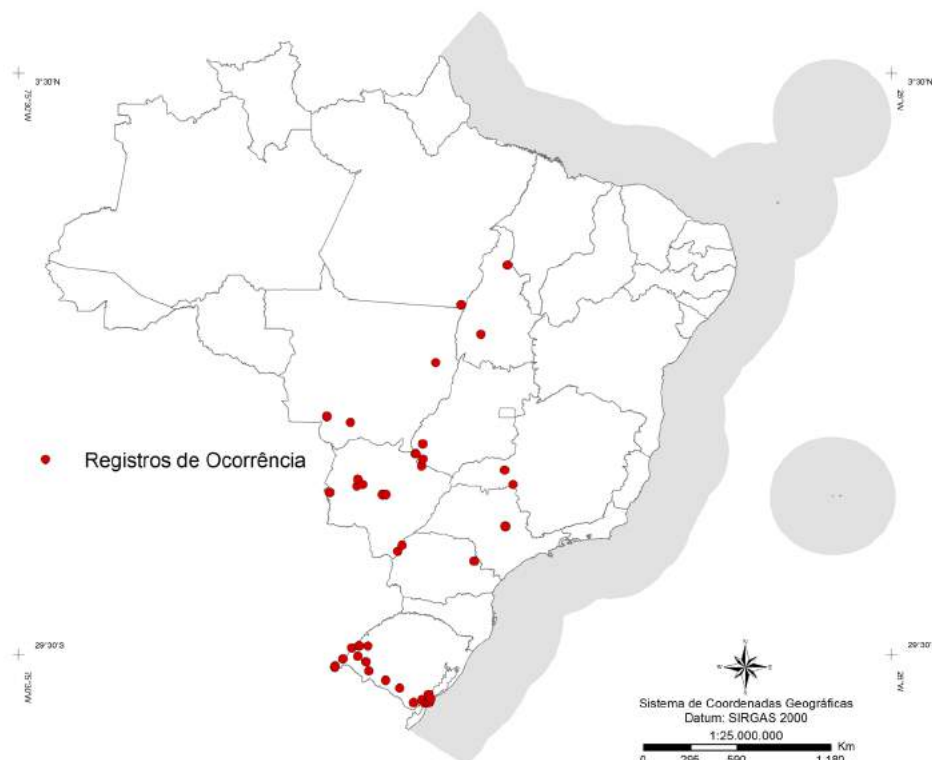
Notas taxonômicas

Inclui *Sporophila zelichi* Narosky, 1977, recentemente considerada sinônimo-júnior de *S. palustris*^{65,983}.

Distribuição geográfica

Reproduz no nordeste da Argentina, extremo sul do Brasil, Uruguai e possivelmente no sudeste do Paraguai. Migra para campos do cerrado do norte, centro-oeste e sudeste do Brasil e leste do Paraguai⁶⁵². É provável que os indivíduos que ocupam áreas de invernada brasileira reproduzam-se no Brasil (oficina de avaliação).

A população reprodutiva do Brasil restringe-se ao Rio Grande do Sul e parece representar cerca de





metade da população reprodutiva global¹²⁷⁵ (oficina de avaliação). As discontinuidades importantes no *habitat* e calendários migratórios diferentes sugerem a existência de cinco subpopulações reprodutivas principais no estado: três no litoral sul e duas na Fronteira Oeste^{487,794}.

História natural

Para reprodução, necessita de áreas com capinzais altos e úmidos, especialmente na borda de banhados. Em áreas de invernagem, habita áreas com capinzais úmidos ou secos do Cerrado. Ocorre do nível do mar até 1.100 m de altitude. Alimenta-se de sementes de gramíneas. Reproduz entre dezembro e fevereiro^{652,1275}. Há poucos registros de reprodução no Brasil, todos para o Rio Grande do Sul^{794,1275}.

População

Relativamente rara e de distribuição local. Sua estimativa populacional global é de 1.000 a 2.499 indivíduos adultos⁶⁵². A maior população reprodutiva brasileira (municípios de Rio Grande e Arroio Grande, no Rio Grande do Sul) foi estimada entre 200 e 300 indivíduos. Populações menores ocupam a região da Campanha⁷⁹⁴.

Considerando estimativas populacionais globais e a proporção da distribuição mundial da espécie inserida no Rio Grande do Sul, infere-se que a população brasileira é inferior a 2.500 indivíduos maduros e que nenhuma subpopulação apresenta mais de 250 indivíduos maduros. Declínio continuado é inferido em razão das diversas ameaças existentes. Recentemente, a implantação de parques eólicos no litoral sul do estado provou ser capaz de eliminar territórios reprodutivos, situação antes apenas projetada⁴⁸⁷.

Há aporte de indivíduos das populações uruguaias e, principalmente, argentinas para a população brasileira⁴⁸⁷.

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A perda e degradação de *habitat* é a principal ameaça. O sobrepastejo nos campos naturais, a invasão de espécies exóticas e o avanço da silvicultura e monoculturas de grãos são as principais ameaças aos campos⁴⁸⁷. Áreas úmidas são geralmente drenadas ou substituídas por plantações de arroz e ainda podem sofrer com queimadas excessivas^{794,1275}.

Na área do Banhado do Maçarico, onde subsiste a maior população conhecida no Brasil, moradores confirmam que a espécie é ocasionalmente capturada para manutenção em gaiolas⁷⁹⁴. Entretanto, essa pressão de captura não é relevante (oficina de avaliação). Outra ameaça existente na região dos cordões litorâneos, que inclui o Banhado do Maçarico, é a implantação de parques eólicos que, além de perturbar o *habitat* reprodutivo da espécie, podem causar mortalidade devido à colisão das aves em migração com aerogeradores e linhas de transmissão⁷⁹⁴.

Nas áreas de invernada, constatou-se impactos como drenagem e exploração de argila refratária nos campos hidromórficos⁷⁴² (G. Malacco, obs. pess.).

Ações de conservação

Existentes

Sporophila palustris está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788} e no PAN Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹. As principais ações relacionadas ao PAN Campos Sulinos são: a) divulgar e estimular práticas de manejo dos campos nativos que beneficiem a avifauna; b) criar unidades de conservação tanto em áreas reprodutivas quanto nas áreas ocupadas pela espécie no período não reprodutivo; c) restringir as atividades de florestamento na Planície Costeira externa do Rio Grande do Sul, seguindo a proposta original do Zoneamento Ambiental para a Silvicultura; d) monitorar continuamente as populações gaúchas da espécie, buscando-se localizar populações adicionais eventualmente existentes; e) zonedar a implementação de parques eólicos no Rio Grande do Sul; f) coibir efetivamente a captura de indivíduos na natureza e o comércio ilegal da espécie⁷⁹⁴.



Necessárias

Sugere-se que seja implantada uma unidade de conservação no Banhado do Maçarico, de modo a preservar a principal área reprodutiva da espécie no Brasil⁷⁹⁴, e também na várzea do Canal São Gonçalo. Também é necessário identificar e conservar as áreas de internada situadas em áreas não protegidas. Sugere-se a criação de unidade de conservação nos campos hidromórficos inseridos na região de cabeceiras dos rios Uberabinha/Claro (Uberaba/Nova Ponte) e ribeirão Mandaguari (Indianópolis), no Triângulo Mineiro.

Presença em unidades de conservação

Goiás: PARNA das Emas¹²⁸⁹;

Mato Grosso: RPPN SESC do Pantanal (Cestari 2006 citado por Nunes e Tomas)⁸⁶¹;

Mato Grosso do Sul: RPPN Fazenda Rio Negro³⁵⁷;

São Paulo: ESEC de Itirapina⁷⁶⁶, PE do Juqueri⁷⁶⁶;

Paraná: PE do Cerrado¹¹⁷;

Rio Grande do Sul: PE do Espinilho⁷⁹⁴, REBIO do Mato Grande⁷⁹⁴, REBIO São Donato⁷⁹⁴, APA de Ibirapuitã⁷⁹⁴.

Pesquisas

A biologia reprodutiva da espécie foi recentemente estudada¹²⁷⁵. É necessário aprimorar o conhecimento sobre as áreas de parada durante a migração e sobre o tamanho e as tendências populacionais de *S. palustris* no Brasil. Também é importante entender melhor o efeito de defensivos agrícolas sobre as populações que reproduzem em áreas contíguas a áreas agrícolas⁷⁹⁴.

Sporophila melanogaster (Pelzeln, 1870)

Gustavo Malacco

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: caboclinho-de-barriga-preta



Foto: César Medolago

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) C1

Justificativa

Sporophila melanogaster é endêmica do Brasil. Toda a população reprodutiva está confinada nos campos de altitude de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Fora do período reprodutivo, a espécie migra para o norte, sendo registrada até o Distrito Federal. Estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos



maduros, sendo que há declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações (cerca de 15 anos) devido à grande pressão de captura e à perda de *habitat* nas áreas reprodutivas e ao longo da rota de migração. Dessa forma, *S. melanogaster* foi avaliada como Vulnerável (VU) C1.

Outras avaliações

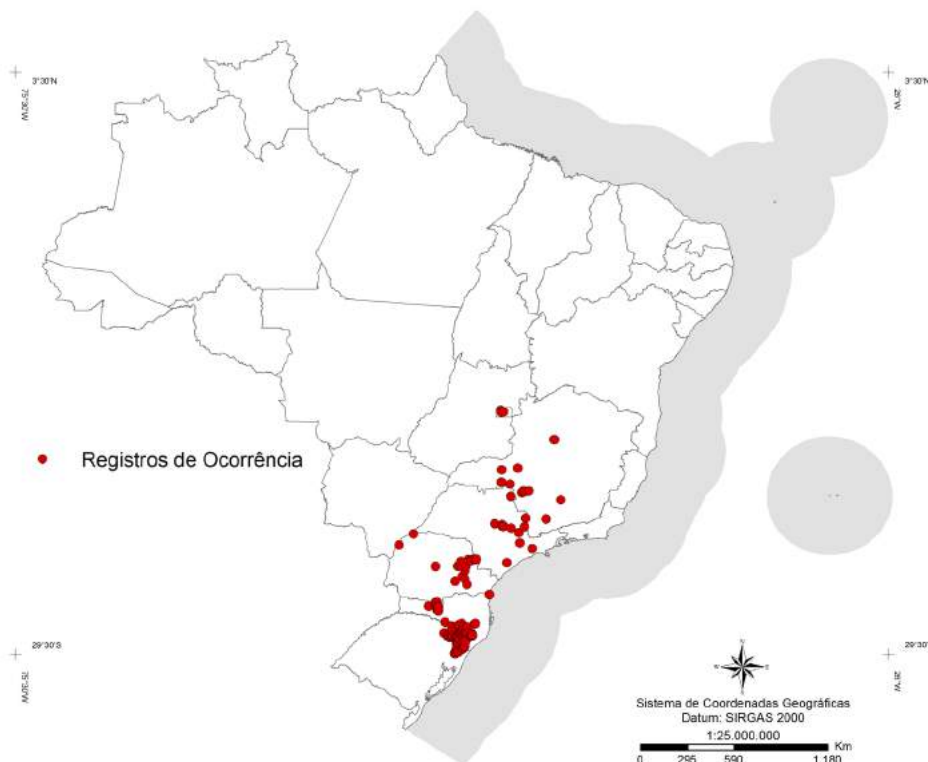
Avaliação nacional anterior ^{341,814}	VU A3c
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,439,441,443a,444}	Minas Gerais: EN São Paulo: Ameaçada Paraná: VU Santa Catarina: VU Rio Grande do Sul: EN
Avaliação global ²³¹	NT

Outros nomes aplicados ao táxon

Spermophila melanogaster Pelzeln, 1870.

Distribuição geográfica

Espécie endêmica do Brasil e migratória dentro do território nacional. As áreas reprodutivas restringem-se aos campos de altitude de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, onde toda a população reprodutiva se concentra anualmente¹⁰⁵¹. Fora desse período, há registros no Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal.



História natural

Habita capinzais altos, adjacentes a depressões úmidas ou inundadas, de 700 a 1.000 m de altitude. Alimenta-se de sementes de gramíneas. Reproduz entre novembro e março. É migratória, chegando na área reprodutiva em outubro-novembro e partindo para o norte em fevereiro e março⁶⁵³. Toda a população migra¹⁰⁵¹. Distribui-se amplamente no PE do Tainhas, Rio Grande do Sul, sendo uma de suas



principais áreas de reprodução^{113a} (Bencke *et al.* 2003 citado por Bencke *et al.*¹¹⁷).

População

Localmente comum; população em declínio moderado⁶⁵³. Com base na experiência de pesquisadores que trabalham nas áreas reprodutivas da espécie, estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros, sendo que há declínio populacional continuado de ao menos 10% em três gerações (cerca de 15 anos) devido à grande pressão de captura e à perda de *habitat* nas áreas reprodutivas e ao longo da rota de migração (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças são: captura e comércio ilegal^{103,767} e perda de *habitat*, devido à substituição pela pecuária, agricultura e gramíneas invasoras, além do uso de pesticidas⁶⁵³.

A perda de *habitat* ocorre tanto nos pontos de parada para alimentação e repouso, ao longo de suas rotas migratórias³⁴¹, quanto nas áreas reprodutivas, onde campos e banhados dos quais a espécie depende (Campos de Cima da Serra, especialmente no município de Vacaria, Rio Grande do Sul) foram drenados e/ou aterrados para a produção de maçãs ou alho. Diversas áreas onde a espécie era registrada desapareceram devido à construção de açudes ou barragens⁴⁷⁷. Estima-se que mais de 30% de seu *habitat* tenha se perdido apenas para as culturas de soja e *Pinus* spp. (oficina de avaliação).

A pressão de captura é grande e visa a atender principalmente o mercado doméstico do próprio Rio Grande do Sul (oficina de avaliação).

Nas áreas de internada constatou-se impactos como drenagem e exploração de argila refratária nos campos hidromórficos⁷⁴².

Ações de conservação

Existentes

Sporophila melanogaster está contemplada no Plano de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788}, que pretende desenvolver análises genéticas para comprovação de paternidade de animais cativos, a fim de subsidiar ações de fiscalização⁷⁸⁸ e no PAN Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹.

Necessárias

Identificação e conservação das áreas de internada situadas em áreas não protegidas. Sugere-se a criação de unidade de conservação nos campos hidromórficos inseridos na região de cabeceiras dos rios Uberabinha/Claro (municípios de Uberaba e Nova Ponte) e ribeirão Mandaguari (município de Indianópolis), no Triângulo Mineiro.

Presença em unidades de conservação

Distrito Federal: ESEC de Águas Emendadas¹⁰⁵¹;

Minas Gerais: PARNA da Serra da Canastra³⁴¹;

São Paulo: ESEC de Itirapina¹¹⁷;

Paraná: ESEC do Caiuá³⁴¹, PE do Cerrado¹¹⁷, PE do Guartelá³⁴¹, APA da Escarpa Devoniana³⁴¹;

Santa Catarina: PARNA de São Joaquim³⁴¹;

Rio Grande do Sul: PE do Tainhas¹²⁸⁹, PARNA da Serra Geral³⁴¹, PARNA de Aparados da Serra³⁴¹, FLONA de São Francisco de Paula¹²⁸⁹.

Pesquisas

São necessárias pesquisas que esclareçam os parâmetros populacionais e as rotas migratórias da espécie (incluindo pontos de parada e áreas de internada).



Sporophila maximiliani Cabanis, 1851

Danielle Custódio Leal & Laís Cristina Álvares Rodrigues Assis

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: bicudo



Foto: César Medolago

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(i)

Justificativa

Sporophila maximiliani ocorre na Venezuela, Guianas e Brasil. A subespécie *S. m. parkesi* ocorre marginalmente no país, sendo pouco representativa na população brasileira da espécie. *Sporophila maximiliani maximiliani* ocorria originalmente no norte e centro-leste do Brasil, mas registros recentes são extremamente raros e de apenas um ou dois indivíduos por local. Esses registros restringem-se a cinco localidades nos estados de Goiás, Bahia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Suspeita-se que a população brasileira não seja maior que 250 indivíduos maduros e que cada uma das subpopulações não tenha mais que 50 deles. A avaliação não se altera quando se verifica a influência da população de outros países. Portanto, *S. maximiliani* foi avaliada como Criticamente em Perigo (CR), pelo critério C2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1221}	CR* A4d
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{121,438,441,442,443}	Pará*: CR Espírito Santo: RE Minas Gerais: CR Rio de Janeiro*: Possivelmente Extinta São Paulo: Ameaçada
Avaliação global ²⁹¹	VU A2cd+3cd+4cd

*Avaliada como *Oryzoborus maximiliani*.

Outros nomes aplicados ao táxon

Oryzoborus maximiliani Cabanis, 1851; *Oryzoborus atrirostris* Sclater & Salvin, 1878; *Oryzoborus crassirostris atrirostris* Sclater & Salvin, 1878.

Notas taxonômicas

Grantsau⁵²⁸ reconhece duas subespécies com ocorrência para o Brasil: *S. m. maximiliani* e *S. m. atrirostris*. Jaramillo⁶⁵⁴ considera o táxon *atrirostris* como espécie plena e reconhece duas subespécies de *S. maximiliani*, ambas com ocorrência no Brasil: *S. m. maximiliani* e *S. m. parkesi*. Nesta avaliação, seguimos Jaramillo⁶⁵⁴.



Distribuição geográfica

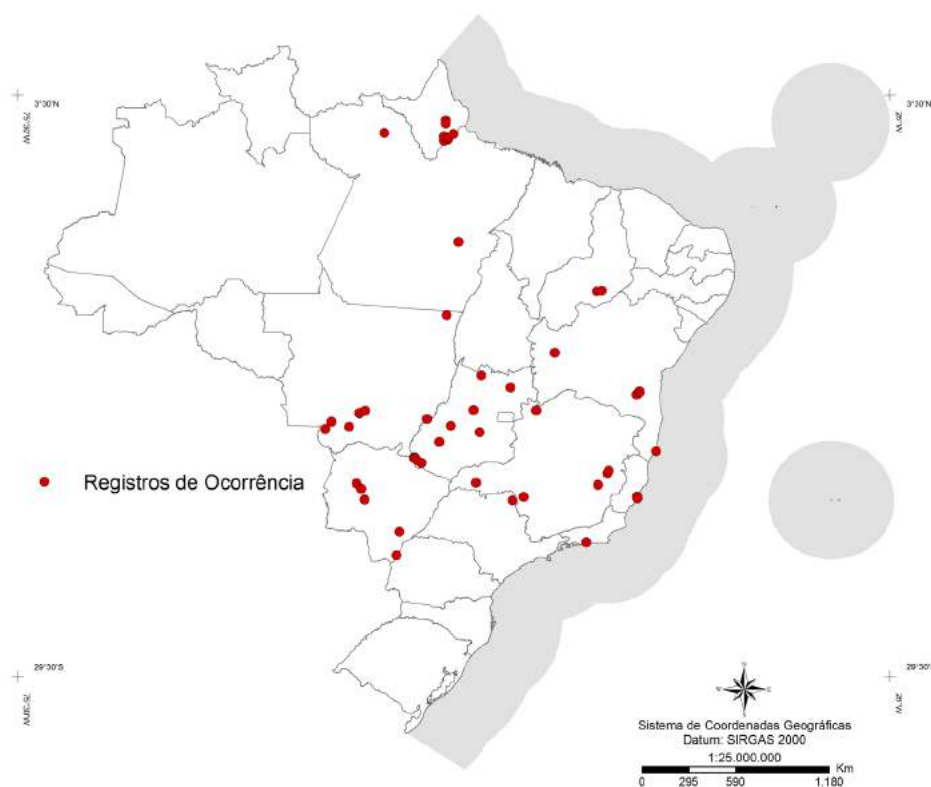
Distribuição aparentemente disjunta (parte no norte da América do Sul e parte no centro-leste do Brasil). Sua distribuição atual é pouco conhecida; os registros recentes são raríssimos^{1221,1289}, restringindo-se a cinco localidades nos estados de Goiás, Bahia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (oficina de avaliação). No PARNA das Emas, em Goiás, embora haja registro recente, as últimas expedições realizadas por pesquisadores não foram capazes de localizar indivíduos dessa espécie (L.F. Silveira, com. pess., 2014).

É provável que um animal recentemente registrado na Fazenda Imperial, em Brasília, seja oriundo de cativeiro, tendo em vista que esta é uma área utilizada para soltura de animais silvestres. Também é provável que este indivíduo não possua a constituição genética natural (oficina de avaliação).

As subespécies distribuem-se da seguinte forma⁶⁵⁴:

S. m. maximiliani - endêmica do Brasil, ocorrendo no centro e leste do país (do Piauí à Bahia, para o sul, até centro do Mato Grosso e norte de São Paulo).

S. m. parkesi - leste da Venezuela, oeste da Guiana, leste da Guiana Francesa e norte do Brasil (Amapá e norte do Pará).



História natural

Normalmente encontrado próximo à água em áreas arbustivas adjacentes a pântanos (matas ciliares), bem como em vegetação alta emergente de rios, pântanos e lagos; também em pastagens úmidas e áreas com gramíneas altas e úmidas⁶⁵⁴. Pode ocupar áreas abertas e antropizadas, como plantação de arroz¹²²¹. Pouco se sabe sobre sua dieta natural, exceto que consome sementes; normalmente é encontrado em pares e não forma bandos. Não há informações sobre sua reprodução. É espécie residente⁶⁵⁴.

População

Espécie incomum ou rara, de ocorrência local. Bastante rara no Brasil, onde existe uma grande população em cativeiro. Sofreu declínio populacional devido à captura e à perda de *habitat*⁶⁵⁴.

É provável que a espécie tenha se extinguido em vários locais, sobretudo no nordeste e sudeste do Brasil¹²²¹. Atualmente, os registros são muito esparsos (cinco localidades em quatro estados diferentes) e



referem-se sempre a um ou dois indivíduos em cada localidade, apesar do grande esforço de observadores de aves em todo país e de amostragens direcionadas realizadas por pesquisadores em áreas de potencial ocorrência da espécie. Assim sendo, tem-se segurança em afirmar que a população brasileira não é maior que 250 indivíduos maduros e que cada uma dessas subpopulações não tem mais que 50 deles (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

A captura para tráfico e criação em cativeiro e a perda de *habitat* em larga escala devido ao desmatamento são as principais ameaças à espécie⁶⁵⁴. No Brasil, acredita-se que a maior pressão tenha sido a captura dos indivíduos para cativeiro, uma vez que a espécie ocorre em áreas abertas e até mesmo alteradas. Entretanto, o tráfico causou importante redução populacional na maior parte de sua distribuição brasileira¹²²¹.

Atualmente, cruzamentos interespecíficos realizados em cativeiro para seleção de aves com padrão de tamanho e canto desejados pelos criadores podem ser a maior ameaça à espécie, uma vez que pode-se perder a constituição genética dos indivíduos selvagens (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Sporophila maximiliani está contemplada nos Planos de Ação Nacional (PAN) para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹ e PAN Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

A reintrodução de indivíduos na natureza é vista como uma ação necessária e urgente, mas é importante atentar ao risco dessas aves serem recapturadas ilegalmente¹²²¹ e, o que também seria grave, de introdução de um conjunto gênico diferente daquele selecionado naturalmente (oficina de avaliação). O desconhecimento de sua distribuição atual é uma dificuldade para a implantação de ações de conservação¹²²¹.

Presença em unidades de conservação

Pará: FLONA de Tapirapé-Aquiri⁵⁹⁶;

Piauí: PARNA da Serra da Capivara¹²²¹;

Goiás: PARNA da Chapada dos Veadeiros¹²²¹, PARNA das Emas¹²²¹;

Distrito Federal/Goiás: APA do Planalto Central⁴⁴⁸;

Mato Grosso: PARNA da Chapada dos Guimarães¹²²¹;

Mato Grosso do Sul: PARNA da Ilha Grande⁵⁸⁹;

Bahia: REVIS de Boa Nova⁴⁷¹;

Minas Gerais: PARNA Grande Sertão Veredas¹²²¹, PARNA da Serra da Canastra⁵⁹⁴.

Pesquisas

Existentes

Estão em andamento estudos populacionais, taxonômicos e genéticos, a fim de definir qual o conjunto gênico mais próximo de *S. maximiliani* da natureza, com o objetivo de subsidiar ações de reintrodução da espécie em seu *habitat* natural (L.F. Silveira, com. pess., 2014).

Necessárias

São recomendados: busca de populações em campo e estudos taxonômicos que antecedam os projetos de reintrodução¹²²¹.



Coryphaspiza melanotis (Temminck, 1822)

Gustavo Malacco

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: tico-tico-de-máscara-negra



Foto: César Medolago

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii)

Justificativa

Coryphaspiza melanotis ocorre na Bolívia, Paraguai, Argentina e centro-oeste, sudeste, nordeste (Rio Grande do Norte) e norte do Brasil (Pará e Amazonas). A espécie ocupa principalmente áreas de campos limpos pouco perturbados. Há cinco subpopulações consideradas relevantes, todas em unidades de conservação. A área de ocupação, calculada com base nos registros atuais é de 284 km². Mesmo considerando-se a possibilidade de ocorrência da espécie em outras áreas protegidas para as quais não há registro atual, a área de ocupação não ultrapassará 500 km². A população encontra-se severamente fragmentada e há declínio continuado de área de ocupação e de qualidade de *habitat* devido à ocupação dos campos por atividades agropecuárias (inclusive criação de búfalo) e de silvicultura, uso de pesticidas, invasão por gramíneas exóticas, instalação de pequenas centrais hidrelétricas e queimadas de origem antrópica. Por essas razões, *C. melanotis* foi categorizada como Em Perigo (EN) B2ab(ii,iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ⁹⁴³	VU A2c+3c
Justificativa para mudança de categoria	Novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{438,441}	Minas Gerais: EN São Paulo: Ameaçada
Avaliação global ²³²	VU A2c+3c+4c

Outros nomes aplicados ao táxon

Emberizoides melanotis Temminck, 1822.

Notas taxonômicas

Dois subespécies reconhecidas, ambas com ocorrência para o Brasil: *C. m. melanotis* e *C. m. marajoara*⁶⁵⁵. É provável que o táxon *marajoara* represente uma espécie plena (A. Aleixo & L.F. Silveira, com. pess., 2013).



Distribuição geográfica

As subespécies distribuem-se da seguinte maneira:

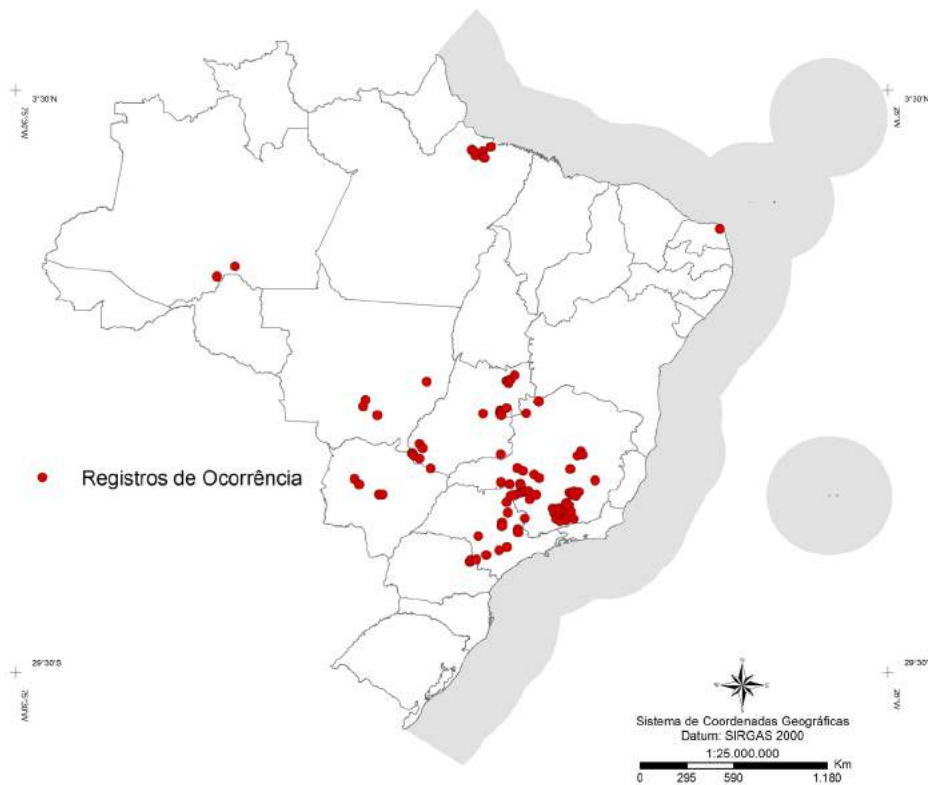
C. m. melanotis - Bolívia, Paraguai, Argentina e no Brasil ocorre na região Centro-Oeste, e nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná⁵²⁸;

C. m. marajoara - ocorre no norte do Brasil, na Ilha de Marajó, foz do rio Amazonas, no Pará⁵²⁸.

Recentemente assinalada para o nordeste, no estado do Rio Grande do Norte, sendo necessário pesquisas para avaliar o *status* taxonômico⁹⁴⁸. Há ainda uma população isolada no sudeste do Amazonas (Humaitá), provavelmente relacionada às populações da Amazônia boliviana e peruana⁹⁴³.

A área de ocupação (AOO) de *C. melanotis* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência atual da espécie. Dessa forma, a AOO foi calculada em 284 km² (oficina de avaliação). Esta forma de cálculo da AOO, apesar da ampla distribuição, justifica-se pela especificidade do *habitat* ocupado pela espécie (campos limpos).

Muitos registros são históricos (praticamente todos os pontos do estado de São Paulo) e outros são pequenos remanescentes de *habitat* em áreas não protegidas. Consideramos a existência de apenas cinco grandes populações de *C. melanotis*: Marajó, PARNA da Serra da Canastra, PARNA das Emas, PARNA de Brasília e PARNA da Chapada dos Veadeiros. Das outras três grandes unidades de conservação existentes na área de distribuição geográfica da espécie, não existem registros para duas (PARNA da Serra do Cipó e PARNA das Sempre Vivas) e para o PARNA Grande Sertão Veredas existe apenas um registro, anterior a 2003. Portanto, essas unidades não seriam suficientes para sequer duplicar a área de ocupação atual, mesmo que a espécie ocorra nelas (oficina de avaliação).



História natural

Ocorre em áreas com gramíneas altas e arbustos dispersos; necessita de locais relativamente abertos e com gramíneas; encontrado em bordas sazonalmente inundadas e campos limpos e sujos em Minas Gerais. Não há informações sobre sua dieta. É espécie residente⁶⁵⁵. De ecologia pouco conhecida, supõe-se que algumas populações realizem migrações e deslocamentos⁹⁴³.



População

Considerada incomum ou rara e de ocorrência bastante local; população global em declínio⁶⁵⁵. A população brasileira atual está severamente fragmentada, sendo dividida em cinco grandes subpopulações (ver distribuição geográfica). As subpopulações são reduzidas no Brasil Central, mas ainda numerosa na ilha do Marajó⁹⁴³.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

Uso de pesticidas, perda de *habitat* devido a queimadas de origem antrópica, ocupação pelas práticas agrosilvopastoris, invasão de gramíneas exóticas^{655,925}, instalação de empreendimentos hidrelétricos (oficina de avaliação), mineração de quartzito e de argila refratária^{742,925} e expansão urbana⁷³⁹. A situação das populações amazônicas nos enclaves de Cerrado pode ser bem delicada, tendo em vista a expansão das atividades agropecuárias⁹⁴³. Essas ameaças causam declínio continuado de área de ocupação e de qualidade de *habitat* (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Existentes

Coryphaspiza melanotis está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal⁶³¹ e no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

A medida mais urgente é a proteção do *habitat* da espécie. Sugere-se a criação de unidade de conservação na região dos Campos do Alto Rio Grande, em Minas Gerais⁹²⁵.

Presença em unidades de conservação

Distrito Federal: PARNA de Brasília⁸⁶⁶, FLONA de Brasília¹²⁸⁹;

Goiás: PARNA da Chapada dos Veadeiros⁹⁴³, PARNA das Emas⁹⁴³, PE dos Pirineus¹²⁸⁹;

Minas Gerais: MN da Serra da Moeda¹²⁸⁹, PE do Rio Preto¹¹⁷, PE Serra do Ouro Branco¹²⁸⁹, PARNA da Serra da Canastra⁹⁴³;

São Paulo: ESEC de Itirapina⁷⁶⁸, ESEC de Santa Bárbara⁷⁶⁸, FLONA de Ipanema⁹⁴³.

Pesquisas

Estudos ecológicos e de biologia reprodutiva são importantes para subsidiar a elaboração de ações de manejo para a espécie⁹⁴³. É necessária pesquisa sobre o status taxonômico da população descoberta no nordeste.



Gubernatrix cristata (Vieillot, 1817)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres/CEMAVE

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome comum: cardeal-amarelo



Foto: Rodrigo Damiani

Categoria de risco de extinção e critérios

Criticamente em Perigo (CR) C2a(ii); D

Justificativa

Gubernatrix cristata ocorre na Argentina, Uruguai e Brasil (apenas no Rio Grande do Sul). Estima-se que haja menos de 50 indivíduos maduros no Brasil, concentrados em uma única subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à forte pressão de captura. Dessa forma, *G. cristata* foi avaliada como Criticamente em Perigo (CR) C2a(ii); D.

Outras avaliações

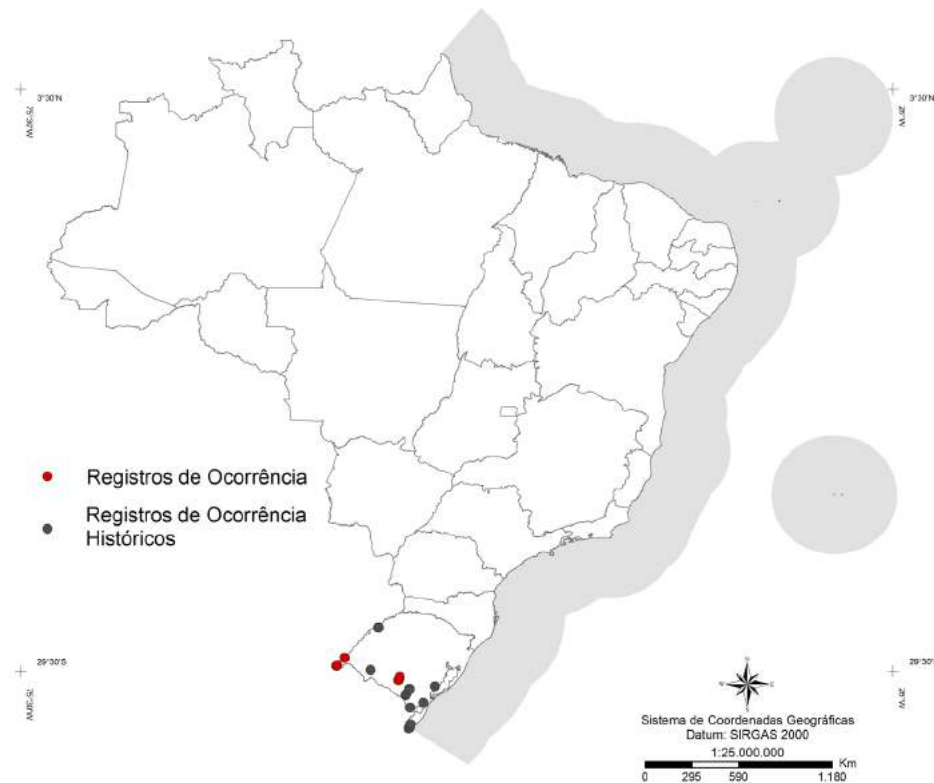
Avaliação nacional anterior ^{414,814}	CR A4d; C2a(i,ii)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ⁴⁴⁴	Rio Grande do Sul: CR
Avaliação global ²⁵⁷	EN A2cd+3cd+4cd

Outros nomes aplicados ao táxon

Coccothraustes cristata Vieillot, 1817.

Distribuição geográfica

Ocorre no norte e centro da Argentina, Uruguai e sul do Brasil, no Rio Grande do Sul⁶⁵⁶, nas porções oeste e sul do estado, principalmente junto à fronteira com o Uruguai. Aparentemente foi extinto em toda sua distribuição brasileira, exceto na extremidade oeste do Rio Grande do Sul (oficina de avaliação).



História natural

Habita manchas de florestas de crescimento tardio contendo árvores do gênero *Prosopis*; também em florestas espinhosas com árvores altas⁶⁵⁶; ocupa também savanas, regiões arbustivas semidescampadas, áreas abertas com árvores esparsas, cercas-vivas e parque espinilho⁴¹⁴. Ausente em áreas muito degradadas ou em estágios iniciais de regeneração. Encontrada do nível do mar até 700 m de altitude. Alimenta-se de sementes e, possivelmente, pequenos artrópodes. É residente⁶⁵⁶. Geralmente aos pares ou em pequenos grupos; na Argentina, pode, ocasionalmente, formar bandos de até 50 indivíduos⁴¹⁴.

Não existem evidências seguras de sua reprodução no Brasil, mas considerando-se que esta é uma espécie tipicamente residente, é possível que a ausência de registros regulares no Brasil seja consequência de deslocamentos populacionais locais desconhecidos ou fruto da pressão de captura exercida pelos passarinhos⁴¹⁴.

População

Considerada rara e local. Sua população global foi estimada entre 1.500 e 3.000 indivíduos no ano de 2007. A tendência populacional é de rápido declínio. Populações remanescentes são pequenas e fragmentadas⁶⁵⁶. Pode ter sido mais abundante no passado, conforme sugerem dados de coletas realizadas no litoral do Rio Grande do Sul até meados do século XX, mas já se mostrava escassa no Brasil nas décadas de 1970 e 1980; atualmente, subsiste em números extremamente reduzidos.

Atualmente, estima-se que haja menos de 50 indivíduos maduros no Brasil, concentrados em uma única subpopulação. Há declínio populacional continuado devido à forte pressão de captura. Suspeita-se que não há fluxo de indivíduos de países vizinhos que possa recuperar as populações brasileiras (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

Tráfico ilegal de animais silvestres juntamente com perda de *habitat*⁶⁵⁶ são as maiores ameaças à espécie. A plumagem vistosa e o canto agradável tornam a espécie uma das mais cobiçadas para



manutenção em cativeiro. A pressão sobre machos territoriais é proporcionalmente maior, uma vez que aves cativas são utilizadas como “chama” para a captura. A escassez de machos de cardeal-amarelo em algumas populações argentinas nativas é a possível causa para o número cada vez maior de registros de híbridos entre essa espécie e o diuca (*Diuca diuca*)⁴¹⁴.

No Brasil, as principais causas de perda de *habitat* são a expansão da orizicultura e pecuária e a recente conversão dos campos da Serra do Sudeste em plantações de eucalipto⁴¹⁴.

Ações de conservação

Existentes

Programas de reprodução em cativeiro estão sendo implementados no Uruguai e no sul do Brasil⁶⁵⁶.

Este táxon está contemplado no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves dos Campos Sulinos^{634a,788}. Foi criado um Programa de Cativeiro visando unir Ações de conservação *ex situ* com a conservação *in situ*.

Necessárias

- fiscalização efetiva para repressão à captura de indivíduos na natureza e ao comércio clandestino;
- campanhas de educação ambiental que alertem para a situação dramática do cardeal-amarelo, de modo a desestimular a captura, o tráfico e a compra de aves silvestres;
- zoneamento econômico-ecológico na Serra do Sudeste, para limitar o plantio de florestas de eucalipto e outras árvores em regiões campestres, assegurando a proteção ao *habitat*;
- criação e implantação de unidades de conservação em áreas de ocorrência da espécie⁴¹⁴.

Presença em unidades de conservação

Rio Grande do Sul: PE do Espinilho^{414,1289}, APA de Ibirapuitã⁵⁸¹.

Pesquisas

São recomendados estudos sobre a história natural e dinâmica populacional da espécie e busca por populações desconhecidas no Brasil⁴¹⁴.

Caryothraustes canadensis frontalis (Hellmayr, 1905)

Sidnei de Melo Dantas & André De Luca

Ordem: Passeriformes

Família: Cardinalidae

Nome comum: furriel



Foto: Ciro Albano



Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) B2ab(iii)

Justificativa

Caryothraustes canadensis frontalis é endêmico do nordeste do Brasil, tendo sido extinto em algumas localidades. É dependente de floresta, estando atualmente restrito a poucos fragmentos. Sua área de ocupação foi calculada em 120 km². Sua população encontra-se severamente fragmentada e há declínio continuado na qualidade de *habitat* devido a atividades antrópicas, sobretudo agricultura e pecuária. Assim, *C. c. frontalis* foi categorizada como Em Perigo (EN) B2ab(iii).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{814,1035}	VU B2ab(i,ii,iii)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global	Não consta

Outros nomes aplicados ao táxon

Pitylus canadensis frontalis Hellmayr, 1905.

Notas taxonômicas

É possível que este táxon represente uma espécie plena, sendo necessários estudos que comprovem esta hipótese¹⁰³⁵.

Distribuição geográfica

Endêmica do nordeste do Brasil, com registros para o Ceará (sem localidade exata), Paraíba (sem localidade exata), Pernambuco e Alagoas^{305,528}. Provavelmente extinta no Ceará¹⁰³⁵.





A área de ocupação (AOO) de *C. c. frontalis* foi calculada através da sobreposição de um *grid* com quadrículas de 4 km² aos pontos de registro recentes, sendo somada a área das quadrículas para as quais há ocorrência do táxon. Dessa forma, a AOO foi calculada em 120 km² (oficina de avaliação).

História natural

Ocorre em florestas úmidas e bordas de mata, especialmente em áreas muito chuvosas. Encontrado nos estratos mais altos da mata; alimenta-se de sementes, frutos e insetos; acompanha bandos mistos com frequência. Aparentemente sedentária³⁰⁵.

População

População em estado crítico uma vez que é dependente de florestas bem conservadas, estando restrita a poucos fragmentos e encontrando-se severamente fragmentada, uma vez que os fragmentos são distantes entre si e aparentemente o táxon não é capaz de se deslocar fora de ambiente florestal (oficina de avaliação); provavelmente extinta no Ceará¹⁰³⁵.

Tendência populacional: desconhecida.

Ameaças

As principais ameaças que afetam a subespécie *C. c. frontalis* são o desmatamento, alteração de *habitat* e, possivelmente, a perseguição ou apanha de indivíduos silvestres¹⁰³⁵. Há declínio continuado da qualidade de *habitat* devido a atividades antrópicas, sobretudo agricultura e pecuária (oficina de avaliação).

Ações de conservação

Está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Presença em unidades de conservação

Alagoas: ESEC de Murici¹⁰³⁵.

Pesquisas

Estudos taxonômicos que testem a validade deste táxon como espécie plena são considerados importantes¹⁰³⁵.



Spinus yarrellii (Audubon, 1839)

Rachel Maria de Lyra-Neves, Wallace Rodrigues Telino-Júnior, Severino Mendes de Azevedo Júnior,
João Luiz Xavier do Nascimento & Maria Catarina Cavalcanti Cabral

A espécie consta na Portaria MMA nº 444/2014 como *Sporagra yarrellii* (Audubon, 1839).

Ordem: Passeriformes

Família: Fringillidae

Nomes comuns: pintassilgo-do-nordeste,
coroinha, pintassilva, pintassilvio



Foto: Ciro Albano

Categoria de risco de extinção e critérios

Vulnerável (VU) B2ab(v)

Justificativa

Spinus yarrellii é endêmica do nordeste do Brasil. É considerada extremamente rara e sua população está fragmentada e em declínio. Sua área de ocupação atual (AOO) foi calculada em 1.075 km². A pressão de captura para tráfico ilegal (especialmente de machos) gera declínio continuado no número de indivíduos maduros, e por esses motivos, *S. yarrellii* foi categorizada como Vulnerável (VU) B2ab(v).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{720,814}	VU* A2d+3d; B1abc(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas	Não consta
Avaliação global ²³³	VU A2d

*Avaliada como *Carduelis yarrellii*.

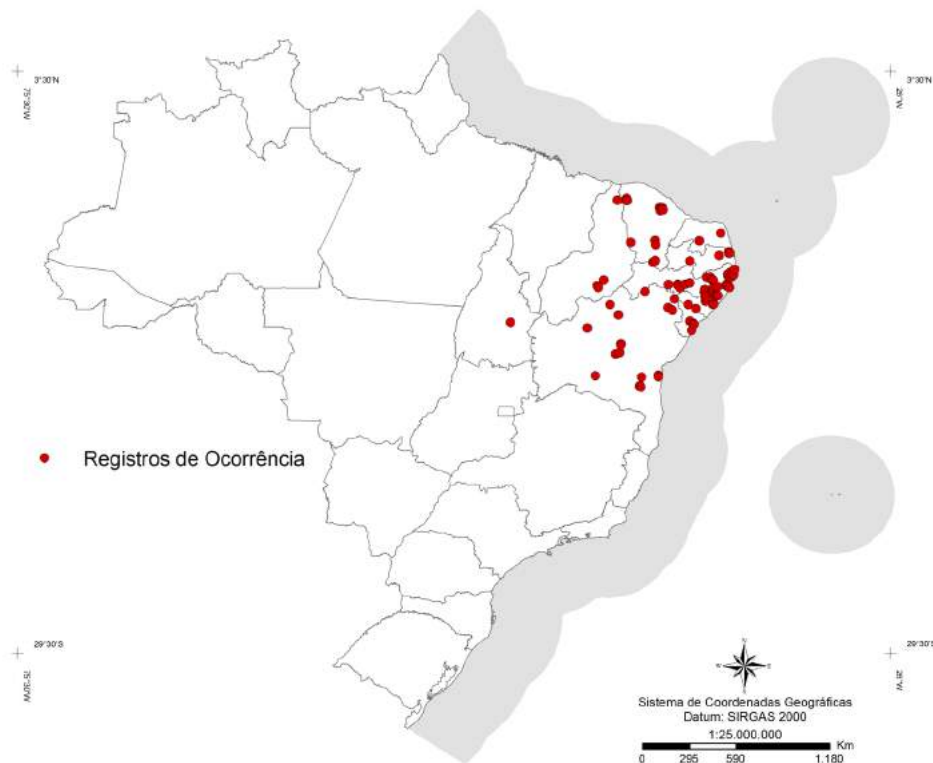
Outros nomes aplicados ao táxon

Carduelis yarrellii Audubon, 1839; *Sporagra yarrellii* (Audubon, 1839).

Distribuição geográfica

É endêmica do nordeste do Brasil³⁶⁰. Foi introduzida no norte da Venezuela³⁶⁰. Há um registro para Tocantins⁵²⁴, mas pode-se tratar de espécime solto de cativeiro.

Sua área de ocupação atual foi calculada a partir dos registros existentes alocados em um *grid* de 25 km² de área, resultando em 1.075 km² (oficina de avaliação).



História natural

Ocupa bordas de floresta úmida, matas secundárias e caatinga; casualmente também em pastagens (obs. pess. dos autores), plantações de café e periferia de áreas urbanas³⁶⁰. É granívoro¹⁰⁹⁵, mas pouco se conhece de sua biologia³⁶⁰.

População

É considerada extremamente rara, sendo que a maior parte da população atual está em Alagoas, embora mesmo nesta região os registros venham diminuindo ao longo dos anos em quantidade e localidade, demonstrando declínio populacional. Até mesmo na Venezuela, onde a espécie foi introduzida, não há registros recentes³⁶⁰.

Considerando que a espécie é sedentária³⁶⁰ e que suas áreas de ocupação atuais guardam grandes distâncias entre si, supõe-se que a população esteja severamente fragmentada (oficina de avaliação).

Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças são a captura ilegal e a perda de *habitat*⁷²⁰.

O tráfico de animais silvestres já foi responsável por grande perda populacional da espécie (mais de 700 indivíduos registrados no mercado ilegal de Fortaleza na década de 80 e entre 60 e 100 indivíduos no mercado ilegal de Caxias, no Rio de Janeiro)³⁶⁰. Atualmente, a espécie é rara na natureza e, conseqüentemente, no comércio ilegal. Apesar da alta demanda, exemplares de *S. yarrellii* são raros nas feiras livres da região metropolitana do Recife⁹²⁹ e em Fortaleza, sendo vendidos a preços elevados e somente por encomenda³⁸⁶. Somente entre agosto de 2006 e julho de 2007, foram depositados no Centro de Triagem de Animais Silvestres do IBAMA na Paraíba 17 indivíduos de *S. yarrellii*.⁹¹⁷

É possível que a contaminação por pesticidas também seja responsável por certo declínio populacional³⁶⁰.



Ações de conservação

Existentes

A espécie está contemplada no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga⁶³⁰ e no Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Mata Atlântica⁶²⁹.

Necessárias

É importante incrementar a proteção dos *habitat* da espécie e a fiscalização contra captura e comércio ilegal. Além disso, é recomendável realizar programas de reintrodução em áreas protegidas, utilizando especialmente os exemplares recém-capturados.

Presença em unidades de conservação

Piauí: PARNA da Serra da Capivara⁸⁷², PARNA da Serra de Itabaiana¹¹⁹¹;

Ceará: PARNA de Ubajara⁶³⁴, APA da Chapada do Araripe⁸⁴³, APA da Serra de Baturité⁴⁶², FLONA do Araripe-Apodi⁷²⁰;

Pernambuco: REBIO de Serra Negra³⁶⁰, PARNA do Catimbau¹¹⁸⁹, ESEC de Caetés⁷²⁰, REVIS Matas do Sistema Gurjaú⁷²⁰, ESEC de Tapacurá³⁶⁰, REBIO de Saltinho³⁶⁰, APA de Guadalupe¹⁰⁴⁷, RPPN Mata do Bituri⁸⁶³, RPPN Maurício Dantas (obs. pess. dos autores);

Alagoas: ESEC de Murici¹²⁶⁹;

Alagoas/Pernambuco: REBIO de Pedra Talhada³⁶⁰;

Bahia: ESEC Raso da Catarina (obs. pess. dos autores).

Pesquisas

São necessários estudos sobre a biologia de *S. yarrellii*, sobretudo aqueles relacionados com reprodução e alimentação, bem como para determinar com maior precisão a atual área de distribuição e as exigências ecológicas da espécie, especialmente em Alagoas e Pernambuco, onde parece estar concentrada a maior parte da população. Estudos visando identificar o real impacto do tráfico e de pesticidas sobre suas populações também são importantes para subsidiar o planejamento de ações para conservação da espécie.



Referências Bibliográficas

1. Abe, L.M. 2000. Ecologia, distribuição e monitoramento de uma população de papagaio-do-peito-roxo (*Amazona vinacea*) na Região Metropolitana de Curitiba, Paraná, p.226. *In*: Straube, F.C., Argel-de-Oliveira, M.M., Cândido-Jr, J. (orgs.). **Ornitologia Brasileira no Século XX**. Editora Popular
2. ACAP, **Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels**. 2009 Species assessments: ACAP Species List. [acap.aq/en/acap-species/307-acap-species-list/file](http://www.acap.aq/en/acap-species/307-acap-species-list/file). Acesso em 2015.
3. ACAP, **Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels**. 2009 Species assessment: White-chinned Petrel *Procellaria aequinoctialis*. <http://www.acap.aq>. Acesso em 2014.
4. ACAP, **Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels**. 2009. Species assessment: Atlantic Yellow-nosed Albatross *Thalassarche chlororhynchos*. <http://www.acap.aq>. Acesso em 2014.
5. ACAP, **Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels**. 2009. Species assessment: Southern Royal Albatross *Diomedea epomophora*. <http://www.acap.aq>. Acesso em 2014.
6. ACAP, **Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels**. 2009. Species assessment: Tristan Albatross *Diomedea dabbenena*. <http://www.acap.aq>. Acesso em 2014.
7. ACAP, **Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels**. 2009. Species assessment: Northern Royal Albatross *Diomedea sanfordi*. <http://www.acap.aq>. Acesso em 2014.
8. ACAP, **Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels**. 2009. Species assessment: Wandering Albatross *Diomedea exulans*. <http://www.acap.aq>. Acesso em 2014.
9. ACAP, **Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels**. 2009. Species assessment: Spectacled Petrel *Procellaria conspicillata*. <http://www.acap.aq>. Acesso em 2014.
10. Aguiar, K.M.O.; Naiff, R.H. & Xavier, B. 2010. Aves da Reserva Biológica do Lago Piratuba, Amapá, Brasil. **Ornithologia**, 4 (1): 1–14.
11. Aguiar-Silva, F.H.; Luz, B.B.; Sanaiotti, T.M.; Jaudoin, O. & Cabral, L.D. 2011. **Monitoramento da reprodução de gavião-real (*Harpia harpyja*) na Floresta Nacional do Tapajós – PA**. *In*: I Seminário de Pesquisas Científicas da Floresta Nacional do Tapajós, Santarém. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade-ICMBio.
12. Aguiar-Silva, F.H.; Sanaiotti, T.M.; Jaudoin, O.; Srbek-Araujo, A.C.; Siqueira, G. & Banhos, A. 2012. Harpy Eagle sightings, traces and nesting records at the “Reserva Natural Vale”, a Brazilian Atlantic Forest remnant in Espírito Santo, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20 (2): 62–69.
13. Aguiar-Silva, F.H.; Sanaiotti, T.M. & Luz, B.B. 2014. Food habits of the Harpy Eagle, a top predator from the Amazonian rainforest canopy. **Journal of Raptor Research**, 48 (1): 24–35.
- 14/15. Farias, G.B.; Silva, W.A.G. & Albano, C. G. 2005. Diversidade de aves em áreas prioritárias para conservação da Caatinga, p. 204–226. *In*: Araújo, F.S., Rodal, M.J.N., Barbosa, M.R.V. (orgs.). **Análise das variações da biodiversidade do bioma Caatinga**. MMA (Ministério do Meio Ambiente).
16. Albano, C. & Girão, W. 2008. Aves das matas úmidas das serras de Aratanha, Baturité e Maranguape, Ceará. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16 (2): 142–154.
17. Albano, C. & Girão, W. 2011. Região Metropolitana de Fortaleza, p.133–135. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.



18. Albano, C. 2009. First record of the Orange-bellied Antwren (*Terenura sicki*) in the lowland Atlantic Forest of Pernambuco, northeastern Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 17 (2): 150–151.
19. Albano, C. 2009. First breeding record of Minas Gerais Tyrannulet *Phylloscartes roquettei* Sneath, 1928 in Bahia, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 17 (3-4): 220–221.
20. Albano, C. 2014. WA1456660, *Automolus lammi* Zimmer, 1947. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/1456660>. Acesso em 2015.
21. Albertani, F.B.; Miyaki, C.Y. & Wanjtal, A. 1997. Extra-pair paternity in the Golden Conure (*Guaruba guarouba*) (Psittacidae: Psittaciformes) detected in captivity. **Ararajuba**, 5: 135–139.
22. Albuquerque, J.L.B.; Ghizoni-Jr, I.R.; Silva, E.; Trannini, G.; Franz, I.; Barcellos, A.; Hassdenteufel, C.B.; Arend, F.L. & Martins-Ferreira, C. 2006. Águia-cinzenta (*Harpyhaliaetus coronatus*) e o Gavião-real-falso (*Morphnus guianensis*) em Santa Catarina e Rio Grande do Sul: prioridades e desafios para sua conservação. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 14 (4): 411–415.
23. Albuquerque, J.L.B. 1995. Observations of rare raptors in southern Atlantic Forest of Brazil. **Journal of Field Ornithology**, 66: 363–369.
24. Aleixo, A.; Burlamaqui, T.; Schneider, M.P.C. & Goncalves, E.C. 2009. Molecular systematics and plumage evolution in the monotypic obligate army-ant following genus *Skutchia* (Thamnophilidae). **Condor**, 111: 382–387.
25. Aleixo, A.; Carneiro, L.S. & Dantas, S.M. 2012. Aves, p.98–139. In: Martins F.D.; Castilho, A.; Campos, J.; Hatano, F.M. & Rolim, S. (orgs.). **Fauna da Floresta Nacional de Carajás: estudos sobre vertebrados terrestres**. Nitro Imagens.
26. Aleixo, A. & Guilherme, E. 2010. Avifauna da Estação Ecológica do Rio Acre, estado do Acre, na fronteira Brasil/Peru: composição, distribuição ecológica e registros relevantes. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Ciências Naturais**, 5 (3): 279–309.
27. Aleixo, A.; Poletto, F.; Portes, E.; Silva, M. & Lima, F. 2008. Avaliação do estado do conhecimento da avifauna na região da BR-163 no estado do Pará, p.73–81. In: Ferreira L. (org.). **Zoneamento Ecológico-Econômico da Área de Influência da Rodovia BR-163 (Baixo Amazonas, Transamazônica e Xingu) com Ênfase na Biodiversidade**.
28. Aleixo, A. & Silva, A.S. 2015. Monitoramento de bandos mistos e espécies de aves de especial interesse para conservação no Projeto Juriti. **Relatório Técnico**, 38.
29. Aleixo, A. 2008. *Pteroglossus bitorquatus bitorquatus* Vigors, 1826. p.504. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
30. Aleixo, A. 2008. *Phlegopsis nigromaculata paraensis* Hellmayr, 1904. p.612–613. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
31. Aleixo, A. 2008. *Dendrocincla fuliginosa taunayi* (Pinto 1939). p.521. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
32. Aleixo, A. 2008. *Dendrocincla merula badia* Zimmer, 1934, p.523–524. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
33. Aleixo, A. 2008. *Xiphorhynchus atlanticus* (Cory, 1916), p.530–531. In: Machado, A.B.M.;



Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

34. Aleixo, A. 2008. *Lepidocolaptes wagleri* (Spix, 1824), p.528. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

35. Aleixo, A. 2008. *Dendrexetastes rufigula* paraensis Lorenz, 1895, p.520. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

36. Aleixo, A. 2008. *Dendrocolaptes certhia medius* Todd, 1920, p.524–525. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

37. Aleixo, A. 2011. Carajás, p.406. *In*: Valente, R., Silva, J.M.C., Straube, F.C., Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International

38. Almeida, A.C.C. & Raposo, M.A. 1999. Aspectos da biologia e abundância do beija-flor-de-gravatinha-vermelha, *Augastes lumachellus* (Lesson, 1838) (Aves: Trochilidae), em Morro do Chapéu, BA. **Revista Nordestina de Biologia**, 13 (1/2): 70–85.

39. Almeida, A.C.C. & Teixeira, D.M. 2010. Aves da Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, Paraíba, Brasil. **Revista Nordestina de Biologia**, 19 (2): 3–14.

40. Almeida, B.J.M. & Barbieri, E. 2008. Biodiversidade das aves do manguezal da 13 de Julho em Aracaju, Sergipe. **O Mundo da Saúde**, 32 (3): 317–328.

41. Almeida, B.J.M. & Ferrari, S.F. 2010. Seasonal and longitudinal variation in the abundance and diversity of shorebirds (Aves, Charadriiformes) on Atalaia beach in northeastern Brazil. **Ornitologia Neotropical**, 21: 567–580.

42. Almeida, B.J.M. & Ferrari, S.F. 2011. **Migratory Shorebirds at a stopover site in Northeastern Brazil: Habitat Use and Anthropogenic Impacts**. *In*: 4th Meeting of Western Hemisphere Shorebird Group.

43. Almeida, B.J.M.; Souza, A.G. & Ferrari, S.F. 2014. Avifauna dos manguezais do estado de Sergipe, p.148. *In*: Souza, B.B.; Silva, G.N. & Melo, J.D. (orgs.). **Pesquisa em Meio Ambiente: novas abordagens e suas contribuições**. Perse.

44. Almeida, B.J.M. 2004. Estrutura da população e aspectos ecológicos das aves da praia da Atalaia e do Mangue da Coroa do Meio. **Relatório Técnico**, 34.

45. Almeida, B.J.M. 2010. **As aves limícolas migratórias nas praias de Aracaju: avaliação da influência antrópica e contribuição para ações de desenvolvimento costeiro**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal de Sergipe. 90p.

46. Almeida, J.B. 2009. **Wintering ecology of Buff-breasted Sandpipers (*Tryngites subruficollis*) in Southern Brazil**. University of Nevada. 219p.

47. Alvarenga, H. 2007. *Anodorhynchus glaucus* e *A. leari* (Psittaciformes, Psittacidae): osteologia, registros fósseis e antiga distribuição geográfica. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15 (3): 427–432.

48. Álvarez-Cordero, E. 1996. **Biology and conservation of the Harpy Eagle in Venezuela and Panama**. Tese (Doutorado em Biologia). University of Florida. 212p.

49. Alves, V.S.; Soares, A.B.A.; Couto, G.S.; Efe, M.A. & Ribeiro, A.B.B. 2004. Aves marinhas de Abrolhos, p.213–232. *In*: Branco, J.A. (ed.). **Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e**



conservação. Univali.266p.

- 49a. Alves, W. N. 2015. WA2131245, *Columbina cyanopis* (Pelzeln, 1870). **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2131245>> Acesso em: 15 Fev 2018.)
50. Amaral, A.C.A.; Hernández, M.I.M.; Xavier, B.F. & Bella, S.D. 2005. Dinâmica de ninho de Arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari* Bonaparte, 1856) em Jeremoabo, Bahia. **Ornithologia**, 1 (1): 59–64.
51. Amaral, F.S.R. & Cabanne, G.S. 2008. *Leucopternis lacernulata* (Temminck, 1827), p.426–427. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
52. Amaral, F.S.R. 2009. *Leucopternis lacernulatus* (Temminck, 1827) Falconiformes, Accipitridae, p.133. In: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
53. Andres, B.A.; Smith, P.A.; Morrison, G.; Gratto-Trevor, C.L.; Brown, S.C. & Friis, C.A. 2012. Population estimates of North American shorebirds, 2012. **Water Study Group Bulletin**, 119 (3): 178–194.
54. Anjos, L.; Schuchmann, K.L. & Berndt, R. 1997. Avifaunal composition, species richness, and status in the Tibagi river basin, Parana State, Southern Brazil. **Ornitologia Neotropical**, 8:145–173.
55. Anônimo. 1998. A new manakin from Brazil: disclaimer. **Cotinga**, 9: 82.
56. Antas, P.T.Z.; Braz, V.S.; França, F.G.R.; Pereira, M.A. & Disconzi, G. 2009. *Mergus octosetaceus* na Chapada dos Veadeiros, GO. **Dados biométricos, expansão de ocorrência local e radiotelemetria**. In: XVII Congresso Brasileiro de Ornitologia. Faculdades Integradas São Pedro.
57. Antas, P.T.Z.; Filippini, A. & Azevedo-Júnior, S.M. 1990. **Anilhamento de aves oceânicas e/ou migratórias no Arquipélago de Fernando de Noronha em 1987 e 1988**. In: IV Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. Universidade Rural de Pernambuco.
58. Antas, P.T.Z. 1983. Migration of Neartic shorebirds (Charadriidae and Scolopacidae) in Brazil – flyways and their different seasonal use. **Water Study Group Bulletin**, 39: 52–56.
59. Antongiovanni, M. & Metzger, J.P. 2005. Influence of matrix habitat on the occurrence of insectivorous bird species in Amazonian forest fragments. **Biological Conservation**, 122: 441–451.
60. AQUASIS (Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos); OAP (Associação dos Observadores de Aves de Pernambuco); UFPA (Universidade Federal do Pará); SAVE BRASIL & IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). 2006. **Plano de Conservação do Soldadinho-do-araripe (*Antilophia bokermanni*)**. Pouchain Ramos.
- 60a. ARA. **Atlas de Registro de Aves Brasileiras**. 2017. ara.cemave.net. Acesso em 2017.
61. Aranibar-Rojas, H. 2006. *Crax globulosa*, p.37–39. In: **Conserving Cracids: the most Threatened Family of Birds in the Americas**. Miscellaneous Publications of The Houston Museum of Natural Science.
62. Arantes, F.A. 2014. WA1418349, *Tangara peruviana* (Desmarest, 1806). **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/1418349>. Acesso em 2015.
63. Araújo, H.F.P.; Rodrigues, R.C.; Nishida, A.K.; Araujo, H.F.P.; Rodrigues, R.C. & Nishida, A.K. 2006. Composição da avifauna em complexos estuarinos no estado da Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 14 (3): 249–259.
64. Araújo, J.C.C. & Scherer-Neto, P. 1997. **Programa de conservação e manejo da arara-azul-de-lear – 1º ano de campo**. In: VI Congresso Brasileiro de Ornitologia. UFMG.



- 64a. Araújo-Silva, L.; Miranda, L.; Carneiro, L. & Aleixo, A. 2017. Phylogeography and diversification of an Amazonian understory hummingbird: Paraphyly and evidence for widespread cryptic speciation in the Plio-Pleistocene. **Ibis**. [http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/\(ISSN\)1474-919X/accepted.10.1111/ibi.12500](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/(ISSN)1474-919X/accepted.10.1111/ibi.12500).
65. Areta, J.I. 2008. The Entre Ríos Seedeater (*Sporophila zelichi*): a species that never was. **Journal of Field Ornithology**, 79:352–363.
66. Armenta, J.K.; Weckstein, J.D. & Lane, D.F. 2005. Geographic variation in mitochondrial DNA sequences of an Amazonian Nonpasserine: The Black-Spotted Barbet Complex. **The Condor**, 107 (3): 527–536.
67. Arndt, T. & Roth, P. 1986. Der Rotbauchsittich *Pyrrhura rhodogaster* im Vergleich mit den verschiedenen Unterarten des Blausteibsittichs *Pyrrhura perlata*: Vorschlag für nomenklatorische und systematische Änderungen. **Verhandlungen der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern**, 24:313–317.
68. Ashkenazie, S. & Safriel, U.N. 1979. Breeding cycle and behavior of the Semipalmated Sandpiper at Barrow, Alaska. **The Auk**, 96 (1): 56–67.
69. ASMFC, Atlantic States Marine Fisheries Commission. 2012 **Action Plan**. <http://www.asmf.org/>. Acesso em 2012.
70. Assis, C.P.; Seixas, L.; Raposo, M.A. & Kirwan, G.M. 2008. Taxonomic status of *Tangara cyanomelaena* (Wied, 1830), an east Brazilian Atlantic forest endemic. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16: 232–239.
71. Azevedo-Júnior, S.M.; Larrazábal, M.E. & Genevois, V.F. 1997. **Conservação de aves limícolas: o caso da costa do Nordeste Brasileiro**. In: VII Congresso Latino-americano sobre Ciências do Mar. Resumo expandido. 1: 56-57. Santos-SP.
72. Azevedo-Júnior, S.M.; Larrazábal, M.E. & Pena, O. 2004. Aves aquáticas dos ambientes antrópicos (salinas) do Rio Grande do Norte, Brasil, p.255–266. In: Branco J. (org.). **Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação**. Editora da Univali.
73. Azevedo-Júnior, S.M. & Larrazábal, M.E. 1999. Captura e anilhamento de *Calidris pusilla* (Scolopacidae) na costa de Pernambuco. **Ararajuba**, 7 (2): 63–69.
74. Azevedo-Júnior, S.M. & Larrazábal, M.E. 2011. Salina Diamante Branco, p.146–149. In: Valente, R.M.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C., & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
75. Azevedo-Júnior, S.M. & Larrazábal, M.E. 2011. Coroa do Avião, p.150–154. In: Valente, R.M.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C., & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
76. Azevedo-Júnior, S.M. & Larrazábal, M.E. 2011. Pontal do Peba, p.159–162. In: Valente, R.M.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C., & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
77. Azevedo-Júnior, S.M. 1992. Anilhamento de aves migratórias na Coroa do Avião, Igarassu, Pernambuco, Brasil. **Caderno Ômega, Série Ciências Aquáticas**, 3: 31–47.
78. Backes, H. 2013. WA1059396, *Penelope ochrogaster*. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/1059396. Acesso em 2015.
79. Bagno, M.A. & Abreu, T.L.S. 2001. Avifauna da Região da Serra do Lajeado, Estado do Tocantins. **Humanitas**, 3: 51–70.



80. Baker, A.J.; Gonzáles, P.M.; Piersma, T.; Niles, L.J.; Nascimento, I.L.S.; Atkinson, P.W.; Clark, N.A.; Minton, C.D.T; Peck, M.K. & Aarts, G. 2004. Rapid population decline in red knots: fitness consequences of decreased refuelling rates and late arrival in Delaware Bay. **Proceedings of The Royal Society: Biological Sciences**, 271 (1541): 875–882.
81. Baker, A.J.; Gonzáles, P.M.; Serrano, I.L.; Telino-Júnior, W.R.; Efe, M.A.; Rice, S.; D’Amico, V.L.; Rocha, M.C. & Echave, M.E. 2005. Assessment of wintering area of Red Knots in Maranhão northern Brazil in February 2005. **Water Study Group Bulletin**, 197: 3–11.
82. Bampi, M.I. & Da-Ré, M. 1994. **Recovery program for the Spix’s Macaw (*Cyanopsitta spixii*): conservation in the wild and reintroduction program.** In: International Loro Parque Parrot Convention.
83. Bandeira, R.S.; Rego, P.S.; Aleixo, A.; Schneider, H.; Sampaio, I. & Vallinoto, M. 2008. ***Lepidothrix vilasboasi* (Sick, 1959): espécie válida? Uso de marcadores moleculares no estudo de uma ave amazônica, endêmica e ameaçada.** In: 54º Congresso Brasileiro de Genética.
84. Banhos, A. 2009. **Genética, distribuição e conservação do gavião-real (*Harpia harpyja*) no Brasil.** Tese (Doutorado em Genética, Conservação e Biologia Evolutiva). INPA/UFAM. 163p.
85. Baptista, L.F.; Trail, P.W. & Horblit, H.M. 1997. Family Columbidae, p.60–243. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 4: Sandgrouse to Cuckoos.** Lynx Edicions. 679p.
86. Barbieri, E.; Delchiaro, R.T.C. & Branco, J.O. 2013. Flutuações mensais na abundância dos Charadriidae e Scolopacidae da praia da Ilha Comprida, São Paulo, Brasil. **Biota Neotropica** (13)3: 268–277.
87. Barbieri, E. & Hvenegaard, G.T. 2008. Seasonal Occurrence and Abundance of Shorebirds at Atalaia Nova Beach in Sergipe State, Brazil. **Waterbirds**, 31 (4): 636–644.
88. Barbieri, E. & Mendonça, J.T. 2008. Seasonal Abundance and Distribution of Larids at Ilha Comprida (São Paulo State, Brazil). **Journal of Coastal Research**, 24: 70–78.
89. Barbieri, E. & Paes, E.T. 2008. The birds at Ilha Comprida beach (São Paulo state, Brazil): a multivariate approach. **Biota Neotropica**, 8 (3): 41–50.
90. Barbieri, E. 2007. Seasonal abundance of shorebirds at Aracaju, Sergipe, Brazil. **Water Study Group Bulletin**, 113: 40–46.
91. Barbieri, E. 2011. Ilha Comprida, p.237–241. In: Valente, R.M.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C., & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil.** Conservation International.
92. Barbosa, A.E.A.; Lugarini, C.; Oliveira, K.G.; Barros, Y.M.; Linares, S.F.T.P.; Sousa, A.E.B.A.; Santos-Neto, J.R.; Scherer-Neto, P.; Nascimento, J.L.X. & Rocha, K.M.R. 2012. Arara-azul-de-lear, p.19–47. In: Lugarini, C.; Barbosa, A.E.A. & Oliveira, K.G. (orgs.). **Plano de Ação Nacional para a Conservação da arara-azul-de-lear.** ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Série espécies ameaçadas n° 4.
93. Barbosa, A.E.A. 2010. Relatório final do projeto: monitoramento do status populacional da arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari* Bonaparte, 1856). **Relatório técnico**, CEMAVE/ICMBio.
94. Barbosa, M.O. & Almeida, M.L. 2010. Novas observações e dados reprodutivos do pato-mergulhão *Mergus octosetaceus* na região do Jalapão, Tocantins, Brasil. **Cotinga**, 32: 40–45.
95. Barbosa, M.O.; Pinheiro, R.T. & Carvalho, V.F. 2011. Descrição de ninhos do pato-mergulhão *Mergus octosetaceus* em cavidade arbórea na região do Jalapão. **Cotinga**, 33: 71–75.



96. Barbosa-Filho, R.C.; Sousa, A.E.A.B.; Freitas, G.L.; Nunes, M.F.C.; Souza, E.A. & Zeppelini, D. 2009. A garça-vaqueira (*Bubulcus ibis* Linnaeus, 1758) e o atobá-de-pé-vermelho (*Sula sula* Linnaeus, 1766) no Arquipélago de Fernando de Noronha: uma abordagem ecológica comparativa. **Ornithologia**, 3 (2): 101–114.
97. Barclay, R.M.R.; Baerwald, E.F. & Gruver, J.C. 2007. Variation in bat and bird fatalities at wind energy facilities: assessing the effects of rotor size and tower height. **Canadian Journal of Zoology**, 85: 381–387.
98. Barlow, J.; Haugaasen, T. & Peres, C.A. 2002. Effects of ground fires on understory bird assemblages in Amazonian forests. **Biological Conservation**, 105: 157–169.
99. Barnett, J.M.; Klavins, J.; Castillo, H.; Coconier, E. & Clay, R. 2004. *Nothura minor* (Tinamidae) a globally threatened Cerrado species new to Paraguay. **Ararajuba**, 12 (2): 153–155.
100. Barros, Y.M. & Bianchi, C.A. 2008. *Anodorhynchus leari* Bonaparte, 1856, p.469–470. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
101. Barros, Y.M. & Bianchi, C.A. 2008. *Cyanopsitta spixii* (Wagler, 1832), p.471–472. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
102. Barros, Y.M.; Soye, Y.; Miyaki, C.Y.; Watson, R.; Crosta, L. & Lugarini, C. 2012. **Plano de Ação Nacional para a Conservação da ararinha-azul: *Cyanopsitta spixii***. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 148p. Série espécies ameaçadas n° 9.
103. Bastos, L.F.; Luz, V.L.F.; Reis, I.J. & Souza, V.L. 2008. Apreensão de espécies da fauna silvestre em Goiás – situação e destinação. **Revista de Biologia Tropical**, 5 (2): 51–63.
104. Bates, J.M.; Haffer, J. & Grismer, E. 2004. Avian mitochondrial DNA sequence divergence across a headwater stream of the Rio Tapajós, a major Amazonian river. **Journal of Ornithology**, 145: 199–205.
105. Batista, R.; Aleixo, A.; Vallinoto, M.; Azevedo, L.; Rêgo, P.S.; Silveira, L.F.; Sampaio, I. & Schneider, H. 2013. Molecular systematics and taxonomic revision of the Amazon Barred Woodcreeper complex (*Dendrocolaptes certhia*: Dendrocolaptidae), with description of a new species from the Xingu-Tocantins interfluve, p.245–247. In: del Hoyo, J.; Elliott, A.; Sargatal, J. & Christie, D.A. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World: Special Volume – New Species and Global Index**. Lynx Edicions. 812p.
106. Batista, R.S.S. 2009. **Revisão taxonômica da espécie politépica *Dendrocolaptes certhia* (Aves: Dendrocolaptidae)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas). Centro Universitário do Estado do Pará, 21p.
107. Batista, R.S.S. 2012. **Filogeografia e limites inter-específicos em *Dendrocolaptes certhia* (Aves: Dendrocolaptidae)**. Dissertação (Mestrado em Zoologia). Universidade Federal do Pará. 55p.
108. Baudet, G. 2001. Primeira observação do entufado-baiano (*Merulaxis stresemanni*) na natureza. **Tangara**, 1 (2): 51–56.
109. Baumgarten, L. 2008. *Harpyhaliaetus coronatus* (Vieillot, 1817), p.424–425. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
110. Beer, K.J. & Kate J. 2010. A review of threats to albatross conservation management and the creation of the Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels (ACAP). **PCAS Literature Review**, 17.



111. Begazo, A.J. 1997. News on the piruí (*Crax globulosa*) in the Peru. **Bulletin of the IUCN/Birdlife/WPA Cracid Specialist Group**, 58: 7–10.
112. Belton, W. 1984. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. Part 1. Rheidae through Furnariidae. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, 178 (4): 369–631.
113. Belton, W. 1985. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil Part 2. Formicariidae through Corvidae. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, 180 (1): 1–241.
- 113a. Belton, W. 1994. **Aves do Rio Grande do Sul: Distribuição e Biologia**. Editora Unissinos. 584p.
114. Bencke, G.A.; Dias, R.A.; Bugoni, L.; Agne, C.E.; Fontana, C.S.; Maurício, G.N. & Machado, D.B. 2010. Revisão e atualização da lista das aves do Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia, Série Zoologia**, 100 (4): 519–556.
115. Bencke, G.A. & Dias, R.A. 2013. *Sporophila ruficollis*, p.95–97. In: Serafini P. (org.). **Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho**. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Série espécies ameaçadas n° 31.
116. Bencke, G.A.; Fontana, C.S.; Dias, R.A.; Mauricio, G.N. & Mähler Jr., J.K.F. 2003. Aves, p.189–479. In: Fontana, C.S.; Bencke, G.A. & Reis, R.E. (orgs.). **Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul**. Edipucrs.
117. Bencke, G.A.; Mauricio, G.N.; Develey, P.F. & Goerck, J.M. 2006. **Áreas importantes para a Conservação das aves no Brasil: Parte I - Estados do Domínio da Mata Atlântica**. SAVE Brasil. 494p.
118. Benedicto, G.A. & Schunck, F. 2009. *Carpornis melanocephala* (Wied, 1820) Passeriformes, Cotingidae, p.231. In: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
119. Benedicto, G.A. 2009. *Eleothreptus candicans* (Pelzeln, 1867) Caprimulgiformes, Caprimulgidae, p.183. In: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
120. Bennett, S.E. 2000. The status of the Piuri (*Crax globulosa*) in Colombia - a brief overview. **Bulletin of the IUCN/Birdlife/WPA Cracid Specialist Group**, 10: 18–21.
121. Bergallo, H.G.; Rocha, C.F.D.; Alves, M.A.S. & Van Sluys, M. 2000. **A fauna ameaçada de extinção do Estado do Rio de Janeiro**. 1 ed. Ed UERJ (Editora Universidade do Estado do Rio de Janeiro). 168 p.
122. Bergman, C. 2009. The Golden Birds of the Lost World. **PsittaScene**, 21 (1): 4–7.
123. Bernardo, C.S.S.; Lloyd, H.; Bayly, N. & Galetti, M. 2011. Modelling post-release survival of reintroduced Red-billed Curassows *Crax blumenbachii*. **Ibis**, 153: 562–572.
124. Bernardo, C.S.S. 2010. **Reintrodução de mutuns-do-sudeste *Crax blumenbachii* (Cracidae) na Mata Atlântica da Reserva Ecológica de Guapiaçu (Cachoeiras de Macacu, RJ, Brasil)**. Tese (Doutorado em Zoologia). Universidade Estadual Paulista. 155p.
125. Berrow, S.D.; Wood, A.G. & Prince, P.A. 2000. Foraging location and range of White-chinned Petrels *Procellaria aequinoctialis* breeding in the South Atlantic. **Journal of Avian Biology**, 31: 303–311.
126. Bertelli, S.; Giannini, N.P. & Goloboff, P.A. 2002. A Phylogeny of the *Tinamous* (Aves: Palaeognathiformes) Based on Integumentary Characters. **Systematics Biology**, 51 (6): 959–979.
127. Bianchi, C.A.; Barros, Y. & Venturin, A.C. 2008. *Pyrrhura leucotis* (Kuhl, 1820), p.481–482.



In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

129. Bianchi, C.A. 2008. *Pyrrhura pfrimeri* Miranda-Riberio 1920, p.483–484. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

130. Bianchi, C.A. 2010. **Rapid endangered species assessment: a novel approach to improve extinction risk assessments in poorly known species**. Tese (Doutorado em Ciências da Vida Selvagem), Oregon State University. 194p.

131. Bierregaard, R.O. & Kirwan, G. 2013. Guiana Crested Eagle (*Morphnus guianensis*), In: del Hoyo, J.; Elliott, A.; Sargatal, J.; Christie, D.A. & de Juana, E. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World Alive**. Lynx Edicions. <http://www.hbw.com/node/53149> Acesso em 16/4/2014.

132. Bierregaard, R.O. 1994. *Circus cinereus*, p.139. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 2: New World Vultures to Guineafowl**. Lynx Edicions. 638p.

133. Bierregaard, R.O.Jr. 1984. Observations o the nesting biology of the Guiana Crested Eagle (*Morphnus guianensis*). **The Wilson Bulletin**, 96 (1): 1–5.

134. Bierregaard, R.O.Jr. 1994. *Harpyhaliaetus coronatus*. p.175. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 2: New World Vultures to Guineafowl**. Lynx Edicions. 638p.

135. Bierregaard, R.O.Jr. 1994. *Morphnus guianensis*, p.191. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 2: New World Vultures to Guineafowl**. Lynx Edicions. 638p.

136. Bierregaard, R.O.Jr. 1994. *Harpia harpyja*, p.191. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 2: New World Vultures to Guineafowl**. Lynx Edicions. 638p.

137. Bird, J.P.; Buchanan, G.M.; Lees, A.L.; Clay, R.P.; Develey, P.F.; Yépez, I. & Butchart, S.H.M. 2012. Integrating spatially explicit habitat projections into extinction risk assessments: a reassessment of Amazonian avifauna incorporating projected deforestation. **Diversity and Distributions**, 18 (3): 273–281.

138. BirdLife Intenational. 2015. *Psophia obscura*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T45470702A78918938. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.20154.RLTS.T45470702A78918938>. en. Acesso em 2016.

139. BirdLife International. *Pyrrhura cruentata*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22685783A37890116. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22685783A37890116>. en. Acesso em 2016.

140. BirdLife International. 2012. **Important Bird and Biodiversity Area factsheet: Itanagra**. <http://www.birdlife.org/datazone/sitefactsheet.php?id=20112>. Acesso em 2015.

141. BirdLife International. 2012. *Xipholena atropurpurea*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22700900A37976893. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22700900A37976893>.en.. Acesso em 2015.

142. BirdLife International. 2011. **Species**. <http://www.birdlife.org/datazone/species>. Acesso em 2011.

143. BirdLife International. 2012. *Tinamus tao*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22678135A40071738. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22678135A40071738>. en. Acesso em 2015.



144. BirdLife International. 2012. **Species**. <http://www.birdlife.org/datazone/species>. Acesso em 2012.
145. BirdLife International. 2012. ***Penelope ochrogaster***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22678395A37830340. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22678395A37830340>. en. Acesso em 2016.
146. BirdLife International. 2012. ***Penelope jacucaca***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22678398A37863310. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22678398A37863310>. en. Acesso em 2016.
147. BirdLife International. 2012. ***Thalassarche chlororhynchos***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22698425A40181202. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22698425A40181202>. en. Acesso em 2016.
148. BirdLife International. 2012. ***Diomedea epomophora***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22698314A38945725. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22698314A38945725>. en. Acesso em 2016.
149. BirdLife International. 2012. ***Diomedea exulans***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22698305A38939569. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22698305A38939569>. en. Acesso em 2016.
150. BirdLife International. 2012. ***Pterodroma madeira***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22698062A38079109. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22698062A38079109>. en. Acesso em 2016.
151. BirdLife International. 2012. ***Pterodroma arminjoniana***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22698005A38967835. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22698005A38967835>. en. Acesso em 2016.
152. BirdLife International. 2012. ***Phaethon lepturus***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22696645A40271010. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22696645A40271010>. en. Acesso em 2016.
153. BirdLife International. 2012. ***Fregata minor***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22697733A40276161. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22697733A40276161>. en. Acesso em 2016.
154. BirdLife International. 2012. ***Fregata ariel***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22697738A40277668. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22697738A40277668>. en. Acesso em 2016.
155. BirdLife International. 2012. ***Sula sula***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22696694A40300788. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22696694A40300788.
156. BirdLife International. 2012. ***Tigrisoma fasciatum***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22697264A40242914. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22697264A40242914>. en. Acesso em 2015.
157. BirdLife International. 2012. ***Circus cinereus***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22695393A40359916. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22695393A40359916>. en. Acesso em 2016.
158. BirdLife International. 2012. ***Buteogallus lacernulatus***. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22695763A37873317. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22695763A37873317>. en. Acesso em 2015.



159. BirdLife International. 2012. *Buteogallus coronatus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22695855A37825517. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22695855A37825517>. en. Acesso em 2014.
160. BirdLife International. 2012. *Porzana spiloptera*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22692687A37865136. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22692687A37865136>. en. Acesso em 2016.
161. BirdLife International. 2012. *Charadrius wilsonia brasiliensis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22693774A38752669. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22693774A38752669>. en. Acesso em 2016.
162. BirdLife International. 2012. *Calidris pusilla*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22693373A38788283. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22693373A38788283>. en. Acesso em 2015.
163. BirdLife International. 2012. *Calidris subruficollis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22693447A38825896. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22693447A38825896>. en. Acesso em 2016.
164. BirdLife International. 2012. *Sterna hirundinacea*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22694618A38864164. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22694618A38864164>. en. Acesso em 2016.
165. BirdLife International. 2012. *Claravis geoffroyi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22690819A37885204. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22690819A37885204>. en. Acesso em 2016.
166. BirdLife International. 2012. *Nyctibius leucopterus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22689653A40439422. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22689653A40439422>. en. Acesso em 2015.
167. BirdLife International. 2012. *Eleothreptus candicans*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22689826A37957378. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22689826A37957378>. en. Acesso em 2016.
168. BirdLife International. 2012. *Glaucis dohrnii*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22687026A37928563. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22687026A37928563>. en. Acesso em 2016.
169. BirdLife International. 2012. *Lophornis gouldii*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22687187A40477146>. en. Acesso em 2016.
170. BirdLife International. 2012. *Thalurea watertonii*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22687402A84462116. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015.RLTS.T22687402A84462116>. en. Acesso em 2015.
171. BirdLife International. 2012. *Augastes lumachella*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22688069A37916446. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22688069A37916446>. en. Acesso em 2015.
172. BirdLife International. 2012. *Capito dayi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22681917A40583327. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22681917A40583327>. en. Acesso em 2016.
173. BirdLife International. 2012. *Celeus obrieni*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22731646A37957070. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22731646A37957070>.



en. Acesso em 2016.

174. BirdLife International. 2012. *Hylatomus galeatus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22681360A37959860. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22681360A37959860>. en. Acesso em 2016.

175. BirdLife International. 2012. *Touit melanonotus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22686037A37919533. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22686037A37919533>. en. Acesso em 2015.

176. BirdLife International. 2012. *Touit surdus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22686054A37915624. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22686054A37915624>. en. Acesso em 2015.

177. BirdLife International. 2012. *Pyrilia vulturina*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22686145A39024490. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22686145A39024490>. en. Acesso em 2016.

178. BirdLife International. 2012. *Amazona pretrei*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22686251A37905030. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22686251A37905030>. en. Acesso em 2015.

179. BirdLife International. 2012. *Myrmotherula klagesi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22701439A38078255. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22701439A38078255>. en. Acesso em 2016.

180. BirdLife International. 2012. *Formicivora erythronotos*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22701605A38068201. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22701605A38068201>. en. Acesso em 2016.

181. BirdLife International. 2012. *Formicivora grantsaui*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22735914A38068807. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22735914A38068807>. en. Acesso em 2016.

182. BirdLife International. 2012. *Dysithamnus plumbeus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22701397A38311035. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22701397A38311035>. en. Acesso em 2016.

183. BirdLife International. 2012. *Herpsilochmus pileatus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22729474A38082765. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22729474A38082765>. en. Acesso em 2016.

184. BirdLife International. 2012. *Myrmeciza ruficauda*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22701795A93849413. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22701795A93849413>. en. Acesso em 2016.

185. BirdLife International. 2012. *Pyriglena atra*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22701703A38240549. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22701703A38240549>. en. Acesso em 2016.

186. BirdLife International. 2012. *Cercomacra ferdinandi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22701677A38074502. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22701677A38074502>. en. Acesso em 2016.

187. BirdLife International. 2012. *Hypocnemis ochrogyna*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22735491A39171704. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22735491A39171704>. en. Acesso em 2016.



188. BirdLife International. 2012. *Rhegmatorhina gymnops*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22701907A39179690. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22701907A39179690>. en. Acesso em 2016.
189. BirdLife International. 2012. *Scytalopus diamantinensis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22736188A38111764. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22736188A38111764>. en. Acesso em 2016.
190. BirdLife International. 2012. *Scytalopus novacapitalis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22703531A38115705. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22703531A38115705>. en. Acesso em 2016.
191. BirdLife International. 2012. *Geositta poecilopectera*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22701974A38084668. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22701974A38084668>. en. Acesso em 2016.
192. BirdLife International. 2012. *Xiphocolaptes falcirostris*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22703071A38188687. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22703071A38188687>. en. Acesso em 2015.
193. BirdLife International. 2012. *Hylexetastes brigidai*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22729194A39223581. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22729194A39223581>. en. Acesso em 2016.
194. BirdLife International. 2012. *Leptasthenura platensis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22702167A39203503. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22702167A39203503>. en. Acesso em 2016.
195. BirdLife International. 2012. *Pseudoseisura lophotes*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22702740A39227246. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22702740A39227246>. en. Acesso em 2016.
196. BirdLife International. 2012. *Coryphistera alaudina*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22702664A39217253. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22702664A39217253>. en. Acesso em 2016.
197. BirdLife International. 2012. *Synallaxis infuscata*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22702317A38299931. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22702317A38299931>. en. Acesso em 2016.
198. BirdLife International. 2012. *Synallaxis kollari*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22702393A38306365. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22702393A38306365>. en. Acesso em 2016.
199. BirdLife International. 2012. *Asthenes hudsoni*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22702582A38102563. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22702582A38102563>. en. Acesso em 2015.
200. BirdLife International. 2012. *Acrobatornis fonsecai*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22724510A39222117. <http://www.iucnredlist.org/details/22724510/0>. Acesso em 2015.
201. BirdLife International. 2012. *Cranioleuca muelleri*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22702461A39208559. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22702461A39208559>. en. Acesso em 2016.
202. BirdLife International. 2012. *Thripophaga macroura*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22702588A38230026. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22702588A38230026>. en.



Acesso em 2015.

203. BirdLife International. 2012. *Neopelma aurifrons*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22701188A37921474. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22701188A37921474>. en. Acesso em 2016.
204. BirdLife International. 2012. *Lepidothrix iris*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22701033A38622772. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22701033A38622772>. en. Acesso em 2016.
205. BirdLife International. 2012. *Iodopleura pipra*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22700818A37958114. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22700818A37958114>. en. Acesso em 2016.
206. BirdLife International. 2012. *Cotinga maculata*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22700886A37982247. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22700886A37982247>. en. Acesso em 2016.
207. BirdLife International. 2012. *Carpornis melanocephala*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22700736A38029129. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22700736A38029129>. en. Acesso em 2016.
208. BirdLife International. 2012. *Phylloscartes beckeri*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22724495A38053343. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22724495A38053343>. en. Acesso em 2016.
209. BirdLife International. 2012. *Phylloscartes ceciliae*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22699516A38051079. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22699516A38051079>. en. Acesso em 2016.
210. BirdLife International. 2012. *Hemitriccus mirandae*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22698953A38062079. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22698953A38062079>. en. Acesso em 2016.
211. BirdLife International. 2012. *Hemitriccus kaempferi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22698957A38063058. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22698957A38063058>. en. Acesso em 2016.
212. BirdLife International. 2012. *Hemitriccus furcatus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22698964A38063712. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22698964A38063712>. en. Acesso em 2016.
213. BirdLife International. 2012. *Stigmatura napensis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22699359A38664971. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22699359A38664971>. en. Acesso em 2016.
214. BirdLife International. 2012. *Elaenia ridleyana*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22699268A38040278. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22699268A38040278>. en. Acesso em 2016.
215. BirdLife International. 2012. *Alectrurus tricolor*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22700300A38075964. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22700300A38075964>. en. Acesso em 2015.
216. BirdLife International. 2012. *Xolmis dominicanus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22700052A38170697. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22700052A38170697>. en. Acesso em 2015.



217. BirdLife International. 2012. *Vireo gracilirostris*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22705251A38177561. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22705251A38177561>. en. Acesso em 2015.
218. BirdLife International. 2012. *Cichlopsis leucogenys*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22708612A39711499. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22708612A39711499>. en. Acesso em 2016.
219. BirdLife International. 2012. *Anthus nattereri*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22718611A38123787. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22718611A38123787>. en. Acesso em 2015.
220. BirdLife International. 2012. *Arremonops conirostris*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22721401A39970341. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22721401A39970341>. en. Acesso em 2015.
221. BirdLife International. 2017. *Anumara forbesi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T22724274A119070155. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-3.RLTS.T22724274A119070155>. en. Acesso em 2018.
222. BirdLife International. 2012. *Sturnella deflippii*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22724229A38261901. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22724229A38261901>. en. Acesso em 2016.
223. BirdLife International. 2012. *Tangara peruviana*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22722890A38130567. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22722890A38130567>. en. Acesso em 2016.
224. BirdLife International. 2012. *Sporophila frontalis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22723399A38203530. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22723399A38203530>. en. Acesso em 2016.
225. BirdLife International. 2012. *Sporophila falcirostris*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22723403A38162686. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22723403A38162686>. en. Acesso em 2016.
226. BirdLife International. 2012. *Sporophila plumbea*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22723414A39938325. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22723414A39938325>. en. Acesso em 2016.
227. BirdLife International. 2012. *Sporophila nigrorufa*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22723468A38272133. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22723468A38272133>. en. Acesso em 2016.
228. BirdLife International. 2012. *Sporophila hypoxantha*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22723481A39952783. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22723481A39952783>. en. Acesso em 2016.
229. BirdLife International. 2012. *Sporophila ruficollis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22723484A38159446. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22723484A38159446>. en. Acesso em 2016.
230. BirdLife International. 2012. *Sporophila palustris*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22723487A39953894. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22723487A39953894>. en. Acesso em 2016.
231. BirdLife International. 2012. *Sporophila melanogaster*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012:



- e.T22723509A38152691. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22723509A38152691.en>. Acesso em 2016.
232. BirdLife International. 2012. *Coryphas piza melanotis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e.T22723039A38130907. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012-1.RLTS.T22723039A38130907.en>. Acesso em 2016.
233. BirdLife International. 2016. *Spinus yarrellii*. The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T22720368A94666662. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22720368A94666662.en>. Acesso em 2018.
234. BirdLife International. 2013. **Species**. <http://www.birdlife.org/datazone/species>. Acesso em 2013.
235. BirdLife International. 2013. *Taoniscus nanus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22678286A48887171. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22678286A48887171.en>. Acesso em 2016.
236. BirdLife International. 2013. *Penelope pileata*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22678392A50394575. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22678392A50394575.en>. Acesso em 2016.
237. BirdLife International. 2013. *Aburria jacutinga*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22678429A48053259. <http://www.iucnredlist.org/details/22678429/0>. Acesso em 2015.
238. BirdLife International. 2013. *Crax globulosa*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22678537A48105238. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22678537A48105238.en>. Acesso em 2015.
239. BirdLife International. 2013. *Crax blumenbachii*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22678544A48007541. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22678544A48007541.en>. Acesso em 2016.
240. BirdLife International. 2013. *Mitu mitu*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22678486A47987223. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22678486A47987223.en>. Acesso em 2016.
241. BirdLife International. 2013. *Diomedea sanfordi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22728323A49338107. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22728323A49338107.en>. Acesso em 2016.
242. BirdLife International. 2013. *Phaethon aethereus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22696637A48968359. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22696637A48968359.en>. Acesso em 2016.
243. BirdLife International. 2013. *Harpia harpyja*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22695998A48128299. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22695998A48128299.en>. Acesso em 2016.
244. BirdLife International. 2013. *Picumnus varzeae*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22680736A50398024. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22680736A50398024.en>. Acesso em 2016.
245. BirdLife International. 2013. *Anodorhynchus leari*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22685521A48042913. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22685521A48042913.en>. Acesso em 2015.
246. BirdLife International. 2013. *Guaruba guarouba*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013:



- e.T22724703A48046364. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22724703A48046364>. en. Acesso em 2016.
247. BirdLife International. 2013. *Amazona vinacea*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22686374A48050817. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22686374A48050817>. en. Acesso em 2015.
248. BirdLife International. 2013. *Amazona rhodocorytha*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22686288A48049107. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22686288A48049107>. en. Acesso em 2015.
249. BirdLife International. 2013. *Formicivora littoralis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22724412A50433232. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22724412A50433232>. en. Acesso em 2016.
250. BirdLife International. 2013. *Merulaxis stresemanni*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22703477A49765167. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22703477A49765167>. en. (Acesso em 2016).
251. BirdLife International. 2013. *Scytalopus iraiensis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22728464A50440226. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22728464A50440226>. en. Acesso em 2016.
252. BirdLife International. 2013. *Lepidothrix vilasboasi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22701040A50412820. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22701040A50412820>. en. Acesso em 2016.
253. BirdLife International. 2013. *Phylloscartes roquettei*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22699494A49902506. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22699494A49902506>. en. Acesso em 2016.
254. BirdLife International. 2013. *Xanthopsar flavus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22724673A49896903. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22724673A49896903>. en. Acesso em 2015.
255. BirdLife International. 2013. *Conothraupis mesoleuca*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22722136A49525588. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22722136A49525588>. en. Acesso em 2016.
256. BirdLife International. 2013. *Tangara fastuosa*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22722823A48157720. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22722823A48157720>. en. Acesso em 2016.
257. BirdLife International. 2013. *Gubernatrix cristata*. The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T22721578A48156458. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T22721578A48156458>. en. Acesso em 2016.
258. BirdLife International. 2014. **Species**. <http://www.birdlife.org/datazone/species>. (Acesso em 2014).
259. BirdLife International. 2014. *Pterodroma deserta*. The IUCN Red List of Threatened Species 2014: e.T22736135A40845826. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2014-2.RLTS.T22736135A40845826>. en. Acesso em 2016.
260. BirdLife International. 2014. *Celeus tinnunculus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2014: e.T22726483A40774322. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2014-2.RLTS.T22726483A40774322>. en. Acesso em 2016.



261. BirdLife International. 2014. *Aratinga solstitialis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2014: e.T62233372A62233643. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2014-2.RLTS.T62233372A62233643>. en. Acesso em 2016.
262. BirdLife International. 2014. *Pionus reichenowi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2014: e.T45429616A45429901. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2014-2.RLTS.T45429616A45429901>. en. Acesso em 2016.
263. BirdLife International. 2016. *Lipaugus conditus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T22700721A93793678. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22700721A93793678>. en. Acesso em 2018.
264. BirdLife International. 2015. *Nothura minor*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22678280A85064859. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22678280A95208737>. en. Acesso em 2015.
265. BirdLife International. 2015. *Mergus octosetaceus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22680482A78309117. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22680482A92863947>. en Acesso em 2015.
266. BirdLife International. 2015. *Crax pinima*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T45092131A78249708. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T45092131A78249708>. en. Acesso em 2016.
267. BirdLife International. 2015. *Diomedea dabbenena*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22728364A79003664. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22728364A79003664>. en. Acesso em 2016.
268. BirdLife International. 2015. *Pterodroma incerta*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22698084A84681773. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22698084A95224555>. en Acesso em 2015.
269. BirdLife International. 2015. *Procellaria aequinoctialis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22698140A83475793. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22698140A83475793>. en. Acesso em 2016.
270. BirdLife International. 2015. *Puffinus lherminieri*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T45959182A84678618. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015.RLTS.T45959182A84678618>. en. Acesso em 2016.
271. BirdLife International. 2015. *Leptodon forbesi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22724659A79327877. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22724659A79327877>. en. Acesso em 2016.
272. BirdLife International. 2015. *Morphnus guianensis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22695991A85060710. <http://www.iucnredlist.org/details/22695991/0>. Acesso em 2016.
273. BirdLife International. 2015. **Species**. <http://www.birdlife.org/datazone/species>. Acesso em 2015.
275. BirdLife International. 2015. *Calidris canutus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22693363A83036627. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22693363A83036627>. en. Acesso em 2015.
276. BirdLife International. 2015. *Sterna dougallii*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22694601A85093166. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22694601A86779648>. en. Acesso em 2015.



277. BirdLife International. 2015. *Columbina cyanopis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22690804A78677454. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22690804A78677454>. en. Acesso em 2016.
278. BirdLife International. 2015. *Neomorphus geoffroyi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T62144610A84683671. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015.RLTS.T62144610A84683671>. en. (Acesso em 2015).
279. BirdLife International. 2015. *Glaucidium mooreorum*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22733081A79310588. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22733081A79310588>. en. Acesso em 2016.
280. BirdLife International. 2015. *Anodorhynchus glaucus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22685527A79737409. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22685527A79737409>. en. Acesso em 2015.
281. BirdLife International. 2015. *Cyanopsitta spixii*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22685533A79740294. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22685533A79740294>. en. Acesso em 2016.
282. BirdLife International. 2015. *Pyrrhura griseipectus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22733968A79730463. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22733968A79730463>. en. Acesso em 2016.
283. BirdLife International. 2015. *Myrmotherula fluminensis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22701502A79845990. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22701502A79845990>. en. Acesso em 2016.
284. BirdLife International. 2015. *Myrmotherula snowi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22724407A79846906. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22724407A79846906>. en. Acesso em 2016.
285. BirdLife International. 2016. *Formicivora acutirostris*. The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T22724477A94868281. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22724477A94868281>. en. Acesso em 2018.
286. BirdLife International. 2015. *Eleoscytalopus psychopompus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22703535A83649974. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22703535A83649974>. en. Acesso em 2016.
287. BirdLife International. 2015. *Philydor novaesi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22702869A81273779. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22702869A81273779>. en. Acesso em 2015.
288. BirdLife International. 2015. *Antilophia bokermanni*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22728410A81979311. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22728410A81979311>. en. Acesso em 2015.
289. BirdLife International. 2015. *Calyptura cristata*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22700827A79845686. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22700827A79845686>. en. Acesso em 2016.
290. BirdLife International. 2015. *Nemosia rourei*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22722293A77517413. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T22722293A77517413>. en. Acesso em 2016.
- 290a. BirdLife International. 2016. *Phaethornis aethopygus*. The IUCN Red List of Threatened Species



- 2016:e.T22736463A5134657. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22736463A95134657>. en. Acesso em 2017.
291. BirdLife International. 2015. *Oryzoborus maximiliani*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22723537A84684048. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015.RLTS.T22723537A84684048>. en. Acesso em 2016.
- 291a. BirdLife International. 2016. *Limnodromus griseus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T22693344A93396788. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22693344A93396788>. en. Acesso em 2017.
- 291b. BirdLife International. 2016. *Pyrrhura leucotis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T45421208A95149224. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T45421208A95149224>. en. Acesso em 2017.
- 291c. BirdLife International. 2016. *Pyrrhura pfrimeri*. The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T22733974A95071284. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22733974A95071284>. en. Acesso em 2017.
- 291d. BirdLife International. 2016. *Rhopornis ardesiacus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T22701706A93845408. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22701706A93845408>. en. Acesso em 2017.
292. Blanco, D.E.; Lanctot, R.B.; Isaac, J.P. & Gill, V.A. 2004. Pastizales templados del sur de América del Sur como *habitat* de aves playeras migratorias. **Ornitologia Neotropical**, 15: 159–167.
293. Boer, M.N.; Williams, A.C. & Saulino, J.T. 2014. Observations of pelagic seabirds in the waters offshore Suriname. **The Academic Journal of Suriname**, 5: 474–491.
294. Bolster, D.C. & Robinson, S.K. 1990. Habitat use and relative abundance of migrant shorebirds in a western Amazonian site. **Condor**, 92: 239–242.
295. Borges, S.H. & Stouffer, P.C. 1999. Bird communities in two types anthropogenic successional vegetation in Central Amazonia. **Condor**, 101: 529–536.
296. Bornschein, M.R.; Mauricio, G.N.; Belmonte-Lopes, R.; Mata, H. & Bonatto, S.L. 2007. Diamantina Tapaculo, a new *Scytalopus* endemic to the Chapada Diamantina, northeastern Brazil (Passeriformes: Rhinocryptidae). **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15 (2): 151–174.
297. Both, R. & Freitas, T.O.R. 2004. Aves marinhas no arquipélago de São Pedro e São Paulo, p.193–194. In: Branco, J.O. (org.). **Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação**. Editora da Univali.
298. Branco, J.O. 2003. Reprodução das aves marinhas nas ilhas costeiras de Santa Catarina, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, 20 (4): 619–623.
299. Branco, J.O. 2003. Reprodução de *Sterna hirundinacea* Lesson e *S. eurygnatha* Saunders (Aves, laridae), no litoral de Santa Catarina, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, 20 (4): 655–659.
300. Brandão, L.G. 2011. **Plano de Manejo da Reserva Particular do Patrimônio Natural do SESC Pantanal**. 2ª edição. Ed. SESC - Departamento Nacional. 148p.
301. Brandt, A. & Machado, R.B. 1990. Área de alimentação e comportamento alimentar de *Anodorhynchus leari*. **Ararajuba**, 1: 57–63.
302. Braz, V.S. 2003. **Representatividade das unidades de conservação do Cerrado na preservação da avifauna**. Dissertação (Mestrado em Ecologia). Universidade de Brasília. 83p.



303. Braz, V.S. 2008. **Ecologia e conservação das aves campestres do Bioma Cerrado**. Tese (Doutorado em Ecologia). Universidade de Brasília. 187p.
304. Brewer, D. & Orenstein, R.I. 2010. Species accounts of Family Vireonidae, p.378–439. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 15: Weavers to New World Warblers**. Lynx Edicions. 879p.
305. Brewer, D. 2011. Species accounts of Family Cardinalidae, p.404–427. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.
306. Brightsmith, D.J. 2005. Competition, predation and nest niche shifts among tropical cavity nesters: ecological evidence. **Journal of Avian Biology**, 36: 74–83.
307. Brisson, M.J. 1760. **Ornithologie ou méthode contenant la division des oiseaux en ordres, sections, genres, especes & leurs variétés**. Bauche, Paris. 632p.
308. Brito, G.R.R.; Cordeiro, P.; Assis, C.P.; Figueira, D.M.; Firme, D.H.; Formozo, P.A.; Ruschi, P.; Russo, R.M.; Straker, L.C.; Torga, V.L. & Raposo, M.A. 2011. **First record of the Cone-billed Tanager (*Conothraupis mesoleuca*) in Pará state, Brazil, with inferences about its potential distribution**. *In*: Libro de Resúmenes IX Congreso de Ornitología Neotropical.
309. Brown, R.M.; Jordan, W.C.; Faulkes, C.G.; Jones, C.G.; Bugoni, L.; Tatayah, V.; Palma, R.L. & Nichols, R.A. 2011. Phylogenetic relationships in *Pterodroma* petrels are obscured by recent secondary contact and hybridization. **PLoS ONE**, 6: e20350.
310. Brown, R.M.; Nichols, R.A.; Faulkes, C.G.; Jones, C.G.; Bugoni, L.; Tatayah, V.; Gottelli, D. & Jordan, W.C. 2010. Range expansion and hybridization in Round Island petrels (*Pterodroma* spp.): evidence from microsatellite genotypes. **Molecular Ecology**, 19: 3157–3170.
311. Bugoni, L.; D’Alba, L. & Furness, R.W. 2009. Marine *habitat* use of wintering spectacled petrels *Procellaria conspicillata*, and overlap with longline fishery. **Marine Ecology Progress Series**, 374: 273–285.
312. Bugoni, L.; Mancini, P.L.; Monteiro, D.S.; Nascimento, L. & Neves, T.S. 2008. Seabird bycatch in the Brazilian pelagic longline fishery and a review of capture rates in the southwestern Atlantic Ocean. **Endangered Species Research**, 5: 137–147.
313. Bugoni, L.; McGill, R.A.R. & Furness, R.W. 2010. The importance of pelagic longline fishery discards for a seabird community determined through stable isotope analysis. **Journal of Experimental Marine Biology and Ecology**, 391: 190–200.
314. Bugoni, L.; Sander, M. & Costa, E.S. 2007. Effects of the first Southern Atlantic Hurricane on Atlantic Petrels (*Pterodroma incerta*). **The Wilson Journal of Ornithology**, 119 (4): 725–729.
315. Burger, J. & Gochfeld, M. 1991. Human activity influence and diurnal and nocturnal foraging of Sanderlings (*Calidris alba*). **Condor**, 93: 259–265.
316. Burger, J.; Jeitner, C.; Clark, K. & Niles, L.J. 2004. The effect of human activities on migrant shorebirds: successful adaptive management. **Environmental Conservation**, 31 (4): 283–288.
317. Burger, J.; Seyboldt, S.; Morganstein, N. & Clark, K. 1993. Heavy metals and selenium in feathers of three shorebird species from Delaware Bay. **Environmental Monitoring and Assessment**, 28: 189–198.
318. Burger, J. 1981. The effect of human activity on birds at a coastal bay. **Biological Conservation**, 21: 231–241.



319. Burlamaqui, T.C.T. 2008. **Relações filogenéticas no complexo *Dendrocincla merula* (Aves, Dendrocolaptidae)**. Dissertação (Mestrado em Genética e Biologia Molecular). Universidade Federal do Pará.
320. Buzzetti, D. 2008. **Avaliação Ecológica rápida para a elaboração do plano de manejo do Parque Nacional de Juruena MT - AM. Relatório final Avifauna**. Relatório Técnico. ICMBio. 66p.
321. Buzzetti, D.R.C.; Belmonte-Lopes, R.; Reinert, B.L.; Silveira, L.F. & Bornschein, M.R. 2013. A new species of *Formicivora* Swainson, 1824 (Thamnophilidae) from the state of São Paulo, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 21 (4): 269–291.
322. Buzzetti, D.R.C. 2002. **Avaliação Ecológica Rápida para elaboração do Plano de Manejo do Parque Estadual do Cristalino - Alta Floresta/ Mundo Novo - MT. Componente Avifauna**. Relatório Técnico. Tangará Consultoria.
323. Buzzetti, D.R.C. 2004. Avifauna do Parque, p.73–102. *In*: Campello, S. & Georgiadis, G. (orgs.). **Parque Estadual do Cantão, Avaliação Ecológica Rápida**. Relatório Técnico. Secretaria do Planejamento e Meio Ambiente, Instituto Natureza do Tocantins – Naturatins.
324. Cabanne, G.S. & Amaral, F.S.R. 2008. *Circus cinereus* Vieillot, 1816, p.422–424. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
325. Cabanne, G.S. & Granzinoli, M.A.M. 2009. *Circus cinereus* Vieillot, 1816 Falconiformes, Accipitridae, p.131. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
326. Cabot, J. 1992. Family Tinamidae, p.112–138. *In*: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 1: Ostrich to Ducks**. Lynx Edicions. 696p.
327. Cabral, S.A.S.; Azevedo-Júnior, S.M. & Larrazábal, M.E. 2006. Levantamento das aves da Área de Proteção Ambiental de Piaçabuçu, no litoral de Alagoas, Brasil. **Ornithologia**, 1 (2): 161–167.
328. Cadena, C.D.; London, G.A. & Parra, J.L. 2000. Nesting records of five antbird species from the Colombian Amazon. **Wilson Bulletin**, 112 (3): 313–317.
329. Camilotti, V.L.; Krügel, M.M. & Hartz, S.M. 2008. Nidificação de *Circus cinereus* (Aves, Accipitridae) na região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16 (4): 363–365.
330. Campos, F.R.; Campos, F.P. & Faria, P.J. 2007. Trinta-réis (Sternidae) do Parque Estadual Marinho da Laje de Santos, São Paulo, e notas sobre suas aves. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15 (3): 386–394.
331. Candia-Gallardo, C.E.; Silveira, L.F. & Kuniy, A.A. 2010. A new population of the cone-billed tanager *Conothraupis mesoleuca*, with information on the biology, behaviour and type locality of the species. **Bird Conservation International**, 20: 149–160. [P]
[SEP]332. Canevari, P.; Castro, G.; Sallaberry, M. & Naranjo, L.G. 2001. **Guía de los Chorlos y Playeros de la Región Neotropical**. American Bird Conservancy, WWF-US, Humedales para las Américas, Manomet Conservation Science y Asociación Calidris. 141p.
333. Caparroz, R.; Myiaki, C.Y.; Bampi, M.I. & Wajntal, A. 2001. Analysis of the genetic variability in a sample of the remaining group of Spix's Macaw *Cyanopsitta spixii* (Psittaciformes: Aves) by DNA fingerprinting. **Biological Conservation**, 99: 307–311.
334. Carboneras, C. 1992. Family Anatidae, p.536–628. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.).



Handbook of the Birds of the World. Lynx Edicions. 696p.

335. Carboneras, C. 1992. Family Diomedidae, p.198–215. *In:* del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World.** Lynx Edicions. 696p.

336. Carboneras, C. 1992. Family Procellariidae, p.216–257. *In:* del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World.** Lynx Edicions. 696p.

337. Carboneras, C. 1992. Family Sulidae, p.312–325. *In:* del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World.** Lynx Edicions. 696p.

338. Cardoso, T.A.L. & Zeppelini, D. 2011. Migratory shorebirds during boreal summer and southward migration on the coast of Paraíba, Brazil. **Waterbirds**, 34 (3): 369–375.

339. Carlos, C.J.; Colabuono, F.I. & Vooren, C.M. 2004. Notes on the Northern Royal Albatross *Diomedea sanfordi* in south Brazil. **Ararajuba**, 12: 166–167.

340. Carneiro, L.S.; Gonzaga, L.P.; Rêgo, P.S.; Sampaio, I.; Schneider, H. & Aleixo, A. 2012. Systematic revision of the Spotted Antpitta (Grallariidae: *Hylopezus macularius*), with description of a cryptic new species from Brazilian Amazonia. **The Auk**, 129: 1–14.

341. Carrano, E. & Straube, F.C. 2008. *Sporophila melanogaster* (Pelzeln, 1870), p.546–547. *In:* Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção.** Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

342. Carrano, E. 2008. *Sporophila frontalis* (Verreaux, 1869), p.544–545. *In:* Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção.** Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

343. Carrano, E. 2008. *Sporophila falcirostris* (Temminck, 1820), p.542–543. *In:* Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção.** Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

344. Carrara, L.A.; Faria, L.C.P.; Matos, J.R. & Antas, P.T.Z. 2008. Papagaio-de-peito-roxo *Amazona vinacea* (Khul) (Aves: Psittacidae) no norte do Espírito Santo: redescoberta e conservação. **Revista Brasileira de Zoologia**, 25 (1): 154–158.

345. Carrara, L.A. & Faria, L.C.P. 2012. Aves de floresta montana da Serra do Cipó: Mata Atlântica da Cadeia do Espinhaço. **Cotinga**, 34: 43–56.

346. Carroll, J.P. 1994. Family Odontophoridae, p.412–433. *In:* del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 2: New World Vultures to Guineafowl.** Lynx Edicions. 638p.

347. Cartar, R.V. 1984. A morphometric comparison of Western and Semipalmated Sandpipers. **Wilson Bulletin**, 96: 277–286.

348. Carvalhaes, A. & Machado, C.G. 2008. As aves da Chapada Diamantina, p.103–127. *In:* Funch, L.S.; Funch, R.R. & Queiroz, L.P. (orgs.). **Serra do Sincorá - Parque Nacional da Chapada Diamantina.** Editora Radami.

349. Carvalhaes, A.M.P. 2001. **Dinâmica da Comunidade de Aves do Parque Nacional da Chapada Diamantina.** Tese (Doutorado em Zoologia). Unesp. 95p.

350. Carvalho, C.E.A. & Marini, M.A. 2007. Distribution patterns of diurnal raptors in open and forested habitat in south-eastern Brazil and the effects of urbanization. **Bird Conservation International**, 17: 367–380.



351. Carvalho, D.L. & Rodrigues, A.A.F. 2011. Spatial and temporal distribution of migrant shorebirds (Charadriiformes) on Caranguejos Island in the Gulf of Maranhão, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 19 (4): 486–492.
352. Carvalho, D.L.; Souza, M.A.; Souza, E.A.; Brito, A.C. & Sousa, A.E.B.A. 2010. Primeiro registro do albatroz-de-nariz-amarelo *Thalassarche chlororhynchos* (Procellariiformes: Diomedidae) no estado do Maranhão, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 18 (3): 258–260.
353. CBRO, Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. 2011. **Lista das aves do Brasil**. 10ª Edição. www.cbro.org.br (Acesso em 24/12/2012).
354. CBRO, Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. 2014. **Lista das aves do Brasil**. 11ª Edição. www.cbro.org.br (Acesso em 2/1/2014).
355. Chandler, R. 2009. **Shorebirds of the Northern Hemisphere**. Christopher Helm. 448p.
356. Chiarello, A.G. 2000. Influência da caça ilegal sobre mamíferos e aves das matas de tabuleiro do norte do estado do Espírito Santo. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão**, 11 (12): 229–247.
357. CI, Conservação Internacional. 2009. **Plano de Manejo da Reserva Particular do Patrimônio Natural Fazenda Rio Negro**. 145p.
358. Cintra, R. & Rosas, M. 2011. Parque Nacional de Anavilhanas, p.55–58. In: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
359. Cleere, N. 1999. Family Caprimulgidae, p.302–386. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 5: Barn-owls to Hummingbirds**. Lynx Edicions. 759p.
360. Clement, P. 2010. *Carduelis yarrellii*, p.549. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 15: Weavers to New World Warblers**. Lynx Edicions. 879p.
361. Clements, J.F. 1981. **Birds of the world: a checklist**. Ibis Publishing. 867p.
362. Clock, B.M. 2004. *Hemitriccus griseipectus*, p.323. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
363. Clock, B.M. 2004. *Hemitriccus mirandae*, p.327. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the world, Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
364. Clock, B.M. 2004. *Hemitriccus kaempferi*, p.328. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
365. Clock, B.M. 2004. *Hemitriccus furcatus*, p.328. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
366. Cockle, K.; Capuzzi, G.; Bodrati, A.; Clay, R.; del Castillo, H.; Velázquez, M.; Areta, J.I.; Fariña, N. & Fariña, R. 2007. Distribution, abundance, and conservation of Vinaceous Amazons (*Amazona vinacea*) in Argentina and Paraguay. **Journal of Field Ornithology**, 78: 21–39.
367. Coelho, A.G. 2008. **Fenologia reprodutiva, polinização e biologia floral de *Prepusa montana* Mart. (Gentianaceae) em uma área de campo rupestre da Chapada Diamantina, Bahia**. Dissertação (Mestrado em Botânica). Universidade Estadual de Feira de Santana. 32p.
368. Coelho, E.P.; Alves, V.S.; Soneghet, M.L.L. & Carvalho, F.S. 1990. Levantamento das aves marinhas no percurso Rio de Janeiro - Bahia (Brasil). **Boletim do Instituto Oceanográfico**, 38 (2): 161–167.
369. Cohn-Haft, M.; Naka, L.N. & Fernandes, A.M. 2007. Padrões de distribuição da avifauna da várzea



dos rios Solimões-Amazonas, p.287–324. *In*: Albernaz, A. (org.). **Bases científicas para a conservação da várzea: identificação e caracterização de regiões biogeográficas**. IBAMA. 354p.

370. Cohn-Haft, M.; Pacheco, A.M.F.; Bechtoldt, C.L.; Torres, M.F.N.M.; Fernandes, A.M.; Sardelli, C.H. & Macêdo, I.T. 2007. Inventário Ornitológico, p.145–178. *In*: Py-Daniel, L.R.; Deus, C.P.; Henriques, A.L.; Pimpão, D.M. & Ribeiro, O.M. (orgs.). **Biodiversidade do Médio Madeira: bases científicas para propostas de conservação**. INPA. 244p.

371. Cohn-Haft, M.; Santos-Júnior, M.A.; Fernandes, A.M. & Ribas, C.C. 2013. A new species of *Cyanocorax* jay from savannas of the Central Amazon, p.306–310. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A.; Sargatal, J. & Christie, D.A. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World**. Lynx Edicions. 812p.

372. Cohn-Haft, M. 1999. Family Nyctibiidae, p.759. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 5: Barn-owls to Hummingbirds**. Lynx Edicions. 759p.

373. Collar, N.; Boesman, P. & Kirwan, G.M. 2014. Ochre-marked Parakeet (*Pyrrhura cruentata*), *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J.; Christie, D.A. & de Juana, E. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World Alive**. <http://www.hbw.com/node/54656>. Acesso em 9/11/2015.

374. Collar, N. & Kirwan, G. 2014. White-eared Parakeet (*Pyrrhura leucotis*), *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J.; Christie, D.A. & de Juana, E. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World Alive**. Lynx Edicions. <http://www.hbw.com/node/54663>. (Acesso em 6/10/2015)

375. Collar, N.J.; Gonzaga, L.P.; Krabbe, N.; Madroño-Neto, A.; Naranjo, L.G.; Parker, T.A. III & Wege, D. 1992. **Threatened birds of Americas: the ICBP/IUCN red data book**. International Council for Bird Preservation. 1150p.

376. Collar, N.J. 1997. Family Psittacidae, p.280–479. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 4: Sandgrouse to Cuckoos**. Lynx Edicions. 679p.

377. Collar, N.J. 2001. Family Trogonidae, p.80–129. *In*: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 6: Mousebirds to hornbills**. Lynx Edicions. 589p.

378. Collar, N.J. 2005. Family Turdidae, p.514–807. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 10: Cuckoo-shrikes to Thrushes**. Lynx Edicions. 895p.

379. Cordeiro, P.H.C. 2003. Inventário de aves em remanescentes florestais de Mata Atlântica no sul da Bahia, lista das espécies observadas, *In*: Prado, P.I.; Landau, E.C.; Moura, R.; Pinto, L.P.S.; Fonseca, G.A. & Alger, K. (orgs.). **Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Sul da Bahia**. IESB/CI do Brasil/CABS/UFMG/Unicamp. CD ROM.

380. Cornejo, J. 2015. **Lear's Macaw (*Anodorhynchus leari*) - International Studbook and Population analysis**. 5th edition. Relatório Técnico. ICMBio & Loro Parque Fundación. 48p.

381. Corrêa, A.G. 2012. **Uso de habitat e distribuição do pica-pau-do-parnaíba, *Celeus obrieni***. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Ecótonos). Universidade Federal do Tocantins. 82p.

382. Corrêa, L.S.; Bazílio, S.; Woldan, D. & Boesing, A.L. 2008. Avifauna da Floresta Nacional de Três Barras (Santa Catarina, Brasil). **Atualidades ornitológicas**, 143: 38–41.

383. Cory, C.B. & Hellmayr, C.E. 1925. Catalogue of Birds of the Americas. **Field Museum of Natural History Publications. Zoological Series**, 13, Parte (2): 1–390.

384. Cosewic, Committee on the Status of Endangered Wildlife in Canada. 2009. **COSEWIC assessment and status report on the Eskimo Curlew *Numenius borealis* in Canada**. 32p.

385. Costa, M.H. & Pires, G.F. 2010. Effects of Amazon and Central Brazil deforestation scenarios on



- the duration of the dry season in the arc of deforestation. **International Journal of Climatology**, 30 (13): 1970–1979.
386. Costa, R.G.A. 2005. Comércio ilegal de aves silvestres em Fortaleza, Ceará. **Atualidades Ornitológicas**, 125: 3.
387. Costa, T.V.V.; Andretti, C.B.; Laranjeiras, T.O. & Rosa, G.A.B. 2010. Discovery of White-winged Potoo *Nyctibius leucopterus* in Espírito Santo, Brazil, with remarks on its distribution and conservation in the Atlantic Forest. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 130 (4): 260–265.
388. Costa-Araújo, R.; Silveira, L.F. & Luz, D.E. 2015. Rediscovery of the Crested Eagle *Morphnus guianensis* (Daudin, 1800) in the fragmented Atlantic Forest of Bahia, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 23 (1): 25–28.
389. Cracraft, J. 1985. Historical biogeography and patterns of differentiation within the South American avifauna: areas of endemism. **Ornithological Monographs**, 336 (36): 49–84.
390. Croxall, J.P. & Gales, R. 1998. Assessment of the conservation status of albatrosses, p.46–65. In: Robertson, G. & Gales, R. (orgs.). **Albatross biology and conservation**. Surrey Beatty & Sons, Chipping Norton. 300p.
391. Crozariol, M.A. & Leite, G.A. 2010. Primeiro registro documentado e aumento na distribuição do topetinho-vermelho, *Lophornis magnificus* (Vieillot, 1817), para o Estado do Tocantins, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 18: 59–60.
392. Crozariol, M.A. 2009. WA9689, *Celeus obrieni* Short, 1973. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/9689>. Acesso em 2015.
393. Crozariol, M.A. 2011. **Territorialidade e reprodução do chororó-do-araguaia *Cercomacra ferdinandi* Snethlage, 1928 (Passeriformes:Thamnophilidae) em uma área ecotonal no estado de Tocantins**. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Ecótonos). Universidade Federal do Tocantins.
394. Cuthbert, R.; Hilton, G.; Ryan, P. & Tuck, G.N. 2005. At-sea distribution of breeding Tristan albatrosses *Diomedea dabbenena* and potential interactions with pelagic longline fishing in the South Atlantic Ocean. **Biological Conservation**, 121: 345–355.
395. Cuthbert, R.; Ryan, P.G.; Cooper, J. & Hilton, G. 2003. Demography and population trends of the Atlantic Yellow-nosed Albatross. **Condor**, 105 (3): 439–452.
396. Cuthbert, R.; Sommer, E.; Ryan, P.; Cooper, J. & Hilton, G. 2004. Demography and conservation of the Tristan albatross *Diomedea [exulans] dabbenena*. **Biological Conservation**, 117: 471–481.
397. Cuthbert, R. 2004. Breeding biology of the Atlantic Petrel, *Pterodroma incerta*, and a population estimate of this and other burrowing petrels on Gough Island, South Atlantic Ocean. **Emu**, 104: 221–228.
398. Cuthbert, R.J. & Sommer, E.S. 2004. Population size and trends of four globally threatened seabirds at Gough Island, South Atlantic Ocean. **Marine Ornithology**, 32: 97–103.
399. D'Horta, F.M.; Meyer, D.; Miyaki, C.Y. & Cabanne, G.S. 2011. The genetic effects of Late Quaternary climatic changes over a tropical latitudinal gradient: diversification of an Atlantic Forest passerine. **Molecular Ecology**, 20: 1923–1935.
400. Damasceno, S.S. 2011. **Distribuição, biologia e estimativa populacional do entufado-baiano (*Merulaxis stresemanni*) (Passeriformes, Rhinocryptidae), uma espécie criticamente em perigo de extinção da Mata Atlântica**. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Biomas Tropicais). Universidade Federal de Ouro Preto. 53p.



401. Dantas, S.M.; Faccio, M.S. & Lima, M.F. 2011. Avifaunal inventory of the Floresta Nacional de Pau-Rosa, Maués, state of Amazonas, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 19 (2): 154-166.
402. Davidson, N.C. & Rothwell, P.I. 1993. Disturbance to waterfowl on estuaries: the conservation and coastal management implications of current knowledge. **Water Study Group Bulletin**, 68: 97-105.
403. Dean, W. 1996. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. Companhia das Letras. 484p.
404. Defler, S. 1991. Recomendaciones para una estrategia de conservación de *Crax globulosa* en Colombia. **Memorias del curso de campo “Amazonía Colombiana: Ecología y Conservación”** - Santafé de Bogotá La Fundación. p.25 – 3160h.
405. De Luca, J.J. 2012. Birds of conservation concern in eastern Acre, Brazil: distributional records, occupancy estimates, human-caused mortality, and opportunities for ecotourism. **Tropical Conservation Science**, 5 (3): 301-319.
- 405a. Del Rio, G.C.; Silveira, L.F.; Cavarzere, V.; Rego, M. 2013. A taxonomic review of the Golden-green Woodpecker, *Piculus chrysochloros* (Aves: Picidae) reveals the existence of six valid taxa. **Zootaxa** (Auckland. Print), v. 3626, p. 531-542.
406. Descourtilz, J.T. 1856. **Ornithologie brésilienne ou histoire des oiseaux du Brésil remarquables par leur plumages, leur chant ou leurs habitudes**. Thomas Reeves, Rio de Janeiro. 42p.
407. Develey, P.F. 2010. **Plano de Manejo do Parque Nacional do Descobrimento - Relatório Técnico do Diagnostico Temático do Grupo Avifauna**. Biodiversitas. 37p.
408. Dias, R.A.; Gonçalves, M.S.S.; Martins, J.T. & Andretti, C.B. 2011. Praia da Capilha, p.358-363. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International. 406p.
409. Dias, R.A. & Maurício, G.N. 2002. Natural history notes and conservation of a Saffron-cowled Blackbird *Xanthopsar flavus* population in the southern coastal plain of Rio Grande do Sul, Brazil. **Bird Conservation International**, 12: 255-268.
410. Dias, R.A. 2008. *Leptasthenura platensis* (Reichenbach, 1853), p.568-569. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
411. Dias, R.A. 2008. *Pseudoseisura lophotes* (Reichenbach, 1853), p.573-574. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
412. Dias, R.A. 2008. *Coryphistera alaudina* (Burmeister, 1860), p.565-566. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
413. Dias, R.A. 2008. *Xanthopsar flavus* (Gmelin, 1788), p.555-557. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
414. Dias, R.A. 2008. *Gubernatrix cristata* (Vieillot, 1817), p.536-537. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
415. Dickinson, E. 2003. **The Howard & Moore Complete Checklist of the Birds of the World**. 3rd Edition. Christopher Helm. 1039p.



416. Diehl, L.M. 2009. Sun rise in Brazil. **PsittaScene**, 21 (1): 8–9.
417. Dornas, T.; Leite, G.A.; Pinheiro, R.T. & Crozariol, M.A. 2011. Primeiro registro do criticamente ameaçado pica-pau-do-parnaíba *Celeus obrieni* no Estado do Mato Grosso (Brasil) e comentários sobre distribuição geográfica e conservação. **Cotinga**, 33: 91–93.
418. Dornas, T.; Pinheiro, R.T.; Grassi, A.; Prado, A.D.; Ferreira, E.S. & Vieira, R.S. 2014. Novos registros e implicações sobre a ocorrência de *Celeus obrieni*, pica-pau-do-parnaíba no cerrado norte e amazônia maranhense. **Ornithologia**, 7 (1): 23–28.
419. Dornas, T. & Pinheiro, R.T. 2007. **Dinâmica populacional de *Penelope ochrogaster* em ambientes fluviais do Parque Estadual do Cantão**. In: XV Congresso Brasileiro de Ornitologia. PUCRS.
420. Dornas, T. & Pinheiro, R.T. 2011. Aves coligidas por José Hidasí e Manoel Santa Brígida na Amazônia Tocantinense: implicações para a distribuição geográfica das aves amazônicas brasileiras. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 19 (2): 276–301.
421. Dornas, T. 2009. WA547480, *Celeus obrieni* Short, 1973. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/547480>. Acesso em 2015.
422. Dornelas, A.A.F.; Paula, D.C.; Santo, M.M.E.; Sánchez-Azofeifa, G.A. & Leite, L.O. 2012. Avifauna do Parque Estadual da Mata Seca, norte de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20 (3): 378–391.
423. Dubey, J.P.; Rajendran, C.; Costa, D.G.; Ferreira, L.R.; Kwok, O.C.; Qu, D.; Su, C.; Marvulo, M.F.; Alves, L.C.; Mota, R.A. & Silva, J.C. 2010. New *Toxoplasma gondii* genotypes isolated from free-range chickens from the Fernando de Noronha, Brazil: unexpected findings. **Journal of Parasitology**, 96 (4): 709–712.
424. ECOS, Environmental Conservation Online System. 2014. **Listed Animals**. U.S. Fish & Wildlife Service. http://ecos.fws.gov/tess_public/pub/listedAnimals.jsp. Acesso em 2014.
425. Ecosystema Consultoria Ambiental Ltda. 2009. **Relatório Temático da Avifauna da Reserva Biológica de Sooretama**. Relatório Técnico. 63p.
426. Efe, M.A.; Azevedo, M.A.G. & Filippini, A. 2007. Avifauna da Estação Ecológica de Carijós, Florianópolis- SC. **Ornithologia**, 2 (1): 1–13.
427. Efe, M.A. 2004. Aves marinhas das ilhas do Espírito Santo, p.101–118. In: Branco, J.O. (org.). **Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação**. Editora da Univali.
428. Efe, M.A. 2008. *Pterodroma incerta* (Schlegel, 1863), p.406–407. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
429. Efe, M.A. 2008. *Pterodroma arminjoniana* (Giglioli & Salvadori, 1869), p.404–405. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
430. Efe, M.A. 2008. *Procellaria aequinoctialis* Linnaeus, 1758, p.400–401. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
431. Efe, M.A. 2008. *Procellaria conspicillata* Gould, 1844, p.402–403. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.



432. Efe, M.A. 2008. *Puffinus lherminieri* Lesson, 1839, p.408–409. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
433. Efe, M.A. 2008. *Phaethon aethereus* Linnaeus, 1758, p.414–415. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
434. Efe, M.A. 2008. *Phaethon lepturus* Daudin, 1802, p.416–417. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
435. Efe, M.A. 2008. *Fregata minor* (Gmelin, 1789), p.412–413. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
436. Efe, M.A. 2008. *Fregata ariel* (Gray, 1845), p.410–411. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
437. Endo, W. 2010. WA205531, *Crax globulosa* Spix, 1825. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/205531. Acesso em 2015.
438. Estado de Minas Gerais. 2010. **Deliberação Normativa Copam Nº 147, de 30 de abril de 2010: Aprova a Lista de Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna do Estado de Minas Gerais**. Diário do Executivo do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- 439/440. Estado de Santa Catarina. 2011. **Resolução Consema Nº 002, de 06 de Dezembro de 2011: Lista Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção do Estado de Santa Catarina**. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável – SDS DOE-SC. 02–08.
441. Estado de São Paulo. 2014. **Decreto Nº 60.133 de 7 de fevereiro de 2014. Declara as espécies da fauna silvestre ameaçadas de extinção, as quase ameaçadas e as deficientes de dados para avaliação no Estado de São Paulo e dá providências correlatas**. <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2014/decreto-60133-07.02.2014.html>
442. Estado do Espírito Santo. 2005. **Decreto no 1499-R. Declara as espécies da Fauna e Flora silvestres ameaçadas de extinção no Estado do Espírito Santo**. Diário Oficial Estadual, 13 de junho de 2005.
443. Estado do Pará. 2007. **Resolução nº 54 de 24 de Outubro de 2007: Homologa a Lista de Espécies da Flora e da Fauna Ameaçadas no Estado do Pará, Anexo I**. Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade.
- 443a. Estado do Paraná. 2004. **Decreto 3.148, de 15 de junho de 2004: Estabelece a Política Estadual de Proteção à Fauna Nativa, seus princípios, alvos, objetivos e mecanismos de execução, define o Sistema Estadual de Proteção à Fauna Nativa – SISFAUNA, cria o Conselho Estadual de Proteção à Fauna – CONFAUNA, implanta a Rede Estadual de Proteção à Fauna Nativa – Rede PRÓ-FAUNA e dá outras providências**. Anexo II. Diário Oficial do Estado do Paraná Nº 6.750.
444. Estado do Rio Grande do Sul. 2014. **Decreto nº 51.797, de 8 de setembro de 2014: Declara as espécies da fauna silvestre ameaçadas de extinção no Estado do Rio Grande do Sul**. Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul. Seção 173: 2
445. FAO, Food and Agriculture Organization of the United Nations. 2006. Global forest resources assessment 2005. **FAO Forestry Paper**, 147: 1–320.
446. FAO, Food and Agriculture Organization of the United Nations. 2014. **State of the World's Forests**



2014 - Enhancing the socioeconomic benefits from forests. 133p.

447. Faria, F.A.; Burgueño, L.E.T.; Weber, F.S.; Souza, F.J. & Bugoni, L. 2014. Unusual mass stranding of Atlantic yellow-nosed albatross (*Thalassarche chlororhynchos*), petrels and shearwaters in southern Brazil. **Waterbirds**, 37: 446–450.
448. Faria, I.P. 2008. Novas ocorrências e registros relevantes de aves no Distrito Federal, Brasil, com comentários sobre distribuição local. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16 (1): 40–43.
449. Faria, L.C.P.; Carrara, L.A.; Amaral, F.Q.; Vasconcelos, M.F.; Diniz, M.G.; Encarnação, C.D.; Hoffmann, D.; Gomes, H.B.; Lopes, L.E. & Rodrigues, M. 2009. The birds of Fazenda Brejão: a conservation priority area of Cerrado in northwestern Minas Gerais, Brazil. **Biota Neotropica**, 9 (3): 223–240.
450. Faria, P.J.; Campos, F.P.; Branco, J.O.; Musso, C.M.; Morgante, J.S. & Bruford, M.W. 2010. Population structure in the South American tern *Sterna hirundinacea* in the South Atlantic: two populations with distinct breeding phenologies. **Journal of Avian Biology**, 41: 378–387.
451. Farias, G.B.; Pacheco, G.L. & Brito, M.T. 1996. Lista das aves da Reserva Biológica de Dois Irmãos, Recife - PE. **Publicação Técnica da OAP**, 2.
452. Farias, G.B. 1995. **Avifauna da Reserva Ecológica de Caetés (7° 55'15"S e 34°55'15")**, Paulista - PE. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas). Universidade Federal Rural de Pernambuco.
453. Farnsworth, A. & Langham, G.M. 2004. *Alectrurus tricolor*, p.388–389. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
454. Farnsworth, A. & Langham, G.M. 2004. *Xolmis dominicanus*, p.394–395. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
455. Fávoro, F.L. 2011. Aves do Parque Nacional da Serra do Pardo, Pará, Brasil: Levantamento inicial. **Ornithologia**, 4 (2): 91–103.
456. Fearnside, P.M. 2007. Brazil's Cuiabá-Santarém (BR-163) Highway: The environmental cost of paving a soybean corridor through the Amazon. **Environmental Management**, 39: 601–614.
457. Fedrizzi, C.E. & Carlos, C.J. 2011. Planície Costeira Central do Rio Grande do Sul, p.331–334. In: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International. 406p.
458. Fedrizzi, C.E. & Carlos, C.J. 2011. Planície Costeira Sul do Rio Grande do Sul, p.364–367. In: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International. 406p.
459. Fedrizzi, C.E. 2003. **Abundância sazonal e biologia de aves costeiras na Coroa do Avião, Pernambuco, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal). Universidade Federal de Pernambuco. 141p.
460. Ferguson-Lees, J. & Christie, D.A. 2006. **Raptors of the World**. Christopher Helm. 320p.
461. Fernandes, D.P. 2015. WA1614114, *Rhegmatorhina gymnops* Ridgway, 1888. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/1614114>. Acesso em 2015.
462. Fernandes-Ferreira, H.; Mendonça, S.V.; Albano, C.; Ferreira, F.S. & Alves, R.R.N. 2012. Hunting,



- use and conservation of birds in Northeast Brazil. **Biodiversity and Conservation**, 21: 221–244.
463. Ferreira, J.; Aragão, L.E.O.C.; Barlow, J.; Barreto, P.; Berenguer, E.; Bustamante, M.; Gardner, T.A.; Lees, A.C.; Lima, A.; Louzada, J.; Pardini, R.; Parry, L.; Peres, C.A.; Pompeu, P.S.; Tabarelli, M. & Zuanon, J. 2014. Brazil's environmental leadership at risk. **Science**, 346: 706–707.
464. Field Museum of Natural History. 1909. **Zoological series**, 8. 356p. Downloaded from Bird Heritage Library: <http://www.biodiversitylibrary.org/page/27590357#page/52/mode/1up>. Acesso em 03/02/2012.
465. Filho, L.C. 2014. WA1207679, *Sclerurus cearensis* Sneathlage, 1924. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/1207679>. Acesso em 2015.
466. Firme, D.H.; Assis, C.P.; Graves, G.R. & Raposo, M.A. 2014. Taxonomic status of Scaled Ground Cuckoo *Neomorphus squamiger* Todd, 1925. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 134: 224–231.
467. Fitzpatrick, J.W. 2004. *Phylloscartes beckeri*, p.299. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
468. Fitzpatrick, J.W. 2004. *Phylloscartes roquettei*, p.302. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
469. Fitzpatrick, J.W. 2004. *Stigmatura napensis*, p.294. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
470. Fitzpatrick, J.W. 2004. *Serpophaga hypoleuca*, p.285. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
471. Fiuza, A.C. 1999. **A avifauna da Caatinga do Estado da Bahia: composição e distribuição**. Articulação Nordestina de Ornitologia.
472. Fjeldsa, J. 2013. *Glaucidium mooreorum*, p.203. In: del Hoyo, J.; Elliott, A.; Sargatal, J. & Christie, D.A. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World: Special Volume – New Species and Global Index**. Lynx Edicions. 812p.
473. Fjeldsa, J. 2013. *Cinclodes espinhacensis*, p.210. In: del Hoyo, J.; Elliott, A.; Sargatal, J. & Christie, D.A. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World: Special Volume – New Species and Global Index**. Lynx Edicions. 812p.
474. Fonseca-Neto, F.P. 2004. Aves marinhas da ilha Trindade, p.119–146. In: Branco, J.O. (org.). **Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação**. Editora da Univali.
475. Fontana, C.S.; Dias, R.A. & Maurício, G.N. 2013. *Xanthopsar flavus*, p.120–123. In: Serafini, P.P. (org.). **Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho**. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Série espécies ameaçadas n° 31.
476. Fontana, C.S.; Joenck, C.M. & Rupp, A.E. 2013. *Xolmis dominicanus*, p.72–76. In: Serafini, P.P. (org.). **Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho**. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Série espécies ameaçadas n° 31.
477. Fontana, C.S.; Rovedder, C.E.; Repenning, M. & Gonçalves, M.L. 2008. Estado atual do conhecimento e conservação da avifauna dos Campos de Cima da Serra do sul do Brasil, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16 (4): 281–307.
478. Forshaw, J.M. & Cooper, W.T. 1981. **Parrots of the World**. 2nd ed. Lansdowne Press. 554p.



479. Fowler, J. & Cope, J. 1964. Noted on the Harpy Eagle in New Guiana. **The Auk**, 81 (3): 257–273.
480. Fraga, R.M. 2011. Family Icteridae, p.684–807. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D.A. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.
481. França, D.P.F.; Lima, E. & Freitas, M.A. 2011. Listagem preliminar das aves de bordas de mata e áreas degradadas da Floresta Nacional do Jamari, Itapoã do Oeste, Rondônia, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, 164: 51–56.
482. Franz, I.; Repenning, M. & Fontana, C.S. 2013. *Sporophila hypoxantha*, p.89–93. *In*: Serafini, P.P. (org.). **Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho**. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Série espécies ameaçadas n° 31.
483. Freitas, G.H.S.; Chaves, A.V.; Costa, L.M.; Santos, F.R. & Rodrigues, M. 2012. A new species of *Cinclodes* from the Espinhaço Range, southeastern Brazil: insights into the biogeographical history of the South American highlands. **Ibis**, 154 (4): 738–755.
484. Freitas, M.A. & Borges, O.B. 2011. Avifauna da Flona Contendas do Sincorá, Bahia, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, 163: 33–42.
485. Freitas, M.A.; Lima, D.M. & Gomes, F.B.R. 2014. Registro de abate de gaviões-reais *Harpia harpyja* (Accipitridae) para consumo humano no Maranhão, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, 178: 12–15.
486. Fundação SOS Mata Atlântica & INPE, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. 2013. **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica. Período 2011-2012**. Relatório Técnico. 61p.
487. FZBRS, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. 2013. **Revisão da Lista das Espécies da Fauna Silvestre Ameaçadas de Extinção no Rio Grande do Sul. Consulta Pública**. http://www.liv.fzb.rs.gov.br/livcpl/?id_modulo=1&id_uf=23. FZBRS e SEMA/RS. Acesso em 9/1/2014.
488. Gaban-Lima, R.; Raposo, M. & Höfling, E. 2002. Description of a new species of *Pionopsitta* (Aves, Psittacidae) endemic to Brazil. **The Auk**, 119: 815–819.
489. Gaiotti, M.G.; Webster, M. & Macedo, R.H. 2015. **Parental care and egg ejection in the endemic Araripe manakin**. *In*: 52nd Annual Conference of the Animal Behavior Society.
490. Galbraith, H.; Jones, R.; Park, R.; Clough, J.; Herrod-Julius, S.; Harrington, B. & Page, G. 2002. Global climate change and sea level rise: potential losses of intertidal *habitat* for shorebirds. **Waterbirds**, 25: 173–183.
491. Galetti, M. & Carvalho-Jr, O. 2000. Sloths in the diet of a Harpy Eagle nestling in eastern Amazon. **The Wilson Bulletin**, 112 (4): 535–536.
492. Galetti, M.; Martuscelli, P.; Pizo, M.A. & Simão, I. 1997. Records of Harpy and Crested Eagles in the Brazilian Atlantic forest. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 117: 27–31.
493. Gianuca, A.T. & Bencke, G.A. 2014. *Asthenes hudsoni*, p.51–54. *In*: Serafini, P.P. (org.). **Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho**. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Série espécies ameaçadas n° 31.
494. Giglio, L.; van der Werf, G.R.; Randerson, J.T.; Collatz, G.J. & Kasibhatla, P.S. 2006. Global estimation of burned area using MODIS active fire observations. **Atmospheric Chemistry and Physics**, 6: 957–974.
495. Gilard, J. 2001. Good news from the Land of Lear's. **PsittaScene**, 13 (3): 2–4.
496. van Gils, J. & Wiersma, P. 1996. *Limnodromus griseus*, p.498. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal,



- J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 3: Hoatzin to Auks**. Lynx Edicions. 821p.
498. van Gils, J. & Wiersma, P. 1996. *Calidris canutus*, p.519–520. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 3: Hoatzin to Auks**. Lynx Edicions. 821p.
499. van Gils, J. & Wiersma, P. 1996. *Calidris pusilla*, p.520. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 3: Hoatzin to Auks**. Lynx Edicions. 821p.
500. Girão, W.; Albano, C.; Pinto, T. & Silveira, L.F. 2007. Avifauna da Serra de Baturité: dos naturalistas à atualidade, p.465. *In*: Oliveira, T.S. & Araújo, F.S. (orgs.). **Biodiversidade e conservação da biota na serra de Baturité, Ceará**. Edições UFC, Coelce.
501. Girão, W. & Albano, C. 2008. *Pyrrhura anaca* Salvadori, 1900, p.475–476. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
502. Girão, W. & Albano, C. 2008. *Tangara cyanocephala cearensis* (Cory, 1916), p.551–552. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
503. Girão, W. & Albano, C. 2008. *Conopophaga lineata cearae* (Cory, 1916), p.505–506. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
504. Girão, W. & Albano, C. 2008. *Sclerurus caudacutus umbretta* (Lichtenstein, 1823), p.576. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
505. Girão, W. & Albano, C. 2008. *Sclerurus scansor cearensis* Sneath, 1924, p.577–578. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
506. Girão, W. & Albano, C. 2008. *Antilophia bokermanni* Coelho & Silva, 1998, p.588–589. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
507. Girão, W. & Albano, C. 2011. Ilha Grande, p.129–132. *In*: Valente, R., Silva, J.M.C., Straube, F.C., Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
508. Girão, W. & Souto, A. 2005. Breeding period of Araripe Manakin *Antilophia bokermanni* inferred from vocalisation activity. **Cotinga**, 24: 35–37.
509. Girão, W.A.S.; Albano, C. & Campos, A. 2010. Inselbergs as *habitat* to the Critically Endangered Grey-breasted Parakeet (*Pyrrhura griseipectus*), an endemic species from northeastern Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 18 (2): 130–132.
510. Girão-e-Silva, W.A.; Linhares, K.V. & Campos, A.A. 2011. **Plano de conservação do soldadinho-do-araripe (*Antilophia bokermanni*)**. Série espécies ameaçadas, 15. 73p.
511. Gmelin, J.F. 1788. **Caroli a Linné systema naturae per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis**. Tomus I. Editio decima tertia, aucta, reformata. Lipsiae. 500 p.
512. Gochfeld, M. & Burger, J. 1996. Family Sternidae, p.624–667. *In*: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 3: Hoatzin to Auks**. Lynx Edicions. 821p.



513. Gogliath, M.; Bisaggio, E.L.; Ribeiro, L.B.; Resgalla, A.E. & Borges, R.C. 2010. Avifauna apreendida e entregue voluntariamente ao Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas) do IBAMA de Juiz de Fora, Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, 154: 55–59.
514. Gomes, A.L.S.; Marceliano, M.L.V. & Jardim, M.A.G. 2008. Consumo dos frutos de *Miconia ciliata* (Rich.) DC. (Melastomataceae) por aves na Amazônia Oriental. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16: 383–386.
515. Gomes, F.B.R. & Sanaiotti, T.M. 2015. A review of the distribution of the Crested Eagle, *Morphnus guianensis* (Daudin, 1800) (Accipitridae: Harpiinae), including range extensions. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 23 (1): 36–63.
516. Gomes, F.B.R. 2014. **Distribuição e ecologia do Uiraçu-falso (*Morphnus guianensis* Daudin, 1800)**. Tese (Doutorado em Ecologia). Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.
517. Gonçalves, M.S.S. 2009. **Ecologia e conservação de aves dos ecossistemas associados ao estuário do Parque da Lagoa do Peixe, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 67p.
518. Gonzaga, L.A.P. 1988. A new antwren (*Myrmotherula*) from southeastern Brazil. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 108: 132–135.
519. Gonzaga, L.P.; Carvalhaes, A.M.P. & Buzzetti, D.R.C. 2007. A new species of *Formicivora* antwren from the Chapada Diamantina, eastern Brazil (Aves: Passeriformes: Thamnophilidae). **Zootaxa**, 1473: 25–44.
520. Gonzaga, L.P. 2008. *Formicivora erythronotos* (Hartlaub, 1852), p.600–602. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
521. Gonzaga, L.P. 2008. *Formicivora littoralis* (Gonzaga & Pacheco, 1990), p.602–604. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
522. Gonzáles, P.M.; Baker, A.J. & Echave, M.E. 2006. Annual survivor of Red Knots (*Calidris canutus rufa*) using the San Antonio Oeste Stopover site is reduced by domino effects involving late arrival and food depletion in Delaware Bay. **Hornero**, 21 (2): 109–117.
523. Goss-Custard, J.D. 1979. Effect of *habitat* loss on the numbers of overwintering shorebirds. **Studies in Avian Biology**, 2: 167–177.
524. Goulart, C.E. (2013). WA1184622, *Sporagra yarrellii* (Audubon, 1839). **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/1184622>. Acesso em 2014.
525. Grantsau, R. & Lima, P.C. 2008. Uma nova subespécie de *Charadrius wilsonia* (Aves, Charadriiformes) para o Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, 2: 4–5.
526. Grantsau, R. 1967. Sobre o gênero *Augastes*, com a descrição de uma subespécie nova. **Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo)**, 21: 21–31.
527. Grantsau, R. 1988. **Os beija-flores do Brasil**. Expressão e Cultura. 234p.
528. Grantsau, R.K.H. 2010. **Guia completo para a identificação das aves do Brasil. Parte I**. Vento Verde. 624p.
529. Granzinolli, M.A.M. 2009. *Harpyhaliaetus coronatus* (Vieillot, 1817) Falconiformes, Accipitridae, p.136. In: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (eds.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio



Ambiente.

530. Gratto, C.L.; Morrison, R.I.G. & Cooke, F. 1985. Philopatry, site tenacity and mate fidelity in the Semipalmated Sandpiper. **The Auk**, 102 (1): 16–24.

531. Gratto-Trevor, C.; Morrison, R.I.G.; Mizrahi, D.; Lank, D.B.; Hicklin, P. & Spaans, A.L. 2012. Migratory connectivity of semipalmated sandpipers: winter distribution and migration routes of breeding populations. **Waterbirds**, 35 (1): 83–95.

532. Gratto-Trevor, C.L. 1991. Parental care in Semipalmated Sandpipers *Calidris pusilla*: brood desertion by females. **Ibis**, 133: 394–399.

533. Graves, G.R. & Zusi, R.L. 1990. Avian body weights from lower Rio Xingu, Brazil. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 110: 20–25.

534. Griscom, L. & Greenway, J.C.J. 1941. Birds of Lower Amazônia. **Bulletin of the Museum of Comparative Zoology**, 88: 81–344.

535. Grosset, A. & Minns, J. 2002. Photospot: Hoary-throated Spinetail *Poecilurus kollari*. **Cotinga**, 18: 114.

536. Guix, J.C.; Martín, M. & Mañosa, S. 1999. Conservation status of parrot populations in an Atlantic rainforest area of southeastern Brazil. **Biodiversity and Conservation**, 8: 1079–1088.

537. Gussoni, C.O.A.; Figueiredo, L.F.A. & Mix, P. 2006. Registro do socó-boi-escuro, *Tigrisoma fasciatum* (Such, 1825), no Parque do Zizo, município de Tapiraí, estado de São Paulo. **Atualidades Ornitológicas**, 130: 19.

538. Gwynne, J.A.; Ridgely, R.S.; Tudor, G. & Argel, M. 2010. **Aves do Brasil. Vol. 1. Pantanal & Cerrado**. Editora Horizonte. 322p.

539. Haffer, J. 1974. Avian speciation in Tropical South America, with a systematic survey of the Toucans (Ramphastidae) and Jacamars (Galbulidae). **Publications of the Nuttall Ornithological Club**, 14 (8): 1–390.

540. Haffer, J. 1977. A systematic review of the neotropical Ground-cuckoos (Aves, *Neomorphus*). **Bonner Zoologische Beiträge**, 28: 48–76.

541. Haffer, J. 1997. Contact zones between birds of Southern Amazonia. **Ornithological Monographs**, 48 (Studies in Neotropical Ornithology): 281–305.

542. Hargreaves, A.L.; Whiteside, D.P. & Gilchrist, G. 2010. Concentrations of 17 elements, including mercury, and their relationship to fitness measures in arctic shorebirds and their eggs. **Science of the Total Environment**, 408: 3153–3161.

543. Harrington, B.A.; Antas, P.T.Z. & Silva, F. 1986. Northward shorebird migration on the Atlantic coast of southern Brazil. **Vida Silvestre Neotropical**, 1 (1): 45–54.

544. Hass, A. 2008. *Columbina cyanopis* (Pelzeln, 1870), p.453–455. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

545. Hass, A. 2008. *Caprimulgus candicans* (Pelzeln, 1867), p.488–489. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

546. Hass, A. 2008. *Alectrurus tricolor* (Vieillot, 1816), p.626–627. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério



do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

547. Hayman, P.; Marchant, J. & Prater, T. 1986. **Shorebirds: An identification guide**. Houghton Mifflin. 412p.
548. Hays, H.; DiCostanzo, J.; Cormons, G.; Antas, P.T.Z.; Nascimento, J.L.X.; Nascimento, I.L.S. & Bremer, R.E. 1997. Recoveries of Roseate and Common Terns in South America. **Journal of Field Ornithology**, 68 (1): 79–90.
549. Hays, H.; Lima, P.; Monteiro, L.; DiCostanzo, J.; Cormons, G.; Nisbet, I.C.T.; Saliva, J.E.; Spendelow, J.A.; Burger, J.; Pierce, J. & Gochfeld, M. 1999. A Nonbreeding Concentration of Roseate and Common Terns in Bahia, Brazil (Concentração de Indivíduos de *Sterna dougallii* y de *S. hirundo* en Bahia, Brazil). **Journal of Field Ornithology**, 70 (4): 455–464.
550. Hellmayr, C.E. 1910. The birds of the rio Madeira. **Novitates Zoologicae**, 17: 257–428.
551. Hellmayr, C.E. 1929. A contribution to the ornithology of Northeastern Brazil. **Field Museum of Natural History Publication**, 12 (18): 235–504.
552. Hellmayr, C.E. 1936. Catalogue of Birds of the Americas and the adjacent islands. Part IX Tersinidae – Thraupidae. **Field Museum of Natural History Publications. Zoological Series**, 13 (9): 1–458.
553. Hennessey, A.B. 1999. Status of the Wattled Curassow (*Crax globulosa*) in the lower Beni River area of Bolivia. **Bulletin of the IUCN/Birdlife/WPA Cracid Specialist Group**, 8: 10–18.
554. Hennessey, A.B. 2002. Red Data Bird: Wattled Curassow. **World Birdwatch**, 24: 30–31.
555. Hennessey, A.B. 2004. Conservation presentations to Tacana communities within the last Bolivian site of the Wattled Curassow (*Crax globulosa*). **Bulletin of the IUCN/Birdlife/WPA Cracid Specialist Group**, 19: 9–13.
556. Henriques, L.M.P. & Oren, D.C. 1997. The avifauna of Marajó, Caviana and Mexiana Islands, Amazon river estuary, Brazil. **Revista Brasileira Biologia**, 57 (3): 357–382.
557. Henriques, L.M.P.; Wunderle Jr., J.M.; Oren, D.C. & Willig, M.R. 2008. Efeitos da Exploração Madeireira de Baixo Impacto sobre uma Comunidade de Aves de Sub-Bosque na Floresta Nacional do Tapajós, Pará, Brasil. **Acta Amazonica**, 38: 267–289.
558. Henriques, L.M.P.; Wunderle Jr., J.M. & Willig, M.R. 2003. Birds of the Tapajós National Forest, Brazilian Amazon: A preliminary assessment. **Ornitologia Neotropical**, 14: 307–338.
559. Hicklin, P.W. & Chardine, J.W. 2012. The morphometrics of migrant Semipalmated Sandpipers in the Bay of Fundy: evidence for declines in the Eastern breeding population. **Waterbirds**, 35 (1): 74–82.
560. Hicklin, P.W. & Smith, P.C. 1984. Selection of foraging sites and invertebrate prey by migrant Semipalmated Sandpiper, *Calidris pusilla* (Pallas), in Minas Basin Bay of Fundy. **Canadian Journal of Zoology**, 62 (11): 2201–2210.
561. Hilty, S. & Brown, W. 1986. **A guide to the birds of Colombia**. Ed. Princeton University Press. 836p.
562. Hilty, S.L. 2003. **Birds of Venezuela**. Princeton University Press. 776p.
563. Hilty, S.L. 2011. Family Thraupidae, p.46–329. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.
564. Hinkelmann, C. 1999. *Glaucis dohrnii*, p.537. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 5: Barn-owls to Hummingbirds**. Lynx Edicions. 893p.



565. Hinkelmann, C. 1999. *Phaethornis malaris*, p.543. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 5: Barn-owls to Hummingbirds**. Lynx Edicions. 893p.
566. Hogan, R.I.; Prellvitz, L.J. & Vooren, C.M. 2010. Breeding biology of South American Tern *Sterna hirundinacea* (Charadriiformes: Sternidae) on Deserta Island, southern Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 18 (3): 207–215.
567. Holbrook, K.M. 2011. Home range and movement patterns of toucans: implications for seed dispersal. **Biotropica**, 43: 357–364.
568. Holderbaum, J.M. (2011). WA536251, *Sclerurus cearensis* Sneath, 1924. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/536251. Acesso em 2015.
569. Holderbaum, J.M. (2013). WA1074573, *Penelope superciliaris*. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/1074573. Acesso em 2015.
570. Holt, D.W.; Berkley, R.; Deppe, C.; Henríquez-Rocha, P.L.; Petersen, J.L.; Rangel-Salazar, J.L.; Segars, K.P. & Wood, K.L. 1999. Family Strigidae: species accounts, p.152–242. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 5: Barn-owls to Hummingbirds**. Lynx Edicions. 893p.
571. Hosner, P.A. 2004. *Elaenia ridleyana*, p.268. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
572. Houck, W.J.; Blackford, J.L.; Morley, A.G.; Sams, J.R.; Gates, J.M.; Harvey, H.T.; Brock, E.M.; Bohl, W.H.; Gordon, S.P.; Sick, H.; Lanyon, W.E. & Fish, W.R. 1958. From Field and Study. **The Condor**, 60 (5): 337–341.
573. van Houtan, K.S.; Pimm, S.L.; Halley, J.M.; Bierregaard, R.O. & Lovejoy, T.E. 2007. Dispersal of Amazonian birds in continuous and fragmented forest. **Ecology Letters**, 10: 219–229.
574. del Hoyo, J.; Collar, N.; Christie, D. & Sharpe, C. 1996. *Psophia dextralis*, p.107. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 3: Hoatzin to Auks**. Lynx Edicions. 812p.
575. del Hoyo, J. & Collar, N.J. 2014. **Illustrated Checklist of the Birds of the World, Vol 1: Non-passerines**. Lynx Edicions. 904p.
576. del Hoyo, J. & Motis, A. 2004. Update chapter, p.322–476. In: Delacour, J. & Amadon, D. (orgs.). **Curassows and Related Birds**. 2nd ed. Lynx Edicions & American Museum of Natural History. 476p.
577. del Hoyo, J. 1994. Family Cracidae, p.310–363. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 2: New World Vultures to Guineafowl**. Lynx Edicions. 638p.
578. Hughes, B.; Dugger, B.; Cunha, H.J.; Lamas, I.; Goerck, J.; Lins, L.; Silveira, L.F.; Andrade, R.; Bruno, S.F.; Rigueira, S. & Barros, Y.M. 2006. **Plano de Ação Nacional para a Conservação do Pato-Mergulhão (*Mergus octosetaceus*)**. 86p. Série espécies ameaçadas n° 3.
579. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 1997. **Plano de Manejo da Reserva Biológica Augusto Ruschi**. 280p.
580. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 1999. **Plano de Manejo do Parna da Lagoa do Peixe**. 465p.
581. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 1999. **Plano de Manejo da APA de Ibirapuitã**. 201p.
582. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2002. **Plano**



de Manejo do Parque Nacional Serra da Bocaina. Encarte 5. 18p.

583. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2002. **Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra do Divisor. Anexo.** 5p.

584. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2003. **Plano de Manejo Floresta Nacional de Carajás.** 736p.

585. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2003. **Plano de Manejo da Esec de Carijós – Encarte 5: Análise da unidade de conservação.** 61p.

586. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2003. **Plano de Manejo do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.** 34p.

587. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2004. **Plano de Ação Nacional para a Conservação do mutum-do-sudeste *Crax blumenbachii*.** Série espécies ameaçadas, 1. 53p. Série espécies ameaçadas nº 1.

588. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2004. **Plano de Manejo da Floresta Nacional do Tapajós. Volume 1.** 580p.

589. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2004. **Plano de Manejo do Parque Nacional de Ilha Grande, Anexos.** 40p.

590. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2004. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental de Cairuçu.** 742p.

591. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2005. **Plano de Manejo da APA de Fernando de Noronha – Rocas – São Pedro e São Paulo.** 265p.

592. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2005. **Plano de Manejo da Estação Ecológica de Tamoios. Encarte 5.** 230p.

593. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2005. **Plano de Manejo, Parque Nacional Cavernas do Peruaçu.**

594. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2005. **Plano de Manejo do Parque Nacional Serra da Canastra.** 578p.

595. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2006. **Plano de manejo da arara-azul-de-Lear (*Anodorhynchus leari*).** Edições IBAMA. 79p.

596. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2006. **Plano de Manejo para Uso Múltiplo da Floresta Nacional do Tapirapé-Aquiri.** 453p.

597. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2007. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental da Região Serrana de Petrópolis.** 489p.

598. IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2008. **Plano de Manejo da Estação Ecológica Raso da Catarina.** 326p.

599. IBDF, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. 1979. **Plano de Manejo do Parque Nacional Monte Pascoal.** 159p.

600. IBDF, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. 1981. **Plano de Manejo do Parque Nacional da Tijuca. Anexo XVII.** 10p.

601. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2007. **Revisão do Plano de**



Manejo do Parque Nacional do Caparaó. Anexo 3. 12p.

602. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2007. **Plano de Manejo do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba.** 670p.

603. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2008. **Plano de Ação Nacional para a Conservação do mutum-de-alagoas (*Mitu mitu* = *Pauxi mitu*).** Série espécies ameaçadas. ICMBio. Série espécies ameaçadas n° 7.

604. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2008. **Plano de Manejo da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns.** 62p.

605. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2008. **Plano de Manejo da Estação Ecológica dos Tupiniquins.** 406p.

606. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2008. **Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Anexos.** 318p.

607. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2008. **Plano de Manejo da Reserva Biológica União.** 708p.

608. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2008. **Plano de Manejo da Estação Ecológica Aracuri-Esmeralda. Encarte 3.** 153p.

609. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2009. **Plano de Manejo do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.** 250p.

610. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2009. **Plano de Manejo da Floresta Nacional Mapiá-Inauini.** 48p.

611. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2009. **Plano de Manejo da Reserva Biológica do Tapirapé. Encarte 4.** 180p.

612. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2009. **Plano de Manejo da Reserva Biológica Nascentes da Serra do Cachimbo.** MMA/ICMBio/WWF/ICV. 332p.

613. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2009. **Plano de Manejo das Florestas Nacionais de Crepori, Jamanxim e Amanã, localizadas no estado do Pará.** 311p.

614. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2009. **Plano de Manejo do Parque Nacional das Araucárias (Avaliação Ecológica Rápida da Avifauna).** 33p.

615. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2009. **Plano de Manejo Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.** 212p.

616. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2009. **Floresta Nacional do Purus: Plano de Manejo. Volume I - Diagnóstico.** 663p.

617. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2010. **Plano de Manejo da Floresta Nacional do Jamanxim - Anexo 4.03.** 30p.

618. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2010. **Plano de Manejo da Reserva Biológica do Jaru.** 299p.

619. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2010. **Plano de Manejo da Floresta Nacional do Trairão, localizada no Estado do Pará.** Volume 1- ed. ICMBio/MMA/Serviço Florestal Brasileiro. 319p.



620. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2010. **Plano de Manejo da Reserva Extrativista do Rio Iriri**. 195p.
621. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2010. **Plano de Manejo Participativo da Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio**. 194p.
622. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2010. **Plano de Manejo da Floresta Nacional do Trairão**. 319p.
623. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2010. **Portaria nº 131, de 14 de dezembro de 2010**. Aprova o Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Aquáticas Ameaçadas de Extinção da Bacia do Rio Paraíba do Sul (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), estabelecendo seu objetivo, metas, prazo, abrangência, formas de implementação, supervisão e institui o Grupo Estratégico para Conservação e Manejo.
624. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2010. **Plano de Ação Nacional para a Conservação do formigueiro-do-litoral (*Formicivora littoralis*)**. ICMBio. Série espécies ameaçadas nº 8.
625. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2011. **Plano de Manejo do Parque Nacional do Juruena. Encarte 3**. 163p.
626. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2011. **Plano de Manejo da Floresta Nacional de Pacotuba**. 188p.
627. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2013. **Plano de Manejo Participativo da Reserva Extrativista do Lago do Capanã Grande**. 293p.
- 627a. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2014. **Portaria nº 44, de 8 de abril de 2014. Plano de Ação Nacional para Conservação do Pato-mergulhão - PAN Pato-mergulhão**.
628. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2015. **Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Amazônia**. <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/plano-de-acao/2836-plano-de-acao-nacional-para-a-conservacao-das-aves-da-amazonia.html>. Acesso em 10/11/2015. Série espécies ameaçadas nº 8.
629. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2015. **Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Mata Atlântica**. www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/plano-de-acao/2865-plano-de-acao-nacional-para-a-conservacao-das-aves-da-mata-atlantica-do-nordeste.html.
- 629a. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2015. **Portaria nº 9, de 29 de janeiro de 2015. Aprova o Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Ameaçadas e de Importância Socioeconômica e Ecossistema Manguezal - PAN Manguezal**.
630. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2015. **Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Caatinga**. ICMBio. Série espécies ameaçadas nº 32.
631. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2015. **Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal**. ICMBio.
632. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2015. **Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves Limícolas Migratórias**. ICMBio.
633. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2015. **Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Endêmicas Ameaçadas de Extinção da Fauna da Região do Baixo e Médio Xingu**. ICMBio.



634. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2015. **Plano de Manejo do Parque Nacional de Ubajara – Encarte 5: Análise da unidade de conservação**. ICMBio.
- 634a. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2017. **Portaria nº 856, de 26 de dezembro de 2017**. Aprova o 2º Ciclo do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves dos Campos Sulinos.
635. IECOS, Instituto Ecos do Cerrado. 2013. **Status de conservação do pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*) no rio Novo - Jalapão - Tocantins**. Relatório Técnico. IECOS Brasil. 13p.
636. Imber, M.J. 1985. Origins, phylogeny and taxonomy of the Gadfly Petrels *Pterodroma* spp. **Ibis**, 127: 197–229.
637. InfoNatura. 2011. **Animals and Ecosystems of Latin America**. Version 5.0. NatureServe. <http://www.natureserve.org/infonatura>. Acesso em 2011.
638. INPE, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. 2014. **Projeto Prodes - Monitoramento da Floresta Amazônica Brasileira por Satélite**. www.obt.inpe.br/prodes/index.php. Acesso em 2015.
639. International Rivers, Fundación Proteger & ECOA. 2013. **Dams in Amazonia**. www.dams-info.org. Acesso em 2013.
640. Irusta, J.B. & Sagot-Martin, F. 2011. Complexo Litorâneo da Bacia Potiguar, p.141–145. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
641. Isacch, J.P.; Darrieu, C.A. & Martínez, M.M. 2005. Food availability and dietary relationships among grassland migratory shorebirds during the nonbreeding season. **Waterbirds**, 28: 238–245.
642. Isacch, J.P. & Martínez, M.M. 2003. Temporal variation in abundance and the population status of non-breeding Nearctic and Patagonian shorebirds in the flooding pampa grasslands of Argentina. **Journal of Field Ornithology**, 74: 233–242.
643. Isler, M.L.; Isler, P.R. & Whitney, B.M. 2007. Species limits in antbirds (Thamnophilidae): the warbling antbird (*Hypocnemis cantator*) complex. **The Auk**, 124 (1): 11–28.
644. Isler, M.L. & Isler, P.R. 1987. **The Tanagers: natural history, distribution and identification**. Smithsonian Institution. 406p.
645. IUCN, Standards and Petitions Subcommittee. 2011. **Guidelines for Using the IUCN Red List Categories and Criteria**. Version 9.0. Prepared by the Standards and Petitions Subcommittee. Disponível em: <http://www.iucnredlist.org/documents/RedListGuidelines.pdf>.
646. IUCN. 2013. **IUCN Red List of Threatened Species**. Versão 2013.2.
647. Jackson, D.R.; NeSmith, K.; Printiss, D. & Hipes, K.B.D. 2001. **Field Guide to the Rare Animals of Florida. Florida Natural Areas Inventory**. 310p.
648. Jaramillo, A. 2011. *Sporophila frontalis*, p.645. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.
649. Jaramillo, A. 2011. *Sporophila falcirostris*, p.645–646. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.
650. Jaramillo, A. 2011. *Sporophila nigrorufa*, p.657. del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.



651. Jaramillo, A. 2011. *Sporophila ruficollis*, p.659. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.
652. Jaramillo, A. 2011. *Sporophila palustris*, p.659. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.
653. Jaramillo, A. 2011. *Sporophila hypoxantha*, p.658. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.
654. Jaramillo, A. 2011. *Oryzoborus maximiliani*, p.664. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.
655. Jaramillo, A. 2011. *Coryphas piza melanotis*, p.640. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.
656. Jaramillo, A. 2011. *Gubernatrix cristata*, p.641. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.
657. Jiménez, S.; Phillips, R.A.; Brazeiro, A.; Defeo, O. & Domingo, A. 2014. Bycatch of great albatrosses in pelagic longline fisheries in the southwest Atlantic: Contributing factors and implications for management. **Biological Conservation**, 171: 9–20.
658. Joseph, L. 2000. Beginning an end to 63 years of uncertainty: the Neotropical parakeets known as *Pyrrhura picta* and *P. leucotis* comprise more than two species. **Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia**, 150: 279–292.
659. Joseph, L. 1992. Notes on the distribution and natural history of the Sun Parakeet *Aratinga solstitialis solstitialis*. **Ornitologia Neotropical**, 3: 17–26.
660. Júnior, R. 2013. WA1193901, *Sclerurus cearensis* Sneath, 1924. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/1193901>. Acesso em 2015.
661. Juniper, T. & Parr, M. 2003. **Parrots: a guide to the parrots of the world**. 2nd ed. Pica Press. 584p.
662. Juniper, T. & Yamashita, C. 1990. The conservation of Spix's Macaw. **Oryx**, 24 (4): 224–228.
663. Juniper, T. & Yamashita, C. 1991. The *habitat* and status of Spix's Macaw *Cyanopsitta spixii*. **Bird Conservation International**, 1: 1–9.
664. Juniper, T. 2002. **Spix's Macaw: The race to save the world's rarest bird**. Harper Collins Publishers. 296p.
665. Jutglar, F.; Kirwan, G. & Bonan, A. 2013. *Pterodroma madeira*. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J.; Christie, D.A. & de Juana, E. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World Alive**. Lynx Edicions. <http://www.hbw.com/species/madeira-petrel-pterodroma-madeira>. Acesso em 13/02/2014.
666. Kanegae, M.; Levy, G. & Freitas, S.R. 2012. Habitat use by Sharp-tailed Tyrant (*Culicivora caudacuta*), and Cock-tailed Tyrant (*Alectrurus tricolor*) in the Cerrado of Southeastern Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20 (1): 52-58.
667. Karubian, J. & Carrasco, L. 2008. Home range and *habitat* preferences of the Banded Ground-cuckoo (*Neomorphus radiolosus*). **The Wilson Journal of Ornithology**, 120: 205–209.
668. Kasecker, T. 2008. **Síntese biológica do Parque Nacional da Amazônia: subsídios para revisão do Plano de Manejo**. Relatório Técnico. Conservation International. 60p.



669. Kemper, K.E.; Gonçalves, J.Y.B. & Bezerra, F.W.B. 1999. Water allocation and trading in the Cariri Region - Ceará, Brazil. **World Bank Technical Paper**, 427: 1–9.
670. Kim, J.; Park, S.K. & Koo, T.H. 2007. Trace elements and pollutants concentrations in shorebirds from Yeongjong Island, Korea in the East Asian-Australian migration flyways. **Ecotoxicology**, 16 (5): 403–410.
671. Kirwan, G. & Bonan, A. 2013. *Pterodroma deserta*, In: **del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J.; Christie, D.A. & de Juana, E. (orgs.). Handbook of the Birds of the World Alive**. Lynx Edicions. <http://www.hbw.com/species/desertas-petrel-pterodroma-deserta>. Acesso em 13/02/2014.
672. Kirwan, G.M.; Barnett, J.M. & Minns, J. 2001. Significant ornithological observations from the Rio São Francisco Valley, Minas Gerais, Brazil, with notes on conservation and biogeography. **Ararajuba**, 9 (2): 145–161.
673. Kirwan, G.M. & Green, G. 2011. **Cotingas and Manakins**. Christopher Helm, UK. 624p.
674. Kirwan, G.M. 2010. Gray Tinamou (*Tinamus tao*), In: Schulenberg, T.S. (org.). **Neotropical Birds Online**. Cornell Lab of Ornithology; retrieved from Neotropical Birds Online: http://neotropical.birds.cornell.edu/portal/species/overview?p_p_spp=56756. Acesso em 24/3/2011.
675. Klemann-Júnior, L.; Monteiro, T.V. & Traube, F.C. 2008. *Amazona rhodocorytha* (Salvadori, 1890), p.460–462. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
676. Klink, C.A. & Machado, R.B. 2005. A conservação do Cerrado brasileiro. **Megadiversidade**, 1 (1): 147–155.
677. Koproski, L.; Ferreira, M.P.; Goldammer, J.G. & Batista, A.C. 2011. Modelo de zoneamento de risco de incêndios para unidades de conservação brasileiras: o caso do Parque Estadual do Cerrado (PR). **Floresta**, 41 (3): 551–562.
678. Krabbe, N. 2007. Birds collected by P. W. Lund and J.T. Reinhardt in south-eastern Brazil between 1825 and 1855, with notes on P. W. Lund's travels in Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15 (3): 331–357.
679. Krabbe, N.K. & Schulenberg, T.S. 2003. Family Formicariidae, p.682–731. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol.8: Broadbills to Tapaculos**. Lynx Edicions. 845p.
680. Krabbe, N.K. & Schulenberg, T.S. 2003. Family Rhinocryptidae, p.748–787. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol.8: Broadbills to Tapaculos**. Lynx Edicions. 845p.
681. Kyle, T. 2005. Gold rush: the search for Golden Conures in western Pará, Brazil. **PsittaScene**, 17: 2–5.
682. Kyle, T. 2009. Sun Conures rising. **PsittaScene**, 21 (4): 3–5.
683. Lamas, I.R. 2006. Census of Brazilian Merganser *Mergus octosetaceus* in the region of Serra da Canastra National Park, Brazil, with discussion of its threats and conservation. **Bird Conservation International**, 16 (02): 145–154.
- 683a. Lamas, I. R. and Santos, J. P. 2004. A Brazilian Merganser *Mergus octosetaceus* nest in a rock crevice, with reproductive notes. **Cotinga**. 22: 38-41.
684. Lanctot, R.B.; Aldabe, J.; Almeida, J.B.; Blanco, D.; Isacch, J.P.; Jorgensen, J.; Norland, S.; Rocca, P. & Strum, K.M. 2010. **Conservation Plan for the Buff-breasted Sandpiper (*Tryngites subruficollis*)**. Version



1.1. U.S. Fish and Wildlife Service, and Manomet Center for Conservation Sciences, Manomet. 119p.

685. Lanctot, R.B.; Blanco, D.E.; Dias, R.A.; Isacch, J.P.; Gill, V.A.; Almeida, J.B.; Delhey, K.; Petracci, P.F.; Bencke, G.A. & Balbuena, R. 2002. Conservation status of the Buff-breasted Sandpiper: historic and contemporary distribution and abundance in South America. **Wilson Bulletin**, 114: 44–72.

686. Lanctot, R.B. & Laredo, C.D. 1994. Buff-breasted sandpiper (*Tryngites subruficollis*), In: Poole, A. & Gill, F. (eds.). **The Birds of North America**. The Academy of Natural Sciences, Philadelphia, Pennsylvania, and The American Ornithologists' Union, Washington. <http://bna.birds.cornell.edu/bna/species/091>. Acesso em 17/11/2015.

687. Lanctot, R.B. & Weatherhead, P.J. 1997. Ephemeral lekking behavior in the Buff-breasted Sandpiper, *Tryngites subruficollis*. **Behavioral Ecology**, 8: 268–278.

688. Lanyon, S.M. & Hall, J.G. 1994. Reexamination of Barbet monophyly using mitochondrial-DNA sequence. **The Auk**, 111 (2): 389–397.

689. Laranjeiras, T.O.; Andretti, C.B.; Bechtoldt, C.; Cerqueira, M.C.; Costa, T.V.V.; Lima, G.R.; Naka, L.N.; Pacheco, A.M.F.; Santos Jr., M.A.; Sardelli, C.H.; Torres, M.F.; Vargas, C.F. & Cohn-Haft, M. 2010. **High bird richness in Viruá National Park, Roraima, Brazil**, p.588. In: Proceedings of the XXV International Ornithological Congress.

690. Laranjeiras, T.O. & Cohn-Haft, M. 2009. Where is the symbol of Brazilian Ornithology? The geographic distribution of the Golden Parakeet (*Guarouba guarouba*-psittacidae). **Revista Brasileira de Ornitologia**, 17 (1): 1–19.

691. Laranjeiras, T.O.; Torres, M.F.; Quitiaqueza, J.J.R & Holderbaum, J.M. 2011. **New records of Sun Parakeet (*Aratinga solstitialis*) in Roraima, Brazil, and its current area of occurrence**. p.516. In: XXV International Ornithological Congress. Proceedings.

692. Laranjeiras, T.O. 2008. **Distribuição geográfica, histórica natural e conservação da ararajuba (*Guarouba guarouba* - Psittacidae)**. Dissertação (Mestrado em Biologia Tropical e Recursos Naturais). INPA/UFAM. 114p.

693. Laranjeiras, T.O. 2008. A golden gathering: Golden Conures in Brazil. **PsittaScene**, 20: 10–14.

694. Laranjeiras, T.O. 2011. Biology and population size of the Golden Parakeet (*Guarouba guarouba*) in western Pará, Brazil, with recommendations for conservation. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 19 (3): 303–314.

695. Larrazábal, M.E.; Azevedo-Júnior, S.M. & Pena, O. 2002. Monitoramento de aves limícolas na Salina Diamante Branco, Galinhos, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, 19 (4): 1081–1089.

696. Latham, J. 1781. **A general synopsis of birds**. Vol. I Part I. London: Benjamin White.

696a. Leal, G. R. 2013. **Biologia reprodutiva e estimativa populacional de *Phaethon lepturus* e uso do mar e forrageamento de *Phaethon aethereus* no Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas.

697. Lees, A. & Peres, C.A. 2008. Conservation value of remnant riparian forest corridors of varying quality for Amazonian birds and mammals. **Conservation Biology**, 22 (2): 439–449.

698. Lees, A. 2014. WA1506413, *Celeus obrieni* Short, 1973. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/1506413>. Acesso em 2015.

699. Lees, A.C.; Davis, B.J.W.; Oliveira, A.V.G. & Peres, C.A.. 2008. Avifauna of a structurally



heterogeneous forest landscape in the Serra dos Caiabis, Mato Grosso, Brazil: a preliminary assesment. **Cotinga**, 29 (9518): 149–159.

700. Lees, A.C.; Moura, N.G.; Almeida, A.S. & Vieira, I.C.G. 2015. Poor prospects for avian biodiversity in Amazonian Oil Palm. **PLoS ONE**, 10: e0122432 DOI: 10.1371/journal.pone.0122432.

701. Lees, A.C.; Moura, N.G.; Andretti, C.B.; Davis, B.J.W.; Lopes, E.V.; Henriques, L.M.P.; Aleixo, A.; Barlow, J.; Ferreira, J. & Gardner, T.A. 2013. One hundred and thirty-five years of avifaunal surveys around Santarém, central Brazilian Amazon. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 21 (1): 16–57.

702. Lees, A.C. & Peres, C.A. 2006. Rapid avifaunal collapse along the Amazonian deforestation frontier. **Biological Conservation**, 133 (2): 198–211.

703. Lees, A.C. & Peres, C.A. 2008. Avian life history determinants of local extinction risk in a fragmented neotropical forest landscape. **Animal Conservation**, 11: 128–137.

704. Lees, A.C. & Peres, C.A. 2009. Gap-crossing movements predict species occupancy in Amazonian forest fragments. **Oikos**, 118: 280–290.

705. Lees, A.C. & Peres, C.A. 2010. Habitat and life history determinants of antbird local extinction in variable-sized Amazonian forest fragments. **Biotropica**, 42: 614–621.

706. Lees, A.C. & Pimm, S.L. 2015. Species, extinct before we know them? **Current Biology**, 25: 177–180.

707. Lees, A.C.; Thompson, I. & Moura, N.G. 2014. Salgado Paraense: an inventory of a forgotten coastal Amazonian avifauna. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Ciências Naturais**, 9: 135–168.

708. Lees, A.C.; Zimmer, K.J.; Marantz, C.A.; Whittaker, A.; Davis, B.J.W. & Whitney, B.M. 2013. Alta Floresta revisited: an updated review of the avifauna of the most intensively surveyed locality in south-central Amazonia. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 133 (3): 178–239.

709. Lees, A.C. 2008. **Avian community dynamics in an Amazonian fragmented forest landscape**. Tese (Doutorado). University of East Anglia. 267p.

710. Lees, A.C. 2013. Bare-eyed Antbird (*Rhegmatorhina gymnops*), In: Schulenberg, T.S. (org.). **Neotropical Birds Online**. Cornell Lab of Ornithology- http://neotropical.birds.cornell.edu/portal/species/overview?p_p_spp=397971 Acesso em 24/9/2105.

711. Lees, A.C., Moura, N.G., Santana, A., Aleixo, A., Barlow, J., Berenguer, E., Ferreira, J., Gardner, T.A. 2012. Paragominas: a quantitative baseline inventory of an eastern Amazonian avifauna. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20 (2): 93–118.

712. Leite, G. 2009. WA137339, *Lophornis gouldii* (Lesson, 1832). **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/137339. Acesso em 2012.

712a. Leite, G. 2016. **XC213010**. www.xeno-canto.org/213010. Acesso em 2016.

713. Leite, G.A.; Pinheiro, R.T.; Marcelino, D.G.; Figueira, J.E.C. & Delabie, J.H.C. 2013. Foraging behavior of Kaempfer's Woodpecker (*Celeus obrieni*), a bamboo specialist. **The Condor**, 115 (2): 221–229.

714. Lima, B. & Silva-e-Silva, R. 2014. Contribuição à biología reprodutiva de *Tangara peruviana*. **Atualidades Ornitológicas**, 178: 22.

715. Lima, D.M.; Martínez, C. & Raíces, D.S.L. 2015. An avifaunal inventory and conservation prospects for the Gurupi Biological Reserve, Maranhão, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 22 (4): 317–340.



716. Lima, D.M. & Raices, D.S.L. 2012. Primeiro registro de *Psophia obscura* Pelzeln, 1857 e *Dendrocincla merula badia* Zimmer, 1934 para a Reserva Biológica do Gurupi, Maranhão, Brasil. **Ornithologia**, 5 (1): 39–42.
717. Lima, D.M. 2012. WA1036681, *Penelope pileata* Wagler, 1830. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/1036681. Acesso em 2015.
718. Lima, E.M.C. 2008. *Sporophila nigrorufa* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837), p.548–549. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
719. Lima, E.M.C. 2008. *Sporophila palustris* (Barrows, 1883), p.549–550. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
720. Lima, E.M.C. 2008. *Carduelis yarrellii* Audubon, 1839, p.559–560. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
721. Lima, J.L.G. 2014. WA1491067, *Sclerurus cearensis* Sneath, 1924. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/1491067>. Acesso em 2015.
722. Lima, M.L. 2010. WA230117, *Amazona vinacea* (Kuhl, 1820). **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/230117>. Acesso em 2013.
723. Lima, P.C. & Lima, R.C.F.R. 2011. APA do Litoral Norte da Bahia (Mangue Seco), p.181–185. In: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
724. Lima, P.C. & Lima-Neto, T.N.C. 2007. Comportamento reprodutivo do olho-de-fogo-rendado *Pyrglana atra* no litoral norte da Bahia. Uma pequena contribuição. Ensaio fotográfico. **Atualidades Ornitológicas On-line**, 140: 33–50.
725. Lima, P.C.; Magalhães, Z.S. & Albano, C. 2008. Registro da reprodução do Mutum-do-Sudeste (*Crax blumenbachii*) em Ituberá, Bahia. **Atualidades Ornitológicas**, 141: 105–106.
726. Lima, P.C.; Magalhães, Z.S. & Lima, R.C.R. 2002. Primeiro registro de nidificação da espécie *Thripophaga macroura* Wied, 1821 (Aves: Furnariidae). **Atualidades Ornitológicas**, 108: 3.
727. Lima, P.C. & Magalhães, Z.S. 2012. Primeiro registro documentado do ninho de *Myrmotherula urosticta* (Sclater, 1857) (Passeriformes: Thamnophilidae) em Ituberá, Bahia. **Atualidades Ornitológicas**, 165: 4–5.
728. Lima, P.C., Grantsau, R., Lima, R.C.F.R., Santos, S.S. 2004. **Occurrence and mortality of seabirds along the northern coast of Bahia, and the identification key of the Procellariiformes order and the Stercorariidae family**. Cetrel S.A. Relatório Técnico. 63p.
729. Lima, P.C. & Santos, S.S. 1999. Illegal traffic in Brazil's Wildlife. **PsittaScene**, 11 (4): 8–9.
730. Lima, P.C. 2005. **Aves da pátria da Leari**. **Atualidades Ornitológicas**. 271p.
731. Lima, P.C. 2006. **Aves do litoral norte da Bahia – Birds of the Northern Coastal Region of Bahia**. **Atualidades Ornitológicas**. 616p.
732. Lima, P.C. 2007. O status ecológico da arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*). **Revista Brasileira de Direito Animal**, 2: 263–271.



733. Lima, P.C. 2008. WA1336810, *Procellaria conspicillata* Gould, 1844. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/1336810. Acesso em 2015.
734. Linhares, K.V.; Araújo, F.S. & Machado, I.C.S. 2010. Nest support plants of the Araripe manakin *Antilophia bokermanni*, a critically endangered endemic bird from Ceará, Brazil. **Cotinga**, 32: 90–92.
735. Linhares, K.V. & Silva, W.A.G. 2015. Soldadinho-do-araripe, símbolo da conservação das águas e florestas úmidas do cariri cearense. **Caderno de Cultura e Ciência**, 13 (2): 37–50.
- 735a. Lins, L. V., Andrade, R. D., Ribeiro, F. and Rigueira, S. E. 2011. Distribuição e biologia reprodutiva do pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*) na região da Serra da Canastra, Minas Gerais. **MG Biota** 4(3): 4-33.
736. Lira, F.D. 2011. WA595543, *Sclerurus cearensis* Sneath, 1924. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/595543>. Acesso em 2015.
737. Lo, V.K. 1995. Extensão da distribuição de *Guaruba guarouba* para o norte do estado de Mato Grosso, Amazônia Meridional (Psittaciformes: Psittacidae). **Ararajuba**, 3: 93–94.
738. Lobo-Araújo, L.W. 2013. **Efeitos da fragmentação florestal sobre a riqueza de espécies de aves no Centro de Endemismo Pernambuco, Nordeste do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos). Universidade Federal de Alagoas. 45p.
739. Lombardi, V.T.; Santos, K.K.; D'Angelo-Neto, S.; Mazzoni, L.G.; Rennó, B.; Faetti, R.G.; Epifânio, A.D. & Miguel, M. 2012. Registros notáveis de aves para o sul do Estado de Minas Gerais, Brasil. **Cotinga**, 34: 32–45.
740. Lopes, A.C.P.A.; Vital, M.V.C. & Efe, M.A. 2014. Potential geographic distribution and conservation of Audubon's Shearwater, *Puffinus lherminieri* in Brazil. **Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo)**, 54 (19): 293–298.
741. Lopes, E.V. 2013. WA1025206, *Penelope pileata* Wagler, 1830. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/1025206. Acesso em 2015.
742. Lopes, L.E.; Malacco, G.B.; Alteff, E.F.; Vasconcelos, M.F.; Hoffmann, D. & Silveira, L.F. 2009. Range extensions and conservation of some threatened and little known Brazilian grassland birds. **Bird Conservation International**, 19: 1–11.
743. Lopes, L.E.; Maldonado-Coelho, M.; Hoffmann, D.; Luiz, E.R. & D'Angelo-Neto, S. 2008. Geographic distribution, *habitat* association, and conservation status of the Critically Endangered Minas Gerais Tyrannulet, *Phylloscartes roquettei*. **Bird Conservation International**, 18: 53–62.
744. Lopes, L.E.; Pinho, J.B.; Bernardon, B.; Oliveira, F.F.; Bernardon, G.; Ferreira, L.P.; Vasconcelos, M.F.; Maldonado-Coelho, M.; Nóbrega, P.F.A. & Rubio, T.C. 2009. Aves da Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, Brasil: uma síntese histórica do conhecimento. **Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo)**, 49 (2): 9–47.
745. Lopes, P. 2009. *Aburria jacutinga* (Spix, 1825) Galliformes, Cracidae, p.113. In: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
746. Lowrie, K.; Lowrie, D. & Collier, N. 2012. **Seabird breeding atlas of the Lesser Antilles**. CreateSpace Independent Publishing Platform. 224p.
747. De Luca, A.; Devey, P.F. & Olmos, F. 2006. **Final report, waterbirds in Brazil**. SAVE Brasil, São Paulo. 61p.



748. De Luca, A.C.; Develey, P.F.; Bencke, G.A. & Goerck, J.M. 2009. **Áreas importantes para a conservação das aves no Brasil. Parte II – Amazônia, Cerrado e Pantanal.** SAVE Brasil. 382p.
749. Lugarini, C.; Barbosa, A.E.A. & Oliveira, K.G. 2012. **Plano de Ação Nacional para a Conservação da arara-azul-de-lear.** 2ª ed. Série espécies ameaçadas n° 4. 76p.
750. Luigi, G.; Bugoni, L.; Fonseca-Neto, F.P. & Teixeira, D.M. 2009. Biologia e conservação do petrel-de-trindade, *Pterodroma arminjoniana*, na ilha da Trindade, Atlântico sul, p.223–263. *In:* Mohr, L.V.; Castro, J.W.A.; Costa, P.M.S. & Alves, R.J.V. (orgs.). **Ilhas oceânicas brasileiras: da pesquisa ao manejo.** Ministério do Meio Ambiente.
751. Luiz, E.R.; Ribon, R.; Mattos, G.T. & Moraes, L.L. 2006. Discovery of Minas Gerais Tyrannulet *Phylloscartes roquettei* in the Jequitinhonha Valley, north-east Minas Gerais, Brazil. **Cotinga**, 26: 84–86.
752. Luiz, E.R.; Santos, S.S.; Flores, F.M.; Zorzini, G.; Ferreira, H.M.; Camurugi, E.; Carvalho, H.D.S. & Ribon, R. 2015. Geographic distribution, population size, conservation status and type locality of Slender Antbird *Rhopornis ardesiacus*. **Cotinga**, 37: 101–106.
753. Luiz, E.R. 2010. **Conservação do gravatazeiro *Rhopornis ardesiacus* (Wied 1831) (Aves: Thamnophilidae): distribuição geográfica, estratégia de forrageamento, densidade e estimativa populacional.** Dissertação (Mestrado em Ecologia de Biomas Tropicais). Universidade Federal de Ouro Preto. 64p.
754. Lunardi, V.O. 2010. **Estratégia de forrageamento e evitação de predadores em Charadriidae e Scolopacidae na Baía de Todos os Santos, Bahia, Brasil.** Tese (Doutorado em Ecologia). Universidade de Brasília. 169p.
755. Luz, B.B.; Aguiar-Silva, F.H. & Sanaiotti, T.M. 2010. **Árvores utilizadas como local de reprodução de harpias são alvo de exploração madeireira.** *In:* 61º Congresso Nacional de Botânica. INPA. www.botanica.org.br/trabalhos-cientificos/61CNBot/ResumoS01_CNBot_2010_1544.pdf Acesso em 13/11/2015.
756. Luz, B.B. 2005. **Características estruturais de árvores utilizadas para nidificação de *Harpia harpyja* na Amazônia brasileira.** Dissertação (Mestrado em Ecologia). INPA/UFAM. 80p.
757. Luz-Agostinho, K.D.G; Bini, L.M.; Fugi, R.; Agostinho, A.A. & Júlio Jr., H.F.J. 2006. Food spectrum and trophic structure of the ichthyofauna of Corumbá reservoir, Paraná river Basin, Brazil. **Neotropical Ichthyology**, 4: 61–68.
758. Lyra-Neves, R.M. 2004. **Estudo da Avifauna em três fragmentos de Mata Atlântica no estado de Pernambuco, Brasil.** Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). Universidade Federal de São Carlos. 107p.
759. Machado, A.B.M.; Martins, C.S. & Drummond, G.M. 2005. **Lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (Incluindo as Listas das Espécies Quase Ameaçadas e Deficientes em Dados).** Fundação Biodiversitas. 160p.
760. Machado, C.G.; Coelho, A.G.; Santana, C.S. & Rodrigues, M. 2007. Beija-flores e seus recursos florais em uma área de campo rupestre da Chapada Diamantina, Bahia. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15 (2): 267–279.
761. Machado, C.G.; Moreira, T.A.; Nunes, C.E.C. & Romão, C.O. 2003. Use of *Micranthocereus purpureus* (Guerke) F. Ritter 1968 (Cactaceae) hairs in nests of *Augastes lumachellus* Lesson 1839 (Trochilidae, Aves). **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, 3: 133–134.
762. Machado, C.G. 2005. Aves, p.357–375. *In:* Juncá, F.A.; Funch, L.S. & Rocha, W.F. (orgs.). **Biodiversidade e Conservação da Chapada Diamantina.** Ministério do Meio Ambiente.



763. Machado, E. 2009. *Sporophila frontalis* (Verreaux, 1869) Passeriformes, Emberizidae, p.253. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
764. Machado, E. 2009. *Sporophila falcirostris* (Temminck, 1820) Passeriformes, Emberizidae, p.254. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
765. Machado, E. 2009. *Sporophila hypoxantha*, p.259. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
766. Machado, E. 2009. *Sporophila palustris* (Barrows, 1883) Passeriformes, Emberizidae, p.261. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
767. Machado, E. 2009. *Sporophila melanogaster* (Pelzeln, 1870) Passeriformes, Emberizidae, p.263. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
768. Machado, E. 2009. *Coryphasiza melanotis* (Temminck, 1822), Passeriformes, Emberizidae, p.268. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
769. Machado, R.B.; Ramos-Neto, M.B.; Pereira, P.G.P.; Caldas, E.F.; Gonçalves, D.A.; Santos, N.S.; Tabor, K. & Steininger, M. 2004. **Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro**. Relatório técnico. Conservação Internacional. 26p.
770. Mäder, A.; Petry, M.V. & Efe, M.A. 2011. Litoral Médio do Rio Grande do Sul, p.325–330. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C. & Straube, F.C., Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
771. Magalhães, J.C.R. 1994. Sobre alguns tinamídeos florestais brasileiros. **Boletim do Centro de Estudos Ornitológicos**, 10: 16–26.
772. Magalhães, V.S.; Azevedo-Júnior, S.M.; Lyra-Neves, R.M.; Telino-Júnior, W.R. & Souza, D.P. 2007. Biologia de aves capturadas em um fragmento de Mata Atlântica, Igarassu, Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, 24 (4): 950–964.
773. Malacco, G. (2008). WA1021339, *Sclerurus cearensis* Sneath, 1924. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. <http://www.wikiaves.com/1021339>. Acesso em 2015.
774. Maldonado-Coelho, M. 2009. Foraging behavior of Minas Gerais Tyrannulet *Phylloscartes roquettei* in a cerrado gallery forest. **Studies on Neotropical Fauna and Environment**, 44 (1): 17–21.
775. Mallet-Rodrigues, F.; Parrini, R. & Pacheco, J.F. 2007. Birds of the Serra dos Órgãos, State of Rio de Janeiro, Southeastern Brazil: a review. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15 (1): 5–35.
776. Mancini, P.L.; Bugoni, L.; Neves, T.; Monteiro, D.S. & Estima, S.C. 2009. The effect of light toriline on seabird by-catch and fish catch rates in the pelagic longline fishery off Southern Brazil. **Collective Volume of Scientific Papers - ICCAT**, 64 (7): 2499–2507.
777. Manhães, M.A. & Loures-Ribeiro, A. 2011. Avifauna da Reserva Biológica Municipal Poço d'Anta, Juiz de Fora, MG. **Biota Neotropica**, 11 (3): 275–286.
778. Marantz, C.A.; Aleixo, A.; Bevier, L.R. & Patten, M.A. 2003. Family Dendrocolaptidae, p.358–447. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 8: Broadbills to Tapaculos**. Lynx Edicions. 845p.



779. Marceliano, M.L.V.; Cardoso, L.G.R. & Gomes, A.L.S. 2009. **Dieta de Aves de Sub-bosque no Parque Ecologico de Gunma, Municipio de Santa Barbara do Pará.** In: Resumos do XVII Congresso Brasileiro de Ornitologia.
780. Marcelino, D.G.; Corrêa, A.G.; Dornas, T. & Pinheiro, R.T. 2012. Diagnóstico ambiental das áreas de ocorrência do pica-pau-do-parnaíba *Celeus obrieni*, na região norte de Goiás, Brasil. **Neotropical Biology and Conservation**, 7 (2): 129–139.
781. Marcelino, D.G.; Corrêa, A.G.; Dornas, T. & Pinheiro, R.T. 2012. Diagnóstico ambiental das áreas de ocorrência do pica-pau-do-parnaíba *Celeus obrieni*, na região norte de Goiás, Brasil. **Neotropical Biology and Conservation**, 7 (2): 129–139.
782. Marini, M.A.; Barbet-Massin, M.; Lopes, L.E. & Jiguet, F. 2009. Major current and future gaps of Brazilian reserves to protect Neotropical savanna birds. **Biological Conservation**, 142 (12): 3039–3050.
783. Marini, M.A.; Barbet-Massin, M.; Lopes, L.E. & Jiguet, F. 2013. Geographic and seasonal distribution of the Cock-tailed Tyrant (*Alectrurus tricolor*) inferred from niche modeling. **Journal of Ornithology**, 154: 393–402.
784. Marini, M.A. & Cavalcanti, R.B. 1992. Mating system of the Helmeted Manakin (*Antilophia galeata*) in central Brazil. **The Auk**, 109 (4): 911–913.
785. Marsden, S.J.; Whin, M.; Sadgrove, L. & Guimarães, P., Jr. 2000. Parrot populations and *habitat* use in and around two lowland Atlantic forest reserves, Brazil. **Biological Conservation**, 96: 209–217.
786. Martínez, C. 2008. Um ninho de *Morphnus guianensis* no Maranhão. **Conferência Amazônia em Perspectiva**. LBA/GEOMA/PPbio. daac.ornl.gov/LBA/lbaconferencia/2008_lba_conf/port/abstracts/14.88-P.html. Acesso em 2015.
787. Martínez-Vilalta, A. & Motis, A. 1992. Family Ardeidae, p.376–429. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 1: Ostrich to Ducks**. Lynx Edicions. 696p.
788. Martins-Ferreira, C.; Bencke, G.A.; Fontana, C.S.; Dias, R.A.; Repenning, M.; Damiani, R.V.; Mauricio, G.N.; Gianuca, A.T.; Krügel, M.M.; Franz, I.; Rovedder, C.E.; Rupp, A.E.; Pereira, M.S.; Vizentin-Bugoni, J.; Joenck, C.M.; Straube, F.C.; Reinert, B.L.; Bornschein, M.R.; Dias, D.; Vieira, B.P. & Serafini, P.P. 2013. **Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho**. Série espécies ameaçadas 31. ICMBio. 213p.
789. Mason, D. 1996. Responses of Venezuelan understory birds to selective logging, enrichment strips, and vine cutting. **Biotropica**, 28: 296–309.
790. Mata, H.; Fontana, C.S.; Mauricio, G.N.; Bornschein, M.R.; Vasconcelos, M.F. & Bonatto, S.L. 2009. Molecular phylogeny and biogeography of the eastern Tapaculos (Aves: Rhinocryptidae: *Scytalopus*, *Eleoscytalopus*): Cryptic diversification in Brazilian Atlantic Forest. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, 53: 450–462.
791. Mata, J.R.R.; Erize, F. & Rumboll, M. 2006. **Birds of South America. Non-passerines: Rheas to Woodpeckers**. Princeton University Press. 384p.
792. Mattos, J.F.; Vale, M.M.; Vecchi, M.B. & Alves, M.A.S. 2009. Abundance, distribution and conservation of the restinga antwren, *Formicivora littoralis* (Aves: Thamnophilidae). **Bird Conservation International**, 19: 392–400.
793. Maurício, G.N.; Belmonte-Lopes, R.; Pacheco, J.F.; Silveira, L.F.; Whitney, B.M. & Bornschein, M.R. 2014. Taxonomy of “Mouse-colored Tapaculos” (II): An endangered new species from the montane Atlantic Forest of southern Bahia, Brazil (Passeriformes, Rhinocryptidae: *Scytalopus*). **The Auk**, 131 (4): 643–659.



794. Mauricio, G.N.; Dias, R.A.; Repenning, M. & Vizentin-Bugoni, J. 2013. *Sporophila palustris*, p.98–102. In: Serafini, P.P. (org.). **Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho**. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Série espécies ameaçadas n° 31.
795. Mauricio, G.N.; Fontana, C.S.; Bornschein, M.R. & Reinert, B.L. 2013. *Scytalopus iraiensis*, p.31–33. In: Serafini, P.P. (org.). **Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho**. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Série espécies ameaçadas n° 31.
797. Mazar-Barnett, J.; Carlos, C.J. & Roda, S.A. 2005. Renewed hope for the threatened avian endemics of northeastern Brazil. **Biodiversity and Conservation**, 14: 2265–2274.
798. Mazzoni, L.G.; Perillo, A.; D’Angelo-Neto, S.; Vasconcelos, M.F. & Santos, T. 2015. Additions to the avifauna of Unaí and Cabeceira Grande, north-west Minas Gerais. **Cotinga**, 37 61–65.
799. McCarty, J.P.; Jorgensen, J.G. & Wolfenbarger, L.L. 2009. Behavior of Buff-breasted Sandpipers (*Tryngites subruficollis*) during migratory stopover in agricultural fields. **PLoS ONE**, 4 (11): 1–5.
800. Medeiros, M.B. & Fiedler, N.C. 2004. Incêndios florestais no Parque Nacional da Serra da Canastra: desafios para a conservação da biodiversidade. **Ciência Florestal**, 14 (2): 157–168.
801. Meller, D.A. 2015. No alto duma grápia havia uma harpia... **Projeto Ave Missões: Pesquisa, Educação Ambiental e Conservação com Aves da Região Noroeste do Rio Grande do Sul**. <http://avemissoes.blogspot.com.br/2015/03/no-alto-duma-grapia-havia-uma-harpia.html>. Acesso em 2015.
802. Melo, A. 2010. WA631756, *Crax globulosa* Spix, 1825. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/631756. Acesso em 2015.
803. Melo, A.V.; Cintra, R.; Santos, P.M.R.S. & Tibúrcio, J.E.P. 2011. Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, p.37–41. In: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
804. Menezes, A.C.; Araújo, H.F.P.; Nascimento, J.L.X.; Rego, A.C.G.; Paiva, A.A.; Serafim, R.N.; Bella, S.D. & Lima, P.C. 2006. Monitoramento da população de *Anodorhynchus leari* (Bonaparte, 1856) (Psittacidae) na natureza. **Ornithologia**, 1 (2): 109–113.
805. Mesquita, A. 2013. WA955961, *Penelope ochrogaster* Pelzeln, 1870. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/955961. Acesso em 2015.
806. Mestre, L.A.M.; Rechetelo, J.; Cochrane, M.A. & Barlow, J. 2011. Avifaunal inventory of a Southern Amazonian transitional forest site: the São Luiz farm, Mato Grosso, Brazil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Ciências Naturais**, 6 (2): 147–161.
807. Mestre, L.A.M.; Roos, A.L. & Nascimento, J.L.X. 2009. Dados biológicos de *Puffinus lherminieri* anilhados em Fernando de Noronha em 2005 e 2006. **Revista Brasileira de Ornithologia**, 17 (1): 65–69.
808. Mestre, L.A.M.; Thom, G.; Cochrane, M.A. & Barlow, J. 2010. The birds of Reserva Extrativista Chico Mendes, South Acre, Brazil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Ciências Naturais**, 5 (3): 311–333.
- 809-810. Mikich, S.B. & Bérnils, R.S. 2004. **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná**. Mater Natura e Instituto Ambiental do Paraná. 764p.
811. Milano, M.Z.; Aguiar-Silva, F.H.; Nascimento, V.; Zugmann, A.; Villela, F.C.; Sanaiotti, T.M.; Jaudoin, O. & Seixas, G.H.F. 2013. **Monitoramento de harpia (*Harpia harpyja*) no Parque Nacional da Serra da Bodoquena, Mato Grosso do Sul**. In: V Seminário de Pesquisa do ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.



812. Minns, J.; Buzzetti, D.; Albano, C.; Grosset, A.; Whittaker, A. & Parrini, R. 2010. **Aves do Brasil, vozes e fotografias. Vol. 1 - Floresta Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pantanal, Campos Sulinos e Costa. Versão 1.0.** (DVD-ROM). Avis Brasilis Editora.
813. Mizrahi, D.S.; Peters, K.A. & Hodgetts, P.A. 2012. Energetic condition of Semipalmated and Least Sandpipers during northbound migration staging periods in Delaware Bay. **Waterbirds**, 35 (1): 135–145.
814. MMA, Ministério do Meio Ambiente. 2003. Instrução Normativa N° 003, de 27 de maio de 2003. Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção. **Diário Oficial da União**. Seção 1, 101, 28: 88–97
815. Mohr, L.V.; Efe, M.A. & Bugoni, L. 2008. *Thalasseus maximus* (Boddaert, 1783), p.448–450. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
816. Mohr, L.V.; Scherer, S. & Menezes, A.C. 2008. *Porzana spiloptera* (Durnford, 1877), p.443–445. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
817. Monteiro, R.S. 2015. **Isolamento de microssatélites e análise genética de ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*, Aves, Psittaciformes)**. Dissertação (Mestrado em Genética). Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. 29p.
818. Moraes, G.P. 2013. WA991781, *Taoniscus nanus* (Temminck, 1815). **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/991781. Acesso em 2015.
819. Moraes, L.L.; Souza, A.Z. & Ribon, R. 2015. First record of the Crested Eagle, *Morphnus guianensis* (Daudin, 1800) (Aves, Accipitridae) in the Cerrado of Minas Gerais state, Brazil. **Check List**, 11 (4): 1670.
820. Morrison, R.I.G.; McCaffery, B.J.; Gill, R.E.; Skagen, S.K.; Jones, S.L.; Page, G.W.; Gratto-Trevor, C.L. & Andres, B.A. 2006. Population estimates of North American shorebirds. **Water Study Group Bulletin**, 111: 67–85.
821. Morrison, R.I.G.; Mizrahi, D.S.; Ross, R.K.; Ottema, O.H.; de Pracontal, N. & Narine, A. 2012. Dramatic declines of Semipalmated Sandpipers on the Major wintering areas in the Guianas, Northern South America. **Waterbirds**, 35 (1): 120–134.
822. Morrison, R.I.G.; Ross, R.K. & Niles, L.J. 2004. Declines in wintering populations of red knots in southern South America. **The Condor**, 106 (1): 60–70.
823. Morrison, R.I.G. & Ross, R.K. 1989. **Atlas of nearctic shorebirds on the coast of South America, Vol. 2**. Canadian Wildlife Service Special Publication. 295p.
824. Motta-Júnior, J.C.; Granzinolli, M.A.M. & Develey, P.F. 2008. Aves da estação ecológica de Itirapina, estado de São Paulo, Brasil. **Biota Neotropica**, 8 (3): 207–227.
825. Motta-Júnior, J.C. 2009. *Alectrurus tricolor* (Vieillot, 1816) Passeriformes, Tyrannidae, p.230. In: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
826. Moura, A.L.B. 2013. **Caça de Subsistência e os Mamíferos da RESEX do Alto Tarauacá, Acre**. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Manejo dos Recursos Naturais). Universidade Federal do Acre. 70p.
827. Moura, N.G.; Lees, A.C.; Aleixo, A.; Barlow, J.; Dantas, S.M.; Ferreira, J.; Lima, M.D.F.C. & Gardner, T.A. 2014. Two hundred years of local avian extinctions in Eastern Amazonia. **Conservation Biology**, 28: 1271–1281.



828. Moura, N.G.; Lees, A.C.; Andretti, C.B.; Davis, B.J.W.; Aleixo, A.; Barlow, J.; Ferreira, J. & Gardner, T.A. 2013. Avian biodiversity in multiple-use landscapes of the Brazilian Amazon. **Biological Conservation**, 167: 339–348.
829. Muñoz-López, R.; Criollo, O. & Mendúa, A. 2007. Results of five years of the “Harpy Eagle (*Harpia harpyja*) Research Program” in the Ecuadorian tropical forest, p.23–32. *In*: Bildstein, K.; Barber, D.R. & Zimmerman, A. (orgs.). **Neotropical raptors – Proceedings of the Second Neotropical Raptor Conference**. Raptor Conservation Science Series, 1.
830. Muñoz-López, R. 2008. Revisión de la situación del Águila Harpía *Harpia harpyja* en Ecuador. **Cotinga**, 29: 42–47.
831. Munn, C.A. & Terborgh, J.W. 1979. Multi-species territoriality in Neotropical foraging flocks. **Condor**, 81: 338–347.
832. Munn, C.A. 1995. Lear’s Macaw: a second population confirmed. **PsittaScene**, 7 (4): 1–3.
833. Nahum, L.A.; Pereira, S.L.; Fernandes, F.M.C.; Matioli, S.R. & Wajntal, A. 2003. Diversification of Ramphastinae (Aves, Ramphastidae) prior to the Cretaceous/Tertiary boundary as shown by molecular clock of mtDNA sequences. **Genetics and Molecular Biology**, 26 (4): 411–418.
834. Naka, L.N.; Barnett, J.M.; Kirwan, G.M.; Tobias, J.A. & Azevedo, M.A.G. 2000. New and noteworthy bird records from Santa Catarina state, Brazil. **Bulletin of the British Ornithologists’ Club**, 120 (4): 237–250.
835. Naka, L.N.; Cohn-Haft, M.; Mallet-Rodrigues, F.; Santos, M.P.D. & Torres, M.F. 2006. The avifauna of the Brazilian state of Roraima: bird distribution and biogeography in the Rio Branco basin. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 14 (3): 197–238.
836. Naka, L.N.; Plaskievicz, A.C.; Laranjeiras, T.O. & Torres, M.F. 2013. **Patterns of alfa and beta avian diversity along an ecological gradient on the Rio Branco, a white-water Amazonian River**. *In*: 50th Anniversary Meeting of the Association for Tropical Biology. Book of abstracts.
837. Naka, L.N.; Rodrigues, M.; Roos, A.L. & Azevedo, M.A.G. 2002. Bird Conservation on Santa Catarina Island, Southern Brazil. **Bird Conservation International**, 12: 123–150.
838. Naka, L.N. & Rodrigues, M. 2000. **As aves da Ilha de Santa Catarina**. Editora UFSC. 294p.
839. Nardelli, P.M. 1993. **A Preservação do Mutum-de-Alagoas *Mitu mitu***. Zôo-botânica Mário Nardelli. 251p.
840. Nascimento, I.L.S. 1995. **As aves do Parque Nacional da Lagoa do Peixe**. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 45p.
841. Nascimento, J.L. & Campos, I.B. 2011. **Atlas da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção em unidades de conservação Federais**. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. 276p.
842. Nascimento, J.L.X.; Barros, Y.M.; Yamashita, C.; Alves, E.M.; Bianchi, C.A.; Paiva, A.A.; Menezes, A.C.; Alves, D.M.; Silva, J.; Lins, L.V. & Silva, T.M.A. 2001. Censos de araras-azuis-de-lear (*Anodorhynchus leari*) na natureza. **Tangara**, 1 (3): 135–138.
843. Nascimento, J.L.X.; Nascimento, I.L.S. & Azevedo-Júnior, S.M. 2000. Aves da Chapada do Araripe (Brasil): biologia e conservação. **Ararajuba**, 8 (2): 115–125.
844. Nascimento, J.L.X.; Sales-Júnior, L.G.; Sousa, A.E.B.A. & Minns, J. 2005. Avaliação rápida das potencialidades ecológicas e econômicas do Parque Nacional de Ubajara, Ceará, usando aves como indicadores. **Ornithologia**, 1 (1): 33–42.



845. Nascimento, J.L.X. 1996. **Aves da Floresta Nacional do Araripe - Ceará**. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 40p.
846. Nascimento, J.L.X. 2010. **Monitoramento de Aves Migratórias da Ordem Charadriiformes no Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Oceanografia). Universidade Federal de Pernambuco. 110p.
847. Nascimento, J.L.X. 2011. Parque Nacional da Lagoa do Peixe, p.321–324. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
848. Navedo, J.G.; Fernández, G.; Fonseca, J. & Drever, M.C. 2015. A potential role of shrimp farms for the conservation of nearctic shorebird populations. **Estuaries and Coasts**, 38 (3): 836–845.
849. Neumann, O. 1929. Die Formen von *Pyrrhura perlata* Spix. **Verhandlungen der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern**, 17 (4): 428.
850. Neves, T.; Mancini, P.L.; Nascimento, L.; Miguéis, A.M.B. & Bugoni, L. 2007. Overview of seabird bycatch by Brazilian fisheries in the South Atlantic Ocean. **Collective Volume of Scientific Papers - ICCAT**, 60 (6): 2085–2093.
851. Neves, T.; Olmos, F.; Peppes, F. & Mohr, L.V. 2015. **Plano de Ação Nacional para Conservação dos Albatrozes e Petréis**. www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/plano-de-acao/2731-plano-de-acao-nacional-para-a-conservacao-dos-albatrozes-e-petres.html. Acesso em 11/11/2015. Série espécies ameaçadas nº 2.
852. Neves, T.S. & Olmos, F. 1998. Albatross mortality in fisheries off the coast of Brazil, p.214–219. *In*: Robertson, G. & Gales, R. (orgs.). **Albatross biology and conservation**. Surrey Beatty & Sons, Chipping Norton.
853. Neves, T.S. & Olmos, F. 2001. O Albatroz-de-Tristão *Diomedea dabbenena* no Brasil. **Nattereria**, 2: 19–20.
854. Niles, L.; Sitters, H.; Dey, A. & Red Knot Status Assessment Group. 2010. **Red Knot Conservation Plan for the Western Hemisphere (*Calidris canutus*), Version 1.1**. Manomet Center for Conservation Sciences. 173p.
855. Nores, M. 2011. The Western Amazonian boundary for avifauna determined by species distribution patterns and geographical and ecological features. **International Journal of Ecology**, Article ID 958684, 7 pages.
856. Novaes, F.C. & Lima, M.F.C. 1991. Variação geográfica e anotações sobre morfologia e biologia de *Selenidera gouldii* (Piciformes: Ramphastidae). **Ararajuba**, 2: 59–63.
857. Novaes, F.C. & Lima, M.F.C. 2009. **Aves da Grande Belém: Municípios de Belém e Ananindeua**. 2ª ed. Museu Paraense Emílio Goeldi. 415p.
858. Novaes, F.C. 1970. Distribuição ecológica e abundância das aves em um trecho da mata do Baixo Rio Guamá (Estado do Pará). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Zoologia**, 71: 1–54.
859. Novaes, F.C. 1978. Sobre algumas aves pouco conhecidas da Amazônia Brasileira II. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Zoologia**, 90: 1–15.
860. Novaes, T.D.; Flores, F.M.; Silva, J.N.; Alves, E.C.M.; Passamani, J.A.; Vieira, L.A. & Novaes, I.P.S. 2010. Registros recentes de *Harpia harpyja* e espécies de Spizaetus (Falconiformes: Accipitridae) na Reserva Biológica Augusto Ruschi, Santa Teresa, Espírito Santo, Brasil. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão**, 28: 143–157.



861. Nunes, A.P. & Tomas, W.M. 2008. **Aves migratórias e nômades ocorrentes no Pantanal**. Embrapa Pantanal. 122p.
862. Nunes, G.T. 2013. **Dimorfismo sexual de tamanho, variabilidade genética e conectividade intraespecífica de *Phaethon aethereus* e *Phaethon lepturus* no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Oceanografia Biológica). Universidade Federal do Rio Grande. 77p.
- 862a. Nunes, G.T.; Efe, M.A.; Freitas, T.R.O. & Bugoni, L.(2017). Conservation genetics of threatened Red-billed Tropicbirds and White-tailed Tropicbirds in the southwestern Atlantic Ocean. **The Condor: Ornithological Applications** 119: 251–260.
863. OAP, Observadores de Aves de Pernambuco. 2003. **Levantamento preliminar da avifauna no município do Brejo da Madre de Deus, Pernambuco**. Relatório Técnico. 8p.
864. Ogrzewalska, M; Uezu, A. & Labruna, M.B. 2010. Ticks (Acari: Ixodidae) infesting wild birds in the eastern Amazon, northern Brazil, with notes on rickettsial infection in ticks. **Parasitology Research**, 106: 809–816.
865. Ohlson, J.I.; Irestedt, M.; Fjeldsa, J. & Ericson, P.G.P. 2012. Nuclear DNA from a 180-year-old study skin reveals the phylogenetic position of the Kinglet *Calyptura calyptura cristata* (Passeriformes: Tyrannidae). **Ibis**, 154 (3): 533–541.
866. Oliveira, A.C.; Kanegae, M.F.; Amaral, M.F. & Fávoro, F.L. 2010. **Guia para Observação das Aves do Parque Nacional de Brasília**. MMA/ICMBio. 157p.
867. Oliveira, A.L. & Silva, R.S. 2006. Registro de harpia (*Harpia harpyja*) no cerrado de Tapira, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 14 (4): 433–434.
868. Oliveira, C.J.B.; Lopes-Júnior, W.D.; Leon, C.M.C.G.; Sousa, F.G.C.; Serafini, P.P.; Ferreira, V.L. & Raso, T.F. 2012. **Methicillin resistance of staphylococci from endangered seabird populations in the Fernando de Noronha Archipelago**, ID 1597-3. *In*: Resumos do XXI Congresso Latinoamericano de Microbiologia.
869. Oliveira, C.J.B.; Santos-Filho, L.; Leon, C.M.C.G.; Lopes-Júnior, W.D.; Sousa, F.G.C.; Pereira, J.A.; Santos, B.H.C.; Ferreira, V.L.; Serafini, P.P. & Raso, T.F. 2012. **Resistant patterns of *Enterobacter cloacae* and *Escherichia coli* from the wildlife seabird populations in a Brazilian Archipelago**, ID 1597-2. *In*: Resumos do XXI Congresso Latinoamericano de Microbiologia.
870. Oliveira, S.L. & Köhler, A. 2010. Avifauna da RPPN da UNISC, Sinimbu, Rio Grande do Sul, Brasil. **Biotemas**, 23 (3): 93–103.
871. Olmos, F.; Albano, C.; Campos, A.; Girão, W. & Minns, J. 2009. **Proposal (403) to South American Classification Committee: Elevate *Pyrrhura griseipectus* to species rank**. <http://www.museum.lsu.edu/~Remsen/SACCprop403.html>. Acesso em 2011.
872. Olmos, F. & Albano, C. 2012. As aves da região do Parque Nacional Serra da Capivara (Piauí, Brasil). **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20 (3): 173–187.
873. Olmos, F.; Arbocz, G.; Pacheco, J.F. & Dias, R.R. 2004. Aves, p.13–18. *In*: Dias, R.R. (org.). **Estudo da flora e fauna do Norte do Estado do Tocantins**. Planejamento e Meio Ambiente, Diretoria de Zoneamento Ecológico-Econômico.
874. Olmos, F.; Bastos, G.C.C. & Neves, T.S. 2000. **Estimating seabird bycatch in Brazil**. *In*: Second International Conference on the Biology and Conservation of Albatrosses and other Petrels. Abstracts of oral and poster presentations.



875. Olmos, F. & Brito, G.R.R. 2007. Aves da região da Barragem de Boa Esperança, médio rio Parnaíba, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15 (1): 37–52.
876. Olmos, F.; Bugoni, L.; Neves, T. & Peppes, F. 2006. Caracterização das aves oceânicas que interagem com a pesca de espinhel no Brasil, p.104. *In*: Neves, T.; Bugoni, L. & Rossi, C.L.D.B. (orgs.). **Aves oceânicas e suas interações com a pesca na Região Sudeste-Sul do Brasil**. Instituto Oceanográfico – USP.
877. Olmos, F. & Bugoni, L. 2006. Agregações de aves marinhas associadas à pesca de espinhel-de-fundo na região sudeste-sul do Brasil, p.104. *In*: Neves, T.; Bugoni, L. & Rossi, C.L.D.B. (orgs.). **Aves oceânicas e suas interações com a pesca na Região Sudeste-Sul do Brasil**. Instituto Oceanográfico – USP.
878. Olmos, F.; Martuscelli, P. & Silva-e-Silva, R. 1997. Distribution and dry season ecology of Pfrimer's Conure *Pyrrhura pfrimeri*, with a reappraisal of Brazilian *Pyrrhura* "leucotis". **Ornitologia Neotropical**, 8: 121–132.
879. Olmos, F.; Neves, T.S. & Bastos, G.C.C. 2001. A pesca com espinhéis e a mortalidade de aves marinhas no Brasil, p.327–337. *In*: Albuquerque, J.; Cândido, J.F.; Straube, F.C. & Roos, A. (orgs.). **Ornitologia e Conservação: da Ciência às Estratégias**. UNISUL/CNPq.
880. Olmos, F.; Pacheco, J.F. & Silva-e-Silva, R. 2006. The range of the Bananal Antbird *Cercomacra ferdinandi*. **Cotinga**, 25: 21–23.
881. Olmos, F. & Pacheco, J.F. 2003. Rediscovery of Golden-crowned Manakin *Lepidotrix* [sic] *vilasboasi*. **Cotinga**, 20: 48–50.
882. Olmos, F.; Silva, W.A.G. & Albano, C. 2005. Grey-breasted Conure *Pyrrhura griseipectus*, an overlooked endangered species. **Cotinga**, 24: 77–83.
883. Olmos, F. & Silva-e-Silva, R. 2003. **Guará: ambiente, flora e fauna dos manguezais de Santos-Cubatão**. Empresa das Artes. 216p.
884. Olmos, F.; Silveira, L.F. & Benedicto, G.A. 2011. A Contribution to the Ornithology of Rondônia, southwest of the Brazilian Amazon. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 19 (2): 200–229.
885. Olmos, F. & Silveira, L.F. 2008. *Phylloscartes roquettei* Snethlage, 1925, p.639–640. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
886. Olmos, F. 2001. Revisão dos registros de *Procellaria conspicillata* no Brasil, com novas observações sobre sua distribuição. **Nattereria**, 2: 16–18.
887. Olmos, F. 2008. *Thalassarche chlororhynchos* (Gmelin, 1789), p.396–397. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
888. Olmos, F. 2008. *Diomedea epomophora* Lesson, 1828, p.390–391. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
889. Olmos, F. 2008. *Diomedea sanfordi* Murphy, 1917, p.394–395. *In*: Machado, A.B.M., Drummond, G.M., Paglia, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
890. Olmos, F. 2008. *Diomedea exulans* Linnaeus, 1758, p.391–393. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.



891. Olmos, F. 2008. *Diomedea dabbenena* Mathews 1929, p.388–389. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
892. Olmos, F. 2008. *Cercomacra ferdinandi* Sneathlaga, 1928, p.597–598. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
893. Olson, S.L. 1981. Natural history of vertebrates on the Brazilian islands of the Mid South Atlantic. **National Geographic Research Report**, 13: 481–492.
894. Olson, S.L. 1994. The endemic vireo of Fernando de Noronha (*Vireo gracilirostris*). **Wilson Bulletin**, 106: 1–17.
- 894a. Olson, S.L. 2017. Species Rank For the Critically Endangered Atlantic Lesser Frigatebird (*Fregata trinitatis*). **The Wilson Journal of Ornithology**, 129 (4):661–675.
895. Onley, D. & Scofield, P. 2007. **Albatrosses, petrels and shearwaters of the world**. Christopher Helm. 240p.
896. Oppenheimer, M. & Silveira, L.F. 2009. A taxonomic review of the Dark-winged Trumpeter *Psophia viridis* (Aves: Gruiformes: Psophiidae). **Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo)**, 49 (41): 547–555.
897. Oppenheimer, M. 2008. *Psophia viridis* obscura (Spix, 1825), p.441–442. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
898. Oren, D.C. & Novaes, F.C. 1986. Observations on the Golden Parakeet *Aratinga guarouba* in northern Brazil. **Biological Conservation**, 36: 329–337.
899. Oren, D.C. & Parker, T.A. 1997. Avifauna of the Tapajós National park and Vicinity Amazonian Brazil. **Ornithological Monographs**, 48: 493–525.
900. Oren, D.C. & Roma, J.C. 2011. Composição e vulnerabilidade da avifauna da Amazônia maranhense, Brasil, p.221–248. In: Martins, M.B. & Oliveira, T.G. (orgs.). **Amazônia maranhense: diversidade e conservação**. Museu Paraense Emílio Goeldi.
901. Oren, D.C. 1982. A avifauna do arquipélago de Fernando de Noronha. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Zoologia**, 118: 1–22.
902. Oren, D.C. 1984. Resultados de uma nova expedição ornitológica a Fernando de Noronha. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Zoologia**, 1 (1): 19–44.
903. Oren, D.C. 1992. *Celeus torquatus pieteroyensi*, a new subspecies of ringed woodpecker (Aves, Picidae) from eastern Pará and western Maranhão, Brazil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Zoologia**, 8 (2): 385–389.
904. Orta, J. 1992. Family Phaethontidae, p.280–289. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 1: Ostrich to Ducks**. Lynx Edicions. 696p.
905. Orta, J. 1992. Family Fregatidae, p.362–375. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 1: Ostrich to Ducks**. Lynx Edicions. 696p.
906. Otoch, R. 1986. Periquito de cara suja / periquito da serra. **SOBoletim**, 10: 9–10.
907. Pacheco, J.F.; Parrini, R.; Lopes, L.E. & Vasconcelos, M.F. 2008. A avifauna do Parque Estadual do Ibitipoca e áreas adjacentes, Minas Gerais, Brasil, com uma revisão crítica dos registros prévios e comentários sobre biogeografia. **Cotinga**, 30: 16–32.



908. Pacheco, J.F.; Astor, I.N.C.; Cesar, C.B.; Nascimento, I. & Astor, C. 2010. Avifauna da Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, RJ. **Atualidades Ornitológicas**, 157: 55–74.
909. Pacheco, J.F.; Fonseca, P.S.M. & Parrini, R. 2003. Coletânea cronológica de registros recentes de *Harpia harpyja* (L.) para os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. **Atualidades Ornitológicas**, 111: 7.
910. Pacheco, J.F.; Kirwan, G.M.; Aleixo, A.; Whitney, B.M.; Minns, J.; Zimmer, K.J.; Whittaker, A.; Fonseca, P.S.M.; Lima, M.F.C. & Oren, D.C. 2007. An avifaunal inventory of the CVRD Serra dos Carajás project, Pará, Brazil. **Cotinga**, 27: 15–30.
911. Pacheco, J.F. & Olmos, F. 2005. Birds of a latitudinal transect in the Tapajós-Xingu interfluvium, eastern Brazilian Amazonia. **Ararajuba**, 13 (1): 29–46.
912. Pacheco, J.F. & Olmos, F. 2006. As Aves do Tocantins 1: Região Sudeste. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 14: 85–100.
913. Pacheco, J.F. & Whitney, B.M. 1995. Range extensions for some birds in northeastern Brazil. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 115: 157–163.
914. Pacheco, J.F. & Whitney, B.M. 1997. On the origin of some birds collected by George Such, and the type localities of several forms. **The Auk**, 114 (2): 303–305.
915. Pacífico, E.; Barbosa, E.A.; Filadelfo, T.; Oliveira, K.G.; Silveira, L.F. & Tella, J.L. 2014. Breeding to non-breeding population ratio and breeding performance of the globally endangered Lear's Macaw (*Anodorhynchus leari*): conservation and monitoring implications. **Bird Conservation International**, 24 (4): 466–476.
916. Pacífico-de-Assis, E.C. 2011. **Biologia reprodutiva da arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari* Aves, Psittacidae) na Estação Biológica de Canudos, BA**. Dissertação (Mestrado em Zoologia). Universidade de São Paulo. 146p.
917. Pagano, I.S.A.; Sousa, A.E.B.A.; Wagner, P.G.C. & Ramos, R.T.C. 2009. Aves depositadas no Centro de Triagem de Animais Silvestres do IBAMA na Paraíba: uma amostra do tráfico de aves silvestres no estado. **Ornithologia**, 3 (2): 132–144.
918. Parker, T.A. III & Willis, E.O. 1997. Notes on three tiny grassland flycatchers, with comments on the disappearance of south american fire-diversified savannas. **Ornithological Monographs**, 48 (48): 549–555.
919. Parrini, R.; Raposo, M.A.; Pacheco, J.F.; Carvalhães, A.M.P.; Melo Jr., T.A.; Fonseca, P.S.M. & Minns, J. 1999. Birds of the Chapada Diamantina, Bahia, Brazil. **Cotinga**, 11: 86–95.
920. Pascoal, W.; Souza, L.B.E.; Teixeira, D.R.; Paula, M.J.; Crozariol, M.A. & Dornas, T. 2014. Registro do gavião-real, *Harpia harpyja* (Accipitriiformes, Accipitridae) em área urbana no bioma Cerrado. **Atualidades Ornitológicas**, 177: 13–15.
921. De Paula, G.A.; Cerqueira Jr., M.C. & Ribon, R. 2008. Occurrence of the Brazilian Merganser (*Mergus octosetaceus*) in the Southern Border of the Espinhaço Range, Minas Gerais, Brazil. **Waterbirds**, 31 (2): 289–293.
922. Payne, R.B. 1997. Family Cuculidae, p.508–607. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 4: Sandgrouse to Cuckoos**. Lynx Edicions. 679p.
923. Payne, R.B. 2005. **The cuckoos**. Oxford University Press. 644p.
924. Peixoto, A.L. & Peixoto, O.L. 1986. Gavião-real na Reserva Florestal da Companhia Vale do Rio Doce. **Revista Dois Pontos**, 7 (26): 56.



925. Peixoto, H.J.C. 2014. **Ecologia e conservação de aves campestres ameaçadas de extinção no sul do estado de Minas Gerais, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal). Universidade Federal de Viçosa.
926. Pereira, A.M.M. & Salzo, M.I. 2006. Primeiro registro da nidificação de *Harpia harpyja* (Falconiformes, Accipitridae) na Serra da Bodoquena (Mato Grosso do Sul, Brasil). **Revista Brasileira de Ornitologia**, 14 (2): 157–160.
927. Pereira, C.A.; Fiedler, N.C. & Medeiros, M.B. 2004. Análise de ações de prevenção e combate aos incêndios florestais em unidades de conservação do Cerrado. **Floresta**, 34 (2): 95–100.
928. Pereira, D.G. 2006. **Calitriquídeos no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, RJ: interações entre espécies exóticas invasoras e espécies nativas**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais). Universidade Federal Fluminense. 76p.
929. Pereira, G.A. & Brito, M.T. 2005. Diversidade de aves silvestres brasileiras comercializadas nas feiras livres da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco. **Atualidades Ornitológicas**, 126: 14–21.
930. Pereira, G.A.; Dantas, A.M.; Silveira, L.F.; Roda, S.A.; Albano, C.; Sonntag, F.A.; Leal, S.; Periquito, M.C.; Malacco, G.B. & Lees, A.C. 2014. Status of the globally threatened forest birds of northeast Brazil. **Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo)**, 54 (14): 177–194.
931. Pereira, G.A.; Periquito, M.C. & Albano, C. 2008. Nota sobre a ocorrência e observações da tiribapérola *Pyrrhura lepida* (Aves, Psittacidae) no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16 (4): 395–397.
932. Pereira, G.A. 2009. **Aves da Fazenda Morim, São José da Coroa Grande, Pernambuco, Brasil**. Relatório Técnico. Recife, PE. 23p.
933. Pereira, G.A. 2009. **Aves da Mata do Estado, São Vicente Férrer, Pernambuco, Brasil**. Relatório Técnico. Recife, PE. 24p.
934. Pereira, M.S. & Poerschke, F. 2010. New bird records from Lagoa do Peixe National Park, southern Brazil. **Biotemas**, 23 (1): 241–246.
935. Pereira, S.L. & Brooks, D.M. 2006. **Conservando os Cracídeos: A Família de Aves Mais Ameaçadas das Américas**. Houston Museum of Natural Science. 115p.
936. Peres, C.A. 2001. Synergistic effects of subsistence hunting and *habitat* fragmentation on amazonian forest vertebrates. **Conservation Biology**, 15 (6): 1490–1505.
937. Van Perlo, B. 2009. **A Field Guide to the Birds of Brazil**. Oxford University Press. 480p.
938. Perry, A.; Kessler, M. & Helme, N. 1997. Birds of the Central Río Tuichi Valley, with Emphasis on Dry Forest, Parque Nacional Madidi, Depto. La Paz, Bolivia. **Ornithological Monographs**, 48: 557–576.
939. Pesqueiro, M.F. 2013. **Ecologia alimentar da Tiriba-de-primer, *Pyrrhura pfrimeri***. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Ecótonos). Fundação Universidade Federal do Tocantins. 63p.
940. Peters, J.L. 1951. **Checklist of Birds of the World, V**. VII Museum of Comparative Zoology. 320p.
941. Pfister, C.; Harrington, B.A. & Lavine, M. 1992. The impact of human disturbance on shorebirds at a migration staging area. **Biological Conservation**, 60: 115–126.
942. Piacentini, V.Q.; Aleixo, A. & Silveira, L.F. 2009. Hybrid, subspecies or species? The validity and taxonomic status of *Phaethornis longuemareus aethopyga* Zimmer, 1950 (Trochilidae). **Auk**, 126: 604–612.



943. Piacentini, V.Q.; Aleixo, A. & Straube, F.C. 2008. *Coryphas piza melanotis* (Temminck, 1822), p.533–534. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
944. Piacentini, V.Q.; Borchardt-Júnior, C.A. & Carrano, E. 2008. *Hemitriccus kaempferi* (Zimmer, 1953), p.631–632. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
945. Piacentini, V.Q. & Straube, F.C. 2008. *Crypturellus noctivagus noctivagus* (Wied, 1820), p.384–385. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
946. Piacentini, V.Q. 2011. **Taxonomia e distribuição geográfica dos representantes do gênero *Phaethornis* Swainson, 1827 (Aves: Trochilidae)**. Tese (Doutorado em Zoologia). Universidade de São Paulo. 195+222p.
- 946a. Piacentini, V.Q.; Aleixo, A.; Agne, C.E.; Mauricio, G.N.; Pacheco, J.F.; Bravo, G.A.; Brito, G.R.R.; Naka, L.N.; Olmos, F.; Posso, S.; Silveira, L.F.; Betini, G.S.; Carrano, E.; Franz, I. & Lees, A.C. 2015. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee / Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 23(2):91–298.
947. Piana, R.P. 2007. Nesting and diet of *Harpia harpyja* Linnaeus in the native community of Infierno, Madre de Dios, Peru. **Revista Peruana de Biología**, 14 (1): 135-138.
948. Pichorim, M.; Silva, M.; França, B.R.A.; Oliveira-Júnior, T.M. & Rodrigues, M.C. 2014. A Cerrado bird community in the northernmost portion of northeastern Brazil - recommendations for conservation. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 22 (4): 347–362.
949. Pimentel, L. & Olmos, F. 2011. The birds of Reserva Ecológica Guapiaçu (REGUA), Rio de Janeiro, Brazil. **Cotinga**, 33: 8–24.
950. Pinheiro, R.T.; Dornas, T.; Leite, G.A.; Crozariol, M.A.; Marcelino, D.G. & Corrêa, A.G. 2012. Novos registros do pica-pau-do-parnaíba *Celeus obrieni* e status conservação no estado de Goiás, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20 (1): 59–64.
951. Pinheiro, R.T. & Dornas, T. 2008. New records and distribution of Kaempfer's Woodpecker *Celeus obrieni*. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16 (2): 167–169.
952. Pinheiro, R.T. & Dornas, T. 2009. Distribuição e conservação de aves na região do Cantão, Tocantins: ecótono Amazônia/Cerrado. **Biota Neotropica**, 9 (1): 187–205.
953. Pinheiro, Renato Torres R.T. & Dornas, Túlio. 2009. Novos registros ornitológicos para o Parque Estadual do Cantão: Distribuição e conservação da avifauna do ecótono Amazônia-Cerrado. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 17 (1): 73–76.
954. Pinho, M.S. 2008. **Avaliação da eficiência da Rede de unidades de conservação da natureza na proteção da avifauna da caatinga baiana**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília. 155p.
955. Pinto, O.M.O. & Camargo, H.A. 1961. Resultados ornitológicos de quatro recentes expedições do Departamento de Zoologia ao nordeste do Brasil, com a descrição de seis novas subespecies. **Arquivos de Zoologia**, 11 (9): 193–284.
956. Pinto, O.M.O. 1938. Catálogo de aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista. **Revista do Museu Paulista**, 22: 1–566.



957. Pinto, O.M.O. 1952. Súmula histórica e sistemática da ornitologia de Minas Gerais. **Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo**, 8 (1): 1–51.
958. Pinto, O.M.O. 1953. Sobre a coleção Carlos Estevão de peles, ninhos e ovos das aves de Belém (Pará). **Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo)**, 11: 113–222.
959. Pinto, O.M.O. 1954. Resultados ornitológicos de duas viagens científicas ao estado de Alagoas. **Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo)**, 12: 1–98.
960. Pinto, O.M.O. 1962. Miscelânea ornitológica: notas sobre a variação geográfica nas populações de *Neomorphus geoffroyi*, com a descrição de uma subespécie nova. **Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo)**, 15: 299–301.
961. Pinto, O.M.O. 1964. **Ornitologia Brasileira, v.1**. Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. 182p.
962. Pivatto, M.A.C.; Manço, D.G.; Straube, F.C.; Urben-Filho, A. & Milano, M. 2006. Aves do Planalto da Bodoquena, Estado do Mato Grosso do Sul (Brasil). **Atualidades Ornitológicas**, 129: 1–26.
963. Pople, R.G. 2003. **The Ecology and Conservation of the White-Winged Nightjar *Caprimulgus candicans***. Tese (Doutorado). University of Cambridge. 131p.
964. Portes, C.E.B.; Aleixo, A.; Zimmer, K.J.; Whittaker, A.; Weckstein, J.D.; Gonzaga, L.P.; Ribas, C.C.; Bates, J.M. & Lees, A.C. 2013. A new species of *Campylorhamphus* (Aves: Dendrocolaptidae) from de Tapajós-Xingu interfluve in Amazonian Brazil, p.258–262. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A.; Sargatal, J. & Christie, D.A. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World: Special Volume – New Species and Global Index**. Lynx Edicions. 812p.
965. Portes, C.E.B.; Carneiro, L.S.; Schunck, F.; de Sousa e Silva, M.S.; Zimmer, K.J.; Whittaker, A.; Poletto, F.; Silveira, L.F. & Aleixo, A. 2011. Annotated checklist of birds recorded between 1998 and 2009 at nine areas in the belém area of endemism, with notes on some range extensions and the conservation status of endangered species. **Brazilian Journal of Ornithology**, 19: 167–184.
966. Prado, A.D. 2006. *Celeus obrieni*: 80 anos depois. **Atualidades Ornitológicas**, 134: 4–5.
967. Prestes, N.P.; Martinez, J.; Klipp, J.C.; Batistela, T.; Turkievicz, A.; Rezende, E. & Gaboardi, V.T.R. 2014. Ecologia e conservação de *Amazona vinacea* em áreas simpátricas com *Amazona pretrei*. **Ornithologia**, 6 (2): 109–120.
968. Prestes, N.P. & Martinez, J. 2008. *Amazona pretrei* (Temminck, 1830), p.459–460. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
969. Presti, F.T.; Oliveira-Marques, A.R.; Caparroz, R.; Biondo, C. & Myiaki, C.Y. 2011. Comparative analysis of microsatellite variability in five macaw species (Psittaciformes, Psittacidae): application for conservation. **Genetics and Molecular Biology**, 34: 348–352.
970. Pruett-Jones, S. 1988. Lekking versus solitary display: temporal variations in dispersion in the Buff-breasted Sandpiper. **Animal Behaviour**, 36: 1740–1752.
971. Ragusa-Netto, J. 2002. Vigilance towards raptors by nuclear species in bird mixed flocks in a Brazilian savannah. **Studies on Neotropical Fauna and Environment**, 37: 219–226.
972. Ramírez, I.; Paiva, V.H.; Menezes, D.; Silva, I.; Phillips, R.A.; Ramos, J.A. & Garthe, S. 2013. Year-round distribution and *habitat* preferences of the Bugio petrel. **Marine Ecology Progress Series**, 476: 269–284.



973. Raposo, M.A.; Simon, J.E. & Teixeira, D.M. 2009. Correction of the type locality of *Neomorphus geoffroyi* (Temminck, 1820), with lectotype designation. **Zootaxa**, 2176: 65-68.
974. Rappole, J.H.; Morton, E.S.; Lovejoy, T.E. & Ruos, J.R. 1993. **Aves Migratorias Neárticas em los Neotrópicos**. RR Dornnelley & Sons Co. 341p.
975. Redies, H. 2013. Observations on White-browed Guan *Penelope jacucaca* in north-east Brazil. **Cotinga**, 35: 61–68.
976. Rego, M.A.; Moreira-Lima, L.; Silveira, L.F. & Grahner, S. 3616. On the ornithological collection of Friedrich Sellow in Brazil (1814-1831), with some considerations about the provenance of his specimens. **Zootaxa**, 5 (2013): 478–484.
977. Rego, M.A.; Silveira, L.F.; Piacentini, V.Q.; Schunck, F.; Machado, E.; Pinheiro, R.T. & Reis, E. 2011. As aves da Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins, Centro do Brasil. **Biota Neotropica**, 11 (1): 283–297.
978. Rego, M.A. 2009. *Dryocopus galeatus* (Temminck, 1822) Piciformes, Picidae, p.201. In: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
979. Reichenow, A. 1878. Vogelbilder aus fernen Zonen, In: **Abbildungen und Beschreibungen der Papageien**. Tab. 28, sp. 8. Kassel: Theodor Fischer.
980. Reinert, B.L.; Bornschein, M.R. & Firkowski, C. 2007. Distribuição, tamanho populacional, *habitat* e conservação do bicudinho-do-brejo *Stymphalornis acutirostris* Bornschein, Reinert e Teixeira, 1995 (Thamnophilidae). **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15 (4): 493–519.
981. Reinert, B.L. & Bornschein, M.R. 2008. *Stymphalornis acutirostris* Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995, p.618–619. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
982. Reinert, B.L. & Bornschein, M.R. 2008. *Scytalopus iraiensis* Bornschein, Reinert & Pichorim, 1998, p.594–595. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
983. Remsen, J.V.; Cadena, C.D.; Jaramillo, A.; Nores, M.; Pacheco, J.F.; Pérez-Emán, J.; Robbins, M.B.; Stiles, F.G.; Stotz, D.F. & Zimmer, K.J. 2012. A classification of the bird species of South America. **American Ornithologists' Union**. <http://www.museum.lsu.edu/~Remsen/SACCBaseline.html>. Acesso em 2012.
984. Remsen, J.V. 2003. Family Furnariidae, p.162–357. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 8: Broadbills to Tapaculos**. Lynx Edicions. 845p.
985. Remsen Jr., J.V.; Hyde, M.A.A. & Chapman, A. 1993. The diets of neotropical trogons, motmots, barbets and toucans. **The Condor**, 95 (1): 178–192.
986. RENCTAS, Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres. 2001. **1º Relatório Nacional sobre o Tráfico de Fauna Silvestre**. http://www.renctas.org.br/pt/trafico/rel_renctas.asp. Acesso em 2008.
987. Reppenning, M. & Fontana, C.S. 2013. A new species of Gray Seedeater (Emberizidae: *Sporophila*) from upland grasslands of southern Brazil. **The Auk**, 130 (4): 791–803.
988. Reppenning, M.; Rovedder, C.E. & Fontana, C.S. 2010. Distribuição e biologia de aves nos campos de altitude do sul do Planalto Meridional Brasileiro. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 18 (4): 283–306.



989. Repenning, M. 2012. **História natural, com ênfase na biologia reprodutiva, de uma população migratória de *Sporophila aff. plumbea* (Aves; Emberizidae) do sul do Brasil.** Dissertação (Mestrado). 201p.
990. Resende, S.L.; Leeuwenberg, F. & Harrington, B.A. 1989. Biometrics of semipalmated sandpipers *Calidris pusilla* in southern Brazil. **Water Study Group Bulletin**, 55: 25–26.
991. Restall, R.; Rodner, C. & Lentino, M. 2007. **Birds of Northern South America: an identification guide.** Yale University Press. 880p.
992. Rettig, N. & Hayes, K. 1995. Remote world of the harpy eagle. **National Geographic**, 187 (2): 40–49.
993. Rettig, N.L. 1978. Breeding behavior of the Harpy Eagle (*Harpya harpyja*). **Auk**, 95: 629–643.
994. Reynolds, G. 2003. Golden Conure research will aid its survival. **PsittaScene**, 15: 10–13.
995. Reynolds, M. 1998. Lear's macaw: some history, the current situation, and proposals for its preservation. **PsittaScene**, 10 (4): 2–4.
996. Ribas, C.C.; Aleixo, A.; Nogueira, A.C.R.; Myiaki, C.Y. & Cracraft, J. 2012. A palaeobiogeographic model for biotic diversification within Amazonia over the past three million years. **Proceedings of The Royal Society: Biological Sciences**, 279 (1729): 681–689.
997. Ribas, C.C.; Joseph, L. & Miyaki, C.R. 2006. Molecular systematics and patterns of diversification in *Pyrrhura* (Psittacidae) with special reference to the picta-leucotis complex. **Auk**, 123: 660–680.
998. Ribeiro, J.R. 2015. **Influência do manejo florestal nas aves da caatinga na Chapada do Araripe, Ceará, Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas). Universidade Federal de Pernambuco.
999. Ribeiro, M.C.; Metzger, J.P.; Martensen, A.C.; Ponzoni, F.J. & Hirota, M.M. 2009. The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. **Biological Conservation**, 142 (6): 1141–1153.
1000. Ribon, R. & Maldonado-Coelho, M. 2001. Range extension for Slender Antbird *Rhopornis ardesiaca* with comments on external morphology of adults. **Cotinga**, 16: 52–56.
1001. Ribon, R.; Mattos, G.T.; Luiz, E.R.; Moraes, L.L. & Moraes, F.C. 2005. **Projeto: inventário biológico nos vales dos rios Jequitinhonha e Mucuri nos estados de Minas Gerais e Bahia–Sub-Projeto Avifauna.** Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal–MMA / CNPq / BIRD / GEF / Conservation International do Brasil / SAVE–Brasil / American Bird Conservancy. Relatório Técnico. 166p.
1002. Ribon, R.; Mattos, G.T.; Luiz, E.R.; Moraes, L.L. & Moraes, F.C. 2006. Aves das áreas prioritárias dos rios Jequitinhonha e Mucuri, p.244. In: Pinto, L.P. & Bedê, L.C. (orgs.). **Biodiversidade e Conservação nos Vales dos Rios Jequitinhonha e Mucuri.** Conservação Internacional, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Universidade do Estado de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal de Ouro Preto. Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira– PROBIO / Ministério do Meio Ambiente – MMA. Série Biodiversidade (não publicado). 244p. http://sistemas.mma.gov.br/sigepro/arquivos/_6/Subprojeto%20Jequi-Mucuri%20Probio%20relatorio%20tecnico%20dez06.pdf. Acesso em 24/9/2014.
1003. Ribon, R.; Simon, J.E. & Mattos, G.T. 2003. Bird Extinctions in Atlantic Forest Fragments of the Viçosa Region, Southeastern Brazil. **Conservation Biology**, 17 (6): 1827–1839.
1004. Ridgely, R.S. & Tudor, G. 1994. **The Birds of South America. Vol 2: The Suboscine Passerines.**



University of Texas Press. 940p.

1005. Ridgely, R.S. & Tudor, G. 2009. **Field Guide to the Songbirds of South America. The Passerines.** University of Texas Press. 760p.

1006. Rising, J.D. 2011. *Arremonops conirostris*, p.572. In: del Hoyo, J., Elliott, A., Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 16: Tanagers to New World Blackbirds.** Lynx Edicions. 893p.

1007. Robbins, M.B.; Braun, M.J. & Finch, D.W. 2004. Avifauna of the Guyana southern Rupununi, with comparisons to other savannas of northern south America. **Ornitologia Neotropical**, 15: 173–174.

1008. Robinson, S.K. 1994. Habitat selection and foraging ecology of raptors in Amazonian, Peru. **Biotropica**, 26 (4): 143–158.

1009. Rocha, A.P. 1911. Ninhos e ovos de aves do Ceará. **Boletim do Museu Rocha**, 1 (2): 7–26.

1010. Rocha, C.F.D.; Menezes, V.A. & Bergallo, H.G. 2008. *Cnemidophorus nativo* (Rocha, Bergallo & Peccinini-Seale, 1997), p.342–343. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção.** Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1011. Rocha, G.F.; Ferreira, L.G.; Ferreira, N.C. & Ferreira, M.E. 2011. Detecção de desmatamentos no bioma Cerrado entre 2002 e 2009: padrões, tendências e impactos. **Revista Brasileira de Cartografia**, 63 (3): 341–349.

1012. Rocha, J.S. (2013). WA1095598, *Celeus obrieni* Short, 1973. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil.** <http://www.wikiaves.com/1095598>. Acesso em 2015.

1013. Roda, S.A. & Carlos, C.J. 2003. New records for some poorly know birds of Atlantic forest of northeastern Brazil. **Cotinga**, 20: 17–20.

1014. Roda, S.A.; Pereira, G.A. & Albano, C. 2011. **Conservação de aves endêmicas e ameaçadas do Centro de Endemismo Pernambuco.** Editora Universitária da UFPE. 79p.

1015. Roda, S.A. & Pereira, G.A. 2006. Distribuição recente e conservação das aves de rapina florestais do Centro Pernambuco. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 14 (4): 331–344.

1016. Roda, S.A. 2002. Aves endêmicas e ameaçadas de extinção no estado de Pernambuco, p.537–556. In: Tabarelli, M. & Silva, J.M.C. (orgs.). **Diagnóstico da biodiversidade de Pernambuco.** Secretaria da Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente, Editora Massangana.

1017. Roda, S.A. 2003. **Aves do Centro de Endemismo Pernambuco: composição, biogeografia e conservação.** Tese (Doutorado em Zoologia). Universidade Federal do Pará. 520p.

1018. Roda, S.A. 2005. Distribuição de Aves Endêmicas e Ameaçadas em Usinas de Açúcar e unidades de conservação do Centro Pernambuco. **Relatório Técnico.** Recife, PE. 42p.

1019. Roda, S.A. 2008. *Odontophorus capueira plumbeicollis* Cory, 1915, p.440–441. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção.** Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1020. Roda, S.A. 2008. *Phaethornis ochraceiventris camargoi* Grantsau, 1988, p.493–494. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção.** Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1021. Roda, S.A. 2008. *Thalurania watertonii* (Bourcier, 1847), p.495–496. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção.** Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.



1022. Roda, S.A. 2008. *Momotus momota marcgraviana* Pinto & Camargo, 1961, p.455–456. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1023. Roda, S.A. 2008. *Terenura sicki* Teixeira & Gonzaga, 1983, p.426–427. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1024. Roda, S.A. 2008. *Thamnophilus caerulescens pernambucensis* Naumburg, 1937, p.624–625. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1025. Roda, S.A. 2008. *Thamnophilus aethiops distans* Pinto, 1954, p.621–622. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1026. Roda, S.A. 2008. *Pyriglena leuconota pernambucensis* Zimmer, 1931, p.615–616. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1027. Roda, S.A. 2008. *Conopophaga melanops nigrifrons* (Pinto, 1954), p.507–508. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1028. Roda, S.A. 2008. *Sclerurus caudacutus caligineus* Pinto, 1954, p.575. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1029. Roda, S.A. 2008. *Xenops minutus alagoanus* (Pinto, 1954), p.583–584. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1030. Roda, S.A. 2008. *Automolus leucophthalmus lammi* (Zimmer, 1947), p.564–565. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1031. Roda, S.A. 2008. *Synallaxis infuscata* (Pinto, 1950), p.580–581. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1032. Roda, S.A. 2008. *Schiffornis turdinus intermedius* (Pinto, 1954), p.591–592. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1033. Roda, S.A. 2008. *Platyrinchus mystaceus niveigularis* Pinto, 1954, p.641–642. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1034. Roda, S.A. 2008. *Curaeus forbesi* (Sclater, 1886), p.535–536. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1035. Roda, S.A. 2008. *Caryothraustes canadensis frontalis* (Hellmayr, 1905), *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.



1037. Rodgers, J.A. & Smith, H.T. 1997. Buffer zone distances to protect foraging and loafing waterbirds from human disturbance in Florida. **Wildlife Society Bulletin**, 25 (1): 139–145.
1038. Rodosol, Concessionária Rodovia do Sol Ambiente/CEPEMAR. Serviços de Consultoria em Meio Ambiente. 2007. **Consolidação dos Encartes 1, 2, 3, 4, 5 e 6 do Plano de Manejo do Parque Estadual Paulo Cesar Vinha – Capítulo 3**. Relatório Técnico. Instituto Estadual do Meio Ambiente do Espírito Santo. 446p.
1039. Rodrigues, A.A.F. & Carvalho, D.L. 2011. Reentrâncias Paraenses, p.85–87. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1040. Rodrigues, A.A.F. & Carvalho, D.L. 2011. Reentrâncias Maranhenses e Golfão Maranhense, p.122–124. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1041. Rodrigues, A.A.F. & Carvalho, D.L. 2011. Praia do Goiabal, p.22–23. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1042. Rodrigues, A.A.F.; Oren, D. & Lopes, A.T. 1996. New data on breeding Wilson’s Plovers *Charadrius wilsonia* in Brazil. **Water Study Group Bulletin**, 81: 80–81.
1043. Rodrigues, A.A.F. 2000. Seasonal abundance of nearctic shorebirds in the Gulf of Maranhão, Brazil. **Journal of Field Ornithology**, 71 (4): 665–675.
1044. Rodrigues, A.A.F. 2007. Priority areas for conservation of migratory and resident waterbirds on the coast of Brazilian Amazonia. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15 (2): 209–218.
1045. Rodrigues, F.H.G.; Hass, A.; Marini-Filho, O.J.; Guimarães, M.M. & Bagno, M.A. 1999. A new record of White-winged Nightjar *Caprimulgus candicans* in Emas National Park, Goiás, Brazil. **Cotinga**, 11: 83–85.
1046. Rodrigues, L.R.R.; Figueiredo, W.M.B. & Ravetta, A.L. 2007. **Mapeamento e diagnóstico da biodiversidade do Parque Nacional da Amazônia e das Florestas Nacionais de Itaituba I e II: Subsídios para a elaboração dos planos de manejo**. Relatório técnico. Bionorte.
1047. Rodrigues, R.C.; Araujo, H.P.; Lyra-Neves, R.M.; Telino-Júnior, W.R. & Botelho, M.C.N. 2007. Caracterização da Avifauna na Área de Proteção Ambiental de Guadalupe, Pernambuco. **Ornithologia**, 2 (1): 47–61.
1048. Romão, C.O. 2002. **A comunidade de plantas visitadas por beija-flores no alto do Morro do Pai Inácio na Chapada Diamantina**. Dissertação (Mestrado em Botânica). Universidade Estadual de Feira de Santana. 23p.
1049. Roos, A.L.; Souza, E.A.; Campos, C.B.; Paula, R.C. & Morato, R.G. 2012. Primeiro registro documentado do Jacu-estalo *Neomorphus geoffroyi* Temminck, 1820 para o bioma Caatinga. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20 (1): 81–85.
1050. Rosenberg, K.V. 1997. Ecology of dead-leaf foraging specialists and their contribution to Amazonian bird diversity. **Ornithological Monographs**, 48: 673–700.
1051. Rovedder, C.; Reppenning, M. & Fontana, C.S. 2013. *Sporophila melanogaster*, p.108–111. *In*: Serafini, P.P. (org.). **Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho**. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Série espécies ameaçadas nº 31.



1052. Rungay, J. 2012. Species action update: Araripe Manakin *Antilophia bokermanni*. **World Birdwatch**, 34 (1): 20.
1053. Ruschi, A. 1962. Algumas observações sobre *Augastes lumachellus* (Lesson) e *Augastes scutatus* (Temminck). **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão, Série Biologia**, 31: 1–24.
1054. Ruschi, A. 1963. A atual distribuição geográfica das espécies e sub-espécies do gênero *Augastes*, com descrição de uma nova sub-espécie: *Augastes scutatus soaresi* Ruschi e a chave artificial e analítica para o reconhecimento das mesmas. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão, Série Divulgação**, 4: 1–4.
1055. Ryan, P.G.; Cooper, J. & Glass, J.P. 2001. Population status, breeding biology and conservation of the Tristan Albatross *Diomedea [exulans] dabbenena*. **Bird Conservation International**, 11: 35–48.
1056. Ryan, P.G.; Dorse, C. & Hilton, G.M. 2006. The conservation status of the spectacled petrel *Procellaria conspicillata*. **Biological Conservation**, 131: 575–583.
1057. Ryan, P.G. & Moloney, C.L. 2000. The Status of spectacled petrels *Procellaria conspicillata* and other seabirds at Inaccessible Island. **Marine Ornithology**, 28 (2): 93–100.
1058. Ryan, P.G. & Ronconi, R.A. 2011. Continued increase in numbers of Spectacled petrels *Procellaria conspicillata*. **Antarctic Science**, 23: 332–336.
1059. Salvadori, T. 1895. **Catalogue of the Chenomorphae (Palamedeae, Phoenicopterii, Anseres), Crypturi, and Ratitae in the collection of the British Museum**. British Museum (Natural History). 636p.
1060. Sanchez-Lalinde, C.; Vélez-García, F.; Cornélio, A.C.; Silveira, L.F. & Alvarez, M.R. 2011. Records of the Harpy Eagle (*Harpia harpyja*) in the Serra Bonita reserves complex, Camacan, Bahia, with evidence of breeding. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 19 (3): 436–438.
1061. Santana, C.S. & Machado, C.G. 2010. Fenologia de floração e polinização de espécies ornitófilas de bromeliáceas em uma área de campo rupestre da Chapada Diamantina, BA, Brasil. **Revista Brasileira de Botânica**, 33 (3): 469–477.
1062. Santos, M.P.D.; Aleixo, A.; D’Horta, F.M. & Portes, C.E.B. 2011. Avifauna of the Juruti Region, Pará, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 19 (2): 134–153.
1063. Santos, M.P.D.; Santana, A.; Soares, L.M.S. & Sousa, S.A. 2012. Avifauna of Serra Vermelha, southern Piauí, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20 (3): 199–214.
1064. Santos, M.P.D.; Silveira, L.F. & Silva, J.M.C. 2011. Birds of Serra do Cachimbo, Pará State, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 19 (2): 244–259.
1065. Santos, M.P.D. & Vasconcelos, M.F. 2007. Range extension for Kaempfer’s Woodpecker *Celeus obrieni* in Brazil, with the first male specimen. **Bulletin of the British Ornithologists’ Club**, 127 (3): 249–252.
1066. Santos, M.P.D. 2011. Cajueiro da Praia, p.125–128. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1067. Santos- Neto, J.R. & Camandaroba, M. 2007. Ampliação da área de ocorrência da arara-azul-de-Lear *Anodorhynchus leari* (Bonaparte, 1856). **Ornithologia**, 2 (1): 63–64.
1068. Santos, P.M.R.S.; Cintra, R.; Melo, A.V. & Tibúrcio, J.E.P. 2011. Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, p.42–45. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.



1069. Santos, P.M.R.S. 1998. The wattled curassow (*Crax globulosa*) at Mamirauá (Amazonas, Brazil). **Bulletin of the IUCN/Birdlife/WPA Cracid Specialist Group**, 7: 13–19.
1070. Santos, S.S.; Fonseca-Neto, F.P.; Pacheco, J.F.; Parrini, R. & Serpa, G.A. 2009. Primeiros registros de *Phylloscartes roquettei* Sneathlage, 1928, na Bahia, nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 17 (3-4): 217–219.
1071. Santos, S.S. 2008. *Pyriglena atra* (Swainson, 1825), p.613–615. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1072. Santos, T.R. & Alves, M.A.S. 2011. Região costeira do Rio de Janeiro, no corredor da Serra do Mar, p.251–263. In: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1073. Santos-Júnior, M.A. 2008. **História natural e conservação do cançãozinho-da-campina (*Cyanocorax* sp.), recém-descoberta e ameaçada ave endêmica da Amazônia central, Amazonas, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Biologia Tropical e Recursos Naturais). INPA/UFAM. 74p.
1074. Santos-Neto, J.R. & Gomes, D.M. 2007. Predação de milho por arara-azul-de-Lear, *Anodorhynchus leari* (Bonaparte, 1856) (Aves: Psittacidae) em sua área de ocorrência no Sertão da Bahia. **Ornithologia**, 2 (1): 41–46.
1075. Sarmiento, R.; Brito, D.; Ladle, R.M.; Leal, G.R. & Efe, M.A. 2014. Invasive house (*Rattus rattus*) and brown rats (*Rattus norvegicus*) threaten the viability of red-billed tropicbird (*Phaethon aethereus*) in Abrolhos National Park, Brazil. **Tropical Conservation Science**, 7 (4): 614–627.
1076. Scherer, A.L. & Petry, M.V. 2012. Seasonal variation in shorebird abundance in the State of Rio Grande do Sul, Southern Brazil. **The Wilson Journal of Ornithology**, 124 (1): 40–50.
1077. Scherer-Neto, P.; Straube, F.C.; Carrano, E. & Urben-Filho, A. 2011. Lista das aves do Paraná. **Hori Cadernos Técnicos**, 2: 1–130.
1078. Schnell, J.K.; Harris, G.M.; Pimm, S.L. & Russell, G.J. 2013. Quantitative analysis of forest fragmentation in the Atlantic Forest reveals more threatened bird species than the current Red List. **PLoS ONE**, 8 (5): e65357. doi:10.1371/journal.pone.0065357.
1079. Schuchmann, K.L. 1999. *Thalurania watertonii*, p.586. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 5: Barn-owls to Hummingbirds**. Lynx Edicions. 759p.
1080. Schuchmann, K.L. 1999. *Augastes lumachella*, p.660. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 5: Barn-owls to Hummingbirds**. Lynx Edicions. 759p.
1081. Schulz-Neto, A.; Pereira, S.F.T. & Interaminense, L.J.L. 1992. **Novas ocorrências reprodutivas de *Charadrius collaris* e *Charadrius wilsonia***. In: II Congresso Brasileiro de Ornitologia. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
1082. Schulz-Neto, A. 2004. Aves insulares do arquipélago de Fernando de Noronha, p.147–168. In: Branco, J.O. (org.). **Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação**. Editora da Univali.
1083. Schulz-Neto, A. 2004. Aves marinhas do Atol das Rocas, p.169–192. In: Branco, J.O. (org.). **Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação**. Editora da Univali.
- 1083a. Schunck, F.; De Luca, A.C.; Piacentini, V.Q.; Rego, M.A.; Rennó, B. & Corrêa, A.H. 2011. Avifauna of two localities in the south of Amapá, Brazil, with comments on the distribution and taxonomy of some species. **Revista Brasileira de Ornitologia** 19(2): 93-107.



1084. Schunck, F.; Somenzari, M.; Lugarini, C. & Soares, E.S. 2011. **Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Papagaios da Mata Atlântica**. Série espécies ameaçadas n° 20. 130p.
1085. Schunck, F. 2009. *Touit melanonotus* (Wied, 1820) Psittaciformes, Psittacidae, p.144. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
1086. Schunck, F. 2009. *Myrmotherula minor* (Salvadori, 1864) Passeriformes, Thamnophilidae, p.144. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
1087. Seddon, N. & Tobias, J.A. 2006. Duets defend mates in a suboscine passerine, the warbling antbird (*Hypocnemis cantator*). **Behavioral Ecology**, 17 (1): 73–83.
1088. Serrano, I.L. 2011. Ilha do Parazinho, p.24–27. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1089. Serrano, I.L. 2011. Arquipélago de Fernando de Noronha, p.155–158. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1090. Short, L.L. & Horne, J.F.M. 2002. *Capito dayi*, p.214. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 7: Jacamars to woodpeckers**. Lynx Edicions. 613p.
1091. Short, L.L. & Horne, J.F.M. 2002. Family Ramphastidae, p.220–273. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol 7: Jacamars to woodpeckers**. Lynx Edicions. 613p.
1092. Short, L.L. 1985. Neotropical-Afrotropical Barbet and Woodpecker radiations: a comparison. **Ornithological Monographs**, 36 (Neotropical Ornithology): 559–574.
1093. Sick, H.; Gonzaga, L.P. & Teixeira, D.M. 1987. A arara-azul-de lear, *Anodorhynchus leari* Bonaparte, 1856. **Revista Brasileira de Zoologia**, 3 (7): 441–463.
1094. Sick, H. 1959. Zwei neue Pipriden aus Brasilien. **Journal of Ornithology**, 100: 111–112.
1095. Sick, H. 1997. **Ornitologia brasileira**. 3ª. Ed. Nova Fronteira. 912p.
1096. Siegel, C.E.; Hamilton, J.M. & Castro, N.R. 1989. Observations of the Red-billed Ground-cuckoo (*Neomorphus pucheranii*) in association with tamarins (*Saguinus*) in northeastern Amazonian Peru. **Condor**, 91: 720–722.
1097. Sigrist, T. 2006. **Aves do Brasil: Uma visão artística**. Avis Brasilis Editora. 672p.
1098. Silva, C.P. 2010. WA209399, *Serpophaga hypoleuca* Sclater & Salvin, 1866. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil** www.wikiaves.com/209399. Acesso em 2015.
1099. Silva, D.A.; Melo, F.R. & Guimarães Júnior, I.G. 2013. Historical and recent records of the Harpy Eagle (*Harpia harpyja*) in the Cerrado biome of the state of Goiás, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 21 (4): 260–263.
1100. Silva, J.F. 2008. **Densidade e tamanho populacional de aves endêmicas e ameaçadas dentro da IBA (Important Bird Area) MG06**. Dissertação (Mestrado em Ecologia). Universidade de Brasília. 37p.
1102. Silva, J.M.C.; Novaes, F.C. & Oren, D.C. 1995. A new species of the genus *Hylexetastes* (Dendrocolaptidae) from eastern Amazonia. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 115: 200–206.



1103. Silva, J.M.C.; Novaes, F.C. & Oren, D.C. 2002. Differentiation of *Xiphocolaptes* (Dendrocolaptidae) across the river Xingu, Brazilian Amazonia: recognition of a new phylogenetic species and biogeographic implications. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 122: 185–196.
1104. Silva, J.M.C. & Oren, D.C. 1997. Geographic variation and conservation of the Moustached Woodcreeper *Xiphocolaptes falcistrostris*, an endemic and threatened species of north-eastern Brazil. **Bird Conservation International**, 7: 263–274.
1105. Silva, J.M.C.; Rylands, A.B. & Fonseca, G.A.B. 2005. The fate of the Amazonian areas of endemism. **Conservation Biology**, 19: 689–694.
1106. Silva, J.M.C.; Souza, M.A.; Bieber, A.G.D. & Carlos, C.J. 2003. Aves da Caatinga: status, uso do *habitat* e sensibilidade. p. 237–274. *In*: Leal, I.R.; Tabarelli, M. & Silva, J.M.C. **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Ed. Universitaria EFPE.
1107. Silva, J.M.C. 1998. Birds of the Ilha de Maracá, p.211–229. *In*: Milliken, W. & Ratter, J.A. (orgs.). **Maracá: The Biodiversity and Environment of an Amazonian Rainforest**. Ed. Wiley
1108. Silva, R.S. & Olmos, F. 2007. Adendas e registros significativos para a avifauna dos manguezais de Santos e Cubatão, SP. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15 (4): 551–560.
1109. Silva, W.A.G. 2000. **Distribuição altitudinal da avifauna na Serra da Aratanha, Pacatuba-CE**. Monografia (Graduação), Universidade Federal do Ceará. 102p.
1110. Silva-e-Silva, R. 2008. **Aves de Fernando de Noronha**. Avis Brasilis Editora. 240p.
1111. Silva-e-Silva, R. 2008. *Geobates poecilopterus* (Wied, 1830), p.567–568. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1112. Silveira, L.F. & Bartmann, W.D. 2001. Natural history and conservation of Brazilian Merganser *Mergus octosetaceus* at Serra da Canastra National Park, Minas Gerais, Brazil. **Bird Conservation International**, 11 (04): 287–300.
1113. Silveira, L.F. & Belmonte, F.J. 2005. Comportamento reprodutivo e hábitos da Ararajuba, *Guarouba guarouba*, no município de Tailândia, Pará. **Ararajuba**, 13: 89–93.
1114. Silveira, L.F.; Develey, P.F.; Pacheco, J.F. & Whitney, B.M. 2005. Avifauna of the Serra das Lontras-Javi montane complex, Bahia, Brazil. **Cotinga**, 24: 45–54.
1115. Silveira, L.F.; Figueiredo, L.F.; Antunes, A.Z.; Benedicto, G.A.; Schunck, F.; Develey, P.F.; Alvarenga, H.M.F.; Sugieda, A.M. & Schaalman, C.T. 2009. Aves do estado de São Paulo - Anexo 6, p.607–624. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
1116. Silveira, L.F. & D' Horta, F.M. 2002. A avifauna da região de Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso. **Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo)**, 42 (10): 265–286.
1117. Silveira, L.F.; Lima, F.C.T. & Höfling, E. 2005. A new species of Aratinga Parakeet (Psittaciformes: Psittacidae) from Brazil, with taxonomic remarks on the *Aratinga solstitialis* complex. **The Auk**, 122 (1): 292–305.
1118. Silveira, L.F.; Olmos, F. & Long, A.J. 2003. Birds in Atlantic forest fragment in north-east Brazil. **Cotinga**, 20: 32–46.



1119. Silveira, L.F.; Olmos, F. & Long, A.J. 2003. Birds in Atlantic Forest fragments in north-east Brazil Sponsored by NBC. **Atlantic**, 20: 32–46.
1120. Silveira, L.F. & Santos, M.P.D. 2012. Bird richness in Serra das Confusões National Park, Brazil: how many species may be found in an undisturbed caatinga. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20 (3): 188–198.
1121. Silveira, L.F.; Soares, E.S. & Bianchi, C. 2008. **Plano de Ação Nacional para a Conservação de Galiformes Ameaçados de Extinção (arucuãs, jacus, jacutingas, mutuns e urus)**. ICMBio. 90p. Série espécies ameaçadas n° 5.
- 1121a. Silveira, L.F.; Tomotani, B.; Cestari, C; Straube, F. & Piacentini, Q. 2017. *Ortalis remota*: A forgotten and critically endangered species of chachalaca (Galliformes: Cracidae) from Eastern Brazil. **Zootaxa**. 4306. 524-536. 10.11646/zootaxa.4306.4.4.
1122. Silveira, L.F. 1998. The birds of Serra da Canastra National Park and adjacent areas, Minas Gerais, Brazil. **Cotinga**, 10: 55–63.
1123. Silveira, L.F. 2008. *Nothura minor* (Spix, 1825), p.385–386. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1124. Silveira, L.F. 2008. *Taoniscus nanus* (Temminck, 1815), p.387–388. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1125. Silveira, L.F. 2008. *Mergus octosetaceus* Vieillot, 1817, p.420–422. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1126. Silveira, L.F. 2008. *Penelope superciliaris alagoensis* Nardelli, 1993, p.437–438. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1127. Silveira, L.F. 2008. *Penelope ochrogaster* Pelzeln, 1870, p.435–436. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1128. Silveira, L.F. 2008. *Penelope jacucaca* (Spix, 1825), p.434–435. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1129. Silveira, L.F. 2008. *Pipile jacutinga* (Spix, 1825), p.439–440. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1130. Silveira, L.F. 2008. *Crax fasciolata pinima* Pelzeln, 1870, p.430–431. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1131. Silveira, L.F. 2008. *Crax blumenbachii* (Spix, 1825), p.428–429. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1132. Silveira, L.F. 2008. *Mitu mitu* (Linnaeus, 1766), p.432–433. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.



1133. Silveira, L.F. 2008. *Neomorphus geoffroyi dulcis* (Snethlage, 1927), p.486–487. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1134. Silveira, L.F. 2008. *Glaucis dohrnii* (Bourcier & Mulsant, 1852), p.490–491. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1135. Silveira, L.F. 2008. *Phaethornis margarettae* (Ruschi, 1972), p.491–492. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1136. Silveira, L.F. 2008. *Popelairia langsdorffi langsdorffi* (Temminck, 1821), p.494–495. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1137. Silveira, L.F. 2008. *Piculus chrysochloros polyzonus* (Valenciennes, 1826), p.500–501. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1138. Silveira, L.F. 2008. *Celeus torquatus tinnunculus* (Wagler, 1829), p.497–498. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1139. Silveira, L.F. 2008. *Guaruba guarouba* Gmelin, 1788, p.473–474. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1140. Silveira, L.F. 2008. *Pyrrhura cruentata* (Wied, 1820), p.477–478. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1141. Silveira, L.F. 2008. *Pyrrura lepida lepida* (Wagler, 1832), p.480–481. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1142. Silveira, L.F. 2008. *Pyrrhura lepida coerulescens* (Neumann, 1927), p.479. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1143. Silveira, L.F. 2008. *Touit melanonota* (Kuhl, 1820), p.485–486. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1144. Silveira, L.F. 2008. *Myrmotherula minor* (Salvadori, 1864), p.608–609. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1145. Silveira, L.F. 2008. *Myrmotherula urosticta* (Sclater, 1857), p.611–612. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1146. Silveira, L.F. 2008. *Myrmotherula snowi* (Teixeira e Gonzaga, 1985), p.610. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1147. Silveira, L.F. 2008. *Herpsilochmus pileatus* (Lichtenstein, 1823), p.605–606. In: Machado,



A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1148. Silveira, L.F. 2008. *Myrmeciza ruficauda* (Wied, 1831), p.607–608. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1149. Silveira, L.F. 2008. *Rhopornis ardesiaca* (Wied, 1831), p.616–617. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1150. Silveira, L.F. 2008. *Grallaria varia intercedens* (Berlepsch e Leverkühn, 1890), p.557–558. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1151. Silveira, L.F. 2008. *Merulaxis stresemanni* (Sick, 1960), p.592–593. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1152. Silveira, L.F. 2008. *Acrobatornis fonsecai* (Pacheco, Whitney & Gonzaga, 1996), p.560–561. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1153. Silveira, L.F. 2008. *Thripophaga macroura* (Wied, 1821), p.582–583. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1154. Silveira, L.F. 2008. *Iodopleura pipra leucopygia* Salvin, 1885, p.514–515. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1155. Silveira, L.F. 2008. *Tijuca condita* (Snow, 1980), p.517–518. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1156. Silveira, L.F. 2008. *Xipholena atropurpurea* (Wied, 1820), p.518–519. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1157. Silveira, L.F. 2008. *Cotinga maculata* (Statius Muller, 1776), p.512–513. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1158. Silveira, L.F. 2008. *Carpornis melanocephalus* (Wied, 1820), p.510–511. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1159. Silveira, L.F. 2008. *Calyptura cristata* (Vieillot, 1818), p.508–509. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1160. Silveira, L.F. 2008. *Cichlopsis leucogenys leucogenys* Cabanis, 1851, p.586–587. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

1161. Silveira, L.F. 2008. *Nemosia rourei* (Cabanis, 1870), p.625–626. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.



1162. Silveira, L.F. 2008. *Tangara fastuosa* (Lesson, 1831), p.554–555. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1163. Silveira, L.F. 2009. *Mergus octosetaceus* Vieillot, 1817 Anseriformes, Anatidae, p.111. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
1164. Silveira, L.F. 2009. *Columbina cyanopsis* (Pelzeln, 1870) Columbiformes, Columbidae, p.158. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
1165. Silveira, L.F. 2009. *Claravis godefrida* (Temminck, 1811) Columbiformes, Columbidae, p.159. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
1166. Silveira, L.F. 2009. *Formicivora* aff. *acutirostris* Passeriformes, Thamnophilidae, p.209. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
1167. Silveira, L.F. 2009. *Geositta poeciloptera* (Wied, 1830) Passeriformes, Scleruridae, p.211. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
1168. Silveira, L.F. 2009. *Iodopleura pipra* (Lesson, 1831) Passeriformes, Tityridae, p.239. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
1169. Silveira, L.F. 2009. *Anthus nattereri* (Sclater 1878) Passeriformes, Motacillidae, p.241. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
1170. Silveira, T.B. (2013). WA1077469, *Penelope pileata* Wagler, 1830. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/1077469. Acesso em 2015.
1171. Simões, C. 2005. Lear's homeland inspires community revolution. **Psittascene**, 17 (2): 15.
1172. Simões, L.L. 2010. **Guia de aves Mata Atlântica paulista: Serra do Mar e Serra de Paranapiacaba**. WWF Brasil. 132p.
1173. Simon, J.E.; Antas, P.T.Z.; Pacheco, J.F.; Efe, M.A.; Ribon, R.; Raposo, M.A.; Laps, R.R.; Musso, C.M.; Passamani, J.A. & Paccagnella, S.G. 2007. As Aves Ameaçadas de Extinção do Estado do Espírito Santo, p.47–64. *In*: Passamani, M. & Mendes, S.L. (orgs.). **Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Estado do Espírito Santo**. Ipema - Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica.
1174. Siqueira-Filho, J.A. & Machado, I.C.S. 2001. Biologia reprodutiva de *Canistrum aurantiacum* E. Morren (Bromeliaceae) em remanescente da Floresta Atlântica, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, 15 (3): 427–433.
1175. Slager, D.L.; Battey, C.J.; Bryson Jr., R.W.; Voelker, G. & Klicka, J. 2014. A multilocus phylogeny of a major New World avian radiation: The Vireonidae. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, 80: 95–104.
1176. Sneathlge, E. 1914. Catálogo das aves amazônicas contendo todas as especies descritas e mencionadas até 1913. **Boletim do Museu Goeldi (Museu Paraense) de História Natural e Ethnographia**, 8: 1–465.



1177. Snethlage, E. 1924. Neue Vogelarten aus Nord Ost Brasilien. **Journal of Ornithology**, 72 (3): 446–450.
1178. Snethlage, E. 1926. Resumo de trabalhos executados na Europa, de 1924 a 1925, em museus de História Natural, principalmente no Museum Fur Naturkunde. **Boletim do Museu Nacional**, 2: 35–70.
1179. Snow, D.W. 2001. Family Momotidae, p.264–285. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 6: Mousebirds to hornbills**. Lynx Edicions. 589p.
1180. Snow, D.W. 2004. Family Pipridae, p.110–169. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
1181. Snow, D.W. 2004. Family Cotingidae, p.32–110. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
1182. Soares, E.S.; Amaral, F.S.R.; Carvalho-Filho, E.P.M.; Granziolli, M.A.; Albuquerque, J.L.B.; Lisboa, J.S.; Azevedo, M.A.G.; Moraes, W.; Sanaiotti, T. & Guimaraes, I.G. 2008. **Plano de Ação Nacional para a Conservação de aves de rapina**. Série espécies ameaçadas n° 5. 136p.
1183. Soares-Filho, B.S.; Nepstad, D.C.; Curran, L.M.; Cerqueira, G.C.; Garcia, R.A.; Ramos, C.A.; Voll, E.; McDonald, A.; Lefebvre, P. & Schlesinger, P. 2006. Modelling conservation in the Amazon basin. **Nature**, 440: 520–523.
1184. Somenzari, M.; Silveira, L.F.; Piacentini, V.Q.; Rego, M.A.; Schunck, F. & Cavarzere, V. 2011. Birds of an Amazonia-Cerrado ecotone in southern Pará, Brazil, and the efficiency of associating multiple methods in avifaunal inventories. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 19 (2): 260–275.
1185. Somenzari, M. & Silveira, L.F. 2015. Taxonomy of the *Pyrrhura perlata-coerulescens* complex (Psittaciformes: Psittacidae) with description of a hybrid zone. **Journal of Ornithology**, 158: 1–12.
1186. Somenzari, M. 2009. *Amazona vinacea* (Kuhl, 1820) Psittaciformes, Psittacidae, p.172. *In*: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (orgs.). **Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados**. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
1187. Somenzari, M. 2011. **Taxonomia do complexo *Pyrrhura lepida* (Aves: Psittacidae)**. Dissertação (Mestrado em Zoologia). Universidade de São Paulo. 179p.
1188. Sousa, A.E.B.A.; Crepaldi, I.C.; Oliveira, K.G.; Barbosa, A.E.A.; Linares, S.F.T.P.; Lima, D.M. & Bosh, T.M. 2012. Licuri na área de ocorrência da arara-azul-de-lear, p.57–76. *In*: Lugarini, C.; Barbosa, A.E.A. & Oliveira, K.G. (orgs.). **Plano de Ação Nacional para a Conservação da arara-azul-de-lear**. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Série espécies ameaçadas n° 4.
1189. Sousa, A.E.B.A.; Lima, D.M. & Lyra-Neves, R.M. 2012. Avifauna of the Catimbau National Park in the brazilian state of Pernambuco, Brazil: species richness and spatio-temporal variation. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20 (3): 230–245.
1190. Sousa, A.P.S. & Rodrigues, A.A.F. 2015. Censo populacional do maçarico-de-peito-vermelho *Calidris canutus rufa* na praia de Panaquatira, Maranhão, Brasil, em um ciclo anual. **Ornithologia**, 8 (1): 33–37.
1191. Sousa, M.C. 2009. As aves de oito localidades do Estado de Sergipe. **Atualidades Ornitológicas**, 149: 33–57.
1192. Sousa, M.C. 2011. Estuário do Rio Sergipe, p.167–170. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1193. Sousa, M.C. 2011. Complexo do Estuário dos Rios Piauí, Fundo e Real, p.171–174. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.



1194. Sousa, M.C. 2011. Estuário do Rio Vaza Barris, p.175–177. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1195. Souza, A.E.B.A. & Barbosa, A.E.A. 2008. Registro da ocorrência da arara-azul-de-lear *Anodorhynchus leari* (Bonaparte, 1856) no município de Monte Santo, Bahia. **Ornithologia**, 3 (1): 64–66.
1196. Souza, C.M.P.; Franco, G.B.; Gomes, R.L.; Marques, E.A.G. & Chagas, C.S. 2011. **Levantamento de áreas desmatadas na sub-bacia oeste da bacia hidrográfica do Almada – Bahia**. *In*: XV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.
1197. Souza, E.; Nunes, M.F.C.; Roos, A.L. & Araújo, H.F.P. 2008. **Aves do Parque Nacional do Cabo Orange: guia de campo**. ICMBio/Cemave. 100p.
1198. Souza, E.A.; Nunes, M.F.C.; Simão, I.; Sousa, A.E.B.A.; Las-Casas, F.M.G.; Rodrigues, R.C. & Neto, F.P.F. 2009. Ampliação de área de ocorrência do beija-flor-de-gravatinha-vermelha *Augastes lumachella* (Lesson, 1838) (Trochilidae). **Ornithologia**, 3 (2): 145–148.
1199. Soye, Y. & Barros, Y.M. 2004. **Saving the Spix’s Macaw *Cyanopsitta spixii* – a Captive Management and Species Recovery Handbook**. Relatório Técnico. IBAMA/Loro Parque Fundación. 34p.
1200. Spielman, D.; Brook, B.W. & Frankham, R. 2004. Most species are not driven to extinction before genetic factors impact them. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, 101 (42): 15261–15264.
1201. Srbek-Araujo, A.C.; Albergaria, V.D.G & Chiarello, A.G. 2009. Revisão da distribuição e dados de história natural do gavião-pombo-pequeno (*Leucopternis lacernulatus*), incluindo o registro de predação sobre teiú (*Tupinambis meriane*) em Mata Atlântica de Tabuleiro, sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 17 (1): 53–58.
1202. Srbek-Araujo, A.C. & Chiarello, A.G. 2006. Registro recente de harpia, *Harpia harpyja* (Linnaeus) (Aves, Accipitridae), na Mata Atlântica da Reserva Natural Vale do Rio Doce, Linhares, Espírito Santo e implicações para a conservação regional da espécie. **Revista Brasileira de Zoologia**, 23 (4): 1264–1267.
1203. Sridhar, H.; Beauchamp, G. & Shanker, K. 2009. Why do birds participate in mixed-species foraging flocks? A large-scale synthesis. **Animal Behaviour**, 78 (2): 337–347.
1204. Stopiglia, R.; Straker, L.C. & Raposo, M.A. 2009. Kinglet *Calyptura Calyptura cristata* (Vieillot, 1818): documented record for the state of São Paulo and taxonomic status of the name *Pipra tyrannulus* Wagler, 1830. **Bulletin of the British Ornithologists’ Club**, 129 (3): 185–188.
1205. Stotz, D.F.; Fitzpatrick, J.W.; Parker, T.A. III & Moskovits, D.K. 1996. **Neotropical Birds: Ecology and Conservation**. The University of Chicago Press. 479p.
1206. Stotz, D.F.; Lanyon, S.M.; Schulenberg, T.S.; Willard, D.E.; Peterson, A.T. & Fitzpatrick, J.W. 1997. An avifaunal survey of two tropical forest localities on the middle Rio Jiparaná, Rondônia, Brazil. **Ornithological Monographs**, 48 (Studies in Neotropical Ornithology): 763–781.
1207. Stouffer, P.C. & Bierregaard, R.O.Jr. 1995. Use of Amazonian forest fragments by understory insectivorous birds. **Ecology**, 76: 2429–2445.
1208. Stratford, J.A. & Stouffer, P.C. 1999. Local extinctions of terrestrial insectivorous birds in a fragmented landscape near Manaus, Brazil. **Conservation Biology**, 13: 1316–1326.
1209. Straube, F.C.; Olmos, F. & Carrano, E. 2008. *Tigrisoma fasciatum* (Such, 1825), p.418–420. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.



1210. Straube, F.C. & Piacentini, V.Q. 2008. *Xiphocolaptes falcirostris* (Spix, 1924), p.529–530. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1211. Straube, F.C. & Roda, S.A. 2008. *Hemitriccus mirandae* (Snethlage, 1925), p.633–634. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1212. Straube, F.C.; Urben-Filho, A. & Carrano, E. 2008. *Claravis godefrida* (Temminck, 1811), p.452–453. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1213. Straube, F.C.; Urben-Filho, A. & Carrano, E. 2008. *Anthus nattereri* Sclater, 1878, p.585–586. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1214. Straube, F.C.; Urben-Filho, A. & Gatto, C. 2005. A avifauna do Parque Estadual do Cerrado (Jaguariaíva, Paraná) e a conservação do Cerrado em seu limite meridional de ocorrência. **Atualidades Ornitológicas**, 127: 29–50.
1215. Straube, F.C.; Urben-Filho, A. & Kajiwara, D. 2004. Aves, p.143–496. In: Mikich, S.B. & Bérnils, R.S. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná**. Mater Natura - Instituto de Estudos Ambientais.
1216. Straube, F.C. & Urben-Filho, A. 2005. Avifauna da Reserva Natural Salto Morato (Guaraqueçaba, Paraná). **Atualidades Ornitológicas**, 124: 12–32.
1217. Straube, F.C. & Urben-Filho, A. 2008. *Dryocopus galeatus* (Temminck, 1822), p.498–499. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1219. Straube, F.C. & Urben-Filho, A. 2008. *Phylloscartes beckeri* (Gonzaga & Pacheco, 1995), p.634–635. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1220. Straube, F.C. & Urben-Filho, A. 2008. *Phylloscartes ceciliae* (Teixeira, 1987), p.636–637. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1221. Straube, F.C. & Urben-Filho, A. 2008. *Oryzoborus maximiliani* (Cabanis, 1851), p.538–539. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1222. Straube, F.C. & Urben-Filho, A. 2011. Área de Proteção Ambiental das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná, In: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1223. Straube, F.C.; Vieira, B.P.; Dias, D. & Serafini, P.P. 2013. *Alectrurus tricolor*, p.68–71. In: Serafini, P.P. (org.). **Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho**. ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Série espécies ameaçadas n° 31.
1224. Straube, F.C. 2008. *Numenius borealis* (Forster, 1772), p.450–451. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.



1225. Straube, F.C. 2008. *Elaenia ridleyana* (Sharpe, 1888), p.630–631. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1226. Straube, F.C. 2008. *Vireo gracilirostris* (Sharpe, 1890), p.643–644. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1227. Tavares, D.C.; Perez, M.S.; Gonçalves, M.P.; Moura, J.F. & Siciliano, S. 2015. A year-long survey on Nearctic shorebirds in a chain of coastal lagoons in Northern Rio de Janeiro, Brazil. **Ornithologia**, 8: 1–10.
1228. Taylor, P.B. 1996. Family Rallidae, p.108–209. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 3: Hoatzin to Auks**. Lynx Edicions.
1229. Teixeira, D.M. & Almeida, A.C.C. 1997. **A biologia da “escarradeira”, *Xipholena atropurpurea* (Wied, 1820) (Aves, Cotingidae)**. Veracruz Florestal. 59p.
1231. Teixeira, D.M. & Gonzaga, L.P. 1985. Uma nova subespécie de *Myrmotherula unicolor* (Menétries, 1835) (Passeriformes, Formicariidae) do nordeste do Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Zoologia**, 310: 1–16.
1232. Teixeira, D.M.; Nacinovic, J.B. & Luigi, G. 1989. Notes on some birds of northeastern Brazil. **Bulletin of the British Ornithologists’ Club**, 109: 152–157.
1233. Teixeira, D.M.; Oren, D. & Best, R.C. 1986. Notes on Brazilian seabirds, 2. **Bulletin of the British Ornithologists’ Club**, 106 (2): 74–77.
1234. Teixeira, D.M. 1987. Notas sobre *Terenura sicki* Teixeira & Gonzaga, 1983 (Aves, Formicariidae). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Zoologia**, 3: 241–251.
1235. Teixeira, D.M. 1991. Revalidação de *Pyrhura anaca* (Gmelin, 1788) do nordeste do Brasil (Psittaciformes, Psittacidae). **Ararajuba**, 2: 103–104.
1236. Teixeira, D.M. 1995. **Notas sobre *Pyrhura a. anaca* (Gmelin, 1788) no nordeste do Brasil**. In: Resumos do II Congresso Brasileiro de Ornitologia. Campo Grande.
1237. Telino-Júnior, W.R.; Azevedo-Júnior, S.M. & Lyra-Neves, R.M. 2003. Censo de aves migratórias (Charadriidae, Scolopacidae e Laridae) na Coroa do Avião, Igarassu, Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, 20 (3): 451–456.
1238. Telino-Júnior, W.R. 2005. **Avifauna de Fragmentos de Mata Atlântica da Zona da Mata de Pernambuco, Brasil, com ênfase na estrutura trófica**. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). Universidade Federal de São Carlos. 77p.
1239. Tello, J. 2004. *Platyrinchus mystaceus*, p.341. In: del Hoyo, J., Elliott, A., Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions 863p.
1240. Terborgh, J.; Robinson, S.K.; Parker, T.A. III; Munn, C.A. & Pierpont, N. 1990. Structure and Organization of an Amazonian Forest Bird Community. **Ecological Monographs**, 60 (2): 213–238.
1241. Terra Brasilis. 2012. Boletim 12: **Projeto Pato Aqui Pato Acolá**. www.terrabrasilis.org.br. Acesso em 2013.
1242. Thiollay, J.M. 1989. Area requirements for the conservation of rain forest raptors and game birds in French Guiana. **Conservation Biology**, 3: 128–137.



1243. Thiollay, J.M. 1992. Influence of selective logging on bird species diversity in a Guianan rain forest. **Conservation Biology**, 6: 47–63.
1244. Thiollay, J.M. 1994. Family Accipitridae, p.52–205. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 2: New World Vultures to Guineafowl**. Lynx Edicions. 638p.
1245. Timm, C.D. 2010. WA265825, *Crax globulosa* Spix, 1825. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com/265825. Acesso em 2015.
1246. Todd, W.E.C. 1925. Four new species from Brazil. **Proceedings of Biological Society of Washington**, 38: 111–114.
- 1246a. Tomotani, B.M. & Silveira, L.F. 2016. A reassessment of the taxonomy of *Crypturellus noctivagus* (Wied, 1820). **Revista Brasileira de Ornitologia** 24(1): 34–45.
1247. Trinca, C.T.; Ferrari, S.F. & Lees, A.C. 2008. Curiosity killed the bird: arbitrary hunting of Harpy Eagles *Harpia harpyja* on an agricultural frontier in southern Brazilian Amazonia. **Cotinga**, 30: 12–15.
1248. Tubelis, D.P. & Cavalcanti, R.B. 2000. A comparison of bird communities in natural and disturbed non-wetland open *habitats* in the Cerrado's central region, Brazil. **Bird Conservation International**, 10: 331–350.
1249. Tubelis, D.P. & Tomas, W.M. 2003. Birds of the Pantanal wetland, Brazil. **Ararajuba**, 11 (1): 5–37.
1250. Tyler, S. 2004. Family Motacilidae, p.686–786. *In*: del Hoyo, J., Elliott, A., Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
1251. Ubaid, F.K.; Ferreira, L.P.; Oliveira Jr., S.B. & Antas, P.T.Z. 2011. Primeiro registro de *Harpia harpyja* para o bioma Pantanal, com dados sobre atividade reprodutiva. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 19 (1): 88–92.
1252. Urben-Filho, A.; Straube, F.C. & Carrano, E. 2008. *Amazona vinacea* (Kuhl, 1820), p.462–464. *In*: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.
1253. Valadão, R.M. 2012. As aves da Estação Ecológica Serra das Araras, Mato Grosso, Brasil. **Biota Neotropica**, 12 (3): 263–281.
1254. Vale, M.M.; Bell, J.B.; Alves, M.A.S. & Pimm, S.L. 2007. Abundance, distribution and conservation of Rio Branco Antbird *Cercomacra carbonaria* and Hoary-throated Spinetail *Synallaxis kollari*. **Bird Conservation International**, 17 (3): 245–247.
1255. Vale, M.M.; Cohn-Haft, M.; Bergen, S. & Pimm, S.L. 2008. Effects of future infrastructure development on threat status and occurrence of Amazonian birds. **Conservation Biology**, 22: 1006–1015.
1256. Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. 2011. **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International. 406p.
1257. Valente, R.M. 2006. **Padrões espaciais em comunidades de aves amazônicas**. Tese (Doutorado em Zoologia). Universidade Federal do Pará. 275p.
1258. Valente, R.M. 2011. Arquipélago do Marajó, p.78–81. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1259. Vallejos, M.A.V. & Deconto, L.F. 2014. *Phylloscartes roquettei* em Goiás: notas biológicas, biogeográficas e conservacionistas. **Atualidades Ornitológicas**, 179 (maio e junho): 33–37.



1260. Vallejos, M.A.V.; Lanzer, M.; Silva, M.A.; Meijer, A.A.R.; Carrano, E. & Straube, F.C. 2011. Parque Regional do Iguaçu e adjacências, p.292–297. *In*: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1261. Vargas, J.; Whitacre, D.; Mosquera, R.; Albuquerque, J.; Piana, R.; Thiollay, J.M.; Márquez, C.; Sánchez, J.E.; Lezama-López, M.; Midence, S.; Matola, S.; Aguilar, S.; Rettig, N. & Sanaiotti, T. 2006. Estado y distribución actual del Águila Arpía (*Harpia harpyja*) em Centro y Sur América. **Ornitologia Neotropical**, 17: 39–55.
1262. Vargas-Gonzales, J.J. & Vargas, H.F. 2011. Nesting density of Harpy Eagles in Darien with population size estimates for Panama. **Journal of Raptor Research**, 45: 199–210.
1263. Vasconcelos, M.F. & D’Angelo-Neto, S. 2007. Padrões de distribuição e conservação da avifauna na região central da Cadeia do Espinhaço e áreas adjacentes, Minas Gerais, Brasil. **Cotinga**, 28: 27–44.
1264. De Vasconcelos, M.F.; Souza, L.N.; Duca, C.; Pacheco, J.F.; Parrini, R.; Serpa, G.A.; Albano, C.; Abreu, C.R.M.; dos Santos, S.S. & Neto, F.P.F. 2012. The avifauna of Brejinho das Ametistas, Bahia, Brazil: Birds in a caatinga-cerrado transitional zone, with comments on taxonomy and biogeography. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20 (3): 246–267.
1265. Vasconcelos, M.F.; Lopes, L.E.; Machado, C.G. & Rodrigues, M. 2008. As aves dos campos rupestres da Cadeia do Espinhaço: diversidade, endemismo e conservação. **Megadiversidade**, 4 (1-2): 221–241.
1266. Vasconcelos, M.F.; Pacheco, J.F. & Parrini, R. 2007. Levantamento preliminar e conservação da avifauna na zona urbana de Marabá, Pará, Brasil. **Cotinga**, 28: 45–51.
1267. Vasconcelos, M.F. 2008. Mountaintop endemism in eastern Brazil: why some bird species from campos rupestres of the Espinhaço Range are not endemic to the Cerrado region?. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16 (4): 348–362.
1268. Vasconcelos, M.F. 2008. Northern Record for Bananal Antbird *Cercomacra ferdinandi*. **Cotinga**, 29: 177–178.
1269. Vasques, H.C.F. 2009. **Avaliação da efetividade de manejo da Estação Ecológica de Murici, Alagoas**. Dissertação (Mestrado em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos). Universidade Federal de Alagoas. 178p.
1270. Vasquez, M.R.O. & Heymann, E.H. 2001. Crested eagle (*Morphnus guianensis*) predation on infant tamarins (*Saguinus mystax* and *Saguinus fuscicollis*, Callitrichinae). **Folia Primatologica**, 72: 301–303.
1271. Vecchi, M.B. & Alves, M.A.S. 2008. New records of the restinga antwren *Formicivora littoralis* Gonzaga and Pacheco (Aves, Thamnophilidae) in the state of Rio de Janeiro, Brazil: inland extended range and threats. **Brazilian Journal of Biology**, 68 (2): 631–637.
1272. Vidoz, J.Q.; Jahn, A.E. & Mamani, A.M. 2010. The avifauna of Estación Biológica Caparú, Bolívia. **Cotinga**, 32 (1): 51–68.
1273. Vieira, B.; Dias, D.; Piacentini, V.; Correia, E. & Serafini, P.P. 2014. Birds of Estação Ecológica de Carijós, southern Brazil. **Check List**, 10 (5): 1110–1122.
1274. Viglizzo, E.F.; Roberto, Z.E.; Filippin, M.C. & Pordomingo, A.J. 1995. Climate variability and agroecological change in the Central Pampas of Argentina. **Agricultural Ecosystem Environment**, 55: 7–16.



1275. Vizentin-Bugoni, J.; Areta, J.I.; Di Giacomo, A.G.; Di Giacomo, A.S.; Jacobs, F.; Coimbra, M.A. & Dias, R.A. 2013. Breeding biology and conservation of the Marsh Seedeater *Sporophila palustris*. **Bird Conservation International**, 23: 147–158.
1276. Vizentin-Bugoni, J.; Jacobs, F.; Coimbra, M.A.A. & Dias, R.A. 2015. Birds of the Reserva Biológica do Mato Grande and surroundings, Rio Grande do Sul, Brazil. **Check List**, 11 (3): 1641.
1277. Vooren, C.M. & Chiaradia, A. 1990. Seasonal Abundance and Behaviour of Coastal on Cassino Beach, Brazil. **Ornitologia Neotropical**, 1: 9–20.
1278. Wagler, J.G. 1832. **Monographia Psittacorum, in Abhandlungen der Mathematisch-Physicalischen Klasse der Königlich Bayerischen**. Akademie der Wissenschaften. Munchen.
1279. Wanless, R.M.; Ryan, P.G.; Altwegg, R.; Angel, A.; Cooper, J.; Cuthbert, R. & Hilton, G.M. 2009. From both sides: Dire demographic consequences of carnivorous mice and longlining for the Critically Endangered Tristan albatrosses on Gough Island. **Biological Conservation**, 142: 1710–1718.
1280. Wanless, R.W.; Ratcliffe, N.; Angel, A.; Bowie, B.C.; Cita, K.; Hilton, G.M.; Kritzing, P.; Ryan, P.G. & Slabber, M. 2012. Predation of Atlantic petrel chicks by house mice on Gough Island. **Animal Conservation**, 15: 472–479.
1281. Weir, J.T.; Faccio, M.S.; Cruz, P.P.; Barrera-Guzmán, A. & Aleixo, A. 2015. Hybridization in headwater regions, and the role of rivers as drivers of speciation in Amazonian birds. **Evolution**, 69: 1823–1834.
1282. Whalter, B.A. 2004. *Attila spadiceus*, p.445–446. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
1283. Whitacre, D.F.; López, J. & López, G. 2012. Crested Eagle, p.164–184. In: Whitacre, D.F. (org.). **Neotropical Birds of Prey: biology and ecology of a forest raptor community**. Cornell University Press.
1284. Whitney, B.M.; Pacheco, J.F.; Silveira, L.F. & Laps, R.R. 2003. Rediscovery of *Nyctibius leucopterus* in the Atlantic forest of Brazil. **Ararajuba**, 11: 1–4.
1285. Whitney, B.M. 2003. Family Conopophagidae, p.732–747. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 8: Broadbills to Tapaculos**. Lynx Edicions. 845p.
1286. Whittaker, A. 2009. Pousada Rio Roosevelt: a provisional avifaunal inventory in south-western Amazonian Brazil, with information on life history, new distributional data and comments on taxonomy. **Cotinga**, 31: 20–43.
1287. Wiersma, P. & Boesman, P. 2013. Wilson’s Plover (*Charadrius wilsonia*), In: del Hoyo, J.; Elliott, A.; Sargatal, J.; Christie, D.A. & de Juana, E. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World Alive**. Lynx Edicions. <http://www.hbw.com/node/53862>. Acesso em 16/4/2014.
1288. Wiersma, P. 1996. *Charadrius wilsonia*, p.426–427. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 3: Hoatzin to Auks**. Lynx Edicions. 812p.
1289. WikiAves. 2014. **Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com.br. Acesso em 2014.
1290. WikiAves. 2015. **Enciclopédia das Aves do Brasil**. www.wikiaves.com.br. Acesso em 2015.
1291. Willis, E.O.; Oniki, Y. & Yoshika O. 1990. Levantamento preliminar das aves de inverno em dez áreas do sudoeste de Mato Grosso, Brasil. **Ararajuba**, 1: 19–38.
1292. Willis, E.O. & Oniki, Y. 1991. Avifaunal transects across the open zones of northern Minas Gerais, Brazil. **Ararajuba**, 2: 41–58.



1293. Willis, E.O. & Oniki, Y. 2003. **Aves do Estado de São Paulo**. Editora Divisa. 398p.
1294. Willis, E.O. 1969. On the behavior of five species of *Rhegmatorhina*, ant-following antbirds of the Amazon basin. **The Wilson Bulletin**, 81: 363–395.
1295. Willis, E.O. 1979. The composition of avian communities in remanescent woodlots in Southern Brazil. **Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo)**, 33: 1–25.
1296. Willis, E.O. 1979. Ecologia e comportamento da mãe-de-taoca (*Phlegopsis nigromaculata*, Formicariidae). **Revista Brasileira de Biologia**, 39: 117–159.
1297. Willis, E.O. 1992. Comportamento e ecologia do arapaçu-barrado *Dendrocolaptes certhia* (Aves, Dendrocolaptidae). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Zoologia**, 8: 151–216.
1298. Winkler, H. & Christie, D.A. 2002. Family Picidae, p.296–558. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 7: Jacamars to woodpeckers**. Lynx Edicions. 613p.
1299. Wunderle Jr., J.M.; Henriques, L.M.P. & Willig, M.R. 2006. Short-term responses of birds to forest gaps and understory: an assessment of reduced-impact logging in a lowland Amazon forest. **Biotropica**, 38: 235–255.
1300. Xavier, B.F. & Boss, R.L. 2011. Estação Ecológica Maracá-Jipioca, p.28–32. In: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (orgs.). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Conservation International.
1301. Yahuarcani, A.; Morote, K.; Calle, A. & Chujandama, M. 2009. Conservation status of *Crax globulosa* in the National Reserve Pacaya Samiria, Loreto, Perú. **Revista Peruana de Biología**, 15 (2): 41–49.
1302. Yamashita, C. & França, J.T. 1991. A range extension of the Golden Parakeet *Aratinga guarouba* to Rondônia state, western Amazonia (Psittaciformes: Psittacidae). **Ararajuba**, 2: 91–92.
1303. Yamashita, C. & Valle, M.P. 1990. Ocorrência de duas aves raras no Brasil Central: *Mergus octosetaceus* e *Tigrisoma fasciatum fasciatum*. **Ararajuba**, 1: 107–109.
1304. Yamashita, C. 1987. Field observations on the Indigo Macaw (*Anodorhynchus leari*), a highly endangered species from northeastern Brazil. **Wilson Bulletin**, 99 (2): 280–282.
1305. Yamashita, C. 2002. Histórico comentado sobre a arara-azul-de-spix (*Cyanopsitta spixii*), um especialista de *habitat* da Caatinga, p.229–235. In: Galetti, M. & Pizo, M.A. (orgs.). **Ecologia e conservação de psitacídeos no Brasil**. Melopsittacus Publicações Científicas. 236p.
1306. Yasué, M. & Dearden, P. 2009. The importance of supratidal *habitats* for wintering shorebirds and the potential impacts of shrimp aquaculture. **Environmental management**, 43 (6): 1108–1121.
1307. Zaidan, A.; Ribon, R.; Enout, A. & Wiedenfeld, D. 2015. **Protocolo para Monitoramento do Entufado-Baiano (*Merulaxis stresemanni*) na RPPN Mata do Passarinho, Minas Gerais-Bahia, Brasil**. Fundação Biodiversitas/ American Bird Coservancy/Universidade Federal de Viçosa. 21p.
1308. Zalba, S.M.; Cuevas, Y.A. & Boó, R.M. 2008. Invasion of *Pinus halepensis* Mill. following a wildfire in an Argentine grassland nature reserve. **Journal of Environmental Management**, 88: 539–546.
1309. Zenaide, H. 1953. **Aves da Paraíba**. Editora Teone. 228p.
1310. Ziller, S.R. 2000. **A Estepe Gramíneo-Lenhosa no segundo planalto do Paraná: diagnóstico ambiental com enfoque à contaminação biológica**. Tese (Doutorado em Ciências da Natureza). Universidade Federal do Paraná. 268p.



1311. Zimmer, J.T. 1932. Studies of peruvian birds. 5, the genera *Herpsilochmus*, *Microrhophias*, *Formicivora*, *Hypocnemis*, *Hypocnemoides*, and *Myrmochanes*. **American Museum Novitates**, 538: 1889–1957.
1312. Zimmer, K.J. & Isler, M.L. 2003. Family *Thamnophilidae*, p.448–681. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 8: Broadbills to Tapaculos**. Lynx Edicions. 845p.
- 1312a. Zimmer, K. & Isler, M.L. 2017. Black-spotted Bare-eye (*Phlegopsis nigromaculata*). In: del Hoyo, J.; Elliott, A.; Sargatal, J.; Christie, D.A. & de Juana, E. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World Alive**. Lynx Edicions.
1313. Zimmer, K.J.; Parker, T.A. III; Isler, M.L. & Isler, P. 1997. Survey of a southern Amazonia avifauna: the Alta Floresta region, Mato Grosso, Brazil. **Ornithological Monographs**, 48: 887–918.
1314. Zimmer, K.J. & Whittaker, A. 2009. Records of Hudson's Canastero *Asthenes hudsoni* from Rio Grande do Sul, Brazil. **Cotinga**, 31: 20–22.
1315. Zino, F.; Phillips, R. & Biscoito, M. 2011. Zino's Petrel movements at sea - a preliminary analysis of datalogger results. **Birding World**, 24 (5): 216–219.
1316. Zorzini, G.; Carvalho, C.E.A.; Carvalho-Filho, E.P.M. & Canuto, M. 2006. Novos registros de Falconiformes raros e ameaçados para o estado de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 14 (4): 417–421.
1317. Züchner, T. 1999. *Lophornis gouldii*, p.567. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 5: Barn-owls to Hummingbirds**. Lynx Edicions. 759p.
1318. Züchner, T. 1999. *Discosura langsdorffi*, p.571. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (orgs.). **Handbook of the Birds of the World, Vol. 5: Barn-owls to Hummingbirds**. Lynx Edicions. 759p.
1319. Zusi, R.L. 2013. Introduction to the skeleton of hummingbirds (Aves: Apodiformes, Trochilidae) in functional and phylogenetic contexts. **Ornithological Monographs**, 77 (1): 1–94.



Índice remissivo

- Aburria jacutinga* 44
Acrobatornis fonsecai 470
Alectrurus tricolor 545
Amadonastur lacernulatus 115
Amazona pretrei 296
Amazona rhodocorytha 299
Amazona vinacea 292
Anodorhynchus leari 250
Anthus nattereri 561
Antilophia bokermanni 487
Anumara forbesi 566
Aratinga solstitialis 263
Arremonops conirostris 563
Asthenes hudsoni 467
Attila spadiceus uropygiatus 543
Augastes lumachella 215
Automolus lammi 451
Calidris canutus 145
Calidris pusilla 149
Calidris subruficollis 155
Calyptura cristata 513
Campylorhamphus cardosoi 425
Campylorhamphus multostriatus 420
Campylorhamphus trochilirostristochilirostris 423
Capito dayi 224
Carpornis melanocephala 508
Caryothraustes canadensis frontalis 618
Celeus flavus subflavus 238
Celus galeatus 247
Celeus obrieni 240
Celeus torquatus pieteroyensi 243
Celeus torquatus tinnunculus 245
Cercomacra ferdinandi 355
Chamaeza nobilis fulvipectus 397
Charadrius wilsonia 139
Cichlopsis leucogenys 558
Cinclodes espinhacensis 449
Circus cinereus 112
Claravis geoffroyi 169
Columbina cyanopsis 167
Conopophaga cearae 369
Conopophaga lineata lineata 371
Conopophaga melanops nigrifrons 373
Conothraupis mesoleuca 572
Coryphaspiza melanotis 613
Coryphistera alaudina 459
Cotinga maculata 505
Cranioleuca muelleri 472
Crax blumenbachii 54
Crax fasciolata pinima 52
Crax globulosa 49
Crypturellus noctivagus noctivagus 21
Crypturellus noctivagus zabele 23
Cyanocorax hafferi 556
Cyanopsitta spixii 254
Dendrexetastes rufigula paraensis 429
Dendrocincla merula badia 43
Dendrocincla taunayi 411
Dendrocolaptes medius 435
Dendrocolaptes picumnus transfasciatus 438
Dendrocolaptes retentus 432
Diomedea dabbenena 73
Diomedea epomophora 65
Diomedea exulans 70
Diomedea sanfordi 68
Discosura langsdorffi langsdorffi 210
Dysithamnus plumbeus 332
Elaenia ridleyana 537
Eleoscytalopus psychopompus 385
Formicivora acutirostris 327
Formicivora erythronotos 318
Formicivora grantsaui 323
Formicivora littoralis 320
Formicivora paludicola 325
Fregata ariel 101
Fregata minor 98
Geositta poeciloptera 408
Glaucis dohrnii 194
Grallaria varia distincta 375
Grallaria varia intercedens 378
Guaruba guarouba 259
Gubernatrix cristata 616
Harpia harpyja 124
Hemitriccus furcatus 532
Hemitriccus griseipectus naumburgae 525
Hemitriccus kaempferi 530
Hemitriccus mirandae 527
Herpsilochmus pileatus 334
Hydropsalis candicans 191
Hylexetastes brigidai 445
Hylopezus paraensis 380
Hypocnemis ochrogyna 358
Iodopleura pipra 492
Iodopleura pipra leucopygia 494
Iodopleura pipra pipra 496
Lepidocolaptes wagleri 427
Lepidothrix iris 482
Lepidothrix iris iris 44
Lepidothrix vilasboasi 479
Leptasthenura platensis 454
Leptodon forbesi 110
Limnodromus griseus 142
Lipaugus conditus 498
Lophornis gouldii 207
Mergus octosetaceus 30
Merulaxis stresemanni 382



- Momotus momota marcgraviana* 220
Monasa morphoeus morphoeus 220
Morphnus guianensis 121
Myrmoderus ruficaudus 345
Myrmotherula fluminensis 313
Myrmotherula klagesi 305
Myrmotherula minor 307
Myrmotherula snowi 315
Myrmotherula urosticta 310
Nemosia rourei 575
Neomorphus geoffroyi 172
Neomorphus geoffroyi amazonicus 176
Neomorphus geoffroyi dulcis 179
Neomorphus geoffroyi geoffroyi 174
Neomorphus squamiger 181
Neopelma aurifrons 477
Nothura minor 26
Nyctibius aethereus aethereus 187
Nyctibius leucopterus 189
Odontophorus capueira plumbeicollis 60
Ortalis guttata remota 47
Pauxi mitu 58
Penelope jacucaca 41
Penelope ochrogaster 39
Penelope pileata 36
Penelope superciliaris alagoensis 34
Phaethon aethereus 92
Phaethon lepturus 95
Phaethornis aethopygus 196
Phaethornis bourcierii major 199
Phaethornis margaritae 201
Phaethornis margaritae camargoi 204
Phlegopsis nigromaculata confinis 361
Phlegopsis nigromaculata paraensis 363
Phylloscartes beckeri 518
Phylloscartes ceciliae 521
Phylloscartes roquettei 523
Piculus paraensis 234
Piculus polyzonus 236
Picumnus varzeae 232
Pionus reichenowi 290
Piprites chloris grisescens 511
Platyrynchus mystaceus niveigularis 516
Porzana spiloptera 136
Procellaria aequinoctialis 84
Procellaria conspicillata 87
Procnias albus wallacei 503
Pseudoseisura lophotes 456
Psophia dextralis 129
Psophia interjecta 131
Psophia obscura 133
Pterodroma arminjoniana 82
Pterodroma deserta 77
Pterodroma incerta 70
Pterodroma madeira 75
Pteroglossus bitorquatus bitorquatus 229
Puffinus lherminieri 89
Pulsatrix perspicillata pulsatrix 183
Pyriglena atra 350
Pyriglena pernambucensis 348
Pyrilia vulturina 288
Pyrrhura cruentata 266
Pyrrhura coerulescens 271
Pyrrhura griseipectus 276
Pyrrhura lepida 268
Pyrrhura leucotis 273
Pyrrhura pfrimeri 279
Rhegmatorhina gymnops 366
Rhopornis ardesiacus 353
Schiffornis turdina intermedia 490
Sclerurus caudacutus caligineus 402
Sclerurus caudacutus umbretta 404
Sclerurus cearensis 406
Sclerurus macconnelli bahiae 400
Scytalopus diamantinensis 387
Scytalopus gonzagai 395
Scytalopus iraiensis 392
Scytalopus novacapitalis 389
Selenidera gouldii baturitensis 227
Serpophaga hypoleuca pallida 539
Spinus yarrellii 621
Sporophila beltoni 595
Sporophila falcirostris 592
Sporophila frontalis 589
Sporophila hypoxantha 599
Sporophila maximiliani 610
Sporophila melanogaster 607
Sporophila nigrorufa 597
Sporophila palustris 604
Sporophila ruficollis 602
Sterna dougallii 158
Sterna hirundinacea 161
Stigmatura napensis napensis 534
Strix huhula albomarginata 185
Sula sula 104
Synallaxis infuscata 462
Synallaxis kollari 465
Tangara cyanocephala cearensis 584
Tangara fastuosa 581
Tangara peruviana 586
Tangara velia signata 577
Taoniscus nanus 28
Terenura sicki 302
Thalassarche chlororhynchos 62
Thalasseus maximus 164
Thaluria watertonii 213
Thamnomanes caesius caesius 330
Thamnophilus aethiops distans 343



Thamnophilus caerulescens cearensis 339
Thamnophilus caerulescens pernambucensis 341
Thamnophilus nigrocinereus tschudii 336
Thripophaga macroura 474
Tigrisoma fasciatum 106
Tinamus tao 18
Touit melanonotus 283
Touit surdus 285
Trogon collaris eytoni 218
Tunchiornis achraceiceps rubrifrons 553
Urubitinga coronata 118
Vireo gracilirostris 551
Xanthopsar flavus 569
Xenops minutus alagoanus 447
Xiphocolaptes carajaensis 440
Xiphocolaptes falcirostris 442
Xipholena atropurpurea 500
Xiphorhynchus atlanticus 416
Xiphorhynchus guttatoides gracilirostris 418
Xolmis dominicanus 548



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE

GOVERNO
FEDERAL